

Fundamentos da Técnica Psicanalítica

R. Horacio Etchegoyen

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Fundamentos da Técnica Psicanalítica

R. Horacio Etchegoyen

FUNDAMENTOS



DA TÉCNICA



PSICANALÍTICA



E83f

Etchegoyen, R. Horacio

Fundamentos da técnica psicanalítica [recurso eletrônico] / R. Horacio Etchegoyen ; tradução Francisco Frank Settineri. – 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2007.

Editado também como livro impresso em 2004.

ISBN 978-85-363-1226-2

1. Psicanálise. 2. Psicoterapia. I. Título.

CDU 159.964.2

Catálogo na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

FUNDAMENTOS DA

TÉCNICA PSICANALÍTICA

R. HORACIO ETCHEGOYEN

2a edição ampliada

Tradução:

Francisco Frank Settineri

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição: Newton Aronis

Renato Trachtenberg

Membros Titulares e Didatas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Membros da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

Membros Plenos do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

Versão impressa

desta obra: 2004

2007

Obra originalmente publicada sob o título Los fundamentos de la técnica psicoanalítica

© R. Horacio Etchegoyen, 2002

ISBN 950-518-098-5

Capa

Gustavo Macri

Preparação do original

Elisângela Rosa dos Santos

Supervisão editorial

Mônica Ballejo Canto

Projeto e editoração

Armazém Digital Editoração Eletrônica – Roberto Vieira Reservados todos os direitos de publicação, em língua portuguesa, à ARTMED® EDITORA S.A.

Av. Jerônimo de Ornelas, 670 - Santana

90040-340 Porto Alegre RS

Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora.

SÃO PAULO

Av. Angélica, 1091 - Higienópolis

01227-100 São Paulo SP

Fone (11) 3665-1100 Fax (11) 3667-1333

SAC 0800 703-3444

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

À Elida

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

Apresentação e Agradecimentos Não é fácil escrever um livro e menos ainda, posso Fenichel é realmente um livro de técnica, já que se situa assegurá-lo, um livro de técnica psicanalítica. Ao preparar com nitidez

nessa área, abrange um amplo espectro de pro-este, dei-me conta de por que há muitos artigos sobre téc-blemas e registra as principais inquietudes de sua época.

nica, mas poucos livros.

Um lustro depois, surgiu *Technique of psychoanalytic Freud* apresentou seus imperecíveis escritos no come-therapy (1946), de Sandor Lorand, obra concisa e clara, ço dos anos de 1910, porém nunca chegou a escrever o que trata brevemente os problemas gerais e dedica-se em texto muitas vezes prometido. A interpretação dos sonhos especial à técnica nos diferentes quadros psicopatológicos.

fala longamente de técnica, do mesmo modo que as obras Após um longo intervalo, Glover decidiu oferecer, em de Anna Freud e Melanie Klein sobre a psicanálise de crian-1955, uma segunda edição de sua obra, que mantém a ças, mas ninguém os considera – e com razão – livros de linha geral da primeira, embora a amplie e a harmonize técnica. Tampouco o são *Análise do caráter* e *O ego e os* com os avanços da teoria estrutural de Freud. Pode-se afir-mecanismos de defesa, apesar de terem influído decisiva-mar que essa edição é o livro de técnica de Glover por mente na práxis da psicanálise, como também o fez, 10

excelência, um clássico que, como o de Fenichel, tem tido anos antes, *The development of psycho-analysis* (1923), em influência duradoura em todos os estudiosos.

que Ferenczi e Rank advogaram militantemente por uma Seguindo-se a Glover, vem Karl Menninger, com seu prática em que a emoção e a libido tivessem seu merecido *Theory of psychoanalytic technique* (1958), que Fernando lugar.

Cesarman traduziu para o castelhano, no qual se estuda *O solitário* volume de Smith Ely Jelliffe, *The technique* com lucidez o processo analítico nas coordenadas do con-of psychoanalysis, publicado em 1914 e traduzido da se-trato e da regressão.

gunda edição inglesa para o castelhano em 1929, nada Os psicanalistas argentinos contribuíram, ao longo dos menos que por Honorio Delgado, é, sem dúvida, o primei-anos, com artigos importantes sobre técnica, mas somente ro livro sobre a matéria; contudo, foi esquecido e ninguém com um livro, os *Estudos sobre técnica psicanalítica*, de o leva em conta. Eu o li em 1949 (há mais de 50 anos!) e Heinrich Racker, publicado em Buenos Aires em 1960. En-

o repassei com a premeditada intenção de citá-lo, mas não tre outros temas, essa obra desenvolve as idéias originais encontrei como fazê-lo.

do autor sobre a contratransferência. Há mais de 40 anos Se excetuarmos esse monumento abandonado, o pri-de sua publicação, pode-se hoje afirmar que os Estudos são meiro livro de técnica é o de Edward Glover, *The technique* uma contribuição perdurável e os anos foram mostrando of psychoanalysis, editado em 1928. Glover ministrou um sua crescente influência – nem sempre reconhecida – no curso de seis conferências sobre o tema no Instituto de pensamento psicanalítico contemporâneo; no entanto, por Psicanálise de Londres, que foram publicadas no Inter-seu caráter de investigação, não chegam a conformar um national Journal of Psycho-Analysis, de 1927 e 1928, e, em livro de técnica, um texto completo, apesar de que, sem seguida, em forma de livro. Antes, na verdade, em 1922, dúvida por suas excelências, foram utilizados em muitos David Forsyth havia publicado *The technique of psychoa-centros* psicanalíticos como tal. (Reconhecendo seus méri-nalysis, que não teve maior transcendência e que só cotos, Karl havia convidado Heinrich para a Clínica Menninger nheço por referências bibliográficas.

como Sloan visiting professor em 1960, mas Racker decli-Ella Freeman Sharpe proferiu um curso similar ao de nou o convite, porque, nessa época, haviam-lhe diagnosti-Glover para os candidatos da Sociedade Britânica em fe-cado o câncer que o levou à morte.) A valiosa obra *Lingua-vereiro* e março de 1930, que o International Journal (vo-gem e técnica psicanalítica (1976a), de nosso lembrado David lumes 11 e 12) publicou com o título de “*The technique of Liberman*, apresenta as idéias originais do autor e, em es-psychoanalysis”. Essas excelentes aulas depois foram in-pecial, sua teoria dos estilos, sem que chegue a ser, e nem corporadas a seus *Collected papers*.

se proponha a isso, um livro de técnica.

Em 1941, Fenichel publicou seu *Problems of psycho-Aos Estudos* segue-se um intervalo de mais de um analytic technique, que desenvolve e expande seu valioso lustro, até que aparece *The technique and practice of psycho-ensaio* de 1935, em que havia recolhido as contribuições de analysis (1967), no qual, com sua reconhecida erudição, Reich e de Reik, criticando-os penetrantemente. O de Ralph R. Greenson aborda um grupo de temas fundamen-

viii APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

tais, como a transferência, a resistência e o processo ana-escolásticas.

Por fim, cheguei a me convencer de que a lítica em um primeiro tomo promissor. Certamente é uma defesa a qualquer custo das idéias vem mais da ignorância pena que esse esforço tenha ficado a meio caminho, já que do entusiasmo – e como aquela infelizmente me so- que o grande analista de Los Angeles morreu antes de brá, mas este não me falta, eu o utilizo para ler mais e terminá-lo.

diminuir minhas falhas. Às vezes, gosto, de dizer que sou Enquanto Greenson apresentava seu texto como por-um kleiniano fanático para que não me confundam; po-ta-voz autorizado da ego-psychology, surgia em Londres rém, a verdade é que Melanie Klein já não necessita que The psychoanalytic process (1967), em que Donald Meltzer ninguém a defenda, como tampouco o necessita Anna compila de forma original e rigorosa o pensamento de Freud. Quando leio os textos polêmicos dos anos de 1920, Melanie Klein e sua escola. Apesar de essa pequena obra-posso identificar-me com aquelas duas grandes pioneiras prima não abranger todos os problemas da técnica, apree apreciar tanto seu elevado pensamento quanto suas an-senta-nos esclarecimentos importantes com relação ao de-siedades humanas, sem me sentir na necessidade de to-senvolvimento do processo analítico, entendido no marco mar partido.

da teoria das posições e da identificação projetiva.

Como a maioria dos autores, penso que a união da Como os argentinos, os analistas franceses contribu-teoria e da técnica é indissolúvel em nossa disciplina, de íram com importantes trabalhos de técnica, mas com pou-modo que, quando nos internamos em uma área, passa-cos livros. Conheço o Guérir avec Freud (1971), de Sacha mos sem senti-lo para outra. Em cada capítulo, procurei Nacht, em que esse influente analista expõe suas princi-mostrar de que forma ambas se articulam e, ao longo do país idéias, sem chegar a escrever um tratado, o que livro, procurei igualmente que se aprecie como os proble-tampouco é, por certo, seu propósito. Outra contribuição mas agrupam-se e influenciam-se entre si. Isso tornou-se é o livro I do seminário de Jacques Lacan, intitulado Les para mim mais simples, creio eu, porque o livro foi escrito écrits techniques de Freud, proferido em 1953 e 1954 e como tal e apenas por exceção algum trabalho prévio pas-publicado em 1975, no qual esse pensador original leva sou a integrá-lo.

adiante uma profunda reflexão sobre o conceito de ego.

Talvez valha a pena contar brevemente ao leitor como Em completa oposição a Nacht, o chefe de L' École freudienne foi gerada esta obra.

Desde o começo de minha carreira impugna a concepção do ego de Anna Freud e de Hartmann, analítica, na década de 1950, senti-me atraído pelos pro-

à qual contrapõe seu conceito de sujeito, mas a técnica da blemas de técnica. Quando alguém gosta de uma tarefa, psicanálise não está de modo algum em sua mira.

interessa-se pela maneira de fazê-la. Tive a felicidade de Um manual breve e conciso, no qual se aborda a realizar minha análise didática com Racker, que nesses anos grande maioria dos problemas da técnica, é o de Sandler, estava gerando a teoria da contratransferência, e depois Dare e Holder, *The patient and the analyst* (1973), que me reanalisei com Meltzer, quando escrevia *O processo psi*-foi apresentado simultaneamente em castelhano em uma canalítico. Creio que essas circunstâncias propícias refor-inteligente tradução de Max Hernández. Belo e claro, çaram minha imprecisa inclinação inicial, do mesmo modo escrito com um grande acervo bibliográfico, em que toque as horas de supervisão com Betty Joseph, Money-Kyrle, das as escolas psicanalíticas têm seu lugar, certamente Grinberg, Herbert Rosenfeld, Resnik, Hanna Segal, Marie não falta nesse manual a opinião pessoal de Sandler, des-Langer, Liberman, Esther Bick e Pichon Rivière ao longo tacado discípulo de Anna Freud, teórico vigoroso e leitor dos anos.

infatigável.

Em 1970, comecei a ensinar Teoria da técnica para Ao percorrer os poucos textos publicados, quis sem os candidatos de quarto ano da Associação Psicanalítica dúvida justificar a aparição deste livro, mas também defi-Argentina e continuei depois a mesma tarefa na Associação-lo como uma tentativa de abranger, se não todos, boa ção Psicanalítica de Buenos Aires. Tive sorte, porque os parte dos problemas da técnica psicanalítica, tratando-os alunos sempre se mostraram interessados por meu ensino de maneira cuidadosa e equânime.

e, no decorrer do tempo, com eles e deles, fui aprendendo Meu propósito é oferecer ao leitor um panorama coma descobrir os problemas e a enfrentar as dificuldades. O

pleto da matéria em sua problemática atual, com as linhas Instituto de Formação Psicanalítica de minha Associação teóricas que a percorrem desde o passado até o presente compreendeu esse esforço e conferiu um espaço maior à e, a partir deste, em direção ao futuro, como

podemos disciplina, que ocupa um seminário nos dois últimos anos.

agora imaginá-lo. Sigo em geral um método histórico para O estímulo generoso de alunos e discípulos, amigos e co-expor os temas, vindo como surgem e desenvolvem-se os legas, foi-me fazendo pensar em escrever um livro que conceitos e como vão-se encadeando e precisando as idéias, resumisse essa experiência e pudesse servir ao analista para mostrando também como às vezes se esfumam ou se con-refletir sobre os problemas apaixonantes e complexos que fundem. O conhecimento psicanalítico nem sempre segue formam a coluna vertebral de nossa disciplina.

uma linha ascendente e não é apenas o fruto da genialidade Com o passar dos anos, meu ensino foi-se despojan-de alguns poucos, mas também do esforço de muitos. Quando de todo afã de catequese, à medida que fui capaz de to mais leio e releio, quanto mais penso e observo o anali-distinguir entre a ciência e a política da psicanálise, isto é, sando em meu divã, menos inclinado me sinto às posições entre as exigências inalteráveis da investigação psicanalí-

extremas e dilemáticas e mais distante me mantenho do tica e os compromissos sempre contingentes (embora não ecletismo complacente e da defesa cerrada das posições necessariamente desdenháveis) do movimento psicanalí-

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS ix tico. Se este livro chega a ter algum mérito, será enquanto Quando me pus a escrever não pensei, por certo (e ajude o analista a encontrar seu próprio caminho, a ser por sorte!), que o projeto levaria mais de cinco anos e só coerente consigo mesmo, embora não pense como eu.

agora me dou conta do quão necessários foram o alento e a Mudei mais de uma vez minha forma de pensar e não desconfiança de meus filhos Alicia, Laura e Alberto, assim como carto que meus analisandos, dos quais sempre aprendo, o intercâmbio com meus amigos Benito e Sheila López, Elena levem-me ainda a fazê-lo mais de uma vez no futuro. As-Evelson, León e Rebe Grinberg, Rabih, Polito, Cvik, Guiard, piro somente a que este livro sirva a meus colegas para Reggy Serebriany, Elizabeth Bianchedi, Paineira, Zac, encontrar em si mesmos o analista que realmente são.

Guillermo Maci, Sor, Wender, Berenstein, María Isabel Decidida a tarefa, pensei cuidadosamente se, na rea-Siquier, Yampay, Gioia e o sempre recordado David lidade, não seria mais conveniente buscar colaboradores Liberman, entre muitos outros, tanto quanto o estímulo

à e compor com eles um tratado. Amigos para isso não me distância de Weinshel, María Carmen e Ernesto Liendo, faltam e assim se poderia alcançar uma especialização mais Zimmermann, Pearl King, Limentani, Lebovici, Janine estrita e uma profundidade à qual uma só pessoa não pode Chasseguet-Smirgel, Blum, Green, Yorke, Grunberger, aspirar. Decidi, finalmente, sacrificar esses atraentes obje-Vollmer, Virginia Bicudo, Rangell e muitos mais.

tivos à unidade conceitual do livro. Propus-me a mostrar Gostaria de nomear meus discípulos um a um, por-como se podem entender coerentemente os problemas, que os recorde neste momento e a eles devo muito. Nada sem o amparo do ecletismo ou da dissociação. Não deixei se pode comparar, no entanto, à presença permanente de de levar em conta, por outro lado, que vários tratados des-

Élida, minha esposa, que nunca se cansou de me alentar e se tipo foram escritos (e muito bons) sob a direção de Jean realmente me acompanhou nessas longas horas em que se Bergeret, León Grinberg, Peter L. Giovacchini, Benjamin redige e se volta a redigir e nos duros momentos em que B. Wolman, etc. A única exceção é também para um ho-se luta em vão para pensar o que se quer escrever e para mem excepcional, Gregorio Klimovsky, que escreve o Ca-escrever o que se conseguiu pensar. Mais que dedicá-lo a pítulo 35, “Aspectos epistemológicos da interpretação psi-ela, deveria tê-la reconhecido como co-autora. Reina Brum canalítica”, sem dúvida o melhor ensaio que conheço so-Arévalo, minha secretária, realizou eficazmente e com ca-bre o tema.

rinho sua árdua tarefa – sem angústia e sem aborrecimen-to, como diria Strachey. A todos, muito obrigado!

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

Prólogo à Segunda Edição Um pouco por seus méritos e muito pela sorte (que é detalhada resenha no volume 5 (1994) de Psychoanalytic

“grela”*, como diz Discépolo), o livro teve boa acolhida.

Books, que Robert Caper escreveu com clareza. No volu-Os analistas o elogiaram, sustentaram que era de leitura me 10 de Melanie Klein and Object Relations, dirigido obrigatoria e alguns efetivamente o leram.

talentosamente por Otto Weininger, foi publicada em 1992

Em meu entender, repercutiram fortemente em sua uma resenha de Edward Emery, intitulada “Horacio difusão as generosas resenhas de

Nasim Yampey para a Etchegoyen and the historical eye”, cuja leitura comoveu-Revista de Psicoanálisis (1986) e Acta Psiquiátrica e Psicoló-

me profundamente. A resenha de Richard D. Chessick para gica de América Latina (1987); de León Grinberg, cuja pa-o American Journal of Psychiatry, em novembro de 1992, lavra autorizada é escutada em todo o mundo da psicaná-

lisonjeou-me por seus elogios e fez-me pensar por suas lise, para o International Journal of Psycho-Analysis (1988); críticas. Nesse mesmo ano, publicou-se uma ampla de Terencio Gioia para Psicoanálisis (1987); de Jorge recensão na Newsletter (agora Fort Da) da Northern Olagaray para o diário Los Andes, de Mendoza (1987); de Californian Society for Psychoanalytic Psychology, a cargo Angel Constantino para o Correo de la Salud Mental (1987), de Luca Di Donna. No International Journal of Psycho-de Max Hernández no Peru; de Jaime P. Nos para o Journal Analysis de 1993, também foi publicada uma nova rese-of the American Psychoanalytic Association (1990); de Joan nha, de que se encarregou Patrick Casement, prestigiado Coderch para a Revista Catalana de Psicoanálisis (1988); analista do Grupo Independente da British Psycho-Analytic de Jorge Luis Ahumada no Clarín (1987); de Eduardo Society. Para Casement, o texto está bem construído e é de Müller em La Nación (1987); de Omar Lazarte no diário leitura fácil e proveitosa. Termina dizendo que o livro é de Hoy, de Mendoza (1988). E alguns outros que agora não valor inestimável e que “there is no other book like it”.

recordo. La Razón publicou em 1986, em dois fascículos Tenho presente com carinho o denodado esforço do sucessivos, um dos capítulos sobre a aliança terapêutica.

malogrado Mario Leff para a primeira edição de Amorrortu, Também Klaus P. Fink, quando estava em Londres, fez uma sabiamente dirigida por meu tocaio Horacio e pelo culto cuidadosa recensão para o Book Club de 1992, em que e incansável José Luis Etcheverry, cuja perda irreparável valoriza a obra e destaca o apaixonado interesse que lhe todos lamentamos. Nessa edição colaborou Marisa, infa-despertou sua leitura. O livro despertou também o inte-tigável e cuidadosa. Quase simultaneamente, em 1987, resse dos psicanalistas lacanianos. Assim, em Descartes (nú-

e graças ao entusiasmo de meu discípulo Newton Aronis, meros 11-12), a revista dirigida por Germán L. García, foi foi publicada a primeira edição em português pela publicado em julho de 1993 um artigo de Gabriel Artmed, cujo diretor, Henrique Kiperman, foi desde

o co-Lombardi, que leu com atenção o livro. Lombardi criticameço um admirador do livro. A edição brasileira leva uma me por não levar em consideração o ato psicanalítico e inteligente “Apresentação” de David Zimerman, que muito seu registro no real no término da análise e na transferên-a realça.

cia, que eu estudo somente nos registros do imaginário e Graças ao entusiasmo e à notável erudição de Roberto do simbólico.

Speziale-Bagliacca e ao assessoramento de Jorge Canestri, Quando em 1991 a versão de Karnac veio à luz, sura Astrolabio de Roma publicou em 1990 I Fondamenti della giram novos comentários. Otto Kernberg voltou a escre-Tecnica Psicanalítica, dirigida com paciência e notável caver para o Journal of the American Psychoanalytic Asso-pacidade por Francesco Gana. A “Prefazione” de Roberto ciation (1995) um estudo detido e cuidadoso. O infatigá-

saúda o livro como um clássico e esse augúrio vem de um vel Joseph Reppen, por sua vez, fez publicar uma ampla e homem que conhece a fundo a literatura psicanalítica. A edição italiana tem alguns acréscimos (seções, não capí-

tulos) que completam e atualizam certos temas, especialmente na segunda parte, “Da transferência e da contra-

* N. de T. O autor refere-se a um tango famoso de E. S. Discépolo, transferência”, em que incluo idéias de Kohut, Kernberg, chamado “Yira Yira”, em que este diz: “Cuando la suerte, que es Joseph e Anne-Marie Sandler e do último Meltzer, assim grela, fayando y fayando te largue parao...”. “Grela”, em lunfardo, como um comentário sobre a empatia e outra seção sobre a significa mulher em sentido depreciativo. A sorte, que é mulher, é capaz de deixar o homem na mão.

adicação de transferência. Na primeira edição da Astrolabio,

xii PRÓLOGO À SEGUNDA EDIÇÃO

pude também acolher algumas idéias de Joyce McDougall ria ter sido mais extenso e penetrante. Fico em dívida com e do valioso livro de Thomä e Kächele, que merecem uma a hermenêutica em geral e com a corrente narrativista, atenção maior da que pude outorgar-lhes até o momento.

que adquiriu força nos últimos anos. Aproveitando o livro Esses acréscimos também foram incluídos na edi-de Margaret Little, pude

discutir mais amplamente as idéias ção inglesa, que tardou em sair, mas finalmente veio à técnicas de Winnicott. Acrescentei alguns comentários so-luz em 1991, com um apêndice ao Capítulo 11, “Sigbre o recente livro de Joan Coderch e levei em considera-nificante, repetição e transferência”, que não figura na ção as contribuições de Fabio Herrmann e Bernardo Alvarez edição italiana. Harry Karnac pensou, desde o primeiro Lince. Esses três autores estudaram a fundo a interpreta-momento, que o livro deveria ser traduzido para o in-

ção psicanalítica e suas contribuições são de real interes-glês, e Cesare Sacerdoti tornou possível a empresa com se, do mesmo modo que os reflexivos estudos de Jorge uma paciência e uma capacidade que nada têm a invejar Luis Ahumada.

a Amorrortu, a Artmed e a Astrolabio. Sacerdoti acredi-Quando surgir a segunda edição da Amorrortu e da tou, desde o começo, que estava publicando uma obra Karnac, respectivamente, estarão prontas com certeza as destinada a perdurar – e oxalá tenha razão. O generoso e traduções para o alemão e o romeno. Se aquela me enche refletido prólogo de Robert S. Wallerstein sem dúvida de orgulho, porque o alemão é o idioma psicanalítico por contribuiu para o bom êxito do livro entre os psicanalis-excelência, esta me comove profundamente porque é um tas anglófonos do Velho e do Novo Mundo. A cuidadosa exemplo do que pode o entusiasmo de uma pequena co-tradução de Patricia Pitchon, com a revisão de Christine muniidade psicanalítica em busca de fontes de informa-Trollope, logrou um texto muito satisfatório, que Klara ção. Tive oportunidade de discutir vários temas da versão King transformou em excelente graças a seu profundo alemã com seus tradutores, José Mederos e Martina Leber, conhecimento da língua inglesa. Os últimos textos foram e pude constatar de forma direta o cuidado com que foi traduzidos por Philip Slotkin, com sua reconhecida ex-realizada a versão alemã, que será sem dúvida fidedigna e periência. O zelo de Cesare enriqueceu a obra pelo cui-atraente. Contribuirá para isso a leitura que minha amiga dado que teve em revisar pessoalmente item por item as Hilke Engelbrecht fará da versão final, ela que conhece a quase 40 páginas da bibliografia e o índice de autores e fundo a minha obra e, é claro, a teoria psicanalítica e o temas, que abrangia outras 20. A primorosa edição de alemão. A segunda edição em português, da Artmed, cer-Sacerdoti foi, desde 1991, a mais completa.

tamente virá à luz nesse mesmo ano.

Nessa segunda edição para a Amorrortu, estão incluí-

O trabalho perseverante de minha inteligente secre-das obviamente as seções das edições italiana e inglesa e tária, Estela N. Domínguez, possibilitou a montagem da são introduzidas algumas pequenas modificações, que pas-segunda edição, o que não foi nada simples.

sarão também ao inglês, ao italiano e ao português e se-Desde o primeiro momento, o livro pretendeu ser um rão acrescentadas nas primeiras edições em alemão e ro-manual de técnica completo, porém não exaustivo. Com meno. Gostaria de desenvolver mais extensamente certos suas falhas e seus méritos, está bem como está. Se tivesse temas, mas só pude fazê-lo limitadamente. O comentário mais tempo, tentaria abreviá-lo, mas isso custaria tanto sobre a hermenêutica da interpretação de Lorenzer pode-quanto escrevê-lo de novo.

Sumário

Apresentação e agradecimentos

vii Prólogo à segunda edição

xi PRIMEIRA PARTE

Introdução aos problemas da técnica

1. A técnica psicanalítica

19

2. Indicações e contra-indicações segundo o diagnóstico e outras particularidades 25

3.

Analísabilidade.....

32

4. A entrevista psicanalítica: estrutura e objetivos

..... 39

5. A entrevista psicanalítica: desenvolvimento

..... 44

6. O contrato psicanalítico

49

SEGUNDA PARTE

Da transferência e da contratransferência 7. História e conceito da transferência	59
8. Dinâmica da transferência	64
9. Transferência e repetição	69
10. A dialética da transferência segundo Lacan	78
11. A teoria do sujeito suposto saber	85
12. As formas de transferência	95
13. Psicose de transferência	
14. Perversão de transferência	
15. Transferência precoce: fase pré-edípica ou Édipo precoce	125
16. Transferência precoce: desenvolvimento emocional primitivo	131
17. Sobre a espontaneidade do fenômeno transferencial	137
18. A aliança terapêutica: de Wiesbaden a Genebra	141
19. A relação analítica não-transferencial	147
20. Aliança terapêutica: discussão, controvérsia e polêmica	

.....	152
21. Contratransferência: descoberta e redescoberta	156
.....	167
22. Contratransferência e relação de objeto	173
.....	173
23. Contratransferência e processo psicanalítico	173
.....	173
14 SUMÁRIO	
TERCEIRA PARTE	
Da interpretação e outros instrumentos	
24. Materiais e instrumentos da psicoterapia.....	
25. O conceito de interpretação	
.....	
26. A interpretação em psicanálise	1
.....	
27. Construções.....	
28. Construções do desenvolvimento precoce.....	211
29. Metapsicologia da interpretação	22
.....	
30. A interpretação e o ego	
.....	
31. A teoria da interpretação na escola inglesa	233
.....	
32. Tipos de interpretação	
.....	
33. A interpretação mutativa	
.....	

34. Os estilos interpretativos

35. Aspectos epistemológicos da interpretação psicanalítica

Gregorio Klimovsky

QUARTA PARTE

Da natureza do processo analítico

36. A situação analítica

37. Situação e processo analíticos

38. O enquadre analítico

39. O processo analítico

40. Regressão e enquadre

41. A regressão como processo curativo

42. Angústia de separação e processo psicanalítico

43. O enquadre e a teoria continente/conteúdo

QUINTA PARTE

Das etapas da análise

44. A etapa inicial

45. A etapa intermediária da análise

46. Teorias do término

.....

47. Clínica do término

.....

48. Técnica do término da análise

.....

SEXTA PARTE

Das vicissitudes do processo analítico

49. O insight e suas notas definidoras

.....

369

50. Insight e elaboração

.....

51. Metapsicologia do insight

.....

SUMÁRIO 15

52. Acting out (I)

.....

53. Acting out (II)

.....

54. Acting out
(III).....

55. Reação terapêutica negativa (I)

.....

40

56. Reação terapêutica negativa (II)

.....

41

57. A reversão da perspectiva (I)

.....

58. A reversão da perspectiva (II)

.....

59. Teoria do mal-entendido

.....

Epílogo

447

Referências bibliográficas

449

Índice

467

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

PRIMEIRA PARTE

Introdução aos Problemas da Técnica

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

1

A Técnica Psicanalítica

DELIMITAÇÃO DO CONCEITO DE PSICOTERAPIA

mento regular e sistemático, em que confluem diversos fatores ambientais e psíquicos, conhecido desde então A psicanálise é uma forma especial de psicoterapia, e como tratamento moral.

a psicoterapia começa a ser científica na França do século O tratamento moral de Pinel e Esquirol, que Claudio XIX, quando se desenvolvem duas grandes escolas sobre a Bermann estudou criticamente nas já distantes Jornadas sugestão, em Nancy, com Liébeault e Bernheim, e na de Psicoterapia (Córdoba, 1962), ainda mantém sua im-Salpêtrière, com Jean-Martin Charcot.

portância e seu frescor. É o conjunto de medidas não-físi-Pelo que acabo de dizer, e sem ânimo para resenhar cas que preservam e levantam o moral do doente, especial-sua história, situei o nascimento da psicoterapia a partir mente o hospitalizado, evitando os graves artefatos ia-do hipnotismo do século XIX. Essa afirmação pode obvia-trogênicos do meio institucional. O tratamento moral, con-mente ser

discutida, mas já veremos que tem também tudo, por seu caráter anônimo e impessoal, não chega a apoios importantes. Afirma-se com frequência e com raser psicoterapia, ou seja, pertence a outra classe de ins-ção que a psicoterapia é uma arte velha e uma ciência trumentos.

nova; e é esta, a nova ciência da psicoterapia, que situo na As concepções audazes de Messmer (1734-1815) fo-segunda metade do século XIX. A arte da psicoterapia, ram estendendo-se rapidamente, sobretudo a partir dos porém, tem antecedentes ilustres e antiqüíssimos, desde trabalhos de James Braid (1795-1860) em 1840. Quando Hipócrates até o Renascimento. Vives (1492-1540), Liébeault (1823-1904) converte seu humilde consultório Paracelso (1493-1541) e Agripa (1486-1535) iniciam uma rural no mais importante centro de investigação do hip-grande renovação que culmina em Johann Weyer (1515-notismo em todo o mundo, a nova técnica, que 20 anos 1588). Esses grandes pensadores, que promovem, no dantes havia recebido nome e respaldo de Braid, um cirur-zer de Zilboorg e Henry (1941), uma primeira revolução gião inglês, aplica-se ao mesmo tempo como instrumento psiquiátrica, trazem uma explicação natural das causas da de investigação e de assistência: Liébeault a utiliza para enfermidade mental, mas não um tratamento psíquico con-mostrar “a influência do moral sobre o corpo” e curar o creto. Frieda Fromm-Reichmann (1950) atribui a Paracelso doente. Tal é a importância de seus trabalhos, que a já a paternidade da psicoterapia, que se assenta ao mesmo citada obra de Zilboorg e Henry não vacila em situar em tempo – diz ela – no sentido comum e na compreensão da Nancy o começo da psicoterapia.

natureza humana; contudo, se fosse assim, estaríamos fren-Aceitaremos com uma ressalva essa afirmação. O trate a um fato separado do processo histórico; por isso, pre-tamento hipnótico, inaugurado por Liébeault, é pessoal e firo situar Paracelso entre os precursores, e não entre os direto, dirige-se ao doente, mas ainda lhe falta algo para criadores da psicoterapia científica. Com o mesmo racio-ser psicoterapia: o doente recebe a influência curativa do cínio de Frieda Fromm-Reichmann, poderíamos atribuir a médico em atitude totalmente passiva. Desse ponto de vista Vives, Agripa ou Weyer essa paternidade.

mais exigente, o tratamento de Liébeault é pessoal, porém Todavia, tiveram de passar cerca de três séculos para não interpessoal.

que esses renovadores fossem continuados por outros ho-Quando Hyppolyte Bernheim (1837-1919), continuan-mens que, eles sim, podem ser situados nos primórdios da do a investigação em Nancy,

põe cada vez mais ênfase na psicoterapia. São os grandes psiquiatras que nascem com sugestão como fonte do efeito hipnótico e motor da cone da Revolução Francesa. O maior deles é Pinel, e a seu duta humana, perfila-se a interação médico-paciente, que lado, embora em outra categoria, situaremos Messmer: é, no meu entender, uma das características definidoras são precursores, apesar de ainda não serem psicote-da psicoterapia. Em seus Novos estudos (1891), Bernheim rapeutas.

ocupa-se efetivamente da histeria, da sugestão e da psiNos últimos anos do século XVIII, quando implanta coterapia.

sua heróica reforma hospitalar, Pinel (1745-1826) intro-Pouco depois, nos trabalhos de Janet, em Paris, e de duz um enfoque humano digno e racional, de grande va-Breuer e Freud, em Viena, em que a relação interpessoal é lor terapêutico, no trato com o doente. Mais adiante, seu patente, já ressoa a primeira melodia da psicoterapia. Como brilhante discípulo Esquirol (1772-1840) cria um trata-veremos em seguida, é mérito de Sigmund Freud (1856-

20 R. HORACIO ETCHEGOYEN

1939) levar a psicoterapia ao nível científico, com a intro-sundheit (A saúde), um manual de medicina com artigos dução da psicanálise. Desde aquele momento, será psico-de diversos autores. Em 1905, publicou-se a terceira edi-terapia um tratamento dirigido à psique, em um marco de ção dessa enciclopédia.² Agora que sabemos a data real de relação interpessoal e com respaldo em uma teoria cientí-

sua aparição, não nos surpreende a grande diferença en-fica da personalidade.

tre esse artigo e os dois que comentaremos a seguir.

Repitamos os traços característicos que destacam a O trabalho de 1904, escrito sem assinatura de autor psicoterapia por seu devir histórico. Por seu método, a para um livro de Löwenfeld sobre a neurose obsessiva, psicoterapia dirige-se à psique pela única via praticável, a separa clara e decididamente a psicanálise do método comunicação: seu instrumento de comunicação é a pala-catártico e este de todos os outros procedimentos da vra (ou, melhor dito, a linguagem verbal e pré-verbal), psicoterapia.

“fármaco” e, ao mesmo tempo, mensagem; seu marco, a A partir da magna descoberta da sugestão, em Nancy relação interpessoal médico-doente. Por último, a finali-e na Salpêtrière, balizam-se três etapas no

tratamento da psicoterapia é curar, e todo processo de comunidas neuroses. Na primeira, utiliza-se a sugestão, e depois cação que não tenha esse propósito (ensino, doutrinação, outros procedimentos dela derivados, para induzir uma catequese) nunca será psicoterapia.

conduta sã no paciente. Breuer renuncia a essa técnica e Enquanto chegam ao máximo desenvolvimento os utiliza o hipnotismo não para que o paciente esqueça, métodos científicos da psicoterapia sugestiva e hipnótica, mas para que exponha seus pensamentos. Anna O., a cé-

inicia-se uma nova investigação que há de operar um giro lebre paciente de Breuer, chamava isso de a cura de falar copernicano na teoria e na práxis da psicoterapia. Em 1880, (talking cure). Breuer deu, assim, um passo decisivo ao Joseph Breuer (1842-1925), ao aplicar a técnica hipnóti-empregar a hipnose (ou a sugestão hipnótica) não para ca em uma paciente que, nos anais de nossa disciplina, que o paciente abandone seus sintomas ou se encaminhe chamou-se desde então Anna O. (e cujo verdadeiro nome para condutas mais sadias, mas para lhe dar a oportuni-

é Berta Pappenheim), praticava uma forma radicalmente dade de falar e recordar, base do método catártico; e o distinta de psicoterapia.1

outro passo será dado pelo próprio Freud, quando abandonar o hipnotismo.

Nos Estudos sobre a histeria, de Breuer e Freud (1895), O MÉTODO CATÁRTICO E OS

pode-se seguir a bela história da psicanálise desde Emmy PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE

von N., quando Freud opera com a hipnose, a eletroterapia e a massagem, até Elisabeth von R., a qual já trata sem hip-A evolução que se dá em poucos anos desde o méto-nose e com quem estabelece um diálogo verdadeiro, do qual do de Breuer até a psicanálise deve-se à genialidade e ao tanto aprende. A história clínica de Elisabeth mostra Freud esforço de Freud. Na primeira década do século XX, a psi-utilizando um procedimento intermediário entre o método canálise já se apresenta como um corpo de doutrina coe-de Breuer e a psicanálise propriamente dita, que consistia rente e de amplo desenvolvimento. Nesses anos, Freud es-em estimular e pressionar o enfermo para a recordação.

creveu dois artigos sobre a natureza e os métodos da Quando termina

a história clínica de Elisabeth, tam-psicoterapia: “O método psicanalítico de Freud” (1904a) bém está terminado o método da coerção associativa como e “Sobre psicoterapia” (1905a). Esses dois trabalhos são trânsito para a psicanálise, esse diálogo singular entre duas importantes do ponto de vista histórico e, se lidos com pessoas que são, diz Freud, igualmente donas de si.

atenção, revelam-nos aqui e ali os germes das idéias técni-Em “Sobre psicoterapia” (1905a), uma conferência cas que Freud irá desenvolver nos escritos da segunda dé-

pronunciada no Colégio Médico de Viena, em 12 de de-cada do século XX.

zembro de 1904, publicada na Wiener Medical Presse do Vale a pena mencionar aqui uma mudança interes-mês de janeiro seguinte, Freud estabelece uma diferença sante em nossos conhecimentos sobre um terceiro artigo convincente entre a psicanálise (e o método catártico) e de Freud, intitulado “Tratamento psíquico (tratamento da as outras formas de psicoterapia que existiam até esse alma)”, datado durante muito tempo de 1905 quando, na momento. Essa diferença introduz uma ruptura que pro-realidade, foi escrito em 1890. O professor Saul Rosenzweig, voca, como dizem Zilboorg e Henry (1941), a segunda re-da Washington University de Saint Louis, descobriu em volução na história da psiquiatria. Para explicá-la, Freud 1966 que esse artigo, incluído na Gesammelte Werke e na baseia-se nesse belo modelo de Leonardo, o qual diferen-Standard Edition como publicado em 1905, foi na realida-cia as artes plásticas que operam per via di porre e per via de publicado em 1890, na primeira edição de Die Ge-di levar. A pintura cobre de cores a tela vazia, tal como a sugestão, a persuasão e os outros métodos que acrescentam algo para modificar a imagem da personalidade; ao contrário, a psicanálise, do mesmo modo que a escultura, retira o que está a mais para que surja a estátua que dor-1 Strachey informa que o tratamento de Anna O. estendeu-se de 1880 até 1882. (Ver a “Introdução” de James Strachey aos Estudos sobre a histeria, em S. Freud, Obras completas, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 24 volumes, 1978-1985, v.2, p. 5

[doravante, AE]).

2 Ver J. Strachey, “Introdução”, em AE, 1, p. 69-75.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 21

mia no mármore. Esta é a diferença substancial entre os A explicação

de Janet remete à labilidade da síntese psí-

métodos anteriores e posteriores a Freud. Certamente, quica, um fato neurofisiológico, constitucional, que se apóia depois de Freud, e por sua influência, surgem métodos na teoria da degeneração mental de Morel. Desse modo, se como a neopsicanálise ou a ontoanálise, que também atu-para que uma psicoterapia seja científica exigimos dela haram per via di levar, ou seja, que procuram liberar a perso-monia entre teoria e técnica, o método de Janet não chega a nalidade daquilo que está impedindo-a de tomar sua for-sê-lo. Enquanto sustenta que a dissociação da consciência ma pura, sua forma autêntica. Contudo, esta é uma evolu-deve-se a uma labilidade constitucional para obter a síntese ção ulterior, que não nos interessa discutir neste momen-dos fenômenos de consciência, e adscrive essa dissociação à to. O que nos interessa é diferenciar entre o método da doutrina da degeneração mental de Morel, isto é, a uma cau-psicanálise e as outras psicoterapias de inspiração sugesti-sa biológica, orgânica, a explicação de Janet não abre cami-va, que são repressivas e atuam per via di porre.

nho a nenhum procedimento psicológico científico, mas sim, Da discussão precedente, ressalta-se que há uma re-no máximo, a uma psicoterapia inspiracional (que, além dis-lação muito grande entre a teoria e a técnica da psicoso, no final atuará per via di porre), nunca a uma psicoterapia terapia, um ponto que o próprio Freud assinala em seu coerente com sua teoria e, portanto, etiológica.

artigo de 1904 e que Heinz Hartmann estudou ao longo A teoria de Breuer e, sobretudo, a de Freud, ao conde sua obra, por exemplo, no começo de seu “Technical trário, são psicológicas. A teoria dos estados hipnóides pos-implications of ego psychology” (1951). Em psicanálise, tula que a dissociação da consciência deve-se ao fato de que este é um ponto fundamental: sempre há uma técnica que um determinado acontecimento encontra o indivíduo em configura uma teoria e uma teoria que fundamenta uma uma situação especial, o estado hipnóide, e por isso fica técnica. Essa interação permanente de teoria e técnica é segregado da consciência. O estado hipnóide pode depen-privativa da psicanálise porque, como diz Hartmann, a técder de uma razão neurofisiológica (a fadiga, por exemplo, nica determina o método de observação da psicanálise.

de modo que o córtex fica em estado refratário) e também Em algumas áreas das ciências sociais, ocorre um fenôme-de um acontecimento emotivo, psicológico. De acordo com no semelhante, mas não é ineludível, como na psicanálise essa teoria, que oscila entre

a psicologia e a biologia, o que e na psicoterapia. Somente na psicanálise podemos ver se consegue com o método catártico é fazer o indivíduo como uma determinada abordagem técnica conduz, de retroagir ao ponto em que se havia produzido a dissociação modo inexorável, a uma teoria (da cura, da enfermidade, da consciência (pelo estado hipnóide) para que o aconteci-da personalidade, etc.) que, por sua vez, gravita retroati-mento ingresse no curso associativo normal e, por conse-vamente sobre a técnica e a modifica para torná-la coe-guinte, possa ser “desgastado” e integrado à consciência.

rente com os novos achados – e assim indefinidamente.

A hipótese de Freud, a teoria do trauma, já era pura-Talvez nisso se baseie a denominação um tanto pretensio-mente psicológica e foi a que definitivamente os fatos sa de teoria da técnica, que tenta não apenas dar um res-empíricos apoiaram. Freud defendia a origem traumática paldo teórico à técnica, mas também salientar a inextricável da dissociação da consciência: era o próprio acontecimen-união de ambas. Veremos, ao longo deste livro, que cada to que, por sua índole, tornava-se rechaçável da e pela cons-vez que se procura entender a fundo um problema técnico ciência. O estado hipnóide não teria intervido, ou teria passa-se insensivelmente ao terreno da teoria.

intervido subsidiariamente; o decisivo era o fato traumá-

tico, que o indivíduo segregou de sua consciência.

De qualquer forma, e sem começar a discutir essas AS TEORIAS DO MÉTODO CATÁRTICO

teorias,⁴ o que importa para o raciocínio que estamos fazendo é que uma técnica, a hipnose catártica, levou a uma O que Breuer introduz é uma modificação técnica descoberta, a dissociação da consciência, e a certas teorias que leva a novas teorias da doença e da cura. Essas teorias (do trauma, dos estados hipnóides), as quais, por sua vez, não apenas podem ser verificadas com a técnica, como levaram a modificar a técnica.

também, à medida que são refutadas ou sustentadas, Segundo a teoria traumática, o que a hipnose fazia incidem sobre ela.

era ampliar o campo da consciência para que o fato segre-A técnica catártica descobre um fato surpreendente, gado voltasse a se incorporar a ela, mas isso poderia ser a dissociação da consciência, que se torna visível a esse obtido também por outros métodos, com outra técnica.

método porque produz uma ampliação da consciência. A dissociação da consciência cristaliza-se em duas teorias fundamentais, ou em três, se acrescentarmos a de Janet. Breuer A NOVA TÉCNICA DE FREUD:

postula que a causa do fenômeno de dissociação da consA
PSICANÁLISE

ciência é o estado hipnóide, enquanto Freud inclina-se a atribuí-lo a um trauma.³

Freud sempre se declarou mau hipnotizador, talvez porque esse método não satisfizesse sua curiosidade cien-3 Para maiores detalhes, ver a “Comunicação preliminar”, publicada por Breuer e Freud em 1893 e incorporada como Capítulo I 4 Gregorio Klimovsky utilizou as teorias dos Estudos sobre a histeria nos Estudos sobre a histeria (AE, v.2, p. 27-43).

ria para analisar a estrutura das teorias psicanalíticas.

22 R. HORACIO ETCHEGOYEN

tífica. E foi assim que decidiu abandonar a hipnose e ela-preender sua realidade psicológica: a isso chamamos de borrar uma nova técnica para chegar ao trauma, mais de interpretar.

acordo com sua idéia da razão psicológica de querer es-Em outras palavras, na primeira década do século quecer o acontecimento traumático. Ele pôde dar esse passo XX, a teoria da resistência amplia-se vigorosamente em intrépido quando recordou a famosa experiência de dois sentidos: descobre-se, por um lado, o inconsciente (o Bernheim da sugestão pós-hipnótica⁵ e, sobre essa base, resistido) com suas leis (condensação, deslocamento) e mudou sua técnica: em vez de hipnotizar seus pacientes, seus conteúdos (a teoria da libido) e surge, por outro, a começou a estimulá-los, a concitá-los à recordação. Freud teoria da transferência, uma forma precisa de definir a operou assim com Miss Lucy e sobretudo com Elisabeth relação médico-paciente, já que a resistência sempre se dá von R., e essa nova técnica, a coerção associativa, coloca-o em termos da relação com o médico.

frente a novos fatos que haveriam de modificar outra vez Os primeiros indícios da descoberta da transferênsuas teorias.

cia, como veremos no Capítulo 7, encontram-se nos Estu-A coerção associativa confirma a Freud que as coi-dos sobre a histeria (1895d); e no epílogo de “Dora”, essas são esquecidas quando não se quer recordá-las, por-crito em janeiro de 1901 e publicado em 1905,⁶

Freud já que são dolorosas, feias e desagradáveis, contrárias à compreende o fenômeno da transferência praticamente ética e/ou à estética. Esse processo, esse esquecimento, em sua totalidade. É justamente a partir desse momento também se reproduzia diante de seus olhos, no trata-que a nova teoria começa a incidir sobre a técnica e im-mento e, então, concluía que Elisabeth não queria reprimir seu selo nos “Conselhos ao médico” (1912e) e em cordar, que havia uma força que se opunha à recorda-

“Sobre o início do tratamento” (1913c), trabalhos con-

ção. Assim, Freud faz a descoberta da resistência, pedra temporâneos de “Sobre a dinâmica da transferência”

angular da psicanálise. Aquilo que no momento do trau-

(1912b).

ma condicionou o esquecimento é o que nesse momen-A repercussão imediata da teoria da transferência to, no tratamento, condiciona a resistência: há um jogo sobre a técnica é uma reformulação da relação analítica, de forças, um conflito entre o desejo de recordar e o de que fica definida em termos precisos e rigorosos. O enqua-esquecer. Então, se isso é assim, já não se justifica exer-dre, como já veremos, não é mais que a resposta técnica cer a coerção, porque sempre se vai tropeçar na resis-daquilo que Freud havia compreendido na clínica sobre a tência. Será melhor deixar que o paciente fale, que fale peculiar relação entre o analista e seu analisando. Para livremente. Desse modo, uma nova teoria, a teoria da que a transferência surja claramente e possa ser analisa-resistência, leva a uma nova técnica, a associação livre, da, dizia Freud em 1912, o analista deve ocupar o lugar de própria da psicanálise, que se introduz como um pre-um espelho que só reflete o que lhe é mostrado (hoje, diríase técnico, a regra fundamental.

mos o que lhe projeta o paciente). Quando Freud formula Com o instrumento técnico recém-criado, a associa-seus “Conselhos”, a belle época da técnica em que convi-

ção livre, serão descobertos novos fatos, frente aos quais a dava, com chá e arenques, ao “Homem dos Ratos” (Freud, teoria do trauma e a da recordação cedem gradualmente 1909d) encerrou-se definitivamente.

seu lugar à teoria sexual. O conflito já não é apenas entre Compreende-se a coerência que há, nesse ponto, en-recordar e

esquecer, mas também entre forças instintivas tre teoria e técnica; o médico não deve mostrar nada de e forças repressoras.

si: sem se deixar envolver nas redes da transferência, ele A partir disso, as descobertas multiplicam-se: a sexu-se limitará a devolver ao paciente o que colocou sobre o alidade infantil e o complexo de Édipo, o inconsciente, liso espelho de sua técnica. Por isso, Freud diz (1915a), com suas leis e seus conteúdos, a teoria da transferência, ao estudar o amor de transferência, que a análise deve etc. Nesse novo contexto de descobertas, surge a interpre-desenvolver-se em abstinência, e isso sanciona a mudança tação como instrumento técnico fundamental e totalmen-substancial da técnica na segunda década do século XX.

te de acordo com as novas hipóteses. Enquanto só se pro-Se não houvesse uma teoria da transferência, esses conse-punham a recuperar uma recordação, nem o método lhos não teriam razão de ser, conselhos totalmente desne-catártico nem a coerção associativa precisavam da inter-cessários no método catártico ou na primitiva psicanálise pretação; agora é diferente, agora deve-se dar ao indiví-

da coerção associativa. Portanto, vemos aqui novamente dois informes precisos sobre si mesmo e sobre aquilo que essa singular interação entre teoria e técnica que assinala-lhe acontece, mas que ele ignora, para que possa com-mos como específica da psicanálise.

Tratamos com certo detalhe a teoria da transferência porque ela ilustra muito claramente a tese que estamos desenvolvendo. À medida que Freud toma consciência da transferência, de sua intensidade, de sua complexidade e 5Quando Bernheim dava a uma pessoa em transe hipnótico a de sua espontaneidade (embora isso seja discutível), im-ordem de fazer algo depois de despertar, a ordem era cumprida põe-se a ele uma mudança radical no enquadre. O enqua-exatamente, e o autor não podia explicar o porquê de seus atos e apelava para explicações triviais. No entanto, se Bernheim não se conformasse com essas racionalizações (como as chamaria Jones, muitos anos depois), o sujeito acabava recordando a or-6

dem recebida em transe.

“Fragmento de análise de um caso de histeria”, AE, 7, p. 98 e ss.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 23

dre frouxo do “Homem dos Ratos” poderá incluir chá, sentido às

normas técnicas da psicanálise é sua raiz ética.

sanduíches e arenques, pois Freud não sabe ainda até onde A ética integra-se na teoria científica da psicanálise não chega a rebeldia e a rivalidade na transferência paterna.⁷

como uma simples aspiração moral, e sim como uma ne-A modificação do enquadre, que se torna mais rigidez de sua prática.

roso em virtude da teoria da transferência, permite, por As falhas éticas do psicanalista revertem ineludivelmente, uma precisão maior para apreciar o fenômeno, ao mesmo tempo em falências da técnica, já que seus princípios passam a ser um enquadre mais estrito e estável evita os básicos, especialmente os que configuram o enquadre, subminando e torna-o mais nítido, mais transparente.

tentam-se na concepção ética de uma relação de igualdade- Esse processo não foi lento e continuou depois de de, respeito e busca da verdade. A dissociação entre a teo-Freud. Basta reler a história de Richard, analisado em 1941, e a prática, sempre lamentável, em psicanálise o é devido para ver Melanie Klein depurando sua técnica, e a de totalmente, pois danifica nosso instrumento de trabalho.

dos nós, quando chega com um pacote para seu neto e dá-

Em outras disciplinas, até certo ponto é factível manter-se conta de que seu paciente responde com inveja, ciúmes uma dissociação entre a profissão e a vida, mas isso, para os sentimentos de perseguição (sessão 76). Ela compreende o analista, é impossível.

de que cometeu um erro, que não se deve fazer isso (M.

Ninguém vai pretender que o analista não tenha feito Klein, 1961). Apenas um longo processo de interação em-lhas, debilidades, hipocrisias ou dissociações, mas sim que entre a prática e a teoria fez com que o enquadre se tornasse possível aceitá-las, em seu foro íntimo, por consideração ao cada vez mais estrito e, conseqüentemente, mais idôneo e método, à verdade e ao paciente. É que o analista tem confiável. Detivemo-nos na interação entre teoria e técnica como instrumento de trabalho seu próprio inconsciente, porque isso nos permite compreender a importância de sua própria personalidade, motivo pelo qual a relação de estudar simultaneamente ambos os campos e afirmar que técnica com a ética torna-se tão urgente e indissolúvel.

uma boa formação psicanalítica deve respeitar essa validade- Um dos

princípios que Freud propôs – e que é ao sa qualidade de nossa disciplina, na qual se integram har-mesmo tempo técnico, teórico e ético – é que não deve-moniosamente a especulação e a práxis.

mos ceder ao furor curandis; e hoje sabemos, sem sombra de dúvida, que o furor curandis é um problema de contratransferência. Esse princípio, entretanto, não vem a modi-TEORIA, TÉCNICA E ÉTICA

ficar o que acabo de dizer, porque não se deve perder de vista que Freud previne-nos do furor curandis, diferente Freud disse muitas vezes que a psicanálise é uma te-do desejo de curar que significa cumprir nossa tarefa.⁸

oria da personalidade, um método de psicoterapia e um O tema do furor curandis nos faz voltar ao da ética, instrumento de investigação científica, querendo assina-porque a prevenção de Freud não é mais que a aplicação lar que, por uma condição especial, intrínseca dessa discide um princípio mais geral, a regra de abstinência. A aná-

plina, o método de investigação coincide com o procedi-lise, afirma Freud no Congresso de Nuremberg (1910d) e mento curativo, porque, à medida que alguém conhece a reitera-o muitas vezes (1915a, 1919a, etc.), deve trans-si mesmo, pode modificar sua personalidade, isto é, cu-correr em privação, em frustração, em abstinência. Essa rar-se. Essa circunstância vale não apenas como um prin-regra pode ser entendida de várias maneiras; de qualquer cípio filosófico, mas também como fato empírico da inves-modo, ninguém duvidará que Freud quis dizer que o ana-tigação freudiana. Poderia não ter sido assim; porém, de lista não pode dar ao paciente satisfações diretas, porque, fato, o grande achado de Freud consiste em que, desco-quando este as obtém, o processo detém-se, desvia-se, per-brindo determinadas situações (traumas, recordações ou verte-se. Em outros termos, seria possível dizer que a sa-conflitos), os sintomas da doença modificam-se e a perso-tisfação direta retira do paciente a capacidade de simbolicidade enriquece-se, amplia-se e reorganiza-se. Essa zar. Pois bem, a regra de abstinência, que para a análise é curiosa circunstância unifica em uma só atitude a cura e a um recurso técnico, para o analista é uma norma ética.

investigação, tal como o expôs lucidamente Hanna Segal Porque, evidentemente, o princípio técnico de não dar ao (1962) no “Simpósio de fatores curativos” do Congresso analisando satisfações diretas tem seu corolário no princí-

de Edimburgo. Bleger também abordou esse ponto, ao fa-pio ético de

não aceitar as que ele possa oferecer-nos. As-lar da entrevista psicológica, em 1971.

sim como não podemos satisfazer a curiosidade do pacien-Assim como há uma correlação estrita da teoria psi-te, por exemplo, tampouco podemos satisfazer a nossa.

canalítica com a técnica e com a investigação, também se Do ponto de vista do analista, o que o analisando diz são dá na psicanálise, de maneira singular, a relação entre a apenas associações, cumprem a regra fundamental, e a-técnica e a ética. Pode-se até dizer que a ética é uma parte quilo que associa só pode ser considerado como um infor-da técnica ou, de outra forma, que o que dá coerência e me pertinente a seu caso.

7

8

A respeito disso, ver o trabalho de David Rosenfeld, apresenta-Sobre a proposta de Bion (1967a) de que o analista trabalhe do no Congresso de Nova York de 1979 e publicado no

“sem memória e sem desejo”, teremos algo a dizer mais adiante, International Journal of Psycho-Analysis de 1980.

do mesmo modo que do “desejo do analista” de Lacan (1958).

24 R. HORACIO ETCHEGOYEN

O que acabamos de dizer abrange o problema do se-temos direito de julgar nossos colegas e, em geral, a ter-gredo profissional e redefine-o de forma mais estrita e ri-ceiros, através das afirmações dos pacientes, os quais gorosa, enquanto passa a ser, para o analista, um aspecto devemos escutar sempre com uma benevolente dúvida da regra de abstinência. Na medida em que o analista não crítica. Em outras palavras, e isso é rigorosamente lógi-pode tomar o que o analisando diz senão como material, co, tudo o que o paciente diz são suas opiniões, e não os na realidade este nunca lhe informa nada; nada do que o fatos. Não se oculta para mim o quão difícil é estabelecer paciente tenha dito o analista pode dizer que foi dito, pore manter essa atitude na prática, mas penso que, à medi-que o analisando só forneceu seu material. E material é, da que a compreendemos, é mais fácil para nós cumpri-por definição, o que nos informa sobre o mundo interno la. A norma fundamental é, outra vez, a regra de absti-do paciente.

nência: enquanto uma informação não viola a regra de A atenção flutuante implica receber da mesma ma-abstinência, é pertinente e é simplesmente material; se neira todas as associações do paciente. E, quando o ananão é assim, a regra de abstinência foi transgredida. À lista pretende obter delas alguma informação que não seja vezes, é somente o sentimento do analista – e, em última pertinente à situação analítica, está funcionando mal, trans-instância, sua contratransferência – que pode ajudá-lo formou-se em uma criança (quando não em um perverso) nessa difícil discriminação.

escotofílica. Além disso, a experiência mostra que, quan-O princípio que acabo de enunciar nunca deve ser do a atenção flutuante perturba-se, é porque está operan-tomado de maneira rígida e sem plasticidade. Alguma in-do, em geral, alguma projeção do analisando. Portanto, o formação geral que o paciente dê colateralmente pode ser transtorno do analista deve ser considerado um problema aceita como tal, sem violar as normas de nosso trabalho,⁹ do de contratransferência ou de contra-identificação projetiva, mesmo modo que pode haver desvios que não configurem se seguirmos Grinberg (1963, etc.).

uma falta, uma vez que estejam dentro dos usos culturais O que acabo de expor não é apenas um princípio e sejam dados ou recebidos sem perder de vista o movi-técnico e ético, mas também uma saudável medida de mento geral do processo. Contudo, fica de pé a norma bá-

higiene mental, de proteção para o analista. Como diz sica de que nenhuma intervenção do analista é válida se Freud em “Sobre a psicanálise ‘selvagem’” (1910k), não violar a regra de abstinência.

9 Por exemplo, que o analisando informe-nos que o elevador não funciona.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 25

2

Indicações e Contra-Indicações Segundo

o Diagnóstico e Outras Particularidades

As indicações terapêuticas da psicanálise são um tema Todavia, partindo de outra vertente, o valor (social) que vale a pena discutir não somente por sua importância do indivíduo influi, de fato, nas prioridades de tempo do prática, mas porque, por pouco que seja estudado, revela analista, de tal forma que talvez possa justificar

algum tipo um pano de fundo teórico de verdadeira complexidade.

de seleção. Quando os candidatos tomavam pacientes gratuitos (ou quase gratuitos) na Clínica Racker de Buenos Aires, havia seleção; contudo, esta não era feita pelo terapeuta, e AS OPINIÕES DE FREUD

sim pela clínica, que dava preferência a professores, mestres, enfermeiros e outras pessoas cuja atividade as coloca-As indicações e contra-indicações foram fixadas luci-va em contato com a comunidade e que, por isso, gravitavam damente por Freud na já mencionada conferência no Co-especialmente na saúde mental da população. A seleção do légio Médico de Viena, em 12 de dezembro de 1904. Ali, próprio analista, porém, é sempre arriscada, já que pode Freud começa por apresentar a psicoterapia como um proser complicada por um fator de contratransferência que, cedimento médico-científico e depois delimita suas duas em casos extremos, beira a megalomania e o narcisismo.

modalidades fundamentais, expressiva e repressiva, toman-Sempre dentro das indicações que dependem do in-do o belo modelo de Leonardo das artes plásticas.

divíduo e não da enfermidade, Freud considera que a ida-No curso de sua conferência, Freud insiste nas conde põe um limite à análise e que as pessoas próximas aos tra-indicações da psicanálise para reivindicar finalmente 50 anos já carecem de suficiente plasticidade; por outro seu campo específico, as neuroses (o que hoje chamamos lado, a massa do material a elaborar é de tal magnitude, de neurose).

que a análise se prolongaria indefinidamente. Freud já Nessa conferência, e também no trabalho que es-havia feito essas mesmas observações em “A sexualidade creveu pouco antes por encargo de Löwenfeld, Freud afir-na etiologia das neuroses” (1898a), em que afirma que a mou, e é um pensamento muito original, que a indicação análise não é aplicável nem às crianças nem aos anciãos da terapia psicanalítica não deve ser feita apenas pela (AE, 3, v.3, p. 274).

doença do sujeito, mas também por sua personalidade.

Esses dois fatores são contemplados hoje com ânimo Essa diferença continua sendo válida: a psicanálise é mais otimista. Não há dúvida de que os anos tornam-nos indicada de acordo tanto com a pessoa como quanto o menos plásticos; porém, um jovem também pode ser rígidiagnóstico.

do, já que isso depende, em grande medida, da estrutura Ao

considerar o indivíduo, Freud diz com franqueza do caráter, do encorajamento do caráter, diria Wilhelm (e também com certa ingenuidade) que “devem-se rechaçar Reich (1933). Portanto, a idade é um fator a ser levado em os doentes que não possuam certo grau de cultura e um conta, sem ser decisivo por si mesmo. Em seu minucioso caráter em alguma medida confiável” (AE, v.7, p. 253).

estudo das indicações e contra-indicações, Nacht e Lebovici Essa idéia havia sido exposta, como acabamos de ver, no (1958) aceitam, em princípio, que a idade impõe um limi-trabalho para o livro de Löwenfeld, em que diz que o paci-te à análise, mas assinalam enfaticamente que a indicação ente deve possuir um estado psíquico normal, um grau sempre depende do caso particular. Por outro lado, deve-suficiente de inteligência e um certo nível ético porque, se levar em conta que a expectativa de vida mudou notado contrário, o médico perde logo o interesse e verá que velmente nas últimas décadas.

seu esforço não se justifica. Entretanto, esse ponto de vis-Atualmente, consideramos menos ainda como um ta seria hoje revisável, a partir da teoria da contratrans-obstáculo o acúmulo de material, já que o próprio Freud ferência, porque, se o analista perde seu interesse, deve-se mostrou-nos que os acontecimentos decisivos abrangem supor que algo lhe acontece. Por outro lado, isso poderia um número limitado de anos – a amnésia infantil – e, por ser refutado até com argumentos do próprio Freud, que outro lado, esses acontecimentos repetem-se sem cessar, muitas vezes afirmou que ninguém sabe as potencialida-ao longo dos anos e concretamente, nessa singular histó-

des que podem fazer em um indivíduo doente.

ria vital que é a transferência.

26 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Embora as prevenções de Freud não nos obriguem não mudou sua posição desde esses trabalhos até o Esque-hoje tanto como antes, de qualquer modo a idade avança-ma da psicanálise (1940a), em que volta a dizer, no come-da estabelece sempre um problema delicado, que o analis-

ço do Capítulo VI, que o ego do psicótico não pode prestar-ta deve encarar com equilíbrio e consciência. Ao resolver se ao trabalho analítico, pelo menos até que encontremos dedicar seu tempo a um homem mais velho ou reservá-lo um plano que se adapte melhor a ele (AE, v.23, p. 174).

para outro com expectativa de vida mais longa, o analista É inegável, porém, que algo mudou ao longo do sé-

depara-se com um problema humano e social. Como é a cula XX e que se abriram caminhos importantes a partir regra em análise, tampouco aqui poderemos fornecer uma da psicanálise infantil (o que foi propiciado, entre outros, norma fixa. A indicação dependerá do paciente e do crité-

por sua filha Anna) e das novas teorias da personalidade rio do analista, uma vez que a expectativa de vida é deter-que abrangem o primeiro ano da vida e dão possibilidades minante para o demógrafo, mas não para este último, que de acesso às doenças que, desde Freud e Abraham (1924), só deve ter em vista a pessoa concreta. Há um momento já se sabia que têm seu ponto de fixação nessa época.

em que, socialmente, a análise já não seria justificável para Embora Freud sempre tenha insistido em que só se um velho? Aqui também não podemos fazer nenhuma devia tratar os neuróticos, seus próprios casos, ao que painferência definitiva, porque algumas pessoas morrem cedo rece, nem sempre o foram. Com fundamento, poderíamos e outras muito tarde. Kant publicou a Crítica da razão pura diagnosticar “Dora” de psicopatia histérica e de bordeline quando tinha 57 anos e já se havia aposentado como pro-o “Homem dos Lobos”, que desenvolveu depois uma clara fessor em Königsberg, de modo que, se esse modesto pro-psicose paranóide, pela qual teve de tratá-lo Ruth Mack fessor de filosofia aposentado tivesse vindo procurar-me Brunswick no final de 1926, por alguns meses, como in-para se analisar por uma inibição para escrever, talvez eu, forma seu trabalho de 1928. O próprio Freud, diga-se de muito seguro de mim mesmo, o tivesse rechaçado por sua passagem, fez o diagnóstico e indicou o tratamento, que idade avançada!

comentou com satisfação em “Análise terminável e inter-Por sorte, nosso critério foi modificando-se, tornou-se minável” (1937c). As opiniões de Freud, pois, devem ser mais elástico. Há um trabalho de Hanna Segal (1958) em consideradas com sentido crítico, como faz Leo Stone que ela relata a análise de um homem de 74 anos que teve (1954). Uma prova do critério amplo de Freud para indi-um curso excelente, e Pearl S. King (1980) tratou o tema, car o tratamento pode ser encontrada, sem ir mais longe, em seu relato do Congresso de Nova York, com uma pro-na própria conferência de 12 de dezembro de 1904, quan-fundidade que não deixa dúvida sobre a eficácia da análise do introduz o exemplo de uma (grave) psicose maníaco-em pessoas de idade. King insiste sobretudo no fato de que depressiva que

ele mesmo tratou (ou tentou tratar).

os problemas do ciclo vital desses pacientes aparecem nítidos. Digamos, para terminar, que as indicações de Freud dadas na transferência, na qual se pode apreendê-los e são bastante sensatas; os casos francos de psicose, perversos-resolvê-los por métodos estritamente psicanalíticos.

são, adição e psicopatia são sempre difíceis e deve-se pensar. Esse tema foi abordado há muitos anos por Abraham antes de tomá-los. São pacientes que põem (1919b). Diferentemente de Freud e da maioria dos ana-

à prova o analista e que apenas em circunstâncias muito listas de então, Abraham sustentava “que a idade da neurose podem ser levados a bom porto. (Voltaremos a isso, a idade é mais importante que a idade do paciente” (Psicaná-

ao tratar os critérios de analisabilidade, no Capítulo 3.) lise clínica, Cap. 16, p. 241) e apresentou várias histórias. Em seus dois artigos do começo do século passado, de pessoas com mais de 50 anos que responderam muito Freud assinala que os casos agudos ou as emergências não bem ao tratamento psicanalítico.

são da alçada da psicanálise; menciona, por exemplo, a anorexia nervosa como uma contra-indicação. (Por extensão, poderíamos dizer o mesmo do paciente com tendên-

INDICAÇÕES DE FREUD
cias suicidas, sobretudo o melancólico.) SEGUNDO O DIAGNÓSTICO

Em sua conferência de 1904, Freud afirmou que a análise não é um método perigoso se praticado adequadamente. Com respeito às indicações da análise segundo o diagnóstico, o que merece um momento de reflexão. Creio que diagnóstico clínico, é admirável a cautela com que Freud, com isso, quer dizer algo que é certo para os casos discute. Concretamente, considera a psicanálise como os médicos que o escutam no Colégio de Viena: a análise-método de escolha em casos crônicos e graves de histeria, se não é perigosa, porque não leva ninguém para o mau fobias e abúlias, ou seja, as neuroses. Nos casos em que há caminho, não vai transformar ninguém em louco, perversos-fatores psicóticos ostensivos, a indicação da análise não é so ou imoral; e é necessário sublinhar que Freud diz que a análise para ele pertinente, embora deixe aberta, para o futuro, a análise não pode causar dano ao paciente se for praticada possibilidade de uma abordagem especial da psicose. Também adequadamente. Todavia, é inegável que a psicanálise mal feita não a recomenda em casos agudos

de histeria e no praticada faz mal, às vezes muito mal, infelizmente.¹

esgotamento nervoso. E descarta, obviamente, a degeneração mental e os quadros confusionais.

Em resumo, apenas o núcleo nosograficamente reduzido, mas epidemiologicamente extenso da neurose, é 1 O tema da iatrogenia na análise mereceu reflexões acertadas acessível à análise: Freud, nesse sentido, foi categórico e de Liberman ao longo de toda a sua obra.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 27

O SIMPÓSIO DE ARDEN HOUSE DE 1954

bases teóricas que considero firmes, é o conceito de neurose de transferência, que discutiremos no Capítulo 12.

Convocado pela Sociedade Psicanalítica de Nova York, Stone conclui que as neuroses de transferência e as o simpósio The widening scope of indications for psycho-characteropatias a elas associadas continuam sendo a pri-analysis (A ampliação do campo de indicações da psicaná-

meira e melhor indicação para a psicanálise, mas que os lise) ocorreu em maio de 1954. Participaram Leo Stone, o objetivos ampliaram-se e abrangem praticamente todas as principal expositor, Edith Jacobson e Anna Freud.

categorias nosológicas de natureza psicogênica (p. 593), O trabalho de Stone tem, sem dúvida, um valor per-ponto de vista que informa, coincidentemente, todo o li-durável. Mais do que otimista, é realista, já que não esten-vro de Fenichel (1945a).

de os limites das indicações, mas mostra como sempre se Vemos, assim, que Leo Stone estabeleceu as indica-tentou legitimamente ultrapassar esses limites. Recordações com amplitude; paradoxalmente, afirmou que os que na década de 1920, e já mesmo antes, Abraham co-transtornos neuróticos de gravidade mediana, que podem meçou a tratar pacientes maníaco-depressivos com o apoio ser resolvidos com métodos psicoterapêuticos breves e sim-decidido de Freud² e menciona também as tentativas de ples, não configuram uma indicação para a análise, que se Ernest Simmel com adictos alcoolistas e psicóticos inter-deve ser reservada para os casos neuróticos mais graves, nados, assim como as de Aichhorn em Viena, com sua ju-ou para os que não possam ser resolvidos por outras técni-ventude transviada, na mesma época. Acrescentemos que cas mais simples ou com os meios farmacológicos da psi-Abraham escreveu a história de

um fetichista do pé e do quiatria moderna, ponto de vista que Nacht e Lebovici espartilho para o Congresso de Nuremberg, em 1910, e (1958) também sustentam. Veremos que, nesse ponto, Ferenczi estudou profundamente o tique em 1921, tema Anna Freud teve sua única discrepância com Stone.

que também ocupou Melanie Klein em 1925.

Em Arden House, Edith Jacobson (1954a) falou tam-Antes de passar em revista as indicações que ultra-bém sobre o tratamento psicanalítico da depressão grave.

passam o marco da neurose, Stone aponta os limites da Considera casos que podem variar desde as depressões própria psicanálise como método. Diz, com razão, que uma reativas mais intensas até a psicose circular em sentido psicoterapia orientada psicanaliticamente, mas que não se estrito, passando pelos borderlines, que são os mais fre-propõe a resolver os problemas do paciente na transferência quentes. Em todos eles, a autora opina que as dificuldades e com a interpretação, não deve ser considerada psicanáli-no desenvolvimento e na análise da transferência são muito se, ao passo que, se forem mantidos esses objetivos, ape-grandes, mas não impossíveis. Considera que os resulta-sar de (e graças a) que se recorra aos parâmetros de Eissler dos mais satisfatórios são obtidos quando podem ser recu-

(1953), não estaremos fora de nosso método. Assinale-peradas e analisadas na transferência as fantasias pré-

mos que para Stone, da mesma forma que para Eissler, o genitais mais arcaicas (p. 605).

parâmetro é válido se não obstaculiza o desenvolvimento O comentário de Anna Freud (1954) coincide basica-do processo e, posteriormente, uma vez removido, pode-mente com Stone e apóia-se em sua própria experiência com se analisar com plenitude a transferência.

caracteropatias graves, perversões, alcoolismo, etc.; porém, Leo Stone considera que os critérios nosográficos da como analista leigo, não tratou casos psicóticos ou depres-psiquiatria, apesar de imprescindíveis, não são suficientes, já sões graves. Anna Freud considera que é válido e interessan-que devem ser completados com toda uma série de elemen-te tratar todos esses casos e concorda com a opinião de Stone tos dinâmicos da personalidade do paciente potencial, tais sobre o uso de parâmetros para torná-los acessíveis ao

método como narcisismo, rigidez, pensamento dereístico, distanciamento, embora pense também que o esforço excessivo e o tempo mento e vazio emocional, euforia, megalomania e muitos mais.

prolongado que demandam os casos difíceis devem ser pesa-Uma afirmação importante de Stone – com a qual dos no momento das indicações. Com um critério que cha-concordo plenamente – é que a indicação do tratamento mamos antes de social, Anna Freud considera que os casos psicanalítico apóia-se, em certos casos, no conceito de psi-neuróticos devem ser levados muito em conta (p. 610).

cose de transferência: “Pode-se falar, justificadamente, de É de se destacar que, quando Anna Freud voltou a uma psicose de transferência, no sentido de uma variante discutir as indicações da análise no Capítulo 6 de seu ainda viável de neurose de transferência nas formas ex-Normality and pathology in childhood (1965), reafirmou tremas” (1954, p. 585). Logo, o que se amplia, e sobre seus pontos de vista do Simpósio de Arden House.

Na Conferência de Arden House, em conclusão, ninguém questionou a validade teórica de aplicar o método psicanalítico aos transtornos psicogênicos que ultrapassam os limites da neurose, embora todos tenham concordado 2 Há pouco, assinala-se que Freud não hesitou em ensaiar seu mé-

que essa tarefa é bastante difícil.

tudo em uma psicose circular de evolução severa. Às vezes, esquece-se que Freud tomou em análise uma jovem homossexual com uma séria tentativa de suicídio, caso que publicou em 1920, O INFORME DE NACHT E LEOVICI

e que, quando decidiu interromper o tratamento pela intensidade da transferência paterna negativa, sugeriu aos pais que, se Em A psicanálise hoje, Nacht e Lebovici (1958) divi-quissem continuá-lo, procurassem para sua filha uma analista mulher (AE, v.18, p. 157).

dem as indicações e contra-indicações da psicanálise em

28 R. HORACIO ETCHEGOYEN

função do diagnóstico clínico e do paciente, seguindo Freud Além de uma maior prudência nos alcances do mé-

(1904a) e Fenichel (1945a).

todo, o Simpósio de Copenhague destacou entre outros Com referência às indicações pelo diagnóstico, esses um fator importante, a motivação para a análise, que apa-autores destacam, como Glover (1955), três grupos: os rece explicitamente no trabalho de Kuiper (1968), mas casos acessíveis, os casos moderadamente acessíveis e os permeia também os outros.

fracamente acessíveis. Nacht e Lebovici consideram a psi-O tema central de Copenhague é, sem dúvida, a canálise aplicável aos estados neuróticos, ou seja, às neu-analisabilidade, desenvolvida com rigor por Elizabeth R.

roses sintomáticas, mas muito menos às neuroses de cará-

Zetzel. Por sua importância, nós nos ocuparemos dele no ter; as perturbações da sexualidade, isto é, a impotência próximo capítulo.

no homem e a frigidez na mulher, são indicações freqüen-Quando Guttman abriu o simpósio, expôs um crité-

tes e aceitas, ao passo que nas perversões as indicações rio restritivo quanto às aplicações da psicanálise com um são mais espinhosas e difíceis de estabelecer.

raciocínio que me parece um tanto circular. Disse que a Apesar de Nacht e Lebovici partirem do princípio psicanálise, como método, consiste na análise da neurose (bem freudiano, por certo) de que não existe uma oposi-de transferência, de modo que, se esta não se desenvolve ção absoluta entre neurose e psicose, inclinam-se a pensar plenamente, mal se poderá resolvê-la com métodos analí-

que, nos casos francos de psicose, o tratamento analítico é ticos e, portanto, a psicanálise não será aplicável. Pois bem, de difícil aplicação, enquanto os casos não demasiadamente continua Guttman, dado que as únicas doenças em que, graves animam a tentar a análise.

por definição, instaura-se uma neurose de transferência Quanto às indicações pela personalidade, dissemos que são justamente as neuroses de transferência – ou seja, a Nacht e Lebovici aceitam o critério de Freud sobre a idade e histeria em suas duas formas, de conversão e de angústia, estabelecem um limite ainda mais estrito, pois consideram e a neurose obsessiva, com os correspondentes transtor-que só o adulto jovem, que não passe dos 40 anos, é da nos caracterológicos – então apenas estas são indicações incumbência da análise (p. 70), embora admitam exceções.

válidas. É clara aqui a petição de princípios, porque o que Esses autores consideram que o benefício secundário está em discussão é se os outros pacientes podem desen-da enfermidade, se está muito arraigado, é uma contra-volver plenamente fenômenos de transferência, de acor-indicação ou, ao menos, um fator a ser levado em conta do com a natureza de sua enfermidade e de seus sintomas, como grave obstáculo. Desse modo, estudam detidamente e se estes podem ser resolvidos na análise.

a força do ego como fator de primeira importância, en-Os pacientes psicóticos, borderlines, perversos e adic-quanto o narcisismo, o masoquismo, em suas formas mais tos só poderão analisar-se, diz Guttman, quando o curso primitivas, as tendências homossexuais latentes, que im-do tratamento permitir o desenvolvimento de uma neuro-primem seu selo no funcionamento do ego, e os casos com se de transferência, ou quando se descobrirem os confli-marcada facilidade para a passagem ao ato (acting out) tos neuróticos encobertos na conduta do paciente.

são fatores negativos, os quais devem ser levados em con-Como veremos mais adiante, a neurose de transfe-sideração, assim como a debilidade mental, que cria um rência deve ser entendida como um conceito técnico, o obstáculo à plena compreensão das interpretações.

que não implica necessariamente que os outros quadros psicopatológicos não possam desenvolver fenômenos aná-

logos. Acabamos de ver que Stone admite, para os qua-O SIMPÓSIO DE COPENHAGUE DE 1967

dros graves, uma transferência psicótica; e, muitíssimo antes, em seu brilhante trabalho de 1928, intitulado “Aná-

No XXV Congresso Internacional, realizou-se um lise de um caso de paranóia. Delírio de ciúmes”, Ruth Mack simpósio, Indications and contraindications for psychoa-Brunswick fala concretamente de uma psicose de transfe-nalytic treatment, dirigido por Samuel A. Guttman, com a rência e mostra a forma de analisá-la e resolvê-la. A expe-participação de Elizabeth R. Zetzel, P. C. Kuiper, Arthur riência clínica parece demonstrar que cada paciente de-Wallenstein, René Diatkine e Alfredo Namnum.

senvelope uma transferência de acordo com seu padecimen-Se contrastarmos o simpósio de 1954 com este, vere-to e com sua personalidade. Nesse sentido, convém resermos claramente que a

tendência a ampliar as indicações var o termo neurose de transferência para as próprias neu-da psicanálise reverte-se, estreita-se. Como diz Limentani roses, e não estendê-lo às outras situações.

(1972), há primeiro um processo de expansão e depois um de retração, a partir das circunspectas afirmações de Freud no começo do século XX. Limentani considera que a **ALGUMAS INDICAÇÕES ESPECIAIS**

tendência a voltar a pautas restritas depende, ao menos parcialmente, dos critérios mais seletivos dos institutos de Um tema da maior atualidade é a aplicação da psica-psicanálise para admitir candidatos, que foi impondo-se nálise nas enfermidades orgânicas em que participam no-em todo o mundo, desde a época da Segunda Guerra toriamente fatores psíquicos, as quais se houve por bem Mundial. É evidente, conclui Limentani, que nesses mode-chamar, com razão, de psicossomáticas. Convergem aqui los mais rigorosos está implícito o reconhecimento de que problemas teóricos e técnicos que convêm estudar critica-o tratamento psicanalítico não chega a resolver todos os mente. Embora seja certo que, do ponto de vista doutriná-

problemas psicológicos.

rio, vale o conceito de que toda enfermidade é, ao mesmo

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 29

tempo, psíquica e somática (ou, se se quiser, psíquica, que os casais estéreis tinham, às vezes, seu primeiro filho somática e social), os fatos empíricos mostram que o peso com posterioridade à adoção.

relativo desses fatores pode ser muito díspar.

Dissemos que, até certo ponto, o significado de uma A indicação da psicanálise variará, em primeiro lu-pessoa para a sociedade pode pesar na indicação de sua gar, conforme a maior participação dos fatores psicológi-análise. Isso nos leva a outro problema de importância cos; em segundo lugar, conforme a resposta aos tratamen-teórica e de projeção social, a análise do homem normal.

tos médicos previamente efetuados e, em terceiro lugar, Em outras palavras, até que ponto é legítimo indicar a conforme o tipo de enfermidade. A colite ulcerativa, por análise como um método profilático, como um método exemplo, mesmo em suas formas mais graves, é uma do-para melhorar o rendimento e a plenitude da vida de um ença que responde quase sempre satisfatoriamente à psi-homem

normal. Embora seja certo que, em princípio, não canalize, enquanto a obesidade essencial, a diabetes e as guem apóia abertamente esse tipo de indicação, cabem coronariopatias não oferecem, em geral, uma resposta fa-certas precisões.

vorável. O asma brônquica e a hipertensão às vezes se be-O homem normal é, de imediato, uma abstração e a neficiam (nem sempre) da análise, e menos a úlcera experiência clínica demonstra convincentemente que apre-gastroduodenal. Em certos casos, vi regularizar-se a pres-senta transtornos e problemas quase sempre importantes.

são arterial de pacientes que não consultavam por hiper-Quem se analisa sem estar formalmente doente, como é o tensão, mas por problemas neuróticos, e aos quais os clí-

caso de muitos futuros analistas, em geral não se arrepen-nicos que os atendiam deram alta, tendo em vista sua evo-de: no curso da análise, chega a visualizar, às vezes com lução favorável.

assombro, os graves defeitos de sua personalidade ligados Deve-se levar sempre em conta que nem todos os a conflitos e a resolvê-los se o andamento do tratamento é doentes psicossomáticos têm uma resposta semelhante à favorável.

psicanálise, assim como tampouco a têm os neuróticos.

É inegável que o senso comum mais elementar ad-Além disso, há doenças em que a psicogênese pode ser verte que se deve pensar muito antes de indicar profilati-relevante; porém, uma vez posto em marcha o processo camente uma terapia difícil e longa como a psicanálise, patológico, já não se pode detê-lo com meios psíquicos.

que exige um investimento grande em esforço, em afeto e Assim, por exemplo, há muitos estudos que provam con-angústia, em tempo e dinheiro. A pessoa que se analisa vincentemente que o fator psicológico pesa no surgimento empreende um caminho, toma uma decisão; a análise é do câncer, mas é muito improvável que, uma vez produzi-quase uma escolha de vida por muitos anos. Porém, essa do, seja possível fazê-lo retroceder, removendo os fatores escolha vital abrange também a de querer analisar-se e psicológicos que participaram de sua aparição. É possível, buscar a verdade que, se é autêntica, a longo prazo vai contudo, que o tratamento analítico possa coadjuvar em justificar a empresa.

algo para uma evolução melhor dessa doença.

Onde mais se coloca em prática esse tipo de indica-De qualquer modo, deve-se examinar em cada caso ção é na psicanálise de crianças, porque ali a expectativa todos os fatores mencionados – e talvez outros – antes de de vida é ampla e os problemas do desenvolvimento nor-se decidir pela psicanálise; e, ao fazê-lo, será esclarecendo mal apenas se distinguem da neurose infantil.

ao paciente que deve continuar os tratamentos médicos pertinentes. Em nenhum caso isso é mais notório do que na obesidade, na qual a ajuda psicológica é plausível e ALGO MAIS SOBRE OS

muitas vezes eficiente, mas nunca pode ir além do que FATORES PESSOAIS

ditar o balanço calórico. É evidente também que, se a do-ença psicossomática pode ser resolvida por meios médi-Já dissemos reiteradamente que a indicação da psicos ou cirúrgicos mais simples que o longo e sempre tracanálise não deve ser feita apenas atendendo ao tipo e ao balhoso tratamento psicanalítico, o paciente deve optar grau de enfermidade do paciente, mas também a outros por eles se seus sintomas propriamente mentais não fo-fatores, que são sempre de peso e às vezes decisivos. Al-rem muito relevantes. Aqui está presente, de novo, o tema guns deles dependem da pessoa e outros (que quase nun-da motivação.

ca são levados em conta) de seu meio.

Mais adiante, no Capítulo 6, quando falarmos do Já consideramos o valor social da pessoa como crité-

contrato, discutiremos o problema técnico estabelecido rio de indicação. Quem ocupa um lugar significativo na pelo tratamento médico ou cirúrgico de um paciente em sociedade justifica – se está doente – o alto esforço da análise. Porém, digamos desde já que, se os papéis são análise. Dissemos, também, que esse fator não implica um bem delimitados e cada um cumpre sua função sem sair juízo de valor e, ao incluí-lo entre seus critérios de sele-de seu campo, o processo analítico não tem por que se ver ção, o analista deve estar seguro de que não se deixa levar entorpecido.

pelo preconceito ou por um fator afetivo (contratrans-

É bem sabido que a esterilidade feminina e a infer-ferência), e sim por uma avaliação objetiva da importân-tilidade masculina, quando não se devem a causas orgâ-

cia do tratamento para esse indivíduo e desse indivíduo nicas, às vezes respondem à análise. Muito antes que se para a sociedade.

analisasse esse tipo de pacientes, o doutor Rodolfo Rossi Dentro dos fatores que estamos considerando agora, assinalava, em sua cátedra de Clínica Médica em La Plata, está a atitude psicológica do paciente frente à indicação

30 R. HORACIO ETCHEGOYEN

da análise. É algo que o trabalho de Freud de 1904 já decidido partidário de não estender os alcances da psica-levava em conta e que os autores atuais também assina-nálise, e sim de trazê-los de volta aos quadros neuróticos lam como fundamental.

clássicos. Aumentar os limites das indicações, diz Kuiper, Nunberg descobriu, há muitos anos (1926), que todo conduz a perigosas variações da técnica, o que é nocivo paciente traz ao tratamento desejos neuróticos e não so-para o analista já formado e mais ainda para o candidato.

mente desejos realistas de cura e, a partir disso, a resul-Quem talvez tenha colocado esse problema com mais tante de ambos mostrará os aspectos são e enfermos, que rigor foi Janine Chasseguet-Smirgel (1975), em seus estu-haverão de se desenvolver como neurose de transferência dos sobre o ideal do ego. Essa autora diz que, além do e aliança terapêutica. Às vezes, os desejos neuróticos (ou diagnóstico, há dois tipos de pacientes quanto ao compor-psicóticos) de cura podem configurar de início uma situa-tamento no tratamento psicanalítico. Há pacientes com ção muito difícil e conduzir inclusive ao que Bion descre-um conhecimento espontâneo e intuitivo do método psi-veu, em 1963, como reversão da perspectiva.

canalítico, com autêntico desejo de conhecer a si mesmos Entretanto, o que estamos considerando aqui está e chegar ao fundo dos problemas, que buscam a voie longue além dos desejos de cura que uma pessoa possa ter e que, de uma análise completa e rigorosa. Outros, ao contrário, no fim das contas, a análise pode modificar: é algo prévio buscarão resolver seus conflitos sempre pela voie courte, e próprio de cada um, o desejo de embarcar em uma em-porque são incapazes de captar a grande proposta huma-presa cuja única oferta é a busca da verdade. Porque, seja na que a análise formula e carecem do insight que lhes qual for a forma como se proponha a análise, o paciente permita entrar em contato com seus conflitos. Como ve-sempre se dá conta de que estamos oferecendo-lhe um mos, trata-se de

uma atitude frente à análise (e eu diria tratamento longo e penoso, como dizia Freud (1905a), que também frente à vida) que pesa profunda e definitiva-cuja premissa básica é a de conhecer a si mesmo, e isso mente no processo e, por sua índole, nem sempre pode não é atrativo para todos e para ninguém é agradável. Dessa modificar-se com nosso método.

perspectiva, eu me atreveria a dizer que há uma vocação Não se deve confundir a motivação para a análise para a análise, assim como para outras tarefas da vida.

com a busca de um alívio concreto frente a um sintoma ou Freud preferia os casos que vêm espontaneamente, a uma determinada situação de conflito. Essa última atitude porque ninguém pode tratar-se a partir do desejo do ou-de, como assinalou Elizabeth R. Zetzel em Copenhague, tro. Apesar de as expressões manifestas do paciente serem implica uma motivação muito frouxa, que se perde com a sempre equívocas e apenas com a própria marcha da aná-

dissolução do sintoma e conduz de imediato a um desintese- podem ser avaliadas, a atitude mental profunda fren-resse na continuidade do processo, quando não a uma rá-

te à verdade e ao conhecimento de si mesmo influi noto-pida fuga para a saúde.

riamente no desenvolvimento do tratamento psicanalíti-

Às vezes, esses problemas podem apresentar-se de co. Bion (1962b) refere-se sem dúvida a isso quando fala forma muito sutil. Um analista didático recebe um candida função psicanalítica da personalidade.

dato muito interessado por sua formação e apenas preo-O fator que estamos estudando é difícil de detectar e cupado com seus graves sintomas neuróticos. Após um bre-avaliar de saída, pois um paciente que pareceu vir ao trave período de análise, em que o candidato percebeu que o tamento de forma espontânea e muito resoluta pode reve-tratamento oferecia-lhe uma possibilidade certa de cura, lar-nos depois que não era assim; e, vice-versa, alguém começou a aparecer nos sonhos o desejo de ser considera-pode aproximar-se pretextando um conselho ou uma exi-do um paciente, e não um colega, junto com um vivo te-gência familiar, mas ter um desejo autêntico. Às vezes, mor de ver interrompida sua análise ao ter mudado seu enfim, a falta de espontaneidade, de autenticidade, está objetivo. Nesse caso, a autêntica motivação em busca de si encadeada na própria patologia do

paciente, como no caso mesmo estava encoberta por outra menos válida, que pôde da as if personatity, de Helene Deutsch (1942), e então é ser abandonada graças à própria análise. Como era de se parte de nossa tarefa analisá-la e resolvê-la, à medida que supor, aquele candidato é hoje um excelente analista. In-nos seja possível. Esse problema também pode ser visto da felizmente, a situação inversa, em que o tratamento só é perspectiva da renúncia altruísta de Anna Freud (1936), pretexto para aceder à categoria de psicanalista, é muito enquanto tais indivíduos só podem ter acesso à análise em mais freqüente.

função de outros e não de si mesmos, tema ao qual tam-Um fator do ambiente social ou familiar que influi na bém se refere Joan Rivière em seu artigo de 1936 sobre a possibilidade e no desenvolvimento da análise é que o fu-reação terapêutica negativa. De qualquer modo, nesses ca-turo paciente disponha de um meio adequado que o su-sos, a indicação é sempre mais espinhosa e o prognóstico, porte quando falta o analista, ou seja, entre as sessões, no pior. Quando Bion esteve na Associação Psicanalítica Arfim de semana e nas férias. Uma pessoa que está totalmente gentina, em 1968, supervisionou um caso que vinha mansó é sempre difícil de analisar. É óbvio que isso varia com dado por sua mulher. “Esse homem sempre faz o que sua a psicopatologia do paciente e com as possibilidades de mulher lhe manda?”, perguntou o sagaz Bion.

cada um de encontrar companhia, fora ou dentro de si No Simpósio de Copenhague, Kuiper (1968) afirma mesmo. No neurótico, por definição, existe internamente acertadamente que a motivação para a análise e o desejo esse suporte; contudo, ainda assim, também precisa de de conhecer a si mesmo são decisivos, mais talvez que o um mínimo de apoio familiar, que, justamente por suas tipo de doença e outras circunstâncias, embora se declare condições internas, o paciente procura na realidade.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 31

Com as crianças e muito mais com os psicóticos, os Einführung in die Technik der Kinderanalyse (Introdução à psicopatas, os adictos ou perversos, se o meio familiar não técnica da análise de crianças), publicada em 1927 sobre presta uma ajuda concreta, ainda que não seja formal e de a base de quatro conferências que proferiu um ano antes tipo racional, a empresa da análise torna-se quase impos-na Sociedade de Viena, Anna Freud também considera que sível. Quando o futuro paciente depende de um meio fa-a análise só pode ser aplicada às crianças a partir da miliar hostil à análise, a tarefa será

mais difícil, e tanto latência, e não antes. Porém, na segunda edição de seu mais se essa dependência é concreta e real, econômica, livro, publicada em Londres em 1946, com o título de *The psycho-analytical treatment of children*, a autora estende sua família e quer analisar-se contra a opinião da mulher muito esse limite e pensa que as crianças de primeira inserirá um paciente mais fácil do que uma mulher que de-fância são analisáveis, desde os dois anos.⁴

penda economicamente do marido, considerando igual Melanie Klein, por sua vez, sempre pensou que as para ambos o montante da projeção da resistência no cõncrianças podiam analisar-se na primeira infância e, de fato, juze. Esses fatores, embora não constituam a essência da tratou Rita quando tinha dois anos e nove meses.

análise, devem ser pesados no momento da indicação.

Se deixamos de lado a apaixonada polêmica que tem um de seus pontos culminantes no Simpósio sobre análise infantil da Sociedade Britânica, de 1927,⁵ podemos con-AS INDICAÇÕES DA ANÁLISE

cluir que a maioria dos analistas que seguem Anna Freud DE CRIANÇAS

e Melanie Klein pensa que a análise é aplicável a crianças de primeira infância e que todas as crianças, normais ou As árduas controvérsias sobre indicações e contra-perturbadas, poderiam beneficiar-se com a análise. Con-indicações da análise de crianças e adolescentes foram tudo, a análise da criança normal, diz sabiamente Anna modificando-se e atenuando-se no curso dos anos, não Freud (1965, Capítulo 6), toma para si uma tarefa que menos que os desacordos sobre a técnica. Freud foi o pri-pertence, de direito, à própria criança e a seus pais.⁶ Quanto meiro a aplicar o método psicanalítico nas crianças, to-ao limite de idade, Anna Freud assinala com toda razão, mando a seu encargo o tratamento do pequeno Hans, um no recém-citado Capítulo 6, que, se a criança desenvolveu menino de cinco anos com fobia aos cavalos (Freud, sintomas neuróticos, é porque seu ego se opôs aos impul-1909a). Como todos sabem, Freud realizou esse tratamento sos do id, o que permite supor que estará disposta a rece-atraves do pai de Hans, mas o fez utilizando os princípios ber ajuda para triunfar em sua luta.

básicos da técnica analítica daqueles tempos, isto é, inter-Um dos casos mais notáveis da bibliografia de tenta-pretando ao pequeno seus desejos edípicos e sua angústia tiva de uma análise precoce é o de

Arminda Aberastury de castração. Ao comentar o caso, no final de seu traba-

(1950), que estudou uma menina de 19 meses com fobia lho, Freud sublinha que a análise de um menino de pri-aos balões. A fobia, que eclodiu no começo da nova gravi-meira infância veio a corroborar suas teorias da sexuali-dez da mãe, foi evoluindo significativamente, até se trans-dade infantil e do complexo de Édipo e, o que é mais im-formar em uma fobia aos ruídos de coisas que explodem portante para o nosso tema, que a análise pode ser aplica-ou estalam, à medida que a gestação da mãe ia chegando da às crianças sem riscos para sua culturalização.

a seu termo. Nesse momento, a analista realizou uma ses-Esses pensamentos freudianos avançados não foram são com a menina em que pôde interpretar os principais depois retomados ao longo de sua obra. Somente no final conteúdos da fobia, ao que parece com boa recepção por de sua vida é que Freud voltou ao tema da análise infantil, parte da diminuta paciente, que depois dessa única sessão nas Novas conferências (1933a), em que diz outra vez que não retornou ao tratamento.

a análise das crianças serviu não apenas para confirmar, Parece também haver terminado a polêmica sobre o de forma viva e direta, as teorias elaboradas na análise de alcance da psicanálise de crianças, que parece aplicável adultos, mas também para demonstrar que a criança res-tanto às neuroses infantis quanto aos transtornos não-neu-ponde muito bem ao tratamento psicanalítico, de modo róticos (transtornos de caráter e de conduta, crianças que se obtêm resultados promissores e duradouros. (Con-borderlines e psicóticas).

ferência nº 34: “Esclarecimentos, aplicações, orientações”, AE, v.22, p. 126 e ss.)

Os primeiros analistas dos anos de 1920 eram dis-crepantes, em muitos pontos, quanto à técnica para analisar crianças e à idade a partir da qual o tratamento pode ser aplicado. Hug-Hellmuth sustentava, em sua pioneira apresentação ao Congresso de Haya, que uma análise estrita de acordo com os princípios da psicanálise só pode 4 Writings, v.1: “Introduction”, p. viii.

ser realizada a partir dos sete ou oito anos.³ Em seu 5 O simpósio aconteceu entre 4 e 18 de maio e foi publicado no International Journal desse mesmo ano (v.8, p. 339-91). Participaram Melanie Klein, Joan Rivière, M. N. Searl, Ella F. Sharpe, Edward Glover e

Ernest Jones.

3 International Journal of Psycho-Analysis, v.2, p. 289, 1921.

6 Writings, v.6, p. 218.

32 R. HORACIO ETCHEGOYEN

3

Analísabilidade

Vimos, no capítulo anterior, que a indicação da psi-O estabelecimento de firmes relações de natureza canálise, quando não há uma contradição específica e diádica com a mãe e o pai, independentemente, cria as irrecusável, é sempre um processo complexo, em que se condições para estruturar e, na melhor das hipóteses, re-deve computar uma série de fatores. Nenhum deles é por solver a situação edípica, sobre a base da confiança básica si mesmo determinante embora alguns possam pesar mais de Erickson, já que equivale à possibilidade de distinguir que outros. Só depois de avaliar ponderadamente todos entre realidade externa e realidade interna. Como se como elementos, surge como resultante a indicação. Todavia, preende, distinguir realidade interna e realidade externa logo veremos que as coisas são ainda mais complexas, por-importa tanto no tratamento psicanalítico quanto deslin-que os conceitos de analisabilidade e acessibilidade, que dar a neurose de transferência da aliança terapêutica. Essa agora discutiremos, estão além das indicações.

capacidade de discriminação é acompanhada de uma tolerância suficiente frente à angústia e à depressão do complexo de Édipo, com o que se abre a possibilidade de reCONCEITO

nunciar a ele, de superá-lo. É nesse sentido que a doutora Zetzel (1966, p. 77) estabelece um vínculo entre suas idéias O Simpósio de Copenhague mostrou, como dissemos, e a confiança básica de Erickson (1950), como também uma tendência geral a estreitar as indicações do tratamento com o conceito de posição depressiva de Melanie Klein psicanalítico, e essa tentativa tomou sua forma mais defi-

(1935, 1940).

nida no conceito de analisabilidade, introduzido por As pessoas que não puderam cumprir esses passos Elizabeth R. Zetzel, um dos porta-

vozes mais autorizados decisivos do desenvolvimento serão inalisáveis, porquanda psicologia do ego. Com esse trabalho, culmina uma lon-to tenderão continuamente a confundir o analista, como ga investigação da autora sobre a transferência e a aliança pessoa real, com as imagos sobre ele transferidas.

terapêutica, que se inicia com o trabalho de 1956 (apre-Nos dois primeiros congressos pan-americanos, a sentado, um ano antes, no Congresso de Genebra) e des-doutora Zetzel havia exposto de forma clara seus critérios dobra-se em seus relatos aos três congressos pan-america-de analisabilidade. Seu trabalho "The analytic situation"

nos de psicanálise, ocorridos no México (1964), em Buenos (1964), apresentado no primeiro desses certames (Méxi-Aires (1966) e em Nova York (1969). Neste, que foi infe-co, 1964) e publicado dois anos depois,¹ consigna as fun-lizmente o último da série, pude discutir com ela a primei-

ções básicas para desenvolver a aliança terapêutica, a saber: ra sessão de análise (Etchegoyen, 1969).

Embora o trabalho da doutora Zetzel em Copenha-1. a capacidade de manter a confiança básica em gue refira-se exclusivamente à histeria feminina, ele se ausência de uma gratificação imediata;

assenta em critérios que marcam os limites da analisabi-2. a capacidade de manter a discriminação entre lidade em geral (Zetzel, 1968).

o objeto e o self em ausência do objeto necessi-O ponto de partida de Zetzel é que as relações de tado;

objeto estabelecem-se, antes da situação edípica e são de 3. a capacidade potencial de admitir as limitações natureza diádica. Na etapa pré-edípica do desenvolvimen-da realidade (p. 92).

to, a criança estabelece uma relação objetal bipessoal com a mãe e com o pai, que são independentes entre si. Consolidar esse tipo de vínculo é um requisito indispensável para A BOA HISTÉRICA

que se possa enfrentar depois a relação triangular do complexo de Édipo. O que falta, por definição, no neurótico é Sobre essas bases, Elizabeth R. Zetzel sustenta que, justamente a relação edípica, que é a que se alcança por embora a histeria seja por excelência a neurose da etapa via regressiva na análise como neurose de transferência.

Porque, para Zetzel (assim como para Goodman), a neurose de transferência reproduz o complexo de Édipo, enquanto a aliança terapêutica é pré-genital e diádica (1966, p. 79).

1 R. E. Litman (1966).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 33

genital (ou, melhor dito, fálica), muitas vezes a genita-conseguir discriminar entre a aliança de trabalho e a neu-lidade é apenas uma fachada por trás da qual o analista rose de transferência A etapa final da análise leva a sérios descobrirá fortes fixações pré-genitais que tornarão seu problemas, cuja conseqüência é a análise interminável.

trabalho extremamente difícil, quando não de todo in-O grupo 4 compreende a mais típica e irredimível so frutífero.

called good hysteric. No entanto, quadros floridos, com Com humor, a doutora Zetzel recorda uma canção marcados traços de aparência genital, demonstram no tra-infantil inglesa – a da menina que, quando é boa, é muito, tamento uma notória incapacidade para reconhecer e tomas muito boa; porém, quando é má, é terrível – para lerar uma situação triangular autêntica. A transferência diferenciar as mulheres históricas justamente nessas duas assume precocemente, com freqüência, um tom de inten-categorias, boa (analisável) e má (inanalísável).

sa sexualização, que se apóia em um desejo tenaz de obter Na realidade, Zetzel distingue quatro formas clínicas uma satisfação real.² Incapazes de distinguir a realidade de histeria feminina quanto à analisabilidade.

interna da externa, essas históricas tornam impossível a O grupo 1 corresponde à boa histórica, a verdadeira aliança terapêutica, base para que se instaure uma neuro-histórica, que se apresenta pronta para a análise. Trata-se, se de transferência analisável. Apesar da aparência, ape-em geral, de uma mulher jovem, que passou nitidamente sar do erotismo manifesto, a estrutura é pseudo-edípica e sua adolescência e completou seus estudos. É virgem ou pseudogenital. São pacientes que tendem a desenvolver teve uma vida sexual insatisfatória, sem ser frígida. Se se prematuramente uma intensa transferência erotizada, já casou, não pôde responder completamente em sua vida desde as entrevistas frente a frente, observação que tere-de casal, ao passo que, em outras esferas, pode mostrar mos de considerar quando discutirmos o conceito de reconquistas muito positivas (acadêmicas,

por exemplo).

gressão terapêutica. A história dessas pessoas revela alte-Essas mulheres decidem-se pela análise quando compre-rações importantes nos anos infantis, como ausência ou endem, de imediato, que suas dificuldades estão dentro perda de um dos pais ou de ambos nos primeiros quatro delas mesmas, e não fora. A análise mostra que a situação anos da vida, pais gravemente doentes, com um casamen-edípica estabeleceu-se, mas não pôde resolver-se, muitas to infeliz, doença física prolongada na infância ou ausên-vezes por obstáculos externos reais, como a perda ou a cia de relações objetais significativas com adultos de am-separação dos pais no auge da situação edípica.

bos os sexos.

O grupo 2 é o da boa histérica potencial. Trata-se de um grupo clínico mais variado que o anterior, com sintomas díspares. São mulheres, em geral, um pouco mais jo-O OBSESSIVO ANALISÁVEL

vens do que as do primeiro grupo e sempre mais imaturas.

As defesas obsessivas egossintônicas, que prestam unidade Quando o tema da analisabilidade volta a ser proe fortaleza às mulheres do grupo anterior, não se estrutu-posto no livro póstumo de Elizabeth R. Zetzel,³ publicado raram satisfatoriamente nesse grupo, de modo que há tra-em colaboração com Meissner, confirmam-se e precisam-

ços passivos na personalidade e menos conquistas acadê-

se seus pontos de vista anteriores. No Capítulo 14 desse micas ou profissionais. O problema maior desse grupo livro, Zetzel volta a propor sua teoria sobre a analisabi-quanto à análise é o período de começo, no qual podem lidade da histeria, mas acrescenta considerações interes-sobrevir regressões intensas, que impedem estabelecer a santes sobre a analisabilidade da neurose obsessiva.

aliança de trabalho, ou uma fuga para a saúde que leve a Em primeiro lugar, nossa autora sustenta que o neu-uma interrupção brusca. Se esses riscos forem evitados, o rótico obsessivo analisável não apresenta dificuldades para processo analítico se desenvolverá sem maiores inconve-entrar na situação analítica, mas sim para desenvolver uma nientes e a fase terminal poderá ser resolvida de forma neurose de transferência franca e analisável durante o pri-satisfatória.

meiro período de análise. Os pacientes histéricos, ao conO grupo 3 já

pertence à so called good hysteric e só trário, desenvolvem com facilidade e rapidez uma franca pode ser analisável por meio de um tratamento longo e neurose de transferência, porém custa-lhes estabelecer a difícil. Trata-se de caracteropatias depressivas que nunca situação analítica (aliança terapêutica). Em outras pala-puderam mobilizar seus recursos ou reservas diante de cada vras, a neurose obsessiva tem dificuldades com o processo crise vital que tiveram de enfrentar. À sua baixa auto-esti-analítico e a histeria com a situação analítica.

ma soma-se o rechaço de sua feminilidade, a passividade O que é decisivo para determinar a analisabilidade e o desvalimento. Apesar dessas dificuldades, são mulhe-dos pacientes obsessivos é que sejam capazes de tolerar a res atraentes e com inegáveis méritos, que encobrem sua regressão instintiva, para que se constitua a neurose de estrutura depressiva com defesas históricas organizadas transferência, sem que por isso a aliança terapêutica so-em torno da sedução e do encanto pessoal. Geralmente, consultam mais tarde que os grupos anteriores, já derro-tadas e com um considerável menosprezo por suas fun-

ções egóicas. Se essas pacientes entram em análise, mos-2 Essa configuração singular será estudada com detalhe no Capí-

tram logo sua estrutura depressiva, com uma forte depen-tulo 12.

dência e passividade frente ao analista O processo analíti-3 A doutora Zetzel morreu no final de 1970, aos 63 anos. O livro co torna-se difícil de manejar, enquanto a paciente não foi publicado em 1974.

34 R. HORACIO ETCHEGOYEN

fra. Ou seja, o obsessivo tem de poder tolerar o conflito prudente e válido para medir as dificuldades dos casos pulsional entre amor e ódio da neurose de transferência, que não se conformam às exigências maiores do método, distinguindo-o da relação analítica.

não há por que nos restringirmos operativamente.

Assim como os sintomas históricos não são uma pro-O maior inconveniente do conceito de analisabilidade va suficiente de analisabilidade, tampouco podemos basear reside, em meu entender, em que é inflexível. Não deve-nossa indicação terapêutica na presença de sintomas ob-mos deixar de lado que, na realidade, não há casos puros.

sessivos. O paciente obsessivo analisável mostra sempre Se aplicássemos com rigor os critérios de Zetzel, ficariaque conseguiu estabelecer uma genuína relação indepen-mos logo sem pacientes, porque mesmo a melhor de suas dente (diádica) com cada pai e que seus problemas deri-histéricas passará, em algum momento, por situações vam do conflito triangular edípico irresolvido. Quando as psicóticas. Por outro lado, e em coincidência com o anteri-formações reativas e, em geral, as defesas obsessivas apa-or, a capacidade de diferenciar a realidade externa da rea-receram antes da situação edípica genital, então o pacien-lidade psíquica, por exemplo, não é uma conquista que se te será obsessivo, mas não analisável. Se essas defesas es-dê em termos absolutos e de uma vez por todas: varia de tabeleceram-se prematuramente, “pode ser impossível es-pessoa para pessoa, em cada momento da vida, frente a tabelecer uma aliança terapêutica que seja suficientemente cada situação de ansiedade. De fato, aumenta com o de-segura e que facilite a anulação das defesas relativamente senvolvimento, com o crescimento mental, e é função prin-rígidas que se mantêm com intensa carga” (1974, p. 277-cipal da análise promovê-la. Como nunca está totalmente 278 da tradução castelhana).

ausente, mesmo no paciente mais perturbado, o analista sempre terá o direito de pensar que, com seu método, poderá ir reforçando-a e enriquecendo-a. Apesar de essa con

COMENTÁRIOS E CRÍTICAS AO
fiança em seu instrumento de trabalho e na capacidade de CONCEITO DE ANALISABILIDADE

desenvolvimento do paciente poder conduzi-lo, mais de uma vez, pelo perigoso caminho da onipotência terapêutiO critério de analisabilidade procura precisar as in-ca, não é menos certo que os inflexíveis critérios de dicações e contra-indicações da análise que estão além das analisabilidade antes expostos podem operar como arte-categorias diagnósticas. O movimento concêntrico que li-fato nas entrevistas que deverão sustentar a indicação. Por mita as indicações da psicanálise estritamente às neuro-pouco que o paciente perceba que está sendo examinado ses, como proclama Guttman ao abrir o Simpósio de Co-para determinar se será aceito ou rechaçado (com tudo o penhague, vai agora um passo adiante e afirma que, apeque isso significa para o inconsciente), é provável que ten-sar de todos os neuróticos serem potencialmente capazes te adaptar-se ao que se espera dele, com o que pode viciar de estabelecer uma neurose de transferência, nem todos a relação de início. O perigo de um contrato implícito, em podem, de fato, conseguir isso. Apenas alguns deles reú-

que o paciente e o analista acordam que os aspectos nem as condições para que o tratamento psicanalítico possa psicóticos não serão considerados, é uma possibilidade desenvolver-se normalmente. Ao estudar a histeria femi-certa, sobretudo no analista principiante. E mesmo o ana-nina, como já vimos, Elizabeth R. Zetzel distingue quatro lista mais experimentado não poderá jamais eludir a realidade dos grupos e conclui que apenas os dois primeiros são realidade de uma prova que de fato pesará em sua contratrans-mente analisáveis.

ferência e na atitude do paciente, que, de alguma maneira-O critério de analisabilidade que Zetzel expõe está aí, tem de percebê-lo. O conceito de analisabilidade nega sustentado na teoria das funções autônomas do ego; e, ao paciente o benefício da dúvida, e este é, com certeza, por isso, não é de se estranhar que outros autores não o seu calcanhar-de-Aquiles.

admitam. Ao que parece, não o compartilham totalmente. Em resumo, utilizo os critérios de analisabilidade dos autores dessa mesma linha de pensamento, como Leo grande analista de Boston para estabelecer um prognóstico-Stone, Edith Jacobson e a própria Anna Freud. Por outro lado, mas não para selecionar meus pacientes.

lado, autores de diferentes escolas na França, na Inglaterra e na América do Sul pensam que o método psicanalítico é aplicável a outros tipos de pacientes, além dos que esta-O CONCEITO DE ACESSIBILIDADE

belecem uma neurose de transferência; embora seja mais difícil, também podem ser analisados os aspectos psicóticos. O conceito de analisabilidade expõe a forma de en-farmacotímicos, perversos ou psicopáticos da transferência a praxis analítica de muitos, mas não todos, psicó-

cia. Com um suporte teórico distinto, aqueles que admitam os logos do ego. Trata-se de uma tomada de posição clínica tem a relação de objeto desde o começo da vida não se fundamentada nas teorias clássicas da psicanálise. Pode-se sentir inabilitados para analisar o desenvolvimento pré-

mos, neste momento, contrapô-lo ao conceito de acessibilidade-edípico e consideram que o trabalho analítico pode ir além da realidade de uma figura bastante representativa da escola mitando gradualmente as duas áreas que os psicólogos do kleiniana. Esse conceito deve-se a Betty Joseph, que o pro-ego reclamam e que existem de fato sempre, mesmo nos pôs em seu artigo de 1975. Embora a intenção de Betty casos mais

perturbados.

Joseph não seja a de oferecer uma alternativa ao conceito O conceito de analisabilidade da psicologia do ego é, de analisabilidade, creio que, ao estudá-los simultanea-mente, discutível do ponto de vista teórico. Apesar de ser mente e ao contrapô-los, respondo às grandes linhas teó-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 35

ricas que subjazem às idéias que estamos discutindo. A Desse modo, o analista fica identificado com uma parte primeira coisa que Betty Joseph assinala é que a acessibi-do self do paciente, em vez de analisá-la.

lidade não depende do tipo nosográfico, e sim da persona-O conceito de acessibilidade, em conclusão, surge do lidade profunda do paciente. Essa autora não diz que há trabalho analítico e propõe-se a descobrir as razões pelas duas classes de pacientes, acessíveis e inacessíveis, mas quais um paciente torna-se inacessível ou quase inacessível-

que há pacientes mais difíceis de alcançar do que outros, e vel ao tratamento psicanalítico, pensando que o fenômeno-procura estudar em que consiste essa dificuldade. Disso no deve ser explicado em termos do narcisismo e de tipos decorre que a acessibilidade só pode estabelecer-se com a especiais de dissociação. Todavia, não é útil para predizer própria marcha da análise; a analisabilidade, ao contrá-

o que acontecerá no decorrer do tratamento, ao que tam-rio, aspira a detectar a situação previamente, efetuando a bém não se propõe, diferentemente dos critérios de classificação dos futuros analisandos.

analisabilidade.

O paciente de difícil acesso que Betty Joseph descreve não corresponde a uma categoria diagnóstica peculiar, se bem que a autora vincule sua investigação com a perso-O PAR ANALÍTICO

nalidade como se, de Helene Deutsch (1942), o falso self, de Winnicott (1960a), a pseudomaturidade, de Meltzer O último tema que discutiremos é muito apaixonante: (1966), e os pacientes narcisistas, de Rosenfeld (1964b).

o problema do par analítico. Analistas de diversas escolas Trata-se, antes, de um tipo especial de dissociação, pela acreditam firmemente que a situação analítica, enquanto qual uma parte do paciente – a

parte “paciente” do pacien-encontro de duas personalidades, fica, de alguma manei-te, como diz a autora – fica mediatizada por outra, que se ra, determinada por isso, por esse encontro, pelo par; ou-apresenta como colaboradora do analista. Entretanto, essa tros, ao contrário, e eu entre eles, não acreditam nisso e parte que aparentemente colabora não constitui, na ver-pensam que esse conceito não é convincente.

dade, uma aliança terapêutica com o analista, mas, ao conO conceito de analisabilidade, já o vimos, é algo que trário, opera como um fator hostil à verdadeira aliança.⁴

se refere especificamente ao paciente; porém, como aca-Parecem colaborar, falam e discutem de maneira adulta, bamos de ver, em última instância pode também compre-porém vinculam-se como um aliado falso, que fala com o ender o analista. O conceito de acessibilidade é mais vin-analista do paciente que ele mesmo é. O problema técnico cular: seria difícil dizer que um paciente não é acessível consiste em chegar a essa parte necessitada que permane-per se; é mais lógico dizer que, na prática, o paciente não o ce bloqueada pela outra, a pseudocolaboradora.

foi para mim e, portanto, que estou envolvido em seu fra-O que surge, nesses casos, como associação livre é casso. Entretanto, ao menos como o entendo, o conceito simplesmente um acting out que procura guiar o analista, de par analítico, quanto à indicação, vai muito além dessa quando não o leva a “interpretar” o que o paciente quer; responsabilidade compartilhada, porque ninguém pode-outras vezes, uma interpretação verdadeira é utilizada para ria discutir que, em uma empresa como a análise, o bom outros fins, para saber as opiniões do analista, para rece-ou o mau resultado pertence a ambos os integrantes. O

ber seu conselho ou aprender dele. O analisando entende mesmo se diz, e com igual razão, do matrimônio.

mal as interpretações do analista, tomando-as fora de conO que discutiremos é algo mais específico: se real-texto ou parcialmente.

mente determinado paciente responderá melhor a um Em outras ocasiões, a parte do ego com a qual deve-analista do que a outro ou, o que é o mesmo, se um analis-mos estabelecer contato torna-se inacessível, porque se ta pode tratar melhor alguns pacientes do que outros. Ape-projeta em um objeto, que pode ser o próprio analista. O

nas se isso for certo, o conceito de par analítico sustenta-se.

resultado é que o analisando permanece extremamente Entre nós, Liberman e os Baranger declaram-se par-passivo e o analista, se ceder à pressão daquilo que se pro-tidários do conceito de par analítico, embora com suporte jetou nele, assume um papel ativo e sente o desejo de ob-teórico diferente, e nos Estados Unidos o apoiou resoluta-ter algo, o que não é mais que um acting out contratrans-mente Maxwell Gitelson (1952).

ferencial.

Liberman parte de suas idéias sobre os estilos lingüís-Ao longo de todo o seu trabalho, Joseph insiste na ticos complementares. A psicopatia está para a neurose necessidade de tratar o material mais do ponto de vista da obsessiva, por exemplo, assim como a linguagem de ação forma com que surge que do conteúdo, para esclarecer (estilo épico) está para a linguagem reflexiva (estilo nar-quais foram as partes do ego desaparecidas e onde se deve rativo).⁵ O tratamento de uma neurose obsessiva começa ir buscá-las. As interpretações de conteúdo são as que mais a ter sucesso quando o indivíduo pode apelar mais para a se prestam a que o paciente entenda mal, muitas vezes linguagem de ação; e, vice-versa, uma psicopatia começa porque há nelas um erro técnico do analista, isto é, um a se modificar quando o paciente pode refletir, quando acting out daquilo que o paciente projetou nele e que o analista não soube conter adequadamente dentro de si.

5 “Os dados iniciais da base empírica” (Cap VI, v.2, 1970-1972) e

“Pacientes com perturbações, psicoses maníaco-depressivas e 4 Compare-se com a pseudo-aliança terapêutica de Rabih (1981).

esquizofrenias” (Cap. VII).

36 R. HORACIO ETCHEGOYEN

começa a se dar conta, de repente, de que agora tem “inimos sentir à primeira vista por um analisando, mas de bições” e tem de pensar.⁶

processos muito mais complicados” (p. 141).

Entendo que Liberman fala de estilos complementa-Essa posição é bem clara, porém não é acompanhares mais do que no aspecto psicopatológico, no instrumen-da de uma explicação satisfatória sobre esses processos tal: para interpretar um obsessivo, deve-se instrumentar

“muito mais complicados”, pois poderia ser que a comple-uma linguagem de ação, uma linguagem de conquistas, xidade tivesse a ver com as sutilezas da análise, que põem como Bion gosta de dizer; e, vice-versa, uma boa interpre-o analista sempre à prova, e não especificamente com a tação para um psicopata é simplesmente detalhar para ele, interação. Teríamos que demonstrá-lo e, enquanto espera-de forma ordenada, o que fez, mostrando-lhe as seqüên-mos essa demonstração, podemos continuar pensando que cias e conseqüências de sua ação. O que não parece uma o melhor analista é o que melhor se protege das armadi-interpretação é a interpretação mais cabal para esse caso.

lhas contínuas e imprevisíveis do processo analítico, o que A teoria dos estilos complementares de Liberman é melhor desarma os baluartes.

uma contribuição valiosa para a técnica e para a psicopato-Partindo de pressupostos teóricos diferentes, Gitelson logia; porém, instrumentar operacionalmente as diferen-também é um decidido partidário da importância do par tes qualidades egóicas não quer dizer, sem mais, que exis-analítico, como se pode ver em seu trabalho de 1952, já ta o par. O que torna o analista eficaz é formar o par que recordado. Esse ensaio é, antes de tudo, um estudo da corresponde e, para isso, como dizem Liberman e colabo-contratransferência, com muitas reflexões sobre a concor-radores (1969), o analista deve ter um ego idealmente dância entre analista e paciente, sobretudo no começo da plástico. Por esse caminho, em meu entender, a idéia do análise. Seguindo, como Rappaport (1956), a inspiração par mais se refuta do que se confirma, pois ocorre que, de Blitzsten, Gitelson ocupa-se do significado que pode quanto mais riquezas tonais tiver um analista em sua perter, para o processo analítico, o aparecimento do analista sonalidade, melhor analista será. Quanto mais alguém ti-em pessoa no primeiro sonho do analisando, e uma das ver essa plasticidade, melhor poderá formar o par que conseqüências que deriva dessa circunstância é que, às corresponda às notas que faltam ao paciente. Em conse-vezes, corresponde a uma mudança de analista. Nesse caso, qüência, nesse sentido, o bom par é sempre formado pelo o conceito de par analítico sustenta-se em uma configura-melhor analista.

ção peculiar do fenômeno de transferência e contratrans-O que dizem os Baranger (1961-1962, 1964), na referência.7

alidade, é diferente. Eles partem da teoria do campo e do Poder-se-ia pensar que a idéia de reverie, de Bion baluarte. O campo é basicamente uma situação nova, a-

(1962b), apóia o conceito de par analítico. O que Bion histórica, percorrida por linhas de força que partem tanto postula é uma capacidade de ressonância com o que o de um dos componentes quanto do outro. Em um dado paciente projeta, mas isso não tem por que depender de momento, o campo cristaliza-se em torno de um baluarte, determinados registros, e sim de uma capacidade global e isso implica que o analista é mais sensível a determinada personalidade. O analista recebe mais o paciente quando das situações. A teoria do baluarte supõe que o analista tem mais reverie; em outras palavras, quanto melhor contribui sempre para a sua criação, já que o baluarte é analista. O que põe um limite à nossa tarefa é a capacidade de um fenômeno de campo. Apesar de que o paciente o conside de entender; no entanto, essa capacidade não é neutra, o baluarte está sempre ligado às limitações do analisado necessariamente específica, não está provado que se refira a tal. O par fracassa pelo que um fez e pelo que o outro não é um determinado tipo de paciente. Pode-se pensar válida-pode resolver.

mente que é, antes, uma maneira geral de funcionar do Em “A situação analítica como campo dinâmico”

analista. Esses argumentos convêm, todavia, mais à idéia (1961-1962), os Baranger definem claramente o que é o holding, de Winnicott (1955), que se apresenta claramente por campo bipessoal da situação analítica e afirmamente como uma condição que não depende em especial de quem que é um campo de par que se estrutura sobre a base do paciente. O conceito de holding, em meu entender, sugere uma fantasia inconsciente, a qual não pertence somente ao par do que o de reverie.

te ao analisando, mas a ambos. O analista não pode ser Há outras razões para descrever o par. Na realidade, a espelho, ainda mais pelo fato de que um espelho não inter-função analítica é muito complexa e, mais cedo ou mais tarde (1969, p. 140).

tarde, o analisando sempre encontra o calcanhar-de-Aquiles Não se trata meramente de entender a fantasia básica do analista. Este, finalmente, terá de travar a batalha nos casos do analisando, e sim de aceder a algo que se constrói em piores lugares, porque ali se propõe aquele, e sairá airoso em uma relação de par. “Isso implica, naturalmente, uma medida que possa superar suas dificuldades pessoais e posição de muita renúncia à onipotência por parte do analisando suas limitações técnicas e teóricas. Como diz Liberman analisando, ou seja, uma limitação maior ou menor das pes-

(1972), o paciente retroalimenta não apenas os acertos soas a quem podemos analisar. Não é preciso dizer que do analista, mas também seus erros, de modo que, cedo não se trata da ‘simpatia’ ou ‘antipatia’ possível que possa-ou tarde, a dificuldade aparecerá. Se não gosto de tratar 6 Pude seguir passo a passo esse processo fascinante em um psi-7 Voltarei às idéias de Gitelson ao falar do amor de transferência copata que tratei há anos (Etchegoyen, 1960).

e nos capítulos sobre contratransferência.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 37

neuróticos obsessivos porque os considero aborrecidos ou expôs, estava a de que sou basco, como ela. Pareceu-me carentes de imaginação, simpatia ou espontaneidade, ao uma razão atendível e simpática e, na realidade, lamentei final de um certo tempo todos os meus pacientes terão não ter hora para satisfazê-la. Não creio, porém, que por traços obsessivos, justamente porque não soube resolvê-

essa razão teríamos formado um par melhor.

los. Ou, pior ainda, todos os meus pacientes serão histéri-A idéia do par analítico leva, às vezes, a um tipo de cos sedutores ou psicopatas divertidos que reprimiram a seleção singular. Que um homossexual latente ou mani-neurose obsessiva presente em cada um deles. Além de festo prefira um analista de seu sexo ou do sexo oposto, meu paciente reprimir ou reforçar esses traços, creio que ou que um homem invejoso recuse tratar-se com um ana-sobrevém uma espécie de “seleção natural”: se analiso bem lista de prestígio, são problemas que devem ser resolvidos os traços histéricos, os esquizóides e os perversos, mas des-dentro da análise, e não antes, buscando um analista que cuido dos obsessivos, esses sintomas serão cada vez mais

“faça o jogo”. Porque a teoria que estamos discutindo ba-prevalentes. Lembro-me de um distinto colega, que me seia-se em buscar um analista que seja adequado à perso-consultou certa vez porque muitos de seus pacientes ti-nalidade do paciente.

nham fantasias de suicídio. Estudando o material de seus Temos discutido isso teoricamente; todavia, deve ser pacientes, cheguei à conclusão de que ele não os analisa-acrescentada uma objeção prática importante: não é fácil va bem nesse ponto, em agudo contraste com seu bom dar-se conta, em uma ou duas entrevistas, da personalidade de trabalho. Disse-me, então, que tentava não tomar de profunda do futuro paciente. Como dizia Hamlet, e pacientes com tendências

suicidas, pois seu irmão mais Freud recorda-nos, não é fácil tanger o instrumento aními-velho tinha-se suicidado quando ele era adolescente. Quan-co. Inclino-me a pensar que muitas dessas seleções são do comecei minha prática, temia o amor de transferência, feitas sobre bases frágeis e pouco científicas, às vezes até e todas as pacientes apaixonavam-se por mim.

demasiadamente simplistas.

A experiência tende a mostrar que os pacientes que É diferente se o paciente o pedir. Se vem um pacien-fracassam com um analista voltam a propor os mesmos te e me diz que quer analisar-se com um analista jovem ou problemas com outro, e depende da habilidade do novo velho, homem ou mulher, argentino ou europeu, tento fa-analista que o problema seja resolvido ou não. Algumas zer-lhe a vontade para não violentá-lo e para não acres-vezes se observa, é claro, que um paciente que fracassou centar outra resistência na fase de abertura de sua análi-com um analista ou com vários (e da mesma forma) evo-se, mas não penso que se constituirá, assim, um par me-lui favoravelmente com um novo. Deixando de lado a ido-lhor. Nesse caso, só se poderá constituir um bom par quan-neidade, deve-se aqui considerar vários elementos. Primei-do se analisar a fantasia inconsciente que motiva essa pre-ro, que a ou as análises anteriores podem ter promovido dileção. Não devemos esquecer que a análise é uma expe-determinadas mudanças positivas e, segundo, a possibili-riência profunda e singular, que nada tem de convencio-dade de alguma situação específica. Se uma pessoa é o nal. Um colega eminente, um psiquiatra brilhante, man-quarto filho, talvez somente na quarta análise manifeste-dou-me certa vez uma moça homossexual, convencido de se um funcionamento melhor. De maneira que o paciente que precisava de um analista varão. O epicentro de minha não é o mesmo e a situação pode ser outra.

relação com a paciente, entretanto, foi a transferência materna. O pai só apareceu com força no final do tratamento, quando o complexo de Édipo direto atingiu sua plena PAR ANALÍTICO E PREDILEÇÕES

intensidade; a perversão havia diminuído muito antes.

Pode-se assegurar que, quanto mais exigências o pa-Não se deve confundir o problema do par analítico ciente tiver para escolher seu analista, mais difícil será sua com as predileções que se pode ter por determinados casos análise, porém isso é algo que depende de sua psicopa-ou doenças. Essa disposição é sadia e razoável e não tem a tologia, e não do par. Uma mulher que se encontrava um ver com a

contratransferência. Que um analista escolha pouco além da crise da meia-idade veio pedir-me que a tratar um caso da doença que está estudando, isso nada analisasse, porque amigos comuns haviam-lhe falado bem tem de particular. Se me fosse oferecida a oportunidade de mim. Disse-lhe que não tinha hora, mas que poderia de tratar um perverso fetichista, provavelmente o tomaria indicar-lhe outro colega. Aceitou, em princípio, mas ad-com fins de investigação; contudo, não creio que isso fos-vertiu-me que queria analisar-se com um analista homem se pesar especificamente em minha contratransferência, que não fosse judeu. Encaminhei-a a um colega de primei-nem que formaria com ele um par melhor do que com ra linha de família italiana, mas ela não quis saber disso.

outro analisando. Foram dadas, simplesmente, condições Não podia compreender que a tivesse mandado para esse nas quais há um legítimo interesse consciente, e falo de analista que era um desastre, que não se dava conta de interesse consciente para destacar que esse tipo de esco-nada. Acrescentou que tinha pensado novamente e que lha é racional. O interesse que um caso pode despertar, o havia decidido não se analisar. Um tempo depois, veio di-entusiasmo inclusive, pesam de fato no andamento de uma zer-me que havia decidido de novo analisar-se, mas seria análise, mas de uma forma mais racional e menos especí-

comigo e esperaria o tempo necessário. Compreendi a grafica do que a teoria do par analítico supõe. Há algum tem-vidade de seu estado e decidi encarregar-me disso. Contra po, veio ver-me uma colega jovem que me disse que que-minhas próprias suposições (ou preconceitos), essa mu-ria fazer comigo sua análise didática. Entre as razões que lher fez, no início, uma excelente análise, a qual refutou

38 R. HORACIO ETCHEGOYEN

todas as minhas hipóteses. Em sua história, havia uma sé-

que é o paciente na realidade, exigirão de nós que seja-ria tentativa de suicídio, e era uma paciente realmente mos todos os analistas possíveis: esta é, talvez, a maior muito grave; contudo, o fato de que tinha escolhido seu objeção que faço à idéia do par analítico.

analista e de que este lhe respondera parecia ter facilitado Em resumo, estudamos não apenas a idéia do par a tarefa. Finalmente, quando eu pensava que a situação analítico, mas também fizemos sua crítica e vimos um ou-estava definitivamente estabilizada, interrompeu de um tro aspecto, o das predileções do paciente e do analista dia para outro

e, portanto, fez com que me equivocasse que, à maneira das afinidades eletivas de Goethe, deve ser duas vezes, e não uma!

levado em conta. No entanto, isso não tem a ver com o Quando se toma um paciente, deve-se pensar que se diálogo analítico, e sim com a situação convencional que a tomam muitos pacientes e que esses “muitos pacientes”, análise começa sendo e logo deixa de ser.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 39

4

A Entrevista Psicanalítica:

Estrutura e Objetivos

Creio que seguimos, até este momento, um curso No entanto, essa definição – que é a mais estrita e, natural no desenvolvimento de nossos temas: começamos por conseguinte, a mais precisa – sofre pela falha de ser, por definir a psicanálise, depois nos ocupamos de suas injustamente, um pouco estreita. Por esse motivo, muitas dicas e agora nos cabe estudar o instrumento para autores, seguindo Harry Stack Sullivan, preferem falar de estabelecê-las, a entrevista. Vamos seguir de perto o traba-entrevista psiquiátrica, que tem um sentido mais amplo.³

lho de Bleger (1971), claro e preciso, verdadeiro modelo De qualquer maneira, o adjetivo cria problemas, já que a de investigação.¹

entrevista pode terminar com o conselho de que não é o caso de se empreender um tratamento psicanalítico ou psiquiátrico. Por isso, Bleger inclina-se por entrevista psicoló-

DELIMITAÇÃO DO CONCEITO

gica, acentuando que o objetivo é fazer um diagnóstico psicológico, que sua finalidade é avaliar a psique (ou a O termo entrevista é muito amplo: tudo o que seja personalidade) do entrevistado, independentemente de uma “visão” entre duas (ou mais) pessoas pode ser cha-que esteja sadio ou doente.

mado de entrevista.² Parece, entretanto, que a denomina-Apesar de ser certo, então, que entendemos por en-

ção é reservada para algum encontro de tipo especial, não entrevista psicanalítica a que tem como principal objetivo para contatos

regulares. “Vista, concorrência e conferên-decidir sobre a procedência de um tratamento psicanalíti-cia de duas ou mais pessoas em lugar determinado, para co, reservamo-nos uma categoria de escolha mais ampla.

tratar ou resolver um negócio”, diz o Diccionario de la De modo que não nos limitaremos a dizer ao entrevistado lengua española de la Real Academia (1956). Essa vista, que deve analisar-se ou que não deve fazê-lo porque, nes-pois, tem por finalidade discutir ou esclarecer alguma ta-te último caso, é provável que ofereçamos alguma alter-refa concreta, entre pessoas determinadas que respeitam nativa, como outro tipo de psicoterapia ou um tratamento certas constantes de lugar e de tempo. Uma entrevista farmacológico; então, a entrevista que começou como ana-jornalística, por exemplo, consiste em que um repórter vá lítica termina sendo psiquiátrica.

ver uma pessoa, digamos um político, para angariar suas Do ponto de vista particular que estamos conside-opiniões a respeito de um tema da atualidade. Nesse sen-rando, o melhor título para este item talvez pudesse ser, tido, é necessário delimitar a que entrevista nos referire-simplesmente, “A entrevista”, sem adjetivos.

mos neste item do livro.

Essas precisões são pertinentes; porém, deve-se assi-Como diz o título, nós nos ocuparemos da entrevista nalar que qualificam a entrevista por seus objetivos, e não psicanalítica, entendendo por isso a que se faz antes de por sua técnica ou por quem a realiza. Com esse outro empreender um tratamento psicanalítico. Sua finalidade enfoque, poderemos dizer validamente que uma entrevis-

é decidir se a pessoa que consulta deve realizar um trata-ta é psicanalítica quando é realizada com os métodos da mento psicanalítico, o que depende do que já estudamos, psicanálise e (se quisermos ser mais formais) quando é as indicações e contra-indicações.

realizada por um psicanalista.

1 O trabalho de Bleger foi publicado em 1964 pelo Departamen-to de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universi-3 Harry Stack Sullivan, sem dúvida um dos maiores psiquiatras dade de Buenos Aires, onde Bleger foi eminente professor, e de-do século XX, formou com Karen Horney e Erich Fromm a neopsi-pois passou a integrar, em 1971, o livro Temas de psicologia, publicanálise dos anos

de 1930. Seu livro perdurável, A entrevista cado pouco antes de sua lamentada morte.

psiquiátrica, foi publicado postumamente em 1954, sob o patro-2 Para simplificar a exposição, referimo-nos à entrevista mais sim-cínio da Fundação Psiquiátrica William Alanson White, tomando ples, que ocorre entre um entrevistado e um entrevistador, sem por base as conferências proferidas por Sullivan em 1944 e 1945, desconhecer que o número pode variar nos dois pólos.

com alguns acréscimos de suas aulas de 1946 e 1947.

40 R. HORACIO ETCHEGOYEN

CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS

que o beneficiário da entrevista é o paciente potencial que consulta, porém há outras alternativas, como quando a Acabamos de ver que a entrevista é uma tarefa que entrevista é feita em benefício do entrevistador, que está pode ser entendida por seus objetivos ou por seu método.

realizando um trabalho de investigação científica, ou de Como qualquer outra relação humana, a entrevista terceiros, como quando se seleciona o pessoal de uma pode ser definida a partir da tarefa a que se propõe, de empresa ou os candidatos de um instituto de psicanálise.

seus objetivos. Estes estão sempre presentes e, ainda que Conquanto essas finalidades possam combinar-se, e de fato não sejam explícitos, nem sejam reconhecidos fornão se excluam, o que qualifica a entrevista é seu objetivo malmente, pesam sobre, quando não decidem, o curso da primordial.

relação.

Outra característica da entrevista que, para Bleger, Os objetivos, por sua vez, são regidos por pautas, as tem valor definidor é a investigação: a entrevista é um quais sempre existem, embora não sejam reconhecidas.

instrumento que, ao mesmo tempo que aplica o conheci-Portanto, torna-se necessário definir sempre explicitamen-mento psicológico, serve também para colocá-lo à prova te as pautas no começo da entrevista, mesmo que se observe (1971, p. 9).

ou não alguma dúvida por parte da pessoa entrevistada.

Quando centra seu interesse na entrevista psicológi-Não menos importante é definir a entrevista ao co-ca, Bleger tem também o propósito de estudar a psicologo-meçar a estudá-la, porque, desse modo, esclarecem-se pro-gia da própria entrevista. “Fica dessa maneira limitado blemas que às vezes confundem. Digamos, para começar, nosso objetivo ao estudo da entrevista psicológica, não que os objetivos da entrevista são radicalmente diferentes apenas para assinalar algumas das regras práticas que pos-dos da psicoterapia, um ponto em que muitos autores, sibilitam seu emprego eficaz e correto, mas também para como Bleger (1971) e Liberman (1972), insistem com ra-desenvolver, em certa medida, o estudo psicológico da zão. Em

um caso, o objetivo é orientar uma pessoa para entrevista psicológica” (p. 9). Uma coisa são as regras com determinada atividade terapêutica; no outro, realiza-se o que se executa a entrevista (técnica), e outra são as teorias que antes se indicou. De maneira que a primeira condição em que se fundamentam essas regras (teoria da técnica).

é delimitar com rigor os fins da entrevista. Assim, poderemos dizer que somente será legítimo o que contribuir para consumir esses fins.

O CAMPO DA ENTREVISTA

Uma norma básica da entrevista, que em boa parte condiciona sua técnica, é a de facilitar ao entrevistado a A entrevista configura um campo, o que para Bleger livre expressão de seus processos mentais, o que nunca se significa que “entre os participantes estrutura-se uma rela-consegue em um enquadramento formal de perguntas e ção da qual depende tudo o que nela acontece” (p. 14). A respostas. Como diz Bleger, a relação que se procura esta-primeira regra – prossegue Bleger – consiste em fazer com belecer na entrevista é a que dá ao sujeito a maior liberda-que esse campo configure-se especialmente pelas variáveis de para se estender, para se mostrar como é. Disso decorre que dependem do entrevistado. Para que isso se cumpra, a que Bleger sublinhe a grande diferença entre anamnese, entrevista deve contar com um enquadre (setting), no qual interrogatório e entrevista. O interrogatório tem um obje-se juntam as constantes de tempo e lugar, o papel de ambos tivo mais simples, obter informação. A entrevista, ao conos participantes e os objetivos perseguidos.4

trário, pretende ver como funciona um indivíduo, e não Estudamos até agora, seguindo Bleger, as finalidades como diz que funciona. O que aprendemos com Freud é, (objetivos ou metas) da entrevista, seu marco e enquadre, justamente, que ninguém pode dar uma informação fide-e agora o campo em que se desenvolve a interação que digna de si mesmo. Se pudesse, seria dispensável a entre-conduz às metas.

vista. O interrogatório parte do pressuposto de que o en-Para Bleger, “campo” tem um sentido preciso, o de trevistado sabe ou, se quisermos ser mais equânimes, o um âmbito adequado para que o entrevistado faça seu jogo, interrogatório quer averiguar o que o entrevistado sabe, o o que se chama de “dar espaço” em nossa linguagem poque lhe é consciente. A entrevista psicológica parte, em pular. Para obtê-lo, o entrevistador tenta participar o me-troca, de outro pressuposto: quer indagar o que o entre-nos possível, de modo

que, quanto menos participar, me-vistado não sabe, de modo que, sem desqualificar o que lhe ficará o campo. Isso não significa, certamente, que ele possa dizer-nos, vai mais nos ilustrar o que possamos não participe ou pretenda ficar de fora, mas que deixe a observar no curso da interação promovida pela entrevista.

iniciativa para o outro, o entrevistado. Daí a feliz expressão A entrevista psicológica é, pois, uma tarefa com objetivos de Sullivan – que, por outro lado, é o criador da teoria e técnica determinados, que se propõe a orientar o da entrevista – de observador participante, de que tanto entrevistado quanto à sua saúde mental e ao tratamento gostava o mestre Pichon Riviére. Entendo por observador que melhor possa ser-lhe conveniente, se eventualmente participante aquele que mantém uma atitude que o faz ser lhe faz falta.

reconhecido no campo como um interlocutor que não pro-Assim delimitada, a entrevista psicológica persegue objetivos que se referem àquele que consulta, mas também pode abranger outras finalidades, se for outro o des-4 Mais adiante, veremos como essas idéias podem ser aplicadas a partir de seus resultados. É que estamos considerando ao tratamento psicanalítico.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 41

põe temas, nem faz sugestões, e frente ao qual o entrevistado pode ser outro senão o que é marcado por seu objetivo, tado deve reagir sem que lhe seja dado outro estímulo a isto é, colher informação do entrevistado para decidir se não ser o da presença, nem outra intenção senão a de se precisa de tratamento e qual é o de escolha. Pois bem, o var adiante a tarefa.

enquadre constitui-se quando algumas variáveis são fixas-Em resumo, o entrevistador participa e condiciona o das (arbitrariamente) como constantes. A partir desse fenômeno que observa e, como diz Bleger, com sua precisão e dessa decisão, configura-se o campo e a tarefa são característica, “a máxima objetividade que podemos tornar-se possível.

obter só é alcançada quando se incorpora o sujeito observado-No item anterior, dissemos que estão igualmente com o observador como uma das variáveis do campo” (p. 19).

prometidos na entrevista o entrevistado e o entrevistador Essa atitude é a mais conveniente para se alcançar os e agora devemos estudar as normas que regulam o funcionamento propostos, a que melhor nos permite

cumprir nossa namento de ambos. Devemos assinalar como deve proce-tarefa, que não é outra senão verificar se convém ou não a der o entrevistador, o qual já sabemos que participa da essa pessoa analisar-se ou, mais amplamente, se precisa entrevista, para estudar objetivamente seu entrevistado.

de ajuda psiquiátrica ou psicológica. Se nos envolvermos A idéia de objetividade inspira a psicologia, não menos além daquilo que é ditado pela nossa posição de observa-que as ciências físicas ou naturais, mas a partir de suas dor participante, seja perguntando demais (interrogató-

próprias pautas. O “instrumento” do psicanalista é sua men-rio), dando apoio, expressando simpatia manifesta, dante, de modo que, na entrevista, vamos investigar de que do opiniões ou falando de nós mesmos, iremos desvirtuar forma o entrevistado conduz-se frente a seus semelhan-o sentido da entrevista, convertendo-a em um diálogo fortes, sem perder de vista que somos nós mesmos o seme-mal, quando não em uma tosca conversação. Pode ocor-lhante com o qual essa pessoa tem de se relacionar.

rer, então, que ao tentar consolidar a relação com esses O enquadre da entrevista pressupõe fixar como cons-métodos paguemos um preço muito alto, mais alto do que tantes as variáveis de tempo e lugar, estipulando certas pensávamos. Deve-se prevenir os analistas principiantes, normas que delimitam os papéis de entrevistado e entrevis-antes, do contrário: uma atitude demasiadamente profis-tador, de acordo com a tarefa que se vai realizar. O ana-sional e hermética, que causa confusão, ansiedade e des-lisando deve saber que a entrevista tem a finalidade de contentamento no desorientado interlocutor.

responder a uma consulta sua sobre sua saúde mental e Todavia, a alternativa interrogatório ou entrevista não seus problemas, para ver se precisa de um tratamento es-deve ser considerada como um dilema inevitável, e é par-pecial e qual deve ser esse possível tratamento. Isso define te de nossa arte amalgamá-los e complementá-los. Para uma diferença na atitude de ambos os participantes, já isso, não há normas fixas – tudo depende das circunstânque um terá de mostrar abertamente o que lhe ocorre, o cias, do campo. Às vezes, pode ocorrer que uma pergunta que pensa e sente, enquanto o outro terá de lhe facilitar ajude o entrevistado a falar de algo importante, mas sem essa tarefa e avaliá-lo.

esquecer que é mais importante, porém, porque foi neces-Portanto, a

situação é assimétrica, o que surge necessária essa pergunta para que o sujeito pudesse falar.

sariamente da função de cada um, até o ponto em que não Sullivan insistiu muitíssimo nos processos de angús-

é preciso assinalá-lo sistematicamente. Uma atitude reser-tia que ocorrem na entrevista, tanto a partir do entrevista-vada, mas cordial, contida e continente, mas não distante, do quanto do entrevistador. A angústia do entrevistado faz parte do papel do entrevistador, que este conservará informa-nos, em primeira mão, sobre seus problemas; con-depois, durante todo o tratamento psicanalítico, se for rea-tudo, às vezes é necessário, como diria Meltzer (1967), lizado.

modular a ansiedade quando esta alcançou um ponto crí-

A entrevista sempre é realizada frente a frente, e o tico. Durante a entrevista, isso pode ser bastante perti-uso do divã está formalmente proscrito. Por isso, é preferí-

nente, porque a tarefa do entrevistador não é analisar a vel que os dois participantes sentem-se frente a uma mesa ansiedade, e então, às vezes, deve-se moderá-la para que ou, melhor ainda, em duas poltronas dispostas simetrica-se cumpra o objetivo perseguido.

mente em um ângulo tal que lhes permita olhar-se ou desCom respeito à angústia inicial da entrevista, convém viar o olhar de forma natural e confortável. Se não se dis-aceitá-la e não interferir nela, mas não se for o artefato de puser de outra comodidade, o entrevistado se sentará no uma atitude de excessiva reserva do entrevistador. Como divã e o entrevistador em sua poltrona de analista, o que dizia Menninger (1958), o entrevistado deu o primeiro pas-tem o inconveniente de sugerir o formato da sessão e não so ao vir, e é lógico (e humano) que o entrevistador dê o da entrevista.

seguinte, com uma pergunta (neutra e convencional) sobre Para iniciar a reunião, pode-se solicitar, de imediato, os motivos da consulta para quebrar o gelo.

os dados de identidade do entrevistado; depois se indicará a ele o tempo de duração da entrevista, a possibilidade de que não seja a única, e ele será convidado a falar. Cer-ENQUADRE DA ENTREVISTA

tamente, a entrevista não respeita a regra da associação livre, tal como na sessão psicanalítica.

Como veremos na quarta parte deste livro, o processo Pessoalmente, não sou em nada partidário de uma só psicanalítico só pode ocorrer em um determinado enquadramento ambíguo e rígido em relação aos usos culturais, quadro. A entrevista também tem seu enquadramento, que não na qual o entrevistador fica em silêncio, olhando inexpress-

42 R. HORACIO ETCHEGOYEN

sivamente para o entrevistado, que não sabe o que fazer.

então, nosso interesse, explícito ou implícito, na escolha Lembro-me sempre da experiência que um candidato (hoje dos tópicos pelo entrevistado.

prestigiado analista) contou-me em sua primeira entrevista-A experiência de Mandler e Kaplan vem justificar tal de admissão. Cumprimentou a analista didática que o convincentemente o que todos sabem: a importância que entrevistava e, com o nervosismo do caso, pediu permissão para ter na entrevista um gesto de aprovação, um olhar para fumar e acendeu um cigarro. Muda e com cara ou o mais leve sorriso, do mesmo modo que o “hum!” ou de pôquer, a entrevistadora olhava-o fixamente, enquanto outra interjeição do gênero. O mesmo se consegue com a ele percorria a sala com o olhar, buscando em vão um velho técnica de repetir de forma neutra ou levemente zero. Por fim, teve de se levantar, abrir discretamente a interrogativa as últimas palavras do entrevistado: janela e jogar o cigarro na rua. Uma atitude assim é bastante exagerada e opera simplesmente como artifício, não

“As dificuldades, parece-me, começaram ali”. (Silêncio como estímulo para se expressar. Faz-me lembrar daquela breve.)

anedota do professor de psiquiatria que, para demonstrar a

“Ali...”.

seus alunos do hospício a frieza afetiva característica dos

“Sim, ali, doutor. Porque foi então que...”⁵

esquizofrênicos, disse a um catatônico que sua mãe tinha morrido, e o rapaz desmaiou.

DA INTERPRETAÇÃO NA ENTREVISTA

TÉCNICA DA ENTREVISTA

Dissemos repetidamente que é necessário e conveniente discriminar entre a entrevista e a sessão de psico-Ao fixar os parâmetros nos quais se enquadra a en-terapia. Digamos agora que uma diferença notória entre trevista, estabelecemos, implicitamente, as bases de sua elas é que na entrevista não operamos com a interpretatécnica.

ção. Liberman é muito estrito, nesse ponto, e tem suas A maioria dos autores sustenta que a técnica da en-razões; também as têm os que não são tão estritos e, em trevista é própria e singular, diferente da técnica da sessão algumas circunstâncias, interpretam.

de psicanálise ou de psicoterapia. Não apenas os objetivos Liberman é severo a esse respeito porque entende de uma e de outra são diferentes, o que forçosamente reque o setting da entrevista não autoriza o emprego desse percutirá na técnica, mas também os instrumentos, já que instrumento e também porque quer destacar a entrevista não se propõe a associação livre e a interpretação é reser- como aquilo que ele chama de experiência contrastante, vada para situações especiais.

que justamente faça o sujeito compreender, quando se ana-Sem recorrer à associação livre, que de fato requer lisar, a diferença entre aquilo e isto. Se não se obtém o outro enquadre, distinto do da entrevista, e é somente jus-contraste, Liberman teme que as primeiras interpretações tificável quando tem sua contrapartida na interpretação, da transferência negativa sejam decodificadas como juízos podemos obter os informes necessários com uma técnica de valor do analista. Suponho que Liberman queira assinao-diretiva, que deixe ao entrevistado a iniciativa e aju-nalar que a diferença entre o que aconteceu antes e o que de-o discretamente nos momentos difíceis.

ocorre agora, na sessão, dá ao analisante a possibilidade Uma simples mensagem pré-verbal, como assentir de entender o sentido da análise como uma experiência ligeiramente com a cabeça, olhar amavelmente ou formu-não-convencional, em que o analista não opina, mas inter-lar algum comentário neutro é, em geral, suficiente para preta. Liberman diz que “o fato de ter efetuado entrevistas que o entrevistado restabeleça a comunicação interrompi-prévias ao início do tratamento psicanalítico possibilitará da. Rolla (1972) olha para o entrevistado que ficou em que, uma vez começado o mesmo, o paciente tenha incor-silêncio e estimula-o, movendo a cabeça, dizendo suave-porado outro tipo de interação comunicativa prévia, que mente “sim”.

funcionará como ‘experiência contrastante’ de valor ines-lan Stevenson (1959), que escreveu sobre a entre-timável para as primeiras interpretações transferenciais vista no livro de Arieti, estimula o entrevistado com ges-que poderemos subministrar” (Liberman, 1972, p. 463).

tos ligeiros, palavras ou comentários neutros, e até com Enquanto Liberman é muito estrito ao proscrever o alguma pergunta convencional que surge do material do uso da interpretação na entrevista, Bleger considera que cliente.

há casos determinados e precisos em que a interpretação Há uma experiência muito interessante de Mandler é pertinente e necessária, “sobretudo cada vez que a co-e Kaplan (1956), citados por Stevenson, que mostra até municação tenda a ser interrompida ou ser distorcida”

que ponto o entrevistado é sensível às mensagens do entre-

(Bleger, 1971, p. 38). Essa idéia prossegue a linha de pen-vistador. Pediu-se aos sujeitos da experiência que pronun-samento de Pichon Rivière (1960), que em seus grupos ciassem ao acaso todas as palavras que lhes viessem à men-operativos unia o esclarecimento à interpretação da resiste, enquanto o experimentador permanecia escutando e tência à tarefa. Por isso, Bleger diz que o alcance ótimo é a proferia um grunhido de aprovação cada vez que o sujeito pronunciava, por exemplo, uma palavra no plural. Basta-va esse estímulo para que aumentasse significativamente 5 Todas essas técnicas formam o corpo teórico da psicoterapia o número de plurais. É de supor o quanto deverá influir, não-diretiva de Roger.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 43

entrevista operativa, quando se consegue esclarecer o prover um obstáculo concreto à tarefa que está sendo realiza-blema que o entrevistado propõe na forma com que se da. Não a emprego nunca, porém, para modificar a estru-materializa concretamente na entrevista.

tura do entrevistado (ou, o que é o mesmo, para lhe dar Vale a pena destacar aqui que todas as nossas idéias insight), simplesmente porque este, por louvável que seja, a esse respeito partem de Pichon Rivière, mais de seu pernão é o propósito da entrevista, nem do que o entrevista-manente magistério verbal do que de seus escritos. Entre do precisa. O sujeito não vem para adquirir insight de seus estes, pode-se mencionar o que publicou em Acta, em 1960, conflitos, mas para

cumprir uma tarefa que o informe so-em colaboração com Bleger, Liberman e Rolla. Sua teoria, bre um tema concreto e circunscrito, se deve fazer um tra- nesse breve ensaio, tem seu ponto de partida na angústia tamento e que tratamento convém a ele.

frente à mudança, que para Pichon é de dois tipos: Às vezes, emprego a interpretação como uma prova depressiva, pelo abandono de um vínculo anterior, e para-para ver como o entrevistado reage. A interpretação que nóide, pelo vínculo novo e pela conseqüente insegurança utilizo, nesse caso, é sempre simples e superficial, quase (Pichon Rivière et al., 1960, p. 37).

sempre genética, unindo os ditos do sujeito em uma rela-A finalidade do grupo operativo (p. 38) é o esclareci-

ção de tipo causal, no estilo de “Não lhe parece que isso mento das ansiedades básicas que surgem em relação à que acaba de lembrar poderia ter alguma relação com...?”.

tarefa. A técnica dos grupos operativos (e, acrescentemos, É uma espécie de teste que, às vezes, pode informar sobre da entrevista como um tipo especial deles) resume-se nes-a capacidade de insight do entrevistado.

tas palavras: “A técnica desses grupos está centrada na ta-Em resumo, o famoso e controvertido problema de refa, na qual teoria e prática resolvem-se em uma práxis interpretar durante a entrevista deve ser resolvido levan-permanente e concreta, no ‘aqui e agora’ de cada campo do-se em conta os objetivos a que nos propomos e o mate-assinalado” (p. 38).

rial a nosso alcance. Não deve ser resolvido, pura e sim-Creio, por meu turno, assim como Bleger, que a in-plesmente, pelo “sim” ou pelo “não”.

terpretação na entrevista é legítima se aponta para remo-

44 R. HORACIO ETCHEGOYEN

5

A Entrevista Psicanalítica:

Desenvolvimento

No capítulo anterior, dissemos que na entrevista con-tantes e derivam

do significado que cada um dos atores figura-se um campo, porque ambos, entrevistado e entrevistador, atribuem de maneira inconsciente ao encontro.

entrevistador, participam, porque ambos são membros de. Como já dissemos, quem primeiro desenvolveu a te-uma mesma estrutura: o que é de um não pode ser entendido da entrevista foi Sullivan, e o fez sobre a base da ideia de prescindirmos do outro. O mesmo seria dizer que operações que são realizadas para dominar a ansiedade.

a entrevista é um grupo, em que os dois protagonistas se dependem em grande medida da habilidade do entrevistador inter-relacionados, dependem e influenciam-se de maneira recíproca que a ansiedade na entrevista mantenha-se em uma relação recíproca.

um limite aceitável. Se é muito baixa ou está ausente, o grupo da entrevista e o campo em que esse grupo entrevistado carece do incentivo mais autêntico e do verdadeiro.

insere-se só podem ser estudados a partir dos processos mais eficazes para expressar seus problemas; se é muito de comunicação que toda relação humana traz consigo; to alta, o processo de comunicação sofre e a entrevista por comunicação entende-se aqui não apenas a interação tende a se desorganizar.

verbal, em que se trocam e empregam palavras, mas também uma dificuldade especial da ansiedade na entrevista bem a comunicação não-verbal, que se faz a partir de é que o entrevistador não deve recorrer a procedimentos gestos e sinais, assim como a comunicação paraverbal, que a evitem, como o apoio ou a sugestão, e tampouco que se canaliza através dos elementos fonológicos da linguagem resolve-la com o instrumento específico da interação, como o tom e o timbre da voz, sua intensidade, a expressão.

etc. Nós nos ocuparemos disso em breve, com os estilos. Em geral, a ansiedade do entrevistado tende a interferir na comunicação.

mentar na entrevista em razão direta, mais que do silêncio e da reserva do entrevistador, da ambigüidade de suas instruções. Disso decorre a importância de explicar no começo a ANSIEDADE DA ENTREVISTA

meio os objetivos e a duração da entrevista, antes de convidar o entrevistado para que fale do que quiser. Nessa situação nova e desconhecida, na qual será um ponto, o entrevistador deve ser explícito, claro e preciso, ligado e da qual pode depender em boa parte seu futuro, sem entrar muito em detalhes e instruções que possam tem

necessariamente de provocar ansiedade no entrevistado, perturbar a livre expressão de seu cliente. Na maioria das vezes. Por iguais motivos, embora certamente não tão de vez em quando, a abundância de instruções é uma defesa obsessiva. E, o entrevistador também chega ao encontro com o entrevistado, assim como sua excessiva ambigüidade e a quantidade não desprezível de angústia. Embora seja, é uma forma esquizóide de intranquilizar o outro. Uma possível que tenha feito muitas entrevistas em sua carreira participação digna e moderada, que corresponda ao não-profissional, ele sabe que a cada vez a situação é diferente tanto de angústia do entrevistado, será a melhor maneira e, portanto, nova e que dela depende em certa medida seu de motivá-lo e também de modular sua ansiedade. Ao mesmo tempo, não somente porque o futuro de um profissional é o tempo, como dizia Sullivan, o entrevistador terá de posto em jogo cada vez que opera e ainda mais nesse caso, confrontar seu cliente com situações de ansiedade, já que no qual pode ser que se comprometa por muitos anos com um encontro em que o entrevistado permaneça sempre o tratamento de uma pessoa, mas também porque ele sabe confortável e tranquilo dificilmente pode merecer a denominação que a entrevista é um desafio do qual nenhum analista não de entrevista psiquiátrica.

pode estar seguro de se sair bem. Em outras palavras, um Como já dissemos, toda a concepção sullivaniana da entrevista responsável deve ficar ansioso por seu entrevistado parte de sua idéia da ansiedade. A ansiedade do entrevistado, por sua tarefa e por si mesmo. A todos esses surge sempre dessa relação humana que a entrevista nemotivos compreensíveis e racionais de ansiedade necessariamente é e, frente à ansiedade, atua o sistema do centramento e ainda outros, que acabam sendo mais impositivo da pessoa, com suas operações de segurança. Portanto,

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 45

para Sullivan, a ansiedade é aquilo que se opõe a que, Para esses autores, uma particularidade da entrevista é a situação social que é a entrevista, estabeleça-se um tanto é a quantidade da angústia que mobiliza, que eles este processo livre e recíproco de comunicação.¹

À luz da teoria da identificação projetiva (Melanie Klein (1972) descreve diferentes modalidades da transferência e da contratransferência. Por suas características, a ansiedade no desenvolvimento da entrevista. Primeiro, vem a entrevista inicial deixa o analista especialmente a ansiedade do começo (que esse autor chama “de abor-sensível – e, em muitas ocasiões, indefeso – frente à identificação”), que tem a ver com estratégias exploratórias e identificações projetivas de

seu cliente. Para López e Rabihi, com a curiosidade. No outro extremo, no final da entrevista, a situação pode ser explicada por diversas razões, predomina a angústia de separação. Durante o tempo em que se destacam a intensa comunicação extraverbal e o desenvolvimento da entrevista, também sobrevêm, com que o entrevistado utiliza, justamente para evacuar sua certeza, momentos de angústia, crises de angústia que ansiedade em uma situação bastante ansiogênica. Frente a isso, podem informar-nos especificamente sobre as áreas para esse forte impacto, o entrevistador não pode usar o legítimo

turbadas na estrutura mental do entrevistado. Rolla chama esse recurso da interpretação que, em outras condições, mas essa angústia crítica de “confessional”, termo que não ajudaria o analisando, ao mesmo tempo que resolveria a me parece conveniente pelas ressonâncias teóricas que sobrecarga de angústia contratransferencial. E não pode ter.

fazê-lo, como já dissemos, porque seus objetivos não o autorizam, nem foi disposto um enquadre em que a interpretação possa operar. Como diz Bleger, “toda interpretação é uma agressão” (1971, E

CONTRATRANSFERÊNCIA

p. 39). Ou, acrescentemos, uma sedução.

Quanto maior for o montante de ansiedade do entrevistado, maior será sua ansiedade leva-nos aos fenômenos vistos, maior será sua tendência a “descarregar-se” na transferência/ contratransferência que ocorrem na entrevista, transformando-a, como dizem López e Rabihi, em entrevista.

uma psicoterapia brevíssima, com um alívio enganoso que o entrevistado reproduz na entrevista conflitos e pode mobilizar uma típica evasão para a saúde. Nessas cartilhas de seu passado que assumem uma vigência atual, sobretudo a sobrecarga contratransferencial só pode ser intensa; uma realidade psicológica imediata e concreta, em que o contido, através dela o entrevistador pode obter uma informação. O entrevistador fica investido de um papel que não lhe permite a formação que lhe permita operar com a máxima precisão.

corresponde estritamente. Por meio dessas “transferências”, uma observação desses autores é que em três momentos, podemos obter uma informação preciosa sobre a estrutura mental do entrevistado: o entrevistador fica especialmente exposto à estrutura mental do sujeito e o tipo de sua relação com o entrevistado, a saber: abertura, encerramento, identificação, projeção.

to e formulação do contrato. Essa terceira alternativa, O entrevistador, por sua vez, não responde a todos de fato, não pertence formalmente à entrevista, mas a esses fenômenos de forma absolutamente lógica, mas tam-essa terra de ninguém na qual a entrevista terminou e o bém de maneira irracional e inconsciente, o que constitui tratamento não começou. Por outro lado, é nesse mo-sua contratransferência. Esse tipo de reação, por sua ín-mento que as fantasias mágicas de cura e de todos os dole, pode perturbar sua tão almejada objetividade; po-tipos ficam contrastadas com a realidade de uma tarefa rém, ao mesmo tempo, se o entrevistador registra-o e pode longa e incerta.

derivá-lo do efeito que o entrevistado opera sobre ele, conseguirá não apenas recuperar sua objetividade, por um momento perdida, mas também chegar a um conhecimento

EVOLUÇÃO DA ENTREVISTA

profundo e seguro de seu entrevistado. Desse modo, como instrumento técnico na entrevista, a contratransferência é Um ponto original e importante do trabalho de sumamente útil; apesar disso, Bleger adverte-nos, com ra-Liberman (1972) é que a entrevista tem uma evolução e zão, que ela não é de fácil manejo e requer preparação, que dela podemos derivar valiosas predições. Enquanto experiência e equilíbrio (1971, p. 25).

experiência prévia ao tratamento psicanalítico, a entrevis-López e Rabihi ocuparam-se do tema da contratrans-ta informa-nos sobre fatos fundamentais. O analista ime-ferência na entrevista inicial em um trabalho inédito. Es-diatamente fixará o critério de analisabilidade dessa pessas autores começam por assinalar que, por sua estrutura, soa com respeito a si mesmo; o futuro paciente, por sua sua técnica e os objetivos que persegue, a entrevista inicial vez, sairá da entrevista com uma experiência que, em seu é radicalmente diferente do tratamento analítico. A entre-devido tempo, poderá contrastar com a sessão para obter vista tem importância em si mesma e também porque exer-uma primeira compreensão do método psicanalítico. Porce uma profunda influência no tratamento psicanalítico tanto, a entrevista permite-nos avaliar o que podemos esque pode seguir-se a ela.

perar do potencial analisando e, reciprocamente, o que ele necessitará de nós.

Se um problema colocado no início evolui favora-1

velmente, tem-se o direito de pensar que o entrevistado Sobre essas bases, Sullivan vai erigir sua concepção da psiquiatria moderna.

possui recursos para superar as situações críticas ou trau-
INDICADORES PROSPECTIVOS

máticas – as crises vitais, como diz Liberman. Se ocorrer DO PAR
ANALÍTICO

o contrário, e o problema acaba no final pior do que no começo, temos o direito de fazer um prognóstico menos Já afirmamos que entre entrevistado e entrevistador otimista.

(assim como que entre analisando e analista) há uma Essa evolução pode ocorrer em uma só entrevista; interação que configura um campo. É evidente, pois, que porém, é mais possível e detectável em duas. Por isso, os problemas psicopatológicos não podem sequer ser pen-Liberman insiste em que a unidade funcional é de duas sados senão por meio de uma teoria vincular, de uma teo-entrevistas, e não uma. Nesse ponto, estou plenamente de ria das relações de objeto, que no tratamento psicanalíti-acordo com Liberman e por vários motivos. Primeiro, por-co chama-se de teoria da transferência e da contratrans-que se pode apreciar, às vezes, essa evolução favorável ferência. O processo não se dá exclusivamente no pacien-

(ou desfavorável) de um determinado conflito ou crise.

te, mas na relação.

Além disso, deve-se levar em conta que o entrevistado mu-Quando discutimos as indicações da psicanálise, fa-da, em geral, de uma para outra entrevista, e o próprio lamos detidamente do par analítico e agora temos de vol-entrevistador pode mudar e mesmo recuperar-se do im-tar ao tema no âmbito da entrevista. No caso de que exista pacto que pode ter-lhe significado o primeiro encontro.

o par analítico, será possível predizê-lo no momento da Por fim, creio que é conveniente dar ao entrevistado um entrevista? Liberman acredita que isso é possível, se fo-tempo para pensar sua experiência, antes de dá-la por ter-rem utilizados os indicadores que ele propõe.

minada. Em seu comentário sobre o trabalho de Liberman, Partidário decidido do par analítico, Liberman utili-Héctor Garbarino (1972) pensa que nem sempre é neces-za as entrevistas para avaliar até que ponto a interação sária uma segunda entrevista; contudo, creio que isso pode que se estabelece entre entrevistador e entrevistado será estar certo apenas em casos muito especiais. Berenstein curativa ou

iatrogênica. No primeiro caso, assumiremos a (1972), por sua vez, em seu comentário sobre o trabalho tarefa que se propõe a nós, isto é, escolheremos nosso pa-de Liberman, declara-se partidário de várias entrevistas: ciente; no segundo, saberemos desqualificar-nos a tempo,

“Fazer duas ou três entrevistas permite ver como este pa-para dar ao entrevistado “uma nova oportunidade, reme-ciente e este analista registram a separação e o encontro”

tendo-o a outra pessoa com a qual consideremos que pos-

(p. 487). Concordo com Berenstein sobre a importância de ter uma conjunção de fatores que tornem mais favorá-

da avaliação da maneira como o entrevistado responde às condições para que se desenvolva um processo de separação.

canalítico” (Liberman, 1972, p. 466).

Logo, quando falamos da entrevista, estamos referindo-nos a uma unidade funcional. Liberman oferece para diagnosticando-nos a uma unidade funcional. Em geral, nunca se considera prospectivamente a compatibilidade do par assentam-deve fazer uma só, mas todas as que se fizerem necessárias se no que acabamos de ver sobre a evolução da entrevista.

para cumprir a tarefa empreendida. Em resumo, convém Se, durante as entrevistas, reproduz-se uma crise vital e, dizer de saída que essa entrevista não será a única e eventualmente, a que o entrevistado está atualmente insistir que as entrevistas não são um tratamento sando (a qual, de alguma maneira, levou-o à consulta), e (nem transformá-las em tratamento, prolongando-as essa crise resolve-se bem, tem-se o direito de supor que o demasiadamente).

curso dessa análise seguirá esse modelo favorável. O iso-Durante as entrevistas, temos a oportunidade de es-morfismo entre os motivos da consulta e os conflitos que o tude algumas das crises vitais que o entrevistado atravessa realmente tem também definem um prognóstico sobre o curso de sua vida e a que mais nos interessa, a auspicioso. Do mesmo modo, quanto maior capacidade o atual, a que o sujeito necessariamente atravessa durante a análise tiver para captar os mecanismos de defesa mobili-

época em que consulta. Se não conseguirmos detectar essa crise pelo paciente, em melhores condições estará para crise vital, com seus elementos inconscientes e infantis, tratá-lo, assim como se, no curso das entrevistas, esses me-afirma Liberman, corremos o risco de

começar uma análise canismos mudarem. Já falamos, há pouco, das alternati-se às cegas.

vas do registro estilístico como uma pauta fina e precisa Para detectar a evolução que se dá na série de entre-para medir a evolução do processo.

vistas, Liberman lança mão das funções egóicas por ele Os instrumentos que Liberman enumera medem, sem descritas, bem como de sua teoria de que essas funções dúvida, a analisabilidade do sujeito e/ou a capacidade do correspondem a determinados estilos: reflexivo, com bus-analista; porém, mediriam realmente o que Liberman proca de incógnitas e sem suspense, lírico, épico, narrativo, põe-se a descobrir? Se não há isomorfismo entre os moti-dramático com suspense e dramático com impacto estéticos que o sujeito aduz e seus verdadeiros conflitos (como co. Através das mudanças de estilo durante o curso das o analista os vê, suponhamos que corretamente), a única entrevistas, Liberman pode chegar ao conflito inconscien-coisa que se pode inferir é que esse paciente está muito te, à ansiedade e às defesas, detectando como se modifi-perturbado. Vice-versa, quando o analista capta rápida e cam, seja diversificando-se e ampliando-se, quando a evo-penetrantemente os mecanismos de defesa de seu paciente lução é favorável, seja estereotipando-se e restringindo-potencial, pode-se inferir que é um analista competente; se, quando o andamento é negativo.

contudo, deve-se ainda provar que essa competência depende de um sistema de comunicação específico entre

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 47

ambos, porque, não sendo assim, estaríamos novamente reside simplesmente na ênfase com que se propõe essa frente ao fato trivial de que o melhor par é alcançado quan-opção dilemática, visto que de nada valerá uma boa capa-do o paciente distorce pouco e o analista compreende cidade para analisar que esteja vinculada radicalmente com muito.

a psicopatologia do analista. O destino da relação analíti-A patologia grave do paciente, diz Liberman, pode ca define-se pela psicopatologia do paciente e pelas quali-fazer com que ele se desqualifique para se preservar e não dades do analista.

danificar seu instrumento de trabalho. Seria lindo pergun-Não se devem confundir, enfim, alguns aspectos contar a ele a quem

mandaria esse paciente, que poderia nada vencionais do começo da análise com seus problemas subs-menos do que lhe fazer mal! É evidente que aqui Liberman tanciais. Além do conjuntural, uma vez que se estabeleça está falando pura e simplesmente de indicações e o processo, tudo isso desaparecerá e pesarão apenas a analisabilidade, o que nada tem a ver com o par, ainda psicopatologia do paciente e a perícia do analista.

mais quando afirma que “geralmente são os analistas que Ao abandonar a idéia do par, renuncio à possibilida-se iniciam em sua prática aqueles que se encarregarão dos de de fazer predições acerca de como influirá no processo pacientes mais difíceis e que foram descartados pelos ou-o vínculo específico entre um determinado analista e um tros” (1972, p. 470). O fato de que sejam os analistas mais determinado analisando, mas o faço porque considero que capazes os que têm, em geral, os pacientes mais analisáveis a variável em estudo é ilusória, ou tão complexa que não é um dos grandes e dolorosos paradoxos de nossa prática.

se pode considerá-la validamente.

No entanto, considero plausível e legítimo o caso oposto, isto é, que um analista principiante e consciente de suas limitações recuse um caso difícil e encaminhe-o a UM CASO CLÍNICO ESPINHOSO

um analista de grande experiência, como era Liberman.

Nesse caso, é óbvio que não se operou com o critério de Há casos que certamente estabelecem uma situação um par analítico, mas simplesmente com o que proponho, bastante particular. Muito perturbado pelo suicídio de sua ou seja, se forem mantidas as outras variáveis, o melhor esposa, um homem decidiu consultar uma analista que analista forma sempre o melhor par. Pessoalmente, creio tinha o nome da falecida. Criou-se um problema bastante que um analista tem todo o direito de não se responsabili-difícil para a analista consultada. Ela pesou se não seria zar por um determinado caso simplesmente porque não melhor para o paciente encaminhá-lo a um colega que não lhe agrada ou o considera muito difícil; todavia, deveria reproduzisse “realmente” circunstâncias tão desditosas. Por fazê-lo sem se amparar na idéia confortadora de par.

outro lado, não lhe escapava que a escolha era fortemente Há outros analistas que, sem empregar o sofisticado determinada pela trágica homonímia.

armamento de Liberman, deixam-se levar simplesmente De fato, apresentavam-se-lhe várias alternativas: en-pelo feeling que lhes desperta o entrevistado; porém, des-caminhar o paciente, ou tomá-lo em análise sem nunca confio muito desse tipo de sentimentos. São mais aplicá-

tocar no delicado assunto, delegando-o prudentemente ao veis ao casamento ou aos esportes do que à análise. Se, processo que haveria de se iniciar. Entretanto, a analista depois de terminada uma entrevista, digo a mim mesmo pensou que ambas as possibilidades postergavam para um que gostaria de analisar esse sujeito ou, vice-versa, que futuro incerto o que estava sucedendo no aqui e agora.

isso não me agradaria, penso que se propôs para mim um Decidiu propor o problema na segunda entrevista e o fez problema de contratransferência, o qual tenho de resol-como se fosse um tema contingente e casual. O entrevistaver. Não há dúvida de que encaminhá-lo, se me for desagrado reagiu vivamente e reconheceu que, quando decidiu dável, oferece a meu desditoso personagem a possibilidade consultar, não havia reparado nessa circunstância. No en-de encontrar um analista que simpatize mais com ele de tanto, compreendia que o nome da analista podia ter algo início, mas não resolve o problema dos sentimentos que ele a ver com sua escolha. Passado esse brevíssimo momento desperta nos outros. O tema surgirá fatalmente na análise e de insight, voltou a negar o conflito e afirmou que a cir-só ali poderá ser resolvido. Com certeza, ninguém pensa cunstância assinalada não pesaria na marcha de sua análise uma dama que caiu vítima do amor de transferência se. A analista respondeu a ele que era um dado a levar em deva trocar de analista e ir tratar-se com uma mulher.

conta e não vacilou em tomá-lo, sabendo, interiormente, Creio, finalmente, que o problema do par analítico que estava enfrentando uma tarefa difícil. Insistir, contra parte sempre do erro de pensar que a relação entre anali-a (forte) negação do paciente, em uma mudança de ana-sando e analista é simétrica. Esquece-se que, por mais pro-lista, pensou, reforçaria a onipotência destrutiva daquele blemas que tenha o analista e por muito que sua insalubre homem, seria como se dar por morta.

profissão o afete, ele também está protegido por seu en-Digamos também, para terminar de comentar esse in-quadre. Se sublinharmos a psicopatologia do analista, acre-teressante caso e esclarecer minha forma de pensar, que eu ditaremos na importância do par e, se acentuarmos as ha-teria feito o que essa analista fez (e não o teria

mandado bilidades do analista, opinaremos que, quanto melhor analista para um analista de nome diferente, como talvez fizessem lista se é, melhor se analisa. Em meu entender, essa diferença entre um Gitelson ou um Rappaport). Seria diferente minha concepção metodológica talvez possa explicar o contexto em dúvida, com certeza, se o paciente tivesse se decidido por ou que surge o problema, embora não o resolva. A diferença entre o analista. Nesse caso, teria concordado com ele sem a interferência da habilidade do analista e sua psicopatologia não menor vacilação, abstendo-me de empregar a interpretação.

48 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ção para convencê-lo. A “interpretação”, nesse caso, não é um truque, de modo que pensou em não voltar mais e re-seria para mim mais que um acting out contratransferencial, correr ao doutor R. (o colega que o encaminhou) para lhe já que o paciente nunca poderia recebê-la, nessas circunstâncias pedir outro analista, mais cordial e simpático. Depois, perguntas, como uma informação imparcial, destinada a lhe soar novamente e decidi que precisava de um médico para dar melhores elementos de julgamento para decidir.

paz de tratá-lo (como o doutor R. havia dito que eu era, Há ainda outra alternativa a considerar. Assim como sem dúvida), e não de um amigo bonachão e atraente. Era a análise de meu exemplo (que era uma técnica de muita um paciente capaz de deixar até a doutora Zetzel satisfeita!

experiência) decidi tomar o paciente, poderia ter-se des-Nesse ponto, concordo completamente com as acusações por não se sentir capacitada. Nesse caso, porém, perguntas de Liberman e sempre dou ao futuro paciente o analista deve reconhecer suas limitações e recomendar que encaminhe um só nome. Também costumo pedir-lhe outro de maior experiência. Dessa maneira, daria ao futuro que me comunique como foi, para ele, a entrevista que vai ao analista uma prova de honestidade e o informaria, realizar e fico à sua disposição para qualquer dificuldade implícita mas formalmente, de seu grau de doença, o que que possa surgir. Com isso, deixo aberta a possibilidade certamente não se conseguiria dizendo que a dificuldade de que volte a me chamar, se não gostar do analista ao reside na homonímia, no “par”. No primeiro caso, informo qual o encaminhei, sem reforçar seus mecanismos mania-mo ao paciente de minhas limitações e das suas; no outro, não, nem fomentar uma reversão da perspectiva.

as duas ficam eludidas.

Porém, não concordo, em absoluto, com a idéia de que o analisante escolhe seu futuro analista, tanto como este escolhe aquele. Creio que Liberman superpõe aqui A ENTREVISTA DE ENCAMINHAMENTO

dois problemas, certamente por sua declarada adesão à teoria do par analítico: que o analisando não deveria nun-A entrevista de encaminhamento abrange uma te-ca realizar a “entrevista” de seu futuro analista não quer mática muito restrita e aparentemente simples; contudo, dizer que não o escolha.

isso não é assim. Na realidade, propõe problemas comple-Creio que o futuro analisando escolhe, de fato e de xos, que podem criar dificuldades no manejo prático, em-direito, seu analista, embora saiba bem que, na maioria bora sirvam também para uma melhor compreensão da das vezes, o faça por motivos muito pouco racionais e que teoria da entrevista em geral.

pouco podemos fazer para evitá-lo. As razões pelas quais A entrevista de encaminhamento é, sem dúvida, mais fomos escolhidos, junto com as fantasias neuróticas de cura complexa do que a outra, já que devemos obter dela uma estudadas por Nunberg em seu ensaio clássico de 1926, só informação suficiente para assentar uma indicação e, ao mes-aparecem, em geral, muito depois do começo da análise.

mo tempo, evitar que o entrevistado ligue-se a nós demais-Por mais que nos doa, a verdade é que oferecemos damente, o que pode pôr em perigo nosso propósito de nossos serviços ao futuro paciente e ele sempre terá o di-mandá-lo para um colega. Há ainda uma terceira dificuldade reito de aceitá-los ou recusá-los. A idéia de que também nesse tipo de entrevista, que é a prudência com que se devem tenho o direito de escolher meus pacientes é inaceitável receber os informes (quando não as confissões) e obter da-para mim, já que sempre vejo meu sentimento de rechaço dos de alguém que, por definição, não será nosso analisando.

como um problema de minha contratransferência. Não me Em seu trabalho, Liberman insiste em que nesses ca-refiro aqui, com certeza, às considerações que realmente sos o entrevistador deve dar um só nome para que não se podem levar-me a decidir a não tomar um paciente, em reforço no entrevistado a idéia de que é ele quem entre-termos de predileções e conveniências conscientes, como vista. Lembro-me vivamente, e não sem certa amargura, vimos no Capítulo 3.

de algumas pessoas que entrevistei quando me instalei em Buenos Aires, em 1967, voltando de Londres. Provinham todas de colegas generosos e amigos que me haviam reco-

mendado. Alguns desses entrevistados não tinham mais que meu nome; em outros casos, eu vinha incluído em Todos os analistas concordam quanto ao fato de que, uma lista de alguns analistas possíveis. Os que vinham com no final do ciclo das entrevistas, temos de dizer algo para uma lista às vezes me tratavam como quem está realizan-o entrevistado a fim de fundamentar nossa indicação. Há do uma seleção de pessoal (e, o que é pior, o faziam certos analistas (entre eles, eu) que preferem ser parcos em suas de sua grande habilidade psicológica!). Enfim, há muitos razões, porque pensam que um informe muito detalhado analistas que, de boa-fé, dão vários nomes para oferecer presta-se mais a ser mal-entendido e facilita a racionaliza-ao futuro analisando a oportunidade de escolher a fim de ção. Outros, ao contrário, como os Liendo (Gear e Liendo, que ele possa decidir qual é o analista que lhe convém, 1972), são mais explícitos.

mas creio, como Liberman, que estão equivocados.

Penso que a devolução não deve ir além do objetivo Por outro lado, lembro-me de um homem de meia-básico da tarefa realizada, isto é, aconselhar ao entrevis-idade, encaminhado por um colega que lhe havia dado tado o tratamento mais conveniente, a indicação com seus apenas meu nome. A primeira entrevista foi dura e difícil, fundamentos, sempre muito sucintos.

e ficamos de nos ver novamente uma semana depois.

Na realidade, e sem considerar a curiosidade normal Disse então, com muita sinceridade, que eu lhe pare-ou patológica, os motivos que justificam a indicação não cera – e continuava parecendo-lhe – antipático, rígido e estão, em princípio, dentro do que o paciente precisa saber.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 49

6

O Contrato Psicanalítico

Assim como o tema das indicações e das contra-indi-o curso da terapia, possam surgir ambigüidades, erros ou cações é continuado naturalmente pelo da entrevista, há mal-entendidos. Digamos melhor,

para não pecarmos por também continuidade entre a entrevista e o contrato. Si-otimismo, que o convênio serve para que, quando a ambi-tuada entre as indicações e o contrato, a entrevista deve guidade torne-se presente – porque os mal-entendidos inesor o instrumento que, por um lado, permita-nos funda-vitavelmente surgirão no tratamento –, possa ser analisa-mentar a indicação do tratamento e, por outro, conduza-da tendo como base o que se disse inicialmente. Desse nos a formular o contrato. Uma das estratégias da entre-ponto de vista, pode-se dizer que, de certo modo, o pro-vista será, então, preparar o futuro analisando para subs-cesso analítico consiste em cumprir o contrato, solucio-crever o metafórico contrato psicanalítico.

nando os mal-entendidos que impedem sua vigência.

Com isso, fica dito que o que vale mais é o espírito do pactuado, ao passo que a letra pode variar de acordo CONSIDERAÇÕES GERAIS

com a situação, com cada paciente e a cada momento. É

justamente atendendo a esse espírito que algumas estipu-Talvez a palavra “contrato”, que sempre empregamos, lações são tidas por ineludíveis e outras não. Isso se não seja a melhor, porque sugere algo jurídico, algo muito depreende da leitura dos dois ensaios escritos por Freud, prescritivo. Talvez fosse melhor falar do convênio ou de em 1912 e 1913, no quais formulou, com toda precisão, acordo inicial; de qualquer modo, a palavra contrato tem as cláusulas do pacto analítico.

força e é a que utilizamos correntemente.¹ Entretanto, e Nos “Conselhos ao médico sobre o tratamento psica-pela razão indicada, quando chega o momento de formulá-

nalítico” (1912e) e em “Sobre a iniciação do tratamento”

lo, não se fala ao paciente de contrato; diz-se a ele que (1913c), Freud formula as bases teóricas do contrato, ou seria conveniente pôr-se de acordo sobre as bases ou as seja, seu espírito, ao mesmo tempo que estabelece as nor-condições do tratamento. Um amigo meu, então discípulo mas fundamentais que o compõem, ou seja, suas cláusulas.

em Mendoza, contou-me o que aconteceu com um de seus Freud tinha uma capacidade singular para descobrir primeiros pacientes, a quem propôs “fazer o contrato”. O

os fenômenos e, ao mesmo tempo, explicá-los teoricamen-paciente, advogado com uma florida neurose obsessiva, te. Cada vez que pensamos sobre ele, voltam a surpreen-veio à entrevista seguinte com

um rascunho do contrato der a precisão e a exatidão com que definiu os termos do para ver se parecia bem ao médico. Portanto, a palavra pacto analítico e assentou, com isso, as bases para o esta-deve ficar circunscrita ao jargão dos analistas, e não aos belecimento do enquadre. Porque, para compreender o futuros pacientes. Digamos, de passagem, que meu jovem contrato, deve-se pensá-lo com referência ao enquadre e, discípulo de então, hoje distinto analista, cometeu dois ao contrário, só se pode estudar o enquadre com referên-erros, e não apenas um. Empregou inadequadamente a cia ao contrato, já que, evidentemente, é a partir de deter-palavra e, além disso, criou uma expectativa de ansiedade minados acordos – que não podem ser chamados de outra para a próxima entrevista. Se se aborda o tema do contra-maneira que não contratuais – que certas variáveis ficam to, deve-se resolvê-lo de imediato, e não deixá-lo para a fixadas como as constantes do setting.

próxima vez. Frente a essa espera angustiada, um advoga-Esses dois trabalhos definem as estratégias que se do obsessivo pode responder como fez aquele homem.

deve utilizar para pôr em marcha o tratamento e, previa-O propósito do contrato é definir concretamente as mente a tais estratégias, os acordos a que se deve chegar bases do trabalho que se vai realizar, de modo que ambas com o paciente para realizar essa tarefa singular que é a as partes tenham uma idéia clara dos objetivos, das expec-análise. Também está incluída na idéia de contrato a de tativas e também das dificuldades a que as compromete o que o tratamento deve finalizar por acordo das partes e, tratamento analítico, a fim de evitar que depois, durante por isso, se apenas um dos dois assim decide, não se fala de término da análise, mas de interrupção. Portanto, o analisando tem liberdade para rescindir o contrato em qualquer momento e, em circunstâncias especialíssimas, o ana1 Freud preferia a palavra pacto, que em nosso meio possui uma lista também tem esse direito.

clara conotação psicopática.

50 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Como bem diz Menninger (1958), toda transação na técnica como patrimônio universal de todos os analistas, e qual há algum tipo de intercâmbio baseia-se em um vice-versa; porém, de qualquer modo, creio que há dife-contrato.² Às vezes, este é muito breve ou implícito, mas rença entre as coisas que são pessoais, próprias do estilo sempre existe e a ele se remetem as partes para realizar a de cada analista, e as que são universais, que correspon-tarefa combinada, ainda mais

quando surgem dificuldades a um campo em que todos, de alguma forma, têm de des. Embora o contrato psicanalítico tenha suas particularidades de acordo. Creio realmente que é uma diferença vá-

riedades, prossegue Menninger, em última instância não se lida, embora não ignore que sempre restarão algumas diferenças substancialmente daquele que se pode estabelecer cujo posicionamento em um ou outro campo será im-leser quando se vai às compras, ou se encarrega um ope-preciso. Considero que essas imprecisões devem ser acei-rário ou profissional de alguma tarefa.

tas como parte das dificuldades intrínsecas à nossa tarefa.

Uma vez explicitadas as cláusulas de um contrato, Alguns conselhos de Freud, que ele pensa serem em-seja qual for, fica definido um tipo de interação, uma tare-nentemente pessoais, como o de pedir a seus pacien-fa e, por isso, importa sempre expô-las claramente. Apetes que se deitem para não ter de suportar que o olhem, nas se forem estipuladas corretamente as normas com as chegaram a ser indispensáveis para nossa técnica. Aqui, quais se desenvolverá uma determinada tarefa poderão claramente, o que Freud introduz como algo próprio de ser superadas as dificuldades que surgirem depois.

seu estilo é, sem dúvida, uma norma técnica universal.

Vale a pena assinalar, também, que o contrato psica-Poucos analistas a discutem, como Fairbairn (1958), por nálítico implica não apenas direitos e obrigações, mas tam-exemplo.

bém riscos, os riscos inerentes a toda empresa humana.

Em geral, quase todos os psicanalistas que deixam de Embora o contrato inspire-se na intenção de oferecer ao sê-lo, porque questionam os princípios básicos de nossa futuro analisando a maior segurança, não se deve perder disciplina, começam por remover o divã de seu consultó-

de vista que o risco nunca pode ser eliminado por comple-rio, como Adler, que busca que seu paciente não se sinta to, e pretender isso implicaria um erro que poderíamos inferior. Isso pode ser fundamental para um psicólogo in-qualificar de sobreproteção, controle onipotente, mania dividual, mas nunca para um psicanalista, que reconhece ou idealização, conforme o caso. Ouvi comentar, certa vez, no sentimento de inferioridade algo mais que uma sim-que uma das melhores analistas do mundo, já de idade ples posição social entre analisando e analista.

avanzada, ao tomar um candidato, advertiu-o do risco que Por isso, não creio serem convincentes as reflexões corria por essa circunstância.

de Fairbairn em “On the nature and aims of psychoanalytical treatment” (“Sobre a natureza e os objetivos do tratamento psicanalítico”), recém-citado. Fairbairn previ-OS CONSELHOS DE FREUD

ne os analistas do perigo de que uma adesão muito estrita ao método científico faça-os esquecer o fator humano, in-Nos dois trabalhos mencionados, Freud diz concre-dispensável e ineludível na situação analítica. A partir dessa tamente que dará alguns conselhos ao médico, ao analis-tomada de posição, o grande analista de Edimburgo che-ta. Esses conselhos, que se mostraram úteis para ele, po-gará a desconfiar da validade de certas restrições da técni-dem contudo variar e não ser iguais para todos, esclarece ca analítica, como o tempo fixo das sessões e o uso do prudentemente. Embora seja certo que Freud não se pro-divã. Questiona-se sobre a conveniência de que o paciente põe a nos dar normas fixas, mas antes sugestões, a verda-estenda-se em um divã e o analista coloque-se fora de seu de é que os conselhos que dá são universalmente aceitos campo visual (1958, p. 378), herança fortuita da técnica e, em alguma medida, implícita ou explicitamente, são os hipnótica e de certas peculiaridades de Freud. Desse modo, que propomos aos pacientes, porque são a base da tarefa.

Fairbairn finalmente abandonou o divã, embora, ao que Quando Freud diz que seus conselhos ajustam-se à parece, não sem um certo conflito, já que esclarece que sua forma de ser, mas que podem variar, abre uma discus-não advoga por uma técnica frente a frente, como a de são interessante, que é a da diferença entre o estilo e a Sullivan (que assim realiza sua famosa entrevista psiquiá-

técnica. Ainda que nem todos os analistas façam essa dis-trica), mas que ele se senta em uma escrivaninha e situa tinção, inclino-me a crer que a técnica é universal e que o seu paciente em uma poltrona confortável, não à sua fren-estilo varia. Não se oculta para mim que há, aqui, uma te, mas de lado, etc., etc. Para alguém que, como eu, tem certa ambigüidade, porque os leitores poderiam pergun-simpatia e respeito por Fairbairn, essas precisões fazem tar o que eu entendo por estilo e o que entendo por técni-sorrir brevemente.

ca. Podem objetar, também, que depende de minhas preSe resgato a diferença entre o geral e o particular, dileções pessoais, de meu arbítrio, que eu classifique algo entre a técnica e o estilo, é porque às

vezes se confundem dentro da técnica ou do estilo. Tudo isso está completa-dem e levam a discussões acaloradas e inúteis. Em ou-mente certo: quanto mais digo que determinadas normas tras palavras, podemos escolher nosso estilo, mas as nor-fazem parte de meu estilo, mais circunscrevo o campo da mas técnicas nos vêm da comunidade analítica e não podemos variá-las.

A modalidade com que recebo meus pacientes, por 2

exemplo, e a forma como lhes dou entrada ao consultório

“O contrato. A situação do tratamento psicanalítico como uma pertencem inteiramente ao meu estilo. Outro analista terá transação de duas partes contratantes” (1958, Cap. II).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 51

sua modalidade própria e, a não ser que seja muito mulo muito especial para dizer tudo o que pensa. Do mes-dissonante em relação aos usos culturais, nenhuma delas mo modo, acentuar com um psicopata que tem a liberda-poderia ser considerada inferior. Conseqüentemente, nin-de de dizer tudo o que quiser pode ser simplesmente o guém poderia fornecer uma norma técnica a esse respeito.

sinal verde para seu acting out verbal.

Quando alguém muda de consultório, é provável que mu-Com isso, quis assinalar que, mesmo na convenção dem algumas dessas formas.

que chamamos de fundamental – a regra da associação De qualquer maneira, e é importante assinalá-lo, uma livre –, podem-se estabelecer circunstâncias especiais que vez que adotei meu próprio estilo, isso passa a ser parte de nos aconselhem a seguir um caminho diferente do habitu-meu enquadre e de minha técnica.

al, sem que isso queira dizer, em absoluto, que possamos Quando discutimos a técnica da entrevista, afirma-afastar-nos da norma.

mos que Rolla (1972) inclina-se a estipulações muito es-As cláusulas fundamentais do contrato respondem a tritas, quanto a como cumprimentar, como se sentar e como uma pergunta ineludível, que está na mente do entrevis-fazer o paciente sentar-se, etc. Creio que essas normas são tado quando lhe é dada a indicação de se analisar: em que parte de um estilo pessoal, e não elementos constitutivos consiste o tratamento. Formule-se ou não, essa pergunta da entrevista.

Propõe-se, por exemplo, que o entrevistador oferece-nos a oportunidade de propor o mais importante e o entrevistado sentem-se em poltronas que guardem um do contrato. Poderemos dizer, por exemplo: “O tratamen-certo ângulo entre si para que não fiquem frente a frente.

to consiste em que você se deite neste divã, se ponha na Essa prescrição é, em meu entender, parte de um estilo; e atitude mais cômoda e serena possível e diga tudo o que ninguém poderia dizer que, se alguém tem uma poltrona vá surgindo em sua mente, com a maior liberdade e a me-giratória, está incorrendo em um erro técnico.

nor reserva, procurando ser o mais espontâneo, livre e Voltando aos conselhos de Freud, diremos que confi-sincero que puder”. Assim, introduzimos a regra funda-guram as cláusulas fundamentais do contrato analítico, mental e o uso do divã, após os quais se pode falar de enquanto apontam para a regra fundamental, o uso do horários e honorários.

divã e a troca de tempo e dinheiro, isto é, frequência e É conveniente introduzir de início a norma de que, duração das sessões, ritmo semanal e férias.

quando o paciente não vem, tem de pagar a sessão; po-rém, se o entrevistado mostra-se muito ansioso ou des-confiado, pode-se deixá-la de lado e propô-la a partir da FORMULAÇÃO DO CONTRATO

primeira ausência. Entretanto, essa postergação às vezes traz problemas, já que o paciente pode considerá-la uma Convém formular o contrato sobre a base dos itens resposta concreta à sua ausência, e não uma regra geral.

básicos que Freud estabeleceu e que acabamos de enume-Outras normas, ao contrário, não devem ser propos-rar. É preferível centrar a atenção no fundamental, e não é tas no primeiro momento, isto é, na entrevista, e sim quan-nem prudente, nem elegante, ser muito prolixo ou dar do surgem no curso do tratamento. Um exemplo típico muitas diretivas. A regra fundamental pode ser introduzida poderia ser o das mudanças de horário ou os presentes.

com muito poucas palavras e, com ela, o emprego do divã.

São normas contingentes, que têm mais a ver com o estilo Depois, vêm os acordos sobre horários e honorários, o do analista do que com a técnica; só se justifica discuti-las anúncio de feriados e férias e a forma de pagamento. Na-quando for o caso. Se um paciente começa a pensar

em da mais.

dar um presente ao analista, ou sonha com isso, este po-Quando sublinhamos que o essencial é o espírito do derá, em tal caso, expor seu ponto de vista.

contrato, e não a letra, tínhamos presente que nem mesmo as cláusulas essenciais têm forçosamente de ser introduzidas de saída e, vice-versa, outras podem ser in-CONTRATO AUTORITÁRIO

cluídas, de acordo com as circunstâncias.

E CONTRATO DEMOCRÁTICO

A regra da associação livre pode ser proposta de maneiras muito diferentes, e até mesmo não ser explicitada Na medida em que regulará o aspecto real da rela-de início. Como dizia Racker (1952), em uma nota de ção entre analisando e analista, o acordo deve ser neces-rodapé de seu Estudo III, a regra fundamental pode não sariamente justo e racional, igualitário e eqüitativo. Disso ser comunicada de início, mas, de qualquer modo, logo decorre a utilidade de diferenciar o contrato democrático faremos o analisando conhecê-la, por exemplo, ao pedir-do contrato autoritário ou do demagógico. O contrato de-lhe que associe ou que diga tudo o que lhe ocorre sobre mocrático é o que leva em conta as necessidades do trata-um determinado elemento do conteúdo manifesto de um mento e as harmoniza com o interesse e a comodidade de sonho (p. 80). Ninguém tem dúvida de que é melhor co-ambas as partes.

municar sem delonga a regra fundamental, mas pode ha-Tenho observado repetidamente que os analistas jover exceções. A um paciente muito assediado por pensa-vens tendem a pensar de boa-fé que o contrato obriga mais mentos obsessivos será preciso ter cuidado ao propô-la, o futuro analisando do que a eles mesmos, mas estão in-para não lhe criar de início um problema de consciência teiramente equivocados. Assim pensam, contudo, todos os grande demais. Porém, um paciente hipomaníaco – e não pacientes, o que não é mais do que uma parte de seus há o que dizer se for maníaco – não precisará de um estí-

conflitos. Na realidade, o analisando só se compromete a

52 R. HORACIO ETCHEGOYEN

cumprir determinadas diretivas que concernem à tarefa, e para caracterizar o contrato em que uma parte impõe e a nem sequer a

cumpri-las, mas a tentá-lo. Não é autoritário outra tem de acatar: as duas partes contratantes subscreve que o analista vele por essas diretivas, porque deve prote-velas (metaforicamente) esse convênio, porque o considere a tarefa combinada, como qualquer operário respon-ram conveniente.

sável por seu ofício. Por outro lado, a cada obrigação do Por isso, dissemos anteriormente que o contrato é analisando corresponde, simetricamente, uma do analis-importante como ponto de referência da conduta ulterior ta. Às vezes, os pacientes queixam-se de que o analista do paciente. Nós descontamos desde já que o analisando fixe o período de férias, por exemplo, mas nisso não há não vai cumprir, não vai poder cumpri-lo. A norma é for-nada de autoritário ou unilateral: todo profissional fixa mulada não para que seja cumprida, mas para ver como o seu período de descanso e, além disso, se essa constante analisando comporta-se frente a ela. O que muitas vezes ficasse à livre escolha do paciente, o trabalho do analista se chamou de atitude permissiva do analista consiste, jus-se desordenaria.

tamente, em que a norma é exposta, porém não é impos-O contrato é racional, enquanto as diretivas ajustam-ta. Quando surgir um impedimento para cumpri-la, o que se ao que se determinou como mais favorável para que o importa ao analista é ver de que se trata: o analista em-processo analítico desenvolva-se da melhor maneira pos-frentará o descumprimento não com uma atitude normasível, de acordo com a arte. A regularidade e a estabilida-tiva (muito menos punitiva), e sim com sua específica qua-de dos encontros não apenas se justificam pelo respeito lidade de compreensão.

recíproco entre as partes, mas porque são necessárias para É diferente que eu diga ao paciente que se deite no o desenvolvimento do tratamento.

divã, de que diga que deve deitar-se, ou de que não lhe A partir desses pontos de vista, não me é difícil defi-diga nada. Apenas no primeiro caso fica aberto o caminho nir o contrato autoritário como aquele que busca a conve-para analisar. No terceiro caso, eu não poderia fazer nun-niência do analista, em vez de preservar o desenvolvimento ca uma interpretação do voyeurismo, por exemplo. O pa-da tarefa. Quando o contrato busca agradar ou apaziguar ciente diria, com toda razão, que não é por voyeurismo o paciente, em detrimento da tarefa, deve ser tachado de que não se deita, mas porque eu não lhe disse que tinha de demagógico.

fazê-lo. Se deixei isso a seu critério, e seu critério é ficar Se as

entrevistas foram desenvolvidas corretamente sentado, não há nada mais a dizer. Ao contrário, se lhe e culminaram com a indicação de se analisar, no momento disse que se deite e fale, e o paciente responde que não de fundar essa indicação o analista enunciará os objetivos gosta de ficar deitado, porque sente angústia ou porque do tratamento, explicará ao entrevistado que a psicanálise não lhe parece natural falar deitado com alguém que está é um método que opera fazendo com que o analisando sentado, ou o que for, então já está colocado um problema conheça melhor a si mesmo, o que deve dar-lhe melhores que pode e deve ser analisado. Ou seja, apenas quando o oportunidades para manejar sua mente e sua vida. Aqui, analista tiver formulado a norma é que se pode analisá-la surge a pergunta que já mencionamos, em que consiste o se o paciente não a cumprir. Desenvolvi esse tema com tratamento e, por conseguinte, as normas de como, quan-certa extensão em um trabalho apresentado no Congresso do e onde se realizará esse trabalho que é a análise.

Pan-Americano de Nova York, em 1969.

Surgem, assim, naturalmente, a regra analítica fun-A tolerância frente ao descumprimento da norma damental, ou seja, como o analisante deve comportar-se nada tem a ver, em meu ponto de vista, com a ambigüida-no tratamento, como deve informar-nos, como deve for-de. Evito ser ambíguo, prefiro dizer as coisas taxativamente necer-nos o material com o qual trabalharemos e em que e não deixar que o paciente as suponha. Se, por exemplo, consiste nosso trabalho: devolver informação, interpretan-o paciente pergunta-me, na primeira sessão, se pode fu-do. Desse modo, é introduzida a regra da associação livre, mar, digo-lhe que sim, que pode fazê-lo e que tem aí um que pode ser formulada de maneiras muito diversas, e de-cinzeiro.³ Alguns analistas preferem não dizer nada, ou pois as constantes de tempo e lugar, frequência, duração, interpretar o significado da pergunta. Creio que isso é um troca de dinheiro e de tempo, etc. Portanto, tudo acontece erro, porque uma interpretação só é possível quando an-naturalmente, pois, se digo a alguém que vai realizar um tes foram fixados os termos da relação. O paciente não trabalho comigo, imediatamente me pergunta quantas entende isso como uma interpretação, mas como minha vezes tem de vir e a que horas, quanto tempo trabalhare-forma de lhe dizer se pode ou não pode fumar. Se digo a mos, etc. Nesse contexto, é certo que o futuro analisando ele, por exemplo, “você quer sujar-me”, entenderá que não pergunte pela duração do tratamento, ao que se respon-o deixo; se lhe digo “você precisa de que eu lhe dê permis-derá que a análise é longa, leva anos e não se pode calcu-são”, entenderá que não precisa pedir-me permissão, que lar de antemão o quanto vai durar. Pode-se acrescentar

não me oponho. Nem em um caso, nem no outro, terá também que, à medida que alguém vê que sua análise pro-recebido uma interpretação. Por isso, prefiro não ser am-gride, preocupa-se menos com sua extensão.

bíguo. Se depois desse esclarecimento o paciente volta a Não se deve perder de vista que, por sua índole sin-colocar o problema, já não cabe outra atitude para o ana-gular, as cláusulas do contrato psicanalítico não são invioláveis, nem exigem do paciente outra adesão senão a de conhecê-las e tentar cumpri-las. O contrato analítico 3 Pertence inteiramente ao estilo do analista deixar seus pacien-não é um contrato de adesão, como se diz juridicamente tes fumarem, ou lhes pedir para que se abstenham de fazê-lo.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 53

lista senão interpretar. Justamente ter sido claro no come-psicopático. Se um analista pede a seus pacientes o paga-

ço permite ser mais estrito depois.

mento em dinheiro, porque lhe é mais cômodo, ele está O mesmo vale para a associação livre. A regra funda-em seu direito, é seu estilo. Eu não o faço, porque me pamental deve dar ao paciente, e com clareza, a idéia de que rece que não está de acordo com os costumes e com meu ele tem, em primeiro lugar, a liberdade de associar, que estilo pessoal. Se um analista me dissesse que não recebe pode associar, que pode dizer tudo o que pensa; contudo, cheques porque o cheque serve para negar o vínculo ao mesmo tempo, deve saber que o analista espera que libidinal com o dinheiro, eu diria a ele que está equivocanão guarde nada para si, que fale sem reservas mentais.

do. Se um paciente pensa que, ao pagar com cheque, não Não lhe digo que tem a obrigação de dizer tudo o que paga ou não suja a relação, ou seja o que for, é preciso pensa, porque sei que isso é impossível: ninguém diz tudo analisar essas fantasias e a implícita falha na simbolização, o que pensa, nem sequer na última sessão da mais com-sem recorrer a uma precaução que seria própria da técni-pleta análise, porque há sempre resistências, recalca-ca ativa. Um analista europeu disse uma vez, em nossa mentos. Então, tento fazer o paciente ver não apenas que cidade, que exige que lhe paguem com cheque para que o tem liberdade para dizer tudo o que pensa, mas também paciente não pense que ele elude suas rendas, mas esse que deve dizê-lo mesmo que lhe seja custoso, de tal forma proceder também corresponde, em meu ponto de vista, à que ele saiba que a norma existe e que seu

descumprir técnica ativa. Será melhor analisar por que o paciente pensa mento será matéria de meu trabalho.

assim (ou por que não pensa assim, se ocorresse em Buenos No começo de minha prática, quando não introduzimos Aires!). Um homem jovem, que era executivo de uma casa zia claramente a norma de deitar no divã, a maioria de importante e tinha um mau manejo com o dinheiro, vinha meus pacientes ficava sentada e eu não sabia o que fazer.

muitas vezes com o cheque de seu salário e queria transferir. Um exemplo ainda mais engraçado é o daquele aluno ri-lo para mim. Às vezes, pretendia que eu agisse como o meu que me consultou porque todos os seus pacientes banco e devolvesse-lhe o valor do cheque que excedia meus ficavam calados. Por mais que ele já tivesse lido seu Aná-

honorários. Nunca aceitei esse tipo de acertos e sempre lise do caráter e interpretasse-lhes o silêncio, não conseguia preferir esperar que ele o descontasse e então me pagasse, nunca absolutamente nada. Sua difícil e enigmática situação mesmo sabendo que corria o risco de que gastasse o di-

ção só pôde ser resolvida quando explicou como formou-se nesse meio tempo. Quando passou a ser sócio da lava a regra fundamental: “Você pode dizer tudo o que firma, eu aceitava o cheque da empresa, se fosse pela im-pensa e também tem o direito de ficar calado”. Com essa portância justa de meus honorários, embora viesse assinatura-diretiva, os pacientes optavam pelo mais simples. Essa do pelo contador da empresa, e não por ele.

formulação, diga-se de passagem, é um exemplo típico Nunca aceito pagamento em moeda estrangeira, de contrato demagógico.

nem a conta de honorários, mas posso mudar essa norma-Isto nos faz voltar ao ponto de partida. Dissemos que mesmo em certas circunstâncias. Um analisando veio preo-o contrato analítico deve ser justo e equitativo. No caso cupado à sua última sessão antes das férias, porque ha-recém-citado, o contrato era demagógico, já que se dava via calculado mal meus honorários e o dinheiro que tirava do paciente mais liberdade do que tem. A regra fundamental não disponível já não era suficiente para pagar-me. Permental é, certamente, um convite generoso a falar com o paciente se podia acertar o pequeno saldo em dólares, liberdade, mas é também uma severa solicitação, pois pede ou se eu preferia que me pagasse em pesos na volta. Dispara-se sobrepor

às resistências. Por isso, não creio que a se-lhe que fizesse como achasse melhor. E centrei minha atmosfera analítica seja permissiva, como se diz com fre-atenção nas angústias de separação – das quais, entre quência. O contrato analítico pressupõe responsabilidade, parênteses, o paciente tinha consciência pela primeira uma responsabilidade grande e compartilhada.

vez, depois de tê-las negado invariavelmente por muitos anos. Variações como essa não são, em meu entender, uma mudança de técnica e não podem comprometer em CONTRATO E USOS CULTURAIS

absoluto a marcha do tratamento.

Se um analisando adoece e falta à análise por um As diretivas do contrato, enquanto normas que esta-tempo, o analista pode modificar conjunturalmente a nor-belecem a relação entre as partes, devem ajustar-se aos ma de cobrar as sessões. Dependerá das circunstâncias, do usos culturais. A psicanálise não poderia nunca se colocar que o paciente propuser e também de suas possibilidades.

fora das normas gerais que regem a relação entre as pes-Não é o mesmo um homem abastado e outro de escassos soas em nossa sociedade. O analista deve tentar respeitar recursos; não é o mesmo o que pede que se considere essa os usos culturais quando têm validade. Se eles não têm, e situação e quem não a coloca. A norma pode variar dentro isso pode afetá-lo, poderá então denunciá-los e discuti-de certos limites. Há sempre um ponto de toda relação los. Como exemplo do que quero dizer, tomemos o paga-humana em que é necessário saber escutar o outro e saber mento dos honorários com cheque. Em nosso país, existe o que deseja e espera de nós, sem que isso nos obrigue a o uso cultural de pagar dessa forma e, nesse sentido, não comprazê-lo. Aceitar a opinião do paciente nem sempre seria adequado não aceitar um cheque do analisando, sem-significa gratificá-lo ou conformá-lo, assim como não pre que seja de sua conta e não, é claro, de terceiros, pois aceitá-la não tem por que ser sempre uma afronta ou uma isso já implica um abuso de confiança, quando não um ato frustração.

54 R. HORACIO ETCHEGOYEN

As viagens apresentam um problema interessante.

estabilidade. Meu paciente pedia-me sempre mudanças e Uma solução salomônica, que aprendi com Hanna Segal reposições de hora quando

precisava prestar exames ou quando veio a Buenos Aires em 1958, é cobrar a metade.

estudar, e eu sempre as concedia, sem nunca me questionar. Isso implica, por um lado, um compromisso do paciente, mas por isso, nem tampouco analisá-lo, já que a “norma”

porque continua responsabilizando-se por seu tratamento. nesses casos era simplesmente que se chegasse a um acordo, embora não venha; e, por outro lado, de alguma forma do sobre a hora da sessão. Após ter terminado seu curso sobre o lucro cessante do analista, na medida em que “não

– e estar muito contente, porque havia superado sua im-

é um mau negócio” cobrar a metade por horas de que se poderia – viajou por dois dias com uma moça para se poder dispor livremente. Uma pessoa muito opulenta não divertiria. Pedi-me, como sempre, uma mudança de horário-

sabia se começava sua análise antes ou depois das férias rio, e eu lhe disse que não ia concedê-la, porque a situação de verão. Ele havia feito a ressalva de que ia para a Euro-

ção era diferente. Disse-me então, categoricamente, que pai e perguntou-me se lhe cobraria essas sessões, no caso eu era igual ou pior que o pai: quando me pedia uma mudança de começar. Disse-lhe que, se começasse antes, eu lhe cobraria de horário para estudar, eu sempre a concedia, mas cobraria a metade do valor das sessões nas quais estivesse para sair com uma moça, não. Tinha razão, ao menos de ausente pela viagem. Isso ficou como norma para o futuro seu ponto de vista. Eu deveria ter analisado com mais cuidado; contudo, em certa ocasião, ausentou-se inopinadamente pelas suas mudanças anteriores, e também esta de agora, por uns dias, para ir a um balneário, apesar de eu lhe inantes de lhe dar uma resposta. Esse exemplo serve para interpretar o sentido que tinha fazê-lo. Dessa vez, não lhe demonstrei a importância da norma, porque, nesse caso, concedi a franquia para que ficasse em evidência que era a norma era que eu “tinha” de lhe trocar o horário. Com uma decisão unilateral e que eu não estava de acordo.

a pessoa das viagens, ao contrário, a norma era que ela não se deve perder de vista que o dinheiro não é a coisa responsável pela hora, embora eu pudesse contem-

única coisa que conta, nesses casos, nem sequer a mais plausível o caso

particular.

importante. Para a pessoa recém-citada, que dispunha de Deve-se ter sempre presente que o contrato é um dinheiro para viajar quantas vezes quisesse e que limitou ato racional, entre adultos. Daí que a equanimidade com suas viagens ao indispensável durante seu prolongado tra-que se faça assente as bases do respeito mútuo entre ana-tamento, a redução dos honorários tinha antes o caráter lista e analisando, o que também se chama de aliança de de um reconhecimento, de minha parte, de que suas via-trabalho.

gens eram justificadas. Do mesmo modo, uma pessoa pode pedir que se cancele uma sessão ou que se mude a hora para não se sentir em falta, e não pelo dinheiro da consul-OS LIMITES DO CONTRATO

ta ou para manejar psicopaticamente o analista.

Um aspecto interessante é o da influência da infla-O contrato estabelece uma carta de condições, com ção sobre os honorários. Entre nós, já se tornou clássico o as obrigações que o analisando e o analista têm. Essas re-trabalho que Liberman, Ferschhut e Sor apresentaram no lações são recíprocas e, talvez mais que recíprocas, têm a III Congresso Psicanalítico Latino-Americano, reunido em ver com o próprio tratamento como pessoa jurídica (se os Santiago do Chile em 1960.4 Esse trabalho é importante advogados permitem-me utilizar essa expressão). Toda-porque mostra que o contrato analítico sela o destino do via, há direitos e obrigações que o analista e o analisando processo e está, por sua vez, subordinado a fatores cultu-têm como pessoas, que não concernem ao contrato. Nem rais, como é, nesse caso, a inflação. Santiago Dubcovsky sempre é fácil discriminar, nesse ponto, e vejo meus alu-

(1979) referiu-se a esse tema, mostrando convincentemen-nos vacilarem e também, para ser sincero, meus colegas.

te o efeito que a inflação tem sobre a prática analítica e as Um analista pode ter o desejo de supervisionar um possibilidades de neutralizá-la, não tanto com medidas de seus pacientes; é um direito que todo analista tem, in-pretensamente estabilizadoras, mas sim com acordos fle-clusive uma obrigação, se é um candidato; porém, de ma-xíveis e razoáveis, que respeitem os princípios do método neira alguma isso pode ficar incluído no contrato. Alguma e levem em conta as necessidades e possibilidades de ambas pessoa do meio, algum analista que me coube tratar, disas partes contratantes.

se-me algo assim, que queria ou que não queria que su-Deve-se ter muito cuidado nessas questões e não des-pervisionasse seu caso, mas eu nunca respondi, não me lizar para uma atitude superegóica, irracional. Ensinou-senti absolutamente na necessidade de fazê-lo. No entan-me isso meu primeiro paciente, que hoje é um distinto to, quando o paciente refere-se a algo que tem a ver com o advogado platense e que se tratou comigo por uma impo-contrato, é preciso responder-lhe. Se me pergunta se serei tência episódica que o preocupou muito e que atribuía, reservado com o que ele me disser, respondo-lhe que sim, não sem certa razão, a um pai bastante severo. Então, naque tenho a obrigação de guardar o segredo profissional, quele tempo distante, meu enquadre era muito mais frou-embora ele devesse saber disso e sua pergunta tivesse ou-xo que agora e eu não tinha idéia do que significava sua tros determinantes. Ao contrário, não me sinto obrigado a responder quando são coisas que concernem à minha pró-

pria discrição, ao meu arbítrio. Se um colega pedisse-me 4

para supervisionar o cônjuge de um paciente meu ou, em Publicou-se no número extraordinário do volume 18 da Revista de Psicoanálisis em 1961.

geral, um familiar próximo, não o faria; porém, não consi-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 55

dero essa decisão como parte do contrato com meu pacien-que viole nenhum preceito técnico ou ético. Não ocorre-te. Se este alguma vez me perguntasse isso, não me sentiria a ninguém que procede mal tomando notas depois da riação na obrigação de esclarecê-lo. Não gosto, tampouco, de sessão. É justamente isso que Melanie Klein fazia com supervisionar pacientes com os quais estou ligado por um Richard. Não há, no meu entender, uma diferença subs-vínculo de amizade. Uma vez, supervisionando um caso tancial entre um processo e o outro, pois são duas for-de homossexualidade, descobri que o parceiro daquele homas de registrar a sessão. Se Funes, o memorioso, se torrem era alguém que eu conhecia desde jovem e, assim, nasse analista, certamente não usaria o gravador, mas inteiarei-me, sem me propor a isso, de sua perversão. Creio poderia reproduzir as sessões como se o utilizasse. Enque a maioria dos analistas aceita esse tipo de limitações, quanto memória mecânica do analista, o gravador é, para mas não deve considerá-las de maneira alguma como clá-

mim, um recurso totalmente válido.

usulas do contrato. Um analisando soube que eu era o supervisor de um candidato que tratava sua esposa e perguntou-me se eu supervisionaria esse caso. Decidi respon-

O TRATAMENTO DE PROVA
der-lhe que não o faria, porém não considerei essa proposição como parte do contrato.

Entre tantos problemas colocados pelo contrato, vale Um de meus primeiros pacientes de Mendoza para mencionar a famosa e agora bastante esquecida pergunta-me se eu era membro da Associação, e respondianálise de prova. Freud a utilizava para fazer o diagnóstico afirmativamente. Esclareceu-me, então, que se havia co, segundo o diz em “Sobre a iniciação do tratamento”

tratado com um médico que lhe havia dito que ia psican-

(1913c). Atualmente, a maioria dos analistas prefere relisá-lo, mas não era analista. Depois, quando me pergun-meter esse problema às entrevistas. A análise de prova cria, tou se eu era membro ou candidato, já não me senti na sem dúvida, incerteza no paciente, com o que se turva o obrigação de responder. Nem nesta nem na pergunta an-campo, porque é inegável que, quando se põe alguém à terior, deixei de notar os componentes paranóicos (des-prova, este faz tudo o que é possível para não ser rechaçado.

confiança) e maníacos (denegrimiento) que estavam em Parece mais conveniente, então, confiar às entrevis-jogo, mas não me guiei por eles, e sim pelo aspecto racio-tas o problema da indicação, e não incluí-lo no próprio nal do contrato (sem dúvida, segundo meu leal saber e tratamento como análise de prova. De qualquer modo, nos entender nesse momento). Em outras palavras, deve-se casos difíceis, não é certo que as entrevistas possam resol-separar – na medida do possível – a desconfiança paranóiver o problema, e deve-se também levar em consideração ca da desconfiança racional, ver onde termina aquela e que não é prudente prolongá-las demais, porque podem começa esta. Além disso, não devemos esquecer que a con-criar uma ansiedade desnecessária no entrevistado e com-fiança inicial do paciente nem sempre é muito racional.

plicar a relação analítica futura pelos vínculos que vão sen-Portanto, é importante deslindar claramente o que do formados, ainda mais que o enquadre das entrevistas pode ser parte do contrato e o que pertence ao foro íntinão torna aconselhável fazer interpretações sobre a transmo, à liberdade individual de cada um. Que eu tome no-ferência que está formando-se.

tas durante ou depois da sessão, ou que grave, são pre-Esse inconveniente foi mencionado concretamente caução que tenho o direito de tomar para levar adiante por Freud, que não queria dar ao paciente a vantagem de meu trabalho; não tenho de prestar contas ao paciente.

estabelecer uma relação de transferência antes de iniciar Em relação ao gravador, discute-se muito e acalorada-o tratamento e, certamente por isso, recorria à análise de mente. Melanie Klein declarou-se totalmente contra seu prova. Essa razão tem, sem dúvida, peso, mas o risco pode emprego no prefácio de seu Narrative of a child analysis ser menor se as entrevistas são realizadas tendo-se em (1961). Se se considera que o gravador é um recurso do conta, com clareza, seus objetivos e respeitando-se seu pró-

analista para registrar seu trabalho e estudá-lo, não creio prio enquadre.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

SEGUNDA PARTE

Da Transferência e da Contratransferência

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

7

História e Conceito da Transferência

A teoria da transferência é um das maiores contri-ele algo semelhante, motivo pelo qual considerava que o buições de Freud para a ciência e é também o pilar do fenômeno era inerente à histeria.

tratamento psicanalítico. Quando se repassam os traba-Esses detalhes permitem-nos afirmar agora que, no lhos desde que surge o conceito até seu total desenvolvi-lapso de um pouco mais de 10 anos, transcorrido desde mento, chama a atenção o breve lapso dessa investigação: que finalizou o tratamento da célebre paciente até a “Co-

é como se a teoria da transferência tivesse nascido, inteira municação preliminar” de 1893, Freud foi amadurecendo e de um só golpe, na mente de Freud, embora sempre se as bases de sua teoria da transferência.

tenha dito o contrário, que ele foi elaborando-a pouco a pouco. Talvez

essas duas afirmações não se contradigam, no entanto, se a primeira se refere ao central da teoria e a TRANSFERÊNCIA E FALSO ENLACE

segunda aos detalhes.

Nas histórias clínicas dos Estudos sobre a histeria (1895d), vê-se aparecer diversas vezes alguma observa-O CONTEXTO DA DESCOBERTA

ção sobre as características singulares da relação que se estabelece entre o psicoterapeuta e seu paciente, comen-Uma releitura do trabalho de Szasz, “The concept of tários que, no caso de Elisabeth von R., são bastantes cla-transference”, fez com que se recolocasse para mim esse ros. Quando Freud escreve “Sobre a psicoterapia da histe-pequeno dilema, interessante, sem dúvida, do ponto de ria”, o Capítulo IV desse livro fundamental, a idéia da trans-vista da história das idéias psicanalíticas. Como todos saferência como uma relação humana singular entre o médi-bem, por Jones (1955) e pela “Introdução” de Strachey ao co e o enfermo através de um falso enlace fica definida grande livro de Breuer e Freud (AE, v.2, p. 3-22), o trata-categoricamente.

mento de Anna O. ocorreu entre 1880 e 1882 e terminou O raciocínio de Freud, ao descobrir a transferência, com um intenso amor de transferência e contratransfe-parte de uma avaliação sobre a confiabilidade da coerção rência (e até de paratransfêrencia, poderíamos dizer, pelo associativa. Segundo ele, há três circunstâncias nas quais ciúme da esposa de Breuer). Os três protagonistas desse o método fracassa, mas as três não fazem senão convalidá-

pequeno drama sentimental registraram-no como um epi-lo. A primeira ocorre quando não há mais material a in-sódio humano igual a qualquer outro. Quando Breuer re-vestigar em um área determinada e, como é óbvio, mal se feriu a Freud o tratamento de Anna O., no final de 1882

poderia dizer que fracassa a coerção associativa, em que (o tratamento havia finalizado em junho), fez menção ao não há mais nada para investigar. (Vocês recordarão que, desenlace traumático; porém, ao que parece, Freud nesse ponto, para apreciar o que realmente acontece, Freud tampouco estabeleceu, de imediato, uma conexão entre o observa a atitude do paciente, sua expressão facial, a sere-enamoramento e a terapia. Quando, pouco depois, comen-nidade de seu rosto, sua autenticidade.) tou-o em uma carta a Martha Bernays, então sua noiva, A segunda eventualidade, descrita por Freud com o

Freud a tranquilizava, dizendo-lhe que isso nunca aconteceria de resistência interna é, sem dúvida, a mais típica coisa com ele, porque “for that to happen one has to be a desse método e a que justamente levou a compreender a Breuer”* (Szasz, 1963, p. 439).

luta de tendências, ou seja, o ponto de vista dinâmico, o No começo da década de 1890, como assinala Jones, valor do conflito na vida mental. Nesses casos, afirma Freud instou Breuer a comunicar os achados sobre a his-Freud, e novamente com razão, o método continua sendo teria e observou que a reticência de Breuer apoiava-se em válido, já que a coerção associativa falha somente na me-seu episódio sentimental com Anna O. Freud pôde condida em que tropeça em uma resistência; contudo, é pre-vencê-lo, dizendo-lhe que também havia acontecido com cisamente por intermédio dessa resistência que se conseguirá chegar, por via associativa, ao material que se busca.

A terceira, por último, a resistência externa, marca outro aparente fracasso do método, cuja explicação deve ser buscada na relação particular do paciente com seu

*N. de R.T. Em inglês, como no original.

60 R. HORACIO ETCHEGOYEN

psicoterapeuta, daí que seja externa, extrínseca, não-ine-cionismo, Freud já a situa na dialética do presente e do rente ao material. Aqui, Freud distingue três casos, que passado, no contexto da repetição e da resistência.

podemos rotular de ofensa, dependência e falso enlace.

Vale a pena sublinhar que, já nesse texto, Freud as-Quando o paciente sofreu uma ofensa por parte do sinala que esses falsos enlaces da transferência consti-médico, alguma pequena injustiça, alguma desatenção tuem um fenômeno regular e constante da terapia e que, ou desinteresse, algum desprezo, ou quando escutou um embora importem um aumento do labor, não impõem comentário adverso sobre sua pessoa ou seu método, sua um trabalho extra: para o paciente, a tarefa é a mesma, capacidade de colaborar entorpece-se. Enquanto a situa-ou seja, vencer o desgosto que teve em certo momento ção persiste, falha a coerção associativa; porém, quando de recordar um determinado desejo. Convém observar se esclarece o ponto de controvérsia, a colaboração res-que Freud fala aqui, concretamente, de desejo e de recor-tabelece-se e o procedimento volta a funcionar com toda dação, mas não registra ainda a relação

entre ambos, que a eficácia. Não importa, precisa Freud, que a ofensa seja ocupará sua atenção em “Sobre a dinâmica da transfereal ou simplesmente sentida pelo paciente: em ambos rência” (1912b).

os casos, erige-se um obstáculo frente à coerção associa-Quando se relêem com atenção essas duas páginas tiva, enquanto trabalho entre o médico e o paciente, e a admiráveis de “Sobre a psicoterapia da histeria”, impõe-cooperação restabelece-se com o esclarecimento neces-se ao espírito a idéia de que toda a teoria da transferência sário. Freud já incorpora aqui às suas teorias, ainda que já estava potencialmente no Freud de 1895, e com ela toda implicitamente, a idéia de realidade interna, a que é sena psicanálise, isto é, a idéia de conflito e de resistência, a tida pelo paciente, o que importa muito para a futura vigência da realidade psíquica, a sexualidade. Veremos de teoria da transferência.

imediatamente que, de fato, no epílogo do caso “Dora”,¹ a teoria A segunda forma de resistência externa provém de é exposta de forma completa.

um temor muito especial do paciente, a dependência, o temor de perder sua autonomia e até de ficar atado sexualmente ao médico. Diga-se de passagem que é singular que TRANSFERÊNCIA DO DESEJO

Freud não veja aqui, de momento, um falso enlace a partir de sua então vigente teoria da sedução. Nesse caso, o pa-Na seção C, “Acerca do cumprimento de desejo”, do ciente nega sua colaboração para se rebelar, para evitar capítulo sétimo da Interpretação dos sonhos (1900a), Freud cair nessa situação temida e perigosa; também aqui, o es-emprega a palavra transferência para dar conta do pro-clarecimento pertinente (em última instância, a análise cesso de elaboração onírica. O desejo inconsciente não desse temor) resolve-o.

poderia chegar nunca à consciência, nem burlar os efeitos O terceiro tipo de resistência extrínseca é o falso en-da censura, se não conferisse sua carga a um resto diurno lace, em que o paciente atribui ao médico representações pré-consciente. Freud chama esse processo mental tam-

(desprazerosas) que emergem durante a tarefa. Freud cha-bém de transferência (Übertragung). Embora não diga em ma a isso de transferência (Übertragung) e assinala que nenhum momento que emprega a mesma palavra porque ocorre por meio de uma conexão errônea, equivocada.

o fenômeno é o mesmo, muitos autores dão por certa a Freud expõe um exemplo convincente, que vale a pena identidade conceitual. Entre

nós, Avenburg (1969) e Cesio consignar de forma textual: “A origem de um certo sinto-

(1976) opinam dessa maneira. Avenburg diz, por exemplo, que a histérica era, em uma de minhas pacientes, o desejo pelo, que a transferência não é outra coisa senão utilizar o que acariciara há muitos anos, e em seguida remetera ao analista como resto diurno, em si mesmo indiferente, como inconsciente, de que o homem com quem estava conver-suporte do desejo inconsciente e de seu objeto infantil.

sando nesse momento se aproveitasse ousadamente e lhe Cesio, por sua vez, apóia seu raciocínio nas duas formas desse um beijo. Pois bem, certa vez, no final de uma sessão com que Freud utiliza a palavra transferência e, aplicando-a, aflorei na paciente esse desejo com relação à minha estritamente à transferência os mecanismos de elaboração-pessoa; isso lhe causa espanto, passa uma noite insone e, então onírica, conclui que a identidade é evidente.

na sessão seguinte, ainda que não se recuse ao tratamento-Jacques-Alain Miller (1979), expoente distinto da teoria, está incapacitada por completo para o trabalho” (1995d, escola de Lacan, pensa que o termo transferência surge na AE, v.2, p. 306-307). E Freud acrescenta: “Desde que te-Interpretação dos sonhos e só depois assume seu significado averiguado isso, posso pressupor, frente a qualquer do mais especializado (ou seja, clínico). Esse autor vai um requerimento parecido a minha pessoa, que voltaram a se pouco além, porque apenas leva em conta a teoria do falso produzir uma transferência e um falso enlace”.

enlace dos Estudos. Entende-se esse ponto de vista, sem Deve-se destacar que Freud adverte, ao remover a dúvida um tanto parcial, porque o que interessa a Miller é obstáculo, que o desejo transferido, o qual tanto havia apoiado a idéia de Lacan sobre o significante: o sonho apoiado sua paciente, aparece em seguida como a recordação dos restos diurnos, esvazia-os de sentido e atribui-lhes uma patogenicidade mais próxima, a que exigia o contexto a eles um valor diferente, um novo significado. “É ali que lógico: isto é, em vez de ser recordado, o desejo apareceu Freud fala pela primeira vez de transferência de sentido, com referência direta a ele, Freud, em tempo presente.

Desse modo, e embora a incipiente teoria da transferência fique explicada como o resultado (mecânico) do associativismo “Fragmento de análise de um caso de histeria”, AE, v.7, p. 98 e ss.

deslocamento, de utilização pelo desejo de formas muito A experiência mostra consistentemente, prossegue estranhas a ele, mas das quais se apodera, carrega, infiltra Freud, que a transferência é um fenômeno inevitável do e dota de uma nova significação” (p. 83).

tratamento psicanalítico: nova criação da enfermidade, É de fazer notar, entretanto, que outros autores estu-deve ser combatida como as anteriores. Se a transferência dam e expõem a teoria da transferência sem levar em connão pode ser evitada, é porque o paciente a utiliza como ta absolutamente a seção C, que estamos considerando.

um recurso a fim de que o material patogênico permaneça Assinalo essa diferença porque creio que tem a ver com inacessível; porém, acrescenta, é só depois que foi resolvi-problemas teóricos de fundo sobre a natureza do fenôme-da que o paciente chega a se convencer da validade das no transferencial.

construções realizadas durante a análise. Vemos, pois, que Por minha vez, considero que a utilização da mesma já aqui surge a transferência em suas duas vertentes, obs-palavra nos dois contextos assinalados não implica neces-táculo e agente da cura, propondo-se, assim, como um sariamente que, para Freud, houvesse entre eles uma iden-grande dilema para a reflexão freudiana.

tidade conceitual. Entretanto, aplicando as idéias de Freud não tem dúvida de que o fenômeno da trans-Guntrip (1961), podemos pensar que, nos Estudos e no ferência complica a marcha do tratamento e o trabalho do epílogo de “Dora”, Freud expõe uma teoria personalística médico, mas também é claro que, para ele, não acrescenta da transferência e, no capítulo sétimo, dá conta do mesmo essencialmente nada ao processo patológico, nem ao defenômeno com um enfoque processual, isto é, de processo senvolvimento da análise. Em última instância, o trabalho mental. Nesse ponto, concordo com Strachey, que, em uma do médico e do paciente não difere substancialmente se o nota de rodapé da página 554 (AE, v.5), explica que Freud impulso a dominar refere-se à pessoa do analista ou a ou-empregou a mesma palavra para descrever dois processos tra qualquer.

psicológicos diferentes, embora não desconectados entre si.

Freud afirma no epílogo, e afirmará sempre, que o tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas a descobre, a torna visível, assim como outros processos A TRANSFERÊNCIA EM “DORA”

psíquicos ocultos. A transferência existe fora e dentro da análise; a única diferença é que, nesta, ela é detectada e No epílogo da análise de “Dora” (publicado em 1905, tornada consciente. Dessa forma, a transferência vai sen-mas sem dúvida escrito em janeiro de 1901), Freud desen-do desenvolvida e descoberta continuamente, e Freud volve uma teoria ampla e compreensiva da transferência, conclui com essas palavras duradouras: “A transferência, na qual já se encontram todas as idéias que se cristaliza-destinada a ser o máximo obstáculo para a psicanálise, rão no trabalho de 1912, que discutiremos no próximo converte-se em seu auxiliar mais poderoso, quando se capítulo.

consegue inferi-la em cada caso e traduzi-la ao paciente”

Durante o tratamento psicanalítico, diz Freud, a neu-

(AE, v.7, p. 103).

rose deixa de produzir novos sintomas, porém seu poder, que não se extinguiu, aplica-se à criação de uma classe especial de estruturas mentais, quase sempre inconscien-CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS

tes, às quais se deve dar o nome de transferências.2

Essas transferências são impulsos ou fantasias que Com o que Freud disse no epílogo de “Dora”, estamos se tornam conscientes durante o desenvolvimento do tra-em condições de caracterizar a transferência. Trata-se de tamento, com a peculiaridade de que os personagens pre-um fenômeno geral, universal e espontâneo, que consiste térios encarnam-se agora no médico. Assim, revive-se em unir o passado ao presente mediante um falso enlace uma série de experiências psicológicas como pertencem-que superpõe o objeto originário ao atual. Essa superpo-tes não ao passado, mas ao presente e em relação ao psi-sição do passado e do presente está vinculada a objetos e canalista. Algumas dessas transferências são praticamente desejos pretérios que não são conscientes para o sujeito e idênticas à experiência antiga e, aplicando-lhes uma me-que dão à conduta um selo irracional, em que o afeto não táfora tomada da imprensa, Freud as chama de reim-aparece como ajustado – nem em qualidade, nem em quan-pressões; outras, ao contrário, têm uma construção mais tidade – à situação real, atual.

engenhosa, à medida que sofrem a influência modeladora Apesar de, no epílogo de “Dora”, Freud não remeter de algum fato real (do médico ou das circunstâncias) e, esse fenômeno à infância, já que diz,

por exemplo, que então, são mais novas edições do que reimpressões, pro-Dora faz, em certo momento, uma transferência do Sr. K.

duto da sublimação.

para ele, em todo momento aparece em seu raciocínio a existência e a importância da transferência paterna, ou seja, que se refere ao pai, embora não necessariamente ao pai da infância.

2 “No curso de um tratamento psicanalítico, a neoformação de sin-Pode-se ler um acertado resumo das idéias de Freud toma suspende-se (de maneira regular, estamos autorizados a di-sobre a transferência nas cinco aulas que ele ministrou, em zer); porém, a produtividade da neurose não se extinguiu em ab-setembro de 1909, na Clark University, de Massachusetts, soluto, mas afirma-se na criação de um tipo particular de forma-convidado por G. Stanley Hall, e publicadas no ano se-

ções de pensamento, na maioria das vezes inconscientes, às quais guinte. Em sua quinta conferência, Freud fala da transfe-se pode dar o nome de transferências” (AE, v.7, p. 101).

62 R. HORACIO ETCHEGOYEN

rência, sublinha sua função de aliada no processo analíti-Ferenczi haviam publicado, um pouco antes, dois traba-co e define-a rigorosamente a partir de três parâmetros: lhos importantes, os quais completam e ampliam as idéias realidade e fantasia, consciente e inconsciente, passado e de Freud.

presente. A vida emocional que o paciente não pode re-O trabalho de Abraham, “As diferenças psicosexuais cordar, conclui, é revivenciada na transferência, e é ali que entre a histeria e a demência precoce”, é de 1908(a).

deve ser resolvida.

Abraham retoma as idéias de Jung sobre a psicologia na Nesse ponto, a teoria freudiana da transferência deve demência precoce, de um ano antes, e centra a diferença ser considerada completa e exata. A transferência é uma entre a histeria e a demência precoce na disponibilidade relação de objeto peculiar de raiz infantil, de natureza in-da libido. A demência precoce destrói a capacidade do inconsciente (processo primário) e, portanto, irracional, que divíduo para uma transferência sexual, isto é, para o amor confunde o passado com o presente, o que lhe confere seu objetal. Essa subtração da libido de um

objeto sobre o qual, caráter de resposta inadequada, desajustada, inapropriada.

em certa oportunidade, esteve transferida com particular A transferência, enquanto fenômeno do sistema Icc, per-intensidade é típica, porque a demência precoce implica tence à realidade psíquica, à fantasia, e não à realidade justamente a cessação do amor objetual, a subtração da fática. Significa que os sentimentos, os impulsos e os delibido do objeto e o retorno ao auto-erotismo. Os sinto-sejos que surgem no momento atual e em relação a uma mas apresentados pela demência precoce, estudados por determinada pessoa (objeto) não podem ser explicados Jung, são para Abraham uma forma de atividade sexual em termos dos aspectos reais dessa relação, mas sim, ao auto-erótica.

contrário, se forem referidos ao passado. Por isso, Greenson O trabalho de Abraham acentua a capacidade de (1967) diz que os dois traços fundamentais de uma rea-transferir a libido, mas descuida a fixação no passado. As-

ção transferencial são que é repetitiva e inapropriada (p.

sim, a diferença entre amor “real” e transferência não fica 155), ou seja, irracional.

clara. Por seu interesse em diferenciar dois tipos de proA partir dessa caracterização freudiana, podemos di-cessos, neurose e psicose, Abraham sacrifica a diferença zer que a maioria dos autores procura compreender a trans-entre presente e passado na relação de objeto, nítida na ferência na dialética de fantasia e realidade. Como já assiepicrise de “Dora”. É importante assinalar que Abraham nalaram Freud, em diversos contextos, Ferenczi em 1909, delimita aqui praticamente os dois grandes grupos de neu-Fenichel (1941, 1945a) depois e Greenson (1967) mais rose que Freud descreverá em 1914, em “Introdução do tarde, o fato psíquico é sempre a resultante dessa dialética, narcisismo”.

ou seja, uma mistura de fantasia e realidade. Uma reação Creio, assim, que a contribuição de Abraham nesse transferencial nunca o é cem por cento, e tampouco o é a trabalho é relevante para a psicologia da psicose, mas não ação mais justa e equilibrada. Como diz com rigor Fenichel tanto para a teoria da transferência.

(1945a), quanto maior for a influência dos impulsos re-Um ano depois, Sandor Ferenczi continua a investi-primidos que buscam sua

descarga através de derivados, gação de Jung e Abraham. Ferenczi salienta a importância mais estará entorpecida a correta avaliação das diferenças e a ubiquidade da transferência e a explica como o mecanismo entre o passado e o presente e maior também será o com-nismo pelo qual uma experiência típica esquecida é posta ponente transferencial na conduta da pessoa em questão.

em contato com um evento atual por meio da fantasia in-Devemos considerar, pois, que a transferência é o irracio-consciente. Essa tendência geral dos neuróticos à transfe-nal, o inconsciente, o infantil da conduta, que coexiste com rência encontra no curso do tratamento analítico as cir-o racional, o consciente e o adulto em série complementar.

cunstâncias mais favoráveis para sua aparição, enquanto Como analistas, não devemos pensar que tudo é transfe-os impulsos recalçados que, graças ao tratamento, vão torrência, mas descobrir a porção dela que há em todo ato nando-se conscientes dirigem-se in statu nascendi para a mental. Nem tudo é transferência, mas em tudo há trans-pessoa do médico, que opera como uma espécie de ferência, o que não é o mesmo.

catalisador.

Voltaremos mais adiante a esse tema bastante com-Ferenczi compreende claramente que a tendência a plexo para tentar precisar a relação entre realidade e fan-transferir é o traço fundamental da neurose ou, como ele tasia na transferência, assim como a interação entre trans-diz, que a neurose é a paixão pela transferência: o paciente-ferência e experiência, que me parece fundamental para te fuge de seus complexos e, em uma total submissão ao uma definição mais precisa do fenômeno.

princípio do prazer, distorce a realidade conforme seus desejos.

Essa característica dos neuróticos permite distingui-CONTRIBUIÇÕES DE

los claramente do demente precoce e do paranóico. De ABRAHAM E FERENCZI

acordo com as idéias de Jung (1907) e Abraham (1908a), o demente precoce retira, subtrai completamente sua libi-A teoria da transferência que Freud expõe no epílo-do (interesse) do mundo externo e torna-se auto-erótico.

go de “Dora” despertou o interesse de seus primeiros disO paranóico não pode tolerar dentro de si os impulsos cípulos. O próprio Freud, em seu artigo de 1912, comenta instintivos e libera-se deles projetando-os no mundo ex-um escrito de Stekel de 1911 e, por sua vez, Abraham e terno. A neurose, ao contrário, no pólo oposto da para-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 63

nóia, em vez de expulsar os impulsos desagradáveis, bus-

ções de objeto, o de Ferenczi ocupa-se especificamente da ca objetos no mundo exterior para carregá-los com impul-teoria da transferência, deixando claro que a quantidade sos e fantasias. A esse processo, oposto à projeção, Ferenczi desta mede o grau de enfermidade. Estabelece assim, clara-dará o nome duradouro de introjeção. Mediante a intro-mente, a dialética da transferência entre fantasia e reali-jeção, o neurótico incorpora objetos a seu ego para lhes dade, apoiando o fenômeno nos mecanismos de projeção transferir seus sentimentos. Assim, seu ego amplia-se, ao e introjeção, tema que será essencial na investigação de passo que o ego do paranóico estreita-se.

Melanie Klein, sua analisanda e discípula. Esses duas con-Enquanto o trabalho de Abraham é um marco decisi-tribuições de Ferenczi são, sem sombra de dúvida, fun-vo para diferenciar neurose de psicose e discriminar duas damentais.

classes de libido (alo e auto-erótica) em termos de rela-

64 R. HORACIO ETCHEGOYEN

8

Dinâmica da Transferência

Neste capítulo, nós nos ocuparemos de “Sobre a di-evidente que ela é necessária se quisermos definir com nâmica da transferência”, que Freud escreveu em 1912 e precisão a transferência.

incluiu em seus trabalhos técnicos. É, na realidade, como Voltemos agora à exposição de Freud. Se a necessi-assinala Strachey (AE, v.12, p. 95), um trabalho essencial-dade de amor de um indivíduo não se encontra inteiramente teórico e de alto nível teórico. Freud propõe-se a mente satisfeita em sua vida real, essa pessoa estará sem-resolver dois problemas: a origem e a função da transfe-pre em uma atitude de busca, de espera, frente a quem rência no tratamento psicanalítico. É necessário destacar quer que conheça ou encontre; e é muito provável

que que, nesse estudo, a transferência é, para Freud, um fenô-

ambas as porções da libido, a consciente e a inconsciente, menos essencialmente erótico.

apliquem-se a essa busca. De acordo com a definição recém-proposta, a porção consciente da libido se aplicará a essa busca de forma racional e realista, enquanto a outra NATUREZA E ORIGEM DA

o fará apenas com a lógica do processo primário, em busca de descarga.

TRANSFERÊNCIA

O analista não tem por que ser uma exceção em tais circunstâncias e, portanto, a libido insatisfeita do paciente. A origem da transferência deve ser buscada em como se dirigirá para ele tanto quanto a qualquer outra pessoa, nos modelos, estereótipos ou clichês que todos temos e como já disse Ferenczi em seu ensaio de 1909. Se excede que surgem como resultante da disposição inata e das em quantidade e natureza o que poderia justificar-se nas experiências dos primeiros anos. Esses modelos de como, é porque essa transferência apóia-se justamente no conteúdo erótico repetem-se constantemente no curso mais no que foi recalcado do que nas idéias antecipatórias da vida, embora possam mudar frente a novas experiências inconscientes.¹

cias. Pois bem, apenas uma porção dos impulsos que ali-Quanto à natureza e à intensidade, Freud é claro e mantém esses estereótipos atinge um desenvolvimento psí-

determinado e manterá, em todos os seus escritos, idêntico completo: é a parte consciente que se dirige para a pessoa; a transferência é a mesma, tanto na análise da realidade e está à disposição da pessoa. Outros impulsos, quanto fora dela; não deve ser atribuída ao método, mas à história no curso do desenvolvimento, afastados da consciência, à neurose. Recorde-se o que diz, por experiência e da realidade, impedidos de toda expansão fora do, dos sanatórios para doentes nervosos.

da fantasia, permaneceram no inconsciente.

Quero deter-me um momento nesse ponto para destacar que Freud distingue aqui dois fenômenos que vêm do passado: o que alcançou um desenvolvimento psí-

TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA

quico completo e fica à disposição da consciência (do ego, em termos da segunda tópica) e o que fica afasta-O outro problema que se coloca Freud é mais comple-do da consciência e da realidade. Nessa reflexão freu-xo: por que a transferência aparece, durante o tratamento diana apóia-se minha idéia da transferência como con-psicanalítico, como resistência? No início do ensaio, encon-traposta à experiência. Quero dizer que os estereótipos tra uma resposta clara e satisfatória para esse problema; compõem-se de duas classes de impulsos: os conscien-porém, logo veremos como depois as coisas complicam-se.

tes, que servem ao ego para compreender a circunstân-A explicação de Freud parte de que é condição necia presente com os modelos do passado e dentro do cessária para que surja a neurose o processo descrito por princípio de realidade (experiência), e os inconscientes, que, submetidos ao princípio do prazer, tomam o presente pelo passado em busca de satisfação, de descarga 1 Acabo de dizer que, em meu entender, se quisermos deslindar a (transferência). Os estereótipos da conduta são sempre transferência da totalidade do ato de conduta, devemos consi-modelos do passado em que estão presentes em série derar que “as idéias antecipatórias conscientes” não lhe perten-complementar esses dois fatores, experiência e transfe-cem. Chego até a pensar que não fazer essa discriminação levou rência. Embora Freud não estabeleça tal diferença, é Freud a dificuldades teóricas.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 65

Jung como introversão, segundo o qual a libido capaz de penetrou na consciência com prioridade em relação a consciência e dirigida para a realidade diminui, torna-se qualquer outro possível, porque satisfaz a resistência.

inconsciente, afasta-se da realidade e alimenta as fantasi-Muitas vezes, quando nos aproximamos de um comple-as do sujeito, reativando as imagos infantis. O processo xo patogênico, a porção desse complexo capaz de trans-patológico constitui-se a partir da introversão (ou regres-ferência surge na consciência e é defendida com a maior são) da libido, que reconhece dois fatores de realização: obstinação.²

Há, aqui, um ponto que sempre me foi difícil de com-1. a ausência de satisfação no mundo real e atual, prender no raciocínio de Freud. Se a porção do comple-que inicia a introversão (conflito atual e regres-xo capaz de transferência mobiliza-se porque satisfaz a são);

resistência, não pode ser, ao mesmo tempo, a que des-2. a atração dos

complexos inconscientes, ou me-perta a resistência mais forte. É que no mesmo raciocínio lhor, dos elementos inconscientes desses com-se diz que a resistência causa a transferência (a idéia plexos (conflito infantil e fixação).

transferida chega à consciência porque satisfaz a resistência) e o contrário, que a idéia transferida chega à cons-Na medida em que o tratamento psicanalítico consis-ciência para mobilizar a resistência (e é defendida com a te em seguir a libido nesse processo regressivo para torná-

maior tenacidade).

la novamente acessível à consciência e colocá-la a serviço Freud parece não se se dar conta de sua ambigüidade realidade, o analista constitui-se, de fato, no inimigo de (ou o que chamo de sua ambigüidade) e dá a impres-das forças da regressão e do recalcamto, que operam são de se inclinar pela segunda alternativa, isto é, que se agora como resistência. Aqui, a relação entre resistência e utiliza a transferência para promover a resistência. O en-transferência não pode ser mais nítida: as forças que puse-lace transferencial, assinala Freud, ao transformar um deram em marcha o processo patológico apontam agora consejo em algo que tem a ver com a própria pessoa a quem tra o analista, enquanto agente de mudança que quer re-se dirige esse desejo, torna-o mais difícil de admitir.³ Des-verter o processo. Ferenczi (1909) havia advertido isso, sa forma, parece que Freud quer dizer que o impulso (ou o ao dizer que os impulsos liberados pelo tratamento diri-desejo) transforma-se em transferência para poder, assim, gem-se para o analista, que atua como agente catalítico.

ser ulteriormente resistido.

Essa reflexão, que transforma uma explicação proEm resumo, o ponto de vista de Freud nesse trabalho cessual na explicação personalística correspondente, é a poderia ser expresso dizendo-se que a transferência serve mesma que Freud sempre utilizou para estabelecer a ana-

à resistência porque: 1) a transferência é a distorção mais logia entre recalcamto e resistência. Mais ainda, é no efetiva e 2) conduz à resistência mais forte. De acordo fenômeno vincular (personalístico) da resistência que com o segundo ponto, a transferência é apenas uma tática Freud apóia-se para justificar sua teoria (processual) do que o paciente emprega para resistir e, se fosse assim, já recalcamto.

Penso, então, que essa reflexão é suficiente não se poderia dizer que o tratamento não a cria.

para dar conta da relação entre transferência e resistência-De qualquer modo, se quiséssemos esclarecer esse cia. Todavia, Freud não fica satisfeito e se faz outra per-problema difícil com os instrumentos que Freud nos dá gunta: por que a libido que se subtrai do recalçamento, em Inibição, sintoma e angústia (1926d), diríamos que a durante o processo de tratamento, há de se enlaçar ao emergência de uma recordação (angustiosa) põe em ação médico para operar como uma resistência? Ou, em outros uma resistência de recalçamento que a transforma em um termos, por que a resistência utiliza a transferência como fenômeno vincular, o qual se coagula imediatamente na seu melhor instrumento?

resistência de transferência. Talvez seja isso o que Freud O tratamento analítico, prossegue Freud, tem de ven-quer dizer em 1912 quando afirma, primeiro, que nada é cer a introversão (regressão) da libido, motivada pela frus-melhor do que transferir para evitar a recordação e, em tração da satisfação, por um lado (fator externo), e pela seguida, que a transferência é o que condiciona a resistência-atração dos complexos inconscientes, por outro (fator in-cia mais forte, porque o mais difícil é reconhecer algo que terno). Desse modo, cada ato do analisando conta com está presente no momento. Entretanto, essa explicação é esse fator de resistência e representa um compromisso entre tão válida quanto a contrária, ou seja, que o desejo surgias forças que tendem para a saúde e as que se opõem (AE, do na transferência reativa a recordação, como dizia o v.12, p. 101). Quando seguimos um complexo patogênico próprio Freud em 1895.

até o inconsciente, entramos logo em uma região na qual A contradição que creio notar deriva de que Freud a resistência faz-se sentir claramente, de maneira que cada fala às vezes da transferência em função da recordação, e associação deve levar seu selo: e é nesse ponto que a transferência entra em cena (ibid.). Por pouco que algum elemento no material do complexo preste-se a ser transferido para a pessoa do médico, essa transferência tem lugar 2 "Sempre que nos aproximamos de um complexo patogênico, e produz a próxima associação que se anuncia como uma primeiro se adianta até a consciência a parte do complexo suscetível de ser transferida e é defendida com a máxima tenacidade"

resistência: a detenção do fluxo associativo, por exemplo.

(AE, v.12, p. 101).

Infere-se, a partir dessa experiência, que o elemento do 3 Compare-se com o que foi dito anteriormente, que o trabalho material do complexo que se presta a ser transferido para o paciente é o mesmo.

66 R. HORACIO ETCHEGOYEN

outras em função do desejo. Quanto a recordar, a melhor vale a pena assinalá-lo, atravessa do começo ao fim toda a resistência será a transferência, porque transforma uma práxis da análise. Por isso me detive nesse ponto, pois creio recordação em algo presente, ao vivo e a cores, como dique ele encerra um grande problema teórico. O que consi- zem as pessoas da televisão. Do ponto de vista do desejo, derei como uma contradição no pensamento de Freud ao contrário, será sua atualidade o que há de despertar a deriva, em última instância, de suas dúvidas sobre a natu-resistência mais forte. Freud não faz em nenhum momen-reza última do fenômeno transferencial. Essa dúvida não to essa distinção entre resistência à recordação e resistên-

é apenas de Freud; ela aparece continuamente em muitas cia ao desejo e, por isso, incorre, a meu ver, em contradi-discussões sobre a teoria da técnica. Como assinala Racker ção; porém, isto sim, em nenhum momento perde de vista (1952) em “Considerações sobre a teoria da transferên-a complexidade do fenômeno. Porque, embora não possa cia”, há analistas que consideram a transferência somente desprender-se totalmente da idéia mecanicista de falso en-come resistência (à recordação) e há os que acreditam lace, já em seu exemplo de “Sobre a psicoterapia da histe-que as recordações servem unicamente para explicá-la. Em ria” percebe com clareza a interação entre esses dois fato-outras palavras, há analistas que utilizam a transferência res e assinala que a remoção da resistência de transferên-para recuperar o passado, e outros que recorrem ao passa-cia conduz diretamente à recordação patogênica.

do para explicar a transferência. Essa antinomia, contudo, O que mais se acomoda à resistência à recordação, é, é inconsistente, porque a transferência é, ao mesmo tem-sem dúvida, a transferência, porquanto é através dela que po, o passado e o presente: quando é resolvida, solucio-o paciente não rememora, não recorda. O que pode ser nam-se as duas coisas, e não uma. O inconsciente é melhor para não lembrar do que trocar a recordação pela atemporal e o tratamento consiste em lhe dar temporali-atualidade, pela presença? Para isso, é óbvio, deverá pe-dade, ou seja, em redefinir um passado e um presente.

netrar na consciência o elemento do complexo patogênico Nesse sentido, quando tem êxito, a análise resolve dialetique seja mais

adequado à situação atual, de modo que camente as três estases do tempo de Heidegger. Recorda-permita que o complexo seja repetido, em vez de ser re-

ção, transferência e história são, na realidade, inseparáveis.

cordado. Nenhuma associação pode ser melhor para evi-O analista deve fazer com que o passado e o presente unam-tar a recordação do que a associação transferencial: no se na mente do analisando, superando os recalcamientos e momento em que eu ia recordar a rivalidade com meu as dissociações que tentam separá-los.

pai, começo a sentir rivalidade com meu analista, e essa Para terminar este item, talvez seja conveniente lem-transferência serve-me maravilhosamente para não me res-brar que o conceito de resistência de transferência não ponsabilizar pela recordação. É o que observa Freud em pertence ao Freud de 1912, mas antes ao de 1926. No

“Homem dos Ratos” (1909d) e o diz concretamente.

Capítulo XI, seção A de Inibição, sintoma e angústia, espe-No entanto, quando afirmamos que a associação cialmente na página 150, quando faz sua classificação das transferencial é a que condiciona a resistência mais for-três resistências do ego, Freud define com precisão a resiste, é porque já não pensamos na recordação, e sim no tência de transferência (AE, v.20, p. 147-154). Considera desejo. Que situação pode ser mais embaraçosa para nós que a resistência de transferência é da mesma natureza do que reconhecer um desejo quando está presente seu que a resistência de recalcamiento, mas tem efeitos especi-destinatário?

ais no processo analítico, na medida em que consegue reanimar um recalcamiento que deveria apenas ser recordado.⁴ Essa frase é, de novo, ambígua. Pode-se entender A RESISTÊNCIA DE TRANSFERÊNCIA

que a resistência de transferência é o mesmo que a resistência de recalcamiento, só que referida ao analista e à Para resolver a complexa relação entre resistência e situação analítica; ou, ao contrário, que a (resistência transferência, abordada por Freud em 1912, propus encará-

de) transferência reanima um recalcamiento que deveria la a partir de dois ângulos distintos, que são, de certo modo, somente ter sido recordado. No primeiro caso, Freud di-inconciliáveis, mas que operam de comum acordo, servin-ria que a resistência de recalcamiento é a

mesma coisa do um como resistência do outro. Por isso, Ferenczi dizia que a resistência de transferência, só que vista de outra sabiamente que, quando o paciente fala do passado, deve-perspectiva; no segundo, o apagamento da recordação nos falar do presente e, quando nos fala do presente, fa-provoca a transferência.

lemos a ele do passado.

Se o que buscamos é recuperar a recordação patogênica, a transferência opera como a melhor distorção, de O ENIGMA DA

modo que, à medida que aumente a resistência à recorda-
TRANSFERÊNCIA POSITIVA

ção, o analisando procurará estabelecer uma transferência para evitá-lo. Porém, se consideramos o desejo, a pulsão Talvez o maior problema que se coloca para Freud, será então ao contrário. Porque sempre será mais difícil em 1912, seja por que razão a transferência, que é um confessar um desejo presente, um desejo dirigido ao interlocutor, do que recordar que este foi experimentado com outra pessoa no passado. Logo, o problema está vinculado 4 “(...) e, assim, reanimar como se fosse fresco um recalamento à antinomia entre a recordação e o desejo. Essa antinomia, que devia ser meramente recordado” (AE, v.20, p. 150).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 67

fenômeno basicamente erótico, está a serviço da resistênciabilizado ainda, comove, por um momento, o sólido cia na análise, o que não parece ocorrer em outras terapias-edifício teórico que pôde ser construído no epílogo de as. Não se deve esquecer que, para resolver esse enigma

“Dora”.

(se o é), Freud classifica a transferência em positiva e ne-Na realidade, Freud opera nesse caso com um crité-

gativa, ao mesmo tempo em que divide a primeira em eró-

rio mais psicoterapêutico do que psicanalítico. É certo que tica e sublimada. Apenas as transferências negativa e po-a transferência positiva de impulsos eróticos (submissão, sitiva de impulsos eróticos atuam como resistência; e são sedução, atração hetero e homossexual, etc.), que não se esses dois componentes, prossegue Freud, que elimina-atinge com a psicoterapia, joga a favor da cura, se en-mos,

tornando-os conscientes, enquanto o terceiro fator tendemos por cura recalcar melhor os conflitos; na psica-

(a transferência positiva sublimada) persiste sempre “e é nálise, ao contrário, à medida que a analisamos, ela se na psicanálise, assim como nos outros métodos de trata-transforma em resistência. Não há, porém, nenhuma ne-mento, o portador do êxito” (AE, v.12, p. 103). Partindo cessidade de explicar por que a transferência coloca-se a dessa perspectiva, Freud aceita que a psicanálise opera, serviço da resistência na análise, e não nos outros méto-em última instância, por sugestão, se entendermos por dos, porque isso não é certo; apenas que ali ela é posta em sugestão a influência de um ser humano sobre outro atra-evidência, como nos ensinou o próprio Freud. Se pratico vés da transferência.

uma psicoterapia que utiliza a submissão homossexual de Talvez valha a pena recordar aqui os postulados do meus pacientes (masculinos) para fazê-los progredir e me-ensaio de Ferenczi de 1909, sobretudo da segunda parte, lhorar, posso dizer, então, que não se colocam para mim que estuda o papel da transferência na hipnose e na su-problemas de resistência de transferência; porém, a ver-gestão. Sem conceder grande importância às diferenças dade é que estabeleço um vínculo perverso com meus pa-entre esses dois fenômenos (hipnotismo e sugestão), cientes e nada mais.

Ferenczi apóia o ponto de vista de Bernheim de que a hip-A necessidade que Freud sente de explicar por que a nose é apenas uma forma da sugestão.⁵ Recorde-se a mu-transferência opera na análise como um obstáculo, como lher a quem o grande húngaro tratou, primeiro com hip-uma resistência muito forte, está baseada em uma premis-notismo e depois com psicanálise. Com o segundo trata-se que o próprio Freud rechaça e, na realidade, não se mento, surgiu o amor de transferência e, então, a paciente sustenta: a transferência não seria mais forte na análise confessou que havia tido iguais sentimentos durante o trado que fora dela.⁶

tamento anterior e que, se havia obedecido às sugestões Como diz Freud em muitas oportunidades, a análise hipnóticas, tinha sido por amor. Ferenczi conclui que a não cria esses fenômenos; eles estão na natureza humana, hipnose opera porque o hipnotizador desperta no hipnotisado a essência da enfermidade. Ferenczi (1909) dizia que zado os mesmos sentimentos de amor e temor que este o quantum de transferência é o quantum de enfermidade, teve frente aos pais (sexuais) de sua infância. Para Ferenczi, de neurose. Tomemos um paciente de caráter passivo-fe-a sugestão é uma forma de

transferência. O médium sente minino que recorre à homossexualidade como defesa frente pelo hipnotizador o amor inconsciente que sentiu na in-

à angústia de castração, um exemplo muito simples e muito fância por seus pais. O ensaio de Ferenczi termina com certo. Na realidade, o que acrescento a isso, como analis-um parágrafo bastante concludente:

ta, quando mobilizo a defesa? Dou acesso para o analisando a algo que sempre esteve presente, porque sua homos-A sugestão e a hipnose, segundo as novas idéias, corres-sexualidade evita a angústia de castração, ao mesmo tem-pondem à criação artificial de condições nas quais a ten-po que a realiza, pois, de fato, um homossexual passivo dência universal (geralmente rechaçada) à obediência não usa seu pênis, ou pelo menos o usa mal. Apenas do cega e à confiança incondicional, resíduo do amor e do ponto de vista econômico é certo que, ao remover sua de-

ódio infantil-erótico em relação aos pais, transfere-se do fesa (a homossexualidade), aumentou sua angústia de complexo paterno para a pessoa do hipnotizador ou do castração. Mais exatamente, sua angústia não aumentou, sugestionador (Psicanálise, v.1, p. 134, os grifos são do tornou-se patente quando a análise removeu uma forma original).

específica de maneja-la.7

Deixando de lado neste momento o apaixonante problema teórico da relação entre transferência e sugestão, FUNÇÃO DA TRANSFERÊNCIA

que discutiremos mais adiante, tudo faz supor que, nesse ponto, a inusitada intensidade do fenômeno transferencial, Outra forma de compreender o que estamos dizendo pela qual nem Freud, nem seus discípulos haviam-se res-

é perguntando-nos até que ponto é pertinente a explica-6 Racker (1952) também incorre nesse erro, em meu entender, 5 Como todos sabem, Freud (1921c) vai pronunciar-se finalmen-quando quer explicar por que a transferência é tão forte na aná-

te contra Bernheim (ou, o que dá no mesmo, a favor de Charcot), lise, recorrendo ao que chama de abolição do rechaço.

afirmando que a sugestão é uma forma da hipnose: o hipnotizador 7 Deixo de lado aqui o problema de se a angústia ou, em geral, os toma o lugar do ideal do ego (superego) do hipnotizado, e assim

sentimentos podem ser inconscientes, porque isso não concerne se exerce sua influência.

ao desenvolvimento de meu pensamento.

68 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ção funcional de determinados fenômenos, até que ponto transferência não é um obstáculo, mas a própria matéria é útil o funcionalismo em psicanálise. Como é sabido, o do tratamento.

funcionalismo procura explicar os fatos sociais e, em es-O raciocínio que acabo de fazer para compreender o pecial, os antropológicos por sua função, isto é, pelo papel empenho de Freud de explicar a transferência em função que desempenham dentro do sistema social ao qual perda resistência leva-me, mais adiante, a objetar a classifica-tencem.8

ção da transferência proposta por Lagache em seu valioso Sem entrar na discussão de seus fundamentos episte-informe de 1951. Adiantemo-nos a dizer que a classifica-mológicos, o funcionalismo não parece ser muito aplicá-

ção da transferência em positiva e negativa deve ser vel à psicanálise, pelo tipo de fatos que trata nossa disci-fenomenológica, isto é, pelo afeto (como fez Freud em plina. Freud ensinou-nos que o sintoma expressa sempre 1912), e não pelo efeito, pela utilidade, como propõe todos os termos do conflito; nunca é simples, é complexo.

Lagache, justamente para evitar a conotação funcional que, Nesse ensino inspira-se o princípio da múltipla função de como acabamos de ver, é bastante equívoca.

Wälder (1936), que nos diz que o funcionalismo é sempre equívoco em psicanálise, na qual não há uma causalidade linear e simples, em que a função varia com a perspectiva TRANSFERÊNCIA E REPETIÇÃO

do observador. Segundo a “teoria” funcionalista de nosso hipotético analisando, a homossexualidade cumpre a função No final desse artigo impressionante, Freud dá uma de protegê-lo da angústia de castração; porém, para mim, vívida descrição do tratamento psicanalítico e indica-nos que sou seu analista, cumpre a “função” de fazê-lo adoecer.

o rumo que seguirá sua investigação. Assinala que, à me-A idéia de explicar a transferência em função da redida que o tratamento interna-se no inconsciente, as rea-sistência leva então, talvez, a uma

proposição simples de-

ções do paciente revelam as características do processo mais. O critério funcional não apenas é insuficiente em primário, que o levam a valorizar seus impulsos (ou dese-psicanálise, mas também, às vezes, pode fazer-nos errar o jos) como atuais e reais, enquanto o médico tenta situá-

caminho. Quanto ao desenvolvimento do tratamento, por los no contexto do tratamento, que é o da história vital do exemplo, deve-se discriminar entre as expectativas de como paciente. Do resultado dessa luta, conclui Freud, depende se deve cumpri-lo e o fato real de como se desenvolve. São o êxito da análise e, embora seja certo que essa luta desen-duas coisas distintas. No final de seu ensaio, Freud diz volve-se plenamente no campo da transferência e oferece que o analisando quer atuar (agieren) seus impulsos in-ao psicanalista suas maiores dificuldades, também lhe dá conscientes, em vez de recordá-los, “como o tratamento o a oportunidade de mostrar ao paciente seus impulsos eró-

deseja”. Contudo, a verdade é que o tratamento (ou, nes-ticos esquecidos, da maneira mais imediata e conclusiva, se caso, o analista) não tem por que desejar nada. O projá que é impossível destruir um inimigo in absentia ou in cesso psicanalítico desenvolve-se de acordo com sua pró-

effigie.

pria dinâmica que, como analistas, devemos respeitar e, Desse modo, Freud abre o novo tema de sua investi-na medida do possível, compreender.

gação, a transferência como um fenômeno repetitivo, que Nesse sentido, poderíamos dizer que depende muito vai ocupá-lo por muitos anos. Efetivamente, dois anos de-da ênfase que atribuímos aos fenômenos, da perspectiva pois, estuda a transferência a partir do conceito de repeti-em que nos colocamos para ver o problema. É certo, por ção, que antepõe ao de recordação.

um lado, que o amor de transferência é instrumentado Também na Conferência nº 27 das Conferências de para o tratamento não se desenvolver, para convertê-lo introdução à psicanálise (1916-1917), quando expõe no-em um affaire, em uma pura satisfação de desejos; real-vamente suas idéias sobre a transferência, salienta que a mente obstaculiza. Por outro lado, não se deve esquecer neurose é a

consequência da repetição. A análise da trans-que esse obstáculo é a própria doença, que consiste em que esse paciente não pode aplicar sua libido assim, a transferência deixa de constituir um obstáculo para as situações reais, a objetos reais; nesse sentido, o amor de ra ser o melhor instrumento da cura.

8 Malinowski e Radcliffe-Brown são os principais intérpretes dessa orientação, que Nagel discute amplamente na seção 2 do Capítulo XIV de sua obra (1961).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 69

9

Transferência e Repetição

RESUMO DOS DOIS

morar e recuperar as recordações, a transferência opera como resistência, porque reativa a recordação, porque a

CAPÍTULOS ANTERIORES

torna vigente e atual, com o que deixa de sê-lo. Não obstante, Freud também diz nesse artigo, e o reiterará muitas vezes, que um inimigo não pode ser vencido in absentia à análise de “Dora”, seguramente em janeiro de 1901, ou in effigie, com o que assinala que, na realidade, a con-Freud tinha uma idéia concreta da natureza da transferência do tratamento que ele tinha até esse momento vai rência e de sua importância, embora depois o desenvolvi-mudar até certo ponto – e vai mudar justamente ao com-mento de sua reflexão chegue às vezes a pontos obscuros prender o significado da transferência.

e/ou discutíveis. A transferência deve ser continuamente A Freud interessa explicar a intensidade que a trans-analisada, diz ele, e acrescenta que apenas quando a transferência adquire no tratamento psicanalítico e por que serve ferência foi resolvida o paciente adquire verdadeira con-aos fins da resistência, em aberto contraste com o que (apa-vicção das construções que se fizeram para ele. Isso é muito frequentemente) sucede nos outros tratamentos de pacientes to claro, e hoje todos o subscrevem plenamente. Creio, nervosos – ponto de vista, como já dissemos, bastante por minha vez, que o paciente não somente adquire con-discutível.

vicção, já que se analisa a transferência, mas que, além Freud parte do princípio de que, em nossas modalidades, tem todo o direito de que seja assim, porque só a dade de relação amorosa, ocorrem determinadas pautas, transferência demonstra-lhe que realmente repete as pau-estereótipos ou clichês que se repetem continuamente por tas de seu passado: todo o resto não passa de uma mera toda a vida; ou seja, cada um enfrenta uma situação amo-compreensão intelectual que não pode chegar a conven-rosa com toda a bagagem de seu passado, com modelos cer ninguém.

que, reproduzidos, configuram uma situação na qual o Recordemos também, brevemente, o artigo de 1912, passado e o presente põem-se em contato.

em que Freud fornece uma explicação teórica do fenômeno-Freud também afirma claramente que há nesse fenô-

no da transferência, colocando-o em relação com o trata-meno dois níveis ou dois componentes, porque uma parte mento e com a resistência.

da libido desenvolveu-se plenamente e está ao alcance da A respeito do tratamento, Freud reafirma o que já consciência, enquanto a outra foi recalçada. Apesar de con-disse em 1905, que o tratamento não cria a transferêntribuir para o modo de reação do indivíduo, a libido conscia, mas a descobre. Este é um conceito muito freudiano ciente nunca será um obstáculo para o desenvolvimento, e (e muito importante), que às vezes é esquecido quando sim, ao contrário, o melhor instrumento para aplicar o se discute a espontaneidade do fenômeno, como vere-que se aprendeu no passado à situação presente.

mos ao falar do processo psicanalítico. Nesse sentido, A outra parte da libido, que não adquiriu seu pleno Freud é categórico: a transferência não é efeito da análi-desenvolvimento, é vítima do recalçamento, ao mesmo se, mas antes a análise é o método que se ocupa de des-tempo em que é atraída pelos complexos inconscientes.

cobrir e analisar a transferência. Assim, pode-se dizer, Por esse duplo mecanismo, essa libido sofre um processo pura e simplesmente, que a transferência é em si mesma de introversão – segundo o termo de Jung que Freud a doença: quanto mais transferimos o passado ao pre-propugna nesse momento. Essa libido inconsciente, sub-sente, mais nos equivocamos entre o presente e o passa-traída da realidade, é a que provoca fundamentalmente do e mais doentes estamos, mais perturbado está nosso (e, a meu critério, exclusivamente) o fenômeno

de trans-princípio de realidade.

ferência.

O outro problema que se coloca Freud em 1912 é a A partir desse modelo teórico, Freud explica convinção entre a transferência e a resistência. Esse tema cer-centemente a relação da transferência com a resistência.

tamente merece um esforço de atenção. Nos termos de À medida que a ação do médico encaminha-se para que sua concepção da cura daquele momento, Freud opina e essa libido subtraída à consciência e afastada da realidade irá reiterá-lo dois anos depois, em “Recordar, repetir e volte a ser liberada, os mesmos fatores que produziram reelaborar” (1914g), que, enquanto o tratamento propõe-sua introversão agirão agora como resistência (de transfe-se a descobrir as situações patogênicas passadas, reme-

70 R. HORACIO ETCHEGOYEN

rência). Nesse sentido, pode-se dizer que o conflito mental rência e adscrive-o a um mecanismo já mencionado em trazido pelo paciente transforma-se em um conflito per-1905 e sobretudo em 1912: a repetição.

sonalístico quando o analista intervém para mobilizá-lo.

Ao estabelecer o conceito de neurose de transferênEssas idéias têm plena vigência na psicanálise atual.

cia, Freud assinala um fato clínico: os fenômenos patoló-

A única coisa em que caberia modificá-las é em sua exten-gicos que antes ocorriam na vida do paciente começam são, já que devem ser aplicadas a todo tipo de relação de agora a operar nessa zona intermediária entre a doença e objeto, e não apenas à vida amorosa. Sem por isso desme-a vida, que é a transferência, com o que assenta um con-recer em nada a importância da libido na teoria da rela-ceito técnico. É importante sublinhá-lo, porque já vimos ção de objeto, diríamos agora que o outro tipo de impul-como o conceito de neurose de transferência leva alguns so, a agressão, também sofre esse mesmo processo.

analistas a uma posição restritiva no campo das indica-Freud não se conforma com isso ao explicar a rela-

ções (ou analisabilidade), quando o utilizam em sentido ção entre transferência e resistência. Diz algo mais, que a nosográfico e não técnico, apoiados em outro trabalho de transferência começa a operar no momento em que se Freud do mesmo ano, “Introdução do narcisismo”, em que detém (por resistência) o processo de rememoração, que neurose de transferência contrapõe-se a neurose narcísica.

se põe em marcha justamente a serviço desse processo Mas voltemos à repetição. O conceito de repetição resistencial: em vez de rememorar, o paciente começa a não é novo, já que está implícito no de transferência, à transferir e, para isso, escolhe de todo o complexo o ele-medida que algo volta do passado e opera no presente.

mento mais apto para a transferência. Em outras palavras, Vale a pena salientar, porém, que a idéia de falso enlace de das várias possibilidades que seu complexo oferece, e pos-1895 não pressupõe necessariamente a repetição, como a to que não quer recordar, o paciente utiliza como resistên-de estereótipo ou clichê.

cia o elemento que melhor possa encadear na situação Freud contrapõe, nesse artigo, recordação a repeti-presente. Portanto, de todo o complexo, o elemento que ção, e não se deve perder de vista que se a repetição ocor-primeiro se mobiliza como resistência é o mais apto para a re é porque não está ali a recordação, já que esta é o anti-

transferência, porque a melhor distorção é a distorção doto da repetição. Então, vale a pena assinalar que, em transferencial.

1914, Freud utiliza o conceito de repetição com um crité-

Já assinalamos que aqui Freud parece debater-se em rio preciso, porque o contrapõe à recordação. Até 1912, uma contradição, que também o alcança no capítulo teressa diferença conceitual não é tão definida. No trabalho ceiro de Além do princípio de prazer (1920g), quanto a se a desse ano, entende-se a dinâmica da transferência pela transferência é o elemento resistencial ou o resistido, se a resistência à recordação; porém, em 1914, a recordação resistência causa a transferência ou, ao contrário, a trans-recalcada repete-se na transferência. Dessa forma, o conferência causa a resistência.

ceito de recordação enlaça-se mais claramente com o de Para unir as duas afirmações de Freud, dissemos no experiência, porque é justamente quando alguém pode capítulo anterior que o elemento do complexo¹ que primei-dispor de seu acervo de recordações que possui

experiência.

ro se emprega como resistência (à recordação) é o elemen-Portanto, o conceito de repetição do ano de 1914

to transferencial e que esse elemento, uma vez empregado, não é substancialmente diferente do de 1912 ou 1905, desencadeia a resistência mais forte (no diálogo analítico).

embora seja mais formal e esteja contraposto à recorda-

ção. Veremos muito em breve que, em 1920, a idéia de repetição modifica-se: o que até então era um conceito RECORDAÇÃO E REPETIÇÃO

descritivo e totalmente subordinado ao princípio do prazer transforma-se em um conceito genético e explicativo, O conceito de neurose de transferência, introduzido além do princípio do prazer. Este será o grande giro do em “Recordar, repetir e reelaborar” (1914g), possui uma pensamento de Freud no começo da década de 1920.

dupla importância. Freud destaca primeiro que, no come-

ço da análise, na primeira etapa, chamada às vezes de lua-de-mel analítica, produz-se uma calma que se traduz em A REPETIÇÃO COMO

uma diminuição e até mesmo em um desaparecimento dos PRINCÍPIO EXPLICATIVO

sintomas, que não equivale, por certo, à cura. O que aconteceu, na realidade, é uma espécie de transposição do fe-A mudança de Freud frente à teoria da transferência, nômene patológico, que começou a se dar no nível do pró-

em Além do princípio de prazer (1920g), surge no contexto de prio tratamento. O que antes era neurose na vida cotidiana-uma profunda reflexão sobre o prazer e a natureza humana.

na do indivíduo transforma-se em uma neurose que tem A pergunta que se formula Freud é se há algo além do princí-

como ponto de partida (e de chegada) a análise e o analis-pio do prazer e, depois de passar em revista três exemplos ta. A esse processo, que ocorre espontaneamente no co-clínicos – o brinquedo

das crianças, os sonhos da neurose meço do tratamento, Freud chama de neurose de transfe-traumática e a transferência –, responde que sim, que há.

O que Freud afirma concretamente, no capítulo terceiro de Além, é que a transferência está motivada pela 1 Freud substituiu a idéia de recordação pela de complexo, mais compulsão à repetição e que o ego a reprime a serviço do ampla, que toma emprestada de Jung.

prazer.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 71

A transferência surge agora cabalmente a serviço do Se aceitamos realmente a hipótese de que a transfe-instinto de morte, essa força elementar e cega que busca rência está adscrita ao instinto de morte, então toda a te-um estado de imobilização, uma situação constante, que oria do tratamento analítico requer uma profunda revisão.

não cria novos vínculos, nem novas relações, que leva, en-De fato, essa revisão não foi efetuada porque, em fim, a um estado de estancamento. Basta pôr juntas essas meu entender, com o passar do tempo, nem Freud nem duas idéias para se dar conta de algo que muitas vezes seus continuadores colocaram a teoria da transferência passa inadvertido: a transferência (que é, por definição, sob a égide do instinto de morte.

um vínculo) está a serviço do instinto de morte (que, por definição, não cria vínculos, e sim os destrói).

A repetição converte-se agora no princípio explicativo
TRANSFERÊNCIA DE IMPULSOS E

da transferência. Regida pela repetição e pelo instinto de DEFESAS: A
SOLUÇÃO DE ANNA FREUD

morte, a transferência passa a ser, então, o resistido (e não a resistência); e o ego, que se opõe à repetição, recalca a Em “Sobre a dinâmica da transferência” (1912b), transferência, porque a repetição é, para o ego, o aniqui-Freud estabelece um nexos importante entre transferência lante e destrutivo, o ameaçador.

e resistência, que já estudamos, segundo o qual a transfe-A repetição transferencial, na maioria das vezes cega rência serve à resistência. Dissemos que a relação entre e sempre dolorosa, mostra e demonstra que existe um uma e outra nem sempre é clara e tentamos resolver

esse impulso (impulso que Freud muitas vezes chamou de de-enigma em função da recordação e do desejo. Acabamos moníaco) que tende a repetir as situações do passado, além de ver que essa dinâmica muda substancialmente em Além do princípio do prazer. É justamente o montante de do princípio de prazer, quando se concebe a transferência desprazer que se dá nessas condições que leva Freud a como um impulso tanático contra o qual o ego, a serviço postular a compulsão à repetição como um princípio e o do prazer, mobiliza o instinto de vida para recalá-lo. Mui-instinto de morte como um fator pulsional da mesma clas-tos analistas, se não todos, preocuparam-se, desde então, se que eros. A repetição, como princípio, redefine a trans-em resolver esse dilema de se a transferência é o resistido ferência como uma necessidade de repetir.

ou a resistência.

Se a transferência implica uma tendência a repetir Creio que essa alternativa foi resolvida sabiamente, adscrita ao instinto de morte, a única coisa que o indivi-

há muitos anos, por Anna Freud no segundo capítulo de O

duo pode fazer é opor-se através de uma resistência à trans-ego e os mecanismos de defesa (1936). Ali se diz, salomonica-ferência que, esta sim, será mobilizada pelo princípio do mente, que a transferência é as duas coisas, a saber, que prazer, pela libido. A libido já não explica a transferência, há transferência de impulsos e transferência de defesas.³

mas a resistência à transferência. Se compararmos essa Desse modo, Anna Freud estuda a transferência com teoria com a de 1912 e 1914, veremos que é diametral-o método estrutural da segunda tópica, graças ao qual se mente oposta, porque antes a transferência era o resisti-torna claro que tanto o id quanto o ego podem intervir no do, um impulso libidinal, e a defesa do ego opunha-se a fenômeno transferencial. A mudança teórica que Anna ela como resistência de transferência. A teoria da transfe-Freud propõe é, a meu ver, substancial e resolve com tanta rência deu um giro de 180 graus.

precisão e naturalidade o problema, que às vezes não se Para avaliar adequadamente essa mudança, é mister nota isso. A concepção de Anna Freud é mais abrangente e não esquecer que Freud toma o tema da transferência como mais coerente do que as anteriores: ela nos diz que há não um exemplo clínico que fundamenta sua teoria de que apenas transferência de impulsos positivos e negativos, de existe um

instinto de morte cujo atributo principal é a re-amor e de ódio, de instintos e afetos, mas também transfe-petição, mas não faz, de fato, uma revisão de sua teoria da rência de defesas. Enquanto a transferência de impulsos transferência. E, quando se repassam os escritos de Freud ou tendências corresponde a irrupções do id e é sentida posteriores a 1920, não há nenhum que pareça implicar como estranha à sua personalidade (adulta) pelo anali-essa modificação. Por exemplo, quando fala do tratamen-sando, a transferência de defesas repete, na atualidade da to psicanalítico nas Novas conferências de introdução à psianálise, os velhos modelos infantis do funcionamento do canálise (1933a), diz que, quanto à teoria do tratamen-ego. Aqui, a prática analítica sadia aconselha-nos a ir do to, não tem nada a acrescentar ao que foi dito no ano de ego ao id, da defesa ao conteúdo. É essa talvez, prossegue 1916 (AE, v.22, p. 140). Tampouco no Esquema (1940a) Anna Freud, a tarefa mais difícil e ao mesmo tempo mais modifica a idéia da transferência como algo que está den-frutífera da análise, porque o analisando não percebe esse tro do princípio do prazer. É diferente a atitude de Freud segundo tipo de transferência como corpo estranho. Não em outras áreas de sua investigação como, por exemplo, o é fácil convencê-lo do caráter repetitivo e extemporâneo masoquismo.²

dessas reações, justamente porque são egossintônicas.

2 Em “Bate-se numa criança” (1919e), o masoquismo é secundá-

rio; em “O problema econômico do masoquismo” (1924c), é pri-3 Anna Freud distingue um terceiro tipo de transferência, a atumário (instinto de morte).

ação (acting out) na transferência, que abordaremos mais adiante.

72 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A CONTRIBUIÇÃO DE LAGACHE

plicação da origem da transferência. O suporte teórico que Lagache encontra na teoria da aprendizagem ele também O outro problema que Freud deixa proposto em 1920

o obtém da teoria da estrutura, já que o efeito Zeigarnik é, é, como dissemos há pouco, o da natureza da repetição em última instância, uma aplicação da lei da boa forma da transferencial. Antes de 1920 (e certamente também de-psicologia da Gestalt.

pois), a repetição é, para Freud, apenas um princípio desO princípio

do qual Lagache parte é claro, mostra critivo, enquanto a dinâmica da transferência é explicada nitidamente o que ele quer dizer quando afirma que se pelas necessidades instintivas que buscam permanente-repete uma necessidade e não que há uma necessidade mente satisfação e descarga, segundo o princípio do pra-primária de repetir: repete-se a necessidade de terminar a zer/desprazer. Em 1920, a repetição eleva-se a princípio tarefa, de fechar a estrutura. Na repetição transferencial, explicativo da transferência, que passa a ser agora uma sempre pulsa o desejo de completar algo que ficou incom- instância da compulsão à repetição, que exprime o enig-pleto, de fechar uma estrutura que ficou aberta, de obter mático, o mudo instinto de morte. Dessas duas teses uma solução para o que ficou inconcluso. Tomando o exem-freudianas, na verdade antitéticas, parte a lúcida reflexão plo mais simples, um homem que repete sua situação de Lagache (1951, 1953).

edípica direta o faz não apenas com o desejo de possuir Lagache resume e contrapõe as duas postulações de sua mãe, mas também com a intenção de encontrar uma Freud em um elegante aforismo: necessidade da repetição saída para o dilema que se coloca para ele entre o desejo e repetição da necessidade. Lagache não aceita que a repe-incestuoso e a angústia de castração, sem mencionar os tição possa erigir-se como princípio explicativo, como causa impulsos a reparar, etc.

da transferência; pensa, ao contrário, que se repete por Apoiado em conceitos estruturalistas e gestálticos, necessidade, e essa necessidade (desejo) é contrabalançada Lagache trabalha com o pressuposto de que a mente ope-pelo ego. O conflito é, então, entre o princípio do prazer e ra em busca de certas integrações, de certas experiências o princípio de realidade.

que lhe faltam e que devem ser completadas e assumidas.

A transferência é um fenômeno em que o princípio Destaquemos, desde já, que essas idéias têm uma clara do prazer tende a satisfazer o impulso que se repete; po-inserção nas grandes teorias psicanalíticas. Torna-se evirém, o ego, a serviço da realidade, procura inibir esse pro- dente que a maturidade consiste, desse ponto de vista, em cesso para evitar a angústia, para não recair na situação trabalhar com tolerância à falta, à frustração. À medida traumática. Contudo, é próprio do funcionamento egóico que é mais maduro, o homem adquire instrumentos para buscar a descarga da pulsão e o prazer, de modo que em aceitar a frustração, quando uma tarefa fica incompleta, e cada repetição há uma nova busca: repete-se uma neces-para finalizá-

la, quando a realidade torna isso possível.

sidade para encontrar uma saída que satisfaça o princípio. Pois bem, os problemas inconclusos que se colocarão do prazer, sem por isso desconhecer o princípio de reana transferência são justamente, por sua índole, por sua lidade.

importância, os que, por definição, ficaram inconclusos. Esse ponto de vista é o que Anna Freud apóia impli-nas etapas decisivas do desenvolvimento e precisam de citamente em 1936 e o que, em meu entender, Freud ado-uma relação objetal para seu cumprimento.

ta quando volta ao tema em Inibição, sintoma e angústia. A partir do efeito Zeigarnik, Lagache consegue en-

(1926d). Seu conceito da transferência é o de antes, que tender a transferência, além de seus conteúdos, impulsos se repetem necessidades. A transferência condiciona uma e manifestações, com uma teoria da motivação e das ope-das resistência do ego, análoga à resistência de recalca-rações que o indivíduo cumpre para dar por satisfeita a mento, enquanto o princípio da compulsão repetitiva fica motivação e cumprida a necessidade. Resolve assim, com integrado, na teoria, como resistência do id. O id opõe êxito, o dilema da natureza da repetição transferencial, uma resistência à mudança, que é independente da trans-uma contribuição decisiva para a teoria da transferência, ferência, da resistência de transferência.

que é como dizer para a psicanálise.

O EFEITO ZEIGARNIK

TRANSFERÊNCIA E HÁBITO

Lagache toma como ponto de apoio de seu raciocí-

Na nova etapa de sua reflexão, Lagache faz ingressar nio a psicologia da aprendizagem (ou do hábito) e recorre a idéia de hábito para dar conta dos objetivos da repetição a uma prova experimental para explicar a transferência, o transferencial.

efeito Zeigarnik.

A transferência deve inscrever-se em uma teoria psi-Em 1927, Zeigarnik fez uma experiência muito inte-cológica mais abrangente, a do hábito: o que é a repetição ressanter: colocou indivíduos a fazer uma tarefa e inter-transferencial, senão o exercício de um hábito que

nos vem rompeu-a antes de chegar ao fim. Comprovou que essas do antigo, de nosso passado?

pessoas ficavam com uma tendência a tentar completá-la.

A transferência está vinculada a determinados hábi-Outros dois psicólogos, Maslow e Mitellman, aplicaram tos, e sempre enfrentamos uma nova experiência com a esses resultados não apenas à psicologia experimental, mas bagagem de nossos velhos hábitos, com nossas experiên-também à psicologia geral, e Lagache apóia nisso sua ex-cias anteriores. Tudo consiste em que utilizemos instrumen-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 73

talmente aqueles hábitos para encontrarmos – ou não – a justamente o problema. É óbvio que, como diz Lagache, a solução do problema que se coloca para nós.

transferência negativa do paciente, isto é, a hostilidade, Para reformular a teoria da transferência a partir dos pode ser muito útil para os fins do tratamento, assim como hábitos, Lagache é levado a abandonar, ao que parece sem uma transferência positiva erótica intensa é sempre pena, a classificação da transferência em positiva e nega-perniciosa. Aqui, porém, a crítica de Lagache soa como tiva, segundo seu conteúdo de pulsões ou afetos. E, reme-uma petição de princípios: quando se fala de uma transfe-tendo-se à teoria da aprendizagem, diz que a transferên-rência positiva, não se faz referência a seu valor para o cia positiva pressupõe a utilização efetiva ou positiva de tratamento. É Lagache que a faz.

hábitos antigos para aprender, ao passo que a transferên-Lagache propõe então que, em vez de uma clas-cia negativa consiste na interferência de um hábito antigo sificação em termos de emoções, de afetos, classifique-se com a aprendizagem.

a transferência em termos de efeitos e fale-se, como na Não se vá pensar que o que Lagache propõe seja uma teoria da aprendizagem, de transferência positiva quan-mera mudança de nomenclatura na classificação da trans-do um hábito antigo favorece a aprendizagem e de transferência. A verdade é que esse autor propõe-nos uma muferência negativa quando interfere nela. Em termos da dança conceitual, uma mudança em nossa maneira de pen-teoria da aprendizagem, fala-se também de facilitação e sar, e ele sabe disso muito bem. Quero antecipar desde já interferência.

que, no que se segue, não estarei em absoluto de acordo Uma vez

afirmado em sua teoria, Lagache pode assi-com Lagache.

milar a transferência negativa à resistência, enquanto a A classificação da transferência em positiva e negati-transferência positiva é a que facilita o desenvolvimento va, diz Lagache, deve ser abandonada por vários motivos.

da análise.

Em primeiro lugar, a transferência nunca é positiva ou O que a análise propõe ao paciente, prossegue negativa, mas sempre mista, ambivalente; e hoje sabemos, Lagache, é o hábito da livre associação. Em última instânpor outro lado, que não se transferem apenas sentimentos cia, o que o paciente tem de aprender na análise é a asso-de amor e de ódio, mas também inveja, admiração e grati-ciar livremente, capacidade que implica, no final, a cura.

dão, curiosidade, desprezo e apreço, toda a gama dos sen-Então, propõe Lagache, chamemos de transferência posi-timentos humanos. Assim, seria um pouco maniqueísta e tiva a daqueles hábitos do passado que facilitam a livre esquemático falar de transferência positiva e negativa. Es-associação, tais como a confiança, e de transferência ne-sa objeção, contudo, não é decisiva, já que, além da gativa os que nela interferem.

ambivalência e da variedade de sentimentos, a teoria dos A proposta de Lagache é, pois, classificar a transfe-instintos somente reconhece duas pulsões: amor e ódio, rência em função de sua finalidade, e não de seu conteú-

eros e tánatos.

do. Assim, ele consegue, por certo, incluir a transferência Outra objeção de Lagache é a de que classificar a na teoria da aprendizagem, mas parece-me que não resol-transferência em negativa e positiva implica sempre deslize os problemas da teoria psicanalítica que enfrenta nesse zar para algum tipo de axiologia. À parte o fato de que ponto.

não convém fazer juízos de valor sobre o que ocorre no Enquanto explicarmos a transferência positiva como tratamento, na realidade esse valor é sempre muito discuas aprendizagens do passado que nos permitem cumprir a tível, porque a transferência negativa não é negativa, nem livre associação, estaremos falando de um processo que se a transferência positiva é positiva quanto aos fins do trata-ajusta à situação real e, portanto, já não é transferência.

mento. Tampouco essa crítica de Lagache parece-me con-Desse modo, o conceito de transferência positiva fica no sistente. É certo que os termos positivo e negativo (que ar, é anulado, superposto totalmente à atitude racional do ele, no fim das contas, não substitui!) prestam-se a ser paciente diante da análise como tarefa.

utilizados como juízos de valor; isso, porém, é apenas um O conceito de transferência negativa também sofre, desvio da teoria, e já sabemos que qualquer teoria pode pois fica totalmente atado ao de resistência – embora a ser desvirtuada com fins ideológicos. Para evitar esse ris-resistência, como todos sabem, também tenha um lugar co, a classificação de Lagache leva o problema do valor à legítimo no tratamento. O juízo de valor que se evitou própria teoria: agora é o analista quem qualifica a respos-para as pulsões aplica-se agora às operações egóicas.

ta do paciente como positiva ou negativa, conforme se en-Retorna-se ao critério de Freud (1912) de que a transfe-quadre em suas expectativas.

rência alimenta-se da resistência. Lagache diz, concreta-A classificação da transferência em negativa e positi-mente, que a transferência negativa implica uma interfe-va, segundo os conteúdos, é sem dúvida muito esquemática, rência associativa no processo de aprendizagem, porquanto porque as pulsões ou os afetos que se transferem nunca é um comportamento inadequado, que não cumpre a as-são puros. O próprio Freud destaca isso em “Sobre a dinâ-

sociação livre. Isso equivale a dizer simplesmente que o mica da transferência” e afirma que se aplica ajustadamente paciente tem resistência.

à transferência o termo ambivalência, recém-criado por Por outro lado, como fica dito, a repetição de hábitos Bleuler. Essa classificação, por outro lado, é puramente antigos que se ajustam à situação real e atual, por defini-observacional, não-dinâmica, mas de qualquer modo é útil, ção, já não é transferência, sendo preferível chamá-la de orienta-nos e, além disso, refere-se ao paciente. A de experiência. Um hábito antigo que nos permite um bom Lagache, ao contrário, refere-se ao analista – e este é ajuste à realidade atual é um novo desenvolvimento em

74 R. HORACIO ETCHEGOYEN

que as pautas do passado não são repetidas, e sim aplica-experiências

passadas? À medida que essas experiências das; não se retoma algo interrompido, para dizê-lo do pon-operam como recordações à disposição do ego e são cons-to de vista do efeito Zeigarnik. Se desejamos continuar cientes, teremos mais possibilidades de operar de maneira explicando a transferência pelo efeito Zeigarnik, tal como realista. A outra parte da libido, ligada às imagos incons-nos ensinou Lagache, então veremos que não é aplicável cientes, está por definição sempre insatisfeita e busca des-ao que Lagache propõe chamar de transferência positiva, carregar-se, sem levar em conta os elementos da realidade.

já que, por definição, não há ali uma tarefa do passado Quando a situação atual cria uma privação, essa libi-que ficou incompleta.

do que fica flutuando insatisfeita tende à introversão, a A classificação de Lagache falha, em meu entender, carregar as imagos inconscientes para obter uma satisfa-porque não distingue entre transferência e experiência. É

ção que a realidade não oferece. É isso que se chama de por isso que, quando defini a transferência, contrastei-a conflito atual, sempre vinculado a uma situação de priva-com a experiência, em que o passado serve para compre-

ção, que, por sua vez, depende do conflito infantil, pois, ender a nova situação, e não para equivocá-la. Por defini-quanto mais fixada estiver a libido aos objetos arcaicos, ção, só chamamos de transferência uma experiência do mais exposto se estará à frustração. Em outras palavras, passado que está interferindo na compreensão do presen-quanto mais intenso é esse processo de introversão da li-te. As recordações são nosso tesouro; longe de interferir, bido, mais disponibilidade tem o indivíduo para a transfe-ajudam-nos, tornam-nos mais ricos em experiência e mais rência e, ao contrário, quanto maior for a quantidade de sábios. A experiência pressupõe ter recordações e saber libido que não sofre esse processo, maior possibilidade de utilizá-las.

adaptação real terá aquele nas relações eróticas.

Em resumo, a partir de uma classificação que, A libido à disposição do ego é a que permite enfren-repitamo-lo, implica uma tentativa de integrar a transfe-tar a situação atual com uma bagagem de experiência que rência à teoria da aprendizagem, Lagache tem de modifi-torna possível aceder à realidade. Nisso é decisivo, para car o conceito de transferência, incorporando a ele o de mim, a realidade da

tarefa, que surge do contrato – ou do adaptação racional à nova experiência, com o qual incorre pacto inicial, como dizia Freud. O que me dita a razão (e a em uma contradição, e até se desdiz, em suas contribui-realidade) é que essa mulher que está sentada atrás de ções mais valiosas.

mim tenta resolver meus problemas e ajudar-me; portanto, tenho de cooperar com ela em tudo o que puder. Minha relação com minha analista, se estou enquadrado na TRANSFERÊNCIA,

realidade, não pode ser outra senão a realidade do trata-REALIDADE E EXPERIÊNCIA

mento. Quando minha libido infantil insatisfeita pretende aplicar-se a essa mulher, já estou escorregando. Aí me fa-Neste capítulo, partimos do conceito de repetição para lha o juízo de realidade. A tarefa é, então, a meu ver, o que explicar a transferência, e creio que é chegado o momento nos guia para pensar a realidade, a âncora que nos amarra de estudá-lo em função da realidade e da experiência. Es-a ela, e tudo o que não estiver vinculado à tarefa pode ser sas relações são naturalmente complexas, mas podemos considerado, por definição, transferência, já que se dá em tentar explicá-las tomando como ponto de partida a idéia um contexto que não é o adequado.

dos clichês e das séries complementares de Freud.

Dessa maneira, ao estabelecer um vínculo entre a A libido, diz Freud, tem duas partes: a consciente, tarefa (ou o contrato) e os objetivos buscados, pode-se que está à disposição do ego para ser satisfeita na realida-compreender a relação entre transferência, realidade e de, e a que não é consciente, porque está fixada a objetos experiência. O que dá sentido e realidade a meus objeti-arcaicos. Do balanço desses dois fatores depende a privos e a meus sentimentos é que estão endereçados a cum-meira série complementar, a (pre)disposição por fixação prir a tarefa proposta. O ajuste com a realidade que aqui da libido, que configura o conflito infantil. A segunda série se ressalta pertence ao indivíduo, ao sujeito. A realidade complementar depende da primeira, como disposição, e é, então, subjetiva, pertence ao analisando e não pode ser da privação (conflito atual). Quando sobrevém o conflito definida de fora, isto é, do analista, sem que incorramos atual, que sempre pode ser reduzido nesse esquema a uma em um abuso de autoridade, tal como Szasz (1963) preci-privação, uma parte da libido que estava aplicada a um sa muito bem.

objeto da realidade (seja este o cônjuge, o trabalho ou o estudo) tem de ser aplicada a outro objeto e, se isso falha, empreende o caminho regressivo. Esse é o fenômeno que A TRANSFERÊNCIA SEM REPETIÇÃO

Jung chamou de introversão da libido.

Na base desse esquema, creio que a porção de libido Vimos que Freud descobriu a transferência trabalham-que busca na realidade seus canais de satisfação tem a ver do no consultório, onde esta se impôs a ele como um fato com a experiência, e não com a transferência. Essa idéia clínico inegável, inesperado e até incômodo; vimos tam-aplica-se a todos os acontecimentos humanos não menos bém que foi explicando-

a com diferentes esquemas teóricas ao encontro erótico, no qual sempre intervêm elementos. Embora no primeiro momento tenha recorrido à história da experiência. Como alguém conquistará o seu par, e hipótese simplista de um falso enlace, notou, ao mesmo tempo como se relacionará com ele, se não for sobre a base das coisas, que ela não surgia sem motivo e, com a perspicácia do

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 75

gênio, deu-se conta de que esse enlace não era conjuntural, mas que, com essa frase, Meltzer quer assinalar que nos-mas que antes vinha a dar testemunho dos próprios acontecimentos relações externas tomam seu significado do que se passa nos tecidos que estavam sendo investigados. Essa compreensão do mundo interno e não simplesmente, porque seria óbvio, ensinou-o naturalmente a explicar a transferência como que estão sempre infiltradas de elementos transferenciais.

efeito da repetição. Esse conceito é enunciado claramente. Como se pode ver no itinerário esboçado, Meltzer em 1905, com o modelo de reedições e novas edições, leva a afirmar que a psicanálise foi transformando-se de ciência aos clichês de 1912 e é formalizado em 1914 na dialética explicativa em ciência fenomenológica e descritiva, que recordação/repetição. Assinalamos que, em 1920, sobre-tem a ver com o significado e a emoção; portanto, a transvém uma virada na dinâmica da transferência, que deixa a transferência deve ser entendida mais como uma atualização de ficar unida solidariamente à resistência para se converter do mundo interno presente do que como a repetição do que não resistido; porém, isso em nada questiona o efeito do passado. Desse modo, a transferência vem a ser o selo que repetição. Ao contrário, acentua-o, enquanto a transferência a realidade psíquica, a fantasia, imprime sobre o mundo que passa a ser tributária da pulsão de morte, e a compulsão externa, sem que isso implique a repetição de pautas pre-

à repetição erige-se como seu princípio explicativo.

teritas. Mais ainda, o que Meltzer vem dizer-nos é que, Durante muitos anos, ninguém duvidou de que a longo de nos equivocar, a transferência é nossa bússola, transferência fincasse suas raízes na repetição, até que, aquilo que nos guia no mundo externo.

em seu Seminário XI, Les quatre concepts fondamentaux de Embora parta de premissas diferentes e abranja um la psychanalyse, Lacan (1964) questionou decididamente outro conjunto de problemas, a

penetrante investigação essa hipótese e, como veremos no Capítulo XI, desconectou de Joseph e Anne-Marie Sandler tem pontos de contato a repetição da transferência.

com Meltzer e, como veremos em seguida, também com Mais recentemente, outros investigadores de gran-Lacan. Em “The ‘second censorship’, the ‘three box model’

de valor, como Meltzer, os Sandler e Merton M. Gill, tam-and some technical implications” (1983, “A ‘segunda cen-bém vieram a questionar o vínculo entre repetição e trans-sura’, o ‘modelo das três caixas’ e algumas implicações técferencia.

nicas”), os Sandler propõem um tipo de aparelho psíquico Em The Kleinian development (1978), Meltzer segue, que pretende refletir os aspectos relevantes da interface com uma perspectiva muito original, o grande arco de círdas teorias topográfica e estrutural. A idéia de que existe culo que vai desde Freud até Melanie Klein e dela a Bion.

uma segunda censura entre o sistema Prcc e o sistema Cc, Meltzer expõe com clareza essas idéias em seu artigo “The muitas vezes exposta por Freud, porém nunca incorpora-Kleinian expansion of Freud’s metapsychology”* (1981), da à teoria topográfica, torna mais fácil a relação entre a incorporado como Capítulo III a Dream life (1983, Vida teoria psicanalítica e a experiência clínica. Dessa forma, onírica). Freud opera sempre com um modelo neurofisio- ficam delimitadas três áreas da mente. Daí o modelo das lógico, de acordo com o espírito de seu tempo, que aspira três caixas, isto é, dos três sistemas: Icc, Prcc e Cc. As duas a situar a psicanálise entre as ciências capazes de explicar censuras delimitam para os Sandler, entretanto, três com-fatos da natureza, diz Meltzer. Nesse contexto, a grande partimentos psicológicos que não se superpõem nem aos descoberta da transferência só pode ser entendida como três estratos da primeira tópica, nem às três instâncias da repetição do passado.

segunda. O primeiro sistema compreende as reações in-O modelo de Melanie Klein apóia-se basicamente na fantis e os desejos mais primitivos, as urgências peremp-existência de um mundo interno de objetos, no qual o in-tórias (peremptory urges) que podem nascer de necessida-divíduo vive com tanta plenitude quanto no mundo exterdes instintivas, do desprazer e da angústia, o que fica en-no e no qual a transferência surge como a externalização coberto pela amnésia infantil por trás da primeira censu-do presente imediato da situação interior, não como relí-

ra, “a criança dentro do adulto”, para usar a metáfora dos quia do passado.

autores. É o equivalente do id ou do inconsciente sistêmico O modelo de Bion, por fim, dá conta da mente como (system unconscious), mas também muito mais do que isso, um aparelho para pensar, em que o dilema fundamental as reações, as fantasias e os desejos que se desenvolveram ocorre entre verdade e mentira, a partir da experiência precocemente na vida da criança, junto às transformações emocional, da vivência, em que a emoção é o significado.

defensivas próprias dessa etapa e cuja finalidade essencial Nesse modelo epistemológico, as relações no mundo in-

é evitar o desprazer.

terno engendram o significado e, por conseguinte, todas O segundo sistema, que está separado da consciência as nossas relações externas possuem uma certa qualidade pela segunda censura, abrange o que se chamou classica-transferencial, na medida em que derivam seu significado mente de pré-consciente, mas também as partes inconscien-daquilo que existe em nosso mundo interno. “This means, tes do ego e do superego da teoria estrutural. Os conteú-

in a sense, that all of our external relationships have a dos desse segundo sistema podem ser considerados como certain transference quality that they derive meaning from derivados (rebrotos) dos desejos infantis do outro sistema what exists in our internal world” (1981, p. 183). Supo-que atravessaram a barreira da primeira censura. Diferentemente do anterior, o segundo sistema (present unconscious, “inconsciente atual”) orienta-se para o presente, não para o passado, e está sintonizado com a realidade, embo-

*N. de R.T. Serão mantidas as citações em língua estrangeira como ra seja inconsciente. Na clínica psicanalítica, o principal no original.

76 R. HORACIO ETCHEGOYEN

exemplo são as fantasias transferenciais inconscientes que Após essas precisões, os Sandler inclinam-se por uma surgem durante o processo terapêutico (1983, p. 421).

definição flexível de transferência que alcance o amplo Também se reveste de características especiais a se-sentido de relação (p. 378). Em seu próprio marco de refe-gunda censura, cuja principal missão é de evitar os sentirência, nossos autores sustentam que “a transferência

ocor-mentos de vergonha, embaraço e humilhação. A situação re quando a pessoa do analista é representada de qualquer transferencial pressupõe a externalização dessa segunda maneira nas fantasias desiderativas e nos pensamentos, censura sobre o analista e, conseqüentemente, a sua tare-no inconsciente atual ou na ideiação consciente”.⁴ Apesar fa principal consiste, para os Sandler, em ajudar o anali-de o material transferencial manifesto poder ser a repe-sando a aceitar o aspecto de sua personalidade em que tição de um passado no inconsciente atual, como se ex-residem os desejos infantis que despertaram os conflitos plicou antes, pode ser também uma resistência frente ao dolorosos da infância e vieram a constituir uma ameaça material transferencial inconsciente. Por isso, os autores durante o curso do desenvolvimento. (“The analyst aims salientam a necessidade de não cair na conclusão de que to help the patient eventually to accept the infantile wishful todo o conteúdo manifesto transferencial é uma repeti-aspects of himself which have aroused painful conflict and ção do passado.

have become threatening during the course of his develop-Para os Sandler, é muito importante estabelecer uma ment” [1983, p. 423].)

distinção básica entre a concepção que entende a transfe-Todas essas idéias adquirem maior precisão em “The rência como todo conteúdo que inclui uma referência à past unconscious, the present unconscious, and interpre-relação interpessoal entre paciente e analista e a conception of the transference” (1984, “O inconsciente pretéri-

ção que a concebe como uma repetição inconsciente de to, o inconsciente atual e a interpretação da transferênuma relação importante do passado. (“... the major cia”), em que os Sandler comentam e discutem o livro de distinction between transference as any content which Merton M. Gill e Irwin Z. Hoffman, Analysis of transference includes a reference to the interpessoal relationship between (1982), do qual nos ocuparemos ao falar da interpretação.

the patient and the analyst, on the one hand, and transference Nesse trabalho, os Sandler reafirmam o que foi dito as an unconscious reexperiencing or repetition; of an em 1983, porém definem com mais precisão o inconscien-important past relationship, on the other”, 1984, p. 388, te pretérito e o inconsciente atual, que surgiram do mode-grifos no original). Creio que nessa diferença os Sandler lo das três caixas. O inconsciente pretérito (ou infantil) é sustentam a necessidade teórica de discriminar entre um composto pelos impulsos, pelas respostas e pelos desejos inconsciente atual e um inconsciente pretérito. A tarefa imediatos e peremptórios formados nos primeiros

anos de interpretativa deve encaminhar-se, em primeiro lugar, para vida, os quais constituem o que os autores chamam de os conteúdos do inconsciente atual e a primeira censura a criança dentro do adulto, com suas relações de objeto e fim de que o analisando adquira uma maior tolerância seu mundo interno, em que predominam os mecanismos frente aos aspectos infantis de sua personalidade, e so-de defesa primitivos, como a projeção e a negação. O in-mente por via de reconstruções pode-se chegar, em alguns consciente pretérito é aquele que fica por trás da primeira casos, ao inconsciente pretérito.

censura, que coincide com a cristalização do superego, o Em “The past unconscious, the present unconscious encerramento do período edípico e a entrada na latência, and the vicissitudes of guilt” (1987, “O inconsciente pre-isto é, o período da vida que chega até o quinto ou sexto térito, o inconsciente atual e as vicissitudes da culpa”), ano. O inconsciente atual, ao contrário, é influenciado so-Joseph e Anne-Marie Sandler introduzem uma distinção Bretudo pela realidade e sua principal função é manter o metodológica entre o que se concebe e o que se percebe: equilíbrio no presente.

podemos conceber o conteúdo do inconsciente pretérito, Frente aos impulsos que vêm do inconsciente preté-

porém não percebê-lo, já que é algo que só reconstruímos a rito, o inconsciente atual tem dois tipos de processos partir de nossas teorias, mas que nunca vemos e nunca foi adaptativos. O primeiro deles consiste em atualizar o pas-acessível à consciência. Além disso, o inconsciente pretéri-sado no presente (“the past is updated to the present”, to é essencialmente inalterável: o que se pode modificar “é 1984, p. 372). Desse modo, o passado repete-se no pre-a maneira como os reflexos do passado inconsciente acomo-sente, e é nesse ponto que podemos começar a falar de dam-se na psique adulta e a maneira como são tratados den-transferência. No exemplo dos Sandler, a um comentário tro desta” (Livro Anual de Psicanálise, 1987, p. 81, grifos do analista sentido como depreciativo, o paciente reage, no original). “What is changeable, we believe, is the way in por exemplo, com uma fantasia edípica grandiosa e which the reflections of the past unconscious are accomodated reassseguradora, produzida pelo inconsciente pretérito, a to and dealt with in the adult psyche” (1987, p. 335, grifos qual, por sua vez, deve amoldar-se à atualidade, tornar-se no original).

sintônica. Se essa forma atualizada do impulso infantil não suscita conflito, chegará à consciência sem obstáculo. Contudo, isso é raro; o mais freqüente é que o impulso infantil que chegou ao inconsciente

atual suscite conflito e mobi-4 “... transference occurs when the person of the analyst is like a second type of adaptive processes in which is represented in any way in wishful fantasies and thoughts in the operation of defense, which will be converted into a derivative that presents unconscious, or in unconscious ideation” (1984, p. 378, terá, então, de atravessar a segunda censura.

grifo no original).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 77

O inconsciente atual, ao contrário, é acessível, pois cumpre a proposta de ligar a transferência à repetição como organização funcional, ajusta as fantasias para que sendo uma (demorada) sujeição do ajudante de Brücke, possam entrar na consciência como derivados, mediante o que tenta situar o fato psicológico no marco explicativo uso de mecanismos de defesa, entre outros a identificação das ciências naturais. Talvez a teoria do falso enlace possa projetiva (ibid., p. 81; ibid., p. 336). Em outras palavras, ser considerada um vestígio ideológico do Freud que estudos conteúdos do inconsciente atual são percebidos, ao passo dava o Petromyzon Planeri ou a ação da cocaína, mas não que os do inconsciente pretérito só são alcançados por meio a teoria da repetição, que vem estabelecer a dialética de da reconstrução, isto é, só são concebidos.

passado e presente e oferece-nos os instrumentos para O papel da interpretação na obtenção do insight so-resolvê-la limpamente. A transferência não é uma relíquia bre os conteúdos do inconsciente atual e do mundo inter-do passado, e sim a luta viva de um passado por ser pleno é central para o trabalho analítico, assim como é decisente, para ocupar um espaço que já não lhe pertence.

sua identificação do analisando com a atitude tolerante Dessa perspectiva, defini certa vez a psicanálise como “o do analista em relação a seus aspectos infantis, parvos ou método que reconhece o passado no presente (transferên-perversos (ibid., p. 83; ibid., p. 338).

cia) e procura discriminá-lo, fundamentalmente graças à Ao discriminar dois tipos de inconsciente, a proposta interpretação” (Etchegoyen, 1988, p. 82).

dos Sandler implica não apenas uma redefinição da trans-Os Sandler propõem-se a estender o conceito de transferência, o tema que agora nos ocupa, mas também uma referência para que seja sinônimo da relação entre analisando-concepção de como se deve interpretar e, já no

terreno do e analista e responda ao funcionamento do inconsciente-epistemológico, de quais são os dados sobre os quais se te atual, isto é, o sistema que está voltado para a atuali-ssenta a teoria psicanalítica.

dade, e não para o passado.

Sobre esse último eixo gira a ponderada reflexão de Circunscrita ao inconsciente atual, a transferência é Wallerstein (1988) ao inaugurar o Congresso de Montreal o que se percebe e nada tem a ver com a repetição, que se de 1987. Há uma teoria com a qual todos os analistas po-confina ao inconsciente pretérito, que nunca é acessível, dem concordar, a que surge da interação com o analisando-que só se concebe, que se reconstrói.

do no consultório. Essa teoria opera com os dados que ofe-Para sustentar essa concepção da transferência, é pre-rece o inconsciente atual dos Sandler, que para Wallerstein ciso manter uma divisão taxativa dos dois inconscientes coincide com a teoria clínica de George S. Klein (1966, dos Sandler; todavia, eles mesmos dizem que as fantasias 1976). As outras teorias, as de mais alto nível, que preten-transferenciais do inconsciente atual têm sua raiz naque-dem dar conta do inconsciente pretérito (ou daquilo que las urgências peremptórias do inconsciente pretérito – que Klein chama, com certo desdém, de metapsicologia), são, em meu entender, justamente as que se repetem. O

abrem-se em um leque amplo que, para Wallerstein, so-fato de que nem sempre possamos justificar essa repetição mente compreende as metáforas que nos distinguem em e que às vezes recorramos a interpretações genéticas para escolas.

não vermos o que realmente está acontecendo com o ana-Se as idéias que acabamos de expor forem entendi-lisando não deve levar-nos a jogar fora a criança junto das como uma reação saudável frente a um conceito ingê-

com a água do banho.

nuo da transferência, em que o ontem repete-se textual-Como bem diz Popper (1953), a ciência consiste em mente, podemos dar-lhes, sem reticência, as boas-vindas conjecturas e refutações. O grande objetivo de nossa ciên-ao campo teórico da psicanálise. Como bem dizem os cia é, precisamente, alcançar e revelar o inconsciente pre-Sandler (1988, comunicação pessoal), o passado não é térito dos Sandler, isto é, o inconsciente profundo, o siste-isomórfico com a atualidade, com o

presente. Às vezes, é mais inconsciente. Poderemos errar muitas vezes nessa tentativa, buscamos tanto o passado que deixamos o presente de lado, porém isso não nos deve fazer abandonar o presente de lado.

vada empresa, por mais difícil que seja. E, no fim das contas, não era justamente isso o que Freud pretendia quando dessa legítima advertência. Meltzer, por exemplo, denunciava buscar cortar a amnésia infantil?

78 R. HORACIO ETCHEGOYEN

10

A Dialética da

Transferência Segundo Lacan

RESUMO

Lagache e outros autores, como, por exemplo, Liberman (1976a), adotam uma posição contemporizadora. Para fazer uma síntese do que foi estudado até aqui, eclética, dizendo que há uma predisposição à transferência poderia dizer que, quando é considerado no nível teórico, ao mesmo tempo que uma possibilidade de realização, o tema da transferência estabelece duas interrogações fundamentais, em torno das quais giram todos os estudos: 1) solução evita mais do que resolve o problema. Não há dúvida da espontaneidade do fenômeno transferencial ou, como se diz, em que grau é determinado pela situação que o enquadre analítico oferece e a predisposição que o analítico e 2) a natureza da repetição transferencial. Sem paciente traz, mas o verdadeiro problema está em ver qual prejuízo de que talvez haja outros, estes são, sem dúvida, desses elementos é o decisivo. Em outras palavras, se o en-dois pontos essenciais. Miller (1979) afirma que a transferência cria o fenômeno ou simplesmente o põe em evidência fica enlaçada a três temas fundamentais: a repetição. Digo, por exemplo, que, se não existisse o complexo de Édipo, a resistência e a sugestão, enfoque que coincide com Édipo, o setting analítico não despertaria nunca o amor de o que recém foi expresso.

transferência senão, em todo caso, um amor como qual-Falamos suficientemente da espontaneidade do fenô-

quer outro: o decisivo é o complexo de Édipo do paciente;1

meno transferencial e assinalamos que Freud tem aqui uma e, mais ainda, o enquadre é planejado para que possa sur-posição muito clara: não se cansa de insistir que a transfe-gir a transferência sem ser perturbada, e não o contrário.

rência não depende da análise, que a análise a detecta, Quanto ao segundo tema, a natureza da repetição, mas não a cria, etc. Essa opinião é registrada desde o epí-

devemos a Lagache o estudo mais sensato, verdadeiro logo de “Dora” até o Esquema da psicanálise.

modelo de investigação clínica.

Alguns autores ressaltam, e não sem uma certa ra-Até poucos anos atrás (ver o capítulo anterior), nin-zão, que quando Freud fala, em 1915, do amor de transfe-guém duvidava que a transferência é um fenômeno rência afirma que é um fenômeno provocado pelo trata-repetitivo, talvez com a única exceção de Lacan em 1964; mento e, assim, procura demonstrá-lo à analisanda; creio, porém, trata-se de saber como se dá nela a repetição. Aqui, porém, que isso não contradiz o anterior. Porque o que a posição de Freud é ambígua: muda e volta a mudar des-Freud quer dizer é que as condições do tratamento fazem de “Sobre a dinâmica da transferência” (1912b) até o ter-com que esse processo (que pertence à doença) torne-se ceiro capítulo de Além do princípio de prazer (1920g); pode-possível: o tratamento desencadeia-o, mas não o cria. Tanto se acrescentar ainda, com boas razões, que muda também é assim, que a participação do analista tem o claro nome em 1926, quando em Inibição, sintoma e angústia refere a de sedução contratransferencial para denunciar sua incúria.

idéia de repetição a um impulso do id, que conceitua como Quanto à posição contrária, o trabalho mais lúcido resistência, enquanto a transferência opera como um fa-

é, sem dúvida, o de Ida Macalpine, de 1950. É também o tor que promove uma defesa específica, a resistência de mais extremo, na medida em que sustenta que o fenôme-transferência, que fica homologada à resistência de no transferencial é uma resposta às constantes do enqua-recalcamento. É difícil decidir se essa posição de Freud dre, e define-o como uma forma especial de adaptação, retorna à sua idéia anterior ou implica um terceiro mo-por via regressiva, às condições de privação sensorial, frus-mento na marcha de sua investigação, como me inclino a tração e assimetria da situação

analítica. Não é o memento-pensar. As chamadas resistências do ego, na classificação de de discutir esse ponto de vista, que nos ocupará mais adiante; direi, porém, que os elementos que Ida Macalpine propõe são, para mim, muito discutíveis, como procuro 1 Não estou levando em conta aqui a contratransferência por ra-demonstrar em meu trabalho “Regressão e enquadre”

zões de método e de simplicidade. Que o analista participe com (1979), incorporado a este livro como Capítulo 40.

seus próprios conflitos edípicos não muda a natureza do fenômeno, embora o complique.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 79

de 1926, coincidem com a primeira explicação de 1912, A idéia da qual Lacan parte é a de que o processo ou seja, com a teoria de que a transferência surge como analítico é essencialmente dialético (e quero esclarecer que resposta à atividade do analista que se opõe à introversão se refere à dialética hegeliana). A análise deve ser entendida libido; a resistência do id inclui, ao mesmo tempo em dida como um processo em que tese e antítese conduzem que circunscreve, o princípio da repetição, como é conce-a uma nova síntese, que reabre o processo.

bido em 1920. Seja qual for nossa posição a respeito, fi-O paciente, com seu material, oferece a tese; e nós, cam de pé as duas alternativas de Freud: uma, que a trans-frente a esse material, temos de operar uma inversão ferência está a serviço do princípio do prazer e, por conse-dialética, propondo uma antítese que depare o analisando guinte, do princípio de realidade; outra, que a transferênc com a verdade que está evitando – que seria o latente. Isso cia exprime o impulso de repetição do id, que o ego tenta leva o processo a um novo desenvolvimento da verdade, e impedir, enquanto fenômeno sempre doloroso e mortal.

o paciente a uma nova tese.

Já discutimos isso amplamente e só poderíamos di-

À medida que esse processo desenvolve-se, a trans-zer, não para encerrar a discussão, mas para lembrar os ferência não aparece, nem tem por que aparecer. Este é, elementos de juízo de que dispomos, que a idéia de Além em meu entender, o ponto-chave, a tese fundamental de do princípio de prazer não é a que Freud utiliza, em ge-Lacan: o fenômeno transferencial surge quando, por alral, depois de 1920

quando se refere à transferência.

gum motivo, interrompe-se o processo dialético.

Assim, Freud muda drasticamente, por exemplo, sua Para ilustrar essa teoria, Lacan toma a análise de concepção do masoquismo depois desse ano, mas não

“Dora”, em que se vê claramente tal movimento. Lacan diz faz o mesmo com a transferência. De qualquer modo, que ninguém destacou – e isso chama a atenção – que há aqui um ponto importante de controvérsia – e essa Freud (1905a) expõe realmente o caso “Dora” como um controvérsia, como vimos no capítulo anterior, foi me-desenvolvimento dialético, no qual ocorrem determinadas lhor estabelecida, sem dúvida, por Lagache (1951), com teses e antíteses, e afirma que esse fato não é casual, nem esse obscuro aforismo de necessidade da repetição versus tampouco produto de uma necessidade metodológica: repetição da necessidade.

corresponde à própria estrutura do caso (e de todos os Como o leitor deve lembrar, Lagache inclina-se decidi-casos).

damente pela repetição da necessidade, na medida em que A primeira tese que Dora apresenta, como todos sa-apóia toda a sua explicação no efeito Zeigarnik, segundo o bem, é o grave problema que para ela significam as rela-qual, quando há uma necessidade não cumprida, tem ten-

ções ilegítimas de seu pai com a Sra. K. Essa relação exis-dência a se repetir. Se se entende, porém, que a transferên-te, é visível, é inegável; e o que mais preocupa Dora, por-cia está a serviço do instinto de morte, então, forçosamen-que a afeta diretamente, é que, justamente para encobrir te, conclui-se que há uma necessidade de repetir.

essa relação, o pai faz caso omisso dos avanços com que o Para avaliar o juízo de Freud sobre a transferência Sr. K. a assedia. Dora sente-se, assim, manejada por uma nesse ponto, vale a pena levar em conta que os conceitos situação que lhe é alheia. Freud opera aqui a primeira in-de 1920 não se referem propriamente à transferência. As-versão dialética quando pede a Dora que veja qual é sua sim como os sonhos da neurose traumática e o brinquedo participação nesses acontecimentos, com o que reverte o das crianças, Freud a utiliza para fundamentar clinicamente processo: Dora propõe uma tese (eu sou brinquete das cir-a idéia de um instinto de morte, mas não se propõe, em cunstâncias), e Freud propõe-lhe a antítese de que ela não nenhum

momento, a revisar sua teoria da transferência.

é passiva como pretende. Essa primeira inversão dialética De qualquer modo, Lagache está decididamente a confronto Dora com uma nova verdade.

favor do primeiro Freud (do primeiro e do último, eu di-Dora, então, tem de reconhecer que participa de tudo ria), pois entende que a transferência, sob a égide do prin-isso e que se beneficia, por exemplo, com os presentes do cíprio do prazer, trata de repetir uma situação para encon-Sr. K. e com os de seu pai, que a situação dela com o Sr. K.

trar um melhor desenlace. Nessa tentativa apóia-se, ao fim não é denunciada pelas mesmas razões, etc. Aparece, en-e ao cabo, a possibilidade de um tratamento psicanalítico.

tão, como autora e não como vítima.

Nesse momento, Dora subitamente tem fortes ciú-

mes de seu pai, e esta é a segunda situação que ela proA DIALÉTICA DO PROCESSO ANALÍTICO

põe, sua segunda tese: como não vou ter ciúmes nessas circunstâncias? Que filha que quer bem sua mãe poderia Lagache apresentou seu valioso trabalho no Congres-não tê-los? Freud, porém, tampouco se deixa enganar e so de Psicanálise das Línguas Românicas em 1951, e aí reverte novamente o argumento, operando a segunda in-Lacan expôs suas idéias sobre a transferência. Em princí-

versão dialética. Diz a ela que não crê que suas razões se-pio, referenda Lagache e, a partir disso, desenvolve seus jam suficientes para justificar seus ciúmes, uma vez que a pontos de vista.²

situação já lhe era conhecida: seus ciúmes devem corresponder a outras causas, a seu conflito de rivalidade com a Sra. K., não tanto como amante do pai, mas como mulher 2 Outro trabalho de Lacan sobre o tema, também dos Écrits, é “A do Sr. K., que é quem lhe interessa. “A segunda inversão direção do tratamento e os princípios de seu poder”, apresenta-dialética, que Freud opera com a observação de que não é do ao Colóquio Internacional de Royaumont de 1958, em que se aqui o pretensu objeto dos ciúmes que dá seu verdadeiro mantém o que foi dito em 1951.

motivo, mas sim que mascara um interesse em relação à de aceitar que não é a ele, identificado com K., mas à Sra.

pessoa do sujeito-rival, interesse cuja natureza, muito K. que Dora ama: “Freud, em razão de sua contratransferência menos assimilável ao discurso comum, não pode expressar, volta demasiado constantemente sobre o amor que se vive nele senão sob essa forma invertida” (Leitura estrutural do Sr. K. inspiraria a Dora”, diz Lacan (p. 45). E comenta, a seguir, a transferência de Freud, p. 42). De onde surge, então, um novo seguir, que é singular que Freud tome sempre as variadas desenvolvimentos da verdade, a atração de Dora pela Sra. K.

respostas de Dora como confirmação daquilo que ele lhe diz. Quanto ao segundo desenvolvimento da verdade, que interpreta.

surge dos ciúmes de Dora pelas relações do pai com a Sra.

Duas páginas depois, Lacan afirma: “E o fato de se K., Freud propõe na verdade duas explicações: 1) haver posto em jogo em pessoa como substituto do Sr. K.

enamoramento edípico pelo pai e 2) enamoramento por teria preservado Freud de insistir demais sobre o valor das K. Dora manifesta seus ciúmes pretendendo que está em oposição de matrimônio daquele” (p. 47). Desse modo, trata o pai como filha; contudo, a segunda inversão Lacan abre o problema do valor da interpretação trans-dialética de Freud tem, na realidade, as duas antíteses que ferem no processo analítico. É evidente que, para ele, acabou de enumerar. Freud mostra a Dora, em primeira interpretação transferencial cumpre uma função que, no lugar, que seus ciúmes do pai são eróticos, identificamos poderíamos chamar de higiênica, enquanto preserva o amor com as duas mulheres do pai (a mãe de Dora e a Sra. K.).

lista, mas “não remete a nenhuma propriedade misteriosa. Em segundo lugar, mostra que ela está enamorada por K.

da afetividade” (p. 47). A transferência toma seu sentido e que, se reforçou o vínculo filial com o pai, é para o momento dialético em que se produz e que expressa, seu amor por K., seu temor de não resistir a seus desejos, um erro do analista (ibid.). Freud pensa, mais tarde. Como surge claramente da interpretação do primeiro, que deveria ter dado a Dora uma interpretação do primeiro e do que Freud diz no capítulo primeiro (AE, seção transferencial concreta, isto é, que ela lhe imputava as v.7, p. 52), o amor infantil

pelo pai havia sido reativado mesmas intenções que K. Essa interpretação transferencial para reprimir o amor por K.

não é do agrado de Lacan, já que Dora a teria acolhido. Faltou a Freud operar uma terceira inversão dialética, com seu habitual ceticismo (desmentido); porém, pela que teria levado Dora do amor pelo Sr. K. ao vínculo ho-

“própria oposição que haveria engendrado teria provavel-mossexual com a Sra. K.

mente orientado Dora, apesar de Freud, na direção favo-Dessa forma, fica claro que Lacan busca uma retifi-rável: a que a teria conduzido ao objeto de seu interesse cação do sujeito com o real, que se dá como uma inver-real” (ibid). Não é, pois, uma interpretação “transferencial”

são dialética. Esse procedimento mostra que a paciente, o que põe em marcha a análise, mas a reversão dialética nesse caso Dora, não está desadaptada, como diria do processo, que, nesse ponto concreto, levaria Dora a to-Hartmann (1939), mas, ao contrário, demasiadamente mar contato com seu amor pela Sra. K.

bem adaptada a uma realidade que ela mesma contribui. A cegueira de Freud está vinculada à sua contratrans-para falsificar.

ferência, que não lhe permite aceitar que Dora não o queira como homem. Identificado com o Sr. K., tenta convencer Dora de que K. (que é ele mesmo) a quer bem e, ao TRANSFERÊNCIA E

mesmo tempo, procura despertar o amor de Dora por K.

CONTRATRANSFERÊNCIA

(= Freud) quando, nesse momento, a libido de Dora é basicamente homossexual. Logo, o enganchamento surge. Se Freud não pôde cumprir esse terceiro passo é, para por um problema de contratransferência: a impossibilida-Lacan, porque sua contratransferência o trai.

de de Freud de se aceitar como excluído. À medida que o É bem certo que, em uma nota de rodapé do epílogo problema contratransferencial cega-o, Freud fica preso e (AE, v.7, p. 104-105), Freud diz concretamente que fa-o processo é cortado.

lhou porque não foi capaz de compreender a situação ho-Posto que essa situação tem validade universal para mossexual de Dora com a

Sra. K. e até acrescenta que, Lacan, segue-se que a transferência vem a ser o correlato enquanto não descobriu a importância da homossexualidade contratransferência. Se Freud não tivesse sido cegado nas psiconeuroses, nunca pôde compreendê-las ca-por sua contratransferência, teria podido manter-se à mar-balmente. Seja pelo que for, Freud, de fato, não chegou a gem desses avatares, fazendo Dora deparar-se com seus operar essa terceira inversão dialética; precisaria ter dito sentimentos homossexuais. É a partir do analista, então, a Dora que, por trás de seus ciúmes pelo Sr. K., estava seu que se produz o estancamento do processo e aparece a amor pela mulher. Se o tivesse feito, Dora se veria con-transferência como um enganchamento pelo qual o ana-frontada com a verdade de sua homossexualidade, e o caso lista fica incluído na situação. Para que isso não lhe acon-teria sido resolvido. Em vez de fazer isso, diz Lacan, Freud teça, o analista deve devolver ao analisando seus senti-procura tornar Dora consciente de seu amor por K. e, por mentos através de uma reversão dialética. Ou talvez fosse outro lado, também insiste em que o Sr. K. poderia estar melhor dizer, ao contrário, que, se o analista não sucum-enamorado por ela. Aí Freud engancha-se na transferência bir à sua contratransferência, poderá opor a antítese que e não faz a reversão do processo.

corresponda.

Se Freud coloca-se no lugar do Sr. K., prossegue Lacan, Segundo esse ponto de vista, Lacan descreve a trans-

é porque um fenômeno de contratransferência impede-o ferência como o momento de um fracasso no contexto das

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 81

relações dialéticas do tratamento: quando falha o proces-transferência, que Dora teria acolhido com seu habitual so dialético, surge a transferência como um enganchamen-desmentido, acredita, em vez disso, que sua terceira re-to, como um obstáculo.

versão dialética teria tido um melhor destino.

No caso de Dora, tal fato é patente, porque o próprio Freud reconhece que seu erro foi não dizer a ela que a pulsão inconsciente mais poderosa em sua vida mental era seu amor BREVE RESENHA DE

homossexual pela Sra. K. Freud chegou a lhe assinalar que ALGUMAS IDÉIAS DE LACAN

era surpreendente que não guardasse rancor a quem claramente a tinha acusado; todavia, não foi além.

Nas teorias lacanianas, como é sabido, a fase do espelho é um momento fundante da estrutura do ego. Não se deve entendê-la como um passo genético, embora seja A INVERSÃO DIALÉTICA OMITIDA

claramente uma fase prévia ao Édipo, mas como uma tentativa de dar conta do narcisismo primário em termos es-A terceira inversão dialética, diz Lacan, deveria ter truturais. A fase do espelho implica uma situação diádica confrontado Dora com o mistério de seu próprio ser, de entre a mãe e a criança, em que esta descobre seu ego seu sexo, de sua feminilidade. Ela permanece fixada oral-espelhado nela: é em seu reflexo na mãe que o sujeito mente à mãe e, nesse sentido, exprime a fase do espelho, descobre seu ego, porque a primeira noção do ego provém em que o sujeito reconhece seu ego no outro (Lacan, 1949, do outro (Lacan, 1949, 1953a).

1953a). Dora não pode aceitar-se como objeto de desejo O ego é substancialmente excêntrico, é uma alte-do homem.

ridade: a criança adquire a primeira noção de seu ego ao A inversão dialética que Freud não operou teria levar-se refletida na mãe, isto é, no outro, porque a mãe é o do Dora a reconhecer aquilo que a Sra. K. significava para outro, e esse outro é um outro com minúscula; depois sur-ela. Lacan insiste em que, quando K. diz a Dora, no lago, girá o Outro com maiúscula, que é o pai da situação trian-que sua mulher não significava nada para ele, quebra tor-gular.

pemente o feitiço daquilo que ele significa para Dora, o Na relação com a mãe, que sempre é diádica, ocorre vínculo com a mulher. Daí essa bofetada que passou para um novo desenvolvimento da fase do espelho quando apa-a história da psicanálise. Lacan mostra aqui, sagazmente, recém os irmãos e, com eles, os ciúmes primordiais e a que a brusca reação de Dora tem outro determinante além agressividade. Nessa situação, embora haja fenomenologi-dos quase manifestos ciúmes pela preceptora dos filhos camente três, na realidade continua havendo dois, porque dos K., enquanto expressa a ruptura dessa relação imagi-a relação da criança com seu irmão dá-se em função do nária que Dora mantém com a Sra. K. através de seu mari-desejo de ocupar o lugar que ele tem ao lado da mãe, en-do. Entretanto, a cena do lago e a bofetada que Dora pro-quanto é desejado ou querido por ela.

porciona a seu sedutor não podem ser explicadas, a meu Somente

depois desse segundo momento da fase do ver, sem levar em conta os ciúmes heterossexuais do com-espelho sobrevém, quando surge o pai, uma ruptura fun-plexo de Édipo. O “parto” de Dora, aos nove meses dessa damental da relação diádica. O pai irrompe e corta esse cena, força o raciocínio de Lacan, que tem de dizer: “O

vínculo imaginário e narcisista, obrigando a criança a se fantasma latente de gravidez, que se seguirá a essa cena, situar em um terceiro lugar, a clássica configuração do não é uma objeção para nossa interpretação: é notório complexo de Édipo, que sujeita a criança à ordem simbólica se produz nas históricas justamente em função de sua ca, isto é, a torna sujeito arrancando-a de seu mundo im-identificação viril” (p. 46). Faço esse comentário porque ginário, fazendo-a aceitar o falo como significante que or-creio que a técnica lacaniana da reversão dialética do dena a relação e a diferença dos sexos.

material, para “desengancha-se” da transferência, só pode Lacan entende a relação de Dora com o Sr. K. como sustentar-se na idéia de que há sempre um só problema a imaginária, ou seja, diádica: o Sr. K. é um irmão com o resolver, e não vários. Freud, porém, não tem dúvida de qual ela tem um problema de rivalidade (e de agressão) que a bofetada do lago foi um impulso de ciumenta vin-pela mãe, representada pela Sra. K. Nesse contexto, gança (AE, v.7, p. 93).

também o pai de Dora é, para ela, um irmão rival. (O pai Se Freud tivesse confrontado Dora com seu vínculo de Dora é fraco e não sabe impor-se como tal.) homossexual com a Sra. K., operando a terceira inversão Na fase do espelho, a criança, que obtém sua primei-dialética que lhe reclama Lacan, não se teria posto no lu-ra identidade refletida na mãe para manter essa estrutura gar do Sr. K., vítima de sua contratransferência, nem teria diádica e ser querida de forma narcisista, identifica-se com sentido a necessidade de fazer que Dora reconhecesse seu o desejo dela. Pois bem, na teoria freudiana, o desejo da amor pelo Sr. K., com quem ele se identifica.

mãe, assim como o de toda mulher, é ter pênis, e a criança No entanto, em meu entender, há aqui uma nova sim-imagina-se (e essa palavra é empregada em seu sentido plificação de Lacan: nada impede que, se Freud tivesse mais literal) como o pênis que a mãe quer ter. É nesse procedido como se sugere, Dora pudesse ter-se sentido sentido que a criança é o desejo do desejo, porque seu úni-rechaçada, identificando, por exemplo, seu analista com co desejo é ser desejada pela mãe. Portanto, na fase do um pai débil, que a cede para a mamãe. Não se explica espelho há uma relação imaginária, na qual

objeto e sujei-porque Lacan, que é cético em relação à interpretação da to espelham-se, são no fundo iguais.

82 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A relação imaginária da criança com a mãe cristali- os homens), surge da substituição de um fato empírico za-se, pois, em uma situação (narcisista) na qual o peque-por um significante: o pênis como órgão anatômico é subs-no converte-se na parte faltante da mãe, no pênis que ela tituído pelo falo como símbolo. Lacan chama isso, com sempre ansiou ter e sempre amou, também de forma nar-propriedade, de metáfora paterna: enquanto aparece como cisista. A criança é o desejo dela, desejo do desejo, em que símbolo das diferenças, o falo é uma metáfora, e essa me-ocorre a situação imaginária de que o pequeno pode pretáfora é a Lei do Pai, a lei que sujeita o indivíduo à ordem encher o desejo (de ter um pênis) da mãe. É aqui, justa-simbólica, obrigando-o a aceitar a castração e o valor do mente, que o pai aparece no cenário e que se configura a falo como símbolo: o indivíduo torna-se sujeito, sujeita-se situação triangular.

à cultura.

A ORDEM SIMBÓLICA

ESELHISMO DA TRANSFERÊNCIA

Lacan distingue três etapas no complexo de Édipo.

Fiz essa breve resenha de algumas idéias de Lacan Na primeira, o pai está situado na condição de um irmão, para compreender melhor seus fundamentos ao discutir a com todos os problemas de rivalidade próprios da fase do técnica de Freud com Dora. Lacan pensa que Freud pode-espelho, ou seja, para a criança é um rival a mais que pre-ria ter solucionado a neurose de Dora e acrescenta, com tende ocupar o lugar do desejo da mãe. Até esse momen-fina ironia, que prestígio Freud não teria ganho se tivesse to, o pequeno vive em um mundo imaginário de identifi-resolvido essa terceira situação dialética que Dora apre-cação com a mãe, em que o pai não conta.

sentava! Por uma falha de contratransferência, Freud co-Na segunda etapa do Édipo, o pai opera a castração: mete um erro e, em vez de confrontar Dora com seu con-separa a criança da mãe e a faz sentir que não é o pênis da flito de homossexualidade com a Sra. K., procura empurrá-

mãe (e, à mãe, que o filho não é seu pênis). É aqui que o pai la pelo

caminho da heterossexualidade na direção do Sr.

aparece fundamentalmente como (superego) castrador. Essa K., com o qual obviamente se identificou.

castração é absolutamente necessária para o desenvolvimento - Um dos pressupostos teóricos de Lacan, que se to, segundo Lacan (e segundo todos os analistas).

depreende da resenha de suas teorias, é que a relação de Uma vez que o pai consumou a castração e implan-Dora com a Sra. K. está marcada pela fase do espelho: tou sua Lei, uma vez que pôs as coisas em seu lugar, sepa-fixação oral e homossexualidade vinculada a querer ser o rando o filho da mãe ao romper a fascinação especular pênis da mãe. O Sr. K. é o rival de Dora na posição de um que os unia, sobrevém a terceira etapa, na qual o pai é igual, de um irmão. E, quando Freud identifica-se com o permissivo, é doador, e facilita para a criança uma identi-Sr. K., coloca-se em uma situação imaginária, em todo o ficção vinculada já não ao superego, mas ao ideal do ego: sentido da palavra, porque é algo que Freud imagina, mas é o momento em que o menino quer ser como o pai. Quando não é verdadeiro; e é imaginária, também, porque do o filho reconhece que o pai tem o falo e compreende Freud começa a reverberar em uma relação diádica, isto que ele não é o falo, quer ser como o pai (que, diga-se de é, de imagens iguais, sem operar o corte simbólico que passagem, tampouco é o falo desejado pela mãe, porque o deveria ser efetuado a partir de uma posição de pai. O que pai tem o falo, mas não é o falo). Isso permite que a criança-Freud deveria ter feito, nesse momento, seria impor a Lei ça passe de uma situação em que seu dilema é ser ou não do Pai e separar Dora da Sra. K.

ser o falo (segunda etapa) para outra, a terceira etapa, na Tal como se acaba de conceituar, o fenômeno de trans-qual quer ter um falo, mas não sê-lo.³

ferência é sempre uma falha do analista, que se engancha Essa passagem implica o acesso à ordem simbólica, em uma situação imaginária. A situação de transferência, porque Lacan admite, como Freud (1923e, 1924d, 1925j), em termos de tu e eu, é algo desprovido de significado que uma etapa fálica, em que a alternativa fálico-castrado, isto não faz mais do que reproduzir indefinidamente a fascina-

é, a presença ou a ausência do falo, é o que determinará a ção imaginária. Disso decorre que Lacan deplora a excessi-diferença dos

sexos. No momento em que se opera a cas-va ênfase da psicanálise atual no *hic et nunc* (aqui e agora).

tração, o menino reconhece com dor essa diferença: ele Em conclusão, a transferência não é real (no sentido não é o falo, a mãe não tem falo, e sobre esse eixo estabe-da realidade simbólica), mas algo que aparece quando se lecem-se todas as diferenças com o falo como símbolo, estanca a dialética analítica. A arte e a ciência do analista como expressão de uma singularidade que o erige em *pri-consistem* em restabelecer a ordem simbólica, sem se dei-meiro significante.

nar capturar pela situação especular. Interpretar a transfe-Essa mudança substantiva e substancial, que ordena rência, diz belamente Lacan, “não é outra coisa senão pre-a relação entre os sexos, entre pai e filhos (e entre todos encher com um espelhismo o vazio desse ponto morto”

(p. 47). Segundo essa opinião, e de acordo com todo o raciocínio de Lacan, a interpretação transferencial não opera por si mesma; é um espelhismo, algo que nos enga-3 Isidoro Berenstein (1976) assinalou muitas vezes que o desen-na duplamente, porque nos mantém no plano imaginário lace do complexo de Édipo implica que o filho renuncie a ser o da fase do espelho e porque não nos deixa operar a inver-pai, mas não a ser como o pai, o qual, por sua vez, renunciou à são dialética que o momento torna necessária.

sua mãe, em vez de se casar com ela.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 83

Essa opinião, tão original quanto extrema, atenua-se reconstrução, o analista deve desenganchar-se dessa situ-pelo efeito, diria eu, de artefato que tem para Lacan a ação dual ou imaginária e, para isso, opera sempre con-interpretação transferencial. Reproduzo a citação anteri-cretamente como pai. Willy Baranger (1976) assinala, or da página 47 de forma mais completa: “O que é, então, em seu trabalho sobre o complexo de Édipo, que “a fun-interpretar a transferência? Não é outra coisa senão pre-

ção específica do analista parece-nos situar-se em um reencher com um espelhismo o vazio desse ponto morto.

gistro essencialmente paterno (qualquer que seja o sexo Mas esse espelhismo é útil, pois, ainda que enganoso, vol-efetivo, naturalmente), já que se situa no próprio limite ta a lançar o processo”. Compare-se com o que disse antes que separa e define a

ordem imaginária e a ordem simbó-

sobre a interpretação transferencial que Freud teria queri-lica” (p. 311). E acrescenta, em seguida, que confrontar o do dar a Dora (AE, v.7, p. 103), que (só) por oposição sujeito com a castração é especificamente uma função pa-poderia tê-la orientado na direção favorável.

terna. Ou seja, o analista sempre intervém para romper o Nesse ponto, é necessário recordar que para Lacan o espelhismo da díade mãe-criança.

imaginário é sempre enganoso e, por outro lado, o real é uma estrutura diferente da realidade fática ou empírica.

Lacan chama de realidade, seguindo Hegel, a realidade O MANEJO LACANIANO

que vemos através de nossa própria percepção estruturaDA TRANSFERÊNCIA

da. Assim como a máquina ou a fábrica produzem a transformação da energia, dizia Hegel, também nós nunca ve-As idéias de Lacan que acabamos de expor projetam-mos a realidade fática ou empírica, mas uma realidade se em sua técnica, que a mim parece severa e ríspida. Para estruturada. Lacan sempre se remete a essa realidade, ao começar, digamos que, assim como Lacan toma o caso real que é racional. Mais tarde, ele considerará o registro

“Dora” para ilustrar sua tese da transferência como falha do real como aquilo que volta e que se impõe ao simbólico.

do analista, também se poderia tomá-la para mostrar que o enfoque dialético de Lacan é insuficiente. Deve-se ter em conta, de início, que Freud constrói com Dora sua teo-TRANSFERÊNCIA E HISTORICIDADE

ria da transferência, de modo que não é esse caso, precisamente, o que mais se presta para estudar como opera essa A análise é, repitamo-lo, um processo dialético que teoria no tratamento. O que pensa o próprio Freud é que investiga a história do paciente e no qual a transferência ele falhou porque não prestou suficiente atenção às pri-surge no momento em que o analista deixa de oferecer a meiras advertências e que a transferência tomou-o de sur-antítese correspondente. A transferência fica assim defini-presca (AE, v.7, p. 104), e não que se deixou engancha, da como resistência e, mais precisamente, como resistêncio como afirma Lacan. A única forma de desengancha-se da cia

do analista. Lacan imagina um processo analítico na transferência é interpretá-la a partir do lugar do objeto qual, idealmente, poderia não existir a transferência: se o atribuído ao analista no momento. A Dora que Lacan ima-analista entendesse tudo, o processo seguiria seu curso e a gina possui, parece-me, um grau muito alto de racionalidade - transferência não teria por que aparecer.

dade para se manter na linha que ele lhe propõe.

Lacan diz textualmente: “O que é, enfim, essa transA teoria da transferência de Lacan tem, sem dúvida, ferência da qual Freud diz, em algum lugar, que seu traba-seu suporte teórico na diferença entre o imaginário e o lho prossegue invisível por trás do progresso do tratamen-simbólico. Na medida em que a transferência é sempre to e cujos efeitos, além disso, ‘escapam à demonstração’?

um fenômeno imaginário, o que o analista tem de fazer é Não se pode aqui considerá-la como uma entidade total-rompê-lo, transformar a relação imaginária em simbólica.

mente relativa à contratransferência, definida como a soma É de se notar que essa cura “cirúrgica”, de corte, de ruptu-dos preconceitos, das paixões, das perplexidades, inclusi-ra, não depende do nível que o processo alcançou, mas ve da insuficiente informação do analista em tal momento inteiramente do analista, até o ponto em que não fazê-lo é do processo dialético?” (p. 46-47).

sempre um fenômeno de contratransferência. Desse pon-Atenuando, porém, essa opinião taxativa, sua “Inter-to de vista, o conceito de holding (Winnicott, 1958) não venção” termina com estas palavras: “Cremos, entretanto, conta, nem parece tampouco escutar-se a voz de Freud, que a transferência tem sempre o mesmo sentido de indi-que diversas vezes nos aconselha a não interpretar antes car os momentos de errância e também de orientação do que se tenha criado um rapport suficiente.

analista, o mesmo valor para voltarmos a chamar à ordem Lacan insiste na idéia de ruptura, e essa idéia (esse de nosso papel: um não atuar positivo, com vistas à significante, diria ele) deve ser reconhecida como uma ima-ortodramatização da subjetividade do paciente”.

gem plástica de sua concepção técnica. Assim o propõe Lacan insiste muito nesse tema. Em seu artigo de também Baranger, no trabalho já citado, uma de cujas con-1958, por exemplo, diz que a resistência

parte do analista, clusões é que o Édipo precoce de Melanie Klein levou “a já que é sempre este quem obstrui o processo dialético. O

considerar a situação analítica como o marco de materna-que interessa a Lacan é reconstruir a vida do paciente como gem no qual se desdobram relações duais e não triádicas”

historicidade, e esse processo sofre interferência cada vez (1976, p. 314). Todavia, a teoria continente-conteúdo de que a transferência transforma o passado em atualidade.

Bion (1962b) introduz-se como um fator de pensamento, A consequência técnica é que, nesse processo dialético de não tendo, portanto, uma referência especular.

84 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Em seu discurso de Roma, de 1953, Lacan distingue dual e imaginária. O enfoque atual da técnica, opina a palavra vazia e a palavra plena. Ali onde a resistência Lacan, perde de vista que a resistência é resistência de torna-se máxima, frente ao acesso possível à palavra algo ao qual o sujeito não quer aceder, e não resistência reveladora, o discurso dá uma volta, um desvio para a do outro. Disso decorre a crítica de Lacan à interpreta-palavra vazia, ou seja, a palavra como mediação, como ção preferencial do hic et nunc da transferência. A rela-enganchamento no interlocutor. Esse enganchamento com ção analítica não deve ser concebida como dual, como o outro (com minúscula) impede o acesso ao Outro (com diádica, mas como integrada por um terceiro termo, o maiúscula). Por isso, Lacan diz que a resistência é sempre Outro (com maiúscula), que determina a historicidade algo que se projeta no sistema eu-tu, o sistema imaginá-

simbólica. A transferência, enfim, é um espelhismo do rio. No momento em que se produz essa virada, assenta-se qual o analista deve desengancha-se.

o suporte da transferência.

Para terminar esse ponto, digamos que a técnica que Se a resistência cristaliza-se no sistema especular Lacan propõe parece aplicável somente ao caso do neuró-

eu-outro (com minúscula), enquanto o analista conside-tico, na medida em que dá por certo que é sempre possível ra o eu do paciente como aliado (no sentido da aliança o acesso à ordem simbólica, isto é, que o analisando está, terapêutica), cai na armadilha especular em

que se en-desde o princípio, em condições de abandonar a ordem do contra o próprio paciente; fica encerrado nessa relação imaginário e diferenciá-lo do objeto.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 85

11

A Teoria do Sujeito Suposto Saber

O pensamento de Lacan é complexo e tem vitalidade imaginária domine a situação analítica. O analista deve de. Não é, pois, de espantar que mude, e ainda mais em estar no lugar do Outro. Miller expressa essa concepção um tema como o da transferência, que o ocupou em muito do processo analítico com um esquema simples, com uma das ocasiões ao longo de sua extensa obra.

cruz na qual em um de seus eixos inscreve-se a relação Até aqui, a transferência havia sido situada na tópica imaginária e recíproca do eu e do a (outro com minúsculo imaginário, na qual analista e paciente espelham-se um na) e, no outro eixo, estão o sujeito e o grande Outro.

no outro e ficam prisioneiros de sua fascinação narcísica.

A ciência pressupõe separar o simbólico do imaginário-

A partir dessa perspectiva, o processo psicanalítico só se rio, o significante da imagem. O significante, diz Miller na constituirá no momento em que o analista transformar página 60 de sua terceira conferência, pode existir inde-essa relação dual em simbólica, para o que é necessário pendentemente de um sujeito que se expresse por seu inque rompa a relação diádica e ocupe um lugar terceiro, o termédio.¹ Entretanto, cada vez que o progresso da ciência-lugar do código, o lugar do grande Outro.

cia cria uma nova invenção significativa, sentimo-nos levados a pensar que estava ali desde sempre e então a proje-tamos em um sujeito suposto saber. Descartes tornou possí-

O SUJEITO SUPOSTO SABER

vel a ciência porque colocou Deus como garantia da verdade, com o que pôde separá-lo do conhecimento científico-Em Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse co. Portanto, a ciência apresenta-se como um discurso sem (1964), o livro XI de seus seminários, Lacan oferecerá uma sujeito, como um discurso pessoal, o discurso do

sujei-nova hipótese, que atribui à transferência um lugar na or-to suposto saber em pessoa (Miller, 1979, p. 66).

dem simbólica. Essa proposta, conhecida como a teoria do Para Lacan, “algo de Deus persiste no discurso da sujeito suposto saber (S.S.S.), tem como ponto de partida ciência a partir da função do S.S.S.”, diz Miller (p.70), uma reflexão sobre o conhecimento e a ordem simbólica.

“porque é muito difícil defender-se da ilusão de que o sa-O ponto de partida da argumentação de Lacan é um ber inventado pelo significante não existe desde sempre”, estudo sobre a função do analista. Uma coisa é que o ana-que sempre esteve ali.

lista fique incluído na relação dual da fase do espelho e outra, muito diferente, é que ocupe o lugar terceiro exigido pela ordem simbólica.

O SUJEITO SUPOSTO SABER

A partir dessa diferença, Lacan coloca-se a questão NA TRANSFERÊNCIA

da posição do analista na situação analítica, não menos que a posição da análise na ciência.

Com base nessas idéias, articula-se a nova teoria da A função do analista é desaparecer enquanto eu (moi) transferência de Lacan. Ao introduzir a regra da associa-

– diz Miller (1979, p. 23) – e não permitir que a relação ção livre, o analista diz ao paciente que tudo o que disser terá valor, terá sentido; desse modo, a partir do dispositivo do tratamento, o analista transforma-se, para o paciente, no sujeito suposto saber.

Embora, por essa circunstância, o analista faça as vezes, no tratamento, de sujeito suposto saber, o que Lacan afirma é que a experiência psicanalítica consiste precisamente em evacuá-lo. Estruturalmente, o S.S.S. surge com a abertura da análise; porém, a questão está no final e não no começo. O fim da análise significa ejetar o S.S.S., com-1 Compare-se com a idéia de Bion (1962b) do aparelho para pensar os pensamentos.

86 R. HORACIO ETCHEGOYEN

preender que não existe. Por isso, a análise ocupa um lu-próprio e já não poderá denunciá-la, parece-me, como o gar especial na ciência,

porque apenas nela o S.S.S. pode momento de errância do analista. A transferência surge ficar incluído no processo e ser, no final, evacuado. Se há do paciente no próprio momento em que o analista intro-uma ciência verdadeiramente atéia, sentencia Miller, é a duz a regra fundamental e, quanto mais doente estiver o psicanálise (p. 68).

paciente, mais verá o analista como o S.S.S. em pessoa, Miller afirma que a análise da transferência consiste como é o caso do paranóico, por exemplo. Ferenczi já em descobrir que não há um S.S.S. no sentido real e ali-havia dito, em seu ensaio de 1909, que a quantidade de enta, a seguir, que esse processo no qual se evacua o S.S.S.

transferência é diretamente proporcional ao grau de en-no final do tratamento coincide com a perda do objeto, o fermidade.

luto pelo objeto, tal como propõe Melanie Klein (1935, Desse modo, creio que a teoria do S.S.S. implica que, 1940).

cada vez que enunciamos uma antítese e operamos uma Em outras palavras, segundo a teoria do S.S.S., o reversão dialética, estamos apoiando implicitamente a cren-analisando tenta de início estabelecer uma relação imagi-

ça de nosso analisando de que somos o S.S.S., o que nos nária com o analista, já que, ao atribuir a ele o saber sobre obriga a interpretar essa crença, ou seja, a integrar à anti-

o que lhe acontece, está assumindo que o analista e ele tese que propusemos o elemento transferencial com que a são um. Quando o analista não se deixa colocar nesse pa-recebe o paciente. Se isso é assim, então a técnica deve pel e faz o analisando compreender que o único que sabe variar e aproximar-se da que utiliza a interpretação transfe-o que lhe acontece (qual é seu desejo) é ele mesmo, atin-rencial como um instrumento indispensável e cotidiano.

ge-se o nível simbólico.

Por tudo isso, penso que as duas teorias de Lacan sobre a Essa idéia não só é correta, como também é aceita transferência não são facilmente conciliáveis.

por todos nós. O analisando atribui-nos um conhecimento dele que não temos, e nossa tarefa é retificar esse juízo, que provém de uma fascinação narcisista. Winnicott (1945, A TRANSFERÊNCIA E

1952) diria que devemos ir tirando as ilusões do paciente, A ORDEM

até fazê-lo compreender que esse objeto que sabe tudo não existe mais que em sua imaginação.

Essa grande mudança do pensamento de Lacan pode Como uma primeira aproximação a essa teoria, posar notada nos Quatro conceitos, já antes de propor sua teo-demos dizer que, no começo do tratamento, o analisando ria do S.S.S. quando, no Capítulo XI (p. 152), diz que “a supõe que o analista possui o saber que concerne a ele e transferência é a colocação em ato da realidade do incons-que, com o passar do tempo, vai abandonando essa supo-ciente”. Com essa afirmação, Lacan aproxima-se da opinião sição. Já dissemos que o S.S.S. é a consequência imediata dos analistas em geral, isto é, que a transferência é um fe-de que o analista introduza a regra fundamental no mo-nômeno universal e que deriva basicamente do funcionamento de começar o tratamento. Contudo, não se deve mento do inconsciente, do processo primário. De acordo deduzir disso, sem mais, que o S.S.S. surge do fato de que com o que Freud ensinou, prossegue Lacan, a realidade do o paciente atribui ao analista a onisciência, um saber oní-

inconsciente é sexual, é o desejo. E esse desejo que põe em modo que tudo abrange e alcança. Quando esse fenôme-ato a transferência, conclui ele, é o desejo do outro, ou seja, no ocorre em estado puro, já estamos frente à psicose: o o desejo do analista. Por isso, a presença do analista é mui-paciente crê que o analista conhece seus pensamentos (pa-to importante para Lacan, e a esse tema dedica o Capítulo X

ranóia) e inclusive os provoca, como no delírio transítivista do livro. Esse desejo do analista, bem singular, por certo, é dos esquizofrênicos. Nesses casos extremos, a transferên-o de não se identificar com o outro, respeitando a individu-cia funciona ao máximo e o S.S.S. emerge em toda a sua alidade do paciente (Miller, 1979, p. 125).

magnitude, e salientamos que, com ou sem intenção, Lacan Voltando ao anterior, o discurso analítico (a situação vem a definir com elegância a psicose de transferência.

analítica) tem para Lacan, no entanto, outra vertente. Se, Nos outros casos, mais comuns e menos graves, quan-ao pedir ao paciente que fale e que diga tudo o que passa do o analista introduz a regra fundamental e, com isso, dá por sua cabeça, instaura, por um lado o S.S.S. como colu-ao paciente a garantia de que tudo o que disser

poderá ser na vertebral da transferência, por outro, outorga ao analista, interpretado, o analisando em geral se mostra cético e teme, lista um poder sobre o sentido daquilo que o analisando antes, poder enganar o analista. Lacan propõe um exem-diz. Sua posição de intérprete converte o analista no amo plo simples: um paciente que oculta sua sífilis, porque te-da verdade, afirma Lacan, enquanto decide retroativamente me que isso conduza o analista a uma explicação organi-a significação daquilo que lhe é dirigido. Nesse momento, cista e o desvie do psicológico (1964, p. 238 da edição e enquanto sujeito que se supõe saber o sentido, o analista castelhana). O paciente pode pensar, então, não apenas já é o Outro. Aqui se estabelece, pois, claramente, uma que o analista sabe tudo, como também, ao contrário, que diferença entre o Outro que sabe verdadeiramente e o su-o analista será enganado se lhe proporcionar certos dados.

jeito suposto saber – e tudo me faz supor que essa diferen-

É necessário destacar que a teoria do S.S.S., enquan-

ça é a mesma que vai da ordem imaginária à ordem sim-to atribui a transferência à própria constituição da situa-bólica. Enquanto garantidor da experiência analítica, o ção analítica, à sua estrutura – que Lacan gosta de chamar analista é o grande Outro, e esse é o ponto em que a trans-de discurso analítico –, reconhece à transferência um lugar ferência torna-se simbólica.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 87

O nível simbólico da transferência surge então, evi-incorporar esse trabalho a seus Escritos em 1966, em uma dentemente, quando o analista, em vez de ocupar o lugar nota de rodapé afirma que, com a diferença entre efeitos do S.S.S. que lhe atribui o paciente, ocupa o lugar do Ou-constituintes e constituídos, fica definido o que depois tro. Como se cobre esse trajeto sem cair no autoritarismo, haveria de designar como o suporte da transferência, ou nem incorrer em afirmações ideológicas, se se prescinde seja, o S.S.S.

da interpretação transferencial, parece-me que é mais fá-

A teoria simbólica da transferência apóia-se no que cil de pensar do que de executar na práxis concreta do Lacan chamou, no começo de sua investigação, de pacto consultório.

analítico – a aliança analítica de Freud. Em seu discurso É necessário assinalar aqui que, para Lacan, sempre de Roma, Lacan fala, efetivamente, de que o paciente acre-

é o ouvinte quem decide sobre o sentido; em todo diálo-dita que sua verdade está em nós, que nós a conhecemos go, o que cala detém o poder, porquanto outorga signifi-desde o momento em que ele travou seu pacto inicial cação ao que o outro diz; porém, quando o ouvinte passa conosco. Assim se configuram para Lacan os efeitos consa ser falante, esse poder de fato se reparte. O diálogo ana-tituintes da transferência, com seu índice de realidade lítico, ao contrário, é completamente assimétrico, já que o (p.125-126).

analista sempre cala e, se fala, é para sancionar a signifi-O efeito constituinte da transferência, enquanto de-cação do que o analisando disse. Portanto, somente o ana-pende da estrutura do discurso analítico, tem uma relação lista tem o poder. Desse ponto de vista, o discurso (situa-com o real e o simbólico e não está vinculado à repetição, ção) analítico é constitutivamente um pacto entre o ana-ao passo que os efeitos constituídos que decorrem dessa lista e o paciente, em que este reconhece àquele o lugar estrutura são repetitivos. Desse modo, em seu nível sim-do grande Outro.

bólico, a transferência fica desvinculada da repetição, um ponto no qual insiste especialmente Oscar Masotta (1977) em seu prólogo aos Quatro conceitos.

EFEITO CONSTITUINTE E

Diz Lacan: “De fato, essa ilusão que nos leva a buscar EFEITOS CONSTITUÍDOS

a realidade do sujeito além do muro da linguagem é a mesma pela qual o sujeito crê que sua verdade está em O pivô da transferência, aquilo que a funda, é a fornós já dada, que nós a conhecemos de antemão, e é igual-ma singular com que se estabelece o discurso analítico a mente por isso que está aberto à nossa intervenção ob-partir do convite a associar livremente, que configura um jetivante.

diálogo assimétrico. Esse nível é constitutivo, transfenomê-

“Sem dúvida, não tem de responder, por sua vez, por nico e estrutural. Não se trata aqui de uma vivência, e sim esse erro subjetivo que, confesso ou não em seu discurso, de uma estrutura. Por isso, Lacan insiste em que não se é imanente ao fato de que entrou na análise e de que tra-deve confundir o efeito constituinte da transferência (es-vou seu pacto inicial. E não se pode descuidar a subjetivi-trutura) com os efeitos constituídos (fenômenos) que deri-dade desse momento, tanto menos quanto que encontra-vam daquele. A estrutura está além dos

fenômenos e com-mos nele a razão do que poderíamos chamar de efeitos sistêmicos em que o analista coloque-se no lugar do significante constituintes da transferência, enquanto se distinguem por para o sujeito. No plano fenomenológico, essa situação é um índice de realidade dos efeitos constituídos que a estrutura pode originar diversos sentimentos (vivências): o segredo” (1953b, p. 125-126). Há aqui o chamado à nota desprezo, a credulidade, a admiração, a desconfiança, etc.

de rodapé já citada, na qual Lacan aponta que ali se en-Desejo reiterar, neste ponto, porque me parece um contra definido o que designou mais tarde como o suporte conceito lacaniano de real valor que, ao formular a teoria da transferência, o sujeito suposto saber.

da transferência, não se deve confundir a dimensão E diz no parágrafo seguinte, para tornar mais claro o fenômeno com a estrutural. A teoria do S.S.S. não se anterior, que Freud insistia em que, dentro dos sentimentos refere a uma vivência do analisante, e sim a um pressuposto trazidos para a transferência, deve-se distinguir um posto que surge da própria estrutura da situação. Disso fator de realidade “e tirava, como conclusão, que seria absurdo decorrer que, como vimos há pouco, o fenômeno possa ser a causa da docilidade do sujeito querer persuadi-lo, em todos exatamente o contrário, a saber, que o analisante pense os casos, de que esses sentimentos são uma simples repetição que o analista não sabe, que pode ser enganado.

ção transferencial da neurose” (p. 126).

Essa diferença entre o estrutural e o fenomenal no Parece-me que, ao introduzir o real na transferência, discurso analítico é, sem dúvida, um fator básico para com-Lacan aproxima-se, embora certamente por um caminho prever não apenas a nova teoria de Lacan sobre a transferência, mas diferente, do conceito de aliança terapêutica dos fenômenos, mas também a teoria da transferência em geral.

colóquios do ego. Pelo fato de que se apóia no pacto analítico-Os fenômenos que Freud deslindou, descobriu e estudou com o selado pelo paciente, ao aceitar a regra fundamental, a na transferência – e que, para Miller, são a repetição, a teoria simbólica da transferência corresponde ao plano da resistência e a sugestão – giram em torno do eixo estrutura-realidade, e não ao repetitivo. Cabe aqui perguntar, entre-real e fenomenológico do S.S.S. Por isso, já em seu discurso tanto, se ainda podemos continuar chamando isso de transferência de Roma de 1953, que é como o ponto de partida de sua transferência, se já não seria melhor chamá-lo pura e simples-investigação, Lacan distingue os efeitos

constituintes da mente de aliança terapêutica ou pacto psicanalítico. Em transferência dos conseqüentes efeitos constituídos; e, ao outras palavras, o efeito constituinte da transferência, en-

88 R. HORACIO ETCHEGOYEN

quanto se distingue por seu índice de realidade, pertence deste comentário, mas tentarei expô-la à medida que é à ordem simbólica; porém, já não é mais transferência, ao aplicável à transferência na práxis psicanalítica.

menos na forma estrita que, em seu devido momento, de-Ao longo de toda a sua obra, Lacan insiste sem esmo-finimos. Apenas os efeitos constituídos a partir disso merecer em que o inconsciente está estruturado como uma recém, em meu entender, esse nome.

linguagem, e não é por acaso que os Écrits iniciam com

“Le séminaire sur ‘La lettre volée’” (1955, “O seminário sobre ‘A carta roubada’”), em que toma o conto de Poe COMENTÁRIO FINAL

para ilustrar sua teoria do significante. Lacan sustenta que os personagens do conto ficam definidos em relação à carta. Em resumo, poderíamos dizer que o tema da transferência como significante, a qual rege o destino de quem a posição ocupa um lugar muito importante no pensamento seu. Na relação entre o rei, a rainha e o ministro, muda a de Lacan e, em sua obra escrita, cristaliza-se em pelo menos uma posição deste quando se apropria da carta e, ao mesmo nos dois momentos, em duas teorias que unem a transferência-tempo, fica preso a ela. Mais adiante na história, quando a posição à ordem do imaginário e à ordem simbólica.

relação se dá entre o chefe de polícia, o ministro e Dupin, A teoria imaginária da transferência, enunciada em também este, como possuidor da carta, converte-se em 1951, a conceitua como um processo diádico, especular algo distinto do que era até esse momento. “Pode-se dizer e narcísico em que falta o terceiro, o Outro que remete que, quando os personagens apoderam-se da carta, são ao código e redistribui os papéis da dupla mãe-criança, apanhados e arrastados por algo que predomina com van-impondo a Lei do Pai. Se o analista não se coloca como tagem sobre suas particularidades individuais” (O eu na o terceiro que tem de operar o corte (castração), in-teoria de Freud e na técnica psicanalítica, 1983, p. 295). Os gressa em um campo imaginário onde reverbera indefinidamente personagens ficam definidos por sua posição frente a esse nidamente na situação tu-eu. Isso é o que

sucede a Freud protagonista singular que é a carta. Além disso, o conteú-

com Dora: identificado com o Sr. K., Freud quer ser quedado (significado) da carta não tem, e isso é inegável, ne-rido por Dora, em lugar de lhe indicar seu vínculo ho-nhuma importância na trama do conto. Os elementos va-mossexual com a Sra. K.

lem mais por sua relação do que por sua substância, o que Muitos anos depois, em 1964, Lacan propõe uma sé-

é característico da perspectiva estruturalista, que inspira rie de idéias que articulam a teoria simbólica da transfe-toda a primeira parte da obra de Lacan.

rência. Segundo ela, o discurso analítico é uma estrutura Lacan chega a pensar que quem possui a carta sofre, que fica definida ao começar a relação, quando o analista por sua influência, um processo de feminização, fundan-introduz a regra fundamental. A partir desse momento, o do-se em algumas contingências do relato e, com isso, pa-analista ocupa um lugar determinado na estrutura recém-rece querer convencer-nos de que o poder da carta como formada, que é o lugar do S.S.S.

significante chega a prender e a converter o sujeito em É evidente que, ao atribuir ao analista a posição de feminino. Que, ao apoderar-se “da carta da rainha” (por-S.S.S., o analisando procura estabelecer uma relação ima-que dela foi roubada), o ladrão identifique-se com o obje-ginária e narcisista: se o paciente afirma que o analista to danificado e adquira algum traço da personalidade de sabe o acontece com ele, o paciente, é porque analista e sua vítima é algo que não entra em nada no raciocínio de paciente são um; contudo, se o analista não se deixa co-Lacan; e não poderia entrar sem menosprezo de sua teo-locar nessa posição e a denuncia como um mero pressu-ria, porque, então, a carta já não seria somente um posto do paciente, então se alcança o nível simbólico. Desse significante, mas o símbolo de um objeto “empírico”, como modo, como todos sabem, a função do analista é ficar fi-podem ser o seio, o pênis ou a mãe, por exemplo. Quero nalmente excluído da vida e da mente do analisando.

dizer que há muitas formas de entender psicanaliticamente o conto de Poe, e não apenas uma. Assim, Freud veria a rainha como a mulher com pênis, a mãe fálica, e Melanie Adendo: significante,

Klein não duvidaria em supor que a rainha com a carta é a repetição e

transferência

mãe que contém em seu interior o pênis do pai, os bebês e as fezes que o filho-ministro ataca por inveja e por ciúmes.

Antes de encerrar estes dois capítulos, farei uma tentativa de expor as idéias de Lacan sobre a transferência a longo de toda a obra de Lacan, e assim lemos, por exemplo, a partir de suas próprias pautas. Embora não seja fácil, é a propósito, no começo da seção 2 do Capítulo XI dos Quatro con-

única maneira de entender esse grande pensador, que em certos aspectos, que “a relação do sujeito com o significante é o ponto de partida de muitos aspectos afasta-se decididamente das outras linhas de referência que quisemos pôr no primeiro plano de doutrinas da psicanálise atual.

uma retificação geral da teoria analítica, pois também é Lacan retorna a Freud com o propósito de formalizar primeiro e constituinte na instauração da experiência analítica suas teorias a partir da linguística estrutural e da matemática-

lítica, assim como primeiro e constituinte na função retificadora combinatória. E faz isso com sua noção original de “campo do inconsciente” (p. 145). “Vous saisissez pourquoi la signifiante, que orienta como uma bússola todo o “campo de relação do sujeito ao significante est le repère que nous avons freudiano”. Não pretendo desenvolver em sua plenitude a volonté de mettre au premier plan d’une rectification générale a teoria lacaniana do significante, já que excederia o âmbito de la théorie analytique, car il est aussi premier et consti-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 89

tuant dans l’instauration de l’expérience analytique, que é o estudo “Psicoanálisis y estructuralismo” (1969), o primeiro e constituinte dans la fonction radicale de l’inconscient a dizer que, quando a teoria psicanalítica parte da ciência”* (Les quatre concepts, p. 127). Portanto, para Lacan, a relação de objeto, cai em uma espécie de delírio empirista o significante é o primeiro na teoria e na prática da psique parece esquecer que Freud fala de achado (e não de análise e primeiro, também, no funcionamento do in-relação) de objeto, de modo que o objeto começa por não consciente.

estar. É certo que a teoria da relação de objeto vem mais O significante lacaniano é, sem dúvida, herdeiro da de Berlin, de Budapeste e de Londres do que de Viena e teoria do signo linguístico de Ferdinand de Saussure que, para Freud, o objeto é contingente à

pulsão e deve (1916), que o define como a combinação de um conceito ser achado. Não é menos certo, por outro lado, que Freud (significado) e uma imagem acústica (significante) e pro-distingue o objeto da pulsão e o objeto de amor do ego.

põe um gráfico que se tornou célebre:

Que o objeto não esteja, em princípio, isso se explica sobre a base da teoria do narcisismo primário, que Freud aceita na maioria das vezes. Freud diz, também, que o achado do objeto é, na realidade, um reencontro, o que é entendido por muitos como um retorno ao primeiro objeto, enquanto Lacan o considera como uma prova de que o desejo nunca pode, por definição, encontrar o objeto de onde se originou, porque este ficou irremediavelmente perdido na trama simbólica. O tema é complexo e presta-se a uma discussão mais ampla. Basta dizer, nesse momento, que para Freud o objeto começa por não estar (narcisismo primário), ao passo que para Lacan termina por não estar, já que o objeto do desejo não coincide com o da necessidade e jamais pode ser nomeado, recoberto pela demanda. À

maneira de um Parmênides ao avesso, Lacan diz que o Esse gráfico mostra-nos as duas faces inseparáveis não-ser é (Ríos, 1989, comunicação pessoal).

do signo como um sistema fechado (elipse), no qual a raia A rigor, Lacan dá toda uma volta para descartar, pri-horizontal expressa o vínculo entre ambos os elementos; meiro, a idéia de que o objeto é encontrável, enquanto diz as flechas indicam sua relação de ida e volta, enquanto a que ele é perdido e, por isso, busca-se uma falta; e depois própria elipse implica a conexão unívoca de ambos os ter-dirá que o que é, é o objeto, que é o objeto perdido. Assim, mos.

no Seminário X sobre a angústia (1962-1963), Lacan afir-Lacan inverte essa relação para indicar a preeminên-mará que “a angústia não é sem objeto”. Dessa perspecti-cia do significante e torna espessa a linha divisória, a tal va, ele afirma que há um objeto que se busca como um ponto que o significante fica acima (para não dizer no ar), chamariz (o que corre metonimicamente), e outro que é o só e desprovido de toda relação com o significado, porque objeto causa do desejo (que é o objeto “a”). Este último é a barra que os separa é impenetrável. Desprovido de elipses a razão principal de todo o devir psíquico. Ambos os obje-e de flechas, o famoso algoritmo lacaniano fica finalmente tos (o da busca e o da causa) têm sua razão no falo como assim:

cobertura. Ou seja, a teoria lacaniana, em seus últimos trabalhos, está fortemente influenciada pela teoria objetual (Moreno, 1999, comunicação pessoal).

Essa breve digressão talvez sirva para compreender com que sentido rigoroso (e também extremo) Lacan não onde o S maiúsculo é o significante; o s minúsculo, o se cansa de dizer que “um significante só é significante significado; a espessura da barra, sua radical separação.

para outros significantes” e também que “um significante Rompida a relação do significante com o significado, é o que representa o sujeito para outros significantes”, do a significação só pode provir das relações de combinação que se segue que o analista deve oferecer-se para que o (sintagma) e substituição (paradigma) que se estabelecem paciente encontre nele (como no morto do bridge) os nos elos da cadeia simbólica significante. Esta se erige as-significantes com os quais se representar como “sujeito da sim, como assinala Ríos (1984), em um sistema axiomático transferência”. Por isso, Maci (1983) pode dizer com cla-fechado, surpreendentemente análogo ao formalismo reza, em La repetición significante, valioso livro dedicado a matemático de Hilbert (1984, p. 120), em que um signi-esse tema, que “o sujeito da análise está sempre em trans-ficante só se liga a outro significante, afastado de toda ferência, está sempre transferido” (Cap. 6, p. 203, grifos no referência empírica (ou objetual): o signo é “para alguém”, original), o que se deve entender estritamente como que mas o significante o é apenas para outro significante. Não

“o sujeito é transportado pela marca significante” (p. 207).

é de se estranhar, então, que Oscar Masotta, em seu cuida-Outro discípulo eminente de Lacan, o argentino Juan David Nasio (1984), afirma que, enquanto está estruturado como linguagem, “o inconsciente consiste nessa relação formal

*

entre um significante reconhecível e atual e os outros N. de R.T. Em francês, como no original.

90 R. HORACIO ETCHEGOYEN

significantes, não-reconhecíveis e virtuais” (En los límites de repetición e a função do psicanalista (Dupin), à medida de la transferencia, p. 23).

que os deslocamentos ficam determinados pelo lugar que Ao situarem a transferência no campo da significa-um significante – a carta – vem

a ocupar no trio. A segun-

ção, os autores lacanianos tomam como ponto de partida da cena repete a primeira, mas, graças a essa repetição, de nascimento do conceito o parágrafo C do Capítulo VII, permite ao analista-Dupin compreender a primeira, não em que é chamado de *Übertragung* o processo graças ao por seus méritos pessoais, e sim porque ocupa o lugar do qual o desejo inconsciente transfere-se a um resto diurno sujeito do inconsciente. Vemos aqui, novamente, que Lacan pré-consciente para abrir caminho à consciência. Para es-parte do estruturalismo, concepção da qual mais adiante, ses autores, a teoria da transferência começa em 1900, e em sua obra, tentará desligar-se (a partir do Seminário X

não em 1895. Há aqui um claro divisor de águas entre os sobre a angústia, 1962-1963).

que entendem (eu, entre eles) a transferência como trans-Mais tarde, quando sublinha a materialidade do ferência de objetos e os que a pensam como transferência significativa, que não suporta ser partido, afirma que o de significantes. Isso surge do fato de que para Lacan, como significativa é o símbolo da ausência e da morte, com o acabamos de ver, o objeto é radicalmente uma ausência, que nos dá sua explicação daquilo que Freud situa além ou melhor, é velado por uma ausência cuja significação é do princípio de prazer em 1920: o sujeito segue o desfila-fálica. É muito claro, porém, que para o Freud de “Sobre a deiro do simbólico e seu próprio ser fica modelado sobre o psicoterapia da histeria”, no fenômeno recém-descrito, in-momento que o percorre na cadeia significativa (*Écrits*, p.

tervém a pessoa do médico, de modo que “a transferência 30; Escritos II, p. 30), de modo que uma linguagem formal sobre o médico acontece por falso enlace” (AE, v.2, p. 306).

o determina. Há um elemento que governa a experiência

“Transference on to the physician takes place through a humana além da vida, que Freud chama de instinto (ou false connection” (“The psychotherapy of hysteria”, AE, pulsão) de morte e que, para Lacan, é a repetição simbóli-v.2, p. 302). Recorde-se o exemplo de Freud, a doente que ca, em que se mostra que “L’ ordre du symbole ne peut plus teve o desejo de que a beijasse, como o havia tido, muitos être conçu comme constitué par l’homme, mais comme le anos antes, de outro homem. Freud conclui que, desde constituant”, ou seja, “a ordem do símbolo já não pode ser que pôde compreender esse

fenômeno, todo requerimen-concebida como constituída pelo homem, mas como o cons-to similar para sua pessoa teria de ser reduzido a uma tituindo” (p. 46). A autonomia do simbólico, dirá depois transferência por falso enlace.

(p. 52), é a única coisa que permite liberar de seus equívoco-Com sua habitual precisão, Maci (1983) diz que a cos a teoria e a prática da associação livre em psicanálise.

transferência é um circuito e lembra que a palavra ÜberA reconhecida influência de Heidegger no pensamen-tragung assinala algo que se suporta e que se transporta, to de Lacan é aqui patente e leva-o a uma visão muito que circula. A transferência, contudo, não carrega nada peculiar da teoria dualista das pulsões de 1920, com um de substancial e concreto, a não ser o sujeito de um dis-Freud descarnado de todo referente empírico e com um curso (1983, p. 203). O sujeito é carregado pela marca homem cuja existência é ser para a morte. Lacan crê que, significativa, e o famoso aforismo de Lacan, do qual parti-assim, libera Freud de suas limitações e penetra na essên-mos, deve ser entendido, para Maci, não como que o cia de seu pensamento, embora seja possível que esteja significativa representa o sujeito, mas que simplesmente o equivocado e mais distante do mestre do que acredita.

põe em relação, engancha-o na rede significativa, que é O algoritmo lacaniano que sanciona a autonomia do uma cadeia desiderativa (p. 207). Com a mesma perspec-simbólico é, sem dúvida, uma tentativa legítima de apli-tiva, Masotta diz que “é preciso situar o sujeito (...) no car o método axiomático formal da matemática e da lin-interstício das relações de substituição e combinação que güística estrutural às descobertas de Freud. Nisso, o méri-unem um significativa a outro significativa...” (1970, p. 43).

to de Lacan é grande e inquestionável. No entanto, há É o mesmo que expressa Jacques-Alain Miller (1966) com muitas formas de entender essa teoria, e uma coisa é propô-

o conceito de sutura, o ponto em que o sujeito fica solda-la como um modelo metodológico que pode, efetivamen-do à cadeia simbólica significativa. A sutura nomeia, pois, te, dar uma explicação da combinatória das associações a relação do sujeito com a cadeia de seu discurso, onde livres e das relações sutis que Freud foi capaz de desentra-figura como um elemento que falta sob a espécie de pos-nhar em um ato falho, um sintoma ou um sonho (e que suidor de um lugar (1966, p. 41).

todos, graças a ele, podem realizar em seu trabalho cotidi-Como o diz no começo do “Seminário sobre ‘A carta ano), e outra, muito diferente, é erigir as combinações roubada”, Lacan sustenta que o automatismo de repeti-sintáticas como única fonte da significação. Em alguns mo-

ção (Wiederholungszwang) tem seu princípio no que ele mentos, sobretudo na primeira parte de sua obra, Lacan chama de insistência da cadeia significante e exemplifica-parece querer emancipar a combinatória significante de o com a estrutura que se repete no conto entre a cena em toda referência às coisas. Desse modo, a semântica e inque o rei não vê, a rainha vê que o rei não vê e o ministro clusive a pragmática ficam subsumidas na sintaxe. Enquan-vê a carta, e a outra cena na qual quem não vê é o chefe de to modelo, a teoria do significante será aceitável para to-polícia (que agora ocupa o lugar do rei), enquanto o midos (ou quase todos) os analistas; porém, para muitos, nistro está no lugar da rainha, e Dupin, no lugar do minis-será difícil segui-la quando for proposta como um sistema tro. Ou seja, os personagens mudam, mas os lugares não, fechado de elementos interconectados que não admitem e o roubo repete-se. Assim entende Lacan o automatismo nenhuma relação com entidades extralingüísticas.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 91

Em sua versão mais rigorosa, a teoria de Lacan afir-

(1966), a partir das idéias de Frege sobre o número. Frege ma sem rodeios que a relação sintática entre os significantes baseia-se no conceito de verdade de Leibniz, ou seja, de dá conta da significação, com independência de uma rela-que a verdade é que cada coisa é idêntica a si mesma.

ção semântica com as coisas. Isso é o que pensava Hilbert, Disso decorre que há uma classe de coisas não-idênticas a da matemática, com sua famosa teoria da definição implí-

si mesmas que, de fato, é uma classe vazia, já que não cita, segundo a qual os conceitos matemáticos são depen-pode haver um objeto subsumido na classe de não-idênti-dentes do sistema sintático em que, por convenção, são co a si mesmo. Essa classe vazia é o número zero. Desse situados. Dentro desse sistema, o significado de cada ter-modo, o conceito da não-identidade a si mesmo está re-mo varia em relação com os outros significantes e, é claro, apresentado pelo número zero, que sutura o discurso lógi-o usuário do sistema – o “sujeito”, poderia

dizer Lacan –

co. (“C’est l’*enoncé* décisif que le concept da non-identité-à-

não pode interferir em nada nessa combinatória. Entre-soi est assigné par le nombre zéro qui suture le discours tanto, como afirma Gregorio Klimovsky (1984, p. 50), “a logique” [p. 46, grifos no original].) Sendo assim, a lógica maioria das linguagens formais da matemática admite in-pode sustentar-se a si mesma, como quer Frege, sem ne-terpretações ou modelos não-isomórficos”. Em outras pa-nhuma referência ao real.

lavras, se acrescentarmos a um sistema axiomático um diEntão, prossegue Miller, o zero inscreve-se em um cionário que atribui um determinado significado a seus lugar desenhado pela subsunção, onde o objeto falta: o termos (excluídos os termos lógicos), obteremos o que se zero é um branco que torna visível a falta e, ao mesmo chama de uma interpretação do sistema e diremos que essa tempo, é contado por um (embora o conceito de zero não interpretação configura um modelo adequado, se os axio-subsuma, no real, mais que um branco); assim, converte-mas tornam-se verdadeiros. Esse modelo, como é óbvio, já se no suporte geral da sucessão dos números (p. 47). É

não é um sistema sintático, mas semântico. De acordo com necessário que o zero seja um número, que ocupe o lugar esse ponto de vista, a matemática atual tende a resgatar o suturante da falta, para que o discurso da lógica feche.

valor semântico de seus sistemas, busca sua aplicação a A partir dessa complexa exposição matemática, Miller algo externo.

conclui que, se o zero não é mais que o possuidor do lugar Mesmo admitindo o formalismo matemático como suturante da ausência, se o zero deve ser restituído à su-método, é necessário dizer que há um trecho muito longo cessão dos números, então não há obstáculo para reco-para chegar às ciências fáticas, porque elas não consistem nhecer a relação que a cadeia significativa mantém com o simplesmente em um jogo formal de signos (ou signifi-sujeito. O sujeito é, em conclusão, esse objeto do impossí-

cantes), mas em algo em que há designação e condições vel que a lógica conhece como não-idêntico a si mesmo.

de verdade. Uma linguagem científica tem referências se-A exposição de Miller é, sem dúvida, engenhosa ao mânticas e delas dependem suas condições de verdade e homologar o zero à falta e a lógica da

aritmética à do suas propriedades informativas. Quanto a Freud, como significante; porém, quando essas idéias são aplicadas à mostrou Klimovsky (1989) em sua destacada apresenta-clínica psicanalítica, nota-se de imediato a distância que ção ao Congresso Internacional de Roma, é indubitável vai da lógica do significante ao que ocorre na sessão.

que ele estava convencido de que havia descoberto coisas Em “La signification du phallus” (1958b, “A significa-e que sua teoria do inconsciente era semântica. É certo ção do falo”), que leu em alemão no Instituto Max Planck que Freud presta muita atenção à combinatória de ele-de Munique, em 9 de maio de 1958, Lacan expõe sua teo-mentos significantes e, por algum motivo, salienta conti-ria do significante com relação ao complexo de castração.

nuamente a importância dos mecanismos de condensação A relação do sujeito com o falo estabelece-se independen-e sobretudo de deslocamento de um significado a outro, temente da diferença anatômica dos sexos, já que, nesse porém nunca põe em dúvida o fato de que o significado artigo, o falo não é um objeto, e muito menos um órgão, provém da relação que o significante tem com coisas que mas um significante destinado a significar com sua prenão são significantes.

sença os efeitos de significação. (Mais adiante, essa conO esquecimento do nome de Signorelli, que Freud cepção irá mudar.) À diferença de todos os demais signifi-

(1901b) analisa magistralmente no primeiro capítulo de cantes, o falo não tem outra contrapartida senão a falta e Psicopatologia da vida cotidiana, ilustra o que dizemos. Ali, essa falta, sublinhemo-lo, refere-se não só ao aparelho se-

é evidente que as associações podem ser consideradas como xual da mulher, mas também à morte. Nesse ponto, é justo uma cadeia simbólica significante na qual Freud, como dizê-lo, Lacan segue fielmente Freud, para quem o incons-sujeito, fica enredado. Ele não duvida nem por um mo-ciente não registra nem o genital da mulher, nem a morte.

mento, contudo, que o suicídio de um paciente que lhe Se Freud chegou a pensar que a mulher constitui-se a par-importava muito, e de que tinha sabido em Trafoi, era um tir da castração (inveja fálica), Lacan dá um passo a mais referente semântico dos conteúdos “morte e sexualidade”

e afirma que tampouco o homem retira seu sexo de sua e um fator eficaz para a aparição dos significantes Botticelli conformação biológica. Para ambos, a mulher e o homem, e Boltraffio (por Signorelli). Para Freud, que sempre en-o falo instaura a falta que constitui o desejo e põe em tendeu a psicanálise como ciência natural, o significado é marcha a cadeia desiderativa do significante.

algo mais do que a relação entre significantes.

A necessidade do homem desvia-se pelo fato de que Uma esforçada tentativa de desenvolver a lógica do fala, já que então fica sujeito à demanda, que retorna a ele significante de forma rigorosa é a de Jacques-Alain Miller alienada. Para Lacan, isso não é o efeito da dependência

92 R. HORACIO ETCHEGOYEN

da criança (biológica, instintiva), mas da conformação as seqüelas que resultam do complexo de castração no significante e de que a mensagem falada é emitida a partir inconsciente masculino e da Penisneid no feminino são in-do lugar do Outro (Leitura estruturalista de Freud, p. 284; solúveis a toda redução a dados biológicos.

Écrits, p. 690). Nisso se distingue o desejo da necessidade O salto que vai da fase fálica de Freud à sexualidade e da demanda.

genital do adolescente pode ser compreendido dentro de Para Lacan, a demanda refere-se a outra coisa que sua teoria (falocêntrica), embora não seja compartilhada.

não a satisfação reclamada, é antes de tudo demanda de O salto que Lacan dá para romper toda ligação da sexuali-uma presença ou ausência, demanda de amor. Tudo o que dá humana com a biologia é muito mais abrupto, audaz pode ser concedido fica transmutado pela demanda em e, em meu entender, não suficientemente fundado. À par-prova de amor e, entre a necessidade e a demanda, abre-te sua insistência em apresentar o falo como significante, se a fenda (Spaltung) na qual aparece o desejo. Como diz Lacan nunca chega a nos explicar em que consiste esse Jinkis (1974, p. 82), o significante deve ser pensado com passo que o leva da zoologia à cultura. Às vezes, recorre a relação à falta no Outro, que é o fundamento da cadeia referências mitológicas para dar conta dessa função, re-simbólica. O sujeito mora em um mundo significante cujo cordando-nos os mitos paleolíticos em que os monumen-fundamento é a falta.

tos glorificam um falo que já não parece guardar relação Por isso, o

falo é o significante por excelência, a bar-alguma com o homem do qual foi membro e, então, o falo ra que divide o signo lingüístico, graças ao qual o incons-

é um símbolo como qualquer outro; em certas ocasiões, ciente está estruturado como uma linguagem. Tanto o surpreende-nos com recursos concretos, tais como “ce homem quanto a mulher desejam do outro o que lhes fal-signifiant est choisi comme le plus saillant de ce qu’on ta, e essa falta essencial remete, em última instância, ao peut attraper dans le réel de la copulation sexuelle” (Écrits, falo. O homem deseja encontrar na mulher o falo para p. 692), ou seja, “esse significante é escolhido como o que superar, assim, seu medo de perdê-lo, e a mulher anseia mais sobressai do que se pode captar no real da copulação receber do homem o falo que lhe falta. Só podemos dese-sexual” (Leitura estruturalista de Freud, p. 286). Nesse caso, jar o que nos falta e, no ato de amor, cada um dá ao outro o “falo” é simplesmente o pênis, e nem mencionemos quan-o que não tem. Não devemos esquecer que Lacan mando, na mesma página, recorre à sua turgidez para sustentém, ao longo de sua obra, uma concepção inteiramen-tar seus argumentos, dos quais resulta que o significante te narcisista do amor e nada o enfurece mais que o confálico não é mais que o pênis rodeado das fantasias ine-ceito de oblatividade2 genital que – lamenta – um francês rentes a todo ser humano. As transformações que Lacan (Laforgue) introduziu no corpo teórico da psicanálise. Essa oferece nas últimas páginas do trabalho que apresentou concepção inteiramente narcisista do amor, segundo a qual no Instituto Max Planck são ilustrativas de como se po-o desejo sexual leva a buscar o complemento no outro, dem explicar algumas características psicológicas e Lacan a contrasta com sua polêmica assertiva: a relação psicopatológicas do homem e da mulher, do ponto de vis-sexual não existe, corolário que pode parecer chocante, ta da teoria da fase fálica, mas nada acrescentam, em meu mas que é uma consequência ineludível de sua concepção entender, à dignidade do falo como significante. Ao conda vida erótica e do inconsciente estruturados como uma trário, quando Lacan procura dar conta da impotência do linguagem. Em outras palavras, os significantes dessa lin-homem e da frigidez da mulher com sua teoria do falo guagem não podem dar conta da relação (no sentido de como significante, suas explicações acabam sendo pobres ratio) sexual.

e evocam vivamente o protesto masculino de Adler (1912); Como dissemos há pouco, Lacan segue de perto o o mesmo se pode dizer para a homossexualidade.

Freud da fase fálica (1923e) e da sexualidade feminina Se, como

penso, falham os esforços de Lacan para (1931b, 1933a, Conferência nº 33) para quem, na fase justificar sua teoria do falo como significante primordial, fálica infantil, há apenas um órgão sexual, que o menino então cabe contrastá-la com outras, o que não está no teme perder e a menina quer ter. Entretanto, a distância âmbito deste comentário, e assinalar, ainda que brevemente que vai da fase fálica à teoria do falo como significante é te, seus ingredientes ideológicos. Roberto Speziale-sem dúvida muito grande e, a meu ver, intransponível.

Bagliacca ocupou-se desse tema em seu bem documenta-Freud usa o substantivo “falo” para designar o órgão rei-do livro *Sulle spalle di Freud* (1982, Sobre os ombros de tor da etapa genital infantil, que para ele (mas não para Freud). Esse autor considera que a teoria de Lacan confi-Jones, Karen Horney ou Melanie Klein) é comum ao menigura a ideologia fálica própria da personalidade autoritá-

no e à menina, porque ambos se imaginam dotados de um ria. Speziale-Bagliacca afirma que o falo é pura e simples-

órgão idêntico, que é o pênis no varão e o clitóris na mumente o pênis em ereção e, remetendo-se ao que diz o lher, aos quais convém aquele vocábulo. Enquanto Freud próprio Lacan e também aos mitos antigos dos cultos remete essa condição às diferenças anatômicas do homem fálcos, sustenta que essa concepção (que do ponto de vise da mulher (Freud, 1925j), Lacan afirma apoditicamente ta social configura o machismo) está a serviço das defesas no começo de “Die Bedeutung des Phallus” (1958b) que maníacas, em uma tentativa de eludir a dependência e evitar a depressão. Para esse autor, a técnica lacaniana (e em especial as sessões de tempo livre) está fortemente in-2

fluenciada por uma dificuldade de compreender os espec-Oblação: oferta e sacrifício que se faz aos deuses – diz o tos continentes do setting, que têm a ver com a mãe e com Diccionario de la lengua española de la Real Academia.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 93

a função materna do analista, que a genialidade de Freud (1955) da viagem de Breuer com sua esposa, em junho de foi capaz de plasmar nas normas do tratamento. Seguindo 1882, após interromper o tratamento de Anna O. (Cap.

Fornari (1981), Speziale-Bagliacca considera que há um XI, “O período de Breuer”). No entanto, a cuidadosa in-código paterno e um

código materno, e não somente a Lei vestigação de Ellenberger veio mostrar, conclusivamente, do Pai, como diz Lacan.3

que Dora Breuer, último rebento do matrimônio, nasceu Vimos que, para Lacan, o inconsciente é o jogo do em 11 de março de 1882, antes da famosa segunda lua-significante (Os quatro conceitos, p. 137) e recordemos de-mel de seus pais em junho (Ellenberger, 1970, p. 483; agora que “a transferência é a colocação em ato da reali-Sulloway, 1979, p. 79-80). Além dessa refutação “empí-

dade do inconsciente” (p. 152). “Le transfert est la mise rica” que vem do registro civil, a afirmação de Lacan não en acte de la réalité de l’ inconscient” (Les quatre concepts, parece consistente com sua própria forma de pensar, já p. 133). Como nos ensinou Freud, a realidade do incons-que, como diz Ríos (comunicação pessoal), só poderia sus-ciente é sexual, de modo que na transferência deve inscre-tentar-se demonstrando que Anna O. não tinha esse desejo, ver-se o peso da realidade sexual, que corre sob o que su-o que é difícil de provar, sobretudo para quem sustenta cede no nível do discurso analítico (ibid., p. 161; ibid., p.

que o desejo é o desejo do outro. Lacan descarta por com-142), e essa realidade sexual não é outra coisa senão o pleto que fosse Anna O. quem faz Breuer sentir o desejo desejo.

de engravidá-la (e, por deslocamento, sua esposa).

Nesse ponto de sua reflexão, Lacan afirma terminan-Se seguimos corretamente o pensamento de Lacan, temente que o desejo que está em jogo na transferência é podemos concluir que em sua teoria a transferência deve o desejo do analista, afirmação esta que coincide com ouser entendida basicamente como uma transferência de tro articulador indispensável de sua teoria: o desejo é o significantes em busca de um desejo que, como tal, não se desejo do outro. Ou seja, se o desejo expressa essa realida-satisfará jamais. O desejo não é da ordem da necessidade de sexual que aparece na transferência, que é a colocação e é impossível satisfazê-lo, porque sempre se vai correr de em ato da realidade do inconsciente, então o desejo do um ponto a outro. A cadeia de significantes, através de analista significa o desejo do paciente.

seu deslocamento metonímico, outorga a significação. Por Abordaremos o desejo do analista com mais detalhe isso, Lacan diz em “L’ instance de la lettre dans l’ inconscient nos capítulos sobre a contratransferência; porém, diga-ou la raison depuis Freud” (1957, “A

instância da letra no mos por ora que Lacan reporta-se à experiência paradig-inconsciente ou a razão desde Freud”) que “o significante mática de Breuer com Anna O. (Bertha Pappenheim) para instala a falta do ser na relação de objeto” (Leitura estru-fundamentar uma afirmação que ele mesmo teme que pos-turalista de Freud, p. 200; *Écrits*, p. 515). E afirma tam-sa deixar estupefata a sua audiência. Afirma, então, que a bém, nesse mesmo artigo, que na cadeia do significante o chimney-sweeping ia sobre os trilhos quanto mais signifi-sentido insiste (mantém-se, persevera, insta, interpela o cantes dava Anna O. e não havia, em sua fala, nem um sujeito), mas não consiste, já que nenhum dos elementos traço de sexualidade, até que Breuer a introduz. Para Lacan, da cadeia leva a uma significação final (ibid., p. 188; ibid., inclusive a pseudociese daquela histórica e histórica paci-p. 502). É justo destacar aqui a beleza e a precisão com ente não é mais que o desejo de Breuer: era ele quem que Lacan é capaz de se expressar.

queria ter um filho. E Lacan dá um princípio de prova que Com o deslocamento do desejo, com o corrimento parece confirmá-lo plenamente: ao partir para a Itália com metonímico do significante em busca da significação, Lacan sua mulher, em uma espécie de nova lua-de-mel, Breuer a pode estabelecer uma nova relação entre transferência e re-deixa grávida (Os quatro conceitos, Cap. XII, parág. 3). Para petição. A repetição não tem seu fundamento na necessida-tornar mais claro seu pensamento, afirma em seguida que de (compare-se com Lagache, 1951), mas na busca do novo Freud – este que, para Lacan, é o que realmente sabe da e, nesse sentido, a transferência, em seu nível simbólico, não experiência analítica! – dá a Breuer uma saída elegante, é uma repetição das coisas do passado, nem sombra dos assegurando-lhe que a transferência surge espontânea do amores antigos (Os quatro conceitos, Cap. XIX, seção 2), e inconsciente de Bertha, que o desejo não é de Breuer, mas sim, ao contrário, ação do simbólico, um instrumento de aces-dela. É desse grande equívoco, em que Freud nega o dese-so ao material inconsciente. Lacan é categórico ao dizer, na jo de Breuer, que surgem os Estudos e a própria psicanáli-seção 2 do Capítulo III do Seminário XI, que o conceito de se. Devo confessar que, embora não faça aqui mais do que repetição nada tem a ver com o de transferência, se bem que levar a seu ponto mais extremo o que foi dito em sua “In-foi estudando esta que Freud o descobriu.

tervenção sobre a transferência” (1951) e em outros es-Creio entender com mais segurança o pensamento critos, a originalidade e a audácia de Lacan deixam-me, de Lacan, neste ponto, no que diz no Capítulo V, “Tyche et de fato, estupefato.

automaton”, de Les quatre concepts, em que, jogando com Vale a pena assinalar, por outro lado, que essa afir-esses termos aristotélicos, nosso autor recorda-nos o es-maço categórica sobre “o desejo de Breuer” não resiste à força de Freud na procura de encontrar o real por trás do prova dos fatos. Lacan apóia-se na versão dada por Jones trauma para assegurar, de imediato, que a repetição (Wiederholung) não se refere ao retorno de uma necessidade, mas sim que demanda o novo.

3

Aqui, Lacan retoma o famoso brinquedo do carretel, Ahumada (1992) também escreveu recentemente sobre os inque Freud descreve no Capítulo II de Além do princípio de gredientes ativos da técnica lacaniana.

94 R. HORACIO ETCHEGOYEN

prazer (1920g). Como todos lembram, aquele menino de também para não simbolizar, para não pensar, para não um ano e meio, neto de Freud, lançava o carretel enquan-recordar (por exemplo, o vínculo - K de Bion). Não se deve to proferia um “fort” (“se foi”) para recolhê-lo depois, com confundir transferência com elaboração.

o barbante, até exclamar “da” (“aqui está”). Ao interpre-Em seu interessante ensaio “A transferência”, Michel tar esse brinquedo, Freud inclina-se a pensar que o meni-Silvestre (1985) afirma que o significante tem uma virtu-no procura superar o trauma do desaparecimento da mãe, de curativa, porquanto pode representar o sujeito para transformando o passivo em ativo; Lacan, porém, susten-outro significante (p. 39), e acrescenta que “a repetição é ta que esse fenômeno é secundário. Para ele, o brinquedo o motor do simbólico e da lógica do significante” (p. 41).

do carretel é, antes, a resposta do sujeito ao que a ausên-O que o psicanalista deve fazer é deixar que o registro cia da mãe provocou, no qual o carretel não representa a simbólico ocupe o lugar do motor do tratamento e que, mãe, mas uma pequena coisa do sujeito. Esse objeto é o desse modo, seja exercido o efeito curativo do significante que Lacan chama de objeto a. Em outras palavras, o brin-

(p. 42). A inevitável conclusão de Silvestre é que não há queda do menino simboliza não a repetição de uma ne-mais resistência à análise senão a do próprio analista (como cessidade que apelaria para o retorno da mãe, mas a repe-Lacan repete ao longo de sua obra) “à medida que este se tição de sua partida como causa de uma Spaltung

no sujei-opõe à ação do simbólico” (p. 42).

to, “superada pelo jogo alternativo fort-da, que é um aqui Como se pode ver, essas idéias não remetem mais a ou ali e que não aponta, em sua alternância, mais que a um conflito entre o S.S.S. e o Grande Outro, ou entre a ser fort de um da e da de um fort” (Os quatro conceitos, p.

ordem do imaginário e a ordem simbólica; ao contrário, 61 e 72). Se não o entendo mal, Lacan quer dizer que o elas nos propõem uma confiança plena, para não dizer carretel como objeto a, resíduo do sujeito no real, é o que cega, no desdobramento do significante e em sua poten-representa o significante fort para o significante da. O brin- cialidade curativa. Assim, pois, outorga-se ao significante quedo do carretel não expressa a necessidade de que a uma qualidade quase humana e pessoal, delega-se a ele a mãe volte, e sim repete sua partida para simbolizá-la. Do tarefa própria do analista no tratamento, a de vencer as mesmo modo, o analista como objeto a deve permitir que resistências, supondo que, mais cedo ou mais tarde, o o significante circule (metonímia significante), deve colo-significante será capaz de triunfar sobre elas. É o preço –

car-se no lugar do sujeito que deixa que um significante o elevado, a meu ver – que paga, enfim, a escola lacaniana represente (ou o ponha em relação) com outro significante.

por tomar como ponto de referência da teoria e da práxis A ênfase lacaniana na escuta é porque ela é entendida como psicanalíticas a relação do sujeito com o significante.

recepção do fluxo de significantes (Max Hernández, 1989, comunicação pessoal). Lacan acredita que se repete uni-Agradeço a Gregorio Klimovsky, Carlos Ríos camente para simbolizar, sem levar em conta que se repete e Julio Moreno por sua indispensável e generosa ajuda para escrever este adendo.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 95

12

As Formas de Transferência*

Neurose de transferência é um termo bifronte, intro-pensamento, na maioria das vezes inconscientes, às quais duzido por Freud em dois trabalhos perduráveis de 1914.

se pode dar o nome de transferências” (AE, v.7, p. 101).¹

Em “Recordar, repetir e reelaborar”, define-o como um Depreende-se claramente dessas citações, em meu conceito técnico, assinalando uma modalidade especial do entender, que Freud concebe a neurose de transferência desenvolvimento do tratamento psicanalítico, segundo a como um efeito especial da iniciação do tratamento psica-qual a doença originária transforma-se em uma nova que nalítico em que cessa a produção de novos sintomas e sur-se canaliza para o terapeuta e para a terapia. Em “Introdu-gem, em sua substituição, outros novos que convergem ção do narcisismo”, ao contrário, neurose de transferência para o analista e seu meio.

contrapõe-se a neurose narcísica e é, portanto, um concei-Quem melhor definiu a neurose de transferência em to psicopatológico (ou nosográfico).

sua vertente técnica foi, em minha opinião, Melanie Klein no Simpósio de 1927. Ela assinala com veemência que, se seguirmos o método freudiano de respeitar o setting analí-

ALGUMAS PRECISÕES SOBRE

tico e se respondermos ao material da criança com interpretações, prescindindo de toda medida pedagógica, a si-A NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA

tuação analítica estabelece-se do mesmo modo (ou melhor) que no adulto e a neurose de transferência, que consAs duas valências do termo que acabo de destacar titui o âmbito natural de nosso trabalho, desenvolve-se em geral não se discriminam, entre outras razões porque plenamente. Por certo, naquele momento Klein falava de o próprio Freud sempre pensou que as neuroses narcísicas neurose de transferência, pois ainda não sabia que nos careciam de capacidade de transferência e ficavam por isso anos seguintes, e em boa parte graças a seu próprio esfor-fora do alcance de seu método.

ço, o fenômeno psicótico, em particular, e o narcisismo, Se quisermos ser precisos, no entanto, o que Freud em geral, seriam incorporados ao campo operativo do mé-

afirma em “Recordar, repetir e reelaborar” (1914g) é que, todo psicanalítico.

com o começo do tratamento, a doença sofre uma virada Vale a pena transcrever aqui as afirmações categóri-notável que a faz cristalizar-se

no tratamento. Diz Freud cas de Melanie Klein: “Em minha experiência, aparece nas em seu belo ensaio: “E damo-nos conta de que a condição crianças uma plena neurose de transferência, de maneira de doente do analisando não pode cessar com o começo análoga à que surge nos adultos. Quando analiso crian-de sua análise e que não devemos tratar sua doença como ças, observo que seus sintomas mudam, que se acentuam um episódio histórico, mas como um poder atual. Essa con-ou diminuem, de acordo com a situação analítica. Obser-dição patológica vai entrando, peça por peça, dentro do vo nelas a ab-reação de afetos, em estreita conexão com o horizonte e do campo de ação do tratamento e, enquanto progresso do trabalho e em relação a mim. Observo que o doente o vivencia como algo real-objetivo e atual, nós surge angústia e que as reações da criança resolvem-se no temos de realizar o trabalho terapêutico, que, em boa par-terreno analítico. Pais que observam seus filhos cuidado-te, consiste na recondução ao passado” (AE, v.12, p. 153).

samente com frequência me contaram que se surpreende-Adiantando o mesmo conceito, já em 1905 havia dito ram ao ver reaparecer hábitos, etc., que tinham desapare-no epílogo de “Dora”: “No curso de um tratamento psicana-cido há muito. Não encontrei crianças que expressem suas lítico, a neoformação de sintoma suspende-se (de maneira reações quando estão em casa da mesma maneira que regular, estamos autorizados a dizer); porém, a produtividade da neurose não se extinguiu, em absoluto, mas afirma-se na criação de um tipo particular de formações de 1 “It may be safely that during psycho-analytic treatment the formation of new symptoms is invariably stopped. But the

*Trabalho apresentado no XII Congresso Latino-Americano de productive powers of the neurosis are by no means extinguished; Psicanálise do México, em 21 de fevereiro de 1978. Publicado they are occupied in the creation of a special class of mental em versão ampliada em Psicoanálisis, v.2, n. 2, de onde é trans-structures, for the most part unconscious, to wich the name of crito com mínimas modificações.

transferences may be given (Standard Edition [SE], v.7, p. 116).

96 R. HORACIO ETCHEGOYEN

quando estão comigo: em sua maioria, reservam a descar-

é inerente à neurose, como entidade clínica, a presença ga para a sessão analítica. Por certo, ocorre que às vezes, de uma parte sadia do

ego, que muitos homologam à área quando estão emergindo violentamente afetos muito po-livre de conflito de Hartmann (1939), na qual se assenta a derosos, algo da perturbação torna-se chamativo para os aliança terapêutica (Zetzel) ou de trabalho (Greenson).

que rodeiam a criança, mas isso é apenas temporário e Com outro enfoque teórico, Salomón Resnik (1969) pre-tampouco pode ser evitado na análise de adultos” (Obras fere falar de transferência infantil, que expressa a capaci-completas, v.2, p. 148-149).2

dade de relação do paciente em um nível lúdico. A criança Assim, pois, os sintomas mudam (diminuem ou au-que habita no adulto, diz Resnik, é fonte essencial de comentam) em relação à situação analítica, os afetos e em municação de todo ser humano (1977, p. 167).

especial a ansiedade dirigem-se ao analista, recrudescem No entanto, há dois critérios de analisabilidade: 1) velhos sintomas e hábitos, as reações afetivas tendem a se só é analisável a pessoa que desenvolve uma neurose de canalizar na análise (e não fora). A neurose de transferênterferência (em sentido estrito) e 2) é analisável toda cia, enfim, define-se como o reconhecimento da presença pessoa com um núcleo sadio do ego que lhe permita con-do analista e do efeito da análise.

figurar uma aliança terapêutica. São duas coisas distintas: Se me for permitido oferecer uma definição concisa o fato de que no neurótico seja mais forte e mais nítida a da neurose de transferência em seu sentido técnico, eu parte sadia do ego, não implica que nos demais ela não diria que é o correlato psicopatológico da situação analíti-exista. Não devemos, pois, confundir neurose de transfe-ca. Quero dizer que a situação analítica estabelece-se quan-rência com parte sadia do ego.

do aparece a neurose de transferência e, vice-versa, quan-Esta é outra razão para explicar por que se atribui do a neurose de transferência demarca-se da aliança tera-tanta ênfase à neurose de transferência e por que esse con-pêutica, fica constituída a situação analítica.

ceito não foi corrigido à luz dos fatos.

NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA

NARCISISMO E TRANSFERÊNCIA

E PARTE SADIA DO EGO

Que as neuroses narcísicas de Freud (1914) sejam Com isso, chegamos a outro ponto de nossa reflexão.

ou não capazes de transferência é um problema da base Às vezes se sustenta que, para que se constitua a situação empírica, não de definição, como de certo modo propõem analítica (e coloque-se em marcha o processo), é necessá-

alguns psicólogos do ego, por exemplo, Samuel A. Guttman rio que exista basicamente, como fato primário, o fenômeno Simpósio sobre indicações do Congresso de Copenha-no neurótico, tela na qual se podem inserir eventualmente gue de 1967.

situações psicóticas, perversas, farmacotímicas, psicopáti-Se contemplamos retrospectivamente os longos e fecas, etc. A neurose de transferência não pode estar ausen-cundos anos de trabalho que nos separam de 1914, a conte; se existisse uma psicose pura, não poderia haver análi-clusão de que as chamadas neuroses narcísicas apresen-se: deve haver uma neurose que, de alguma maneira, a tam indubitáveis fenômenos de transferência impõe-se com contenha.

vigor a nosso espírito.

Em “Sobre o início do tratamento” (1913c), Freud Não é o caso de seguir aqui o laborioso desenvolvi-assinalou que a fase de abertura da análise caracteriza-se mento de todas essas investigações. Basta dizer que, aflu-porque o paciente estabelece um vínculo com o médico.

indo de diferentes campos, confluem primeiro em afirmar Foi um grande mérito dos psicólogos do ego ter desenvol-a existência de fenômenos de transferência na psicose para vido uma teoria coerente e sistemática da indispensável visualizar mais tarde a forma peculiar da “neurose” de presença de uma parte sadia do ego para que possa desen-transferência nos perversos, nos psicopatas e nos toxicô-

volver-se o processo analítico. Essa linha de investigação, manos, etc. Em todos esses casos, o que mostra invariavel-que parte de Freud, de Sterba (1934) e de Fenichel (1941), mente a clínica psicanalítica é uma verdade acaciana: a passa por Elizabeth R. Zetzel (1956a), Leo Stone (1961),

“neurose” de transferência de um psicopata é psicopática; Maxwell Gitelson (1962) e Ralph R. Greenson (1965a), de um perverso, perversa, e assim sucessivamente. Por isso, para citar apenas os principais. Esses autores pensam que o título deste capítulo alude às formas de transferência.

2 “In my experience a fall transference-neurosis does occur in children in a manner analogous to that in which it arises with adults.

When analysing children I observe that their symptoms change, are accentuated or lessened in accordance with the analytic situation.

I observe in them the abreaction of affects in close connection with the progress of the work and in relation to myself. I observe that anxiety arises and that the children's reactions work themselves out on this analytic ground. Parents who watch their children carefully have often told me that they have been surprised to see habits, etc. which had long disappeared, come back again. I have not found that children work off their reactions when they are at home as well as when with me: for the most part they are reserved for abreaction in the analytic hour. Of course it does happen that at times, when very powerful affects are violently emerging, something of the disturbance becomes noticeable to those with whom the children are associated, but this is only temporary and it cannot be avoided in the analysis of adults either” (Writings, 1975, v.I, p. 152).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 97

Para ser mais preciso, deveria dizer que o grande con-1957), seremos levados a concluir que o fenômeno flito teórico sempre se deu com a psicose, já que as outras psicóticas aparecem alimentadas pela transferência e radical-entidades clínicas, ou seja, a psicopatia, a farmacotimia e mente vinculado a ela, e não (como pensa Sandler) que a perversão sempre foram consideradas, na prática, for-psicose apenas imprime seu colorido à transferência.

mas de neurose.³

Deixando de lado a influência que a opinião de Freud Joseph Sandler e colaboradores (1973) falam de “for-teve em todos os investigadores, se se demorou tanto em mas especiais” de transferência para se referirem às varie-compreender (ou em ver) os fenômenos transferenciais dades que não se encaixam na norma, isto é, na neurose da psicose é porque eles correspondem a um modelo dis-de transferência e inclinam-se a pensar que o fenômeno tinto, extremo e, embora pareça paradoxal, muito mais psicótico dá colorido à transferência, mas não a conforma.

imediatamente e visível. Não é que a transferência não exista, Contudo, apenas se tomamos a neurose de transferência como acreditaram Abraham (1908a) ou Freud (1911c, como norma há tipos especiais.

1914c): ao contrário, é tão constrangedora que nos assus-Dissemos que foi no campo da psicose em que se pôde ta e nos envolve por completo. Recordo-me de um exem-estudar, pela primeira vez, a transferência narcisista.4 Diplo de Frieda Fromm-Reichmann naquele belo trabalho gamos também que essa descoberta não se impôs subita-de 1939, “Transference problems in schizophrenics”. No mente. À parte as avançadas contribuições de Jung à psi-final de uma sessão prolongada, em que começa a ceder cologia da demência precoce do começo do século XX e um quadro de estupor, oferece a seu paciente catatônico dos trabalhos dos anos de 1940, de Harry Stack Sullivan e um copo de leite, que ele aceita; vai buscá-lo e, quando seus continuadores, como Frieda Fromm-Reichmann, teve volta, o paciente atira-o na cara. É de se supor que o pacien-de passar muito tempo para que Rosenfeld (1952a e b) e te não pôde tolerar o fim da sessão, o afastamento da ana-Searles (1963) falassem abertamente de psicose de trans-lista (seio). Tão extrema dependência é difícil de compre-fêrência. Antes, porém, em 1928, Ruth Mack Brunswick ender como fenômeno transferencial e não simplesmente utilizou com propriedade esse termo e expôs claramente psicótico. Até mesmo uma analista tão fina e sagaz como sua forma de enfrentar e resolver a psicose de transferên-Fromm-Reichmann não captou o que acontecia, o pedido cia com seu instrumental analítico. Em seu ensaio sobre as de que o alimentasse, de que não se afastasse. (Na reali-indicações da psicanálise, Leo Stone (1954) também indade, ela poderia talvez ter-lhe dado essa interpretação trodúz concretamente o termo. Mais adiante, Paineira ou outra semelhante, que era o leite que ele buscava!) (1979) assinala a passagem inevitável pela psicose de trans-Do exemplo que acabo de lembrar segue-se uma conferência na análise dos pacientes esquizóides.

seqüência geral: se entendermos essas formas não como Nesse ponto, também merece destaque a investiga-especiais, mas como a norma da própria transferência, ção longa e profunda de Kohut sobre o narcisismo. Em poderemos responder mais adequadamente e encontrar a geral, diz Kohut (1971), sempre se assumiu que a existên- interpretação correta. No caso de Fromm-Reichmann, o cia de relações de objeto exclui o narcisismo, mas a verda-impacto da angústia de separação sobre a contratrans-de é que muitas das experiências narcisistas mais intensas ferência levou uma analista bastante experimentada a um referem-se a objetos (p. XIV). Como é sabido, esse autor tipo de realização simbólica, o copo de leite, que o anali-distingue dois tipos de transferência narcisista, a transfe-sando, mais rigoroso que qualquer professor de técnica rência idealizada e a transferência especular, frente às quais psicanalítica, rechaçou

iradamente.

a estratégia do analista deve ser abrir ao paciente o cami- Uma aproximação aos fenômenos segundo essa pro- nho para seu narcisismo infantil, para as necessidades in- posta coloca- nos mais ao abrigo, creio eu, da atuação satisfeitas de sua infância, graças ao desenvolvimento de contratransferencial.

uma plena transferência narcisista. Embora Kohut recorra, Em uma paciente homossexual, à qual me referi em em certa medida, ao mesmo modelo que Lacan, o espelho, outros trabalhos (1970, 1977, 1978), houve um longo pe- a atitude técnica é bem diferente. No lugar em que Lacan⁵

ríodo no qual a situação analítica tinha um viés perverso, intervém como o Outro que rompe a fascinação especular sadomasoquista. Com o tom irado, provocativo e polêmi- do tu e do eu, Kohut abre caminho para que o paciente co próprio da perversão,⁶ ela se queixava de que eu a ata- regresse e repare os danos sofridos por seu self no proces- cava com minhas interpretações, e eu a interpretava no so de desenvolvimento.

marco da transferência negativa com mais rigor e severi- Se repassarmos os trabalhos recém- citados e outros dade do que é conveniente, e assim (como se pôde com- dos mesmos autores, assim como os não menos pioneiros provar depois) satisfazia seu masoquismo. Havia, pois, uma de Hanna Segal (1950, 1954, 1956) e Bion (1954, 1956, relação que não se poderia conceituar senão como perversa da transferência e da contratransferência, e custei a me dar conta do que acontecia; só então pude sair da perver-³ Hoje, porém, há uma tendência cada vez mais franca de aproximá- las da psicose.

4 Deveríamos assinalar que o belo ensaio de Freud sobre Leonardo 6 Os trabalhos de Betty Joseph (1971), Clavreul (1966) e os meus, inaugura a fase da relação narcisista de objeto em 1910 e o faz no recém- citados, mostram que esta é uma característica da perver- terreno da perversão.

5

são de transferência.

“Intervention sur le transfert” (1951).

98 R. HORACIO ETCHEGOYEN

são (sadismo contratransferencial), que mobilizava a pa-

(p.197) e acrescenta que as maneiras de interpretar variam ciente nesse momento.

desde os quadros neuróticos (em que há um mínimo de De acordo com esse exemplo, inclino-me a pensar participação contratransferencial) até a psicose, passando que tampouco devemos conceber a neurose de contratrans- pelos transtornos de caráter.

ferência (Racker, 1948) como a norma. Em cada caso, a Enquanto a organização neurótica permite manter resposta do analista terá o signo da transferência, um ponto as interpretações no nível de nosso modelo habitual de ao qual voltarei no devido momento.

comunicação, as estruturas perversa, psicopática e de adic-Uma contribuição fundamental ao tema que estamos ção – e, mais ainda, a psicótica – tornam necessário um estudando são os trabalhos de Bion sobre as característi-modelo diferente, uma maneira de dizer que nos separa cas da transferência psicótica (ou da parte psicótica da cada vez mais do habitual. Tocamos aqui o atraente cam-personalidade): lábil, intensa, precoce e tenaz. Se leva-po dos estilos interpretativos, aberto pela investigação de mos em conta essas condições, podemos captar o fenôme-David Liberman (1970-1972, 1976a).

no com rapidez e colocar-nos no centro da transferência.

O que desorienta no psicótico é, repitamo-lo, que os fenô-

menos de transferência sejam tão intensos, tão prematu-SOBRE A NEUROSE DE

ros, tão rápidos. Lembrem-se daquela paciente de Freud CONTRATRANSFERÊNCIA

da dromomania que fugiu dele em uma semana, segundo nos diz em “Recordar, repetir e reelaborar”. Escutemos Espero que o desenvolvimento deste capítulo tenha Freud uma vez mais: “Posso mencionar, como exemplo deixado claro que se propõe uma redefinição da neurose extremo, o caso de uma senhora que repetidas vezes, em de transferência para tornar esse conceito mais preciso e um estado crepuscular, havia abandonado sua casa e seu mais de acordo com os fatos clínicos. Se isso é assim, com-marido e fugido para algum lugar, sem que nunca se tor-preende-se logo que o fecundo conceito de neurose de nasse consciente para ela um motivo para essa ‘evasão’.

contratransferência de Racker (1948, 1953) deve ser Iniciou tratamento comigo em uma transferência terna bem redefinido paralelamente.

definida, acrescentou-a de uma maneira assustadoramen-Pode-se considerar que o correlato da transferência te rápida nos primeiros dias e, ao final de uma semana, do paciente é sempre uma neurose de contratransferência também se ‘evadiu’ de mim, antes que eu tivesse tido tem-ou, então, que a contratransferência assume um caráter po de lhe dizer algo capaz de impedi-la dessa repetição”

psicótico, adictivo, perverso ou psicopático, complemen-

(AE, v.12, p. 155).7

tar ao da transferência. Por razões teóricas, e especialmente Desse modo, se mudamos o marco conceitual, temos pelo que me ensina a experiência clínica, apóio a segunda uma dupla vantagem. Por um lado, não se obriga os paci-alternativa – e suponho que Racker também o fizesse. Pen-entes a desenvolverem uma neurose de transferência, não so, pois, que é natural que a resposta do analista tenha o se os coloca nesse leito de Procusto (ou divã de Procusto, mesmo signo que a transferência do analisando.

eu diria) e, por outro, pode-se perceber mais facilmente o No exemplo de páginas anteriores, configurou-se uma essencial. Porque, verdadeiramente, em uma perversão, perversão de contratransferência que se prolongou por um por exemplo, os fenômenos neuróticos de transferência tempo e só pôde ser resolvida quando aceitei interiormen-são sempre adjetivos, quase uma forma de desviar nossa te sua realidade psicológica e pude consecutivamente in-atenção.

terpretar.

Essa abertura leva-nos, inevitavelmente, a rever os Creio que isso é inevitável para se chegar a captar ple-modos de interpretar. O conteúdo, a forma e a oportuni-namente a situação: o analista deve ficar incluído no confli-dade (timing) de interpretar mudam conforme o tipo de to e, com certeza, deve resgatar-se com a interpretação. O

transferência, porque a interpretação tem muito a ver com que me levou um tempo certamente muito longo poderia as ansiedades que fixam o ponto de urgência. Benito López tê-lo feito em um minuto se, na primeira vez em que se deu (1972) diz que a formulação da interpretação exige do esse jogo de irada provocação e polêmica latente, eu tivesse analista, em certos casos (neurose de caráter), uma

acer-notado meu desagrado e um impulso hostil.

tada correlação entre “o significante verbal com os aspec-Para estudar mais a fundo esse delicado tema, pode-tos paraverbal e não-verbal da comunicação do paciente”

se recorrer aos conceitos de posição e associação contratransferencial de Racker (1953).⁸ Apesar de a posição contratransferencial implicar um maior compromisso do analista, posição e associação não devem ser entendidas como 7Diga-se de passagem que esse exemplo original mostra conclu-fenômenos distintos em sua essência. Quanto mais fluida sivamente em que consiste a neurose de transferência para Freud: for a resposta contratransferencial, naturalmente mais fá-

no que cessa a produção de novos sintomas (a doente já não cil será para o analista compreendê-la e superá-la.

foge de casa), aparece uma nova ordem de fenômenos referidos Para explicar esse tipo de relação, é também operante ao analista e a seu setting, pelos quais a paciente abandona Freud.

o conceito de contra-identificação projetiva de Grinberg Para dizer mais, pode-se apreciar aqui que Freud não vacila em colocar como paradigma da “neurose” de transferência um sintoma psicótico, que além disso cumpre as particularidades 8

definidoras de Bion.

Estudo VI, seção IV.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 99

(1956, 1963, 1976a). Com esse suporte teórico, temos de idéias deste capítulo. Por amor de transferência, entende-concluir que o paciente põe no analista uma parte sua, mos muitas coisas. Em toda análise, de saída, deve haver que será presumivelmente perversa no perverso, ou psi-momentos de amor, de enamoramento, porquanto o tra-copática no psicopata, etc., e que o analista toma para si tamento reproduz as relações de objeto da tríade edípica essa projeção inevitavelmente, passivamente.

e é, por isso, inevitável (e saudável) que assim ocorra.

Otto Kernberg (1965) afirma com razão que a rea-Guiard mostrou isso claramente em uma série de impor-

ção contratransferencial ocorre como um contínuo em retantes trabalhos (1974, 1976) e, pouco depois, também lação à psicopatologia do paciente e vai, assim, desde o Juan Carlos Suárez (1977). Este autor pensa que, no caso pólo neurótico do conflito até o psicótico, de modo que, que apresenta, a forte e persistente contratransferência quanto mais regressivo for o paciente, maior será sua con-erótica que sobreveio até o final do tratamento foi um fa-tribuição na reação contratransferencial do analista. E

tor não somente útil, mas também necessário no processo acrescenta que, nos pacientes borderlines e em geral nos que culminou na feminilidade de sua paciente.

muito regressivos, o analista tende a experimentar emo- No entanto, o amor de transferência que mais preo-

ções intensas, que têm mais a ver com a transferência vio-cupa a Freud em seu ensaio de 1915, por sua tenacidade lenta e caótica do paciente do que com os problemas espe-irredutível, pela forma súbita com que aparece, por sua cíficos de seu passado pessoal.

intenção destrutiva, pela intolerância à frustração que o O fetichista de Betty Joseph (1971) também provo-acompanha, parece mais ligado a um tipo psicótico do que cava fenômenos contratransferenciais em sua exímia ana-neurótico de transferência. Os traços clínicos que Freud lista. A perversão de transferência consistia basicamente assinalou em 1915 quase se superpõem aos que Bion desem colocar nos outros a excitação e ele ficar como um creverá muito depois. Assim, por exemplo, em “Develop-fetichismo inerte. Joseph diz em seu trabalho que precisava ment of schizophrenics thought”, Bion (1956) diz que a prestar muita atenção ao tom de sua voz e à sua compos-relação de objeto da personalidade psicótica é precipitada tura como analista, porque era muito forte a pressão e prematura e a labilidade da transferência mostra um acen-exercida pelo paciente para que ela se excitasse interpre-tuado contraste com a tenacidade com que é mantida. “A tando. Novamente, está claro aqui o momento de perver-relação com o analista é prematura, precipitada e intensasão contratransferencial e a forma como, com sua maestria mente dependente” (Second thoughts, 1967b, p. 37).

habitual, Betty Joseph resolve-o. Entretanto, a forma como Portanto, devemos pensar que há várias formas de ela o conceitua poderia ser mais precisa se tivesse presen-amor de transferência e polarmente duas: neurótico e te o conceito de perversão de contratransferência. O cui-psicótico. Para discriminá-los, fala-se às vezes de transfe-dado de

Miss Joseph em não se mostrar excitada na reali-rência erótica e transferência erotizada. Essa diferencia-dade já anuncia na contratransferência a interpretação que ção deve-se a Lionel Blitzsten, que nunca a publicou, mas ela mesma fará pouco depois, que ele põe a excitação nela suas idéias foram recolhidas por outros analistas de Chie que a sente excitada. Tal interpretação surge, evidente-cago, como Gitelson e Rappaport.

mente, de um momento de excitação (perversa) que o ana-Ernest A. Rappaport apresentou um trabalho impor-lista sente e transforma em uma interpretação. Creio que tante no Congresso Latino-Americano de Psicanálise, rea-

é sempre lógico e prudente cuidar-se para não incorrer em lizado em Buenos Aires em agosto de 1956.⁹ Sua comuni-erro, mas desejo destacar, nesse ponto, que esse cuidado cação desenvolve as idéias de Blitzsten sobre as causas e já adverte o analista sobre o conflito que deve interpretar.

as conseqüências da transferência erotizada e sobre como Se o analista cede simplesmente a esse cuidado, incorre sem detectá-la a partir do primeiro sonho da análise.

querer na perversão, via recusa da realidade (Verleugnung): A tese básica de Blitzsten é que, se o analista aparece sente e recusa (ou desmente) ao mesmo tempo a excita-em pessoa no primeiro sonho, o analisando erotizará vio-

ção, mecanismo tipicamente perverso. Porém, quando se lentamente o laço transferencial e sua análise será difícil, interpreta, como o faz com presteza e com agudeza Joseph, quando não impossível. Essa presença no primeiro sonho então se sai da perversão e já não se necessita, na realida-indica que o analisando é incapaz de discriminar o analis-de, cuidar-se de nada.

ta de uma figura significativa de seu passado ou então que Em um trabalho apresentado nas Terceiras Jornadas o analista, por sua aparência e conduta, realmente se pa-Trasandinas de Psicanálise (outubro de 1982), Rapela sus-rece com essa figura. Nessas circunstâncias, a análise será tenta, ao contrário, que o fenômeno contratransferencial erotizada desde o começo. Entende por erotização uma não depende tanto da forma da transferência, mas da dis-sobrecarga dos componentes eróticos da transferência, que posição do analista. Inclina-se a pensar que a proposta não significa em absoluto uma grande capacidade de amor, que faço deveria limitar-se aos casos

em que o compro-mas, ao contrário, uma deficiência libidinal acompanhada misso contratransferencial é muito notório e persistente.

de uma grande necessidade de ser amado.

O AMOR DE TRANSFERÊNCIA

9 Nesse mesmo ano, o trabalho foi publicado na Revista de O famoso amor de transferência, de alta linhagem Psicoanálisis e, três anos depois, no International Journal of Psycho-na tradição psicanalítica, pode servir para pôr à prova as Analysis.

100 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Blitzsten diz, segundo a citação de Rappaport: “Em mãe de seu paciente, e sim que seja, como ela, desor-uma situação transferencial, o analista é visto como se fos-denado, desorganizado e sem nenhum insight sobre como se o pai (ou a mãe), ao passo que na erotização da transfe-essas condições podem perturbar os demais. (Refiro-me rência é o pai (ou a mãe)” (1956, p. 240).

ao candidato que apresenta um caso em público, em que Blitzsten conclui que, nesses casos, quando o analis-ele aparece no primeiro sonho do paciente. Quando conta aparece em pessoa no primeiro sonho do analisando, a tou o sonho, com seus apontamentos esparramados pela situação deve ser elaborada imediatamente, ou o paciente mesa e alguns no chão, era óbvio para todos, menos para deve ser encaminhado a outro analista.

ele, que seu paciente identificava-o com sua desordenada Apesar de não apoiar Blitzsten totalmente nessas premãe.)

cauções técnicas, as idéias deste capítulo coincidem, em A observação de Blitzsten é interessante, e creio que princípio, com as dele, na medida em que separa a transa aparição do analista em pessoa nos sonhos implica sem-ferência erótica como fenômeno neurótico do fenômeno pre, em qualquer momento da análise e não apenas no psicótico da transferência erotizada. É um fato clínico semínicio, que há um fato real em jogo, seja uma atuação con-pre comprovável que, em uma análise que evolui normal-tratransferencial, pequena ou grande, ou simplesmente mente (e aqui tomo por norma a neurose), a transferência uma ação real e racional, como, por exemplo, uma infor-erótica vai armando-se e desarmando de modo gradual e mação sobre os aspectos concretos da relação (mudança tende a alcançar seu clímax, como diz Guiard (1976), na de horários ou de honorários, por exemplo). Em todos esses etapa final. Nos quadros que Blitzsten

estudou, ao contrá-

casos, é provável que o analista apareça como tal. Esses rio, o amor de transferência ou, como ele dizia, a transfe-sonhos implicam que o paciente tem um problema com o rência erotizada surge no começo.

analista real, e não com a figura simbólica da transferên-Em um trabalho já clássico sobre a posição emocio-cia. Portanto, esse tipo de sonho deve advertir-nos sempre nal do analista, Maxwell Gitelson (1952) também havia de alguma participação nossa real, que o paciente alude-seguido as idéias de Blitzsten, embora seu ensaio propo-nos pessoalmente.¹¹

nha problemas mais amplos, que concernem à teoria da Em um trabalho clínico bastante documentado, transferência e da contratransferência em geral.

Bleichmar (1981) pôde seguir a evolução do amor de trans-Gitelson afirma que, quando no primeiro sonho do ferência em uma mulher adulta jovem e ver como foi evo-analisando aparece o analista em pessoa, deve-se supor luindo desde os níveis pré-genitais, em que o decisivo era uma grave perturbação e, seguindo Blitzsten, sustenta que a relação com objetos parciais e com a figura combinada, tal perturbação pode provir do paciente, por sua escassa até as fantasias edípicas genitais, em que os pais já apare-capacidade de simbolização, ou do analista, que teria cocem discriminados e a analisanda mostra-se disposta a en-metido um erro técnico de magnitude, ou então que pode-freitar seus conflitos, preservando o tratamento. Não há ria exibir, por alguma qualidade especial, uma real seme-contradição entre os dois níveis – conclui Bleichmar – e a lhança com o pai ou com a mãe do paciente.

tarefa principal do analista consiste em discriminá-los e Das três alternativas que Blitzsten estabelece, a pri-elaborar a cada instante uma estratégia precisa para deci-meira, a grave perturbação do paciente, questiona a indi-dir qual nível deve ser abordado.

cação em termos de analisabilidade;¹⁰ a segunda, a falha do analista, questiona a ele próprio: deveria aconselhar uma mudança de analista e, eventualmente, a reanálise FORMAS CLÍNICAS DA

do analista, a não ser que fosse uma falha casual; a tercei-
TRANSFERÊNCIA EROTIZADA

ra não me parece muito significativa. Não sei se bastaria uma notória semelhança do analista com os genitores para Dentro do amor de

transferência psicótico ou, para que se condicionasse esse tipo de resposta. Em todo caso, seguir Blitzsten, dentro da transferência erotizada, é evise o condiciona, não creio que chegue a configurar uma dente que podemos destacar várias formas. A mais típica contra-indicação desse par analítico especial. A contra-indicação – e com ela a troca de analista – só surge, a meu ver, se o analista comete um erro e/ou se deixa envolver 11 Seguindo essa tese, Manuel Galvéz, Silvia Neborak e Sara Zac tão gravemente, a ponto de que apareçam esses elemen-de Filc apresentaram, no 11º Simpósio da Associação Psicanalí-

tos no primeiro sonho. (Volta aqui um tema muito interes-tica de Buenos Aires (1979), uma cuidadosa investigação, na sante, o par analítico, que não é o caso discutir agora.) Se qual classificam os sonhos com o analista em dois grandes gru-tomarmos um exemplo clínico de Rappaport, veremos que pos, segundo a capacidade do paciente de simbolizar. Se o pa-o que desqualifica o analista não é que se pareça com a ciente tem um déficit na simbolização, o surgimento de sonhos com o analista, enquanto denuncia esse déficit, implica também um prognóstico reservado. Nos pacientes em que não falha a simbolização, os autores confirmam e precisam a tese inicial, 10 É evidente que nesses casos falha, por definição, a exigência distinguindo quatro eventualidades: a) modificação e/ou altera-de Elizabeth R. Zetzel (1956, 1968), isto é, que o futuro anali-

ção do enquadre; b) compromisso contratransferencial impor-sando seja capaz de separar realidade de fantasia ou, o que dá tante; c) dados recebidos sobre a pessoa do analista e d) mo-no mesmo, delimitar a área da neurose de transferência da alimentos de dificuldades graves, que causam um anseio de encon-ança terapêutica.

tro com o analista.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 101

é a que expus antes, descrita magistralmente por Freud sonhos que lhe subministra o paciente. No caso que apre-como tenaz, inusitada e irreduzível, sintônica com o ego e senta, a analisanda (que exibia claros sintomas de adicção que não aceita substituto algum, características nas quais ao leite, ao café e à aspirina, assim como também ao álco-Bion chegou a ver, anos depois, a marca do fenômeno ol e às anfetaminas) oferecia-lhe, com um tom de voz agra-psicótico. São casos em que, como diz Freud, em geral o dável e vivaz, sonhos realmente fascinantes, às vezes de enamoramento é sintônico e surge precocemente. Neste tonalidade aterrorizante e freqüentemente

coloridos, so-ponto, poderíamos acrescentar que, quanto mais precoce-bretudo em vermelho e azul. A analista começou a notar mente apareça, pior o prognóstico.

que, com esses sonhos, a analisanda tinha estabelecido Outros casos entram naquilo que Racker (1952) cha-um ritmo estereotipado nas sessões, ao qual ela mesma mou acertadamente de ninfomania de transferência. Há não era alheia, enquanto se deixava levar mais pelo atrati-mulheres que querem seduzir sexualmente o analista, as-vo dos sonhos do que pelo processo – que, por outro lado, sim como qualquer homem que conhecem: esses casos são havia-se detido. Como adverte sagazmente a autora, por formas larvadas ou visíveis de ninfomania e devem ser nossa dependência real do sonho como inegável material entendidos como tais.

privilegiado, via régia para o inconsciente, a armadilha de A ninfomania é um quadro difícil de delimitar, e seu cair ali em uma atitude de adicção é muito grande.¹²

posicionamento taxonômico varia com os acentos que te-Em resumo, o amor de transferência é uma fonte ines-nha e até mesmo com a perspectiva com que seja encara-gotável de conhecimentos, por sua complexidade e pela da. Às vezes, a ninfomania é alimentada por um delírio sutileza dos mecanismos que o animam, ao mesmo tempo erótico (erotomania), uma forma da paranóia de Kraepelin que é uma dura prova para o analista, para sua habilidade com o mesmo título que o delírio persecutório ou o delírio e para sua técnica. Alguns dos enigmas que surpreendiam de ciúmes; outras vezes, pode ser a expressão sintomática Freud estão agora resolvidos ou, pelo menos, mais claros.

de uma síndrome maníaca; em outras, por fim, quando a Racker (1952) apontava para isso quando, comentando o perturbação é mais visível no nível da conduta sexual do belo trabalho de 1915, dizia que essa grande necessidade que na esfera do pensamento, a ninfomania apresenta-se de amor que Freud atribuía a essas doentes, filhas da na-como uma perversão com respeito ao objeto sexual, se qui-tureza que lhe formulavam a pergunta sobre como podiam sermos remeter-nos à classificação do primeiro ensaio de coexistir o amor e a enfermidade, é mais aparente do que 1905. Há, também, uma ninfomania que tem todas as careal – são, ao contrário, mulheres que têm muito pouca racterísticas da psicopatia, quando a estratégia fundamen-capacidade de amar (Blitzsten dizia o mesmo) – e que é tal da paciente é a inoculação no analista para levá-lo a através do instinto de morte (ou da inveja) que elaboram atuar (Zac, 1968).

tudo esse sistema de voracidade, insaciabilidade, exigên-Pode haver, pois, formas psicóticas (delirantes e macias concretas, labilidade, etc., que muitas vezes leva a níacas), formas perversas e formas psicopáticas do víncu-análise a seu ponto de ruptura.

lo transferencial dentro do chamado amor de transferên-Vemos assim como, dentro da nomenclatura geral de cia. Tive oportunidade de ver em minha prática, há anos, amor de transferência (ou de erotização do vínculo trans-um quadro muito singular, que agora me animaria a clas-ferencial), agrupam-se quadros muito dessemelhantes.

sificar, retrospectivamente, como um amor de transferência com todas as características estruturais da toxicoma-nia, da adicção. Era uma paciente já entrada em anos, disAS TRANSFERÊNCIAS

tinta, espiritual e culta, que nunca soubera quem foi seu NARCISISTAS (DE KOHUT)

pai. Consultou por um quadro de distímia crônica, intensa e rebelde aos psicofármacos. Pouco tempo depois de inici-No terceiro item deste capítulo, expusemos algumas ar a análise, desenvolveu um intensíssimo amor de trans-idéias sobre narcisismo e transferência; agora, voltamos a ferência, segundo o qual me necessitava como um bálsa-esse tópico para abordar a profícua investigação de Heinz mo ou um calmante, do qual não podia ficar separada mais Kohut, um vienense que se formou em Chicago e, a partir do que um certo tempo. O vínculo fortemente erotizado e dali, exerceu uma crescente influência.

idealizado com o pênis do pai como fonte de todo bem-Kohut foi inicialmente um ego psychologist à maneira estar e sossego (ao mesmo tempo que de todo sofrimento) de Hartmann, de quem toma a idéia central de que o assumia, através da persistente fantasia de fellatio, todas narcisismo é o investimento do self (e não do ego) e de as características da ligação do adicto com sua droga. Apeque é conveniente falar de representação do self (self-sar de meus esforços e da boa disposição (consciente) da representation), assim como se fala de representação de doente, o tratamento terminou em fracasso.

objeto (object-representation). (“Comments on the psycho-Outras vezes, quando a situação não é tão manifes-analytic theory of the ego”, 1950; “Comentários sobre a ta, esse tipo adictivo de amor de transferência leva ao teoria psicanalítica do ego”, nos Essays on ego psychology, impasse e à análise interminável, recoberto às vezes de p. 127.)

um desejo manifesto de analisar-se “todo o tempo que for necessário”.

Em um trabalho interessante, Elsa H. Garzoli (1981) 12 Para um enfoque psicanalítico moderno e integral da adicção, adverte sobre o perigo de adicção do analista frente aos ver o livro de Susana Dupetit (1982).

102 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A partir dessa premissa hartmanniana, que por ou-perdida, estabelecendo os chamados “objetos do self”, que tro lado é a coluna vertebral da investigação de Edith são o self grandioso e a imago parental idealizada (ibid., p.

Jacobson (1954b, 1964), que por sua vez inspira Kernberg 25; ibid., p. 37). Em outras palavras, a libido narcisista (1975, 1976a, 1980, 1984), Kohut chega a estabelecer uma não apenas investe o self, mas também pode alcançar os nova escola, a psicologia do self, que em parte continua e outros, que passam a ser objetos do self, partes de si mes-na maior parte diverge da psicologia do ego.

mo. Como é fácil de imaginar, inicialmente os objetos do Em sua formulação clássica, a teoria da libido leva a self são os pais e o self constitui-se precisamente a partir conceber a mente como uma estrutura tripartite (id, ego e desse tipo especial de relação que se dá com eles, como superego). Ao contrário, o conceito de self de Kohut con-objetos vividos como partes de si mesmo. Em seu docu-cebe a mente como conteúdos ou representações, e não mentado livro A psicanálise depois de Freud (1989), como instâncias.

Norberto e Celia Bleichmar sublinham como uma caracte-A primeira discrepância de Kohut com o establishment rística definidora dos objetos do self, a de serem objetos da psicologia do ego pode ser situada em seu trabalho so-externos que o analisando (e, em seu tempo, a criança) bre a empatia (1959), que comentaremos nos capítulos de toma como partes de seu ser. Nada têm a ver, portanto, contratransferência. Com a empatia como método de incom os objetos internos dos autores ingleses. Este é um vestigação, Kohut destaca uma perturbação caracterológica dado importante (que pesará na técnica), porque Kohut que chamou de transtorno narcisista da personalidade, di-não opera com os mecanismos de introjeção e projeção.

ferente para ele das neuroses clássicas, entre outras ra-Já em seu trabalho inaugural de 1959 dizia, referindo-se zões pelo tipo de

transferência que desenvolve e que Kohut à transferência nos casos mais regressivos, que o analista chama de transferência narcisista. Ao final, em sua investinção é tela de projeção da estrutura interna, mas a continu-gaço¹³ Kohut (1977, 1978, 1984) preferiu chamá-la de ação direta de uma realidade primária que não pôde ser transferência com os objetos do self (self-object transference), convertida em estruturas psicológicas sólidas. “Here the dando um passo decisivo para uma psicologia do self cla-analyst is not the screen for the projection of internal ramente definida.

structure (transference), but the direct continuation of an Já no prólogo de seu livro inicial, *The analysis of the early reality that was too distant, too rejecting, or too self* (1971, *Análise do self*), Kohut assinala que sempre se unreliable to be transformed into solid psychological assumiu que a existência de relações de objeto exclui o structures” (1959, p. 470-471).

narcisismo; porém, a verdade é que muitas das experiên-Em seus primeiros trabalhos, por exemplo, o que aprecias narcisistas mais intensas referem-se a objetos (ibid., sentou em Buenos Aires em 1966, Kohut utilizou a expres-p. XIV; ibid., p. 14).

são “self narcisista”, seguindo, como outros autores, O eixo da psicologia do self é que o narcisismo não Hartmann; porém, dado que o self está investido com libido constitui somente uma etapa do desenvolvimento da li-narcisista, a expressão “self narcisista” é tautológica.¹⁴ Por bido a caminho do objeto, mas também um campo inde-isso, Kohut prefere “self grandioso”, de muito maior poder pendente, que coexiste com o amor objetal por toda a evocativo. Esse self grandioso coincide, até certo ponto, com vida. O narcisismo não se define pelo alvo ao qual apon-o ego de prazer puro (Freud 1915c) que reconhece como ta o investimento instintivo, mas pela natureza e quali-bom somente o que lhe pertence. A contrapartida do self dade da carga (ibid., p. 26; ibid., p. 38). Há uma diferen-grandioso é a imago parental idealizada, que termina por ça qualitativa entre libido objetal e libido narcisista, de incorporar-se à estrutura como superego. Pode-se dizer que modo que o sujeito pode colocar nos outros investimen-o self grandioso é o sujeito e a imago parental idealizada é o tos narcisistas e até investir a si mesmo com investimen-objeto da dinâmica narcisista; contudo, Kohut chama inva-tos objetais. Isso implica, sem dúvida, uma imensa mu-riavelmente o self grandioso de “objeto do self”, o que já é, dança doutrinária, que nos remete à sempre viva polêmi-parece-me, uma contradição mais importante, que se trans-ca entre Freud e Jung nos anos de 1910. Porém, Kohut põe por fim em seus últimos trabalhos, nos quais esse obje-considera que

se trata meramente de uma questão ter-to do self chama-se objeto do self especular (mirroring self-minológica, já que ele se interessa por estudar a evolu-object) (Kohut et al., 1978, p. 414). Talvez valha a pena ção e a dinâmica das configurações narcisistas mais im-assinalar que em seu relato ao Congresso Pan-Americano portantes (ibid., p. 27; ibid., p. 38).

de Buenos Aires, recém-citado, Kohut tenha chamado de Kohut parte manifestamente da concepção clássica

“gemelar” aquilo que foi depois a transferência especular.

do narcisismo primário, segundo a qual a relação de obje-Assinalo essas oscilações porque me parece possível ver ne-to é atingida, transferindo-se ao outro a perfeição narci-las o nó górdio dos postulados de Kohut sobre a relação de sista do ego arcaico, como postula Freud em seu ensaio objeto. Em outras palavras, há momentos em que Kohut, o sobre o narcisismo (1914c), e sustenta que são os inevitá-

veis defeitos do cuidado materno que comovem esse invejável equilíbrio. A criança reconquista, então, a perfeição 14 Não o seria se nos ativéssemos ao que foi dito há pouco, que o self pode ser investido por investimentos objetais. Esta não é, por certo, uma contradição importante; porém, eu a destaco por-13 Heinz Kohut morreu em Chicago, a 8 de outubro de 1981, aos que mostra, em meu entender, uma dificuldade básica do racio-68 anos.

cínio kohutiano.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 103

teórico, parece confundir o objeto com o sujeito, assim como, e discutir os dois tipos de transferência narcisista – ideali-segundo ele, fazem a criança e o paciente.

zadora e especular – propostos por Kohut.

O certo é que, para Kohut, o self tem uma estrutura bipolar derivada dos dois objetos do self: o objeto do self grandioso, do qual derivam as ambições e as metas, e a Transferência idealizadora

imagem parental idealizada, que é portadora dos ideais, com uma zona intermediária na qual residem os talentos e as Esse tipo de transferência narcisista provém da rea-habilidades. O que nos interessa especialmente aqui é que tivação terapêutica do objeto

onipotente que é a imagem dessa estrutura bi (ou tri) polar do self oferece a possibilidade-parental idealizada, com o que se revive na análise uma dada de que se configurem dois tipos de transferência: fase primitiva do desenvolvimento psíquico. A transferência-idealizadora e especular. Análise do self consagra-se basicamente idealizadora ocorre espontaneamente, como resultado da tentativa de estudar o tipo especial de relação do self da da atitude empática do analista, e reproduz o momento criança com os objetos do self e a forma como esses fenô-

em que a psique, exposta à perturbação do equilíbrio psi-menor, manifestam-se na transferência.

cológico do narcisismo primário, recupera em parte a ex-Ao tratar as perturbações narcisistas da personalidade-periência perdida de perfeição, atribuindo-a a um objeto de, seguindo um itinerário basicamente clínico, Kohut sus-do self rudimentar. Kohut chama esse objeto de “transição-tenta que, se o analista conserva o lugar que lhe cabe dentro”, seguindo Winnicott (1953), talvez porque ocupe um troço do setting, logo se inicia uma regressão terapêutica, lugar intermediário entre o externo e o interno.

própria desse tipo de enfermidades, a qual consiste em Uma vez que a criança endosse a esse objeto o poder que as estruturas narcisistas do self grandioso e da imagem de seu narcisismo primário e converta-o em fonte de toda parental idealizada amalgamem-se com a representação calma e segurança, compreende-se que seu vínculo com psíquica do analista, configurando-se, assim, a situação ele se torne essencial: quando esse objeto falhar, ela se transfere (ibid., p. 29; ibid., p. 40). Simultaneamente sentirá vazia e sem forças.

te, a parte sadia da psique estabelece um vínculo terapêutico-A libido narcisista idealizadora desempenha um papéculo com o analista, a partir do qual se poderá trabalhar a pelo significativo no desenvolvimento da criança e nas re-transferências. Uma premissa irreduzível de Kohut, da qual lações objetivas maduras. Amalgamada com a libido objetiva, certamente não discordarei, é que a transferência constitui-se também carrega os pais, a idealização “... exerce-se espontaneamente e que o analista não deve nem strong and important influence on the phase-appropriate interferir nela, nem fomentá-la.

(re)internalization process and thus on the building up of Desse modo, as neuroses narcisistas (no sentido de two permanent core structures of the personality – (a) the Kohut) passam a integrar, com as neuroses de transferência-neutralizing basic fabric on the psyche, (b) the idealized cia, o campo das afecções analisáveis, do qual ficam ex-superego –

which are invested with narcissistic instinctual cluídos os estados borderlines e as psicoses. Segundo Kohut, cathexis” (ibid., p. 40); “...exerce uma poderosa e impor-nos transtornos narcisistas já existe um self coesivo que tanta influência na construção das duas estruturas nucle-torna possível a análise, porque o objeto narcisista (a imago ares permanentes da personalidade investidas de investi-parental idealizada) e o sujeito narcisista (o self grandio-mentos instintivas narcisistas: a) o sistema neutralizador so) são configurações relativamente estáveis, que podem básico da psique, e b) o superego idealizado” (ibid., p. 49-entrar em união com a representação psíquica do analista 50). Vale a pena esclarecer que, novamente, Kohut pensa para constituir o fenômeno transferencial. Convém assi-aqui no conceito de Hartmann, em sua célebre monografia nalar que Kohut entende a transferência com o esquema de 1939 (Capítulo 5), e não nos processos de introjeção, freudiano de 1900 (e não o de 1895), no qual o analista como são entendidos a partir de Ferenczi (1909), Freud oferece-se como o suporte pré-consciente em que se as-

(1917c), Abraham (1924), Melanie Klein (1932), etc.

sentará a estrutura inconsciente objetal (neurose de trans-Hartmann pensa que, nos organismos superiores, a ativi-ferência) ou narcisista (objetos do self). Com isso, fica dito da aprendizagem (trial activity) desloca-se para o que a diferença essencial entre as neuroses estruturais e interior do organismo, isto é, internaliza-se; e, em seu traos transtornos narcisistas é o tipo de libido, objetal e nar-balho “Notes on the superego” (1962, “Notas sobre o cisista, conforme o caso.

superego”), escrito em colaboração com Löwenstein, diz Nos pacientes psicóticos e borderlines, ao contrário, a que se fala de internalização quando as regulações ocorri-regressão é de maior alcance e chega à fase do self frag-das na interação com o mundo exterior são substituídas mentado, que corresponde ao que Freud chamou de etapa por regulações internas e volta a destacar como exemplo auto-erótica, em que já não existe a possibilidade de uma típico a mudança que vai de uma atividade de prova no aliança terapêutica (ou aliança de trabalho) que torne fac-mundo exterior ao pensamento. Nos casos paradigmáticos, tível a análise. Esses fragmentos são pré-psicológicos e não afirmam Hartmann e Löwenstein, é fácil ver a diferença podem entrar em um amálgama estável com os conteúdos com a identificação. Detive-me nesse ponto porque ele pode pré-conscientes, requisito indispensável para que se cons-esclarecer a maneira como Kohut entende a mudança que titua o fenômeno transferencial.

o processo analítico provoca.

É somente a partir dos pressupostos teóricos que a retirada dos investimentos instintivos (objetais e enunciamos resumidamente que se podem compreender narcisistas) das imagens de objeto desempenha um papel

104 R. HORACIO ETCHEGOYEN

importante no processo de formação da estrutura psíquica obtém é que o analista volte a ser idealizado e o paciente, que Kohut chama de internalização transmutadora, se liberte de culpa e responsabilidade. Essa crítica-

(transmuting internalization), cujo suporte são os aparelhos coincide, em grande parte, com a de Kernberg (1975, sobre o ego (ego apparatuses) em que se baseia a autonomia-1984), que diz que há vários tipos de idealização e que a primária (Hartmann, 1939, Cap. 9). Esse processo é Kohut não o discrimina. Às vezes, a idealização é uma possível porque a idealização que a criança faz de seus defensores contra a agressão; outras vezes, uma formação psíquica está aberta à correção, com o que se retira parte da reatividade contra a culpa e, em outros casos, surge da projeção do libido das imagens parentais para empregá-la na construção-

ção do self grandioso, como descreveu Kohut (Kernberg, 1984, sobre estruturas destinadas ao controle das pulsões. A 1984, Severe personality disorders, p. 185; Transtornos graves de idealização edípica, que sobrevém depois, leva à formação da personalidade, p.165).

do superego, na qual Kohut também distingue a influência da libido narcisista (superego idealizado) e da libido objetal.

Transferência especular

Os objetos do self são, portanto, objetos arcaicos investidos de libido narcisista que não cumpriram o processo. Assim como, às vezes, a estrutura do self nos trans-ferência de internalização transmutadora. Na terapia, são revividos os narcisistas, faz com que o processo analítico organizado com o analista e formam dois tipos diferentes de transferência em torno da imagem parental idealizada, também pode ocorrer, os quais podem ser investigados e elaborados ocorrer que surja outro tipo de configuração, a transferência sistematicamente (ibid., p. 52 e 59). Kohut recomenda não a transferência especular, em que a reativação terapêutica aponta para confundir os objetos do self com os objetos incestuosos da do self grandioso. O analisando revive então sua necessidade-infância,

investidos com libido objetal e pertencentes ao de infantil por um objeto que o aceite e que o confirme âmbito da neurose de transferência; porém, essa diferen-plenamente. Para dizê-lo com mais clareza: naquele caso, ça, mais fácil de estabelecer nos livros do que no consultó-

a criança tratou de salvar seu narcisismo primário com um rio, vai-se perdendo gradualmente na obra de Kohut, como objeto idealizado; neste, concentrando a perfeição e o assinalam Eagle (1984) e muitos outros autores.

poder em si mesma, afastando-se desdenhosamente de um A transferência idealizadora deve remeter-se a um mundo externo ao qual atribui todas as imperfeições.

momento específico do desenvolvimento, em que a rela-O self grandioso condensa em si tudo o que é bom, e ção com o objeto idealizado sofreu uma grave perturba-os demais são apenas o pretexto para mostrar seu exibi-

ção e interrupção, embora sua gênese deva ser avaliada cionismo e seu poder. Nesse sentido, o analista deve funcio-atraves dos fenômenos de imbricação (telescopagem, nar como um espelho que abre para o analisando o cami-

“telescoping”) de outras experiências análogas, prévias ou nho para as necessidades insatisfeitas de sua infância.

ulteriores. Por mais que se empenhe em não cair na arma-Na forma mais madura da transferência especular, dilha de uma simplificação extrema e sustente a vigência

“the analyst is most clearly experienced as a separate das séries complementares, a verdade é que Kohut pensa person” (The analysis of the self, p. 115-116; “o analista é que a raiz da patologia do self é sempre uma falha empática vivido mais claramente como uma pessoa distinta”, Análidos pais, com o que chega a uma posição ambientalista se do self, p. 114), mas só importa no marco do self grandi-extrema, como a de Winnicott.15

oso terapeuticamente reativado (por regressão). Repete-

É interessante a forma como Kohut maneja a transfe-se aquela fase da infância na qual o brilho (gleam) do olho rência idealizada – e creio que faz aqui uma de suas con-materno reflete como um espelho o desdobrar exibicio-tribuições mais valiosas. O grande analista de

Chicago in-nista da criança. Para ela, é fundamental que a mãe partisse com toda razão em que, quando se instala a transferência de seu gozo narcisista, pois disso depende sua futura rência idealizadora, a neutralidade do analista deve con-auto-estima. O paralelo entre o que foi (ou devia ser) a sistir em não reprimi-la e adverte que, por motivos con-mãe e o que é agora o analista é claro e inequívoco: o vencionais ou teóricos, o analista pode desalentar um pro-analista adquire importância em sua função de espelho, cesso que surge espontaneamente. Assim como não estina medida em que reflete e confirma o prazer narcisista mulamos nem sufocamos o amor de transferência, aceite-do analisando, vencendo seu próprio narcisismo, e dá um mos com equanimidade e – como diria Kohut – com jeito para que não se lhe reconheça outro valor.

empatia que o analisando idealize-nos!

Sempre atento sempre aos riscos a que pode expô-lo Se concordo sem reticências com a atitude de Kohut sua contratransferência (narcisista), o analista deve com-quando se apresenta a transferência idealizadora, não preender que, durante o curso da transferência especular, posso acompanhá-lo na forma como ele a resolve, isto é, o analisando necessita que ele reflita empaticamente sua interpretando para recuperar a origem genética da per-imagem idealizada, que virá a dar coerência ao self.

turbação, com o que deriva o problema invariavelmente a No curso da elaboração da transferência especular, o uma falha empática dos pais. Desse modo, o que sempre primeiro objetivo é mobilizar o self grandioso e a forma-

ção de derivados de impulsos exibicionistas e fantasias grandiosas. O analisando consegue, no final, exprimir abertamente seu desejo de que o analista admire-o ou 15 Ver “El problema naturaleza/cultura em psicoanálisis”, por Celia elogie-o e, em seus sonhos, aparecem elementos mági-Leiberman de Bleichmar (1989).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 105

cos que expressam o poder do sonhante, muitas vezes mem Trágico). “...The need for the new theoretical identificado com Deus. O analista deve integrar em suas structure of self psychology, with its dichotomization interpretações o medo do analisando de ser rechaçado por between a psychology of conflict and its resolution (the suas fantasias grandiosas, como o foi na infância por seus fate of Guilty Man) and a psychology of deficit and its pais (não -empáticos),

e sua atitude permissiva (empática) *restauration (the fate of Tragic Man)*” (ibid., p. 322).

deve estender-se também ao *acting out*, inevitável em uma É necessário destacar também que Kohut compreende-determinada etapa da transferência especular.¹⁶

de no self grandioso várias estruturas (ou conceitos) que Desse ponto de vista, compreende-se logo que as in-outros autores consideram em separado. Assim, Rosenfeld interpretações sobre exibicionismo, controle onipotente, (1971) distingue um self infantil que quer crescer e está megalomania ou inveja, que poderiam ser formuladas por mobilizado basicamente pela libido, de um self narcisista, analistas de outras escolas, carecem de empatia e só ser-que é por definição refratário a todo vínculo de dependên-vem para realimentar o processo patológico.

cia (isto é, de amor) e cujo signo principal é o instinto de Talvez valha a pena comparar aqui, por um momen-morte (ou a inveja). Por sua vez, Kernberg (1984) recrimi-to, o espelho de Kohut com o de Lacan (1949). Esses dois na Kohut por não distinguir entre sentimentos normais e grandes investigadores recorrem a um mesmo modelo, mas patológicos de grandiosidade e descuidar a análise da transa teoria subjacente não é a mesma e a atitude técnica é ferência negativa (p. 136). Kernberg considera que o self bem diferente. Ali onde Lacan (1951) intervém como o grandioso de Kohut deve ser entendido como patológico e Grande Outro, que rompe a fascinação especular do tu e somente por meio da análise da transferência positiva e do eu, Kohut sujeita-se a que o analisando desenvolva ple-negativa pode converter-se em um self normal. O self nor-namente a transferência narcisista, oferecendo-lhe a opormal, para Kernberg, constitui uma estrutura que integrou tunidade de reparar a falta de empatia de seus pais, que componentes carregadas de libido e de agressão, ou seja, não foram capazes de se colocar no lugar de uma criança que compreende partes boas e más.

que precisava ser admirada. Para Lacan, a relação da crian-Kernberg distingue um narcisismo normal e um ça com a mãe na fase do espelho é imaginária e só pode narcisismo patológico e sustenta que as características es-deixar de sê-lo quando o pai imponha a castração simbóli-truturais da personalidade narcisista devem ser compre-ca, que coloca o filho em um terceiro lugar. Kohut consi-endidas como a consequência de um desenvolvimento pa-dera, ao contrário, que a criança precisa ser admirada pela toológico do ego e do superego.

mãe e não há necessidade de um terceiro para que sobrevenha a internalização transmutadora que constituirá o self nuclear.

Transferência gemelar

Para manter a coerência interna de suas teorias, Kohut forçosamente deve deixar de lado o enorme poder estru-Kohut distingue ainda um terceiro tipo de transfe-turante do complexo de Édipo e da angústia de castração; rência narcisista, a transferência gemelar ou alter ego. É a e, como certamente não ignora que existe um exibicio-que toca a área intermediária, o arco de tensões entre os nismo fálico, deve voltar-se ao exame do self grandioso pólos grandioso e idealizado, que é onde residem os ta-pré-fálico para dar conta de sua internalização transmuta-lentos e as habilidades de cada um.

dora. É óbvio que, nesse ponto, a linha divisória entre as Essa transferência gemelar foi inicialmente conside-neuroses estruturais e os transtornos narcisistas da perso-rada por Kohut como uma forma de transferência especu-nalidade torna-se convencional e aleatória. Como lar, mas em Como cura a análise? (1984) ele a propôs como Wallerstein (1985) diz bem ao comentar o livro póstumo um tipo especial de transferência com um objeto do self de Kohut, a psicologia do self chamou nossa atenção para também especial, idêntico ao analisando, com o qual se alguns fatos clínicos e teóricos de valor, mas equivoca-se compartilha a companhia e a solidão. Assim como o dano quando pretende erigi-los como a única resposta que se específico do pólo das ambições conduz à transferência pode oferecer aos inúmeros problemas de nossa discipli-especular e o dano específico do pólo dos ideais reativa a na. Quando volta ao tema em seu Forty-two lives in transferência idealizadora, quando o que está fortemente treatment, um livro realmente importante, Wallerstein afetado é a área intermediária dos talentos e das habilida-

(1986) reafirma que a self-object transference é uma condes, o que se busca é um objeto do self que assegure uma tribuição valiosa para compreender os fenômenos de trans-experiência de igualdade, cujas qualidades coincidam com ferência e contratransferência, não apenas nas personali-as próprias para sentir confirmada a existência de seu ser.

dades narcisistas, mas em todas as áreas da clínica psica-A transferência gemelar, que Kohut terminou por renalítica; porém, ao mesmo tempo, questiona agudamente conhecer como uma forma autóctone, independente das que a nova psicologia do self necessite assentar sua estru-outras duas, recolhe um fato clínico significativo,

que foi tura teórica em uma dicotomia entre a psicologia do con-
estudado a partir de outras perspectivas por Bion (1950), flito e sua
resolução (o destino do Homem Culpável) e a Hautmann (1983),
Berenstein (1984) e, é claro, por Freud psicologia do déficit e sua
restauração (o destino do Ho-e Otto Rank.

Bion (1950) estudou o fenômeno dos gêmeos e entendeu-o como uma
forma especial de dissociação e per-16

sonificação, em que os olhos (e, em especial, a visão Abordaremos esse
tema ao estudar o acting out.

106 R. HORACIO ETCHEGOYEN

binocular) desempenham um papel de primeira importân-chama de
“transtorno para o idêntico” e que consiste em cia no teste da
realidade e, simultaneamente, na obtenção despojar sistematicamente
o objeto das características que do insight.

o distinguem do ego. Em outras palavras, quando se vê Ele pensa que,
quando a relação gemelar na trans-confrontado com a difícil tarefa de
aceitar suas semelhan-ferência não é admitida, fica bloqueado todo
acesso ao ças e suas diferenças com o objeto, o ego estabelece uma
complexo de Édipo. O analista como gêmeo do analisando-igualdade.

do coloca-o na condição de ser um alter ego que tem de Em
coincidência com os outros autores, Berenstein pensar pelo outro.
Trata-se de uma relação muito arcaica dá importância nesses casos ao
olhar e considera que, na ca, que implica negar toda realidade
diferente: a impos-origem desse transtorno, encontram-se sempre
angústias sibilidade de tolerar um objeto que não esteja totalmen-
confusionais que impedem o reconhecimento das diferente sob
controle.

ças entre eu/não-eu, boca/seio, etc. Para Berenstein, a es-Apoiando-se
no trabalho de Bion e em sua sugestão trutura dos gêmeos tem duas
explicações. Por um lado, é de que a relação com um gêmeo deve
situar-se presumi-um momento constitutivo que ajuda a encontrar o
objeto, velmente em um momento muito precoce do desenvolvi-por
vê-lo como semelhante ao ego, e então tem um sentimento, Hautmann
(1983) considera que o gêmeo repredo libidinal. Outras vezes,
predominam as pulsões tanáticas senta o outro ego do sujeito, o self
antes de nascer, equipa-

(e um tipo particular de inveja) que tendem a fazer com rando o feto
com o gêmeo, isto é, a representação do self que desapareçam os

traços que constituem o objeto como unidade dual materno-fetal, antes que se inicie a diferença. Em todo caso, Berenstein pensa, como Bion capacidade de pensar, que é também a capacidade de ver (1950), que o gêmeo imaginário põe o sujeito ao abrigo e conhecer.

da dependência e do desamparo e assinala que, freqüentemente na mesma linha de pensamento coloca-se Isidoro temente, esses analisandos recebem as interpretações de Berenstein (1984), para quem a gemelaridade é uma forçando que pensavam o mesmo.

uma especial de vínculo narcisista que corresponde a uma Todos esses autores concordam com Kohut quanto à organização mental muito precoce, na qual o objeto cria importância do fenômeno e à necessidade de detectá-lo e para si especularmente a imagem do ego ou, ao contrário, resolvê-lo na transferência, mas não o consideram, como o ego erige-se como duplo do objeto. Em vez de organizar ele, uma detenção do desenvolvimento por falhas especí-

o sistema de semelhanças e diferenças em que se desenfocam dos objetos originários, e sim uma expressão do envolve a relação objetual, há aqui uma defesa que Berenstein flutua entre a criança e seu ambiente.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 107

13

Psicose de Transferência

No capítulo anterior, discutimos o conceito de neu-A partir da década de 1930, o estudo da psicose e da rose de transferência e sustentamos que é melhor reservá-

possibilidade de seu tratamento psicanalítico desenvolve-lo para os fenômenos de natureza estritamente neurótica se simultaneamente em Londres (Melanie Klein), nos Estados Unidos (Sullivan) e em Viena (Federn). Esses pensadores os sintomas que, de uma maneira ou de outra, adquiridos não apenas empreenderam o estudo da psicose, como rem uma nova expressão na terapia. Essa proposta tende também sustentaram que ela é acompanhada de fenômeno a diferenciar a técnica da psicopatologia, com o que, a nos de transferência, por mais difícil que seja detectá-los.

meu ver, evita-se mais de um equívoco.

No capítulo anterior, estudamos as contribuições de Frieda Cabe-nos agora estudar a psicose de transferência, isto Fromm-Reichmann e dos discípulos de Melanie Klein para é, como se reconvertem os sintomas psicóticos durante o tra-chegar ao conceito de psicose de transferência, que conse-tamento psicanalítico para obter ali seu modo de expressão.

gue ocupar um lugar próprio no corpo teórico da psicaná-

lise em meados do século XX, e agora veremos com mais detalhe as contribuições de diversos autores.

ALGUMAS REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

Um trabalho que merece ser citado entre os precursores é o de Enrique J. Pichon Rivière, “Algumas observa-Quando estudamos a forma como foi desenvolvendo-

ções sobre a transferência nos pacientes psicóticos”, que se o conceito de transferência, assinalamos o empenho de ele apresentou na XIV Conferência de Psicanalistas de Lín-Abraham (1908a) para estabelecer as diferenças psicosssexuais gua Francesa, reunida em novembro de 1951.2 Com um entre a histeria e a demência precoce. A libido permanece lúcido aproveitamento das idéias kleinianas, Pichon Rivière ligada aos objetos na histeria, ao passo que se torna auto-sustenta que a transferência nos pacientes psicóticos, e erótica na demência precoce. Incapaz de “transferência”, essa em especial no esquizofrênico, deve ser entendida à luz libido condiciona e explica a inacessibilidade do doente, sua do mecanismo da identificação projetiva. O esquizofrênico radical separação do mundo. Seguindo o mesmo esquema, afasta-se do mundo em um recuo defensivo de extrema um ano depois Ferenczi propôs uma divisão tripartite dos intensidade, mas a relação de objeto conserva-se, e sobre pacientes, que vai desde o demente precoce, que retira sua essa base deve ser entendida e interpretada a transferên-libido do mundo externo (de objetos), passa pelo paranóico, cia. A tendência a tomar contato com os outros é intensa, que projeta a libido no objeto, e chega finalmente ao neuró-

apesar do isolamento defensivo; por isso, a transferência tico, que introjeta o mundo de objetos. Esses trabalhos serão deve ser interpretada, assim como a angústia que deter-reformulados por Freud quando, em 1914, introduz o con-mina o afastamento do mundo de objetos.

ceito de narcisismo e propõe as duas categorias taxonômicas de neuroses de transferência e neuroses narcisistas.

Embora essa linha de investigação sustentasse que a AS TEORIAS DA PSICOSE

psicose carecia da capacidade de transferência, outros E A ABORDAGEM TÉCNICA

autores pensaram que esses fenômenos existiam e, entre eles, um dos primeiros foi Nunberg (1920), citado por Todos os autores concordam que a psicose tem a ver Rosenfeld (1952b), que apresentou suas observações de com as fases pré-genitais do desenvolvimento e com os um paciente catatônico, em que as experiências da enfer-primeiros anos de vida, mas divergem nas explicações te-midade tinham uma nítida coloração transferencial.

óricas e na abordagem prática.

Até onde sei, a primeira vez que surge a expressão psi-Com o risco de simplificar excessivamente os proble-cose de transferência é na “Análise de um caso de paranóia”, mas, proporei que há duas grandes teorias e duas formas que Ruth Mack Brunswick publicou em 1928 e que comenta-de se conduzir na prática. Quanto às teorias, há os que remos ao falar da transferência precoce no Capítulo 15.1

pensam, como Melanie Klein, que a relação de objeto es-1Não se deve esquecer que, nesse mesmo ano, a autora publicou também a análise do surto psicótico do “Homem dos Lobos”, 2Foi publicado na Revista de Psicoanálisis, 10 anos depois.

que Freud havia-lhe confiado.

108 R. HORACIO ETCHEGOYEN

tabelece-se de início e que sem ela não há vida mental, e e nunca dissolvida, se não se quer perder a influência so-os que postulam, como Searles, Mahler e Winnicott, que o bre o paciente.⁶ É a mesma filosofia proposta por Anna desenvolvimento parte de um momento em que sujeito e Freud em seu livro sobre a análise de crianças, em 1927, objeto não estão diferenciados e existe, portanto, uma eta-discutida ardorosamente por Melanie Klein no Simpósio pa de narcisismo primário. Nos anos de 1920, essa discus-sobre análise infantil da Sociedade Britânica.

são ocorria geograficamente entre Viena e Londres, o que Quando

Hanna Segal, Bion e Rosenfeld decidem-se equivar a dizer entre Anna Freud e Melanie Klein; po-a analisar psicóticos, contam com os utensílios teóricos rém, na atualidade, as posições não são tão definidas e há que Klein havia forjado ao elaborar a teoria das posições e algumas formas de trânsito.

com o valioso conceito de identificação projetiva.

Desses dois enfoques doutrinários seguem-se mo-Uma das primeiras contribuições foi o caso Edward, dos de operar da práxis: a dos autores para os quais a publicado por Segal em 1950, quando ainda não haviam psicose de transferência deve ser interpretada e, através sido registrados casos de esquizofrenia tratados com a téc-da interpretação, irá modificando-se, e a dos que susten-nica psicanalítica clássica. A marcha da análise mostrou tam que os fenômenos pertencentes ao narcisismo pri-que essa abordagem técnica foi operante e foi esse pacien-mário não respondem à técnica interpretativa clássica, te, entre aspas, que permitiu a Segal fazer suas valiosas sendo melhor, então, deixar que se desenvolvam no tra-contribuições à teoria do simbolismo em 1957. As únicas tamento, cumprindo etapas não alcançadas no desenvol-diferenças técnicas introduzidas por Segal foram que a vimento precoce.3

análise iniciou-se no hospital e em casa, e não se pediu ao analisando que se deitasse no divã e associasse livremente.

A terapeuta manteve em todo momento a atitude analíti-A PSICOSE DE TRANSFERÊNCIA

ca, sem recorrer ao apoio ou a outras medidas psicote-E A TEORIA KLEINIANA

rapêuticas, interpretando ao mesmo tempo as defesas e os conteúdos, a transferência positiva e a negativa.

O ponto de partida dessa investigação é a análise de Paralelas às contribuições recém-mencionadas, temos Dick, um menino de 4 anos com um desenvolvimento as de Herbert A. Rosenfeld, que publica “Transference-mental que não ultrapassava os 18 meses e que havia sido phenomena and transference-analysis in an acute catatonic diagnosticado como tendo demência precoce.4 Klein em-schizophrenic patient” (1952b), em que, com base em um pregou com Dick sua técnica do jogo, interpretando as fan-material clínico bastante ilustrativo, postula que o psicótico tacias sádicas da criança frente ao corpo da mãe e a cena desenvolve fenômenos de transferência positiva

e negati-primária, sem outro parâmetro a não ser o de dar o nome va, que o analista pode e deve interpretá-los e que o paci-de papai, mamãe e Dick aos carrinhos de brinquedo a fim ente compreenderá e responderá a essas interpretações, de pôr em marcha a situação analítica. Com base nesse às vezes confirmando-as, às vezes corrigindo-as.

caso, Klein propôs uma nova teoria do símbolo e da psico-Em um trabalho desse mesmo ano, “Notes on the se, nada menos do que uma técnica para abordá-la com psycho-analysis of the superego conflict in an acute instrumentos estritamente analíticos.⁵

schizophrenic patient” (1952a), Rosenfeld confirma que, Foram os discípulos de Melanie Klein, e não ela messe interpretamos os fenômenos transferenciais positivos ma, que nos últimos anos da década de 1940 animaram-se ou negativos que surgem espontaneamente, evitando es-a tratar formalmente pacientes psicóticos, empregando a tritamente promover uma transferência positiva com apoio técnica clássica, isto é, deixando que se desenvolva uma direto ou expressões de amor, as manifestações psicóticas

“psicose de transferência” e analisando-a sem parâmetros.

ligam-se à relação com o analista e, “da mesma forma que Assim como Melanie Klein havia sustentado que na crian-desenvolve-se uma neurose de transferência no neurótico, ça, não menos que no neurótico, deve-se interpretar im-também na análise dos psicóticos desenvolve-se o que po-parcialmente a transferência positiva e negativa sem re-demos chamar de uma psicose de transferência”. Como Segal correr, em absoluto, a medidas pedagógicas ou de apoio, a e Bion, Rosenfeld também pensa que o conceito de identi-mesma atitude será adotada com o psicótico, sem temer ficação projetiva abre um novo campo para a compreen-que a análise da agressão possa entorpecer o tratamento são da psicose.

ou prejudicar o paciente. Federn havia dito, no entanto, Enquanto Segal estuda o simbolismo na psicose e em seu clássico artigo “Psicanálise das psicoses” (1943), Rosenfeld depura a técnica de sua abordagem, Bion ocu-que a transferência positiva deve ser mantida pelo analista pa-se preferentemente da linguagem e do pensamento 3

Um estudo crítico e exaustivo da psicose de transferência pode

“A transferência é útil na análise dos conflitos que estão na base ser

encontrado em Wallerstein (1967).

da psicose, mas o analista nunca deve desfazer uma transferência. Hoje, sem dúvida, nós o diagnosticaríamos como tendo autismo da vida positiva; o analista perderia, assim, toda a sua influência, já precoce infantil.

que não pode continuar trabalhando com o psicótico nos períodos 4 e 5 “The importance of symbol-formation in the development of the ego de transferência negativa, como pode fazê-lo com os neuróticos”

foi apresentado no Congresso de Oxford, em 1929, e os neuróticos” (p. 162-163 da versão castelhana [ver as Referências Bibliográficas Bi-publicado no ano seguinte.

bibliográficas ao final da obra]).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 109

esquizofrênico, caracterizando a transferência – como já a transferência de tipo simbiótico é uma fase necessária em toda a vida – como prematura, precipitada e de intensa dependência de análise e muito mais para o caso do psicótico.

ênfase. Esses estudos irão conduzi-lo a diferenciar na primeira fase sem contato corresponde à etapa autística de personalidade duas partes, psicótica e não-psicótica, e a pro-Mahler (1952), em que se origina a psicose homônima.

por uma teoria do pensamento.

São as crianças que nunca chegaram a participar de uma relação simbiótica com a mãe. O fenômeno transferencial existe, porém, quando o analista fica de fato identificado SIMBIOSE E TRANSFERÊNCIA

errônea e bizarramente com um objeto do passado. Aqui é onde mais se aplica o conceito de transferência delirante Enquanto Mahler aprofunda sua rigorosa e lúcida análise de Little, e o maior problema da contratransferência é sua investigação sobre o desenvolvimento infantil, a psicose tira-se persistente e radicalmente ignorado. A contrapartida da infância e o processo de separação-individuação, Harold da transferência delirante é que o próprio paciente simula. Searles trabalha no Chestnut Lodge, seguindo a tradição de se erroneamente identificado com as outras pessoas.

ção de Frieda Fromm-Reichmann. Searles é não apenas Nesse

contexto, pela lógica, o analisando sente que o analista, mas também um observador sagaz e lista não está falando a ele mesmo, mas a outro.

um teórico criativo e cuidadoso.

Durante essa fase, que pode estender-se por meses Searles (1963) aceita plenamente o conceito de *psi-ou anos*, o paciente e o terapeuta não chegam a estabelecer de transferência proposto por Rosenfeld (1952a e b) e a uma relação afetiva mútua, e o mais aconselhável para ou de transferência delirante de Margaret Little (1958) e o analista é manter uma atitude serena e neutra, sem pre-assignala que não é fácil descobri-la no material do paciente. O analista não alivia apressadamente o sofrimento do paciente, e por muitas razões, entre elas porque a vida cotidiana como costuma fazer o analista novato. O psicanalista mais do psicótico consiste, de fato, nesse tipo de reações. A *psi-experimentado* não se cansa tentando compreender o *sicose* de transferência não se torna patente porque o *funcionamento* de seu paciente e, antes disso, deixa que seus pró-

onamento do ego psicótico sofre um sério prejuízo na capacidade de pensamentos sigam seu curso, quando não folheia pacientemente de diferenciar a fantasia da realidade e o paciente não lê algum artigo que lhe interessa.

sente do passado, características definidoras do fenômeno-

À medida que analista e paciente começam a entrar no transferencial. Quando Searles sugeriu a uma mulher em contato, inicia-se a segunda etapa do tratamento, a com esquizofrenia paranóide que ela achava muito semelhante da simbiose ambivalente. O silêncio e a ambigüidade perante as pessoas no hospital – e ele entre elas – e a sua da comunicação foram debilitando os limites do ego da infância, ela lhe contestou, com impaciência, que qual era paciente e do analista, e os mecanismos de projeção e a diferença? Falta, então, a distância psicológica que nos introduz por parte de ambos operam com grande intensidade torna possível discriminar o objeto originário e a réplica.⁷

Assim, emprestando uma base de realidade à transferência-A transferência expressa uma organização egóica e simbiótica, que nesse período se caracteriza por uma bastante primitiva que remonta aos primeiros meses de forte ambivalência. O analista percebe-o na comunicação vital, quando o lactante relaciona-se com objetos parciais verbal e não-verbal do paciente, não menos que em sua vida que não chega a discriminar do self, enquanto o neurótico contratransferência, que

flutua rapidamente do ódio ao relaciona-se com objetos totais e em uma relação triangu-amor, do apreço ao rechaço.

lar. Essa situação corresponde aos mecanismos esquizóides Uma característica dessa etapa é que a relação com o de Melanie Klein e ao que Searles prefere chamar, como paciente adquire uma importância excessiva e absorvente Mahler (1967), de fase simbiótica. A transferência que se para o analista, que sente perigar suas relações dentro do remete a essa fase não ocorre apenas com objetos parciais e até no seio de sua família. A hostilidade alcança aís, mas também com as partes do self que se relacionam um grau muito alto, e o decisivo dessa etapa é justamente com eles e, para complicar mais as coisas, esses dois tipos que analista e analisando comprovam que sobrevivem ao de transferência alternam-se rapidamente.

ódio do outro e de si mesmo, assumindo alternativamente A partir de sua experiência clínica, que coincide com o papel de mãe má.

a investigação de Mahler (1967, etc.), Searles distingue Então, começa a se instalar insensivelmente a fase cinco fases evolutivas na psicoterapia da esquizofrenia crô-

da simbiose pré-ambivalente (ou simbiose total) em que o nica, a saber: fase fora de contato, fase de simbiose analista começa a aceitar seu papel de mãe boa para o ambivalente, fase de simbiose pré-ambivalente, fase de re-paciente e, reciprocamente, sua dependência infantil solução da simbiose e fase tardia de individuação.

diante o paciente, que para ele também é a mãe boa. Os Searles pensa que a etiologia da esquizofrenia deve sentimentos não são agora predominantemente sexuais, ser buscada em uma falha da simbiose mãe-criança, ou porém mais de tipo maternal. É necessário, diz Searles, ainda antes, se essa simbiose não chega a se formar pela que analista e paciente depositem no outro a confiança da excessiva ambivalência da mãe, e sustenta que uma transcriança pequena que há em cada um. Essa fase da terapia reproduz uma experiência infantil feliz com uma mãe boa de forma concreta na relação com o terapeuta. Alcançada 7

a etapa do amor pré-ambivalente, já não existe o medo de Pode-se encontrar o mesmo conceito no artigo de Fromm-perder a individualidade e surge uma atividade lúdica Reichmann, "Transference problems in schizophrenics" (1939).

gozosa entre analista e paciente, que trocam seus lugares. Creio que vale a pena mencionar agora um outro sem temor e exploram sutilmente todos os campos da ex-grande investigador da psicose, Peter L. Giovacchini, que períencia psicológica.

trabalhou sobre o tema muitíssimos anos e, como Searles, Segue-se depois a fase da resolução da simbiose, na com a transferência simbiótica como principal instrumen-qual voltam a surgir as necessidades individuais de ambos to. Entretanto, Giovacchini acredita que o decisivo no desos participantes. O analista começa a delegar ao paciente tino da simbiose terapêutica é justamente que o analista a a responsabilidade de curar-se ou a decisão de continuar interprete, como diz em todos os seus trabalhos e muito por toda a vida em um hospital psiquiátrico. Aqui, é deci-especialmente em “The symbiotic phase” (1972b).

sivo que a contratransferência do analista não o faça temer pelo futuro do paciente e por seu próprio prestígio profissional, bem como compreenda que a última palavra AS CONTRIBUIÇÕES DE DAVID ROSENFELD

será sempre verdadeiramente da responsabilidade do paciente. Nesse momento, costumam intervir os familiares e Na década de 1990, David Rosenfeld realizou contri-os membros da equipe terapêutica para evitar que o paci-buições importantes para o tema da psicose de transferênente converta-se em uma pessoa separada, pois com isso cia. Rosenfeld apóia-se em diversas fontes: os estudos de eles perderiam a gratificação de uma relação simbiótica.

Hanna Segal, Herbert Rosenfeld e Bion, da escola kleiniana; A etapa final do tratamento, a individuação, é atingi-as propostas de Winnicott sobre a regressão à dependên-da quando se resolveu a simbiose terapêutica. Essa etapa cia e os estudos de autores norte-americanos, como Searles, sempre se prolonga por um longo tempo, enquanto o pa-Frieda Fromm-Reichmann, Peter L. Giovacchini e L. Bryce ciente vai estabelecendo relações de objeto genuínas e en-Boyer.

frenta os problemas próprios da análise do neurótico.

David Rosenfeld aceita resolutamente a existência de A agudeza clínica de Searles, sua capacidade de cap-uma psicose de transferência, ou seja, que nas psicoses há tar os matizes mais delicados da relação com o paciente e fenômenos transferenciais, que também se encontram nos transmitti-los ao leitor não nos devem fazer esquecer a dis-pacientes limítrofes e nos gravemente perturbados ou

em tãncia que há entre seu método e o tratamento padrão, notório estado de regressão. A todos eles Rosenfeld aplica que ele certamente não ignora, e a pouca confiança que o termo de psicose de transferência, apesar de pensar que, dispensa à interpretação. Searles crê firmemente que bas-conforme o predomínio dos sintomas clínicos, às vezes é ta viver plenamente primeiro e gozosamente depois a mais aplicável a idéia de transferência delirante, regressi-simbiose para que, sem palavras, o paciente evolua e mude.

va, primitiva e outras.

Pensa, efetivamente, que o destino do paciente psicótico O denominador comum de todos esses quadros, diz em análise consiste em poder reproduzir na transferência Rosenfeld, são as vivências transferenciais intensas e pria relação simbiótica, e isso se consegue por meio de um mitivas que se encontram na sessão psicanalítica. Os travínculo não-verbal, em que raras vezes chega o momento ços definidores da psicose de transferência são a ruptura para fazer interpretações transferenciais. Searles inclinado contato com a realidade, que Freud já assinalara (1924b, se a pensar que os analistas que, como Rosenfeld, tendem etc.), e o fato de que o paciente esteja totalmente conven-a dar ao analisando interpretações verbais da psicose de cido do que pensa e sente, ao que Rosenfeld dá muita im-transferência sucumbem a uma resistência inconsciente: portância. Disso decorre que certos autores, como Margaret evitam enfrentar o período de simbiose terapêutica. Re-Little (1958), falem de transferência delirante.

correr às interpretações verbalizadas antes que se tenha Como já vimos, neste capítulo e no anterior, Bion atravessado com bom êxito a fase simbiótica da transfe-descreve a transferência no psicótico como prematura, rência é claramente um erro: equivale a que o analista precipitada e de intensa dependência. David Rosenfeld empregue a interpretação transferencial como um escudo (1992, 1999) questiona essa afirmação tanto clínica quan-que o protege do grau de intimidade psicológica que lhe to teoricamente. A partir de sua longa experiência clíni-reivindica o paciente, do mesmo modo que o paciente utica, destaca que a transferência psicótica nem sempre se liza sua transferência delirante para não experimentar a apresenta com essas características. Ao contrário, às ve-plena realidade do analista como pessoa presente.

zes se leva muito tempo para detectá-la e senti-la em Os riscos que Searles aponta são muito certos, mas carne viva. Do ponto de vista teórico ou metodológico, tampouco são evitados abstendo-se de

interpretar; e, por David Rosenfeld sustenta que as características propos-outro lado, a atitude de não fazê-lo pode ser igualmente tas por Bion dependem da contratransferência, que faz o um escudo para os conflitos de contratransferência.

analista perceber dessa forma o fenômeno transferencial.

Searles oferece-nos generosamente em seus trabalhos Afirma que a psicose de transferência nem sempre é exu-ricas ilustrações clínicas de sua forma de trabalhar, que o berante e florida, mas antes silenciosa. Esse autor faz pintam invariavelmente como um analista sagaz, profun-uma contribuição original a esse tema quando descreve do e comprometido. Se me atrevesse a opinar sobre a base a transferência silenciosa, que encobre total e persisten-do que ele nos mostra, diria que Searles preocupa-se em temente a psicose. A transferência silenciosa é sempre geral mais pelo bem-estar do paciente, em não feri-lo e em alimentada por um delírio latente e, nesse sentido, deve mostrar-lhe sua simpatia, do que por interpretar o que lhe ser diferenciada do silêncio histérico ou esquizóide ou acontece.

da simples resistência a falar.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 111

David Rosenfeld considera que os aspectos mais re-se a pacientes que não se encaixam nas categorias de neu-gressivos e arcaicos da personalidade (e que configuram a rose e psicose e apresentam características clínicas parti-psicose de transferência) não podem ser reconhecidos di-culares, assim como uma forma especial de transferência, retamente. Portanto, epistemologicamente, o conceito de na qual predomina o narcisismo e estabelece-se uma rela-psicose de transferência é um modelo útil para descrever ção de extrema dependência, acompanhada por fortes fe-uma variedade de fenômenos que têm características nômenos de idealização, que por si sós falam de um senti-vivenciais e emocionais muito intensas, as quais são do perturbado de realidade. Esse tipo especial de transfe-indiferenciadas e primitivas e baseiam-se em objetos parrência impõe modificar a técnica, já que se torna irrecusável ciais. Esses fenômenos só podem ser compreendidos e uma atitude de apoio, ao menos como fase prévia. A in-decodificados a partir da contratransferência. O paciente tensidade da dependência transferencial, prossegue Stern, psicótico, conclui Rosenfeld, nos faz viver e sentir o que obriga a ocupar-se constantemente dela, sem dar muito nunca pôde pôr em palavras ou em conceitos. O analista espaço para as interpretações histórico-genéticas, uma deve estar preparado para receber essas mensagens,

para característica que Kernberg retoma depois.

senti-las e decodificá-las, e só depois de tê-las pensado O trabalho de Stern não chega a distinguir claramente com tranquilidade terá chegado ao momento de interpretá-

a nova entidade e, nesse sentido, a contribuição de Robert las.

P. Knight é relevante, porque estuda detidamente sua clí-

Um aspecto importante da psicose de transferência é nica, chamando a atenção sobre os problemas diagnósticos que Rosenfeld chama de esquema corporal primitivo cos, psicopatológicos e terapêuticos. Pode-se dizer, então, psicótico (1982, 1992). O esquema corporal psicótico tem que seu trabalho duradouro, “Borderline states”, lido em características especiais porque, perdida a idéia de uma Atlantic City em 12 de maio de 1952 e publicado no ano pelo continente, a vivência do paciente é que seu corpo é seguinte no Bulletin of the Menninger Clinic, constitui o fluido, sem qualidade nem diferenciação, dentro de uma nascimento da nova entidade.

membrana frágil que não consegue contê-lo. Esse esque-Do ponto de vista psicodinâmico, o borderline caracteriza-se para Knight pela debilidade de certas funções no surto esquizofrênico e em algumas doenças psicogênicas, como a integração, a formação de conceitos e o somáticas. O surgimento desse tipo de esquema corporal juízo; outras, porém, mantêm-se, como a adaptação (con-

é também uma advertência frente à possibilidade de suicí-

vencional) à realidade, o que marca a diferença em relação ou acidentes. Em especial, com pacientes toxicômanos ção ao psicótico.

que se injetam drogas endovenosas ou com os que deli-Knight voltou ao tema no ano seguinte, mostrando-ram com infecções no sangue ou líquidos vitais e cortam-se mais cauteloso ou pessimista, já que fala do “paciente se para retirar o perseguidor, mas ao custo de uma hemor-esquizofrênico borderline”, com o que, a meu juízo, deliragia mortal. Essa imagem corporal também predomina muito notavelmente o campo: se o borderline é um esquizo-em colites ulcerativas e em psicoses pós-cirúrgicas de gran-frênico (mitis*, pseudoneurótico ou o que for), já não cons-de porte (transplantes cardíacos).

titui uma entidade clínica. Talvez por influência de Knight, os analistas dos Estados Unidos e da Inglaterra ligam os quadros

borderlines à esquizofrenia e às personalidades A TRANSFERÊNCIA NO PACIENTE BORDERLINE

esquizóides; outros autores, no entanto, consideram que há também borderlines aparentados com a psicose maníaco-depressiva. O termo borderline pode ser rastreado até a psiquiatria-co-depressiva, como diz Paz em sua atualização de 1964.

três do século XIX e a ele ficam ligadas, no século XX, a Quem mais estudou esse ponto foi, sem dúvida, Jean esquizofrenia latente de Bleuler (1911) e a esquizoidia e a Bergeret. Em “Les états-limites et leurs aménagements”

cicloidia de Kretschmer, para citar apenas os principais.

(1972, “Os estados-limites e seu manejo”), Bergeret sempre se aceitou que há casos intermediários entre a tentativa que o borderline não alcança o plano genital da evolução-neurose e a psicose; porém, só nas últimas décadas, e graças à libido, e sim se mantém no nível da dependência graças principalmente aos psicanalistas dos Estados Unidos, anacrônica, a partir de onde se defende basicamente da de-pôde-se chegar a defini-los como entidade clínica. Essa pressão. Nessa linha de pensamento, Grinberg (1977c) descreve doença singular (ou síndrome), que por definição está em tensão dois tipos de borderlines, esquizóides e melancólicos-uma fronteira, certamente não é fácil de delimitar e sua evolução, e López (1987) estuda em profundidade os mecanismos-amplitude varia com o critério de quem a estuda. Os auto-nismos maníacos desse tipo de pacientes.

res que reivindicam a autonomia do borderline indicam. Graças ao esforço de muitos autores, dentre os quais que a mistura de sintomas neuróticos e psicóticos produz se destaca Otto F. Kernberg, o borderline não é mais a coisa um quadro particular e estável – estável em sua instabilidade de retalhos na qual vão parar os casos de diagnóstico – que não se deve entender como um mero lugar de difícil ou impreciso, mas uma entidade clínica com direito a passagem.

próprio. Para assinalar essa individualidade, para sublinhar. Muitos psicanalistas ocuparam-se de casos em que a fachada neurótica encobria transtornos mais graves, mas parece que foi Adolph Stern que introduziu em 1938 o

*N. de T. Psicosis mitis: termo introduzido por F. Marco Merenciano termo que haveria de fazer fortuna. Seu trabalho refere-se para descrever os pacientes borderlines.

nhar que se trata de algo específico e estável, Kernberg bém Paul Federn, em seus “Principles of psychotherapy in (1967) prefere falar, justamente, de organização borderline latent schizophrenia” (1947, “Princípios psicoterapêuticos da personalidade e assim se intitula seu primeiro trabalho na esquizofrenia latente”), desaconselha a psicanálise e sobre o tema.⁸ Também Carlos Alberto Paz, um dos mais propõe uma psicoterapia que respeite a transferência po-destacados investigadores dessa área, fala de estruturas e sitiva, recomendando energicamente não “curar” esses pa-estados borderlines (Paz, Pelento e Olmos de Paz, 1976, cientes de sua neurose para não converter a psicose laten-1977) para destacar o aspecto estrutural do transtorno.

te em manifesta.

A organização borderline da personalidade diferen-Há os que pensam, com mais otimismo, que o trata-cia-se mais facilmente da psicose do que da neurose.

mento psicanalítico é possível usando-se parâmetros, ao Kernberg aponta como sintomas importantes a ansiedade passo que outros autores, como Winnicott (1958), Paz crônica e difusa, a neurose polissintomática (fobias múlti-

(1969), Grinberg (1977c), Rosenfeld (1978, 1987), Pain-plas, sintomas obsessivos que tendem a se tornar egos-ceira (1979, 1987, 1989) e López (1987), consideram que sintônicos, estados crepusculares, tendências paranóides o paciente borderline é acessível ao tratamento psicanalíti-e hipocondríacas) e as inclinações sexuais perverso-poli-co clássico, embora não duvidem nem por um momento morfas. Também devem fazer pensar em uma organiza-de que haverá problemas muito mais difíceis do que os do ção borderline da personalidade os indivíduos de fortes neurótico comum ou padrão. Alguns desses autores apli-traços paranóides, esquizóides ou hipomaníacos e os que cam a técnica clássica, enquanto outros empregam, em apresentam tendências toxicomaníacas ou traços impulsí-maior ou menor grau, parâmetros. Margaret Little (1966), vos do caráter. Os autores estão de acordo em afirmar que por exemplo, considera que há áreas nas quais as palavras a raiva é o afeto proeminente do borderline.

não bastam, sendo necessário proporcionar ao analisando Quanto à análise estrutural, é característica a labili-um determinado contato corporal.

dade egóica, que se nota na falta de tolerância à ansiedade-Equidistante de todas essas posições, Kernberg pro-de, no descontrolo dos impulsos e no desenvolvimento in-nuncia-se a favor de uma forma especial de psicoterapia suficiente da sublimação. A isso se acrescentam o predopsicanalítica modificada. Ele pensa (como Knight e Frosch, 1988a e b) que os pacientes borderlines não toleram a re-

ção formal do pensamento, e as operações defensivas agressão que ocorre na análise, porque seu ego é muito caicas, que giram em torno da clivagem do ego e compre-fraco e tende a desenvolver uma psicose de transferência endem a idealização, a identificação projetiva, a negação e a recorrer ao acting out; contudo, tampouco julga útil a (denial) e a onipotência. Esses mecanismos têm a ver com psicoterapia de apoio, que em geral leva a uma perigosa as relações objetais internalizadas, estudadas por Kernberg dissociação da transferência negativa, que se atua com em seu “Structural derivatives of object relationships”

outras pessoas, enquanto a relação analítica torna-se su-

(1966, “Derivados estruturais das relações objetais”).

periférica e vazia. Disso decorre que o borderline deva ser O minucioso ensaio de 1967 termina com uma análise-tratado com uma forma especial de análise, apoiada em se genético-dinâmica da organização borderline da pessoa-diversos parâmetros técnicos, ou simplesmente com uma validade, em que se salienta a importância da agressão psicoterapia psicanalítica modificada, na qual, mais que pré-genital, em íntima conexão com o conflito edípico pre-falar de parâmetros, é preferível falar pura e simplesmente (como assinalou Melanie Klein desde seus primeiros trabalhos de modificações técnicas (1968, p. 601). Entre as modificações técnicas).

modificações técnicas propostas por Kernberg, está o ritmo de Um ano depois, Kernberg (1968) ocupa-se de tratar três sessões frente a frente, a elaboração sistemática da mente dos pacientes com organização borderline da transferência negativa, sem tentar sua reconstrução gené-

sonalidade e passa em revista um amplo espectro de técnicas (lembrem-se de Stern), e a “deflexão” da transferência-posições.9

ção negativa fora da interação terapêutica, mediante o exame-Nos dois trabalhos de Knight (1953a e b), afirmava-me sistemático das relações

do paciente com os demais, a se que o borderline não se adapta ao tratamento psicanalítico-

estruturação de uma situação terapêutica que possa con-tico, porque seu ego sumamente lábil fica exposto a dester o acting out, estabelecendo limites estritos para a agres-moronar, frente à regressão natural e inevitável que o trasão não-verbal que será admitida durante as sessões e uti-tamento clássico promove. Knight inclinava-se, então, a lizando os fatores do ambiente que possam promover uma tratar esses pacientes com uma psicoterapia de apoio de melhor organização da vida do paciente e do tratamento.

inspiração analítica, buscando restaurar as forças perdi-Por outro lado, Kernberg declara-se partidário de utilizar das do ego. Somente se isso é alcançado fica aberto o ca-a transferência positiva enquanto mantiver a aliança de minho para um tratamento psicanalítico em regra. Tam-trabalho, sem tocar decisivamente nas defesas que poderiam fazê-la cambalear.

Ao terminar seu importante trabalho de 1968, Kernberg resume seu enfoque terapêutico nestes termos: 8 “Borderline personality organization” foi publicado no Journal

“Essa forma particular de psicoterapia expressiva de ori-of the American Psychoanalytic Association e incluído em Borderline entação psicanalítica é uma abordagem terapêutica que se conditions and pathological narcissism (1975) como Capítulo 1.

diferencia da psicanálise clássica pelo fato de não permitir 9 Com algumas modificações, esse trabalho será o Capítulo 3 de o desenvolvimento total da neurose de transferência, nem Borderline conditions and pathological narcissism (1975).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 113

se valer apenas da interpretação para resolver a transfe-transferência – em outras palavras, eles desenvolvem uma rência” (p. 616, tradução pessoal).

psicose de transferência, e não uma neurose de transfe-Para Kernberg (1982), o que caracteriza o paciente rência” (1968, p. 600, tradução pessoal). Vale a pena salien-borderline é: 1) a desfusão da identidade, porquanto não tar aqui que Kernberg emprega o termo “psicose de trans-estão claramente delimitadas as representações do self e ferência” para denotar uma eventualidade (ou complicado objeto; 2) o predomínio de mecanismos de defesa pri-

ção) do tratamento psicanalítico, como também o faz mitivos baseados na dissociação e 3) a manutenção da pro-Wallerstein, e não como se emprega neste livro. Para a realidade, que falta precisamente na psicose.

Kernberg, a psicose de transferência estabelece-se quando Essa estrutura leva a um tipo especial de transferência o analista e o objeto primário tornam-se idênticos (p. 607), ou seja, que Kernberg (1967b) chama de transferência primitiva com o que o paciente perde o teste de realidade.

na, na qual a relação de objeto é parcial: “A transferência Apesar de que, nesse mesmo trabalho, Kernberg afirma-reflete uma multiplicidade de relações objetivas internas mas que uma característica típica do paciente com aspectos dissociados do self e aspectos altamente organização borderline da personalidade é que, diante de situações distorcidas, fantásticas e dissociadas das representações ações de tensão (estresse) ou por efeito de álcool ou droga de objeto” (Revista Chilena de Psicanálise, p. 30).

gas, desenvolve fenômenos psicóticos transitórios, ele preEm seu Object relations theory and clinical psychoanalysis reserva o termo psicose de transferência para o que Kernberg (1976a, A teoria das relações objetivas e a psicanálise ocorre dentro do tratamento.

clínica), Kernberg volta ao tema ao estudar a transferência-Em 1984, Kernberg mantém e precisa seu ponto de vista e a contratransferência no tratamento do paciente vista: “Prefiro reservar o termo psicose de transferência para borderline, mantendo e refinando seus pontos de vista. In-designar a perda da prova de realidade e o surgimento de sintomas em que a transferência negativa dos pacientes materializa delirante dentro da transferência, que não afeta borderlines deve ser somente interpretada no aqui e agora-muito notavelmente o funcionamento do paciente fora do consultório, já que as reconstruções genéticas não podem ser cap-contexto do tratamento” (Transtornos graves da personalidade por pacientes que de fato confundem a transferência, p. 101; Severe personality disorders, p. 115).

cia com a realidade, e que os aspectos da transferência Wallerstein (1967) empregou o mesmo conceito positiva de origem menos primitiva não devem ser inter-quando expôs dois casos que apresentaram sintomas negativos para favorecer o desenvolvimento da aliança psicóticos durante a análise. Wallerstein toma o termo terapêutica. Os aspectos mais distorcidos da transferência transference psychosis de um trabalho de N. Reider (1957) deverão ser atacados

em primeiro lugar para chegar de-e aplica-o a casos neuróticos em que sobrevém uma rea- pois aos fenômenos transferenciais que se vinculam a ex-

ção psicótica durante o curso de um tratamento psicanalí-

periências reais da infância.

tico convencional, e não para os casos propriamente A meta estratégica de sua terapia, dirá Kernberg em psicóticos de que falam Rosenfeld e Searles. Para Wallerstein, 1976, consiste em ir transformando a transferência primi-essas reações sempre têm a ver com as condições do setting tiva em reações transferenciais integradas (1976b, p. 800).

e são basicamente reversíveis, ponto de vista que reitera Isso se consegue com a análise sistemática das constela-em seu cativante Forty-two lives in treatment (1986), que ções defensivas, que melhora o funcionamento do ego e já é um livro clássico.

permite transformar e resolver a transferência primitiva, A grande maioria dos autores concorda que a psicose como diz Kernberg em seu Internal world and external de transferência irrompe por períodos variáveis nesses reality (1980, Mundo interno e realidade externa), especial-casos e que essa presença contingente é uma de suas camente nos Capítulos 9 e 10.

racterísticas definidoras (Rosenfeld, 1978; López, 1987); As regras que Kernberg fornece sobre a técnica têm, porém, enquanto alguns pensam (Painceira, 1979) que a sem dúvida, coerência com os pressupostos teóricos com passagem pela psicose de transferência é pouco menos que os quais opera; contudo, caberia perguntar -lhe se não paga inevitável, outros (Paz, 1969) sustentam que o processo um preço muito alto para aplicar sua técnica, em vez de psicanalítico pode desenvolver-se sem episódios psicóticos.

confiar na que todos manejam. Não deve-mos esquecer que as limitações que Kernberg impõe a seu paciente e a si mesmo podem agravar, a curto ou longo prazo, as própri-UM CASO CLÍNICO DE KERNBERG

as dificuldades que ele procura evitar.

Esse ponto é, com certeza, o que mais interessa em Vale a pena revisar com uma certa detenção um dos um livro de técnica e, para discuti-lo a fundo, é necessário interessantes casos com que Kernberg ilustra o

“Manejo da transferência na psicoterapia de expressão”, no tratamento do borderline.

de seu valioso livro de 1984. Trata-se da Srta. M., uma Desde seus primeiros trabalhos, Kernberg estabeleceu universitária de cerca de 30 anos, que foi diagnosticada com os princípios que, a seu ver, devem reger o tratamento como tendo personalidade infantil com traços borderlines.

desse tipo de pacientes, a partir da idéia de que “Quando Apresentava reações depressivas graves, com idéias suíci-recebem tratamento psicanalítico, costuma-se observar ne-das e perda de peso, alcoolismo e dificuldades no estudo, les uma forma peculiar de perda da prova de realidade, e na vida social e em sua relação de casal. Um caso verdadeiramente idéias delirantes, que se manifestam apenas na deiramente grave.

114 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Kernberg propôs a ela um tratamento frente a frente Não tenho realmente nenhuma dúvida sobre o bom (já que só utiliza o divã para a psicanálise), à razão de três deslance da sessão e o desempenho impecável de vezes por semana, e estabeleceu certas condições para Kernberg. Não vejo, porém, a utilidade das condições com realizá-lo: deixar de beber, não atuar seus impulsos suíci-as quais se iniciou o tratamento. Os problemas de transfe-das e manter seu peso dentro de limites aceitáveis, co-rência e contratransferência dessa sessão, estou convencido o necessário qualquer que fosse seu estado de ânimo, teriam-se apresentado da mesma forma, mas sem o mo e apetite (ibid., p. 110; ibid., p. 124). Se ela não pudesse necessário matiz de realidade que lhes emprestam as desse cumprir essas condições, a psicoterapia seria feita exigências iniciais de Kernberg – excessivas, talvez ingê-

sob internação. (Não ficou claro se Kernberg explicou à nuas e, além disso, pouco realistas.

sua futura paciente as diferenças entre as várias formas de A técnica de Kernberg tem por principal objetivo criar tratamento possíveis.) Como é lógico, a paciente comprou as condições mais propícias para poder analisar os conflitos-meteu-se a cumprir as solicitações do médico. Também todos (ou alguns dos conflitos) do paciente borderline, sem ficou combinado que uma assistente social psiquiátrica se permitir que a regressão originada pelo enquadre leve-o a ocuparia dela.

um nível psicótico. No entanto, esses objetivos são ques-Certamente, esse contrato não protege a paciente de tionáveis.

suas tendências auto e alodestrutivas; contudo, em meu Como veremos no Capítulo 40, embora seja aceita entender, compromete o psicoterapeuta além do que é ne-universalmente, há muitas razões para abandonar a teo-cessário, o que, por outro lado, parece ser confirmado peria de que a neurose de transferência é um efeito do enlas associações contratransferenciais que surgem na ses-quadre, e o mesmo se pode afirmar para a psicose de trans-são: será capaz de manter o setting programado? Não esferência: o enquadre as contém, mas não as provoca, ope-tará mentindo para mim...? Dos informes de sua contrara apenas nos limites do conflito atual. Não creio, pois, transferência, Kernberg também tira a conclusão de que a que esses pacientes tenham sintomas psicóticos pelo trata-paciente o vê como uma figura parental temida, que a cri-mento e apenas no tratamento. Penso, ao contrário, que tizará por não ser sincera e a repreenderá porque se comos sintomas apresentam-se, de fato, dentro e fora do tra-porta mal. Essa conclusão não só é correta, como também tamento e, quando se circunscrevem à análise, é porque fundada nas condições do contrato. Mais tarde, Kernberg esta foi capaz de contê-los sem permitir que se expandam.

deu-se conta de um sentimento contratransferencial de Kernberg pensa, por sua vez, como Knight, Reider e impaciência, combinado com preocupação pela paciente e Wallerstein, que o setting analítico provoca uma psicose com irritação, porque estava sendo desbaratado o progra-localizada.

ma combinado. Um aspecto que Kernberg não menciona é A entidade clínica que estamos considerando tem, que a paciente o veja ávido e exigente: assim, por obra de por certo, uma história recente em psicanálise, mas é anti-seu contrato, Kernberg facilita grandemente a identifica-ga para a psiquiatria. A crise psicótica breve e transitória ção projetiva da parte infantil raivosa e cheia de voracida-que entra em remissão e recidiva não é outra coisa senão de na figura parental (“... because she projected her own a bouffée delirante que os grandes psiquiabras franceses do angry demands onto it”, p. 126; p. 111).

século XIX estudaram. Sobrevém quando aumenta o nível Tudo isso acontece em uma sessão que ocorreu nas de tensão no conflito atual e tende sempre à remissão com primeiras semanas do tratamento. Chovia a cântaros, e M.

restitutio ad integrum.

chegou inquieta, com olheiras e empapada; pôs-se a falar Como qualquer outro conflito atual, o que surge no de seus problemas com o estudo, de seus ciúmes do noivo setting analítico pode desencadear essa psicose passageira dos honorários de Kernberg. Enquanto isso, ele se per-ra, e Rosenfeld (1978) propôs uma explicação plausível guntava se teria estado bebendo, sem atrever-se a confessá-

para sua aparição: a psicose de transferência é desenca-lo, e se seria capaz de manter o enquadre do tratamento deada quando o analisando vê o analista como um superego ambulatorial.

que o acusa cruelmente. Concordo com essa opinião de Quando Kernberg interpretou a ela seus sentimentos Herbert Rosenfeld, embora não a considere como a única contraditórios e assinalou-lhe que qualquer interpretação causa. Há outras, como, por exemplo, um erro técnico, poderia ser mal-entendida, seja como uma investigação uma alteração do enquadre e, muito importante, uma cri-policial, seja como mostra de desinteresse e insensibilidade, se de inveja na transferência (Etchegoyen, López e Rabi, a Srta. M. pôde confessar que tinha estado bebendo e que 1985). Se se passa por alto a inveja primária (no sentido tinha medo de que o terapeuta a internasse, acrescentan-de intrínseca e não-reativa), corre-se o perigo de acreditar do, de imediato, que também a preocupava o atraso dos que esses analisando difíceis reagem sempre por seu pai em enviar o cheque com os honorários. (Aqui é onde se encontra a frustração quando na realidade, em mais de vejo a identificação projetiva da voracidade no analista.) uma ocasião, estão exteriorizando sua intolerância a se-Kernberg interpretou que ela o via mais interessado em rem ajudados.

seus honorários do que nela mesma, como uma figura Rosenfeld não propicia, por certo, o surgimento da parental que se sentia incomodada por ter de cuidá-la.

psicose de transferência, mas tampouco a teme e sustenta Essa interpretação certa trouxe um alívio imediato e que sua investigação em detalhe abre a possibilidade de abriu o caminho para analisar conflitos mais neuróticos, compreender esses pacientes e de desentranhar seus con-menos regressivos.

flitos precoces com um superego arcaico e severo, que tem

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 115

demandas contraditórias e, por conseguinte, provocado-Também

Bryce Boyer (1969) – que, entre aspas, in-ras de confusão. Rosenfeld pensa que essa qualidade do clina-se a tratar o borderline com o método psicanalítico superego diferencia os borderlines dos pacientes narcisistas-ortodoxo – pensa que, se o tratamento anda bem, a psicotasia (descritos por ele em 1971): nestes, o superego não se de transferência vai cedendo seu lugar à neurose de está tão comprometido e as interpretações da agressão são transferência, o que se consegue por meio da interpreta-viáveis, enquanto naqueles levam a graves distorções se-

ção e da incorporação de novos introjetos, reduzindo a mânticas que, perpetuando o conflito e a confusão, po-severidade do superego, arcaico e sádico.

dem desembocar na psicose. Para o grande analista de Dois autores que se ocuparam em profundidade dos Londres, um traço distintivo da psicopatologia da organi-pacientes narcisistas (ou esquizóides) e borderlines são, zação borderline da personalidade é a confusão, que pode sem dúvida, Kohut e Winnicott. Há entre eles pontos de estar vinculada à inveja precoce e/ou a situações graves contato, por exemplo, a importância que dão ao ambiente de privação nos primórdios da vida.

te, e também divergências. Vimos as idéias de Kohut ao A investigação de Carlos Alberto Paz desenvolveu-se falar das transferências narcisistas (self-object transference) simultaneamente à de Kernberg e não é menos importan-na sétima seção do Capítulo 12. Exporemos agora algu-te. Em suas “Reflexiones técnicas sobre el proceso analíticas idéias de Winnicott.

co em los psicóticos fronterizos” (1969), Paz estabelece Para Winnicott, um borderline é um paciente cujo uma dialética entre a parte psicótica e a parte neurótica núcleo da perturbação é psicótico, mas a organização neu-da personalidade, seguindo Bion (1957), Katan (1959) e rótica mantém a salvo seu precário equilíbrio.

Bleger (1967b), cujo correlato é a presença de uma trans-O esquizóide (narcisista), o borderline e o esquizoferência neurótica e uma transferência psicótica que se frênico pertencem a uma mesma categoria psicopatológica, alternam e que se entrelaçam. Concordo plenamente com se bem que de gravidade distinta, em que o essencial é a esse ponto de vista e acrescento que o trânsito entre ambas dissociação entre o verdadeiro self e o falso self. Em todos pode ser muito rápido, como se verifica, por exemplo, no esses pacientes, encontra-se perturbado o desenvolvimento material de Kernberg

depois da interpretação.

emocional primitivo (estudado no Capítulo 16), que é pré-

Paz advoga por um enquadre estável, com cinco sessões por semana, e por interpretações claras, que tratem (criativa) para crescer e o fará mais espontaneamente, de estabelecer os elos entre os sistemas inconsciente e pré-

dentro para fora, até alcançar a independência, se encontra consciente e entre as instâncias psíquicas, evitando, na medida de um meio (a mãe) que o facilite. No começo da vida, dada do possível, a ambigüidade, como sugeriu Melanie, reina a identificação primária, raiz da comunicação e da Klein (1946) para os estados esquizóides – que eram os empáticos, em que a criança acredita-se uma com a mãe (e a borderlines para ela. Acrescentemos a importância que tem mãe uma com a criança). O bebê “tem a ilusão” de que nesses casos o mal-entendido, que não apenas provém dos criou seu objeto e a função materna é, em princípio, dos transtornos do pensamento, mas também do efeito da tentativa de essa ilusão ao apresentar-se como o objeto subjetivo-transferencial.

vo, para que o bebê exerça sua capacidade criativa, até Assim como nunca será prudente recorrer a inter-que as necessidades do crescimento façam com que vá pretensões histórico-genéticas para aliviar a tensão que se perdendo essa ilusão. Os primeiros momentos da vida da criança apresentam frequentemente na transferência e na contra-criança não são, para Winnicott, terríveis (como para transferência, Paz considera que a emergência espontânea-

Klein), visto que a não-integração é prazerosa e a angústia dela de material infantil é sempre bem-vinda, porque a identificação não surge se a mãe a neutraliza.

da a diferenciar o analista dos objetos arcaicos. Acredito Quando esse processo facilitador não ocorre, quando o desacordo entre Kernberg e Paz nesse ponto é mais do que a mãe falha e não é capaz de entrar em ressonância aparente do que real, já que as prevenções de Kernberg empaticamente frente às exigências da criança, esta a dirige-se a interpretações históricas prematuras. Vale a introdução e forma o falso self. A partir desse momento, o que pena assinalar que Bryce Boyer (1969), por sua vez, o desenvolvimento será fundamentalmente uma reação, e a tentativa de que as interpretações de aspectos genéticos são mais introdução do papel materno converte a criança no cuidador

convincentes e estruturantes, de modo que estimula a re-de si mesmo. O falso self, portanto, não é outra coisa se-cuperação de recordações.

não a introjeção da mãe: o bebê converte-se na mãe de si Um aspecto importante da análise dos borderlines mesmo, ocultando e protegendo o verdadeiro self.

consiste, para Paz, em ir corrigindo gradualmente a Winnicott distingue diversos graus de organização idealização, mecanismo básico desses doentes. Os objetos do falso self, e Paineira (1989) precisou as diferenças idealizados sofrem um processo de encapsulamento, o qual entre o falso self do esquizóide e do borderline. O primei-deve ir sendo modificado passo a passo. Paz sustenta que ro introjetou um meio materno com certa coerência, ape-no borderline existe uma cena primária pré-genital com sar de suas falhas. Se a isso se acrescenta um bom desen-um casal combinado idealizado que se encapsula no in-volvimento intelectual, temos o esquizóide típico, com consciente e, em boa medida, a análise consiste em ir de-boas realizações e conquistas, porém com uma sensação sencapsulando esse objeto. Se esse processo é cumprido, o de vazio interior, de futilidade, como dizia Fairbairn complexo de Édipo precoce evolui para suas formas ma-

(1941), incapaz de estabelecer laços afetivos. O meio duras e o paciente vai afastando-se da psicose.

maternante do borderline, ao contrário, foi mais contra-

116 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ditório e caprichoso, de modo que sua introjeção confi-interlocutor equivocado; contudo, finalmente, o falso self gurou um falso self fragmentado, que nunca chega a ad-

– que trouxe o paciente ao tratamento – delega sua fun-quirir integração e coerência, como reflexo de um meio ção cuidadora ao analista e o paciente desestrutura-se mo-errático e imprevisível.

mentaneamente para iniciar o processo de crescimento do Deixando de lado as diferenças entre ambos, o es-verdadeiro self, que havia ficado congelado, à espera de quizóide e o borderline são analisáveis e têm de passar no condições mais propícias, como explicaremos no Capítulo tratamento por uma profunda regressão à dependência, 41. Quando se consuma o processo regressivo de depen-

“que o analista não busca, mas o paciente necessita e o dência

absoluta, a capacidade do analista de tolerar a ex-analista não deve impedir” (Painceira, 1987, p. 6).

periência de fusão fica posta à dura prova. Se isso se cum-Enquanto se opera esse processo regressivo, o ana-pre, o analisando começa a descobrir sua alteridade e ini-lista fala do verdadeiro self com o falso, isto é, com um cia o caminho para a independência.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 117

14

Perversão de Transferência*

A tese deste capítulo é que a perversão possui individu-Freud vislumbrou em 1922 que a perversão pode ter alidade clínica e configura um tipo especial de transferência.

a ver com impulsos agressivos e não somente libidinais; em seu ensaio sobre o fetichismo (1927e), destaca nesses pacientes uma forma peculiar de aceder à realidade. Tam-CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

bém Melanie Klein (1932) salientou a importância das situações de ansiedade e de culpa vinculadas aos impulsos Não foi simples captar a unidade psicopatológica das agressivos no desenvolvimento da perversão.

perversões e assinalar suas características definidoras. O

Sobre essas bases, Glover (1933) afirma que muitas estudo fenomenológico não basta, já que uma conduta não perversões são, por assim dizer, o negativo da psicose, pode ser definida em si como perversa, sem contar que enquanto tentativas de fechar as brechas que restaram no classificar as perversões por sua forma é como classificar desenvolvimento do sentido da realidade.

os delírios por seu conteúdo. Era necessário chegar a comOs continuadores de Melanie Klein (Bion, Hanna preender a perversão a partir de suas próprias pautas, e Segal, Rosenfeld, etc.), ao estudar a personalidade psicótica isso só começou a ser feito nos últimos anos.

(ou a parte psicótica da personalidade), chegaram à con-A polaridade neurose-psicose é tão clara e categóri-clusão de que esta é muito forte no perverso.

ca, que os outros quadros psicopatológicos tendem a cair Assim,

cunhou-se um novo aforismo, segundo o qual finalmente em sua órbita. E as vigorosas pinceladas com a perversão já não é o “positivo” da neurose, mas o negati-que Freud traçou a linha divisória em seus dois ensaios de vo (uma defesa contra) da psicose,¹ uma maneira de fugir 1924 reforçaram, sem se propor a isso, esse dualismo funda loucura.

damental.

Deve-se aceitar sem reservas que a perversão tem A primeira tentativa de compreender a perversão muito a ver com a parte psicótica da personalidade; po-partiu da neurose, com o célebre aforismo freudiano de rém, propô-la como uma simples defesa contra a psicose, que a neurose é o negativo da perversão, ainda vigente de uma espécie de mal menor (para dizê-lo de forma que certo modo, como diz com razão Gillespie (1964).

denuncie sua raiz ideológica), conota mais um juízo de Depois dos Três ensaios de teoria sexual (1905d), con-valor sobre a saúde mental do que uma fórmula psicopa-tudo, foi impondo-se um ponto de vista estrutural, cujas tológica. Quando vemos os fatos clínicos sem esse pre-balizas são o estudo sobre Leonardo (1910c), “Bate-se conceito, damo-nos conta de que a perversão pode ser numa criança” (1919e) e o trabalho de Hans Sachs de 1923.

tanto uma defesa contra a psicose quanto uma de suas Segundo esse enfoque, o ato perverso tem a estrutura de causas.

um sintoma especial, porque é egossintônico e prazeroso, mas enfim sintoma, com o que se apagaram os limites entre perversão e neurose. Entretanto, percorrer esse longo O EGO PERVERSO

caminho para chegar à conclusão de que o sintoma perverso é como qualquer outro não era ainda propor o pro-Somente nos últimos anos a perversão começou a blema da própria perversão.

mostrar sua individualidade, quando a investigação con-A irreduzível diferença dos fatos clínicos, a dificulda-vergiu em um tema essencial, a divisão do ego perverso.

de de analisar o perverso fez, depois, com que se abordas-O ponto de partida está em “A organização genital se a perversão a partir do pólo oposto.

infantil” (1923e), em que Freud afirma que, frente à primeira (e profunda) impressão diante da falta de pênis na mulher, a criança

verleugnet (recusa, reprova, desmente)

*Este trabalho apareceu, em sua versão completa, em *Prácticas psicoanalíticas comparadas en la psicosis*, editado por León Grinberg. Aqui se reproduz, com ligeiras modificações, o resumo lido no XXX Congresso Internacional de Jerusalém, publicado 1 Uma discussão lúcida sobre o interjogo entre neurose, perno *International Journal* e em *La cure psychanalytique sur le divan* versão e psicose pode ser encontrada em Pichon Rivière (1946, (1980), editado por Jean Bergeret.

p. 9).

118 R. HORACIO ETCHEGOYEN

o fato² e acredita que deve ter visto um pênis. Em outros considera que o ego homossexual sofre um processo de trabalhos da mesma época, usa o substantivo *Verleugnung* dissociação, que explica em função dos introjetos.

com referência à castração, à diferença dos sexos ou a cer-Também para Meltzer (1973) a dissociação do ego ta realidade penosa.³

perverso ocupa um lugar preponderante e assume uma Ao aplicar esses conceitos à compreensão do fetichis-forma especial, o desmantelamento. Esse autor fez uma mo em 1927, Freud afirma que o fetichismo reprime o contribuição valiosa para distinguir a sexualidade do adulto afeto (ou seja, o horror à castração) e desmente a repre-

(de base introjetiva) da infantil e da perversa, ambas de sentação. O desmentido, enquanto conserva e descarta a base projetiva, mas com diferentes processos de dissociação castração, define para Freud a clivagem do ego no proces-na estrutura egóica, vinculados à angústia e à inveja.

so defensivo, que ele estuda em duas obras inconclusas de Em seu regresso das primeiras férias, uma paciente 1938 (Freud, 1940a e e).

homossexual expressou plasticamente a dissociação do ego Lacan e seus discípulos sustentam que a explicação (e o mecanismo básico da recusa), dizendo que estava mal das perversões deve ser buscada neste mecanismo de de-porque lhe havia caído uma lente de contato e sua mãe fesa particular, *Verleugnung*, distinto essencialmente do havia pisado nesta enquanto a procuravam. Descartada a recalçamento, *Verdrängung* (próprio da neurose) e da possibilidade de recorrer a

seus óculos, tinha de usar uma Verwerfung, exclusão, forclusão, base estrutural da psicose lente de contato e ver as coisas bem com um olho e mal se.4 Lacan (1956) sustenta que o fetichista passou pela com o outro. Na sessão seguinte, expressou o temor de castração, mas a desmente. Reconhece a castração; poque eu tivesse mudado durante as férias, transformando-rém, “presentificando” a imago do pênis feminino, imagi-me em um mau analista.

na o que não existe. A “presentificação” é a outra face do A mudança dos óculos por lentes de contato havia recusado. O fetiche, diz Lacan plasticamente, apresenta sido um dos primeiros progressos que a paciente manifes-

(encarna) e, ao mesmo tempo, vela o pênis feminino. Na tou e ocultou-o durante um tempo, temendo que eu o in-fase do espelho, a criança é o falo faltante da mãe, o obje-vejasse. Apenas na volta das férias pôde vir ao consultório to do desejo (de ter um falo) da mãe. No momento culmi-com as lentes de contato (com uma lente) e contou o en-nante do complexo de Édipo, o pai intervém, ressitando graça do episódio.

a criança em um terceiro lugar: a criança não é o falo da mãe e, desde então, o falo é um símbolo (e não um órgão).

O fetiche, afirma Rosolato (1966), é a contrapartida A PERVERSÃO DE TRANSFERÊNCIA

da clivagem do sujeito. O fetiche aparece cortado de sua dependência corporal e, ao mesmo tempo, em continuída-Esse rodeio teórico permite voltar à substância desde (metonímica) com o corpo (fâneros, vestidos). Se por te capítulo, a forma especial de relação que, forçosamen-essa continuidade o fetiche é uma metonímia, enquanto te, o perverso haverá de desenvolver na análise para que representa (“presentifica”) o pênis faltante da mãe, ele é se constitua e resolva a perversão de transferência. Com também sua metáfora.

essa denominação, proponho unificar os diversos fenô-

Com o suporte teórico da psicologia do ego, Gillespie menos clínicos observados no tratamento desse grupo de (1956, 1964) elabora uma clara e ampla teoria da perversão, pacientes.

na qual também ocupa um lugar destacado a dissociação do Como conceito técnico, a perversão de transferência ego, embora não chegue a reivindicar a Verleugnung como tem o mesmo estatuto que a neurose de transferência e específica. Na mesma linha de pensamento,

Bychowski (1956) permite estudar esses pacientes, sem fazê-los deitar em um leito de Procusto.

O fecundo conceito freudiano de que a doença originária volta a se apresentar no campo do tratamento psicanalítico e passa a ser o objeto de nosso labor (“Recordar, 2 Strachey utiliza o verbo *disavow* e o substantivo *disavowal* para repetir e reelaborar”, 1914g) pode estender-se a outros *verleugnen* e *Verleugnung* (recusar e recusa; reprovar e reprova-grupos psicopatológicos, com o que a neurose de transfe-

ção; desmentir e desmentido).

3

rência propriamente dita precisa-se e delimita-se. Isso im-Diferentemente de Elisabeth von R., que é neurótica, uma paciente psicótica teria desmentido a morte da irmã (SE, 19, p.

plica aceitar que o grupo patológico que Freud contrapôs 184; AE, 19, p. 194).

à neurose de transferência em “Introdução do narcisismo”

4 Em “As neuropsicoses de defesa” (1894a, Cap. 3), Freud diz: (1914c) tem também um correlato transferencial, como

“Existe uma modalidade defensiva muito mais enérgica e exitosa, parece depreender-se da experiência clínica.5

que consiste em que o ego rejeite (*verwerfen*) a representação Minha proposta implica deslindar o conceito técnico insuportável junto com seu afeto e comporta-se como se a repre-de neurose de transferência de suas conseqüências psicopa-sentação nunca tivesse existido” (AE, v.3, p. 59). Na Standard tológicas (ou nosográficas) e situa-se, portanto, na mesma Edition, encontramos “Here, the ego rejects the incompatible idea linha de pensamento que levou Rosenfeld (1952) e Searles together with its affect and behaves as if the idea had never occurred to the ego at all” (SE, v.3, p. 58). Segundo assinalam Laplanche e Pontalis (1968), aqui Strachey traduz o verbo *verwerfen* por *reject*. Porém, em “Neurose e psicose” (1924b), Freud 5 Sabe-se que esse ponto de vista não é compartilhado por mui-utiliza *Verleugnung* (*disavowal*), e não *Verwerfung* (*rejection*).

tos analistas (Guttman, 1968; Zetzel, 1968).

(1963) a reconhecer a individualidade da psicose de trans-mação de um mal-entendido (Money-Kyrle, 1968) em ide-ferência. Também recolhe as valiosas contribuições da in-ologia do analista, através da identificação projetiva vestigação atual, que soube iluminar as relações narcisis-

(Melanie Klein, 1946), é em essência perverso. (E o era o tas de objeto, base teórica para aceder às perversões e des-paciente de minha comunicação.) Cheguei, então, à con-tacar o especificamente perverso no vínculo transferencial.

clusão de que o perverso não sente o chamado do instinto; De forma quase diabólica, esses pacientes tentam perversó tem comunicação com seu corpo através do intelecto.

ter a relação analítica e põem à prova nossa tolerância; Suponho que é principalmente a inveja enlaçada ao senti-contudo, se a perversão é o que é, não podemos esperar mento de culpa o que leva o perverso a sentir seu instinto outra coisa.

não como desejo, mas como ideologia. Reflexões estas que Embora não fale explicitamente de perversão de talvez possam contribuir para esclarecer o enorme poten-transferência, Betty Joseph (1971) ilustra suas modalida-cial criador da estrutura perversa. Desse modo, compre-des mais significativas e afirma que a perversão só poderá ende-se por que para o perverso, encerrado em um munser resolvida à medida que o analista a descubra e inter-do de ideologias, a polêmica seja tão vital.

prete na transferência. A erotização do vínculo, a utiliza-Segundo minha experiência, são mecanismos perver-

ção da palavra ou do silêncio para projetar a excitação no sos a erotização do vínculo e a proposição “ideológica” da analista, a passividade para provocar sua impaciência e vida sexual (e da vida em geral), acompanhada sempre de conseguir que a atue com interpretações (ou pseudo-in-uma nota de rebeldia e um tom polêmico. Se essas carac-terpretações) aparecem claramente nesse trabalho funda-terísticas aparecem em pacientes neuróticos é porque está mental. Esses mecanismos, prossegue Betty Joseph, não em jogo um aspecto perverso da personalidade, assim como são apenas defesas por meio dos quais o paciente tenta também se observa a transferência neurótica em pacien-desembaraçar-se de seus impulsos e de seus

(dolorosos) tes perversos, porque os quadros clínicos nunca são puros.

sentimentos, mas também ataques concretos contra o ana-Com um suporte teórico diferente, os autores france-lista. Identificado projetivamente o bico do seio com a línseis chegam a conclusões semelhantes. Rosolato (1966) gua, a palavra é alimento, ao passo que o próprio bico do sustenta que a perversão fetichista sempre traz consigo seio-pênis fica roto e sem força para ser estimulado por uma ideologia e, concretamente, a ideologia gnóstica:6 a um diálogo vazio, que tenta excitá-lo e atormentá-lo.

perversão está para o gnosticismo assim como a neurose Depois de longas férias, um paciente froteur, que cos-obsessiva está para a religião ritual. O perverso desmente tumava falar longamente e em tom intelectual, sonhou a Lei do Pai, enquanto impõe o acesso à ordem simbólica que voltava de barco e tinha jogos sexuais com uma jovem.

sancionando a diferença dos sexos, e a substitui pela lei Dava-lhe um beijo e, ao separar-se, a língua dela se de seu desejo. Clavreul (1963, 1966), por sua vez, assina-encompridava e encompridava, de modo que permanecia la as características peculiares do “par perverso” e consi-sempre em sua boca.

dera que toda a transferência impregna-se de uma nota de Em seu interessante ensaio sobre o fetichismo, Luisa desafio. Seu discurso sobre o amor (e sobre todas as coi-de Urtubey (1971-1972) fala da “fetichização” do vínculo sas) assume sempre um caráter de alegação, de desafio, transferencial e a ilustra convincentemente. O sutil esforço de rebelião.

ço do perverso para arrastar o analista surge plasticamen-Essas coincidências são interessantes, porque mos-te descrito no rigoroso trabalho de Ruth Riesenber (1986) tram que a prática analítica, mesmo sobre bases teóricas sobre a fantasia do espelho: a capacidade de observar e diferentes, revela um conjunto de problemas que concer-descrever da analista corre o risco de ser transformada em nem à própria essência da perversão.

escotofilia.

O persistente impacto dos sutis mecanismos perversos no analista foi estudado profundamente por Meltzer MATERIAL CLÍNICO

(1973, Cap. 19), que sublinha que muitas vezes o analista dá-se conta de que o processo analítico foi subvertido quan-Ilustra o que foi dito o

material clínico de uma jovem do já é tarde demais. A análise desenvolve-se, então, em que se analisou por sua homossexualidade e por uma ator-um marco de esterilidade, e a esterilidade é a razão de ser mentadora sensação de vazio interior.

de toda perversão. Nos casos extremos, o analista atua Durante os primeiros meses da análise, foi impondo-diretamente sua contratransferência por meio de pseudo-se a ela a vivência de que podia mudar e de que estava interpretações. Pode iniciar-se, assim, um dano permanente mudando: o mundo parelho e entrópico da homossexuali-em seu instrumento analítico (Lieberman, 1976b). Como é dade como forma de apagar as diferenças (de sujeito e lógico, conclui Meltzer, a decadência de um grupo analíti-objeto, de homem e mulher, de adulto e criança) começou co segue por esse caminho.

a se tornar mais vivo e contrastante, mais heterogêneo. Isto Em uma breve comunicação (1973) sobre os problemas técnicos criados pela ideologia do paciente, quando é utilizada projetivamente com fins defensivos (e ofensivos), 6O gnosticismo sustenta-se em um saber consolidado e objetivo, pude ilustrar como um impulso transforma-se em ideolo-que considera a divindade como a alma do mundo e admite uma gia e projeta-se. Apesar de essa comunicação referir-se ao visão direta de seu espírito, um conhecimento absoluto, direto vegetarianismo, o transtorno descrito, isto é, a transfor-de Deus (Guillermo Maci, comunicação pessoal).

120 R. HORACIO ETCHEGOYEN

fez renascer sua esperança e, ao mesmo tempo, reforçou que ela vinha para lutar, mas que eu só queria derrotá-la e um preexistente temor à loucura. Afirmava que não era humilhá-la. (Desafio, disputa.)

que mudasse, e sim que eu lhe metia coisas na cabeça. E, A sessão seguinte ilustra seu tom polêmico e desafia-em momentos de paz interior nunca antes experimentador. Chega de um exame e acredita que foi bem. Continua da, surgiu-lhe de um modo imperativo categórico o desejo confusa e com tendência a ficar enjoada. Pensou que, se o de se rebelar contra mim, deitando-se com uma mulher.

exame se prolongasse e não pudesse vir na segunda-feira (A norma transforma-se em impulso.)

seria muito difícil para ela fazê-lo e talvez não viesse mais.

O temor à loucura emergia em contextos diferentes, e Recorda que, com a doutora X (analista anterior), come-a relação entre perversão e

psicose não era meramente de çou a faltar em consequência de um exame e depois aban-defesa e conteúdo. A loucura tinha diversos significados: a donou.

vivência de progresso a conduzia à exaltação maníaca ou A: Talvez tenha vontade de interromper o tratamen-ao delírio persecutório; outras vezes, a psicose vinculava-se to e de não vir mais: você teme que se repita a situação à erotização da transferência⁷ ou a uma regressão maciça e com a doutora X.

indiscriminada à infância (ecmnésia). “Em sua forma mais P: Você me mete idéias na cabeça que me são com-específica, porém, a loucura surge do recontato com a rea-pletamente estranhas. Não sinto de maneira alguma que lidade: descobrir o mundo, em sua infinita variedade e ri-queira não vir mais.

queza, é como um erro dos sentidos: a realidade tem de ser A: Teremos de ver por que você sente como estra-enlouquecedora para quem vive em um mundo de alucinações nhas essas idéias, apesar de serem simplesmente as suas: negativas. Nesse sentido, a perversão não é uma defesa con-você disse que, se não viesse hoje, teria custado muito para tra a psicose, mas a própria psicose” (Etchegoyen, 1970).

você voltar na segunda.

Reproduzo esse parágrafo porque concorda com Clavreul, P (com ênfase e arrogância): Isso eu digo, mas não o quanto ao sentido de realidade nas perversões, e com a idéia sinto; penso nisso, mas não o sinto.

de desmantelamento de Meltzer. Se não se leva em conta A: Mas esse argumento é muito equívoco: enquanto essa distorção especial, incorre-se em erros técnicos que você decide que não sente o que diz, eu já não posso inter-confirmam o perverso em sua crença de que a análise é pretar nada. (Justamente porque se coloca nessa atitude, uma forma sutil de doutrinação.

essa interpretação não vale.)

Ao finalizar o primeiro ano, sentia-se melhor, o que se expressou no singular processo de dissociação que Meses depois, surge a mesma atitude polêmica a pro-estamos descrevendo: aumentou sua confiança em mim e pósito de um sonho, mas eu posso compreendê-la melhor.

temia que eu invejasse seu progresso. Só podia sentir-se Era um momento em que alternava entre a homossexuali-bem, afirmava, com

a condição de não ter nenhum tipo de dade e a heterossexualidade, com vivo temor à loucura e vida sexual para não ser invejada.⁸ Era como se conheces-

à penetração genital. No sonho, ela vai prestar exame acom-se perfeitamente o conceito de afânise e a teoria da inveja panhada por uma companheira que tinha dormido em sua precoce!

casa. No caminho, deparam-se com um levante popular e Suas afirmações categóricas e contraditórias provo-regressam assustadas. Fica contrariada por ter-se assusta-cavam-me desconcerto e intranqüilidade. Quando queria do. Interpretei que o sonho parecia expressar seu conflito reduzi-las, interpretando suas óbvias contradições, trope-entre a homossexualidade (a companheira que dorme em çava em uma resistência irredutível e em recriminações sua casa) e a heterossexualidade (o exame). Sugiro-lhe de que estava impondo-lhe minhas idéias. (E, em parte, que o levante popular deve ser a (temida) ereção do pê-

tinha razão.)

nis: não pode enfrentá-la e refugia-se em um lugar segu-No começo do segundo ano de análise, teve sua pri-ro, a casa, a mãe, a companheira.

meira relação heterossexual e sentiu-se “louca de alegria”.

Aceita com um sorriso cordial; porém... outro analis-Veio confusa, enjoada e com vontade de vomitar: apenas ta teria podido interpretar algo muito diferente, talvez que no final da sessão, e com vivo temor de que a censurasse, ela escapa da responsabilidade social. Daí que sempre lhe pôde comunicar-me o fato.

pareça insuficiente a psicanálise. Não é que minha interA partir dessa sessão, tinha de vencer uma forte repretção seja incorreta, é insuficiente; não abrange toda a sistência para vir; sentia-se humilhada pelo progresso do sua problemática.

tratamento. Às vezes, chegava com boa disposição; porém, Após vacilar um momento, diz que tem, na realida-quando me via, pensava que não devia deixar-se enganar, de, um grande conflito com o pênis, conflito cuja nota principal é a decepção. Depois de tê-lo temido tanto tempo, agora se excita e deseja-o; porém, o pênis a frustra, porque nunca a penetra bem em ereção. É sempre muito pequeno, ou sua vagina é grande, e fica insatisfeita.⁹

7 Sonhei que viajava de ônibus com Américo, o ex-noivo de Delia (sua

irmã mais moça), sentada sobre ele, face a face. Américo estava com a bragueta aberta e penetrava-me; falávamos como se nada acontecesse para que os outros passageiros não se dessem conta. (Assim vivia nesse momento o diálogo analítico.) 9 O transtorno oposto ao vaginismo, menos freqüente e estuda-8 Recorde-se o episódio das lentes de contato.

do. (Garma assinalou-me isso em uma comunicação pessoal.)

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 121

Sugiro que trata minha interpretação como um pê-

esforço de se colocar no lugar do outro para agradá-lo (ou nis pequeno demais, que a deixa insatisfeita, mas insiste desafiá-lo), nunca encontrava o próprio.

em que eu deixo de lado o social.

Quando a nova experiência homossexual esgotou-se Respondo que, assim como ela critica e inclusive des-por si mesma, voltou a ter a sensação de estar curada. Sua preza minha interpretação, porque é pequena e insufici-relação com a homossexualidade, dizia, tinha mudado: já ente, também acredita que eu despreze seu material, de- não era algo mau e abominável, mas simplesmente coisa xando coisas de lado. (Considero essa interpretação acerto passado. Durante esses meses, havia sentido que den-tada, porque corrige a projeção de sua dissociação peculi-tro dela se reconstruía uma imagem de homem que a ori-ar: Verleugnung, desmantelamento.)

entava para um futuro heterossexual.

Ela reconhece que tende a pensar que sou sectário e Compridos nove anos de análise, seus sintomas havi-tendencioso. Em outro tom, diz que a moça do sonho deve am entrado em remissão, suas relações de objeto eram ser homossexual e acrescenta material confirmatório so-mais maduras e não evitava como antes seus sentimentos bre seu temor ao pênis ereto.

depressivos.¹¹ Todavia, seu tipo de relação transferencial Quatro anos depois, estava casada e começava a con-mostrava, ainda que atenuadas, as características de sem-siderar a possibilidade de terminar seu tratamento, quan-pre. Afirmava categoricamente que eu não lhe daria alta, do o marido anunciou-lhe que queria separar-se, após qua-ou então que o faria para me livrar dela, e oscilava de uma se três anos de vida em comum. Reagiu com extremo de-convicção

para a outra de forma brusca e versátil, sem sespero, porque pensava que sem ele não poderia viver.

que suas afirmações prévias pudessem servir-lhe de feed-Consumada a separação, senti que tudo vinha abai-back. Essas características foram tornando-se mais ego-xo. Temia uma recaída na homossexualidade, a qual so-distônicas e retificáveis até que, em meados de um mês de breveio. Durante essa época, seu tom desafiador e polêmi-maio, combinamos terminar no final daquele ano, o que co obrigava-me a ser muito cauteloso ao interpretar, ob-lhe despertou muita angústia.

servando atentamente minha contratransferência para evi-No mês desse acordo, chegou muito tarde em uma tar, na medida do possível, a contra-identificação projetiva sexta-feira e disse que não tinha vontade de vir. Reconhe-

(Grinberg, 1956, 1976a). Qualquer interpretação era con-ceu que estava aborrecida e sentia-se infantil, egoísta.

siderada uma desqualificação, com a qual, por sua vez, Antes, acreditava que eu estava disposto a tudo para aten-desqualificava-me. Afirmava que era definida e definitiva-dê-la, porque ela e eu éramos um. Agora, porém, tinha de mente homossexual e que havia se casado exclusivamente fazer um esforço para que eu a analisasse. Quando se separa conquistar meu amor (de pai!). Simultaneamente, parou de Pablo, começou a se romper essa ilusão de uni-caracterizava-me como uma mãe antiquada e egoísta que dade, já que o fez seguindo seu próprio impulso e credi-só busca casar suas filhas para se livrar delas. Eu deveria tando que eu me opunha.

ter visto até que ponto era fictícia a relação com Pablo e P: Quando me separei de Pablo, comecei a sentir que interpretá-la. Não o fiz porque queria curá-la a qualquer você não é tudo para mim e eu não sou tudo para você. Eu custo. Se o tivesse feito – reconhecia –, teria vivido como não sei a partir de onde decido o que vai lhe agradar. Eu seu eterno proibidor.

sempre estive muito segura do que iria gostar ou desgostar-Sua convicção de ter de me agradar a qualquer preço tar em mim, mas agora me dou conta de que essa opinião era compatível com a não menos firme de que eu não acei-

é muito subjetiva. (Considero que essas associações mos-tava sua volta à homossexualidade, embora eu sempre te-tram uma retificação

importante.)

nha interpretado essa nova experiência – porque assim o A: Separar-se de Pablo era também separar-se de mim, sentia¹⁰ – como um desejo de decidir por si mesma o des-abandonando essa idéia de acordo absoluto que nos unifi-tino de sua identidade sexual. Recordei-lhe sonhos em que cava. (Uma das razões das alegações é, justamente, restituir havia fugido da homossexualidade como de um cárcere, essa unidade.)

deixando um irmão em seu lugar (Etchegoyen, 1970, p.

Na sessão seguinte, veio tarde, hostil e angustiada, 466-471), e disse-lhe que tinha voltado para obter um de-dizendo que lhe era muito difícil falar-me.

senlace mais honesto e autêntico.

P (com ênfase): Hoje, para mim, você não é um ana-O diálogo analítico era-lhe difícil e uma voz interior lista, mas alguém que quer que eu venha aqui todos os a prevenia de que só me contasse o que me agradava. (A dias de minha vida, todos os anos que me restam de vida.

única coisa que não cabia em sua necessidade de me agra-

(Silêncio.) Ao me escutar, penso que estou louca, que não dar era associar livremente!)

pode ser que eu sinta isso. No entanto, é o que sinto. Ao Começou a se dar conta de que nem a homossexuali-mesmo tempo, penso que estou tentando desnaturalizar dade nem a heterossexualidade a satisfaziam e de que, no tudo, porque, não sei por que, não quero pensar que, na realidade, você me disse que eu posso ir embora. (O trans-10 Livre do desejo de “curá-la”, sentia-me nesse momento disposto a que a paciente tomasse efetivamente seu próprio caminho.

Isso havia sido difícil para mim, porque suas alegações dirigiam-¹¹

se, no fundo, a demonstrar-me que, pelo simples fato de tê-la No começo do tratamento, costumava tachar-me de ideólogo tomado em análise, eu denunciava meu preconceito frente à da depressão, com o que batia no calcanhar-de-Aquiles de mi-homossexualidade.

nha ideologia científica.

torno é o mesmo, Verleugnung, desmantelamento, mas agora ciência no analista são traços que aparecem com regulari-

é egodistônico.)

dade cronométrica na análise desses pacientes, do mesmo A: Essa idéia deve ter saído de alguma parte. (Prefiro modo que uma atitude polêmica e desafiadora, latente em estimular sua associação, em vez de saturá-la com uma ingeral, que deve ser descoberta e referida à dissociação do terpretação, por outro lado óbvia.)

ego, à confusão sujeito-objeto e à transformação da pulsão P: Creio que não posso entender que você me diz que em ideologia. Para o analista, esse último fator é decisivo.

posso ir, pois que sentido terá minha vida quando eu não É importante assinalar que a dissociação egóica, os vier mais aqui? Então... há outro passo que me leva a sen-problemas ideológicos, as alegações e o desafio persistem tir que você não quer ajudar-me, que quer manter-me aqui durante toda a marcha da análise. Chamou-me a atenção encerrada.

que, até o último momento, a paciente manteve as carac-A: Esse passo parece ser o momento em que você terísticas perversas da transferência, embora em um nível coloca em mim seu próprio desejo de vir sempre. (Começo que se aproximava cada vez mais da normalidade. Ela a corrigir a projeção.)

permanecia fiel às suas próprias pautas, enquanto eu, do-P: Não sinto meu próprio desejo de vir sempre. Por minado pela idéia de “neurose de transferência”, esperava isso, sinto você como alguém que quer manter-me encer-em vão que, com o progresso do tratamento, a transferên-rada, em vez de me sentir como alguém que não quer deicia passasse de perversa a neurótica. Razão muito convin-xar você em paz, que é o que deveria sentir. (Angústia de-cente, em meu entender, para sustentar o conceito de per-pressiva.) Tenho medo de me sentir desprotegida se não versão de transferência.

estou encerrada.

A: Quando você sente que quero fazê-la vir por toda a vida, encontra-se encerrada, porém mais protegida do ADICÇÃO DE TRANSFERÊNCIA

que quando lhe digo que vá.

P: Quando digo que você quer manter-me encerra-A adicção de transferência despertou menos atenção da, digo uma loucura, mas a verdade é que você se trans-que a neurose, a psicose e a perversão, talvez porque se-forma, nesse momento, em outro.

jam poucos os analistas que tratam adictos (apesar da ex-A: Transformo-me em outro quando você se mete tensão desse flagelo em nosso tempo) e porque não é fácil dentro de si para ficar protegida e encerrada. (Aqui, posso delimitar um tipo especial de vínculo transferencial em interpretar concretamente a identificação projetiva e a con-pacientes como estes, nos quais se juntam os mecanismos seqüente perda de identidade e claustrofobia.) psicológicos com a ação fisiopatológica da droga. Uma di-Ela pode aceitar essa interpretação sem conflito e a ficuldade singular com o adicto é que, se não se põe termo completa dizendo que, ao se sentir louca, volta a me colo-

à ingesta, torna-se difícil a análise e, se interferimos nisso, car na necessidade de continuar cuidando dela.

sofre então a neutralidade analítica.

Na sessão seguinte, entretanto, refratária e angustia-A meu ver, um grande obstáculo para delimitar a da, afirma que, se consinto com sua alta, é porque quero

“adicção de transferência” surge dos limites imprecisos do separar-me dela e não gosto dela. Sente-se infantil e boba.

quadro psicopatológico em que deve sustentar-se. Em pri-

(O infantil pode expressar-se agora, mas não domina o meiro lugar, tanto os autores clássicos (Fenichel, 1945a) ego.) Temia, ao mesmo tempo, que eu modificasse minha quanto os atuais (Dupetit, 1982) consideram que há adic-posição ao vê-la mal. Digo a ela que a idéia de que nunca ção com drogas e sem drogas. A comida, o cinema, a leitu-lhe daria alta a preservava da desilusão que agora sente ra (infelizmente, menos do que antes!), o esporte, os jo-

(Winnicott, 1953).

gos de azar, o trabalho, a TV e, enfim, qualquer atividade humana podem ter o selo da adicção. E não se deve esque-P: É como se tivesse vivido 10 anos para me analisar cer que, em sua carta 79 (22 de dezembro de 1897), Freud e para você. Tenho medo de que esse

espaço volte a re-

(1950a) diz a Fliess que o onanismo é a adicção primordi-construir o vazio de minha vida anterior e que tudo perca al, da qual todas as demais são substitutos. A isso se deve o sentido. Creio que, no fundo de meu coração, sempre acrescentar que não é a mesma coisa ser adicto ao álcool pensei que você jamais me deixaria ir embora.

ou à morfina que à maconha, ao tabaco, ao café, ao chá ou à erva-mate. Inclino-me a pensar que em todos os casos a estrutura mental é a mesma, porém as conseqüências clí-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

nicas são diferentes. É nesse ponto que os fatores quantitativos do conflito psíquico e a ação farmacológica da dro-Apresentei esse material com o desejo de oferecer ga desempenham um papel principal. Como afirmam dados empíricos sobre o desenvolvimento da perversão Goodman e Gilman (1945) em seu célebre tratado, para de transferência, as precauções técnicas que permitem muitos farmacologistas apenas os alcalóides fenantrênicos resolvê-la e os erros mais freqüentes em seu manejo.

do ópio criam dependência fisiológica. Apesar de ser certo A erotização do vínculo analítico, um tipo peculiar de que a dependência psíquica aos barbitúricos, à cocaína e relação narcisista de objeto que procura construir perma-

às anfetaminas pode ser muito grande, a dependência fisi-nentemente uma ilusória unidade sujeito-objeto, a utiliza-ológica não é tão claramente demonstrável como no caso ção da palavra e o silêncio para provocar excitação e impa-dos derivados fenantrênicos do ópio.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 123

De qualquer modo, neste item, considera-se adicto o destruição só é comparável com a fluidez do vínculo paciente que recorre ao álcool e/ou às drogas como seu transferencial, que oscila rápida e continuamente do amor principal recurso para manter o equilíbrio psíquico e pro-até ao ódio, da ternura à violência mais extrema. Susana porcionar-se um alívio da ansiedade e uma sensação de Dupetit (1988) aponta como característica do adicto o te-prazer e de bem-estar. Quando a droga é utilizada para mor aos sentimentos de ternura, pois implicam dependên-contrabalançar o efeito negativo que aparece ao término cia e entrega emocional. Tão logo surgem, despertam uma de sua ação, encerra-se um círculo vicioso que tem

muita reação defensiva instantânea de ódio devastador e criminalidade no estabelecimento da adicção. O impulso do nóso, que não poucas vezes é delatada pelo “olhar do tigre”.

adicto é, por definição, impossível de satisfazer, porquã-Assim como o vínculo do adicto com a droga é versá-

to não nasce de uma necessidade, e sim da avidez.

til e extremo, a transferência com o analista muda rápida-A grande maioria dos autores considera que são gra-mente de sinal, e isso é acompanhado muitas vezes de ves os conflitos pré-genitais (orais e anais) do adicto e que nova ingesta da droga e acting out.

a eles se acrescenta invariavelmente uma grande força das Por caminhos opostos, mas convergentes, a adicção pulsões agressivas. O sadismo e o masoquismo existem de transferência configura-se como um vínculo em que o não apenas no inconsciente desses pacientes, como tam-analista é droga e antidroga: o adicto só pode relacionar-bém claramente em sua conduta e podem ser ativados tanto se verdadeiramente com seu analista quando o converte diante da frustração quanto por obra da inveja. Ao mesmo em sua droga (salvadora e destruidora) e, ao mesmo tem-tempo, e como já assinalaram Abraham (1908b) e Ferenczi po, o vínculo de (sã) dependência analítica é mal-entendi-

(1913), o adicto luta contra tendências homossexuais do (principalmente por inveja) como a ameaça da pior adic-muito fortes e temidas. Muitos autores, como Fenichel, dão ção. O conflito transferencial leva, pois, continuamente à suma importância ao narcisismo e à vulnerabilidade da droga, e nisso reside, a uma só vez, o risco e a esperança auto-estima. No adicto, diz Fenichel (1945), a satisfação da psicanálise da adicção.

auto-erótica (preferentemente oral) e a satisfação narci-Esses conflitos provocam, com freqüência, uma rea-sista encontram-se.

ção terapêutica negativa que, quando é severa, torna-se A partir de Freud e de seus colaboradores imediatos, muito difícil de manejar, ainda mais quando se acrescenta os autores que se ocuparam desse tema coincidem na im-a ela o efeito farmacológico da droga. Nos casos mais gra-portância dos fatores orais, do narcisismo e dos impulsos ves, o tratamento psicanalítico só pode ser feito sob inter-alo e auto-destrutivos; além disso, quase todos comparam nação e tomando-se uma série de precauções (tratamento os períodos de

ingesta e de suspensão da droga com os clínico-psiquiátrico de desintoxicação, terapia familiar coad-ciclos da psicose maníaco-depressiva.

juvante, etc.). É evidente que a adicção aos compostos Sandor Radó (1926) sustentou que o modelo e o pre-fenantrênicos do papaver somniferum requer um tratamen-cursor do orgasmo genital do adulto é a satisfação do bebê to de desintoxicação com internação, e o mesmo ocorre durante a mamada (orgasmo alimentício). É essa satisfa-com a dipsomania alcoólica quando se alcançou a fase crô-

ção arcaica que o adicto, dominado por seu anseio mórbí-nica de Jellinek (1958). No entanto, o bebedor excessivo e do (morbid craving), busca peremptoriamente na droga, a o alcoolista na fase prodrômica (quando aparece o palimp-qual o transporta ao que Radó chama de orgasmo farma-sesto alcoólico ou black-out) podem ser tratados ambula-cotóxico. O anseio mórbido de Radó é, para mim, a voraci-torialmente. Na fase crucial ou básica de Jellinek, o mane-dade ou a inveja, que no fundo são a mesma coisa.

jo do alcoolista no consultório torna-se extremamente proEm geral, os autores pensam que o álcool ou a droga blemático, quando não impossível. Também Simmel (1948) são para o adicto um objeto idealizado e, ao mesmo tem-considera que o dipsômano deve ser tratado em uma clíni-po, um objeto mau e perseguidor. Baseado na teoria das ca, ao passo que os outros tipos (o bebedor social, o bebe-posições de Melanie Klein, Herbert A. Rosenfeld (1960) dor reativo e, até certo ponto, o bebedor neurótico de sua sustenta que no adicto há uma dissociação do objeto in-classificação) podem ser tratados no consultório.

terno em idealizado e persecutório, que logicamente é Como veremos no devido momento, o processo ana-acompanhada de uma dissociação paralela do self. Embo-lítico desenvolve-se a partir de um vínculo de dependên-ra Rosenfeld considere que os adictos têm, em geral, uma cia madura e recíproca entre o analisando e o analista, estrutura similar à da psicose maníaco-depressiva, em que se chama aliança de trabalho, graças à qual se pode a droga opera como uma espécie de mania artificial, pro-analisar a enfermidade que trouxe o analisando ao trata-tegendo o adicto da dor depressiva e das angústias mento. Um traço distintivo da adicção de transferência é persecutórias, ele sustenta que os conflitos básicos do adic-que a dependência analítica tende a se converter em vín-to têm a ver com uma fixação na etapa esquizoparanóide, culo adictivo, de modo que a relação analítica oscila na qual o objeto encontra-se profundamente dividido.

pendularmente entre a dependência e a adicção. É possí-

O adicto tem sempre uma posição sumamente con-vel esperar que o adicto tome a (boa) disposição do ana-traditória frente à sua droga e ao estado que esta lhe pro-lista para tratá-o como adicção; nesse sentido, é necessá-

voca, em que coexistem a idealização exaltada e o rechaço rio interpretar-lhe que ele acredita que o analista está demais severo. A rapidez com que a droga muda na mente pendente dele como de uma droga (Rosenfeld, 1972; do adicto de objeto idealizado que protege de toda dor Dupetit, 1988). Ao mesmo tempo, como adverte Rosenfeld possível a objeto persecutório que ameaça com a mais cruel (1972), se o analisando recebe as interpretações como

124 R. HORACIO ETCHEGOYEN

droga e não como algo equivalente ao objeto originário por um desejo manifesto de se analisar por “todo o tempo (seio), a tarefa do analista consistirá em discriminar entre que for necessário”.

ambos os tipos de relação.

Em um trabalho interessante, Elsa H. Garzoli (1981) Em um lúcido estudo, Sheila Navarro de López adverte sobre o perigo de adicção do analista frente aos (1980) salienta o controle onipotente que o adicto man-sonhos que lhe subministra o paciente. No caso que apre-tém sobre os processos de introjeção e projeção do obje-senta, a analisante (que exibia claros sintomas de adição to, cujos modelos são a ingesta e a defecação. O objeto ao leite, ao café e à aspirina, assim como, também, ao coisifica-se e converte-se em droga (fezes). O analista álcool e às anfetaminas) lhe oferecia, com um tom de voz segue esse destino e, finalmente, chega a ser o adicto da agradável e vivaz, sonhos deveras fascinantes, às vezes de droga que o analisando é. Aqui se configura uma situa-tonalidade aterrorizante e freqüentemente coloridos, so-

ção particularmente dolorosa para o analista, mas que bretudo em vermelho e azul. A analista começou a notar também lhe oferece a possibilidade de interpretar a iden-que, com esses sonhos, a analisante tinha estabelecido um tificação projetiva: a analista era adicta a seu paciente ritmo estereotipado nas sessões, ao qual ela mesma não com o único efeito de satisfazer sua obsessão de curá-la era alheia, à medida que se deixava levar mais pelo atrati-e limpá-la, ou seja, usando-a como um objeto-coisa para vo do relato do que pelo processo

– que, além do mais, se resolver seus próprios problemas. Desse modo, a bonda-havia detido. Como adverte sagazmente a autora, por nossa de do objeto que repara fica substituída (por inveja) pela dependência real do sonho como inegável material privile-suja necessidade de se limpar através do paciente (1980, giado, via régia do inconsciente, a armadilha de cair ali, em p. 1158).

uma atitude de adição contratransferencial, é muito grande.

Vimos anteriormente, no sexto item do Capítulo 12, Digamos, para concluir, que o dispositivo analítico que até o amor de transferência pode assumir um caráter presta-se para que se estabeleça caladamente um vínculo adictivo. Acrescentemos agora que a situação analítica em adictivo e que sempre teremos de estar atentos para que si mesma pode converter-se em uma adicção, tanto mais não interfira pesadamente na marcha do processo analíti-difícil de resolver quando o impulso adictivo é recoberto co e em seu término.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 125

15

Transferência Precoce:

Fase Pré-edípica ou Édipo Precoce

RECAPITULAÇÃO

se relaciona com o manejo da situação transferencial, e não estritamente com sua análise. Por outro lado, sendo a Nos capítulos anteriores, revisamos o conceito de neurose de transferência por definição a parte do pacien-neurose de transferência, procurando dar-lhe um sentido te mais próxima da realidade, tudo o que possa legitima-mais específico ao compará-lo e contrastá-lo com outras mente reforçá-la será bom, sempre que não se confunda formas psicopatológicas. Como o leitor certamente lem-reforçar com estimular.

brará, há autores que preferem falar de neurose de trans-O tema deste capítulo, a transferência precoce, impliferência e formas especiais de transferência, como, por ca uma nova ampliação do conceito de transferência (ou exemplo, Sandler e colaboradores (1973). Para eles, não de neurose de transferência). É outra “forma especial” de existe propriamente uma psicose de transferência, mas uma transferência, que já não tem a ver com a configuração neurose de transferência em que a psicose põe um selo psicopatológica, e sim com o

desenvolvimento, com crité-

especial. Nós tomamos uma posição oposta e afirmamos rios evolutivos.

que o fenômeno transferencial, na psicose, está baseado Para começar, convém perceber que, apenas pelo fato em sua psicopatologia especial e autóctone. Se quisermos de tratá-lo, já estamos tomando uma posição frente a esse entender a transferência no psicótico e o próprio psicótico, tema, ou seja, pensamos que essa transferência existe e teremos de descobrir a forma específica de transferência que se pode defini-la, caracterizá-la e estudá-la com os que lhe corresponde.

métodos da psicanálise. Apesar desse ponto de vista ainda Esse conceito tarda em se impor; porém, uma vez ser controvertido, penso que há uma franca tendência a compreendido, damo-nos conta de que não poderia ser de aceitá-lo cada vez mais.

outra maneira. O que se pode esperar de um adicto, senão que procure manter, com o analista, o vínculo próprio de sua doença, tomando-o por uma droga?

A NEUROSE INFANTIL

Além disso, dissemos que nunca existe um quadro de neurose pura, mas que há sempre, em cada caso, uma A neurose do adulto, disse reiteradamente Freud, e mistura de aspectos neuróticos e psicóticos, psicopáticos, depois também Wilhelm Reich em seu livro Análise do ca-adictivos e perversos; por conseguinte, sempre haverá uma ráter (1933), tem sempre sua raiz na infância, na chama-psicose de transferência e uma psicopatia de transferên-da neurose infantil, e esta é a que aparece na análise como cia, etc., concomitantes à neurose de transferência em sen-neurose de transferência em sentido estrito.

tido estrito. Os ingredientes mudam em cada caso e tam-Pois bem, a neurose de transferência está indissolu-bém de momento a momento, de sessão a sessão, de nivelmente ligada à situação edípica. O nível de integração nuto a minuto, e isso nos obriga a ficar sempre atentos, neurótica é alcançado quando se consegue superar uma prestando atenção preferencial aos fenômenos que domi-etapa do desenvolvimento – longa, não tanto em tempo, nam o quadro clínico, que de fato o caracterizam em cada mas sim em esforço – que nos leva até o ponto em que já circunstância. A outra metodologia, ao contrário, é mais se pode diferenciar o ego do objeto e também os objetos perigosa, porquanto pode levar-nos a impor ao paciente o

entre si, em que se pode reconhecer que há um pai e uma tipo neurótico de funcionamento quando não é o que se mãe, frente aos quais temos de estabelecer uma estratégia enquadra a ele. Em outras palavras, se formos mais preci-relacional. Esse tipo de vínculo, que, como Freud demons-sos ao descrever os fatos, poderemos compreender me-trou, está muito ligado a fatores instintivos, é o que se lhor nossos pacientes.

chama de complexo de Édipo. Como diz Elizabeth R. Zetzel Pode ser que, por razões táticas, em um dado mo-

(1968), somente quando se conseguiu superar o nível mento tentemos reforçar os aspectos neuróticos da trans-diádico do desenvolvimento é que se pode estabelecer ver-ferência, que são os mais acessíveis, mas deveremos estar dadeiramente a situação edípica. Desse ponto de vista, o plenamente conscientes de que estamos fazendo algo que complexo de Édipo implica um grau de maturação muito

126 R. HORACIO ETCHEGOYEN

grande, pois significa ter resolvido os problemas com cada A análise foi breve, já que durou apenas dois meses e um dos pais em separado e estar em condições de estabe-meio, mas foi, sem dúvida, intensa e a analista não deixou lecer uma relação com ambos simultaneamente. A esse de utilizar a técnica ativa quando lhe pareceu necessário.

nível de desenvolvimento corresponde estritamente, repita-A partir dos sonhos e da transferência, foi possível recons-mo-lo, a neurose de transferência

truir uma época de jogos sexuais com a irmã, que se inici-Muitos autores, sobretudo psicólogos do ego, pen-aram quando a paciente tinha 2 anos e foram interrompi-sam que somente quando se atinge esse grau de maturação dos aos 4, ao ser tirada de casa. Os jogos, que consistiam é factível o tratamento psicanalítico, porque então o futu-em masturbação clitoridiana recíproca na cama e no ba-ro analisando será capaz de distinguir entre realidade e nho, reproduziram-se em muitos dos sonhos da análise, fantasia, entre o externo e o interno ou, em termos mais fac-similarmente em um deles, que se transcreve: “Uma técnicos, entre a neurose de transferência e a aliança tera-pessoa a quem a paciente chama de Luisa, mas que por pêutica. Se essa etapa do desenvolvimento não foi al-todos os outros aspectos sou eu, a deita na cama com ela.

cançada, o indivíduo será inanalísável, porque não poderá A paciente

deita-se com a cabeça sobre os pés da irmã colaborar conosco e porque, desde já, as vicissitudes da para alcançar melhor os genitais. Luisa tem em torno de relação analítica o levarão, por via da regressão, aos pro-12 anos e a paciente por volta de 2, e é muito pequena.

blemas não-resolvidos do começo de sua vida.

Masturbam-se reciprocamente, de forma simultânea. Luisa ensina-lhe a manter os lábios abertos com uma mão e a esfregar o clitóris com a outra. Todo o ato ocorre sob as O DESENVOLVIMENTO PRÉ-EDÍPICO

cobertas. De imediato, tem o orgasmo mais intenso de que recorda, uma convulsão de todo o seu corpo seguida, um Ninguém duvida, certamente, que há um desenvol-momento depois, da mesma reação por parte de sua irmã.

vimento psicológico que se estende desde o nascimento Depois, Luisa a toma com amor entre seus braços e a abra-

(ou antes) até que a criança ingressa no conflito edípico, ça estreitamente. O sonho possui uma sensação de abso-tal como acabamos de descrevê-lo. Mas, o que acontece, luta realidade” (1928b, p. 627).

então, antes do complexo de Édipo? Situa-se ali, justamen-Mais adiante, lembrou que, quando esteve de volta à te, a chamada etapa pré-edípica, que abrange os dois pri-sua casa, aos 5 anos, os jogos sexuais com a irmã assumi-meios anos de vida e corresponde às fases pré-genitais do ram outro caráter, com estimulação vaginal (e não só cli-desenvolvimento, oral e anal.

toridiana).

É clara para todos, com certeza, a importância dessa Ao assentar suas conclusões sobre esse caso, Mack etapa. Freud ocupou-se dela reiteradamente, em especial Brunswick considera que a ligação da paciente com a irmã em seus trabalhos sobre a sexualidade feminina (1931b, ocorreu em um ponto muito precoce do desenvolvimento, 1933a, conferência nº 33), nos quais afirma que na mu-quando tinha um ano de idade, época em que, pela doen-lher assume um caráter particularmente importante; po-

ça da mãe, a irmã encarregou-se de sua criação.

rém, quem iniciou formalmente seu estudo foi Ruth Mack Afirma

também a autora, que “o ponto mais surpre-Brunswick, com seu caso de delírio de ciúmes, publicado endente, neste caso, é a ausência total do complexo de em 1928.

Édipo” (p. 649). O material é radicalmente pré-edípico, e Tratava-se de uma mulher de 30 anos, casada, que o pai não intervém em absoluto. Não se trata de uma re-foi levada à análise por fortes sentimentos de ciúmes e gressão a partir do complexo do Édipo, precisa Mack uma séria tentativa de suicídio. Era a mais moça de cinco Brunswick, mas de uma fixação a uma fase anterior, o que irmãos e sua mãe havia morrido quando ela tinha 3 anos.

só pode ser explicado pelo trauma homossexual precoce e Sua irmã mais velha, que a excedia em 10 anos, a tinha profundo que sobreveio no nível pré-edípico.

criado como mãe substituta. Débil mental e promíscua, essa irmã, chamada Luisa, foi por toda a vida enurética e morreu de paralisia juvenil em um hospital psiquiátrico de A FASE PRÉ-EDÍPICA DE

Viena.

RELAÇÃO COM A MÃE

A paciente casou-se aos 28 anos e, pouco depois, co-meçou o delírio de ciúmes, com a idéia de que seu esposo Mack Brunswick continuou sua investigação por uma havia tido relações com a madrastra. Essas idéias logo a década, em estreito contato com Freud, e publicou-a no dominaram por completo e começou a se sentir observada número em que o Psycho-Analytic Quarterly comemorou a pelas pessoas da rua.

morte do mestre. Para a autora, o ponto de partida de sua Pouco depois da morte de sua primeira esposa, o pai investigação é o delírio de ciúmes, de 1928, que “revelou voltou a se casar e, com a chegada da madrastra, a pacien-uma rica e insuspeitada informação concernente a um te foi enviada ao campo para viver com uns parentes disperiado até agora desconhecido, precedente ao complexo tantes e lá esteve dos 4 até os 11 anos. Quando tinha 5

de Édipo, sendo denominado, em consequência, pré-

anos, porém, foi trazida do campo para passar um tempo edípico” (Revista de Psicoanálisis, v.1, p. 403).

em sua casa. Três anos depois de seu regresso definitivo Nesse trabalho, “A fase pré-edípica do desenvolvimen-ao lar, sua irmã, então

com 24 anos, ingressou no hospital to da libido”, Mack Brunswick define com precisão essa psiquiátrico, onde morreu cinco anos depois.

etapa como “o período durante o qual existe uma relação

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 127

exclusiva entre a criança e a mãe” (ibid., p. 405). A crian-no corpo da mãe, com o chamado par combinado, o corpo ça reconhece, com certeza, outros indivíduos no mundo da mãe que contém o pênis do pai. Em outras palavras, exterior, especialmente o pai, mas não ainda como rival.

para Klein, a criança estabelece uma relação muito preco-No começo, o que melhor define a relação de objeto ce com o corpo da mãe e, quando começa a discriminar é a polaridade ativo-passivo. O papel da mãe é ativo, não-um objeto especial que está ali dentro, que é o pênis do feminino, e tanto o menino quanto a menina dão por cer-pai, já ingressa na situação edípica.

to que todos os seres têm um genital como o seu. É a etapa Em Innsbruck, Melanie Klein proclama que o com-que Jones chamou de protofálica, no Congresso de plexo de Édipo inicia-se pelo final do primeiro ano da vida Wiesbaden de 1932.¹ Com a descoberta de que há seres e descreve a relação da criança com o corpo da mãe em que possuem um órgão genital distinto, estabelece-se um que, no compasso do estabelecimento da fase anal e do segundo par de antíteses, fálico-castrado (etapa deuterio-vestimento das fezes, instaura-se o que ela chama de a fálica de Jones). Para Mack Brunswick, o período fálico fase feminina, de valor fundamental no desenvolvimento começa no final do terceiro ano, quando a criança está de ambos os sexos.

interessada na diferença dos sexos e desenvolve-se o comO conceito de transferência precoce é o corolário plexo de Édipo, com as particularidades que Freud estabe-natural dessas hipóteses, apesar de a idéia ser redefinida lece para o menino e a menina.

e precisada ao longo dos anos.⁴

Apesar de seguir de perto as idéias de Freud sobre a fase fálica (1923e) e a sexualidade feminina, Mack Brunswick propõe mudanças significativas que a aproximam, em cerAS ORIGENS DA TRANSFERÊNCIA

tos pontos, de Klein, como, por exemplo, sua afirmação de que o

desejo de um bebê é, em ambos os sexos, prévio ao Convém enfatizar que o conceito de transferência desejo (da mulher) de ter um pênis,² embora Mack Brunswick precoce apóia-se, para Klein, em fatos da base empírica, explique-o por uma identificação (primária) com a mãe ativa naquilo que ela descobre nos anos 20, com sua técnica e, em consequência, não tem a ver com o complexo de Édipo, do jogo; porém a formalização de seus achados demorou nem com a pulsão genital.³

a acontecer. O artigo que se intitula “The origins of trans-Para Mack Brunswick, a terceira polaridade, a de ference” foi apresentado no Congresso de Amsterdã de masculino-feminino, só é atingida com a maturação sexual 1951 e publicado no International Journal do ano se-da adolescência e a descoberta, por ambos os sexos, da guinte. É claro e sistemático como poucos artigos de vagina.

Melanie Klein, sendo o único que ela escreveu sobre o tema.

Tal fato não deixa de chamar a atenção porque, com O COMPLEXO DE ÉDIPO PRECOCE

ou sem razão, uma das maiores objeções feitas a Klein é que interpreta em demasia a transferência. Os analistas Um pouco antes da investigação de Ruth Mack que, em Buenos Aires ou Montevideu, abandonaram a te-Brunswick, desenvolve-se a de Melanie Klein. Em vários oria kleiniana para voltar a Freud ou dirigir-se a Lacan de seus trabalhos, ela descreve os conflitos da criança nos registram eles mesmos que uma de suas primeiras mudan-primeiros dois anos de vida. Entre outros trabalhos da mes-

ças foi começar a pôr menos ênfase na transferência. Essa ma década, destaca-se, nesse ponto, o que apresentou ao mudança na práxis sustenta-se com vários argumentos te-Congresso de Innsbruck em 1927, “Early stages of the óricos, por exemplo, que se deve atender mais a história Oedipus conflict”, publicado no International Journal do que o presente, ou seja, que se deve reconstruir, mais do ano seguinte.

que interpretar, que se deve interpretar as transferências Klein utiliza o termo desenvolvimento precoce e não com as figuras importantes da realidade não menos que pré-edípico, porque, para ela, o complexo de Édipo surge com o analista, etc. Essa controvérsia deve ficar para mais antes do que dizia Freud: descreve-o no final de primeiro adiante, quando estudarmos a interpretação, mas aqui cabe ano da vida (1928), na metade do primeiro ano (1932) e dizer que há muito de

ideológico nessas proposições. A aos três meses (1945, 1946). Para diferenciá-lo do que verdade é que nunca se deve interpretar sobre a base de Freud descreveu aos três anos, chama este de complexo de pressupostos e é tão equivocado interpretar a transferên-

Édipo precoce, em que os objetos não são totais, o pai e a mãe onde ela não está quanto deixá-la de lado.

mãe não estão discriminados e todo o drama transcorre 4 É importante assinalar que já em 1929, em "Personification in 1 "The phallic phase" (International Journal, 1933).

the play of children", Melanie Klein oferece um conceito original 2 "Contrary to our earlier ideas, the penis wish is not exchanged da transferência, do qual nos ocupamos oportunamente, de acordo com o qual a transferência tem a ver com a personificação, it" (The psycho-analytic reader, editorado por Robert Fliess, Nova York: International Universities Press, 1948, p. 245).

ego consegue diminuir o conflito interno com o superego e o id, 3 Para uma comparação mais detalhada entre Melanie Klein e colocando no analista as imagens internas que lhe provocam an-Klein, ver R. H. Etchegoyen e colaboradores (1982b).

siedade.

128 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Apoiada na clássica definição de Freud, no epílogo external or internal; in other words, object-relations are do caso "Dora", Klein sustenta que a transferência opera at the centre of emotional life. Furthermore, love and ao longo da vida inteira e influi em todas as relações hu-hatred, phantasies, anxieties, and defenses are also oper-manas. Na análise, revive-se gradualmente o passado e, rative from the beginning and are ab initio indivisibly linked quanto mais profundamente penetrarmos no inconscien-with object-relations. This insight showed me many te e quanto mais atrás pudermos levar o processo analíti-phenomena in a new light" (Writings, v.3, p. 52-53).*

co, tanto maior será nossa compreensão da transferência.5

Essa firme tomada de posição inicia com o que Klein Desse modo, Klein dá um valor universal ao fenômeno de observou em seus primeiros anos de trabalho com a técnica-transferência e advoga por

levar seu estudo aos níveis mais ca lúdica e chega a ser, finalmente, uma proposta episte-arcaicos da mente.

mológica e formal que procura dar conta do problema, A afirmação básica desse trabalho é que as etapas redefinindo-o. Embora seja certo que me inclino a seguir precoces do desenvolvimento aparecem na transferência Klein nesse ponto, considero que o problema está longe e, por isso, podemos captá-las e reconstruí-las. Essa asse-de ser resolvido. A verdade é que, à medida que nos apro-veração é informada implicitamente por toda a obra ximamos das origens, as dificuldades são maiores e o mé-

kleiniana, não é nova, mas aqui é exposta concretamente: todo analítico por excelência, isto é, a reconstrução do a transferência é um instrumento idôneo, sensível e passado por meio da situação transferencial, torna-se cada confiável, para reconstruir o passado precoce. Poucos anos vez mais falível. Por outro lado, não se deve confiar que depois, no primeiro capítulo de Inveja e gratidão (1957), outros métodos possam resolver o problema, porque falta chamará de “memories in feelings”, recordações de sentia eles, justamente, o que é a essência da psicanálise, a mentos (ou sensações), essas reconstruções primeiras.

transferência, o fenômeno intersubjetivo. Isto não quer Nesse capítulo, e apoiada no Freud de “Construções”

dizer, de maneira alguma, que os outros métodos sejam (1937d), afirma que o método reconstrutivo da psicanáli-desdenháveis: valem por si mesmos e podem ser uma aju-se é válido para esclarecer a relação da criança com o seio.

da importante para a psicanálise, porém não podemos en-Nisso repousa, justamente, sua discutida afirmação de que caminhar-lhes o que é inerente à nossa disciplina.

existe uma inveja primária ao seio, porque ela a vê apare-Klein afirma enfaticamente em seu trabalho que suscer na transferência e a partir dali a reconstrói.6

tentou essa teoria por muitos anos, mas a verdade é que só aqui se pronuncia explicitamente. É provável que Klein tenha vacilado, mais do que ela mesma pensa, em aban-NARCISISMO E RELAÇÃO DE OBJETO

donar a teoria do narcisismo primário, ou pelo menos em proclamá-lo. Em meados da década de 30, quando Joan A base teórica desse artigo

é que a relação de objeto Rivière viajou para Viena para ler, em 5 de maio de 1936, aparece logo, com o começo da vida. Klein expõe assim,

“On the genesis of psychical conflict in earliest infancy”,⁷

pela primeira vez, uma discrepância com Freud e com Anna vê-se que lhe custa abandonar a hipótese do narcisismo Freud que vem de longe. Não apenas rechaça sem con-primário; porém, o mais significativo é que, quando publi-templações a teoria do narcisismo primário, mas vai mais ca, em 1952, esse trabalho em *Developments in psycho-longe* ainda ao proclamar que a vida mental não pode acon-analysis, ainda continua vacilando. Se, como parece legi-

tecer no vazio, sem relação de objeto: onde não há rela-timo, tomamos Rivière como um porta-voz autorizado da ção de objeto também não há, por definição, psicologia.

escola kleiniana, isso quer dizer que as dúvidas persistiam Há, pois, estados auto-eróticos e narcisistas, mas não fa-pouco antes do Congresso de Amsterdã. Quando intervém ses: states, não stages.

na memorável polêmica de Joan Rivière e Robert Wälder,

“The hypotesis that a stage extending over several Balint (1937) diz que a teoria do narcisismo primário uni-months precedes object-relations implies that – except for fica, de algum modo, Viena (Anna Freud) e Londres the libido attached to the infant’s own body – impulses, (Melanie Klein). É a escola de Budapeste (Ferenczi) a que phantasies, and defenses either are not present in him, or não tem temor em denunciá-la, com aquilo que Balint cha-are not related to an object, that is to say, they would ma, seguindo Ferenczi (1924), de amor objetal primário.

operate in vacuo. The analysis of very young children has Creio, enfim, como Balint, que a decisão de abando-tought me that there is no instinctual urge, no anxiety nar o narcisismo primário como hipótese dá-se antes em situation, no mental process which does not involve objects, Budapeste do que em Londres. Embora toda a sua obra esteja orientada nessa direção, Klein não se decide facilmente a abandonar as teorias freudianas.⁸

5 Writings, v.3, p. 48.

6 Sem me propor a isso, estou rebatendo os que dizem que Melanie

*N. de R.T. Em inglês, como no original.

Klein interpreta e não reconstrói. A verdade é que Klein recons-7 Publicado no International Journal desse mesmo ano e em trói, reconstrói muito e às vezes em demasia, só que suas recons- Developments in psycho-analysis em 1952. A nota em que Rivière truções nem sempre são como as de Freud, que não levam em reafirma, embora atenua, sua adesão à hipótese do narcisismo conta o desenvolvimento precoce. Quando reconstruímos o deprimário figura na página 41 do livro e está datada de 1950.

envolvimento precoce, não recuperamos lembranças (encobri-8 Para mais detalhes, ler o artigo “Notas para una historia de la doras), e sim engramas.

escuela inglesa de psicoanálisis” (Etchegoyen, 1981a).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 129

TRANSFERÊNCIA E FANTASIA INCONSCIENTE

dirá, desde os seus primeiros trabalhos – e não mudará pelo resto de sua vida – que o analista deve interpretar Quando se aplica a teoria da fantasia inconsciente sempre imparcialmente, tanto a transferência positiva para explicar a transferência, o campo amplia-se notoria- quanto a negativa, seja seu paciente uma criança ou um mente. Essa teoria, formalizada por Susan Isaacs nas adulto, um neurótico ou um psicótico. É interessante assi-Controversial discussions da Sociedade Britânica de 1943 e nalar que, nesse assunto, Anna Freud toma uma posição 1944 (e publicada no International Journal de 1948), é a bastante estrita: quando Hermine von Hug-Hellmuth leu coluna vertebral da investigação kleiniana. Segundo Isaacs, seu trabalho pioneiro no VI Congresso Internacional de a fantasia inconsciente está sempre em atividade, está sem-La Haya em setembro de 1920,10 advogou por interpre-pre presente. Se isso é assim, então poderemos interpretar tanto a transferência positiva quanto a negativa. Anna tar toda vez que captemos como está operando, em um Freud concorda com Hug-Hellmuth, no entanto, que as dado momento, a fantasia inconsciente. Desse modo, o medidas pedagógicas são necessárias na análise de crian-analista tem maior liberdade para interpretar, sem neces-

ças, o que Klein combate ardorosamente no Symposium sidade de que haja uma ruptura do discurso, como, por on Child-Analysis, ocorrido em maio de 1927 na Socieda-exemplo, dirá Lacan. O analista

kleiniano não tem de es-de Britânica.

perar essa ruptura do discurso, porque a fantasia subjaz Ao entender o fenômeno transferencial com o ins-ao conteúdo manifesto mais coerente. Embora eu fale com trumento teórico da fantasia inconsciente, Klein afirma lógica irretocável, debaixo do que digo estão minhas fan-por último, como já dissemos, que se podem recuperar na tacias ao nível do processo primário.

transferência aspectos ligados ao desenvolvimento psíqui-Pois bem, como expressão típica do sistema Icc, a co precoce. Tal fato implica que há áreas da transferência fantasia inconsciente sempre opera, em algum nível, com que têm a ver com o seio, com o pênis, com a figura comos objetos primários e com essa porção de libido insatis-binada. O campo ampliou-se, portanto, notoriamente.

feita que voltou a carregá-los por via regressiva (introver-Então, a convergência destes três fatores – a ação são). Disso decorre, silogisticamente, que a transferência contínua da fantasia inconsciente, a interpretação da trans-está sempre aludida e, embora em grau variável, está sem-ferência negativa e a existência de uma transferência pre-pre presente. Por isso, Klein diz em Amsterdã, a transfe-coce – explicam por que os analistas kleinianos interprerência opera não apenas nos momentos em que o paciente tam a transferência mais do que os outros. É claro que alude de forma direta ou indireta ao analista – ou nas rup-esses três princípios podem ser questionados, mas não po-turas do discurso, acrescentemos –, mas permanentemen-demos ser acusados de inconsistência entre nossos princí-

te, e tudo é questão de saber detectá-la.

pios e a práxis.

No próximo item, veremos como Melanie Klein concebe essa transferência chamada de precoce.

PULSÕES E OBJETOS NA TRANSFERÊNCIA

Com o que acabamos de ver, compreende-se por que ANGÚSTIAS
PARANÓIDES E

os analistas kleinianos interpretam mais a transferência,
DEPRESSIVAS NA TRANSFERÊNCIA

porém ainda há mais. Os analistas dessa escola atentam mais do que

os outros à transferência negativa e abran-A tese central do trabalho de Amsterdã é que a trans-gem, também, o desenvolvimento precoce.

ferência parte das angústias persecutórias e depressivas É distintiva da técnica kleiniana a ênfase na transfe-que iniciam o desenvolvimento.

rência negativa. Seus detratores a criticam porque insiste No começo da vida, a criança tem uma relação diádica muito nela; os que a defendem dizem que simplesmente com o seio da mãe, em que predominam os mecanismos não a evitam. Além dessa controvérsia, fica de pé que os de dissociação que determinam a divisão do objeto em kleinianos interpretam mais a transferência negativa.

dois, bom e mau, com a conseqüente clivagem no ego e Desde seus primeiros trabalhos, Melanie Klein sus-nos impulsos. As pulsões de amor dirigem-se, e ao mesmo tentou que a transferência negativa deve ser interpretada tempo, projetam-se no seio bom, que se transforma no sem postergação, nem vacilações.⁹ Esse é um ponto em centro do amor do bebê e fonte da vida, enquanto o ódio que sua polêmica com Anna Freud tornou-se mais paten-

é projetado no seio mau, que desperta a angústia persecu-te. Anna Freud disse, em seu *Einführung in die Technik der tória e* (logicamente) a agressão. Durante esse período, *Kinderanalyse* (1927), que a transferência negativa deve que configura a posição esquizoparanóide e abrange os três ser evitada na análise de crianças, que é imprescindível ou quatro primeiros meses de vida, o sujeito é basicamen-reforçar, na criança, os sentimentos positivos e encaminhá-

te egocêntrico e a preocupação pelo objeto é nula.¹¹

la com medidas pedagógicas. Melanie Klein, ao contrário, ¹⁰ Publicado no *International Journal* em 1921, com o título “On the technique of child-analysis”.

⁹ O mesmo dizia, em seu Seminário de Técnica de Viena, Wilhelm ¹¹ Como se sabe, em seu ensaio de 1948 sobre as origens da Reich nessa época, certamente com outro background teórico.

ansiedade e da culpa, Klein atenuou essa afirmação.

130 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Portanto, a teoria da relação (precoce) de objeto de Conjuntamente com a posição depressiva, inicia-se o Melanie Klein pode ser resumida, em uma só frase: a crian-complexo de Édipo (precoce), já que os

processos de que sente toda experiência como o resultado da ação de integração que acabamos de descrever implicam, por um objetos. Disso decorre que, logicamente, os objetos serão lado, a autonomia do objeto e, por outro, o reconheci-classificados como bons ou maus segundo suas ações se-mento do terceiro.

jam sentidas como positivas ou negativas, benéficas ou De outro ponto de vista, podemos dizer que o desen-maléficas, com seu correlato no sujeito, a dissociação do volvimento baseia-se, para Klein, nos processos de proje-ego e a polarização dos instintos de vida e de morte. Esse ção e de introjeção que operam desde o começo da vida: tipo de relação, em que predominam a angústia persecu-aqueles condicionam a relação com o objeto externo e a tória e a clivagem (splitting), é acompanhado de sentimen-realidade exterior; estes, com o objeto interno e a realida-tos de extrema onipotência e mecanismos de negação e de de psíquica (fantasia). E ambas se influenciam mutuamen-idealização do objeto bom (para contrabalançar a perte, já que a projeção e a introjeção funcionam em consequição).

tinuidade.

Essa situação muda, à medida que os processos de É justamente sob a égide desses dois processos fun-integração vão consolidando-se. O seio bom que dá e o dantes que se constitui a relação de objeto e são demar-seio mau que frustra vão aproximando-se na mente do cadassuas duas áreas, o mundo externo (realidade) e o bebê e, por consequência, os sentimentos de amor por mundo interno (fantasia). Então, entende-se que, para aquele começam a se juntar com os de ódio por este, o que Klein, a transferência tenha a ver com mecanismos introje-traz uma mudança radical frente ao objeto, que Melanie tivos e projetivos, como por sua vez afirmaram Ferenczi Klein chama de posição depressiva. O que melhor define as (1909) e Nunberg (1951), e que sustente também que a duas posições kleinianas é, sem dúvida, a natureza da an-transferência origina-se nos mesmos processos que deter-siedade, centrada primeiro no temor à destruição do ego minam a relação de objeto nas fases mais precoces do e depois no temor a que o objeto (bom) seja destruído – e, desenvolvimento..(Writings, v.3, p.53) Entende-se, por isso, com ele, o próprio ego.

que Klein chegue à conclusão de que a transferência deve Para Melanie Klein, a posição depressiva é básica para ser entendida não apenas como referências diretas ao ana-o desenvolvimento, pois estrutura o psiquismo e a relação lista no material do analisando, já que a transferência predo sujeito com o objeto, com o mundo. Implica

a capaci-coce, enquanto afunda suas raízes nos estratos mais pro-dade de simbolizar e de reparar, de se separar do objeto e fundos da mente, leva a ver o fenômeno como muito mais de lhe conceder autonomia.

amplo e abrangente.(p.55)

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 131

16

Transferência Precoce:

Desenvolvimento Emocional Primitivo

INTRODUÇÃO

e, por fim, nos últimos anos de sua vida, quando propôs a teoria da inveja primária.

Como vimos no capítulo anterior, o termo transferên-A ênfase que Klein atribuía ao sadismo oral e sua cia precoce abrange os aspectos mais arcaicos, mais remo-forma de interpretar diretamente às crianças as fantasias tos do vínculo transferencial. É um tema complexo e con-sexuais causaram muita agitação em Berlim, embora Klein trovertido, porque não há, em absoluto, acordo entre os não fizesse mais do que confirmar os achados de Abraham, investigadores do desenvolvimento precoce. Além disso, chefe indiscutível dos analistas alemães. Contudo, essas seja qual for esse desenvolvimento, ainda se deve verificar tensões duraram pouco, porque Klein deixou Berlim e ins-depois se é suscetível de ser captado e resolvido na análise.

talou-se em Londres em 1926, pouco depois da morte de Seguimos o itinerário de duas grandes investigações, Abraham, no Natal de 1925.

iniciadas nos últimos anos da década de 1920 por Melanie Em Londres, houve uma época em que toda a Socie-Klein e Ruth Mack Brunswick. Não creio ser parcial se afir-dade girava em torno de Melanie Klein, até meados da mo que a obra de Klein é mais transcendente que a de década de 1930; porém, quando escreve “A contribution Mack Brunswick, que, pela enfermidade e pela morte, não to the psychogenesis of manic-depressive states” para o chegou a se desenvolver plenamente.

Congresso de Lucerna de 1934, muitos não a seguiram, A rota aberta por Melanie Klein, com seus trabalhos entre eles Glover, que se declarou abertamente em desadas décadas de 1920 e de 1930, graças

ao instrumento cordo, considerando que se havia afastado por completo que ela mesma se proporcionou, a técnica do jogo, cul-de Freud e da psicanálise.

mina na metade do século XX com “The origins of trans-O terceiro momento de tensão sobreveio em 1955

ference” (1952a). Embora tenha sido combatida vivamen-quando apresentou, no Congresso de Genebra, seu traba-te, a presença do tema na psicanálise atual parece dar-lho sobre a inveja. Ali se afastaram decididamente Paula lhe a razão. Não se deve esquecer que Anna Freud, a Heimann, que havia sido seu braço direito durante muitos outra grande figura da psicanálise de crianças, pensava anos, e Winnicott, que é quem nos interessa neste mo-que não era possível, de modo algum, ter acesso a essa mento. Quando, em março de 1969, realizou-se na Socie-

área, e assim o afirmaram muitos analistas esclarecidos, dade Britânica o chamado Simpósio sobre inveja e ciúmes, como, por exemplo, Robert Wälder (1937) em sua via-que nunca foi publicado, Winnicott declarou formalmen-gem a Londres.

te que, a partir daquele momento, ele tinha uma discre-Depois de Melanie Klein, houve por certo outros in-pância maior com Melanie Klein; que não queria ser injus-vestigadores que se ocuparam do tema, corroborando al-to e mal-agradecido, mas acreditava que, com esse traba-guns de seus pontos de vista e retificando ou refutando lho, Melanie Klein havia tomado um caminho equivoca-outros.

Mencionemos, entre os principais, Winnicott, do: a idéia de inveja primária é insustentável.¹ Como se Meltzer, Margaret Mahler, Bion, Kohut, Bleger, Kernberg, sabe, Winnicott nunca aceitara a teoria do instinto de morte Esther Bick e Balint. Entre eles, vamos tomar como eixo e não é de surpreender, então, que não admitisse uma in-de nossa exposição Winnicott, que oferece um desenvolvi-veja primária.

mento original e atraente, enquanto consideraremos os A idéia básica de Melanie Klein, em geral, era de que outros em sua oportunidade, isto é, quando se relaciona-a criança pode sentir inveja do seio que a alimenta e que a rem com a técnica psicanalítica.

alimenta bem. Essa idéia foi e continua sendo muito com-Sem ânimo de reabrir polêmicas que já estão encerradas, direi que, em três momentos de sua carreira, Melanie Klein tropeçou em uma forte oposição do establishment psicanalítico: quando apresentou seus primeiros trabalhos ¹ Cito de memória, mas creio que fidedignamente,

já que pude em Berlim, no começo da década de 1920; cerca de 10

ler o Simpósio porém não transcrevê-lo, porque não é um docu-
anos depois, ao introduzir o conceito de posição depressiva; mento público.

132 R. HORACIO ETCHEGOYEN

batida – hoje talvez menos do que antes. Freud havia dito ferência.
Visto que se pode dizer que essa parte do desen-algo similar com
respeito à inveja do pênis na mulher, mas volvimento não é
mentalizada, Winnicott chegará a pen-não havia levantado objeções
tão fortes. Paula Heimann sar que o desenvolvimento emocional
primitivo estará vin-diz no mesmo Simpósio, quando se separa de
Melanie Klein, culado a alguma função do analista, que é isomórfica à
que a introdução do conceito de inveja do seio muda subs-dos
cuidados maternos.

tancialmente a teoria da libido, porquanto os afetos vêm a Sem
desconhecer que os cuidados maternos são im-ocupar o lugar dos
instintos. Porque a inveja, em todo caso, portantes, Klein acredita, no
entanto, que a criança parti-

é um afeto, um sentimento, e ela não pode seguir Klein cipa de início.
Winnicott não pensa assim, já que a criança nesse flagrante desvio da
teoria instintiva. Paula Heimann, não tem mente. Segundo ele, a
mente aparece para com-na realidade, poderia ter dito o mesmo a
Freud, quando pensar a deficiência dos cuidados maternos. Com isso,
ele introduziu a teoria da inveja do pênis para explicar a erige-se uma
das idéias mais importantes de Winnicott, a psicologia da mulher.
Entretanto, as coisas não são pura-de falso self, que ele desenvolve ao
longo de toda sua obra mente científicas. Nem Paula Heimann, nem
Winnicott e, em especial, em “Ego distortion and the true and false
sentem-se incompatíveis com Freud, embora pudessem self” (1960a).
O falso self é sempre consequência de uma sentir-se assim, tanto ou
mais do que com Klein.

falha da criação, a tal ponto que, a menos que as circuns-Poderia
dizer, em conclusão, que Glover deixa de ser tâncias externas
permitam abandonar essa situação, o in-kleiniano, com a teoria da
posição depressiva e Winnicott, divíduo irá fazê-lo. Se o analista sabe
conduzir a análise e com a teoria da inveja primária. Todavia, o que
nos intedá ao paciente a oportunidade de regressar, o indivíduo ressa
não é defender posições, e sim assinalar o posiciona-volta para trás e
começa de novo seu caminho. Winnicott mento e o ponto de partida
de Winnicott, autor que faz sustenta, não sem um certo otimismo, que

nascemos com um desenvolvimento muito pessoal e criativo a partir de um desejo de crescer puro e que, se o meio não interfere Melanie Klein.

em demasia, esse desejo leva-nos para diante. Klein, ao contrário, é mais cética; pensa que toda pessoa quer crescer e não quer crescer ou, para dizê-lo em seus próprios O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO2

termos, há um impulso à integração, mas também um impulso à desintegração, em consonância com sua declarada Winnicott separa nitidamente o desenvolvimento adesão à teoria dualista dos instintos. É evidente que o emocional primitivo do restante do desenvolvimento hu-conflito entre crescer e não crescer, entre avanço e retro-mano. O desenvolvimento emocional primitivo compre-cesso, entre integração e desintegração aparece continua-ende os primeiros seis meses da vida, os quais são muito mente no consultório; todavia, poderia ser que Winnicott importantes. Os prazos, para Winnicott, não são nada fi-tivesse razão, no fim das contas, e que o impulso original a xos. Winnicott critica Klein por sua forma demasiadamen-crescer existisse sem conflito no princípio da vida e que te fixa e precoce de datar o desenvolvimento; ele, com foram as más experiências que o sufocaram. Essas hipóte-certeza, não tem nada de obsessivo.

ses são, por sua índole, como se compreenderá, de difícil A primeira etapa, que corresponde ao desenvolvimen-refutabilidade. (Voltaremos a esse tema no Capítulo 41, to emocional primitivo, está marcada pelo narcisismo pri-quando falaremos da regressão como processo curativo mário e, portanto, não há relação de objeto, nem há, no setting analítico.)

tampouco, estrutura psíquica. Esta é uma diferença fundamental entre Winnicott e Klein, que, em dado momento de sua investigação, rompe decididamente com a hipótese O NARCISISMO PRIMÁRIO SEGUNDO WINNICOTT

do narcisismo primário e que, além disso, sempre havia sustentado que existe um ego desde o começo.

No capítulo anterior, dedicamos uma parte aos fun-Winnicott mantém (ou volta a manter) a idéia de damentos com que Melanie Klein rechaça a hipótese do narcisismo primário e isso significa, em primeiro lugar, narcisismo primário. Dissemos que, para ela, há estados que afirmará resolutamente que, se durante os primeiros narcisistas, isto é, momentos em que se abandona a rela-meses da vida

não há uma estrutura psíquica, mal se pode ção com o objeto externo e em que se paralisam os pro-explicar o começo do desenvolvimento em termos de im-cessos de projeção e introjeção, mas não uma etapa nar-pulsos ou fantasias. Disso deriva, com muita coerência te-cisista em que a libido carrega o ego, antes de se aplicar órica, a idéia de que a criança requer, no começo da vida, ao objeto, como diz Freud. Digamos, de passagem, que um ambiente adequado e de que o destino do desenvolvi-Klein recorda que Freud vacila nesse ponto e cita o artigo mento emocional primitivo está totalmente ligado aos cuida Enciclopedia (1923a), para concluir que seu desacor-dados maternos. É interessante ver quais conseqüências do com Anna Freud é mais radical do que com o pai da Winnicott retira dessa forma de entender o desenvolvi-psicanálise.

mento para dar conta dos fenômenos que ocorrem na trans-Mais próximo nesse ponto de Anna Freud do que de Melanie Klein, Winnicott diz, de fato, concretamente, que existe uma etapa de narcisismo primário que coincide com 2

o que ele chama de desenvolvimento emocional primitivo.

Uma exposição lúcida e consistente da obra de Winnicott pode Há, entretanto, um ponto no qual Winnicott aproxima-se ser encontrada no recente livro de Painceira (1997).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 133

de Klein, porque reconhece à criança nesse estado uma indissolivelmente ligados. O distintivo do pensamento capacidade criativa. A criança tem a capacidade de criar o kleiniano é que a realidade exterior só irá confirmar ou objeto, no sentido de imaginar que há algo com o qual sua refutar um dispositivo instintivo genético.

fome pode ser satisfeita. Por sua vez, a mãe é capaz de Fiel à hipótese do narcisismo primário, Winnicott diz prover o objeto real (e aqui real querará dizer objetivo, o que a idéia de objeto ainda não vigora quando a criança que não é imaginado). Se a mãe aproxima o seio e dá-lhe o alucina o seio como algo que tem de existir para seu im-leite, oferece um ponto de coincidência que leva a criança a pulso. Esse ponto de vista é bastante discutível, e com ele pensar que ela criou esse objeto. Nesse sentido, diz Winnicott, a teoria do narcisismo primário, sustentada por Winnicott.

esse objeto é parte da criança, ou seja, que não se modifi-Por que Winnicott diz que o objeto ainda não está? Se cou a estrutura

narcisista, mas, ao mesmo tempo, criou-se alucino que “há algo que”, por que não chamar de “obje-algo novo, que Winnicott chama de área da ilusão.

to” esse algo que? Para mim, é difícil pensar que, quando a Winnicott emprega duas expressões, que toma da criança alucina o seio, ainda não tem uma relação com psiquiatria, para dar conta desse processo: alucinação e esse objeto, cujo conhecimento vem com o genoma. Desse ilusão. Ball definiu a alucinação como uma percepção sem modo, a área da ilusão, que é, sem dúvida, um conceito objeto, ao passo que, na ilusão, o objeto existe, porém sua básico da psicologia de Winnicott, seria um primeiro percepção está distorcida. O bebê primeiro alucina o seio contraste com o objeto externo, com a realidade. Porém, e, quando a mãe o dá para ele, tem a ilusão de que esse deixemos por um momento a teoria e vejamos como se objeto foi criado por ele. Em outras palavras, o bebê alucina traduz tudo isso na transferência.

o seio como algo que tem de existir para seu impulso e, depois que a mãe lhe dá o seio, como o objeto agora existe na realidade, a alucinação transforma-se em ilusão, no UMA CLASSIFICAÇÃO PSICOPATOLÓGICA

sentido psiquiátrico dessas palavras. Por isso, diz Winnicott, belamente, a tarefa fundamental da mãe é ir retirando Em termos da abordagem técnica, Winnicott (1945, paulatinamente a ilusão de seu bebê e com isso vai trans-1955) divide os pacientes em três tipos, que em última formando a situação, inicialmente alucinatória e depois instância podem reduzir-se a dois. Há, por um lado, os ilusória, em real. Desse modo, estabelece-se a relação de pacientes neuróticos, nos quais se alcançou um alto grau objeto: no momento em que me dou conta de que o seio de maturação. Relacionam-se com objetos totais, diferen- não é produto de minha criação, mas que tem autonomia, ciam objeto e sujeito, distinguem o dentro do fora, o inter-terei feito a passagem da área da ilusão à da relação de no do externo. São as pessoas que sofrem no nível das objeto.

relações interpessoais e das fantasias que colore essas Nesse ponto, a concepção winnicottiana apresenta relações. Por outro lado, há os pacientes que não puderam algumas diferenças em relação a Freud. O narcisismo sus-superar o que Winnicott chama de etapa do concern, ou tentado por Freud parece-me mais estrito, enquanto que seja, a posição depressiva; são pacientes depressivos, me-Winnicott postula que a idéia do objeto está dentro do lancólicos ou hipocondríacos, nos quais está fundamental-indivíduo e não provém, portanto, do primeiro

engrama mente em jogo o mundo interno do paciente, não estrita-de satisfação. Freud põe o ponto de partida do desenvolvi-mente as relações objetivas interpessoais. Se esse grupo é mento na marca mnêmica da primeira experiência de sa-distinto do anterior, ainda se pode aplicar a ele a técnica tisfação. Winnicott prescinde da teoria da marca mnêmica clássica, que nos ensinou Freud. E, por fim, há os pacien-e pensa, além disso, que seu conceito de ilusão é prévio ao tes em que o perturbado é o desenvolvimento emocional de fantasia inconsciente de Klein e Isaacs, que já implica o primitivo. Neles, existe uma transferência precoce que não objeto. Há mais aparelho psíquico para Susan Isaacs do é de modo algum superponível à neurose de transferência que para Winnicott, embora a diferença seja para mim alea-dos outros casos. Convém destacar que Winnicott está em-tória, nesse aspecto, e sirva talvez mais para classificar os pregando a expressão neurose de transferência em senti-analistas por escola do que para caracterizar os fatos.

do amplo, como aquilo que se cristaliza no tratamento. De A distância entre a fantasia inconsciente de Isaacs e a modo que há, portanto, duas formas de transferência: a alucinação de Winnicott não me parece muito longa e, no neurose de transferência típica (regular), na qual se re-melhor dos casos, existe mais nas palavras do que nas teo-produzem situações do passado no presente, como diz rias. Os etólogos não duvidariam em qualificar a alucina-Freud em 1914, e a transferência precoce, que correspon-

ção de Winnicott como um conhecimento filogenético do de ao desenvolvimento emocional primitivo. Nesta, diz Homo sapiens, e pessoalmente não consigo compreender Winnicott, não é que o passado venha até o presente (ou que diferença há entre a alucinação de Winnicott e a prese reproduza no presente), mas é o presente que se trans-concepção de Bion, salvo que os dois pertencem a diferen-formou pura e simplesmente no passado: o fenômeno tes escolas de pensamento. Parece-me que Winnicott cha-transferencial tem aqui uma realidade imediata, e isso ma de alucinação o que já é uma idéia do seio, mas talvez obriga o analista a enfrentá-lo não mais com sua bagagem aqui eu mesmo não faça mais do que professar meu pró-

convencional interpretativa, e sim com atitudes.

prio credo. Apoiada no Freud dos Três ensaios, Susan Isaacs Apesar de que nem sempre seja claro que atitudes (1943) sustenta que fim e objeto são características defini-Winnicott preconiza, é evidente que pensa que o desen-doras do instinto; que instinto, mecanismo e objeto estão volvimento emocional primitivo é inacessível à interpreta-

ção, que não é uma questão de compreendê-lo, mas de Uma mãe suficientemente boa é aquela capaz de se refazê-lo (ou, mais ainda, de deixar que ele espontanea-colocar nesse difícil ponto em que convergem a alucina-mente se refaça). Voltaremos a falar disso quando tratar-

ção e a realidade na ilusão da criança de ter criado esse mos da regressão no setting; porém, digamos desde já que objeto; também é a capaz de ir retirando pouco a pouco a as proposições de Winnicott abrem, no meu entender, duas ilusão de seu bebê. Essa desilusão consiste em que o bebê interrogações: 1) em que consiste essa atitude que substi-vá se dando conta de que o objeto não foi criado por ele. A tui a interpretação? e 2) quando e por que alguém vai resultante desse processo é a constituição de um vínculo.

decidir que a técnica convencional (interpretativa) já não Em outras palavras, a área da ilusão transforma-se em um é operante e que se deve dispor a proceder de outra forma?

vínculo, em uma relação de objeto.

É compreensível que os autores que aceitam o narcisismo primário dêem mais importância à agressão do A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA

ambiente que à do sujeito nesse momento do desenvolvi-

(“GOOD ENOUGH MOTHER”)

mento. Winnicott acredita que, apenas não sendo perturbada, a criança crescerá bem, como se o impulso ao de-Como dissemos no segundo item, o ponto-chave de senvolvimento fosse anterior à área de conflito e indepen-toda a doutrina de Winnicott é a função da mãe. O desen-dente dela, o que é no mínimo discutível. Todo ganho im-volvimento emocional primitivo não é concebível sem ela.

plica uma perda: quem não gostaria de ficar no útero e Além de seu impulso a crescer, a amadurecer, a criança quem não gostaria de sair dali? O útero é muito cômodo, depende inteiramente da mãe para transitar por esse difí-

mas aborrecido; fora é difícil, porém mais divertido.

cil momento que vai desde o narcisismo primário até a relação de

objeto. Na realidade, Winnicott propõe aqui uma posição metodológica que deriva coerentemente de OS PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO

suas teorias: se a criança cursa um período de narcisismo primário em que, por definição, não se diferencia da mãe, Um dos principais trabalhos de Winnicott é “Primitive então é logicamente impossível estudá-lo separadamente emotional development” (1945), no qual são expostos os dela. Nesse primeiro momento de seu desenvolvimento, a processos fundamentais do ego precoce, que são a inte-criança não é ainda o que se pode chamar de uma pessoa, graça, a personalização e a realização.

um indivíduo. A criança não tem impulsos e fantasias. Não Winnicott postula um estado primário de não-inte-se trata apenas de que Winnicott rechace a idéia de instin-gração e diferencia-o da desintegração como processo re-to de morte ou de inveja primária. Toda a vida pulsional gressivo. O estado primário de não-integração proporcio-da criança está colocada, nesse momento, entre parêntena uma base para que se produza o fenômeno da desinte-ses. Sem desconhecê-lo, inclusive o sadismo oral é visto a graça, sobretudo se falha ou se atrasa o processo de inte-partir de outra perspectiva. Winnicott dirá que, na etapa graça primária. A diferença decisiva entre esses dois pro-de preocupar, que corresponde ao desenvolvimento emo-cessos é que a não-integração é acompanhada de um âncional primitivo, a atitude impiedosa e cruel da criança, mo tranqüilo, enquanto a desintegração produz medo.

que ele chama de ruthlessness³, não tem a ver com desejos Portanto, o estado primário de integração é um as-sádicos, mas com necessidades que a criança tem e que a pecto fundamental do desenvolvimento emocional primi-mãe é capaz de compreender. O desenvolvimento emocio-tivo, que vai construindo-se nos primeiros meses de vida a nal primitivo é cumprido se e somente se a mãe dá ao partir de dois tipos de experiências: a técnica dos cuida-filho, e de forma adequada, aquilo de que ele necessita: a dos maternos e as experiências agudas instintivas, que ten-gratificação necessária e também a frustração necessária.

dem a juntar a personalidade a partir de dentro (Winnicott, Uma mãe demasiado solícita anula o desenvolvimento do 1945, p.140).

filho, porque o mantém na etapa de narcisismo primário.

O processo de personalização, que consiste em que a O recém-nascido

não pode controlar seus impulsos, pessoa esteja em seu corpo, corre parêlho com o de porque na etapa do narcisismo primário os impulsos pro-integração, do mesmo modo que a despersonalização com vêm de fora, e a mãe tem de contemplar essa situação: a a desintegração. A despersonalização da psicose relacio-criança não traz conflitos, o conflito vem de fora; e, à me-na-se com o retardo dos processos precoces de persona-dida que a mãe cumprir medianamente bem sua tarefa, à lização.

medida que for, diz Winnicott, uma mãe suficientemente Por último, o processo de adaptação à realidade, ou boa (não uma mãe perfeita), seu filho se desenvolverá bem.

de realização, consiste no encontro da mãe e do bebê nes-

É quando a mãe falha que sobrevêm obstáculos no desen-sa área da ilusão que já descrevemos (p.141).

volvimento. Winnicott chama esses obstáculos de impin-Parece-me que Winnicott pressupõe infinitas possibi-gement, que quer dizer algo assim como perturbação ou lidades dentro do narcisismo primário, que só ulteriormente produzir impacto.

vão organizando-se. Inicialmente, narcisismo primário implica não-integração, no sentido de que, quando sinto fome, sou uma criança frenética, irritada, e quando me dão o seio sou uma criança tranqüila. Sendo assim, não 3

preciso integrar esses dois aspectos e, por conseguinte, Ruthless quer dizer sem piedade, cruel, sem misericórdia.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 135

posso ser em um momento isso e em outro momento aqui-ponto de partida e iniciar um novo desenvolvimento de lo, sem que haja um processo de dissociação. Winnicott seu self verdadeiro. Nisso é decisiva a compreensão do distingue rigorosamente não-integração de dissociação, o analista e a capacidade de não interferir no processo de que Melanie Klein não faz. Winnicott diz que os fenôme-regressão. Se nos prestamos a acompanhar o paciente nesse nos de não-integração não são necessariamente acompa-difícil trânsito até as fontes, devemos estar dispostos a nos nhados de angústia, enquanto os de dissociação sim, por-equivocar, alerta-nos Winnicott, porque não há analista, que na dissociação já existe a perseguição ou a perda. Nesse por mais competente que seja, que não interfira. Quando ponto, as idéias de Winnicott são muito convincentes, ao for assim, o paciente perceberá

nosso erro e então, pela passo que Melanie Klein flutua entre a não-integração como primeira vez, se irritará. Contudo, essa irritação não se processo do desenvolvimento e a dissociação como defe-referê ao erro que o analista acaba de cometer, mas a um sa. Esse ponto, que não chega a ser resolvido em Melanie erro de sua criação, frente à qual o paciente reagiu confi-Klein, reaparece no pensamento pós-kleiniano a partir do gurando um falso self, porque obviamente não estava em-trabalho de Esther Bick (1968) sobre a pele que contém o tão em condições de protestar. A chave é que o paciente self. Meltzer diz, no Capítulo IX de Explorations in autism utiliza o erro do analista para protestar por um erro do (1975), que o trabalho de 1968 abriu o problema da não-passado, e isso deve ser considerado assim (p.388).

integração em contraste com a desintegração, e relacio-Nesse sentido, a transferência das fases precoces do nou-o com um objeto continente defeituoso(p.234); po-desenvolvimento tem, paradoxalmente, um significado rém a verdade é que Winnicott já havia proposto isso em real. O analisando está reagindo por algo que lhe ocorreu

“Primitive emotional development” em 1945. Para ser mais em sua infância, irritando-se por um erro real que o ana-exato, quero assinalar que a idéia parte de Glover, com lista cometeu, e o que o analista tem de fazer é respeitar seus núcleos do ego, trabalho ao qual Klein refere-se su-essa irritação, que é certa e justificada. É real porque se bestimando-o em seu escrito sobre os mecanismos esquí-referê a um erro que cometi em minha tarefa, e o que zóides de 1946.

tenho de fazer é admiti-lo e, se necessário, estudar minha contratransferência, mas nunca interpretá-lo porque, se o fizesse, estaria utilizando a interpretação de maneira de-O
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

fensiva, para desqualificar um juízo certo de meu anali-PRIMITIVO
NA TRANSFERÊNCIA

sando.⁴ Ao finalizar sua exposição em Genebra,⁵ Winnicott diferencia com rigor o trabalho clínico com as duas clas-Fizemos uma resenha breve e incompleta das teorias ses de pacientes que está considerando.

de Winnicott, não para expô-las rigorosamente, mas ape-O paciente que apresenta falhas em seu desenvolvi-nas como uma necessária introdução ao que realmente nos mento emocional primitivo tem de passar pela experiên-interessa em um livro como este: a técnica de Winnicott.

cia de ser perturbado e reagir com (justificada) raiva. Para No trabalho que apresentou no Simpósio sobre a trans-isso, utiliza as falhas do analista. Nessa fase da análise, ferência, no Congresso de Genebra de 1955, Winnicott prossegue Winnicott, o que se poderia chamar de resis-

(1956) sustentou que, quando o desenvolvimento emocio-tência, quando se trabalha com pacientes neuróticos, innal primitivo falhou, o que devemos fazer, como analistas, dica aqui que o analista cometeu um erro, e a resistência é dar ao paciente a oportunidade de reparar essas falhas.

continua até que o analista descubra e assuma seu erro No entanto, nos neuróticos e mesmo nos depressivos, que (1956, p.338)

alcançaram de alguma forma a posição depressiva, a tée-O analista deve ficar alerta e dar-se conta de seu erro nica clássica pode ser mantida. Como veremos, ao falar da cada vez que surja a resistência; além disso, e deve saber regressão e do enquadre, o paciente que teve seu desen-que é apenas usando seus próprios erros que pode prestar volvimento emocional primitivo perturbado requer uma seu melhor serviço ao paciente nessa fase da análise, isto experiência concreta, que lhe permita regressar e iniciar é, dar-lhe a oportunidade de que se irrite pela primeira de novo seu caminho.

vez com os detalhes e as falhas de adaptação que produzi-Para compreender Winnicott nesse ponto, deve-se ram a perturbação de seu desenvolvimento.

recordar o conceito de falso self. Quando a mãe não sabe Compreende-se que, a partir desse ponto de vista, conformar o ambiente de que seu bebê necessita – por-Winnicott sustente que, nesses casos, a transferência ne-que, em vez de responder adequadamente a suas necessidades, interfere nelas –, ela obriga a criança a ter um desenvolvimento especial e aberrante que leva à formação 4 Embora esta não seja a oportunidade para discutir tal idéia, de um falso self, que a suplanta em suas deficiências. O

quero assinalar que nem nesse caso, nem em nenhum outro, a falso self, diz Winnicott (1956), é, sem dúvida, um aspec-interpretação deve desqualificar o que, mal ou bem, pensa o to do verdadeiro self, ao qual protege e oculta como rea-analisando. A interpretação não deve ser uma opinião, mas sim uma conjectura do analista sobre o que o paciente pensa, ou ção às falhas na adaptação. Desse modo, o falso self desen-seja, sobre seu inconsciente.

volve-se como um padrão de conduta que corresponde à 5 O trabalho de Genebra foi publicado no International Journal falha ambiental (p.387).

de 1956, com o título “On transference”, e em Through Paediatrics Se compreendermos que essa é a real situação do to Psicho-Analysis (1958) como “Clinical varieties of transference”

paciente, poderemos dar-lhe a oportunidade de voltar ao (Cap. 23).

136 R. HORACIO ETCHEGOYEN

gativa da análise do neurótico fica substituída por uma ção ativa, pelo menos com um sinal ou mostra de adapta-irritação objetiva com as falhas do analista, o que implica ção ativa, sem nunca perder de vista o conceito de identi-uma diferença significativa entre os dois tipos de trabalho ficção primária (p.388).

(p.388).

Com esses últimos comentários, Winnicott vem mos-Winnicott considera que esses dois tipos de análise trar que as duas técnicas que inicialmente se propunham não são incompatíveis entre si, ao menos em seu próprio como diferentes e distantes podem alternar-se não apenas trabalho clínico, e que não é muito difícil mudar de um no mesmo analisando, mas também na mesma sessão. Des-para o outro, de acordo com o processo mental que ocorre se modo, a classificação perde consistência e a técnica ad-no inconsciente do analisando.6

quire, em meu entender, um viés demasiado inspiracional.

Fica para o futuro, diz Winnicott ao encerrar seu imPor outro lado, é inevitável que, quando são introduzidas portante artigo, o estudo detalhado dos critérios pelos quais medidas de exceção para os casos mais difíceis, surja o o analista pode saber quando surge uma necessidade do desejo de aplicá-las aos mais simples, pensando-se que tipo das que se devem manejar por meio de uma adapta-quem pode o mais pode o menos.

6 “I have discovered in my clinical work that one kind of analysis does not preclude the other. I find myself slipping over from one to the other and back again, according to the trend of the patient’s unconscious process” (1956, p. 388). (Esta citação foi ligeiramente modificada, na recompilação de 1958, mas o sentido, para mim, continua sendo o mesmo.)

Sobre a Espontaneidade do

Fenômeno Transferencial

Desejo resenhar, a seguir, duas breves experiências fevereiro. Falou-me do caráter de seu pai e de sua tia e dos que, em meu entender, apóiam a idéia de que a transfe-temores que tinha de que a convencessem a ficar moran-rência aparece espontaneamente e desde o começo. São do com eles. Falou de seu marido (falecido), de seus filhos dois casos muito particulares, em parte semelhantes e em já casados (o mais moço recentemente) e também de seus parte opostos, em que a transferência impõe-se de imedia-analistas anteriores. Haviam sido vários e todos a tinham to, sem que nem o setting, nem minhas “teorias” pareçam ajudado. Falava deles com respeito e gratidão, sem excester pesado. Por se tratar de dois colegas, terei de omitir sos e sinceramente.

certos dados, que também teriam apoiado a tese que sus-Durante essas entrevistas, não fiz outra coisa senão tento.

escutá-la com atenção e intercalar circunspectamente alguma pergunta ou comentário para facilitar o desenvolvimento de seu relato. Apesar de ter-se colocado no divã (e MATERIAL CLÍNICO Nº 1

não em uma poltrona simétrica à minha, que tenho para as entrevistas), permaneceu sentada e falou com esponta-Há vários anos, no final de um mês de outubro, con-neidade e franqueza, mas sem associar livremente. O ma-sultou-me por telefone uma colega que se encontrava muito terial onírico só apareceu muito contingentemente. Por deprimida depois da morte de sua única irmã. (Um irmão minha vez, não fiz absolutamente nenhuma interpreta-dois anos mais moço havia morrido ao nascer). Queria ção. Não vinha ao caso para o tipo de psicoterapia que me realizar algumas entrevistas antes das férias de verão e havia proposto a realizar.

considerava que eu era o mais indicado. Aceitei vê-la, ape-Logo após as primeiras entrevistas, digamos ao fina-sar de minhas escassas disponibilidades de tempo, certo lizar o primeiro mês de tratamento, disse sentir-se muito de que não passaria de uma psicoterapia breve, de tempo melhor, aliviada de sua angústia e depressão, o que era limitado pelas férias três meses depois, à maneira de uma visível. Ela atribuiu sua melhora à minha psicoterapia, que crisis intervention.

lhe tinha permitido falar com alguém de seus problemas e Com esse plano em mente, consenti em ter com ela ser escutada. Eu lhe recordei que isso podia dever-se, tam-uma entrevista, na qual lhe falei de meu tempo escasso e bém, ao efeito da imipramina que havia começado a to-ela aceitou ver-me uma vez a cada quinze dias. Confiava mar antes de vir ver-me, já que esse medicamento tem um que isso lhe bastaria para superar seu estado de depressão período de latência para começar a agir; contudo ela se e angústia. Ficou bem claro que, caso pensasse reanalisar-sentiu mais inclinada à sua própria explicação do que à se no futuro, não haveria nenhuma possibilidade de que minha.

eu pudesse dispor de tempo para fazê-lo. Combinamos um Apesar de ser certo que não fiz nenhum tipo de inter-horário fixo, uma vez a cada duas semanas, e disse-lhe pretação durante os dois primeiros meses do tratamento que talvez, em janeiro, pudesse dar-lhe uma entrevista por (se assim pode ser chamado), desejo assinalar que meu semana. Ficou também combinado o valor de meus hono-comportamento foi completamente analítico quanto às rários, que decidiu pagar a cada vez que viesse. Com isso, normas clássicas do enquadre: eu a atendi pontualmente, creio que ela mesma acentuava o caráter esporádico dos as entrevistas duraram 50 minutos, guardei a distância e a encontros.

reserva de sempre, etc. Por sua vez, a paciente adaptou-se Durante novembro e dezembro eu a atendi, efetiva-sem inconvenientes a esse tipo de relação e não pretendeu mente, como havíamos combinado: nas quintas-feiras, de modificá-la por sua condição de colega e de ex-aluna do quinze em quinze dias. Durante essas sessões, umas qua-Instituto.

tro ou cinco no total, ela falou extensamente de sua irmã A primeira sessão quinzenal de janeiro foi quinta-falecida, de sua mãe, morta havia muitos anos, de seu pai feira, dia 5, e nela se repetiu o desenvolvimento das entre-e de uma tia (irmã do pai) que viviam longe de Buenos vistas anteriores. Falou de sua ansiedade por sua viagem Aires e aos quais planejava ir visitar durante as férias de próxima, que sua tia a tinha chamado por interurbano para

lhe pedir que fosse logo, porque o pai estava com a saúde pretação ouvida tantas vezes (e tantas vezes formulada delicada, etc. Perguntou-me se eu poderia dar-lhe mais por ela mesma, como analista) repercutisse dessa forma?

horas em janeiro, como lhe havia prometido e respondi-O achado implícito em suas associações, que eu pu-lhe que sim, embora não dispusesse de horário nesse mo-desse ter interpretado melhor que os outros, não tinha mento. Pedi-lhe que me ligasse nesse fim de semana para muito lugar. A minha foi uma interpretação de rotina, combinar uma hora para a semana seguinte. Perguntou-imposta pelo imediato da situação e depois que as expli-me também se haveria alguma possibilidade de que eu cações mais justificáveis (as auto- interpretações sobre dispusesse de hora para analisá-la depois das férias ou mais seus diversos lutos) tinham-se mostrado inoperantes. Su-adiante, e respondi-lhe que, infelizmente, nada havia mu-pus, portanto, que teria coincido algo mais para que dado quanto às minhas disponibilidades de tempo livre, houvesse uma reação tão forte em minha colega (e digo que ela já conhecia. Ela supunha que seria assim; porém, colega porque o era mais que paciente, para mim, nesse visto que gostaria muito de se analisar comigo, quis per-momento).

guntar-me sobre isso concretamente. Acrescentou que De qualquer modo, quando, depois desse episódio, poderia esperar-me, se eu assim o dispusesse. Havia pas-tornou a falar de minhas férias e da separação comigo, sado sua crise – comentou – e não acreditava ter nenhum voltou a chorar, quase como uma comprovação experimen-problema urgente a ponto de se analisar de imediato. Dital de que era isso o que efetivamente lhe acontecia.

rei, entre parênteses, que pela forma como colocou o pro-Na segunda-feira, dia 23, veio novamente tranqüila, blema, nesse momento, confirmei minha primeira impres-como nas sessões anteriores, quando já havia melhorado, são de que se tratava de um caso neurótico e não grave, e voltou a comentar com assombro o que lhe havia acon-uma das boas históricas de Elizabeth R. Zetzel.

tecido. Nunca havia sentido antes de forma tão imediata e Não me ligou, no fim de semana e veio em sua hora convincente a famosa angústia frente à separação como habitual na semana seguinte, na quinta-feira, 19 de janei-na quinta passada. E continuava sem se

explicar o porquê.

ro. Desculpou-se porque não pôde ligar-me, deixou assim, Voltou depois a seus temas habituais, seu pai, sua tia, sua esqueceu e finalmente não o fez. Fiel à técnica que eu me viagem, seus amigos (que são muitos e bons), seu traba-havia imposto, não interpretei nada a esse respeito e, quan-lho. Disso passou a alguns comentários sobre a crise do me pediu uma hora para a semana seguinte, dei-lhe a institucional. Desde o primeiro momento, alinhou-se com segunda-feira, dia 23, a uma hora que lhe era conveniente.

o grupo independente e não a fez duvidar, a esse respeito, Começou, então, a falar extensamente do pai, de seus con-sua boa relação com o doutor X, do qual foi ajudante em flitos com ele e da necessidade que tinha de se reanalisar um seminário e a quem aprecia como mestre e colega. Um para resolvê-los. Enquanto falava desses temas, já comuns tempo antes, esse colega havia-lhe perguntado qual era a entrevistas anteriores, começou a chorar copiosamente.

sua posição. Foi um momento muito tenso, mas pôde di-Seu pranto chamou-lhe muito a atenção, mais que a mim, zer-lhe com franqueza. No dia seguinte, quando se encon-que não a conhecia o bastante. Disse que as saxãs, como trou com ele na Associação, viu com dor que lhe tinha ela, raras vezes choram. Não se explicava esse pranto e ela virado a cara para não cumprimentá-la. Como é de se es-não lembrava de ter chorado assim em muitos anos. O tema perar, não fiz comentário algum sobre esse tema e não o de sua viagem e das férias voltava sem cessar em seu mate-pensei ligado ao material anterior. (Não se deve esquecer rial, regado com um pranto generoso e incoercível. Não que eu não estava pensando em interpretar o que ouvia.) podia explicar o que lhe estava acontecendo. Tentava ligar Combinamos que teríamos uma nova entrevista na seus fortes sentimentos de pena e de dor a seus numerosos sexta-feira, dia 27, e ofereci-lhe outra mais, se o desejas-lutos (presentes, passados e futuros), mas ela própria não se, para encerrar o ciclo.

se sentia satisfeita com essas auto-interpretações.

Na sexta-feira, 27, veio com muito entusiasmo, e vol-Como a situação não cedia, resolvi então fazer a pri-tou a se mostrar interessada na intensidade de sua reação meira interpretação desse peculiar e interessantíssimo tra-pelas férias. Reiterou que nunca o havia sentido de forma tamento. De forma muito hipotética, dado que eu mesmo tão viva e contundente. Apesar de não ter dúvida de que não acreditava nisso totalmente, perguntei-lhe se não es-seu pranto referia-se

concreta e inequivocamente a mi-taria chorando porque se aproximava o fim das entrevis-nhas férias, não se explicava sua qualidade e sua intensi-tas e pela separação que nos imporiam as férias, ainda dade. Nunca tinha chorado assim antes em todos os seus mais depois que, na sessão anterior, tínhamos voltado à anos de análise; mais ainda, em toda a sua vida, talvez. Só idéia de que eu não disporia de tempo para me encarregar pôde comparar o pranto que sentiu agora com o de uma de seu tratamento, caso quisesse reanalisar-se.

recordação de seus cinco ou seis anos. Seus pais foram Aceitou sem rodeios a interpretação e notou que se para a praia, de férias, e a deixaram em casa de castigo.

acalmava subitamente. Deixou de chorar e à sua angústia Sentiu, então, a mesma dor e ressentimento que havia sen-sobreveio um sentimento de assombro pelo que lhe havia tido comigo na quinta-feira, dia 19, e chorou tão copiosa e ocorrido. Em todos os seus anos de análise, certamente desconsoladamente como agora.

não haviam faltado interpretações sobre a angústia de se-Aqui, já não tive nenhuma dúvida de que era uma paração, seja a propósito de fins de semana ou das férias, repetição (transferencial) daquele episódio (recordação mas nunca lhe haviam soado tão certas como essa. Como encobridora) dos cinco ou seis anos. Para resolver o enig-podia ser que fosse justamente dessa vez que uma inter-ma, faltava apenas ver por que havia sido castigada, na-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 139

quela ocasião e ver se tinha recebido um castigo seme-aceitou o que lhe sugeri. Com sua nova análise, entendo lhante de minha parte.

que resolveu seu problema com os pais, que tão espontâ-

Disse que não podia recordar de modo algum o mo-nea e candidamente me havia transferido.

tivo da penitência, mas sim seus vivos sentimentos de en-tão. Contou-me, de passagem, que viajaria para a casa de uns amigos nos primeiros dias da semana seguinte, antes MATERIAL CLÍNICO Nº 2

de partir para a de seu pai, e com isso entendi que estávamos realizando nossa última entrevista. Havíamos combi-Quero relatar agora o sonho de outra colega, a quem nado que, em seu regresso, ela me ligaria para voltarmos tratei muito informalmente por uma crise

depressiva após a nos reunir e discutir quem poderia ser seu analista. Ela a morte de seu marido. É um caso bastante diferente do tinha pensado em alguns colegas e trocaríamos idéias a anterior, porque dessa vez se tratava de uma amiga. Quan-respeito.

do sua depressão aumentou, como não quis voltar à sua Quando estávamos para nos despedir, lembrou-me analista, preferiu pedir-me que a ajudasse. Aceitei sua pro-de que eu lhe tinha prometido uma hora a mais, antes das posta, sabendo que não trabalharia nas melhores condi-férias, e disse-lhe que não a ofereci, por causa de sua via-

ções, porque éramos amigos; porém ela pretendia uma gem ao Uruguai. Respondeu-me que, se eu dispunha des-ajuda mais amistosa do que psicoterapêutica.

sa hora, ela postergaria sua viagem a Montevideu de sá-

Combinamos nos ver uma vez por semana, nas se-bado para segunda-feira. Propus-lhe, então, que viesse no gundas-feiras à noite, e eu me recusei a lhe cobrar hono-dia seguinte (sábado, dia 28) para não transtornar seus rários, embora ela o tivesse preferido. O tratamento du-planos de viagem.

rou apenas algumas semanas e nós o suspendemos de co-No sábado, dia 28, disse-me que não havia consegui-mum acordo, quando ela notou que havia superado a par-do lembrar o motivo da penitência daquela viagem dos te mais difícil do trabalho de luto e pensou (com razão, a pais à praia, porém lembrava-se claramente de algo que julgar pelo que aconteceu depois) que já estava em condi-lhe aconteceu na mesma época. Considerando-o bem, po-

ções de continuar por sua conta.

deria ter sido o motivo da penitência. Ou não. Não estava Durante o primeiro mês desse singular tratamento, certa. De qualquer modo, ia contar-me o que recordou.

cancelei uma das entrevistas. Fiz isso sem maior preocu-Nessa época, contou à tia (a irmã do pai) que a mãe não paixão, pelo enquadre frouxo com que havíamos definido gostava dela e que a tratava sempre mal e com injustiça. A a relação. Ela aceitou de bom grado e não quis vir em tia não aceitou sua história e comentou-a com os pais. O

outra hora para não me incomodar. Disse que comparece-pai disse-lhe

que essas coisas não se dizem “fora da famí-

ria na semana seguinte, na hora de costume.

lia” e vê ainda plasticamente o olhar cheio de pesar de sua Chegou muito abatida e disse que sua depressão ti-silenciosa mãe. Talvez tenha sido por essa desobediência nha-se acentuado. São as alternativas do trabalho de luto e por essa traição que os pais a castigaram não a levando.

sentenciou, enquanto eu afastava de minha consciência a Ficou em silêncio, e perguntei-lhe em que medida idéia “absurda” de que pudesse ter influído em seu estado ela poderia ter feito a mim algo assim, algo que reprodu-de ânimo o cancelamento da segunda-feira anterior. Re-zisse aqueles sentimentos de rebeldia infantil frente aos confortei-me, dizendo para mim mesmo que seu luto era pais. E de traição, acrescentou ela.

muito recente e que as entrevistas que estávamos tendo Ficou novamente em silêncio e disse que não consenão podiam pesar dessa maneira em seu estado de ânimo.

guia explicá-lo. Pedi-lhe que associasse livremente, e sua Voltou a seu tema habitual, falou de seu marido, da primeira associação já não me surpreendeu. Disse-me às doença que o levou à morte, de recordações e episódios vezes que se sentia incômoda frente a mim, porque não com ele dos últimos anos. Também comentou o pesar de havia passado para a nova Associação, mas esse não podia seus dois filhos, já casados, pela morte do pai. Seus filhos ser o motivo. Pensava passar mais adiante, etc. Além dise suas noras a ajudavam, sublinhou, e isso a fazia não se so, sabia que isso não podia influenciar-me, conhecendo-sentir tão só. Voltou a sonhar com Ricardo (seu marido): me como me conhecia.

“Sonhei que estávamos cruzando o canal da Mancha em Disse-lhe que sua associação era muito pertinente e um barco, da Inglaterra para a França, de Dover a Calais.

que, de fato, ela sentia que eu ia sair de férias sem ela para Ricardo vinha atrás de mim, com um traje Príncipe de Gales castigá-la por sua “traição”, por não passar para a nova que lhe caía muito bem e um montão de malas. Porém, Associação. Agora se explica, acrescentei, por que na ses-entre mim e ele se interpunha um montão de gente. Eu são da segunda-feira, dia 23, falou extensamente de seus me sento em um banco, que curiosamente se estende ao desencontros com X. Por

meio dessas associações, estava longo da coberta do barco. Na parte em que me sento, dizendo-me que pensava que eu também tinha-lhe virado esse banco tem uma forma muito particular, de cotovelo, a cara por sua “traição”.

de modo que Ricardo e eu ficávamos quase frente a frente-Lembrou-se de imediato que, quando pensou em fazer te. Olho, mas Ricardo não está. Começo a buscá-lo com o essas entrevistas comigo, teve o temor de que eu não quisesse-olhar e não o encontro”.

se concedê-las, por ela não pertencer à nova Associação.

Nem bem escutei o sonho, tive uma associação Na volta de sua viagem, tivemos uma última entre-contratransferencial que logo descartei: pensei se o Ricardo vista. Pediu-me conselho para escolher seu novo analista e do sonho não poderia ser eu, que não lhe dei sua última

140 R. HORACIO ETCHEGOYEN

sessão. Raciocinei de imediato que somente uma irritante cínica e que não consideraria minha ausência da segunda-deformação profissional poderia fazer-me pensar dessa maneira anterior como uma falha de nosso amistoso neira, pois nenhum analista, em tão juízo, pensaria assim setting. (Lembrei-me, com meus botões, de seu analista quando ainda não se havia constituído a relação analítica, anterior, ao qual ela não tinha querido voltar a ver, talvez se configuraria, por outro lado, de acordo com o comum entre seus amigos pelos vaivéns de seu enquadre.) binado. Ricardo era realmente o nome de seu marido re-Entretanto, seu sonho – insisti com ela – parece aludir a alguém falecido. Além disso, ela me chamava de Horacio, várias vezes a mim como o ausente. A posição desse como todos os meus amigos, e apenas se recordava de que singular assento no barco lembra-me muito a posição meu primeiro nome é Ricardo. Pedi-lhe associações.

que têm as duas poltronas nas quais estamos sentados.

Associou então, como era de se esperar, com seu E suas associações sobre o seu afastamento da escola marido. Sua morte tinha vindo a frustrar uma viagem já inglesa estão plasticamente expressas com a travessia planejada para a Europa. Queriam ir à Inglaterra, visitar do canal da Mancha. Tanto é assim que covê precisou Londres uma vez mais, e tinham o propósito de chegar à acrescentar que sempre lembrará de sua supervisão co-pequena cidade em que tinha nascido seu pai, que morreu comigo, em que aprendeste justamente os

fundamentos quando ela era pequena. Também iriam à Itália e, certada técnica kleiniana. E sua preferência por Paris, sem mente, à França. Como se pode conceber uma viagem à desmerecer a Londres.

Europa que não passe por Paris? Paris a encanta, é uma Houve um momento de silêncio tenso, em que voltei cidade sem par. Também gosta de Londres. E Florença.

a pensar que me havia excedido, que minha interpretação Esteve lendo ultimamente os autores franceses e nota que tinha sido profunda e transferencial demais, e maldisse cada vez gosta mais deles. Não diria Lacan, que é tão diff-

internamente Melanie Klein, como se ela fosse a culpada cil, mas sim Lebovici e Nacht, Laplanche e Pontalis. Leu de tudo. Então, minha amiga falou de novo com essa voz recentemente um belo trabalho de Widlöcher. Foi afastan-pausada e profunda, que parece a marca de fábrica do do-se sem sentir, nos últimos anos, da escola inglesa, o insight. Disse-me que tinha voltado à sua consciência a que pensarei eu! Sua supervisão comigo, apesar dos anos cena do sonho, que a tinha visto claramente por um mo-que passaram, continua sendo, para ela, um momento-mento e reparado em um detalhe que não esteve presente chave de seu desenvolvimento, reassegurou-me. Leu há quando o recordou nessa manhã e quando me contou o pouco um livro sobre a criatividade que lhe pareceu exce-sonho na sessão. A cor do assento do sonho era exatamen-lente. Acredita que é de Janine Chasseguet-Smirgel.

te a das poltronas de meu consultório. Recordou então Atrevi-me, agora, a interpretar o sonho da transfe-vivamente que, quando lhe falei por telefone para cancerência (!). Disse a ela que, sem de modo algum pôr em lar a hora, lembrou-se de uma má experiência com seu dúvida que esse sonho era uma tentativa de elaborar o analista didático. Continua estimando-o, como sempre, luto pela perda de seu marido, ainda mais dolorosa por mas preferiu não voltar justamente por sua impontuali-ter vindo a truncar uma bela e já planejada viagem, eu dade; eu, porém, era mais “inglês” nesse ponto. Lembrou-pensava que o Ricardo do sonho era também eu mesmo.

se de imediato, com emoção, daquele outro inglês, seu Ainda que ela me chamasse de Horacio, não ignorava, por pai, que havia morrido quando ela era pequena, quando certo, que meu primeiro nome era o de seu marido. Acei-tinha entrado em sua dolorosa latência, e disse finalmen-tou que era assim e que sempre nos identificava, em algu-te que sim, que o sonho referia-se a mim e que se sentia ma medida, por

sermos tocaios.

aliviada. Sentiu espontaneamente, ato contínuo, a neces-Alentado por essa primeira resposta, prossegui mi-sidade de me esclarecer que, quando tinha falado da mor-nha interpretação. Disse-lhe que talvez, ao cancelar a hora te de seu pai, em nossa primeira conversa, havia cometido da segunda-feira anterior, eu lhe havia proporcionado, sem um erro, um pequeno ato falho cujo significado lhe era me propor a isso, nova situação de luto. No estado em que agora, por completo, facilmente compreensível. Disse-me você se encontra – acrescentei —, talvez não seja tão trivi-que seu pai morreu aos 50 anos, o que não é assim. Moral, como acreditamos, saltar uma sessão e uma semana.

reu muito mais jovem, aos 40 anos. O que morreu aos 49

Aceitou novamente essa sugestão, mas lembrou-me anos era seu marido.

que não era para tanto, que eu mesmo havia oferecido Considero que, nesse material, o esclarecimento do compensá-la e ela não tinha aceitado para não me sobre-ato falho sobre a morte do pai é probatório, porque mos-carregar. Não devíamos perder de vista, disse-me com sua tra o momento de insight em que o pai, o marido e o anahabitual cordialidade, que nossos encontros eram mais um lista unem-se e discriminam-se. Digo o mesmo de quando encontro de amigos do que um tratamento, etc. Ou seja, se levanta o recalçamento sobre a cor das poltronas do repetiu as razões (ou racionalizações) que eu mesmo me sonho. Pela forma como foi oferecido e pelo contexto em tinha dado um momento antes.

que aparece, para mim é conclusivo sobre o componente Com mais segurança, insisti em meu ponto de vis-transferencial do sonho. Confio em que essa opinião será ta. Disse-lhe que certamente compartilhava seus racio-compartilhada pela maioria dos analistas.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 141

18

A Aliança Terapêutica:

de Wiesbaden a Genebra

Nos capítulos anteriores, estudamos a transferência dissociação terapêutica do ego na qual se destacam duas e não vacilamos em destacá-la como o fator mais impor-partes, a que colabora com o

analista e a que se opõe a tanta da terapia psicanalítica. Afirmamos também que ela ele; aquela é a que está voltada para a realidade; esta com-só pode ser entendida se for comparada com algo que não preende os impulsos do id, as defesas do ego e as ordens é transferência, como sustentou Anna Freud no Simpósio do superego”.³ A dissociação terapêutica do ego deve-se a de Arden House de 1954. Desse modo, é óbvio que a trans-uma identificação com o analista, cujo protótipo é o proferência ocupa apenas uma parte do universo analítico (e cesso de formação do superego. Essa identificação é fruto o mesmo se pode dizer de qualquer experiência humana).

da experiência da análise, no sentido de que, frente aos Como já disse em um capítulo anterior, nesse ponto con-conflitos do paciente, o analista reage com uma atitude de cordo com Fenichel (1945a) e Greenson (1967).

observação e reflexão. Identificado com essa atitude, o pa-Quando sustento que nem tudo o que aparece no pro-ciente adquire a capacidade de observar e criticar seu pró-

cesso analítico é transferência, quero dizer que sempre há prio funcionamento, dissociando seu ego em duas partes.

algo mais, não que falte a transferência, o que é bem dife-Vale a pena assinalar as coincidências entre os en-rente: a transferência está em tudo, mas nem tudo o que saios de Sterba e de Strachey, publicados juntos no mes-existe é transferência. Ao lado da transferência, encontramos número do International Journal de 1934. Enquanto se sempre algo que não é transferência, e a esse algo vamos para Sterba o decisivo no processo analítico é a dis-chamar, provisoriamente, de aliança terapêutica.¹ Digo pro-sociação terapêutica do ego, para Strachey a chave está visoriamente porque, como veremos em seguida, o concei-em que o psicanalista assuma o papel de um superego to de aliança terapêutica é mais complexo do que parece.

auxiliar, discriminando-se do superego arcaico. Apesar de suas diferenças, esses dois exímios trabalhos apóiam-se na idéia de que o tratamento analítico funda-se em A DISSOCIAÇÃO TERAPÊUTICA DO EGO

uma peculiar dissociação instrumental do self e os dois O conceito de que, apesar de suas resistências, o pa-apontam para um fato ainda não bem compreendido na-ciente colabora com o analista é tipicamente freudiano e o quele tempo: a importância da interpretação da (resis-vemos atravessar toda a sua obra; porém, o postulado de tência de)

transferência.

que o ego está destinado a se dissociar, como consequência No começo de seu ensaio, Sterba define com precisão o processo analítico, deve-se inquestionavelmente a Sterba, são a transferência, dizendo que é dual, que compreende que o apresentou em 1932 no Congresso de Wiesbaden e ao mesmo tempo o instinto e o recalamento (defesa). A publicou-o no International Journal de 1934, com o título partir do estudo da resistência de transferência, diz Sterba,

“The fate of the ego in analytic therapy” (“O destino do sabemos que as forças do recalamento incluem-se na ego na terapia analítica”). Esse trabalho fala concretamente transferência, não menos que as forças instintivas (Sterba, de aliança terapêutica,² e a explica sobre a base de uma 1934, p.118). Essa idéia, que dá uma solução ao enigma 1 Vamos preferir o termo “aliança terapêutica”, introduzido por 3 Em um trabalho de 1975, Sterba recorda que sua apresentação Zetzel (1956a) seguindo Sterba (1934), que consideramos sinô-

não agradou em Wiesbaden, nem na Sociedade de Viena, onde nimo de transferência racional (Fenichel, 1941), transferência voltou a lê-la depois do Congresso, no final de 1932. Foi-lhe cri-madura (Stone, 1961), aliança de trabalho (Greenson, 1965a) e ticado ali, duramente, o termo therapeutische Ich Spaltung, que outros.

só poderia aplicar-se à psicose. A única pessoa que apoiou Sterba 2 “This capacity of the ego for dissociation gives the analyst the na discussão foi Anna Freud. Entretanto, poucas semanas depois chance, by means of his interpretations, to effect an alliance with da acalorada discussão de Viena, vieram à luz as Novas conferên-the ego against the powerful forces of instinct and repression cias introdutórias à psicanálise (1933a), em que Freud afirma and, with the help of one part of it, to try to vanquish the opposing categoricamente que o ego pode se dividir e voltar a se juntar forces” (Sterba, 1934, p. 120).

das mais diversas formas.

142 R. HORACIO ETCHEGOYEN

que Freud propõe sem resolver em “Sobre a dinâmica da do em representante das mesmas tendências às quais o transferência” (1912b), é desenvolvida pouco depois por ego do analisando deve opor-se.⁶

Anna Freud (1936), quando fala de transferência de im-O trabalho do analista consiste, diz Sterba, em supe-pulsos e transferência de

rar a resistência de transferência que obstrui o avanço do Frente a essas duas vertentes da transferência que processo. Portanto, o analista encontra-se em uma situa-ameaçam, partindo de flancos opostos, a marcha da análi-

ção difícil, porque se transformou no destinatário da repe-se, surge um terceiro fator, derivado da influência corretiva tição emocional que opera no paciente para obstruir justado analista. Ao interpretar o conflito transferencial, o anamente as recordações que o analista busca.7

lista contrapõe os elementos egóicos que se conectam com Quando o analista interpreta a resistência de transa realidade e os que têm um investimento de energia instin-ferência, ele contrapõe o ego do analisando (enquanto órtiva ou defensiva (Sterba, 1934, p.119). Desse modo, o anagão em contato com a realidade) à atividade instintiva lista obtém uma dissociação dentro do ego do paciente, que que se reatualizou na transferência.8 Ao ajudar o ego do lhe permite estabelecer uma aliança contra as poderosas analisando, que se sente ameaçado por seu id, o analista forças do instinto e do recalçamento (ver a nota 2). Portan-oferece-lhe a possibilidade de uma identificação que satis-to, quando se inicia uma análise que terminará com bom faz o teste de realidade de que o ego necessita,9 e essa êxito, o destino inevitável que espera o ego é a dissociação.

identificação é possível pelo fato de que o analista observa Como dissemos, para Sterba a atitude do analista que a situação psicológica e a interpreta ao paciente. A atitude reflete e interpreta é fundamental, porque dá ao paciente de trabalho do analista e a forma como fala a seu anali-um modelo a partir do qual sobrevém a identificação e sando, isto é, seu uso do “nós” e seu constante chamado à fica sancionada a dissociação terapêutica do ego. O protó-

arefa, são um convite permanente para que o paciente tipo da dissociação terapêutica do ego é o processo de for-identifique-se com ele. Desse modo, e valendo-se da inter-maçon do superego, mas com a diferença de que ocorre pretação, o analista oferece ao analisando a oportunidade em um ego maduro e de que sua demanda não é moral, já de uma identificação, que é a condição necessária do tra-que se encaminha a adotar uma atitude de observação tamento analítico.

contemplativa e serena. Para Sterba, a parte do ego que se Quis reproduzir o essencial desse trabalho, nem sem-orienta para a

realidade e que se identifica com o analista pre lembrado, porque ele contém em germe a teoria prin-

é o filtro através do qual deve passar todo o material cial do funcionamento egóico, que Sterba exporá depois transferencial que o ego, graças à sua função sintética, irá em Wiesbaden. Junto com outros trabalhos desses anos, gradualmente assimilando.

como os que Ferenczi e Reich apresentaram no Congresso De acordo com essas idéias, Sterba pode descrever de Innsbruck e o de Strachey, já citado, o ensaio de Sterba o processo psicanalítico como a resultante de dois fato-inicia uma mudança radical na técnica, que se centrará res egóicos: a dissociação, que torna possível a tomada cada vez mais na interpretação da transferência.

de consciência dos conteúdos inconscientes, e a função sintética, que permite incorporá-los. O processo analítico fica assim explicado por uma dialética de dissociação REGRESSÃO E ALIANÇA TERAPÊUTICA e síntese do eu.

Em julho de 1955, realizou-se em Genebra o XIX

Congresso Internacional, em que ocorreu uma Discussão A RESISTÊNCIA DE TRANSFERÊNCIA

sobre problemas de transferência. Ali, Elizabeth R. Zetzel leu seu “Current concepts of transference”, que apareceu Para pesar em toda a sua magnitude a contribuição de Sterba, é necessário lembrar aqui, neste ponto, seu denso artigo “Zur Dynamik der Bewältigung des Über-6

tragungswiderstandes” (“Sobre a dinâmica da domina-

“Because the transference serves the resistances, the patient não da resistência de transferência”), publicado no In-acts out infantile experiences to avoid conscious remembrance of them. This leads on the part of the ego to a defense which is ternationale Zeitschrift für Psychoanalyse de 1929).⁵ Se-directed against the analysis because the analyst has become, in gundo o modelo freudiano de 1912, do qual parte Sterba, the transference, the representative of the emotional tendency a transferência estabelece-se como resistência ao traba-against which the ego has to defend itself” (1940, p. 368-369).

lho de investigação da análise, já que o paciente atua 7 “The analyst thereby finds himself in a difficult situation, for he is para não

recordar uma experiência infantil, o que pro-the object of the emotional repetition operating in the patient in move uma defesa do ego frente ao analista, transforma-order to hinder the recollections for which the analyst asks” (1940, p. 369).

8 “When an analyst interprets the transference resistance, he opposes the ego of the patient, as the organ controlling reality, 4 Desse modo, cabe reconhecer a Sterba uma lúcida aproxima-to the instinctual activity re-enacted in the transference” (1940, ção ao problema que pouco depois Anna Freud resolve.

p. 370-371).

5 Apareceu anos depois, em 1940, no Psychoanalytic Quarterly: 9 “The analyst assists the ego, attacked by the id, offering it the

“The dynamics of the dissolution of the transference resistance”, possibility of an identification which satisfies the reality texting needs de onde tomaremos as citações deste capítulo.

of the ego” (1940, p. 371).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 143

no International Journal de 1956, no qual a transferência proposta por Glover (1955) entre transferência flutuante é entendida como o conjunto da neurose de transferência e neurose de transferência.

e a aliança terapêutica. O artigo recoloca lucidamente uma A chave do raciocínio de Zetzel consiste em conside-discussão que parte da controvérsia dos anos de 1920, en-rar que a neurose de transferência só é possível através de tre Melanie Klein e Anna Freud, sobre técnica da análise um processo de regressão. Ela opina, como Ida Macalpine de crianças e que chega até nossos dias.

(1950), que a situação analítica fomenta a regressão, a Enquanto Melanie Klein presta atenção especial à indispensável regressão que é condição necessária do tra-angústia e a interpreta de imediato, a ego-psychology acen-balho analítico (p.372). De acordo com Zetzel, então, a tua nas funções do ego quanto ao controle e à neutralização divisão terapêutica do ego, postulada por Sterba e por da energia instintiva. Aqui, a influência da famosa mo-Bibring, só pode ser obtida a partir do processo de regres-nografia de Hartmann de 1939 é decisiva, porquanto se são terapêutica que ocorre nos primeiros meses de trata-reconhece que o conflito originário, por obra e graça da mento e graças ao qual se delimitam as áreas da neurose autonomia

secundária, fica divorciado total ou parcialmente de transferência e da aliança terapêutica. Enquanto manifestante da fantasia inconsciente. Explica-se, dessa forma, a re-festação da resistência, a regressão opera como um mecanismo inoperância das interpretações precoces da transferência primitivo de defesa que o ego emprega no contexto da resistência e também os limites da eficácia da análise se a análise da neurose de transferência. A escola kleiniana, porém, tonomia secundária tornou-se irreversível.¹⁰

pensa Zetzel, considera que as manifestações regressivas Segundo Sterba (1934) e Bibring (1937), esse ego sozinha aparecida na situação analítica implicam um aprofundamento de um processo de splitting, que leva Zetzel a distinguir o processo, indicam diminuição mais do que teoricamente a transferência como aliança terapêutica da reforçamento da resistência.

neurose de transferência, que considera uma manifestação Conforme essa teoria, a regressão como mecanismo da resistência (Zetzel, 1956a, p.370). Desse modo, a aliança de defesa frente ao setting analítico é o que torna possível a terapêutica fica definida como parte da transferência, a reversão das defesas rígidas do ego, para que voltem à ainda que se faça com que ela dependa da existência de um área de conflito.

ego suficientemente maduro, que não existe nos pacientes gravemente perturbados e nas crianças pequenas (1956a).

Desde já, pode-se deduzir disso o que essa autora dirá em DE STERBA A ZETZEL

trabalhos posteriores quanto à origem dessa parte sadia do ego: será prévia à eclosão do conflito edípico.

Apesar de ter-se apoiado reconhecidamente em Para Zetzel, assim como para a maioria dos ego-Sterba, a doutora Zetzel propõe um pensamento original, psychologists, a análise do ego consiste na análise da defesa, a meu ver a afasta talvez mais do que ela pensa do sa; respeitam o conselho de Freud de que a análise deve ir ensaio de Wiesbaden. Sterba sustenta que o tratamento do superficial ao profundo, da defesa ao impulso. Na psicoanálise torna-se possível por um processo de disseminação etapa da análise, a interpretação profunda dos conteúdos do ego, uma de cujas partes, a que está voltada para o ego pode ser perigosa e inoperante; a da defesa para a realidade, sela uma aliança com o analista para pouco é aconselhável: a energia instintiva à disposição do observar e compreender a outra, a

instintiva e defensiva, e ego maduro foi neutralizada e divorciou-se de suas fontes um ponto forte de seu raciocínio é que essa dissociação inconscientes. Somente depois que as defesas do ego fo-torna-se possível porque o analista interpreta. Toda a sua ram minadas e os conflitos instintivos ocultos foram mobi-concepção apóia-se na tarefa interpretativa do analista, lizados é que se pode desenvolver a neurose de transfe-que opera sobre o acting out do conflito, transformando-o rência (p.371).

em pensamento, em palavras, ao mesmo tempo que serve A neurose de transferência é uma formação de com-ao analisando como modelo de identificação.

promisso que serve ao propósito da resistência e deve fi-Se reproduzi, talvez de forma prolixa, o trabalho de car nitidamente separada de certas manifestações transfe-1929, foi porque desejava sublinhar a importância que Sterba renciais precoces que surgem no começo do processo anadã à interpretação, nessa dupla vertente de linguagem e tarefa.

lítico, mais como consequência de fenômenos defensivos O material clínico da exposição de Wiesbaden perdo que por um autêntico deslocamento de conteúdos ins-mite compreender as idéias de Sterba e sua forma de tra-tintivos sobre o analista. Mantém-se, assim, a diferença balhar. Lembremos aquela mulher que transfere a seu analista uma experiência altamente traumática de sua infância, com um otorrinolaringologista, que primeiro a sedu-10“Hartmann has suggested that in addition to these primary ziu com bons tratos e caramelos para depois lhe praticar attributes, other ego characteristics, originally developed for de surpresa uma amidalectomia. A situação que se coloca defensive purposes, and the related neutralized instinctual energy para Sterba é que a mulher identifica-o como aquele mé-

at the disposal of the ego, may be relatively or absolutely divorced dico traidor, em quem havia concentrado todo o seu con-from unconscious fantasy. This not only explains the relative flito infantil com o pai. Logicamente, a resistência de trans-inefficacy of early transference interpretation, but also hints at ferência consistia literalmente em não abrir a boca.

possible limitations in the potentialities of analysis attributable A análise iniciou-se, pois, com um silêncio pertinaz e to secondary autonomy of the ego which is considered to be hostile. Ao final da segunda hora, porém, a paciente deu a relatively irreversible” (Zetzel,

Sterba uma pista valiosa. Perguntou-lhe se não tinha em Contudo, essa solução demasiado eclética deixa bas-seu consultório um closet onde se pudesse trocar, ao sair tante a desejar. Como vemos, Zetzel tem de unir o Freud da sessão, já que se levantava do divã com o vestido muito de 1912 com o de 1920 para dar conta de dois tipos de amassado. Na sessão seguinte, disse que, ao sair no dia regressão, embora nem Freud, nem Lagache ocupem-se anterior, tinha de se encontrar com uma amiga, a quem da regressão, mas da transferência. Ainda assim, de qual-certamente chamaria a atenção vê-la com a roupa nesse quer modo, temos a regressão no setting, que ela pensa estado e pensaria que havia tido relações sexuais. Sterba não pode ser outra senão a que repete a necessidade para define essa configuração como uma clara situação edípica tentar resolvê-la, isto é, a do Lagache de 1951; porém, o transferencial com um pai sádico (o médico da garganta, que vamos fazer com a outra regressão, a que Freud pos-Sterba) e uma mãe que censura. Creio que a opinião de tula em Além do princípio de prazer? Frente a ela, seria Sterba seria compartilhada por todos os analistas.

difícil supor que a conduta do analista devesse ser a mes-Aqui, Sterba não teve dúvida em interpretar o signi-ma que nos propõem Zetzel e Macalpine e, em geral, os ficado da defesa e acrescenta claramente: “Com essa in-psicólogos do ego, isto é, fomentar a regressão. Para isso, interpretação, tínhamos começado o processo que resolvi logicamente, não há resposta em Genebra. Mas haverá mais chamar de dissociação terapêutica do ego” (1934,p.124).

adiante, e já sabemos dela pelo Capítulo 3, a inanalissabi-Reproduzi com certo detalhe o breve historial do tralidade. No entanto, por mais que os critérios de analisa-balho de Sterba para mostrar a diferença de sua teoria em bilidade possam apoiar-se em fatos clínicos válidos, é ób-relação à de Zetzel. Para Sterba, não é necessária a teoria vio que não poderão, de maneira alguma, dar conta dos da regressão terapêutica, e a aliança começa a se formar problemas que aqui ficam estabelecidos.

justamente quando o analista interpreta. Diferentemente das boas históricas de Zetzel, a paciente de Sterba estabeleceu de saída uma forte transferência erótica de forte co-DEPOIS DO CONGRESSO DE GENEBRA

loração sadomasoquista, que ele pôde, entretanto, resolver muito bem.

A exposição da doutora Zetzel no Congresso de Genebra, que acabamos de comentar, é o ponto de partida de uma investigação penetrante sobre o papel que a aliança DOIS TIPOS DE REGRESSÃO

terapêutica cumpre no processo psicanalítico. Da comparação e do contraste entre essa aliança terapêutica e a neu-Como a regressão ocupa um lugar central na teoria rose de transferência surgem os critérios de analisabilidade da aliança terapêutica da doutora Zetzel, vale a pena de-e a hipótese de uma regressão terapêutica, em resposta às ter-se um momento nesse ponto, tanto mais se pensar-particularidades que o começo do tratamento analítico mos, como eu, que ele oferece dificuldades. Não é fácil oferece ao analisante. Simultaneamente, nota-se, nesse compreender, de imediato, como pode a regressão tera-empenho, a tentativa de integrar às teorias de Hartmann pêutica ser conceituada como um mecanismo de defesa e, algumas contribuições de Melanie Klein. Esse esforço é ao mesmo tempo, ser invocada como o fator que mobiliza patente em “An approach to the relation between concept as defesas. Deveríamos concluir que a regressão leva o and content in psychoanalytic theory”, coetâneo do traba-ego a uma situação anterior à de sua autonomia secundá-

lho de Genebra, e em “The theory of therapy in relation to ria? Se isso fosse assim, já seria difícil entender a neurose a developmental model of the psychic apparatus”. Esse de transferência como manifestação da resistência, e, en-trabalho, que apareceu no número do International Journal tão, sua diferença em relação à aliança terapêutica se tor-de 1965 festejando os 70 anos de Hartmann, o diz expres-naria mais aleatória. Assim, o conceito de regressão de samente: “Tratei, dessa forma, de reduzir a brecha entre o Winnicott (1955) parece mais explicativo e convincente.

conceito de Hartmann sobre a autonomia secundária do Zetzel compreende que há aqui um ponto delicado em sua teoria e procura resolvê-lo, distinguindo dois tipos ego e as teorias que enfatizam as relações de objeto preco-de regressão na situação transferencial.

ces, mediante um modelo do desenvolvimento que atribui O conceito de regressão na transferência pode ser funções egóicas maiores em sua iniciação na relação pre-considerado como uma tentativa de elaborar experiências coce mãe-criança” (Revista Uruguaya, v.7, p. 352).¹¹ E, no traumáticas infantis ou de voltar a um estado anterior de gratificação real ou fantasiada. Do primeiro ponto de vista, o aspecto

regressivo da transferência deve ser considerado-11 “I have thus tried to narrow the gap between Hartmann’s concept rado como um passo preliminar e necessário para elabo-of secondary autonomy of the ego and theories emphasizing early rar o conflito. Do outro, ao contrário, deve ser atribuído a object relations by a developmental model which attributes major um desejo de voltar a um estado anterior de descanso ou ego functions to their initiation in the early motherchild de gratificação narcisista, que busca um status quo de acor-relationships” (International Journal, v.46, p. 51). Proporia a se-do com a concepção freudiana do instinto de morte (Zetzel, guinte tradução: “Tratei, pois, de reduzir a brecha entre o con-1956a, p.375). Com base nesses dois tipos de regressão, ceito de Hartmann sobre a autonomia secundária do ego e as enquanto aspectos opostos da compulsão à repetição es-teorias que destacam as relações de objeto precoces, mediante tudada por Lagache, Zetzel conclui que ambos são obser-um modelo do desenvolvimento que atribui a iniciação das fun-vados em toda análise.

ções maiores do ego à relação precoce mãe-criança”.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 145

começo desse mesmo trabalho, diz inequivocamente que, 1956 com suas dificuldades mais fortes. Não fazia mais do em “Concept and content”, comparou as contribuições de que reiterar, assim, as objeções à teoria da regressão no Hartmann, Kris, Löwenstein e Rapaport com as de Klein e setting, que formulei em meu trabalho de 1979, incluído sua escola (p. 326).

mais adiante como Capítulo 40.

Os resultados dessa tarefa podem ser encontrados O livro de 1974 (p. 303 e ss. da edição castelhana) no livro que escreveu com Meissner e que foi publicado reafirma que a regressão analítica serve para reabrir o con-após a sua morte. Nesse livro, a psicanálise é concebida ao flito fundamental que enclausurou a personalidade ao ter-mesmo tempo como uma teoria da estrutura e do desen-minar o período edípico, com o que se oferece a possibili-volvimento, enquanto o tratamento analítico é entendido dade de elaborá-lo e resolvê-lo. Reitera-se, também, o que como a dialética entre a neurose de transferência e a alise disse em 1956, que há dois tipos de regressão. Os dois ança terapêutica. A diferença entre ambas, porém, já não tipos que agora se propõem, no entanto, já não são os que é tão notória e taxativa.

Lagache discutiu em seu ensaio de 1951, porquanto se diz A aliança

terapêutica continua sendo entendida como que “no processo analítico devemos distinguir entre re-assentada nas funções autônomas do ego e, concretamente, regressão instintual e regressão do ego” (ibid., p. 305).

te, na autonomia secundária, mas é remetida às primeiras. Além disso, afirma-se que a regressão instintiva é se-relações de objeto da criança com os pais, em especial com a mãe. Desse modo, um dos dilemas propostos pela auto-que mobiliza, por sua vez, a angústia sinal; porém, decidiu em 1956 parece ser resolvido, sendo reconhecida agora de-se agora, claramente, um ponto obscuro (ao menos para uma importância maior à relação precoce de objeto: “As mim) do ensaio de Genebra: “Essa liberação regressiva de diferenças na interpretação do papel do analista e da na-energia é compatível com a conservação de uma autonomia da transferência surge, por um lado, da ênfase na importância da relação precoces de objeto e, por outro, ego permaneçam intactas” (p. 305). De onde se conclui de uma atenção preferencial ao papel do ego e suas defesas que “a regressão instintual é essencial no processo analítico”, havia dito em Genebra (1956a, p.369).

co e pode ser considerada potencialmente favorável à adaptação. Em 1974, mantém-se integralmente o conceito de transferência. Ao contrário, a regressão do ego impede o processo que a aliança terapêutica é a base indispensável do tratamento analítico e deve ser considerada perigosa” (p. 305-306).

mento analítico, e ela volta a ser definida como uma relação. Já em seu trabalho de 1965, Zetzel admitia esses dois ti-

ção positiva e estável entre o analista e o paciente, que pos de regressão. Dizia ali, de acordo com Hartmann, que permite realizar o trabalho de análise (p. 307). Como em as características definitivas do ego que possuem outros trabalhos anteriores, sustenta-se que a aliança temia secundária são mais estáveis que as defesas do ego, a transferência é pré-genital e diádica, mas seu limite com a mas deixando bem claro que essas qualidades podem es-neurose de transferência torna-se mais fluido, mais toleráveis à regressão, em determinadas circunstâncias conjuntural e funcional. “Em primeiro lugar, e como já se (1965, p.41). Mais adiante, no mesmo ensaio, volta ao indicar, aqueles que destacam a análise da defesa tendem a tema e reitera que “até mesmo os indivíduos cujo equívoco é estabelecer uma diferenciação nítida entre a transferência básica é essencialmente sadio continuam sujeitos a ela como aliança terapêutica e a neurose de transferência processos regressivos que afetam sua autonomia

secundária-

como formação de compromisso que serve aos fins da reia em situações específicas de tensão. Essa regressão, na sistência” (p.371). Essas afirmações suavizam-se muito situação analítica, deve ser diferenciada da regressão ins-

(ao menos assim me parece) em 1974. “Como essas facul-tintiva, que é um acompanhante aceitável da análise dades do ego estão tão intimamente ligadas à resolução transferencial” (p.46).

de conflitos pré-genitais experimentados no contexto de Com essa afirmação reiterada e categórica de que a uma relação unilateral, não surpreende que, quando o ana-autonomia secundária deve ficar à margem do processo lista aproxima-se do nível dos conflitos pré-genitais, a re-de regressão terapêutica (que não era tão clara em 1956), lação que constitui a base da aliança terapêutica fique ela também se desliga, de fato, o postulado da regressão tera-própria incluída na análise da transferência” (1974; p. 308-pêutica das teorias de Hartmann, ainda que a doutora 309 da edição castelhana, 1980). E na página 310: “Quan-Zetzel nunca o diga nesses termos.

do a análise de transferência começa a chegar a esses ní-

As teorias de Hartmann seriam aplicáveis se o proveis de conflitos pré-genitais, a neurose de transferência e cesso de regressão terapêutica mobilizasse a energia liga-a aliança terapêutica tendem a se misturar, às vezes até da à autonomia secundária e a lançasse no caldeirão em um ponto tal que não é possível distingui-las”. Essas afir-ebulição do processo primário, para usar a plástica metá-

mações poderiam ser aceitas, creio eu, por mais de um fora de David Rapaport em seu clássico ensaio de 1951; analista kleiniano.

mas acabamos de ver que essa possibilidade ficou definitivamente rechaçada.

Chegados a esse ponto, podemos prever que a dou-ALGO MAIS SOBRE A REGRESSÃO ANALÍTICA

tora Zetzel vai buscar apoio nas teorias que destacam a importância da relação de objeto precoce e, com efeito, Em um item anterior, assinaei que o conceito de re-foi assim. “Sugeri como premissa maior dessa discussão gressão analítica (ou terapêutica) deparava o ensaio de que a relação de objeto primeira e mais significativa, a que

conduz a uma identificação do ego, ocorre na relação pre-*Após* estabelecer claramente que a aliança terapêuti-*coce* mãe-criança. A natureza e a qualidade dessa conquista ca depende da autonomia secundária e esta da (boa) rela-*precoce* relaciona-se com a iniciação da autonomia secun-

ção de objeto com a mãe, Zetzel chega à conclusão de que dária” (tradução pessoal).¹²

a regressão terapêutica está a serviço do ego. Com isso já Apesar de regressão ser um acompanhante inevitá-

se torna difícil sustentar que a neurose de transferência é vel do processo analítico, conclui a autora, o paciente deve um mecanismo de defesa do ego, e que a regressão é uma reter e reforçar sua capacidade para a confiança básica e a manifestação da resistência, como se disse no Congresso identificação positiva do ego. Esse é um pré-requisito essen-de Genebra (1956a, p.372). Voltaremos a esse tema apai-cial do processo analítico que depende da regressão po-xonante na quarta parte deste livro.

tencialmente a serviço do ego (p.49).

12 “I have suggested as a major premise of this discussion that the first and most significant object relation leading to an ego identification occurs in the early mother-child relationship. The nature and quality of this early achievement has been correlated with the initiation of secondary ego autonomy” (1965, p. 48-49).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 147

19

A Relação Analítica Não-Transferencial

TRANSFERÊNCIA E ALIANÇA

de reação transferencial (1965a, p.156). “A aliança de trabalho – dirá categoricamente dois anos depois – é um fe-Freud compreendeu claramente, em seus trabalhos nômeno de transferência relativamente racional, dessexua-técnicos, a natureza altamente complexa da relação que lizado e desagressivizado” (1967, p.207).

se estabelece entre o analista e o analisando, e pôde formu-Em seu

trabalho de 1965, recém-citado, Greenson lá-la rigorosamente em sua teoria da transferência. Do define a aliança de trabalho como o rapport relativamente ponto de vista da marcha do tratamento, discriminou tam-racional e não-neurótico que o paciente tem com seu ana-bém duas atitudes do analisando, díspares e contrapostas, lista (1965a, p.157).

de cooperação e resistência. Certamente, por sua firme Da mesma forma, descreve-a em seu livro: “A aliança convicção de que até os mais elevados produtos do espíri-de trabalho é a relação relativamente racional e não-neu-to afundam suas raízes na sexualidade, Freud preferiu in-rótica entre paciente e analista, que torna possível, para o cluí-las na transferência. Assim, quando fez sua classifica-paciente, trabalhar com determinação na situação analíti-

ção, em “Sobre a dinâmica da transferência” (1912b), dis-ca” (1967, p.46). A aliança, como já disse Sterba, entre o se que as resistências alimentam-se tanto da transferência ego racional do paciente e o ego racional do analista, a erótica, quando assume um caráter sexual, quanto da trans-partir de um processo de identificação com a atitude e ferência negativa (hostil), deixando separada delas a trans-com o trabalho do analista que o paciente vivencia, em ferência positiva sublimada, motor da cura, tanto na análi-primeira mão, na sessão.

se quanto nos outros métodos de tratamento.

Para Greenson, a aliança de trabalho depende do Alguns autores lamentam essa decisão freudiana e paciente, do analista e do enquadre. O paciente colabo-pensam que, se tivesse separado mais decididamente ambas ra, porque lhe é possível estabelecer um vínculo relativa-as áreas, a investigação ulterior teria sido simplificada. A mente racional, a partir de seus componentes instintivos postura de Freud talvez tenha a ver com a dificuldade ine-neutralizados, vínculo que teve no passado e surge agora rente aos fatos que se colocavam para ele e que ainda na relação com o analista. O analista, por sua vez, contri-estamos discutindo.

bui para a aliança de trabalho por seu empenho consis-Certamente, ninguém tem dúvida de que a aliança tente em procurar compreender e superar a resistência, terapêutica tem a ver, muitas vezes, com a transferência por sua empatia e sua atitude de aceitar o paciente, sem positiva e até mesmo com a negativa (quando fatores de julgá-lo ou dominá-lo. O enquadre, por fim, facilita a ali-rivalidade, por exemplo, levam o paciente a colaborar), ança de trabalho pela freqüência das visitas, pela longa sendo legítima a tentativa de separar

conceitualmente am-duração do tratamento, pelo uso do divã e pelo silêncio.

Os fenômenos. Apressemos-nos em dizer que, com esse Os fatores do enquadre, diz Greenson, citando Greenacre empenho, pode-se transitar por vários caminhos teóricos: (1954), promovem a regressão e também a aliança de o da sublimação, seguido por Freud, a área livre de conflito-trabalho.

tos, de Hartmann, e outros.

A diferença entre a neurose de transferência e a aliA verdade é que, com poucas exceções, os autores ança de trabalho não é absoluta. A aliança pode conter seguem o critério de Freud e visualizam a aliança terapêutico-elementos da neurose infantil, que eventualmente reque-tica como um aspecto especial da transferência.

rem ser analisados (1967, p. 193). Na realidade, a relação entre uma e outra é múltipla e complexa. Às vezes, uma atitude claramente ligada à neurose de transferência pode reforçar a aliança de trabalho e, vice-versa, a cooperação AS IDÉIAS DE GREENSON

pode ser usada defensivamente para manter recalcado o Quando, com toda a paixão de que era capaz, conflito, como sucede às vezes com o neurótico obsessivo, Greenson começa a estudar o problema, nos anos de 1960, sempre aferrado ao racional.

entende que sua aliança de trabalho é um aspecto da trans-Portanto, a aliança de trabalho contém sempre uma ferência que não se separou claramente de outras formas mistura de elementos racionais e irracionais.

148 R. HORACIO ETCHEGOYEN

UMA DIVISÃO TRIPARTITE

parte dos pacientes, que depois qualificamos de transferidas – diz, com razão, Anna Freud.¹

Como já vimos, Greenson postulou, em seu traba-Como toda relação humana, a relação analítica é com-lho de 1965, que o fenômeno transferencial (e, por con-plexa e nela há sempre uma mistura de fantasia e realidade-seguinte, o tratamento analítico) deve ser entendido como de. Toda reação transferencial contém um germe de reali-uma relação entre duas forças paralelas e antitéticas, a dada e toda relação real tem algo de transferência. O pas-neurose de transferência e a

aliança de trabalho, ambas sado sempre influi no presente, porque não há nunca um de igual importância (1965a, p.179). No Capítulo 3 de presente puntiforme e imediato, sem apoio pretérito, mas seu livro de técnica, porém, estabelece uma relação dis-isso somente não significa que haja transferência.²

tinta, porque fala, por um lado, de aliança de trabalho Se sustentarmos que o analista é um observador im-

(seção 3.5) e, por outro, da relação real entre paciente e parcial, que se situa de maneira equidistante frente a todas analista (seção 3.6).

as instâncias psíquicas, devemos então assumir que ele deve Real, para Greenson, significa duas coisas: o que não reconhecer e trabalhar com as funções egóicas que incluem está distorcido e o genuíno. As reações transferenciais o teste de realidade (Greenson e Wexler, 1969, p.38).

não são reais, no primeiro sentido da palavra, já que es-Creio que as idéias de Greenson e Wexler que acabo tão distorcidas: mas são genuínas se são sentidas verdade resumir são certas e quase diria que são indiscutíveis.

deiramente. Ao contrário, a aliança de trabalho é real, Pode-se questionar, desde já, o que vamos entender por no primeiro sentido do termo, isto é, de acordo com a transferência e por realidade; porém, uma vez que deixe-realidade (objetiva), apropriada, não-distorcida; contu-mos de discutir sobre isso, teremos de reconhecer que nossa do, à medida que surge como um artefato do tratamen-tarefa consiste em contrastar duas ordens de fenômenos, to, não é genuína.

duas áreas de funcionamento mental. Poderemos chamá-

A divisão tripartite de Greenson pouco acrescenta, las, segundo nossas predileções teóricas, de verdade ma-em meu entender, ao tema que estamos discutindo. Se a terial e verdade histórica, fantasia e realidade, tópica do tomássemos ao pé da letra, teríamos de dividir em três imaginário e do simbólico, área de conflito e ego autôno-frentes nosso campo de trabalho, fomentando aquilo que mo, mas sempre estarão presentes.

nos ajuda da parte do analisando, embora não seja ge-Antes de ir a Roma, Greenson e Wexler poderiam ter nuíno, aceitando que colabore conosco por motivos encontrado muitas de suas justas advertências na introdu-espúrios.

ção de The psychoanalytical process de Meltzer, já escrito Creio que

Greenson equivoca-se, nesse ponto, por-nessa época. Meltzer afirma que, em maior ou menor grau, que procura fixar na teoria a complexidade às vezes con-sempre existe em cada paciente, embora não seja acessí-

fusa dos fatos.

vel, um nível mais maduro da mente que deriva da identificação introjetiva com objetos internos adultos e que pode ser chamado, com razão, de “parte adulta”. Com essa par-GREENSON E WEXLER NO

te, constitui-se uma aliança durante a tarefa analítica. Um CONGRESSO DE ROMA

aspecto do trabalho analítico que alimenta essa aliança, consiste em indicar e explicar a cooperação requerida, ao No XXVI Congresso Internacional de 1969, acompa-mesmo tempo que estimulá-la (Meltzer, 1967, p.xiii). A nhado dessa vez por Wexler, Greenson dá um passo deci-linguagem é diferente e diferentes são os pressupostos te-sivo em sua investigação: divide a relação analítica em óricos, mas as idéias são as mesmas.

transferencial e não-transferencial. Ficam de pé as duas Na discussão em Roma, as objeções ao trabalho de partes de sempre, a neurose de transferência e a aliança Greenson e Wexler podem ser classificadas como teóricas de trabalho (ou terapêutica), porém esta última se segre-

(quando não-semânticas) e técnicas. Estou convencido de ga conceitualmente daquela. A aliança de trabalho fica, que, quando se superpõem inadvertidamente esses dois por fim, definida como uma interação real (às vezes com aspectos, a discussão torna-se confusa e também mais exas-aspas e outras sem elas, para mostrar a vacilação dos au-perada. Alguns analistas parecem ter medo de que, com a tores), que pode requerer por parte do analista interven-chave (ou a chave falsa) da aliança terapêutica, sejam ções diferentes da interpretação.

reintroduzidos em sua severa técnica os sempre perigosos Como recordam os autores, tudo isso já havia sido métodos ativos. O risco existe e deve-se levá-lo em conta, apontado por Anna Freud, com sua proverbial clareza, no mas nem por isso jogaremos fora a criança junto com a Simpósio de Arden House de 1954: o paciente tem uma água do banho.

parte sã de sua personalidade, que mantém uma relação real com o

analista. Deixando a salvo o respeito, devido 1 Writings, v.4, p. 373. Também em Estudos psicanalíticos, p. 42.

ao estrito manejo da situação transferencial e sua inter-2 “One can hardly argue the question that the past does influence pretensão, devemos dar-nos conta de que analista e pacien-the present, but this is not identical to transference” (Greenson e te são duas pessoas reais, de igual nível, com uma relação Wexler, 1969, p. 28). Nesse ponto, a formulação de Greenson e também real entre elas. Descuidar esse aspecto da relação Wexler é quase idêntica à que eu fiz ao comparar transferência e é, talvez, a origem de algumas reações de hostilidade, por experiência.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 149

Como moderadora da discussão, Paula Heimann Diferentemente de Greenson, creio que não cabe re-

(1970) propôs algumas questões, das quais a fundamen-forçar ou retificar o juízo de realidade do analisando. Contal parece ser sua opinião de que a definição de transfe-tinuo pensando, como Strachey (1934), que, embora soe rência de Greenson é muito estreita. Freud, recorda paradoxal, a melhor maneira de restabelecer o contato do Heimann, reconheceu a transferência positiva sublimada paciente com a realidade é não oferecê-la a ele por nós como um fator indispensável do tratamento. Esse aspecto mesmos.

da transferência está ligado à confiança e à simpatia que Tomemos o exemplo que Greenson (1969) propõe, o fazem parte da condição humana. Sem a confiança básica, do paciente Kevin, que só no final de uma exitosa análise o infante não sobrevive e, sem a transferência básica, o atreve-se a dizer a seu analista que ele às vezes fala um analisando não empreende a análise.

pouco mais do que a conta. Justamente porque Kevin con-A discrepância de Heimann nesse ponto é categóri-siderava que seu juízo era certo, era-lhe difícil emitilo.

ca, porém apenas semântica: ela prefere chamar pura e Sabia que Greenson toleraria, sem se perturbar, um ex simplesmente de transferência básica aquilo que Greenson abrupto de sua parte, tudo o que viesse com sua associa-e Wexler isolam como aliança de trabalho.

ção livre, mas temia feri-lo ao dizer isso, pensando, como Os reparos técnicos de Paula Heimann vão mais a pensava, que estava certo e supondo que o próprio fundo no assunto, e nós nos referiremos a eles

no próxi-Greenson também o pensaria. Greenson respondeu-lhe que mo item.

estava certo, que havia percebido corretamente um traço de seu caráter e que acertava também que lhe era doloroso que lhe assinalassem isso. Ao aceitar o correto juízo de COMO REFORÇAR A ALIANÇA TERAPÊUTICA

Kevin, Greenson produz o que ele chama de uma medida não-analítica, que deve ser diferenciada de medidas A aliança de trabalho não apenas existe, como tam-antianalíticas, as quais bloqueiam a capacidade do paci-bém pode ser reforçada ou inibida. Se não existe, marca ente para adquirir insight.

para Greenson o limite da inanalísabilidade. Levá-la em Ignorar o juízo crítico de Kevin, passando-o por alto, conta e fomentá-la pode transformar em analisáveis paci-ou tratando-o meramente como associação livre ou como entes muito perturbados.

um dado a mais a ser analisado, teria confirmado seu te-Como já se disse, a contribuição mais importante do mor de que o analista não pudesse reconhecer correta-analista à aliança terapêutica provém de seu trabalho diá-

mente o que lhe dizia. Ou, então, teria pensado que suas rio com o paciente, da forma como se comporta frente a observações e seus juízos eram apenas material clínico para ele e ao seu material, de seu interesse, seu esforço e sua o analista, sem valor intrínseco, sem mérito próprio. Ou, compostura. Além disso, a atmosfera analítica, humanitá-

pior ainda, teria concluído que o que disse, acreditando-o ria e permissiva, ao mesmo tempo que moderada e ser certo, não era mais que outra distorção transferencial.

circumspecta, é também decisiva.

Passar por alto a observação de Kevin ou responder Cada vez que se introduz uma medida nova, é neces-com uma “interpretação” que a desqualificasse seria, por sário explicá-la, ainda mais se é dissonante com os usos certo, como diz Greenson, um grave erro técnico (e ético), culturais, sem prejuízo de analisar cuidadosamente a res-ainda mais lamentável quando o analisando podia emitir, posta do analisando.

por fim, um juízo a seu parecer certo, o qual havia si-Um elemento que reforça notavelmente a aliança de lenciado por anos.

trabalho é a franca admissão por parte do analista de seus Entretanto, essas duas alternativas não são as únicas erros técnicos, sem que isso implique, de modo algum, possíveis. Poderia ser dada uma interpretação que mos-nenhum tipo de confissão contratransferencial, procedi-trasse a Kevin seu temor que o analista não tolerasse a dor mento que Greenson e Wexler criticam severamente.

de algo que sente que é certo, talvez porque isso mesmo Estas são as precauções principais propostas por acontece com ele, nesse particular momento da análise, Greenson e Wexler para fortalecer a aliança de trabalho em que tem a capacidade de ver as falhas próprias e alheique – reiteram – nada têm a ver com as técnicas ativas ou as, e isso lhe dói. Uma interpretação como essa, que se-algum tipo de role playing.

gundo meu próprio esquema referencial aponta para as Há um comentário zombeteiro de Paula Heimann que angústias depressivas do paciente, respeita seu juízo de pode ser o ponto de partida para discutir algumas das pre-realidade, sem necessidade de aprová-lo. Dizer-lhe, porém, cauções com que Greenson e Wexler buscam reforçar a que sente inveja por minha palavra-pênis (ou seio) ou que aliança de trabalho.

quer castrar-me seria, isto sim, desqualificador, como diz Greenson afirma que devemos reconhecer nossos Greenson; todavia, na realidade, uma intervenção desse erros e nossas falhas quando o analisando nota-os, e Paula tipo não é uma interpretação, mas simplesmente um acting Heimann pergunta-lhe por que não fazemos o mesmo out verbal do analista.

quando o analisando elogia-nos. Greenson desconversa, Lembro-me de uma situação semelhante com uma dizendo que, em geral, os elogios do paciente são exage-paciente neurótica que estava saindo de um longo e peno-rados e pouco realistas, mas este não é o caso. Aceitaria-so período de confusão. Chegou muito angustiada e dissemos, por acaso, o elogio se fosse certo e adequado?

me que acreditava estar louca, porque tinha visto, junto à

150 R. HORACIO ETCHEGOYEN

porta de um apartamento do mesmo piso que o consultó-

sua disposição a aceitar a ajuda do terapeuta para vencer rio, o capacho que eu usava em meu consultório anterior.

suas dificuldades internas e suas resistências” (Sandler, (Havia pouco tempo que tinha mudado o consultório, e Kennedy e Tyson, 1980, p.45).

minha mulher tinha colocado esse capacho no apartamento Isto equivale a dizer que a criança aceita que tem em que agora vivíamos.) Refreei apenas o desejo de lhe problemas e está disposta a enfrentá-los, apesar de suas dizer, creio que de boa-fé, que tinha visto bem, que esse resistências e das que podem vir de fora, da família. Em-era o capacho do consultório. Pensei que reter essa infor-bora seja sempre difícil traçar uma linha divisória clara maçã não era nem honesto, nem bom para uma paciente entre a aliança terapêutica e a transferência, sempre é pos-que tanto duvidava de seu juízo de realidade. Associei de sível tentá-lo. Às vezes, a criança expressa claramente sua imediato que, quando minha esposa colocou aquele capa-necessidade de ser ajudada frente às suas dificuldades in-cho frente ao novo apartamento, estive a ponto de lhe ternas; em outras, a aliança é um aspecto da transferência dizer que não o fizesse, porque algum paciente poderia positiva, e o analista é só um adulto significativo pelo qual reconhecê-lo e inteirar-se, assim, de meu domicílio parti-a criança deixa-se levar e com o qual está disposta a traba-cular. Lembrei-me de que não o fiz para não levar ao ex-lhar ou uma figura materna que vai ajudá-la. Acrescenta-tremo a reserva analítica e lamentei, agora, não tê-lo dito.

se a isso a própria experiência da análise, em que a crian-Concluí que havia cometido um erro; uma verdadeira lou-

ça encontra-se com uma pessoa que a compreende e que cura, pareceu-me; algo que não estava de acordo com lhe desperta sentimentos positivos.

minha técnica. Interpretei, então, que ela pensava que o Do ponto de vista das instâncias psíquicas, a aliança capacho era efetivamente o de meu consultório e que, ao de tratamento não depende apenas dos impulsos libidinais vê-lo agora em outro lugar, pensou que era como se eu e agressivos do id, mas surge também do ego e do superego.

tivesse querido comunicar-lhe que ali era a minha casa.

Com certeza, não é a mesma coisa a aliança que sur-Conhecendo ela, como conhecia, meu estilo como analis-ge do reconhecimento das dificuldades internas (consciên-ta, acrescentei, e tendo-me criticado uma vez por lhe pacia da doença e necessidade de ser ajudado) e a que nasce recer rígido, só podia pensar que eu havia ficado louco e da

transferência positiva. No passado, o bom desenvolvi-dizia-me isso afirmando que ela estava louca. Passou como mento da análise centrava-se na idéia de transferência por encanto a angústia da paciente, e eu mesmo me senti positiva; hoje, porém, esses fatores são avaliados com re-tranquilo. Respondeu serenamente que reparara isso no serva. Daqui nasce, justamente, a idéia de diferenciar a primeiro dia e não pôde acreditar, pensando que eu não aliança de tratamento e a transferência. A famosa lua-de-sairia, dessa forma, de minha técnica. Acrescentou, então, mel analítica não é mais que o resultado de uma análise bondosamente, que com certeza a minha mulher o teria que começa em transferência positiva.

colocado, sem que eu notasse. Daí à cena primária já não Assim como o superego participa da aliança de tra-havia mais que um passo.

tamento, fazendo com que a criança assuma a responsa-Creio, como Greenson, que escamotear um proble-bilidade de não faltar às sessões e de trabalhar com o ma desse tipo, com o pretexto de preservar o setting, é analista, também os pais, que a estimulam a empreender rotundamente antianalítico, o mesmo que desconversar e continuar o tratamento, fazem parte da aliança. Desse com uma interpretação defensiva, que desqualifica e não modo, a continuação do tratamento pode residir mais interpreta. Os recursos não-analíticos de Greenson, porém, nos pais do que na criança, motivo pelo qual a avaliação não são tão inócuos como parecem. Têm o inconveniente da aliança de tratamento torna-se mais difícil do que no de que nos fazem assumir, como analistas, a responsabili-adulto. Quando falha a aliança terapêutica, o adulto dei-dade pelo juízo ou pela percepção do analisando, o que xa de vir, mas a criança pode continuar vindo, mandada nunca é bom; e, por pouco que seja, fazem-nos abando-pelos pais.

nar, por um momento, o método. Talvez por isso Greenson A aliança de tratamento pode ser definida (e concei-e Wexler recriminem Rosenfeld quando diz que, se falha tuada) de duas maneiras distintas. Descritivamente, com-com sua interpretação, pensa em princípio que era esta, e põe-se de todos os fatores que mantêm o paciente em tranão o método, que estava equivocado, embora, nesse pontamento e que lhe permitem seguir adiante, apesar da re-to, Rosenfeld não faça mais que cumprir as expectativas sistência ou da transferência negativa. De acordo com uma de qualquer comunidade científica.

definição mais estreita, baseia-se especificamente na consciência da doença e no desejo de fazer algo com ela, que se liga com a capacidade de tolerar o esforço e a dor de A ALIANÇA TERAPÊUTICA

DA CRIANÇA

enfrentar as dificuldades internas. A definição ampla inclui os elementos do id que podem sustentar a aliança de Pela natureza especial da mente infantil, compreen-tratamento, enquanto a segunda leva em conta estritamen-de-se que a aliança terapêutica tenha características espe-te o que depende do ego.

ciais nas crianças. Neste item, seguiremos a discussão de Já mencionamos, ao falar das indicações da análise, Sandler, Hansi Kennedy e Tyson com Anna Freud (1980).

que Janine Chasseguet-Smirgel (1975) considera que a

“A aliança de tratamento é um produto do desejo, aliança reside, em boa parte, no ideal do ego, que fixa consciente ou inconsciente da criança, de cooperar e de seus objetivos ao analisando.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 151

PSEUDO-ALIANÇA TERAPÊUTICA

Enquanto expressa a parte psicótica da personalidade, a pseudo-aliança terapêutica oculta, sob uma fachada Muitos autores, como Sandler e colaboradores (1973), de colaboração, sentimentos agressivos e tendências nar-Greenson (1967) e outros, assinalam que, freqüentemen-cisistas, cuja finalidade é justamente atacar o vínculo e te, a aliança terapêutica e a transferência confundem-se, entorpecer a tarefa analítica.

que às vezes a aliança repousa em elementos libidinais e, Essa configuração psicopatológica de narcisismo e menos freqüentemente, agressivos; e, em outras, a pró-

hostilidade, que se controlam e ao mesmo tempo se ex-pria aliança coloca-se a serviço da resistência, impedindo pressam na pseudocolaboração, com traços de hipocrisia o desenvolvimento da neurose de transferência. A partir e complacência, provoca, como é de se supor, uma grave dessas observações clínicas, Moisés Rabih (1981) consi-sobrecarga na contratransferência. O analista encontra-se dera que sempre se deve levar em conta a formação de preso em uma situação difícil, já que percebe que seu trauma pseudo-aliança terapêutica e prestar atenção aos indi-balho está seriamente ameaçado por alguém que, ao mes-cadores clínicos que possam evidenciá-la.

mo tempo, apresenta-se como seu aliado. Por isso, Rabih Rabih

considera que a pseudo-aliança terapêutica é sustentada que um dos indicadores mais preciosos para de-uma expressão do que Bion (1957) chama de personalida- tectar o conflito e poder interpretá-lo ajustadamente é de psicótica (ou parte psicótica da personalidade), que às prestar atenção à contratransferência. Se o conflito con-vezes assume a forma da reversão da perspectiva (Bion, tratan-ferencial torna-se dominante, é possível que a pseu-1963). Uma das características da reversão da perspectiva, docolaboração do analisando encontre sua contrapartida recorda Rabih, é a aparente colaboração do analisando.

nas pseudo-interpretações do analista.

152 R. HORACIO ETCHEGOYEN

20

Aliança Terapêutica: Discussão,

Controvérsia e Polêmica

A idéia de aliança terapêutica é fácil de se entender para se situar no presente, e não algo que se repete irracio-intuitivamente, mas custa colocá-la em conceitos. Talvez nalmente do passado, perturbando minha apreciação do seja por isso que, quando discutimos o tema, todos temos presente. Desse modo, como Greenson e Wexler, também uma certa tendência a assumir posições, já que sempre é separo a aliança terapêutica da transferência; porém faço mais fácil a polêmica do que o exame sereno dos proble-ambas partirem, totalmente de acordo com Melanie Klein, mas e de suas complexidades. Por outro lado, um tema das relações precoces de objeto, da relação da criança com que toca tão de perto a nossa práxis e que afunda suas o seio, ao que Zetzel também chega finalmente por seu raízes na história da psicanálise presta-se à discussão frontal próprio caminho. Toda vez que o sujeito utilizar o modelo e apaixonada. Ao terminar sua exposição no Congresso de de mamar no seio – e os outros não menos importantes do Roma, Greenson e Wexler recordam palavras de Anna desenvolvimento – para entender e cumprir a tarefa que Freud no Simpósio de Arden House para assinalar que tal-se lhe apresente, terá realizado uma aliança de trabalho.

vez seja por isso que o relato deles tem um tom um tanto Toda vez que pretender utilizar o trabalho que se propõe a desafiador e polêmico. Gostaria que o que vou dizer possa ele no presente, para voltar a se prender ao seio, incorrerá servir para pensar e não para

discutir; porém, desde já, em flagrante transferência.¹

não posso estar seguro de mim mesmo.

Pensa-se que, em geral, a aliança terapêutica é mais Quando, em capítulos anteriores, tentei precisar e consciente do que a neurose de transferência, mas isso delimitar o conceito de transferência, opondo-o ao de ex-não tem de ser necessariamente assim. Na maioria dos periência por um lado e, por outro, ao de realidade, assi-casos, o paciente salienta sua colaboração e, então, temos nalei explicitamente que o ato de conduta, o processo men-de interpretar a outra parte, a resistência; no entanto, a tal ou como se queira chamá-lo, é a resultante desses dois situação pode ser oposta em um melancólico ou em um elementos: sempre há nele um pouco de irreabilidade (trans-psicopata, nos quais pode estar recalcada a aliança tera-ferência) e um pouco de realidade; e o passado é sempre pêutica, porque é o mais inaceitável, o mais temido, o in-utilizado para se compreender o presente (experiência) e consciente. Nesse caso, pode-se discutir, desde já, se o que para equivocá-lo (transferência).

se interpretou foi a aliança terapêutica ou simplesmente a Será, então, uma questão a decidir em cada caso, em transferência positiva; mas isso poderia ser resolvido dis-cada momento, se acentuaremos um ou outro; todavia, criminando-se, na medida do possível, o componente ra-em última análise, uma boa apreciação da situação (e essa cional, que é verdadeiramente a aliança terapêutica, em apreciação chama-se, em nosso labor, de “interpretação”) que as experiências passadas estão a serviço da tarefa atual, deve contemplar as duas coisas.

Sublinharmos uma ou e o irracional, em que está contida a transferência positi-outra é um problema mais de nossa tática que de nossa va. Mais freqüentemente, ocorre que se interpreta a trans-estratégia já que a situação é sempre integrada por esses ferência (positiva ou negativa) e, com isso, afiança-se a dois fatores.

aliança terapêutica.

Esses dois aspectos coincidem com o que chamamos, É evidente que, se dizemos que há analistas que só nestes capítulos, de neurose de transferência e aliança te-vêm a transferência e que subestimam a realidade, esta-rapêutica (ou de trabalho). É, a meu juízo, ilusório ver mos afirmando simplesmente que esses analistas estão uma sem a outra e basta dizer que, quando contempla a equivocados, quando não-psicóticos – já que o psicótico é realidade interna, o analista não pode senão contrastá-la aquele que não vê a realidade. Basta ler um par de sessões com a outra, para diferenciá-la.

de Richard para ver até que ponto Klein (1961) atende os A aliança de trabalho é estabelecida com base em uma experiência prévia, na qual se pôde trabalhar com outra pessoa, como o bebê com o seio da mãe, para reme-1Utilizo aqui o modelo do bebê com o seio por simplicidade, mas termos às fontes. Não chamo esse fenômeno de transfe-meu esquema aplica-se a qualquer relação de objeto, ao treina-rência, porquanto é uma experiência do passado que serve mento esfínteriano, por exemplo.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 153

aspectos da realidade, seja a enfermidade da mãe, a licen-critica Klein. Quem são os ego-psychologists, diz indigna-

ça do irmão que luta no front, a invasão de Creta, o blo-do, para se arrogarem o direito de ajuizar a realidade? E a queio do Mediterrâneo, etc.

que chamam eles de realidade? Para Lacan, assim como Todavia para sermos justos, convém reconhecer que para Hegel, a realidade é antes de tudo uma experiência nem Melanie Klein, nem seus discípulos, com a única ex-simbólica: todo o real é racional, todo o racional é real.

ceção talvez de Meltzer, leva em conta o conceito de alian-Somente a razão pode dar conta dos fatos; porém, enquan-

ça de trabalho. É dado por entendido e por óbvio, mas não to o faz, os fatos já se transformaram por obra da razão.

o integram à sua teoria, nem acreditam necessário fazê-lo.

Mais adiante em seu ensino, Lacan conclui que se alcança Apesar dessa falha teórica, essa falta, como diria Lacan, a ordem do real quando se franqueia a ordem simbólica todos os analistas kleinianos (e ninguém mais, talvez, do (atravessamento do fantasma). Enfim, a realidade para que Betty Joseph) analisam contínua e rigorosamente as mim é que me reuni com um grupo de colegas para estu-fantasia do paciente com respeito à tarefa analítica. Bion, dar a aliança terapêutica; mas perguntem à minha em-a quem ninguém considerará um psicólogo do ego, falou pregada e ela dirá que, na realidade, há um grupo de já em 1961 de grupos de trabalho e grupos de suposto pessoas reunidas para conversar, tomar café e sujar a sala.

básico, como o fez, também, nessa época e antes, Enrique A realidade que ela vê é bem diferente, porquanto a sim-Pichon Rivière, em Buenos Aires. Bion, porém, nunca se boliza de outra maneira. A

realidade muda, as transformou em verter para o processo analítico aquelas fecundações são distintas. A crítica lacaniana à psicologia do das idéias. Direi, de passagem, que, no Capítulo III de seu ego parte de que não podemos atribuir a esse hipotético livro de técnica (1973), Sandler recorda generosamente Bion ego autônomo a capacidade de ajuizar a realidade, por-neste ponto, mas no mesmo parágrafo diz nada menos que que temos de nos colocar de acordo sobre o que é a realidade. Os kleinianos deixam de lado a realidade e só vêm nas colidat: não há realidade que não seja mediada pela comunicação e nos comportamentos do paciente transferências, pela ordem simbólica.²

cia de atitudes e sentimentos postulados como infantis. Por Se tomarmos o trabalho de Susan Isaacs sobre a fantasia acredita meu amigo Sandler que, se na Buenos Aires tasia ou o da interpretação transferencial de Paula de hoje algum paciente me diz que não pode pagar meus Heimann, no Congresso de Genebra de 1955, isto é, antes honorários completos, eu lhe interprete que quer castrar-me que se afastasse dessa escola, e todos os trabalhos da pró-

ou que tem inveja do meu seio? Ou pensaria, com mais benevolência Melanie Klein referentes a esse tema, veremos que vontade, que lhe baixo os honorários? Seria lindo não levar assinalam permanentemente que há uma unidade indesejada conta a realidade. Mas é, infelizmente, isso impossível.

trutível entre o interno e o externo, que a realidade é vista Paula Heimann disse em Roma que alguns postula-por meio de projeções que são também percepções. O processo de Greenson e Wexler coincidiu com os ensinamentos cessou de crescimento (e igualmente o que se dá no tratamento freudiano mais óbvios e elementares, mas isso também mento) consiste em ir modificando o jogo de projeções e pode ser injusto, porque tudo depende da ênfase com que introduções para que a distorção pese cada vez menos.

procedemos. Nem Greenson, nem Wexler, nem os demais Portanto, desse ponto de vista, nenhum psicanalista que autores que propõem, a partir de Stern, a idéia de aliança Melanie Klein pode interpretar sem levar em conta a transferência, jamais pensariam que propuseram algo que realidade. Não se deve perder de vista que, por definição, não estava no pensamento de Freud. O que se discute é se a interpretação marca sempre o contraste entre o sujeito-esses autores chamaram a atenção sobre algo que em ge-nio e o objetivo, entre o interno e o externo, entre fantasia real passa despercebido.

e realidade. Este é um ponto que está muito claro no traUma diferença fundamental poderia ser que apenas balho de Strachey, de 1934, e que se reafirma no recém-os psicólogos do ego partem da idéia de área livre de con-citado de Paula Heimann, mais de 20 anos depois. Não flito de Hartmann; porém, quando se estudam com muito poderia ser de outra forma. Quando digo ao paciente que cuidado todos esses trabalhos, vê-se que a monografia de ele vê em mim seu pai, estou implicando que não sou esse 1939 inspira-os, mas não os apóia. Mesmo em seu traba-pai, que há um outro pai que não eu. Se não fosse assim, lho do número de homenagem a Hartmann, Elizabeth R.

minha interpretação não teria sentido.

Zetzel assenta seu conceito de ego autônomo mais na boa Em resumo, se quisermos discutir esse tema ou qual-experiência da relação diádica com a mãe do que na área quer outro sem o passionalismo a que pode conduzir a livre de conflito. Parece-me, embora talvez me engane, posição teórica de cada um, devemos verificar o que diz que a grande analista de Boston presta homenagem a realmente cada autor e não fazê-lo dizer algo com o qual Hartmann, mas refugia-se em Melanie Klein. E em Freud, não estaremos de acordo depois.

no fim das contas, quando definiu o ego como um precipi-As críticas que se fazem reciprocamente as escolas tado de relações de objeto passadas.

são justas apenas no sentido de que cada teoria traz implí-

A escola kleiniana, de qualquer forma, não aceita de modo algum que haja algo na mente que esteja separado do conflito, como também o afirma Charles Brenner (1976, 2 A crítica lacaniana vai, na verdade, muito além, porque questiona 1982).

radicalmente o ego em si mesmo: considera-o ilusório, imaginá-

Lacan critica os psicólogos do ego com mordacidade, rio, ou seja, próprio da fase do espelho, que contrapõe o sujeito cruelmente, de maneira sempre mais dilacerante do que à ordem simbólica.

154 R. HORACIO ETCHEGOYEN

cita a possibilidade de errar por um caminho mais do que É através de falhas como esta, pequena mas inegá-

por outro. A ênfase teórica nos mecanismos de adaptação vel, que as críticas de Lacan contra os psicólogos do ego pode fazer Hartmann

perder a visão do mundo interno; encontram justificativa. Aqui, Lacan poderia dizer, com porém, esse risco não está implícito, de modo algum, à exagero, que Greenson impõe a Kevin seu juízo de realidade própria teoria. A forma ampla com o qual Klein entende a de. Além dessas situações-limites, porém, creio que os úni-transferência expõe seus discípulos a ver a transferência cos que impõem seu critério de realidade ao paciente são mais do que deveriam e descuidar da realidade, mas a os maus analistas (ou muito novatos) de todas as escolas; teoria não diz que a realidade não existe.

e algumas vezes também, concedamo-lo, os mais experi-Lacan apostrofa Hartmann, porque se arroga o direi-mentados, em momentos em que sofrem uma sobrecarga to de decidir o que é a realidade, de se sentir com o direito muito forte na contratransferência. Se um paciente me diz de discriminar entre a neurose de transferência e a alian-que o saúdo com um tom distante ou depreciativo, refutá-

ça de trabalho, sem se dar conta de que ele corre um risco lo ou confirmá-lo é, na realidade, o mesmo: é como se eu semelhante, quando decide se seu paciente está na ordem acreditasse que posso julgar a realidade de sua percepção, do imaginário ou na ordem do simbólico. A meu ver, o mas não é assim. Lembro-me de um paciente que, já no risco de Lacan é maior, porque ele se acredita com o direi-final de sua análise, colocava-me um problema desse tipo.

to de interromper a sessão quando lhe parece que o pa-Queixava-se de que eu não reconhecia o que ele tinha per-ciente incorre no que chama de palavra vazia.

cebido em mim (e que, entre parênteses, era muito ób-A teoria da aliança de trabalho leva Greenson a não vio). Em vez de apoiar sua percepção, que já disse que me ser arbitrário, a aceitar o que o paciente vê realmente, parecia certa, interpretei-lhe que ele queria depender de cuidando-se para não desqualificá-lo. Se um paciente diz mim e não do que lhe informavam seu juízo e seus senti-que me vê mais encanecido e eu lhe respondo que me dos. Ao solicitar-me essa ratificação, voltava a delegar a confunde com seu pai (ou melhor, com seu avô), é mais mim sua própria decisão sobre a realidade. Também lhe do que provável que eu queira negar uma percepção real assinalei a forte idealização que isso implicava: dava por que o paciente tem: eu instrumento uma teoria correta, a certo que eu lhe diria a verdade, que eu não podia enganá-

teoria da transferência, para negar a realidade. Greenson lo, nem me

enganar. Em última instância, o paciente está tem total razão quando assinala que para o analista é tão capacitado quanto o analista para perceber o que acontece sempre forte a tentação de utilizar a teoria da transferência com este – e ainda mais se há um problema de rancor para negar os fatos; somos humanos, isso é evi-contratransferência. Esse aspecto é importante e, às vezes. O mau uso da teoria da transferência pode conduzir, não é levado em conta. É inevitável que, quando acrescer a esse tipo de desqualificação, e tal risco é maior na medida que podemos apreciar a realidade melhor do que teoria da transferência de Melanie Klein, pois é muito os outros, transformemo-nos em moralistas ou ideólogos.

mais abrangente.

Como diz Bion, o analista não tem a ver com os fatos, mas Uma coisa é utilizar a interpretação para compreender o que o paciente acredita que são os fatos.

der o que acontece com o paciente, e outra muito diferen-

É típico de muitos movimentos dissidentes da psicanálise usar a teoria para desqualificar o que o paciente viu, o que o analista reivindica a importância da realidade social. Assim o paciente percebeu. Digamos, também, que esse é um ponto-sucedeu com a psicanálise culturalista dos anos de 1930 e o fim do trabalho de Paula Heimann (1956).

também em Buenos Aires na década de 1970. A bandeira Em geral, quando a interpretação desqualifica, é porque esses dissidentes levantaram a questão que a análise kleiniana mudada, como dizia Bleger, como uma negação. Uma coisa era ideológica. Pessoalmente, penso que um bom analista, sabe que eu digo ao paciente que me vejo encanecido porque um analista autêntico, sempre leva em conta a realidade.

me confunde com seu pai, e outra que lhe diga que, na escola kleiniana, Meltzer (1967) é o que mais ver-me de cabelos brancos, eu o faço lembrar-se do pai.

insiste na idéia de aliança terapêutica através do que. Nesse último caso, nem sequer julgo a percepção do paciente-chama de parte adulta. A parte adulta não é interpretada. Limito-me a dizer que, à medida que me vejo encanecido, se fala para ela. Deve-se levar em conta que, para mim, identifica-me com o pai. Eu poderia não ter cabelos brancos Meltzer, a “parte adulta” é um conceito metapsicológico, brancos e a interpretação valer o mesmo.

é a parte do self que alcançou um nível maior de integração-Com isso,

aproximamo-nos de um problema que con-

ção e, por conseguinte, de contato com o mundo de obje-sidero fundamental e do qual já disse algo quando falei da tos externos. Desse modo, Meltzer propõe um conceito forma como Greenson fomenta a aliança terapêutica. Sus-de aliança que, na prática, parece-se com o dos psicólo-tento que aceitar a percepção ou o juízo do paciente como gos do ego, embora tenha um suporte doutrinário dife-reais, quando assim nos parece, tampouco modifica subs-rente. Meltzer propõe, por exemplo, que as primeiras in-tancialmente as coisas, como acredita Greenson. A verda-terpretações sejam formuladas com suavidade e acom-de é que uma intervenção que tenda a respaldar a percep-panhadas de explicações amplas sobre a forma com que ção de meus cabelos brancos é tão perturbadora quanto a a análise difere das situações ordinárias da vida em casa que busca negá-la. Porque do que se trata, na realidade, é e na escola (Meltzer, 1967, p.6).

de respeitar o que o paciente percebeu (ou acredita ter É possível que outros analistas da mesma escola pen-percebido) e fazer com que ele assuma a responsabilidade sem que Meltzer fala “em demasia” com a parte adulta, por essa percepção.

mas isso não impede que, quando a situação o impõe e

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 155

com todos os cuidados do caso, devemos falar com nossos imediato inoperante, e o material do paciente demons-pacientes. A quantidade e a forma com que o façamos de trou que tinha sido vivida – não sem razão, creio – como fato variarão, porque isso já é questão de estilo. A verdade cruel. Em outras palavras, se não quisermos perturbar o é que o diálogo analítico impõe-nos, a cada momento, uma juízo crítico e a capacidade de perceber do paciente, deve-decisão sobre quem fala no paciente, o que nunca é fácil, mos cuidar-nos de utilizar a assimetria da relação transfe-mas tampouco é impossível.

rencial para apagar a simetria da aliança terapêutica.

A atitude que o analista deve ter dependerá sempre, Recordo sempre com carinho de um paciente que segundo Meltzer, do que verdadeiramente surja do mate-analisei há muitos anos, quando cheguei a Buenos Aires.

rial. Se o paciente fala com sua parte adulta, será preciso Era um homem de negócios, de modestos negócios, neu-responder a ele como

adulto; se é com a parte infantil, o rótico, ou melhor, borderline, com uma inveja do seio como que cabe é interpretar no nível da criança que nesse mo-poucas vezes vi, que me ensinou muitas coisas de psicaná-

mento ele é.

lise. Quando já havia passado um ano de tratamento, e Pode-se criticar isso a Meltzer dizendo que, às vezes, depois das férias de verão, informei-lhe, como faço de ro-fala-se à parte adulta e quem escuta é a criança. No entan-tina, de meu plano de trabalho do ano, incluindo as férias to, esse risco é inerente a toda tentativa de discriminar as de inverno e as do próximo verão. Perguntou-me, com as-partes do self.³ Também existe o perigo contrário e, como sombro, se eu já sabia que as férias escolares de inverno diz Meltzer, não escutar a parte adulta pode operar nega-seriam nessa época. Ele ainda não tinha lido nenhum avi-tivamente, como artefato de regressão. Certa vez, um pa-so do Ministério a esse respeito. Respondi-lhe, muito sim-ciente disse-me que “tinha a fantasia” de que fulano era plesmente, que tinha fixado minhas férias de inverno sem melhor analista do que eu. Disse-lhe simplesmente que isso levar em conta o feriado escolar. Saltando de fúria em seu era o que ele acreditava realmente, e ele se angustiou.

divã, apostrofou-me: “Ah, sim! Claro! É assim! Por certo Como Greenson diz bem, é muito mais fácil para o pacien-que você, que é tão onipotente e que, com os anos que te falar da perspectiva de sua neurose do que a partir do tem, já não vai ter filhos em idade escolar, tira as férias que sente como a realidade. Ele sabe, como o paciente de quando lhe dá na telha. E seus pacientes que se ralem!”.

Greenson, que o analista será sereno e equânime com sua Embora meus amigos norte-americanos não credi-neurose de transferência, mas que pode perturbar-se, se tem nisso, disse a ele que tinha razão e que eu reconside-lhe fala de fatos que podem ser reais.

raria o que tinha feito. Poderia interpretar a ele muitas Outro aspecto vinculado ao tema da aliança terapêu-coisas, e todas certas (e é claro que o fiz, em seu devido tica é o da assimetria da relação analítica, ponto que toca tempo!), mas antes reconheci a justiça de sua reclamação.

a ética. Nem sempre se repara que o tipo de relação, no Por outro lado, na área da neurose de transferên-nível da neurose de transferência, é radicalmente diferencia, a assimetria não é mais que a

sanção de uma realidade do da aliança de trabalho. É importante saber que a de, de uma justa realidade, a diferença de papéis; não é assimetria corresponde exclusivamente à neurose de trans-certo, como pensa o paciente, que as frustrações só preferência, ao passo que a aliança terapêutica é simétrica.

tencem a ele. Isto depende do ponto de vista que cada Quando o analista utiliza a assimetria da relação analítica um adotar. O paciente pode queixar-se, por exemplo, de para manejar aspectos da situação real (que, por defini-que o analista o frustra porque só interpreta e nunca fala ção, pertencem à aliança terapêutica), está demonstrando de si mesmo. Para o analista, ao contrário, é sempre uma sua veia autoritária. Essa confusão é muito freqüente, e grande frustração manter contato durante anos com umas deve-se levá-la em consideração. Apenas quando o analis-pessoa, o paciente, e nunca poder participar-lhe algum ta ocupa-se da neurose de transferência do paciente a si-fato importante de sua vida. Isto é tão certo que muitos tuação é assimétrica; porém, essa assimetria é complemen-analistas não o suportam. A regra de abstinência vigora tar, dupla, com o que se volta a sancionar a igualdade ine-igualmente de ambos os lados. A assimetria não impõe rente a toda relação humana.

supremacia, mas o reconhecimento da polaridade dos pa-Um jovem colega cancelou uma sessão, de um dia péis, necessária para desenvolver qualquer tarefa e não para o outro, de um empresário. O paciente incomodou-se somente a análise. A analisanda que quer ser a mulher e reclamou, porque não havia sido avisado com um pouco de seu analista e sente-se frustrada porque não é satisfei-de antecedência, já que então teria podido utilizar esse ta, esquece que a mulher do analista não pode ser sua dia para uma curta viagem de negócios. O candidato in-analisanda. É um mistério qual das duas sai ganhando; terpretou a angústia de separação do paciente: que ele porém estou convencido de que é muito mais fácil ser não podia tolerar a ausência, etc. Essa interpretação foi de bom analista do que marido.

3 Bleger costumava dizer que, às vezes, o analisando gira, de modo que, quando falamos à sua parte neurótica, responde-nos a parte psicótica, e vice-versa.

156 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Descoberta e Redescoberta

Nos capítulos anteriores, vimos como Freud chegou a se poder escrever a história dessa época sem levar em conta uma idéia da relação médico-paciente nada convencional para Freud e a psicanálise.

nal, com sua teoria da transferência, e pudemos seguir o quanto ao progresso interno, Freud menciona, entre desenvolvimento do conceito desde as primeiras concepções, os aspectos teóricos, o simbolismo e, no nível técnico, a luta sobre o falso enlace, nos Estudos sobre a histeria, a contratransferência. Chegou-se a compreender nesses anos, (1895d) até que se configura a teoria geral, no epílogo diz, que também é um obstáculo para o progresso da psicanálise da história clínica de “Dora” (1905e), em que Freud definia a contratransferência;1 e descreve-a como a resposta na natureza repetitiva do fenômeno (reedições) e dá-

emocional do analista aos estímulos que provêm do paciente, conta do grave transtorno que significa para o tratamento, como o resultado da influência do analisando sobre o analista e, ao mesmo tempo, de seu valor insubstituível, sentimentos inconscientes do médico. Ou seja, define-a, pois dá ao paciente convicção, com o que pode convergir como creio que é lógico, em função do analisando.

ter-se de maior obstáculo no auxiliar mais poderoso de sempre se disse que Freud considerou a contratransferência seu método. Lagache (1951) diz, com razão, que a transferência apenas como um obstáculo; contudo, se a introdução de Freud consiste em transformar os obstáculos duzindo pensando no porvir, era porque supunha que o co-em instrumentos.

conhecimento da contratransferência ligava-se ao futuro da psicanálise. Pode-se sustentar, pois, que Freud presumia que a compreensão da contratransferência significaria um ORIGEM DO CONCEITO

grande progresso para a técnica psicanalítica.

Não cabe negar, entretanto, que Freud menciona a É novamente mérito de Freud ter definido a relação contratransferência como um obstáculo que, justamente analítica não somente da perspectiva do paciente, mas também enquanto obstáculo, deve ser removido. Segundo ele, a bem do analista, ou seja, como uma relação bipessoal, reexperiência prova claramente que ninguém pode ir além da mútua, de transferência e contratransferência. Freud obteve seus pontos cegos, e, acrescenta, estamos inclinados a servir esse novo e surpreendente

fenômeno também pre-exigir do analista, como norma geral, o conhecimento de cocemente e conceituou-o com precisão.

sua contratransferência e sua superação como um requisito-Como todos sabem, o termo contratransferência é to indispensável para ser analista. É interessante sublinhar introduzido em “As perspectivas futuras da terapia psica-que a solução de Freud, em 1910, para superar os pontos nalítica”, o belo artigo do II Congresso Internacional de cegos da contratransferência, é a auto-análise. Dois anos Nurenberg em 1910. Seguramente, Freud leu-o em 30 de depois, porém, em “Conselhos ao médico sobre o trata-março, ao inaugurar o evento.

mento psicanalítico” (1912e), sob a influência de Jung e Freud diz em seu artigo que o porvir da terapia psi-do grupo de Zurique, Freud propicia já concretamente a canalítica apóia-se em três grandes fatores: o progresso análise didática.

interno, o incremento de autoridade e a repercussão geral Vê-se que o tema rondava a mente de Freud, porque do trabalho dos analistas. Por progresso interno, Freud en-o considera novamente nesse mesmo ano, alguns meses tende o avanço da teoria e da prática psicanalíticas; incre-depois. Em uma carta a Ferenczi de 6 de outubro (que mento de autoridade significa que a análise irá merecen-figura no segundo tomo da biografia de Jones, p. 94-95), do, com o tempo, o respeito e o favor do público, dos quais fala novamente da contratransferência e, dessa vez de sua ainda não gozava, e, finalmente, à medida que a psicaná-

contratransferência. Nesse ano, Ferenczi e Freud haviam lise influa no meio social e cultural, isso também repercutirá, como efeito geral, em seu próprio progresso.

Apontemos agora, mais de 90 anos depois, que esses três 1 López Ballesteros traduziu Gegenübertragung por transferência pontos de vista estavam certos. Embora os avatares da so-recíproca, sem reparar no sentido específico da palavra. Esse erro ciedade atual possam torná-los, às vezes, imprecisos, nun-não se repete na edição da Amorrortu.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 157

feito uma viagem de férias à Itália, e Ferenczi tinha estado não trazem algo de substancialmente novo ao estudo da um pouco inconveniente, assediando Freud com pergun-contratransferência.

tas e diversas demandas; estava certamente com ciúmes, Não há dúvida de que em alguns de seus trabalhos, queria ter uma situação de

discípulo predileto (que na re-como “New ways in psycho-analytic technique”, publica-alidade tinha, porque estava passando as férias com o do em 1933, Theodor Reik esboça uma teoria da contra-mestre) e pretendia que Freud contasse-lhe todas as coi-transferência a partir da intuição, mas, na realidade, não sas de sua vida. De regresso, Ferenczi escreveu a Freud chega a formulá-la, como tampouco em seus famosos trauma longa carta, tipo auto-análise, expressando o temor balhos sobre o silêncio e a surpresa (1937). Estes são, por de tê-lo incomodado e lamentando-se que Freud não o certo, estudos importantes no desenvolvimento da teoria tivesse reprechido para restabelecer a boa relação. Em da técnica, enquanto tentativas de sistematizar a intuição sua serena resposta de 6 de outubro, Freud replica-lhe: “É

do analista e de dar respaldo à idéia da atenção livremente-bem certo que isso foi uma debilidade de minha parte. Eu te flutuante, porém não se pode considerá-los escritos so-não sou o super-homem psicanalítico que você forjou em bre a contratransferência.

sua imaginação, nem superei a contratransferência. Não Em todos os seus trabalhos, Reik assinala que, se ti-pude tratar você de tal modo, como tampouco poderia vermos uma atitude receptiva e confiarmos mais na intui-fazê-lo com meus três filhos, porque os quero muito e me ção que no mero raciocínio, talvez possamos captar me-sentiria aflito por eles”. Ou seja, Freud faz aqui uma refe-lhor o que está passando-se no inconsciente do analisando-rência concreta à contratransferência, nesse caso claramento, à medida que há, em última instância, uma captação de uma contratransferência paterna e positiva, que lhe intuitiva de inconsciente a inconsciente, que o próprio impedia um determinado curso de ação, que o fazia ser Freud assinalou em “O inconsciente” (1915e). Sabe-se que, fraco e equivocarse.

durante esses anos, Reik desenvolve uma teoria do insight De outro ponto de vista, talvez não desligado do an-do analista baseada na surpresa, e afirma que este deve terior, chama a atenção com que liberdade utiliza-se o co-deixar-se surpreender por seu próprio inconsciente. Não nhecimento analítico no trato pessoal. Atualmente, nós fala, de modo algum, de contratransferência, embora sua nos cuidamos mais, porque sabemos que essas referências idéia traga implícita a de associação contratransferencial são, em geral, complicadas. Recordemos de passagem que, de Racker (1953, Estudo VI, parág. IV). No entanto, para quando Freud fala, em “Análise terminável e interminá-

dizer que esta é uma teoria da contratransferência, é pre-vel” (1937c), daquele paciente que lhe recriminava não ciso forçar o raciocínio e estender indevidamente os con-lhe ter interpretado a transferência negativa (e ao qual ceitos. Reik sustenta que a melhor forma de captar o ma-Freud dizia que, se não a tinha interpretado, era porque terial do analisando é através da intuição oferecida por não aparecia), está mencionando Ferenczi, como afirma nosso inconsciente, mas não que essa intuição seja alimen-Balint (e o próprio Jones).² O que em 1910 se passava em tada por um conflito do analista, promovido, por sua vez, um nível de cordialidade e simpatia, depois assumiu outro pelo conflito transferencial do paciente. Reik não o diz, caráter.³

isso não está em sua teoria do processo. Quando fala con-Afora essas duas referências muito concretas de 1910

cretamente da contratransferência em “Some remarks on e uma ou outra mais esporádica, Freud não voltou ao tema the study of resistances” (1924), Reik a considera uma re-e é evidente que nunca elaborou uma teoria da contra-sistência do analista (p. 150) e afirma que ela deve ser transferência. Tampouco se ocuparam muito dela outros vencida pela auto-análise. Significa que, claramente, não autores, de modo que ficou de lado durante bastante tema toma como a fonte de sua intuição.

po. Podemos afirmar, sem medo de nos enganarmos, que, Também em alguns trabalhos de Fenichel, que cula não ser alguma contribuição solta, a contratransferência minam em seu livro de técnica de 1941, há contribuições não foi estudada até meados do século passado.

à receptividade analítica e à intuição analítica, sobretudo quando intervém na famosa polêmica entre intuição (Reik), e sistematização (Reich); mas não à contratransferência A CONTRATRANSFERÊNCIA NA

como instrumento para compreender o analisando.

PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Em todos esses trabalhos, sem dúvida pulsa o tema da contratransferência, porém nenhum chega a considerá-

Os 40 anos que se passaram desde que Freud a des-la como um instrumento do analista. Faltava que alguém cobre até que volta a estudá-la não se pode tampouco di-tomasse a idéia de Freud, que mostrou a existência da zer que foram em vão; entretanto, também é certo que contratransferência (e denunciou-a como um obstáculo do

tratamento), e, ao mesmo tempo, a idéia de Reik sobre a intuição como o instrumento maior do analista, para que, da síntese, derivasse uma teoria da contratransferência, 2 Balint o diz explicitamente no simpósio intitulado Problems of mas isso só vem muito depois e por outros caminhos.

psycho-analytic training, do Congresso Internacional de Londres Do mesmo modo, algumas referências de Wilhelm (International Journal, 1954, p. 160).

Reich a suas próprias reações afetivas, como analista apa-3 Para um desenvolvimento mais completo da relação entre am-recem como intuições, inclusive como súbitas intuições; bos os pioneiros, pode-se consultar o trabalho de Etchegoyen e contudo, não é Reich (1933), e sim Racker (1953) quem, Catri (1978).

158 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ao estudá-las novamente, as considera produto da contra-nio teórico da autora gira em torno de suas reações (contratransferência. Frente às queixas reiteradas daquele paciente transferenciais) ao tratar uma adolescente de 15 anos; po-passivo-feminino, que lhe dizia que a análise não lhe fazia rém, em vez de construir uma teoria sobre a contratrans-nada, que não mudava nada, que não melhorava, etc., Reich ferência como instrumento, Sharpe ocupa-se de compreender imediatamente tem, como um raio, a intuição de que, des-ender as resistências dos analistas ao método de Melanie sa forma, o paciente atua todo o seu conflito de fracasso e Klein, o que é natural no contexto do simpósio. A auto-impotência na transferência, castrando e fazendo o analisanalise que Sharpe faz de suas reações frente a seu paciente ta fracassar. A súbita compreensão de Reich, diz Racker é um modelo de investigação psicanalítica sobre a angús-

(1953), não pode nascer senão da vivência contratransfe-tia contratransferencial e os conflitos do analista com seu rencial de fracasso que lhe produz o paciente: os fatos são superego, projetado no paciente e em seus pais, assim os mesmos, a teoria é diferente. Reich pensa que sua intui-como também o manejo do sentimento de culpa através ção (experiência, ofício) permite-lhe compreender a trans-de mecanismos de negação e projeção. A reação do analisferência do analisando, mas não que esteja em jogo sua ta, conclui essa autora, é de vital importância nesses casos contratransferência, como tampouco havia valorizado o (Sharpe, 1927, p. 384).

período anterior, no qual não pôde operar, como efeito de Expus com

algum detalhe a investigação de Sharpe uma inibição (impotência contratransferencial).⁴

não apenas porque se sobressai em um momento singular Enquanto a teoria da intuição recorre a uma explicada evolução da psicanálise, mas também porque é um cão em termos de experiência, de olho clínico, de ofício exemplo de que mesmo os mais lúcidos podem passar por (métier), define-se como independente da contratransfe-alto um grande problema quando não estão dadas as con-rência, do conflito que o analista está sofrendo. Ao contrá-

dições para enfocá-lo. Antes de que se pudesse descobrir a rio, a teoria da contratransferência, tal como a formulam contratransferência como um problema da práxis e de que Racker, Paula Heimann e outros, dirá que o métier do ana-se conseguisse formulá-lo teoricamente, era necessário que lista consiste em escutar e perscrutar sua contratrans-as premissas da técnica mudassem, que se compreendesse ferência, que isso é sua intuição. Ao estabelecer um víncu-melhor a profundidade e a complexidade do fenômeno lo entre a intuição e a contratransferência, não se afirma transferencial, os alcances e os limites da interpretação, a que toda interpretação origine-se desse modo, já que não transcendência do enquadramento e muito mais. Tudo isso é possível descartar que, enquanto o analista conservar se consegue graças a Melanie Klein e Anna Freud, graças a plenamente sua capacidade de compreender, não interve-Ferenczi, Reich, Reik e Fenichel, graças a Sterba e Strachey, nha sua contratransferência. É possível sustentar, ao me-para citar alguns protagonistas.

nos fenomenologicamente, que a intuição surge quando Como analistas, não vamos deixar de lado os fatores não estamos decodificando bem, porque, do contrário, não inconscientes que pesaram nesse atraso. Ninguém se gra-a chamamos de intuição: chamamos de intuição um mo-tificará ao ver e reconhecer sua essencial identidade com mento de ruptura em que, de repente, impõe-se algo ines-o paciente que trata, abandonando a cômoda, a ilusória perado à nossa compreensão. Quando estudarmos o tra-superioridade que acreditou ter. Para os pioneiros, isso não balho de López (1972) sobre a forma como se constrói a apenas era inevitável, como também até conveniente por-interpretação, veremos três níveis – o neurótico, o caracte-que, se não fosse assim, a complexidade dos fatos os teria ropático e o psicótico – nos quais os mecanismos de codi-oprimido. No entanto, como acabo de assinalar, o fator ficação variam e, com eles, o grau em que participa a inconsciente, apesar de ser importante, não foi o único.

contratransferência para se chegar à interpretação. É legítima-Era necessário esperar que a técnica progredisse o suficiente, pois, supor que a intuição não pode ser separada da para que suas insuficiências fossem descobertas, para que contratransferência (do conflito) e que isso é também aplicada-aquela definição consoladora de que a tarefa psicanalítica cabe às outras ciências, porque a intuição do físico ou do transcorre entre um neurótico e um sadio pudesse ser re-químico opera da mesma forma no contexto da descoberta.

visada.

Em resumo, como acabamos de ver, a teoria da A ciência, diz Kuhn (1962), evolui por crises. Há contratransferência não participa do desenvolvimento da momentos em que a comunidade científica aplica sosse-teoria da técnica na primeira metade do século XX e bri-gadamente suas teorias para reforçar o conhecimento e lha por sua ausência na famosa polêmica de Reik e Reich.

expandi-lo; em outros, surge um mal-estar crescente, por-Todavia, deve-se destacar um antecedente de relevo que as anomalias ao aplicar a teoria são cada vez mais dessa época, que passou, até onde sei, totalmente inad-freqüentes e flagrantes; por fim, explode uma revolução e vertido. Refiro-me à contribuição de Ella F. Sharpe ao muda o paradigma. Creio realmente que algo assim acon-Simpósio sobre análise infantil, em 1927. Todo o raciocí-

teceu com o reconhecimento da contratransferência na metade do século passado.

4 “Os significados e usos da contratransferência” (1953), Estudo A
CONTRATRANSFERÊNCIA COMO INSTRUMENTO

VI, parág. V.O caso de Reich figura em seu trabalho apresentado no Congresso de Innsbruck de 1927, intitulado “Sobre a técnica Nos anos de 1950, surge uma série de trabalhos em da análise do caráter” (1928) e incorporado à sua obra Análise do caráter como Capítulo 4.

que a idéia de contratransferência é considerada concre-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 159

tamente não só como problema técnico, mas também como as claras afirmações de Lacan em sua “Intervention sur le problema teórico, isto é, questionando sua presença na transfert”, que também é dessa época (1951), em que as-análise e seu significado.

signala a importância da contratransferência no estabelecimento das contribuições mais importantes para a teoria da mente da transferência. Entretanto Lacan não pensa na contratransferência, que nasce nesses anos, sem dúvida-contratransferência como instrumento.

da, as de Heinrich Racker, em Buenos Aires, e as de Paula O que distingue os trabalhos de Racker, de Paula Heimann, em Londres. Foram contribuições simultâneas, Heimann e de outros autores daquele momento é que a e tudo faz supor que nem Paula Heimann tinha ouvido contratransferência já não é vista apenas como um perigo, falar da investigação de Racker, nem Racker da de Paula mas também como um instrumento sensível, que pode ser Heimann.⁵ O trabalho liminar de Paula Heimann foi muito útil para o desenvolvimento do processo analítico.

publicado no International Journal de 1950. Três anos depois disso Racker acrescenta que a contratransferência também, pois, Racker publica, nessa mesma revista, “A contribution à la configuration, de certo modo, o campo no qual se dará a todo o problema de countertransference”, que aparece em modificação do paciente.

1955 na Revista de Psicoanálisis com o mesmo nome, “ConSe compararmos com o que se disse, no devido momento-tribuição ao problema da contratransferência”; porém, na mente, sobre a transferência, veremos que é exatamente a realidade, esse trabalho, incorporado aos Estudos com o mesmo: a transferência é um (grave) obstáculo, um (útil) número cinco e o nome de “A neurose de contratransferência-instrumento e, ao mesmo tempo, em última análise, o cam-tendência”, foi apresentado na Associação Psicanalítica Argentina que torna possível que o paciente mude realmente; a tina em setembro de 1948. Portanto, a apresentação de transferência é o teatro das operações. Na conferência nº

Racker, foi prévia à publicação do trabalho de Paula 27 das Conferências de introdução à psicanálise (1916-Heimann, mas é de se supor que ela o terá preparado antes-1917), que trata da transferência, Freud expõe essa idéia na mesma época e, de fato, leu-o no Congresso de Zurique nitidamente. A transferência não é apenas obstáculo e ins- de 1949. Se, como parece justo, a descoberta (ou instrumento do tratamento, mas também possui a qualidade redescoberta) é atribuída salomonicamente aos dois, deve-se dar um destino diferente à antiga relação de objeto que se diz também que os estudos de Racker são mais sistematizados a se repetir. No momento em que a transferência é maticos e completos. Fora o artigo de 1950 e de outro resolvida,

dizia Freud, o paciente fica em condições de que escreveu 10 anos depois, Paula Heimann não voltou enfrentar seus problemas de forma diferente da de antes, mais ao tema ou só o fez de passagem; Racker, ao contrá-

embora o analista fique novamente excluído.

rio, publicou uma série de trabalhos nos quais foi estudan-Sobre a base desse triplo modelo freudiano, Racker do aspectos importantes da contratransferência, que con-afirmará que também a contratransferência opera de três seguiu articular em uma teoria coerente e ampla.

formas: como obstáculo (perigo de escotomas ou pontos ce-Se atribuí a Paula Heimann e Heinrich Racker o mé-

gos), como instrumento para detectar o que está passando-rito de descobridores é porque penso que são os que desse com o paciente e como campo no qual o analisando pode tacam o papel de instrumento da contratransferência, o realmente adquirir uma experiência viva e diferente da que propriamente novo, e não porque deixe de lado outros teve originariamente. Para mim, seria mais preciso e equâ-

trabalhos desses anos, também de valor. Há, com certeza, nime dizer da que acredita ter tido. Inclino-me cada vez outros artigos nessa época que merecem ser considera-mais a pensar que a “nova” experiência sempre se faz sobre dos, como o de Winnicott, de 1947, e os de Annie Reich e a base de outra que foi positiva em seu momento ou, mais Margaret Little, publicados no International Journal de exatamente, de um aspecto positivo da experiência com-1951.

pleta original, o que equivale a dizer, com Wälder (1936), As contribuições de todos esses autores, e de outros que os atos psíquicos são multideterminados.

que logo consideraremos, introduzem de imediato, incisi-Em última instância, a análise não faria nada mais (e vamente, o tema da contratransferência e marcam, de certo nada menos!) do que restituir ao paciente seu passado, modo, uma espécie de revolução, que não se realizou sem incluindo também o que foi bom de seu passado, embora lutas. Quando em 1948 Racker apresentou seu trabalho ele o tenha distorcido ou entendido mal. Este é um pro-na Associação Psicanalítica Argentina, causou mal-estar, e blema teórico de grande densidade, que abordarei mais um analista importante disse iradamente que o melhor adiante.6 Digamos, desde já, que esse

problema apresenta que um analista ao qual acontecem “essas coisas” pode um aspecto técnico (quando vamos dizer que a nova ex-fazer é voltar a se analisar! Como acabo de dizer, e não perícia boa é original; quando trataremos de remetê-la creio estar exagerando, os trabalhos sobre contratransferência ao passado) e um aspecto epistemológico que, à medida que, nesses anos, promovem uma mudança de paradigma que inclui o problema dos quantificadores universais, exi-ma: desde então, a tarefa do analista ficou mais que um enfoque especial.

tionada e melhor criticada. Vale a pena sublinhar, ainda, Se se compreendem os três fatores estudados por Racker, pode-se reformular a teoria da contratransferência 5 Lembro-me de ter ouvido Racker comentar muitas vezes, nesses anos, a coincidência entre seus trabalhos e os de Heimann e 6 Em meu trabalho de Helsinki (1981b), exponho algumas idéias a autonomia das idéias de ambos.

sobre esse tema. (Ver o Cap. 28).

160 R. HORACIO ETCHEGOYEN

como correlato da transferência, dizendo que o analista é quando se funda por inteiro nas constantes do enquadre.

não somente o intérprete, mas também o objeto da transferência-O enquadre e, dentro dele, a reserva analítica justificam a transferência. Isto é óbvio, mas às vezes o esquecemos. A idéia da que chamemos, por definição, de transferência o que pro-intuição, por exemplo, refere-se a um analista intérprete; vem do paciente e de contratransferência a resposta do porém, quando o analista é só isso, não participa do pro-analista, e não o contrário. Se fosse o contrário, a situação cessaria, não o padece, não tem paixão; e justamente talvez analítica não se teria constituído. Lacan não se afasta de mais valioso da tarefa do analista seja que, sendo o objeto-sa opinião, ao que parece, porquanto considera que o feito, possa ser o intérprete – esse é seu mérito, como assinam-nos de contratransferência surgem quando se inter-lou Strachey em seu famoso trabalho de 1934.

rompe o processo dialético, que para ele é a essência da análise.

Essa decisão define o campo, a área do trabalho analítico-O CONCEITO DE CONTRATRANSFERÊNCIA

lítico. Chamar um fenômeno de transferência e outro de contratransferência implica que o processo analítico inicia-se com a transferência, agora precisar e demarcar o conceito de transferência,

como o contraponto musical, contratransferência. Os tipos que vamos discutir dependem de que há primeiro um canto ao qual responde o condem muito do conceito, e vice-versa; à medida que distinguem o. O termo contratransferência implica, pois, que os vários tipos diversos, podemos obter um conceito amplo ponto de partida é a transferência do paciente. Inclusive, ou restrito.

o que se pretendeu, em um primeiro momento da história Joseph Sandler e colaboradores (1973) dizem, com da psicanálise, é que só existia a transferência e que o anafração, que na palavra contratransferência o prefixo contra lista respondia sempre racionalmente; do contrário, esta pode ser entendido com dois significados distintos que, vai em falta. Depois, viu-se que não era assim e que não quando se fala de contratransferência, de fato são levados podia ser assim: uma análise na qual o analista não participa: oposto e paralelo. No primeiro significado, “participação seria impossível e talvez equivocada, pois deve haver tra” é o que se opõe: por exemplo, dito e contradito, uma reação. Essa definição é operativa, mas não autoritária-

que e contra-ataque; na outra acepção, o prefixo é emprestado, como poderia parecer. É autoritário crer que o analista agido como o que faz balanço em busca de equilíbrio: responde sempre racionalmente ou esquecer que, ao definir a to e contraponto (1973, Cap. 6).

participação do analista no processo, como propusemos, Essas duas acepções operam continuamente, e às vezes não fazemos outra coisa senão assinalar seu papel, sem vezes contraditoriamente, nas definições. Quando falamos nos pronunciarmos sobre sua saúde mental.

de contratransferência no primeiro sentido, queremos dizer-O que acabo de dizer, creio, coincide com o que quer que, assim como o analisando tem sua transferência, o Winnicott (1960b) chama de atitude profissional do analista.

analista também tem a sua. Desse modo, a contratransferência é definida pela direção, daqui para lá. A outra acepção estabelece um balanço, um contraponto, que sur-CONTRATRANSFERÊNCIA E ENQUADRE

ge ao compreender que a reação de um não é independente do que vem do outro.

O que justifica que se discriminem transferência e Com essas duas formas de conceber o processo, inicialmente-contratransferência é, em última

análise, o enquadre. O

cia-se uma grande controvérsia para definir a contratrans-enquadre ordena os fenômenos: se não fosse assim, falariaferência e delimitá-la da transferência. A maioria dos anamos somente de transferência ou de transferência recípro-listas pensa, como Freud, que os sentimentos e as pulsões ca, como Luis López Ballesteros y de Torres preferiu trada contratransferência surgem no inconsciente do analis-duzir Gegenübertragung.

ta, como resultado da transferência do analisante. Um in-Não é simplesmente um jogo de palavras, ou uma investigador tão rigoroso como Lacan, porém, afirma exata-petição de princípio, situar o enquadre como elemento mente o contrário, como já vimos, ao estudar sua “Inter-ordenador. Porque o enquadre é instituído para que exis-vention sur le transfert” de 1951. Quando se pergunta o tam realmente esses fenômenos, para que o paciente de-que é a transferência, responde-se: “Não se pode aqui con-senvolva sua transferência e o analista acompanhe-o, no siderá-la como uma entidade totalmente relativa à contra-sentido do contraponto musical, ressoando a partir do que transferência, definida como a soma dos preconceitos, das inicialmente é do paciente; se essa condição não ocorre, paixões, das perplexidades, inclusive da insuficiente infor-tampouco ocorre o tratamento analítico. O enquadre ope-maço do analista em tal momento do processo dialético?”

ra como uma referência contextual que permite que se dê (Leitura estruturalista de Freud, p. 46-47). Já criticamos esse jogo de transferência e contratransferência; é a estru-essa opinião um tanto extrema, que se modifica depois tura sintática, em que os significados de transferência e com a nova teoria da transferência de Lacan, a teoria do contratransferência irão adquirir sua significação.

sujeito suposto saber.

O enquadre ordena uma relação distinta e particu-A única coisa que podemos fazer para resolver esse lar entre o analista e o paciente, uma relação não-con-dilema é fixar uma direção arbitrária do processo, o que, vencial e assimétrica. O paciente comunica todas as de fato, Freud faz (e também faz Lacan, com o sinal con-suas vivências (ou pelo menos tenta) e o analista só restrário). No entanto, essa decisão deixa de ser arbitrária ponde ao que disse o analisando com o que acredita per-

tinente. Desse modo, e apenas desse modo, fica definido contratransferência refere-se às identificações complementares o tipo de relação com seus papéis de analisando e de tares, e não às outras, embora considere que não devem analisar. Se considerássemos que a contratransferência é ser separadas, já que, em ambos os casos, estão em jogo os um processo autônomo, em tudo igual à transferência, processos inconscientes do analista e seu passado.⁷

não ficaria configurada a situação analítica. Não é casual, Essa classificação merece alguns reparos. De um ponto em meu entender, que o frouxo enquadre de Lacan coincide um pouco acadêmico, seria possível assinalar que a coincide justamente com uma explicação teórica que reverte identificação concordante com o superego do analisando é os termos do processo.

uma identificação com o objeto interno. Como Racker não Apesar de os papéis de analista e analisando fica-ignora isso, com certeza, deve-se concluir que a identificação rem assim definidos contratualmente (como, no fim das do analista com o superego do analisando é concordante com, em qualquer tipo de relação humana), não se deve quando há coincidência na apreciação da culpa e complete-perder de vista que esse acordo prévio à tarefa também mentar quando o analista cumpre a função de censor. Mais se sustenta e em grande medida, no fato de que o enquadre é sustentar os pontos de vista rackerianos frente a um dre ajuda o analista a cumprir seu papel, a manter um paciente com auto-recriminações, porque nele a identificação equilíbrio maior que o do paciente, além de que sua análise

concordante não poderia ser nunca a mais empática.

lise didática e sua formação o coloquem em vantagem.

Talvez o modelo de aparelho psíquico que Racker Sendo assim, o conceito de assimetria dependerá, antes utiliza para sua classificação (a segunda tópica) não seja o de mais nada, do enquadre e apenas secundariamente mais apto para classificar a contratransferência. Seus da saúde mental do analista. Como todos sabem, o analisando também sofre, sem dúvida, porque explica nesse lista que se analisa funciona diferentemente em ambas os pontos a dinâmica das identificações sobre a base das circunstâncias.

ção e da introjeção, sem recorrer à identificação projetiva, O analista poderia responder à transferência do paciente um ponto que Grinberg e Money-Kyrle levarão muito em conta de uma forma absolutamente racional, mantendo-conta, como veremos no próximo capítulo.

se sempre, por assim dizer, no nível da aliança de trabalho. O conceito de identificação projetiva leva-nos naturalmente a outro tema importante, que Racker leva em conta, em princípio, com fenômenos irracionais, em que conta apenas colateralmente, sem chegar a conceituá-lo se mobilizam conflitos infantis. Nesse sentido, trata-se claramente: a diferença entre objetos parciais e totais.

mente de um fenômeno transferencial do analista, mas Racker diz: “Quanto maiores forem os conflitos entre esse fenômeno, se queremos preservar a situação analítica-própria das partes da personalidade do analista, tanto mais ela tem de ser uma resposta ao paciente, se não teríamos sido as dificuldades para realizar as identificações de dizer que não estamos dentro do processo analítico, e concordantes em sua totalidade” (p. 161). É evidente que sim reproduzindo o que passa na vida corrente entre duas a identificação que Racker tem em mente é a concordante com pessoas em conflito.

com um objeto total, mas então o que vale é a integração mais do que a concordância.

Creio pessoalmente que a compreensão ou a empatia
CONTRATRANSFERÊNCIA

do analista não depende de que se identifique concordante-
CONCORDANTE E COMPLEMENTAR

te ou complementarmente, e sim do grau de consciência que tenha do processo, da plasticidade das identificações. Preocupado por sua fenomenologia e por sua dinâmica e da natureza objetiva do vínculo.

mesmos, Racker classificou a contratransferência em várias. Chegamos aqui a outro ponto em que se tornam os tipos.

questionável a classificação de Racker, já que a contratrans- Assim, em primeiro lugar, distinguiu duas classes de transferência concordante é a que mais se presta a um vínculo contratransferência, segundo a forma de identificação de tipo narcisista. O próprio Racker adverte sobre isso quando-

(Racker, 1953, Estudo VI, parágrafo II). Na contratransferência ele destaca que a contratransferência concordante anula, concordante, o analista identifica seu ego com o ego do em certo sentido, a relação de objeto, o que não ocorre na análise, e o mesmo para as outras partes da personalidade-complementar (p. 163). É que, na verdade, as identificações, id e superego. Em outros casos, o ego do analista concorda

concordantes (narcisistas) são as que implicam o mai-identifica-se com os objetos internos do analisando, e a or montante de participação contratransferencial.

esse tipo de fenômeno Racker chama de contratransferência complementar, seguindo a nomenclatura de Helene Deutsch (1926) para as identificações.

EMPATIA

Racker pensa que as identificações concordantes são em geral empáticas e expressam a compreensão do analis-Acabamos de ver que Racker inclina-se a considerar ta, sua contratransferência positiva sublimada, enquanto a empatia como uma forma especial de contratransferência, a contratransferência complementar implica um montante maior de conflito. À medida que o analista fracassa na identificação concordante, intensifica-se a complementar.

7 Aqui, Racker decide-se claramente por incluir a compreensão Racker assinala, desse modo, que o uso corrente do termo do analista (empatia, intuição) na contratransferência.

162 R. HORACIO ETCHEGOYEN

e muitos analistas pensam como ele. Outros, ao contrário, mento fundamental de sua psicologia compreensiva e, por decididamente a separam dela e atribuem-lhe um lugar consequente, da psicoterapia.

próprio e distinto. O tema é complexo e, por certo, merece A partir dessas precisões de Jaspers, definiremos pro-um estudo especial, que agora procuraremos fazer. Deve-visoriamente a empatia como a capacidade de alguém para se levar em conta, de imediato, que boa parte dessa consentir o que outro sente e compreendê-lo.

trovêrsia depende da extensão que demos ao conceito de Freud não estudou especificamente a empatia, nem contratransferência. Os que pensam como Racker – e, no se ocupou muito dela, mas reconheceu-lhe, sem dúvida, fim das contas, como Freud (1915e), que todo pensamen-um valor importante no tratamento psicanalítico, tal como to tem sua raiz no sistema Icc – sustentarão naturalmente assinalam Lerner e Nemirovsky (1989). Assim, por exem-que a empatia não é uma exceção: por mais elevados que plo, quando se pergunta em “Sobre o início do tratamen-possam ser seus produtos, sempre se poderá remetê-la aos to” (1913c), em que momento deve começar a tarefa processos primários da vida psíquica.

interpretativa, afirma taxativamente que nunca antes de Quando Guillermo Dilthey (1833-1911) propôs a clássica divisão entre ciências da natureza (Naturwissenschaften) operativa, um rapport em regra, e afirma, ato contínuo, e ciências do espírito (Geisteswissenschaften), quando disse que essa ligação pode ser entorpecida se o analista, “desde que a natureza é explicada e o espírito é compreendido, o começo, situa-se em um ponto de vista que não seja o da abertura um caminho pelo qual ainda continuam transitando empatia” (AE, v.12, p. 140). “It is certainly possible to forfeit the means of thought and to reach the bases of philosophy—this first success if from the start one takes up any standard of psychology and of psychoanalysis. Recordemos que Dilthey points out other than one of sympathetic understanding, such as, in principle, the concept of empathy (Einfühlung) as a moralizing one...”* (SE, v.12, p. 140). Strachey prefere como o método básico das ciências do espírito, mas depois ri “sympathetic understanding”, e, embora o giro linguístico preferiu o de vivência (Erlebnis), porque acreditou que se não muda na verdade o conceito, cabe salientar que enquadrava melhor com o estudo da história, que era pelo os Studienausgabe consigna Einfühlung, isto é, que ele basicamente se interessava (Guariglia, comunica-

“empatia”.

ção pessoal).

Vale a pena recordar que é em O chiste e sua relação Seguindo a linha de Dilthey, a monumental Psico-análise com o inconsciente que Freud (1905c) emprega com mais patologia geral de Karl Jaspers (1913) introduziu a difusão da palavra “empatia” para se referir à conexão entre psicologia explicativa e psicologia compreensão que surge entre os dois personagens que inter-relaciona. Aplicando com vigor esse instrumento conceitual, ragem no chiste. Ao “querer compreender”, diz Freud, o Jaspers distinguiu taxativamente dois tipos de entidades sujeito situa-se no lugar da pessoa observada e, assim, psiquiátricas: os desenvolvimentos, que podemos alcançar-sobrevém uma liberação do gasto psíquico que se des-

car com nossa compreensão, e os processos, que são ex-carrega com o riso.

plicáveis, ainda que não compreensíveis. Assim, por exemplo—Na nota introdutória a esse livro, Strachey (1960) põe, a idiotia fenilpirúvica ou fenilcetonúria é explicada recorda que se atribui a Theodor Lipps (1851-1914) ter por uma falha genética que não permite a síntese de

uma cunhado o termo *Einfühlung* e, é evidente, acrescenta que enzima – a hidroxilase – necessária para converter a Lipps influenciou muito Freud por seu conceito de *incons-fenilalanina* em *tirosina*, com grave alteração no desen-ciente e seu ensaio sobre o cômico e o humor. No entanto, volvimento do sistema nervoso central. A depressão como acabamos de ver, foi Diltthey quem de fato introdu-reativa, porém, é compreendida, uma vez que podemos ziu o conceito de empatia, que veio a ocupar um lugar colocar-nos no lugar daquele que a sofre.

chave em seu sistema filosófico.

Na psicologia compreensiva, Jaspers distingue, por Em diversos contextos do livro do chiste, Freud assi-sua vez, dois tipos de compreensão: estática e genética. A nala que a oposição entre os elevados interesses espirituais compreensão estática estuda os estados anímicos que o e a perturbação que pode provocar alguma circunstância observador pode alcançar pela vivência (fenomenologia); fortuita, como pode ser uma necessidade corporal excrea compreensão genética, ao contrário, descreve como sur-mentícia, é medida por empatia, e isso é o que produz o ge o anímico do anímico, através da conexão de motivos efeito cômico. Esse efeito cômico, afirma Freud (Cap. VII, (psicologia compreensiva).⁸ A compreensão genética, por seção 1), está ligado à empatia quando o avaliamos no seu turno, possui duas vertentes. Na compreensão racio-outro, já que, se ocorresse em nós mesmos, não surgiria nal, compreendemos segundo as regras da lógica, comum efeito cômico, mas, ao contrário, um sentimento pe-preendemos o falado, enquanto que a compreensão em-noso. Nesse sentido, parece que Freud utiliza o conceito pática (ou psicológica) permite-nos compreender aquele de empatia para medir a diferença do próprio eu com o que fala, insere-nos no reino das relações psicológicas, leva-outro e não para compreendê-lo, para entrar em resso-nos à própria psicologia (Jasper, 1913, p. 355). Logo, a nância com ele.

concepção jasperiana reconhece a empatia como o instru-8
Voltaremos a Jaspers quando falarmos da interpretação no Ca-

*N. de R.T. Serão mantidas as citações em língua estrangeira como
pítulo 26, segundo item.

no original.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 163

No Capítulo VII, “Identificação”, de Psicologia das pois precisadas por

Poland (1975) e Carloni (1984). A massas e análise do ego, Freud (1921c) outorga à empatia empatia serve-nos para compreender, e o tato, para inter-um lugar singular, afirmando que "... desempenha a parte pretar; aquela tem a ver com o pólo sensorial do aparelho; principal em nossa concepção do ego alheio, o das outras este, com o pólo motor.

peças" (AE, v.18, p. 102); "... plays the largest part in Depois do trabalho de Ferenczi, o tema da empatia our understanding of what is inherently foreign to our ego foi abordado apenas ocasionalmente, até que, nos últimos in other people" (SE, v.18, p. 108).

anos, voltou à consideração dos analistas a partir da in-Muitos analistas ocuparam-se da empatia, mas ne-vestigação de Kohut.

nhum com a profundidade com que o fez Ferenczi. Seu Greenson escreveu, em 1960, um ensaio de grande famoso ensaio "Elasticidade da técnica psicanalítica"

amplitude sobre a empatia e suas vicissitudes. Para esse (1928) é, sem dúvida, o trabalho mais original e mais com-autor, a empatia é o conhecimento emocional dos senti-pleto sobre o tema.

mentos do outro, um fenômeno pré-consciente que serve No auge de sua genialidade, Ferenczi mostra nesse para compreender o analisando, na medida em que nos artigo um admirável equilíbrio entre a ciência e a arte da permite compartilhar seus sentimentos. A empatia impli-psicanálise. Como me apontou Ahumada, em uma comu-ca um equilíbrio delicado, a possibilidade de sentir com o nicação pessoal, talvez seja porque está no meio do cami-outro, mas sem se deixar envolver por seus sentimentos, nho que vai da técnica ativa à neocatarse, equidistante de ocupando o lugar de um observador participante, como duas paixões que terminam por extraviá-lo. É o Ferenczi dizia Sullivan. Disso decorre que Greenson considere que que acaba de escrever um artigo definitivo sobre o proble-a empatia do analista falha por defeito ou por excesso. Na ma do término da análise (1927), reivindicando o direito inibição da empatia, o analista mantém-se demasiadamen-do analista a ser analisado a sério; o Ferenczi que compre-te afastado por medo de se ver envolvido nos sentimentos ende e maneja como poucos a técnica e o método; o do analisando; no descontrole, o compromisso do analista Ferenczi que, para Freud, não tem pares.9

com os sentimentos do analisando é intenso demais, e, O ponto de partida do ensaio de Ferenczi é uma recom isso, perde a distância

ideal e a objetividade.

flexão sobre a natureza científica da psicanálise como co-Greenson distingue a empatia da simpatia, na qual nhecimento transmissível. Segundo ele, quem tenha sido existe um elemento de acordo com o que o outro sente e, analisado a fundo e esteja familiarizado com os princípios portanto, um grau mais amplo de compromisso emocio-da técnica poderá operar com eficácia, embora sempre final. Também diferencia intuição de empatia, porque aquela que um resíduo de equação pessoal que se deverá manejar tem a ver com o intelectual, e esta, com os sentimentos.

com tato, que não é outra coisa senão a capacidade para a Seguindo as idéias de Melanie Klein, Nora Barugel empatia. A empatia orienta-nos sobre o que devemos e (1984) distingue simpatia e empatia, como Greenson, podemos dizer ao paciente para não aumentar desneces-mas define-as de outro modo. Na simpatia, sente-se ou sariamente suas resistências e para evitar o sofrimento do sofre-se com o outro (sin-pathos) como resultado de se qual se pode dispensá-lo. Porque Ferenczi, como haverá conectar com aspectos próprios que se sente como se-de dizer Bion muitos anos depois, pensa que a psicanálise melhantes ao objeto. Na empatia, sente-se ou sofre-se não pode ocorrer sem dor, e um de seus objetivos é justa-dentro do objeto (em-pathos), de modo que a identifi-mente aprender a tolerá-la.

cação sobrevém sobre a base das próprias qualidades Para Ferenczi, a empatia significa dar-se conta e, até colocadas no objeto, isto é, a partir da identificação certo ponto, prever a reação do analisando para poder fa-projetiva. Portanto, Barugel considera ambos os proces-lar ou calar no momento oportuno, mas nunca uma atitu-sos como resultado da identificação e entende-os, no de ingênua ou sentimental. O analista deve ter os olhos marco de referência kleiniano, como duas modalidades bem abertos, enquanto sua mente oscila continuamente da identificação, introjetiva e projetiva.

entre a empatia, a auto-observação e a atividade do juízo Yampey (1985) reconhece a empatia como uma con-

(Psicanálise, v.4, p. 68). “One might say that his mind dição importantíssima da compreensão psicanalítica e de-swings continuously between empathy, self-observation and fine-a como a possibilidade de se colocar no lugar do ou-making judgements” (Final contributions, p. 96). Síntese tro e de compartilhar o que ele pensa e deseja, aquilo que admirável que hoje possui a mesma vigência de então.

vivência, mas também adverte sobre seus perigos quando Como ele mesmo diz em sua carta a Freud de 15 de janeiro-

é dominada pelo mágico, pelo narcisista e pelo infantil.

ro de 1928 (Grubrich-Simitis, 1986), a empatia não signi-O autor que mais se ocupou da empatia em meados fica concessão alguma à arbitrariedade do fator subjetivo do século XX foi, sem sombra de dúvida, Heinz Kohut. Sua e requer um estrito controle sobre os conflitos pessoais –

trajetória científica é um grande arco de círculo que co-algo que, infelizmente, alguns analistas contemporâneos meça em “Introspection, empathy, and psychoanalysis”

esquecem.

(1959, “Introspecção, empatia e psicanálise”) e encerra-As relações entre o tato e a empatia, que Ferenczi se com “Introspection, empathy, and the semicircle of estabeleceu sem chegar a definir claramente, foram dementa health” (1982, “Introspecção, empatia e o semicírculo da saúde mental”), passando pelo último capítulo de Análise do self (1971), até chegar a Como cura a análise?

9

(1984), publicado após sua morte.

Ver Grubrich-Simitis, 1986, carta de 4 de janeiro de 1928.

164 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Desde seu trabalho inaugural de 1959, Kohut afir-a subjetividade (Análise do self, p. 270; The analysis of the ma categoricamente que o fato psicológico só é alcança-self, p. 300-301).

do por introspecção ou por empatia, que para ele é uma Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo, encon-forma vicariante de introspecção; e, reciprocamente, afir-tramos um parágrafo sumamente explicativo: “O psicólogo que o alcançado por esses métodos é psicológico e o go científico, em geral, e o psicanalista, em particular, de-demais não. Desse modo, Kohut privilegia e limita a psi-vem ter livre acesso à compreensão empática, e, além dis-canálise ao que acontece na sessão, ao que se passa entre so, estar em condições de poder renunciar à atitude em-analista e analisando. O demais, o que provier de outros pática. Se não podem ser empáticos, tampouco

poderão campos de observação (como a etologia e as neuro-observar e reunir os dados de que necessitam; se não conciências, por exemplo) poderá ser-nos útil, mas nunca seguem superar a empatia, será impossível para eles esta-pertencerá à nossa disciplina. Kohut ainda diz mais: a belecer hipóteses e teorias e, por conseguinte, não pode-empatia deve ser considerada como um componente es-rão criar interpretações” (Análise do self, p. 272). “The sencial do método psicanalítico. “We designate pheno-scientific psychologist, in general, and the psychoanalyst, mena as mental, psychic or psychological if our mode of in particular, not only must have free access to empathic observation includes introspection and empathy as an understanding; they must also be able to relinquish the essential constituent” (1959, p. 462; “Designamos um fe-empathic attitude. If they cannot be empathic, they cannot nômeno como mental, psíquico ou psicológico, se nosso observe and collect the data which they need; if they cannot modo de observação inclui a introspecção e a empatia step beyond empathy, they cannot set up hypothesis and como um componente essencial”. (Os grifos são de Kohut; theories, and thus, ultimately, cannot achieve explanations”

a tradução é minha). Aqui reside a grande inovação de (The analysis of the self, p. 303).

Kohut: a empatia deixa de ser uma condição necessária Creio notar aqui uma contradição no pensamento de do trabalho analítico (como todos pensam, desde Ferenczi) Kohut. Se a empatia só serve para colher dados a partir para se constituir na própria essência do método, com o dos quais se deve chegar a uma explicação, então não se que se estende para ela um verdadeiro cheque em bran-pode dizer que a empatia é a própria essência do método, co metodológico.

mas, na melhor das hipóteses, seu ponto de partida. Toda-A definição de 1959 repete-se e aperfeiçoa-se em via, com o desenvolvimento de sua investigação, o mestre 1971, quando a empatia é reconhecida como “um modo de Chicago foi esclarecendo seu pensamento.

de conhecimento especificamente de acordo com a perEm seu livro póstumo, Como cura a análise? (1984), cepção de configurações psicológicas complexas” (Análise Kohut oferece-nos alguns argumentos para poder compre-do self, p. 269). “Empathy is a mode of cognition which is ender essa aparente contradição. No Capítulo 6, volta a specifically attuned to the perception of complex psycho-definir a empatia como introspecção vicariante, como a logical configurations” (The analysis of the self, p. 300).

capacidade de penetrar com o pensamento e com o senti-Nesse capítulo, Kohut passa em revista os limites da mente na vida interior de outra pessoa, de vivenciar o que empatia e seu emprego equivocado. Se a empatia aplica-o outro vivencia, embora em grau atenuado.

se à observação de áreas que estão fora do campo dos No Capítulo 9, “Papel da empatia no tratamento estados psicológicos complexos, isto é, a processos nãoopsicanalítico”, ele nos diz claramente que a empatia do psicológicos, conduz a uma percepção errônea da realidade-analista consiste em aceitar sem rodeios a transferência de, pré-razional e animista. Pelo contrário, se não se utiliza-narcisista do analisando, tolerando a transferência es-za a empatia quando devem ser observados fenômenos peculiar, com seu cortejo de exibicionismo e controle, e psicológicos complexos, então se cai em um erro simetria transferência idealizada, sem limitá-la com chamados co e oposto ao anterior, que leva a uma concepção meca-

à realidade ou com interpretações que impliquem seu nicista e inerte da realidade psicológica.

rechaço. Kohut acredita que, graças à empatia, o ana-Até esse momento, e visto que erigiu a empatia como lista capta genuinamente a percepção que o paciente um modo de conhecimento específico, ou seja, como um tem de sua realidade psíquica e a aceita como válida.

elemento essencial da práxis psicológica, tudo faria supor Para que se torne nítido o alcance dessa afirmação-cha-que Kohut se declararia partidário de uma psicologia com-ve, Kohut fornece um exemplo que vale a pena comen-preensiva, como a que propiciaram Dilthey e Jaspers, ou tar. Se um paciente confessa-lhe que se sentiu ferido como a que mais tarde sustentou Alfred Lorenzer (1970) porque ele, Kohut, chegou um minuto mais tarde, não com sua teoria da compreensão cênica. Kohut, porém, se deverá responder-lhe que sua percepção da realidade-rechaça energicamente essa possibilidade, sustentando que de está distorcida ou que ele está confundindo-o com a a empatia falha quando, em vez de utilizá-la como um mãe ou o pai; antes lhe dirá que todos somos sensíveis instrumento para a reunião de dados psicológicos, como às ações daquelas pessoas que chegaram a ser tão im-um modo de observação, pretende-se substituir com ela portantes para nós quanto nossos pais o foram na in-as fases explicativas da psicologia científica. Dessa manei-fância e que, em vista do caráter imprevisível de sua ra, prossegue Kohut, chega-se a uma psicologia compre-mãe e do desinteresse que seu pai mostrou em relação ensiva, no sentido de Dilthey e de Jaspers, mas não a uma a ele, é lógico que

sua percepção da importância de sua psicologia explicativa, com o que se deterioram as pautas ações e omissões (de Kohut) tenha-se intensificado, ascientíficas e inicia-se uma regressão sentimentalista para si como também suas reações.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 165

Nesse caso simples, porém ilustrativo, creio que uma verdadeira psicologia explicativa deveria testar, sem medo de se equivocar, que a empatia de Kohut os ditos do analisando e ver como se reproduz seu conflito consiste em aceitar sem reticências o mal-estar do analisando infantil na transferência e não dar fé ao que ele sente, que sendo porque seu analista atrasou-se um minuto. Nisso sempre será, como diz Kohut, muito respeitável, mas não consiste o momento empático (embora não implique, de uma inapelável verdade histórica.

fato, coleta de dados). O que Kohut inclui em sua obra — Ao longo de toda sua obra, Kohut considera que sua pretensão sobre o mau comportamento dos pais (como obediência fundamental à psicanálise é uma nova perspectiva do self) deve ser entendido, sem dúvida, como a perspectiva do fenômeno empático, como foi nova a proposta explicativa da interpretação e, diga-se de passagem, proposta de Brunelleschi sobre a perspectiva no começo do Renascimento — vem aqui das teorias de Kohut e não do que diz o analisando. Por isso, penso que, apesar do que diga seu criador: ao menos, Kohut não o consigna, nem julga necessário, a psicologia do self deve ser conceituada como uma série fazê-lo.

psicologia compreensiva, em que a empatia ocupa o lugar Com respeito ao momento empático da interpretação, central, como método principal de conhecimento.

creio que Kohut está certo ao aceitar plenamente a realidade — O próprio Kohut diz isso, quando assinala que o aspecto psíquico do analisando que se sentiu lesado porque o aspecto explicativo das intervenções do analista baseia-se, analista o fez esperar. A interpretação que Kohut imagina —

em última instância, na empatia e que as reconstruções e subestima —, ou seja, que o analisando distorce os fatos genéticos corretos não fazem outra coisa senão provar ao da realidade ou que confunde o analista com sua mãe ou analisando que ele foi compreendido.

seu pai, não é estritamente para mim uma interpretação, Em seu livro póstumo (Capítulo 9), Kohut afirma que, mas uma desqualificação dos

sentimentos e do juízo do ana-atraves da psicologia do self, o analista consegue empatizar lisando e, provavelmente, um acting out do analista, que com a experiência que o analisando tem de si mesmo como procura descarregar sua agressão e sua culpa. Somente ana- parte do analista e do analista como parte de si. Na reali-listas muito superegóicos (e/ou de pouca experiência) po-dade, Kohut pensa que o conceito de empatia só pode ser deriam formular uma interpretação como essa.

apreendido cabalmente no marco da psicologia do self e, Quanto ao segundo momento da interpretação, conde certo modo, tem razão, porque a empatia fica redefinida vêm, em princípio, pontuar o que Kohut pretende explia partir da teoria dos objetos do self e, igualmente, os ob-car: e é, não resta dúvida, que os sentimentos transferen-jetos do self podem ser definidos como aquilo que se al- ciais do analisando, diante da (mínima) espera que so-cança por empatia.

freu, são uma resposta lógica ao comportamento errático Para preservar o vínculo empático, Kohut não vacila dos self-objects parentais de sua infância. Mas o que é, na em evitar as interpretações que possam “ser sentidas” pelo realidade, que se está testando com essa interpretação?

analisante como hostis ou admonitórias. O analista terá Não é, com certeza, a qualidade daqueles pais distantes, sempre de usar o tato para interpretar, como nos ensinou porque disso Kohut não duvida, já que o sabe por empatia: Ferenczi, mas nunca deve ficar atado ao que o analisando foram não-empáticos; tampouco pode ser que se esteja sentirá, porque este é livre para sentir o que lhe aprouver, testando sua teoria dos self-objects, porque então cairia e a tarefa do analista consiste justamente em analisar essa em um círculo vicioso, em uma petição de princípios. O

vivência – não em evitá-la. O cuidado que Kohut atribui a que Kohut está testando, e não vejo outra possibilidade, é esse ponto é, a meu ver, contrário ao método psicanalítico se a reação transferencial de seu analisando fica explicada e também ao espírito de buscar a verdade que nos ensinou pelo que os pais da infância fizeram, enquanto objetos do Freud.

self deficientes. Se isso é assim, é evidente que o que Kohut Nesse ponto, deve-se articular também a mudança testa é pouco significativo. O analisando não pode menos conceitual de Kohut de uma teoria do conflito à sua teoria do que confirmar a interpretação,

já que é por empatia da detenção do desenvolvimento. Ele sustenta que, à me-com o que ele disse muitas vezes que Kohut afirma que a dida que sua doutrina considera as pulsões sexuais da re-mãe era imprevisível e o pai, desinteressado. Quanto pode lação de objeto como secundárias à organização do self, haver aqui de cumplicidade entre o analisando e o analis-fica protegida de uma conotação culposa. Enquanto o ta para converter o conflito do presente em um conflito do enfoque interpretativo, centrado no conflito de impulso e passado que absolve os dois protagonistas atuais é difícil defesa, presta-se para que o analisando sinta-o como cende dizer, mas é algo para se levar em conta e que não sura, a interpretação das transferências com os objetos do entra, certamente, nas previsões da self-psychology. Pode-self será vivenciada como a aceitação do desenvolvimento ria ser, por exemplo, que o analisando desloque, com a no processo normal de maturação. Essa decisão de man-mínima espera, algum agravo maior contra seu analista ter à outrance o clima empático parece ser um dos fatores que não se atreve a confessar.

que influenciaram o pensamento de Kohut para abando-De qualquer modo, quando Kohut julga tão severa e nar a teoria do conflito e da pulsão.

assertivamente os pais de seu sensível analisando, deixa Se a empatia é entendida como uma forma de prote-fora de toda consideração que tenha sido a atitude extreguer o analisando de verdades dolorosas sobre si mesmo, mamente exigente daquela criança que condicionou – ao então o conceito acaba sendo extremamente estreito. Con-menos em parte – a resposta dos pais. Essa possibilidade cordo com Kernberg quando diz: “É muito fácil para o ana-fica, de fato e de direito, fora do campo visual de Kohut.

lista considerar uma intervenção como ‘empática’ quando

166 R. HORACIO ETCHEGOYEN

se adapta tanto à sua própria teoria quanto às expectativas xo, que tem a ver com processos de identificação, uma forma ou necessidades conscientes do paciente” (Transtornos gra-especial de identificação, em geral transitória e pré-consci-ves da personalidade, p. 166). “It is very easy for the analyst ente, não-regressiva e de natureza reversível (Levy, 1985, p.

to consider an intervention ‘empathic’ when it fits with both 355; Yampey, 1985, p. 353). Laura Etchegoyen (1997), por his own theory and the patient’s conscious expectations or sua vez, considera que a

empatia não pode ser separada da needs” (Severe personality disorders, p. 187).

contratransferência e que flutua nos parâmetros da relação. Depois desse longo percurso, quero concluir assinando a psicanalítica. A empatia, conclui, não é algo fixo e estático, e lendo que a empatia deve ser considerada, como queria sua constante oscilação “constitui uma importante área da Ferenczi, como um guia válido, mas não infalível, para investigação clínica” (p. 159).

nos aproximarmos do que o analisando (e, em geral, o analisando) sente, para compreender e compartilhar o sofrimento segundo a extensão que demos a esta última. Annie Minton alheio, para atenuá-lo na medida do possível, em Reich (1966) e, em geral, todos os autores que tendem a não borrar não esteja em nossas mãos evitá-lo. Considero a conceitualizar a contratransferência como obstáculo preferem empatia como um fator necessário do trabalho analítico, separá-la da empatia; outros, como Racker, a consideram pois, sem ela, nunca poderíamos entrar no compasso de uma forma madura ou sublimada da contratransferência; nosso analisando, mas de modo algum como suficiente para contudo, nem uns, nem outros a reconhecem como uma nossa tarefa, já que a empatia depende de muitíssimos métodos inequívocos para coletar dados. Quando Levy fatores, que ocorrem, em geral, mais no âmbito da comu-

(1985) estuda a empatia no âmbito da psicologia do self, nicação analógica do que da digital. E, frente a essa multi-destaca a excessiva amplitude que o termo tem para Kohut plicidade de fatores, de estímulos, nossa própria resposta e o valor contraditório que lhe atribui: a empatia é, às vezes, não é nunca unívoca e infalível, uma vez que depende de vezes, um instrumento fidedigno para coletar dados e, em nosso próprio estado de ânimo, de nossa receptividade e outras, a habilidade do analista para que o analisando ex- de nossos conflitos; em suma, dos processos de introjeção perimem suas intervenções, de acordo com seus desejos e projeção que configuram nossa contratransferência em e suas necessidades (p. 368). Embora Kohut não pareça sentido amplo.

ter notado, são dois conceitos bem distintos, e é justamente-Como veremos mais adiante (Cap. 26, segundo item), te o último que faz muitos estudiosos temerem que possa Jaspers afirma que a compreensão empática (que para ele ficar comprometida a neutralidade psicanalítica em uma é uma forma da compreensão genética) oferece-nos uma espécie de experiência emocional corretiva,

como Alexander evidência que é última, que não se pode prosseguir além; e French (1946).

todavia, em seguida, atenua essa afirmação extrema di-Levado por uma esforçada tentativa de estabelecer zendo que uma relação compreensível não prova per se uma rigorosa metapsicologia dos afetos, Maldavsky (1986, que seja real e pode estar equivocada se o material objeti-1988) estuda a empatia em relação aos mecanismos espe-vo com que essa relação é compreendida não foi bem to-cíficos da neurose (recalcamento, Verdrängung), das per-mado. Essa referência ao material objetivo, à qual apela o versões e das psicopatias, enquanto modalidades trans-próprio Jaspers, demonstramos que nem sequer esse au-gressoras (recusa da realidade, Verleugnung) e da psicose tor confia em sua empatia; e a isso deve acrescentar-se, (forclusão, Verwerfung), e destaca, em cada caso, uma ati-com Lorenzer (1970, Cap. 2), que a psicanálise rechaça a tude empática especial. De acordo com sua linha de pen-possibilidade de colher dados objetivos e, por motivos de samento, esse investigador estabelece diferenças entre a técnica e de ética, veda a si mesma o acesso a toda infor-empatia, a contratransferência e o contágio afetivo, assi-mação que não provenha do analisando.

nalando que os dois últimos constituem um obstáculo para Lorenzer, por sua vez, apóia-se em Diltthey e em a tarefa analítica e o primeiro tem um valor orientador na Jaspers para propor a compreensão (e não a explicação) clínica, sem que os três difiram pelos afetos em jogo, nem como a forma operativa típica da psicanálise; mais coe-por sua intensidade, mas por sua origem, pelo modo co-rente nesse ponto que Kohut, declara-se partidário de uma mo cada um deles é produzido. Para Maldavsky, a contra-psicanálise radicalmente hermenêutica, na qual, por meio transferência surge de um desejo recalcado do analista, o da compreensão cênica, pode-se recuperar o nível simbóli-contágio afetivo de uma identificação, também sufocada, co da linguagem, reparando o processo destrutivo que le-ao passo que, na empatia, o afeto originário deriva de uma vou do símbolo ao clichê.

identificação com o paciente que é suscetível de consciên-As idéias de Lorenzer merecem, por certo, um estu-cia e serve para cumprir a meta clínica da mudança da do à parte; porém, digamos desde já que todo o seu racio-defesa.

cínio apóia-se em uma vivência de evidência obtida medi-Em suma, outorguemos à empatia um lugar de des-ante um ato psíquico que se cumpre no analista e que se taque em nossa capacidade de compreender nosso anali-verifica nesse ato (1970, Cap. 2, segundo

item), com des-sando (e, em geral, nosso próximo), mas saibamos que cuido, em meu entender, das infinitas armadilhas da tem seus limites e pode enganar-nos. Temos o direito de contratransferência.

acreditar que a psicanálise é uma ciência natural ou uma A maioria dos psicanalistas que se ocuparam da empatia hermenêutica, porém não pensemos jamais que o cami-inclinam-se a considerá-la um fenômeno (ou afeto) comple-nho para a verdade é seguro e sem voltas.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 167

22

Contratransferência e Relação de Objeto

No capítulo anterior, rastreamos o conceito de contrara se possa dispô-lo em uma escala crescente de perturba-transferência, desde quando foi introduzido por Freud, em ções, situa-se além do ponto em que uma mudança quan-1910, até a segunda metade do século XX, quando começa titativa torna-se qualitativa.

a ser estudado com outro enfoque, em outro paradigma: As idéias de Grinberg assentam-se em fatos clínicos como uma presença ineludível, como instrumento, não facilmente observáveis, bem registrados pelo autor. O con-menos que obstáculo.

ceito de contra-identificação projetiva é útil e operativo.

Vimos que Racker estudou a contratransferência da Todavia, aceitá-lo não obriga a compartilhar a opinião de perspectiva dos fenômenos de identificação e descreveu que, nesses casos, opera somente o analisando (e não o dois tipos, concordante e complementar. Dissemos que essa analista), o que, em meu entender, é discutível e difícil de classificação apresenta alguns problemas e também os as-demonstrar. A discriminação entre a contratransferência sinalamos. A classificação de Racker apóia-se em uma teo-complementar e a contra-identificação projetiva não é diria da identificação, que agora estudaremos mais detida-fícil, do ponto de vista clínico, se forem separadas quantita-mente, seguindo sobretudo Grinberg e Money-Kyrle.

tivamente. Se quisermos separá-las como dois processos de índole distinta, a diferenciação torna-se mais árdua, e não sei se temos indicadores para decidir isso, apesar da A CONTRA-IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

cuidadosa investigação de Grinberg. Se o método não nos fornece

instrumentos para discriminar clinicamente, pode-Com seu conceito de contra-identificação projetiva, se também argumentar que, a partir da teoria, por mais León Grinberg fez uma contribuição de valor à teoria ge-forte que seja a projeção do paciente, o analista não tem ral da contratransferência ou, como ele pensa, além dessa de sucumbir necessariamente a ela; se sucumbe é porque teoria, já que se ocupa “dos efeitos reais produzidos no há algo nele que não lhe permite receber o processo e objeto pelo uso peculiar da identificação projetiva prove-devolvê-lo.

niente de personalidades regressivas” (1974, p. 179).

O pensamento de Grinberg sustenta e continua o de Racker, e um de seus méritos principais é que, à diferença O DESENVOLVIMENTO DA

deste, Grinberg leva muito em conta a identificação proje-
INVESTIGAÇÃO DE GRINBERG

tiva. Estabelece uma gradação que vai da contratransferência concordante à complementar para chegar à conO conceito de contra-identificação projetiva tem não tra-identificação projetiva. O que Grinberg postula especi- apenas importância técnica, mas também teórica, e pro- ficamente é que há uma diferença substancial entre a põe um problema aberto e apaixonante, o da comunica-
contratransferência complementar, na qual, frente a de-

ção pré ou não-verbal. Vale a pena, então, que o estude-terminada configuração transferencial, o analista respon- mos mais detidamente, seguindo passo a passo o pensa- de identificando-se com os objetos do paciente, e o fenô-

mento do autor.

meno que ele mesmo descreve, no qual o analista vê-se O primeiro trabalho de Grinberg sobre o tema, “Asforçado a desempenhar um papel que lhe sobrevém: é a pectos mágicos na transferência e na contratransferência”, violência da identificação projetiva do analisando o que foi apresentado na Associação Psicanalítica Argentina em diretamente o leva, além de seus conflitos inconscientes, 27 de março de 1956 e foi publicado em 1958. É um estu- a assumir esse papel. Grinberg chega a ser tão categórico do da magia à luz dos mecanismos de identificação, em que diz que aqui não está em jogo, em absoluto, a contra- que o fenômeno fica definido com as seguintes palavras: transferência do analista e até assinala pacientes que, com

“A ‘contra-identificação projetiva’ produz-se especificamen-diversos

analistas (que ele teve oportunidade de supervi-te como resultado de uma excessiva identificação projetiva sionar), configuraram a mesma situação.

do analisando que não é percebida conscientemente pelo A contribuição de Grinberg destaca, pois, uma forma analista, e que, como consequência, vê-se 'levado' passiva-especial de resposta do analista, em que o efeito da identi-mente a desempenhar o papel que, de forma ativa – em-ficação projetiva é máximo, de qualidade distinta. Embo-bora inconsciente, o analisando 'forçou para dentro de si'”

168 R. HORACIO ETCHEGOYEN

(1958, p. 359-360). Um mês depois dessa exposição, no de Racker, salienta que nesta o objeto do paciente com o Simpósio sobre técnica psicanalítica da Associação Psicana-qual o analista identifica-se é vivenciado como próprio,ou lítica Argentina, presidido por Heinrich Racker em abril seja, representa um objeto interno do analista. A situação de 1956, Grinberg apresentou seu trabalho “Perturbações é, então, que no caso da transferência complementar o na interpretação pela contra-identificação projetiva”, pu-analista reage passivamente à projeção do analisando, mas blicado em 1957, no qual estuda especialmente o efeito a partir de suas próprias ansiedades e conflitos. Na conda contra-identificação projetiva naquilo que é a tarefa tra-identificação projetiva, porém, “a reação do analista essencial do analista: de interpretar.

é, em grande parte, independente de seus próprios confi- Anteriormente, Grinberg havia publicado “Sobre altos e corresponde, de forma predominante ou exclusiva, à guns problemas de técnica psicanalítica determinados pela intensidade e à qualidade da identificação projetiva do identificação e contra-identificação projetivas”, que apa-analisando” (p. 117).

receu na Revista de Psicanálise de 1956. A segunda parte O aspecto mais original (mas também, talvez, o mais desse trabalho de 1956 apareceu em 1959, com o título discutível) da teoria da contra-identificação projetiva é

“Aspectos mágicos nas ansiedades paranóides e depres-que, nesses casos, não intervêm os conflitos específicos sivas”, e nela Grinberg refere o caso de uma paciente do analista, que é levado passivamente a desempenhar o que, na primeira sessão, o fez sentir como se estivesse papel que o paciente atribui-lhe. Melanie Klein descre-analisando um cadáver, o que coincidia com o suicídio veu a

identificação projetiva (1946) como uma fantasia de uma irmã quando a paciente era criança. Com esse onipotente, na qual o sujeito põe no objeto partes suas caso ilustrativo, Grinberg volta a algo em que insistiu com as quais fica, por conseguinte, identificado. A partir desde o começo, o processo parte do analisando e origi-de então, o progresso da investigação foi mostrando o na no analista uma reação específica, pela qual se vê le-valor da identificação projetiva no processo de comuni-vado inconsciente e passivamente a cumprir os papéis cação e, assim, foi abrindo caminho a idéia de que a iden-que o paciente atribuiu-lhe. Trata-se, pois, de um caso tificação projetiva opera no objeto. Grinberg adere deci-muito especial da contratransferência. Enquanto que o didamente a essa idéia e assim o diz em 1973: “É parte comum da resposta contratransferencial é que o analista importante da teoria da identificação projetiva patológi-tome consciência do tipo de sua resposta e utilize-a como ca que esta produza efeitos reais sobre o receptor e que, instrumento técnico, no fenômeno da contra-identifica-portanto, seja mais que uma fantasia onipotente (que é ção projetiva o analista reage como se tivesse assimilado como M. Klein define a identificação projetiva)” (1976b, real e concretamente os aspectos que nele se projetam.

Cap. 15, p. 277).

Então, é como se o analista “deixasse de ser ele para se Quando Bion (1962b) introduz o conceito da tela transformar, sem poder evitá-lo, naquilo que o paciente beta, destaca que, graças a ela, o paciente psicótico provo-inconscientemente quis que se convertesse (id, ego ou ca emoções no analista, (Cap.10) e essa afirmação coinci-outro objeto interno)” (1957, p. 24).1

de claramente com a teoria de Grinberg, que a menciona Em um dos exemplos clínicos do trabalho do simpó-

em um de seus últimos trabalhos a menciona para carac-sio, o analisando, que havia ficado muito surpreso quando terizar a modalidade peculiar da identificação projetiva as interpretações do analista detiveram uma diarreia, co-descrita por ele (1974). Pode-se supor, então, que essas meçou a falar de música em termos técnicos, com o que emoções são, até certo ponto, independentes da contra-conseguiu provocar admiração e inveja no analista, senti-transferência do analista.

mentos que ele mesmo tinha sentido depois da suspensão Portanto, a idéia fundamental de Grinberg, é que no de sua diarreia.

fenômeno da contra-identificação projetiva o analista não A partir desses trabalhos, Grinberg estuda nos anos participa com seus conflitos, mas fica dominado pelo pro-seguir o efeito da contra-identificação projetiva na técnica do paciente.

nica e no desenvolvimento do processo analítico e, quando ponto de vista prático, a teoria de Grinberg ajudou em 1963 volta ao tema em “Psicopatologia da identificação nos casos – frequentes – em que o analista sente-se caído e contra-identificação projetivas e da contratransferência mais invadido do que comprometido na situação analítica”, interessa-se especialmente pelo valor comunicativa. Quanto à teoria do processo analítico, Grinberg oferece a da contra-identificação projetiva, processo que constitui uma hipótese estimável para compreender os meios de importância central. Em certas situações, “a identificação de comunicação que se estabelecem entre o analisando e a identificação projetiva participa de um modo mais ativo na do e seu analista. Como dissemos anteriormente, a delimitação da comunicação das mensagens extraverbais, exercendo uma influência teórica entre a contratransferência complementar e influência maior no receptor; em nosso caso, o analista”

a contra-identificação projetiva não é fácil de se precisar.

(1963, p. 114).

Sempre se pode pensar que o analista, em última instância – Procurando precisar a diferença entre a contra-identificação, participou, apesar de que se tenha sentido forçado ou identificação projetiva e a contratransferência complementar obrigado pela identificação projetiva do paciente. Por mais forte que tenha sido a identificação projetiva recebida, o analista poderia ter sido capaz de introjetá-la ativamente 1

e responder de forma adequada. Não se pode descartar,

“Perturbações na interpretação pela contra-identificação então, que, se ele se deixou dominar pelo impacto projetiva” (1957).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 169

jetivo, é pela neurose de contratransferência. Em outras Salta à vista que esse critério é oposto ao de Racker, palavras, a passividade do analista pode ser uma forma já que aqui se atribui a maior empatia a uma contratrans-

“ativa” de não compreender ou de preferir que o invadam.

ferência de tipo complementar.

Nesse ponto, a teoria de Grinberg é difícil de ser compreendida a partir desse modelo claro e simples, Money-Kyrle vada com nossos métodos clínicos.

avança um passo a mais e afirma que a contratransferência Quando se estudam os casos concretos em que se pode ser adequadamente instrumentada a partir de uma observação, sem sombra de dúvida, a força do impacto de dupla identificação, com o sujeito e seu objeto, porque o que fala Grinberg (no material de supervisão, por exemplo - analista, na realidade, para cumprir bem sua tarefa, tem plô), o calcanhar-de-Aquiles do analista às vezes é deslocado de se colocar nos dois lugares. Esse duplo mecanismo é barto e, outras vezes, não.

realizado pela identificação projetiva do ego infantil do Um dos casos de Grinberg (1959) – dos primeiros analista no paciente e pela identificação introjetiva da mãe em que adverte o fenômeno e um ponto de partida de cura parental. Na contratransferência normal, o analista toda a sua reflexão – é o da paciente que coloca nele sua assume o papel do pai projetado pela criança e, por outro lado, a irmã que se suicidou. O que Grinberg percebe, pode compreender o papel de criança, não apenas desde inicialmente, à maneira de uma associação contra-graças a essa posição de pai, mas também graças a uma transferencial de corte humorístico, é que “esta quer identificação projetiva de seu ego infantil no paciente, incorporar o morto em mim”.

bilizada por sua tendência a reparar.

Que há por parte da paciente uma projeção decidida Agora fica mais claro que o calcanhar-de-Aquiles da e total do morto no analista e que este recebe tal impacto classificação de Racker reside em que fala de um processo passivamente é um fato bastante ostensivo. Entretanto, de identificação, sem discriminar seu mecanismo, que pode não se pode descartar o conflito contratransferencial do ser introjetivo e projetivo. Para funcionar da melhor maneira possível, o analista precisa, diz Money-Kyrle, de uma sensação de assumir uma grande responsabilidade na dupla identificação, que, a meu ver, inclui as duas sessões de um tratamento. Essa responsabilidade perante Racker, concordante e complementar. Se a identificação sadica, esse fardo, chama-se em nosso argot “carregar o concordante ocorre com o ego infantil sofredor do analista-morto”. Com sua perspicácia habitual, Grinberg notou de sando, sem absolutamente levar em conta o objeto

parental, início a atitude cadavérica da paciente e, após sua primeira mais provável é que o analista tenha utilizado a identificação interpretativa, percebeu que havia sido exato, porém cação projetiva não para compreender o ego infantil de mais superficial do que o drama do momento exigia. Foi seu analisando (empatia), mas para se desembaraçar de ali que se surpreendeu com a fantasia de estar analisando um aspecto infantil que não pode tolerar dentro de si.

um cadáver e, de imediato, prosseguiu sua associação hu-Money-Kyrle afirma decididamente em seu trabalho morística. Não creio que, com esse belo material, possa-se que o conflito contratransferencial do analista provém não descartar a participação contratransferencial (em sentido apenas de seu próprio inconsciente, mas também do que estrito) do analista.

lhe causa o paciente (ou do que lhe projeta), à maneira das séries complementares. Nesse ponto, Money-Kyrle concorda com Racker, apesar de ser evidente que não o leu, já que A
CONTRATRANSFERÊNCIA NORMAL

não o cita. A interação sutil entre analisando e analista é estudada no artigo de Money-Kyrle com todas as filigranas Money-Kyrle escreveu apenas um trabalho sobre do contraponto musical. Seguindo Margaret Little (1951), contratransferência, em 1956, no qual introduz o conceito nosso autor salienta que o analisando não é apenas responsável de contratransferência normal, isto é, algo que se apresenta (em parte) pela contratransferência do analista, se sente regularmente e que intervém, por direito próprio, não que também sofre seus efeitos. A única solução que o no processo psicanalítico. Chama de contratransferência analista tem é analisar primeiro seu conflito, ver depois de normal a do analista que assume um papel parental, como maneira o paciente contribuiu para criá-lo e, por último complementar ao do paciente: como a transferência consiste em, observar os efeitos de seu conflito, no paciente. Apenas em reativar conflitos infantis, a condição que mais con-quando esse processo de auto-análise tenha sido cumprido vem à contratransferência é a parental. Entende-se que é que o analista estará em condições de interpretar; então, normal quer dizer aqui a norma, e não que o processo seja já não terá necessidade de falar de sua contratransferência, totalmente sublimado e livre de conflito. O analista assumas basicamente do que ocorre com o analisando.²

me essa atitude contratransferencial a partir de uma vivência inconsciente, na qual se sente o pai ou a mãe do paciente. Acrescentemos que é novamente o setting que UM CASO CLÍNICO

nos favorece e que nos põe ao resguardo de desenvolver uma folie à deux. A situação assimétrica que o enquadre Vimos ao longo dessa exposição, que, para resolver o impõe e define permite dar uma resposta adequada ao problema que a transferência do paciente propõe, deve-que o paciente transferiu; porém, nossa resposta inicial é sentir inconscientemente o impacto da transferência, que nos situa em um papel parental.

2 Voltaremos a esse tema no final do próximo capítulo.

170 R. HORACIO ETCHEGOYEN

mos compreender o que acontece com ele (identificação Mostrei-lhe sobretudo o tom mordaz de seu comentário, concordante) e também o que ocorre com seu objeto (iden-capaz de rachar o bico de seio analítico.

tificação complementar). Questionamos a hipótese de Então, surgiu um recordação encobridora muito im-Racker de que a compreensão ou a empatia do analista portante. Perguntou-me, desafiadora, o que sabia eu de deriva das identificações concordantes. Digamos agora sua mãe, como eu lhe resolveria esse problema insolúvel, que, em geral, é o principiante quem tende às identifica-o que eu pensava, se ela agora recordava e nunca me ha-

ções concordantes, porque pensa, como o empregado de via dito antes que, quando estava em sua latência (ela, comércio, que o cliente sempre tem razão. O verdadeiro obviamente, não empregou esse termo) e atirava-se no trabalho analítico é bastante diferente desse tipo de acor-chão, a mãe perdia totalmente as estribeiras e dava-lhe do e, às vezes, exige que nos situemos em outra perspec-pontapés. (A paciente empregou aqui expressões mais vul-tiva que não a do analisando, equidistantes dele e de seus gares, que denotavam a carga sádico-anal do conflito.) Eu objetos.

não responderia nada, com certeza, porque não lhe daria Uma mulher um pouco além da meia-idade, e com razão. Seu tom desafiador seguiu-se a duas ou três inter-um grande conflito com a mãe, que começou a ser resolvi-pretensões que fiz em relação à menina adolescente que ela do quase no final da análise, propõe em uma sessão o pro-era na sessão. Eram interpretações, ao menos assim acre-blema que lhe cria sua filha adolescente, “que a deixa lou-dito, convincentes e bem formuladas, mas seu tom não ca”, enquanto seu filho varão está de cama, com aftas.

mudou. Senti aqui um momento de irritação e desalento, Como antecedente, direi que, a partir do desenvolvi-e cheguei imediatamente à interpretação que creio corre-mento do último ano de sua análise, havíamos chegado ta. Disse-lhe, então, que nesse momento ela se havia atira-ao acordo de que, em princípio, seu tratamento poderia do no chão com a boca cheia de aftas, de dor e de ressen-terminar nesse ano ou no próximo. Embora ela tenha fica-timento e que não havia maneira de falar com ela, de ajudá-

do muito alegre quando assim combinamos e embora eu la. Esperneava no chão com a esperança de que eu, como tenha sido claro ao dizer-lhe que o término já se anuncia-mãe, compreendesse sua dor e ao mesmo tempo tentando va, mas que eu não acreditava que pudesse ser muito logo, perturbar minha equanimidade para que eu realmente lhe abriu-se uma fenda profunda entre nós, e isso implicava desse pontapés. A interpretação chegou a ela, e, certamen-uma catástrofe.

te, minha contratransferência resolveu-se, fiquei tranqüilo.

Sem nenhum contato com meu (creio que prudente) O exemplo mostra que, às vezes, uma boa compreen-comentário de que a análise poderia terminar em não mais são provém fundamentalmente de uma contratransferência que dois anos e sem retificar sua persistente idéia de que complementar. Não se deve esquecer que minhas interpre-eu teria em análise por toda a vida, veio, na sessão que tações anteriores, concordantes com sua dor (as aftas), e comento, com o problema de seus dois filhos. Com base com sua rebeldia ao ter de se separar da mãe, terminar a em algumas associações significativas, disse-lhe que a fenanálise e ser ela mesma, haviam encontrado sua repulsa da aberta entre nós era, outra vez, o nascimento de sua mais recalcitrante. Quando a tensão baixou e foi ostensivo irmã, quando ela estava em plena lactância; talvez a mãe que a interpretação tinha causado efeito, recordo que lhe possa ter tido, nessas circunstâncias, fendas no bico do disse, porque ela é uma mulher com humor: “Que razão seio. Essa interpretação parece que lhe atingiu um pouco, dou a dona Fulana (a mãe) quando lhe dava pontapés no porque reconheceu, a contragosto, que a alegrava a pers-chão!”. Respondeu, então, com insight que ela mesma tinha pectiva de ter alta, mas não podia deixar de se sentir mal dito à Fulaninha (a filha), pouco antes da sessão, que “hoje quando pensava em que alguém viria a ocupar seu lugar tinha vontade de lhe dar um chute na bunda”.

em meu divã.

O material é interessante, a meu ver, porque o conflito imediato, tratou de se afastar de seus ciúmes in-to ocorre em todos os níveis: na transferência, na atuali-fantis e voltou às aftas de seu filho e à adolescência da mãe e na infância; porém, estou convencido, de que a menina, que interpretei como aspectos de sua relação co-compreensão principal estava vinculada a reconhecer e digo: o conflito com sua filha adolescente expressa sua interpretar a ação da paciente sobre o objeto para lhe reti-rebelia e as aftas do filho são, talvez, o correlato das su-rar sua equanimidade e sua capacidade de ajuda e, com postas fendas do bico do seio de sua mãe. Sugeri-lhe que, isso, também a esperança, remota mas viva, de que a pu-no momento do desmame, ela poderia ter tido aftas, e dessem compreender.

quem sabe como teria sido tudo aquilo, se o seio havia-se Não sei se Grinberg tomaria esse caso como um exem-fendido ou se era como se sua boca estivesse com chagas.

plo de contra-identificação projetiva. Há vários elementos Comoveu-se novamente e voltou a mencionar uma (pe-para pensá-lo assim: que o desejo de colocar no objeto ana-quena) rachadura na parede do consultório, que já tinha lista a imagem da mãe impaciente (para não dizer sádica) é aparecido em suas associações anteriores (o que foi, para muito forte, é muito violento. Até mesmo vale a pena assim-mim, um indício válido do clima da transferência); contu-nalar que, fenomenologicamente, a situação assemelha-se do, logo se refez e disse, com arrogância, que essas eram à citada em seu trabalho no Simpósio de 1956. Refiro-me apenas interpretações psicanalíticas, elucubrações minhas.

ao caso do doutor Alejo Dellarossa, submetido a uma forte Voltei a interpretar esse juízo seu no duplo nível da rela-tensão por um paciente que o provocava (masoquística-

ção adolescente com a mãe, na perspectiva da rivalidade mente) de forma constante para que o jogasse do consultó-

edípica direta e da relação oral com o seio que se retira.

rio a pontapés (Grinberg, 1957, p. 26-27).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 171

De qualquer forma, em meu entender, o processo todo ciente derivado ao candidato por seu (admirado) analis-está vinculado à contratransferência: nenhum desses conta de controle, por exemplo.

flitos é alheio à minha própria neurose e à minha possibi-Nós nos deteremos, por um momento, no terceiro lidade de me situar no lugar da adolescente rebelde, no parâmetro de Racker. Às vezes, quando o conflito contra-lugar do lactante, no lugar do seio atacado e com racha-transferencial do analista é fluido e versátil, costuma apa-duras, no lugar da menina que provoca a mãe por ressen-recer como associação contratransferencial. O analista entimento e vingança e, por fim, no lugar da mãe, que não contra-se de repente pensando em algo que não se justifi-sabe o que fazer com sua filha rebelde, sem deixar de com-ca racionalmente no contexto em que aparece, ou que não preender que, em última instância, também ela tem razão soa como algo que tenha a ver com o analisando. No enquanto a que, seja o que for o que ela fizer, não está em tanto, as associações do analisando, um sonho ou um ato questão dar-lhe pontapés. Há toda uma série de identifi-falho mostram a relação. Recorde-se aquela associação concações projetivas e introjetivas, que são feitas a partir da tratransferencial de Racker quando saiu por um instante contratransferência – não da fria razão, porque minha do consultório para buscar troco. O paciente havia-lhe capacidade de compreender o que se passava e de resol-entregado uma nota de mil pesos (quantos anos passaver a situação partiu de um momento de dor, irritação e ram-se, desde aquela sessão!) e havia-lhe indicado o troco desalento.

que tinha de lhe dar. Racker deixou a nota em sua mesa e Vale a pena destacar que, após a interpretação da saiu pensando que, ao voltar, os mil pesos não estariam transferência materna negativa, o material mostrou osten-mais ali e que o analisando diria que ele já os tinha reco-sivamente que outro determinante do conflito transfe-lhido, enquanto o analisando, sozinho diante de seus que-rencial era ver como eu me comportava com minha filha ridos mil pesos, pensou em guardá-los ou em dar-lhes um rebelde, ao modo de um role playing, para aprender comi-beijo de despedida (Estudo VI, p. 169-170).

go e lidar melhor com sua própria filha. Nesse plano, que Como nesse caso, as associações contratransferen-apareceu depois de interpretada com bom êxito a transfe-ciais não implicam, em geral, um conflito muito profundo rência materna negativa, estava intacta uma boa imago e, assim como afloram de repente na consciência do ana-da mãe, a transferência positiva e, eu me atreveria a acres-lista, também aparecem com certa facilidade no material centar, também a aliança terapêutica.

do analisando. O perigoso – diz Racker – é desprezá-las quando se apresentam, em vez de levá-las em considera-

ção, à espera do material do paciente que as confirme. Se A NEUROSE DE CONTRATRANSFERÊNCIA

assim acontece, pode-se interpretar com um alto grau de segurança. Se a associação contratransferencial do analisO caso clínico recém-apresentado para ilustrar as ta não é confirmada pelo material do analisando, não cabe contribuições de Grinberg e de Money-Kyrle serve tam-utilizá-la para uma interpretação: e por dois motivos, por-bém para voltar a Racker e a um conceito seu, audaz e ao que poderia não ter relação direta com o paciente ou por-mesmo tempo rigoroso, a neurose de contratransferência.

que está muito longe de sua consciência.

Desse modo, Racker define o processo analítico em fun-Diferentemente da associação, a posição contratrans-

ção de seus dois participantes.

ferencial indica quase sempre um maior conflito. Aqui, os Freud (1914g) assinalou que as transferências do sentimentos e as fantasias são mais profundos e duradou-analisante cristalizam-se, durante o tratamento, na neuros, podendo passar despercebidos. É o caso do analista rose de transferência. Racker (1948) aplica o mesmo con-que reage com irritação, angústia ou preocupação frente a ceito para o analista, sem perder de vista as diferenças um determinado paciente. Às vezes, esse aspecto da neu-que vão de um caso a outro: “Assim como no analisando, rose de contratransferência é muito sintônico e passa comem sua relação com o analista, vibra sua personalidade pletamente despercebido. Lembro que, quando estava co-total, sua parte sã e neurótica, o presente e o passado, a meçando, quando não me parecia um grande problema realidade e a fantasia, assim também vibra o analista, em-cancelar ou mudar a hora de algum paciente, surpreen-bora com diferentes quantidades e qualidades, em sua deu-me um deles (de caráter passivo-feminino) dizendo-me relação com o analisando” (Estudos sobre técnica psicana-que, como ele era submisso, certamente eu trocava a sua lítica, p. 128).

hora quando queria, sem me importar nenhum pouco. Ti-No Estudo V, que acabamos de citar, e no seguinte, nha razão.

intitulado “Os significados e usos da contratransferên-Otto F. Kernberg (1965), concordando em geral com cia”, Racker caracteriza a neurose de contratransferên-as idéias de Racker, descreve um caso especial de posições cia a partir de três parâmetros: contratransferência con-contratransferenciais em que a participação do analista é cordante e complementar, contratransferência direta e maior e tem a ver com a grave patologia do paciente. Ele o indireta, associações e posições contratransferenciais. Já chama de fixação contratransferencial crônica e considera analisamos os tipos concordante e complementar de con-que se configura quando a patologia do paciente, sempre tratanse com certo detalhe; no próximo capítulo, muito regressivo, reativa padrões neuróticos arcaicos no falaremos da contratransferência direta e indireta, segun-analista, de sorte que analisando e analista complemen-do o analista transfira o objeto de seu conflito a seu pa-tam-se de tal forma que parecem reciprocamente ensam-ciente ou a outras figuras de significação especial: o pa-blados. Kernberg atribui essa dificuldade, que é persisten-

172 R. HORACIO ETCHEGOYEN

te e difícil de solucionar, à força da agressão pré-genital municações inconscientes, com pacientes que, em momen-que o mecanismo de identificação projetiva mobiliza em tos de regressão, funcionam com identificações projetivas ambos, analista e paciente, com limites cada vez mais apa-patológicas” (Grinberg, 1982, p. 205-206).

gados entre sujeito e objeto. A fixação contratransferen-Desse modo, a contra-identificação projetiva oferece cial crônica aparece, com frequência, no tratamento de ao analista “a possibilidade de vivenciar um espectro de psicóticos e borderlines, mas também em períodos regres-emoções que, bem compreendidas e sublimadas, podem sivos de pacientes de tipo menos grave.

converter-se em instrumentos técnicos utilíssimos para entrar em contato com os níveis mais profundos do material dos analisandos, de um modo análogo ao descrito por ALÉM DA CONTRA-IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Racker e por Paula Heimann para a contratransferência”

(p. 206). Para que se consiga isso, acrescenta Grinberg em Desejo terminar este capítulo com uma nova consi-seguida, o analista deve estar disposto a receber e conter deração da investigação de Grinberg. Em seus últimos as projeções do paciente.

trabalhos, esse autor procurou utilizar o conceito de contra-Com essas reformulações, a contra-identificação pro-identificação projetiva para dar uma visão mais ampla – mais jetiva já não se situa fora da contratransferência, nem a tridimensional, diz, seguindo Enid Balint – da interação posição do analista é puramente passiva frente a ela. Andinâmica que, sem dúvida, é a pedra angular da relação tes disso, a disposição de recebê-la e de compreendê-la analítica.

como mensagem deve ser reconhecida como uma das mais Em sua introdução ao painel Os afetos na contratrans-altas produções de nossa atividade profissional.

ferência, do XIV Congresso Latino-Americano de Psicaná-

Creio que, com as mudanças mencionadas, Grinberg lise, que se intitula justamente “Além da contra-identifica-depura e precisa seu pensamento anterior, superando al-

ção projetiva” (Grinberg, 1982), expõe, com sua habitual gumas falhas, que tentei justamente apontar há pouco.

clareza, novos pensamentos.

Isto realça o ponto decisivo de sua contribuição, o fator Recorda que o termo contra-identificação projetiva comunicativo da identificação projetiva nos estratos mais quis desde o começo sublinhar que a fantasia de identifi-arcaicos da mente do homem.

cação projetiva provoca efeitos no receptor, no analista.

Quando falarmos, no Capítulo 44, da relação diádica Este reage, então, incorporando real e concretamente os entre analista e paciente, veremos que Spitz e Gitelson aspectos que nele se projetaram. Na atualidade, diz Grinberg, também aceitam uma contratransferência normal, que

“penso que a ‘contra-identificação projetiva’ não tem por denominam diatrófica e que aparece, para eles, desde o que ser necessariamente o elo final da cadeia de comple-começo da análise.

xos acontecimentos que ocorrem no intercâmbio das co-

Dissemos, em um capítulo anterior, que o estudo da ponde à direta de Racker, enquanto a utilização da contra-contratransferência começa verdadeiramente quando se transfere para fins de acting out corresponde à indireta de encarar-la como um obstáculo e com atitude tal. Se o que quero é ser amado por meu analisando, minorativa ou superegógica, e se passa a aceitá-la como um sua contratransferência é direta; porém, se minha relação elemento inevitável e ineludível da práxis. Homologando-com o analisando é influenciada por meu desejo de ser a à transferência, Racker dizia que a contratransferência amado por meu supervisor, então minha contratransferên-

é, ao mesmo tempo, obstáculo, instrumento e campo.

cia é indireta, uma vez que utilizo meu analisando como Um dos grandes temas que sempre se propõe, ao es-instrumento de minha relação com o supervisor.

tudar a contratransferência, é em que medida o processo A classificação da contratransferência em direta e depende do paciente, isto é, da transferência, e em que indireta é válida do ponto de vista fenomenológico, mas medida depende de outros fatores. Esse problema foi discutível para a metapsicologia. No exemplo que acabo citado muitas vezes e o estudaremos a seguir, a partir de de citar, o do candidato que se interessa mais por seu uma classificação que distingue dois tipos de contratrans-supervisor do que por seu paciente, dever-se-ia perguntar ferência, direta ou indireta.

se não existe antes de mais nada um conflito com o pró-

prio paciente, que fica deslocado sobre o supervisor. Pode ser que o candidato sinta ciúmes de seu analisante e tente

CONTRATRANSFERÊNCIA DIRETA OU INDIRETA

colocá-lo no lugar do terceiro excluído, por exemplo. Desse modo, o candidato estaria exteriorizando seu conflito Quando o objeto que mobiliza a contratransferência edípico com seu paciente ou, então seus ciúmes fraternais.

do analista não é o próprio analisando, mas outro, fala-se Mesmo nesse último caso, em que o analisando é o irmão de contratransferência indireta. Ao contrário, a que pro-rival e o supervisor a imago parental, sempre se poderia vê-la do paciente é a contratransferência direta. Exemplos supor que, se o supervisor ocupa

o lugar mais importante, típicos de contratransferência indireta é o analista didático-

é porque o jovem analista desloca seu conflito principal de co, pendente de seu primeiro candidato pelo que dirá a um plano ao outro.

Associação, e o candidato pendente de seu primeiro caso De qualquer modo, as diferenças entre contratransferência pelo que dirão o Instituto, seu supervisor, seu analista diferença direta e indireta, e especialmente as inteligentes dático. Todos sabem até que ponto pesa sobre nossa reflexões de Annie Reich, serão nosso escopo dentro em contratransferência o paciente que, por algum motivo, breve, quando falarmos das relações entre acting out (do desperta o interesse de amigos, colegas ou da sociedade analista) e contratransferência.

em geral. Esta é uma circunstância tão evidente que, mui-Contudo nem todos os casos de transferência indiretas vezes, cria uma incompatibilidade para a análise do ta podem, a meu ver, ser qualificados de acting out. Como ponto de vista do enquadre.

veremos mais adiante, o acting out do analista implica algo A diferença entre contratransferência direta e indireta-mais que um simples deslocamento de um objeto para ta foi proposta por Racker em seus primeiros trabalhos outro; este é um fator necessário, mas não suficiente para sobre o tema, como se pode apreciar em “A neurose de o acting out.

contratransferência”, o quinto de seus estudos, lido em Adiantemos, desde já, que definiremos o contra-acting 1948. No estudo seis, “Os significados e usos da contra-out, isto é, o acting out do analista, como um tipo especial transferência” (1953), ao fazer uma atualização das últimas contratransferência, vinculado a uma perturbação da mas contribuições, Racker ocupa-se do trabalho de Annie tarefa. Nesse sentido, é possível manter a definição de Reich (1951), que distingue dois tipos de contratransferência que demos no começo e destacar que, transferência: a contratransferência propriamente dita e a utilidade-quando a contratransferência não é a resposta à transferência da contratransferência para fins de acting out. A transferência do analisando, configura um acting out do analista.

transferência propriamente dita de Annie Reich corresponde-Nesse caso, o paciente é apenas um instrumento para que

o analista desenvolva um conflito que não pertence basicamente ao exemplo de Gitelson refere-se a um analista camiente ao paciente. Falaremos sobre isso mais adiante.

jovem e uma analisanda que passa suas primeiras sessões falando mal de si mesma, afirmando que ninguém gosta e nem pode gostar dela. O analista intervém para reconfortá-la

GITELSON E AS DUAS POSIÇÕES DO ANALISTA

ela lhe causou uma boa impressão. Na sessão seguinte, a analisanda traz um sonho em que o analista aparece. Como vimos, ao estudar as formas de transferência exibindo seu pênis flácido. Essa paciente abandonou a análise

no Capítulo 12, Gitelson (1952) distingue duas posições lise durante o período de prova.²

do analista na situação analítica e chama apenas uma de Gitelson conclui reafirmando seu ponto de vista de lise de contratransferência.

que essas reações totais frente a um paciente devem ser Às vezes, diz Gitelson, o analista reage frente ao pa-consideradas transferências do analista e atribuídas à rea-ciente como totalidade, e isso implica um compromisso tivação de uma antiga transferência potencial. Podem re-muito grande, que o desqualifica para esse caso, ao passo ferir-se a uma classe de paciente ou a um paciente em que, outras vezes, a reação do analista é sobre aspectos particular e podem ser positivas ou negativas. O que as parciais do paciente.

caracteriza é que se referem à relação em sua totalidade e sempre aparecem precocemente na análise. (Disso decorre a importância que Blitzsten atribui ao primeiro sonho.) Reações ao paciente como totalidade

Em alguns casos, perde-se a atitude de neutralidade Reações a aspectos parciais do paciente

e de empatia que o analista deve ter e, se ele não pode superar isso, significa que o paciente reativou-lhe um po-Aqui, a participação do analista não é total. São rea-tencial transferencial neurótico que não o torna adequado ções que surgem mais tarde do que as outras e aparecem para esse caso particular.

no contexto de uma situação analítica já estabelecida, ao Gitelson cita um caso pessoal, uma mulher jovem que passo que, no caso anterior, a

relação analítica não havia veio analisar-se por suas dificuldades matrimoniais. Des-chegado a se estabelecer. Gitelson considera essas reações, de o começo da análise de prova, fazia muitas queixas so-em sentido estrito, como contratransferência. São reações bre as injustiças que havia suportado em sua vida, a qual do analista à transferência do paciente, ao seu material ou tinha sido muito difícil. Na última de suas oito semanas à atitude do paciente frente ao analista como pessoa.

de análise, trouxe um sonho que decidiu a conduta de A contratransferência do analista, assim descrita e Gitelson.

delimitada, prova sempre que está presente uma área não No sonho, Gitelson aparecia em pessoa,¹ junto de uma analisada do analista; porém, na medida em que pode ser figura que representava com nitidez a colega que lhe ha-resolvida, não desqualifica o analista, nem torna impossí-

via remetido o caso. A paciente aparecia como criança, vel a continuidade da análise. Para Gitelson, essas reações mas claramente identificada. Os dois adultos do sonho es-são simplesmente uma prova de que ninguém está perfei-tavam em uma cama, estimulando a menina com seus pés.

tamente analisado e que, por isso mesmo, a análise é in-Gitelson conclui que sua aparição em pessoa no sonho interminável.

dicava que ele, como analista, havia introduzido um fator Como se vê, a classificação de Gitelson procura perturbador da situação analítica que vinha a repetir uma deslindar duas áreas da posição emocional do analista, situação interpessoal típica da infância da paciente, isto é, restringindo apenas para uma delas o termo de contra-a luta por sua guarda entre os pais quando estes se divor-transferência. Sublinhemos que não há, na investigação ciaram. Gitelson acrescenta que essa experiência clínica de Gitelson, nenhuma referência às possibilidades de uti-era conseqüência direta de um potencial neurótico trans-lizar a contratransferência como instrumento, mas sim-ferencial seu não resolvido naquela época, que perturbava plesmente os limites para removê-la como obstáculo.

seus sentimentos in toto frente à paciente. Não era uma Gitelson declara-se francamente partidário da análi-resposta episódica, sublinha Gitelson, mas sua reação à se de prova e a considera não apenas como um teste da paciente como pessoa.

analisabilidade do paciente, mas também da situação ana-Gitelson

sustenta que esse tipo de reação não pode lítica em sua totalidade, para o paciente e para o analista.

ser chamada de contratransferência, já que o paciente Graças à análise de prova, o analista pode ver se está em converteu-se por completo, em sua totalidade, em um condições de se incluir nesse aspecto particular da vida objeto transferencial para o analista e, além disso, o pa-que lhe propõe o paciente.

ciente dá-se conta de que é assim, como o demonstra essa paciente com seu sonho. Gitelson acrescenta que a paciente pôde fazer uma boa análise com o analista ao qual ele a encaminhou.

2Gitelson declara-se partidário do período de prova, durante o qual se pode testar, em seu entender, não apenas a analisabilidade do paciente, mas também as possibilidades de funcionamento desse par analítico determinado. (Sobre esse ponto, veja-se o 1 Ver o Capítulo 12, “As formas de transferência”.

que foi dito no cap. 6, “O contrato psicanalítico”).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 175

Na página 4 de seu ensaio, após descrever as quali-como o desejo da histérica é o desejo do outro, do pai, do dades pessoais do analista, Gitelson afirma que o predo-mesmo modo é o desejo do analista o que vale para Lacan.

mínio de algumas qualidades em detrimento de outras dá Essa concepção parece-me unilateral, pois penso que o quadro final do analista como pessoa e como terapeuta.

o processo é mais complexo. A contratransferência de Freud E acrescenta que nesse registro total, e de acordo com o não é algo que vem puramente do desejo de Freud, mas predomínio dos fatores descritos, reside a razão de que também do que Dora lhe faz sentir. Porque quem é que, um determinado analista possa ter qualidades especiais sabendo o que é o complexo de Édipo, o amor, o ciúme, a para um tipo de pacientes e falhe em outros.

dor e o ressentimento que os acompanham, poderia sus-A divisão que Gitelson faz entre o que ele chama de tentar que o vínculo homossexual de Dora com a Sra. K.

transferência do analista e a contratransferência foi acer-nada tem a ver com o pai? Entre muitas outras determi-tadamente criticada por

Racker e por outros autores que nantes, o apego de Dora pela Sra. K. tem o objetivo de não consideram que se possa manter essa divisão taxativa-frustrar o pai-Freud, de se vingar dele e de fazê-lo sentir mente. Contudo, ninguém tem dúvida, de que se trata de ciúmes. O conflito de contratransferência de Freud não dois tipos de reações que implicam um compromisso dis-provém somente dos preconceitos desse homem da Viena tinto do analista (e/ou do paciente) de grande valor diag-do final do século XIX, mas também de como Dora, a his-nóstico e prognóstico. Abordamos esse assunto ao falar da térica (e também a psicopata!), opera sobre ele a compre-transferência erotizada no Capítulo 12. Embora seja certo ensão que falta a Freud para operar a terceira reversão que há graus no fenômeno contratransferencial, também dialética que, com veemência e não sem ingenuidade, Lacan é verdade que a capacidade do analista para reconhecê-

exige dele não provém apenas do desejo de Freud, mas do los e para tentar resolvê-los é o que, em última instância, desejo de Dora que, além disso, não é o senão os desejos definirá o destino da relação. Tudo depende da capacidade Dora. Se Freud fica enganchado e sucumbe à sua de e do valor do analista para enfrentar e resolver o pro-contratransferência é porque Dora também o influencia, blema. Essas classificações, como diz Racker, porque im-frustrando-o e rechaçando-o. Esse rechaço não é somente plicam diferenças quantitativas, demonstram apenas que (como afirma Lacan) pela relação pré-genital (especular, há uma disposição e uma exposição no fenômeno de condiádica, narcisista) de Dora com a Sra. K. (mãe), mas tam-tratransferência, à maneira das séries complementares de bém por seus intensos ciúmes no complexo de Édipo dire-Freud. Esse esquema abrange, a meu ver, também a conto. Freud não tem dúvida nem por um momento de que, tra-identificação projetiva de Grinberg, como um caso es-interrompendo seu tratamento, Dora torna-o objeto, via pecial em que a disposição tende a zero e a exposição, ao acting out, de uma vingança em tudo comparável à famo-infinito.

sa bofetada no lago.

Digamos, para assinalar as limitações da posição de Gostaria de discutir isso em um plano mais modesto Gitelson, que, em seu primeiro exemplo, ele mesmo reco-e mais imediato, em relação à sessão que descrevi com nhece explicitamente a parte que o paciente desempenha minha paciente. Penso que, quando minha paciente afir-em sua reação, como campo em que lutam os dois pais ma desafiadoramente que eu deveria saber que, quando que estão divorciando-se. Então, por mais “total” que seja ela se atirava no chão,

em uma birra, a mãe dava-lhe pon-a reação de Gitelson, o paciente teve algo a ver em sua tapés, operar a inversão dialética, dizendo a ela que deve-configuração.

ria ver qual era sua participação naqueles episódios, não teria sido suficiente, porque ela não ignorava que era sua birra que tirava a sua mãe do sério. Creio que a situação só A CONTRATRANSFERÊNCIA
SEGUNDO LACAN

pode ser resolvida se aceitarmos plenamente o hic et nunc da transferência. Que não basta remetê-la ao passado, mas Diferentemente de outros autores, e como vimos no fazer-lhe ver também o que está no presente. Estou con-Capítulo 10, em sua “Intervention sur le transfert” (1951), vencido de que, se me tivesse limitado a dizer à minha Lacan sustenta que a transferência inicia-se quando a paciente que por algum motivo a mãe dava-lhe pontapés contratransferência obstrui o desenvolvimento do proces-quando se atirava no chão (e por algo, também, minha so dialético. O tratamento estanca-se quando Freud não paciente atirava-se no chão), ela teria entendido mal o pode aceitar o vínculo homossexual que liga Dora à Sra.

que eu lhe dizia: ter-me-ia visto como uma mãe que a cas-K., porque sua contratransferência torna-lhe intolerável tiga, ou como um pai submetido à mãe, por exemplo, mas sentir-se excluído (identificado com K.). É aí que Freud nunca como um analista que quer romper a fascinação do começa a insistir para que Dora torne-se consciente de que momento e remetê-la à sua história.

quer K. e, ainda de que há elementos de juízo para pensar que K. também a quer. É evidente que Freud aqui se afasta de seu próprio método, já que dá opiniões e faz sugestões, DA COMUNICAÇÃO DA CONTRATRANSFERÊNCIA

mas não é isso que importa agora sublinhar, e sim que a tese lacaniana de que a transferência é o correlato da Um problema que sempre se discute e que é talvez o contratransferência articula-se com os pontos-chave da melhor para terminar esse ciclo é o da confissão ou, para teoria lacaniana do desejo e da constituição do ego e do dizê-lo em termos mais neutros, da comunicação da sujeito. Assim como a criança é o desejo do desejo, assim contratransferência.

176 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Em geral, os autores pensam que não se deve comu-fevereiro de

1947.3 A contribuição de Winnicott é interessar a contratransferência, que a teoria da contratrans-sante, sobretudo porque oferece certa informação sobre ferência não vem mudar a atitude de reserva que é pró-

sua técnica com os psicóticos e os psicopatas. Não se refere à análise. Quando estudamos a aliança terapêutica, re à contratransferência se a considerarmos estritamente dissemos que o processo analítico exige uma rigorosa como instrumento técnico, mas a certos sentimentos reais assimetria no nível da neurose de transferência, mas também podem surgir no analista, especialmente o ódio.

bém uma completa equidistância quanto à aliança de traD. W. Winnicott classifica os fenômenos contratrans-balho. O enquadre exige que só falemos do paciente, mas ferenciais em três tipos:

isso não implica que neguemos nossos erros ou ocultemos nossos conflitos. Entretanto, reconhecer nossos erros e con-1) os sentimentos contratransferenciais anormais, flitos não quer dizer explicitá-los. Ninguém, nem mesmo que devem ser considerados como uma prova os que advogam mais decididamente pela franqueza do de que o analista precisa de mais análise; analista, está de acordo em mostrar ao paciente as fontes 2) os sentimentos contratransferenciais que têm a de nosso erro e de nosso conflito, pois isso equivale a fazê-lo ver com a experiência e o desenvolvimento pes-arcar com algo que não lhe corresponde.

soal do analista e dos quais depende o trabalho Se lemos com atenção o trabalho de Margaret Little de cada analista;

(1951), de quem se diz que é partidária de explicitar a 3) a contratransferência verdadeiramente objeti-contratransferência, vemos que não é de todo assim. Ela va do analista, ou seja, o amor e o ódio do ana-diz expressamente que não se trata de confessar a contra-lista como resposta à personalidade real e ao transferência, mas de reconhecê-la e de integrá-la na in-comportamento do paciente, que se baseiam em interpretação.

uma observação objetiva.

A análise tenta devolver ao paciente sua capacidade de pensar, restituindo-lhe a confiança em seu próprio penDe acordo com essa classificação, Winnicott inclina-samento. Isto se faz levantando os recalamentos e corri-se por um conceito muito amplo de

contratransferência, dando as dissociações, não lhe dando a razão ou dizendo-que engloba os conflitos não-resolvidos do analista, suas lhe que o que pensou de nós estava certo. Não se trata de experiências e sua personalidade, bem como suas reações esclarecer o que o analista sentiu, mas de como o paciente racionali, objetivas.

sentiu e de respeitar o que ele pensou. Quando, em um Com base nisso, sustenta que o analista que trata pa-ato de sinceridade, avalizamos o que o paciente pensou de cientes psicóticos ou anti-sociais deve estar plenamente nós, não lhe fazemos nenhum favor porque, em última consciente de sua contratransferência e deve ser capaz de instância, voltaremos a fazê-lo pensar que nós temos a úl-diferenciar e estudar suas reações objetivas frente ao ana-tima palavra. O paciente deve confiar em seu próprio pen-lisando.⁴ Na análise do psicótico, a coincidência do amor e samento e deve saber, também, que seu pensamento pode do ódio aparece continuamente, dando lugar a problemas enganá-lo, tanto como pode enganá-lo o pensamento de manejo tão difíceis que podem deixar o analista sem alheio.

recursos. “Essa coincidência de amor e ódio à qual estou Nesse ponto, o tema da contratransferência entra em referindo-me é diferente do componente agressivo que contato com a interpretação. O conteúdo e sobretudo a complica o impulso primitivo de amor e implica que, na forma da interpretação expressam às vezes a contratrans-história do paciente, houve uma falha ambiental no moferência, porque a maioria de nossas reações contratransfe-mento em que seus impulsos instintivos buscavam seu pri-renciais, quando não sabemos transformá-las em instru-meiro objeto” (International Journal, 1949, p70).

mentos técnicos, é canalizada através de uma má inter-Deixando sem discutir, neste momento, as afirmações pretação ou de uma interpretação mal formulada. Em ge-apodícticas de Winnicott sobre o desenvolvimento, interal, é na formulação em que vai, muitas vezes, o conflito.

ressa destacar que a configuração de amor e ódio recém-as-O problema da confissão ou da comunicação da sinalada desperta um ódio justificado no analista, que deve contratransferência aproxima-se do que Winnicott (1947) reconhece-lo em seu foro íntimo e reservá-lo até que che-propõe quanto aos sentimentos reais na contratransferêngue o momento em que possa ser interpretado. “O trava-cia. Esse autor fala especialmente do ódio que o psicótico lho principal do analista, frente a qualquer paciente, é man-provoca no

analista e que é um ódio real. É um tema que ter a objetividade com respeito a tudo o que o paciente merece ser discutido, porque justamente, por definição, a traz, e um caso especial disso é a necessidade do analista transferência e a contratransferência não são “reais”.

de ser capaz de odiar o paciente objetivamente” (p.70).

AS IDÉIAS DE WINNICOTT SOBRE

3

A CONTRATRANSFERÊNCIA

O trabalho foi publicado no International Journal de 1949, e depois em Through paediatrics to psycho-analysis.

4“I suggest that if an analyst is to analyse psychotics or anti socials Pouco antes de aparecerem os trabalhos de Racker e he must be able to be so thoroughly aware of the counter-de Paula Heimann, Winnicott falou da contratransferência transference that he can sort out and study his objective reactions em uma reunião da Sociedade Britânica, ocorrida em 5 de to the patient” (International Journal, 1949, p. 70).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 177

O exemplo que Winnicott traz talvez não seja o me-porque querem ter problemas ou porque já os têm e pen-lhor para discutir sua técnica, já que se trata de uma crian-sam resolvê-los dessa maneira. Por outro lado, a decisão ça de nove anos com graves problemas de conduta, a quem dos Winnicott de abrigar a criança não surge somente de albergou durante três meses em sua casa. De qualquer seus sentimentos generosos, o que seria difícil de questio-modo, Winnicott afirma que sua possibilidade de dizer à nar, mas também de um (legítimo) desejo de investigar e criança que a odiava, cada vez que lhe provocava esses pôr à prova suas teorias e, nesse caso, a relação de sentimentos, permitiu-lhe seguir adiante com a experiência.

Winnicott com a criança seria mais egoísta (ou narcisista) Assim como a mãe odeia seu bebê, e por múltiplas do que parece e seu ódio já não me parece tão objetivo.

razões, o analista odeia seu paciente psicótico; e, se isso é Gostaria de propor essa discussão em termos mais assim, não é lógico pensar que um paciente psicótico em rigorosos e dizer que a idéia de um ódio

objetivo na análise possa tolerar seu próprio ódio contra o analista, a contratransferência tropeça em três dificuldades. A primeira – menos que o analista possa odiá-lo (p.74).

ra, que acabamos de considerar, é de definição, porque Winnicott pensa, em conclusão, que, se é certo o que transferência e contratransferência definem-se justamente – ele sustenta, isto é, que o paciente desperta um ódio objeto por sua falta de objetividade. Em segundo lugar, deve-se ter no analista, então se coloca o difícil problema de se aplicar aqui o princípio da função múltipla de Wälder e interpretá-lo. Questão delicada, que exige a mais cuidado – dizer, então, que nenhum sentimento é objetivo, nem de sua avaliação; porém, uma análise será sempre incompleta, já de si – é sempre as duas coisas. Isto nos obriga a levar-se o analista nunca pôde dizer ao paciente que sentiu ódio em conta muitos fatores, de modo que, quando chegar a por ele quando estava doente. Somente depois que essa ocasião de dizer ao paciente (e ainda que seja na melhor interpretação for formulada é que o paciente pode deixar oportunidade concebível) que uma vez sentimos por ele de ser um infante, ou seja, alguém que não pode compreender um ódio justificado, será sempre uma simplificação, e temo de o que deve à sua mãe.

que também uma racionalização, porque nem Winnicott estará isento dessas falhas. Então, se for verídico como me pede Winnicott, terei de dizer ao paciente não apenas que

COMENTÁRIOS E REPAROS

o odiei “objetivamente” há três anos por seu comportamento insuportável, mas também que naquele momento A forma como Winnicott propõe o problema da estava mal com minha mulher, que estava preocupado com contratransferência é muito original, e saltam à vista suas minha situação econômica, que havia sido rejeitado um diferença em relação aos outros autores. Ao incluir no artigo meu no International Journal, que o dólar tinha sua contratransferência o sentimento objetivo e justificado que bido outra vez, que Reina* continuava faltando, que não o analista pode ter, modificamos a definição corrente de me saía bem a aula de contratransferência, e isso me pu-transferência e contratransferência; os sentimentos objeto em conflito com meu analista Racker e com meus amigos não são incluídos nelas a não ser por extensão: quando León e... Deus sabe quantas coisas mais do gênero. Então pensamos que nenhum sentimento é absolutamente obediência certas e objetivas.

jetivo, implicamos que deve haver uma parte não-objetiva Disse que tinha uma terceira objeção para Winnicott, que não provém da realidade, mas da fantasia e do passa-e é a seguinte: não creio que

sentir ódio contra um pacien-do. Esta é, porém, uma objeção um tanto acadêmica. Ao te, por mais agressivo, violento, pesado ou maldito que fim e ao cabo, as definições comumente aceitas nem sem-seja, é uma reação objetiva. Será justificada, totalmente pre são as melhores.

justificada, mas não objetiva. Porque o único fato objetivo No entanto, as idéias que estamos comentando po-

é que tomei o paciente para ajudá-lo a resolver seus pro-dem ser questionadas também de outra maneira, pergun-blemas e conto com meu setting para manter meu equilí-

tando-se até que ponto é objetivo o juízo de qualquer ana-brio. Se não o mantenho, perco minha objetividade, o que lista – inclusive da estatura de Winnicott – sobre a nature-

é mais do que humano e compreensível, porém nunca ob-za de seus sentimentos. Não é possível, talvez, que o ana-jetivo. É porque aqui, como em todos os casos, a objetivi-lista tenda a justificar suas reações? Quem é que coloca o dade deve ser medida em relação aos objetivos. Se estes analista ao abrigo da tendência a racionalizar? Estes são se perdem, aquela fica no ar. Nesse ponto, pois, a objetivi-problemas que não podemos resolver muito facilmente com dade de Winnicott não tem outra medida senão sua sub-nosso método, contudo, se pudéssemos, surgiria outra per-jetividade.

gunta: o quanto há de artefato na técnica winnicottiana?

Se pude ser claro naquilo que expus, será possível Se fosse justificado o ódio de Winnicott para com seu me-compreender que meu desacordo com a idéia de contra-nino de nove anos, teríamos de perguntar se é racional transferência objetiva de Winnicott questiona por exten-levá-lo para sua casa. O próprio Winnicott observa o gesto são sua técnica do manejo, sua hipótese básica de que as generoso de sua esposa ao admiti-lo, e seria preciso pro-alterações do desenvolvimento emocional primitivo devem var que essa generosidade do casal Winnicott – elogiável ser resolvidas com atos (manejo), e não com palavras (incomo expressão humana – estava livre de todo compro-terpretação). É justamente porque Winnicott acredita-se misso neurótico, o que é muito improvável. Não é necessário conhecer de perto um determinado casal, para supor que, quando decidem introduzir um terceiro na casa, é

*N. de R.T. Nome da secretária do autor, na época.

na obrigação (e com direito) de atender aos fatos reais e necessita uma regressão. O paciente com tendências anti-objetivos que sua resposta contratransferencial tem logica-sociais “está em um estado permanente de reação diante mente de terminar por se situar também nesse plano: ao de uma privação” (p. 196), de modo que o terapeuta vê-se dizer que seus sentimentos são objetivos, Winnicott percebe-o obrigado a “corrigir constantemente a falta de apoio do be corretamente algo que poderia ser deduzido logicamente ego, que alterou o curso da vida do paciente” (p. 196).

de sua práxis.

No outro tipo de pacientes, a regressão torna-se ne-Com isso tem a ver também, segundo vejo, a teoria cessária, porque apenas através de uma passagem pela do desenvolvimento de Winnicott, quando afirma que a dependência infantil podem ser recuperados: “Se se quer psicose é uma falha ambiental. Creio que o grande analis-que o verdadeiro self, que se acha oculto, tome o seu lugar, ta inglês é, nesse ponto, mais severo com os que foram não haverá mais remédio senão provocar o colapso do pa-responsáveis por essa criança do que com ele mesmo como ciente como parte do tratamento, com a conseqüente ne-analista. Seguindo Melanie Klein, creio que essa triste cria-cessidade, por parte do analista, de fazer as vezes de mãe ção, que é a psicose, provém conjuntamente da criança e da criança na qual se terá convertido o paciente” (p. 197).

de seus pais (e de muitos outros fatores que aqui não vêm A necessidade primitiva do paciente leva-o a atraves-ao caso).5

sar a técnica do analista e sua atitude profissional, que são um obstáculo para esse tipo particular de pacientes, estabelecendo forçosamente uma relação direta, de tipo pri-NOVAS IDÉIAS DE WINNICOTT

mitivo, com o analista.

Winnicott separa, finalmente, esses casos de outros Em um simpósio sobre a contratransferência que ocor-nos quais o analisando irrompe na barreira profissional e reu na Sociedade Psicanalítica Britânica em 25 de novem-pode promover uma resposta direta do analista. Winnicott bro de 1959, Winnicott voltou ao tema, mostrando que opina, aqui, que não cabe falar de contratransferência, mas suas idéias haviam mudado bastante. Na ocasião, diz que simplesmente de uma reação do analista frente à circuns-

“a palavra ‘contratransferência’ deveria ser devolvida à sua tância especial que transgrediu seu âmbito profissional: acepção originária” (1960b, segunda parte, Cap. 6, p. 191).

empregar a mesma palavra para fatos distintos somente Winnicott pensa que o trabalho profissional difere por com-pode trazer confusão.

pleto da vida corrente e que o analista encontra-se subme-Em conclusão, Winnicott mantém suas conhecidas tido à tensão ao manter uma atitude profissional (p. 193).

idéias sobre o manejo dos pacientes regressivos; porém, al-O psicanalista “deve permanecer vulnerável e, apesar dis-gumas de suas afirmações de 1947 (que há pouco critiquei) so, conservar seu papel profissional durante as horas de parecem ter-se modificado substancialmente e, com isso, trabalho” (p. 194). E acrescenta, pouco depois: “O que o retorna-se a uma concepção clássica da contratransferência.

paciente encontra é, com toda certeza, a atitude profissio-A partir do trabalho de Winnicott que estamos discunal do analista, e não os homens e as mulheres instáveis tindo, Painceira (1997) sustenta que a contratransferência que os analistas são em sua vida particular”. Winnicott sus-

“deveria significar o que significava no princípio, a patolo-tenta, pois, firmemente que “entre o paciente e o analista gia do analista” (p. 386) e salienta “a diferença entre a está a atitude profissional deste, sua técnica, o trabalho psicanálise aplicável como método ao tratamento de pa-que faz com sua mente” (p. 195). Graças à sua análise pes-cientes neuróticos, e uma versão modificada da mesma, soal, o analista pode permanecer profissionalmente com-aplicável a esses casos” (p. 387), ou seja, aos pacientes prometido, sem sofrer uma tensão excessiva.

com um falso self predominante, nos quais a regressão à Com base nisso, Winnicott defende uma idéia bem dependência é uma etapa inevitável para a cura. O termo delimitada e circunscrita da contratransferência, cujo sig-manejo reduz-se, pois, a cuidar transitoriamente de um nificado não pode ser outro senão “os traços neuróticos analisando em estado de regressão, que depositou no ana-que deterioram a atitude profissional e que desbaratam a lista seu falso self diluído, para que o paciente chegue, por marcha do processo analítico, tal como o determina o pa-fim, a tomar as rédeas de sua existência: “...a isso, nada ciente” (p. 195-196).

mais e nada menos, reduz-se o mencionado manejo”, con-Frente a esse conceito restritivo e rigoroso, que volta clui Paineira (p. 388). Para esse autor, então, o manejo a definir a contratransferência como obstáculo, Winnicott winnicottiano ocupa um lugar mais modesto do que se dá assinala que, na realidade, há dois tipos de pacientes, frente a ele neste livro.

aos quais o papel do analista muda substancialmente.

A imensa maioria das pessoas que vêm ao tratamento, prossegue Winnicott, pode e deve ser tratada da forma

RESUMO FINAL
já referida. Todavia, há outro grupo de pacientes, reduzido, mas nem por isso menos significativo, que altera por Apesar de a contratransferência como fator impor-completo a atitude profissional do analista. Trata-se do tante do processo analítico ter estado sempre presente na paciente com tendências anti-sociais e do paciente que mente dos analistas, como prova o exemplo destacado de Ella Sharpe, é inegável que somente a partir da metade do século XX a contratransferência organiza-se em um corpo 5

de doutrina completo. A partir desse momento, a contra-Refiro-me concretamente aos fatores biológicos e sociais.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 179

transferência torna-nos mais responsáveis por nossa tare-Entretanto, a mudança substancial que vem desses fa e destrói, com argumentos válidos (e analíticos), a idéia anos não é esta que acabo de assinalar, e sim que a de um analista que pode manter-se incólume, à margem contratransferência é aceita não apenas como um ingredi-do processo. Ao contrário do que se pensava antes, a idéia ente ineludível do processo analítico, mas também como que temos agora é de que a contratransferência existe, deve um instrumento de compreensão. Essa idéia, como vimos, existir e não tem por que não existir. Devemos levá-la em é a que fundamentalmente trazem Paula Heimann e Racker, consideração e, como diz Margaret Little (1951), o análise é por isso que lhe demos uma posição especial neste de-ta impessoal é simplesmente um mito.

envolvimento.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

TERCEIRA PARTE

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

24

Materiais e Instrumentos da Psicoterapia A parte principal das lições que agora começamos é nicas psicoterapêuticas” (1952), no qual se reconhecem o estudo da interpretação, o fundamento da terapia psica- dois tipos de psicoterapia: de apoio e exploratória. Outros nalítica. Contudo, ninguém tem dúvida de que a atividade autores preferem falar de psicoterapia repressiva e expres-do analista não está estritamente circunscrita a interpre-siva. Merton M. Gill (1954), destacado estudioso da psico-tar e que sempre fazemos algo mais que isso. Com um logia do ego, fala de psicoterapia exploratória e de apoio, sentido mais abrangente, o que vamos estudar são os ins- definindo a psicanálise nesses termos: “A psicanálise é aque-trumentos da psicoterapia, entre os quais a interpretação la técnica que, empregada por um analista neutro, tem ocupa o lugar principal. Ao mesmo tempo, devemos levar como resultado o desenvolvimento de uma neurose de em conta que a interpretação não é privativa da psicanáli-transferência regressiva e a resolução final dessa neurose se, já que todas as psicoterapias maiores a utilizam.

ocorre somente por meio de técnicas de interpretação”

É necessário começar, pois, situando a interpretação (Contribuições à teoria e à técnica psicanalítica, p. 215).

no contexto de todo o instrumental com o qual psicoterapia-Um enfoque similar é o de Edward Bibring em seu peuta deve operar e explicar por que esse instrumento tem clássico artigo de 1954. Bibring diz que há cinco tipos de uma importância especial. Por outro lado, deve-se tam- psicoterapia: sugestiva, ab-reativa, manipulativa, esclare-bém delimitar o conceito de interpretação, porque, segun-cedora e interpretativa. Não preciso esclarecer a que ele do o tomemos em sentido lato ou estrito, chegaremos a se refere com psicoterapia sugestiva ou ab-reativa.¹ Por diferentes conclusões quanto à tarefa do analista, se só manipulativa, define a psicoterapia na qual o médico par-interpreta ou se faz outras coisas, sendo, às vezes, esse típica, tentando fornecer uma imagem que sirva como problema simplesmente de definição. Logicamente, se atri-modelo de identificação. As psicoterapias de esclarecimento buirmos ao conceito um sentido muito amplo, tudo pode e as interpretativas operam por meio do insight; já as ouser rotulado como interpretação, mas talvez

esse não seja tras não. É interessante esse ponto de vista, porque so-o melhor critério.

mente Bibring diz que o esclarecimento produz insight. Os Começaremos estudando a interpretação como o ins-demais psicanalistas pensam que o insight está ligado ex-trumento principal utilizado por todos os métodos de clusivamente à interpretação, ainda que possa haver aqui psicoterapia maior (ou profunda); depois, em um segun-um problema semântico, já que talvez o insight em que do passo, procuraremos ver quais são as características es-Bibring pensa seja o descritivo, e não o ostensivo, no sen-senciais da interpretação em psicanálise.

tido de Richfield (1954). Quando, no próximo capítulo, considerarmos a forma como Löwenstein define a interpretação, veremos que o faz, justamente, em função do PSICOTERAPIA E PSICANÁLISE

insight.

Bibring conclui, e parece-me interessante, que a psi-Para abordar esse tema, é inevitável um breve comen-canálise é uma psicoterapia que utiliza esses cinco instrutário sobre as diferenças entre psicanálise e psicoterapia.

mentos, isto é, a sugestão, a ab-reação, a manipulação, o Com o correr dos anos, a poética idéia de Freud (1904a) esclarecimento e a interpretação. Há, porém, uma dife-de dividir a psicoterapia, como Leonardo dividiu as artes rença que a caracteriza e também a destaca frente às ou-plásticas, acabou sendo a mais rigorosa de todas as classi-tras, prossegue Bibring, que é o fato de utilizar os três pri-ficações.

meiros como recursos técnicos, e apenas os dois últimos Freud afirmava que o método descoberto por Breuer, como recursos terapêuticos. É permitido ao psicanalista usar a psicoterapia catártica e a psicanálise, desenvolvida a a sugestão, a ab-reação e a manipulação como recursos partir desta primeira, operavam per via di levar, não per para mobilizar o paciente e facilitar o desenvolvimento do via di porre, como as outras. Essa idéia aparece em quase processo analítico, mas os únicos recursos com os quais todos os trabalhos (que são centenas), em que se procura opera como fatores terapêuticos são os que produzem separar a psicanálise da psicoterapia.

insight. Essa idéia de Bibring parece-me correta, porque o O leitor recordará, sem dúvida, dos trabalhos de Robert P. Knight, entre os quais se destaca, do ponto de vista que estamos considerando, “Uma

avaliação das téc-1A ab-reação ocupa um lugar singular, como veremos mais adiante.

184 R. HORACIO ETCHEGOYEN

que diferencia a psicanálise das psicoterapias em geral (re-nece com a intenção de informar, de colaborar com a firo-me, especificamente, às psicoterapias exploratórias ou tarefa. Isso não significa que o psicoterapeuta não pos-expressivas) é justamente que nestas a sugestão, a ab-rea-sa tirar determinada conclusão dele. Como diz Elsa ção e a manipulação são utilizadas como recursos Garzoli (comunicação pessoal), o acting out não comu-terapêuticos, isto é, essenciais. O paradigma poderia ser a nica, embora informe.

reeducação emocional de Alexander e French (1946), em O conceito de material deve ser circunscrito ainda mais, que se recorre à manipulação da transferência para dar ao porque se deve considerar uma terceira dimensão do dis-paciente uma nova experiência, que corrija as defeituosas curso: quando o analisando não associa, somente fala.

do passado. A verdade é que, quando tentamos corrigir a Ocupamo-nos indiretamente desse tema, a propósito imagem do passado dessa forma, já começamos a operar da aliança terapêutica, ao estudar as contribuições de com fatores sugestivos ou de apoio. Digamos, de maneira Greenson e de Meltzer. A parte adulta fala, afirma Meltzer; precisa, que o psicanalista utiliza de fato os recursos que e, quando o paciente fala (ou nos fala), o que corresponde Bibring chama de técnicos, sem por isso conceder a eles é responder a ele, não interpretar.

um lugar de todo legítimo em seu método.

Greenson e Wexler (1969, 1970) sustentam, no meu entender, a mesma idéia quando discriminam entre associação livre e o que não é. Sustentam que tomar por asso-MATERIAIS E INSTRUMENTOS

ciações livres o que se expõe como real (que, para eles, tem o duplo significado do não-distorcido e do genuíno) A reflexão de Bibring abre-nos caminho para outro danifica o juízo da realidade do analisando. (Recorde-se o esclarecimento que devemos fazer para abordar finalmen-exemplo de Kevin.)

te nosso tema; trata-se da diferença entre materiais e ins-Em resumo, se quisermos ser precisos e evitar equí-

trumentos da psicoterapia, seguindo basicamente Knight.

vocos, deveremos limitar o termo material ao que o anali-

É uma diferença um tanto geométrica e pitagórica, se-sando comunica, em obediência à regra fundamental e gundo a qual o que surge do paciente chama-se de mate-colocar entre parênteses o que ele mesmo deixa de fora rial, e o analista opera sobre esse material com seus inconscientemente (acting out verbal) ou conscientemen-instrumentos.

te, isto é, quando fala (ou pensa que fala) como adulto, Tanto o conceito de material quanto o de instrumen-esteja relacionado ou não, para ele, com o tratamento.

to exigem alguns esclarecimentos. Com respeito ao mate-Convém esclarecer que as precisões recém-propos-rial, eu diria que devemos circunscrevê-lo ao que o paciente tas referem-se integralmente ao que o analisando sente, a fornece com a intenção (consciente ou inconsciente) de suas fantasias, e não a julgamentos do analista. É parte da informar o analista sobre seu estado mental. Desse modo, tarefa do analista assinalar ao analisando com que (ou a ficaria de fora o que o paciente faz ou diz não para infor-partir de que) fantasias está falando, sobretudo quando mar, mas para influenciar ou dominar o terapeuta. Essa notar uma discordância entre o que o analisando assume parte do discurso deve ser conceituada como acting out manifestamente e suas fantasias inconscientes. Em outras verbal, e não verdadeiramente como material. Como vere-palavras, o analista deve reconhecer o que o analisando mos com mais detalhe ao falar de acting out, é mais exato assume explícita ou implicitamente quando fala, sem por dizer que o discurso sempre tem, ao mesmo tempo, as duas isso sujeitar-se a essas estipulações.

partes e, por conseguinte, compreende ambas. Se toda a Deixando para outra oportunidade uma discussão comunicação do paciente inclui esses dois fatores, será mais detida desse tema, que para mim é fundamental, a então parte da técnica analítica discriminar entre o que o seguir estudaremos os instrumentos que o psicoterapeuta paciente fornece para nos informar e o que nos faz com utiliza, os quais, para um melhor desenvolvimento de nos-sua comunicação. Essa discriminação não muda se o que o sa exposição, dividiremos em quatro grupos: 1) instrumen-paciente “faz” pode ser transformado pelo analista e com-tos para influir sobre o paciente; 2) instrumentos para obter preendido como material, porque a classificação não informação; 3) instrumentos para oferecer informação e é funcional, mas dinâmica, ou seja, tem a ver com o desejo 4) parâmetro de Eissler

(1953).

do paciente, com sua fantasia inconsciente. Em outras palavras, sem ter intenção de comunicar, o acting out do analisando pode informar-nos.

INSTRUMENTOS PARA INFLUIR

Quanto aos instrumentos, também se deve estabelecer SOBRE O PACIENTE

cer a mesma diferença e privar desse caráter as interven-

ções do analista que não tenham por finalidade desenvolver a psicoterapeuta dispõe de vários instrumentos para ver o processo terapêutico. Essas intervenções devem exercer uma influência direta sobre o paciente, com o pro-chamadas, para sermos justos, de acting out do analista pôs de fazer com que mude, com que melhore. Essa (contra-acting out).

mudança pode consistir em que os sintomas aliviem-se ou Este não é um problema ocioso, porque muitas desapareçam, que seu estado mental modifique-se, que suas crenças sobre o acting out estejam vinculadas a tal dife-conduta torne-se mais adaptada à realidade em que vive, rença. Em minha opinião, e adiantando-me ao tema, o etc. Há muitos procedimentos para alcançar esses fins, acting out não é material, porque o paciente não o for-como o apoio, a sugestão e a persuasão.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 185

Todos eles se propõem a alcançar uma mudança di-e se combinado com a interpretação. Na discussão do tra-reta, imediata, que aponta mais para a conduta do que balho falaram, entre outros, Glover, Ella Sharpe, Paula para a personalidade e que se diferenciam dos outros mé-

Heimann e a mãe de Melitta, que a apoiou (Glover, p. 288).

todos que vamos estudar, porque estão a serviço da psico-Outro instrumento da psicoterapia, do qual também terapia repressiva. Nem o apoio, nem a sugestão, nem a falarei brevemente, é a sugestão. Como indica seu nome, persuasão têm por finalidade abrir o campo ou, se quiser-sugestão, “sub-gestar”, é algo que se faz, que se gesta desmos dizê-lo nos termos da teoria psicanalítica, levantar o de baixo (a raiz latina é suggestio). O fundamento do mé-

recalque, muito antes pelo contrário. São métodos limi-todo sugestivo é introduzir na mente do paciente, de fortados, com certeza, mas podem ter um efeito curativo, que ma subjacente ao que pensa, algum tipo de juízo ou afir-

é muito legítimo em algumas formas (menores) de psi-maço que depois possa operar a partir de dentro, com o coterapia.

sentido e a finalidade de modificar uma determinada con-Entendemos por apoio uma ação psicoterapêutica que duta patológica. Baudouin distingue dois tipos de suges-procura dar ao paciente estabilidade ou segurança, algo tão, passiva e ativa, chamando de aceptividade a passiva e, como um respaldo ou uma bengala. Aqui as expressões de sugestibilidade a ativa. No primeiro caso, o indivíduo plásticas de se manter de pé ou de continuar caminhando deixa-se penetrar pela sugestão, sem fazer nenhum esfor-são ineludíveis, porque o conceito está intrinsecamente li-

ço para recebê-la e incorporá-la. É a menos eficaz e a mais gado à idéia de algo que sustenta. Há diversos tipos de condenável. Na sugestibilidade, ao contrário o paciente apoio, como as medidas que tendem a aliviar a ansiedade, participa do processo, que por isso mesmo é mais dura-procurando afastá-la da consciência (recalcamento, nega-douro e eficaz.

ção), as que tendem a reforçar a boa relação com o outro, Para alguns autores, o psicanalista exercita uma for-para o qual o psicoterapeuta coloca-se no lugar de um ma sutil e indireta de sugestão, e o próprio Freud sempre objeto (superego) bom, sobre o qual falou Strachey em manteve essa idéia. Ele dizia que, em última instância, a seu trabalho de 1934, e as que tendem a ressaltar (ten-diferença entre a psicoterapia analítica e as outras é que a denciosamente) certos aspectos da realidade.

analítica utiliza a influência do médico, ou seja, a suges-O apoio é o instrumento mais comum da psicote-tão, para que o paciente abandone suas resistências, e não rapia, o que está mais ao alcance do médico geral (ou, para lhe induzir determinado tipo de conduta. Nesse sen-simplesmente, de tudo que esteja relacionado com rela-tido se apóia o trabalho de Ida Macalpine (1950) sobre a ções interpessoais) e o que se utiliza mais livremente. No transferência, que parte para ela de um fenômeno subja-entanto, apesar de ser o mais comum, não é o mais ade-cente de sugestão e, até mesmo, de hipnose.

quado, pois pode criar uma situação viciosa – porque es-Se o apoio é

críticável por criar um vínculo que, de timula uma dependência difícil de resolver – e, quando certo modo, é ortopédico (já dissemos que a analogia da não é verdadeiro, pode aumentar a insegurança. Lógica-bengala é inevitável), também a sugestão (mesmo a for-mente, isso depende do que chamaremos de apoio. Refi-ma ativa de Baudouin) é perigosa, porque a influência que ro-me ao apoio como algo que se oferece ao paciente exerce é muito grande e pode ser perturbadora. A possibi-externamente para mantê-lo, a qualquer custo, em equi-lidade de conduzir demasiadamente o paciente e de exer-líbio. Como observa Glover (1955), às vezes o apoio está citar a demagogia ou a fraude são riscos inerentes à suges-fortemente determinado pela contratransferência. Se, tão, sem que isso a desqualifique, já que todos os instru-contudo, entendemos por apoio uma atitude de simpa-mentos, inclusive a interpretação, têm seus riscos. Quan-tia, de cordialidade e de receptividade frente ao pacien-do o apoio e a sugestão situam-se no lugar que lhes cabe, te, obviamente esse apoio é um instrumento inevitável e quando o psicoterapeuta sabe com que instrumentos está em toda a psicoterapia. Para diferenciar as duas alterna-operando, eles são legítimos e podem ser úteis em certas tivas, prefere-se falar, nesses casos, de contenção (hol-formas de psicoterapia (menor).

ding), de acordo com Winnicott (1958, passim), como A persuasão de Dubois aponta para a razão e assume veremos ao estudar o processo analítico.

diferentes modalidades, trocando idéias, argumentando e Quanto à influência da angústia contratransferencial até mesmo polemizando com o paciente.2

na necessidade de dar apoio, convém salientar que o ana-Dubois sempre procurou diferenciar seu método do lista não deve confundir o apoio que se oferece conjun-apoio e da sugestão, afirmando que a persuasão está liga-turalmente com algo que pretende ser de valor duradou-da ao processo racional, à razão do paciente. Embora apa-ro. Meltzer (1967) destaca que a adequada manutenção e rente ter um matiz racional, o método de Dubois está semo manejo do setting podem modular a ansiedade, mas ape-pre carregado de afetividade; seus argumentos são mais nas a interpretação resolve-a.

racionalizações do que razões. O mesmo se pode dizer de O apoio no tratamento psicanalítico mereceu a aten-algumas psicoterapias de inspiração pavloviana, que sur-

ção de vários autores. Glover aborda-o em seu livro de giram há anos

e que, assim como surgiram, passaram. Entre técnica (1955, p. 285-290). Melitta Schmideberg tratou do tema na Sociedade Britânica, em fevereiro de 1934, e seu trabalho foi publicado no ano seguinte. Ela considera 2 A logoterapia de Frankl (1955) é, a meu ver, uma forma de que o apoio é um método de dosar a ansiedade e, como psicoterapia persuasiva, mais moderna e existencial; porém total, é legítimo em psicanálise se utilizado prudentemente incidente, no fundo, com a de Dubois.

186 R. HORACIO ETCHEGOYEN

nós, um de seus cultores foi José A. Itzingsohn, cuja evolução, já estaríamos fazendo outra coisa, influenciando sobre luz foi, porém, de uma crescente aproximação à psicanálise analisando, manejando-o, apoiando-o, etc. Uma dificuldade. Em todos esses métodos, a idéia de “psicoterapia direta, justamente, de perguntar é que, sem nos darmos racional” está mais ligada à forma que ao fundo, ao passo conta, tenhamos segundas intenções e/ou que o analisem que a psicanálise, como bem dizia Fenichel (1945a), é dada às atribuições a nós. De fato, isso pode ser analisado.

cional, embora maneje fenômenos irracionais.

O outro inconveniente de perguntar é que, em alguma medida, perturbamos a associação livre. Löwenstein referiu-se a isso no painel sobre variações técnicas do Con-INSTRUMENTOS PARA OBTER INFORMAÇÃO

gresso de Paris em 1957. As perguntas têm um lugar legít-

timo na técnica para obter detalhes e precisões, como fez Os instrumentos do primeiro grupo, que acabamos Freud com o “Homem dos Ratos”, mas apenas em casos de estudar, buscam influenciar o paciente, operar de forma especial justifica-se interromper o fluxo associativo para uma direta e concreta sobre sua conduta e, por isso, estão perguntar. Concordo nesse aspecto, com Löwenstein (1958), conceitualmente ligados aos métodos repressivos de psicanálise já que, quando o paciente associa livremente, não se deve coterapia, embora já tenhamos dito que, às vezes, o analisando interrompê-lo, embora tudo dependa do contexto e das listas utiliza-os, com ou sem razão, fora daquela questionável circunstâncias.

afirmação freudiana de que a sugestão é uma parte indis-
perguntarmos com outro propósito que não o de pensável do
procedimento analítico, uma vez que a utilização para obter informação, estamos

introduzindo um fator na situação para que o paciente vença suas resistências.

ção, e isso sempre é complicado. Olinick (1954) ocupou-se de seguir, estudaremos dois grupos de instrumentos se desse tema e emprega as perguntas concretamente como que, opostos por seus objetivos, são irmãos em seu fundamento-parâmetro.

mento, que é a informação. Veremos primeiramente os que Quando o paciente está angustiado ou confuso, quando serve para obter informação e depois os que a oferecem do não pode falar livremente, Olinick considera que é legíti-

ao paciente. Esses dois tipos de recursos, digamos desde o tempo fazer perguntas, seja para dar suporte ao ego ou re-já, são por sua índole totalmente compatíveis com os mé-

forçar seu contato com a realidade ou então como uma todos da psicoterapia maior e da psicanálise mais estrita.

tentativa de melhorar o nível de colaboração do paciente, Entre os instrumentos para obter informação, o mais preparando-o eventualmente para a interpretação.

simples e direto é a pergunta. Quando não escutamos, não Esse uso das perguntas como parâmetro parece-me entendemos ou desejamos conhecer algum dado que nos discutível. O exemplo de Olinick, de uma jovem que come-parece pertinente às associações do analisando, assim como a sua análise esforçando-se em mostrar sua admiração pela quando acreditamos necessário saber que significado o mãe e o desprezo pelo pai, assim como um grande desejo paciente dá ao que está dizendo, podemos perguntar –

de impressionar o analista, foi resolvido com uma série de sempre que não haja elementos que nos aconselhem a in-perguntas sobre suas relações parentais. Apesar de o mate-interpretar ou simplesmente a nos calar. Não é, por certo, muito sucinto para dar uma opinião pessoal, excludente formular a pergunta e também interpretar; e tampouco é demonstrativo de que o conflito agudo não dependerá da arte analítica que em um caso se pergunte, poderia ter sido resolvido interpretando sem parâmetros.

em outro se interprete ou se façam as duas coisas.

Aqui intervém a arte analítica porque, evidentemente-Não há regras fixas, não pode haver: tudo depende de, quando o analista está com

uma pessoa muito angustiado material do paciente, do contexto, do que a contratrans-da e não acerta com a interpretação, pode perguntar para ferência possa informar. Um caso singular é o publicado aliviar momentaneamente a angústia, mas deve saber que por Ruth Riesenber (1970), em que a perversão de trans-essa pergunta é um modo de apoio e não tem por finalida-ferência consistia em querer pôr a analista como observa-de obter informação.

dora, como as pessoas em uma fantasia da paciente com o Outro instrumento para obter informação é o assina-espelho. Felizmente, a hábil analista deu-se conta e abste-lamento (observação). Para mim, a observação superpõe-se de perguntar quando fazê-lo teria sido obviamente se por inteiro ao assinalamento, são sinônimos; não consi-um erro. Para ser mais preciso, a analista fez, no começo, go ver em que se diferenciam.

alguma pergunta; porém, foi justamente a resposta da pa-O assinalamento, como seu nome indica, assinala ciente, nessas ocasiões, que a levou a se cuidar, a pensar algo, circunscreve uma área de observação, chama a aten-por que a paciente respondia de forma tão particular às ção, com o objetivo de que o paciente observe e ofereça perguntas que, por outro lado, pareciam à analista mais mais informação. Se quiséssemos situar esse instrumento do que naturais para esclarecer o material. De modo que, na tabela de Bion (1963), o colocaríamos nas colunas 3

como mostra esse trabalho, cada vez que alguém pergun-
(notação) e 4 (atenção).

ta deve estar atento para ver se está realmente obtendo O assinalamento implica sempre, é certo, um grau de informação ou se se deixou levar a uma situação que me-informação que o analista dá ao paciente ao chamar a sua receria ser analisada em si mesma.

atenção, mas creio que isso é somente adjetivo: o que define No caso regular, a pergunta tem por finalidade obter esse instrumento é o fato de que busca receber informação.

uma informação precisa e entende-se que é formulada sem Como no caso da pergunta, a observação pode ter outros propósitos, sem segundas intenções, porque, do con-segundas intenções ou pode suportar elementos interpre-

tativos. Sempre há lugares de trânsito, os quais são inevi-opinião da minha parte, por exemplo, levando em conta táveis, mas o que importa é discriminar os diferentes in-justamente a surpreendente negação de seus temores.

gredientes do caso particular.

Outro paciente que queria sinceramente deixar de O assinalamento (observação) tende a ser feito di-fumar acendia um cigarro cada vez que se punha a anali-zendo-se repare que ou note que, ou algo assim, isto é, assar o problema. Em uma dessas oportunidades, confrontando realmente um fato, assinalando algo que não tei-o simplesmente com esse fato, disse a ele que a situa-foi notado pelo analisando e que não sabemos se é conscien-

ção era singular, que queria analisar seu hábito de fumar te para ele. Não é necessário que o paciente não tenha para deixar de fazê-lo e, enquanto isso, acendia um cigar-consciência; pode tê-la e, por isso, é contingente a infor-ro. A confrontação, então, destaca dois aspectos distintos, mação que o analista dá no assinalamento: o característi-contraditórios do material. Foi realmente útil ao paciente, co é, de qualquer modo, que o assinalamento contribui porque o fez compreender toda uma série de automatismos, para circunscrever uma área determinada para a investi-de contradições em sua conduta, inclusive a função que o gação ulterior. Nos atos falhos, o assinalamento cumpre, cigarro cumpria para ele quando devia realizar uma ta-

às vezes, simultaneamente a missão de chamar a atenção refa, etc.

do analisando e de torná-lo consciente, de informá-lo de Nem sempre é fácil separar a confrontação do que teve um lapso que ele não percebeu.

assinalamento, já que aquela pode ser considerada como Quando, após contar seu primeiro sonho, Dora ofe-um caso especial deste, em que chamamos a atenção so-rece suas associações, Freud diz a ela: “Peço-lhe que tome bre dois elementos contrapostos. No entanto, existem al-nota bem de suas próprias expressões. Talvez nos façam gumas diferenças que, com certeza, não devem ser consi-falta. Você disse que, à noite, poderia acontecer algo que a deradas como inquestionáveis. Poderíamos dizer inicial-obrigasse a sair” (AE, 7, p. 58). E em seguida, no rodapé mente que, em geral, o assinalamento está relacionado da página, Freud explica por que sublinha essas palavras, com a percepção, e a confrontação, com o juízo. A ima-isto

é, por que fez esse assinalamento a Dora.³

gem plástica que utilizamos antes, a de que o assinalamento No assinalamento, o analista não tem o propósito de circunscrever uma área, talvez possa servir para estabelecer especificamente o paciente, mas de fazê-lo fixar em uma diferença. Enquanto o assinalamento centra a atenção em algo que apareceu e que, em princípio, o caso em um ponto determinado para investigá-lo, na contra-próprio terapeuta não sabe que significado pode ter. Na fronteira o fundamental é deparar o paciente com uma nota de rodapé de seu assinalamento, Freud diz que o contraditório. Confrontar é colocar, frente a frente, dois elementos é ambíguo e que essa ambigüidade pode conduzir a simultâneos e contrastantes, que podem ocorrer às idéias ainda ocultas por trás do sonho. Se o analista tanto no material verbal quanto na conduta. Muitas vezes, conhece com certeza do que se trata, então o assinalamento como no caso do fumante recém-mencionado, contrapõem-

é supérfluo, e ele deve interpretar. Poderíamos argüir que, se a conduta e a palavra.

mesmo conhecendo com certa segurança o conteúdo da-Creio que vale a pena salientar, para evitar mal-entendido, o analista pode preferir, em certo momento, o tendido, que as discriminações que fizemos nesta seção assinalamento à interpretação, pensando, por exemplo, que são dinâmicas, metapsicológicas e não fenomenológicas.

o analisando ainda não está em condições para compreender-O fundamental não é a forma: um assinalamento, uma der ou tolerar a interpretação. Discutiremos esse ponto de confronto e mesmo uma interpretação podem ser feitas quando falarmos da interpretação profunda, mas digamos, por meio de uma pergunta e, ao contrário, muitas vezes desde já, que essa prudência do analista introduz um processo se dá o caráter de interpretação ao que é apenas um blema teórico.

comentário do analista.

Dentro do esquema que estamos desenvolvendo, Löwenstein (1951) fala desses três instrumentos outro instrumento para obter informação é a confronta-como preparatórios da interpretação; contudo, em minha opinião. Como seu nome indica, a confrontação mostra a exposição, quis dar-lhes mais autonomia: por serem ins-paciente duas situações contrapostas, com a intenção de instrumentos para obter informação, não são necessariamente colocá-lo diante de um dilema para que note uma contradição passos prévios a uma interpretação. Os

exemplos de dição. Um paciente dizia que estava muito bem e próximo-Löwenstein são diferentes dos meus, sem dúvida porque mo, portanto, do fim do tratamento, embora expressasse ele está interessado em mostrar alguns fundamentos de fortes temores de morrer de um infarto do miocárdio.

sua técnica. Em primeiro lugar, Löwenstein distingue mo-Havia, é claro, várias interpretações possíveis, mas a gran-mentos preparatórios e momentos finais no processo de contradição que ele não percebia entre estar bem e ter interpretativo, porque pensa, como muitos autores, que é um infarto, fizeram-me preferir confrontá-lo com esse fato artificial falar da interpretação quando, na realidade, a singular e colocar-me, assim, ao abrigo de que uma inter-atividade do analista é complexa e não se deveria separá-

pretação pudesse ser mal-entendida nos termos de uma la em compartimentos.⁴ Por outro lado, pensa que é fundamental ir graduando o acesso do analisando ao material inconsciente e, nesse sentido, entende-se seu empenho ³ Os itálicos, no texto de Freud, são a expressão tipográfica da necessidade de assinalar.

4 Assim pensa, por exemplo, Terencio Gioia (1979).

188 R. HORACIO ETCHEGOYEN

em discriminar entre os passos prévios e o fechamento ou minha mãe”. Na realidade, tinha razão, porque essa final. Todavia, essa atitude prudente possui seus senões e era minha intenção, e talvez teria sido melhor interpretar pode até ser tendenciosa, já que se propõe que o analisando diretamente e assinalar-lhe que ele queria que eu lhe in-do chegue por si só ao que o analista já sabe.

interpretasse “isso” para depois me acusar. É evidente agora Lembro-me de um homem jovem, inteligente e des-para mim que eu tinha medo de suas respostas paranóides⁵

confiado que foi um de meus primeiros pacientes. Tinha e queria fazê-lo dizer o que eu tinha de dizer. Nesse caso, sonhos muito pouco censurados e eu, que não me anima-minha falha técnica é notória e não serve, então, para re-va a interpretá-los, fazia-lhe perguntas sobre o conteúdo futar Löwenstein, mas demonstra, de qualquer modo, um manifesto, que ele recusava, por considerá-las tendencio-risco da prudência. Enfim, voltamos a tocar, aqui, no tema sas: “Claro! Você me pergunta isso para que lhe diga que é da interpretação profunda.

homossexualidade (sic) ou que essa mulher é sua esposa ⁵ Grinberg

diria, com mais precisão, que eu me havia contra-identificado com sua parte assustada pelas revelações que a aná-

lise tinha de lhe fazer.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 189

25

O Conceito de Interpretação

No capítulo anterior, ocupamo-nos dos instrumentos por motivos que lhe são fundamentalmente alheios, essa da psicoterapia, que dividimos em quatro grupos, dos quais informação é pertinente e pode ser útil.

estudamos os que servem para influenciar o paciente e Não se oculta para mim, por certo, o risco que se para lhe solicitar informação. Agora, cabe-nos estudar o corre ao dar esse tipo de informação. O paciente pode tomá-

terceiro grupo, que compreende os instrumentos para in-la equivocadamente por apoio, sedução, desejo de influen-formar, dentre os quais se encontra a interpretação. Como ciá-lo ou de controlá-lo, etc.; porém, de qualquer manei-se recordará, existe ainda uma quarta categoria, os parâ-

ra, se o analisando sofre de uma ignorância que o afeta e metros.

nós lhe trazemos o conhecimento que lhe falta com a intenção apenas de modificar essa situação, penso que estamos operando legitimamente, conforme a arte.

INSTRUMENTOS PARA INFORMAR

Certamente se poderá dizer que, nesses casos, é sempre viável subministrar o mesmo informe por meio de De todos os instrumentos que formam o arsenal do uma interpretação que o contenha, mas para mim isso é psicoterapeuta, há três que têm uma entidade distinta e um artifício que não se compadece da técnica e menos também uma dignidade diferente: a informação, o escl-a-inda da ética. É valer-se de nossa ferramenta mais no-recimento e a interpretação. Essas três ferramentas são bre para fins que não lhe competem e que não podem essencialmente uma e única, mas convém distingui-las, senão depreciá-la. Não se deve perder de vista que o ana-mais por seu alcance do que por suas características.

lizando captará, mais cedo ou mais tarde, que estamos Em um extremo está a informação, que opera como transmitindo-lhe um determinado dado através de um um autêntico instrumento de psicoterapia se a oferece-artifício e, então, poderá supor que sempre operamos com mos para corrigir algum erro. Se de algum modo a neuro-segundas intenções, sem que possamos simplesmente lhe se provém de um erro de informação, e especificamente interpretar sua desconfiança (paranóica) ou seu despre-de erros de informação em termos de relações interpes-zo (maníaco).

soais, é lógico pensar que qualquer afirmação que perpe-

É necessário destacar aqui que me refiro a um des-tue ou aprofunde os erros perpetua e aprofunda a doença; conhecimento do analisando que não está relacionado e, vice-versa, qualquer dado que traga melhores elemen-com o contrato, com o enquadre, como perguntas sobre tos para compreender a realidade (ou a verdade) deve ter o feriado, as férias, os honorários, etc., porque, nesse caso, um caráter terapêutico.

é claro que a informação é inevitável. Refiro-me a ques-Em seu sentido estrito, a informação refere-se a algo tões que não se relacionam com as constantes do enqua-que o paciente desconhece e deveria conhecer, ou seja, dre e sobre as quais o analista pode não se sentir na obri-tenta corrigir um erro que provém da informação deficiente gação de informar.

do analisando. Aplica-se, a meu ver, por definição, a co-

Às vezes se justifica, por exemplo, dar alguma infor-nhecimentos extrínsecos, a dados da realidade ou do mun-maçoção médica a um analisando que não a tem e nem se-do, não do próprio paciente. Assim delimitada, a informa-quer sabe que não a tem. Na mesma semana em que sua ção aumenta o conhecimento do analisando, mas não se mulher entrou no climatério, um analisando que sempre refere especificamente a seus problemas, e sim a um des-invejava as prerrogativas do sexo frágil teve uma pequena conhecimento objetivo que, de algum modo, influi sobre hemorragia retal. Interpretei esse sintoma como o desejo ele. Em casos muito especiais (e digamos que também de ser ele, agora, aquele que tinha a menstruação, na du-muito escassos), o analista pode legitimamente dar essa pla perspectiva de sua reconhecida inveja à mulher e de informação, corrigir esse erro. Não é difícil encontrar exem-seu desejo de reparar. Pude, ao mesmo tempo, colocar esse plos na prática, em nossa própria prática, e a primeira coi-material, de maneira válida, na linha de sua transferência sa em que pensamos, sob a influência do severo superego

homossexual e também de seu desejo de se liberar de mim, psicanalítico, é que cometemos uma transgressão; entre-terminando repentinamente a análise, como se fosse um tanto, se damos essa informação com o objetivo de que o aborto. Informei-lhe, ainda, que o sangue nas matérias paciente tenha um dado que lhe faz falta e do qual carece fecais podia ser um sintoma de enfermidade orgânica e

190 R. HORACIO ETCHEGOYEN

pedi-lhe que consultasse. Infelizmente, meu temor confir-dade de ver seus problemas de outra perspectiva, ao mes-mou-se e, uma semana depois, o paciente foi operado de mo tempo que evitamos que veja nosso silêncio como uma um carcinoma de sigmóide.

confirmação do que ele pensava.

Nem sempre, mas talvez em casos especiais, se não Para terminar, quero trazer o melhor exemplo de que for legítimo ao menos pode ser perdoável dar a um cole-recordo de minhas leituras. No clássico trabalho de Ruth ga em análise, que quer seguir a carreira, algum dado Mack Brunswick, “Análise de um caso de paranóia. Delírio geral sobre certos requisitos, por exemplo, que o período de ciúmes” (1928b), em que se mostra pela primeira vez a das entrevistas inicia e termina em prazos definidos, fixação patológica de uma mulher à etapa pré-edípica, a embora o mais provável, nesses casos, é que se tenha de paciente comenta com muito desembaraço que as cadelas interpretar ao aspirante os motivos neuróticos de sua não têm vagina, e seu analista dá-lhe a informação perti-desinformação.

nente (p. 619 da ed. cast.).

Um paciente pode consultar pelo que ele chama de O esclarecimento busca iluminar algo que o indivíduo ejaculação precoce e tratar-se de um desajuste de outro sabe, mas não distintamente. O conhecimento existe; po-tipo. Há muitos anos, tomei em análise uma mulher “frígirém, diferentemente da informação, aqui a falha é um tanto da” e depois, quando pude obter dados sobre sua vida se-mais pessoal. Não é que lhe falte um conhecimento de xual durante o tratamento, inteirei-me de que seu marido algo extrínseco, e sim que há algo que não percebe clara-ejaculava ad portas. Foi um erro, então, não lhe perguntar mente de si mesmo. Nesses casos, a informação do tenas entrevistas por que ela considerava que era frígida, a rapeuta é destinada a esclarecer o que o paciente disse. O

que ela chamava de frigidez. Embora fosse certo que a esclarecimento

não promove, em meu entender, insight, mulher em questão precisava de análise, era por outros mas apenas um reordenamento da informação; essa opi-motivos, entre eles por seu desconhecimento da vida se-não, contudo, não é a de Bibring (1954), para quem o xual, pela idealização do marido e por suas auto-recrimi-processo implica o vencimento de uma resistência (segu-nações quase melancólicas.

ramente no sistema Prcc).

Há algum tempo, um/uma colega jovem comentava No esclarecimento, a informação pertence ao pacien-com entusiasmo que, ao sair da sessão, iria ao seminário te, mas ele não pode apreendê-la, não pode captá-la.

de um eminente analista que nos visitaria. Eu sabia que a viagem havia sido cancelada de última hora e preferi dar essa informação a meu/minha analisanda, em vez de deiA INTERPRETAÇÃO

xar que se abalasse até a associação para só então se inteirar. Essa história, ao que parece nada transcendente, con-No outro extremo desse espectro, a interpretação sem-tém, entretanto, toda uma teoria da informação no setting pre se refere, a meu ver, também por definição, a algo que analítico. Eu não era, evidentemente, obrigado a suprir pertence ao paciente, mas do qual ele não tem conheci-seu déficit de informação, mas sabia que ele/ela não era o mento. Não utilizo a palavra consciência, porque desejo único ignorante da suspensão de última hora da viagem.

definir esses três instrumentos em termos aplicáveis a qual-Eu mesmo tinha dado a ordem de que se avisassem mem-quer escola psicoterapêutica, e não apenas à nossa meta-bros e candidatos da circunstância imprevista e supunha psicologia. Os ontoanalistas, por exemplo, não admitem, que nem todos poderiam ter sido avisados. Parece-me que, de fato, uma diferença entre consciente, pré-consciente e pesando todas as circunstâncias, não lhe dar a informação inconsciente, mas não objetarão se digo conhecimento ou teria sido descomedido de minha parte.

emprego a palavra consciência no sentido geral de ter cons-Em muitos desses casos, coloca-se para o analista uma ciência, de se responsabilizar ou saber de si mesmo. A in-situação delicada, porque essas falhas “objetivas” de infor- formação refere-se a algo que o paciente ignora do mundo mação são freqüentemente produto do recalque, da nega-exterior, da realidade, algo que não lhe pertence; a inter-

ção ou de outros mecanismos de defesa. Nesses casos, é pretensão, ao contrário, assinala sempre algo que pertence mais operante (e mais analítico) interpretar que ele sabe em propriedade ao paciente, mas do qual ele não tem co-algo que não quer ver (recalcamento), cuja existência nega nhecimento. A diferença é muito grande e servirá para (negação) ou que quer que eu (ou seja quem for) saiba definir e estudar a interpretação.

por ele (projeção, identificação projetiva).

Diz-se, às vezes, que a interpretação pode referir-se Novamente, não há regra fixa nesses casos. Tudo de-não apenas a algo que pertence ao indivíduo, mas tam-pende do momento, das circunstâncias, de muitos fatores.

bém a seu ambiente. Esta é uma extensão do conceito que Não estaremos em falta se o que buscamos é informar o não compartilho. Por isso, insisti em definir e legalizar a analisando e não nos congraçarmos com ele, apoiá-lo ou informação propriamente dita para não confundir com o influenciá-lo, e sempre que pensemos que seu déficit de conceito de interpretação. Só se interpreta o paciente: as informação deve ser corrigido diretamente e não interpre-

“interpretações” a familiares ou amigos são interpretações tado, que dessa maneira ampliamos o diálogo analítico, silvestres.

em vez de encerrá-lo.

Do mesmo modo, quando Winnicott (1947) diz que Comete-se um erro lamentável quando se acredita o analista deve interpretar ao psicótico o ódio objetivo que que, ao dar esse tipo de informação, contribuímos para alguma vez teve dele, utiliza a idéia de interpretação mui-uma mudança no paciente. Apenas lhe damos a oportuni-to frouxamente. Com vistas às precisões que estamos esta-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 191

belecendo, o que se faz, nessas circunstâncias, é informar mudança dramática, em primeiro lugar porque a mulher algo que em certo momento sentimos, mas nunca inter-responsabilizou-se pelo que acontecia com ela e, em se-pretar. Interpretar seria dizer-lhe que, naquelas circuns-gundo, porque pôde colocar esta situação de outra forma tâncias, ele fez algo para que eu o odiasse, ou que ele sen-para seu marido. Assim, lentamente, começou a pôr-se em tiu que eu o odiava; todavia, dizer-lhe que eu o odiei é marcha de novo a análise. Vale a pena assinalar aqui, de somente uma informação.¹

passagem, o conflito de contratransferência, à medida que Anos atrás, consultou-me um colega sobre uma mu-a paciente colocava seu analista na posição do terceiro lher que estava em um evidente impasse, porque não ha-que imagina a cena primária.

via forma de torná-la consciente de que seu marido a en-A interpretação não pode referir-se senão ao pacien-ganava. O analista havia-lhe interpretado reiteradamente, te – e por vários motivos. Antes de mais nada, porque nem e com base em fatos objetivos, esse engano notório e os metodologicamente, nem eticamente podemos saber o que mecanismos de defesa da paciente para não se dar conta faz o outro. Só sabemos o que se passa no hic et nunc, no disso. “Você não quer ver que seu marido a engana. Você aqui e agora; só consta, para nós, o que nos diz o paciente.

dá as costas à realidade, não quer ver o evidente. Nin-Essa posição não muda, em absoluto, se o analista pudes-guém pode pensar que um homem que sai todas as noites se ter acesso à realidade exterior (objetiva), já que essa e volta de madrugada, sob os mais diversos pretextos, que realidade não é pertinente; o único fato pertinente é aqui-se arruma em excesso para ir fazer negócios, que há meses lo que provém do analisando.

suspendeu sua vida conjugal com você”, etc. Disse de imediato a meu jovem colega que a paciente tinha razão ao não aceitar seus pontos de vista, que ele chamava de in-INFORMAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

terpretações.

Essas pretensas interpretações não são mais do que Tentamos aproximar-nos do conceito de interpreta-opiniões (e as opiniões são algo que pertence àquele que ção a partir do fato de que é uma maneira especial de as emite, não ao receptor) ou, na melhor das hipóteses, informar. Por informar, a interpretação tem de ser, antes informações (já que pertencem ao mundo exterior, à realide tudo, veraz. Se uma informação não é veraz, não é ob-dade objetiva). Em suma, meu jovem colega poderia ter jetiva, não é certa, obviamente deixa de sê-la por defini-dito à sua obstinada paciente: “Desejo informar-lhe que ção. Também está dentro de suas notas definidoras que há uma alta incidência de engano matrimonial entre os sua finalidade não seja outra senão a de informar, a de homens que têm todas as tardes reunião de diretoria ou compartilhar conhecimento. Por isso, insisto que a inter-entre as mulheres que saem sós e bem arrumadas, nos pretação deve ser desinteressada. Se temos outro interesse sábados à noite”. Basta colocar assim para que todos nos que

não o de proporcionar conhecimento, então já não demos conta de que uma intervenção desse tipo não tem estamos estritamente interpretando, mas sugerindo ou sentido, é ridícula. As “interpretações” de meu colega não apoiando, persuadindo, manipulando, etc. Convém escla-soavam ridículas, mas eram totalmente ilógicas, careciam recer aqui dois fatos importantes.

de método (e de ética), já que ele não podia saber, de Em primeiro lugar, estou referindo-me à atitude que verdade, se esse homem andava com outras mulheres, nem tem o emissor, o analista; pouco ou nada importa, no caso, tampouco a análise ocupa-se de averiguá-lo.

o que faça o receptor. O analisando pode dar a nossas pa-De qualquer maneira, meu colega me consultava por-lavras outro sentido, mas isso não as muda. Se o destina-que o caso estava detido. Depois das “interpretações”, sua tário utiliza mal o conhecimento que lhe foi dado, terei de paciente interpelava seu marido, ele negava e ela termina-voltar a interpretar e certamente apontarei, agora, a mu-va por acreditar nele, para desespero de seu analista.

dança de sentido que minha escuta operou. Em segundo Quando iniciei essa supervisão, mostrei a meu cole-lugar, refiro-me ao objetivo básico da comunicação, sem ga seu erro metodológico e, por minha vez, não fiz nenhu-pretender ser um analista quimicamente puro, livre de toda ma conjectura sobre se o marido enganava ou não sua contaminação e de posse de uma linguagem ideal, na qual mulher. Na realidade, não posso sabê-lo, e isso tampouco não existam o equívoco ou a imprecisão. Às vezes, essas me incumbe como analista (ou, no caso, como supervisor).

inevitáveis notas, acrescentadas à interpretação em senti-O analista começou a prestar mais atenção à forma do estrito, são a única coisa que o analisando capta para como a paciente contava as saídas do esposo, que logo lhe criticar, com maior ou menor razão, uma interpretação.

deram uma pauta. Ela o esperava presa por uma angústia No conceito de interpretação (e, em geral, no de muito intensa e por grande excitação, assediada pela ima-informação) coincidem o método psicanalítico, a teoria e gem de vê-lo na cama com outra mulher. No final dessa a ética, porquanto nos é dado interpretar, mas não ditar longa agonia, terminava masturbando-se. Ou seja, tudo a conduta alheia. Isto só pode ser decidido por cada um, isso lhe provocava um prazer escotofílico e masoquista nesse caso o paciente. Lacan (1958a) tem razão ao pro-muito intenso. Quando isso lhe foi interpretado,

houve uma testar contra o analista querer ser aquele que define a adaptação (“A direção do tratamento”, p. 228 e passim da ed. cast.).

1

Além de veraz e desinteressada, a interpretação tam-Não estamos aqui discutindo a validade da técnica de Winnicott, bém deve ser uma informação pertinente, isto é, dada em mas precisando o conceito de interpretação.

192 R. HORACIO ETCHEGOYEN

um contexto em que possa ser operativa, utilizável, embo-Além dos aspectos metodológicos, que me parecem ra finalmente não o seja. A interpretação deve ser oportu-decisivos, a relação entre a interpretação e o insight é muito na, deve ter um mínimo razoável de oportunidade. Estou complexa. Talvez se possa inclusive sustentar que nem toda introduzindo aqui, pois, outra nota definidora da inter- interpretação é destinada a produzir insight, ao menos o pretação, a pertinência (oportunidade), que para mim não insight ostensivo. O insight é um processo muito específi-

é sinônimo de timing. O conceito de timing é mais restrito co, é a culminação de uma série de momentos de elabora-e mais preciso que o de oportunidade, que é mais abran-

ção por meio de um longo trabalho interpretativo. Este é gente. Uma interpretação fora de timing não deixa de sê-

um tema apaixonante, que discutiremos mais adiante, es-lo; uma intervenção impertinente não o é por definição.

pecialmente no Capítulo 50, e que não se refere estrita-Portanto, a oportunidade refere-se ao contato com o mamante à presente discussão. Estamos buscando as notas terial, ao posicionamento do analista frente ao paciente.

definidoras do conceito de interpretação, sem nos pronun-Definimos, pois, a interpretação como uma informação ciarmos ainda sobre suas relações com o insight e a elabo-veraz, desinteressada e pertinente, que se refere ao receptor.

ração. Esse modo de pensar apóia novamente a idéia de que o insight figure entre as notas definidoras, sem por isso estar entre as finalidades imediatas do analista quan-INTERPRETAÇÃO E INSIGHT

do ele interpreta. Como veremos logo mais, o efeito buscado pela interpretação é decisivo quando a definimos Por um caminho diferente do que percorremos, operacionalmente.

Löwenstein chegou, em 1951, a uma definição da interpretação similar à recém-exposta. Löwenstein distingue as intervenções preparatórias do analista, endereçadas a li-INTERPRETAÇÃO E SIGNIFICADO

berar as associações do analisando (isto é, a obter informação), da interpretação propriamente dita, intervenção Em uma tentativa de definir a interpretação a partir especial que produz as mudanças dinâmicas que chama-de outra perspectiva que complementa a anterior, preste-mos de insight. A interpretação é uma explicação que o mos agora atenção ao seu valor semântico. O analista, afir-analista dá ao paciente (a partir do que este lhe comuni-ma David Liberman (1970-1972), dá um segundo sentido cou) para lhe proporcionar um novo conhecimento de si ao material do paciente. O novo sentido que a interpreta-mesmo. Löwenstein diz, em resumo, que a interpretação é ção outorga ao material leva-me a compará-la com a vi-uma informação (conhecimento) que se dá ao paciente, vência delirante primária (Jaspers, 1913).

que se refere ao paciente e que provoca as mudanças que Jaspers definiu genialmente a vivência delirante pri-conduzem ao insight.

mária como uma nova conexão de significado: de imedia-Essa definição só difere da que demos no item ante-to, o indivíduo – inexplicavelmente para Jaspers (mas não rior por incluir o efeito da interpretação. Nesse ponto, con-para Freud), ou seja, de uma forma em que a empatia cordo com Sandler e colaboradores (1973) quando dizem torna-se impossível para o observador fenomenológico, que seria melhor definir a interpretação por suas inten-porque efetivamente, no plano da consciência, seria in-

ções, e não por seus efeitos. Nesse sentido, a definição de compreensível – faz surgir uma nova relação, uma nova Löwenstein seria mais aceitável se dissesse que a interpre-conexão de significado, uma outra significação.

tação é destinada a (ou tem a intenção de) produzir insight, A interpretação é também uma nova conexão de sig-e não que deve produzi-lo. Porque, de fato, até mesmo a nificado. O analista toma diversos elementos das associa-interpretação mais perfeita pode ser inoperante se o anali-

ções livres do paciente e produz uma síntese que dá um sando assim o quiser. É melhor então, em conclusão, que a significado diferente à sua experiência. Essa nova cone-definição apóie-se na informação que o analista dá, e não xão é, sem dúvida, real, simbólica e, certamente, não é na resposta do paciente.

delirante.2

Enfim, Sandler, Dare e Holder propõem, como alter-Em contraste com a vivência delirante primária, a in-nativa, que a interpretação está destinada a produzir insight.

terpretação chega a um significado pertinente e realista; além Concordo, então, com a sugestão deles, já que, nesse caso, disso, e tal fato parece-me decisivo, a interpretação tem duas informar é o mesmo que procurar fazer com que o pacien-notas que nunca podem aparecer com a vivência delirante te adquira insight.

primária, a qual sempre desqualifica e não é retificável.

A relação com o insight, apesar de ser importante, é A interpretação não desqualifica; se o fizesse, já não complexa; por isso, que preferi não incluí-la na definição.

seria interpretação, e sim uma mera manobra defensiva Se assumíssemos o desejo de que o analisando responda do analista (negação, identificação projetiva, etc.) mais com insight, perderíamos algo de nossa atitude de impar-próxima da vivência delirante primária do que da infor-cialidade. O insight deve ser algo que surja por obra de mação. A interpretação nunca desqualifica; a vivência de-nosso trabalho, sem que nós o busquemos diretamente.

lirante primária sim.

Feitas essas ressalvas e com as precisões de Sandlere e colaboradores, podemos acrescentar, como uma de suas notas definidoras, que a interpretação é destinada a pro-2Essa definição pode ser enquadrada perfeitamente nas idéias duzir insight.

de Bion (1963) sobre a conjunção constante e o fato selecionado.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 193

Em meio a uma grave crise conjugal, o analisando mundo 3, que é o mundo do inteligível, das idéias em sen-afirma que não se divorcia por causa de seus filhos. Apoi-tido objetivo, isto é, o âmbito das teorias em

si mesmas e ado em um material amplo e convincente, o analista inter-de suas relações lógicas (Popper, 1972, Cap. 4). Disso de-preta-lhe que projeta nos filhos sua parte infantil que não corre que Alvarez Lince (1996) considere que nem etica-quer separar-se da mulher, que representa a mãe de sua mente, nem epistemologicamente, o analista pode aferrar-infância. O que quer dizer essa interpretação, o que busca se à sua interpretação, recorrendo a uma hipótese ad hoc com ela o analista? Procura dar ao analisando uma nova ou a um raciocínio de tipo circular para defendê-la, já que informação sobre sua relação com sua mulher e seus fi-essa interpretação realmente se tornaria irrefutável e deixa-lhos, mas não desqualifica suas preocupações de pai. Pode ria de sê-lo. “O uso de teorias ad hoc para reinterpretar as ser que o paciente resolva esse conflito deixando de proje-respostas do paciente que refutam as interpretações quebra tar em seus filhos sua parte infantil e que, no entanto, o método científico” (p. 85). Desse modo, Alvarez Lince si-decida finalmente não se divorciar pensando em como fi-tua-se na linha daqueles que, como Freud, reivindicam para cariam seus rebentos.

a psicanálise a condição de uma ciência da natureza.

Outra diferença em relação à vivência delirante pri-Devemos agora considerar uma terceira forma de mária é que a interpretação é sempre uma hipótese e, como definir a interpretação, que é a operacional. Como bem tal, retificável. A idéia delirante não é retificada; a hipóte-diz Gregorio Klimovsky, no Capítulo 35, a interpretação se, ao contrário segundo Popper (1953, 1958, 1962, 1972), não é apenas uma hipótese que o analista constrói, mas nunca é confirmada e continua válida até que seja refuta-uma hipótese que é feita para ser dada, para ser comunicada. Portanto, a interpretação pode ser considerada uma cada. Embora possamos reter a interpretação, em casos proposição científica, uma sentença declarativa, uma hi-especiais a condição de ter de comunicá-la ao paciente é pótese que pode ser justificada ou refutada, e isso a separa inevitável porque, como hipótese, a única forma de testá-

totalmente da vivência delirante primária.

la é comunicando-a. Logo, está incluída na definição de Em resumo, enquanto nova conexão de significado, interpretação que ela deve ser comunicada; contudo, ao a interpretação informa e dá ao analisando a possibilita-ser comunicada, é também operativa, ou seja, promove de de organizar uma nova forma de pensamento, de mu-alguma mudança, e isso é o que nos permite testá-la. Des-dar de ponto de vista (Bion, 1963).

se modo, reabre-se o debate do quarto item e comprova-se a razão de Sandler, quando inclui entre as qualidades definidoras da interpretação sua intenção (mais que sua DEFINIÇÃO OPERACIONAL DA INTERPRETAÇÃO

efeito, como Löwenstein) de produzir insight.

Essas três notas – a informação, a significação e a interpretação – Até agora, definimos a interpretação de duas formas operatividade – são os três parâmetros com os quais se distingue, de certo modo, coincidentes, como um tipo define a interpretação.

especial de informação e como uma nova conexão de significado. Como dissemos antes, a definição operacional da interpretação. Do primeiro ponto de vista, a interpretação é uma interpretação não implica que esse efeito seja buscado de proposição científica, um ponto já estudado, há alguns anos, de forma direta pelo analista. Ele sabe empiricamente, por anos, por Bernardo Alvarez (1974); do outro ponto de vista, que sua prática lhe demonstrou muitas vezes, que, se a interpretação caracteriza-se por ter um valor semântico, a interpretação é correta e o analista admite, esta vai operar, por conter um significado.

rar em sua mente. Todavia, isso não muda a atitude com a qual é importante incluir aqui, nesse ponto, as idéias de que o analista interpreta. Sua atitude continua sendo de Bernardo Alvarez Lince sobre o conceito de interpretação interessada, pois ao que ele se propõe é dar ao analista em psicanálise. Sua consistente investigação inicia-se em do elementos de juízo para que possa mudar, sem ficar em 1974, com a idéia de que a interpretação psicanalítica é pendente de suas mudanças, sem exercer nenhuma outra uma proposição científica, adquire precisão quando esta influencia senão a do conhecimento. A informação do analista da forma como a interpretação é posta à prova (1984) e lista é desinteressada, na forma como Freud propunha-nos culmina em um valioso livro, recentemente publicado em “Conselhos ao médico”, com aquela frase do cirurgião (1996). A interpretação é sempre uma hipótese e, como que dizia: “Je le pansai, Dieu le guérit”*. Não é outro o sental, exposta à refutação; porém, quando formulada, admitido com que damos ao paciente a interpretação, atitude que outra dignidade, torna-se autônoma. Já não pertence liberdade para o outro, não de coação: de desinteresse, e nem a quem a propõe, nem a quem a escuta: fica, anão de exigência. Não há nessa atitude nenhum desinteresse, à consideração de ambos para ser validada ou refutada afetivo, porque a informação é dada com afeto, com ela e traz conseqüências, às vezes, não previstas e sempre o desejo de que o analista tome para si a informação independentes

de nossa criação. Desse modo, estabelece-se para que depois, e por sua conta, reajuste, ressitue ou que se um sistema aberto de retroalimentação e regulação em-tione sua conduta. A modificação da conduta não está entre o homem e o mundo 3 (Alvarez Lince, 1996, p. 78).

cluída em nossa intenção ao informar, e talvez esta seja a Assim como Popper de Conhecimento objetivo (1972), essência do trabalho analítico.

Alvarez Lince considera que a interpretação psicanalítica não pertence ao mundo dos estados físicos (mundo 1), nem ao mundo dos estados mentais (mundo 2), mas ao

*N. de R.T. Em francês, como no original.

194 R. HORACIO ETCHEGOYEN

INTERPRETAÇÃO E SUGESTÃO

disso surge espontaneamente a essência da práxis. Chegamos a mostrar com base em que argumentos pode-se Nesse sentido, como disse anteriormente, penso que afirmar que a psicanálise não está relacionada com a o que define a psicanálise é que ela prescinde da sugestão.

sugestão.

A psicanálise é a única psicoterapia que não usa placebos.

Convém deixar claro que, ao isolar diversos instru-Todas as psicoterapias utilizam, de alguma forma, a comentários, não estamos sugerindo que, na prática, sempre municação como placebo; nós, ao contrário, renunciamos nos seja possível discriminá-los. Na clínica, as coisas nun-a isso. Essa renúncia define a psicanálise, que por isso tam-ca são simples e surgem zonas intermediárias e imprecí-bém é mais difícil. Nossa intenção não é modificar a consas, nas quais um instrumento é trocado por outro insensi-duta do paciente, mas sua informação. Bion disse com sua velmente. Essas mudanças são das mais comuns, mas nem habitual precisão: a psicanálise não pretende resolver con-por isso diremos que as diferenças não existem. Quando flitos, e sim promover o crescimento mental.

um assinalamento transforma-se em confrontação, quan-O paciente pode tomar nossa informação como su-do uma confrontação começa a ter ingredientes inter-gestão, apoio, ordem, ou o que seja. Não digo

que o pacien-pretativos ou vice-versa, é algo que temos de decidir sem-te não possa fazer isso e nem sequer digo que não seja pre em caso particular.

bom que o faça. É a atitude com que nós damos a informa-Se insi que existem à disposição do analista vários ção, não a atitude com que a recebe o analisando, o que instrumentos, e não somente a interpretação, é para dar a define nossa prática. É parte de nossa tarefa, além disso, esta sua dignidade plena, para evitar que se desvirtue o levar em conta a atitude com que o paciente pode receber conceito de interpretação, englobando nela tudo o que o nossa informação e, na medida do possível, predizer sua analista faz ou, vice-versa, pensando que entre a interpre-resposta, evitando, quando estiver a nosso alcance, ser-taçon e os outros instrumentos não há maior diferença.

mos mal-entendidos. Podemos inclusive nos abster de in-Acredito que é artificial transformar em interpreta-terpretar, se pensarmos que não seremos compreendidos, ção o que deveria ser uma pergunta ou uma ordem. Nesse prevermos que nossas palavras serão distorcidas e utilises casos, embora possamos dizer que interpretamos, na zadas para outros fins. No momento em que estamos pro-realidade o paciente decodifica-o como é – e creio que pondo um aumento de honorários, uma interpretação das tem razão. Transformar em interpretação algo que deve-tendências anal-retentivas dificilmente vai ser recebida corria ser outra coisa é sempre artificial e, mais ainda, contrá-

mo tal. O mais provável é que o analisando a veja como rio ao espírito da análise, porque a interpretação, como uma tentativa de nos justificarmos, ou algo semelhante, e dissemos, não deve promover uma conduta.³

não como uma interpretação.

Há zonas intermediárias nas quais se pode inclinar Creio ter esclarecido, então, que informação, esclare-para um lado ou para outro, por uma confrontação ou por cimento e interpretação formam uma categoria especial de uma interpretação, por exemplo. Se no paciente que ana-instrumentos pela intenção com que são utilizados, intenção lisava com todo o entusiasmo seu hábito de fumar, ensingular que poderia ser resumida dizendo-se que é a de quanto acendia um cigarro, eu tivesse descoberto uma atique não operem como placebos, mas como informação.

tude de burla, teria feito uma interpretação, não uma conSe quisermos

utilizar o esquema clássico do primeiro frontação.

tópico, poderemos concluir que informação, esclarecimento Tudo isso aponta, então, para destacar qual é o lugar e interpretação correspondem a processos conscientes, pré-

legítimo que podem ter o assinalamento, a confrontação e conscientes e inconscientes, respectivamente.

as perguntas em nossa técnica. São passos preparatórios ou de menor significado que a interpretação; porém, às vezes, respeitam mais as regras do jogo, pois não introduz

elementos que possam ser equívocos.

Essas diferenças permitem reivindicar a autonomia Procuramos definir, com o maior rigor possível, os desses instrumentos e respeitar os princípios básicos de múltiplos instrumentos de que dispõe o analista, porque nossa tarefa.

3 Quando um paciente pergunta-me se pode fumar durante a sessão, prefiro dizer-lhe que pode fazê-lo, em vez de “interpretar-lhe” que está pedindo-me permissão ou está tentando ver se eu o proíbo.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 195

26

A Interpretação em Psicanálise

No capítulo anterior, fizemos fundamentalmente duas momentos, diremos que a interpretação está sempre relacionando coisas: situamos a interpretação no lugar que lhe cabe, nada com o conflito e o desejo. As recordações são recuperadas entre os vários instrumentos da psicoterapia, e depois tentadas, mas não interpretadas. Porque há instintos que se tentam chegar a ela pelos caminhos díspares da comunicação, cristalizam em desejos, contra os quais se erigem defesas, da semiologia e do operacionalismo, pensando que, torna-se necessária a interpretação. Como instrumento específico de sua convergência, devem forçosamente se especificar para desentranhar o conflito, a interpretação fica contrária às notas definidoras.

encadeada, já o veremos, ao tripé topográfico-dinâmico-Falamos, então, situados intencionalmente no campo econômico da metapsicologia.

po amplo da psicoterapia e agora nos cabe uma tarefa di-O que Freud pensa da interpretação pode ser deduzi-ferente – complementar, porém distinta – que é o estudo do, com suficiente aproximação, relendo-se um de seus da interpretação em psicanálise.

escritos técnicos, “O uso da interpretação dos sonhos na A psicanálise é, por certo, um método entre outros psicanálise” (1911e). O sonho, assim como o sintoma, é da psicoterapia maior, mas possui pautas que a singulari-explicado quando se apreendem sucessivamente os dife-zam, como o lugar privilegiado que concede à interpreta-rentes fragmentos de seu significado, e “deve-se dar por ção. Com razão, Laplanche e Pontalis dizem, no Vocabulá-

satisfeito se, no princípio, colige-se graças à tentativa inter-rio (1968, p. 207), que a psicanálise pode ser caracteriza-pretativa, ainda que seja apenas uma noção de desejo pato-da pela interpretação.

gênica” (AE, v.12, p. 89).1 Segundo o que se vislumbra nessa citação, para o Freud dos escritos técnicos, interpretar é explicar o significado de um desejo inconsciente, tra-A INTERPRETAÇÃO NOS ESCRITOS FREUDIANOS

zer à luz uma determinada pulsão.

Laplanche e Pontalis assinalam que a palavra interNa obra de Freud, a interpretação é definida básica-pretção não é superponível a Deutung, cujo sentido apro-mente como o caminho que recorre à compreensão do xima-se mais da explicação e do esclarecimento. A palavra analista para ir do conteúdo manifesto às idéias latentes.

latina “interpretação”, porém, sugere por momentos o sub-A interpretação é o instrumento que torna consciente o jetivo e o arbitrário.

inconsciente. Na Interpretação dos sonhos, a interpretação O próprio Freud, entretanto, utiliza a palavra com é igual e contrária à elaboração: a elaboração vai das idéias essas duas conotações, quando compara a interpretação latentes ao conteúdo manifesto; a interpretação vai no psicanalítica com a do paranóico na Psicopatologia da vida sentido contrário.

cotidiana (1901b), tal como já vimos, ao definir a inter-Para Freud, a interpretação é, antes de mais nada, o pretação como uma nova conexão de significado.

ato de dar sentido ao material, como aparece no próprio Os autores do

Vocabulário citam, por sua vez, o título de sua obra culminante, que o situa não entre os que empregam o que Freud faz no Capítulo VII de *Sobre o sonho* estudaram os sonhos “cientificamente”, mas entre os que (1901a), em que a palavra adquire essa conotação arbi-lhe atribuem um sentido. Interpretar um sonho é desco-trária. Ao introduzir o conceito de elaboração secundária, brir seu sentido. A definição de Freud é semântica, como Freud diz ali que é um processo que tende a ordenar os se aprecia no começo do Capítulo 11 da obra: “... interpre- elementos do sonho, provendo-os de uma fachada que vem tar um sonho significa indicar seu sentido”. A interpreta-a recobrir, em alguns pontos, o conteúdo onírico, à manei-

ção insere-se como um elo a mais no encadeamento de ra de uma interpretação provisória. Quando empreende-nossas ações anímicas, que assim adquirem sentido.

mos a análise de um sonho, a primeira coisa que temos de O sentido que a interpretação resgata varia paralela-fazer é nos livrarmos dessa tentativa de interpretação, diz mente aos distintos momentos que vão perfilando-se na Freud.

investigação freudiana. Como veremos em breve, Didier Anzieu (1969) distingue três grandes concepções do processo do tratamento e, por conseguinte, três tipos de in-1 “... one must be content if the attempt at interpretation brings terpretação; porém, para os fins de nosso interesse neste a single pathogenic wishful impulse to light” (AE, v.12, p. 93).

196 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Como todos sabem, Freud atribui a elaboração se-poder, experimentamos de imediato essa vivência de evi-cundária à tentativa de que o sonho seja compreensível dência, da qual não podemos ir além; contudo, quando (com vistas à compreensibilidade) e a explica por uma ati-Nietzsche aplica essa compreensão ao processo singular vidade do sonhador, que apreende o material que se apre-da origem do cristianismo, ele pode estar equivocado, se o senta para ele a partir de certas representações de espera material objetivo com o qual é compreendida a relação (Erwartungsvorstellungen), que o ordenam sob a premissa não foi bem tomado. Desse modo, toda a psicologia com-de que é compreensível, com o que só consegue, muitas preensiva de Jaspers repousa na vivência, mas é diferente, vezes, falseá-lo.2 Nesses casos, pois, a palavra interpreta-quando se aplica ao fato particular.

ção aparece carregada de suas notas menos confiáveis.

Jaspers afirma agora, sobre essas bases, que “todo compreender de processos reais particulares é, portanto, mais ou menos um interpretar, que apenas em casos raros COMPREENDER, EXPLICAR

de relativamente alto grau de perfeição pode chegar ao E INTERPRETAR SEGUNDO JASPERS

material objetivo convincente” (p. 353-354).

Podemos considerar compreensível (vivencialmente) Na segunda parte de sua Psicopatologia geral (1913), uma relação psíquica livre de toda realidade concreta, mas, que trata da psicologia compreensiva, Jaspers distingue no caso particular, só podemos afirmar a realidade dessa duas ordens de relações compreensíveis: compreender e relação compreensível se existirem os dados objetivos.

explicar. A compreensão é sempre genética, permite-nos Quanto menores sejam os dados objetivos e mais frouxa-ver como surge o psíquico do psíquico, como o atacado mente suscitarem a compreensão, mais interpretaremos e irrita-se e o enganado desconfia. A explicação, por sua vez, menos compreenderemos.

enlaça objetivamente os fatos típicos em regularidades e é Desse modo, e na realidade com definições, Jaspers sempre causal. Entre compreensão e explicação há, para inclina-se a desqualificar como arbitrária a interpretação Jaspers, um abismo insuperável.

em geral. A dificuldade maior da psicologia compreensiva Nas ciências da natureza, as relações são causais, so-jasperiana é como unir essa evidência da compreensão mente causais, e expressam-se em regras e leis. Na psico-genética com o que chama de material objetivo. Essa difi-patologia, podemos explicar assim alguns fenômenos, como culdade epistemológica não se coloca, por sorte, para a a herança recessiva da oligofrenia fenilpirúvica ou da idiotia psicanálise.

amaurótica de Tay-Sachs, estabelecer uma relação legal certa entre a paralisia geral e a leptomeningite sífilítica ou remeter o mongolismo à trissomia do cromossomo 21.

A CLASSIFICAÇÃO DE BERNFELD

Em psicologia, podemos conhecer não apenas rela-

ções causais (que são as únicas cognoscíveis nas ciências Siegfried

Bernfeld, um dos grandes pensadores da naturais), mas também um tipo diferente de relações, quan-psicanálise, escreveu em 1932 um extenso ensaio sobre a do vemos como surge o psíquico do psíquico de uma ma-interpretação.³ É uma das poucas tentativas de precisar o neira compreensível para nós. Compreendemos a conca-conceito de interpretação com um critério metodológico tenação dos fatos psíquicos geneticamente.

dentro da bibliografia psicanalítica.

A evidência da compreensão genética é, para Jaspers, Bernfeld parte das definições de Freud recém-mencio-algo último, algo que não podemos prosseguir além e, nessa nadas, segundo as quais interpretar é desvelar o sentido vivência de evidência última, repousa toda a psicologia de algo, incorporando-o ao contexto global da pessoa que compreensiva. “O reconhecimento dessa evidência é a cono produziu, e propõe três classes de interpretação: finalista, dição prévia da psicologia compreensiva, assim como o funcional e genética (reconstrução).

reconhecimento da realidade da percepção e da causali-A interpretação finalista descobre o propósito ou a dade é a condição prévia das ciências naturais” (Jaspers, intenção de uma determinada ação, tomando-a como elo 1913, p. 353 da ed. esp. de 1955).

da cadeia de acontecimentos que constituem o contexto Parece-me que Jaspers atenua suas afirmações quan-intencional de uma pessoa. Esse contexto intencional é, do esclarece, em seguida, que uma relação compreensível obviamente, inconsciente e aponta para ele a interpretanão prova, por si só, que seja real em determinado caso ção final. “A interpretação final remete ao contexto inten-particular ou que se produza em geral. Quando Nietzsche cional ao qual pertence um elemento em questão, que pri-afirma que da consciência de debilidade do ser humano mariamente aparece como isolado ou incorporado a outro surgem a exigência moral e o sentimento religioso, por-contexto” (1932, p. 307).

que a alma quer satisfazer dessa maneira sua vontade de O inconveniente das interpretações finais, diz Bernfeld, é que são mais fáceis de aceitar do que de provar, de modo que muitas vezes se pressupõe que tem de haver a inten-

ção e finalmente ela é encontrada. É o que ocorre, conti-2 O conceito de representações de espera é interessante, porque às vezes inspira a técnica de Freud, quando dá ao analisando certos informes sobre a

teoria psicanalítica para que operem dessa 3

forma. Também se pode observar esse modus operandi na histó-

“Der Begriff der ‘Deutung’ in der Psychoanalyse”. Cito a tradução clínica do “Homem dos Ratos”.

ção que aparece em El psicoanálisis y la educación antiautoritaria.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 197

nua Bernfeld, com a psicologia individual de Adler. Com isso é possível, afirma Bernfeld, porque o processo psíquico é um tom polêmico, sem dúvida, mais justificado então do que a reconstrução deixa marcas e porque existe uma relação que agora, Bernfeld sustenta que não se trata de que a regular entre os fatos psíquicos e suas marcas.

psicologia estabeleça um determinado nexos, mas de que a psicanálise é, para Bernfeld, a ciência das marcas descubra o existente e o oculto (p. 309).

e, portanto, “o método fundamental da investigação psicanalítica-No sistema adleriano, a interpretação não pode finalística pode caracterizar-se como a reconstrução de acontecer outra coisa senão descobrir as intenções que surgem tecimentos pessoais passados a partir das marcas que dei-teleologicamente da meta final fictícia (Adler, 1912, 1918).

para trás” (p. 326, grifado no original). E, adiante-Em Freud, o suporte teórico é completamente diferente, do que um lustro a Freud, conclui que é preferível chamar porque as intenções inconscientes que a interpretação fi-de reconstrução que de interpretação o método fundacional capta têm seu ponto de partida na pulsão, com seu conteúdo da psicanálise, “sublinhando que a reconstrução corolário de desejo inconsciente ou fantasia. Bernfeld, que utiliza com muita frequência a interpretação final e fun-por certo conhece bem essa diferença, poderia destacar cional” (p. 326). A reconstrução psicanalítica pode ser com rigor o contraste entre a psicanálise e a psicologia chamada também, de qualquer modo, de interpretação individual, sem questionar à primeira o direito de inter-reconstrutiva ou genética.5

pretar os fins.

Bernfeld destaca ainda, com acerto, que o reconstrução funcional aponta para descobrir que o conteúdo não é propriamente o processo tal como foi, mas papel cumpre uma determinada ação e

para que serve ao unicamente um modelo do processo (p. 327).

sujeito. Quando dizemos que uma mulher não sai à rua O ensaio de 1932 termina com uma síntese muito para não se deixar levar por seus desejos inconscientes de clara: a interpretação finalista aponta para as intenções prostituição, podemos dizer que a claustrofobia cumpre, do sujeito, a interpretação funcional refere-se ao valor de nesse caso, a função de evitar essa tentação e seus perigos.

um fenômeno no nexo de uma totalidade, enquanto a re-Como assinala Bernfeld, nem sempre é fácil distin-construção estabelece o nexo genético de um fenômeno guir entre interpretação finalista e funcional, já que, mui-que ficou separado (p. 329).

tas vezes, a função do ato em estudo é justamente cumprir um objetivo; porém, outras vezes, a diferença salta aos olhos. Quando transformo o som do despertador no trina-CONTRIBUIÇÕES DOS ANZIEU

do de um pássaro para continuar dormindo, pode-se interpretar que o sonho cumpre a função de preservar meu Didier e Annie Anzieu ocuparam-se da interpreta-reposou e sua finalidade é satisfazer meu desejo de conti-

ção em uma série de importantes trabalhos,⁶ que trazem nuar dormindo.

elementos valiosos para delimitar a interpretação psica-Bernfeld adverte que a interpretação funcional tem nalítica.

dois significados diferentes.⁴ Em geral, é empregada para Didier Anzieu (1969) considera que é difícil estudar estabelecer uma relação entre dois fatos, como quando a interpretação, porque mostra o analista em sua totalida-dizemos que temos olhos para ver, com uma clara conota-de, racional e também irracional. Anzieu não acredita, com ção teleológica. Outras vezes,a interpretação funcional é certeza, que a interpretação surja claramente da área livre utilizada para denotar uma relação entre o todo e as par-de conflitos do analista e dirija-se à área livre de conflitos tes, como quando dizemos que x é uma função de y. Nesse do analisando, como às vezes parecem sugerir os três arti-

último caso, a interpretação funcional permite caracteri-gos do Psycho-Analytic Quarterly, de 1951, de Hartmann, zar um fato no contexto ao qual pertence.

Löwenstein e Kris, e tampouco subscreve a conhecida fra-Bernfeld considera com razão que, pelo fato de a re-se de Lagache quando diz que, com a associação livre, lação funcional requerer que se demarque o universo ao pedimos ao paciente que delire, mas com a interpretação qual se aplica, torna-se imprecisa e aleatória em psicanáli-nós o convidamos a raciocinar juntos. Anzieu crê, ao conse, em que justamente há sempre muitos contextos, em trário, que a interpretação expressa o processo secundá-

que sempre opera o princípio da função múltipla de Wälder rio do analista, infiltrado de processo primário, visto que (1936). “Para as formulações funcionais da psicanálise, a

“a interpretação não poderia alcançar o inconsciente se

‘pessoa’, como essência de todos os momentos pessoais, é lhe fosse radicalmente estranha” (Revista de Psicanálise, excessivamente ambígua para constituir a ‘totalidade’ à 1972, p. 255).

qual se referem tais formulações” (1932, p. 320).

A interpretação genética (reconstrução) é, para Bernfeld, o método fundamental da psicanálise. A psica-5 Veremos mais adiante que, a partir de sua teoria das marcas, nálise sempre se propõe à reconstrução dos processos psí-

Bernfeld fornecerá uma visão original da metodologia da psica-quicos que se sucederam concretamente. Essa reconstru-nálise, que Weinshel e outros autores utilizam para caracterizar o processo analítico.

6 Didier Anzieu, “Dificuldades de um estudo psicanalítico sobre a interpretação” (1969); “Elementos de uma teoria da interpre-4 Voltaremos ao tema das explicações funcionais em psicanálise tação” (1970). Annie Anzieu, “A interpretação: sua escuta e sua sobretudo ao falar do acting out. (Ver também o Capítulo 8, no compreensão pelo paciente” (1969). Didier e Annie Anzieu, “A qual se discute a função da transferência).

interpretação em primeira pessoa” (1977).

198 R. HORACIO ETCHEGOYEN

De acordo com o Freud dos sonhos, dos atos falhos e cundário uma subdivisão que complementa a distinção do chiste, Lacan vê o psicanalista como o tradutor de um breueriana entre sistema livre e sistema ligado. Essa sub-texto, de modo que a interpretação

psicanalítica é, no fim divisão deriva de uma diferenciação relativamente tardia das contas, uma hermenêutica. Em desacordo com essa do processo secundário; trata-se da atenção. Caracteriza o concepção, Anzieu pensa que o psicanalista é um intérprete-que Freud denomina, a partir de 1915, de sistema percep-te vivo e humano que traduz o “idioma” do inconsciente “ção-consciência” (p. 111). A consciência é, então, o órgão para outro ser humano; e, como o intérprete que verte um que permite perceber as qualidades psíquicas, o agente de idioma para outro, o analista não opera nunca como má-

mudança: “É para a consciência do paciente que se dirige quina ou robô, justamente porque toda tradução é apenas a interpretação do psicanalista, fazendo com que aquele uma equivalência, uma aproximação.

“atenda” ao funcionamento de sua própria realidade psi-

Além da hermenêutica e da lingüística, a interpreta- quica” (p. 113).

ção tem para Anzieu um significado que coincide com a A primeira concepção de Freud, que acabo de rese- interpretação do artista. O analista interpreta no mesmo nhar sumariamente (a descrição de Anzieu é, por certo, sentido que o músico interpreta sua partitura, ou o ator mais rica e mais complexa), é basicamente intelectualista, seu papel, isto é, compreendendo e expressando as inten- diz Anzieu, e reconhece que Freud a reafirma, ao final de ções do autor. O intérprete, nesses casos, respeita e con-sua vida no Esquema da psicanálise (1940a), em que reite-serva o texto, mas o reproduz à sua maneira. Como o ra que a atividade interpretativa do analista é um trabalho músico e o ator, o analista interpreta com sua personalidade- intelectual.

de. Diz Anzieu “A interpretação psicanalítica testemunha Na segunda concepção freudiana do tratamento e do o eco encontrado no analista, não tanto pelas palavras aparelho psíquico, “a interpretação é concebida como pro-como pelas fantasias do paciente” (p. 272). A interpreta-dutora do deslocamento do investimento libidinal” (p.

ção surge, pois, daquilo que o analista sente, do que nele 128). O sintoma já não é unicamente o símbolo de uma ressoa do paciente.

recordação perdida, mas serve aos interesses do sujeito e No denso ensaio, intitulado “Elementos de uma teoria sua resolução exige um deslocamento dos investimentos da interpretação” (1970), Didier Anzieu vai recobrando a que hão de mudar seu objeto e seus modos de

satisfação.

interpretação de significado à medida que se desenvolvem. Agora, a interpretação já não é mais o ato intelectual das teorias de Freud, com freqüentes referências ao trabalho que comunica à consciência. “A interpretação só traz ao de Widlöcher, Freud e o problema da mudança (1970), que paciente uma representação de palavra, sendo a represen-distingue três concepções sucessivas do aparelho psíquico: tação patogênica, recalcada e inconsciente uma represen-e, por conseguinte, da mudança no tratamento.

tação de coisa” (p. 129). O paciente deve fazer com que A primeira concepção compreende as idéias de Breuer ambas coincidam, através de um duro trabalho de elabo-e Freud nos Estudos sobre a histeria (1895d) e alcança o ração. A Deutung cede, assim, seu lugar à Durcharbeiten, período seguinte, no qual Freud assenta as bases da psica-concernindo à psicanálise não apenas o representante-re-nálise. A equação fundamental, diz Widlöcher, é que o sin-presentativo, mas também o quantum de afeto na transfe-toma equivale à recordação desprazerosa e esquecida, senrência. “Aqui operam, além da interpretação, a atitude do do resolvido quando o tratamento (catártico) recupera a psicanalista na situação analítica, seu silêncio, suas inter-recordação.

dições, suas intervenções a respeito de normas, horários, Aqui a interpretação torna-se necessária em dois sen-honorários, como igualmente importantes e inclusive com tidos. Do ponto de vista tópico, para resolver a dupla ins-freqüência decisivas” (p. 130). Aqui, sem dúvida, encon-crição entre os (dois) sistemas de funcionamento propos-tra seu principal apoio teórico a interpretação em primei-tos por Breuer, de energia livre e ligada. Do ponto de vista ra pessoa (Anzieu e Anzieu, 1977).

dinâmico, introduzido por Freud, para denunciar o confli-A terceira concepção freudiana integra duas idéias to e levantar o recalçamento.

principais, o automatismo de repetição e os sistemas de Sempre no âmbito dessa concepção, a interpretação identificação que intervêm na estrutura do aparelho psí-

dirige-se ao processo primário, que tende à identidade de quico. Nessa terceira fase das teorias freudianas, a inter-percepção, deslocando a energia do pólo motor para o ima-pretensão vai operar segundo entendamos seus postulados ginário, com o que falha a descarga e repete-se a situação principais. Se seguimos Bibring e pensamos que

na (1970, p. 109). Nessas circunstâncias, a interpretação deve compulsão à repetição há uma tendência restitutiva, em-promover um processo em que essa tendência repetitiva e tão a interpretação deve dar conta desses dois aspectos do automática, subordinada ao princípio do prazer, possa mo-automatismo de repetição e realizar a restituição. Se en-dificar-se. O processo secundário cumpre essa função, pois tendemos a repetição pulsional como uma tentativa de tende à identidade de pensamento, contrastando a ima-voltar a um estado anterior, de recuperar o objeto perdi-gem prazerosa com a realidade, confrontando a percep-do, então nossa interpretação deve dirigir-se a esse plano ção com a recordação.

arcaico das primeiras relações de objeto, seja separação Um ponto de singular importância no pensamento entre a criança e a mãe e, mais tarde, a separação do sujei-de Anzieu está relacionado com uma divisão dentro do to e sua imagem especular. “Em ambos os casos, a repeti-processo secundário, que caracteriza o sistema percepção-

ção pulsional tende a retornar ao estado anterior, a repos-consciência: “Freud introduz no interior do processo se-suir o objeto perdido: fusão do lactante com o seio mater-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 199

no, unificação narcisista do sujeito com seu ego imaginá-

Nada escreveu Freud após seus historiais, para se supor rio” (p. 143).

que tenha modificado posteriormente essa atitude. Alguém Os três momentos da doutrina freudiana propostos poderá sustentar que ele mudou depois, na segunda década por Anzieu, de acordo com Widlöcher, esclarecem muitos da do século XX, ao dar-se conta dos problemas do setting pontos obscuros no estudo da interpretação, mostrando e da importância da transferência; todavia Racker não en-não apenas que interpretamos a partir de uma determina-contr a uma só palavra de Freud que apóie tal conjectura.

da teoria, mas também que o próprio conceito de interO concreto é que os analistas que se chamam de pretação depende desse marco em que ela está situada.

freudianos falam pouco. E pode-se dizer, também, que uma Em meu entender, falta à rigorosa investigação dos ruptura de Melanie Klein com a psicanálise clássica foi não Anzieu uma articulação entre insight e interpretação, com se sujeitar a essa norma de silêncio. Ao tomar como ponto o que talvez pudessem integrar Deutung e Durcharbeiten,

de partida a ansiedade do analisando na sessão (ponto de sem necessidade de antepô-las.

urgência), Klein vê-se levada naturalmente a falar mais.

É evidente que os que seguem Anna Freud e Hartmann e que, depois da diáspora do grupo de Viena, vão desenvol-ALGUMAS IDÉIAS DE RACKER

ver-se como Grupo B, na Hampstead Clinic de Londres, e como a escola da psicologia do ego, nos Estados Unidos, A interpretação foi um tema central na investigação são analistas muito silenciosos. Sobretudo no começo do rackeriana, que se ocupou de seu fundo e de sua forma, tratamento, a norma geral é não interpretar absolutamente as resistências para interpretar, do uso da interpretação te nada; podem fazer observações ou comentários, mas como um meio de eludir a angústia por via do acting out, não estritamente interpretações.⁷

da relação do analisando com a interpretação e de muitos O mesmo fazem os analistas do campo freudiano que outros aspectos. Neste item, estudaremos algumas idéias Lacan inspira. Não interpretam durante meses e, sem in-sobre quanto, quando e o que interpretar, que Racker pro-tervir, deixam o paciente falar, para que desenvolva seu pôs em seu relato oficial ao II Congresso Latino-Americano, discurso e denuncie o que eles chamam de palavra vazia, ocorrido em São Paulo, Brasil, em 1958, quando estava no até que o paciente possa falar significativamente. Tampouco auge de sua carreira científica.

nesse último caso, que se esperou tanto, o decisivo da téc-O tema da exposição, “Sobre técnica clássica e técnica lacaniana será uma interpretação que corresponda às cas atuais da psicanálise” (1958b), leva seu relator a for-palavras significativas do analisando, mas antes uma pon-mular algumas precisões sobre a interpretação, as quais tuação no discurso, interrompendo a hora para marcar a servem para situá-la no contexto geral da teoria e da técnica importância do dito, quando não um “hum!” aprovador.

da psicanálise. O trabalho figura no livro como Estudo II, Assim como na poesia a escansão mede o verso, também a e interessa-nos o capítulo sobre a interpretação, que discute técnica lacaniana consiste em escandir o discurso do ana-os três advérbios de modo já mencionados. O ponto em lisando para detectar o significante, evitando o perigo do que mais fortemente divergem as escolas é, embora pare-espelhismo da interpretação, cuidando de não responder

ça paradoxal, no problema da quantidade, porque diri-com ela à demanda impossível do que fala.

mem a atividade do analista e o valor técnico do silêncio.

Em “La direction de la cure et les principes de son” Quanto interpretar refere-se a um problema que con-pouvoir” (1955a), assim como também em outros trava-cerne especialmente à contraposição sobre a técnica clás-lhos, Lacan compara o analista com o morto do bridge. O

sica e as atuais, porque há um lugar comum que ninguém paciente é o que remata e joga; o analista é seu compa-se anima a tocar, mas que Racker discute: o analista clássi-nheiro que põe suas cartas na mesa. O paciente tem de co é muito silencioso e sua interpretação chega sempre mobilizar suas cartas e as de seu analista, silencioso e pas-para culminar um longo processo de silêncio. Se fosse assivo por definição.

sim, aponta Racker, dever-se-ia concluir que Freud não está Essa atitude técnica respalda-se nos postulados bási-entre os analistas clássicos; Freud era muito ativo. Com o cos de Lacan sobre o simbolismo e a comunicação, não

“Homem dos ratos”, por exemplo, dialoga, informa, expli-menos que em sua teoria da demanda e do desejo. Um ca, participando bastante. Isto é evidente. Em todos os seus bom analista deve ficar sempre como o morto, porque historiais, Freud mostra-se como um analista que dialoga nunca se pode satisfazer o desejo; satisfazem-se as neces-e, certamente, deve ter trabalhado sempre assim. Em Po-sidades, que são biológicas, mas não o desejo, como ato dem os leigos exercer a análise? (1926e), por exemplo, diz psicológico. O desejo tem a ver com o deslocamento da que o analista não faz mais que entabular um diálogo com cadeia de significantes e é esse deslizamento metonímico o paciente e, nos historiais, apresenta de que forma conce-que dá significado, instaurando a falta de ser na relação bia esse diálogo. “Mostram, antes de mais nada, com quanta de objeto. A cada demanda que lhe faça, meu analista res-liberdade Freud desdobrava toda a sua personalidade ge-ponderá sempre “se fazendo de morto” (esse uso da gíria nial em seu trabalho com o analisando e quão ativamente participava de cada acontecimento da sessão, dando plena expressão a seu interesse. Faz perguntas, ilustra suas 7 Há razões para pensar que, às vezes, a chave dessa técnica não afirmações citando Shakespeare, faz comparações e até é o silêncio, mas o não interpretar, à espera de que se estabeleça realiza um experimento (com ‘Dora’)” (Estudos, p. 44).

a neurose regressiva de transferência.

200 R. HORACIO ETCHEGOYEN

parece-me aqui particularmente justo) porque, em última Tal como fica explicitamente definida nos artigos instância, todas as minhas demandas não são mais que o mencionados, a dinâmica da situação analítica consiste para discurso que devo percorrer passo a passo, até compreendo-Reik em que o analisando vivencie o silêncio de seu analisador que não tenho nada que esperar, que meu desejo não ta como uma ameaça que o força a novas confissões. Seseirá – nem pode ser – satisfeito.⁸

gundo ele, “Obtém-se, assim, a impressão de que a atitude Cada teoria, pois, é conseqüente com sua práxis, em silenciosa do analista é determinada, em boa parte, pela que, querendo ou não, surgem diferenças. Os adeptos da idéia de que a confissão em si é um fator muito importan-psicologia do ego pensam que o analista deve ser silencio-te ou mesmo decisivo no processo de tratamento, o que so e deve interpretar prudentemente, sem intoxicar o representa uma idéia muito cristã, mas não totalmente psi-paciente com interpretações, nem gastar pólvora em canalítica” (Estudos, p. 45). O que cura em psicanálise, diz chimangos, como adverte o sábio dito crioulo: deve-se acer-em seguida, é tornar consciente o inconsciente e, por isso, tar o alvo e ser preciso. Os lacanianos não podem inter-necessita-se da interpretação.

pretar muito, porque dariam a impressão de que se pode Com lucidez e coragem, Racker enfrenta depois, em responder à demanda, o que seria um espelhismo. No en-seu relato, o significado que podem ter o interpretar ou o tanto, os kleinianos, e em geral todos os autores que acei-calar do analista, assinalando que tanto um como o ou-tam a relação precoce de objeto, na medida em que aten-tro pode ser uma atuação; na realidade, as duas coisas dem primordialmente ao desenvolvimento da angústia du-podem ser boas ou más. Contra a opinião clássica – em-rante a sessão, intervêm mais, dando ao processo analíti-bora tenhamos visto que esse epíteto é discutível –, pen-co um caráter mais de diálogo.

sa que o calar do analista está mais intrinsecamente liga-Para salvar a distância inegável que há entre a forma do à atuação. Visto que a tarefa do analista é interpretar, de analisar de Freud e a dos que se acreditam seus discí-

não se poderia dizer que, quando a cumpre, ele estaria pulos diretos,

às vezes se afirma que os escritos técnicos atuando (no sentido do acting out). Desse modo, Racker dirigem-se ao principiante, a quem Freud dá alguns con-tende a valorizar a interpretação como a única ação váli-selhos que ele próprio não necessita cumprir. Isto é, obvi-da do analista frente a todas as outras que, em princípio, amente, discutível; porém, não há dúvida de que, a partir seriam atuação. Nesse ponto, o raciocínio de Racker tor-dos escritos técnicos de Freud da segunda década, as di-na-se discutível, para mim, e os termos gerais nunca bas-vergências na práxis são cada vez maiores.9

tam para resolver o caso concreto. Racker diz que a tare-Uma dessas linhas é a que encarna Theodor Reik, em fa essencial do analista é interpretar e tem razão, mas

“A significação psicológica do silêncio”, em que postula não escutar também é parte essencial de nossa tarefa. Então, apenas que o analista deve ser silencioso, mas também nesse sentido, apenas o caso concreto permite decidir que a dinâmica da situação analítica baseia-se fundamen-quando calar ou interpretar são o que corresponde e quan-talmente no silêncio do analista, mais no que o analista do são uma atuação.

não diz do que no que possa dizer. Em seu recém-citado Se contrastarmos interpretar com calar, como faz artigo, assim como em outros de seu livro *The inner Racker*, então implicitamente nos pronunciamos a favor *experience of a psychoanalyst* (1949a), entre os quais se de interpretar; contudo, se a alternativa é entre falar e destaca “*In the beginning is silence*” (p. 121), Reik susten-escutar, já é diferente, porque sempre que alguém inter-ta que o processo analítico põe-se realmente em prática preta fala, mas nem sempre que fala, interpreta. Às vezes quando o paciente dá-se conta, não só de que o analista interpretamos para não escutar, com o objetivo de que o não fala, como também de que emudeceu, de que o ana-paciente não continue falando de algo que nos cria ansie-lista não fala de propósito, de que tem vontade de não dare, que não podemos agüentar, ou também com a idéia falar. É nesse momento que o paciente sente mais necessi-de acalmá-lo. Nesses casos, em realidade, a assim chama-dade de fazê-lo ele próprio para mudar esse mutismo de da interpretação não é mais que uma forma neurótica seu analista. Racker discute e critica tal fato porque, se empregada pelo analista para negar que não pode supor-nisso se apóia a instauração da situação analítica, o que se tar a ansiedade do paciente ou a de si mesmo, que não conseguiu foi criar uma situação fortemente persecutória tem instrumentos para tolerá-la e para interpretá-la. Do e essencialmente coercitiva, que foi provocada e que ope-mesmo modo, quando o analista interpreta para

que o ra como artefato, não como algo espontâneo.

paciente não pense que não o entende, como assinala Bion (1963, 1970), ainda que revista o que diz com a roupa-gem da interpretação, no fundo é um acting out. O que se deveria fazer, nesse caso, seria ver primeiro por que penso 8 Seria interessante detalhar aqui as similitudes e as diferenças que o analisando está pensando que não o compreendo e entre Lacan e Bion, mas isso nos afastaria de nosso tema.

depois examinar minha contratransferência para ver por 9 A contradição que Racker descobre entre Freud e os analistas que desejo que ele não pense dessa forma.

“clássicos” é, para mim um pouco mais que anedótica. É encon-Em resumo, a alternativa de interpretar e calar está trada também em outras áreas e passá-la por alto leva, às vezes, disposta em quatro áreas distintas: falar, interpretar, calar a endurecer as controvérsias. No ponto que agora estamos dise escutar. Nem a palavra, nem o silêncio são, por si mes-cutindo, por exemplo, acredito que Melanie Klein mostre-se con-mos, uma atuação, nem são tampouco um ato instrumen-vencida de que ela segue Freud, e não aqueles que propiciam o tal. Em geral, podemos dizer que, quando a palavra ou o silêncio.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 201

silêncio são instrumentais, os dois são igualmente válidos momento da interpretação. O mesmo ocorre se pensar, vice-versa, à medida que a palavra ou o silêncio são mos que, antes de interpretar, temos de esperar (e até fo-destinados a perturbar o desenvolvimento da sessão, são mentar com nosso silêncio) a neurose de transferência, a atuações. Como sempre na técnica psicanalítica, aqui tam-partir de um processo de regressão no setting.

bém há matizes. Se o paciente tem uma ansiedade que o Por fim, e para terminar esse tema, resta-nos consi-está invadindo, pode ser legítimo falar para lhe proporcio-derar o conteúdo das interpretações, o que interpretar.

nar um alívio momentâneo, enquanto se busca a interpre-O conteúdo das interpretações varia a cada momentação que poderá resolvê-la.

to e em cada caso. Há muitas variáveis que dependem do Pode-se afirmar, em suma, que o problema de quanto material e das vicissitudes do diálogo analítico, como tam-interpretar é de singular

transcendência, porque nos de-bém do que teoricamente pensamos a respeito do incons-para com duas técnicas distintas e às vezes opostas. A quan-ciente. E obviamente, como disse Anna Freud no Congres-
tidade de interpretações está mais relacionada com as teo-so de Copenhague de 1967, certas interpretações que não rias do analista do que com seu estilo pessoal ou com o se davam antes se dão agora, porque conhecemos mais.

material do paciente.

As outras duas interrogações que Racker formula, com referência à oportunidade e ao conteúdo do que se interOS PARÂMETROS TÉCNICOS

preta, são também importantes.

Em relação a quando interpretar, os problemas que Dissemos que os instrumentos que o psicoterapeuta se colocam continuam, obviamente, vinculados às teorias utiliza para realizar sua tarefa são de quatro ordens e até e ao estilo pessoal do analista, mas aqui a influência do agora estudamos apenas três, os que influenciam o pacien-analisando é maior, com sua reivindicação latente ou ma-te, os que obtêm informação e os que a proporcionam, nifesta pesando sobre a contratransferência do analista.

dentre os quais se destaca a interpretação. Cabe-nos agora Além do material e da natureza especial do vínculo nos referirmos ao que faltava, o parâmetro técnico.

analítico em um dado momento, as teorias do analista Esse conceito foi introduzido por K. R. Eissler em seu pesam permanentemente em sua decisão de interpretar.

ensaio “The effect of the structure of the ego on psychoa-Se seguirmos Klein, atendendo preferentemente à forma nalytic technique”, publicado em 1953. Eissler voltou ao como se apresenta a ansiedade durante a sessão, pensare-tema no Congresso de Paris, de 1957, no painel intitulado mos que é lógico interpretar cada vez que a angústia ele-Variações na técnica psicanalítica clássica, no qual Ralh R.

va-se criticamente. Nesse sentido, a técnica de Klein está Greenson atuou como moderador.

ligada totalmente ao ponto de urgência que marca o timing Eissler diz que a técnica analítica depende de três da interpretação e, mais ainda, o ponto de urgência não fatores: a personalidade do paciente, a vida

real e a perso- apenas nos autoriza, mas também nos obriga a interpretar a validade do analista. Seu trabalho ocupa-se exclusivamente sem demora. Se a angústia sobe excessivamente, e não a do primeiro fator.

resolvemos a tempo, perturbamos a situação analítica.

Assim como um analisando ideal pode lidar sozinho Essas afirmações de Klein provêm de sua prática com a com a interpretação, outros precisam de que o analista criança, que deixa de brincar cada vez que surge a ansiedade algo mais do que interpretar. Tomemos como exemplo e não a interpretamos. No adulto, de modo semelhante o fóbico em que, além da interpretação, pode-se tor-lhante, surge um obstáculo na comunicação que perturba a necessidade o conselho, quando não a ordem de que se a associação livre, e o analisando cala-se ou começa a as-exponha à situação temida. Esse procedimento, esse “algo social de forma trivial. Se sai da sessão nessas condições, mais” que o paciente requer, é o que Eissler chama de fica predisposto ao acting out.

parâmetro técnico.

Quando fala de timing no Congresso de Paris, O parâmetro é definido, pois, como um desvio quanto Löwenstein (1958) destaca a importância de que a interpretação ou qualitativa do modelo básico da técnica, que interpretação seja dita no momento justo, quando o paciente repousa exclusivamente na interpretação. Sublinhamos está maduro para recebê-la. Contudo, reconhece que é difícil, para Eissler, esse parâmetro sustenta-se em uma dificuldade definir em que consiste esse momento e deixa-se levar a estrutura deficiente do ego do analisando.

pelo tato, sem considerar, em absoluto, as precisões de Eissler não apenas definiu o parâmetro, dando um Melanie Klein sobre o ponto de urgência e esquecendo que lugar na técnica ao que às vezes se faz e não se reconhece, o “tato” tem sempre suas raízes na contratransferência.

mas também fixou claramente as condições em que é legít-

No entanto, se pensarmos que apenas quando aparece-timo introduzi-lo:

- 1) deve-se utilizá-lo quando o modelo apresenta uma resistência que interrompe o fluxo associativo técnico básico demonstrar-se insuficiente;
- 2) deve-se transgredir o momento de interpretar, então decidiremos que é preferível a técnica regular o mínimo possível; e
- 3) só se deve melhor que o paciente continue falando e que fiquemos utilizá-lo, quando for destinado a eliminar a si mesmo.

calados.10 Nesse sentido, vê-se que a teoria influi sobre o A essas três condições Eissler acrescenta uma quarta: o efeito do parâmetro sobre a relação transferencial deve ser de tal índole que possa ser abolido posteriormen-10

te com uma interpretação adequada. O parâmetro nunca Aqui, Racker recorda que Freud procedeu assim com Dora, mas acabou arrependendo-se.

poderia, por exemplo, comprometer a reserva analítica,

202 R. HORACIO ETCHEGOYEN

até um ponto que tornasse depois impossível restabelecê-

podem apresentar-se sempre serão pequenas, além da for-la para continuar a análise segundo a arte.

ma como reaja um determinado paciente. Porém, não es-Sobre as quatro condições do parâmetro não há mui-tou aqui fazendo questão de grau, assentando o princípio to o que dizer, pois falam por si próprias. É óbvio que uma geral de que, como analistas, não temos melhor forma de medida desse tipo só se justifica quando o analista enten-ajudar nossos clientes do que permanecendo fiéis à técnica.

de como esgotados seus recursos regulares e a introduz Ao discutir esse tema, convém esclarecer um aspecto com a maior circunspecção e parcimônia. Além desses esque muitas vezes passa despercebido. Considero que só se treitos limites, agitam-se as águas procelosas do acting out.

deve chamar de parâmetro o que o analista introduz na É também compreensível que, enquanto medida de exce-inteligência de que encontrará nele um legítimo auxiliar ção, o parâmetro deve levar dentro de si a necessidade de da técnica. Nunca será parâmetro, mas acting out, aquilo eliminar a si mesmo, quando seu uso já não for mais ne-que o analista faça à margem de um objetivo técnico, cessário. Se decidimos propor a um analisando, que man-terapêutico, e tampouco o será o que provier do paciente.

tém um recalitrante silêncio, apesar de nossos esforços e Quanto ao acting out do analista, recordo o que me dos dele próprio, que se sente no divã e experimente falar contou um paciente que veio pedir-me que lhe recomen-dessa forma, é lógico que, uma vez que essa resistência desse um analista, após interromper um tratamento. Esta-ceda à nossa atividade interpretativa, o analisando volte a va

associando com um encanador muito eficiente, que se deitar. O parâmetro foi introduzido, de fato, explicita-havia resolvido um problema difícil dos encanamentos de mente, para lhe dar uma oportunidade de resolver a difi-sua casa; nesse momento, o analista, que ao que parece culdade de falar na posição deitada, mas não para mudar também tinha graves problemas em seus encanamentos, de método.

interrompeu-o para pedir o nome desse técnico tão confiá-

A terceira condição de Eissler, entretanto, não é apli-vel. O analisando deu-lhe o nome, de imediato, e, em se-cável por definição a um dos parâmetros mais comuns, o guida, disse-lhe que não continuaria o tratamento.

que Freud empregou justamente com o “Homem dos Lo-O parâmetro é algo que o analista faz para superar bos”: fixar uma data de término do tratamento. Esse uma deficiência na estrutura egóica do paciente que não parâmetro não pode ser eliminado antes que o tratamento pode ser resolvida com a técnica regular. O parâmetro é termine (Freud, 1918b).

um recurso que o analista emprega para se livrar de um Apóio pessoalmente a atitude de Eissler ao introduzir obstáculo que vem do paciente. A teoria do parâmetro preso conceito de parâmetro, embora não concorde com o pró-

supõe que, sem ele, o processo analítico como arte não prio parâmetro. A atitude é plausível, pois se apresenta como poderia continuar, e disso se deduz que o analista sente-se uma justificativa da técnica. Poderá ser bom ou mau introna obrigação de abandonar por um momento sua técnica.

duzir um parâmetro, mas o que é mau sem atenuantes é Por isso, penso que não é parâmetro o que o analisando não se dar conta de que foi introduzido ou negá-lo. Isto nos decide por sua conta.

acontece mais de uma vez, e Eissler defende-nos disso. O

Quando digo ao paciente silencioso que se sente no uso honesto do parâmetro previne-nos de praticar uma aná-

divã, para ver se assim pode vencer seu mutismo, é por-lise silvestre, coberta com falsas interpretações.

que penso que dessa maneira se modificará a sua até en-Apesar de

reconhecer esse valor à técnica de Eissler, tão incoercível resistência. É completamente diferente da devo expressar o meu desacordo com a introdução de situação, na qual o analisando, por si mesmo, decida sen-parâmetros por vários motivos. Ou talvez por um só e fun-tar-se, em um dado momento, porque pensa que assim damental: não confio na objetividade do analista quando falará melhor, ou por outro motivo qualquer. Parâmetro decide que o modelo básico da técnica já não é suficiente.

seria aqui contrariá-lo ou mostrar-me de acordo com o A experiência mostrou-me reiteradamente que, quando se que fez. Respeitar a decisão de meu paciente, sem abdicar recorre a um parâmetro, no começo é aplicado a casos de modo algum de meu direito a analisá-la, é manter-me excepcionais e depois vai sendo insensivelmente generali-inteiramente dentro de minha técnica.

zado, o que é bastante lógico. Se encontramos um recurso Ao falar do contrato, disse algo que coincide plena-que nos permitiu resolver um caso sumamente grave, que mente com o que acabo de expor. O analista deve introdu-mal haveria em aplicá-lo a outros mais simples?

zir a norma no contrato. Se o analisando não pode ou não Lembro-me de uma conversa de muitos anos atrás quer cumpri-la, o analista não a imporá, mas já tem o di-com um colega que estava começando a aplicar o ácido reito de analisá-la.

lisérgico. A minhas reservas, respondeu dizendo que era No Congresso de Paris de 1957, discutiu-se extensa-uma técnica excepcional, que ele só empregava nos carac-mente o tema das variações da técnica psicanalítica.

teropatas mais duros, esses que não se mobilizam nem com Nessa ocasião, Eissler (1958) volta à sua teoria do 20 anos de análise. Respondi a ele que, em um lapso de parâmetro, como um recurso que está à margem do ins-tempo não muito longo, um ano ou dois, estaria usando trumento típico da análise, a interpretação. Contudo, creio LSD com todos os seus analisandos. Infelizmente, tive ra-notar duas restrições da teoria.

zão e só me excedi no prazo calculado.

Por um lado, Eissler considera que, muitas vezes, o É evidente que distingo perfeitamente a distância que parâmetro pode transformar-se em uma interpretação.

há entre administrar drogas alucinógenas e sugerir sen-Assim, por

exemplo, em vez de pedir a um paciente que tar-se no divã. Para esse último caso, as perturbações que fale de como se relacionam seus pais, pode-se interpretar

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 203

que ele nunca fala desse tema, etc. Do mesmo modo, em destinamente (Eissler, 1958, p. 224). Um chiste, no mo-vez de estimular o fóbico para que enfrente a situação que mento certo, pode ser um recurso desse tipo.

lhe provoca angústia, pode-se interpretar que ele resiste a Desse modo, parece-me que a teoria do parâmetro fica fazê-lo, ou algo do gênero.

reduzida – e mesmo questionada – por seu próprio criador.

Eissler restringe também sua teoria originária, intro-Se o que Eissler chama de pseudoparâmetro não é duzindo a idéia de pseudoparâmetro. Alguns recursos que, mais que um recurso formal de dizer as coisas, com res-de acordo com as definições clássicas, não poderiam ser peito e com tato, em nada se afasta da técnica clássica. Se chamados de interpretação operam, no entanto, como se o que pretende é introduzir algo clandestinamente, eu o fossem. O pseudoparâmetro pode ser utilizado, por exem-nunca o utilizaria e, nesse caso, prestaria atenção a que plo, em casos em que a interpretação provoca insuperá-

conflito de contratransferência está levando-me a utilizar veis resistências, de modo que ele pode introduzi-la clan-esse procedimento tão pouco católico.

204 R. HORACIO ETCHEGOYEN

27

Construções

INTRODUÇÃO

la a partir de diferentes ângulos: na forma ou na essência, na teoria ou na técnica.

Nos dois capítulos anteriores, procurei oferecer, da É indubitável que, como indica seu nome, a cons-forma mais clara e rigorosa que me foi possível, as notas trução pressupõe juntar vários elementos para formar algo definidoras da interpretação, em geral, e da interpretação

e, por isso, de um ponto de vista formal, tendemos a pen-psicanalítica, em particular. Vimos que a interpretação pode ser que as construções são mais amplas e pormenoriza-ser entendida de várias maneiras. Do ponto de vista das que as interpretações, as quais podem ser concisas, comunicação, é uma informação de características espe-assertivas e até mesmo contundentes. Essa diferença, po-ciais; em semiologia, é definida por seu conteúdo semân-rém, é pouco satisfatória. Uma construção pode ser con-tico e, por último, também a entendemos operacionalmente cisa e lacônica, enquanto há interpretações longas, seja por seus efeitos, que servem para testá-la.

pelo estilo do analista, seja pela complexidade do tema.

Dissemos ainda que, quando Freud a define no livro O aspecto formal, isto é, a maneira como se formula uma dos sonhos e em “O uso da interpretação dos sonhos na interpretação ou uma construção, não parece servir mui-psicanálise”, atende especialmente ao sentido, à signifi-to, embora Freud leve isso em consideração ao dar seu cação. Diz, por exemplo, que a Deutung (interpretação) exemplo em “Construções na análise”: “Você, até seu ano de um sonho consiste em determinar sua Bedeutung (sig-x, se considerou...”, etc.

nificação).

Quase sempre se sublinha que, se a construção busca Também vimos nos capítulos anteriores que, mesmo juntar vários elementos para formar um todo, é porque sendo a interpretação o instrumento principal da análise, tem sempre um viés histórico. A construção refere-se ao há outros que igualmente são empregados na técnica mais passado, tenta desvelar uma situação histórica, algo que estrita, no entanto não é necessário recordá-los agora.

aconteceu e foi determinante na vida do sujeito. A circuns-Com o conjunto de todas essas ferramentas, entre-tanciada referência à história sempre é vista como própria tanto, não questionamos de modo algum a proeminência na construção, ao passo que a interpretação pode omiti-la.

da interpretação psicanalítica. Agora, porém, faremos isso No entanto, essa diferença é relativa e contingente, por-com a construção: com efeito, a construção é colocada ao que existem exceções em um caso e em outro. Há inter-par da interpretação e, para alguns autores, até mesmo pretações que levam em conta o passado e, por outro lado, acima dela.

há um tipo especial de construção que não o faz. Refiro-Interpretação e construção são, então, dois instrume ao que Löwenstein (1951, 1954, 1958) chama de rementos distintos, mas da mesma entidade, da mesma clas-construção para diante (reconstruction upwards), na qual se. Para ambas, são aplicáveis as características definido-certos acontecimentos da infância servem para iluminar o ras já estudadas, ambas são destinadas a dar ao paciente presente, e não o contrário, como é o clássico. Assim, por uma informação sobre si mesmo, que é pertinente, que exemplo, um homem que se sentiu incomodado pelos ho-lhe pertence inteiramente e da qual não tem consciência.

norários começa a análise idealizando o analista e tendo Assim definimos a interpretação e assim podemos defi-sonhos hostis em relação a um homem que ele mesmo nir, em princípio, a construção. Se nos ativermos a essa identifica com seu pai já falecido. Löwenstein interpreta definição, então, temos de concluir que interpretação e que sua hostilidade dirige-se ao analista e refere-a ao va-construção pertencem a uma mesma classe, o que nos lor dos honorários (1954, p. 191).

coloca frente a um grande problema: de que maneira se Às vezes se confundem a forma e o fundo. “Você foi diferenciavam entre si?

desmamado com aloé”^{*} é uma construção, embora soe como interpretação, por ser breve e concisa. Pareceria uma CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

^{*}N. de T. Em espanhol, “acíbar”. Há muito tempo, era costume Não é fácil, por certo, dizer em que consiste a dife-praticar o desmame, passando-se uma substância amarga no bico rença entre construção e interpretação, mas pode-se buscá-

do seio, extraída de plantas da família do aloé.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 205

construção, todavia, se disséssemos: “Parece-me que, dado e então já estaríamos diante de um problema semântico que cada vez que chega o fim de semana você sente um de definição. São os analistas que aceitam sem reservas a gosto amargo na boca, começa a fumar em excesso, tem delimitação de Freud, recém-mencionada, os que conse-angústia e prefere os alimentos doces, e tudo isso se acal-quentemente acreditam que é melhor construir do que ma com a sessão da segunda de manhã, poder-se-ia pen-interpretar. Contudo, as diferenças técnicas (e teóricas) sar que o desmamaram com aloé”. Essas duas formula-são

melhor compreendidas se se discute a forma como cada ções, contudo, são substancialmente idênticas.

analista utiliza o passado e o presente em seu trabalho Se deixarmos, então, de lado os aspectos formais para clínico, tema ao qual voltaremos mais adiante.

estabelecer a diferença, teremos de nos remeter ao supor-Uma delimitação que pode parecer bastante categó-

te teórico com que se interpreta ou se constrói, pois a maior rica é que a interpretação está relacionada com o desejo e ênfase da construção é a história, e a da interpretação, o a construção, com a história, mas, na realidade, essa dife-presente; mas também isso, como acabamos de ver, é mui-rença falha pela base, porque não há acontecimentos sem to relativo. A única diferença nítida é que a referência ao desejos, nem desejos desvinculados de acontecimentos.

passado pode faltar na interpretação. Esta, porém, pode (Voltaremos a isso ao tratar dos tipos de interpretação.) dirigir-se ao passado, até o ponto em que uma das formas Se o caminho que percorremos até agora é correto, de classificar as interpretações é em históricas e atuais. Se não aparecem claras diferenças entre interpretação e cons-desejarmos, de qualquer modo, defender a idéia de que trução, nem de forma, nem de fundo. Laplanche e Pontalis uma interpretação histórica não é igual a uma construção, (1968) pensam que é difícil e até pouco conveniente connós nos veremos em dificuldades para diferenciá-las. Sem servir o termo construção no sentido restrito que lhe deu desconhecer a estreita relação entre uma interpretação his-Freud em 1937 (1968, p. 99), quando pressupõem o pou-tórica (ou genética) e a reconstrução, Blum (1994), entre-co acesso ideal de uma rememoração completa de tudo tanto, pensa que a reconstrução é mais abrangente e com-aquilo que jaz na amnésia infantil, já que, mesmo quando plexa: dirige-se mais a uma época do que a um aconteci-não ressurjam as recordações, a construção possui, de qual-mento. Como ato integrador, a reconstrução é, portanto, quer maneira, uma eficácia terapêutica se é acompanhada muito mais completa do que a interpretação genética, por-da firme convicção do analisando. No entanto, dão impor-que pode amalgamar um número considerável de classifi-tância à construção como uma organização do material cações alcançadas em diferentes interpretações genéticas.1

patogênico e citam o que diz Freud, nos Estudos, bem como A reconstrução é, pois, uma forma de interpretação gené-

o trabalho de reconstrução de uma fantasia que Freud reatifica que substitui a memória, expandindo e ordenando as liza em “Bate-se numa criança” (1919e). A concepção interpretações genéticas.

freudiana da fantasia a pressupõe como um modo de ela-Nesse ponto, Blum adere firmemente a Freud quando afirma que se apóia parcialmente no real, como sucede do, no Capítulo II de “Construções”, ressalta que as internas “teorias” sexuais infantis. Dessa maneira, o termo ad-pretensão refere-se a um elemento simples do material, que tem um sentido mais teórico do que técnico.

como um ato falho, um sonho ou uma associação, ao passo que também David Maldivsky, que estudou o tema com o que a construção abrange um fragmento integral da insistência, dá ao conceito de construção um sentido específico esquecida pelo paciente. Sandler e colaboradores não são totalmente teórico, que o leva a uma posição de certo modo se mostram em absoluto de acordo com essa definição, oposta à de Laplanche e Pontalis. Afirma que o conceito de que lhes parece um tanto estranho (1973, p. 93n.). A construção deve ser conservada, porque ocupa o centro com Sandler nesse ponto e suponho que Freud teve de toda a reflexão psicanalítica como um articulador em de recorrer a uma definição ostensiva da construção (“Você, dispensável entre a teoria, a clínica e a técnica. Para até seu ano x, considerou-se o único e irrestrito possuidor Maldivsky, ao contrário, é antes o conceito de interpretação de sua mãe. Veio então um segundo filho...”, etc.), porque não o que sobra, na medida em que postula “que uma interpretação não dispunha de elementos conceituais suficientes para interpretação qualquer pressupõe uma construção subjacente estabelecer as diferenças.

no terapeuta, admita-o este ou não” (1985, p. 18). Qual-Por outro lado, é mais do que discutível que a interpretação tentativa de interpretar pressupõe uma teoria de como interpretação seja parcial e a construção, totalizadora. Basta se produziu a manifestação do paciente, e isso já é uma releitura alguns exemplos de sonhos e atos falhos analisados construção. Para Maldivsky, há dois tipos de construções: por Freud, como o sonho da monografia botânica ou o as que se relacionam com vivências e as que nascem de esquecimento do nome Signorelli, para ver até que ponto processos puramente internos, como os afetos, as fantasi-essas interpretações reconstroem amplos fragmentos das e os pensamentos inconscientes. Dessa forma, o conceito-história, se não a vida inteira.

to de construção amplia-se até abranger não apenas as O que Freud chama de construção, no Capítulo II, recordações, mas também toda a

atividade do processo poderia ser também chamado de interpretação completa, primário, até o recalcado primordial, e então é lógico sustentar que a construção é o epicentro da tarefa psicanalítica, que, para esse autor, está relacionada com o que chamamos de "As an integrated act, a reconstruction is therefore far more made of fantasy masochistic primordial, in which convergences are more complicated than a genetic interpretation: reconstruction may be the complex of Édipo, the castration and the partial pulsions amalgamate a number of clarifications achieved in several genetic (fixations). Para esse conjunto heterogêneo de fatos psico-interpretations" (1994, p. 11).

206 R. HORACIO ETCHEGOYEN

lógicos aponta, em primeiro lugar, a construção (1985, p.

o analista nunca poderia ter tido acesso, pelo fato de que 20), que abrange também os processos ulteriores defensivos não os conhece. Se digo a um paciente que, aos cinco anos, vos que surgem desse conjunto e que se desdobrarão, com deve ter pensado que não era filho de seus pais, e ele reso tempo, em uma sutil e complexa combinatória, ao longo pondera que agora lembra que nessa idade o pai justamente de todo o período de latência.

foi embora de casa e a mãe viveu com um homem por um Depois de ter lido muitas vezes o artigo de Freud, tempo, isso que realmente eu não conhecia confirma suficientemente que o conceito de construção sustenta-se mais no cientemente a exatidão de minha construção. Às vezes, os métodos do que na teoria, na técnica ou na clínica. A realidade ocorre realmente assim, e todos os analistas característicos da construção é que pode ser comparada com as suas acurácies desse tipo, mas nem sempre temos essas recordações do paciente, com sua história. Não pode ser sorte. Além desse tipo de resposta que se dá via recorda-por acaso que Freud parte, em seu artigo, da metodologia.

ações que se esforçam, ou detalhes que complementam a No primeiro capítulo, menciona o comentário irônico de recordação e/ou a construção, também os sonhos pres-que o psicanalista sempre tem razão: cara, eu ganho; co-tam, às vezes, uma confirmação. O que o paciente recorda, você perde.

dou, no caso hipotético que acabo de mencionar, poderia Freud responde que a resposta explícita do paciente tê-lo sonhado, e esse sonho teria tido praticamente tanto não é o que mais interessa, e sim a que vem indiretamente valor confirmatório quanto sua recordação.

do material. Nem sequer a mudança dos sintomas é concluída. Portanto, em relação à resposta do paciente, há diferença. A piora dos sintomas em um paciente no qual detectamos uma diferença entre interpretação e construção. Outra diferença é que, em outras oportunidades, uma reação terapêutica que a resposta é mais manifesta, em geral mais aberta, negativa pode fazer-nos supor que acertamos e, ao contrário-

frente à interpretação; o paciente dirá sim ou não. Porém, não, a complacência do analisando pode fazê-lo melhorar, frente a uma construção, se não se responde com uma após uma construção (ou interpretação) errônea.

recordação que a confirma, o analisando a toma antes como De qualquer maneira, Freud também aceita, de bom benefício de inventário, postergando seu juízo. Com a intenção, que nem sempre tomamos a resposta negativa da interpretação, a resposta tende, geralmente, a ser mais viva, paciente como uma prova de que estamos equivocados: mais imediata. Essa diferença, no entanto, não é tão subspiciamos antes que se trata de uma resistência do que de tencial quanto a anterior.

um erro nosso. Obviamente, essa atitude, da qual podemos dizermos que a construção pode ser confirmada de participar conflitos de contratransferência, é muito peridiversos modos: com uma recordação, com dados que a goza, não só do ponto de vista metodológico, mas também complementam, com sonhos ou com atos falhos e, diga-clínico; e muitos epistemólogos, como Popper, baseiam-se também, pelos resultados. Porque não se deve esquecer-nos para negar validade científica à psicanálise.

cer que, como analistas, operamos com a teoria de que O que Freud toma aqui como ponto de partida da dis-uma construção (ou interpretação), se é acertada e aceita, cussão é que a resposta convencional do paciente não é o provocará resultados. Como dissemos no capítulo anterior-que a resposta convencional do paciente não é o que mais or, não temos a intenção de modificar diretamente a con-importa. Pode interessar-nos como associação, como mani-duta, mas confiamos em obter resultados: uma vez que a festação de uma conduta que devemos estudar, porém o construção (ou a interpretação) foi assimilada como in-realmente significativo como confirmatório ou denegatório formação, deve operar sobre a vida mental do paciente.

de uma construção é o que surge espontaneamente no ma-Se não fosse assim, a análise não teria objeto.

terial do analisando. Isto nos informa, em geral com bastante bsegurança, sobre a validade ou o erro de uma construção. Essa afirmação de Freud continua sendo correta, e AVALIAÇÃO DOS INDICADORES

hoje apenas a completariamos, dizendo que também nos orienta o que nos informa nossa contratransferência. Pode-Revisamos os principais indicadores clínicos que nos mos dizer, em conclusão, que há toda uma série de indica-informam sobre a validade de nossas construções e inter-dores de que a construção oferecida ao paciente foi acerta-pretações, assinalando as particularidades que apresentam da. Pois bem, de que forma se dão esses indicadores.

em um caso e em outro. Dediquemo-nos, agora, por um momento, a avaliá-los.

Os indicadores que estudamos vão desde as resposOS INDICADORES

tas mais imediatas até as mais afastadas, e são estas últimas as que, em geral, têm maior valor como mensagens Digamos, para começar, que a questão dos indicado-não-convencionais do inconsciente.

res é distinta se se trata de uma interpretação ou de uma As respostas afirmativas do paciente, sobretudo quan-construção, porque nesta há um tipo de indicador preciso do são fáceis e explícitas, não devem ser muito valoriza-e precioso que naquela não existe, sendo a ecforização de das, porque muitas vezes partem do desejo de agradar ou uma recordação pertinente à construção que foi proposta.

de se mostrar inteligente. Um paciente com um grande Outras vezes, não aparece a recordação, mas o paciente complexo de castração, que deslocava a sua inteligência, acrescenta detalhes que complementam a construção for-durante muito tempo me manteve intrigado pela forma mulada, quando não a adornam com elementos aos quais com que respondia a minhas interpretações. Ele as recebia

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 207

com respeito, mostrava-se interessado e atento, às vezes interessantes, mas não decisivas. Já Glover (1931) escreveu me pedia algum esclarecimento, sempre pertinente, e ter-sobre o efeito terapêutico das interpretações inexatas.

minava por fazer um comentário sobre o que eu lhe havia Freud, deve-se dizer, foi sempre muito cauteloso e dito, às vezes complementado com uma atinada reflexão.

perspicaz frente à resposta do analisando. Não retrocedia Eu percebia algo singular em sua conduta, mas custou-me diante de uma negativa, nem se deixava levar assim no chegar a compreendê-la, sobretudo levando em conta que mais pela aprovação. Em “Observações sobre a teoria e a análise andava regularmente. Depois de analisar a prática da interpretação dos sonhos” (1923c), estuda os neira de Reich, durante um longo tempo, a atitude com sonhos confirmatórios e de complacência. Afirma que um que recebia minhas interpretações, obtive uma resposta dos motivos pelos quais uma pessoa pode ter um sonho convincente. Disse-me que sabia que eu era um professor que confirme uma interpretação é o de se congratular com eminente (sic) e que, portanto, procurava entender o que o analista ou comprazê-lo. E chega tão longe, nesse senti-eu lhe dizia, dando por assentado que não podia equivo-do, que pensa que até a elaboração primária do sonho pode car-me e que ele, por sua vez, não se considerava muito ser encaminhada a comprazer.²

inteligente. Assim, pois, para esse ingênuo analisando a Um exemplo sutil de como se pode refutar o analista é interpretação não era uma informação e uma hipótese, o sonho da mulher do açougueiro com o salmão defumado, mas a verdade revelada que ele tinha de se esforçar para em que renuncia ao desejo de dar um jantar, mas satisfaz o apreender, ao mesmo tempo que funcionava como um tes-desejo de não satisfazer o de sua amiga-rival e refuta, ao te para medir sua inteligência (como havia medido o ta-mesmo tempo, a teoria da satisfação de desejos do sonho, manho de seu pênis em seus jogos com os companheiros que é o desejo de Freud (AE, v.4, p. 164-168). Freud cita, a da latência). Mais inconscientemente, havia a complacênseseguir, o sonho de outra paciente, a mais inteligente de suas cia, a sedução e o apaziguamento como defesas homosse-sonhadoras, que diz que veraneia com sua odiada sogra só xuais frente à sua (imensa) rivalidade edípica com o pai.

para demonstrar que a teoria do desejo é errônea (p. 169).

Quando a interpretação ou, menos freqüentemente, De modo que, em conclusão, somente uma análise a construção operam em um nível concreto, o motor da muito cuidadosa de todos os elementos pode levar-nos a resposta é ao próprio ato de interpretar, e não ao conteú-

decidir, com suficiente certeza, o que – do que diz ou faz o do informativo do que dissemos. É o caso de uma histérica paciente – apóia ou refuta a interpretação. O que importa grave que, por exemplo, sente a interpretação de suas an-assinalar aqui é que há

indicadores, que a construção e gústias genitais como um pênis que realmente a penetra.

também a interpretação podem ser refutadas, apesar de Nesse caso, a única coisa que podemos assegurar é que a Popper (1953) posicionar a psicanálise como exemplo de interpretação foi rechaçada, porque foi considerada como uma teoria não-científica, porque suas hipóteses, assim um ato de violação, como um pênis que se introduz vio-como as da astrologia, não podem ser refutadas.³

lentamente. Entretanto, isso nada nos diz sobre o valor da As duas primeiras seções de “Construções” ocupam-refutação, não só porque falta a verbalização, mas tam-se do método, de como pode ser validada uma constru-bém porque o problema deslocou-se e a paciente não res-

ção, de quais elementos dispomos para saber se ela é cor-ponde ao conteúdo informativo da interpretação, e sim ao reta, verdadeira. Freud observa que nem a aceitação, nem ato de interpretar. É certo que, em um caso como o desse o rechaço formal, consciente, podem decidir sobre a vali-exemplo, seria possível inferir validamente que a interpre-dade. O que realmente importa é o que surge no material tação foi correta, já que foi rechaçada do mesmo modo associativo ou na conduta a partir da construção formula-que o temido pênis, porém essa inferência é apenas uma da. Em nenhum caso mais do que neste, Freud assinala a hipótese ad hoc que teria de ser demonstrada.

índole verdadeiramente hipotética da comunicação do ana-O surgimento ou o desaparecimento de um sintoma lista; uma vez que a palavra construção sugere fortemente somático como resposta a uma interpretação é sempre in-a idéia de hipótese, de algo construído. Não há dúvida, interessante, mas o significado pode variar em cada caso. Eu porém, de que a interpretação também é uma hipótese, diria que, em geral, se a resposta corporal do paciente embora se possa formulá-la em termos mais assertivos.

implica melhora, eu a tomaria como uma provável confirmação da interpretação; todavia, se o paciente reage com um sintoma somático ou de conversão, eu não diria que é REALIDADE MATERIAL E REALIDADE HISTÓRICA porque a interpretação foi eficaz, e sim porque foi nociva, salvo o caso especial da RTN.*

“Construções” é um breve trabalho que consta de três Em resumo, o rechaço de uma construção ou de uma seções, sendo que a última delas propõe um problema interpretação pode estar mais relacionado

com a transferên-importante, o de realidade histórica e realidade material.

cia negativa ou com a angústia do que com o conteúdo infor-Se algo distingue a interpretação da construção é que mativo; a aceitação também pode ser equívoca, se o desejo esta tenta recuperar um acontecimento do passado. A cons-do analisando é agradar-nos, enganar-nos ou demonstrar que trução busca o passado; a interpretação encontra-o.

compreende o que lhe dizemos. Do mesmo modo, a mudan-

ça na conduta e/ou a modificação dos sintomas são sempre 2 Ver a forma (um pouco severa, na minha opinião) como Freud (1920a) avalia os sonhos de sua paciente homossexual.

3 No Capítulo 35, o doutor Klimovsky estuda esse problema em

*N. de T. Reação Terapêutica Negativa

profundidade.

208 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A influência do passado no presente é um tema que rial). É nesse sentido que volta à verdade que há no delí-

preocupa Freud desde seus primeiros trabalhos, desde a rio e insiste, então, em que talvez a via de compreendê-lo, época de sua colaboração com Breuer. Esse tema é, por cere inclusive de resolvê-lo analiticamente, seria a partir não to, fundamental. Já na segunda seção da terceira parte do de suas distorções grosseiras (que correspondem à reali-Projeto, Freud (1895d) fala de realidade exterior e de realidade material), mas de sua parte de verdade histórica, dade do pensamento (cogitativa) como duas alternativas que que de fato existiu, e que lhe dá sua força irreduzível. Este se deve discriminar, que se deve diferenciar (AE, v.1, p. 420-

é o tema principal do trabalho de Avenburg e Guiter para 424), e diz que a quantidade externa (Q) mantém-se semo Congresso de Londres de 1975.

pre afastada de Y (psi), ou seja, de Qn. Em Totem e tabu Avenburg e Guiter entendem por construção “esta-

(1912-1913), fala de realidade psíquica e de realidade fáctica.

belecer nexos entre os fenômenos que, até o momento, Ao referir-se a esse ponto (AE, v.1, p. 421 n. 38), Strachey aparentemente não os tinham” (1976, p. 415) e pensa destaca que, em seus escritos posteriores, Freud chama de que a tarefa do analista é reconstruir a construção, refazê-la, material a realidade fáctica, por exemplo, em Moisés e a resgatá-la do recalçamento. Eles consideram que Freud joga religião monoteísta (1939a), em que fala de verdade históri-com dois pares de conceitos – realidade psíquica e realida-ca e verdade material (AE, v.23, p. 124). Nas páginas 73 e de exterior, verdade material e verdade histórica – e incli-74, porém, fala-se de realidade exterior e realidade psíquica nam-se a pensar que o conceito de verdade histórica é mais (ou interior). Em “A verdade histórico-vivencial” (parte II, abrangente que o de realidade interior, já que, quando pro-seção G, p. 123), Freud pergunta-se por que a idéia de um curamos estabelecer a verdade histórica com nossas cons-deus único impõe-se à mente dos mortais e recorda que a truções, procuramos ver não apenas como o indivíduo as-resposta da religião é que essa percepção é parte da verda-similou determinadas experiências, mas também que grau de, da verdade eterna de que há um só deus. O homem foi de realidade tiveram as próprias experiências.

criado para que possa captar as verdades essenciais: se a O ponto de vista de Avenburg e Guiter, entretanto, idéia do monoteísmo se impõe firmemente ao espírito é tem suas limitações, porque a verdade material não pode porque o homem capta a realidade “material” de que efeti-ser conhecida a não ser a partir da estrutura do indivíduo, vamente há um só deus. Freud, que certamente é cético de modo que é difícil contrapor o conceito de realidade quanto à capacidade do homem de descobrir a verdade, interior/exterior com o de verdade histórica/material.

não pensa que estejamos conformados para receber natu-Como analistas, ocupamos-nos da realidade interior ralmente a verdade revelada. Sua experiência de psicana-

(psicológica), importa-nos como o indivíduo assimilou a lista mostra-lhe que o homem deixa-se levar mais por seu experiência; porém, à medida que mostramos ao anali-desejo do que pela voz de Deus. A história prova que o ho-sando como incorporou determinada experiência, vamos mem acreditou, no decorrer do tempo, em muitas coisas e fazendo com que a realidade interior seja contrastada com equivocou-se. O simples fato de que os homens acreditem a realidade fáctica.

em algo não é garantia de que isso corresponda à verdade.

O trabalho analítico consiste em que o sujeito revise Se a religião monoteísta incitou uma adesão tão for-sua realidade interior (ou, o que é o mesmo, sua verdade te entre os homens, não é porque corresponda a uma ver-histórica) e vá dando-se conta de que o que ele considera dade eterna, material, conclui Freud, mas sim porque que sejam os fatos é apenas sua versão dos fatos. Desse corresponde a uma verdade histórica. Essa verdade histó-

modo, o analisando terá de admitir que seu desejo impri-rica que volta do passado e impõe-se a nosso espírito é miu (e imprime) seu selo à experiência e, dessa maneira, que, nos tempos primitivos, havia certamente uma pessoa ele foi modificando e recriando a realidade exterior.

que surgia grande e poderosa: o pai.

Na seção I de “Construções”, Freud diz que o propósito Esse tema já havia sido desenvolvido por Freud, mais da análise é obter uma imagem dos anos esquecidos que seja de 20 anos antes, em Totem e tabu (1912-1913), em que ao mesmo tempo verdadeira e completa (AE, v.23, p. 260).

estuda a relação do pai com a horda primitiva. E, sem ir Creio que esse objetivo é cumprido se se pode construir um tão longe, aparece regularmente na infância: pelo fato de quadro do passado em que o paciente reconheça sua própria que todos tivemos um só pai, estamos predispostos a acei-perspectiva e saiba que não é a única, nem a melhor, que os tar a idéia de um só deus. O que me leva a sentir como outros podem ter uma versão diferente dos mesmos fatos.

verdadeira a idéia de que há um só deus é a realidade Para se obter uma imagem verdadeira e completa do histórica de que tive somente um pai, e não que sejam passado, não bastam as recordações, nem tampouco os da-assim os fatos materiais.4

dos “objetivos” que pudéssemos obter, já que teríamos de Freud conclui disso que, frente a toda experiência incluir entre eles a complexa e sutil interação em um dado humana acompanhada de uma forte convicção, dever-se-ia momento, isto é, o núcleo de verdade de cada versão, um considerar a possibilidade de que esteja respondendo a uma ponto estudado com acerto no trabalho de Avenburg e Guiter.

verdade histórica (ainda que não a uma verdade mate-O que importa realmente é o valor simbólico da conduta, a estrutura da conduta, uma vez que a verdade material só pode ser definida por consenso ou,

o que é o mesmo, quando 4 No caso dos mitos da humanidade, parece que Freud prefere a podemos ver as coisas a partir de diversas perspectivas.

alternativa de verdade material e verdade histórica; no entanto, Quem talvez melhor tenha feito esse tipo de discri-na história individual, a alternativa é entre realidade material e minação foi Lacan quando, em seu seminário sobre Les realidade psíquica.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 209

écrits techniques de Freud (1953-1954), separa taxativa-Antes de mais nada, convém destacar que há, eviden-mente a rememoração da reconstrução. Para ele, a recor-temente, estilos diferentes de trabalhar, legítimas preferên-dação pertence ao plano do imaginário, enquanto a recias que deveríamos aprender a respeitar. Indo agora ao construção do passado aponta para restabelecer a historici-fundo da questão, direi que há, sem dúvida, divergências dade do sujeito, a ordem simbólica. Portanto, o que se evoca técnicas entre os analistas que põem a ênfase no atual e os vivencialmente não é mais que um plano de superfície, que prestam atenção preferencialmente ao passado. Aque-um conteúdo manifesto a partir do qual devem ser recons-les interpretam (e interpretam fundamentalmente a trans-truídos os elementos simbólicos. A reconstrução concerne ferência), estes constroem. Existem, por certo, dois tipos aos fatos simbólicos que estão na trama do evocado.5

polares de analistas, que Racker (1958b) caracterizou como Desse ponto de vista, o artigo de Freud ensina-nos, os que usam a transferência para compreender o passado e em definitivo, que a distorção que o indivíduo opera sobre os que usam o passado para compreender a transferência.

os fatos só pode ser modificada reconhecendo-se seu nú-

Na mesa-redonda realizada na Associação Psicanalítica cleo de verdade histórica, e não trazendo fatos objetivos.

Argentina, em 1970,6 um decidido partidário das constru-A confirmação que os fatos exteriores podem oferecer ções como Avenburg disse que estamos intoxicados de trans-tem apenas um valor relativo. Às vezes são úteis, e não resferência. Essa advertência talvez seja justa para certos analista dúvida de que nos dá uma grande satisfação quando se tas do momento atual, que interpretam a transferência onde confirma uma construção com fatos reais, que o

paciente ela não está. Não deixa de ser certo o caso oposto, por exemplo inclusive recolhe da família. Freud adverte-nos, contudo, pelo, o candidato que, constrangido pelas pulsões que lhe dirimem que não operamos a partir desse tipo de comprovações, com que o paciente, procura fazer com que pense em sua infância.

base em fatos que materialmente existiram: o que realmente- Todo método tem virtudes e defeitos, mas não se deve ter conta é a convicção (subjetiva) do analisando. Em seu confundir as dificuldades inerentes a um método com seu documentado trabalho sobre construções, Carpinacci (1975) erros. Se colocamos o interesse na transferência, há o risco de não apreciar a história; se nos dirigimos preferencialmente à conformidade entre o que se afirma sobre um fato histórico e o que aconteceu no passado, corremos o risco de não ver a transferência e o próprio acontecimento histórico” (1975, p. 269). Essa convicção. O analista deve abranger em sua tarefa o presente e a verdade histórica, prossegue Carpinacci, pode ser interpretado o passado. Não é por acaso que Freud assinala, em seu trabalho científico e objetivamente (verdade material) ou ideológico-trabalho de 1937, a importância da convicção do analista-lógica e desiderativamente (verdade eterna).

ando, e foi também Freud que disse, no epílogo de “Dora”, que a convicção surge da situação transferencial.

A alternativa entre construção e interpretação pode CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

inspirar legitimamente o estilo de cada analista; contudo é diferente se pretendermos levar a discussão ao plano da Como veremos mais adiante, há dois tipos de interpretação, porque a técnica analítica exige que ambas as interpretações – históricas e atuais – do passado e do presente.

grêm-se e complementem-se.7

Esse esclarecimento refere-se ao conteúdo da interpretação- Essas reflexões são também aplicáveis ao problema da interpretação, é fenomenológico, porque, do ponto de vista dinâmico de interpretar a realidade exterior. Esta também deve ser considerada, toda interpretação aponta, de alguma forma, para o passado integrada em nossa tarefa, porque justamente o que dá passado. A teoria da transferência repousa, como vimos, na convicção e no que realmente cura é que eu me dê conta de que o passado e o presente superpõem-se, em que o que aqui com meu analista, com minha mulher e meu passado está contido no presente. Através da

transferên-filhos em casa, e com meus pais e irmãos na infância, repiccia, podemos ter acesso ao passado, e toda interpretação to o mesmo pattern, sou o mesmo.

da transferência é histórica, pois descobre a repetição.

Houve um tempo em Buenos Aires, certamente pela Desse ponto de vista, podemos definir a construção como experiência derivada da psicoterapia de grupo, que se resum tipo especial de interpretação, na qual se dá uma ênf-saltava muito o atual, o aqui e agora, e até se chegou a se especial ao histórico. Assim o estabeleceu Bernfeld, um pensar que a situação analítica era a-histórica. Como vere-lustro antes de Freud. Embora por razões conjunturais, mos no devido momento, a situação analítica pode ser isto é, táticas, possamos circunscrever-nos ao presente ou explicada com a teoria do campo, mas o processo analíti-ao passado, uma interpretação completa leva em conta os co é uma situação transferida e histórica. Quando Hanna dois, já que sempre se referirá ao que sobrevive do passa-Segal veio a Buenos Aires, em 1958, combateu essa postu-do no presente.

ra, e lembro de tê-la ouvido dizer que a insistência em No momento atual, há uma grande discussão, que interpretar exclusivamente em termos da situação transfe-vem de longe, entre os que reivindicam a construção como o verdadeiro instrumento da análise e os que, ao contrá-

rio, a desqualificam ou não a levam em conta. Todavia, 6 Mesa-redonda sobre “Construções na análise”, de S. Freud, com a essa discussão deveria ser racional e menos apaixonada.

participação de Jaime P. Schust (coordenador), Ricardo Avenburg, Gilberta Royer de García Reinoso, David Liberman e Leonardo Wender. Apareceu no volume 27 da Revista de Psicoanálisis.

7 Para uma discussão mais detalhada, ver meu trabalho apresentado 5 Repito aqui os ensinamentos de meu amigo Guillermo A. Maci.

no Congresso de Helsinque, incluído como Capítulo 28 desta obra.

210 R. HORACIO ETCHEGOYEN

rencial o que faz, no fim das contas, é satisfazer o narcisis-mente que, quando se põe ênfase nos impulsos, são feitas mo do analista e criar uma situação de megalomania, em interpretações e, quando se acentuam as recordações, cons-que o analista é tudo para o paciente quando, na realida-truções. Porém, como nenhum acontecimento está

sepa-de, reflete um objeto que vem do passado.

rado dos impulsos e nenhum impulso pode ocorrer sem De qualquer modo, é certo que alguns analistas pen-acontecimentos, compreende-se por que é difícil delimitar sam que, uma vez resolvido o conflito aqui e agora, o resto esses dois conceitos e talvez não venha ao caso fazê-lo.

vai por si só, o passado muda por acréscimo e deixa de Quero terminar este capítulo lembrando o mestre perturbar. Essa tese não é correta, porque esquece que pode Pichon Rivière, que nos inculcou o conceito de uma inter-haver mecanismos de dissociação ou recalque que rom-pretação completa, na qual se atende ao que ocorre no pem a continuidade entre o passado e o presente. Não há imediatismo da transferência tanto quanto ao que ocorre dissociação mais perigosa, para mim, do que a de pais maus na realidade exterior e ao que vem do passado.

na infância e um analista idealizado no momento atual.

Portanto, a diferença não deve ser buscada entre os que interpretam e os que constroem, e sim na forma como CONSTRUÇÃO E DELÍRIO

se articulam esses dois instrumentos: há analistas que reconstroem a partir da situação transferencial e outros que Nas últimas páginas de seu ensaio, e a partir de recor-propõem uma construção para depois analisá-la. Essa últi-dações muito claras, Freud faz algumas reflexões sobre o ma modalidade é a que praticava, às vezes, Freud; porém, delírio. Ele se pergunta se a força de convicção do delírio muitos analistas atuais não a praticam (eu, entre eles) por-não se deve ao fato de que contém um fragmento de verda-que complica e, ao mesmo tempo, descuida a situação de histórica que fincou suas raízes na infância. A tarefa do transferencial. Se em um dado momento o analisando re-analista deveria consistir, talvez, em liberar esse núcleo de conhece-nos em nosso papel, vê-nos como analista, então verdade histórica de todas as deformações que lhe foram torna-se possível para nós reconstruir o passado; no en-impostas. Conclui com uma afirmação singular: “As forma-tanto, quando o passado irrompeu ocupando o presente ções delirantes dos enfermos aparecem-me como equiva-

(transferência), essa possibilidade se reduz e até se anula.

lentes das construções que edificamos nos tratamentos ana-A situação analítica é complexa e não se presta a um líticos, são tentativas de

explicar e de restaurar, que, por esquema. Ferenczi dizia que, quando o paciente fala do pas-certo, sob as condições da psicose, só podem conduzir a sado, devemos falar do presente, e vice-versa, para que não que o fragmento de realidade objetiva que se forclui no prese cristalize a tendência a dissociar o passado do presente. Às sente seja substituído por outro fragmento que, de igual vezes, o paciente fala do passado ou do atual para evitar o modo, havia sido forcluído na pré-história precoce” (AE, v.23, conflito transferencial; outras vezes, ao contrário. Um paciente p 269).⁹ Acrescenta que, se a construção é efetiva porque vem e diz que está muito preocupado com o que eu lhe disse recupera um fragmento perdido da existência, também o ontem, uma trivialidade, e depois ocorre que, um pouco andelírio deve seu poder de convicção ao elemento de verda-tes da sessão, chegou-lhe uma notícia que o põe à beira da de histórica que ocupa o lugar da realidade rechaçada.¹⁰

falência ou de perder seu emprego. Um bom trabalho analí-

Relendo a Psicopatologia da vida cotidiana (1901b), tico implica corrigir esse tipo de recalcamientos ou disso-notei que Freud compara as interpretações delirantes dos ciações. A única técnica adequada é a que contempla os pro-paranóicos com as suas dos atos falhos e dos sonhos. Afir-blemas em sua magna complexidade.⁸ Kris tem o mesmo cri-ma que o paranóico tem uma compreensão do material tério em “The recovery of childhood memories in psycho-inconsciente totalmente análoga à do analista. A diferen-analysis” (1956b), em que diz: “Tanto o paciente falar conti-

ça está em que o paranóico fica com sua interpretação e nuamente do passado, quanto sua persistente aderência ao não vê todo o resto (AE, v.6, p. 248). De modo que minha presente podem funcionar como resistência” (p. 56).

idéia de definir a interpretação comparando-a com a Entendo que a tarefa do analista compreende duas vivência primária de Jaspers tem um apoio em Freud.

funções fundamentais: tornar o paciente consciente de suas pulsões e fazê-lo recuperar determinadas recordações. Sei ⁹ “The delusions of patients appear to me to be the equivalents muito bem que uma coisa e outra são indissolúveis e, por of the constructions which we build up in the course of an analytic isso, creio que não há e não pode haver uma diferença treatment – attempts at explanation and cure, though it is true clara entre interpretações e construções. Diria provisoria-that these, under the conditions of a psychosis, can do no more than

replace the fragment of reality that is being disavowed in the present by another fragment that had already been disavowed in the remote past” (SE, v.23, p. 268).

8 Os Liendo ocuparam-se muitas vezes disso. Eles observam como 10 “Assim como nossa construção produz seu efeito por restituir a situação que se dá fora se reproduz na análise em geral como um fragmento de biografia (Lebensgeschichte, “história objetiva sinal oposto. (Ver, por exemplo, o Cap. 6 de Semiólogia psico-de vida”) do passado, assim também o delírio deve sua força de analítica, por María Carmen Gear e Ernesto C. Liendo, 1974.) convicção à parte de verdade histórico-vivencial que põe no lu-Em um livro posterior, de feita impecável, escrito em colabora-gar da realidade rechaçada” (AE, v.23, p. 269-270). “Just as our ção com Melvyn A. Hill em 1981, os Liendo estudam a estrutura construction is only effective because it recovers a fragment of sadomasoquista da situação analítica e mostram como essa es-lost experience, so the delusion owes its convincing power to the trutura apresenta-se e reitera-se, assinalando ao mesmo tempo elements of historical truth which it inserts in the place of the as estratégias e as técnicas que permitem resolvê-la.

rejected reality” (SE, v.23, p. 268).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 211

28

Construções do Desenvolvimento Precoce*

O tratamento psicanalítico propõe-se a reconstruir o e tende a configurar o aspecto psicótico da trans-passado, preenchendo as lacunas da recordação da pri-ferência, em função de objetos parciais e rela-meira infância, que são produto do recalçamento. Ele con-

ções diádicas e edípicas precoces, ao passo que segue isso levantando as resistências e resolvendo a trans-o conflito infantil expressa-se sobretudo em referência, através da análise dos sonhos, dos atos falhos e apresentações verbais e recordações encobrido-das recordações encobridoras, não menos que dos sinto-ras, isto é, como neurose de transferência.

mas e do caráter. As teorias que com esse método Freud 3. Às vezes, é possível apreciar os três pólos (pre-formulou sobre o desenvolvimento, a sexualidade infantil coce, infantil e atual) do conflito, imbricados e o complexo de Édipo viram-se fortemente apoiadas não em uma mesma estrutura.

só pelos resultados do tratamento, mas também pela psi-4. Os informes que o analisando oferece de seu de-canálise de crianças, que pode ver esses mesmos fenômeno-senvolvimento precoce devem ser considerados renos in statu nascendi.

cordações encobridoras, crenças e mitos família-Na criança pequena, carente de instrumentos verbais res que, de fato, mudam no curso do tratamento.

de comunicação, os problemas a investigar não podem ser 5. O método psicanalítico revela a verdade histó-

alcançados diretamente através da linguagem, mas resta a rica (realidade psíquica), a forma como o indivíduo processa os fatos e como os fatos pesa-interpretá-los, à espera de que as associações do paciente ram no indivíduo, mas não a verdade material, apóiem-nos ou refutem-nos.

inacessível em suas infinitas variáveis.

Para os fins desta apresentação, chamaremos de de-6. Não existe incompatibilidade entre interpreta-senvolvimento (ou conflito) precoce o período pré-verbal ção e construção, visto que interpretar a trans-em que não há registro pré-consciente das recordações, o ferência implica comparar, em forma de

qual abrange aproximadamente a etapa pré-edípica des-contraponto, o presente e o passado como mem-crita por Freud (1931b, 1933a) e Ruth Mack Brunswick bro de uma mesma estrutura.

(1940), e o distinguiremos do desenvolvimento (ou con-7. A história vital do paciente é sempre a teoria flito) infantil, que corresponde ao complexo de Édipo, que ele tem de si e que a análise reformulará descoberto por Freud, entre os três e os cinco anos.

em termos mais precisos e flexíveis.

Baseado em material clínico, sustentarei os seguin-8. O conceito de situação traumática deveria ser tes pontos:

reservado para o econômico, uma vez que o conflito dinâmico sempre se dá entre o sujeito e 1. O desenvolvimento precoce integra-se à persona-seu meio em série complementar.

lidade e pode ser reconstruído durante o processo 9. O manejo

adequado e rigoroso da relação analítico, já que se expressa na transferência e é transferencial permite analisar o conflito pre-comprovável através da resposta do analisando.

coce sem recorrer a nenhum tipo de terapia ati-2. O conflito precoce surge na situação analítica va, nem regressão controlada, porque a análise de preferência como linguagem pré-verbal ou não se propõe a corrigir os fatos do passado, e paraverbal, ou seja, não-articulado, mas de ação, sim a reconceituá-los.

10. Se se aceita que existe uma transferência precoce, capaz de se desenvolver plenamente no

*N. do A. Com o risco de incorrer em repetições, decidi incluir tratamento e suscetível de ser resolvida com mé-

neste ponto meu trabalho apresentado no Congresso de Helsin-todos psicanalíticos, abre-se a possibilidade de que, “Validade da interpretação transferencial no ‘aqui e agora’

utilizá-la como teoria pressuposta¹ para investi-para a reconstrução do desenvolvimento psíquico precoce”, no qual discuti muitos dos temas que desenvolvo nesta parte do livro. Acrescento, no final, um estudo da reconstrução do desen-1 Por teoria pressuposta, entendo aqui um instrumento que se desenvolvimento precoce partindo de um sonho de Freud, inspirado aplica sem questionar de momento sua validade, como, por exem-na leitura de Schur e de Blum.

plo, a teoria óptica do telescópio para o astrônomo.

212 R. HORACIO ETCHEGOYEN

gar o desenvolvimento precoce e testar as teo-faz passar gato por lebre, e seu desejo de se alimentar de rias que procuram explicá-lo, no entanto meu suas próprias fezes para não depender de alguém.

relato não abrange este tema.

O tom jactancioso que Abraham (1920) derivou da idealização das funções emunctoriais e das excretas era o Quero falar de um paciente, o senhor Brown, que centro de seu sistema defensivo, muitas vezes ligado à analisei por nove anos e meio, para ilustrar a maneira como masturbação anal (Meltzer, 1966).

um conflito dos primeiros meses de vida expressa-se na Sua rebelde aerofagia, que anos mais tarde haveria personalidade e aparece na

de ser um expressivo indicador de sua traumática lac-Quando veio ver-me, tinha 35 anos e tinha estado tância, aparecia como motivo de hilaridade e burla. Re-três em análise, até que seu analista faleceu. Durante a cordou que arrotava com seu analista anterior e, quando entrevista, advertiu-me que era um paciente grave e deta-este lhe assinalou isso, respondeu-lhe que ele pagava por lhou seus sintomas: incapacidade para pensar e concen-seus arroto. Quando interpretei que sentia orgulho por trar-se, tendência a beber e a tomar psicoestimulantes, di-seus arroto e por seu dinheiro, lembrou-se de que come-ficuldades sexuais (falta de desejos, impotência) e senti-

çou a se analisar justamente porque tinha gases e me-mentos anti-semitas, apesar de ser judeu. Assinalou tam-teorismo, assim como mal-estares gástricos e dificuldade bém seu bloqueio afetivo e deu como exemplo sua indife-para estudar. Por esses sintomas, um psiquiatra, o doutor rença pela morte de seu analista.

M., indicou-lhe a análise.

Sobre o diagnóstico, basta dizer que se trata de um Meses depois, sonhou que estava em um bar e serviam-paciente borderline, com uma forte estrutura farmacotímica lhe um refrigerante com uma mosca atravessada na tampi-e uma perversão manifesta (froteur): para atingir o orgas-nha. Estava em dúvida entre bebê-la ou reclamar ao moço e, mo, esfregava seus genitais na mulher, evitando o coito.

finalmente, optava por reclamar. A propósito desse sonho, Não era consciente dessa perversão, que racionalizava às recordou outro de sua análise anterior: Sonhei que estava vezes toscamente.

frente à clínica do doutor M., e havia um grupo que comia Disse que não lembrava nada de sua infância, embo-carne humana. Um deles tomava um crânio meio putrefato, ra tenha referido sem emoção que, quando tinha dois me-passava-lhe um pedaço de pão por dentro e comia os miolos ses, quase morreu de fome, porque a mãe perdeu subitamen-untados nesse pão.

te o leite.

Associou com um momento em que estava por interEsse acontecimento nunca havia sido valorizado pelo romper a análise, por razões econômicas, e M. propôs a senhor Brown. Foi seu analista anterior quem deduziu que, ele que fizesse psicoterapia de grupo. Disse-lhe que esses provavelmente, tinha sentido muita fome, quando

crian-sonhos explicavam em parte suas dificuldades para pensar ça. O paciente respondeu com o informe mencionado e e concentrar-se e, apoiado em Freud (1917e) e Abraham ficou surpreso com o acerto do analista, ao qual, desde (1924), acrescentei que analisar-se, para ele, era concre-então, levou mais a sério, embora nunca tenha chegado a tamente alimentar-se dos pensamentos do analista; porém, estimá-lo.

incapaz de tolerá-los, expulsa-os como fezes que depois Comigo, porém, simpatizou desde o começo, apesar volta a incorporar por alimentos. O paciente respondeu de me considerar um novato. Sabendo pelo colega que o dizendo que estava com água na boca! Acrescentou, com encaminhou para mim que eu acabava de chegar de Lon-viva resistência, que isso lhe acontece muitas vezes com os dres, estava certo de que era meu primeiro paciente, se cheiros nauseabundos, inclusive com sua matéria fecal.

não o único de toda a minha carreira. Ao interpretar seus Como efeito dessa sessão, sentiu-se angustiado, com ciúmes dos irmãos frente a esse tipo de material, obtinha vontade de chorar e pedindo-me internamente ajuda. De somente um sorriso condescendente e nem me escutava imediato teve raiva, porque o tratamento não o curava, e quando lhe dizia que ele estava colocando em mim sua voltou a pensar em interrompê-lo. Afirmava continuamente necessidade, isto é, que me via faminto de pacientes.

que a psicanálise não é uma relação humana, mas uma Durante os primeiros meses, manteve-se frio e dis-fria transação comercial.

tante; às vezes, adormecia subitamente quando lhe interAs fantasias coprofágicas e as defesas maníacas, sem-pretava algo que podia ser novo. Frequentemente, sentia pre enlaçadas ao transtorno do pensamento, ocuparam um fome antes ou depois da sessão e, então, apareceram fan-longo trecho da análise. Simultaneamente, iam sendo ana-tasias coprofágicas de inusitada clareza. Sonhou que, em lisados seus ciúmes edípicos, sua rivalidade com o pai e um pequeno restaurante, serviam-lhe guisado de gato. Sen-seus impulsos homossexuais. Seu desejo de chupar o pê-

tia um asco terrível, mas alguém lhe dizia que o comesse, nis do analista aparecia em sonhos e fantasias, para gran-que não se teria dado conta se o tivessem apresentado por de humilhação do senhor Brown, que temia ser homosse-lebre. O guisado cheirava a excremento de gato. Esse sonho xual. A análise de todos esses conflitos conseguiu remover serviu para mostrar sua desconfiança do analista, que lhe os principais sintomas e fez aparecer processos sublimatórios ligados ao

conflito precoce.

Depois dessa evolução, que ocupou uns três anos, o conflito oral torna-se patente. Sonha, por exemplo, que 2 Os aspectos técnicos foram discutidos em um seminário dirigi-tira de si três fios grossos que lhe saem da garganta e asso-do por Betty Joseph, em janeiro de 1974, em Buenos Aires. Ancia com tentáculos. Esse sonho é interpretado como seu teriormente, discuti este caso com León Grinberg.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 213

desejo de se aferrar e mamar do seio analítico, o que pare-Quando está para comprar um apartamento para vi-ce confirmar outro da mesma noite: Sonhei, também, com ver sozinho, sonha que eu estou analisando-o sentado na uma menininha que queria chupar desesperadamente meu rua, sob um arco de triunfo: ele fala aos gritos, porque cigarro. Eu o retiro da boca e ela se estica desesperadamente estamos muito separados. Enquanto se analisa, vai aproxi-para chupar. Aqui, sua oralidade foi projetada, e ele é um mando-se com movimentos rápidos, sempre deitado. Esse pai que frustra a necessidade de sua parte infantil femini-sonho, em que se vê plasticamente a aproximação, foi in-na. Que existem sentimentos vorazes e agressivos pelo terpretado em termos do complexo de Édipo completo: o pênis do pai dentro do corpo da mãe fica expresso por um atrai o genital da mãe (arco de triunfo) protegido pelo terceiro sonho, em que entra em um banco (corpo da mãe) pênis rival do pai, que também o excita.

e querem que ele mate o caixa (pênis do pai). Nega-se a A compra do apartamento, sua ascensão na empresa isso, mas outros o fazem e, quando o detêm, nega toda e a melhoria de sua vida erótica fazem-lhe sentir que pro-vinculação com o crime e consegue fugir.

gride, o que lhe provoca raiva e medo: teme destruir-me Na oportunidade de um pagamento de honorários com seus progressos e tem medo de confiar. Interpreto atrasados, lembra-se da época em que passou fome em esse temor como baseado em uma confiança inicial no seio, sua lactância, quando quase morre, porque a mãe não se que depois o traiu; responde com uma recordação que dava conta de sua necessidade, embora ele chorasse e gri-considero básica: aos sete ou oito anos, uma empregada tasse o dia inteiro.

contou-lhe que uma criança morreu de inanição, porque a Vale a pena comparar essa versão com a da entrevismãe dava-lhe água quando chorava de fome, o que a acal-ta, porque aqui se acrescenta que ele

chorava e gritava o mava sem alimentá-la.

dia inteiro. Essa modificação mostra, em meu entender, Essa recordação é, sem dúvida, uma nova versão de que seu bloqueio afetivo mobilizou-se, o que implica, tam-sua lactância, e não é por acaso que apareça em um mo-bém, que os informes referentes ao desenvolvimento psí-

mento em que se aproximou do analista e começou a sen-quico precoce devem ser conceituados como recordações tir a confiança básica de Erickson (1950). Esse material encobridoras (Freud, 1899a), apesar de serem narrados foi interpretado não apenas na perspectiva do conflito pre-como fatos reais, como histórias verídicas transmitidas por coce e em termos reconstrutivos (“você deve ter sentido, pais e familiares.

quando pequeno, que sua mãe dava-lhe água em vez de Superado o bloqueio afetivo, agora chora e grita o dia leite”), mas também no aqui e agora, como uma típica re-inteiro: meus honorários são muito altos, a psicanálise é sistência de transferência: “Acredita que progride pela aná-

puro blá-blá-blá, se não pode pagar-me é por suas dificult-lise e quer confiar em mim; porém, algo o leva a pensar dades, das quais eu também sou responsável. Esse intenso que o alimento analítico não é mais do que água”. Recor-conflito transferencial culmina com o seguinte sonho: dei-lhe seus desejos recentes de ver um médico clínico, Estou em seu consultório, você sentado a meu lado

“que com duas injeções vai arrumar tudo” e suas reitera-como um médico clínico. Aflito, digo-lhe que sofro muitísdas afirmações de que a análise é puro blá-blá-blá, assim simo, porque abri meus sentimentos para os demais. Você como uma fantasia que contou dias antes: Vou a uma esta-parece compenetrado de minha dor e tem também uma cara ção de serviço, onde me metem ar pelo traseiro, com pressão, de intenso sofrimento, talvez um pouco excessivo. Então, para me limpar.

irrompem na peça três pessoas, um homem contrafeito e Esse material ilustra a tese principal de meu traba-uma mulher; não me lembro do terceiro. Eram amigos seus lho: o desenvolvimento precoce não fica separado do res-que vinham jogar cartas ou fazer psicoterapia de grupo. Eu tante da personalidade e pode ser reconstruído a partir de tinha trocado de roupa e buscava minhas cuecas para que dados posteriores, que basicamente têm sua mesma signi-não as vissem sujas de cocô. Encontrava umas que talvez ficção. Não é decisivo que o

pré-verbal seja, depois, fossem suas. Você me acariciava e me tocava, para acal-ressignificado, como propõe Freud (1918b), ou que de iní-

mar minha aflição. Associa a mulher do sonho com a que cio tenha significação: basta que uma experiência adquira viu dias atrás no consultório, e que lhe provocou ciúmes.

significado a posteriori para que seja lícito sustentar que Mais consciente de suas necessidades, é agora vulnerável podemos alcançá-la e reconstruí-la – o material sugere à dor: quer que o acalme, mas teme aproximar-se e sen-fundamentadamente que a fantasia do período de latência tir ciúmes e/ou atração homossexual. Para que não desdo senhor Brown (a criança alimentada de água) é cubram suas coisas sujas, confunde-se comigo mediante isomórfica com sua experiência de lactante.

a identificação projetiva (Melanie Klein, 1946), metido Considero também que interpretação e construção em minhas cuecas.

são fases complementares de um mesmo processo.³ Se Reconhece, por momentos, que sua única companhia transferência implica superpor passado e presente, então é a análise e sente então desejos de me destruir. Seus atranão podemos pensar que uma interpretação do aqui e agora sos no pagamento têm agora um matiz de provocação e possa ocorre sem a perspectiva do passado, nem tampouco rivalidade, ao mesmo tempo que quer ficar com meu dique se possa restaurar a história sem responder ao sempre nheiro para não se sentir só. Quando diz que meu dinheiro o acompanha, fica com água na boca. Ao conseguir um aumento de salário, o que pensa primeiro é que tem de me 3 Phyllis Greenacre diz: “Any clarifying interpretation generally pagar e isso lhe dá raiva.

includes some reference to reconstruction” (1975, p. 703).

214 R. HORACIO ETCHEGOYEN

presente compromisso transferencial. Em outras palavras, com dificuldades; sua vida sexual regularizou-se e chega é imprescindível não só elucidar o que ocorre no presente até a ser satisfatória. Na análise, porém, a situação está para desimpedir o passado, mas também utilizar as recor-longe de ser fácil. Embora seu desprezo olímpico já não dações para iluminar a transferência. Racker (1958b) di-vigore, ele continua resistindo vivamente em confiar e suas zia, com humor, que há analistas que vêem a transferência exigências e sua rivalidade fustigam continuamente o apenas como um obstáculo para

recobrar o passado, e setting analítico.

outros que tomam o passado como um mero instrumento Recordou que, aos cinco anos, costumava brincar com para analisar a transferência (p. 59); todavia, como acabo uma amiguinha de bailarina e de diabo. Esse jogo, que co-de assinalar, devem-se fazer as duas coisas. “Both the incide com o momento culminante do complexo de Édipo, patient dwelling on the past and his persistent adherence está relacionado com a masturbação frente à cena primá-

to the present can function as resistance”, afirma Kris ria e junta-se a uma recordação encobridora da mesma (1956b, p. 56). Contudo, deve-se obter, como sugere Blum época: acreditava que havia diabos e bruxas entre seu quar-

(1980), uma ação sinérgica entre a análise da resistência to e o dos pais. O demônio é, ao mesmo tempo, a fome de e a reconstrução (p. 40) para restaurar a continuidade e a sua lactância, o pênis do pai que o acalma ou excita e o coerência da personalidade (p. 50). Entendida dessa ma-bebê dentro da mãe, que desperta seus ciúmes; em outras neira, a análise da transferência separa o passado do pre-ocasiões, o demônio era o seu traseiro, o objeto espúrio de sente, discrimina o objetivo do subjetivo. Quando se con-Money-Kyrle (1971), alternativa do seio. O jogo da baila-segue isso, o passado já não precisa repetir-se e fica como rina e do diabo foi interpretado também à maneira de uma reserva de experiências que podemos aplicar para Rosenfeld (1971), como duas partes de seu self: infantil compreender o presente e predizer o futuro – não para dependente (bailarina) e narcisista onipotente (diabo).

entendê-los mal.

No meio do quinto ano de análise, trouxe um sonho A partir da história da criança alimentada com água, importante para avaliar sua colaboração. Era um momen-o meteorismo acossava-o e seu ventre inchado fazia-o pen-to em que o tratamento interessava-lhe e queria curar-se.

sar em um bebê desnutrido. Aumentou cinco quilos em Sonhei que estava com Carlos, trabalhando com entusiasmo um mês e acentuou sua tendência a dormir quando rece-sobre filtros de ar. Tínhamos nos tornado independentes da bia uma interpretação. A inveja ocupa agora um lugar im-empresa e íamos muito bem. Havíamos construído o primei-portante: progride para despertar inveja nos demais e li-ro filtro absoluto do país e estávamos por fabricar um con-mita seus

progressos para não provocá-la. Com sua sono-tador de partículas, que mede a eficácia dos filtros. Associou lência, regula a sessão para controlar sua inveja (e tam-que no sonho se sentia como se tivesse terminado a análi-bém para expressá-la); ao mesmo tempo, põe em mim sua se curado; seu problema sexual não está resolvido; o filtro fome e seu desespero, seu bebê desnutrido.

absoluto esteriliza o ar.

Tem agora este sonho: Sonhei que estávamos na cama Interpretei o sonho como um desejo de se curar, com e você me examinava a barriga, dolorida e cheia de gases.

a minha ajuda (Carlos), do ar ruim que lhe provoca meteo-Você me apalpava e fazia um movimento circular para aliviar rismo (aliança terapêutica) e, ao mesmo tempo, como um minha dor, enquanto dizia, com sua voz grave, que eu esta-jogo sexual masturbatório entre irmãos, que torna estéril va mal, que era uma “somatização”.

a análise (pseudo-aliança).

Associou com o outro sonho em meu consultório, de O sonho refere-se a um importante progresso: em um ano e meio antes, e salientou que eu procedia como seu novo posto de gerente, impulsionou a filtragem de ar médico e não havia nada erótico; já que uma vez, quando e logo chegou a ser um renomado especialista.⁴

criança, teve dor de barriga e seu pai disse-lhe que fizesse Quando inicia o sexto ano de tratamento, vincula-se massagens.

com uma mulher que merece a sua confiança e o atrai Interpretei que precisa de mim como pai para aliviar sexualmente, com a qual se casa depois. Vive essa decisão sua dor: sente que posso tirar de seu corpo com minha como uma grande conquista da análise. Em uma sessão na mão-pênis o ar ruim que ali colocou o seio vazio de sua qual expressa esses sentimentos, aparece o meteorismo.

mãe – que sou eu mesmo quando falo em vão. Sugerir Interpreto que me vê como uma mãe que o está parindo reconstrutivamente que, quando esteve a ponto de morrer são, e quer imitar-me. O meteorismo cede dramaticamen-de fome, de alguma forma o pai ajudou-o.

te, e isso lhe desperta sentimentos contraditórios de con-Sem entender o essencial da interpretação, aceita que fiança e de rivalidade. Pouco depois, em uma sessão na deve haver um desejo homossexual, e adormece. Interpre-qual adormece, sonha que está com uma mulher

velha e to que agora tornou real o sonho: estamos dormindo jun-má, com peitos vazios, dos quais só sai ar.

tos na cama, e o bebê desnutrido transforma-se na mãe No compasso de seus progressos, seu sistema defen-grávida. A interpretação anterior aponta para o vínculo de sivo tornou-se pouco menos que impenetrável: auto-inter-dependência; já esta aponta para sua erotização.

preta-se, adormece quando eu falo, repete em voz alta No ano seguinte, quando já tem cinco de análise, a minha interpretação, que com isso passa a ser sua, etc.; maioria de seus sintomas entrou em remissão: não apare-freqüentemente me interrompe e completa por sua conta com mais suas fantasias coprofágicas, não lhe dá água na boca os odores nauseabundos e não expulsa seus pensamentos, isto é, pode prestar atenção e estudar, ainda que 4 Referia-me a este ponto ao falar de suas sublimações.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 215

o que eu ia dizer. É agora o exemplo cabal do paciente de emocional, as interpretações eram água ou ar que incham difícil acesso (Betty Joseph, 1975).

o ventre do bebê e o condenam a morrer de fome. Nunca Como seus sintomas abdominais aumentam, consul-se poderia empregar com mais dolorosa propriedade a ex-ta um clínico que promete curá-lo em uma semana. Isto o pressão popular “falar em vão”. Durante esse período, não alegrou, porque demonstraria que eu estava equivocado, só se identificava com a mãe grávida e o bebê desnutrido: mas tampouco ao clínico deu a satisfação de curá-lo. Na com freqüência, projetava o bebê morto de fome no ana-sessão anterior, eu tinha voltado a interpretar seu meteo-lista, e eu me sentia então desvalido e desalentado, às ve-rismo como gravidez, sem que me escutasse. Entretanto, zes com sonolência.

dessa vez teve de reconhecer que sua esposa havia tido É importante destacar que esse impasse repete com um pequeno atraso menstrual, pensou que estava grávida surpreendente clareza o conflito da lactância, enquanto o e sentiu ciúmes da criança, como eu lhe havia interpreta-conflito edípico é recordado e revivido em outro nível de do dias atrás.5

comunicação. Apreciam-se, assim, duas formas de organi-O modelo do meteorismo como identificação com a zação, neurótica e psicótica

(Bion, 1957). O conflito neu-mulher grávida aparecia agora vinculado mais à inveja do rótico contém a situação triangular de uma criança de cinco aos ciúmes. Digo-lhe que ele quer ser quem vai ter a co-anos, ciumenta pelo nascimento de uma irmã, a inten-criança, mas sem ser fecundado por minhas interpreta-sa angústia frente à cena primária, através da recordação ções. Responde com assombro que sua tensão abdominal encobridora das bruxas e dos demônios, a masturbação diminuiu e que o meteorismo desapareceu.⁶

infantil (o diabo e a bailarina) e os jogos sexuais com em-Nessa época, teve um sonho muito significativo. Che-pregadas e amiguinhas – que recordou agora vivamente.

ga com meteorismo e mal-estares abdominais, enquanto O conflito com o seio expressa-se de outro modo, com continua a amenorréia de sua mulher. Sonhei que meu car-uma linguagem de ação, sem representações verbais, nem ro estava estragado e o levava à oficina. Diziam que o com-recordações, assim como o complexo de Édipo precoce pressor estava mal e deveria ser revisado a fundo para ver se (Melanie Klein, 1928, 1945). A análise alcança-os, no enera grave. Isto me chamava a atenção, porque meu carro tanto, apesar de os avatares da técnica serem outros, e o não tem compressor. Pensava que seria algo muito grave, analista, no torvelinho da repetição, vê-se transformado equivalente a um câncer.

no seio vazio que insufla gases em seu bebê-paciente. Que Esse sonho expressa o conflito em todos os seus ní-

este seja um processo muito doloroso para o analista não veis: precoce, infantil e atual. O conflito atual do senhor desmerece em nada a beleza de nosso método, a confiabi-Brown é que acredita que engravidou sua mulher e será lidade de nossas teorias.

pai, o que o obriga a ser mais adulto e responsável. O con-Para os objetivos deste capítulo, importa que o conflito infantil tem a ver com o complexo de Édipo e os ciú-

flito precoce encontra diversas formas de expressão que mes fraternos. Dessa vez, recordou os vivos sentimentos mostram sua unidade coerente com a vida e a história: o de desolação de seus cinco anos quando nasceu sua (úni-adulto que consultou por aerofagia é a criança do período ca) irmã. Por último, o conflito precoce surge originalmente de latência que se impressiona pelo relato do bebê alimen-te expresso pelo compressor, seio introjetado que insufla tado com água e ouve contar a história de sua desafortu-ar, em vez de alimentar.

nada lactância, tanto quanto o lactante que acreditou re-Seu meteorismo como gravidez de ar é representado beber ar (flatos) em vez de alimento, o homem das fanta-de maneira dupla: pelo compressor e porque pensa que sias coprofágicas que confunde fezes com comida, arrotos seu carro não o tem. Essa dupla representação convém com palavras, o especialista com filtros de ar.

também à gravidez de sua mulher, imaginária, porque não Na unidade dessa história, baseia-se nossa tese de está confirmada e por sua ambivalência, ao mesmo tempo que as experiências precoces deixam sua marca e depois que simboliza a pseudociese do senhor Brown, com um se expressam fidedignamente nas idéias latentes dos mi-compressor (útero) que não existe em seu corpo de varão.

tos familiares e das fantasias do sujeito, em recordações Enquanto representação do processo analítico, o so-encobridoras e traços de caráter, não menos do que nos nho mostra com crua precisão o momento que cursa: sintomas e na vocação.

estamos investigando algo que não existe, que é só ar, pa-A outra tese é que essas experiências precoces são lavras que o vento leva, mas que é grave como um câncer.

acessíveis à técnica psicanalítica clássica, embora resolvê-

O processo analítico estava detido, não tinha profundida-las seja extremamente difícil.

de e transformara-se em um jogo sexual perverso (froteur), A maioria dos psicólogos do ego pensa que os confli-apesar de todos os meus esforços. Carentes de significado tos precoces não são analisáveis. Elizabeth R. Zetzel (1968) afirma que, se foram resolvidos apenas os conflitos diádicos com a mãe e o pai separadamente, podem ser delimitadas a neurose de transferência e a aliança terapêutica, condi-5 Esse aparente insight muitas vezes só significava que ele (e não ção necessária de analisabilidade. Apesar de que acabo de eu) era quem o dizia.

6

dizer que as relações precoces são analisáveis, comparti-Para compreender a inexpugnabilidade de seu sistema defensi-lho na prática as prevenções da psicologia do ego, sem vo, deve-se ter presente que a interpretação fértil desse momento pode transformar-se depois em um blá-blá-blá que enche ou-deixar de pensar que em todo paciente aparecem conflitos tra vez o abdome de gases (gravidez

imaginária).

precoces e mecanismos psicóticos.

216 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Outros autores, no entanto, consideram analisáveis (1950, 1952) demonstraram que a alta concentração de os conflitos precoces variando-se a técnica. Se o desenvolvimento de alguns lactantes faz com que se sintam vimento emocional primitivo está afetado, diz Winnicott insatisfeitos e condiciona o tipo de mãe rechaçadora des-

(1955), o trabalho analítico deve ser suspenso, “manage-crito por Garma (1950, 1954). Como diz Brenman (1980), *ment being the whole thing*” (p. 17). Anteriormente, a es-o “complexo de Édipo” deve ser entendido como resultan-cola de Budapeste havia sustentado idéias similares a parte de suas próprias tendências edípicas e do ambiente (o tir da técnica ativa de Ferenczi (1919b, 1920) e de sua abandono de seus pais, os cuidados vicariantes dos reis de teoria do trauma (1929, 1931, 1932), que inspira o new Corinto, etc.).

beginning de Balint (1937, 1952) para dar conta do amor Apesar das advertências de Freud (1937d), frequen-objetal primário. Nessa linha, situam-se Annie e Didier temente se confunde a verdade histórica com a material.

Anzieu (1977), para os quais as falhas graves do desenvolvimento A verdade material são os fatos objetivos que têm uma in-vestimento exigem mudanças técnicas, porque somente ex-finidade de variáveis e, por conseguinte, de explicações. O

periências concretas podem ser paliativas para elas: enque é acessível ao método psicanalítico é a verdade históri-quanto ato especificamente simbólico, a interpretação ca (realidade psíquica), que é a forma pela qual cada um nunca pode chegar ao que não foi simbolizado.

de nós processa os fatos. Por isso, creio que é melhor falar Esses argumentos têm o apoio definido do senso co-de realidade psíquica e realidade fática, como faz Freud mum; entretanto, a história da ciência mostra que o senso no Projeto de 1895 (1950a) e no quarto ensaio de Totem e comum pode extraviar-nos. No caso apresentado, uma ex-tabu (1912-1913), ou de realidade e fantasia, de acordo experiência altamente traumática dos primeiros meses da com Susan Isaacs (1943) e Hanna Segal (1964a).

vida incorporou-se à personalidade do paciente e adquiriu O informe que um paciente dá de suas situações trau-um valor simbólico, ao qual podemos chegar com a intermáticas e, em geral, de sua história é uma versão pessoal, pretensão. O lactante de dois meses que “não pode enten-um conteúdo manifesto que deveria ser interpretado e que, der nossa linguagem” é parte de uma criança e de um adul-de fato, muda no decorrer da análise.

to que nos comunicam com ele.

Vimos que, ao levantar-se o bloqueio afetivo, o se-O corolário é que não precisei dar a esse paciente a nhor Brown modificou a versão do trauma de sua lactância.

oportunidade de regredir. Voltou a viver plenamente no Dois anos depois do sonho do compressor, quando o setting analítico clássico seu conflito de lactante, sem ne-impasse havia cedido e a análise encaminhava-se para seu nhum tipo de terapia ativa ou regressão controlada. Como término, sobreveio uma nova mudança. Nessa época, o analista, apliquei com rigor meu método e, quando por analisando, mais consciente de sua avidez e desconsidera-erro o abandonei, tentei recuperar-me através da análise ção, temia cansar-me. No regresso das férias, sonhou que silenciosa de minha contratransferência, sem concessões tinha jogos sexuais com uma jovem: dava-lhe um beijo, e a para meus desacertos.7

língua da moça, crescendo enormemente, permanecia em sua Pode-se discutir, por fim, a avaliação teórica das ex-boca ao separar-se. Interpretei que ele erotiza o vínculo periências traumáticas da infância. No caso exposto, apa-analítico, negando a separação das férias, e acrescentei rece uma situação ambiental que realmente pôs em perigo que a língua da moça era meu bico de seio complacente a vida do sujeito; contudo, se vamos continuar utilizando que lhe permite estar sempre preso ao seio para que não conseqüentemente a teoria da transferência para com-se repita seu catastrófico desmame. Comentou com preo-preender o passado, devemos notar que as coisas não são cupação seu novo atraso no pagamento e lembrou, de ime-simples. Na repetição transferencial, encontramos um bebê-

diato, que o transtorno em sua lactância não foi o fato de paciente que opera continuamente sobre o pai e o pênis, a sua mãe perder o leite e de ele passar fome, até que começa-mãe e o seio, a cena primária. Dir-se-á, e com razão, que o ram a lhe dar a mamadeira, se não justamente ao contrá-

faz para transformar em ativa aquela experiência catas-rio: foi com a mamadeira que passou fome, porque lhe da-trófica; porém, pode isso excluir uma ação mais complexa vam menos ração que a ordenada pelo médico. Essa nova entre a criança e os pais? Assim como adormece na sessão versão corresponde, em meu entender, a uma mudança para não receber a interpretação, pode ter adormecido estrutural: agora, há um seio bom que alimentou e uma sobre o seio, condicionando em parte a agalactia. Essa hi-mamadeira má; e o pai (médico) é uma figura protetora, pótese é lógica e não há nada no material que a refute.

como se insinuava em um material anterior.8

Não digo que com isso fique apoiada a teoria da inveja A análise não se propõe a corrigir os fatos do passa-primária de Melanie Klein (1957), porque poderiam ser do, o que, além disso, é impossível, mas a reconceituá-los.

oferecidas outras explicações igualmente possíveis, mas Se se consegue isso e o paciente melhora, a nova versão é penso que o conflito sempre se dá entre o sujeito e o meio mais equânime e serena, menos maniqueísta e persecutó-

humano com o qual interage, ao modo das séries complementares de Freud (1916-17). Mirsky e colaboradores 8 Três anos depois de terminada a análise, em uma entrevista de seguimento, mudou uma vez mais a recordação e disse que pas-7 Minha tolerância no pagamento poderia ser considerada um sou fome com a mamadeira porque a dose indicada pelo médico parâmetro (Eissler, 1953); contudo, não foi algo que eu introdu-era insuficiente, incorporando-se, talvez, uma queixa pelo térmi-zi e analisei-a como outro sintoma qualquer.

no da análise.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 217

ria. O sujeito reconhece-se como ator, agente, além de pa-intensidade e, sob meu olhar, ele se torna pálido, difuso, ciente; aprecia nos outros melhores intenções, não só ne-seus olhos põem-se de um azul enfermo... e, por fim, se gligência e má-fé; a culpa fica mais repartida; atribui-se dissolve. Isto me dá uma enorme alegria, agora compreen-um papel maior às adversidades inevitáveis da vida.

do que também Ernst Fleischl era só uma aparição, um res-Cada um de nós guarda um conjunto de informes, suscitado e acho inteiramente

possível que uma pessoa as-recordações e relatos que, ao modo de mitos familiares e sim não subsista senão pelo tempo que se quer e que possa pessoais, são processados em uma série de teorias, com as ser eliminada pelo desejo do outro” (AE, v.5, p. 421-2).

quais enfrentamos e ordenamos a realidade, assim como nossa relação com os demais e com o mundo. Emprego a Por diversas circunstâncias bem estabelecidas, e que palavra “teoria” em sentido estrito, uma hipótese científi-não vem ao caso esclarecer, pode-se assegurar que esse ca que pretende explicar a realidade e que pode ser refu-sonho ocorreu em torno de 30 de outubro de 1898, em tada pelos fatos, como ensina Popper (1962), e que, a meu meio a vários acontecimentos significativos.

ver, coincide com o conceito psicanalítico de fantasia in-Em 23 de outubro, haviam-se passado dois anos da consciente. A neurose (e, em geral, a enfermidade men-morte de Jakob Freud e, uns dias antes, em 16 de outu-tal) pode ser definida, desse ponto de vista, como a tenta-bro, havia ocorrido, no peristilo da Universidade, uma ho-tiva de manter nossas teorias, apesar dos fatos que as re-menagem a Fleischl, em cuja memória foi erigido um bus-futam (vínculo menos K. de Bion, 1962b); e o que chama-to. Nessa oportunidade, Freud lembrou-se não apenas desse mos na clínica de transferência é a tentativa de que os fa-grande amigo e benfeitor seu, mas também de outro que o tos tornem-se adequados a nossas teorias, em vez de tes-ajudou, Joseph Paneth. Se Paneth não tivesse morrido pretar nossas teorias com os fatos.

maturamente, pensou que ele também teria seu monumen-O processo psicanalítico propõe-se a revisar as teori-to no peristilo.

as do paciente e torná-las, ao mesmo tempo, mais rigoro-Quando Freud renunciou ao Laboratório, em 1882, sas e flexíveis. Isto é alcançado com a interpretação e es-Paneth foi justamente quem ocupou o cargo, mas sua pro-pecialmente com a interpretação mutativa (Strachey, missora carreira científica foi interrompida, quando mor-1934), em que se unem, por um momento, o presente e o reu de tuberculose em 1890, um ano antes de Fleischl.

passado para nos demonstrar que nossa teoria de conside-Outro acontecimento não menos importante era que, rá-los idênticos estava equivocada.

nesses dias, Fliess submeteu-se a uma operação cirúrgica em Berlim e Freud estava realmente preocupado, pois os primeiros informes, que chegaram a ele pelos sogros de O SONHO “NON VIXIT” E O

Wilhelm, não eram muito alentadores. Além disso, Freud havia ficado muito ofendido, porque os familiares do en-Nos últimos anos, vários autores descobriram que um fermo haviam-lhe recomendado não comentar as notícias, dos sonhos de Freud, em A interpretação dos sonhos, pode como se duvidassem de sua discrição. No entanto, Freud servir para ilustrar o tema das reconstruções pré-edípicas.

reconhecia que, em certa ocasião, havia cometido uma Trata-se do que transcorre no Laboratório de Fisiologia do indiscrição com Fleischl e outro Joseph (certamente professor Ernest Brücke e que, no jargão psicanalítico, é Breuer) e, por isso, sentia-se mais incomodado por essa conhecido como o sonho “Non vixit”. Freud analisa-o quan-recomendação.

do fala do valor das palavras no sonho, no Capítulo VI, e Rosa, a irmã de Freud, deu à luz em 18 de outubro e, volta a ele mais adiante. Os personagens principais são no fim de agosto, nasceu uma filha de Fliess, que se cha-Ernst Fleischl von Marxow e Josef Paneth, dois compa-mou de Pauline, como uma irmã de Wilhelm que morreu nheiros de Freud no Laboratório, e seu grande amigo Fliess.

jovem. Ao felicitá-lo por esse grato acontecimento, Freud O texto do sonho é o seguinte:

disse-lhe que a nova Pauline seria logo a reencarnação da defunta. (Pauline também é o nome da sobrinha de Freud,

“Fui à noite ao laboratório de Brücke e abro a porta, filha, como John [Hans], de Emmanuel.)

depois que bateram suavemente, ao (defunto) professor Freud lembrou que as palavras “non vixit” figura-Fleischl, que entra com vários amigos e, logo após algu-vam no pedestal do monumento ao imperador José. Ao mas palavras, senta-se à sua mesa. Segue-se outro so-compará-lo com o José imperador e com o colega home-nho: Meu amigo Fl. (Fliess) chegou a Viena em julho, nageado, levantava então um monumento a seu amigo incógnito; encontro-o na rua em colóquio com meu (de-Joseph Paneth, a quem, ao mesmo tempo, matava no so-funto) amigo P. e vou com eles para algum lugar, onde se nho com o olhar. Freud recordou que, certa vez, Paneth sentam em uma pequena mesa, frente a frente, e eu na deu mostras de impaciência, esperando a morte de Fleischl cabeceira, do lado mais estreito da mesinha. Fl. fala de para ocupar seu posto, mas seu mau desejo não se reali-sua irmã e

diz: “Em três quartos de hora, morreu” e, zou, já que morreu antes. Aqui, Freud dá-se conta de que depois, algo como “Esse é o umbral”. Como P. não o en-seus encontrados sentimentos por seu amigo podem ser tende, Fl. volta-se para mim e pergunta-me o quanto de resumidos em uma frase como essa: “Porque era inteli-suas coisas comuniquei, então, a P. Depois disso eu, presa de estranhos afetos, quero comunicar a Fl. que P. (nada gente, eu o honro; porque era ambicioso, eu o matei”, pode saber porque ele) não está com vida. Mas digo, no-igual, em sua estrutura, à que Bruto diz depois de assas-tando eu mesmo o erro: “Non vixit”. Olho, então, P. com sinar Júlio César.

218 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A partir desses elementos, Freud pode fazer uma pri-Nesse parágrafo, Freud descreve pela primeira vez o meira interpretação do sonho: conclui que as aparições complexo de Édipo e o faz com base em sua própria histó-

(revenants) do sonho, Fleischl e Paneth, foram seus rivais ria, deixando-o enlaçado a seus ciúmes infantis e à culpa no Laboratório de Fisiologia, assim como seu sobrinho John por seus desejos hostis contra o irmãozinho recém-nascido.

foi seu rival na infância. Como se sabe, este foi o inseparável Portanto, o assassinado no sonho não é apenas John, companheiro de brincadeiras de Sigmund até os três anos, mas também Julius, e a ele se aplica mais estritamente quando Emmanuel Freud e família saíram de Leipzig, indo

“non vixit” (não viveu) do que a John ou a qualquer outro.

para Manchester.

Pode-se deduzir também, como fazem todos os autores Uma coincidência, que Freud recorda de imediato, mencionados, que Fliess, nascido em 1858, e Paneth, que vem a prestar apoio a essa interpretação: quando Freud era, como Julius, de 1857, representavam mais o irmão do tinha 14 anos, Emmanuel veio com sua família de visita a que o sobrinho. Freud atribui seu lapso no sonho – quando Viena e, então, Sigmund e Hans representaram, em um diz “non vixit”, em lugar de “non vivit” (não vive) – a seu auditório infantil, Bruto e César, tomados de uma obra de medo de chegar a Berlim para receber a ingrata notícia de Schiller. Freud diz: “Desde então, meu sobrinho John enque Wilhelm já não vive e associa-o com suas chegadas controu muitas encarnações que reviviam ora este aspec-

atrasadas ao Instituto de Fisiologia, quando tinha de su-to, ora este outro de seu ser, fixado de maneira indelével portar o olhar penetrante e reprovador dos olhos azuis do em minha recordação inconsciente” (AE, v.5, p. 425). Freud grande Brücke, que o aniquilavam.

afirma categoricamente que sua relação infantil com John Max Schur assinala com precisão que o conflito atual foi determinante para todos os seus sentimentos posterior-do sonho “Non vixit” é a operação de Fliess e a crescente res no trato com pessoas de sua idade (p. 424-425).

ambivalência de Freud frente a seu amigo e seu regozijo O que Freud não diz, em sua penetrante interpreta-por sobreviver a ele, ficando de dono do terreno frente à ção, mas sim Anzieu (1959), Grinstein (1968), Schur fantasia de sua morte, como realmente aconteceu ao mor-

(1972), Julia Grinberg de Ekboir (1976) e Blum (1977) é rer Julius. Schur sustenta que Freud presta atenção ao que Freud teve um irmãozinho que se chamou Julius. Essa material infantil em sua interpretação não apenas por seus criança nasceu no final de 1857 e morreu em 15 de abril interesses teóricos do momento, mas também para eludir de 1858, quando Sigmund estava para completar dois anos o conflito atual com Fliess. Schur afirma: “O trabalho do (em 6 de maio).

sonho pode operar geneticamente em duas direções – do A partir desse fato, esclarecem-se alguns enigmas do presente ao passado e vice-versa” (1972, p. 167).

sonho e certos dados biográficos de Freud, assim como Seguindo essa linha de pensamento, quero sugerir também o alcance das reconstruções pré-edípicas, que é o que o conflito infantil de Freud com John e Pauline serve, que nos interessa neste momento.

por sua vez, para evitar o conflito precoce com Julius, em-

É singular que nas cartas heróicas do verão de 1897

pregando esses termos da forma que propus no começo (isto é, um ano antes do sonho “Non vixit”), quando Freud deste capítulo.

comunica a Fliess a descoberta do complexo de Édipo, Nesse ponto, creio que se confirma uma das teses de fala de Julius, John e Pauline; porém, um ano depois Julius meu trabalho de Helsinque, aqui

reproduzido, a de que o fica esquecido por completo e para sempre. Na Carta 70, conflito precoce e o conflito infantil aparecem unidos em de 3 de outubro de 1897, Freud lembra-se de seu irmão e uma mesma estrutura e que aquele pode ser recuperado de seus sobrinhos, sem nomeá-los nesses termos: "... que na transferência.

depois (entre os dois anos e os dois anos e meio) desper-Quando Harold Blum (1977) retoma esse tema em tou minha libido para matrem, e isso por ocasião de via-um trabalho excelente, "The prototype of preoedipal jar com ela de Leipzig a Viena, em cuja viagem pernoita-reconstruction", explica o conflito pré-edípico de Freud com mos juntos, e devo ter tido oportunidade de vê-la nudam a perspectiva do período de reaproximação de Margaret (há tempo extraíste a consequência disso para teu filho, Mahler (1967, 1972a, 1972b), a terceira subfase da etapa como me deixou transparecer uma observação tua); que de separação e individuação, que ocorre entre os 18 e os recebi meu irmão varão um ano mais moço que eu (e 24 meses. Sigmund passou por essa etapa justamente nos morto de poucos meses) com maus desejos e genuínos meses em que Julius viveu. Desse modo, a partir dos ins-ciúmes infantis e que, desde a sua morte, ficou em mim o trumentos teóricos da psicologia do ego, pode-se explicar germe para algumas recriminações. De meu companhei-não só o desenvolvimento precoce, como também os fenô-

ro de travessuras, quando eu tinha entre um e dois anos, menos transferenciais que correspondem a essa época. O

há muito que tenho notícia: é um sobrinho um ano mais próprio Freud reconheceu mais de uma vez e o fez preci-velho que eu, que agora vive em Manchester e que nos samente em seus comentários desse sonho, que todos os visitou em Viena quando eu tinha 14 anos. Parece que, seus conflitos adultos com seus pares sempre estiveram em certas ocasiões, ambos tratávamos cruelmente minha vinculados a seu sobrinho John (e podemos acrescentar, sobrinha, um ano mais moça que eu. Pois bem, esse so-agora, a seu irmão Julius). O trabalho de Blum estuda pe-brinho e esse meu irmão, mais moço, comandam o neu-netrantemente os sentimentos da criança nessa difícil etarótico, mas também o intenso em todas as minhas amiza-pa do desenvolvimento e sublinha a importância crucial des. Tu mesmo viste em flor minha angústia para viajar"

da relação da criança com a mãe, e mais ainda no caso (AE, v.1, p. 303-304).

especial de Freud, com uma mãe que está passando pelo

luto por seu filho Julius, enquanto espera Anna, que nasce Se, como disse há pouco, seguindo o fio do pensa-em dezembro de 1858.

mento de Schur, a reconstrução do desenvolvimento in-Ao destacar o valor demonstrativo desse sonho, Blum fantil com John e Pauline serve para recalcar o desenvolvi-afirma que a reconstrução dos estados pré-edípicos é pos-mento precoce de Freud, em que o conflito de ciúmes com sível e o atribui ao gênio de Freud. Nesse ponto, porém, Julius (e pouco depois com Anna) ocupa um lugar princi-creio que Blum outorga a Freud méritos que, a rigor, corpal, então se pode supor validamente que a teoria do com-respondem a Melanie Klein: foi ela que insistiu denodada-plexo de Édipo de Freud sofre por essas razões e disso mente no fato de que o complexo de Édipo inicia muito decorre que peque por uma certa rigidez. Se não fosse por antes do que diz a teoria clássica, sem nunca ser escutada essas dificuldades pessoais, é provável que o criador não pelo criador, e foi ela também que antedatou drasticamente tivesse precisado recorrer à sua complicada teoria do après as origens do superego, assinalando o imenso sentimento coup, para explicar a cena primária do “Homem dos Lo-de culpa da criança pequena por seus ataques sádicos ao bos”, aos 18 meses.

corpo da mãe e seus conteúdos, bebês, pênis e fezes. É

Enfim, o sonho “Non vixit” apóia também, surpreen-realmente surpreendente notar, por outro lado, que a des-dentamente, a teoria de Meltzer (1968) sobre o terror que coberta do complexo de Édipo de Freud por Freud corres-produzem os bebês mortos na realidade psíquica, que rea-ponde estritamente ao Édipo precoce de Melanie Klein!

parecem como revenants, como fantasmas.

220 R. HORACIO ETCHEGOYEN

29

Metapsicologia da Interpretação

De acordo com a mais clássica definição psicanalíques da paciente (AE, v.12, p. 142). A própria mãe havia ca, a interpretação é o instrumento para tornar consciente surpreendido a cena, que se desenvolveu nos anos imedia-o inconsciente, o que, por outro lado, coincide com a teo-tos à puberdade e foi completamente esquecida

pela paria da cura. Apesar de que, em princípio, preferimos deficiente. Quando Freud repetia o relato da mãe à moça, o nir a interpretação sem nos basearmos na teoria do inque obtinha não era que esta recordasse, e sim que caísse consciente, para que conveniesse a todas as escolas de em um novo ataque histérico, até o ponto em que termi-
psicoterapia maior, não duvidamos nem por um momento nou em um quadro de amência e perda total da memória.

de que a concisa fórmula freudiana é inobjável.

E aqui Freud acrescenta: “Foi preciso então retirar ao sa-A interpretação, pois, busca tornar consciente o inber, como tal, o significado que se pretendia para ele e pôr consciente; porém, quando aceitamos essa formulação, o acento sobre as resistências que, em seu tempo, tinham coloca-se o problema de ver em que sentido usamos a pa-sido a causa do não saber e agora estavam dispostas para lavra inconsciente. Porque o inconsciente tem diversas protegê-lo. O saber consciente era, sem dúvida, impotente acepções, que andam no compasso da metapsicologia, e contra essas resistências, embora isso não fosse expulso amplia seu alcance de acordo com os pontos de vista da de novo” (ibid.).

metapsicologia.

Nos escritos técnicos, Freud insiste em que o tratamento deve procurar a expressão do recalado, através da superação da resistência e assinala diversas vezes que a TÓPICA E DINÂMICA DA INTERPRETAÇÃO

análise deve partir sempre da superfície psíquica. Assim, por exemplo, em “O uso da interpretação dos sonhos na A terapia catártica, que buscava ampliar a consciên-psicanálise” (1911e), diz que a interpretação dos sonhos cia via sonho hipnótico, está marcada fundamentalmente deve subordinar-se às normas gerais do método, porque pelo ponto de vista tópico (ou topográfico) daquilo que

“para o tratamento é do máximo valor tomar notícia, cada depois vai ser a metapsicologia, embora Breuer e Freud vez, da superfície psíquica do paciente e manter-se orien-tenham notado, desde o primeiro momento, que a descartado para os complexos e as resistências que, no momen-ga de afeto (isto é, o econômico) era fundamental para a to, possam mover-se em seu interior, e para a eventual obtenção dos resultados buscados.

reação consciente que guiará seu comportamento frente a Ao

abandonar o método catártico e descobrir o con-isso” (AE, v.12, p. 88). Essa meta terapêutica, sentença flutuante dinâmica das forças inconscientes, Freud pôde com-Freud, nunca deve ceder seu lugar ao interesse pela inter-preender que a passagem topográfica de um sistema a outro pretensão onírica.

não é suficiente para obter resultados, e assim surgiu o ponto de vista dinâmico, que leva em conta a ação da resistência. Esse passo, que é por certo fundamental, é O PONTO DE VISTA ECONÔMICO

explicitado por Freud em “Sobre o início do tratamento”

(1913c). Recorda que, nos primeiros tempos da técnica Na segunda metade da década de 20, o Seminário de analítica, era guiado por uma atitude mental intelectualista, Técnica Psicanalítica que Wilhelm Reich ditava em Viena que o fazia crer muito importante que o paciente alcançasse uma revisão que logo haveria de se cristalizar em fatos o conhecimento do que tinha esquecido por recal-mudanças significativas. Essa grande abertura deu-se com cimento. Os resultados obtidos dessa maneira eram como chave do fator energético, isto é, o ponto de vista econômico-

pletamente desalentadores. Isto é, ao transmitir ao paciente mico, que integrava o tripé metapsicológico da primeira-notícia dos traumas infantis obtidos pela anamnese dos fatos de 1915.

familiares, a situação não mudava, e o paciente conduzia-A investigação de Reich apoiava-se, sem dúvida, nos seus conhecimentos de Freud, sem saber nada de novo. Freud relata o inúmeros e importantes trabalhos que, por essa época, caso de uma moça histérica, cuja mãe revelou-lhe que haviam escrito Abraham, Jones e Ferenczi sobre a característica homossexual, sem dúvida determinante da caracterologia psicanalítica, em especial a de Abraham, intitulada

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 221

“Uma forma particular de resistência neurótica contra a transferência negativa latente conduz a prestar a método psicanalítico” (1919a).¹ Concordo com Robert máxima atenção à primeira resistência transferencial. Ela é Fliess (1948), que, ao apresentar os trabalhos de Reich e observada, às vezes diretamente, quando o paciente afirma após recordar as contribuições de Freud à caracterologia mas que não lhe ocorre de que falar, como dizia Freud em psicanalítica, sublinha que as premissas em que Reich ba-

“Sobre o início do tratamento” (AE, v.12, p. 138); outras seará sua

análise do caráter estão contidas no trabalho de vezes não aparece manifestamente, mas pode ser detectada-1919, recém-citado (Fliess, 1948, p. 104-5).

da pela forma como o paciente desenvolve sua relação com Há pacientes, diz Abraham, que não cumprem a re-o analista.

gra fundamental, nem tampouco as outras normas do en-Mesmo por motivos reais, não-neuróticos, é lógico quadro, até o ponto em que não parecem entender que que o paciente tenha, no começo, desconfiança e dificul-vieram ao tratamento para se curar. Esse recalcitrante dade para se entregar à tarefa da análise; e essa atitude, descumprimento transforma-se na chave de acesso a es-até certo ponto racional, transforma-se em resistência, a ses casos, em que se descobrem marcados traços carac-menos que o tratamento comece a comover o equilíbrio terológicos vinculados à rebeldia, à inveja e à onipotên-neurótico. A atitude de confiança e colaboração no início cia. São pacientes que têm uma permanente atitude de de uma análise, conclui ceticamente Reich, é necessária-desobediência e provocação, embora sua resistência ocul-mente convencional. Quando começamos a colocá-la em te-se, às vezes, por trás de uma aparência de boa vontade, muda a nossa visão do período de abertura e tor-de. São particularmente sensíveis a tudo o que possa le-na-se clara a resistência de transferência. (Pensemos, por sar seu amor próprio, ou seja, são narcisistas; isso os leva, exemplo, na atitude de Freud na análise de “Dora”.) por um lado, a se identificar com o analista e, por outro, Disso decorre que a primeira resistência transferencial a desejar superá-lo, com o que perdem de vista o objeti-seja para Reich a chave – já que surge de um conflito real, vo do tratamento. Em seu afã de rivalizar, costumam re-racional, a desconfiança natural que se pode ter frente a correr, entre outras táticas, a uma auto-análise, que tem um estranho – e conduza aos conflitos profundos de que um claro conteúdo de rebeldia masturbatória. Abraham se alimenta essa desconfiança, enquanto o analista define-se termina seu trabalho assinalando que a complacência como uma pessoa que está ali para perturbar o equilíbrio fingida com que esses pacientes encobrem sua resistên-neurótico.

cia torna-os de difícil acesso.

Pode-se dizer, então, que a primeira resistência transferencial sempre assume um caráter de transferência negativa (desconfiança) e, como essa transferência negativa A TRANSFERÊNCIA NEGATIVA LATENTE

em geral não se exterioriza, não se manifesta, Reich diz que a primeira

resistência transferencial configura uma Em junho de 1926, Reich apresentou o primeiro de transferência negativa latente. É a partir dela que se tem uma série de trabalhos fundamentais no Seminário de Vi-acesso à estrutura caracterológica, porque não se dá nos ena. Intitula-se “Sobre a técnica da interpretação e a aná-

conteúdos: na realidade, se se manifestasse nos conteú-

lise da resistência” e apareceu no Internationale Zeitschrift dos, já não seria latente, mas patente. Traduz-se ora em für Psychoanalyse no ano seguinte, sendo o terceiro capí-

uma atitude de obediência e franca colaboração, afável e tulo de Análise do caráter (1933). Reich começa lembrando-confiante, ora em uma atitude formal e cortês, que provando as dificuldades do período de abertura da análise e sa-cam suspeitas e que, entre parênteses, correspondem ao linta que, com frequência, passa-se por alto a transferên-caráter histérico e ao caráter obsessivo, respectivamente.

cia negativa oculta por trás das atitudes positivas conven- Essas duas atitudes, e outras que podem apresentar-se, são cionais e, desse modo, chega-se quase que invariavelmente sempre acompanhadas de algo que as denuncia, que é a te a uma situação caótica, em que o paciente oferece ma-falta de afeto, a falta de autenticidade.

terial de distintos estratos e gira em um círculo vicioso.2

Desse modo, Reich descreve e descobre as resistências A transferência negativa latente é a chave desse trado analisando que não se expressam de forma direta e ime-balho de Reich. Apresenta-se com frequência e com fre-diata, as quais se encobrem com uma atitude de coopera-qüência é passada por alto. A transferência negativa, la-

ção convencional, por trás da qual espreita a temida trans-tente ou manifesta, em geral não é analisada, afirma Reich.

ferência negativa latente. Nos pacientes excessivamente Outro ponto de vista que Reich introduz nesse artigo afáveis, obedientes e confiantes (que passam por bons paci-

é que devem ser evitadas, no começo, as interpretações entes), assim como nos convencionais, nos corretos e nos profundas, em particular as simbólicas, e chega até a dizer que apresentam bloqueio afetivo ou despersonalização, é que às vezes é necessário suprimir o material profundo de se presumir a transferência negativa latente.

que aparece cedo demais (1933, p. 38).

Para descobrir a primeira resistência transferencial, Reich fixa-se, portanto, no comportamento do paciente, e isso o levará rapidamente a uma teoria geral do caráter.

1 Voltaremos a esse trabalho ao falar da reação terapêutica negativa.

Ao analisar essas formas da transferência negativa la-2 Lembremos que Abraham havia insistido muito na máscara tente, Reich verifica que são, na verdade, muito complicada-de complacência dos pacientes que descreve.

das, descobre que cada uma dessas defesas tem diversos

222 R. HORACIO ETCHEGOYEN

estratos e que justamente a análise sistemática da resis-vista econômico pode ser definido, em princípio, como a tência permite um acesso ordenado a esses estratos, com ordem com que se deve analisar a resistência.³

o que se evita a situação caótica. Porque não se deve es-O ponto de partida de Reich é que o analisando não quecer que a reflexão de Reich parte da situação caótica, se mostra acessível inicialmente e que de fato não cumpre fato concreto e ominoso da práxis de sua época (e às vezes a regra fundamental. Ou seja, o que Abraham havia obser-da nossa). Se não respeitarmos a estratificação da defesa, vado em casos particulares (e muito notórios), Reich pen-produziremos algo como um cataclisma, teremos uma zona sa, com razão, que está presente em todos os casos em de fratura, de falha, falando em termos geológicos.

maior ou menor grau.

Portanto, Reich muda nesse trabalho o conceito de Pois bem, há dois métodos para que o paciente cum-superfície psíquica, já que para ele compreende não só os pra a regra fundamental: o método pedagógico de lhe en-conteúdos mais próximos da consciência, mas também a sinar em que consiste a associação livre e estimulá-lo para forma como esses conteúdos oferecem-se.

que a pratique e o método analítico, que consiste em inter-Para não passar por alto a transferência negativa la-pretar o descumprimento da regra fundamental como se tente, Reich propõe regras estritas ao interpretar. Para co-fosse um sintoma (e assim é). Se aplicarmos o segundo meçar, deve-se partir sempre da análise da resistência e,

método, como propõe Reich, o que Abraham já havia su-em especial, da resistência transferencial; contudo, além gerido quase 10 anos antes, chega-se de imediato, inespere-disso, deve-se ter uma tática na tarefa interpretativa, a radamente, à análise do caráter. Porque o cumprimento qual deve ser ordenada, sistemática e conseqüente.

da regra fundamental está relacionado com o caráter, algo A interpretação deve ser ordenada porque não deve que Abraham salienta claramente no trabalho já citado e, saltar estratos ou queimar etapas; não deve começar ape-de certo modo, também Freud na conferência para o Colé-

nas pela superfície psíquica, como tantas vezes disse Freud; gio Médico de Viena de 1904.4

deve também atender os estratos que se organizam de acor-Diferentemente do sintoma, o traço de caráter é sin-do com a evolução da neurose. Se em uma histérica apare-tônico, graças ao fato de estar fortemente racionalizado, e ceu primeiro a sedução frente ao pai, para recalcar (como põe-se a serviço de ligar a angústia flutuante com aquilo Dora) a homossexualidade frente à mãe, seria um erro que Reich chama de couraça carátero-muscular, a expres-interpretar esta antes que aquela. Reich chama isso de uma são da defesa narcisista.

interpretação ordenada do material.

É no nível das estruturas caracterológicas que Reich Não basta ser ordenado com a interpretação: deve-pensa que estão congelados os conflitos, e aqui a palavra se, também, ser sistemático, persistir na ordem. Para Reich congelado expressa plasticamente o fator econômico. Por-ser sistemático é não se afastar de um estrato antes de tê-

que a energia do conflito ficou ligada à estrutura do cará-

lo resolvido.

ter e nossa tarefa principal será, então, liberá-la. Enquan-Reich considera, por fim, que a tarefa interpretativa to não conseguirmos mobilizar essa energia, as coisas con-deve ser conseqüente, porquanto devemos voltar ao ponto tinuarão iguais, por mais que o paciente adquira um co-de partida diante de cada dificuldade e não saltar etapas.

nhecimento (ponto de vista topográfico) e capte o conflito O que Reich quer dizer é que, em geral, quando o paciente (ponto de vista

dinâmico), já que lhe faltará o motor para enfrentar um novo conflito, recorre a suas velhas técnicas a mudança, os impulsos libidinais absorvidos na estrutura defensiva, e a essas deve remeter-se, em primeiro lugar, o do caráter.

analista. É certo que, se procedemos conseqüentemente, a Em resumo, o que até esse momento era para Reich duração da análise da resistência será dessa vez mais bre-o estudo da resistência e seus estratos, agora se transfor-ve; porém o que importa a Reich é que somente por esse ma em uma situação mais complexa e mais rica, a análise caminho chegaremos ao conflito que realmente queríamos do caráter. Pode-se concluir, então, que a dificuldade para alcançar.

associar livremente traduz originalmente a estrutura do caráter: o que antes se chamou de análise ordenada, sistemática e conseqüente da estratificação defensiva chama-A RESISTÊNCIA CARACTEROLÓGICA

se agora de análise do caráter. A partir desse momento, Reich distingue dois tipos de resistências: as resistências O X Congresso Internacional foi realizado na bela correntes ou comuns e as resistências que operam conti-Innsbruck em 1927. Nesse congresso, Reich apresentou um novo trabalho, intitulado “Sobre a técnica da análise do caráter” e publicado no Internationale Zeitschrift do ano seguinte, o qual constitui o quarto capítulo de seu livro.

3 Como procuro mostrar mais adiante, Reich não deixa de lado o Nesse artigo, Reich desenvolve lucidamente a meta-ponto de vista estrutural, próprio da segunda tópica.

4

psicologia da interpretação. Destaca a importância do ponto Vale a pena destacar, nesse ponto, que a alternativa entre métodos analíticos ou métodos pedagógicos, para realizar a tarefa de vista tópico, com seus estratos inconsciente, pré-cons-analítica, que Reich propõe no Congresso de Innsbruck, havia ciente e consciente; em seguida, o ponto de vista dinâmi-sido discutida nos mesmos termos, se bem que com maior co, que consiste em analisar primeiro a resistência para passionalismo, no Simpósio sobre análise infantil, de 4 a 18 de depois chegar ao conteúdo; e, por fim, o ponto de vista maio daquele mesmo ano (International Journal, v.8, 1927), em econômico, que é o centro de sua reflexão. O ponto de que Melanie Klein foi a voz dominante.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 223

nuamente e diante de todos os conflitos, que são as resis-Para Reich, o

conjunto dos traços de caráter forma a tências caracterológicas.

armadura caracterológica ou carátero-muscular, que opera Deve-se levar em conta que, nessa época, já alguns como a principal defesa na análise. Essa armadura tem uma autores, como Glover e Alexander, apoiados no escrito de função econômica definida, pois serve para dominar tanto os Freud de 1916, “Alguns tipos de caráter elucidados pelo estímulos externos quanto os internos ou instintivos. Freud trabalho psicanalítico”, haviam distinguido dois tipos de demonstrou que os sintomas ligam a angústia livre; Reich neurose: sintomáticas e assintomáticas ou caracterológicas.

aplica o mesmo conceito ao traço de caráter, que, no fim das Reich dirá agora, e com razão, que a neurose de ca-contas, é um sintoma. A couraça carátero-muscular estabeleráter é prévia à neurose sintomática e que o sintoma é ce um certo equilíbrio, que o sujeito mantém por razões nar- apenas uma eflorescência da estrutura de caráter, assenta-cisistas e do qual deriva a resistência transferencial.

se sempre no caráter. Que diferença haverá, então, entre Dada a persistência e a a complexidade da resistên-analisar um sintoma e um traço de caráter? Ou, em outras cia caracterológica, Reich insiste sempre na importância palavras, o que distingue uma resistência qualquer e uma da ordem ao interpretar e em como selecionar o material, resistência caracterológica? A diferença fundamental, afir-centrando a tarefa nos múltiplos significados transferen-ma Reich, é que o traço de caráter tem uma estrutura muito ciais das resistências de caráter. Enquanto persistem as re-mais complexa. Originariamente, foi um sintoma o que se sistências caracterológicas, as interpretações profundas incorporou à estrutura do caráter, através de identifica-devem ser cuidadosamente evitadas. Desse ponto de vis-

ções no ego e de processos de racionalização que o torta, o que Reich chama de seleção do material poderia ser nam sintônico. Esse processo que leva do sintoma ao traço entendido como uma maior atenção ao conflito na trans-de caráter implica uma maior complexidade na estrutura ferência, ou o que é o mesmo, da resistência transferencial.

do aparelho psíquico. Se o sintoma está sempre multideterminado, tanto mais estará o traço de caráter.

Este é o enfoque econômico que Reich traz para comAS FALHAS DA TÉCNICA REICHIANA

plementar os outros dois níveis em que um processo deve tornar-se

consciente. Apenas se atendermos a esses três A atitude com que Reich analisa o traço de caráter é fatores, a interpretação poderá ser um arma eficaz para estritamente analítica. Despojada de qualquer tentativa de promover as mudanças estruturais pretendidas pela educar ou conduzir o paciente, tenta chegar às raízes in-análise.

fantis do traço de caráter a partir de seu significado no conflito atual. No entanto, a estrita divisão entre interpretações de forma (caráter) e de conteúdo provoca dificul-OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE REICH

dades teóricas e técnicas importantes. Reich chega a dizer que, caso o material “profundo” insista em aparecer, será A tese principal da técnica interpretativa reichiana legítimo desviar a atenção do paciente – e aqui é o ponto baseia-se em dois suportes teóricos: a estase libidinal e a no qual, a meu ver, afasta-se do sadio método analítico teoria do caráter. O conceito de estase libidinal pertence que ele mesmo defendeu com inteligência.

inteiramente à teoria da libido em termos de um processo As falhas da técnica de Reich também surgem mais evolutivo que, através das conhecidas etapas, deve condu-clarmente em sua forma de atacar as defesas caracteroló-

zir à primazia genital, em que a sexualidade pré-genital gicas que se cristalizaram na couraça narcisista ou carátero-fica finalmente subordinada à consecução do orgasmo. A muscular. Assim, por exemplo, frente a um paciente com teoria do caráter de Reich sustenta que cada traço de cará-

pronunciado bloqueio afetivo, Reich confronta-o continuater é o herdeiro de uma situação de conflito na infância. O

mente, durante meses, com esse traço de caráter, até que desenlace da neurose infantil é a constituição de uma fo-o paciente chega a se sentir irritado e, nesse ponto, Reich bia durante a etapa do complexo de Édipo e, a partir dis-acredita que a situação começa a se modificar. Contudo, a so, o ego procura transformar essa fobia em traços egos-agressão do paciente está mais vinculada a um artefato da sintônicos que configuram o caráter. Essa teoria do cará-

técnica do que a uma modificação da resistência. Reich ter implica que os sintomas da neurose do adulto são con-reconhece isso, sem se dar conta, quando diz que a análise seqüência do caráter neurótico e surgem quando a arma-consistente da resistência sempre provoca uma atitude ne-dura caracterológica começa a se quebrar. Apoiado nos

gativa em relação ao analista. Também tem algo (ou mui-recém-citados trabalhos de Glover (1926) e Alexander to) de artefato a indignação narcisista do paciente frente (1923, 1927), Reich sustenta, então, que a neurose sinto-

à persistente interpretação da forma como fala, de sua lin-mática é simplesmente uma neurose de caráter que pro-guagem afetada ou amaneirada, do uso de termos técni-duziu sintomas.

cos para ocultar seus sentimentos de inferioridade frente A análise do caráter requer, por conseguinte, mais ao analista, etc. Atualmente, sabemos com segurança que habilidade e persistência que a análise dos sintomas. O

atitudes como essas, vinculadas sempre a situações de con-que se busca é isolar o traço de caráter, para que se torne flito profundo, não podem ser resolvidas a não ser com egodistônico e, para isso, é necessário enlaçá-lo de todas interpretações que alcancem esse nível.

as formas possíveis com o material do paciente e com sua Apesar de as objeções que acabo de fazer a Reich história infantil.

quanto aos artifícios de seu procedimento, elas são, em

224 R. HORACIO ETCHEGOYEN

meu entender, bem fundadas, uma vez que deixam intacto com a de hipnotizado e hipnotizador – só cria uma transfe-seu mérito de ter ampliado o alcance da interpretação com rência positiva artificial, fictícia e perigosa para a continui-base em uma teoria metapsicológica consistente e dura-dade da análise. Quando se estabelece esse tipo de transfe-doura, ao mesmo tempo denunciam como não-analítica a rência hipnóide, o que se deve fazer, afirma Reich, é desmas-técnica de utilizar a sugestão, que é sempre um aspecto da cará-la como resistência e eliminá-la o quanto antes.

transferência positiva, para vencer as resistências. Creio A continuidade do tratamento descrita por Nunberg que, nesse ponto, Reich retifica e também supera Freud.

mostra até que ponto esse autor acredita que a solução do conflito é obtida por meio de um reforçamento da transferência positiva – e, além disso, acrescentemos, narcisista.

O USO DA TRANSFERÊNCIA POSITIVA

À medida que o trabalho progride, diz Nunberg, o conflito PARA VENCER A RESISTÊNCIA

interno transforma-se em um conflito transferencial e o paciente adota uma atitude passiva, deixando para o analista a obra de Reich adquire sua mais alta significação, já toda a carga da análise. Assim, chega-se ao ponto culminante-dissemos, quando denuncia o uso da transferência positi-te, porque a análise corre o perigo de fracassar e o analista vai para vencer a resistência.

começa a se desinteressar pelo caso. É para recobrar o amor No Capítulo II da Análise do caráter (1933), “O ponto do analista que o paciente volta a tomar parte ativa no trabalho de vista econômico da terapia analítica”, Reich dá uma lição analítica. Reich critica energicamente essa visão do trabalho muito clara de sua técnica, que considera um desequilíbrio analítico. Em total coincidência com Reich e à luz dos desenvolvimentos lógicos do método freudiano da análise da reconhecimentos atuais, não vacilo em afirmar que a teoria da resistência. O que Reich acrescenta é a análise do caráter tratamento de Nunberg assenta-se em uma avaliação errô-

como resistência, que implica passar da análise dos sintomas do conflito de transferência/contratransferência, que mas à análise da personalidade total.

deixa intactos os aspectos psicóticos da personalidade.

O ponto de vista econômico proposto por Reich pressupõe incorporar à técnica o fator quantitativo, a quantidade de libido que deve ser descarregada, e esse fator está CONTRIBUIÇÕES DE FENICHEL

relacionado com a economia libidinal e com o conceito de impotência orgástica, que elimina, em última instância, a Em um artigo que apareceu no Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse (ou de estase) como núcleo somático da de 1935, Fenichel realiza um estudo crítico das contribuições da psiconeurose.

ções de Reich, a partir de um comentário ao trabalho de Esse objetivo não pode ser alcançado, afirma Reich, Kaiser, publicado na mesma revista um ano antes.⁵

mediante a educação, a “síntese” ou a sugestão, mas ex-Fenichel expressa em seu escrito como também em conclusivamente resolvendo as inibições sexuais ligadas ao seu livro de técnica, que aparece seis anos depois, seu caráter.

acordos e seus desacordos com Reich e, digamos desde já, No final do capítulo, Reich expõe suas divergências que se trata mais do seus acordos que seus desacordos.

com Nunberg, cujo livro *Principles of psychoanalysis* havia É necessário assinalar que Fenichel declara-se de iní-

sido publicado um ano antes, em 1932. Embora Reich com-cio a favor da existência de uma teoria da técnica psicanalí-

partilhe com Nunberg a idéia de que as mudanças que a tica e combate as concepções de Reik (1924, 1933) que, análise promove devem ser explicadas nos termos da teo-como sabemos, opõem-se a qualquer tipo de sistematização ria estrutural, difere radicalmente quanto à atividade do da técnica, reivindicando o valor da intuição e da surpresa.

analista e ao uso da transferência positiva para obter essas Fenichel toma, pois, partido a favor de Reich, susten-mudanças.

tando que Reik confunde a natureza irracional do inconsA posição de Nunberg é exposta no Capítulo XII de ciente com a técnica para conhecê-lo. Se o analista só pode seu livro, que trata dos princípios teóricos da terapia analí-

operar com sua intuição, que é por definição irracional, tica. O analista deve mobilizar a transferência positiva con-então sua técnica não pode ser mais que uma arte, mas tra as resistências. Isto é algo que Freud sempre assinalou, nunca uma ciência.

por isso creio que as idéias de Reich questionam não apenas Fenichel considera que o mérito de Reich foi preve-Nunberg, mas também o próprio criador da psicanálise.

nir-nos contra essa atitude meramente intuitiva, basean-Reich tem mais mérito do que ele mesmo supõe.

do-se em princípios metapsicológicos e especialmente eco-Para mobilizar as resistências, Nunberg considera que nômicos. Do ponto de vista dinâmico, Fenichel pensa, como o analista deve infiltrar-se no ego do paciente e destruí-las Reich, que a interpretação sempre se inicia no que está na a partir dessa posição, conseguindo assim, finalmente, re-superfície psíquica:6 as atitudes defensivas do ego sempre conciliar o id com o ego.

Reich critica essa postura, destacando, com razão, que 5

no começo do tratamento nunca existe uma autêntica trans-O trabalho de Fenichel apareceu em inglês, "Concerning the theory of psycho-analytical technique", em seus Collected papers, ferência positiva e que, ao contrário, é somente através da primeira série, Capítulo 30, e em Psychoanalytic clinical interanálise da transferência negativa e das defesas narcisistas pretation, p. 42-64.

que se pode alcançar uma verdadeira transferência positi-6 Fenichel critica de passagem a técnica de Melanie Klein (1932), va. A relação que Nunberg pretende – e que ele compara que busca um contato direto com o inconsciente.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 225

são mais superficiais do que as pulsões instintivas do id.

Fenichel marca outros dois desacordos quanto à téc-Nisso repousa a fórmula freudiana de que a interpretação nica da análise do caráter. Em primeiro lugar, questiona a da resistência tem de vir sempre antes da interpretação do dosagem do ataque à armadura caracterológica, que às conteúdo, isto é, o ponto de vista dinâmico-estrutural.

vezes pode ser muito violento. A interpretação consistente Fenichel está de acordo com as idéias de Reich sobre as dos traços de caráter fere o narcisismo do paciente, mais resistências caracterológicas e o ponto de vista econômico qualquer outra medida técnica.

Concordamos nisso co. Conclui que os princípios de Reich em nada se afastam com Fenichel e já denunciemos essa atitude como um ardos postulados freudianos, mas também lhes reconhece tefato da técnica reichiana. O manejo da couraça carac-originalidade e pensa que são renovadores, por serem mais terológica é agressivo e as palavras que Reich utiliza são sistemáticos e consistentes do que as regras, mais gerais, por si mesmas significativas: ataque, dissolução, liquida-propostas pelo mestre.

ção, etc.

Fenichel expressa também diferenças teóricas e téc-A outra objeção de Fenichel vai ao coração do méto-nicas em relação a Reich. Em primeiro lugar, não está de do de Reich, quando afirma que a análise da armadura acordo com a idéia de estratificação do material, que lhe caracterológica pode transformar-se, por sua vez, em uma soa um tanto esquemática, porque não atende aos deta-resistência. Isto depende da forma como o paciente pode lhes. O material é ordenado apenas de forma relativa, e vivê-la. Por exemplo, se o paciente sente

que o analista nem sempre a situação caótica é produto de uma técnica está tentando romper sua organização narcisista em ter-inconsistente e errática: há também situações caóticas esmos muito concretos, pode-se configurar uma fantasia sá-

pontâneas, simplesmente porque os estratos psicológicos dico-anal perversa na transferência. Lembro-me de uma se romperam.⁷ Fenichel expressa seu desacordo retoman-particularidade de minha própria análise com Racker, quando o modelo geológico dos estratos. Todos sabem, mesmo do eu lhe exigia (sic) que ele interpretasse minhas resis-sem ser geólogos, que a crosta terrestre estruturou-se atratências caracterológicas. Racker interpretou, é claro, meu vés de sedimentos que foram depositando-se em camadas desejo de controlá-lo onipotentemente e de me colocar e sabem, também, que às vezes essa disposição fica altera-em seu lugar, identificado com Reich. Fenichel também da por movimentos tectônicos, cataclismas que sacodem a fornece alguns exemplos nos quais a análise da defesa estrutura. De modo que a confiança de Reich em que as caracterológica fica incluída nas manobras defensivas do camadas da personalidade, que foram organizando-se du-analisando, que pretende controlar o analista e inclusive rante o desenvolvimento, têm de aparecer uma por uma é induzi-lo a atitudes perversas ou psicopáticas.

demasiadamente otimista. Um acontecimento posterior ou Um desenvolvimento singular e extremo da análise um trauma pode modificar os estratos. Reich poderia res-do caráter encontra-se no estudo de Kaiser (1934), que ponder, por sua vez, que esses cataclismas não poderiam Fenichel discute no trabalho que estamos comentando. O

ser estudados a não ser a partir daquilo que ficou e o psi-raciocínio de Kaiser é lógico e simples (e também simplista).

canalista, não menos que o geólogo, terá de buscar os desO trabalho do analista é remover as resistências, diz Freud; truídos estratos sedimentares em meio às perturbações portanto, não devemos fazer outra coisa senão interpretar tectônicas.

as resistências. Se a interpretação da resistência é correta, Fenichel também crítica a excessiva seleção do mate-o recalcado aparecerá espontaneamente, sem a necessida-rial, que Reich propõe, ainda que seja pelo fato de que de de que o chamemos, isto é, de que o convoquemos e o pode ser que o material subsequente demonstre que o dei-designemos. Se não ocorrer assim é porque a interpreta-xado de lado acabou sendo, no final, o mais pertinente.⁸

ção falhou e teremos de completá-la ou corrigi-la. Sem Se os sonhos podem conduzir-nos a interpretações negar que em determinadas circunstâncias uma interpretação de conteúdo, não atendendo à defesa caracterológica, é uma interpretação de conteúdo pode também eliminar recalques, Kaiser melhor ignorá-los. Há efetivamente situações, responde acredita que, do ponto de vista teórico, tal fato só pode ser Fenichel, em que a interpretação do conteúdo dos sonhos explicado por um efeito colateral, à medida que uma interpretação contra-indicada, porquanto o próprio fato de interpretação desse tipo pode chamar a atenção do paciente para o sonho tem um significado especial para o paciente sobre suas resistências e pode corrigi-las. Kaiser não aceita; porém, se não é este o caso, não há nada que possa fazer, por certo, que uma hipótese antecipatória possa ser operá-la mais a compreensão do paciente, inclusive de suas resistências, no sentido que certa vez Freud referiu, ou seja, que defesas caracterológicas, do que o estudo atento e cuidadoso de seu mesmo efeito que a indicação que o professor deu de seus sonhos.

de histologia dá ao estudante que vai ver o preparado no microscópio. Um impulso recalcado, objetiva Kaiser, não está no sistema Pré e, por isso, nenhuma indicação pode ajudar o sujeito na busca de algo que não está situado no E. Muitos anos depois, Bion (1957) daria sustentação teórica a hipótese que lhe é acessível. Essa hipótese extrema pressupõe essa opinião ao estudar a parte psicótica da personalidade e o que o sistema Pré é impermeável e que de nenhuma maneira ataca ao aparelho de pensar.

neira temos acesso ao impulso: a única coisa que podemos fazer com esses problemas, que não são solucionados com a técnica de fazer é deixar que apareça quando as condições dinâmicas Reich, são as que Klein está simultaneamente procurando resolver o permitirem. Fenichel rejeita esse argumento, assina com suas hipóteses de ponto de urgência e interpretação proferindo que as interpretações de conteúdo não designam o fundo, conforme se expõe no Capítulo 31.

226 R. HORACIO ETCHEGOYEN

impulso inconsciente, mas seu derivado pré-consciente.

secundário ou recalque propriamente dito. No Freud (1915e) ensinou-nos que o impulso inconsciente recalque primário (Verdrängung, Urverdrängung), a produz formas substitutivas, utilizando hipóteses pré-conscientes de representação ideativa do instinto não pode entrar na consciência às quais se associa para assim emergir na consciência por contracarga; no recalque secundário não. A defesa do ego opera contra os derivados (rebotes) (Nachdrängung,

Nachverdrängung), o ego opera por contrado recalcado, e o destino dos derivados varia conforme o carga e por subtração.

interjogo dinâmico-econômico da força em cada momento: às vezes, chegarão à consciência; em outras, serão novamente recalcados. Por isso, Fenichel diz que o tratamen-O CARÁTER E A TEORIA DA LIBIDO

to analítico pode ser descrito como uma educação do ego para que tolere derivados cada vez menos distorcidos. Não Os trabalhos de Reich vieram demonstrar o valor das se trata, pois, conclui Fenichel, de nunca interpretar o in-idéias de Adler em O caráter neurótico (1912), ao mesmo consciente, porque nem sequer podemos fazer isso: os que tempo que suas limitações, à medida que Adler tentou opor estão a favor de interpretar os conteúdos, entre os quais a teoria do caráter à teoria da libido. Seguindo nesse ponse encontra o próprio Freud, não pretendem chegar às to os estudos de Freud e de seus primeiros discípulos, Reich pulsões recalçadas, mas a seus derivados pré-conscientes.

confirma que o caráter é uma estrutura homeostática e Através de seu trabalho interpretativo, o analista de-teleológica, como queria Adler, mas nem por isso indepen-monstra ao paciente as falhas de seu ego quanto à percep-dente do instinto: é, ao contrário, a partir do controle do ção e ao juízo da realidade, de modo que o ego é clivado instinto que se organiza o caráter. O caráter é finalista, em uma parte observadora e em uma parte vivencial, que como disse Adler, porém constitui-se sobre as bases que aquela começa a considerar irracional. Assim se produz lhe dita a pulsão, e isso é o que Adler nunca pôde aceitar.

uma mudança na dinâmica da defesa, como descreveu No sistema adleriano, a interpretação tem sempre o Sterba (1929, 1934).

objetivo de descobrir a meta final fictícia e desfazer os A contribuição mais importante de Fenichel à teoria

“jeitinhos” que levam à neurose, ao passo que a interpre-da técnica é, talvez, operar com o conceito de derivado e tação em psicanálise pode ser finalista (teleológica) quan-não simplesmente com o de conteúdo. A introdução desse do descobre os recursos homeostáticos no nível do cará-

conceito é de muito valor, visto que contribui para esclare-ter, mas nunca pode deixar de ser causal, ao dirigir-se à cer a diferença entre recalcamto primário e recalcamto pulsão.9

9 Falamos mais definidamente desse tema no Capítulo 26, quando desenvolvemos as idéias de Bernfeld (1932) sobre a interpretação final.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 227

30

A Interpretação e o Ego

A TÉCNICA PSICANALÍTICA EM CRISE

peitas em Abraham e Jones, era um tentativa de assegurar um desenvolvimento mais vivo do processo analítico a No capítulo anterior, estudamos com certo detalhe partir dos instrumentos que nesse momento existiam.

os trabalhos de Reich, que culminam com o surgimento de Análise do caráter em 1933. Teremos de voltar agora a eles para entendê-los como uma resposta à crise em que se A RESPOSTA DE WILHELM REICH

debatia a prática da psicanálise dos anos 20 e que alcança-va as duas grandes metrópoles de então, Viena e Londres, Quando Reich propõe a análise da resistência como já que Berlim havia renunciado a seu magistério depois da prioritária à dos conteúdos, em princípio não faz mais que morte irreparável de Abraham em 1925. Neste capítulo, reafirmar o postulado freudiano de que se deve partir sem-nós nos ocuparemos de Viena, deixando para o próximo pre da superfície psíquica; contudo, em dois pontos vai as contribuições da Sociedade Britânica.

além de Freud. Em primeiro lugar, enfatiza a estrutura do A partir de 1920, os analistas começaram a se depa-caráter. O que para o Freud dos escritos técnicos era su-rar com dificuldades. Sentiam que os princípios assenta-perfície psíquica, e mais tarde será ego, para Reich é cará-

dos nos escritos técnicos da segunda década não basta-ter, não somente ego, mas as formas operativas do ego que vam e buscavam algo novo. Entre as pessoas que estão em configuram o caráter. Em O caráter neurótico (1912), Alfred Viena rodeando Freud antes de que se inicie a sombria Adler serviu-se do caráter para descartar a teoria da libido ascensão de Hitler, muito antes da diáspora forçada pela e propor uma psicologia teleológica. Agora, o caráter rein-ocupação nazista, sobrevém uma diáspora teórica e abrem-tegra-se à teoria

psicanalítica, graças principalmente a se dois caminhos. Alguns acreditam que a crise com a qual Reich, sem se afastar de modo algum da explicação cau-está defrontada a técnica da psicanálise não pode ser resal, pulsional, da teoria da libido.

solvida senão revendo seus postulados, criando novos su- Este é um elemento fundamental, que não está for-portes teóricos e, por conseguinte, outros instrumentos malmente presente em Freud, nem sequer em Ferenczi, psicoterapêuticos. Isto se expressa muito claramente no Abraham e Jones, que fizeram uma teoria do caráter, mas grupo que em 1934 formam Erich Fromm, Harry Stack não uma teoria da defesa caracterológica. Isto corresponde Sullivan e Karen Horney, para fundar a neopsicanálise ou a Reich.

psicanálise culturalista, como também no desenvolvimen- O outro elemento é a sistematização da técnica. Reich to do pensamento de Ludwig Binswanger, que nessa épo-introduz a idéia de que não basta a técnica, deve haver ca cria a análise existencial. Ao contrário, os que conside-também uma estratégia. Essa idéia deriva de outra, pois, ram válida a doutrina básica da psicanálise, ou seja, em assim como o ego foi engendrando uma estratégia defen-

última instância, o complexo de Édipo e a teoria da libi-siva, que se cristaliza no traço de caráter, o analista deve do, sustentam que, para dar conta dos problemas, ape-prover-se de uma estratégia contraposta.

nas se devem rever os princípios da técnica, de maneira Desde seus primeiros trabalhos no Seminário de Vie-a aperfeiçoá-la.

na, Reich defendeu não apenas uma interpretação ordeNa década de 1920, talvez nada expresse melhor esse nada (antes a defesa do que o conteúdo, seguindo o con-momento de crise do que o famoso livro de Ferenczi e selho de Freud), mas também (esta é sua própria contri-Rank, O desenvolvimento da psicanálise, aparecido em buição) que esse tratamento da defesa fosse sistemático e 1923.¹ Ferenczi e Rank declaram-se partidários de uma conseqüente.

técnica que facilite a expressão do afeto. Naquele momento, a alternativa colocava-se entre recordar ou repetir na transferência, de acordo com o ensaio de Freud sobre o PELA INTUIÇÃO E PELA SURPRESA

tema. O livro, que despertou controvérsias e algumas sus-Se deixarmos de lado os que seguem os novos caminhos do culturalismo e da ontoanálise, afastados como de 1 Traduzido para o inglês em 1925.

fato estão da psicanálise e de sua técnica, que é a matéria

228 R. HORACIO ETCHEGOYEN

de nosso estudo, veremos que a outra resposta é dada por chiste, na qual, a partir de um conteúdo manifesto, há uma Theodor Reik, defendendo uma técnica que não fosse sis-regressão estrutural ao processo primário, que trata o matemática e que se deixasse levar pela intuição.

terial através de mecanismos de condensação e deslocamen-As idéias principais de Reik podem ser lidas no relato para que emerja novamente, mas de modo diferente. Esse to que levou ao Congresso de Wiesbaden de 1932 e publi-processo supõe uma liberação energética que produz uma cou no International Journal do ano seguinte, que seu pró-

descarga libidinal. O mesmo ocorre com a técnica psicana-prio autor considera seu primeiro trabalho de técnica após lítica, que é uma tentativa de recolher o material do pacien-20 anos de prática.

te, deixar que se internalize em nós e que depois apareça

“A essência do processo psicanalítico – começa Reik –

novamente para nós como uma interpretação. Quando a consiste em uma série de ‘choques’ que o sujeito experi-comunicarmos ao paciente, teremos dado a ele uma visão menta, ao tomar conhecimento de seus processos incons-de si mesmo que forçosamente deve surpreendê-lo.

cientes, e cujo efeito sente-se muito depois” (Reik, 1933, Reik ainda diz algo mais: também o analista deve p.322). Depois de sublinhar que chama de tomar conheci-deixar-se ganhar pela surpresa, porque só poderá verda-mento um fenômeno estranhamente vivencial, afirma que deiramente operar através da surpresa com que recebe em esse “choque” específico da psicanálise é a surpresa. Para sua própria consciência o processo de elaboração que ocor-Reik, a surpresa consiste no encontro, em um momento ines-reu em seu inconsciente. Compreende-se, assim, que Reik perado ou em uma circunstância inesperada, com um fato alerte contra toda sistematização da técnica.

cuja expectativa tornou-se inconsciente (1933, p.322). A Não há dúvida de que, com sua inteligente e ao mesmo surpresa é sempre a expressão de nossa luta contra algo tempo apaixonada defesa da intuição do analista, Reik opu-que nos é apresentado e que já sabíamos, mas apenas in-nha-se, com todo o direito, à sistematização a

priori do conscientemente. Indo concretamente para a experiência material, à tentativa (frequente naquela época) de intelectua-analítica, seria a luta contra o reconhecimento de uma par-lizar, de resolver os problemas por via puramente racional.

te do ego que certa vez conhecemos, mas que agora é in-Para isso contribuía às vezes Freud, estou convencido, com consciente.

suas representações de espera, Erwartungsvorstellungen.

O insight mais efetivo, diz Reik, é o que contém esse As justas admonições de Reik, entretanto, não impli-elemento de surpresa, e a metapsicologia da interpreta-cam necessariamente que o analista não possa dar priori-

ção repousa nesse fato fundamental.

dade a determinados problemas, que é o que na realidade A interpretação ou a reconstrução do analista não pretendia Reich. Com a perspectiva que dão os 50 anos operam somente do ponto de vista topográfico, tornando que se passaram, os postulados de Reik não me parecem consciente o inconsciente. Há também um deslocamento inconciliáveis com os de seu oponente.

energético como o que Freud estudou no chiste (1905c), À margem da polêmica de Reik e Reich em Viena, que tem a ver com o econômico e, por fim, com um efeito Melanie Klein desenvolvia em Londres sua técnica do jogo, dinâmico, à medida que o insight permite ao analisando que a levaria a novas propostas sobre a interpretação e a apreciar como coincide o que estava recalcado com a reatransferência, das quais nos ocuparemos mais adiante.

lidade material do momento, quando o analista põe em palavras o recalcado.

A surpresa com a qual o analisando recebe uma in-AS IDÉIAS DE ANNA FREUD

terpretação acertada tem algo da vivência mágica ao ver que o esperado aparece efetivamente, da mesma forma A Anna Freud que publica O ego e os mecanismos de com que nos surpreendemos quando, depois de termos defesa, em 1936, já é uma analista madura e uma investi-pensado em um amigo que há muito não vemos, ele nos gadora penetrante, que aprendeu muito com seu pai e com aparece na rua. A interpretação produz surpresa dessa for-seus pacientes, mas também, assim creio, com seus cole-ma, pois é uma mensagem

concreta que traz à consciência gas de Viena, entre eles Reich e Fenichel, e de sua polêmi-do paciente algo com o qual ele estava muito familiariza-ca com Melanie Klein na década anterior.

do: sente que a interpretação coincide com algo que penO antecedente mais imediato às novas contribuições sava, embora não de maneira consciente.

que Anna Freud fará é, para mim, o trabalho de Fenichel Se a interpretação opera dessa forma, deve-se con-

(1935), que apóia e critica Reich, como já vimos.

cluir que toda tentativa de sistematizar a técnica está desO livro é, sem dúvida, herdeiro dos trabalhos em que tinada ao fracasso e, mais ainda, é teoricamente impossí-

Freud, na terceira década do século XX, destaca o ego como vel e radicalmente antianalítica. A associação livre é desti-instância psíquica. Como se sabe, o conceito perfila-se em nada justamente a criar as condições em que o analista Além do princípio de prazer e adquire sua fisionomia estru-promove com sua interpretação esse momento de surpre-tural em O ego e o id, três anos mais tarde. Quando, depois sa, esse momento em que o analisando reconhece algo de outros três anos, Freud retoma o tema em Inibição, sin-com o qual sempre havia estado em contato, mas que nunca toma e angústia, é para nos mostrar que esse ego é, ao aparecia para ele e que agora lhe chega de fora através mesmo tempo, paciente e agente da angústia: padece a das palavras do analista.

angústia traumática e administra a angústia sinal.

Theodor Reik dizia nesse famoso artigo que a inter-Vale a pena destacar aqui que, para Lacan e sua esco-pretação psicanalítica tem muito a ver com a técnica do la, o ego é mais passivo do que “ele” se acredita, que sua

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 229

atividade é um espelhismo e também o são sua adaptação Com base nisso, Hartmann entende que o ego tem e juízo de realidade. Nesse ponto, destacam-se os lúcidos dois tipos de conflito: intersistêmico, com as outras instân-estudos de Guillermo A. Maci em A outra cena do real cias, id e superego; intra-sistêmico, com partes de si mes-

(1979), livro claro e rigoroso.

mo. Para Hartmann, o conflito intra-sistêmico por exceção o ego e os mecanismos de defesa define a tarefa do lince, é, sem dúvida, o que transcorre entre a área de con-analista (e, portanto, a prática da interpretação) estrita-flito e a área livre de conflito; mas não é o único. Há também nos termos da teoria estrutural.

bém conflito intra-sistêmico entre as autonomias primárias

O interesse fundamental de Anna Freud é o ego, seu real e secundário. A clivagem defensiva do ego, que Freud funcionamento, seu modo de operar frente à angústia.

(1940e) estudou a partir do fetichismo (1927e), e a disso-Seguindo o esquema das três sujeições do ego, no último estágio terapêutico do ego, de Sterba (1934), são também capítulo de O ego e o id (1923b), Anna Freud distingue conflitos intra-sistêmicos.

três tipos de angústia: neurótica (instintiva), real (objetiva-Quando, mais de 10 anos depois, Hartmann (1951) vai) e sentimento de culpa (frente ao superego). A angústia revisa as consequências técnicas da psicologia do ego, dis-real é objetiva porque se refere ao mundo de objetos, à tinge dois tipos de interpretações, segundo atendam à realidade com seus perigos e suas inevitáveis frustrações.

conflito intersistêmico ou intra-sistêmico. As interpretações As outras duas são, ao contrário, subjetivas. É óbvio, por-

ções que se dirigem aos mecanismos de adaptação intermédios, e o diz Anna Freud, que há também uma relação sistêmicos são preferencialmente de tipo dinâmico-econômico

dialética entre angústia subjetiva e objetiva, ainda que seja mico, enquanto as que respondem aos conflitos intra-apsenas porque as angústias que são agora subjetivas fo-sistêmicos são, por essência, de natureza estrutural.

ram objetivas em outro momento do desenvolvimento. Ou Esse esquema de funcionamento egóico explica um seja, a angústia frente ao impulso tem uma história, pois, efeito singular que Hartmann destaca na interpretação.

em algum momento da infância, a pulsão encontrou-se Embora dirigida, em geral, a um ponto concreto, a inter-com um recalçamento real, isto é, houve um momento em que a pulsão ramifica-se na mente do analisando e pode ser que esse impulso foi motivo de uma angústia externa, que cançar outras zonas. Hartmann chama isso de múltiplo

depois se internalizou e transformou-se em angústia neu-appeal da interpretação, que eu gostaria de traduzir por rótica, subjetiva.

ressonância múltipla da interpretação. Löwenstein (1957) O livro de Anna Freud, ao que me parece, recolhe oferece um exemplo desse efeito indireto da interpreta-sem dúvida as idéias de Reich, mas introduz uma mudan-

ção. Um paciente lembra-se de seu forte sentimento de ça substancial. Ela não pensa que a análise da resistência inferioridade, quando um homem mais velho o viu nu na deva ser prioritária e sistemática; postula, mais exatamen-piscina, e explica-o porque tinha uma mancha na coxa que te, que a análise deve oscilar como um pêndulo entre a lhe dava vergonha. Após um período de análise em que resistência (ego) e o impulso (id). Portanto, a tarefa do apareceram claramente na transferência seus sentimentos analista consiste basicamente nesse contínuo equilíbrio competitivos e sua inferioridade frente ao analista, voltou entre a análise do ego e a análise do id. Desse modo, a a contar a recordação da piscina, mas agora conectei diretécnica de Anna Freud introduz uma mudança importan-tamente sua vergonha à comparação de seu pênis com o te: o analista deve estar mais atento ao material que apa-do homem grande que estava olhando para ele. As inter-rece do que a suas idéias de como manejá-lo e ordená-lo.

pretações sobre a angústia de castração e a rivalidade com Em geral, o que surge do material é primeiro uma fração o analista-pai operaram sobre outra área da mente.

do ego (a defesa) e, quando é interpretada, surge uma porção do id, o impulso, precisamente o impulso que a defesa não deixava aflorar.

A REVISÃO DE 1951

Em conclusão, a técnica de Anna Freud é mais livre e versátil do que a de Reich e atende melhor ao desenvolvi-No primeiro número do Psychoanalytic Quarterly, de mento natural do processo analítico.

1951, foi publicado o artigo de Hartmann que estamos comentando e outros de Löwenstein e Kris. Esses três trabalhos representam uma revisão a fundo da teoria da interpretação do ponto de vista da psicologia do ego nos CONFLITO INTRA-SISTÊMICO

Estados Unidos.

E CONFLITO INTERSISTÊMICO

Os três artigos² baseiam-se reconhecidamente em O

ego e os mecanismos de defesa, procurando mostrar que na Ao livro de Anna Freud segue-se a famosa monografia metade do século XX, a técnica interpretativa deve-se ba-de Hartmann, A psicologia do ego e o problema da adapta-sicamente às contribuições de Anna Freud. Esses autores ção (1939). A estrutura e o funcionamento do ego são a estabelecem uma linha de desenvolvimento que parte dos tarefa de Hartmann: seu credo científico é a adaptação, e escritos técnicos de Freud, continua com os escritos teóri-seu objetivo, o desenvolvimento de uma psicologia psica-cos que fundamentam a teoria estrutural na década de nalítica. Hartmann distingue duas partes diferentes no ego: 1920 e culmina, por fim, no livro de 1936.

a que está relacionada com o conflito (e, por conseguinte, com os mecanismos de defesa) e a que constitui a área livre de conflito.

2 Hartmann (1951), Kris (1951) e Löwenstein (1951).

230 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Como disse no começo deste capítulo, considero que na transferência as experiências dolorosas, porém incluí-

Reich ocupa um lugar destacado nesse desenvolvimento, veis de seu passado. É a força do desejo e a obstinada assim como Fenichel, de modo que uma visão que não os esperança de chegar, de alguma maneira, a resolvê-lo, o leve em conta sempre será, a meu ver, parcial. É bom fri-que leva à repetição da necessidade que, em última ins-sar que essa posição não encontra apoio no grande livro tância, torna possível o tratamento psicanalítico.

de Anna Freud. Pelo contrário, no terceiro capítulo, “As Hartmann considera a obra de Reich em seu artigo, atividades defensivas do ego como objeto da análise”, ela mas antes de mais nada para desmerecê-la. Afirma que a dedica atenção preferencial ao encorajamento do cará-

psicologia de Reich é pré-estrutural, que só se maneja com ter de Reich.

estratos que estão mais próximos ou mais distantes da consA psicanálise é uma disciplina, diz Hartmann, na qual ciência. Nesse ponto, Hartmann estabelece uma antinomia ocorre uma interação permanente entre a teoria e a técni-muito estrita entre estratos e estruturas. Os estratos corres-ca; contudo, entre os escritos técnicos da

segunda década pondem à divisão de inconsciente, pré-consciente e conse a teoria estrutural, formulada na década seguinte, há ciente da primeira tópica; correspondem à segunda tópi-um inegável deslizamento. Nos artigos técnicos, a insis-ca, porém, as estruturas funcionais de id, ego e superego.

tência de Freud no conceito de superfície psíquica mostra Por outro lado, a estratificação varia com o curso da vida que ele já tem a idéia de um ego que ainda não descobriu e, por isso, não se pode estabelecer uma seqüência correta teoricamente. O conceito de superfície psíquica implica, na interpretação, como sugere Reich.

com efeito, que há uma defesa e um impulso, que a defesa Hartmann chega a dizer que foi Freud, e não Reich, é superficial e o impulso subjacente: dessa forma, ficam quem propôs a análise sistemática das resistências (1951, definidos implicitamente o id e o ego.

Essays..., p. 143), ao mesmo tempo em que afirma que a Sem dúvida, Hartmann tem razão quando diz que os oposição taxativa entre impulso e defesa proposta por Reich escritos técnicos de Freud prenunciam a psicologia do ego.

já não se sustenta, que perdeu a clareza que em dado Seus princípios técnicos não podem ser entendidos se não momento pôde ter. Ou seja, Hartmann critica Reich pelo forem contemplados da perspectiva de uma instância que, defeito de ser sistemático e reconhece a Freud o mérito de de algum modo, administra o conflito; e essa instância é, sê-lo.

obviamente, o ego. Freud adianta-se, de fato, nos escritos A diferença entre instinto e defesa, prossegue técnicos, aos que formulará teoricamente, com mais pre-Hartmann, foi perdendo seu caráter de oposição absoluta, cisão, anos depois.

uma vez que o impulso pode ser usado como defesa, do Deve-se acrescentar a isso que, como já disse, a déca-mesmo modo que uma defesa pode assumir um caráter da de 1920 marca uma crise da técnica; e, pessoalmente, impulsivo (defesa sexualizada ou “agressivizada”). Reich, creio que algumas mudanças teóricas de Freud estão rela-entretanto, não ignora isso. Ao contrário, é ele justamente cionadas com essa crise. As idéias de instinto de morte, quem nos mostra, com sua psicologia dos estratos, como o necessidade de castigo, masoquismo moral e reação tera-ego (e o ego da teoria estrutural) opera estrategicamente, pêutica negativa como mecanismos pouco menos que im-usando os impulsos para a defesa,

como já vimos: o cará-

possíveis de solucionar expressam, no nível do contexto ter passivo-feminino, por exemplo, usa os impulsos ho-de descobrimento, as dificuldades técnicas em que se en-mossexuais para ocultar sua agressão e sua rivalidade, etc.

contrava a psicanálise. Portanto, a verdade é que, em meu É que os estratos pressupõem para Reich uma organiza-entender, a técnica não apenas se havia adiantado à teoria ção que é ineludivelmente egóica.

(estrutural), como dizem Hartmann, Löwenstein e Kris, Se entendemos por estrato uma parte do ego que mas também não havia evoluído no compasso da teoria foi organizando-se através da história do sujeito em luta da transferência que o próprio Freud já havia estabeleci-com o ambiente, como postula Reich, então a teoria da do. A insegurança e a confusão com que Ferenczi e Rank defesa caracterológica dá conta aproximadamente dos enfrentam esse problema em seu ensaio de 1923, assim mesmos fatos que depois Hartmann haveria de conside-como o rebuliço que provocam, mostram claramente as rar, partindo da mudança de função e da autonomia se-dificuldades para aplicar à clínica o rico conceito de trans-cundária. Em 1939, Hartmann diz que há setores da área ferência. Quando Freud fala da transferência em Além do de conflito que se tornam autônomos, que se tornam in-princípio de prazer, ele a explica por um impulso demonía-dependentes de suas fontes instintivas e passam a en-co a se repetir: como é possível que o paciente queira re-grossar a área livre de conflito, a título de autonomia petir experiências dolorosas, humilhantes, frustrantes, de-secundária. Isto ocorre a partir do que ele chama de mu-sagradáveis em todo sentido, se não for porque o move dança de função. Essas idéias de Hartmann são mais am-uma força que está além do princípio do prazer? Nesse plas, talvez, do que as de Reich, pois abrangem a psicolomomento, Freud capta o drama, mas não se encarrega da gia normal e não apenas a patológica; porém, considera-intensidade do vínculo transferencial. O drama é realmente das com serenidade, sem nos deixarmos levar pelos com-que o analisando repete porque está sujeito à sua história, promissos escolásticos que sempre influem no movimen-ao seu passado. Eu me atreveria a dizer que, ao considerá-

to psicanalítico, veremos que são muito similares. A au-lo além do princípio do prazer, não se repara que o paci-tonomia secundária reformula a teoria de Reich sobre o ente está disposto a fazer um esforço enorme ao repetir traço de caráter, como estrutura que se desarraigou de

suas bases instintivas. Para ambas as teorias, a função do Não me parece conveniente pôr em uma mesma categoria parece ser a mesma: operar sobre a autonomia tegoria as intervenções não-interpretativas e o parâmetro.

secundária (traço de caráter) e trazê-la de voltas à área É preferível destacar bem esse último, pois é uma impor-de conflito (torná-la novamente egodistônica).

tante atividade do analista que se decide a modificar O artigo de Kris, “Ego psychology and interpretation conjunturalmente seu setting, e chamar aquelas de prepa-in psychoanalytic technique”, ocupa-se especialmente da ratórias ou táticas, como fez Löwenstein em 1951, se não análise das defesas do ego, entendidas como atividades queremos dar-lhes autonomia, como é minha proposta (ins-que participam do conflito não menos que os impulsos trumentos para obter informação).

do id. Seguindo suas idéias sobre o processo mental pré-

Enquanto as interpretações preparatórias (1951) ou consciente, expostas um ano antes, Kris considera que o intervenções (1958) têm um valor tático para Löwenstein, trabalho sobre as defesas do eu é uma parte essencial da a interpretação configura a estratégia do analista e define-tarefa analítica, porque permite reordenar, no nível do se como uma explicação que o analista dá ao paciente so-sistema Prcc, as energias previamente imobilizadas pelo bre si mesmo, a partir de seu material.

conflito. Kris não subestima as contribuições de Reich Quando distingue a interpretação das intervenções sobre a estratificação, mas afirma que Anna Freud dá um preparatórias, Löwenstein assinala que o limite é impreciso-passado adiante quando considera que a resistência do ego so. Às vezes, é difícil decidir o momento em que se passa é uma parte essencial do trabalho analítico, e não um de um nível a outro, mas isso não quer dizer que a dife-mero obstáculo.

rença não exista. As intervenções preparatórias servem para Kris sustenta que, antes de se chegar ao id, impõe-se tatear a disposição do analisando. Por isso, Löwenstein uma tarefa exploratória do ego, durante a qual vão sendo fala de uma distância ótima, quando o paciente não está descobertas diversas atividades (condutas) do ego que ope-demasiado afastado afetivamente, nem tampouco excess-ram como mecanismos de defesa, e pensa que a interpre-sivamente

envolvido na situação que se vai interpretar.

tação mais eficaz é a que estabelece um vínculo entre a Com o conceito de distância ótima, Löwenstein pro-defesa do ego e a resistência do paciente durante a análise põe o problema do timing no marco teórico do funciona-

(Kris, 1951, p.24).

mento do ego e suas resistências. Isto se junta ao papel O artigo de Löwenstein, por fim, ocupa-se preferen-que esse autor atribui às intervenções preparatórias, que cialmente do conceito de interpretação, que separa das às vezes assumem, ao menos, em meu critério, o caráter outras intervenções do analista, como vimos em capítulos de interpretações táticas para ir avaliando o grau de recep- anteriores, sobretudo no Capítulo 25.

tividade do paciente e seu insight. Nesse ponto, compreende-se porque, ao definir a interpretação por seu efeito de insight, Löwenstein definirá a fortiori uma interpreta-AS CONTRIBUIÇÕES DE LÖWENSTEIN

ção que não produziu insight como preparatória, o que não deixa de ter seus inconvenientes.

Löwenstein é, sem dúvida, um dos investigadores que mais se ocupou da interpretação, procurando defini-la e contrastá-la com aquilo que não é interpretação. Creio que CONFLUÊNCIA DAS DUAS

este é o momento oportuno para expor algumas de suas TÓPICAS FREUDIANAS

idéias.

Nem tudo o que fazemos é interpretar, diz Löwenstein, Talvez a crítica mais rigorosa que se possa fazer à e é óbvio. Por isso, em 1951, fala de momentos preparató-

revisão de 1951, a partir de suas próprias pautas, é que se rios e momentos finais da tarefa interpretativa, colocando inclina demasiadamente a buscar seus fundamentos teóri-entre aqueles o assinalamento e a confrontação, que precos no ponto de vista estrutural da segunda tópica, com o ferí classificar como instrumento para obter informação que descuida a primeira. O trabalho de Clifford Yorke so-no Capítulo 24, quarto item. Os autores que afirmam que bre a metapsicologia da interpretação, publicado em 1965, tudo o que o

analista deve fazer é interpretar, não por procura integrar os dois aspectos.

desconhecerem as outras intervenções, mas retiram-lhes Yorke parte da conhecida diferença estabelecida por importância e não as levam em conta do ponto de vista do Freud em seus ensaios metapsicológicos de 1915 entre as processo terapêutico; não lhes parecem significativas. To-duas fases (ou tipos) do processo de recalçamento. Vem davia, como o processo psicanalítico é sutil e complexo, é primeiro o recalçamento primário (Urverdrängung), que melhor não deixar coisas de fora, porque a longo prazo consiste em rechaçar da consciência o representante da podem ser decisivas. Por isso, é sempre útil estudar os ou-pulsão por meio de um contra-investimento, e depois o tros instrumentos que configuram as intervenções não es-recalçamento secundário ou recalçamento propriamente tritamente interpretativas do analista, como as chamou dito (Verdrängung), que incide sobre os derivados (ou Perrotta (1974). No Simpósio do Congresso de Paris sobre

“rebrotos”, como outros preferem chamá-los) do represen-as variações da técnica psicanalítica, Löwenstein (1958) tante recalcado no sistema Prcc, formados por um proces-traçou a linha divisória entre interpretações e interven-so simultâneo de repulsão e atração. Como se sabe, no ções, situando entre essas últimas o parâmetro.

recalçamento propriamente dito operam, ao mesmo tem-

232 R. HORACIO ETCHEGOYEN

po, o contra-investimento e a retirada do investimento de Fenichel (1935), à medida que avança o processo analíti-atenção (hiperinvestimento, sobreinvestimento). Em ou-co, os derivados sofrem menos distorção.

tras palavras, o processo de recalçamento propriamente Yorke pensa que a função da verbalização é melhor dito é iniciado por uma retirada do investimento de aten-compreendida a partir da idéia de um mundo represen-

ção sobre o derivado pré-consciente, que então fica à mer-tacional, em especial da representação do self. Como pos-cê do contra-investimento.

tulou Jacobson (1954b), a representação do self pode ser A metapsicologia da interpretação tem a ver então, investida com energia instintiva não menos que uma rediz Yorke, com uma

complexa cadeia de eventos metapsi-apresentação objetal. A palavra e o símbolo fazem parte cológicos. Para que um derivado torne-se consciente, a do mundo de representações e podem ligar-se às reinterpretação deve remover o contra-investimento e res-sentações do self e do objeto. Uma parte do trabalho ana-taurar o investimento de atenção (1965, p. 33). A repres-lítico consiste em modificar, através da interpretação, a são priva a representação de coisa de sua conexão com a distorção das representações que provêm das demandas palavra, e a função da interpretação é justamente restaura-

do ego, da realidade e dos introjetos. Segue dizendo que la (p. 34).

a interpretação imprime mudanças nas representações Como muitos outros autores, Yorke sustenta que a do mundo externo e dos introjetos que podem conduzir interpretação opera nas duas fases (tipos) de recalcamiento, a modificações importantes na representação do self ou seja, no limite entre os sistemas Prcc-Cc e Prcc-Icc. O

(Yorke, 1965, p.36).

analista trabalha primeiramente no limite entre o pré-cons-Desse modo, Yorke busca uma síntese entre recalca-ciente e o consciente, fazendo com que o analisando tome mento primário e recalcamiento propriamente dito, que contato com a representação de palavra até que possa, conduz a uma melhor integração das teorias da primeira e por fim, aproximar-se do representante instintivo que so-da segunda tópica, para dar conta da metapsicologia da freu o processo de recalcamiento primário, uma vez que se interpretação.

aproximou suficientemente do sistema Prcc. Como dizia

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 233

31

A Teoria da Interpretação

na Escola Inglesa

Nos capítulos anteriores, estudamos detidamente a É indubitável que, mesmo antes de chegar a Londres, metapsicologia da interpretação, procurando compreendê-

quando exerce em Berlim e analisa-se com Abraham, Klein la à luz da primeira tópica e da teoria estrutural, ao longo utiliza o instrumento interpretativo com uma convicção e de um caminho que, a partir de

Freud, passa por Reich e uma audácia que não se encontram facilmente em outros Fenichel, por Anna Freud e Hartmann, até chegar aos au-analistas. Ela mesma o evoca em 1955, quando descreve a tores mais modernos da psicologia do ego na Inglaterra e técnica do jogo e compara o proceder prudente da maio-nos Estados Unidos.

ria dos analistas da década de 1920 com sua própria for-Com o risco de simplificar, farei uma caracterização ma de operar: “Quando comecei meu trabalho, era um geográfica e direi que essa linha de investigação corres-princípio estabelecido que se devia fazer um uso muito ponde à escola de Viena, que vou agora contrastar com a limitado das interpretações. Com poucas exceções, os psi-escola inglesa. Por escola de Viena, entendo aqui a que se canalistas não haviam explorado os estratos mais profun-formou em torno de Freud, entre os anos de 1920 e 1930, dos do inconsciente – em crianças, tal exploração era cone que se prolongou na Inglaterra e nos Estados Unidos siderada potencialmente perigosa. Essa cautela refletia-se depois da diáspora provocada pelo Anschluss de 1938. Por no fato de que naquela época, e por muito tempo, a psica-outro lado, como procurei defini-la em um trabalho antenálise era considerada adequada somente para crianças rior (Etchegoyen, 1981a), a escola inglesa é a que Jones do período de latência em adiante” (The Writings, v. 3, p.

funda e dirige à frente da British Psychoanalytical Society 122; Obras completas, v. 4, p. 21). Lembremos que assim o e onde Melanie Klein ocupa um lugar proeminente, desde sustentaram, por exemplo, Hug-Hellmuth (1921) e Anna que chega a Londres em 1926. Quando, ao final da Segun-Freud (1927).

da Guerra Mundial, sobrevém uma ruptura definitiva na No trabalho de 1955, recém-citado, Klein também Sociedade Britânica e formam-se, sob a presidência de lembra que, quando decidiu analisar Fritz, ao ver que o Sylvia Payne, os grupos A e B, já não se pode falar de uma esclarecimento apenas não era suficiente, desviou-se de escola inglesa, mas de três núcleos no seio dessa Socieda-algumas regras até então aceitas, interpretando o que lhe de: o de Anna Freud, o de Melanie Klein e o grupo inde-parecia mais urgente no material, de modo que logo no-pendente (middle group).

tou que seu interesse centrava-se na ansiedade e nas defe-Neste capítulo, vamos ocupar-nos preferencialmente sas frente a ela.

de Melanie Klein, em uma tentativa de apreender o origi-Pode-se dizer, pois, que quase desde o começo de sua nal e próprio de seu

emprego da interpretação.

prática Klein reconheceu sempre a interpretação como o instrumento essencial da psicanálise e aplicou-a sem vacilar quando considerou oportuno. Por isso, não deixa de ALGUNS ANTECEDENTES

chamar a atenção que nunca se sentisse obrigada a fundamentar sua teoria da interpretação, apesar de notar que É difícil estudar a teoria da interpretação em Melanie sua forma de interpretar diferenciava-se notoriamente da Klein, porque ela nunca a expôs formalmente. Deve-se dos outros analistas de sua época. É possível, entretanto, rastreá-la, então, em seus escritos, mas essa busca não é que esse reconhecimento tenha sido tardio e não se impu-simples e leva cada vez mais até o começo de sua obra. Se sesse a ela em seus primeiros anos de trabalho.

lemos com atenção seus primeiros trabalhos, já a vemos Embora seja certo que Klein nunca escreveu especificamente sobre a interpretação, os escritos de Strachey que serão depois a marca inconfundível de seu estilo e de (1934, 1937) e Paula Heimann (1956), por todos reco-seu credo científico, tanto como a pedra do escândalo para nhedidos como de primeira linha, foram gerados, sem som-seus detratores.

bra de dúvida, sob sua inspiração.

234 R. HORACIO ETCHEGOYEN

OS PRIMEIROS TRABALHOS

mesmo tipo é a interpretação do pai na página 77: “Você gostaria de ser o papai e estar casado com a mamãe, gosAs primeiras interpretações de Melanie Klein podem taria de ser tão grande como eu e ter um bigode e gostaria ser rastreadas na segunda parte de “O desenvolvimento que a mamãe tivesse um filho”.

de uma criança” (1921), que se intitula “A resistência da Em princípio, Klein interpreta de maneira semelhan-criança ao esclarecimento sexual”.¹ Quando adverte que te o complexo de Édipo negativo de Fritz: “Disse-lhe que apenas esclarecer não basta, porque a criança resiste ao ele se havia imaginado no lugar de sua mamãe e queria conhecimento sexual que se oferece a ela, compreende que que seu papai fizesse com ele o que faz com ela” (The o único recurso válido para levantar os recalques é a inter-Writings, v. 1, p. 41; Obras completas, v. 2, p. 53). Aqui, pretação.

porém, Klein vai adiante e chama as coisas por seu nome, Quando ela apresentou esse caso à Sociedade Hún-porque diz claramente a Fritz: “Mas tem medo (assim como gara em 1919,2 Anton von Freund sustentou que as obser-imagina que sua mamãe também tem medo) de que, se vações de Melanie Klein eram por certo analíticas, mas esse pau – o pipi de papai – se mete em seu pipi, ele ficará não suas interpretações, que tocavam somente os aspec-machucado, e depois dentro de sua barriga, em seu estô-

tos conscientes do material. Ela rechaçou essa crítica e afir-mago, tudo ficará destruído também” (Obras completas, v.

mou que era suficiente tratar os problemas conscientes, se 2, p. 53).3 Creio que, nesse ponto, há uma mudança não havia razões em contrário; porém, pouco depois, ao substancial, porque Klein anima-se a nomear os órgãos e escrever seu trabalho, dava-lhe plenamente a razão (The as funções, traduzindo os símbolos, em vez de mencioná-

Writings, v. 1, p. 30; Obras completas, v. 2, p. 44). Nesse los alusivamente. Essa atitude define uma teoria, uma téc-pequeno fato, pode-se apreciar diretamente a rápida evo-nica e uma ética: a teoria de que a criança compreende o lução de seu pensamento psicanalítico.

valor semântico da interpretação, a técnica de que se de-Se pensarmos que Von Freund tinha razão e que no verá remeter os símbolos à sua origem, a ética de que é começo de seu trabalho com Fritz nossa autora esclarecia, necessário dizer à criança a verdade, sem ocultações.

mas não interpretava, então podemos afirmar que a primeira interpretação que consignam os escritos de Klein surge na segunda parte do trabalho que estamos considerando.

HANS, “DORA” E FRITZ

Dias depois que Melanie Klein anima-se (por fim!) a lhe explicar o papel do pai na procriação, Fritz narra seu Acabamos de ver como evolui a técnica interpretativa sonho-fantasia do motor grande e do motor pequeno que de Klein em seu primeiro trabalho. Suas interpretações se chocam com o trem elétrico e diz também que o motor são, no princípio, da mesma feitura que as do pai de Hans, pequeno fica entre o grande e o trem elétrico. Klein expli-isto é, Freud, mas logo vão adquirindo outro caráter. À

ca-lhe, então, “que o motor grande é seu papai, o carro medida que atendem ao funcionamento do processo pri-elétrico sua mamãe e o

motorzinho ele mesmo e que ele se mário e seus modos de expressão peculiares, tornam-se colocou entre papai e mamãe, porque gostaria muito de mais profundas e mais comprometidas, porque procuram afastar papai totalmente, ficar sozinho com sua mamãe e entrar em contato com o Icc. Penso que essas característi-fazer com ela o que só ao papai é permitido fazer” (Obras cas são patrimônio da forma de trabalhar de Klein, de seu completas, v. 2, p. 48-49). Essa interpretação, vale a pena estilo, que não se afasta, no entanto, do espírito com o assinalar, vai entre parênteses no texto, e Melanie Klein a qual o próprio Freud interpretava. Diz à Dora, por exem-chama de explicação. De fato, é muito parecida com a que plo, que ela pensa que seu pai está impotente (não tem o pai formula a Hans (Freud, 1909b), quando lhe diz que, recursos) e imagina que suas relações com a Sra. K. são per ao estar na cama com a mamãe em Gmunden, pensou que os, depois disso lhe interpreta que ela se identifica com as ele era o papai e teve medo disso, ao que Hans responde duas mulheres do pai (sua mãe e a Sra. K.), para satisfazer comovedoramente: “você sabe tudo” (AE, v. 10, p. 75). Do seus desejos incestuosos, e acrescenta que seus ciúmes são os de uma mulher apaixonada. Freud não só interpreta a afonia de Dora como uma expressão de pena pela ausên-1

cia do amado, o Sr. K., mas também a coloca em relação

“O desenvolvimento de uma criança” foi publicado em 1921 na Imago e em 1923 no International Journal e consta de duas par-com suas fantasias inconscientes de fellatio, assim como tes. A primeira, intitulada “A influência do esclarecimento sexual e sua tosse e as cócegas de sua garganta.

a diminuição da autoridade sobre o desenvolvimento intelectual Nesse ponto, Freud justamente se antecipa a seus das crianças”, pertence ao período inicial de Klein, que foi breve e detratores, que imagina horrorizados. Diz que a melhor desenvolveu-se em Budapeste. A segunda parte corresponde a uma maneira de falar dessas coisas é direta e secamente, sem comunicação à Sociedade de Berlim, em fevereiro de 1921, pouco malícia nem afetação, chamando o pão de pão e o vinho depois de ter-se estabelecido nessa cidade.

de vinho. J'appelle un chat, un chat, diz Freud.

2 Klein leu seu trabalho “Notas sobre o desenvolvimento intelectual de uma criança” em julho de 1919 na Sociedade Húngara. Essa conferência é a base da primeira parte do trabalho que estamos 3 “But he is afraid (as he imagines his mamma to be too) that if

considerando, embora também tenha contribuído outro, lido em this stick – papa’s wiwi – gets into is wiwi he will be hurt and dezembro de 1920 na mesma Sociedade, intitulado “Contribuição then inside his belly, in his stomach, everything will be destroyed, à análise na infância precoce”.

too” (The Writings, v.1, p. 41).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 235

Certamente, Freud tampouco vacila em lançar mão do descobre que a atribuição de papéis no jogo permite à crian-simbolismo quando interpreta à Dora seu primeiro sonho e ça separar as diferentes identificações que tendem a se sua excitação sexual, comparando seu sexo com o cofre.

apresentar em bloco. É fácil compreender que essa concepção do jogo leva naturalmente a interpretar sem dilação os papéis que aparecem e a prestar um interesse crescente O CONGRESSO DE SALZBURGO

à interpretação transferencial. Portanto, desse ponto de vista, já estão perfiladas as características que distinguirão Nos dois trabalhos que publica em 1923, “O papel da Melanie Klein por sua forma de interpretar.

escola no desenvolvimento libidinal da criança” e “Análise Petot (1979) assinala com razão que o caso Rita, que infantil”, não há referências explícitas a seu modo de in-Melanie Klein analisou a domicílio em 1923, operou uma terpretar; porém, aprecia-se que a compreensão das fan-mudança substancial em seu pensamento e em sua práxis.

tasias da criança tornou-se mais intrépida e profunda e já Assim como se pode dizer que Anna O. inventou a talking tem um selo decididamente “kleiniano”, uma vez que se cure, também se pode afirmar que a pequena Rita criou a apóia em uma referência contínua ao valor simbólico do técnica lúdica com seus brinquedos e seu famoso ursinho jogo ou da palavra.

superegóico.

Em 1924, realizou-se em Salzburgo o VIII Congresso Não sem certa nostalgia, Klein lembra em 1955 de Psicanalítico Internacional, no qual, em 22 de abril, Melanie sua primeira sessão com Rita naquela primavera berlinense Klein leu seu trabalho “A técnica da análise de crianças de 1923. Tão logo ficaram a sós, a menina mostrou-se ansio-

pequenas”, que nunca foi publicado. Só conhecemos dele sa, permaneceu em silêncio e pediu para sair ao jardim. A um resumo aparecido no Boletim da Associação Psicanalí-

analista consentiu e saíram, enquanto a mãe e a tia as olha-tica Internacional (International Journal, v. 5, p. 398) vam de longe com ceticismo, certas de que a tentativa fra-Essa comunicação mostra já nitidamente como ope-cassaria. Entretanto, aquela analista de tão pouca expe-ra a técnica do jogo e a forma como Klein emprega a inter-riência e tanto talento já havia decidido que a transferên-pretação. A técnica lúdica consiste em aplicar as regras da cia negativa estava dominando o quadro. Ao vê-la mais interpretação onírica aos jogos, testando sua validade atra-tranqüila no jardim e levando em conta certas associações, vés da resposta da criança, que assim é contrastada com disse-lhe que temia que ela lhe fizesse algo, ao estarem suas fantasias, seus desenhos e o conjunto inteiro de sua sozinhas no quarto, e ligou esse temor a seus terrores no-conduta.

turnos, quando Rita pensava que uma mulher má a ataca-Por essa época, Klein já havia chegado a compreender ria em sua cama. Minutos depois, Rita voltou confiante ao que o mecanismo fundamental do jogo das crianças é a des-seu quarto.

carga de fantasias masturbatórias.⁴ Disso decorre que as ini-Essa interpretação é, por muitas razões, histórica.

bições no jogo têm sua origem no recalçamento dessas fan-Podemos datá-la com segurança, e oferece as característi-tasias, que sempre nos remetem à cena primária. Klein ha-cas próprias do trabalho de Klein: dirige-se à angústia, leva via chegado às mesmas conclusões ao estudar o papel da em conta a transferência, inclusive a de sinal negativo, e a escola no desenvolvimento libidinal da criança em 1923.

vincula aos sintomas e ao conflito. Esses elementos enla-Nunca se pode superestimar, afirma Klein (1926), a çados, destaca Petot (1979, p. 121), exibem a originalida-importância da fantasia e de sua transformação em atos na de dessa técnica. A própria Melanie Klein diz isso em seu vida da criança, sob a marca da compulsão à repetição.⁵

trabalho de 1955: sua abordagem de Rita é típica do que viria a ser depois sua técnica (The Writings, v. 3, p. 123; Obras completas, v. 4, p. 22).

A EXPERIÊNCIA COM RITA

Klein apóia sua tarefa interpretativa em um fato empírico, derivado de seu trabalho clínico: a criança tem O trabalho de Salzburgo inspirou, sem dúvida, “Os mais contato com a realidade do que o adulto supõe. Mui-princípios psicológicos da análise infantil”, em que Klein tas vezes, a alegada deficiência deve-se não a que seja in-desenvolve com maior amplitude sua técnica do jogo e capaz de percebê-la, mas que a desmente, a repudia: é sua teoria da interpretação.⁶ Adiantando-se ao que vai ex-que o critério decisivo do juízo de realidade da criança e, por em “A personificação no jogo das crianças” (1929), por conseguinte, de sua capacidade de se adaptar dependem de sua tolerância à frustração e, em especial, à frustração edípica. Daí que com frequência nos surpreenda a facilidade com que às vezes aceita a interpretação e até 4 Ver The Writings, v.I, p. 135, nota 2, em que são resenhadas goza com ela:⁷ na criança, a comunicação entre os siste- algumas idéias do trabalho de Salzburgo.

mas Cc e Icc é mais fácil do que no adulto. Por isso, a 5 “In general, in the analysis of children we cannot over-estimate the importance of phantasy and of translation into action at the bidding of the compulsion to repetition” (The Writings, v.1, p.

136; Obras Completas, v.2, p. 134).

7 “We are often surprised at the facility with which on some occa-6 Este artigo foi lido na Sociedade Psicanalítica de Berlim, em sions our interpretation are accepted: sometimes children even dezembro de 1924 (Elsa del Valle, 1979, v.1, p. 55), e publicado express considerable pleasure in them” (The Writings, v.1, p. 134; dois anos depois.

Obras completas, v.2, p. 132).

236 R. HORACIO ETCHEGOYEN

interpretação tem nela um efeito rápido, às vezes surpreen-que é temerário afirmar, como às vezes se faz, que a técni-dente, por mais que possa não se dar por aludida: seu jogo ca de Klein consiste em uma tradução direta dos símbolos.

reinicia-se ou muda, sua angústia cai ou sobe bruscamente, Assim pensa, contudo, Maurice Dayan, em um trabalho aparece material novo, a relação com o analista torna-se (1982) que entende a técnica de Melanie Klein como uma mais viva e estreita. Ao levantar os recalcamientos, a inter-tradução sistemática e direta de símbolos, com total pretação promove uma mudança econômica que transparece

prescindência de todo o restante. Diz Dayan: “De tal sorte originalmente no prazer com que a criança brinca.

que ancora no sujeito a convicção de que o conteúdo ma-Aqui, Klein permite-se discordar diretamente de nifesto de suas atividades locutórias, gráficas e lúdicas Freud, que em sua história do “Homem dos Lobos” (1918) não têm nenhuma importância e de que só contam as sig-afirmou que, contrariamente ao que poderia parecer, o nificações latentes que o intérprete reencontra sem modi-material que a criança oferece é, no fim das contas, inferior ficações sob as representações mais diversas” (p. 272). Para ao do adulto, já que a ela faltam palavras e pensamentos Dayan, Melanie Klein interpreta com uma certeza inabalá-

que tem de receber emprestados. Essa afirmação será com-vel, em um “discurso de traço delirante” (p. 301), que rom-partilhada rotundamente por Anna Freud. O material da pe totalmente com a metodologia de Freud e da psicanáli-criança, dirá ela, não nos leva além da linguagem quando se. Opiniões tão extremas como essa servem mais para a seu pensamento começa a se parecer com o nosso. É que polêmica e o rechaço do que para um possível cotejo das na criança falham os dois métodos que nos permitem re-idéias contrapostas.

construir a pré-história no paciente adulto, ou seja, a asso-Na verdade, a meu ver, Klein pouco tinha de rotineira e ciação livre e a transferência.⁸ Klein replica que, se sou-mecânica em sua maneira de trabalhar. Coincidindo com to-bermos observar atentamente seu jogo e situá-lo no con-dos os psicanalistas, ela considerava que a interpretação só texto de sua conduta total, a criança oferecerá um material devia ocorrer com base em um material adequado; porém, rico, sobretudo se o entendermos em seu valor simbólico: diferentemente de outros, sustentou que as crianças de fato as fantasias, os desejos e as experiências da criança ficam apresentam esse material, amiúde surpreendentemente rá-

representadas no jogo graças ao simbolismo, essa lingua-pido e em grande variedade (The Writings, v. 1, p. 134; Obras gem arcaica e esquecida que nos vem da filogenia, assim completas, v. 2, p. 132). Portanto, não se deve buscar a dife-como também dos outros meios de expressão que Freud rença nesse ponto, na teoria da interpretação, mas sim no descobriu no trabalho do sonho. O simbolismo – dirá no que se entende por material ou, o que é o mesmo, no alcance Simpósio – é a alavanca da análise da criança (The Writings, que se dará ao conceito de fantasia inconsciente.

v. 1, p. 147; Obras completas, v. 2, p. 144).

Klein conclui seu importante trabalho de 1926 com-Com isso, chegamos a um dos princípios básicos da parando a situação analítica no adulto e na criança. Dado interpretação kleiniana, talvez o mais controvertido, a utique os meios de expressão são diferentes, a situação análise dos símbolos. Custa aqui um pouco separar com lítica parece muito distinta; porém, na realidade, é em es-equanimidade os problemas propriamente científicos, te-sência igual: “Assim como os meios de expressão das crian-

óricos ou técnicos, dos que irrompem da ideologia e do ças diferem dos meios dos adultos, assim também a situa-preconceito, assim como dos legítimos e irrecusáveis esti-

ção analítica na análise de crianças parece ser inteiramen-los pessoais. É exato afirmar que um traço distintivo da te diferente. Entretanto, em ambos os casos, é essencial-abordagem kleiniana é que não vacila em interpretar dire-mente a mesma. Interpretações adequadas, resolução gra-tamente os símbolos, mas sem esquecer que o simbolismo dual das resistências e persistente descoberta pela transfe-

é apenas uma parte do material de que ela se vale, atenta rência de situações anteriores – isso constitui, tanto nas sempre a todas as formas sutis de expressão do processo crianças quanto nos adultos, a situação analítica correta”

primário. Diferentemente de outros analistas mais caute-

(Obras completas, v. 2, p. 134; The Writings, v. 1, p. 137, losos (entre os quais também se incluem alguns autores grifos no original).

pós-kleinianos!), a verdade é que tudo o que Klein faz é não deixar de lado o simbolismo e recorrer a ele tanto como aos outros modos de expressão inconsciente. Que O SIMPÓSIO SOBRE ANÁLISE INFANTIL

esse procedimento a exponha ao erro de traduzir mecani-camente os símbolos só prova que Melanie Klein pode equi-Em 4 e 18 de maio de 1927, ocorreu na Sociedade vocar-se como qualquer outro analista. Os que criticam o Britânica o Simpósio sobre análise infantil, no qual falaram uso dos símbolos sempre pensam que eles são traduzidos Melanie Klein, Joan Rivière, M. N. Searl, Ella F. Sharpe, estereotipadamente, jamais com agudeza e talento. Além Edward Glover e Ernest Jones. Todos os trabalhos têm um das predileções pessoais e do estilo de cada analista, creio tom polêmico e não poupam as críticas a Anna Freud e a sua recém-publicada obra

Einführung in die Technik der Kinderanalyse. Neste momento, não me interessa reabrir 8

aquele ardorosa polêmica, que chegou a incomodar o pró-

“But so far as my experience goes, and with the technique I have described, it does not take us beyond the boundaries where prior Freud, mas extrair os traços que permitam desenhar verbalization begins – that period, in other words, when his thought com mais realismo o perfil da interpretação kleiniana.

processes begin to approximate our own” (The Writings of Anna No simpósio, enfrentam-se não apenas duas pionei-Freud, v.1, p. 52).

ras jovens e criadoras, não apenas duas escolas e dois pó-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 237

los de gravitação científica – Viena e Londres –, mas tam-vergências. Digamos, desde já, que nem todas haverão de bém dois temperamentos. Se Anna Freud vê a criança di-se manter no curso do tempo e nem sempre têm relação ferente do adulto, é porque pensa no ego; Klein os vê pa-direta com o que aqui estudamos, isto é, a interpretação.

recidos porque olha o inconsciente.

As diferenças mais notáveis são observadas na extensão Quando em 1966 falou em Chicago, convidada por que se dá à transferência (e, em termos mais amplos, à Kohut, sobre “O instituto psicanalítico ideal”, Anna Freud fantasia) e em como se concebe a origem e a estrutura do mostrou-se em desacordo com o título de sua conferência, superego.

porque não lhe interessa o ideal, a não ser que possa trans-Klein (1927) acredita firmemente que uma atitude formar-se em realidade, e lembrou que, quando criança, ansiosa ou hostil por parte da criança expressa a transfe-só lhe interessavam os contos que podiam ser verdade.

rência negativa (The Writings, v. 1, p. 145; Obras comple-Quando apareciam elementos com caráter sobrenatural, tas, v. 2, p. 142), ao passo que Anna Freud (1927) consi-seu interesse decaía. Não é estranho que uma menina como dera que uma reação desse tipo em uma criança pequena aquela, com um apego tão forte à realidade, estudasse, pode dever-se a seu bom vínculo com a mãe.⁹ Antes, ao quando crescida, o ego e seus mecanismos de defesa. Não contrário, prossegue Anna Freud, são precisamente as cri-tenho uma história da pequena Melanie para contrapor a anças que gozaram de pouco carinho no lar as que estabe-esta que acabo de lembrar, mas eu a imagino escutando lecem mais cedo uma relação positiva com o analista.¹⁰

absorta os contos de fadas e bruxas de seus primeiros anos Klein replica, por seu turno, que a clínica “confir-de vida.

mou minha crença de que se explico imediatamente esse No Capítulo 3 de seu livro, Anna Freud (1927) apre-rechaço como sentimento de angústia e de transferência senta os argumentos teóricos que a fazem duvidar da téc-negativa e o interpreto como tal, em conexão com o ma-nica lúdica. Nem tudo o que a criança faz no jogo pode ter terial que a criança produz ao mesmo tempo, e depois o o valor simbólico

que lhe atribui Klein; pode ser também trago de volta a seu objeto original, a mãe, imediatamente-algo inocente, algo que tem a ver com uma experiência te posso comprovar que a angústia diminui (Obras com-presente e imediata, ao modo – diria eu – dos restos diurnos-pletas, v. 2, p. 142; The Writings, v. 1, p. 145). Algumas nos do sonho. Klein responde que ela não interpreta dire-linhas mais abaixo, Klein afirma de modo complementar tamente (ou selvagememente), mas que considera toda a si que se a atitude da criança em relação a nós é amistosa e tuação em conjunto. Não me interessa aqui destacar quem brincalhona, estamos justificados em presumir que há tem razão (e, de fato, penso que essa crítica de Anna Freud uma transferência positiva e fazer uso dela, sem hesitar, às vezes é justa e outras não), mas assinalar como Klein em nosso trabalho (The Writings, v. 1, p. 145-146; Obras define nesse ponto sua atividade interpretativa: quando completas, v. 2, p. 143).

chegou a compreender certas conexões, “então interpreto O debate sobre se a transferência aparece precoce-esses fenômenos e os enlaço com o inconsciente e com a mente e se precocemente deverá ser interpretada conti-situação analítica. As condições práticas e teóricas para a nua quase com o mesmo fragor em nossos dias. Este não é interpretação são precisamente as mesmas que na análise o momento de entrar na polêmica, mas de salientar que de adultos” (Obras completas, v. 2, p. 144; The Writings, v.

não se discute se devemos interpretar a transferência, e 1, p. 147). Para mim, essa citação de Klein é importante, sim o momento de sua aparição.

porque apóia o que eu disse antes, que o uso da interpre-O outro grande tema de controvérsia é a origem do tação é igual tanto na criança quanto no adulto e o que superego. Anna Freud pensa, como seu pai, que o superego varia é o conceito de material, que tem a ver, por sua vez, forma-se com o declínio do complexo de Édipo, enquanto com o alcance da fantasia.

Klein postula que o superego forma-se ao longo do comO sistema Icc predomina na criança. É possível espe-plexo de Édipo, e não de maneira crítica no final. Desse rar, por isso, que o modo de representação simbólica pre-modo, acredita não estar modificando as teorias de Freud.

valeça em sua mente e que, para tomar contato com a Klein parte de um fato de observação: em suas primeiras criança, devemos recorrer à interpretação.

análises (Fritz, Félix), o sentimento de culpa surge antes Se queremos penetrar no inconsciente da criança, de-que o complexo de Édipo decline. Esses primeiros indícios vemos ficar atentos a seus modos de expressão, para detec-clínicos vêm-se comprovadamente confirmados para ela tar o quanto antes a ansiedade e a culpa, porque somente quando emprega com Rita, Inga ou Peter a técnica de jogo.

interpretando-as e aliviando-as poderemos ter acesso ao in-Os terrores noturnos do segundo ou terceiro ano de vida consciente. “Então, se levarmos até o fim o simbolismo que constituem-se claramente a partir da cena primária e persuas fantasias contêm, logo veremos reaparecer a angústia, e poderemos, assim, garantir o progresso do trabalho” (Obras completas, v. 2, p. 145; The Writings, v. 1, p. 148).

9 “The more tenderly a little child is attached to his own mother, the fewer friendly impulses he has toward strangers” (The Writings of OS PONTOS-CHAVE DA CONTROVÉRSIA

Anna Freud, v.I, p. 45).

10 “It is especially with children who are accustomed to little loving treatment at home, and are not used to showing or Se comparadas as exposições do simpósio com o li-receiving any strong affection, that a positive relationship is often vro de Anna Freud, observam-se de imediato muitas di-most quickly established” (ibid.).

238 R. HORACIO ETCHEGOYEN

sistem sem solução de continuidade no complexo de Édipo a interpretação é feita a tempo – e para Klein isso quer dizer da etapa fálica.

enquanto seja possível –, então o analista evita ou, melhor Com essa base clínica, Klein vai sustentar que o com-dito, regula a emergência da ansiedade: “Assim, com uma plexo de Édipo inicia-se no começo do segundo ano da interpretação feita a tempo – ou seja, quando se interpreta vida (“The psychological principles of early analysis”, 1926) o material tão logo quanto possível –, o analista pode cortar ou na segunda metade do primeiro ano (The psycho-analysis a ansiedade da criança ou reduzi-la...”¹¹

of children, 1932, Capítulo 1). Com a teoria das posições, Assim como é necessário interpretar quando a crian-quando o complexo de Édipo fica finalmente enlaçado à ça está expressando suas fantasias, o que para Klein impli-posição depressiva, a data de seu começo se desloca para ca um momento de transferência positiva (ou poderíamos o

segundo trimestre do primeiro ano. Mas, então, o su-melhor dizer um momento em que está operando sufi-perego esquizoparanóide aparece antes do complexo de cientemente a aliança terapêutica), e antes que nossa Édipo e o determina; com isso, a teoria de Klein diz justa-dilação faça subir a angústia e a resistência, do mesmo mente o oposto à de Freud.

modo também se deve interpretar sem hesitação a trans-Nesse ponto preciso, pois, vem a ter razão, com o ferência negativa, que muitas vezes se expressa em uma tempo, Anna Freud, embora o enfoque clássico da forma-atitude de timidez, desconfiança ou vergonha. Nesse pon-

ção do superego tropece em mais de uma dificuldade, como to, Klein concorda com Reich (1927, 1933) quanto à im-procurei demonstrar em um trabalho em colaboração apre-portância da transferência negativa latente, embora sua sentado ao XIV Congresso de Psicanálise da América Lati-estratégia seja diametralmente oposta. Ele propõe atacar na (1982).

de modo sistemático a resistência caracterológica; ela busca tomar contato com a fantasia inconsciente.

Um postulado básico do efeito da interpretação para A
INTERPRETAÇÃO EM

Klein é que somente a partir do alívio da angústia nos A PSICANÁLISE
DE CRIANÇAS

níveis profundos da mente pode-se analisar validamente o ego da criança e sua relação com a realidade. “Esse A psicanálise de crianças, que Klein publicou em 1932, estabelecimento da relação da criança com a realidade, consta de uma parte técnica e outra clínico-teórica que assim como o reforçamento de seu ego, são obtidos ape-estuda o efeito das situações precoces de ansiedade sobre nas muito gradualmente e são o resultado, e não a condi-o desenvolvimento da criança. Para os objetivos de nosso ção prévia, do trabalho analítico” (Obras completas, v. 1, estudo, interessa a primeira parte e sobretudo o segundo p. 155; The Writings, v. 2, p. 25-26). Com essa vigorosa capítulo, “A técnica de análises precoces”, em que a inter-afirmação, creio que se entende o que Klein quer dizer pretação ocupa um lugar destacado. (O primeiro capítulo com interpretação direta e profunda, assim como tam-do livro baseia-se no trabalho já comentado de 1926.) bém em que consiste sua estratégia de tomar contato com No começo do Capítulo 2, com o caso de Peter, de o inconsciente.

três anos e nove meses, Klein mostra-nos como interpreta Melanie Klein afasta-se aqui *prima facie* do Freud de a cena primária, os ciúmes pelo nascimento do irmãozinho

“Sobre o início do tratamento” (1913c), que aconselha e os jogos sexuais, baseada na atividade lúdica da criança formalmente não começar a interpretar até que se tenha e suas associações. Pergunta, computa a resposta da criança-estabelecido uma efetiva transferência, um apropriado, examina sua receptividade e finalmente interpreta. Ela *rapport* com o paciente.¹² Contudo, seria possível argüir faz isso com palavras simples, mas informando detalhada que Klein não ignora o conselho, pois supõe que esse é detidamente, sem poupar as referências concretas aos *rapport* existe, se a criança brinca ou lhe fala, mas é indu-

órgãos e às suas funções, assim como aos objetos (pai, bitável que, nesse ponto, a transferência tem para Klein mãe, irmãos e outras pessoas do ambiente). Klein insiste um alcance diferente do que lhe dá o criador da psicanálise- mais de uma vez em que a interpretação não deve ser *sim-se*. Ela se afasta, além disso, da confiante cautela de Freud, bólica, isto é, alusiva. Os símbolos devem ser traduzidos que pensa que esse *rapport* necessário é obtido apenas literalmente e sem eufemismos. Não basta dizer, como o dando tempo ao analisando, se o médico exhibe um *inte-pai* a Hans, que ele quer ter um bigode como o seu, se o resse genuíno, elimina as resistências iniciais e evita co-que se quer dizer é que o bigode representa o pênis. Como meter certos erros. Klein pensa, na verdade, exatamente o afirma em uma nota de rodapé desse capítulo, se *quere-contrário*: que o *rapport* só é obtido interpretando.

mos ter acesso ao inconsciente da criança, e certamente que só o podemos fazer com a linguagem e a partir do ego, então devemos evitar circunlóquios e utilizar palavras simples (The Writings, v. 2, p. 32; Obras completas, v.

11 “Thus by making a timely interpretation – that is to say as soon as 1, p. 161).

the material permits – the analyst can cut short the child’s anxiety, Klein assinala nesse capítulo que, quando a criança or rather regulate it” (The Writings, v.2, p. 25; Obras completas, v.1, oferece-lhe material para interpretar, o faz imediatamente.

p. 155).

Parte da base de que se a criança comunica-se bem, é por-12 “A resposta só pode ser esta: não antes que se tenha estabelecido que está em transferência positiva e então cabe interpretar no paciente uma transferência operativa, um rapport em antes que seja tarde, isto é, antes que surja a ansiedade. Se regra” (AE, v.12, p. 140).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 239

A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO DE LATÊNCIA

rápida e diretamente. Klein conclui, então, que foi tempo perdido não interpretar o jogo desde o começo e pensa até A teoria da interpretação de Klein desenvolveu-se a que, se pôde manter essa atitude sem pôr em perigo a partir de sua experiência na análise de crianças pequenas, continuidade da análise, foi somente pela intensidade com a qual uma rica vida de fantasia e uma ansiedade aguda que a angústia de Egon estava recalcada. Em crianças facilitam o acesso ao inconsciente. No período de latência, menos doentes, demorar as interpretações conduz em geral se conta com essas (favoráveis) circunstâncias, e, por falar à aparição de crises agudas de ansiedade, que obrigam isso, crescem as dificuldades na abordagem técnica. O ego a interpretar prontamente, antes que seja tarde demais e a do período de latência, por outro lado, não se desenvolve a criança abandone o tratamento.

veio por completo, de modo que o analista não conta com Quando resume as conclusões do capítulo, Klein afirma o desejo de cura do adulto, nem com um desenvolvimento mas que, no período de latência, é essencial estabelecer da linguagem que torne possível a associação livre: em contato com as fantasias inconscientes da criança, o que outras palavras, a criança do período de latência não brinca-se consegue interpretando o conteúdo simbólico do material como a pequena, nem associa como o adulto.

rial em função da ansiedade e do sentimento de culpa; A via de abordagem que Klein encontra nessas difi-

porém, como o recalque das fantasias é mais intenso nessas circunstâncias tem seu ponto de apoio na curiosidade na etapa do desenvolvimento do que na anterior, muitas vezes sexual, em que o recalque do instinto epistemofílico vezes temos de encontrar o acesso ao inconsciente a partir domina todo o quadro. Por pouco que o material o permite de representações que se apresentam como inteiramente tal, Klein interpreta à criança latente que está preocupada desprovida de fantasias. Entretanto, se o analista não se com a

diferença dos sexos, a origem das crianças e a com-contents em enfrentar esse tipo de produto como uma mera paração com o adulto, cuidando que essas primeiras inter-expressão da resistência e o trata como verdadeiro mate-venções sejam interpretações cabais e não explicações. Com rial (isto é, como conteúdo), poderá abrir caminho para o a interpretação, logo se chega à ansiedade e ao sentimen-inconsciente: “Prestando suficiente atenção a pequenas to de culpa da criança, com o que se estabelece a situação indicações e tomando como nosso ponto de partida para a analítica, ao passo que as explicações intelectuais ou a ati-interpretção a conexão entre o simbolismo, o sentimento tude pedagógica só conseguem remover o material recalde culpa e a ansiedade, que acompanham essas represen-cado, sem resolvê-lo, com o que aumenta a resistência.

tações, sempre encontraremos oportunidade de começar Um caso bastante ilustrativo para compreender não e efetuar a tarefa analítica” (Obras completas, v. 1, p. 201; apenas a técnica, mas também a estratégia (ou ideologia) The Writings, v. 2, p. 73).

de Klein, é o de Egon, um menino de nove anos e meio com A seguir, Klein precisa o que quer dizer tomar conta-graves problemas de desenvolvimento e dificuldade para to com o inconsciente. O fato de que na análise de crian-estabelecer contato com as pessoas e a realidade, relatado ças nos coloquemos em comunicação com o inconsciente, na parte final do Capítulo 4 de A psicanálise de crianças.

antes de que se tenha estabelecido uma relação frutífera Ao começar o tratamento, Klein convidou Egon a com o ego, não significa que este tenha ficado excluído do usar o divã, o que a criança aceitou com sua proverbial trabalho analítico. Tal tipo de exclusão seria impossível, indiferença, sem que se pudesse estabelecer a situação não só porque o ego está estreitamente conectado com o analítica. A analista compreendeu que a escassez de ma-id e o superego, mas também porque somente podemos terial dependia de dificuldades na verbalização que só ter acesso ao inconsciente por meio do ego. O que Klein poderiam ser resolvidas com métodos analíticos. Convi-quer dizer é que a análise não se aplica ao ego como tal, dou-o, então, a considerar a possibilidade de brincar e, como fazem os métodos educacionais, mas busca abrir embora Egon tenha dito, como sempre, que para ele dava caminho às agências inconscientes da mente, decisivas na no mesmo, começou um jogo muito monótono e reitera-formação do ego (Obras completas, v. 1, p. 201).¹³ Uma tivo com uns carrinhos.

atitude técnica que procure estimular os interesses egóicos

Conhecedora de que um dos fatores que iniciaram as da criança não modificará substancialmente a situação, já dificuldades de Egon foi que, quando tinha quatro anos, o que apenas a interpretação põe em marcha o processo ana-pai reprimiu sua masturbação e exigiu-lhe que pelo menos lítico e o mantém em movimento (Obras completas, vol. 1, confessasse quando o tinha feito, Klein procurou diferen-p. 202).¹⁴ A análise não se dirige ao ego com medidas edu-ciar-se desse pai severo e dominante brincando de carri-cacionais, mas busca abrir caminho ao inconsciente.

nhos com a criança durante várias semanas, em silêncio, evitando toda interpretação. Quando, por fim, decidiu interpretar em termos de coito dos pais, masturbação e rivalidade edípica, o brinquedo monótono começou a mudar, a se tornar mais rico e movimentado, ao mesmo tempo ¹³ “Nevertheless, analysis does not apply itself to the ego as such que também se modificou a conduta da criança em casa.

(as educational methods do) but only seeks to open up a path to O caso Egon é, assim, pouco menos do que experi-the unconscious agencies of the mind those agencies which are mental para Klein. Todas as tentativas de estabelecer a decisive for the formation of the ego” (The Writings, v.2, p. 74).

situação analítica procurando obter um rapport fracassa-¹⁴ “For in child analysis it is interpretation alone, in my experience, ram, enquanto a interpretação do material conseguiu isso which starts the analytic process and keeps in going” (ibid., p. 75).

240 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

vezes, pode sê-lo, já que Klein não leva muito em conta DA INTERPRETAÇÃO KLEINIANA

os efeitos colaterais da ação de interpretar. A interpreta-

ção “direta” pode ser decodificada pelo analisando efeti-Chegados a esse ponto, é fácil compreender que Klein vamente como agressiva ou sedutora, e isso pode ser mais interpreta de uma forma especial e diferente da de outros certo ainda se o analista opera com um conflito de con-autores, embora não seja simples assinalar em que consis-tratransferência. Em outras ocasiões, uma tradução sim-te sua particularidade. Klein interpreta mais freqüentemen-ples dos símbolos, ao omitir os elos pré-conscientes do te que outros analistas, e sua tática consiste em interpre-material, pode levar o processo pelos

caminhos da ab-tar (ao menos na criança) tão logo quanto possível. Se a reação ou da intelectualização. Todos estes são riscos que o paciente está trazendo material, ela considera que esses certos e, em alguma medida, inevitáveis da interpretação-atitude nasce de sua transferência positiva, e que demorar a interpretação kleiniana, os quais devem ser contrabalançados com a interpretação só conduzirá a situações de angústia e re-as virtudes inegáveis desse modo de operar, que consiste na resistência. Se a angústia e a resistência aparecem esponta-em interpretar sem outro compromisso e objetivo a não ser neamente, então há uma razão a mais para interpretar, ser o de tornar consciente o inconsciente, sem se deixar com o fim de aliviar a primeira e reduzir a segunda.

levar jamais pela complacência e pela brandura, sem te-deve-se lembrar que toda essa teoria geral da interpretação das consequências de dizer o que o analista considera interpretação surge justamente da viva resposta das crianças à que está passando-se na mente do analisando e que deve tarefa interpretativa. Essas respostas eram de tal magnitude.

de, que a levaram a consultar Abraham sobre o caminho a Embora seja certo que a compreensão atual das suas ideias. Abraham respondeu-lhe que, dado que as interpretações do processo analítico, a complexidade da relação produzia alívio e a análise ia progredindo, pare-inconsciente entre o analista e o analisando, que deriva daí não modificar o método.¹⁵

da teoria atual da contratransferência e da resposta con-Klein continuou, então, corajosamente seu método, creta do analisando à interpretação (como foi exposta que consistia, no fim das contas, em interpretar a fantasia por Luisa G. Alvarez de Toledo, 1954; Racker, 1958c, e que estava operando (segundo ela acreditava) e a ansiedade-Liberman, 1976a, entre muitos outros autores), obrigando que essa interpretação pudesse despertar.

nos a ser muito cautelosos, os princípios assentados por Essa técnica foi combatida por muitos, muitíssimos Melanie Klein continuam tendo, em minha opinião, ple-autores, que a consideram brusca e desconsiderada. Às vezes na vigência.

15 Ver “A técnica psicanalítica do jogo” (1955).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 241

BREVE RECAPITULAÇÃO

so em que (no juízo do analista, obviamente) estão cristalizando-se nesse momento os afetos mais fortes. Esse con-Iniciamos o estudo da interpretação a partir do eixo econômico, eixo da técnica reichiana, voltou a apa-meios de que o terapeuta dispõe para operar, meios aos recer, em outro contexto técnico e com outra terminologia, como Knight chama de instrumentos, em contraposição, como timing da interpretação e ponto de urgência na ao material que surge do paciente e compreende todas as obra de Melanie Klein. Embora seja certo que o conceito suas modalidades expressivas. Os instrumentos de que o de timing tende antes a assinalar a importância da ansie-psicoterapeuta dispõe são muitos e menos os do analista, dada emergente, à medida que esta é o mais relevante em razão do rigor de sua técnica. Por isso, dizíamos que para a tarefa interpretativa, isso implica que está em jogo contamos apenas com três ferramentas básicas, a infono econômico.

mação, o esclarecimento e a interpretação. Recordemos Estudamos depois a influência da teoria estrutural também que, a não ser que se dê ao termo interpretação na interpretação e, para isso, seguimos o caminho que vai um sentido muito amplo (mas também impreciso), deve-desde Reich e Fenichel até Anna Freud e sua influência nos reconhecer que, como analistas, utilizamos outros nos psicólogos do ego dos Estados Unidos e de Londres.

elementos, por exemplo, para obter informação. Os re-No último capítulo, tentamos traçar um perfil da in-cursos restantes, ao contrário, os que servem para influen-terpretação em Melanie Klein, tarefa nada fácil, por certo, ciar o paciente, como o apoio, a sugestão e a persuasão, uma vez que se somam as complexidades teóricas com os não pertencem à técnica psicanalítica. Poderão ser utili-conflitos da lealdade escolástica, que confiamos comple-zados, em suma, dizia Bibring (1954), como recursos téctar neste capítulo e no seguinte.

nicos, mas não terapêuticos; e ainda assim se deverá ver, no caso concreto, se seu emprego pode alguma vez se justificar.

TIPOS DE INTERPRETAÇÃO

Estudamos depois as diferenças entre interpretação e construção, tema que está em pauta e que foi debatido nos Após ter delimitado o conceito e estudado a metapsi-congressos internacionais de Nova York (1979) e Helsinque cologia da interpretação, vamos agora discutir seus tipos (1981), frente ao qual cabem vários enfoques teóricos. Há

(classes). Na realidade, há vários, se não muitos, tipos de autores que os pensam como instrumentos substancialmente interpretação; porém, centraremos a discussão em quatro diferentes; outros consideram que são, em essência, o mes-deles, que abrangem os demais: interpretação histórica e mo e só reconhecem diferenças de grau em relação a situação; transferencial e extratransferencial, como mostra ções técnicas concretas, não menos que a determinados in-esse pequeno quadro sinóptico:

teresses teóricos que o analista possa ter.

No Capítulo 29, estudou-se de maneira específica a interpretação em seus diversos aspectos e modalidades.

Sem nos propormos a isso, seguimos a evolução histórica da própria técnica, em que o conceito de tornar consciente o inconsciente (através da interpretação) foi enriquecendo-se com os diversos enfoques metapsicológicos que Freud e alguns de seus discípulos foram descobrindo e descrevendo.

Chegamos, assim, a discriminar na interpretação três níveis: o topográfico, que corresponde à fórmula mais an-Esse quadro engloba a maior parte das possibilidades e simples de tornar consciente o inconsciente; o dinâ-

des interpretativas e sustenta-se em duas teorias fundamentais, ou seja, o de vencer uma determinada resistência, e, mentais: a teoria do conflito (atual, infantil) e a teoria da por fim, o econômico, que toma o material no ponto pré-transferência, isto é, a tendência dos seres humanos a re-

242 R. HORACIO ETCHEGOYEN

petir o passado no presente.¹ É claro que nosso quadro De qualquer modo, os analistas que utilizam a cons-sinóptico pode ser invertido sem que variem os conceitos: trução sublinham o valor do passado, convencidos de que interpretação transferencial e não-transferencial, históri-o fundamental é reconstruir a história, devolvendo ao ana-ca e atual.

lisando o lugar que ocupou na trama de sua própria vida, A interpretação da história do paciente e a interpre-restaurando os momentos em que essa história havia se tação de sua vida atual, a interpretação referente ao pas-rompido.

sado ou ao presente, não são coisas opostas: somos histó-

Não vou pretender que se termine essa magna dis-ria, e o presente é também parte dessa história, tanto quan-cussão, mas quero ressaltar que, sejam quais forem as teo-to o passado também é parte do presente. Somos tempo, rias (e as predileções) com que o analista enfrente seu além de nós mesmos, diz Heidegger. Mesmo sem esgrimir singular trabalho, não creio que haja analista algum que a teoria da transferência, somos nosso passado: indepen-na prática possa ocupar-se somente da transferência e pres-dentemente de que o repitamos ou não, em cada um de cindir das interpretações históricas ou do conflito atual; e, nossos atos pode-se visualizar nosso passado. De modo vice-versa, nem mesmo o analista que circunscreva todo o que, quando se faz essa classificação, não se sanciona uma seu trabalho a fazer a mais cuidadosa reconstrução do pas-diferença fundamental entre interpretar o passado ou o sado e entenda a transferência como um obstáculo do qual presente, porque em ambos os casos deve-se considerar o se deve liberar (uma fascinação imaginária da qual se deve indivíduo em seu conjunto.

desengancha, diz o Lacan de 1951, por exemplo) vai pensar que poderá operar sem interpretações transferenciais, ainda que fosse apenas para remover o obstáculo.

INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Apesar do que acabamos de dizer, a práxis marca di-INTERPRETAÇÃO ATUAL

ferências entre interpretar a história e a atualidade.

Acentuá-las leva-nos insensivelmente a recolocar o pro-Nossos analisando não vivem, por certo (e por sor-blema de construções versus interpretações, na medida em te!), em uma torre de marfim; e, por muito poderosa e está-

que a construção sempre se refere ao passado. De fato, vel que tenha chegado a ser a neurose de transferência, o chamamos de construção um tipo especial de interpreta-analisando terá conflitos e ansiedades com seu ambiente, ção histórica, por meio da qual tentamos recuperar uma que aparecerão na sessão, logo que cumpra a regra funda-situação passada, com seus afetos, seus personagens e suas mental. Às vezes, esses conflitos têm mais a ver com a trans-ansiedades, da forma mais completa e fidedigna possível.

ferência do que com o ambiente, e então os chamamos de De modo que, em meu entender, a interpretação histórica, acting out; outras

vezes, referem-se concretamente às pes-por-que acentua seu caráter de tal e busca uma colocação soas que formam o grupo social, e então se coloca o proble-em cena de todos os elementos que em dado momento ma de interpretá-los, como e até onde interpretá-los.

estiveram em jogo, chama-se concretamente de constru-Uma crítica muito freqüente contra a análise consis-

ção.2 Como diz Phyllis Greenacre, “toda interpretação te em acusá-la de esquecer a realidade. E também sofre-esclarecedora inclui geralmente alguma referência à remos essa crítica e a fazemos aos analistas com uma orien-construção”.3

tação teórica diferente da nossa.

Se é difícil separar conceitualmente interpretação e Por mais que estejamos atentos à relação de nosso construção, mais difícil ainda é separar construção de in-analisando com seu ambiente, nem sempre é simples interpretação histórica. Bernfeld (1932), como já vimos, não terpretar-lhe seu conflito atual, e é discutível que a interas distingue e acaba por considerá-las sinônimos. Pode-se pretação do atual, do real na vida do paciente, possa ope-dizer que a construção procura recuperar acontecimentos rar como instrumento de transformação. Para a maioria esquecidos (recalcados) e a interpretação, pulsões e dese-dos psicanalistas, a interpretação do conflito atual é mais jos. No entanto, essa diferença é mais simpática e pedagó-

tática que estratégica, preparatória. Não esqueçamos, po-gica do que rigorosa. Se os acontecimentos são esqueci-rém, que o limite entre essas duas categorias é sempre dos, é justamente porque estavam impregnados de dese-aleatório, quando não ideológico. No fim das contas, as jos e, vice-versa, não pode haver desejos isolados do suce-táticas e a estratégia do analista mudam não apenas com der vital daquele que os tem.

sua orientação teórica, mas também (e assim deve ser) com as infinitas flutuações do processo analítico.

1 Mais adiante, consideraremos outros tipos, como interpretação
TÁTICAS E ESTRATÉGIAS INTERPRETATIVAS

superficial e profunda, completa e incompleta, etc.

2 Como vimos no devido momento, o caráter hipotético da cons-Embora não nos demos conta, ao desenvolver nosso trução não lhe é de modo algum específico; a interpretação tam-pequeno quadro

sinóptico, tratamos não só dos tipos (ou bem é uma hipótese, e não apenas pelas decisivas razões das classes) de interpretação, mas também das táticas e das métodos, mas também pelas da modéstia e do tato.

3 “Any clarifying interpretation generally includes some reference strategies interpretativas. Se aceitarmos a noção de neu-to reconstruction” (1975, p. 703).

rose de transferência, proposta em “Recordar, repetir e

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 243

reelaborar”, então a interpretação do conflito atual será a elas, alimentado sempre pelas crenças do analisando. O

sempre, como dissemos há pouco, uma interpretação táti-sucesso do trabalho psicanalítico é descobrir essas crenças ca por definição, enquanto a estratégia subjacente será para dar ao analisando a oportunidade de trocá-las por transferencial. E diria mais: quando as interpretações do outras mais flexíveis e mais amplas.

conflito atual transformam-se em estratégicas, estamos saindo do método da psicanálise, estamos enfocando de um ângulo completamente diferente a situação terapêutica INTERPRETAÇÃO TRANSFERENCIAL

ca. Estamos fazendo – talvez sem percebermos – ontoanálise,

lise, já que o psicanalista existencial interessa-se pelo en-A teoria da transferência move-se obrigatoriamente contra existencial, e, para ele, dá no mesmo se esse movimento entre dois pólos, o campo a-histórico e a historicidade do movimento de encontro seja dentro ou fora da sessão. A estrutura-sujeito. Poderemos salientar um aspecto ou outro, confortavelmente a ontoanálise é que os dois existentes possam unir-me nossas inclinações doutrinárias, mas nunca desconhece-se, e essas interpretações, então, não se dão em termos de um dos dois. Como assinala em um parágrafo anterior-táticos (para chegar a uma situação diferente), mas são a or, o dilema não é superado com a distinção entre táticas e própria base do trabalho; são interpretações estratégicas, estratégias interpretativas, já que estas dependem menos porque a estratégia de seu trabalho é buscar um encontro de nossas teorias do que das flutuações do processo analítico-

existencial. Ao contrário, quando eu, como analista, inter-tico. Temos de passar do campo a-histórico à história, e preto o conflito atual,

visto que estou operando com a te-vice-versa, em uma espécie de compromisso duplo; e, a oria da transferência, dou essa interpretação taticamente, rigor, o dilema cessa se aplicamos corretamente a teoria esperando que surja o vínculo com o passado.

da transferência, teoria segundo a qual a enfermidade con-Por outro lado, os psicanalistas que pensam que em siste em que tanto o passado quanto o presente confun-nosso trabalho não há outra coisa senão a situação de cam-dem-se na mente do sujeito doente.

po, na realidade, transformam em estratégicas as interEm seu duradouro trabalho de 1956, Paula Heimann pretações do aqui e agora. Acreditam que se o campo for sublinha a importância da função perceptiva na dinâmica modificado, muda necessariamente o mundo inteiro de da interpretação transferencial. Heimann apresentou seu objetos do analisando. Essa posição é, a meu ver, errônea, trabalho no Congresso de Genebra de 1955 (e publicou-o porquanto não leva suficientemente em consideração os no International Journal do ano seguinte). É um dos gran-mecanismos de dissociação temporal. Às vezes, o conflito des escritos sobre a interpretação, assim como o de transferencial é “resolvido” idealizando o analista e cul-Strachey, que comentaremos mais adiante. Também nos pando os pais da infância.

ocuparemos agora de um pós-escrito de Paula Heimann, O problema só pode ser solucionado quando o ana-que modifica algumas das idéias expostas em Genebra.⁴

lista capta o analisando nessa zona de bruma em que o O ponto de partida de Paula Heimann é que a terapia passado e o presente superpõem-se e, com a interpreta-analítica dirige-se ao ego do paciente, cuja função primor-

ção, delimita essas duas áreas. Só então o presente torna-dial, da qual todas as outras derivam, é a percepção. A se presente enriquecido por todas as notas do pretérito, e percepção está para o ego assim como o instinto para o id, este, por sua vez, fica delimitado como tal, como experiên-já que a percepção pressupõe que o ego investe ativamen-cia: não há, pois, de início, duas áreas distintas, mas que te o objeto, através de mecanismos de projeção e introjeção.

ficam a rigor definidas como produto do trabalho analíti-Desse modo, a função básica do ego, a percepção, fica co. Para o inconsciente, dizia Racker, o analista é o pai e o indissolivelmente associada aos processos que sancionam pai é o analista. Somente depois da

interpretação adequa-a estrutura e o desenvolvimento do ego e a relação de da é que esses dois objetos ficam separados.

objeto. “A percepção inicia o contato, e o contato implica Uma estratégia original no tratamento psicanalítico os mecanismos básicos de introjeção e projeção que cons-

é a proposta por Fabio Herrmann. Sua obra extensa e per-troem e dão forma ao ego”.⁵

sistente sobre a psicanálise e seu método cristaliza-se em Na percepção, opera o instinto de vida em busca da seu livro sobre a arte da interpretação (1991), traduzido união e do contato com o objeto, em primeiro lugar o seio para o espanhol em 1996. Herrmann defende que, além da mãe, enquanto a finalidade do instinto de morte é evidas grandes teorias que sustentam a prática psicanalítica, tar ou destruir o contato, a união com o objeto. É o instin-como as de Hartmann, Lacan, Melanie Klein, Bion, Winnicott, to de vida, então, que dirige o sujeito para o objeto e en-etc., há uma teoria (ou metateoria) clínica que abrange a gendra a percepção, e é a partir desse fato capital que po-todas. Essa teoria geral parte do princípio de que o méto-demos definir a tarefa do tratamento como a amplificação do psicanalítico é comum e prévio às teorias e dirige-se a do conhecimento de si mesmo através da relação emocio-compreender a lógica das emoções, sem se amarrar, em princípio, às escolas psicanalíticas ou à história infantil de cada analisando, o que virá depois, espontaneamente e 4 Deve-se levar em conta que, depois de escrever esse artigo, por acréscimo. A estratégia de Herrmann centra-se no cam-Heimann afastou-se da escola kleiniana.

po transferencial, que se rompe cada vez que é interpreta-5
“Perception initiates contact; and contact involves the main do para se reconstruir depois. O efeito da interpretação é structural mechanisms of introjection and projection, which then pôr a descoberto a lógica das emoções e o desejo que subjaz build up and shape the ego”
(Heimann, 1956, p. 303).

244 R. HORACIO ETCHEGOYEN

nal com o analista. Dessa forma, a transferência converte-como um chamado de atenção para não passar por alto a se realmente no campo de batalha em que irão dirimir-se transferência.

os conflitos do analisando, os mesmos conflitos que, por Heimann tende a pensar que somente em raras oca-sua vez, deram forma ao ego

ções o analista é cabalmente o analista para o paciente.

A tese fundamental do trabalho é, portanto, que o Assinala que é nesses momentos que o paciente toma cons-instrumento específico do tratamento psicanalítico é a in-ciência de sua história e fala de seus objetos, de sua mãe terpretação transferencial (p. 304-305), que permite ao ou de seu pai, e está realmente em união com eles; o ana-ego perceber sua experiência emocional e torná-la cons-lista passa a ser uma testemunha privilegiada desse en-ciente no exato momento em que desperta e em contato contro, em que se cristaliza e frutifica seu persistente tra-direto com o objeto.

balho no campo da transferência.

A outra tese forte do trabalho de Heimann é que a O problema que se coloca mais para a técnica, tal-fantasia inconsciente (tal como a definiu Susan Isaacs) vez, do que para a estratégia, quando se faz uma interpre-opera em todo momento. Desse ponto de vista, a fantasia tação histórica ou atual, é se o analista a faz de verdade ou inconsciente, causa da transferência, não é algo que meramente o objeto que se transferiu a ele nesse momen-irrompe ocasionalmente na relação do analisando com seu to. Se este último for o caso, a intervenção será para o analista e então interfere em sua razão e seu desejo de paciente ameaça, recriminação, cumplicidade, sedução: cooperar, mas a matriz fértil da qual nascem suas motiva-tudo, menos uma interpretação, porque foi omitido o cen-

ções conscientes e inconscientes, racionais e não-racionais.

tro de dispersão que estava na transferência.

A tarefa do analista consiste em tornar conscientes O risco das interpretações extratransferenciais, en-para o analisando suas fantasias inconscientes, e isso se tão, reside em que o paciente as receba com uma pers-aplica tanto à transferência positiva quanto à negativa, pectiva transferencial. Nos termos de Heimann, não te-tanto à sua cooperação quanto à sua resistência.

remos modificado a distorção perceptiva do ego do pa-Há ainda uma terceira tese no trabalho de Heimann, ciente; teremos aumentado o mal-entendido, se preferir-que se refere à função do analista. Como dizia Freud, o mos falar como Money-Kyrle (1968, 1971). Esse risco, analista deve ser um espelho para o paciente, deve refleti-porém, não deve ser tomado como um obstáculo intrans-lo, dando-lhe, assim, a

oportunidade de perceber a si mes-mo: o analisando sempre pode entender mal, e o analista assume o papel de um ego suple-lista sempre pode corrigir esse mal-entendido com uma interpretação. Para funcionar dessa maneira, nova interpretação. E também podemos cair no erro con-clui Heimann, o analista deve deixar que o paciente trário, fazendo uma interpretação transferencial quando tome a iniciativa, e sempre lhe será vedado intervir ativa-o que teria cabimento era atender o conflito infantil ou o mente com opiniões e conselhos; ao mesmo tempo, terá atual. Se quisermos ser ainda mais precisos, teremos de de analisar permanentemente sua contratransferência para dizer que toda interpretação será bem compreendida por obter dela indícios do que acontece com o analisando, a uma parte do ego (o ego observador) e, ao mesmo tem-fim de cumprir seu difícil papel.

po, distorcida pelo ego vivencial, de modo que, cada vez Se o analista mantém esse equilíbrio, conclui Heimann, que vamos interpretar, teremos de pesar ambas as possi-sua atividade interpretativa pode ser sua resposta a uma bilidades. Se o ego observador é suficiente (ou, o que é o pergunta implícita: o que está fazendo o analisando ago-mesmo, se contarmos com uma aliança terapêutica acei-ra, a quem e por quê?

tável), a possibilidade de que a interpretação seja operante é obviamente maior. É nessas condições, justamente, que aumenta o alcance da possibilidade de uma interA INTERPRETAÇÃO EXTRATRANSFERENCIAL

pretação extratransferencial.

Entretanto, é também inegável que, por sua índole, a De toda a discussão anterior surge, por diversas ve-interpretação transferencial conta com melhores recursos zes, uma pergunta que sempre tem vigência: que lugar para corrigir a distorção perceptiva do ego (mal-entendi-ocupa na psicanálise a interpretação extratransferencial?

do), porque se dirige ao imediato, ao dado; e, ao mesmo Por interpretação extratransferencial, entende-se aqui, se-tempo, o analista pode resgatar-se melhor, em sua condi-gundo o já estudado, a que opera sobre o conflito atual, o ção de tal, ao devolver o drama ao verdadeiro tempo de conflito infantil e o conflito precoce.

sua história. Esses dois elementos são importantes e, pelo Se quiséssemos propor esse problema nos termos de fato de que só podem ocorrer a partir da interpretação Paula Heimann, poderíamos

dizer que tudo depende dos transferencial, conferem a esta um valor especial.

processos perceptivos que estão em jogo em um dado mo- Se aceitamos sem rodeios a teoria da transferência, mento na situação analítica. Como diz Lacan (1958a), a podemos afirmar que, à medida que corrigimos a intro- interpretação que o analista dá, se a dá, “será recebida missão do passado no presente, temos mais oportuna- como proveniente da pessoa que a transferência supõe que des de operar como analistas. Cada vez que interpreto bem é” (Leitura estruturalista de Freud, p. 223). Na técnica a transferência, aumento o âmbito a partir do qual posso lacaniana, essa advertência influi, sem dúvida, na atitude falar como analista.

de silêncio do analista, ao passo que na Paula Heimann de Em resumo, a oposição dilemática entre interpreta- 1955 e, em geral, em todos os analistas kleinianos opera ção transferencial e extratransferencial é resolvida respei-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 245

tando-se a complexidade do material, sem se amparar na minha analista interpreta minha transferência materna com comodidade das opções escolásticas. Como dizia o mestre minha mulher ou com alguém de fora, opera com duas Pichon Rivière, uma boa interpretação, uma interpretação inferências teóricas: que minha mulher, ou quem quer que completa, deve tomar os três (ou quatro) âmbitos e mos-seja, é minha mamãe para mim, e que ela, minha analista, trar a identidade essencial do que se passa no consultório é minha analista para mim. Esses dois pressupostos po-com o que sucede fora e com o que sucedeu no passado.

dem ocorrer, é claro, mas não deixa de ser paradoxal que, Se tomamos somente uma dessas áreas, seja qual for, como nesse preciso momento, eu distorça lá e não aqui. Se as-se não existissem as outras, então já não operamos com a sim fosse, com efeito, deveríamos perguntar de que forma teoria da transferência.

estão operando os mecanismos de dissociação.

Nesse ponto, compreende-se a importância que Heimann outorga ao fenômeno perceptivo, já que será semA INTERPRETAÇÃO COMPLETA

pre mais fácil para o analista advertir e para o analisando corrigir uma distorção perceptiva, quando se dá no cam-Uma interpretação completa, como acabamos de ver, po. Mais seguro é falar da (neurose

de) transferência que deve integrar todos os níveis que o material oferece: conse vê do que das transferências que se infere. O erro já se flito infantil, conflito atual e transferência. À medida que tornará inevitável quando um problema de contratrans-utilizamos coerentemente a teoria da transferência, apoia-ferência leve a interpretar dessa maneira. Se o analista dos nos postulados psicanalíticos mais clássicos, mais está realmente aludido e prefere, não obstante, interpre-freudianos, evitamos a contradição entre os diversos ní-

tar o conflito atual ou o conflito infantil, é lógico supor veis de operação que convergem para uma situação total.

que está sendo influenciado por sua contratransferência.

O aspecto decisivo para entender as diferenças Muitas dessas reflexões podem ser aplicadas mutatis escolásticas é deslindar em sua real hierarquia os níveis de mutandi a Lacan ou, mais precisamente, ao Lacan da “In-ação do analista. Isto depende das teorias, mas também tervenção sobre a transferência”. Não basta, de maneira da clínica.

alguma, operar a inversão dialética do material, desen-Se postulamos, como Paula Heimann, que a realida-ganchar-se da transferência e remeter o paciente à sua de é percebida a partir da fantasia inconsciente, logica-história, ainda que fosse apenas porque essa atitude do mente vamos pensar que a realidade imediata da qual analista pode ser vista pelo paciente a partir de seu confli-podemos partir é a transferência. Se sustentamos, ao conto transferencial. Assim, por exemplo, operar a inversão trário, que o conflito a analisar encontra-se em um círculo dialética (embora, obviamente, não se digam essas pala-fechado, ao qual só podemos aceder após um processo de vras) será, para o analisando, a homossexualidade; remetê-

regressão, antes de intervir teremos de esperar em silên-lo à história, tirá-lo da cama dos pais, etc. Lembro-me de cio até que isso ocorra. E ficaremos mais em silêncio ainda um paciente eritrofóbico que ficava enrubescido cada vez se sustentarmos que a transferência é um fenômeno ima-que se usava uma expressão que (no nível do processo ginário do qual devemos desenganchar-nos, sem ceder à primário) pudesse aludir à homossexualidade, como, por demanda.

exemplo, dar marcha a ré com o automóvel, fazer uma Alguns analistas, entre os quais se destaca Ricardo inversão bancária, etc.

Avenburg (1974, 1983), dizem que a transferência está Tudo isso explica por que estabelecemos diferenças tanto fora quanto dentro da sessão, e é indiferente, então, entre o nível tático e o nível estratégico da interpretação, interpretá-la em um lugar ou em outro: minha transferência como também faz Löwenstein. De forma esquemática, a transferência materna será tanto com minha esposa e minhas amigas-gostaria de propor que, em termos da situação analítica, tanto quanto com a doutora que me analisa; e isso é certo, (isto é, do campo), a interpretação transferencial é a absolutamente certa, um fato, diga-se de passagem, que a estratégia do analista, ao passo que as interpretações do caso mostra a espontaneidade do fenômeno transferencial. No caso atual são táticas ou resultam da elaboração que se entendo, esses analistas não levam em conta que, quando segue àquela:

“Compreende-se agora por que você sente minha doutora analisa minha transferência materna com que sua mulher...”. Da perspectiva do processo psicanalítico-minha mulher ou com uma colega, pode não ser a analista, no entanto, a interpretação transferencial é tática e para mim. Pode ser minha mãe, por exemplo, uma subordina-se à estratégia de estabelecer seu nexo com o mãe que não assume sua responsabilidade e deixa-me passado, com o conflito infantil.

com “a babá”, quando não uma mãe que consente com Além dessas linhas gerais, contudo, sempre devemos o *acting out* de que eu me vá com a vizinha ou com a tia partir do que aparece manifestamente no material. Se o que minha mulher está representando; ou será meu pai que realmente predomina no material é o conflito atual, que me castrará por meu vínculo incestuoso; ou meu interpretá-lo será em princípio o mais legítimo, enquanto irmãozinho ciumento de me ver com mãe, etc. E, no trazê-lo para a transferência, como faz às vezes o analista fim das contas, quem assegura à minha analista que principiante (“E isso também acontece comigo”), não será sua mulher seja minha mãe nesse momento para mim?

mais que um artefato. Veremos esse artefato aparecer com Pode ser meu pai, por exemplo. E pode até ser, pura e mais frequência, é evidente, nos grupos analíticos que simplesmente, minha mulher sem distorções! Para ser ainda mais fundamental interpretar na transferência e originais mais preciso, devo dizer que, na realidade, quando não, por conseguinte, um superego analítico que pressio-

246 R. HORACIO ETCHEGOYEN

na nessa direção. De qualquer modo, é provável, porém, transferência. Todavia, a probabilidade não pode reger a prática que a interpretação do conflito atual, formulada nessas condições concretas do consultório e a

alternativa oposta também é condições, só cumpra a função tática de reativar o conflito válida. Não interpretar o conflito atual ou o conflito infan-transferencial, como dizia Strachey.6

til, quando é o momento, dando em seu lugar uma interA interpretação extratransferencial do conflito atual pretensão convencional na transferência, é um erro que re-adquire um valor diferente quando fica integrada ao pro-força os mecanismos de dissociação e contribui para idea-cesso de elaboração. Como veremos ao falar de insight, o lizar o analista.

efeito da interpretação deve ser entendido a partir do pro-Os mecanismos de dissociação complicam e enrique-cesso de elaboração, que em boa parte é cumprido mos-cem a tarefa do analista. Estamos habituados a descobrir trando-se ao analisando até que ponto repete a mesma que o paciente dissocia, quando fala de seu conflito atual situação em contextos diferentes (Fenichel, 1941). Isto só ou de seu conflito infantil, para eludir o conflito na trans-

é alcançado atendendo imparcialmente a transferência, o ferência; porém, pode ser que faça justamente o contrá-

conflito atual, o conflito precoce e o conflito infantil, con-rio, reforçando artificialmente o conflito com o analista forme vão aparecendo no material.

para não ver o que lhe acontece fora, ou para não se res-Uma interpretação completa é, então, a que abrange ponsabilizar por sua história; e também, é óbvio, para agra-todas as áreas do conflito. E digamos que aqui, assim como dar ao analista que só vê a transferência. Aqui sim ficamos na aritmética, a ordem dos fatores não altera o produto.

enganchados na transferência, em uma situação ilusória, Dá no mesmo que sigamos o caminho que vai da transfe-imaginária, como diz Lacan. Lembro-me de um homem rência à história e dali ao conflito atual ou outro qualquer.

rico e muito inteligente que falava de modo vão de “sua Todas as combinações são válidas, e não há, portanto, uma relação comigo” no dia em que havia recebido a notícia de rota obrigatória. Quando pretendemos aplicar um esque-que uma de suas principais empresas estava por quebrar.

ma estrito, já estamos falhando, porque nenhum esquema Não menos problemático era para mim aquele outro pa-pode abranger a

variedade infinita da experiência do conciente que, enquanto se debatia em um conflito transfe-sultório. Embora seja certo que a passagem pela transferencial de inusitada intensidade, dizia que ia falar de mim, rência é ineludível e privilegiada, porque nosso inimigo porque era o único tema que me interessava! Essa predile-jamais poderá ser vencido in absentia ou in effigie, ção “minha” já era motivo suficiente para que em seguida tampouco é concebível uma análise em que não se interme ofendesse, insultando-me de cima a baixo.

prete o conflito atual, se formos conseqüentes com o con-Enfim, temos forçosamente que aceitar a bela com-ceito de elaboração; que dirá então o conflito infantil, que plexidade da situação analítica e pensar que nunca pode-está implícito na transferência.

remos estar certos de nada, receptivos ao material, aten-Na verdade, se formos receptivos, o material do patos sempre às mudanças que podem ocorrer. O processo ciente nos levará continuamente daqui para lá, girando analítico é muito sutil e não vamos simplificá-lo com uma nessas três áreas. A objetividade analítica, medida na aten-posição tomada de antemão.

ção flutuante, pressupõe tomar o material assim como vem Um dos fatores que dá à interpretação transferencial e sem prevenção. Sem memória e sem desejo, diz Bion, um valor insubstituível é sua imediatez, e está implícito com simplicidade hiperbólica. A única prioridade é a asso-nas teorias de Strachey, como veremos no devido momen-ciação livre.⁷

to, que o setting analítico opera como uma realidade Como já dissemos, a maior dificuldade da interpreta-testável. O setting é a condição necessária do trabalho ana-

ção extratransferencial – e também seu risco – é que, em lítico. A atitude mental e emocional do analista são parte geral, o analista tem um papel atribuído na transferência, de seu setting, condições necessárias para o trabalho ana-e, à medida que esse papel seja forte, toda interpretação lítico, em que opera como único fator suficiente a inter-extratransferencial é destinada ao fracasso, a ser mal-en-pretensão. Se a interpretação opera, é, justamente, porque tendida. Quando o analista é o analista para o paciente, e estão dadas as condições para que o paciente a tome como isso se mede na quantidade de ego observador do pacien-interpretção. Porque, se tenho rivalidade com meu paci-te em dado momento, então dá no mesmo interpretar na ente e faço-lhe a melhor interpretação do mundo sobre situação analítica ou fora dela. Nem sempre temos essa

sua rivalidade edípica, essa interpretação nunca será sorte, entretanto, o que não pode chamar a atenção de operante. E tampouco é boa; na realidade, é uma forma ninguém se nos ativermos ao que diz a teoria, que a libido sofisticada de exercitar minha rivalidade e nada mais. A do neurótico está ligada a figuras arcaicas e, portanto, não interpretação é útil, porque as condições necessárias para está disponível para os objetos da realidade. É por isso formulá-la estão dadas.

que, probabilisticamente, pode-se afirmar que não se oferece com frequência a ocasião de interpretar fora da trans-SOBRE O REGISTRO DA

FANTASIA INCONSCIENTE

6 Voltaremos a esse tema interessante ao estudarmos a interpre-Ao apoiar-se resolutamente no conceito de fantasia tação mutativa.

7 Serão encontrados exemplos pertinentes em meu trabalho inconsciente de Susan Isaacs, o trabalho de Heimann dá

“Instances and alternatives of the interpretation work” (1981c).

as razões teóricas que levam os analistas kleinianos a in-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 247

interpretar com mais amplitude e frequência a transferên-Heimann também acredita que seu trabalho conce-cia. A própria Melanie Klein havia dito em “The origins of dia uma importância exagerada às relações de objeto e transference” (1952a): “Durante muitos anos – e isso é, aos mecanismos de introjeção e de projeção que modelam até certo ponto, ainda certo agora –, a transferência foi o crescimento do ego, deixando na sombra as capacidades entendida em termos de referências diretas ao analista no inatas do ego enquanto potencialidades que impulsionam material do paciente. Meu conceito de que a transferência o desenvolvimento. Seguindo Hendrick, nossa autora contem suas raízes nas fases mais precoces do desenvolvimento sidera que os mecanismos do ego não são apenas defensi-e nos níveis mais profundos do inconsciente é muito mais vos, mas também executivos.

amplo e leva a uma técnica pela qual os elementos incons-Continua pensando que a interpretação é a única fer-cientes da transferência são deduzidos da totalidade do ramenta específica da análise, porém agora dá mais im-material apresentado”.8 Paula Heimann desenvolve em

seu portância à situação analítica e às concepções atuais que a ensaio essas afirmações de Klein, nas quais também se descrevem na dupla vertente da aliança terapêutica e da baseia o trabalho de López (1972) quando estuda como se neurose de transferência. A situação analítica, enquanto pode descobrir a fantasia inconsciente que alimenta a trans-milieu, oferece ao analisando um ambiente que se asseme-ferência na sessão e como se constrói, a partir disso, a lha ao meio familiar da infância e, ao mesmo tempo, é interpretação. López apóia-se especialmente em alguns muito variável e rico em estímulos.

elementos da teoria da comunicação e nos informes que o Por repetir a indiferenciação original entre o lac-analista registra como contratransferência. No paciente tante e os cuidados maternos, o meio analítico permite ao neurótico típico, diz López, a via preferida da comunica-paciente reviver a ilusão narcisista de estar unido com ção é a verbal; porém, nos caracteropatas, boa parte da seus pais amantes e reviver a confiança primitiva da qual comunicação transcorre por canais não-verbais ou para-depender um desenvolvimento favorável. É no interior verbais, que são justamente os que mais incidem na condesse equipamento de trabalho que se situam os pro-tratransferência. A compreensão assim obtida “completa-cessos de individuação, assim como a descoberta das se mediante sua correlação com o significado verbal”

capacidades específicas do ego que podem corrigir o que (López, 1972, p. 196).

andava mal.

Quando o compromisso contratransferencial é ainda As mudanças na condição psíquica do paciente de-maior, como na psicose, o analista, em geral, tem de inter-pendem de uma tomada de consciência de si mesmo, e pretar sem atender às alternativas do significante verbal.

isso lhe vem das interpretações do analista; contudo, ao Nos casos intermediários da classificação de López, avaliar a importância de uma interpretação, não pode-os transtornos do caráter, o analista pode às vezes correremos descuidar o efeito do meio psicanalítico, que, por lacionar o significante verbal com o registrado na contra-sua constância, representa uma fonte de transferência transferência e chega, então, a construir uma interpreta-positiva.

ção que inclui o significante verbal (o que se diz), o comO que o analista oferece com a interpretação e, às ponente paraverbal (como se diz) e o não-verbal (o que se vezes, com uma pergunta ou um

“hum!” é a percepção de faz) (1972, p. 195).

um processo que deve ser um ponto de partida para o ego.

Não cabe ao analista oferecer ao paciente a solução de seus problemas, e sim um esclarecimento que acrescente A EMENDA DE PAULA HEIMANN

algo ao que o analisando já sabia de si mesmo.

O analista, enfim, deve estar atento ao significado da No post-scriptum publicado pelo Bulletin da Associação-transferência, mas também à importância dos aconteci-

ção Psicanalítica da França, em 1969, Paula Heimann vol-mentos fora da situação analítica.

ta a seu artigo de 1956 para assinalar algumas mudanças O post-scriptum de 1969 marca uma mudança evi-nesses quase 15 anos.

dente no pensamento de Paula Heimann. A interpreta-Já não aceita a teoria freudiana das pulsões de vida e ção compartilha agora com o milieu psicanalítico as po-de morte, que abraçou com entusiasmo desde seus anos tencialidades curativas do método, e seus alcances ficam de candidata. Há uma tendência destrutiva primária no muito limitados. Já não é uma informação que amplia a ser humano, ao lado da libidinal, mas não lhe parece ago-capacidade perceptiva do ego, mas um esclarecimento ra convincente a relação entre a hipotética pulsão de mor-que acrescenta algo ao que o analisando já sabia de si te e a tendência destrutiva primária.

mesmo. Sem pretender explicar tudo, a interpretação pode reduzir-se a um “hum”, que tanto signifique compreensão quanto dúvida.

8 “For many years – and this is up to a point still true today –

A transferência já não é o decisivo, e a interpretação transference was understood in terms of direct references to the deve ocupar-se também da realidade exterior.

analyst in the patient’s material. My conception of transference Quanto a seu alcance e profundidade, a interpreta-as rooted in the earliest stages of development and in deep layers ção aproxima-se agora do esclarecimento, e não é casual of the unconscious is much wider and entails a technique by para mim que se acredite que ela é superponível a essa which form the whole material presented the

unconscious elements famosa interjeição que pode transmitir muita compreensão da transferência deduzida” (The Writings, v.3, p. 55, grifos são de afeto, mas pouca informação).

no original).

248 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A REVISÃO DE MERTON GILL

A partir dessas reflexões, Gill propugna que deve ampliar-se o campo da transferência na situação analítica. Houve uma extensa revisão da análise da transferência atendendo às alusões encobertas à transferência no material entre os psicólogos do ego dos Estados Unidos e do Grupo de análise e prestando atenção às circunstâncias Freudianas (“B”) da Sociedade Britânica nos últimos 20 anos.

reais da situação analítica que determinam o fenômeno Merton M. Gill (1979, 1982) voltou preocupado ao transferencial aqui e agora, antes de recorrer à interpretação da transferência, porque tem a impressão de “que a transferência é genética. Disso se segue, naturalmente, análise da transferência não se realiza de maneira tão sistêmica que muitas associações do material sobre fatos e pessoal temáticas e detalhada quanto creio que poderia e deveria as da realidade devem ser interpretadas em termos da fazer-se” (ibid., p. 138).⁹ Gill pensa que o mais descuidado da transferência ou como acting out.

do é a interpretação da resistência a tomar consciência da. Com sua erudição habitual, Gill mostra-nos um Freud, transferência, mas há também um passo ulterior, em que verdadeiro por certo, que desde a autobiografia de 1925

se deve interpretar a resistência a resolver o vínculo transferencial. A interpretação dos sonhos está alertando-nos para o transferencial. No primeiro caso, o material resiste a ter conta-fato de que a situação analítica e o próprio analista estão tão com o transferido; no segundo, resiste a abandoná-lo.

permanentemente aludidos no material associativo do

“A interpretação da resistência a tomar consciência da transferência analisando e que será, assim, a fonte de inspiração do material de transferência aponta para tornar explícita a transferência imaterial trabalho de Strachey sobre a natureza da ação transferencial, enquanto a interpretação da resistência à interpretação da psicanálise (ibid., p. 159).

lução da transferência aponta para que o paciente com-Gill procura diferenciar-se dos analistas kleinianos, preenda que a transferência já explícita inclui, sem dúvi-assegurando que estes não levam em conta – como ele –

da, um determinante do passado” (ibid., p. 139).

os traços reais da situação analítica presente; contudo, tal-Isto leva nosso autor a assinalar que se descuida, em vez o talentoso investigador de Illinois pudesse chegar a geral, da análise da transferência aqui e agora, ao amparo revisar essa afirmação taxativa se lesse com menos paixão das interpretações genéticas que procuram remeter o cono trabalho de Strachey, que tanto admira, se lembrasse o flito transferencial aos modelos infantis que o originaram.

que Paula Heimann disse sobre o ego e a percepção e –

Gill dá-se conta de que, ao fugir da transferência para o last but not least – se relese sem preconceito “The origins passado, analisando e analista aliviam-se dos afetos per-of transference”.

turbados do presente.

9 Cito a tradução aparecida em Psicoanálisis, pois não tenho a versão inglesa, nem tive a sorte de receber a tempo Analysis of the transference, de Gill e Hoffman.

33

A Interpretação Mutativa*

Em 13 de junho de 1933, James Strachey leu na So-Esses trabalhos,³ por sua vez, mostram a influência direta cidade Britânica uma comunicação, “The nature of the da teoria estrutural de Freud e sobretudo do novo concei-therapeutic action of psychoanalysis”, que haveria de dei-to sobre a sugestão que se propunha em Psicologia das xar uma marca profunda no pensamento psicanalítico. É, massas e análise do ego (1921c).

sem dúvida, um dos trabalhos mais valiosos da bibliogra-A contribuição de Sachs (1925) sugere que a mu-fia, e há quem diga que é de todos o mais lido, natural-dança estrutural provocada pela análise depende de uma mente se excluirmos Freud. Apareceu no International modificação do ideal do ego (superego). O antigo conflito Journal de 1934 e foi reeditado novamente em 1969, ao entre o id e o ego é resolvido, porque o superego do paci-comemorar a

revista seu quinquagésimo aniversário.¹ No ente conforma-se com a atitude do superego analítico e número anterior do mesmo volume, publicaram-se as no-adota uma posição de sinceridade frente ao impulso, que as necrológicas de Anna Freud e de Winnicott pela morte permite remover o recalçamento.

de Strachey.²

Alexander (1925), por sua vez, também considera Pouco depois, em 4 de agosto de 1936, durante o XIV

que o conflito deve ser resolvido a partir de uma modifica-Congresso Internacional de Marienbad, Strachey falou no ção do superego; porém, seus pressupostos vão um pouco Symposium on the Theory of the Therapeutic Results of mais longe que os de Sachs, já que o superego é para ele Psycho-Analysis, junto a Glover, Fenichel, Bergler, Nunberg uma instância arcaica que o tratamento deve demolir.

e Bibring, todos por certo analistas de primeira linha. Esse Alexander sustenta que o superego não tem acesso à relato reproduz as idéias do anterior, com algumas dife-realidade, nem o ego tem contato com o instinto. O ego é renças que assinalarei mais adiante.

cego aos estímulos internos e esqueceu a linguagem das Como seu nome indica, o trabalho de Strachey inter-pulsões, enquanto o superego só entende essa linguagem roga-se sobre os mecanismos que levam a cabo os efeitos e tudo o que exige é o castigo do ego (1925, p. 23). Com terapêuticos da psicanálise, e sua resposta é clara: a ação base nessas definições, compreende-se que Alexander con-terapêutica da psicanálise depende das mudanças dinâmi-sidere que o superego é uma estrutura anacrônica e postu-cas que a interpretação produz e sobretudo um tipo espe-le que o processo curativo consiste em dissolvê-lo para que cial de interpretação, que ele chama de mutativa.

o ego se encarregue de suas funções, o que, certamente, Aos 50 anos da leitura de seu ensaio, quero prestar-não se consegue sem resistências (ibid., p. 25).

lhe homenagem, mostrando até que ponto tem atualidade Esse processo desenvolve-se em duas etapas e tem a e vigência.

ver com a metapsicologia do tratamento. A partir da transferência, o analista toma primeiro para si as funções do superego; depois, por meio do trabalho interpretativo e ANTECEDENTES DO TRABALHO DE STRACHEY

da elaboração, ele as reinstala no ego do paciente. O papel da transferência no processo analítico consiste, pois, em O escrito de Strachey e o simpósio de Marienbad têm transformar o conflito estrutural entre o id e o superego um antecedente certo no VIII Congresso de Salzburgo em um conflito externo entre o paciente (id) e o analista (1924), em que foram relatores Sachs, Alexander e Radó.

(superego).

Talvez valha a pena nos determos aqui, por um momento, nos postulados de Alexander para assinalar o quan-

* N. do A. Transcrevo meu trabalho “Há cinqüenta anos da inter-to há neles de petição de princípios. Porque, se digo que o pretação mutativa”, publicado na Revista Chilena de Psicanálise superego é somente irracional e que todo o racional está de 1982 e também no International Journal de 1983.

depositado no ego, então está bem transformar o superego 1 O outro trabalho que mereceu essa honra foi o de Edward em ego, removê-lo e subsumi-lo no ego. Esse critério leva Bibring, “The development and problems of the theory of the finalmente Alexander à sua reeducação emocional. Dife-instincts”, aparecido primeiro em Imago (1936) e depois no volume 22 do International Journal (1941).

2 Strachey morreu aos 79 anos, em abril de 1967. Quando leu seu célebre paper, tinha por volta de 45 anos.

3 Publicados no International Journal de 1925.

250 R. HORACIO ETCHEGOYEN

rentemente de Alexander, a grande maioria dos analistas Para Radó, entre a neurose artificial recém-descrita pensa que o superego tem aspectos positivos, embora às do método catártico de Breuer e a do método proposto vezes se fale dele pejorativamente. Freud sempre o subli-depois por Freud, com o paciente desperto, não há uma nhou e diz isso com elegância ao finalizar seu ensaio so-diferença essencial.

bre o humor (1927d). A teoria do superego apenas indica A metapsicologia de todos esses procedimentos que há uma instância moral dentro do aparelho psíquico, terapêuticos deve ser buscada na explicação que Freud não que ela seja necessariamente irracional, nem tampouco (1921c) fornece sobre a hipnose: o hipnotizador toma o irreversivelmente cruel.

lugar do ideal do ego do hipnotizado, usurpando suas fun-
(1957-1958), que estudou esse problema com ções através de um
processo de introjeção.⁵ O hipnotizado insistência, considera o
superego como estrutura paterna situa em seu ego uma representação
ideal do hipnotizador, proibidora e o ideal do ego como o
representante dos as-que se modifica continuamente, visto que
continua rece-pectos doadores do pai, com o qual a criança tende a se
bendo impressões sensoriais do mundo exterior e, ao mes-identificar
no final do complexo de Édipo. Meu superego mo tempo,
investimentos do mundo interno. Se dessa for-diz que não posso
deitar-me com minha mamãe, mas meu ma o objeto introjetado
consegue atrair os investimentos ideal do ego diz que posso ser como
meu pai e ter uma do superego, sua esfera de influência aumenta,
reforçada mulher, diferente da mamãe.⁴ Assim, pode-se dizer, com
por elas: o hipnotizador deixa de ser simplesmente um Lacan, que o
superego é uma instância interdutora e que o objeto introjetado para
se converter em um verdadeiro ideal do ego estimula, sem esquecer
que os dois aspectos superego parasita.⁶ Essa passagem de
investimentos do ocorrem, na realidade, simultaneamente e que
ambos são superego ao objeto introjetado é sempre apenas parcial e,
necessários.

portanto, precária; porém, de qualquer modo, a mudança De qualquer
maneira, o superego contém um amplo econômica traz como
consequência que o superego fique setor arcaico e infantil que
constitui um problema real na debilitado e o superego parasita
fortifique-se transitoria-análise; e ninguém duvida que o analista tem
de se depa-mente, ou seja, enquanto durar a influência do hipnotiza-
rar com um superego imaturo e irracional.

dor. A partir das mudanças econômicas recém-descritas, forma-se na
hipnose, conclui Radó, um novo superego, um superego parasita, que
é o duplo do outro.

O SUPEREGO PARASITA DE RADÓ

Esse processo, prossegue Radó, reproduz o originá-

rio, dado que o superego formou-se inicialmente a partir Radó (1925)
expôs em Salzburgo os princípios eco-da introjeção dos pais, que
conduziu à retirada das cargas nômicos da técnica analítica e
introduziu o conceito de incestuosas. No neurótico, esse processo não
teve bom superego parasita.

êxito, e é justamente a libido recalcada do complexo de O ponto de

partida de sua reflexão é o conceito de neu-

Édipo que investe o hipnotizador, o superego parasita. Isto rose de transferência que, como Freud descreveu-a em 1914, reativa o masoquismo feminino do ego, o que provoca uma consiste em uma neurose artificial, surgida durante o trata-aguda modificação do equilíbrio energético do aparelho mento psicanalítico e a cuja resolução encaminha-se nossa psíquico, que fica neutralizado graças ao fato de que o técnica. Na terapia hipnótica, prossegue Radó, há também processo de identificação dessexualiza a relação entre o uma transferência de libido dos sintomas ao hipnotizador, ego e o objeto introjetado; este fica, assim, transformado que reproduz textualmente a relação da criança com seus em um superego parasita ao apropriar-se dos investimen-pais. Portanto, na hipnose, forma-se uma neurose de transfe-tos do superego original.

rência hipnótica como produto artificial da terapia.

Resumindo, o hipnotizador toma o lugar de um obje-Também no método catártico sobrevém para Radó uma to, o que reativa o masoquismo do ego e desencadeia um neurose artificial, talvez mais aparente ainda que a anterior.

processo defensivo de introjeção que provoca a idealização Aqui, influi um novo fator: muda a atitude do hipnotizador.

do objeto e reforça sua autoridade frente ao ego e, com Em vez de operar como um superego que recalca os sinto-isso, converte-se em superego.⁷

mas, isto é, o conflito e a sexualidade infantil, o hipnotizador do método catártico utiliza sua influência para que os instintos ligados aos sintomas liberem-se do recalçamento. Desse modo, os sintomas cedem, e a energia liberada cristaliza-5 Não se deve esquecer que o ideal do ego de 1921 passa a ser o se na descarga afetiva que chamamos de ab-reação e que é, superego em 1923.

estritamente, um sintoma neurótico agudo. Para Radó, a 6 “Should it now succeed in attracting to itself the natural cathexis ab-reação é a contrapartida artificial de um sintoma histéri-of the topographically differentiated super-ego, its sphere of co. Quero dizer, de passagem, que esse pensamento parece-influence is thereby subjected to a new authority and the hypnotist me a objeção teórica mais consistente sobre o valor da catarse is promoted from being an object of the ego to the position of a parasistic super-ego” (Radó, 1925, p. 40, grifos no

original).

em psicoterapia.

7 “The hypnotist first of all takes the place of an object for the ego, turns to the masochistic state of readiness in the ego, is quickly subjected to the defensive process of introjection which 4 A idêntico resultado, e por seu próprio caminho, chega a refle-brings about his idealization and strengthens his authority over xão de Berenstein (1976).

the ego by means of the super-ego” (ibid., p. 44).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 251

Não sabemos como Radó teria descrito a função do tes que a análise pode alcançar e fará isso guiado por superego na neurose de transferência, porque a segunda Melanie Klein. O ser humano funciona através de proces-parte de seu trabalho nunca foi publicada. Teria certamente sos contínuos de introjeção e projeção, que fundam a rela-estabelecido alguma diferença entre o que escreveu para ção de objeto e a estrutura do aparelho psíquico. O su-os métodos hipnóticos e o que não chegou a escrever para perego surge muito precocemente e leva a marca do sadis-o método psicanalítico, preservando a linha de seus racio-mo que a criança projeta no objeto. Como diz Klein (1928), cínios. Isto não sabemos, mas sabemos, em troca, que se a criança pequena pode sentir-se aterrorizada frente a Strachey toma a idéia de superego parasita para pôr em um superego que destrói, morde e corta em pedaços, é marcha sua própria investigação.

porque projetou nele seus impulsos destrutivos, independentemente das características agressivas e frustradoras dos pais da infância. O objeto sobre o qual se projetaram O SUPEREGO AUXILIAR

os impulsos introjeta-se depois com essas características, e a nova projeção depende delas. Desse modo, pode-se criar Contrariando Bernheim, para quem a hipnose era um um círculo vicioso, em que o objeto torna-se perigoso pelo produto da sugestão, Freud (1921c) sustentou que a su-sadismo projetado que obriga a um reforço do sadismo gestão explica-se a partir da hipnose, isto é, a partir do como defesa, ou um círculo “virtuoso”, em que o objeto posicionamento do hipnotizador no lugar do ideal do ego torna-se cada vez melhor e protetor, o que tem a ver com do hipnotizado, do mesmo modo que o líder constitui-se o avanço da libido ao plano genital.

dentro do ego dos componentes do grupo e a partir dali Para Strachey,

o jogo de projeção/introjeção serve opera sobre eles. É, então, esse processo de introjeção que para explicar simultaneamente o mecanismo da enfermi-ocorre na hipnose o que condiciona a sugestionabilidade.

dade e da cura. O círculo vicioso descrito entorpece o cres-Essa idéia de Freud, a relação entre sugestionabilidade cimento, estanca o indivíduo nos conflitos primários que e hipnose, que parece articular as três contribuições de lhe impedem o acesso à etapa genital, em que as pulsões Salzburgo, também inspira Strachey. Digamos que é, além do id são mais toleráveis e o superego é mais tolerante. Se disso, o ponto de partida de muitas reflexões sobre pro-pudéssemos abrir uma brecha nesse círculo vicioso, con-blemas técnicos. Ida Macalpine (1950), por exemplo, exclui Strachey, o desenvolvimento se restabeleceria espon-plica a transferência a partir da sugestão hipnótica.

taneamente.

Já que Freud sempre pensou que, em última instân-Quando encontra um novo objeto, o neurótico dirige cia, o analista opera sugestivamente sobre o analisando para para ele seus impulsos, ao mesmo tempo em que projeta que abandone suas resistências, então, como um silogismo, nele seus objetos arcaicos. Certamente, isso acontece com pode-se dizer – conclui Strachey – que o analista funciona, o analista no começo da análise, que fica investido pelos porque se colocou no lugar do superego do paciente.

variados objetos que formam o superego. Dado o compor-Apoiado em Alexander, Strachey pensa que há um tamento real do analista, e na suposição de que o anali-primeiro momento do processo em que o analista toma o sando tenha um mínimo contato com a realidade, este in-lugar do superego do analisando, mas não, como diz o corpora o analista como um objeto diferente do resto, ao húngaro, para demolilo e devolvê-lo como integrante da que Strachey chama de superego auxiliar.

estrutura egóica, e sim para operar em uma situação van-Strachey segue nesse ponto a inspiração de Radó, tajosa. Strachey, diga-se de passagem, não concorda com porém há uma diferença de fundo. Strachey não fala de a idéia de que o superego é inteiramente irracional e in-um superego “parasita”, mas sim de um superego “auxiliar”, consciente e que deve ser arrasado.

e essa diferença não é apenas na nomenclatura: a postula-O que

interessa a Strachey da metapsicologia de cão de Radó é mais energética (o parasita vai chupando as Alexander é, portanto, que o superego do analisando pas-energias do superego, e isso permite a cura), enquanto em sa ao analista e que isso altera, em alguma medida, os Strachey sobressai o estrutural, pois pensa que esse pos- termos do conflito. Aqui, nesse ponto, valem para Strachey cionamento do analista como superego abre a possibilida-os princípios econômicos de Radó, na medida em que o de de romper o círculo vicioso neurótico que perpetua e hipnotizado introjeta o hipnotizador como superego para-reforça os mecanismos de introjeção e projeção, base da sita, que absorve a energia e assume as funções do superego relação de objeto.⁸

original. Esse processo é sempre transitório e não dura Há várias razões para que o analista como objeto além da influência do hipnotizador, mas explica as mu-introjetado diferencie-se em princípio do superego arcai-danças promovidas pelo tratamento sugestivo hipnótico e co, entre as quais Strachey destaca a atitude permissiva pela cura catártica, bem como os resultados sempre tem-que introduzir a regra fundamental supõe. O superego au-porários desses métodos.

xiliar autoriza o paciente a dizer tudo o que lhe venha à cabeça, o que Racker (1952) chamou, certa vez, de aboli-

ção do rechaço. Desse modo, o novo superego (“podes di-O CÍRCULO VICIOSO NEURÓTICO

Agora, Strachey percorrerá o caminho que separa os 8 Por isso, não creio que Strachey marque a apoteose de uma transitórios métodos hipnóticos das mudanças permanen-psicologia do impulso, como afirma Klauber (1972).

252 R. HORACIO ETCHEGOYEN

zer”) funciona em sentido contrário ao antigo (“não deves ciência um determinado impulso do id que, em princípio, dizer”), embora a diferença seja muito fluida e, em qual-será dirigido ao analista. Esse é o ponto crítico, já que o quer momento, o superego racional possa transformar-se, analista não se comporta, de fato, como o objeto originá-

demandando: “Se não disseres tudo, deixarei de te que-rio, pelo qual o analisando poderá tomar consciência de rer, tirar-te-ei do consultório, castrar-te-ei, matar-te-ei, que, entre seu objeto arcaico e o atual, há

uma distância.

cortar-te-ei em pedaços”, etc.

“A interpretação tornou-se agora mutativa, desde que proA única forma de romper o círculo vicioso, diz Strachey, duziu uma brecha no círculo vicioso neurótico”.¹¹ O anali-

é que a imagem projetada não se confunda totalmente com sando introjeta agora um objeto diferente e, com isso, muda a real. Para que isso seja possível, há uma condição neces-o mundo interno (superego) e também o mundo externo, sária, o setting analítico, e uma condição suficiente, a in-visto que a próxima projeção será também mais realista, terpretação.

menos distorcida. O psicanalista ressurgue do processo O superego auxiliar não se distingue apenas do su-interpretativo como figura real, que é o que mais importa perego arcaico mau do analisando, mas também do bom, a Strachey em seu artigo. Uma interpretação correta sem-já que sua bondade baseia-se consistentemente em algo pre traz implícita uma afirmação do analista em sua fun-que é real e atual,⁹ o que depende, antes de mais nada, do ção. Digamos, de passagem, que a palavra mutativa tem enquadre.

para Strachey o significado de algo que muda a estrutura O enquadre, entendido aqui como a atitude neutral psicológica, assim como a mutação genética muda a estru-do analista, faz com que este não fique demasiadamente tura celular.

envolvido no conflito e, por sua vez, permite ao analisando-Strachey chama, pois, de interpretação mutativa a que do ser mais consciente da deformação que suas projeções produz mudanças estruturais e diz que consiste em dois promovem. O enquadre, efetivamente, dá ao paciente uma momentos, que separa didaticamente em sua descrição oportunidade realmente muito particular de projetar e de para torná-la mais compreensível. Não é necessário para a ver que essas projeções não correspondem à realidade, en-teoria, contudo, que essas duas fases tenham uma delimi-quanto o analista responde com uma atitude imparcial.

tação temporal; elas podem ocorrer simultaneamente ou Mas apenas isso, prossegue Strachey, certamente não bas-então ficar separadas, e é freqüente que a interpretação ta, porque a pressão do superego infantil (e, em geral, do do analista abranja ambas em uma só fórmula.

conflito) faz com que a tendência a entender mal a experiência seja muito grande. As duas fases nunca são simples e podem ser bastante complexas; porém, do ponto de vista genético, existirão superego arcaico e o auxiliar é bastante lábil e aleatória, sempre. A chave da teoria apóia-se em que o analisando não passará muito tempo até que o analisando encontre tome consciência de duas coisas: um impulso instintivo e em sua fantasia ou na realidade motivos mais do que sufi-um objeto ao qual esse impulso não se adapta.

cientes para percorrer essa distância, com o que o novo superego ficará subsumido no antigo.

Entretanto, o analista dispõe de um instrumento sin-Primeira fase gular para que essa superposição não sobrevenha: a interpretação.¹⁰

Como já se disse, a primeira fase é cumprida quando Strachey sabe muito bem que a idéia de interpreta-o analisando torna-se consciente da pulsão ou, como afir-

ção é ambígua e está carregada de conotações afetivas, ma Strachey, seguindo Freud (1915d), de um derivado quando não irracionais e mágicas, e é por isso que procura (rebrote) da pulsão. Isto pode ser alcançado direta e es-precisá-la com seu conceito de interpretação mutativa.

pontaneamente, ou seja, antes de interpretar, mas o mais comum é que o analista intervenha com interpretações sucessivas para que o analisando se dê conta de que há um A INTERPRETAÇÃO MUTATIVA

estado de tensão e de angústia. Assim, deverá interpretar a defesa do ego, a censura do superego e o impulso instinAs mudanças econômicas que a presença do analista tivo, em diversas formas e na ordem correspondente, até pressupõe como superego auxiliar permitem aflorar à cons-que o derivado chegue à consciência, e mobilize-se a angústia em uma dose que será sempre moderada. Porque uma característica essencial da interpretação mutativa é 9 “The most important characteristic of the auxiliary super-ego is que a descarga de angústia seja graduada. Se a dose é that its advice to the ego is consistently based upon real and muito baixa, não se terá alcançado a primeira fase; se é contemporary considerations and this in itself serves to muito alta, sobrevirá uma explosão de angústia que torna-differentiate it from the greater part of the original super-ego”

rá a segunda impossível.

(Strachey, 1934, p. 140, grifos no original).

10 Gostaria de acrescentar aqui, lembrando Pichon Rivière, que a interpretação não só corrige o mal-entendido, como também

“cura” o analista de seu conflito contratransferencial do momento, porque, cada vez que este faz uma interpretação, recupera-se 11 “The interpretation has now become a mutative one, since it como analista, na medida em que devolve ao analisando o que has produced a breach in the neurotic vicious circle” (Strachey, na verdade lhe pertence.

1934, p. 143).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 253

Segunda fase

o pensamento de Anna Freud, que em 1936 dirá que a tarefa interpretativa tem de flutuar continuamente entre Nessa fase, desempenha um papel importante o *sen-o id* e o *ego*.

so de realidade do analisando para que possa contrastar o Strachey considera que há certas notas que são *defi-objeto real* com o *arcaico* (transferido). Já se disse que *nidoras da interpretação mutativa*, que é sempre imedia-esse contraste sempre é bastante inseguro; o analisando ta, específica e progressiva (bem dosada).

pode transformar, em qualquer momento, o objeto real Uma interpretação é imediata quando se aplica a um (analista) no *arcaico*. Em outros termos, o paciente está *impulso em estado de investimento*. Uma interpretação sempre disposto a confundir o analista com o objeto de que informa o analisando da existência de um impulso seu conflito e, então, o analista perde a posição de *privilé-*

que não está presente nunca poderá ser mutativa, embora *gio que lhe* permite efetuar a mutação. É nesse ponto que possa ser útil para preparar o terreno. Uma condição *ne-se destaca a importância decisiva do enquadre*. Se o *ana-cessária da interpretação mutativa* será sempre que tenha lista *afasta-se de seu enquadre e de seu papel*, consuman-a ver com uma emoção que o analisando vivencia como do algum tipo de conduta que não lhe corresponde (*acting algo atual*. Para dizê-lo em outras palavras, a *interpreta-out*), a resposta imediata (e lógica) do analisando será in-

ção tem de ir sempre ao ponto de urgência, como salienta *cluí-lo na* série de seus objetos *arcaicos, bons ou maus*.

Klein (1932) reiteradamente.

Desse modo, o analista fica inabilitado, e a segunda fase Uma interpretação é específica se é detalhada e connão poderá ser realizada. Embora seja paradoxal – diz creta, um ponto que Kris (1951) também sublinha quando Strachey, em frase memorável –, a melhor forma de asse-lembra a necessidade de atender aos elos pré-conscientes gurar que o ego seja capaz de distinguir entre fantasia e do material. Novamente, nada há de objetável em que uma realidade é privá-lo da realidade o máximo possível.¹² Se interpretação possa ser vaga, geral, imprecisa; e, de fato, olharmos bem, o paradoxo de Strachey não é tanto: ao assim se interpreta forçosamente quando se aborda um transgredir seu setting, o analista afasta-se da realidade tema novo. Todavia, enquanto não chegarmos a circuns-

(que é seu trabalho); e agora sabemos com segurança o crever o material, enquanto não conseguirmos enfocar a que não se sabia no tempo de Strachey, que essas trans-interpretação nos detalhes que sejam relevantes, não po-gressões têm sempre uma raiz na neurose de contratrans-deremos nunca esperar um efeito mutante. A interpretação (Racker, 1948; Money-Kyrle, 1956). Ao estudar o cão deve adaptar-se exatamente ao que está acontecendo, trabalho de Strachey, Rosenfeld (1972) destaca que quan-deve ser delimitada e concreta.

do o analista ocupa-se de uma realidade externa alheia à Por último, como dissemos há pouco em 5.1, a interanálise, só consegue que o analisando perturbe-se e o en-pretensão mutativa deve ater-se ao princípio da dose óti-tenda mal.

ma, deve ser progressiva, bem dosada, porque, caso contrário, não se atinge a primeira fase, ou torna-se impossível a segunda. Strachey ensina-nos a desconfiar das in-CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS

terpretações apressadas, que pretendem saltar etapas. As DA INTERPRETAÇÃO MUTATIVA

comoções não são mutações e as grandes mudanças acabam sendo, no fim das contas, de efeito sugestivo e pou-Segundo foram descritas, as duas fases da interpre-co duradouras.

tação mutativa têm a ver com a ansiedade: a primeira fase a libera, a segunda a resolve. Quando a ansiedade já está presente, então cabe administrar diretamente a segunda A INTERPRETAÇÃO EXTRATRANSFERENCIAL

fase. Pode ser que o analista prefira, nesse caso, dar apoio ao paciente,

pensando que o montante da angústia torna Um dos maiores méritos do trabalho de Strachey é improvável que ela seja resolvida interpretando. Essa con-a avaliação da interpretação extratransferencial, tema que duta pode ser taticamente plausível, embora o analista deva considerará novamente em seu relato de Marienbad.

ter então presente que renunciou, por um momento, à pos-Strachey afirma que, em princípio, uma interpretação que sibilidade de enfrentar a ansiedade com métodos especifi-não seja transferencial dificilmente pode promover a ca-camente analíticos.

deia de efeitos que concernem à essência da terapia ana-Se quisermos descrever o procedimento de Strachey lítica. Seu trabalho quer pôr em destaque a distinção di-na linguagem da segunda tópica, poderemos dizer que a nâmica entre interpretação transferencial e não-transfe-primeira fase dirige-se ao id e procura tornar consciente o rencial.¹³

derivado da pulsão. A tomada de consciência do derivado é acompanhada de angústia, e, então, a segunda fase dirige-se ao ego. Com essa formulação, torna-se claro que, ¹³ “Is to be understood that no extra-transference interpretation can nesse ponto, Strachey parece adiantar aqui, de certo modo, set in motion the chain of events which I have suggested as being the essence of psycho-analytical therapy? That indeed my opinion, and it is one of my main objects in writing this paper to throw into ¹² “It is a paradoxical fact that the best way of ensuring that his relief – what has, of course, already been observed, but never, I ego shall be able to distinguish between phantasy and reality is believe, with enough explicitness – the dynamic distinctions between to withhold reality from him as much as possible” (ibid., p. 147).

transference and extra-transference interpretations” (ibid., p. 154).

254 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A diferença essencial entre esses dois tipos de inter-ALGUMAS APLICAÇÕES DO

pretação depende de que somente na interpretação transfe-ESQUEMA DE STRACHEY

rencial o objeto do impulso do id está presente. Tal circunstância faz com que uma interpretação extratransfe-Uma vez estabelecido seu esquema teórico, Strachey rencial dificilmente possa dar-se no ponto de urgência (fase pode aplicá-lo para precisar os grandes problemas da

práxis um), e, ao fazê-lo, sempre será problemático que o analispsicanalítica. Façamos uma tentativa de estudá-los ordenando possa estabelecer a diferença entre o objeto real nadamente.

ausente e o de sua fantasia (fase dois). Portanto, uma interpretação extratransferencial será sempre menos efetiva e mais arriscada.

Interpretação mutativa e apoio

Até aqui, o raciocínio de Strachey aponta para mostrar que é faticamente impossível que uma interpretação Começamos por discutir o conceito de apoio, tal como extratransferencial seja mutativa, embora seja logicamente o entende Strachey. O apoio transforma o analista em um possível. Entretanto, em uma nota de rodapé do final de objeto bom que se confunde com o objeto bom arcaico seu trabalho, Strachey fornece os argumentos teóricos que (idealizado) do paciente. Compreende-se que, com vistas permitem sustentar que somente uma interpretação transa essa caracterização, o apoio não pode obter nunca uma ferencial pode ser mutativa.

mudança estrutural, isto é, permanente e de fundo. Na O maior risco de uma interpretação extratransferen-medida em que fomenta a relação com o objeto idealiza-cial é que a segunda fase fique seriamente perturbada. Pode do, o apoio não permite a segunda fase da interpretação, ser, por exemplo, que o impulso liberado na primeira fase a qual franqueia o contato com a realidade.

não se aplique a modificar a imago à qual foi remetido, A técnica ativa de Ferenczi (1919b, 1920) opera no mas que se projete sobre o próprio analista. Essa projeção mesmo sentido: facilita a primeira fase, mas depois se vê no analista poderá, sem dúvida, dar-se em uma interpre-em dificuldades para resolver a segunda, porque justamentação transferencial, porém o contexto é outro, porque en-te a atividade transforma o analista em um objeto ideatão o objeto do impulso e o que o mobilizou na primeira lizado – sedutor, por exemplo.

fase são a mesma pessoa. É muito provável, conclui Strachey (na nota 32), “que a inteira possibilidade de efetuar interpretações mutativas possa depender do fato de Interpretação superficial

que, na situação analítica, o que fornece a interpretação e ou interpretação profunda

o objeto do impulso do id que se interpretou sejam uma e a mesma pessoa”.¹⁴ Se a finalidade da interpretação mutativa é promover a

introdução do analista como objeto. O ponto em que as precisões de Strachey adquirem real (no sentido de não-arcaico) para que, dessa maneira, sua maior nitidez é ao discutir o problema – antigo e semo superego original vá mudando gradualmente, segue-se pre atual – da oposição dilemática entre interpretação su-que o impulso do id que se interpreta deve ter o analista perfunctória e profunda. De seu ponto de vista, interpretação como objeto. Nesse ponto, Strachey dá-se conta de que superficial e profunda são duas formas equivocadas de in-tudo o que foi dito em seu trabalho requer uma emenda e terpretar, porque somente a interpretação mutativa está que o primeiro critério de uma interpretação mutativa é no nível correto. Com essa perspectiva teórica, uma inter-que deve ser transferencial. A interpretação extratransfe-pretação será superficial se não toca o ponto de urgência e rencial só terá um valor conjuntural, preparatório ou táti-não libera suficiente energia instintiva; por outro lado, será co, que abre o caminho ou realimenta a transferência.

profunda quando promove uma descarga demasiado alta. Com essas últimas reflexões, o trabalho de Strachey de angústia, sem chegar a resolvê-la, com o que desvia o alcança sua mais alta ressonância teórica. A interpretação analista de sua função de superego auxiliar.

transferencial fica, por fim, redefinida rigorosamente e a. Pode-se dizer que a interpretação superficial falha na ela se atribui o efeito mutante, não já como possibilidade primeira fase, e a profunda, na seguinte. Em um caso, o fática, mas como possibilidade lógica (no sentido de impulso não chega à consciência e, no outro, não se pode Reichenbach, 1938). Desse modo, Strachey vem fornecer elaborá-lo, não se pode contrastá-lo com a realidade: a os fundamentos teóricos que sustentam a sábia reflexão intensidade da angústia despertada pela pulsão faz com de Freud (1912b), quando afirmava que não se pode ven-que o analisando não tenha, nesse momento, juízo de reacer um inimigo in absentia ou in effigie.

lidade suficiente para discriminar o arcaico do real. Para expor com todo rigor o vigoroso pensamento de Strachey, direi que, enquanto faz uma interpretação profunda, no sentido que acabamos de definir, o analista não dá, na verdade, a seu paciente uma boa imagem real. A confusão do 14 “It even seems likely that the whole possibility of effecting paciente então não é tal, já que o terapeuta falhou em sua mutative interpretations may depend upon this fact that in the função de superego auxiliar e o analisando percebe corre-analytic situation the giver of the interpretation and the object tamente que o analista é, nesse ponto, tão irracional quan-of the id-impulse interpreted are one and the same person”

to seu objeto arcaico.

(ibid., p. 156).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 255

Creio que sigo fielmente o pensamento de Strachey viar a atenção do paciente,¹⁶ mas com Melanie Klein, que se afirmo que qualificamos de superficiais e profundas as não vacila em interpretar nesses casos. É evidente, porém, interpretações que são pura e simplesmente equivocadas, que Klein nunca levou muito em consideração as preciosas que se baseiam mais no temor ou nas teorias do analis-sões de Strachey sobre a interpretação profunda. E é uma ta do que naquilo que está acontecendo na sessão. Graças lástima, porque poderia ter encontrado ali as razões que a Strachey, os conceitos de interpretação superficial e pro-lhe faltaram para explicar sua forma de interpretar.

funda descobrem, para mim, seu pano de fundo valorativo É necessário reiterar que o nível ótimo não se defi-e ideológico. São, na verdade, adjetivos que se empregam ne na investigação de Strachey em termos simplesmente para dizer com um eufemismo que a interpretação é cor-econômicos, como faz, de fato, Melanie Klein ao falar do reta ou inadequada. Se dizemos que uma interpretação é ponto de urgência. É também um conceito estrutural que profunda ou superficial, estamos reconhecendo que não leva em conta a função do ego, tanto para tolerar a ansie-se ajusta ao nível ótimo e, portanto, é má.

dade quanto para perceber a diferença entre o objeto arcaico e o real, o que concorda com o que Paula Heimann (1956) chama de capacidade perceptiva do ego: até onde Interpretação mutativa e material profundo o paciente pode perceber a diferença entre o objeto arcaico e o real.

A correta aplicação dos esquemas teóricos de Strachey, como acabamos de ver, situa-nos melhor nessa apaixonada discussão (que vem de longe) sobre interpretação su-Interpretação mutativa e ab-reação

perficial e profunda; porém, sua reflexão abrange ainda outro flanco do histórico problema: a conduta que o ana-Por último, Strachey estuda o efeito da ab-reação, lista deve manter frente à emergência espontânea de ma-tema que se discutia muito naqueles tempos (e, embora terial profundo.

menos, ainda hoje). Há quem afirme que a ab-reação é o Embora seja

certo que podem ser aplicados diversos agente essencial de todas as terapias expressivas, incluindo conceitos metapsicológicos para definir o material profundo a análise, enquanto outros pensam, como Radó (1925), do (o mais recalcado, o mais infantil, o mais regressivo, o que a teoria da ab-reação é incompatível com a função da mais afastado no tempo, etc.), é evidente que também aqui análise. Para Strachey, a ab-reação pode acalmar a angústia ao descobrir a influência de Klein em relação à forma como tia, mas nunca produzirá uma verdadeira mudança, a não ser que Strachey conceba o ponto de urgência e a importância de ser que a angústia corresponda a um evento externo.

resolver a angústia.

Strachey considera que, com a palavra ab-reação, Strachey pensa que, se a análise segue uma marcha cobrindo-se dois processos diferentes, a descarga de afeto e regular, o material profundo vai sendo alcançado passo a passo a gratificação libidinal. Descartando imediatamente esta passo e, por conseguinte, não há razão para surgirem mag-

última, a ab-reação como descarga de afeto pode ser con-nitudes imanejáveis de ansiedade. Apenas quando os im-siderada um elemento útil para a análise e até mesmo um pulsos profundos aparecem antes do previsto, e isso tem a acompanhante inevitável da interpretação mutativa. De ver com algumas peculiaridades da estrutura da neurose, qualquer modo, conclui Strachey, a parte que pode de-o analista vê-se confrontado com uma situação difícil, com sempenhar na análise nunca será mais que de natureza um dilema. Se nessa circunstância oferecermos ao anali-auxiliar.

sando uma interpretação, podemos desencadear uma re-Embora seja possível sustentar na teoria de Strachey ção explosiva de angústia que tornará impossível operar a que cada interpretação mutativa fornece a dose ótima de segunda fase da interpretação mutativa. No entanto, se a ab-reação, pois promove a angústia e a resolve, creio que ria um erro crer que o problema é solucionado simples-hoje podemos dirimir decididamente esse ponto e dizer mente eludindo o material profundo, interpretando-o em que a análise opera através do insight e nada tem a ver um nível mais superficial ou dirigindo-se a outra camada com a ab-reação. A teoria da ab-reação é econômica; a de do material. Todas essas opções são, em geral, pouco efi-Strachey, em troca, é fundamentalmente estrutural. Con-cazes e, por isso, Strachey inclina-se finalmente a pensar sidero que Strachey não se decide de todo a abandonar a que a interpretação do impulso, por profunda que seja, teoria da ab-reação, porque não opera com o conceito de será o mais seguro.15

insight. Apenas contingentemente o nomeia (na página De modo que, nesse assunto controvertido, Strachey 145), porém mais como uma palavra do inglês comum do não coincide com as proposições de Wilhelm Reich (1927), que como termo teórico. Entretanto, posso afirmar com quando diz que, no começo de uma análise, às vezes é fundamento que a teoria da interpretação mutativa ofere-necessário ignorar o material profundo e até mesmo desce-nos (embora o faça de maneira implícita) uma defini-

ção rigorosa do insight, já que a mutação sobrevém no 15 “It is possible, therefore, that, of the two alternative procedures 16 O trabalho de Reich sobre a técnica da interpretação apareceu which are open to the analyst faced by such a difficulty, the originalmente no Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse e interpretation of the urgent id-impulses, deep though they may foi incluído em Análise do caráter como Capítulo 3.

be, will actually be the safer” (ibid., p. 151).

256 R. HORACIO ETCHEGOYEN

preciso instante em que o insight ostensivo rompe o círcu-ta a possibilidade de uma resposta inesperada lo vicioso neurótico.

daquele que está (por exemplo, que o paciente Acabo de assinalar como limitação teórica de Strachey, irrite-se com o analista que acaba de lhe intera única talvez que nele encontro, sua posição um tanto com-pretar, digamos, a agressão a seu cônjuge, su-placente com a ab-reação, pelo menos em alguma de suas pondo-o seu aliado).

formas. Herbert Rosenfeld (1972) também se ocupa desse tema, procurando incorporar o conceito de elaboração ao Que o objeto da pulsão seja, ao mesmo tempo, quem pensamento de Strachey. Rosenfeld acredita que a intera interpreta é o aspecto decisivo para Strachey (como ele pretação transferencial pode pôr em marcha o processo destacava na nota 32 de seu trabalho anterior), já que o mutante, mas que isso deve ser seguido por um período de fenômeno que se repete do passado tem dessa vez um de-elaboração para que o desenvolvimento mutativo possa con-senlace diferente, porque o processo projetivo/introjetivo tinuar e ser reforçado.¹⁷ A opinião de Rosenfeld não coinci-com o objeto arcaico modifica-se à luz da experiência atual.

de totalmente, em meu entender, com o que postula É que o momento em que se formula a interpretação trans-Strachey, para quem o

processo mutante é cumprido no ferencial é único na vida do paciente, pois o destinatário segundo passo da interpretação mutativa. Talvez Rosenfeld do impulso não se comporta como o objeto originário, mas busque compensar o déficit teórico recém-assinalado quan-aceita a situação sem angústia e sem irritação.

to à elaboração, mas sacrifica, desse modo, uma caracterís-Strachey conclui seu relato reiterando que a inter-tica fundamental da interpretação mutativa, que por defi-pretação, e em especial a interpretação transferencial (mu-nição inclui o processo de elaboração.

tativa), é o fator determinante dos resultados terapêuticos da psicanálise e que as mudanças dinâmicas produzidas só se tornam explicáveis quando se presta suficiente aten-STRACHEY EM MARIENBAD

ção aos mecanismos de introjeção e projeção.

Dessa forma, prosseguindo e depurando seu traba-O circumspecto relato de Strachey no Simpósio do lho anterior, Strachey chega agora a uma explicação do XIV Congresso Internacional, soa, em princípio, como um tratamento analítico em que os efeitos da sugestão ficam simples resumo de seu trabalho maior; todavia, se o lemos completamente excluídos.

com atenção, notamos que avança pela linha teórica que há pouco sublinhei. Em seu novo trabalho, Strachey não sente a necessidade de mencionar sequer uma vez a inter-STRACHEY NO MOMENTO ATUAL

pretação mutativa: fala simplesmente da interpretação transferencial na perspectiva dos processos de introjeção Como muitos outros psicanalistas, considero que a e de projeção que estruturam o psiquismo à luz da teoria contribuição de Strachey é, na verdade, transcendente e da relação de objeto. E distingue taxativamente as inter-que sua influência ainda continua sendo muito forte, em-pretensões da transferência da verdadeira interpretação bora os anos não tenham passado em vão e nossas idéias transferencial. Pela forma como a descreve, não há dúvida não sejam as mesmas de 1933.

de que a “verdadeira” interpretação transferencial é a que Nos últimos anos, foram vários os autores que se ocu-antes chamou de mutativa. Toda vez que interpretamos param com interesse de Strachey. Em primeiro lugar, um impulso que concerne ao analista, estamos fazendo Klauber (1972), que pensa que, ao formularmos nossas uma

interpretação da transferência, mas apenas se o im-teorias, deveríamos levar mais em conta a personalidade pulso é ativo no momento pode-se fazer uma interpretado analista. Frequentemente esquece-se que, desde os pri-

ção transferencial (isto é, mutativa).

mórdios da psicanálise, considerou-se que sua ação tera-Strachey repassa e precisa os fatores que fazem da pêutica deve-se não apenas à interpretação, mas também interpretação transferencial o instrumento terapêutico es-ao vínculo afetivo que o paciente desenvolve com o ana-sencial da análise:

lista.18 O interesse de Klauber dirige-se precisamente a esse vínculo, que as teorias de Strachey não contemplam. A 1. o paciente pode estabelecer uma comparação interpretação é herdeira daquela psicobiologia freudiana entre sua pulsão e o comportamento do objeto, que afunda suas raízes em Helmholtz via Brücke e tem, já que ambos estão presentes;

por isso, um caráter redutivo que não inclui o inevitável 2. aquele que fornece a interpretação é, ao mes-sistema de valores sempre presente nessa complexa rela-mo tempo, o objeto ao qual se dirige o impulso.

ção humana que é a análise.

No entanto, se o analista refere uma determi-O ensaio de Strachey marca para Klauber o apogeu nada pulsão a um objeto não-presente, aumen-da psicobiologia do impulso, porquanto se propõe a des-17 “... illustrates how transference interpretations can set the 18 “One of the earliest discoveries of psychoanalysis was that mutative process in motion, but that this has to be followed up another factor was involved in therapy besides the interpretation by working-through periods so that the mutative development of the analyst. This was the development by the patient of strong can continue and be strengthened” (p. 457).

feelings of attachment” (p. 385).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 257

coibir e resolver as forças latentes que se expressam como Para mim, é evidente que a interpretação opera mui-pacotes de energia do id dirigidos para o psicanalista; e, tas vezes por seu efeito colateral, e o que soluciona a an-entretanto, quando afirma que a mutação tem lugar por-gústia do momento não é, então, o conteúdo informativo,

que o paciente incorpora em seu superego a atitude do mas que o próprio fato de interpretar correspondeu a de-analista frente aos impulsos, incorre em uma contradição terminadas necessidades inconscientes do analisando, co-radical: reconhece-se, por fim, que a situação analítica fica mo, por exemplo, que o analista fale ou mostre seu inte-impregnada pelo sistema de valores do terapeuta, valores resse. Levando-se em conta essa possibilidade, entende-se que são transmitidos não só pelo conteúdo das detalhadas que o alívio da angústia não é suficiente para provar que interpretações da transferência, mas também por meio de uma interpretação foi correta e que, quando a interpreta-formas inconscientes de comunicação.

ção opera dessa forma, devemos considerar que seu efeito Sachs, em Salzburgo, vários relatores, em Marienbad, é tão-somente sugestivo, que atua por seu efeito placebo, e mais de um estudioso de nosso tempo pensam que o como diz Schenquerman (1978).

tratamento analítico consiste em que o analisando identi-Por duvidar que exista uma relação direta entre o fique-se com um analista tolerante, mas Strachey não. O

conteúdo da interpretação e os resultados que a psicanálise Strachey diz é outra coisa, que já vimos: o analista se obtém, Klauber questiona a tese fundamental de deve operar a partir da posição de superego que lhe atri-Strachey. Desde os tempos de Strachey até agora – diz bui o analisando, não para sugestioná-lo e educá-lo, mas Klauber – foi-se impondo a idéia de que a interpretação para interpretar-lhe seu erro, para mostrar-lhe a força da opera nessa trama complexa e bastante sutil da relação de repetição que sempre o leva a projetar seu objeto interno.

transferência/contratransferência. E conclui que se ali tem Portanto, o analista não precisa impor ao analisando lugar e ali adquire seu significado, devemos ser extrema-seu sistema de valores; basta-lhe mostrar a ele (e demons-mente cautelosos ao avaliar seus efeitos.¹⁹

trar) que se deixa levar mais do que deveria por sua subje-As opiniões de Klauber são sábias como advertências tividade. E, quando o analisando pretender incorporar seu metodológicas para não cair no erro de validar nossas in-sistema de valores, o que o analista deve fazer é denunciar terpretações simplesmente por seus efeitos, mas não como essa tentativa como uma nova forma do mal-entendido e refutações de Strachey. A doutrina de Strachey sustentada repetição.

se sem que necessite em absoluto da sugestão. Ao contrá-

É que Klauber dá muita importância ao que Strachey rio, cada vez que conseguimos denunciar o efeito da su-chama, em certo momento, de interpretações mutativas gestão como algo que provém da necessidade do anali-implícitas e apóia-se em Rycroft (1956), que afirma que a sando de cumprir as demandas de um superego em nós interpretação não opera somente através do conteúdo in-projetado, obtemos por definição um efeito mutante. Por-telectual que comunica verbalmente, mas também porque que é o superego arcaico e não o analista que quer impor suporta a atitude emocional do analista. Por serem sinais seu sistema de valores. Que nem sempre funcionemos com de interesse e de responsabilidade, esses enunciados im-esse alto nível de eficácia não é culpa das teorias de plícitos fazem com que a comunicação seja real, não-ilu-Strachey, mas sim de nossas falhas.

sória, diz Rycroft. (Voltaremos a isso oportunamente.) Quando afirma que, ao lado de seu conteúdo infor-Do mesmo modo que a criança estabelece um víncu-mativo, toda interpretação transmite a comunicação im-lo com as funções da mãe (e não apenas com a própria plícita de uma atitude emocional, Rycroft destaca taxativamãe), e com isso se põe ao abrigo de mudanças na relação mente que tal comunicação não-verbal dá um viés real à de objeto, caberia pensar, segundo Klauber, que o bom re-relação, pois demonstra que o analista está cumprindo sua sultado da análise pode dever-se a que o paciente estabe-função, que consiste em estar com o analisando, escutá-lo leça uma relação com a função analítica. Dessa forma, o e procurar entendê-lo.²⁰ Essa função, em geral, não se in-efeito da interpretação passa a depender da afinidade do terpreta, demonstra-se concretamente na tarefa, no pró-

paciente com o método analítico, e até certo ponto com a prio fato de exercê-la, embora se possa e se deva legítima-personalidade do analista, à medida que ela possa refor-

çar a coerência interna de uma determinada linha interpretativa. A eficácia da interpretação torna-se, assim, mais contingente de seu conteúdo (informativo) e aproxima-se 19 “Interpretation thus takes place in the context of a relationship, do plano da sugestão. Sem negar o valor da interpretação, and we therefore have to be cautious in determining its effects.

Klauber acredita que a mente humana satisfaz-se, e em How much is determined by the content of the interpretations, certa medida cura-se, pelo que sente como verdade.

how much by the subtle understanding of an unconsciously Nesse

ponto, vale a pena recordar o trabalho de agreed code, how much by the authority lent to the analyst by Glover (1931) sobre a ação terapêutica das interpretações his convictions?” (1972, p. 388).

inexatas, as quais podem operar de várias maneiras, seja 20 “Now this implicit statement is a sign of the analyst’s interest reforçando o recalçamento sugestivamente, seja oferecem-in and concern for the patient, of this capacity to maintain an object-relationship, at least within the confines of the consulting-do melhores deslocamentos às forças em conflito e aproxi-room. It tells the patient the one thing that he needs to know mando-se de algum modo da verdade, seja, enfim, em ter-about the analyst, and it is the analyst’s major contribution to mos de experiências concretas que põem um certo obs-making the relationship between himself and the patient a real táculo no caminho para a objetividade.

and not an illusory relationship” (1956, p. 472).

258 R. HORACIO ETCHEGOYEN

mente interpretá-la quando o analisando a questiona ou não novo e diferente, já que se dirige precisamente ao não a percebe (“Você agora se calou porque precisa ouvir conflito que se está estabelecendo; tenta ser uma inter-minha voz, porque deseja ver se estou vivo ou aborreci-pretensão estritamente analítica, ao passo que as outras duas do”, etc.). Apenas se essas interpretações forem omitidas não vacilo em qualificá-las como acting out contratransfe-frente a elementos que permitem considerá-las necessá-

rencial, por comissão ou por omissão, falando ou calando.

rias, poderemos dizer que estamos utilizando a comunica-Klauber tem razão, sem dúvida, quando sublinha a ação implícita para operar por via sugestiva. Olinick (1954) importância da presença do analista, como diz Nacht procede dessa forma, por exemplo, quando faz uso das (1962, 1971); contudo, em meu entender, tanto Klauber perguntas como parâmetro para dar um suporte momen-quanto Nacht equivocam-se ao outorgar a esse tipo de fa-tâneo ao ego, reforçar seu contato com a realidade ou ele-tores o mesmo estatuto que à interpretação. A presença var o nível de colaboração do paciente.

do analista (e dou agora a essa expressão seu sentido mais Vejamos o que quero dizer com um simples exemplo lato) é uma condição necessária para que a análise funcio-clínico. O analisando é um psicólogo de acentuada perso-ne, mas a interpretação mutativa que

carrega o insight, nalidade esquizóide que se maneja frente à frustração e em troca, é uma condição suficiente: aquelas sozinhas não aos ciúmes com uma retirada narcisista. Essa estratégia bastam; esta opera se, e somente se, as outras foram cum-defensiva, nem sempre compreendida pelo analista, havia pridas. Para resolver a rivalidade transferencial, por exem-provocado um impasse rebelde e prolongado, o qual pôde plo, é necessário que o analista, por sua vez, não sinta ser resolvido com um trabalho mais atento e sistemático rivalidade, ou seja, não pretenda ganhar de seu analisando-sobre a recém-mencionada couraça caracterológica. Na ses-do. Isto também equivale a dizer que pode tolerar a são prévia, na segunda-feira, havia-se voltado a interpre-rivalidade de seu paciente “sem angústia e sem irritação”, tar a maneira como se afastava do analista, abandonando-o que, em geral, só se consegue após ter analisado o cono para não se sentir abandonado. Na sessão seguinte, che-flito na contratransferência: essas são as condições neces-ga dez minutos mais tarde e comenta, com uma nota de sárias para operar com eficácia. Se faltam, nunca podere-esperança, que esteve conversando com dois colegas somos resolver o conflito, por mais que o interpretamos de bre a possibilidade de ter um lugar de trabalho. Imediata-maneira aparentemente correta, justamente porque essa mente se encolhe, e, à recordação de experiências ante-

“interpretação” será apenas o fragmento de um acting out riores de fracasso e desencontro, ressurgem a desconfiança.

verbal: interpretamos corretamente, por exemplo, para que Em seguida, fala com um tom de ciúmes de um amigo seu o analisando reconheça nossa superioridade! Apesar de e de sua mulher. Depois diz:

ser necessária, a atitude de empatia e objetividade não é, P: Bom... Na segunda-feira, em função de algo de entretanto, suficiente: para que a situação mude, devemos segunda, fiquei pensando que algumas vezes me incomo-interpretar ao analisando sua rivalidade, até que ele veja da quando você não me responde. Não sei como conside-a distância objetiva que se interpõe entre o objeto arcaico rar isso, não sei se é aprovação, desaprovação ou nada, e o atual. Fica de pé a tese fundamental de Strachey, isto mas creio que chegou a me incomodar. Desorienta-me.

é, que somente o efeito mutante da interpretação rompe o Sempre havia escutado que os pacientes se incomodam círculo vicioso neurótico. Se falta a interpretação, o anali-quando o analista se cala. Não sei se não tinha me dado sando repetirá seu conflito, e assim, mais cedo ou mais conta, mas me produz muita incerteza. (Silêncio

brusco.

tarde, o analista ficará envolvido.

Tensão na contratransferência.)

Também Jacques-Alain Miller (1979) sustenta que Nesse material, voltam a se colocar com clareza os Strachey, seguindo Radó, aferra-se à teoria freudiana da problemas básicos do paciente: seu desejo de trabalhar na hipnose para entender como a análise opera, postulando análise e sua desconfiança de voltar a experimentar o fra-que o analisando se cura quando se identifica com o ana-casso e a frustração, os ciúmes frente ao casal, etc. O que lista. Não é nada disso, a meu ver, o que Strachey propõe, mais chama a atenção, porém, é que possa reconhecer mas sim o contrário: que o analisando projeta no analista agora que é um paciente como todos e que o silêncio do seu objeto arcaico (superego) e pretende reintrojetá-lo sem analista causa-lhe incerteza e mal-estar.

modificações, enquanto a situação reverte-se justamente Quando subitamente se cala, colocam-se para o ana-quando o analista não se deixa colocar no lugar desse ob-lista duas alternativas que, a meu juízo, são ambas equivo-jeto e preserva sua posição.

cadass: falar, para que não volte a ocorrer o mesmo de sem-Parece-me que as teorias de Strachey podem ser pre, ou calar, à espera de que o analisando sobreponha-se reformuladas sem violência em linguagem lacaniana, por-ao silêncio (e à frustração). Nenhuma das duas me parece que ninguém melhor do que Strachey, com sua interpreta-acertada: a palavra opera sugestivamente e ao modo da ção mutativa, sabe colocar-se no lugar do Grande Outro e reeducação emocional de Alexander e French (1946); en-ninguém consegue melhor do que ele discriminar-se do quanto o silêncio opera como coação para que o analisam-objeto arcaico, o outro com minúscula, que o analisando do veja-se obrigado a superar a frustração. Há ainda uma imagina ver refletido nele.

terceira possibilidade, que é a de interpretar o silêncio como Outro autor que se ocupou detidamente do ensaio um desejo de ver se o analista compreende seu conflito e de Strachey foi Rosenfeld (1972), com cujas idéias coinci-pode fazer algo para ajudá-lo. Uma interpretação como dem, em geral, as deste capítulo. Para Rosenfeld, o esque-essa procura evitar todo efeito sugestivo e abre um cami-ma de Strachey é enriquecido quando se aplicam a ele

conceitos mais atuais, sem que por isso mudem sua coe-Strachey discute em sua aula uma série de temas rência e sua força originais. Pelo que agora sabemos, o importantes: a situação analítica como instrumento de analisando identifica projetivamente não apenas seus ob-observação, a natureza do fenômeno transferencial, a di-jetos internos, em especial seu superego, mas também par-ferença entre psicanálise e psicoterapia e novamente, com tes de seu self, pelo que a tarefa do analista torna-se mais profundidade, a interpretação e seus tipos, o que nos re-complexa, sem que por isso variem em nada os princípios mete continuamente a 1934.

da interpretação mutativa.

Como bem ressalta Steiner, a discussão de Strachey Desde os tempos de Strachey, diz Rosenfeld com ra-sobre a interpretação “prove to be extremely sharp and zão, aumentou nosso conhecimento dos processos de pertinent” (Steiner, 1989, p. 14) e vem a iluminar o pensa-splitting, idealização e onipotência, os quais interferem no mento de Strachey, mostrando-nos com grande detalhe seu desenvolvimento do ego e, ao mesmo tempo, distorcem as interesse em alcançar, por meio da interpretação transfe-relações objetais, aumentando a distância entre o objeto rencial, “the direct emotional experience... before any idealizado e o objeto persecutório. Esses mecanismos ope-important change can be produced in him” (o analisando) ram continuamente na marcha do processo, influindo con-

(Strachey, 1989, p. 22). Como em 1934, Strachey procura sideravelmente no funcionamento do analista; porém, se explicar como a interpretação pode promover o ato de dis-

é adequado o registro de sua contratransferência, também criminação que separa o passado do presente, a fantasia da lhe dão profundidade e precisão em seu trabalho inter-realidade, a imagem atual da transferida. No final de seu pretativo.

trabalho, infelizmente inacabado, Strachey volta a insistir Gostaria de terminar este capítulo assinalando que no que foi dito na nota 31 da página 156 do trabalho de se as idéias de Strachey tiveram uma vida tão longa, é 1934: a interpretação transferencial tem uma característica porque integram a teoria e a técnica em uma unidade con-essencial, ou seja, o objeto dos sentimentos do analisando vincente, em que a natureza da ação terapêutica da psica-

é, ao mesmo tempo, o que opera a discriminação. Nesse nálise fica explicada com base em conceitos que são, ao ponto, creio notar um avanço do pensamento de Strachey mesmo tempo, claros e precisos. Graças a Strachey, chega-em relação a 1934 e 1937, já que agora insiste em que o mos a saber por que importa tanto em nossa tarefa uma analista encarrega-se dos sentimentos do analisando, que interpretação justa, qual é o lugar preciso que ocupam em por sua vez pode assumir os próprios, alcançando, assim, nossa práxis a interpretação transferencial e a extratrans-essa experiência direta que lhe permite discriminar o passa-ferencial, assim como as diferenças entre interpretação, do do presente, base de uma mudança permanente no fun-sugestão e apoio. Acrescentemos, ainda, que Strachey aju-cionamento de seu aparelho mental (1989, p. 24). Já não da-nos a distinguir as interpretações superficiais e profun-se invoca apenas a introjeção de um analista que opera “sem das da interpretação do material profundo.

angústia e sem irritação” (International Journal of Psycho-Por último, e junto a tudo isso, a interpretação Analysis, 15, p. 144), mas sim o elemento de realidade que mutativa assentou, em seu momento, as bases para as fu-nesse momento se alcança: ao assumir os sentimentos que turas explicações que haveriam de levar o insight e a ela-estão em jogo sem evitá-los, o analista dá ao analisando boração à posição de principais instrumentos teóricos da não só um modelo de identificação, mas também um exem-psicanálise de nossos dias.

plo direto e comprometido da vigência da realidade psíquica precisamente quando está operando.

STRACHEY UMA VEZ MAIS

“ENCONTRO DE BUENOS AIRES”

Quando escrevi este trabalho (e este capítulo), certamente não sabia que James Strachey apareceria uma vez Em 8 de julho de 2000, realizou-se esse encontro orga-mais, em pessoa, entre nós. Graças a Pearl S. King, desta-nizado por Juan Carlos Stagnaro e Dominique Wintrebert, os cada analista e devotada arquivista da British Society, aca-diretores da Vértex, Revista Argentina de Psiquiatria, no qual ba de ser encontrada uma série de lições e notas escritas se reuniram Graciela Brodsky, R. Horacio Etchegoyen, Eric por Strachey em 1941, quando a Inglaterra sofria os bom-Laurent, Jacques-Alain Miller, Elizabeth Tabak de Bianchedi bardeios nazistas e os analistas ingleses discutiam com fere Samuel Zysman para discutir o imperecível trabalho de vor os grandes problemas teóricos e técnicos de nossa ci-

Strachey e contrastá-lo com outro não menos duradouro, “A ência. O primeiro desses escritos, que o próprio Strachey direção da cura e os princípios de seu poder”, de Jacques havia intitulado de “Opening remarks at a practical semi-Lacan. Da discussão de ambos os trabalhos, surgiram clara-nar”, foi lido aos candidatos em 15 de outubro de 1941 e mente as coincidências e as divergências em uma “investiga-veio a ser publicado no Bulletin da Sociedade Britânica em ção clínica compartilhada”, que acaba de ser publicada pela julho de 1989, com uma lúcida nota introdutória de Coleção “Psicanálise e saúde mental”, dirigida por Samuel Riccardo Steiner.²¹

Zysman. Nessas seis apresentações e na discussão que se seguiu a elas, o leitor encontrará inúmeras sugestões para ler em profundidade dois trabalhos que resistiram à prova do 21 Agradeço a Pearl S. King, por me ter dado acesso ao trabalho tempo e mostram com clareza algumas das linhas teóricas de Strachey e permitido citá-lo, e a Riccardo Steiner, pela opor-que sulcam e fertilizam a psicanálise de nossos dias.

tunidade de me referir a seu consistente comentário.

260 R. HORACIO ETCHEGOYEN

34

Os Estilos Interpretativos*

ALGUNS ANTECEDENTES

guagem, desestruturar a linguagem para que reapareçam as pulsões e as fantasias profundas das quais nasceu. Tudo Com a proposta dos estilos interpretativos culmina a isso é uma parte importante do material que nos oferece o investigação original de Liberman que, desde que foram analisando.

publicados “Identificação projetiva e conflito matrimonial”

Nessa mesma linha de investigação, Racker (1958) (1956), “Interpretação correlativa entre relato e repeti-assinala que boa parte das relações de objeto do analisam-

ção” (1957) e “Autismo transferencial” (1958), prolongou-do apresenta-se em sua relação com a interpretação. A se por mais de 25 anos. Nesses trabalhos, todos de exce-interpretação aparece muitas vezes como o objeto do im-lente elaboração clínica, já sobressai o germe das futuras pulso e nela se cristaliza o desejo inconsciente do anali-idéias de Liberman quanto ao valor singular do diálogo na

sando, de sorte que às vezes nos permite um acesso direto sessão para fundamentar a teoria psicanalítica e explicar ao material recalcado inconsciente: a resposta do anali-rigorosamente sua práxis. Ali começa a se vislumbrar a sando ao que lhe diz o analista é sempre significativa.

importância que pode ter para a tarefa interpretativa um Também Geneviève T. de Rodrigué (1966) presta apoio interdisciplinar na teoria da comunicação, que mais atenção a como se formula a interpretação e a compara à adiante também será buscado na semiologia.

maneira como a mãe atende a criança. “A formulação de Para situá-la no contexto ao qual pertence, digamos, uma interpretação tem de ser o recipiente adequado para para começar, que a investigação de Liberman recolhe as o conteúdo que expressa” (1966, p. 109). Às vezes, a preocupações da escola argentina sobre as formas de indissociação do analista em mãe boa e mãe má canaliza-se terpretar como uma tentativa de resolver o dilema de conna alternativa do conteúdo mau e da forma boa (bela) das teúdo e forma da interpretação, que nasce na teoria do associações e das interpretações, e é justamente aí que se caráter de Reich e desenvolve-se em autores como Luisa travará a batalha decisiva.²

G. Alvarez de Toledo, Geneviève T. de Rodrigué, Racker e Todos esses trabalhos têm a ver, sem dúvida, com o outros. Todos esses trabalhos apontam que a forma da in-começo da investigação de Liberman, embora também seja terpretação pode atingir diretamente certas estruturas que evidente que, a partir de 1962, quando publica A comuni-ficaram cristalizadas no diálogo analítico, onde devemos cação em terapêutica psicanalítica, esse autor dá um passo ir resgatá-las. A forma como se interpreta, portanto, deve teórico importante, porque começa a utilizar um enfoque ser reconhecida como um instrumento de nosso trabalho.

multidisciplinar para formular seus pontos de vista, para Desses trabalhos, o que, sem dúvida, abre o caminho entender essa insubstituível unidade de investigação que é o de Alvarez de Toledo, lido na Associação Psicanalítica é para ele a sessão psicanalítica. Esse embasamento será Argentina no final de 1953 e publicado em 1954, que es-primeiramente, no livro de 1962, a teoria da comunica-tuda o significado que têm em si mesmos os atos de inter-

ção; e logo depois, nos anos que se seguem, a semiologia, pretar, de falar e de associar, além dos conteúdos que pos-que se cristaliza em

seu Linguística, interação comunicati-sam significar. Todo falar é uma ação e nessa ação se ex-va e processo psicanalítico, publicado entre 1970 e 1972.

pressam os desejos inconscientes e os conflitos do falante, de forma direta e concreta, de modo que se tornam muito TEORIA DA COMUNICAÇÃO

acessíveis à interpretação.¹ A palavra tem intrinsecamente um valor como tal, e é necessário chegar às fontes da lin-Em A comunicação em terapêutica psicanalítica, Liberman propõe-se uma grande tarefa: verter a teoria da

* N. do A. Reproduzo aqui, quase sem modificações, o artigo que apresentei à revista Psicoanálisis para o número em homenagem 2 Em um trabalho de 1983, Sara Zac de Filc estuda com acerto a ao grande analista e grande amigo desaparecido.

função dos aspectos fônicos da linguagem na interpretação e 1 A idéia central de Alvarez de Toledo coincide notavelmente destaca-os como parte importante do holding que o analista ofe-com a de John R. Searle e outros filósofos da linguagem, que rece ao analisando, marcando a conveniência de incluí-los na resgatam a importância do ato de fala. (Ver Searle, 1969.) interpretação.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 261

libido e dos pontos de fixação, que Freud e Abraham esta-Depois vem a pessoa depressiva, observadora partici-beleceram nas primeiras décadas do século XX, para o pante, que tem seu ponto de fixação na etapa oral secun-molde da teoria da comunicação, tal como propôs Ruesch dária e cujo processo de comunicação está centrado na em seu Disturbed communication (1957). Os tipos ou mo-transmissão dos sentimentos e na regulação da auto-estima.

delos da comunicação – eis aqui a tese principal – têm a O terceiro tipo proposto por Liberman é a pessoa de ver com os pontos de fixação e, conseqüentemente, com a ação, que corresponde ao psicopata e ao perverso da no-regressão transferencial.

menclatura psiquiátrica, com seu ponto de fixação na pri-Seguindo, então, o caminho dos dois grandes criado-meira etapa anal (ou anal expulsiva) e um modelo aloplásres da teoria da libido, Liberman redefine os quadros da tico de adaptação. Aqui Liberman afasta-se de Abraham, psicopatologia, segundo os modelos comunicativos de que, como se sabe, havia atribuído esse nível de fixação à Ruesch.³ Os

pontos de fixação nos quais Abraham situou paranóia. Por vários motivos, penso que a modificação de as principais neuroses e psicoses, em seu ensaio de 1924, Liberman é pertinente, já que nem Abraham nem Freud agora serão contemplados a partir da teoria da comunicação nunca levaram em conta a psicopatia, doença bastante ção. Adiantemo-nos em dizer que o esforço é elogiável e, descuidada pelos analistas clássicos, com exceção de mais importante ainda, é convincente o resultado. Liberman Aichhorn. A paranóia, por sua vez, a partir do próprio encontra uma relação significativa entre os modos de se Kraepelin, foi perdendo sua autonomia para ficar incluída comunicar e os pontos de fixação da libido; estes, por ou-no que atualmente configura o grupo heterogêneo das entro lado, determinam também os momentos mais destaca-fermidades esquizofrênicas. Para Liberman, a pessoa do dos da situação analítica. A regressão analítica se fará, em-terceiro grupo tem uma dificuldade radical de pensar com tão, aos pontos de fixação mais significativos no desenvolvimento prescindência da ação. Falha na forma de utilizar instruído individual, segundo a dialética que Freud estabeleceu mentalmente os símbolos, de modo que percebe a tensão leceu nas Conferências de introdução à psicanálise de 1916-de necessidade, mas não pode decodificá-la em termos 1917, especialmente na conferência 22.

verbais. Liberman também inclui nesse item as perversões, Como em outros momentos de sua investigação, aqui o que me parece discutível, como direi mais adiante.

Liberman apóia-se, também, em conceitos de seu mestre, Depois temos o quarto grupo, a pessoa lógica, fixada Enrique J. Pichon Rivière. Pichon disse que há pontos de na segunda etapa anal, que corresponde à neurose obses-fixação principais e acessórios; se aqueles definem o diagnóstico da classificação de Abraham, com seu clássico modo-nóstico, nestes, nos pontos acessórios, repousa o prognóstico retentivo de relação de objeto. Esse tipo de pacientes tico. Se, por exemplo, um neurótico obsessivo tem traços apresenta uma hipertrofia defensiva das operações racionais-históricas, seu prognóstico será melhor do que se tivesse tais, em que a lógica formal contrapõe-se à lógica das matizes melancólicos ou esquizóides.⁴ Sempre me lembro emoções, com uma grande distância entre o processo secundário de um paciente jovem com um delírio persecutório que secundário e o processo primário. O relato é ordenado, com atendi em La Plata e que terminou por entrar amplamente excesso nos detalhes, motivo pelo qual sofre a quantidade em remissão. Eu duvidava do diagnóstico entre uma pseudo-informação que transmite. São pessoas que exigem coisa histérica e uma esquizofrenia paranóide e consultei muita atenção, mas dizem muito pouco (A comunicação sobre ele com o doutor Pichon. Ele decidiu o

diagnóstico em terapêutica psicanalítica, 2ª ed., 1966, p. 179).

pela esquizofrenia, mas assinalou a nota histriônica do Os dois últimos quadros que Liberman descreve têm a delírio (“tudo está preparado, tudo é uma farsa ridícula”) ver com a histeria de angústia e a histeria de conversão. O

como um elemento que melhorava um pouco o prognósti-quinto item, a pessoa atemorizada e fugidia, corresponde ao co em vista da gravidade do caso.

caráter fóbico da histeria de angústia. São pacientes que se Com base nisso, Liberman oferece seis quadros ca-encontram em um estado permanente de alerta, e a situação racterísticos. O primeiro deles é a pessoa observadora nãoanalítica fica impregnada pela angústia que marca a vida toda participante, fixada à primeira etapa oral, de sucção, e que, desses pacientes. O analista, por sua vez, fica investido de na nomenclatura psiquiátrica, é o caráter esquizóide. São duas valências contraditórias, objeto fóbigeno e protetor.

as pessoas que podem observar com objetividade, captan-O sexto grupo de Liberman corresponde à pessoa de-do a totalidade, olhando o conjunto. Liberman destaca aqui monstrativa, que coincide com o caráter histérico e a his-a importância da inveja no transtorno de comunicação des-teria de conversão. A pessoa demonstrativa “utiliza como ses pacientes, na ruptura e na desintegração da comunica-canais de transmissão a mente, o corpo e a ação” e, “na ção e as relações dessa situação com a teoria das posições medida em que o complexo de Édipo positivo encontra-se de Melanie Klein.

estimulado pela regressão transferencial, perde a sincronização entre as três áreas e transmite, então, em um có-

digo simbólico que se exterioriza por sintomas de conversão histérica e por transtornos de comportamento na ses-3 Ruesch (1957) propõe, com efeito, os seguintes tipos: pessoa são, que foram descritos nas classificações sob a rubrica demonstrativa, pessoa atemorizada e fugidia, pessoa lógica, pes-de caráter histérico” (1966, p. 217-218). A pessoa demons-soa de ação, pessoa depressiva, pessoa infantil, pessoa observa-trativa é a que apresenta o material analítico com a maior dora não-participante.

clareza, visto que, por sua estrutura, tem um manejo cor-4 Essas idéias de Pichon Rivière são parecidas com as que Elizabeth reto dos símbolos representativos.

R. Zetzel (1968) proporá depois sobre a boa histórica.

262 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Liberman pôde correlacionar lucidamente esses seis que detêm as seis qualidades ou funções dos modelos co-tipos de Ruesch com as etapas e subetapas da classifica-municativos.

ção de Abraham, porém resta mais um item, a pessoa in-A função mais desenvolvida na pessoa observadora e fantil, que corresponde às organoneuroses e exige uma não-participante é a capacidade de se dissociar e observar decisão especial. Liberman pensa que a pessoa infantil tem totalidades sem participar, sem se deixar envolver pelo que traços muito semelhantes aos da pessoa depressiva. São observa. É capaz de abstrair, mas falha irremediavelmente indivíduos que localizam seus conflitos no nível do siste-em sua participação afetiva.

ma nervoso autônomo e suas fantasias expressam-se no A pessoa depressiva, em agudo contraste com a antenível visceral. Portanto, a pessoa infantil fica localizada no rior, é apta para se aproximar do objeto e vê-lo em deta-mesmo grupo que a pessoa depressiva. Obviamente, este lhe; porém, arrastada por esse contato, perde a distância é um acréscimo à classificação que não deixa de oferecer que permite a objetividade.

dificuldades; mas, de qualquer maneira, digamos aqui que O maior mérito da pessoa de ação é que pode captar até esse ponto dirigiu-se a investigação de Liberman nos seus desejos e levá-los à prática, embora sua capacidade últimos anos antes de sua morte.⁵

de reflexão esteja sempre abaixo da norma.

Assim como creio que a inclusão da psicopatia nesse Como antípoda da anterior, a pessoa lógica conta com esquema é uma contribuição muito importante, tenho cera possibilidade de utilizar o pensamento como ação de tas dúvidas com respeito à conveniência de separar a per-ensaio, mas tende a ficar atada a suas reflexões, sem en-sonalidade fóbica da demonstrativa, como fazem Ruesch contrar o momento de passar ao ato, de operar.

e Liberman. Do mesmo modo que Freud e os autores clás-A pessoa atemorizada e fugidia tem a virtude de po-sicos, inclino-me a pensar que há duas histerias do ponto der mobilizar a angústia em um grau útil, o que a prepara de vista fenomenológico, mas uma só para a psicodinâmica.

para a ação, sempre que não a estagne e a paralise. Se Reich tampouco separou as duas histerias em sua classificação adequada, esse tipo de personalidade é o cação do caráter, já que, conforme sua nomenclatura, o que melhor emprega a angústia como sinal.

caráter histérico da mulher superpõe-se ao caráter passivo. Por último, a pessoa demonstrativa é capaz de enviar o feminino do homem. Caberia até perguntar se o que se chama de mensagem em condições tais que alcance o mais alto grau de pessoa demonstrativa não é simplesmente a pes-grau de integração.

soa normal, o caráter genital estudado por Abraham (1925) e Reich (1933). Quando Liberman diz que a pessoa demonstrativa é aquela capaz de adequar a mensagem

ver OS MODELOS DA REPARAÇÃO
bal ao gesto, de mobilizar adequadamente a angústia e tudo o mais, pessoalmente tenho por momentos a impressão que Liberman provou seus instrumentos de que está descrevendo-nos a resposta normal. Por órfãos no campo da psicopatologia, poderá aplicá-los para último, desejo assinalar que a posição de Liberman de co-discriminar o conceito de reparação, sem dúvida um dos locais em um mesmo item a psicopatia e a perversão são mais complexos e sugestivos de nossa disciplina.⁶ A obra cede com a grande maioria dos autores clássicos e atuais, de Melanie Klein, muito freqüentada por Liberman, sem mas não com o que expus em meus trabalhos sobre o tema. A dúvida exerce uma influência ponderável e persistente em (1973, 1977), nos quais procurei caracterizar a perversão nosso autor – e aqui especialmente.

como um transtorno ideológico, no pólo oposto da tese nuclear do trabalho que estamos comentando sobre psicopatia. Certamente, este não é o momento de abrir é que há diferentes modos de reparação, que implicam um debate que corresponde muito mais à psicopatologia do que aos desenlaces do processo terapêutico. Assim como do que à técnica, mas quero salientar que o perverso é, em cada abertura do tratamento analítico mostra uma pro-geral, um homem de pensamento (às vezes muito criativo) diferente, que aponta para uma meta diferente, o, e não de ação.

o final da análise pode ser entendido conforme o grau de aproximação a esse objetivo.

Para tipificar os diferentes processos de reparação, O EGO
IDEALMENTE PLÁSTICO

Lieberman estuda as funções egóicas, aplicando-lhes o esquema de classificação já exposto.

A partir dos trabalhos que culminam em seu livro *Em cada um dos seis tipos de personalidade recém-sobre a comunicação*, Lieberman dá um passo a mais e ten-descritos, comprovam-se pautas de comportamento desen-ta definir as funções egóicas de acordo com os meios de volvidas excessivamente em detrimento de outras. Nisso comunicação e seus instrumentos. Esse trecho da reflexão consiste, justamente, o desequilíbrio do ego, porque o ego de Lieberman, que continua sua linha geral de investiga-detém uma série de funções, e sua patologia reside em ção, começa por descrever “um ego idealmente plástico”, que umas cresçam em prejuízo das outras.

5

6

Lieberman morreu em 30 de outubro de 1983, rodeado pelo Essa investigação foi realizada principalmente por Lieberman afeto e pela admiração de seus inúmeros amigos e discípulos, em um grupo de estudos composto por J. Achával, N. Espiro, P.

quando já era reconhecido como um investigador de primeira Grimaldi, I. Barpal de Katz, S. Lumermann, B. Montevechio e N.

linha pela comunidade psicanalítica internacional.

Schlossberg, com quem a publicou em 1969.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 263

Um ego normal, prosseguem Lieberman e colabora-OS ESTILOS DO PACIENTE

dores, teria de ser idealmente plástico, de modo que cada uma de suas funções ocupasse o lugar que lhe cabe, sem Lieberman sempre sustentou que Freud descobriu duas avançar sobre as demais.

coisas importantes, o inconsciente e a sessão psicanalítica Em relação aos seis tipos de personalidade que en-como unidade de investigação, e nesta última desenvolve-contra, Lieberman distingue para cada um deles atributos se toda a indagação de nosso autor. O estudo da sessão no ego:

psicanalítica conduziu Lieberman, desde sua reformulação da

psicopatologia psicanalítica, nos termos da teoria da 1. a capacidade de se dissociar e observar sem comunicação de Ruesch, à sua descrição original do funci-participar, percebendo a totalidade do objeto; onamento egóico e dos modelos de reparação, para che-2. a capacidade de se aproximar do objeto e vê-lo gar, enfim, a uma classificação dos estilos comunicativos.

em seus detalhes;

Também aqui Liberman vai aplicar, conseqüentemente, o 3. a capacidade de captar os próprios desejos e gráfico dos seis grupos:

levá-los à prática, quando existem perspectivas de satisfazê-los, calibrando a necessidade e a 1. estilo reflexivo;

possibilidade;

2. estilo lírico;

4. a capacidade de utilizar o pensamento como 3. estilo épico;

ação de ensaio, o que implica, para Liberman, a 4. estilo narrativo;

possibilidade de se adaptar às circunstâncias e 5. estilo de suspense;

aos vínculos familiares de tipo vertical (avós, 6. estilo estético.

pais e filhos) e horizontal, com seus diversos graus de intimidade, o que também implica a Tentaremos caracterizá-los, seguindo principalmente capacidade de estar só;

o livro Linguagem e técnica psicanalítica, que Liberman 5. a capacidade de mobilizar um montante de an-publicou em 1976.

siedade útil, preparatória para a ação, e Antes de começar com o tratamento especial dos es-6. a capacidade para enviar uma mensagem na tilos, convém dizer que Liberman vai apelar, ao estudá-

qual ação, idéia e afeto combinem-se adequa-los, à teoria do signo de Charles Morris (1938). Como se damente.7

sabe, esse autor distingue três áreas em relação com os três fatores que constituem o processo semiótico: o signo, Esse catálogo de funções egóicas, como bem dizem o designatum, que é a coisa à qual o signo se refere, e o Liberman e colaboradores, difere da psicologia do ego de intérprete ou usuário. Assim, a semântica estuda a relação Hartmann, em que as funções egóicas seguem os cami-do signo com o objeto ao

qual o signo se aplica (designa-nhos clássicos da psicologia wundtiana.

tum), a pragmática ocupa-se da relação do signo com o Um processo analítico que chega a bom termo deve-intérprete, e a sintática ocupa-se de como se vinculam os rá ter corrigido o excesso de quaisquer dessas funções signos entre si.

egóicas, apoiando as que estavam em déficit.

Com esse apoio na teoria dos signos, Liberman agru-Entre essas funções, há certas polaridades peculia-pará os quadros psicopatológicos segundo neles predomi-res, e, ao detectá-las, Liberman já anuncia o caminho fu-nem as alterações pragmáticas, semânticas ou sintáticas.

turo de sua investigação: os estilos.

Em termos gerais, poderíamos dizer que nas grandes psi-Uma das polaridades mais nítidas é entre a pessoa de coses, na psicopatia, nas perversões e nas adicções pre-ação (psicopatia) e a pessoa lógica (neurose obsessiva); ponderam as perturbações de tipo pragmático, enquanto outra, também convincente, ocorre entre a pessoa obser-o transtorno predominante nas esquizoidias e nas cicloti-vadora não-participante (esquizóide), que tem desenvol-mias, nas organoneuroses, nas hipocondrias e nas diáteses vida em excesso a função de abstrair e generalizar à custa traumáticas é semântico; a sintática, por fim, está espe-da dissociação do afeto e da motricidade, e a autoplastia cialmente comprometida nas neuroses.

histórica.

Em resumo, partindo das idéias de Melanie Klein (1935, 1940) sobre a reparação como desenlace da posição Estilo 1 (reflexivo)

depressiva, Liberman e colaboradores postulam a existência de diversos modos e os distinguem cuidadosamente, es-Como vimos anteriormente, a pessoa observadora e tabelecendo “uma correspondência entre estruturas e pronão-participante, o esquizóide da psicopatologia clássica, cessos psicopatológicos e estruturas e processos de repara-tem desenvolvida em alto grau a capacidade de dissociação, ção” (1969, p. 137). Quando se consegue reparar a pauta que lhe permite observar sem participar, ou seja, sem afe-que sofria o detrimento mais intenso, modifica-se a visão to e objetivamente, em uma espécie de percepção micros-do passado e sobrevêm mudanças nos estilos lingüísticos de cópica, “porque o ego apequena-se e os objetos engrande-comunicação que o paciente emprega na sessão.

cem-se” (Lieberman, 1976, p. 16).

Tudo o que disseram Fairbairn (em 1941) e Klein (em 7

1946) sobre a personalidade esquizóide, em relação a con-Transcrevo quase textualmente o trabalho de 1969, p. 124.

264 R. HORACIO ETCHEGOYEN

trole onipotente, idealização e dispersão das emoções apli-Em relação aos níveis semióticos, o estilo reflexivo ca-se aqui. É o paciente que permanece afastado, que está opera com uma certa precisão formal e abstrata do ponto fora; o paciente mais silencioso e com alterações na perde vista sintático, com uma escala de valores semânticos cepção dos 50 minutos da sessão. Às vezes, a hora pare-que giram de observar sem participar a ser observado par-ceu-lhe muito curta (e tornou-se interminável para nós, ticipando; em relação à pragmática, o estilo reflexivo ten-porque nos deu muito pouco material); às vezes, pode ocor-de a despertar no usuário incerteza, desconfiança e derer o contrário.

sapego.

Esse tipo de paciente sempre está propondo-se in-cógnitas, os grandes problemas filosóficos da vida, por exemplo, o que é a verdade, o que é a inteligência, o que Estilo 2 (lírico)

é a justiça, assim como a origem do mundo ou da vida.

Para ele, analisar-se é justamente encontrar resposta para O segundo tipo corresponde ao ciclóide da psico-essas questões a partir de uma incógnita central – o que é patologia clássica. Encontra-se exposto com clareza nos a análise – mas faz isso de maneira fria, como quem obdois trabalhos sobre a posição depressiva de Melanie Klein serve de fora. Esse paciente pode ter a capacidade de ver (1935, 1940) e também nos estudos mais recentes sobre objetivamente as coisas em sua totalidade, porém apre-a simbiose transferencial de Bleger (1967) e Mahler senta um sério problema para falar, porque falar é com-

(1967). São os pacientes que estão literalmente em cima prometer-se. São os pacientes que começam a falar em de nós, que se penduram; apresentam dificuldades na voz baixa, para dentro, e a linguagem vai tornando-se comunicação porque não têm controle de suas emoções, cada vez mais críptica, quando não começam a surgir os são os pacientes “impacientes” que nunca terminam de neologismos. O analista está sempre intrigado, tudo lhe nos comunicar algo. É que a

impaciência vê-se invadida parece insólito, e às vezes termina com dor de cabeça. O

pelo aspecto oral canibalístico. São pessoas que, quando terapeuta tende a idealizá-lo, e o paciente, por sua vez, falam, dizem a metade e “comem” o resto, porque não concebe o analista como um sujeito que pensa e o tem têm uma demarcação entre o pensamento verbal falado muito idealizado, já que esses pacientes supervalorizam e o pensamento verbal pensado. O paciente ouve a si o pensar. “Com a estilística 1, o paciente só pode ser um mesmo e o impacto do que vai dizendo faz com que coma ótimo receptor, mas encontra-se cerceado como emissor”

suas palavras. Isto nos obriga a um grande esforço de (Lieberman, 1976, p. 28). “O estilo reflexivo caracteriza-atenção, a uma espécie de tradução, do que às vezes não se pelo alto grau de generalidade das emissões” (p. 54), nos damos conta. Se gravamos a sessão, não a entende-de modo que os acontecimentos vitais transformam-se nos, como se o gravador funcionasse mal; isto ocorre em incógnitas abstratas que são propostas e perseguidas porque o aparelho registra exatamente o dito, o emitido, sem suspense. Contemplando seu objeto sem afeto e sem sem completar o omitido. São pacientes que nos exigem vida, o indivíduo perde os limites de sua personalidade, um grande esforço, acabam frustrando-nos e, às vezes, fundido “com uma totalidade transcendente com a qual podem produzir-nos sono.

o vínculo é predominantemente cognitivo (em termos de Em contraposição ao estilo um, o self participa certeza-incerteza)” (ibid., p. 55).

afetivamente, mas à custa de clivar os processos de per-Lieberman recorda-se de uma paciente esquizóide que cepção. O compromisso afetivo leva à percepção parcial estava muito intrigada com as xícaras de café que às vezes do objeto, em uma espécie de percepção telescópica.

apareciam em sua escrivadinha (quando sua hora se se-O alto componente emocional que o estilo lírico guia a uma supervisão). Depois de muito tempo, disse certa transmite canaliza-se muitas vezes através do código pa-vez: “Há pessoas às quais tenho de falar em linguagem raverbal.9

notarial. Estes, estes, estes que vêm tomar café”. Sua lin-Enquanto a temática do estilo um gira sobretudo em guagem notarial referia-se, então, a que ela deveria dei-torno do conhecimento, aqui os temas

aludem aos senti-xar assentado em um protocolo, como fazem os
escrivães, mentos, ao amor, à culpa e à necessidade de ser perdoado.

que a analisanda Fulana de Tal faz constar que tem um Esses pacientes
também buscam a fusão, mas não com um interesse especial em
conhecer o que vêm fazer estes que ente abstrato, como os anteriores,
e sim com o ser amado, saem do consultório quando ela entra, e com
os quais às cujo amor deseja-se possuir eternamente.

vezes conversa; e faz constar que se sente enciumada e O estilo lírico
caracteriza-se por uma profusa inclu-que essas xícaras de café são um
testemunho que fica as-são de qualificadores do estado de ânimo na
área sintática sentado nesse protocolo, etc. O grau de deformação é
enore pela tendência pragmática a provocar fortes respostas me. Falar
como um protocolo (ou por correspondência) afetivas no usuário.

está mostrando-nos, em última instância, que o paciente está longe.8

9 Seguindo os teóricos da comunicação, Liberman distingue três 8
Tomo esse exemplo, e muitas das idéias expostas nesta seção, códigos:
verbal, paraverbal e não-verbal. Os componentes da aula que
Liberman ministrou nos seminários de técnica de paraverbais são
todos os ingredientes da fala que não estão in-Rabih, Ferschtut e
Etchegoyen, em 27 de novembro de 1980, na cluídos na mensagem
verbal, como o tom, a altura, o ritmo e a Associação Psicanalítica de
Buenos Aires.

intensidade, isto é, o fonético.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 265

Adendo: o estilo lírico do paciente infantil (organo-Há, em primeiro
lugar, uma fuga invejosa precoce do seio neurótico)

com uma acelerada maturação muscular, porque está A personalidade
infantil, que Ruesch descreveu entre interferida a possibilidade de
depender da figura materna seus tipos básicos, conserva-se na
classificação de Liberman, (p. 585). A isso se unem, como segunda
série complemen-que por diversas razões a situa na pessoa depressiva
(e, por tar, uma mãe narcisista e infantil e um pai ausente.

consequinte, no estilo lírico). Talvez se pudesse justificar Coincidindo
com Phyllis Greenacre (1950), Liberman essa inclusão assinalando que
o amplo registro das emo-considera que a tendência ao acting out tem
uma de suas ções do estilo lírico, por ter conexão com o corpo,
imedia-raízes no segundo ano da vida, quando a criança defron-

tamente nos leva a esse tipo de patologia.

ta-se com a aprendizagem da marcha e da linguagem, jun-O paciente organoneurótico tem uma adaptação for-to com o domínio esfínteriano. No segundo ano da vida, mal à realidade, porém suas emoções canalizam-se para quando o processo de separação-indivuação de Margaret o corpo. Assemelham-se em algo ao psicopata, porque Mahler (1967, 1975) está em seu apogeu e a criança co-não registram suas emoções, mas são radicalmente dife-meça a falar à sua mãe de longe, esta não lhe responde rentes, pois nunca prejudicam terceiros, e sim a eles mes-com palavras, mas com gestos. Algo falha nessas mães, mos, a seu corpo.

incapazes de pensar em função da necessidade da criança.

Nos últimos anos, como já disse, Liberman ocupou-São mulheres que só podem pensar quando o que está em se detidamente da doença psicossomática.¹⁰

jogo é sua própria ansiedade. Enquanto a criança não fala, não há problemas, podem atendê-la sem dificuldade. Po-rém, quando a criança cresce, afasta-se e fala, a mãe res-Estilo 3 (épico)

ponde com ações e gestos. Se a criança tem fome, ela vai para a cozinha e abre o armário onde estão as bolachas. A O estilo épico, sem dúvida um dos mais bem tipifica-criança vê-se levada a aperfeiçoar suas técnicas de ação, dos no registro libermaniano, é o que corresponde à pes-para se meter pelos interstícios, e termina por ser um pe-soa de ação. É o paciente que atua, que recorre ao acting queno ladrãozinho que rouba comida. Ao longo de sua out na sessão – ao acting in, como o chamam alguns. O

vida, essas pessoas elaboram a teoria de que jamais serão acting out é, para Liberman, um pensamento que não che-entendidas, o que as leva a uma cosmovisão delirante do gou a ser como tal e que se exterioriza mediante uma ação; mundo. O analista é alguém que encontrou essa “boqui-portanto, o conteúdo latente do acting out é uma frase nha” do divã e de vir todos os dias para ganhar a vida à que o sujeito não chegou a estruturar.

custa dos demais e obter benefícios. São os pacientes que Esses pacientes vão para a análise com uma segunda têm mais problemas com o dinheiro e tendem a manipu-intenção, que por certo ocultam conscientemente do ana-lar o analista com o pagamento.

lista, e nisso reside, como em seguida veremos, sua principal

característica.

O paciente com estilo épico é o que demonstra mais Estilo 4 (narrativo)

convincentemente, a meu ver, o desajuste na relação do signo com o intérprete, isto é, a pragmática. A perturbação do paciente com estilo narrativo corresponde ao que a pragmática pressupõe uma marcada distorção no uso com o enfoque comunicacional se havia descrito como dos signos. A mensagem verbal não serve para o intercâmbio pessoal, isto é, a neurose obsessiva da psicopatologia.

bio comunicativo, sendo um meio para influir secretamente. Nesses pacientes, a lógica formal erige-se como instrumento sobre a vontade do outro. A arte da psicopatia consiste na mais idônea para contrabalançar a lógica das emoções, inoculação (Zac, 1973).

que o analista pretende alcançar com suas interpretações.

Liberman estudou também os fatores genético-evolutivos. A hipertrofia defensiva das operações lógicas pressupõe lutivos que conduzem à distorção pragmática do estilo épico - um amplo predomínio do processo secundário, em que os conteúdos, recorrendo às séries complementares de Freud e aos produtos da fantasia inconsciente tendem a ficar anulados - conceitos kleinianos de voracidade e inveja. "Os pacientes dos por completo.

com distorção pragmática apresentam uma dificuldade para o paciente com estilo narrativo preocupa-se mais com a dificuldade em serem abordados psicanaliticamente, como com a forma como deve entender e deve falar do que com a sequência de perturbações precoces que conspiram contra o conteúdo do que diz ou escuta. Ao cuidado excessivo na necessidade de adquirir novas formas de codificação no vocabulário corresponde um temor subjacente a se equivoque o ciclo vital" (1970-1972, v. 2, p. 579).

vocar, a entender mal ou ser mal-entendido, temor este Liberman observa que concorrem vários fatores para que afunda suas raízes na onipotência do pensamento e que se configure a distorção pragmática do estilo épico.

da palavra. Deitado e quieto no divã, costuma levantar os antebraços enquanto fala para impedir que o analista irrompa e o interrompa (1970-1972, v. 2, p. 516).

10 Para uma meditada exposição sobre esse aspecto da investigação - Esse

pacientes são os que mais se esforçam para se ção libermaniana, ver Del cuerpo al símbolo. Sobreadaptación y isolar do analista, os que mais falam e os que redigem enfermedad psicosomática, que Liberman escreveu em colabora-melhor. Se transcrevermos à máquina uma de suas ses-

ção com Elsa Grassano de Piccolo, Silvia Neborak de Dimant, Lía sões, veremos que preenche várias folhas. São pacientes Pistiner de Cortiñas e Pola Roitman de Woscoboinik.

266 R. HORACIO ETCHEGOYEN

que fazem crônicas organizadas no tempo e no espaço: O estilo de suspense mostra uma clara oposição en-

“Na sexta-feira, quando saí daqui, encontrei-me na esqui-tre a linguagem verbal, por um lado, e a paraverbal e a na com Fulano. E ficamos de nos ver à noite para ir jantar não-verbal, por outro. Os dois últimos registros são os mais com nossas esposas. E assim o fizemos”. Ordenam seu dis-reveladores, os que mostram as atitudes reais do paciente, curso e o encabeçam por um “vou contar-lhe”. Desse modo, ao passo que o registro verbal tende a ocultá-las. Essa controlam-nos e desconcertam-nos, quando não nos fati-discordância marca um engano, mas, enquanto no estilo gam, entediam ou aborrecem.

épico o engano tem o outro por destinatário (e vítima), O paciente com estilo narrativo esclarece continua-aqui o enganado é o próprio emissor.

mente a que está referindo-se. É característico desse estilo A temática desse estilo gira sempre em torno do risco, que a mensagem tenda a se concentrar no contexto e na da aventura e do descobrimento, opostos à rotina, ao confunção referencial: “Essa função sempre remete o terapeuta formismo e à tranqüilidade. Aparecem com freqüência a para que se situe em um contexto determinado ao qual o competição entre pessoas do mesmo sexo por um objeto de paciente tenta conduzir, utilizando as características da amor heterossexual, como expressão típica do complexo de narração para controlar os processos mentais do receptor, Édipo positivo. Estas e outras emoções afloram claramente fixando a mente deste em um mundo conhecido pelo panesse discurso, matizadas com as técnicas fóbicas de apro-ciente, no qual os dados são ordenados de maneira exclu-ximação e afastamento que foram descritas por Mom (1956, siva por este” (p. 520).

etc.) e que circunscrevem, às vezes, um pólo atrativo e peri-Como

sabemos pelos autores clássicos, a neurose gosa e outro tranquilizador, porém aborrecido.

obsessiva tem seu ponto de fixação na fase anal secundária-

Os pacientes do tipo cinco são os que melhor mobilizam (ou retentiva). Segundo Freud, a neurose obsessiva tem o sinal de angústia, descrito por Freud em 1926. Quando aparece tipicamente no período de latência, mas, na realidade fracassa essa função antecipatória do ego, instaura-se a culpa, Klein (1932) mostrou que as técnicas obsessivas instauram uma relação objetal com angústia que deriva para a fobia.

tauram-se no segundo ano da vida, na época da educação Assim como os do tipo um, são pacientes que estão intrínsecamente.

gados, mas procuram criar suspense, imprimindo à sessão O estilo quatro corresponde a um sujeito que, em a expectativa de que algo vai acontecer. Assim, esses sujeitos-determinado momento de seu desenvolvimento, sofre uma transformação sua fobia e seu estado de alerta para a socialização precoce. Ele chega a ser uma criança ordena o clima da sessão. Para esse paciente, o analista pode ser da e obediente, que se sobreadapta. Faz o que a mãe um detetive que tem a habilidade de encontrar o culpado, manda e os deveres para a professora, é sempre um bom objeto fóbico.

aluno e recebe o prêmio de melhor companheiro. É que o Como dissemos há pouco, ao descrever o discurso estilo narrativo – conclui Liberman – constitui a expressão dessas pessoas, a maior alteração encontra-se no nível sintática dos típicos mecanismos de defesa da neurose obsessiva, quando a evitação fóbica opera sobre as palavras e a expressão: formação reativa, anulação e isolamento. Como os giros verbais. A semântica não está especialmente perturbada, disse Rosen (1967), o controle anal retentivo permite turbada, e, quanto à pragmática, o mais característico desse manter a sequência de um relato e, quando falha, o dis-estilo, como indica seu nome, é a tentativa de criar suspense curso “se suja”.

no receptor, a quem sempre se atribui um papel de obser-

À força de ser um bom paciente, a pessoa lógica ter-vador não-participante.

mina por ser a caricatura de um paciente. Se o analista precisa trocar e suspender uma sessão, escolhe esse tipo de paciente, porque acredita que é o que vai tolerar me-Estilo 6 (estético)

lhora, deixando-se induzir pelos limites que estabelece com seu controle. Na realidade, é um grave erro, porque ao paciente com estilo dramático que provoca impactar o enquadre de um paciente desse tipo pode ser algo do estético é a pessoa demonstrativa, segundo os modos catastrófico.

comunicacionais, que corresponde à histeria da clínica psiquiátrica. Aqui se aprecia “uma ótima sincronização dos códigos verbal, paraverbal e não-verbal para transmitir uma Estilo 5 (suspense)

mensagem” (Liberman, 1976, p. 58). Como no estilo anterior, o espaço, o tempo, os objetos e os personagens aparecem no estilo da personalidade atemorizada e fugidia é o que claramente delimitados, mas a diferença está no fato de suspense, que se caracteriza pelo clima de assombro, medo de que neste estilo não há mudanças bruscas nas sequências e busca. Os personagens são nítidos e os signos são seletivos discursivos, nem se procura criar a atmosfera de tensão para estabelecer incógnitas nas quais o sujeito sente suspense, “e sim se busca um grau ótimo de redundância, se comprometido e tenta comprometer o analista. O discurso seja porque os três códigos transmitem isomorficamente a mensagem, o que mostra a típica evitação fóbica no nível das palavras e mesma mensagem, seja porque se articulam de modo com os giros verbais, sem perder sua coerência e sua ordem.

complementar com esse mesmo objetivo” (p. 58).

Às vezes, o discurso principal é interrompido e, ao modo do estilo de paciente tenta criar no receptor um im-

“aparte” na técnica teatral, intercala-se uma sequência in-pacto estético. Deleita-se ao emitir os sinais e ao recebê-

dependente, depois do que se volta ao tema central.

Logo. Segundo Liberman (p. 59), há uma espécie de prazer

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 267

funcional que coincide com temas agradáveis de frequência. Liberman expõe claramente suas idéias sobre o conteúdo erótico, com muitos elementos de beleza e mentalidade estilística em sua colaboração à Revista de fascinação.

Psicanálise, no número comemorativo de seus 30 anos, e Os pacientes do estilo seis são os que mais provocam em um artigo especial para a Revista Uruguia em homenagem ao analista um sentimento de comodidade

resistência de transferência baseia-se no exibicionismo. Se A complementaridade estilística, diz Liberman (1978), o analista fica fascinado pelos recursos do paciente, a ses-deriva das pautas de interação na psicoterapia e acrescen-são se converterá em uma espécie de espetáculo e, como é ta imediatamente: “Devemos compreender que comple-natural, fracassará. O sentimento de vergonha e de feal-mentaridade significa as diferenças dos papéis e caracte-dade, o temor ao ridículo são traços reconhecidamente rísticas das mensagens e que contrasta com a interação histéricos, derivados da pulsão exibicionista, que estão na simétrica, na qual as similitudes predominam” (p. 45, nota raiz do estilo estético.

de rodapé). Se o analista argumenta ou discute com seu paciente obsessivo, estabelece uma interação simétrica; se pode recorrer ao estilo épico ao lhe interpretar, poderá ESTILOS COMPLEMENTARES

alcançar a complementaridade, dando ao paciente o que lhe falta. Como corolário dessas reflexões, Liberman che-Os seis tipos que acabo de descrever, tentando ajus-ga a afirmar que as mudanças do analisando, durante o tar-me fielmente ao pensamento de Liberman, nunca ocor-processo psicanalítico, dependem do grau em que se ajus-rem em estado puro. Os estilos misturam-se, superpõem-te a organização verbal da interpretação às condições re-se e – também – contrapõem-se. Se uma pessoa tem de ceptivas do paciente e, por conseguinte, “quanto maior base um estilo reflexivo e procura solucionar seu isola-for o grau de adequação entre a estrutura da frase que mento emocional e sua falta de comunicação empregando formula a interpretação e o estado do paciente quando a técnicas histéricas, será então um histérico torpe, nunca recebe, tanto menor será a distorção” (p. 45-46). O signi-um histérico elegante. Do mesmo modo, um paciente que ficado desse ajuste, diz Liberman taxativamente, é a com-tem uma estrutura basicamente obsessiva e, portanto, um plementaridade estilística (p. 46). A interpretação deve estilo narrativo, mas que pode apelar às técnicas dramáti-oferecer ao analisando os modelos do pensamento verbal cas da histeria, será alguém que conta fatos, mas intercala que não pôde construir em seu desenvolvimento e, por diálogos: “Chegamos à esquina e ela me perguntou: Aon-isso, “a interpretação ideal, a mais exata, será aquela que de você quer ir? E eu lhe respondi: Você sempre quer que reúna em uma só oração os componentes estilísticos de eu decida. Não, dessa vez decida você. Então, ela deu a que o paciente carece” (p. 48). A interação complementar, volta e, nesse momento, chegaram os outros e disseram: conclui Liberman, conduz o paciente ao insight.

Chê! Estão brigando de novo?”. É uma crônica narrada Em outras palavras, Liberman procura dar um con-em forma de libreto teatral, em que o sujeito, de alguma teúdo lingüístico ao que, em termos fenomenológicos, cha-maneira, vai atuando os papéis que descreve. O elemento mamos de empatia, por meio da complementaridade histórico dá à técnica narrativa mais plasticidade.

estilística. Aquilo que na sessão surge como empatia apa-Desse modo, o estilo nunca é simples; acrescentam-rece depois, quando se estuda a sessão, como complemen-se a ele outros registros que, embora o compliquem e o taridade estilística.

façam perder sua nitidez, também o enriquecem e o diver-Embora a complementaridade estilística implique sificam.

uma tomada de posição teórica frente ao analisando, fren-Um postulado básico de toda a reflexão libermaniana te à transferência e frente ao processo analítico, Liberman é que os estilos não apenas se superpõem, mas também se não descuida os outros determinantes e adverte que, ao se complementam, que cada estilo tem outro que lhe é com-supervalorizar a idéia de estilos complementares, corre-se plementar e, portanto, em dado momento, será o mais o risco de perder a espontaneidade, submetendo-se à bus-adequado à sua capacidade de receptor. O estilo narrativo ca de uma complementaridade ideal. Por isso, “quando é complementado pelo épico, o reflexivo pelo dramático alcançamos um nível ótimo de trabalho, efetuamos, sem que cria suspense.

premeditar, a complementaridade estilística” (p. 48).

11 “Complementariedad estilística entre el material del paciente y la interpretación” (1974); “El diálogo psicoanalítico y la complementariedad estilística entre analizado e analista” (1978).

Aspectos Epistemológicos

da Interpretação Psicanalítica

GREGORIO KLIMOVSKY

INTRODUÇÃO

sar de ser uma das noções centrais de sua teoria, uma de suas principais contribuições.

O problema estabelecido pela estrutura lógica da in-

É evidente que muitos dos usos que Freud faz da interpretação e sua contrastabilidade não é nada fácil, e a interpretação em A interpretação dos sonhos (1900a) são da poucos são os lógicos que têm predileção por esses te-antes canônicos, em que “interpretação” quer dizer algo mais. Tivemos a oportunidade de discuti-los durante anos assim como uma chave explicativa do que está acontecendo com muitos psicanalistas e se chegamos a extrair final-do na psique ou na conduta do sujeito, e não outra coisa.

mente alguma conclusão promissora, uma parte impor-No entanto, há outros contextos na obra de Freud nos quais tanto do mérito é dos amigos que participaram dessas interpretações aparece mais como um instrumento da cussões.

terapia psicanalítica e da tarefa clínica, como algo peculiar-Vista por um lógico ou por um epistemólogo, a interpretar que já não é meramente de tipo epistemológico, mas interpretação em psicanálise propõe problemas semelhantes aos possui também as características de instrumento de ação.

que se apresentam quando se quer fundamentar as teorias Não nos referiremos, entretanto, às distintas concepções físicas e as razões para aceitá-las ou rejeitá-las, assim como que os próprios psicanalistas têm sobre a interpretação, também aos que se propõem em ciências sociais, mais porque nos parece que essa é uma tarefa que compete a certamente em disciplinas como a história, quando se quer eles. Algo disso se vê no livro de Louis Paul, Psychoanalytic aplicar a elas o conceito de explicação.

clinical interpretation (1963), em que os artigos reunidos Talvez alguns dos debates mais interessantes na mostram uma atrativa variedade de concepções sobre a epistemologia contemporânea estejam por esse lado; tam-interpretação.

bém é onde há menos acordo, de modo que, entre as ana-Dissemos que na interpretação psicanalítica super-logias que vemos nesse mosaico de dificuldades, poderia-põem-se três fenômenos que nela sempre coexistem.

mos dizer que, mais do que resultados certos, existem di-O primeiro é de ordem epistemológica e relaciona-se versas variantes e possibilidades.

com o tipo de conhecimento que a interpretação oferece.

O primeiro problema que se coloca é o da natureza Uma interpretação é uma espécie de teoria em miniatura lógica da interpretação. O que ocorre quando se realiza sobre o que há por trás de um fenômeno manifesto. Desse uma interpretação? Que estruturas um lógico repara nela?

modo, interpretar implica produzir um modelo ou uma Dos vários aspectos que imediatamente se encontram como hipótese, semelhantemente ao que faria um físico quando características do ato de interpretar, três chamam a aten-quer salientar o que há por trás de um efeito. A isso pode-

ção e levam a problemas diferentes: o explicativo, o se-ríamos chamar de vertente gnoseológica da interpretação, mântico e a vertente instrumental. Nós nos referiremos que estabelece problemas epistemológicos típicos.

mais ao primeiro do que aos restantes, mas não devemos A segunda faceta ligada ao fenômeno da interpreta-esquecer que os três são de interesse.

ção é de tipo semiótico, tem a ver com significações. O que São muitas as ocasiões em que procuramos precisar se faz é algo parecido com uma captação dos significados o que há no problema da interpretação do ponto de vista que está oferecendo o material que a interpretação aten-epistemológico. Não é tarefa fácil, porque os próprios psi-de. Aqui, a tarefa assemelha-se à de um lingüista ou de um canalistas parecem não oferecer uma completa unanimi-semiótico e é de uma ordem diferente da gnoseológica, dade conceitual e um perfil claro do que eles entendem embora não se possa deixar de reconhecer que há

aspec-por interpretação, de maneira que, às vezes, não se sabe o tos comuns.

que se está discutindo. Algo bastante curioso é que, nos O terceiro aspecto é instrumental e talvez, em certo longos, extensos e riquíssimos trabalhos que marcam o la-sentido, terapêutico; é que a interpretação em psicanálise bor freudiano, a palavra interpretação aparece pouco, ape-

é uma ação: aquele que interpreta está fazendo algo com

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 269

finalidade de produzir uma modificação ou um determi-de uma quantidade de fatos, permite fazer predições e é, nado efeito no paciente.

por sua vez, explicada pela genética, porém não faz alusão a material teórico; todas as suas noções (características, variedade, determinação, adaptação) podem ser defi-ASPECTO GNOSEOLÓGICO

nidas perfeitamente de maneira manifesta, de maneira empírica. Não é assim que ocorre em genética, nem em O que primeiro se impõe a nosso espírito, ao estu-química, nem tampouco é o que ocorre em psicanálise.

darmos o fenômeno da interpretação, é que é um ato me-

É verdade que um psicanalista sabe que o material diante o qual procuramos obter conhecimento: é uma afir-inconsciente pode também, em certo sentido, observar-se, mação que o analista faz em relação ao material oferecido detectar-se e descrever-se, mas há uma diferença bem cla-pelo paciente com o propósito de lê-lo, descrevê-lo ou ra: uma coisa é falar da conduta do paciente, do material explicá-lo. Em seguida esclareceremos por que não utili-manifesto, e outra muito diferente é falar de sua estrutura zamos uma só palavra, explicar. De qualquer modo, esse é psíquica, de suas fantasias, de seu inconsciente. Aí há real-o aspecto teórico de tipo hipotético-dedutivo implicado mente um salto gnoseológico tão grande quanto o que aco-pela interpretação. A primeira coisa que queremos fazer mete o químico quando deixa de falar da cor do papel notar é que, em uma interpretação, o psicanalista formula tornassol e põe-se a falar da órbita dos elétrons na estru-uma proposição, enuncia o que os lógicos chamam de uma tura atômica e do deslocamento deles nessas órbitas. Nes-sentença declarativa, ou seja, algo no qual o psicanalista se sentido, o que se passa no aparelho psíquico, o que pre-pode estar

equivocado ou certo. Na maioria dos casos, a cisamente interessa ao psicanalista, o coração daquilo que afirmação que constitui a interpretação é de caráter hipo-ele “vê”, tem bastante analogia com o que interessa a um tético, porque a verdade ou a falsidade do que se está di-químico quanto à estrutura interna de moléculas, átomos sendo não é conhecida. Com certeza, não o é diretamente e elétrons. Desse ponto de vista, são situações teóricas pelo paciente, mas tampouco o é para o terapeuta. A in-bastante parecidas. Um problema que a psicanálise tem interpretação tem, em grande medida, características de con-em comum com todas essas teorias da ciência natural é jectura e, como tal, é antes uma espécie de aventura que como se pode fundamentar nosso conhecimento, como é exigirá, como dizia o profeta, ser medida por seus frutos.

possível obter a ordenação, a sistematização dessa parte Somente ao conhecer quais são os efeitos dessa declarada ciência que não é diretamente acessível, diretamente ção é que se poderá ponderar sua exatidão.

operável, empiricamente tangível.

Para começar agora a discutir o aspecto explicativo, O problema da interpretação envolve diretamente iniciaremos por dizer que, do ponto de vista lógico, vale essa questão, porque aquele que interpreta (na forma tra-a pena distinguir dois tipos de interpretações: as que se dicional em que se pode pensar que a interpretação psica-obtêm por leitura e as que surgem como hipótese, por nalítica existe, de Freud em diante) não está nem descre-explicação.

vendo, nem correlacionando, nem sequer está colocando Para nos darmos a entender, façamos previamente um fato descritivo no contexto de outros fatos descritivos.

algumas alusões de caráter epistêmico. Primeiramente, Na realidade, no sentido ordinário da palavra, uma inter-mencionemos uma característica do tipo de teoria e de pretação transcende sempre a conduta do paciente, o dado discurso que a psicanálise maneja e que se relaciona com empírico, e cala muito mais fundo em estruturas primiti-a diferença evidente que há entre um tipo de material vas que estão no inconsciente, em fatos recalcados, em que epistemologicamente poderíamos chamar de direto, pulsões instintivas e em muitos outros elementos que de que está mais ou menos próximo da descrição, da obser-maneira alguma são gnoseologicamente comparáveis ao vação, da prática clínica, e que corresponde ao material que manifestam a conduta propriamente dita e o material

empírico (em psicanálise é mais corrente chamá-lo de verbal do paciente. E aqui surge a segunda questão: como

“material manifesto”); e, em segundo lugar, o que episte-se faz para alcançar com a interpretação o material ao mologicamente poderíamos chamar de material teórico, qual interessa chegar? Qual é o procedimento adequado?

que não é diretamente visível e observável, ao qual se há de chegar de maneira indireta; aqui estaria o material latente, inconsciente.

A INTERPRETAÇÃO-LEITURA

O que acabamos de assinalar é uma diferença que se faz em certas disciplinas científicas entre o que poderia-Em ciência, existem muitos procedimentos para pomos chamar de o lado empírico e o lado teórico da realider chegar ao que não é diretamente visível ou epistemolo-dade estudada, diferença que, todavia, não será encontra-gicamente direto. Um tanto metaforicamente, mas não da em todas as disciplinas. Há teorias que são puramente muito, poderíamos dizer que o microscópio e o telescópio empíricas, teorias que constroem grandes hipóteses, e são algo assim, porque permitem tecnicamente chegar a muito engenhosas, mas sobre material detectável e obser-observar o que não é diretamente observável, o que não vável. A teoria da evolução de Darwin, tal como seu autor está empiricamente dado. Entretanto, para observar me-a expõe na primeira edição de A origem das espécies, em diante o microscópio ou o telescópio, é necessário ter pre-1859, por exemplo, é desse tipo; teoria muito bem arma-viamente uma teoria. Se não houvesse uma teoria, poder-da, engenhosa e enormemente explicativa, porque dá conta se-ia reagir como muitos colegas de Galileu: não queren-

270 R. HORACIO ETCHEGOYEN

do observar nada mediante esse instrumento, que para tipo B, inobservável, conjecturável. E não resta dúvida eles – devido a seus preconceitos – devia ser mágico, en-de que a interpretação é algo que procura vincular o ma-cantado e defeituoso. Se realmente não houvesse uma teo-terial A com o B.

ria científica que o justificasse, o telescópio poderia ser Às vezes, o observável A vincula-se com o conjetu-pensado como algo enfeitizado. Realmente, não se veria rado B, mediante uma lei que diz se A, então B. Ou tam-por que tem de garantir conhecimento. Existe, felizmente, bém: se ocorrer A, então ocorrerá B. Se tivermos uma for-uma teoria,

uma teoria independente da biologia ou da ma redonda A desse lado da ocular, então, em virtude de astronomia, que é a óptica, cujas leis correlacionam o que que aceitei as leis da óptica, teremos B, uma célula, por está do lado da vida cotidiana, da prática imediata (e que exemplo, do lado da objetiva. De certo modo, quando no aparelho está na ocular), com o que está do lado da estamos frente a A, podemos entender, se internalizamos objetiva, que é precisamente o que se quer conhecer. De a lei em questão – como dizíamos antes –, que estamos modo que, quando alguém internalizou a óptica, deposti-diante de B, ou como se estivéssemos vendo B, embora, na tando nela de boa-fé a garantia de que os instrumentos realidade, a única coisa que vemos de verdade é A.

servem, já não vai mais discutir problemas de óptica quando Um epistemólogo empirista muito à inglesa aqui pro-fizer astronomia ou biologia: aceita realmente que quan-testaria; ele nos diria que, na realidade, do ponto de vista do observa certos fenômenos desse lado do aparelho óptico, mais sério da história do conhecimento e de sua funda-

é porque há tais ou tais coisas do outro.

mentação, a única coisa que se pode dizer é que conhece-As leis que correlacionam um tipo de variável com mos A: porém, todos sabemos que o ato de conhecer, as-outro, o lado empírico com o não-empírico, costumam ser sim como o próprio ato de perceber, implicam uma mistu-chamadas no jargão epistemológico de regras de corres-ra inextricável e “gestáltica” de aspectos empíricos e con-pondência. São também hipóteses, são também leis que ceituais. Mesmo a visão do livro que temos sobre a mesa é alguma teoria científica proporcionou e que correlacionam algo que se nos proporciona como dado empírico e de foro visível com o que não o é, o material manifesto com o ma totalmente imediata, sem se dividir em uma etapa em conteúdo latente, para empregar as clássicas expressões que há um dado que depois interpretamos. Evidentemen-psicanalíticas que Freud introduziu ao estudar o sonho.

te, de forma ingênua, estamos diante de um livro, embo-Para entendermos a discussão que se segue, o que ra, na realidade, o que se passa é algo mais complexo, em estamos chamando de material manifesto, do ponto de que percebemos uma Gestalt formada por elementos sen-vista epistemológico, é material observável, é o que pode síveis e elementos conceituais que correspondem ao conse chamar de material empírico, o material para cujo co-ceito de livro. Em conclusão, se um cientista internalizou nhhecimento haveria acesso

até no sentido condutista da em sua concepção do mundo certas leis, indubitavelmente palavra. Que o paciente tenha dito tal ou qual coisa, ou quando está frente à mancha ou imagem da ocular, “gestal-que não o tenha dito (isso, às vezes, é também importan-ticamente” estará vendo o que diz que vê e que está, na te, e para os lacanianos mais ainda), é um fato que se realidade, na objetiva – a célula ou o microrganismo. Quan-pode registrar; inclusive, se houvesse filmadoras ou apa-do se internaliza uma lei destas, termina-se por ver, por ter relhos de registro oculto, ali estaria o fato e não se poderia experiências que vão além da experiência pré-teórica; dito negá-lo. Ao lado disso, temos o que pertence ao setor in-de outra maneira, as hipóteses do tipo que referimos ter-consciente do indivíduo, tudo o que é material latente, minam, como os óculos, por fazer alguém “ver” o que não inobservável ou não-empírico, que os epistemólogos cos-poderia realmente ver sem eles.

tumam chamar, usando uma maneira de falar que não nos Aqui há algo interessante, porque, com tudo o que agrada, mas que está imposta, de os objetos “teóricos” (se-dissemos, poderíamos estar insinuando que é possível que gundo a nomenclatura anglo-saxônica); isso quer dizer os os psicanalistas tenham, por analogia com os biólogos, objetos “que se conjecturam com auxílio da teoria, mas uma espécie de “aparelho óptico privado” que lhes pro-que não são diretamente observáveis”. Para a psicanálise, porciona um tipo de microscópio que lhes permite che-a conduta é diretamente observável, o inconsciente não o gar ao material latente por meio do material manifesto.

é, é somente conjectural ou indireto. Contudo, precisa-Tal idéia é totalmente acertada, embora a diferença seja mente, o que interessa à psicanálise é chegar ao incons-que, enquanto os biólogos tiveram a sorte de que os físi-ciente, porque é ali que está o importante, de modo que cos lhes proporcionassem o tipo de lei “se A, então B”

seu problema é como fundamentar o que se conjectura, a para utilizar o microscópio, os psicanalistas tiveram de partir da conduta diretamente observável. Nesse sentido, construir sua própria óptica através de suas teorias. Na a psicanálise é uma disciplina com muito mais ousadia do realidade, é a própria psicanálise que chega ao tipo de lei que o condutismo, porque este não quer saber desse outro

“se A, então B” que permite, de forma inequívoca, atra-lado da questão, que para ele não é científico; o científico, vés de um traço de conduta e dessa regra de correspon-para o condutismo, é ficar apenas com o que é diretamente dência, compreender o que está

internamente se passam-observável. O psicanalista pensa, ao contrário, que o cientista com a pessoa estudada.

tífico será sustentar o que se disser sobre o inconsciente.

Os exemplos que podemos dar certamente pecarão Dessa maneira, será possível distinguir entre ma-por ingênuos, como todos os que querem ilustrar um material observável, que chamaremos de A, e material de por alheio ao especialista. Se tomarmos em consideração

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 271

a forma como Freud explica a estrutura dos fenômenos implica B, pressuposição que se supõe sustentada por uma patologia em O ego e o id (1923b) e em Inibição, sintoma-determinada teoria psicanalítica.

ma e angústia (1926d), poderemos enunciar uma lei que, Esse tipo de relação entre A e B que nos permite fa-exposta simplesmente, diga-nos uma coisa como esta: se zer uma “interpretação-leitura” consiste em que A é condi-uma pessoa está na ocasião apropriada para desenvolver ação suficiente para B e também, como dizem os lógicos, B é uma ação para a qual manifesta interesse e deixa, toda-condição necessária para A. Significa que não pode dar-se via, de fazê-la, então é porque o superego inibiu a ação A sem estar presente B. Quando uma lei como essa é incluído ego. Compreende-se que estamos diante de uma afir-

ida em uma teoria, permite-nos “ler” no material o que mação do tipo “se A, então B”, porque estamos dizendo não veríamos sem a lei, em nosso exemplo a ação inibidora que se ocorre a carência de uma ação por parte de um do superego, através da conduta peculiar do rapaz. Se te-agente em circunstâncias adequadas, então ocorre que o mos uma lei que nos diz que quando essa conduta está superego exerce uma ação inibidora. Na realidade, do presente, então forçosamente, a inibição deve estar pre-ponto de vista epistemológico, o superego e a ação sente, podemos dizer que estamos lendo a inibição através inibidora não são material manifesto, material empírico.

do dado manifesto.

Para uma fundamentação epistemológica da psicanálise, Quem não dispusesse da teoria, ou simplesmente não o superego não é dado; o que é dado é que se deixou de estivesse muito habituado a utilizá-la, não poderia fazê-

realizar uma ação que o contexto favorecia e que havia lo; isso é certo.

Um leigo não veria o superego inibindo o interesse manifesto, por parte do agente, em realizá-la: ego; veria simplesmente uma conduta intrigante, incom-temos o rapaz, temos a moça nas circunstâncias apropri-preensível. Nesse sentido, repito, a teoria permite-nos ver adas, ela desejosa e com o maior beneplácito; ele gosta o que sem ela não veríamos: tem, realmente, o mesmo da menina; porém não se sabe o que aconteceu, de ime-efeito que uma lente de aumento. Não por repetida, a mediato ele toma um livro e põe-se a ler. Esses são os dados, táfora deixa de ser exata. De igual modo, as regras semió-

não o superego e sua ação inibidora.

ticas dizem-nos como captar um significado de uma ma-Entretanto, a psicanálise chegou a uma hipótese neira análoga: se temos um signo A (constituído por tra-como a que usamos de exemplo baseando-se nos estu-

ços visíveis) e queremos lê-lo apreendendo seu sentido B, dos de Freud; essa hipótese pode estar muito bem con-as regras que estabelecem sentido nos ensinarão que “se trastada, pode estar realmente muito apoiada por uma se dá o signo A, então está dado o sentido B”. Por isso é empiria anterior, de modo que um psicanalista não a que estamos falando de “ler”, se é que fazer tal coisa é discute mais, porque já tem motivos de sobra para pen-captar o sentido B através do signo A.

sar que ele se sai bastante bem com esse aparato teórico Quando o material manifesto está ligado ao material conceitual. Felizmente, nenhum cientista de modo prá-

latente por alguma relação legal do tipo que acabamos de tico está fazendo o questionamento epistemológico con-referir, ou seja, por uma hipótese que diz que se esse mate-tínuo de tudo o que faz, e acreditamos que os pacientes rial manifesto está presente, forçosamente deve ser acom-fugiriam espavoridos diante da idéia de que o psicana-panhado de tal material latente, então estamos autorizados lista está constantemente reexaminando epistemologia dizer – e para esse caso somente – que a interpretação é camente a teoria que emprega para tratá-lo. De manei-uma leitura, que estamos captando realmente o que ocorre ra que, no tipo de exemplo que demos, há sempre uma no inconsciente através do que observamos, através do tal lei que está incorporada ao “automatismo teórico”

material manifesto. Mais ainda, insistimos em que se pode do psicanalista. Porém, é claro, se tivermos esse tipo de dizer, com toda a

naturalidade e sem reparos, que o estamos lei, teremos o mesmo que o biólogo quando pressupõe a vendo. Isto, entre parênteses, produz um certo escândalo óptica do microscópio; teremos algo tal que se estiver entre os que não meditaram sobre o problema da epistemo-mos no conhecimento de A, que aqui é a carência de logia da psicanálise, sobretudo porque às vezes se fala de conduta positiva à qual nos referíamos, e como sabe-comunicação de inconsciente a inconsciente, de captar dimos que isso está relacionado com B, o que se passa no retamente o inconsciente do outro, e essas maneiras de di-inconsciente, poderemos fazer esse tipo de leitura “ges-zer são sempre muito suspeitas para quem vem de fora e táltica”, conceitual, da experiência. Assim como na vida estará tentado a pensar na telepatia, em relações mágicas, cotidiana temos todo o direito de dizer que possuímos em algum tipo de misterioso canal subterrâneo universal como dado que isso que está em minha mesa é um livro, que conecta duas mentes diferentes.

o psicanalista dirá que tem como dado a inibição do ego Na realidade, depois do que dissemos, não parece ha-pelo superego da pessoa em questão.

ver dificuldade alguma do ponto de vista lógico. O proble-Em resumo, quando a forma lógica da relação entre ma está claro: se o psicanalista, através de sua teoria (e de uma variável e outra é a que estamos considerando, efetu-sua prática), incorporou algum tipo de lei que relaciona o amos a “leitura” de B, que como se pode notar não é visí-

material manifesto com o latente, da maneira que caracte-vel, a partir de A, que é o visível.

rizamos como “se A, então B”, então é certo que acede legi-Assinalemos uma vez mais que se aplicamos a lei “se timamente à experiência de estar vendo o inconsciente do A, então B”, é porque estamos pressupondo que as variá-

outro, mas no mesmo sentido em que um biólogo não duvi-veis A e B estão em uma relação particular, de modo que A da, nem por um momento, de que está vendo a célula com

272 R. HORACIO ETCHEGOYEN

seu microscópio; e, assim como o biólogo não se coloca o te que estamos lendo o conteúdo latente, pois isso seria menor problema gnoseológico por sua forma de falar, cometer um erro lógico

fundamental; é certo que se al-tampouco o psicanalista tem por que fazê-lo.

guém bebe cicuta, então morre, mas não é certo que se Do ponto de vista lógico, pois, o problema é claro, alguém está morto, é porque bebeu cicuta; há muitas ou-embora não nos escape que pode haver dificuldades técni-tras formas de morrer.¹

cas implicadas nesse tipo de interpretação. Não as discuti-Frente a essa configuração, o que podemos fazer é remos, porque não são de nossa competência; porém, que-supor que o conteúdo latente é B, porque estamos diante remos assinalar que, embora essas interpretações-leituras do material A, e a lei diz que se existe B no inconsciente, possam ser objetadas tecnicamente, por não serem instru-deve aparecer o material A no conteúdo manifesto. Con-mentais, por facilitarem uma excessiva intelectualização tudo, deve-se ter presente que é possível haver uma outra ou pelo que for, não deixam de ser irrepreensíveis, para o causa C que pode estar promovendo a presença de A, em lógico.

vez de B (pois talvez também seja certa a lei “se se dá C, Nossa primeira conclusão, então, é que há um tipo então se dá A”).

de interpretação que é uma leitura, na qual o material la-Para dar um exemplo desse tipo, poderíamos partir tente é lido por meio do material manifesto, onde lido quer da clássica configuração edípica e estabelecer, para o caso dizer detectado através de uma lei. Quando a lei é do tipo de um varão, uma lei que dissesse que se a imago do pai é

“se A, então B”, o material manifesto é o que se chama de agressiva, então, segundo a teoria da transferência, esse condição suficiente, sua presença basta e sobra, é suficien-homem também tende a ver nas figuras masculinas com te para que possamos inferir a presença daquilo que o deve as quais está em relação de dependência uma nota de agres-estar acompanhando. O outro, o material latente, é a con-sividade. Com essa lei não retiramos, todavia, do fato de dição necessária, é o lido.

que o paciente esteja descrevendo alguém como agressi-Uma meditação à margem nesse momento é que, de vo, que está transferindo a ele a figura do pai. Poderia ser qualquer modo, para que isso seja possível, o intérprete certo tudo o que dissemos; porém, seria possível haver tem de haver incorporado as leis, seja através de sua apren-outra causa pela qual, nesse momento, ele está vendo Fu-dizagem da teoria psicanalítica ou, de forma não-explíci-lano, material

manifesto, como agressivo. Poderia, por ta, mediante a referência indireta que lhe subministrem exemplo, estar expressando um conflito de rivalidade com seus professores. Ou seja, finalmente, embora nossos mes-um irmão, poderia estar projetando nesse Fulano sua pró-

tres possam não ser a óptica por inteiro, serão ao menos pria agressividade contra a mãe e, é claro, poderia estar os óculos que usamos; porque dessa maneira se aprende, observando objetivamente os fatos. Então, devemos limi-muitas leis, muitas regularidades, simplesmente porque a tar-nos, em princípio, a dizer que a tendência desse pa-prática dirigida o ensina. Que isso valha como uma pequena a ver uma pessoa como agressiva é pela hipotética na justificativa do importante papel que desempenha a existência da imago do pai ou por alguma outra razão. O

teoria na aprendizagem – e isso vale para os historiadores, que ocorre exatamente, deveras, não o sabemos e, de qual-para os sociólogos, para os psicólogos clínicos, para os psiquer modo, não podemos dizer que estamos “lendo” atra-canalistas. Sem incorporar as hipóteses estabelecidas por vés de seu material manifesto a imago agressiva do pai.

esse tipo de correlação, não haveria possibilidade de fazer No entanto, é muito provável que o psicanalista, ape-o tipo de leitura que, nesse caso, é a interpretação psica-sar de tudo, diga: sim, mas é a figura do pai somente.

nalítica. Mas este é também o caso da interpretação socio-Quando faz isso, o psicanalista não leu o material latente, lógica, que seria a leitura de uma variável (ou de um fato) o que realmente fez foi formular uma hipótese; a hipóte-atraves de indicadores, como eles dizem – e os indicado-se, muito útil, de supor que o material latente é assim.

res se supõem variáveis ou dados manifestos.

Supor isso lhe é explicativamente útil, porque dispõe de uma lei que diz que quando esse material latente está presente, devem ocorrer tais ou tais coisas na conduta maniA INTERPRETAÇÃO-EXPLICAÇÃO

feita. A partir da hipótese de que a imago agressiva do pai pesa nesse momento no ânimo do paciente, mais a lei que Em nossa opinião, entretanto, o caso típico da inter-diz que essa imago inconsciente é acompanhada de tais pretação psicanalítica não é o que acabamos de caracter-ou quais referências ou de tal ou qual material, explica-se

zar, mas o inverso, em que o conteúdo manifesto é a con-por que o paciente ofereceu o material que ofereceu.

dição necessária e o conteúdo latente, a condição suficien-O modelo do que aqui ocorre é o que se costuma te. Isso quer dizer que a lei que dessa vez a psicanálise nos chamar de um esboço explicativo, que certamente tem dá é que se B está presente no inconsciente, então deve ocorrer A na conduta. Como se pode ver, o exemplo está agora ao avesso: antes, tínhamos que “se existe A, é por-1 Recordemos que a afirmação “se B, então A”, assim como a que está acompanhado de B”; agora dizemos que se existe anterior “se A, então B”, são, de acordo com o que foi dito mais B, é porque está acompanhado de A, mas A é o visível. Por acima, “regras de correspondência”, ou seja, ligam conceitos e consequente, ver A não nos permite agora dizer com segun-fenômenos “empíricos” A com noções e acontecimentos “teóri-rança que estamos diante de B. Quando isso ocorre, frente cos” B. Seu papel em ciência é muito importante, como mostra a ao material manifesto, já não podemos dizer simplesmen-presente discussão.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 273

várias complicações. Não desejamos agora começar a ca-primeiro caso. Se não se discute a psicanálise, se a psica-racterizar o chamado modelo de Hempel (1965) e sua es-nálise está incorporada como teoria no primeiro caso, o trutura lógica, enquanto pauta do que é uma explicação.

de leitura, não há nada a dizer, leu-se e basta. Quando se Basta a idéia de que, nesse tipo de interpretação, primeiro chega ao material latente através do material manifesto, a se propõe uma hipótese e, ao ver que da hipótese, com a partir de uma relação de leitura, tipo microscópio, sabe-ajuda de uma lei, pode-se deduzir o já conhecido (o mate-mos que, forçosamente, se o material manifesto que verial manifesto), dizemos que o explicamos.

mos está ali, é porque tem de estar lá o material latente, e Pensamos que essa forma de interpretar é a mais ha-isso basta. É verdade que se poderia aqui observar que, bitual, porque acreditamos que a psicanálise é antes uma talvez, a psicanálise, embora tenha mais de modelo teoria modelística: proporciona um modelo de funciona-determinista do que probabilístico, toma às vezes as cor-mento do aparelho psíquico do qual se depreendem certas relações tidas mais como tendência e probabilidade do que consequências sobre a conduta manifesta dos seres huma-de forma rigorosa e que não se deve dizer, nem sequer nos e, em particular, dos pacientes. Nesse sentido, parece

com a lei do tipo “se A, então B”, que leu B inexoravelmente em psicanálise é mais freqüente, embora não obriga-te através de A: deveria somente dizer que é provável. Não tório, que operem leis do tipo que estamos agora estudando-queremos deter-nos demasiadamente no fundo dessa questão: se ocorre internamente algo do tipo B, é que se vai tão, que não é essencial para o problema que estamos des-observar algo do tipo A. Nos casos que nos preocupam, contudo; além disso, com todas as precauções do caso, entretanto, interpretar será propor uma hipótese e ver como tende-se que é assim. O que importa é que, por esse caminho, sai dedutivamente, com o auxílio de leis, o que querí-

nho, a leitura é a leitura, e é como se se tivesse ampliado a análise para explicar.

base empírica: vê-se melhor o paciente, em uma perspectiva. Na prática clínica, um psicanalista não dá os passos tão mais ampla.

que estamos caracterizando, por certo. O psicanalista tem o outro tipo de interpretação, o explicativo, em que internalizada a teoria psicanalítica, assim como tem a correlação é “se B, então A”, é outro problema. A inter-internalizada a lógica do pensar efetivo e prático, igual a interpretação é uma hipótese acerca do que se passa com B, do lado interno da questão. É uma hipótese está diante do material manifesto, mediante um procedimento que fazemos porque tentamos conhecer o paciente, queramos um tanto rápido e automático, propõe-se vários meios conhecê-lo melhor, do mesmo modo que os cientistas, várias possibilidades do que internamente ocorrem constroem hipóteses porque querem conhecer a natureza, examina também rapidamente e de forma automática reza do universo; porém, deve-se contrastar as hipóteses.

qual desses modelos é mais apto para deduzir dele a conclusão. Como se pode avaliar uma hipótese interpretativa, isto é, uma hipótese que já conhece e, ao notá-lo, apreende o mesmo uma interpretação?

diatamente e decide que esse modelo é explicativo. A interpretação contestada que um epistemólogo ingênuo daria é interpretação, por conseguinte, é utilizada como hipótese, a que uma interpretação, assim como qualquer hipótese, é hipótese do que ocorre internamente.

validada ou contrastada por meio das consequências que a lei que se aplica nesses casos vem da psicanálise e, tem e do que podemos deduzir delas. Quando formulada assim como as leis que permitiam

leituras, também fazemos uma hipótese, dela se podem deduzir consequências parte da aprendizagem, da prática teórica que o psicanalista-práticas, clínicas, observáveis. Se as coisas ocorrem como lista incorporou durante sua aprendizagem; para realizar afirmamos é porque a interpretação é boa; ao contrário, a operação que acabamos de descrever, deve-se possuir se não é assim, a hipótese (a interpretação) é má. Grosso realmente um mínimo adestramento teórico, embora o modo, isso é o que ocorreria. Diga-se de passagem, não façamos automaticamente, porque a capacidade de pro-seria mau recordar aqui uma espécie de slogan do método duzir uma grande quantidade de modelos e ver rápida-científico: por muito que uma hipótese tenha tido boas mentes quais são os aptos para explicar dedutivamente o consequências práticas, clínicas e observacionais, isso não material assim o exige: o paciente faz muitas coisas, todas a demonstra como certa; a razão é que os lógicos sabem os seres humanos fazem muitas coisas, e todas são em alque, infelizmente, raciocinando corretamente, do falso se algum sentido interpretáveis; porém interessa à psicanálise pode deduzir o verdadeiro. Isto que estamos dizendo consiste de alguma maneira captar aquelas que são suscetíveis de ter uma tragédia lógica, mas não há nada a fazer. Aquele uma interpretação mais significativa e interessante. Para aqueles que inventaram a lógica deram-se conta perfeitamente que possamos captar, da torrente quase infinita de atos de que as leis lógicas só garantem que, se se parte de ver que o paciente faz como ser humano, aquele que nos interessa, deve-se chegar a verdades: isso é certo, nesse caso ressa como psicanalistas, devemos possuir o olfato teórico a lógica comporta-se bem. Porém, se se parte de falsidade que permita ver por trás desse material que modelo pode ser, à lógica não importa a questão, porque, digamos, para não haver que, conectado logicamente, acabasse sendo uma a lógica, aquele que parte de falsidades deveria ser como interpretação interessante da conduta do paciente.

o que se deita com crianças e amanhece molhado: deve Depois dessa espécie de apoteose do papel da teoria ater-se às consequências. Nesse sentido, a lógica não se trata de demonstrar como ela pesa no ato de interpretar, trata-se de nada acerca do que ocorre, se se parte de falsidades.

mas de dizer aqui, entretanto, que há uma diferença entre Infelizmente, então, às vezes alguém parte de falsidades o que é interpretação agora e o que era interpretação no passado, no entanto, chega por dedução a verdades. Quando se

parte de uma hipótese, se esta é falsa, permitiria deduzir em evidência. Nas ciências sociais e na psicanálise, have-consequências verdadeiras. É claro que se poderia proibir ria realmente uma diferença especial que complica a questal coisa. Mas como se sabe que uma hipótese é falsa? Esta tão e produz as dificuldades que definem o próprio miolo é precisamente a dificuldade. Pois a graça de formular uma da epistemologia da tarefa interpretativa. É que a inter-hipótese é que não se sabe se é verdadeira ou falsa; supõepratação, como certas hipóteses nas ciências sociais, tem se que seja verdadeira, mas não se sabe com certeza o que características que são um tanto negativas; fazem parte acontece. A história da ciência mostra continuamente isso.

daquilo que, na linguagem das ciências sociais, chama-se Não é impossível, pois, que uma interpretação falsa permi-de hipóteses autopreditivas (ou “profecias autocumpridas”) ta extrair consequências verdadeiras, de modo que é perfei-e também hipóteses suicidas, segundo o que ocorrer.

tamente possível que uma interpretação seja apoiada pelo É muito sabido pelos sociólogos que uma hipótese, material manifesto e, no entanto, seja falsa. De qualquer independentemente de que seja verdadeira ou falsa, pelo maneira, é o que opinaria um hipotético-dedutivista, por-fato de ser dita, desencadeia uma série de processos que que, afinal de contas, nesse sentido, uma interpretação não podem terminar por sua aparente confirmação ou por sua é muito diferente de qualquer outra hipótese. Se realmente aparente refutação. É bastante claro o velho exemplo –

começa a ir bem sistematicamente na prática clínica poste-real, diga-se de passagem – que Nagel conta em The struc-rior ao momento em que a emitiu, é um bom sinal a seu ture of science (1961). Um jornal nova-iorquino afirmou favor; se vai mal, porém, é sinal em contrário.

que um banco privado, o Banco do Estado de Nova York, Consideraremos agora algumas dificuldades específi-apesar de seu nome, estava atravessando dificuldades e cas do método científico quando aplicado à psicanálise, mas era muito provável sua quebra. À tarde, os clientes, ate-antes queremos assinalar que, às vezes, os dois tipos de in-morizados, produziram uma corrida de tal magnitude que terpretação que estudamos juntam-se e a lei é do tipo A se e o banco de fato quebrou. Aparentemente, o diário teve somente se B. Nesse caso, há uma conexão do tipo “condi-razão, a hipótese foi corroborada; porém, suspeitá-se de ção necessária e suficiente”: se houver isso, deve haver o uma armadilha em tudo isso, porque, se o

jornal não tives-outra, e vice-versa. Quando se apresenta uma situação tão se dito o que disse, possivelmente o banco não teria que-conveniente temos ao mesmo tempo explicação e leitura.

brado. Nesse sentido, a hipótese está viciada, porque é Nem sempre as leis são tão boas, mas pode ocorrer.

autopreditiva: pelo fato de que seja dita, provoca conse-Com isso, chegamos a ver que há três possibilidades qüências que terminam por corroborá-la.

gnoseológicas para a interpretação: explicação, leitura e Também há casos bastante óbvios em que uma hipó-

simultaneamente explicação e leitura.

tese, pelo fato de que é dita pode terminar por ser refuta-Em sua “Introdução do narcisismo”, por exemplo, da. Se um jornal tivesse dito, em outros tempos, por sorte Freud (1914c) parece utilizar um tipo de lei que é a se-já passados, que corriam rumores de que o general Fulano guinte: há uma espécie de conexão do tipo “se e somente e o general Beltrano fossem dar amanhã um golpe de Es-se”, condição necessária e suficiente, entre a libido que tado e fossem aprisionar todo o governo, é muito provável está investindo a representação de um órgão, de um obje-que, à tarde, o governo tivesse metido no xadrez os gene-to externo ou de uma estrutura da personalidade, por um rais em questão e então não se daria golpe de estado ne-lado (de caráter inconsciente ou latente), e afetividade nhum. Entretanto, isso não é uma refutação do que o jor-conductual dirigida para um objeto, um órgão ou uma parte nal disse; o jornal poderia sustentar que, se não tivesse estrutural de nosso aparelho psíquico. Se a libido está as-dito o que disse, se não tivesse cometido a inconfiência, sim, a conduta será assim; se não, não. A conduta é “se e o golpe teria sido dado.

somente se”. Ao subentender isso, Freud tem uma arma Do ponto de vista metodológico, há certamente aqui de leitura e de explicação ao mesmo tempo. Por exemplo, uma dificuldade. É que o valor da hipótese fica aparente-arma de leitura, quando vê um indivíduo muito interessa-mente sem poder ser posto à prova se essa situação, a de do por si mesmo, com grande superestimação e preocupa-que a hipótese seja dita se produz. Isto atinge a interpre-

ção por si mesmo, ele entende que a libido deve estar in-tação, que, quase por definição, é uma hipótese que deve vestindo o ego: a libido

desse homem está colocada em ser dita, à qual o paciente reagirá precisamente pelo fato seu ego, porque esse homem está superestimando-se. Esta de que lhe é dita.

é a parte de leitura: pelo fato de ver o que o sujeito está Esta não é em si uma dificuldade intransponível, por-fazendo, dá-se conta de onde está a libido.

que, voltando ao exemplo sociológico de antes, considera-Em certas circunstâncias, sobretudo em relação à ríamos que, nessa situação, não houve contrastabilidade, conduta narcisista, é ao contrário: se supomos que a libi-já que sua possibilidade foi frustrada pelo fato de que a do é narcisista, poderemos deduzir que esse indivíduo tende hipótese foi dita. Contudo, isso não quer dizer que cienti-a se superestimar. Estaríamos explicando sua conduta.

ficamente aqui não há nada a fazer, porque há leis (as leis da propagação do rumor, não as leis econômicas de como fecham os bancos) que dizem o que acontece quando se ALGUMAS DIFICULDADES ESPECÍFICAS

lançam a correr certos rumores. Em nosso exemplo, o so-ciólogo viu como se corrobora a lei que diz que um banco, Há algo mais a dizer contra isso? Infelizmente, a si-quando há rumores de que está em dificuldades, pode que-tuação é bem mais complicada do que o posto até agora brar por uma reação temerosa do público.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 275

A relação que há entre uma hipótese dita e a reação ter um caráter afirmativo hipotético, a interpretação é ins-empírica que sobrevém ao dizê-la não fica, pois, à mar-trumento, é uma arma e não somente uma hipótese. Faz-gem do método científico. Este é um ponto interessante, se algo no paciente para provocar uma mudança. Permi-que vale a pena ressaltar; e outro é que, de qualquer ma-tam-me salientar, de passagem, que utilizar um instrumento neira, a hipótese primitiva não foi refutada, nem se fez para produzir eventos implica também o conhecimento com ela nada pertinente, porque se compreende que uma de leis de correlação: deve-se saber que se forem feitas lei científica vigora apenas em ausência de perturbação.

certas coisas, serão produzidas certas mudanças. Insista-Ninguém contrastaria uma lei científica, a não ser em con-mos uma vez mais: se não se tem suficiente preparação dições adequadas. Se alguém quer comprovar inocente-teórica, se se carece de prática teórica em sua

formação, mente a lei de que, ao aproximar-se um fósforo aceso, um não se saberá que o uso instrumental de certas coisas cau-inflamável explode, não a refuta se o inflamável for posto será certos efeitos.

em um recipiente hermético, porque a lei, na realidade, Voltemos, porém, ao que estávamos considerando. É

diz que o fósforo deve ser aproximado quando não há uma óbvia – e assim assinala Wisdom – que, por obra de certos perturbação desse tipo. Uma lei só se cumpre em ausência mecanismos de defesa ou simplesmente por sugestão, é de perturbações, e deve-se definir quais são as perturba-perfeitamente possível não apenas que o paciente rechace ções. Compreende-se que uma lei sociológica do tipo das explicitamente uma interpretação, mas que, além disso, o que estamos considerando diria que quando os bancos pas-material emergente a seguir não se adapte à interpreta-sam por essa ou aquela dificuldade, por exemplo em mo-

ção; ou, ao contrário, se alguém gostou da interpretação, mentos em que colocaram toda a sua inversão em imóveis porque lhe serve de anteparo para coisas mais perigosas, e não têm liquidez, se sobrevém um momento de falta de comece a lançar material empírico para corroborá-la apa-liquidez geral, acabam quebrando. Evidentemente, uma rentemente. Freud estudou isso concretamente em “Cons-lei como essa poderia ser contrastada, observando o que truções na análise” (1937d), um de seus últimos traba-ocorre com alguns bancos quando os jornais ainda não lhos, no qual insiste em que nem o sim nem o não do paci-fizeram eco de suas dificuldades. Há uma enorme quanti-ente, sem mais, podem ser tomados como corroboração dade de possibilidades de investigação econômica desse ou refutação.

tipo. Isto é claro.

O fato de que a interpretação tenha a característica Os problemas que se colocam com a interpretação de “hipótese dita” leva à situação que chamamos de hipó-

são semelhantes. De imediato, a contrastação de inter-tese autopreditiva ou suicida, e isso coloca problemas bas-pretações tem às vezes uma contrapartida perfeitamente tante atraentes para o epistemólogo e para o metodólogo.

possível e normal: que o psicanalista chegue a formular Como proceder realmente? Acreditamos que se podem fa-in mente a hipótese interpretativa, mas não a comunique zer muitas coisas. Aqui não há

uma dificuldade intrans-ao paciente ainda. Não há razão pela qual se deva contar ponível, há antes um refinamento. Como dissemos, pri-ao paciente tudo o que se pensa sobre ele, de maneira meiro existe o fato de que há oportunidades em que nos-que há conjecturas sobre a estrutura interna do paciente sas hipóteses interpretativas não fazem parte de nossas que, em certo sentido, poderiam ser chamadas de hipó-

interpretações explícitas e as guardamos para nosso enteses interpretativas, embora não tenham sido ditas, as tendimento privado do paciente, as quais podemos pôr à quais, elas sim, poderiam ser contrastadas normalmente prova mediante os métodos habituais com que uma hipó-

pelo método hipotético-dedutivo. Se propomos uma hi-tese pode ser contrastada; é parte do que poderíamos cha-pótese com os dados que possuímos sobre o paciente, mar de “o lado silencioso” da tarefa do psicanalista. Se-poderiam ser deduzidas certas predições sobre sua con-gundo, parece bastante provável para muitos psicanalis-duta futura que terminariam por ser corroboradas ou retas (mas para outros é totalmente falso, e há, por trás dis-futadas. De modo que começaríamos por dizer que, mes-so, uma grande complicação) que, na realidade, a parte mo definindo a interpretação como o fato concreto e ex-da conduta adaptativa às interpretações seja bastante es-plícito de formular uma hipótese interpretativa e admi-treita e limite-se à conduta verbal manifesta e ostensiva, tindo que isso provoca indubitavelmente uma perturba-ao imediatamente dado; que, na realidade, haja muitíssi-

ção, isso não impede o psicanalista de formular suas hi-mos canais de comunicação com o paciente e uma grande póteses in petto acerca de como é o paciente e tentar quantidade de elementos de caráter verbal, não-verbal e verificá-las por meio de sua conduta futura. A interpre-comportamental que são indicadores suficientes para exatidão, nesse sentido, não é um escolha; ao contrário, pode minar o que está realmente se passando com o analisando estar bastante apoiada nesse flanco do problema. Não é (Benito M. López, comunicação pessoal).

menos certo, porém, e vale a pena destacar, que os efei-Nesse sentido, parece que, em grande medida, o testos autopreditivos e suicidas de uma interpretação existe das interpretações está dado de qualquer maneira, no tem evidentemente, como assinala Wisdom (1967).

material empírico, clínico, que realmente se possui. Sem Se o paciente tem a amabilidade de corroborar nossa contar que, além disso, por

outro lado, há muitas vezes hipótese interpretativa antes de formulá-la, se já houve questões que concernem a dados históricos que podem, indicadores suficientes para se considerar que há corroboramento de alguma forma, indiretamente, ser acessados ou conhecimento, a interpretação é formulada, por fim, com apoio cedido pelo psicanalista posteriormente e que constituem suficiente, porque, como dissemos no princípio, além de também uma espécie de indicadores.

276 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Permitam-me assinalar, já que este é um tema rodeado por dois ou três casos para ver qual é o problema. Em dois de obstáculos metodológicos, que se poderia mesmo algumas oportunidades, a relação que um signo tem com insinuar que, embora a conduta posterior do paciente possa significar o que se chama de uma relação natural. É, na ser particular e adaptativa à interpretação, o psicanalista por exemplo, o sentido em que se pode afirmar que o tratamento pode distinguir, segundo o quadro clínico, a estrutura não é signo de tormenta ou que a fumaça assinala que há interna e os problemas latentes do analisando; que o modo fogo. Quando é isso o que se quer dizer, o sinal transformado de se adaptar é diferente quando a interpretação é correta mas se em um indicador do assinalado, o que não introduz e quando não o é. Poder-se-ia dizer que o modo de resistir muita novidade em nossa discussão, porque não precisa de uma interpretação exata não é o mesmo modo de resistir às relações às quais me referi quando falava de contradição a uma interpretação que não é exata. De maneira que, condições necessárias e suficientes. Seria o sentido de afirmar finalmente, haveria o que poderíamos chamar de um problema, por exemplo, que se a conduta impaciente de um blema interessante de semiótica e de canais de comunicação analisando simboliza a avidez do bebê, é porque há uma coisa, que mostraria que os modos de resistência, as condições necessárias e suficientes entre ter passado por uma briga dirigidas contra ou a favor da interpretação por parte emergência de privação durante a fase oral e a presença do paciente, e que dificultam a verificação, são, entretanto desse material na transferência.

to, manobras peculiares que, de alguma forma, poderiam O que introduz novidade aqui, uma verdadeira nova transformação em indicadores da exatidão ou inexactidão dada, é que existem certas regras implícitas que fazem com em seu lado informativo.

que algo simbolize outra coisa, como o faz um código. Por O que Wisdom destaca aponta para isso quando pergunta muito que se inquirir, a palavra “papai” não possui nenhum modo de avaliar a interpretação

estabelecendo-se o tipo de de-elemento parecido com o pai como realidade objetiva, não fesa que o paciente adota. A defesa deve ser abordada com se pode conectá-la com o que representa do mesmo modo a mesma teoria com que se formulou a primeira hipótese com que se enlaçam a fumaça e o fogo, não aparece um interpretativa, de modo que o analista não poderá utilizar caráter “legal” de causa e efeito. Haverá, sem dúvida, ra-o material associativo (e defensivo) para formular uma zões históricas, filológicas que levaram certas comunida-interpretação alheia à teoria que originou a primeira.

des a usar essa palavra e não outra, mas não é exatamente o mesmo. Houve uma adoção, por assim dizer, dessa rela-

ção de simbolização.

OS ASPECTOS SEMÂNTICOS E

Por que se dão essas relações de simbolização? Elas INSTRUMENTAIS DA INTERPRETAÇÃO

existem de muitas formas. Há também códigos naturais nesse sentido, ou seja, que o ser humano pode adotar cer-Dissemos, no começo, que a interpretação psicanáli-

tos códigos porque tem uma propensão a fazê-lo. Seria tica deve ser contemplada pelo menos de uma tripla pers-algo parecido a como certos animais tendem a fugir de pectiva. Já vimos, e com certa detenção, o aspecto gnoseo-sombras que se movem, porque seu código genético prológico da interpretação e cabe-nos agora analisar os dois gramou-os para isso. É o que se pode chamar de “símbolos restantes, o semântico e o instrumental.

naturais”. A psicanálise não encontrou muitos, mas há ob-O aspecto semântico tem a ver com a função simbóli-servações bastante interessantes que mostram que o ser ca ou símica que está contida na atividade do paciente.

humano toma certos símbolos como naturais em relação a Interpretar, no sentido semântico, implica um exercício de uma determinada situação. Não são lingüísticos. Foram significação, um ato de atribuir significado.

realizadas experiências hipnóticas em diferentes culturas, Poderíamos discutir muito quanto ao significado da e a reação foi muito parelha sobre o que é um símbolo interpretação. Digamos, entre parênteses, que a semiótica fálico, por exemplo, sem a mediação de nenhuma

conven-contemporânea é uma ciência múltipla e com muitas es-
ção lingüística.

colas, de maneira que aqui tropeçamos em uma dificulda-Outro tipo de relação de simbolizações é a que se de adicional, porquanto a própria idéia de sinal, significa-chama de “por isomorfismo”, pela qual a estrutura do sig-do, sentido ou símbolo vai variando de teoria em teoria.

no corresponde à forma do simbolizado. Essa é a razão De acordo com o ponto de vista que agora estamos pela qual os estruturalistas acreditaram encontrar uma cor-considerando, ocorre que o material manifesto tem não respondência muito frutífera entre a estrutura de um con- apenas relações “legais” com o material latente, mas tam-to, de um relato ou de um sonho e a de um mito ou de bém relações de significação. Estas não são exatamente o uma crença profunda.

mesmo que as relações “legais”, que em meus exemplos O terceiro é o caso dos códigos convencionais nos parecem-se com a correlação, com a causa e o efeito.

quais a linguagem é típica. Há aqui uma estrutura simbo-O que, na realidade, se quer enunciar quando se afir-lizando outra por meio de certas regras de convenção.

ma que o material manifesto simboliza um material de O problema que se coloca para a psicanálise é que, outra ordem, inconsciente ou latente, é que opera como evidentemente, a linguagem apenas não é o único opera-indicador, que os elementos da linguagem têm sentido para dor com o qual o ser humano realiza convenções segundo se referir aos objetos.

as quais algo começa a simbolizar outra coisa. Há uma O que pode querer dizer tudo isso? Há aqui uma quantidade contínua de códigos aleatórios e impostos atra-disparidade muito grande de situações a contemplar. Assivés dos quais o homem vai transformando objetos em sím-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 277

bolos convencionais de outras coisas. O que se deve cap-em seu aspecto cognoscitivo. Embora possamos estar em tar são essas convenções. Novamente, esse é um terreno desacordo sobre os valores últimos que se há de conseguir no qual o psicanalista encontra-se diante de um problema mediante a terapia analítica, de qualquer

forma, indepen-epistemológico muito sério, porque tem de fazer duas coi-dentemente disso, há algo que é lógico e objetivo: se acei-sas: primeiro, captar o código ad hoc que, em determina-tarmos o valor V1 e quisermos alcançar resultados que cordo momento, o paciente adotou e depois reconhecê-lo no respondam a nosso valor V1, teremos de fazer uso de cer-devir do processo psicanalítico. Tudo isso constitui um cam-tas leis de causa e efeito, leis da psicanálise que dizem po epistemológico bastante complicado e sobre o qual há que, para produzir V1, deve-se produzir a causa a. Se mu-muito a dizer.

darmos de opinião e, mais que produzir V1, quisermos Vejamos por fim, brevemente, o aspecto instrumental produzir o valor V2, então recorreremos a outra lei que da interpretação psicanalítica. Parece claro que uma inter-diz que para se obter V2, primeiro se deve ter produzido a pretação “faz” algo; interpretar não é meramente opinar causa b, da qual V2 será efeito. Há, pois, em conclusão, sobre o que está acontecendo no ou com o paciente, não é um aspecto da psicanálise independente da questão valora-meramente formar um quadro estrutural sobre o paciente tiva, o das relações de causalidade ou as relações semióticas para guardá-lo em silêncio; alguém o diz e, ao dizê-lo, que existem entre as variáveis que constituem o motivo da está evidentemente operando, está efetuando um modo investigação psicanalítica.

de ação, de operação. De maneira que a idéia de interpre-Seja qual for o sistema de valores que tenhamos, as tação está aqui indissolivelmente ligada ao fato de que se leis causais estão dadas com certa independência objetiva.

trata de um modo de ação, de uma forma de instrumentar Podemos discutir, como juristas, se está bem ou não matar a relação com o paciente, e isso é certo não somente para alguém com um balaço, mas há uma coisa neutra que está o psicoterapeuta que interpreta, buscando promover uma além das distintas posições éticas: que o tiro foi a causa da mudança no paciente, mas também para o analista que morte.

não busca outra coisa que não o insight, porque esta é, de Ao considerar o aspecto instrumental da interpreta-todo modo, uma forma de operar sobre o paciente, embo-

ção, precisamos separar duas coisas: primeiro, o que po-ra seja, de fato, muito diferente da anterior.

deríamos chamar de background valorativo, que está im-Nesse

sentido, surgem, do ponto de vista lógico, to-plícito no ensino da interpretação e de seus valores instru-das as dificuldades mais ou menos ordinárias e complica-mentais; segundo, uma série de problemas causais e nãodas que os juristas encontram quando procuram definir, valorativos, que são propriedade “objetiva” de todos ao por exemplo, o que é uma ação, o que é uma consequên-mesmo tempo. Este é o sentido em que o aspecto nãocia da ação, qual é a responsabilidade da ação, o que é um valorativo das ciências configura o patrimônio comum de efeito inerente e um efeito secundário da ação, que culpa todos os pontos de vista, embora sejam valorativamente e responsabilidade há, etc. Esses problemas são indubitavel-diferentes. As leis da causalidade estão a serviço de todos; mente muito interessantes, mas nós nos referiremos a eles quais das relações causais iremos utilizar, e com que pro- apenas de maneira tangencial.

pósitos, isso depende de posições ideológicas e de outros Assim como o principal problema na área gnoseoló-

fatores. Sem dúvida, para que possamos aplicar valorati-gica da interpretação é separar o verdadeiro do falso, no vamente uma interpretação; necessitamos conhecer as re-aspecto instrumental, o decisivo é definir o bom e o mau.

lações causais entre a interpretação e a conduta.

Com o verdadeiro e o falso, referimo-nos ao conhecimen-De acordo com a teoria da ação, então, a terapia toma to do paciente; com o bom e o mau, porém, temos em a interpretação como um instrumento, não para conhecer conta a finalidade da terapia. Essa finalidade pressupõe o paciente, mas como agente de mudança.

outra referência teórica, que complica bastante as coisas.

Há aqui uma série de coisas interessantes, que Freud No aspecto instrumental, há o que poderíamos cha-discutiu em 1937 em “Análise terminável e interminável”

mar de uma espécie de código normativo ético por trás do e em “Construções”. O que ele encontra, primeiro, é o processo terapêutico, e isso é o que esclarece a questão. A modo como um paciente responde à interpretação, que interpretação tem sempre motivos instrumentais, terapêu-não tem aleatoriedade completa com respeito ao que se ticos, e os aspectos valorativos subjacentes têm a ver com diz; e, além disso, algo que, em nosso entender, é um a cura.

Naturalmente, isso, por sua vez, implica uma deficiência muito curioso: o fato de que há alguma conexão não valorativa da cura e do que se considera normal e entre o efeito instrumental da interpretação e suas exceções patológicas. Do mesmo modo que no caso do aspecto informacionais gnoseológicas. Freud afirma que a interpretação, nesse aspecto da questão, de qualquer maneira, equivocada causa um efeito de pouca monta frente ao estaremos inseridos em uma teoria, uma teoria axiológica tipo de mudança ou reação conductual que produz a inque requer toda uma série de entendimentos iniciais. A interpretação acertada. A reação do paciente diante da in-sim como temos de nos entender sobre se é certo ou não interpretação ou construção verdadeira é muito mais notável-

que o paciente esteja sentado, que tenha dito tal coisa ou vel e apropriada. É um descobrimento notável e não-fornão, que tenha ou não tenha tal sintoma, supõe-se que çoso, porque a eficácia instrumental do ato de interpretar-também se deverá possuir um entendimento prévio sobre tal coisa não tem por que vir ligada à sua verdade. Em jorna-se tal coisa é desejável ou indesejável. Entretanto, isso não lismo e em marketing, no caso de distribuição de um pro-impe a atitude neutral da psicanálise e do psicanalista duto, sabe-se que o bom êxito de uma informação ou de

278 R. HORACIO ETCHEGOYEN

uma campanha publicitária não está ligado a que seja são se tornará difícil e até mesmo impossível; não tem verdadeira, situação infeliz que todos conhecemos e que sentido falar da contrastação das interpretações no vazio.

constitui a base da teoria da ideologia.

Aproveitamos a oportunidade para dizer que, quando-Então, o pensamento de Freud afirma, nesse ponto, do se examina a interpretação, em certo sentido, se testa que a ideologia do paciente (uso a palavra “ideologia” em todo o marco teórico no qual alguém se colocou. Embora um sentido muito metafórico e geral, como tudo o que o isso seja absolutamente certo, é oportuno recordar aqui paciente crê e que lhe acontece, assim como suas defesas que o psicanalista (e em geral o cientista) não questionará e sua sugestionabilidade, etc.) não pode ser suficiente para sua teoria, mesmo que o resultado do experimento fracas-evitar que os efeitos da verdade sejam postos em evidên-se. Há toda uma classe de razões sociológicas e metodoló-

cia. Os epistemólogos não assinalaram ainda a importâncias para

saber que, de nenhuma maneira, a primeira coisa é o que isso tem.

que o cientista faz diante de um aparente contraste é o seguinte: Acreditamos que o que foi dito basta para mostrar as grandes hipóteses. Dirá que a interpretação tem três zonas em que se move a epistemologia da psicanálise: é má – e mais o dirá, se estiver julgando a interpretação de o problema da teoria (explicação e leitura), o problema outro, a interpretação do colega! No entanto, se chega a da ação racional (com a teoria que a respalda) e o imenso acontecer que começa a ocorrer inconvenientes com as problemas de como captamos a qualidade simbólica (con-respostas às interpretações, se alguém, sentindo-se bem vencional ou natural) que leva do material manifesto ao preparado e experimentado, começa a falhar sistematicamente-latente. Estes são os três problemas típicos, mas de ordem mental, em um dado momento se perguntará de onde vem diferente, com os quais se depara o epistemólogo diante esse tipo de dificuldade e se não será o referencial teórico dessa questão espinhosa.

em que está colocado o que está estorvando a eficácia das Procuramos mostrar que o instrumento interpretativo interpretações. Este é o momento em que o analista pode em psicanálise não é como a agulha de um manômetro pensar que o que ocorre em sua prática de algum modo que se move e assume diferentes posições. A interpretação está mostrando-lhe que é hora de mudar algo dentro do não é um sinal simples e automático; requer, ao contrário, próprio coração teórico.

como tudo o que é hipótese e teoria, criatividade e engenho-Pode-se ver isso que estamos dizendo na história do mesmo. Por isso, a liberdade de pensamento favorece a aptidão-pensamento de Freud. A Freud, em certos momentos, co-dão para interpretar. Um indivíduo propenso a reações es-meçam a falhar algumas coisas em sua relação com os estereotipadas não fará, em geral, boas interpretações. O

pacientes (a hipnose catártica, por exemplo), e, todavia, exercício de interpretar é muito peculiar, é um ato de criação-ele não é levado a pensar de si mesmo que é um trapalhão não espiritual (do ângulo lógico), e isso explica que a pessoa que aplicou mal o método (catártico). Curiosamente, a personalidade do psicanalista vá enriquecendo-se pelo fato nunca perdeu a fé em suas aptidões como cientista; mais de exercer a interpretação; porém, esta já é uma hipótese exatamente, perdeu a fé em algumas de suas hipóteses que se deveria contrastar.

científicas, embora, no fundo, pudessem ser readaptadas.

O exemplo mais típico a esse respeito – e o mais heróico –

é quando, em 1896, abandona a teoria da sedução para REFLEXÕES
FINAIS

construir depois a teoria da libido.

Todas as ciências têm algo em comum e algo diferen-Como teoria do aparelho psíquico, a psicanálise si-te. Têm em comum o que poderíamos chamar de “as gran-tua-se frente a outras teorias psiquiátricas ou psicológicas des estratégias de sua problemática”. Quando falamos de e, além disso, parece difícil pensá-la como uma teoria, já ciências nas quais há um aspecto fáctico que de alguma que existem temas muito diferentes estudados dentro da maneira se relaciona por meio das leis lógicas com a teo-psicanálise. Não são a mesma coisa a teoria do instinto e a ria, as relações entre um aspecto e o outro assentam-se teoria dos mecanismos de defesa, a teoria econômica, a nas propriedades gerais da corroboração e da refutação.

teoria estrutural ou outros pontos que poderíamos lem-Contudo, diríamos também que, de ciência em ciência, brar. Tomando a psicanálise em bloco, evidentemente muda o tipo de material que se está estudando; e isso sig-Lacan, Melanie Klein e Hartmann são bastante diferentes.

nifica, primeiro, uma mudança de natureza e, segundo, Cada uma dessas posições tem, de certo modo, um quadro uma mudança nas leis empíricas. A estratégia não muda, teórico distinto, não apenas em bloco, mas também em mas sim a tática e, em particular, a metodologia que se há relação aos detalhes do funcionamento do aparelho psí-

de empregar. Evidentemente, não é igual o estudo de sis-quico. Quem está produzindo hipóteses interpretativas e temas isolados ou de corpos semi-isolados, por exemplo, está contrastando-as, o faz em um marco teórico global; ao de um organismo vivo, com partes inter-relacionadas.

não há o que pudéssemos chamar de interpretação isola-Não pode ser o mesmo, pois o tipo de idéia que se há de da. Para fazer interpretações, é necessário não somente empregar muda. Inclusive, se não atendêssemos o ser hu-contar com um arsenal bastante grande de regras de cor-mano e tivéssemos de comparar a mecânica das bolas de respondência do tipo das que já assinalamos, mas também bilhar e o funcionamento de um computador, veríamos estar inserido em uma concepção teórica do funcionamento que há algo qualitativamente diferente. Isto não faz com do aparelho psíquico. Se não nos pusermos

de acordo so-que o problema lógico de como se valida um modelo seja bre qual é a posição em que estamos colocados, a discus-muito diferente em um caso ou em outro; porém, a técni-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 279

ca com que tomamos o material e produzimos hipóteses nas outras ciências, a peculiaridade do material psicanalí-

vai mudando. Nesse sentido, os problemas gerais que tico não muda a estrutura lógica profunda do problema concernem à teoria psicanalítica, à construção de seus conda validação das teorias, e sim o tipo de imaginação, o ato ceitos, à delimitação de sua empiria, à formulação de par-criativo do investigador para propor suas hipóteses, para tes da teoria, etc., não são muito diferentes do que ocorre formar seus teoremas, suas teorias. É aqui que nos depa-na epistemologia de muitas outras disciplinas. Quanto às ramos com algo sui generis da psicanálise, e quem não ti-peculiaridades do próprio material que está em jogo, a ver trabalhado em psicanálise e não compreender bem sua psicanálise tem mais afinidade com o que se pode encon-metodologia não se dará conta de como se produzem seus trar em sociologia, por exemplo, do que na química ou na modelos, nem assumirá as dificuldades inerentes ao profísica. Isto não contradiz que o aspecto lógico da psicaná-

blema com o qual a psicanálise trata.

lise, tal como Freud a concebeu, tenha notáveis analogias Digamos, pois, em conclusão, que a psicanálise deve com teorias como a química, o que não nos surpreende se integrar-se às outras disciplinas científicas, subordinando-recordarmos a formação científica de Freud.

se às exigências gerais do método, sem por isso abdicar do Entretanto, embora a diferença exista, em nosso en-próprio, que concerne à sua particular idiossincrasia.

tender, e mudem completamente a tática o modus operandi Depois de ter estabelecido esse grande problema, que e a instrumentação da teoria, nós nos atreveríamos a afir-surge continuamente quando se discute a epistemologia mar que, no fundo, tal diferença não é tanta como parece.

da psicanálise, gostaríamos de nos ocupar brevemente de Porque, afinal de contas, como o cientista poderá avançar outro, pouco ou nada considerado e, de certa forma, simé-

a não ser construindo modelos do que acontece? Posto trico ao anterior. Poucas vezes, por certo, alguém se faz a que a empiria vem muito complicada e com uma grande pergunta oposta, ou seja, se a psicanálise fez alguma con-quantidade de fatores, alguns dos quais são ocultos, se atribuição à compreensão da epistemologia geral. Porque, não se produz modelos, a própria empiria ou o que é os-indubitavelmente, a física e a matemática fizeram contri-tensivo não basta. Entre parênteses, a melhor defesa do buições à epistemologia que permitiram entrever bastante que dizemos é a psicanálise, enquanto teoria cujo mérito a estrutura lógica das teorias. Haverá algo no modo psica-consiste em insistir sobre o maior peso que tem em suas nalítico de pensar que influa na própria visão que o aplicações o material inconsciente ou latente do que o epistemólogo tem da marcha da ciência? Sem ser um es-material manifesto. Se é assim, se se trata da produção de pecialista em Bion ou Money-Kyrle, creio que esses auto-modelos, não se deve escandalizar-se, então, com o fato res, por exemplo, tentaram de alguma maneira, sistema-de que haja muitos procedimentos para chegar aos mode-ticamente, avançar um pouco por esse caminho, e pare-los. Será questão de modalidade de caráter, haverá pesso-ce-me que, precisamente, a peculiaridade de seus proas que terão um temperamento mais para o anglo-saxão, blemas e o modelo particular da psicanálise, de seu pen-para produzir modelos com variáveis separadas e procu-sar, possa causar um efeito indireto e revolucionário no rar, de alguma maneira, discriminar as variáveis e estudar estudo de como se formaram os modelos científicos em correlações e conflitos entre as variáveis; outros terão uma física, em química e nas outras teorias, dando as razões tendência para os modelos biológicos; outros para o mo-profundas. Porque, é claro, encontram-se livros em que delo cibernético e – por que não? – ao que poderíamos há uma descrição precisa de como se formaram os para-chamar de produção de modelos sui generis para a psica-digmas e as teorias científicas e como deixaram de ser; nálise. Porque, afinal de contas, se a psicanálise desenvol-porém, dá a impressão de que os psicanalistas terão de ve-se como ciência madura, acabará percebendo que os dizer algo sobre como as motivações inconscientes influ-modelos que a levam ao êxito são os que lhe são próprios, enciam, de alguma maneira, o aparecimento de certos e não os que saíram por analogia das outras disciplinas; e modelos e não de outros na formação das teorias cientifi-então, assim como a biologia tem seus modelos homeos-cas. Nesse sentido, a psicanálise pode contribuir com algo táticos e a sociologia tem seus modelos estruturais, a psi-de muito valor – e muito seu – para a compreensão do canálise terá seus modelos psicanalíticos. Nesse sentido, desenvolvimento das demais disciplinas.

diremos que, em última instância e do mesmo modo que

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

QUARTA PARTE

Da Natureza do Processo Analítico

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

36

A Situação Analítica

Cabe-nos, agora, abordar um tema complexo e atra-A situação analítica foi definida como uma relação ente, o processo psicanalítico. É algo que desperta o entusiasmo particular entre duas pessoas que se atém a certas regras asmo e até mesmo a paixão dos analistas – e assim deve de comportamento para realizar uma tarefa determinada, ser. Se o estudo da técnica tem uma finalidade fundamen-a qual destaca dois papéis bem definidos, de analisando e tal, não pode ser outra se não a de contribuir para que de analista. A tarefa à qual se propõem essas duas pessoas cada um adquira seu estilo e seu ser analítico, sua identidade consiste na exploração do inconsciente de uma delas, com a qual, que depende da congruência entre o que se pensa e a participação técnica da outra. Gitelson propôs a seguinte definição em seu trabalho de 1952: “A situação analítica de como se entenda o processo psicanalítico. Sempre será pode ser descrita como a configuração total das relações preferível um analista que pense de forma coerente com o interpessoais e dos eventos interpessoais que se desenvolvem que faz, embora seu esquema referencial não seja de meu vem entre o psicanalista e seu paciente”.¹ Muito parecida agrado, a outro que pensa como eu, e não como pensa ele é a definição de Lagache, que usa a palavra “ambiente”

mesmo.

em lugar de situação: “O ambiente analítico é o conjunto Ao falar de processo analítico, faço-o em termos am-e a sequência das condições materiais e psicológicas nas plos e intencionalmente pouco precisos para abarcar em quais se desenvolvem as sessões de psicanálise” (Lagache, sua totalidade os fatos que vamos estudar. Entretanto, se 1951, p. 130).

quisermos ser rigorosos, a primeira coisa que deveremos Ao definir a

situação analítica como o conjunto de fazer é discriminar entre o processo e a situação analítica.

transações que sobrevêm entre analisando e analista, em função da tarefa que os reúne, estamos implicando que há regras que devem ordenar essa relação. Deve-se estabelecer TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

cer, então, de que regras se trata. São normas que foram sendo estipuladas empiricamente, em função do melhor O analista prático utiliza esses dois termos, situação desenvolvimento na tarefa analítica, e continuam sendo, e processo, com suficiente precisão e raras vezes cometerá sem nenhuma modificação substancial, as que Freud proerros ao empregá-los, já que estão sancionados por nossa pês em seus artigos de técnica nos anos de 1910, sobretudo linguagem ordinária. Diremos, por exemplo, que a situação em seus “Conselhos ao médico”, de 1912 e 1913. Aque-

ção analítica estabilizou-se ou complicou-se e que o pro-las propostas não sofreram basicamente nenhuma modificação e não deveu-se; nunca ao contrário. Entretanto, cação, e é importante saber que mesmo as escolas mais quando tentamos conceituar o que nos é de tão fácil dis-dispares as admitem e respeitam. Poderá haver algumas criminalização, vemo-nos em dificuldades.

exceções, mas em geral todo mundo as acata.2

Segundo o Dicionário de la Real Academia, “situa-

ção” quer dizer ação e efeito de situar, e “sitar”, do latim situs, é pôr uma pessoa ou coisa em determinado sítio ou SITUAÇÃO E CAMPO

lugar. Desse modo, poderíamos dizer, em princípio, que, quando falamos de situação analítica com os termos da Quando começamos a definir a situação analítica linguagem ordinária, o que queremos dizer é que o trata-como uma relação entre duas pessoas que se reúnem para mento analítico tem um sítio, um lugar. Podemos dizer, realizar uma determinada tarefa, deslizamos insensível-em termos muito gerais, então, que a análise (ou o trata-mente da situação para o processo. Não poderia ser de mento) tem “lugar” na situação analítica.

Até aqui, creio que todos os analistas poderiam estar de acordo, porque procurei definir a situação analítica em 1 “The analytic situation may be described as the total configuration termos muito amplos, quase tautológicos, analíticos no of interpersonal relationships and interpersonal events which sentido kantiano. As dificuldades aparecem quando que-develop between the psychoanalyst and his

patient” (1952, p. 1).

remos preencher de conteúdos concretos essa primeira ten-2Sobre a sessão de tempo livre ou aberto de Lacan falaremos no tativa de definição.

próximo capítulo.

284 R. HORACIO ETCHEGOYEN

outra forma, porque toda tarefa implica um desenvolvi-momentâneas” (p. 130). A observação do analista, por mento, uma evolução no tempo, enquanto a situação, se abranger o paciente e a si mesmo, “não pode ser definida vamos respeitar o que nos diz a palavra, é algo que está senão como observação desse campo” (ibid.).

em seu sítio e não se move.

A idéia básica dos Baranger é, pois, que a situação Portanto, a diferença entre situação e processo resi-analítica constitui um campo que deve ser explicado pelas de fundamentalmente em que a primeira tem uma refe-linhas de força surgidas nessa especial e nova configurarência espacial e o segundo inclui necessariamente o tempo.

ção entre seus dois protagonistas, cada um em seu papel e Pois bem, se deixarmos de lado o tempo e definirmos com seus objetivos. O que distingue o campo psicanalíti-a situação analítica (como já fizemos) como o conjunto de co, dizem os Baranger, é que ele se configura como uma transações entre analisando e analista, em função dos pa-fantasia inconsciente. Essas duas teorias, o campo e a fan-péis que cada um cumpre e da tarefa que os reúne, dire-tasia inconsciente, ficam conectadas quando se afirma que mos que a situação analítica é um campo.

a fantasia inconsciente que aparece no campo é sempre Entendemos aqui por campo a zona de interação en-uma fantasia da qual participam seus dois integrantes.

tre o organismo e seu meio, já que esses dois fatores não Todos os que aceitam a teoria da contratransferên-podem ser separados: as qualidades do organismo deri-cia, exposta no Capítulo 21 e seguintes, aceitarão em prin-vam sempre de sua relação com o conjunto das condições cípio a proposta dos Baranger, já que sustenta que o ana-em que se encontra. Como diz Lagache, “não há organis-lista participa da situação analítica, embora se possa dismo que não esteja colocado dentro de uma situação, nem cutir o grau dessa participação. Para os

Baranger, essa situação sem organismo”.³ Assim como o campo psicológi-participação é de grande magnitude, pois afirmam que a co define-se pela interação do organismo e seu ambiente, fantasia não só aparece no campo, como também é uma do mesmo modo “o campo analítico resulta da interação fantasia de campo na qual ambos os protagonistas estão do paciente e o ambiente, que inclui a pessoa e o papel do igualmente envolvidos. Obviamente, é aqui que a discus-analista”.⁴

são pode tornar-se mais viva: em que medida está envolvido o analista?

A diferença entre essa posição e a de Leo Rangell, A SITUAÇÃO ANALÍTICA

entre os psicólogos do ego, é muito grande. Nos congres-COMO CAMPO DINÂMICO

os latino-americanos de 1964 e 1966, Rangell (1966, 1968a) sustentou que o processo psicanalítico se dá no Seguindo as pegadas de Pichon Rivière, na maioria paciente; porém, para os Baranger e os latino-americanos, das publicações dos autores rio-platenses, a situação anadá-se entre o paciente e o analista.⁶ Outros psicólogos do lítica entende-se como um campo que é, ao mesmo tem-ego, como Weinshel (1984) e Loewald (1970), por exem-po, de observação e de interação.

plo, concebem a situação analítica como uma interação Um dos primeiros trabalhos sobre o tema, e talvez o entre analista e analisando. Loewald diz que em psicanáli-mais completo, é o de Willy e Madeleine Baranger, inti-se não cabe manter a idéia de um observador estranho ao tulado como este item.⁵

objeto de estudo e acrescenta a seguir: “Convertemo-nos O ponto de partida dos Baranger é que a situação em parte e em participantes do campo e no campo enanalítica já não pode ser entendida como a observação quanto estamos presentes em nosso papel de analistas”

objetiva de um analisando em regressão por um analista-

(1970, p. 278).

olho (1969, p. 129). Essa descrição é um tanto unilateral, Os analistas latino-americanos sustentam que o processo dado que, além de sua não-discutida neutralidade, o ana-se dá entre analista e analisando. Os Baranger querem su-lista intervém, de fato e de direito, na situação

que ele blinhar esse ponto quando dizem que o campo psicanalítico mesmo contribuiu para criar.

co é dinâmico; porém, eles o concebem como uma fantasma-Os dois membros do par analítico estão ligados de uma forma compartilhada: afirmam que quando a fantasia que o modo complementar e nenhum dos dois pode ser entendido-analista tem com respeito à situação analítica coincide com do sem o outro. Com base nisso, os autores propõem-se a analisar, configurou-se uma fantasia de par.

aplicar o conceito de campo da psicologia da Gestalt e de O tratamento psicanalítico é uma estrutura, porque Merleau-Ponty à situação analítica. “A situação analítica seus elementos têm a ver uns com os outros, e cada um tem sua estrutura espacial e temporal, é orientada por si define os demais. Por isso, os Baranger afirmam que as relações de força e dinâmicas determinadas, tem suas leis de ação do analisando só pode ser entendida levando-se em evolutivas próprias, sua finalidade geral e suas finalidades conta que se dá em função do analista, que nessa estrutura há um compromisso de ambas as partes, de onde surge uma fantasia que lhes é comum.

3

O conceito de fantasia compartilhada pode ser encontrado na citação é dos *Éléments de psychologie médicale*, de Lagache tendido de várias formas. A coincidência pode reduzir-se (1955), eu a tomo de Zac (1968, p. 28).

4 Ibid.

5 Apareceu na Revista Uruguaya, de 1961-1962, e foi incluído

como Capítulo 7 do livro *Problemas del campo psicoanalítico* No Congresso de Madri (1983), entretanto, ouvi Rangell dizer (1969).

que o processo se dá entre analista e analisando.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 285

a que analista e analisando pensem o mesmo; se não pensam o mesmo, psicanalítico como a dialética entre estereotipia e movimento o mesmo, mal pode haver um processo de comunicabilidade do campo.

ção. Parece-me que os Baranger querem dizer algo mais, que no analista e no analisando surja em dado momento uma mesma configuração, que se crie entre os dois uma SOBRE O CONCEITO DE

única e mesma fantasia. Referindo-nos ao exemplo do espirro, o analista espirra e então interpreta ao paciente O mérito dos Baranger é ter entendido a situação que este sente frio e que está abandonado. O paciente analítica como um campo, um campo de interação e de aceita essa interpretação, sente que é assim, e o analista observação, um campo em que não está somente o anali-não tem mais a vontade de espirrar. Nesse momento da sando, mas também o analista, um campo em que o ana-sessão, analista e analisando sentiram o mesmo. Só é fe-lisando não está só, já que o analista acompanha-o como cundo o trabalho analítico quando ocorre esse fenômeno observador participante, segundo dizia Pichon, seguin-de ressonância, em que eu sinto o que sente meu pacien-do Sullivan.

te, e através dessa fantasia compartilhada vai surgir o No entanto, aceitar essa idéia não obriga a acompa-insight. Até que não se obtenha essa fantasia comparti-nhar os Baranger em suas afirmações sobre a forma como lhada, o analista não fará mais que teorizar sobre o pacien-o analista participa, nem a referendar sua posição sobre a te. O compartilhado, nesse exemplo, foi uma situação fantasia de par.

traumática de frieza afetiva. Essa fantasia é um efeito do Outros autores pensam que a situação analítica con-campo, e aqui “campo” não é simplesmente o lugar em figura efetivamente um campo de interação e de observa-que tem lugar a situação analítica, mas o lugar da in-

ção, mas sustentam que o distintivo do campo psicanalíti-teração.

co é que os dados de observação provêm do paciente, en-O campo psicanalítico tem uma estrutura espacial e quanto o analista – que observa e participa – abstém-se temporal, demarcada pelo consultório do analista e pelo rigorosamente de trazê-los. O objetivo da situação analíti-acordo prévio sobre a duração e o ritmo das sessões. Nesca é criar um campo de observação em que os dados são se marco, dá-se a configuração funcional do analisando e proporcionados exclusivamente pelo analisando (Zac, do analista, que assume sempre uma ambigüidade 1968, p. 28).

irredutível. O essencial do procedimento analítico, dizem A diferença em relação aos Baranger é visível, poros Baranger, é que todo acontecimento que se dá no cam-que não levam suficientemente em conta o grau de parti-po é, ao mesmo tempo, outra coisa (1969, p. 133).

captação dos dois membros. Para eles, a fantasia de par é

“O que estrutura o campo bipessoal da situação ana-igual na análise e na psicoterapia de grupo, embora aqui a lítica é essencialmente uma fantasia inconsciente. Contu-participação dos membros seja simétrica.

do, seria equivocado entendê-lo como uma fantasia incons-Bleger, quando fala da entrevista (ver o Capítulo 4), ciente do analisando sozinho” (p. 140). O analista, afir-pensa o mesmo que Zac e diz que “a primeira regra funda-mam, não pode ser espelho, porque um espelho não inter-mental a esse respeito é tentar conseguir que o campo con-preta. Portanto, não podemos conceber a fantasia básica figure-se especialmente e em seu maior grau pelas variá-

da sessão senão como uma fantasia de par, análoga à que veis que dependem do entrevistado” (Bleger, 1971, p. 14).

se dá na psicoterapia analítica de grupo (ibid.). Por isso, Sem deixar de reconhecer que “todo emergente é sempre

“não é a mesma coisa descobrir a fantasia inconsciente relacional ou, dito de outra forma, deriva de um campo, subjacente a um sonho, ou a um sintoma, e entender a tentamos fazer na entrevista com que esse campo seja de-fantasia inconsciente de uma sessão psicanalítica” (p. 141).

terminado predominantemente pelas modalidades da perEm resumo, a fantasia de campo é criada entre os dois sonalidade do entrevistado” (p. 15).

membros do par analítico, “algo radicalmente diferente Diferentemente do que dizem Bleger e Zac, os Baranger do que são separadamente cada um deles” (ibid.). Essa não crêem que o analista possa manter-se nesse plano.

fantasia inconsciente bipessoal, objeto da interpretação do Em um trabalho recente, escrito em colaboração com analista, “é uma estrutura constituída pelo interjogo dos Jorge Mom para o Congresso Internacional de Madri, os processos de identificação projetiva e introjetiva e das con-Baranger voltam a refletir sobre o campo e os outros tetra-identificações que atuam com seus limites, funções e mas recém-expostos, modificando alguns dos pontos que características distintas dentro do analisando e do analis-acabo de assinalar como discutíveis. A situação analítica ta” (p. 145).

já não se define como no trabalho antes citado, nem como Em resumo,

ao aplicar a teoria do campo à situação no do México, de 1964, sobre o insight. No relato do Méxi-analítica, os Baranger unem as teorias da Gestalt e as idéi-co, os Baranger chegam a dizer que “a situação analítica é as de Merleau-Ponty em uma explicação que se apóia no simbiótica por essência, primeiro porque reproduz situa-conceito de fantasia inconsciente de Susan Isaacs, nas duas ções regressivas de dependência simbiótica da criança com modalidades de identificação (introjetiva e projetiva) de seus pais e, segundo, por estar dirigida para a produção Klein e na teoria da contra-identificação projetiva de Grinberg.

Digamos para terminar que, seguindo também nesse ponto a Pichon, os Baranger explicam as mudanças no cam-7 Voltaremos ao tema da fantasia do par ao falarmos de insight.

286 R. HORACIO ETCHEGOYEN

de identificações projetivas” (1969, p. 172). Voltaremos conjunto, já que o ego é bem o contrário de uma caldeira ao tema mais adiante.

em ebulição.

No trabalho de Madri, porém, diz-se que “uma defi-Utilizando esse modelo, então, Zetzel diz que a situ-nição semelhante só poderia aplicar-se, e nem sequer com ação analítica tem sua base na aliança terapêutica, na qual muita exatidão, a estados extremamente patológicos do existem mudanças, mas são muito lentas; o processo ana-campo: um campo caracterizado por uma simbiose insultuoso, por sua vez, muito mais rápido e móvel, corresponde perável entre ambos os participantes ou, então, pela à modalidade energética do inconsciente, do id, que se parasitação aniquiladora do analista pelo analisando (M.

cristaliza na neurose de transferência. Pode-se dizer tam-Baranger et al., 1982, p. 531). Vale a pena destacar, também que, do ponto de vista dessa autora, o tratamento bém, que esses autores não se referem a seus próprios analítico consiste em que, gradualmente, à medida que pontos de vista, segundo aparecem nos trabalhos que são analisadas certas áreas que originariamente pertenciam estamos considerando, mas antes a Melanie Klein, que à neurose de transferência integrem-se à estrutura egóica, nunca concebeu a situação analítica como simbiótica. O

passando a pertencer à aliança terapêutica. Nessa mudan-conceito de simbiose pertence a Mahler e Bleger, mas não ça, na realidade, apóia-

se a essência da terapia analítica, o a Klein.

que significa tanto quanto dizer que à medida que se analisa determinado conflito na neurose de transferência e que se pode torná-lo consciente, ele passa a ser patrimônio SITUAÇÃO ANALÍTICA E ALIANÇA TERAPÊUTICA do ego, uma nova faceta do ego que estabelece uma rela-

ção real com o analista, dado que, se de algum modo se Entre os anos de 1950 e 1970, Elizabeth R. Zetzel pode definir a aliança terapêutica, é como um tipo real de desenvolveu uma obra importante, da qual nos ocupamos relação com o analista. O que estava subsumido na vivacidade estudar a aliança terapêutica. Ao contemplar a situação da neurose de transferência passa a ser um aspecto da situação analítica a partir dessa perspectiva, essa autora dirá estável da relação entre o analista e o analisando, que agora que o substancial da situação analítica é precisamente a pertence à aliança de trabalho.

aliança terapêutica: a situação analítica é o estável, o real, Dessa forma, fica convincentemente definida a natureza que concerne à tarefa, e o que sobre essa base estável reza da ação terapêutica da psicanálise como transposição aparece no campo de trabalho é o que se chama de neurose de um setor ao outro, que aumenta a integração do ego e se de transferência. O conceito de situação analítica fica, muda os processos energéticos.

pois, fortemente ligado ao de aliança terapêutica; ambos Darei um exemplo simples para que se compreenda chegam a ser a mesma coisa.

esse ponto de vista. Se a neurose de transferência de um Ao definir a aliança terapêutica como o núcleo da análise consiste em sentir uma grande curiosidade se-situação analítica, contrapondo-a ao processo analítico com o trabalho de seu analista, e este pode analisar epicentro na neurose de transferência, Zetzel (1966)8 tem com bom êxito o conflito, ter-se-á conseguido que uma em conta a diferença que David Rapaport faz em The tendência escotofílica transforme-se em capacidade de structure of psychoanalytic theory (1959) e em outros tra-observação. Então, os impulsos escotofílicos ficarão a ser-balhos, quando contrapõe o id e o ego como dois sistemas viço da adaptação, configurando uma capacidade de ob-antagônicos quanto à mobilidade da energia. O que caracteriza a relação realista, instrumental. O impulso voyeurista trans-teriza o id é a energia móvel, lábil e variável, ao passo que formou-se, passando da neurose de transferência à aliança do ego as mudanças energéticas são

extremamente len-

ça terapêutica. Digamos de passagem que isso se consegue. Isto não pode, por certo, chamar-nos a atenção, porque sempre através de uma identificação do ego do paciente que, no fim das contas, desse ponto de vista, a função principal com o ego do analista, como assinalou Sterba (1934), primordial do ego é justamente controlar a energia – ligá-la, que a solução do conflito escotofílico é alcançada no para falar em termos mais técnicos. O que se manifesta no momento em que o paciente se dá conta de que o analista id como sistema, como cargas livres, transforma-se no sistema observa, sem derivar desse fato uma satisfação libidinal tema egóico em cargas ligadas a partir das contracargas, direta. Quando sobrevêm todas essas mudanças, o que acontece contra-investimentos. É justamente com base nesses testes pertencendo à neurose de transferência passa à aliança de postulados que Rapaport insiste no fato de que a introdução do trabalho; e, a partir desse momento, o analisando terá uma função da psicologia do ego implica uma mudança qualitativa maior possibilidade de observar seus processos inconscientes na teoria psicanalítica, que abandona, por fim, o que antes, terá acrescentado seu ego observador e sua aliança de vezes se criticou, sobretudo à psicanálise dos primeiros trabalhos com o analista.

tempos, ocupar-se fundamentalmente do impulso, o que a dialética postulada por Zetzel, e em geral pelos se resolveu chamar de teoria da caldeira em ebulição. Na psicologia do ego, entre neurose de transferência e aliança-realidade, como diz Rapaport, a teoria da caldeira em ebu-

ção terapêutica é clara e muito congruente com as linhas de lição é um modelo aplicável ao id, não ao aparelho em suas básicas dessa doutrina. Parece-me mais discutível, contudo, a proposta de identificar a neurose de transferência com o processo psicanalítico e a aliança terapêutica com a 8

situação analítica. Se aceitamos que são homólogos, en-

“El proceso analítico”, apresentado no II Congresso Pan-Americano já não há mais do que dois conceitos, embora empregando de Psicanálise, realizado em Buenos Aires.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 287

guemos quatro palavras. Tal como foram definidas reite-ferência fica definida como uma relação de objeto, enquantamente, a aliança

terapêutica e a neurose de transfe-to o rapport situa-se no campo do narcisismo.

rência são uma relação de objeto e não podem ser o mes-Desse modo, o papel do analista como espelho ad-mo que o lugar que as contém.

quire um novo sentido. O analista deve constituir-se estri-Quando definimos há pouco a natureza da ação tera-tamente no alter ego do paciente, espelho cuja única fun-pêutica da psicanálise, segundo a psicologia do ego, disse-

ção é a de deixar que o paciente veja-se ali refletido. Para mos que consiste em que a neurose de transferência vá cumprir sua missão, o analista deve ser apenas uma fun-sendo resolvida e transforme-se em aliança terapêutica.

ção, sem suporte material, invisível e sempre atrás do ana-No entanto, as coisas não são tão simples.

lisando, uma vez que, de outra maneira, expulsaria o anaTal como os psicólogos do ego entendem, a função lisando da posição narcisista que lhe é própria. (Le nar-essencial da aliança terapêutica é permitir o processo re-cissisme, n. 5, p. 59). Na situação analítica, o analisando gressivo que a neurose de transferência institui, de modo está só, sem estar assim totalmente, já que a situação ana-que o que eu disse há pouco é apenas parcialmente certo.

lítica contém virtualmente a relação de objeto, que irá es-O processo curativo consiste em que a neurose de transfe-tabelecendo-se gradualmente. Para Grunberger, o anali-rência transforme-se em aliança terapêutica, e isso conti-sando é um Narciso contemplando-se na água, que tem nua sendo válido; porém, o inverso não o é totalmente, atrás de si o analista como sua ninfa Eco.

porque também é necessário que determinados elementos Com esses utensílios teóricos, Grunberger pode ago-estáveis, as defesas automáticas do ego, comecem a partira dar sua própria versão sobre o processo de regressão cibar da neurose de transferência. Essa regressão é, pois, durante o tratamento analítico, circunscrevendo-o à neu-um efeito desejado do processo terapêutico. Nesse ponto, rose de transferência enquanto relação de objeto (edípica aprecia-se claramente que não se pode homologar a situa-e pré-edípica), a qual deve ser separada dos fenômenos ção analítica à aliança de trabalho e o processo analítico à narcisistas não-objetais e aconflituais da relação analítica neurose de transferência, já que uma tese básica da ego-cuja

expressão fenomenológica essencial é a euforia, a *psychology* é que a neurose de transferência forma-se por elação (p. 61-62). Englobar essas duas ordens de fenômeno-via regressiva, de onde a situação converte-se em processo em um só conceito faz a transferência perder sua essência, o que é inconsistente com as idéias de Zetzel. Creio especificidade, transforma-a em um termo de uso múltiplo, que Zetzel não transpõe essa dificuldade, porque não disse uma coisa que parece ignorar que transferência implica situação analítica e enquadre. O que a analista de justamente um conflito que foi transportado de um objeto Boston diz sobre a situação analítica, em meu entender, a outro.

refere-se ao enquadre, à constância e à estabilidade do A posição (ou estado) narcisista que acaba de ser des-enquadre, como veremos no próximo capítulo.

crita aparece desde o começo da análise, ao passo que a transferência se estabelecerá lentamente e muito mais tarde; e opera, na realidade, em sentido contrário: ao passo O NARCISISMO PRIMÁRIO

que a transferência é fonte de resistências (a resistência DA SITUAÇÃO ANALÍTICA

de transferência), o estado narcisista revela-se como o *primum movens* do processo analítico (p. 62-63). É justa-Em um informe apresentado em 10 de novembro de mente a elação concomitante à situação analítica que tor-1956, no Congresso de Psicanalistas das Línguas Roman-na possível que os elementos edípicos ganhem pouco a vez,9 Béla Grunberger oferece uma visão original da forma pouco a consciência.

como se constitui a situação analítica e de como se desen-O preceito freudiano de que a análise deve desenvolver o processo. Seu ponto de partida é que a situação ver-se em frustração ajusta-se aos desejos edípicos, mas analítica deve ser separada da transferência que percorre não ao narcisismo. O prazer narcisista que o paciente deriva processo analítico em toda a sua extensão. Separa, se-va do fato de estar em análise é precisamente a condição guiando Baudouin (1950), a transferência analítica (“le nécessaire para que a situação analítica estabeleça-se firme-transfert d’analyse”) do rapport analítico (“rapport d’anamente e a terapia tenha bom êxito (p.64).

lyse”). A fórmula que Grunberger propõe, uma vez que Grunberger considera que o investimento narcisista definiu esses dois conceitos, é analisar a transferência, isto do analista no começo do tratamento

deve-se a que o ana-

é, a resistência, e deixar que o rapport opere por sua con-lisando projeta-lhe seu ego ideal (Moi Idéal). A originali-ta.10 Essa diferença pressupõe, então, duas áreas teóricas dade do procedimento freudiano reside em que não mane simultaneamente duas atitudes técnicas, já que a transtém esse equilíbrio narcisista, conduzindo o analisando a uma relação mais evoluída, a relação de objeto.

Quando expõe suas conclusões, no final desse estudo original, Grunberger volta a assinalar que o elemento 9 Publicado na Revue Française de Psychanalyse de 1957; constitui o narcisista (por mais difícil que seja precisar o conceito) é o primeiro ensaio de Le narcissisme (1971).

fator dinâmico que proporciona sua força propulsora ao 10 “Analyser le ‘transfert d’analyse’: c’est-à-dire la résistance et processo psicanalítico.

laisser agir le ‘rapport d’analyse’, est certainement une bonne Na situação analítica, o analisando encontra-se fren-formule, encore faudrait-il reconnaître ce second facteur et bien le séparer du premier” (Le narcissisme, n. 5, p. 56).

te a si mesmo, por intermédio do analista e em circunstân-

288 R. HORACIO ETCHEGOYEN

cias especiais que estimulam uma regressão narcisista conde outro prisma a dialética entre neurose de transferência trolada, que oferece a possibilidade de um desenvolvimento e aliança terapêutica, com uma revisão do conceito de trans-específico, o processo analítico. A libido narcisista libera-ferência fundamental (basic transference) de Greenacre da é a que proporciona à situação analítica a energia dinâ-

(1954). A mesma revisão abrange também, parece-me, ou-mica que vai operar ao longo de todo o processo (p.111).

tros conceitos que querem dar conta da estrutura da situ-Ao conceber a situação analítica como narcisista, ação analítica, como a transferência flutuante de Glover Grunberger tem que rever o problema das pulsões. É que, (1955) e a relação diádica estudada por Gitelson no Con-para esse autor, há um processo paralelo, em que o mate-grosso de Edimburgo, de 1961, apoiado naquilo que Spitz rial analítico descoberto transcorre em um plano superfi-

(1956b) chamou de atitude diatrófica do analista em seu cial, enquanto o processo energético subjacente ocorre no ensaio sobre a contratransferência.

plano profundo. Se Grunberger situa o narcisismo no pla-Em contraposição a todos esses autores e sem dúvida no profundo é porque pensa que a vida instintiva, em suas aos que, como eu, rechaçam a teoria do narcisismo primá-

múltiplas e variadas manifestações, afunda suas raízes no rio, Grunberger pensa, fiel a suas idéias, que esse tipo es-narcisismo: a pulsão expressa e é o instrumento de ação pecial de relação entre analisando e analista é, por definido narcisismo, e este, então, detém o poder fundamental.

ção, anobjetal e aconflitual.

A busca de uma satisfação pulsional sempre se apóia na Disso deriva uma práxis que restringe os critérios de necessidade de se sentir capaz de obtê-la e, às vezes, basta analisabilidade a pacientes neuróticos que possam derivar sentir-se capaz de satisfazer a si mesmo, sem que seja pre-uma satisfação narcisista da relação analítica (euforia, ciso cumprir o próprio desejo pulsional. “Poder fazer é o elação) e que presta uma consideração especial (excessi-essencial e fazer não serve, com freqüência, mais que para va, a meu ver) aos mecanismos primitivos, à atmosfera dar prova disso” (p. 93 da edição castelhana; p. 111 da analítica, em que o silêncio do analista chega a ter uma edição francesa).

grande relevância; passa a ocupar, praticamente, uma po-Se partimos do conceito de narcisismo que nos pro-sição estratégica no projeto do tratamento. Salvo casos põe e aceitamos que transferência e rapport são duas coi-excepcionais, o silêncio do analista não é no fundo trau-sas diferentes, então a investigação de Grunberger apre-matizante. “O analista – calando-se – permanece, de fato, senta-se para nós clara e rigorosa, praticamente inatacável.

no terreno narcisista aconflitual por definição” (p. 74 da Já destaquei a forma convincente em que situação e pro-edição castelhana; p. 88 da edição francesa).

cesso ficam definidos e delimitados, a originalidade que O inconveniente principal que vejo nessa concep-adquire a metáfora freudiana do analista espelho e as pre-

ção técnica é que, mesmo nas mãos dos analistas mais cisões

estruturais com que esse autor permite-nos com-experimentados, como Béla Grunberger, podem ficar sem preender melhor a função do ego ideal e do ideal do ego serem analisadas áreas muito perigosas de idealização.

nas complexidades e sutilezas da situação analítica. Acres-Nem sempre o analisando consegue perceber que o si-centemos agora que as diferenças propostas por Grunberger lêncio do analista comporta uma atitude técnica e que “é apontam também – e ele não o ignora – para que se veja para o seu bem”.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 289

37

Situação e Processo Analíticos

BREVE RECAPITULAÇÃO

não apenas a teoria do processo e sua práxis, mas também a idéia de transferência.

No capítulo anterior, definimos provisoriamente a situação analítica como o lugar em que se desenvolve o tra-SITUAÇÃO E PROCESSO

tamento enquanto relação entre duas pessoas que assumem papéis definidos para realizar uma determinada ta-Outros autores argentinos, como Bleger e Zac, pro-refa, e utilizamos como base de nossa discussão os traba-põem que a situação analítica seja definida a partir do pro-lhos dos Baranger, de Zetzel e de Grunberger. Nesses tra-cesso. Bleger (1967) estabeleceu que o processo psicanalí-

balhos, a situação analítica é descrita a partir de perspec-tico, como todo processo, precisa de um não-processo para tivas bem distintas: para o casal Baranger, a situação ana-poder realizar-se e que essa parte fixa ou estável é o en-lítica é um campo dinâmico em que surge uma fantasia quadre (setting). O enquadre fica assim definido como um compartilhada, enquanto para Zetzel a situação analítica conjunto de constantes graças às quais pode ocorrer pro-

é o estável, o que forma a aliança terapêutica e contrapõe-cesso psicanalítico. A partir dessas definições estipulativas se à neurose de transferência. Por fim, para Grunberger, a de Bleger, serão melhor compreendidas, espero, minhas situação analítica é o remanso narcisista que mobiliza o objeções à proposta de Zetzel de homologar a situação processo.

analítica à aliança terapêutica, definida como o estável, à Os Baranger afirmam que a situação analítica deve medida que assim é confundida com o enquadre.

ser definida como um campo no qual opera uma fantasia Continuando a linha de pensamento iniciada por de par, uma fantasia compartilhada entre o analista e o Bleger, Joel Zac (1971) estuda justamente essas constan-analisando, que se vincula por um processo mútuo de tes da psicanálise e as define, em princípio, como fatores identificação projetiva. Quando analista e paciente to-variáveis que Freud estabeleceu (ou fixou) de acordo com mam consciência da fantasia que compartilham, nasce o certas hipóteses prévias.

insight no campo. Fizemos a crítica a essa posição que A partir de observações empíricas impecavelmente nos parece extrema e assinalamos também que, em um registradas e de certas generalizações que nascem dessas trabalho posterior, escrito com Mom para o Congresso mesmas observações, Freud pôde conceber como deveria de Madri de 1983, nossos autores modificam alguns de desenvolver-se o tratamento psicanalítico, estabelecendo, seus pontos de vista.

assim, as hipóteses definidoras da psicanálise, ou seja, os Vimos também que Zetzel sustenta que entre situa-postulados sem os quais a psicanálise não pode acontecer, ção e processo ocorre a mesma relação que entre aliança fora dos quais a psicanálise nunca poderia ser o que é.

terapêutica e neurose de transferência. Deixando de lado Dessas hipóteses definidoras derivam as normas que cons-que essa classificação reduz quatro conceitos a dois, nós a tituem o enquadre e sem as quais o tratamento psicanalí-

criticamos a partir de suas próprias pautas, lembrando que tico não tem “lugar”. Por isso, Zac diz que “não se poderia essa teoria postula que a análise consiste em que a neuro-definir o enquadre sem ter algumas hipóteses prévias que se de transferência vá convertendo-se gradualmente em enunciam que, ao não serem fixados certos fatores variá-

aliança terapêutica, e isso viria a significar que o processo veis como constantes de forma definitiva, interviriam ceranalítico converta-se em situação analítica, o que é incontas leis que implicariam, por sua vez, em um determinado sistente. Indo mais longe, e dado que se postula a aliança tipo de conseqüências” (1971, p. 593).

terapêutica como requisito para que se ponha em marcha A idéia diretora de Freud, ao fixar as constantes do processo de regressão que condiciona a neurose de trans-enquadre – prossegue Zac –, é a de assentar as condições ferência, teríamos de concluir que a aliança terapêutica é mais favoráveis para o desenvolvimento do tratamento.

causa e consequência da neurose de transferência.

Desse modo, o enquadre consiste no conjunto de estipulações. A teoria de Grunberger é consistente e de uma forma que assegure o mínimo de interferências à tarefa analítica, ao mesmo tempo que oferece o máximo de informacional concepção do narcisismo de seu autor, que infiltração que o analista pode receber.

290 R. HORACIO ETCHEGOYEN

AS TRÊS CONSTANTES DE ZAC

CONTRATO E ENQUADRE

Zac sustenta que há três tipos de constantes no tratamento. O conjunto de variáveis que foram fixadas, repitamento analítico. As primeiras derivam das teorias da psicanálise, constituem o que se chama de enquadre (ou setting), análise e são aquelas das quais acabamos de nos ocupar. Zac porque são verdadeiramente o marco no qual se situa o tratamento, chama essas constantes de absolutas, porque aparecem em processo. Algumas dessas normas são formuladas explicitamente no contrato de tratamento psicanalítico, já que guardam relação diretamente no momento do contrato, como vimos no Capítulo 6 com as hipóteses definidoras de nossa disciplina. Frente a isso; outras serão formuladas quando chegar a ocasião, e as constantes absolutas, estão as relativas, que são de outras talvez nunca, embora todas devam ser respeitadas dois tipos: as que dependem de cada analista e as que devem ser preservadas. Os analistas que por razões técnicas preferiam o particular, formado por esse analista e por esse rem não receber presentes, por exemplo, não introduzirão analisando. Embora essas constantes sejam relativas, não essa norma no contrato, pois seria inoportuno e até uma deixam de ser fixas, uma vez que foram estabelecidas.

forma de induzir a isso, pelo fato de não existir o não no Entre as constantes relativas que dependem do analisado-inconsciente. Ela será explicitada quando o material do tratamento, podemos mencionar alguns traços de sua personalidade-paciente assim o justificar, e não antes.

de, sua ideologia científica e outras mais concretas, como As

constantes do enquadre são, portanto, normas em-o lugar em que tem seu consultório, o tipo e o estilo de píricas ditadas por Freud a partir de sua experiência clíni-seus móveis, assim como as regulações de seus honorári-ca, que o levou a pôr um marco definido e estrito em sua os, feriados, etc. A época e a extensão de suas férias são relação com o paciente para que o tratamento se desen-constantes que dependem basicamente do analista. A es-volesse da melhor forma possível, com a menor pertur-tabilidade do ritmo de trabalho, porém, pertence às cons-baçaõ possível. Algumas dessas normas são as que regem tantes absolutas, de modo que o psicanalista não poderá qualquer tipo de tarefa entre duas pessoas, como o inter-mudar a seu arbítrio, o tempo já fixado de suas férias ou câmbio de tempo e dinheiro, o lugar e o tempo do encon-de seus feriados, por exemplo. A essas constantes relativas tro, etc., porque nenhuma tarefa pode ser realizada se não ao analista refere-se, sem dúvida, o trabalho já clássco forem estipuladas algumas regras para efetuá-la. Contudo, dos Balint (1939), que as assinala como formas expressi-não são estas as que mais nos interessam, e sim outras, as vas do analista. Alicia e Michael Balint chamam de contra-que derivam especificamente do tratamento analítico, des-transferência essas modalidades particulares do analista; sa relação singular que se estabelece entre o analista e seu contudo, na realidade, vale mais conceituá-las como par-paciente; teremos agora de nos ocupar delas.

tes de seu setting, como suporte real da relação, sem pre-Na época dos escritos técnicos, as descobertas de juízo de que possam revestir-se de significados transferen-Freud já eram claras e definidas quanto à importância do ciais e contratransferenciais.

desenvolvimento de um processo singular em sua relação Zac distingue, por último, um terceiro tipo de cons-com o paciente, que desde 1895 havia chamado de trans-tantes, também relativas, que dependem do par, não já da ferência. Justamente porque Freud havia descoberto esse psicanálise, nem do psicanalista, isto é, do par formado fenômeno é que as normas específicas do tratamento ana-concretamente por um determinado analista e seu analisando. Estas últimas, diga-se de passagem, são as que mais lítico apontam, em sua essência, para que o fenômeno prestam suporte aos conflitos de contratransferência. Uma transferencial possa desenvolver-se sem tropeços. Sabe-se constante desse tipo poderia ser, por exemplo, que a hora empiricamente que toda circunstância que revele algo perda sessão seja fixada de acordo com as conveniências de tencente ao âmbito pessoal do analista pode perturbar esse ambas as partes, ou que um analista que tira férias em desenvolvimento. O enquadre é destinado a proteger o fevereiro contemple o caso do advogado pelo

recesso judi-paciente dessas revelações e também o analista de seus ciário de janeiro.

próprios erros, que perturbam o processo e, por conse-Como acabamos de ver, a reflexão de Zac encaminha-guinte, prejudicam o paciente e a ele mesmo. Na medida se a estudar quais são as constantes que determinam o em que as normas do enquadre são feitas para que o tra-enquadre. No princípio, como diz o Gênesis, era o caos, tamento marche da melhor maneira possível, elas impli-todas eram variáveis. Chega Freud e põe ordem: as ses-cam não apenas uma posição técnica, mas também ética sões serão seis por semana, uma por dia; essa hora perten-por parte do analista.

ce ao paciente e nem este nem Freud a mudam, etc. Freud, O enquadre é, então, o marco que abriga um conteú-

então, transformou arbitrariamente algumas variáveis em do, o processo. Portanto, entre o processo analítico e o en-constantes; poderia ter fixado outras. Mas as que fixou quadre ocorre uma relação continente/conteúdo, nos tersão as que tornam possível o tratamento analítico e, por mos de Bion (1963).

isso, todo mundo diz que expressam uma vez mais seu Esse conteúdo consiste na relação bastante singular gênio. Graças a essas estipulações, o tratamento pode ocor-entre analista e analisando, que, como estudamos na serer, porque o lugar do tratamento, isto é, a situação analí-

gunda parte deste livro, é composta de três elementos: tica, encontra-se justamente ali, entre essas constantes.

transferência, contratransferência e aliança terapêutica.

Uma vez fixadas as variáveis para constituir o enqua-Também podemos dizer que o conteúdo que estamos con-dre, as outras variáveis contidas inicialmente na situação siderando configura a neurose de transferência ou, confor-analítica gerarão o processo psicanalítico.

me Racker (1948), a neurose de transferência e contra-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 291

transferência. Esse conteúdo é essencialmente variável, lo muito grande. Outros, ao contrário, preferem dar as mutável, nunca igual; por isso, Freud comparava a análise três sessões em dias alternados.

Inclino-me por este últi-

à partida de xadrez, em que apenas a abertura e o final mo procedimento porque, como já disse, penso que três poderão ser pautados, nunca o meio do jogo. Para que horas em dias contínuos nem sempre chegam a fazer um esse processo surja e desenvolva-se, deve haver um marco verdadeiro tratamento psicanalítico, por mais que busquem que seja o mais estável possível, o enquadre.

acomodar-se à sua forma. As sessões em dias alternados dão ao tratamento um sabor definido de psicoterapia, o que para mim se acomoda mais à realidade.

SOBRE AS NORMAS DO ENQUADRE

Um caso muito especial são os pacientes que viajam para se analisar e para os quais não há outra solução a não Os conselhos de Freud, nos escritos técnicos, agru-ser dar a eles, em um par de dias, as quatro ou cinco ses-pam-se em duas classes. Alguns são conselhos concretos e sões. É o caso dos candidatos que viajam para realizar sua diretos, sobre os quais pouco ou nada se pode argumen-análise didática. É possível que, nesses casos, decidida-tar. Pode-se aceitá-los ou rejeitá-los, mas não discuti-los.

mente atípicos, a habilidade do analista didático e a forte Pertencem às constantes relativas que dependem do ana-motivação do candidato (quando se somam a uma patolo-lista e figuram entre estes os que têm a ver com as gia não muito grave) possam suprir as grandes desvanta-regulações de horários e honorários, feriados ou férias, gens desse esquema.

etc. Alguns analistas preferem dar a cada paciente a mes-Quanto à extensão das sessões, poucos analistas ques-ma hora todos os dias, pensando em simplificar as coisas; tionam que sua duração deve ser pouco mais ou menos outros não se atêm a essa regra e até mesmo consideram que os clássicos 50 minutos. Em alguns centros em que se que, variando as horas, podem-se detectar aspectos dife-pratica a psicoterapia, a unidade para a sessão é de 30

rentes da personalidade, já que as pessoas não funcionam minutos, e isso marca uma diferença certa entre um méto-do mesmo modo no decorrer do dia.

do e o outro. Não aceito a análise on demand, como a de A frequência e a duração das sessões são constantes The piggle (Winnicott, 1977), nem a sessão de tempo livre absolutas mais que relativas. A maioria

dos analistas pende Lacan.

sa que o ritmo mais conveniente para a análise é o de cin-Por razões que concernem à sua teoria da comunica-co sessões por semana. Freud dava seis. Na Argentina, a ção e à maneira como concebe a estrutura da situação imensa maioria dos analistas trabalha com quatro sessões, analítica, Lacan trabalha com o que se chama de tempo alegando em geral razões econômicas, o que pessoalmente livre ou aberto. Acredita que a sessão não deve terminar te não me convence muito. Já vi variar até o infinito a como um ato rotineiro, mas sim significativo, seja para economia argentina, mas nunca mudar, a seu compasso, o destacar o fechamento de uma estrutura, seja para denun-número de horas por semana. Ou, dito com mais precisão, ciar a palavra vazia do analisando. Essa conduta técnica nunca vi aumentar o número de sessões em momentos de foi duramente combatida por muitos analistas. Sem des-bonança.

conhecer a inquestionável coerência que existe nesse pon-O número de cinco – além dos muitos simbolismos to entre a teoria e a técnica de Lacan, penso que sua fun-que se possam interpretar – parece-me o mais adequado, damentação é insuficiente, já que, em todo caso, o cabível porque estabelece um período substancial de contato e um é interpretar e não sancionar a conduta do analisando por corte nítido no fim de semana. Para mim, é muito difícil meio de uma ação que, por mais bem pensada que seja, estabelecer um verdadeiro processo psicanalítico com um leva em suas entranhas a pesada carga de um adestra-ritmo de três vezes por semana, embora saiba que muitos mento por prêmios e castigos. Note-se, além disso, que analistas o conseguem. Um ritmo tão inconsistente e sal-nessa crítica estou concedendo ao analista lacaniano uma teado como este, em minha opinião, não faz surgir com objetividade que, de modo algum, reconheço a mim mes-força suficiente o conflito de contato e separação. Os tramo. Não confio demasiadamente, por certo, na objetividade tamentos de uma ou duas vezes por semana não chegam, de minha contratransferência, menos que nunca nesse caso, em geral, a configurar um processo analítico, embora seja em que a decisão que tomar vai beneficiar-me concreta-assim chamado. Tendo a acreditar que, nesses casos, o mente, alongando meu tempo livre. Considero, por últi-analista crê, sem dúvida de boa-fé, que está fazendo uma mo, que, ainda que não fosse assim, o analisando teria análise, mas o processo exibe os caracteres da psicoterapia, todo o direito de pensá-lo, do que resultaria uma situação isto é, dispersão ou omissão da transferência, apoio mani-de fato inanalísável. Nessas reflexões, não parto do pres-festo ou latente, formulado como interpretação, descuido suposto de que as sessões terminam quase sempre antes e da

angústia de separação (que se interpreta convencional-não depois dos 50 minutos, já que seria igualmente con-mente ou não se interpreta), etc.

trário à arte que o analista informasse concretamente, por Quando o tratamento é feito quatro vezes por sema-meio de sua conduta, que está contente ou sente desagra-na, é melhor colocar as quatro horas em dias seguidos, do. Não é preciso ser muito perspicaz, entretanto, para embora se prolongue assim o período de separação. Quan-pensar que os analistas que seguem Lacan são tão huma-do o tratamento é com três horas, há analistas que as colo-nos quanto os outros. Um analista lacaniano que conheço cam seguidas para ter então um lapso em que se estabele-pessoalmente – e de cuja inteligência e probidade profissio-ce um contato pleno, ainda que se siga depois um interva-nal tenho provas diretas – contou-me certa vez esta histó-

292 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ria bastante interessante. Chegou à sua supervisão com mente o analista, e não poderia ser de outra forma. Quan-um dos analistas mais distintos da École, um fervoroso de-do somos indulgentes com nossos próprios desejos, a re-fensor da sessão aberta ou de tempo livre, e viu com desagra deixou de se aplicar e não só por razões de lento que havia um número considerável de pacientes na equanimidade e de ética, mas também psicológicas: se con-sala de espera. Numa dessas, saiu o supervisor, entre pa-sentimos que o analisando gratifique-nos, já estamos tam-ciente e paciente, e disse-lhe que em menos de uma hora bém gratificando-o. Se faço a meu analisando uma per-estaria pronto – e assim foi. Como podia sabê-lo? E não se gunta para satisfazer minha curiosidade, com sua respos-diz que, nesse caso, o analista foi infiel a suas teorias porta (ou sua negativa a me responder, dá no mesmo) ele já que, justamente, o que sustento é que, com idéias como está gratificando-se.

essas, sempre se está à mercê da contratransferência. Te-Boa parte da recomendável monografia de Leo Stone ria, então, de pensar se a insistência de Lacan em que a (1961) ocupa-se da regra de abstinência e da reserva resistência parte do analista não pode ter um princípio de analítica. Esse autor defende uma atitude mais equânime explicação nessa norma singular de seu setting.

e menos rígida quanto à aplicação da abstinência e à reVale a pena ressaltar, por último, que muitos discípu-serva. A aplicação estrita e sem matizes dessas regras –

los de Lacan pensam que a sessão de tempo livre pertence diz Stone – nem sempre preserva a estabilidade da situa-mais ao estilo do mestre que à sua técnica, motivo pelo ção analítica e pode até ser utilizada pelo analisando e qual não o seguem nesse ponto.

analista para satisfazer desejos sadomasoquistas e/ou cumprir cerimoniais obsessivos, tanto mais perigosos quanto mais sintônicos. A relação analítica é sempre conDA ATITUDE ANALÍTICA

trapontística e “a atitude analítica compreende-se melhor por ambas as partes como uma técnica instrumental Os conselhos de Freud referem-se não apenas às cons-com a qual um médico comprometido pode ajudar me-tantes do enquadre, mas também à atitude mental do ana-lhor seu paciente” (p. 33).

lista que, em última instância, dá àquelas seu sentido e Nesse ponto, como em tantas outras áreas da práxis, valor. Entende-se por atitude mental do analista sua dis-não há regras fixas. O adequado, em um momento, pode posição para trabalhar com o paciente, realizando da meser um grave erro cinco minutos depois. Em cada caso, lhor maneira possível a tarefa com a qual se comprometeu termos de escutar o que diz o analisando, o que estipula e que consiste em explorar seus processos mentais inconsa teoria e o que nos informa a contratransferência.

cientes e fazer-lhe compreendê-los. Essa tarefa é difícil para Portanto, há duas formas de entender o enquadre: o analisando, porque lhe provoca angústia, e isso desperta como fato de conduta ou como atitude mental.

resistências, porque a exploração assume um caráter real Do ponto de vista formal ou comportamental, o en-e imediato através do enigmático e ineludível fenômeno quadre é certamente um ato de conduta e até um rito no da transferência. Tampouco é simples a tarefa do analista, melhor sentido da palavra. Esse aspecto, porém, apesar que deve ser ao mesmo tempo um observador sereno e de ser uma condição necessária do trabalho analítico, nunca imparcial, porém comprometido. O analista participa da será, a meu ver, suficiente para que o processo realmente situação analítica (o campo), mas deve fazê-lo de forma se desenvolva.

tal que os dados de observação derivem do analisando.

O enquadre é substancialmente uma atitude mental (Ver o capítulo anterior.)

do analista, concretamente a atitude mental de introduzir Freud tipificou a atitude mental do analista em duas o menor número de variáveis no desenvolvimento do normas, a regra de abstinência e a reserva analítica, processo. Isto deve ser chamado, em última instância, de condensada na famosa metáfora do analista espelho. Em enquadre, e não apenas de uma determinada conduta. Se seus “Conselhos” de 1912, Freud diz essas palavras me-em dado momento, quando vou cumprimentá-lo, o paci-moráveis: “O médico não deve ser transparente para o ente tropeça, tentarei fazer algo, da forma mais discreta analisando, mas, como a face de um espelho, mostrar possível, para que não caia. Nesse caso, entendo que não apenas o que lhe é mostrado” (AE, v. 12, p. 117). Seguin-modifiquei meu enquadre; internamente, meu enquadre do essa bela metáfora, hoje poderíamos dizer: que o ana-

é o mesmo, não foi exposto a nenhum estímulo extempo-lista reflita e não projete o que o analisando põe nele; râneo e, portanto, prejudicial para o processo. Por isso é que o analista seja um espelho plano, que se deixe cur-que o enquadre deve ser concebido, fundamentalmente, var o menos possível pela contratransferência. Logo, a como uma atitude ética.

reserva analítica é necessária para que a situação analíti-Lembro-me de uma mulher, após uma intervenção ca possa ser estabelecida. Se não for assim, os fenôme-ortopédica que lhe dificultava notoriamente caminhar e nos de transferência tornam-se tão inapreensíveis e tão deitar-se. No pós-operatório imediato, ligou-me para per-incompreensíveis, que a situação analítica ressent-se pro-guntar se eu consentiria em acrescentar algumas almofa-fundamente.

das em meu divã para que ela pudesse vir. A alternativa A regra de abstinência refere-se ao fato de que o ana-era perder um número importante de sessões, o que ela lista não deve gratificar os desejos do paciente, em geral, não queria. Parecia muito disposta a aceitar o que eu dise particularmente seus desejos sexuais. Essa regra, que pusesse. Respondi-lhe, de imediato, que colocaria o con-em princípio se aplica ao analisando, alcança inexorável-sultório nas condições necessárias, e ela veio no dia se-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 293

guinte, acompanhada por uma enfermeira. Encontrei-a na que criticam a “rigidez” do enquadre é em geral porque sala de espera, de braço com essa mulher, e eu mesmo a não alcançaram ainda um conceito claro do que o enqua-conduzi ao consultório e a ajudei a se

acomodar no divã.

dre verdadeiramente é.

Preferi levá-la eu mesmo pelo braço ao consultório, apeA dificuldade que acabo de salientar alcança, obvia-sar do contato físico que isso pressupunha, a delegá-lo à mente, também o analisando, tal como destaca Olagaray enfermeira, o que não era muito sintônico com meu setting, (1980), que sustenta que o estabelecimento do enquadre já que nunca entrou outra pessoa em meu consultório ana-sobrevém ao princípio do tratamento, porém sua internali-lítico. É evidente que essa decisão é muito discutível e, se zação só é atingida no final. Na medida em que o enqua-outro analista tivesse resolvido o contrário, eu nunca pen-dre é o espaço em que “tem lugar” o tratamento psicanalí-

saria que estivesse equivocado.

tico, sua introjeção marca a possibilidade de delimitar um O que quero assinalar é que essa notória alteração continente no mundo interno, em que se possa desenvol-

(formal ou ritual) do enquadre, pelo fato de estar endereçar a atividade psicológica, em que vivem e convivem o da a não interromper mais do que o indispensável o pro-sujeito e seus objetos, em que podem situar-se e resolver-cesso analítico, não provocou dificuldades singulares. Apa-se seus conflitos.

receram as lógicas fantasias de dependência na transfe-A atitude geral do analisando frente ao setting e tam-rência materna e de sedução pelo pai, sem adquirir em bém a seus sonhos mostram como as dificuldades de com-nada as características típicas que assume o material no prender o valor e a função do enquadre têm a ver com a caso de um acting out contratransferencial. Por isso, dizia marcha do processo analítico e – acrescentaria eu – com o que o setting é, antes de mais nada, uma atitude mental do lento processo que leva o analista a compreender seu tra-analista. Entre parênteses, pude observar que os analistas balho e a construir sua identidade.

294 R. HORACIO ETCHEGOYEN

38

O Enquadre Analítico

RECAPITULAÇÃO

De acordo com essa proposta, situação e processo ficam perfeitamente delimitados, mas à custa de uma de-Anunciamos, ao começar a quarta parte, que o con-finição estipulativa que retira autonomia ao conceito de ceito de situação analítica é mais fácil de captar intuitiva-situação analítica.¹

mente do que de pôr em conceitos e, infelizmente, estamos A outra tese de Bleger é que a divisão entre constan-demonstrando isso. Tampouco é simples, sem dúvida, sepa-tes e variáveis, aleatória por definição, já que tomamos rar a situação analítica do processo analítico.

por constantes as variáveis que nos parecem melhores, tam-No capítulo anterior, vimos a preocupação de Zac bém o é na prática, pois às vezes as constantes alteram-se (1968, 1971) em discriminar entre situação e processo, e passam a ser variáveis: o marco converte-se em processo.

assim como a forma nítida e convincente com que estuda A terceira tese é que, embora as alterações do enqua-as variáveis e as constantes que configuram, ao mesmo dre às vezes nos dêem acesso a problemas até esse momen-tempo que tornam possível, o processo analítico.

to despercebidos, não se justifica, de maneira nenhuma, mo-Em “Um enfoque metodológico do estabelecimento do dificiar o enquadre para obter essas finalidades. Essa condu-enquadre” (1971), um dos trabalhos mais rigorosos que li ta técnica é inconveniente por duas razões: uma, porque o sobre o tema, Zac destaca que essas constantes estão ligadas que surge é um artifício que carecerá de toda força probatória a uma determinada concepção teórica, e todos reconhecem e nunca poderá ser analisado limpidamente; outra, porque como um traço da genialidade de Freud ter-se dado conta de nunca se pode estar seguro de que o analisando reagirá da quais eram as variáveis que deviam transformar-se em cons-maneira prevista. O experimento pode falhar e, então, fica-tantes para que o processo assumisse o caráter de analítico.

remos desguarnecidos frente à alteração que nós mesmos Ao estudar as constantes, Zac distingue as absolutas, que propusemos. Essas duas razões fazem Bleger proclamar que dependem da teoria psicanalítica, e as relativas, que têm a o analista não tem, de modo algum, a liberdade técnica e ver com o analista e com o par analista/ analisando.

ética de modificar o enquadre em busca de determinadas respostas, e,

com isso, pronuncia-se contra as técnicas ativas e a reeducação emocional.

O último postulado de Bleger é que na imobilidade do AS TESES DE BLEGER

enquadramento depositam-se predominantemente ansiedades psicóticas. Até aqui, os princípios de Bleger podem ser Veremos agora de que forma Bleger (1967) tenta com-compartilhados a partir de diversas teorias, mas ele agora preender o processo analítico com uma dialética de cons-dá um passo a mais, muito coerente com sua maneira de tantes e variáveis.

pensar: essa parte muda que se deposita no enquadre é a Tanto Bleger como Zac e, em geral, todos os autores simbiose. Mais adiante, trataremos da teoria do desenvolvi-argentinos que, como Liberman (1970, especialmente o mento que Bleger propõe e de seu conceito de psicose, mas capítulo primeiro), estudaram esse tema, inclinam-se a apli-digamos desde já que se pode não compartilhar, nesse pon-car a denominação de situação analítica ao conjunto de to, de suas idéias, porém aceitar plenamente suas explica-relações que incluem o processo e o enquadre.

ções sobre a dialética do enquadre psicanalítico.

Como diz Bleger (1967), nenhum processo pode Podemos convir, então, de imediato, que o mutismo acontecer se não há algo dentro do qual possa transcorrer, do enquadre deve ser atendido de preferência e conside-e esses trilhos por onde se desloca o processo são o enquadrado como um problema, porque de fato o é. O maior ris-dre: para que o processo desenvolva-se, tem de haver um co do enquadre é seu mutismo, porque, como tendemos a enquadre que o contenha. Em outras palavras, quando dá-lo por fixo e estável, não o consideramos e não o inter-falamos de um processo analítico, estamos considerando pretamos adequadamente. A mudez do enquadre dá-se por implicitamente que ele deve inscrever-se em uma totalida-descontada, toma-se for granted e, então, nunca se discute.

de mais abrangente, mais ampla, a situação analítica. Uma tese básica do artigo de Bleger é, pois, que a situação analítica configura um processo e um não-processo que se cha-1 Voltaremos a isso ainda no final deste capítulo e adiantemo-nos ma de enquadre.

em dizer que proporemos outra solução.

Bleger pensa, obviamente, como a maioria dos autores, mo pensa Jean Laplanche (1982) quando se pronuncia con-que qualquer informação que o paciente receba sobre o tra qualquer manipulação do setting. Toda manipulação pre-analista tem um caráter perturbador e que é muitas vezes tende ser uma maneira de comunicar mensagens, mas a nessas circunstâncias que se mobilizam as ansiedades mais única coisa que consegue é desestabilizar as variáveis so-fortes e menos visíveis; contudo, o que lhe interessa assina-bre as quais deveria operar a interpretação (p. 139).

lar é justamente o caso oposto, pouco ou nada estudado.

Laplanche diz severamente (e concordo com ele): “Penso que toda ação sobre o enquadre constitui um acting out do analista” (p. 143).

O ENQUADRE QUE SE TORNA PROCESSO

É necessário assinalar, também, que esse tipo de erro não depende em absoluto do conteúdo do que fazemos, Quando o enquadre é perturbado, afirma Bleger, passa nem tampouco da boa vontade com que estejamos proce-a ser processo, porque o que define o setting é sua estabilida-dendo. O que aqui importa não são nossas intenções, mas de. Uma experiência que todos tivemos muitas vezes é que, a que tenhamos alterado as bases da situação analítica. Nes-partir de uma ruptura do enquadre, aparecem configurações se sentido, e em clara oposição ao que sempre diz Nacht novas no material, às vezes das mais interessantes. Concor-

(1962, etc.), penso que de nada vale ser boa pessoa se se é do definitivamente com Bleger que isso não autoriza, de modo mau analista. Teríamos de ver, ainda, que tipo de boa pes-algum, a modificar o enquadre com fins experimentais.

soa somos quando procedemos dessa maneira!

Quero ressaltar também, porque é muito importan-Entretanto, essa norma não é absoluta. Às vezes, te, que, quando digo que o enquadre é estável, quero di-pode-se levar em consideração certos desejos do analis-an-zer com mais precisão que, diferentemente das variáveis do, e por diversas razões, já que o enquadre deve ser fir-que mudam continuamente, o enquadre tende a se modi-me, mas também elástico. Essa condescendência deverá ficar com lentidão e não em relação direta com o processer sempre mínima, consultando a realidade, não menos so, mas sim com normas gerais. Em outras palavras, o enque nossa contratransferência, e nunca deve ser feita com quadre muda

lentamente, com autonomia e nunca em função da idéia de que, a partir de uma modificação desse tipo, mudam as variáveis do processo.

obteremos mudanças estruturais no paciente.

Sempre que modificarmos o enquadre em resposta Em resumo, penso que o processo inspira o enqua-

às características do processo, estamos recorrendo à técnica, mas não deve determiná-lo.

ca ativa. Se uma pessoa, por exemplo, tem avidez, essa avidez deve ser analisada e não manejada, aumentando-se ou diminuindo-se o número das sessões. Outro exemplo - UM CASO CLÍNICO

podem ser os honorários. Um aumento ou uma diminuição de honorários nunca devem ser feitos com base no Lembro-me de um homem de negócios, jovem, inteligente e simpático, cujos discretos traços psicopáticos não vincentemente que o analisando deseja que lhe aumentassem passavam despercebidos. A propósito de um reajuste tem os honorários ou que lhe diminuam; porém, não tem de honorários, que já estava previsto pela inflação, afirmou de ser a partir dessa circunstância que se toma a decisão porque que o honorário proposto era mais do que podia pagar de propor uma mudança no valor dos honorários, e sim pagar. Descreveu as dificuldades por que passava com sua base em fatos objetivos, alheios fundamentalmente pequena indústria (e que eu conhecia), recordou-me que ao material. Não serão, pois, os desejos do paciente, mas sua mulher também se analisava e terminou por me pedir os dados da realidade (por mais difícil que nos seja avaliá-

uma redução de um pouco menos do que dez por cento.

los e por mais que nos enganemos ao fazê-lo) os que nos Aceitei, não sem lhe assinalar que, até onde eu podia julgar, façam aumentar ou diminuir os honorários. Vale a pena pagar, ele estava em condições de assumir meus honorários assinalar aqui que o erro que possamos cometer, ao avaliar completos. Sentiu-se muito contente e aliviado quando os fatos objetivos, não afeta o método e não faz mais do que aceitei sua proposta e continuou associando com temas que mostrar uma falha pessoal, que sempre pode ser corrigida. Um pouco depois, disse que havia lembrado, nos rigida e analisada. No entanto, penso firmemente que, se últimos dias, de uma história de sua infância que lhe propomos o setting em resposta ao material, cometere-

vocava um sentimento singular. Quando estava no terçei-mos um erro que não poderemos analisar, simplesmente ro ano, colecionava figurinhas, como a maioria de seus porque abandonamos por um momento o método psicana-companheiros, e também a professora tinha seu álbum.

lítico. O enquadre não deve depender das variáveis.² O mes-Faltava-lhe, para completar o seu, uma das figurinhas difí-

ceis. E notou, com grande excitação, que sua professora a tinha entre as repetidas. Dando por certo que ela não sa-² Lembro-me de que, quando comecei minha análise didática, beria o valor dessa figurinha, propôs-lhe uma troca e ofe-era bastante freqüente que se “interpretasse” que o analisando receu-lhe uma qualquer das suas. Ela aceitou, e foi assim queria ou necessitava que lhe aumentassem os honorários. Essas que ele completou sua coleção e pôde trocá-la por aquela interpretações, prévias a um aumento, dirigiam-se à culpa ou ao ambicionada bola de futebol que o acompanhou por um desejo de reparar, mas nunca, como é natural, ao masoquismo e, longo tempo de sua infância que, digamos entre parênte-obviamente, sobrevinham uniformemente em uma determinada época do ano (ou do ciclo econômico).

ses, havia sido bastante desolada. Disse a ele, então, que

296 R. HORACIO ETCHEGOYEN

talvez se tivesse enganado ao julgar sua professora. É pro-blinha que, quando essa dialética não é cumprida, o anavável que ela soubesse que a figurinha de que ele precisa-lista deve ficar muito atento.

va era difícil de obter, mas a tenha dado generosamente, O ensaio de Bleger pergunta-se o que acontece quan-sabendo o quanto ele ambicionava aquela bola de futebol.

do o analisando cumpre o enquadre. Por isso, diz que vai Mudou subitamente seu tom hipomaníaco e disse com estudar o enquadre quando não é um problema, justamente insight que eu talvez tivesse razão, nunca havia pensado para demonstrar que o é. O enquadre, como o amor e a nisso, mas tinha de reconhecer que sua professora era incriança, diz Bleger, só se sente quando chora; e sua investi-teligente e generosa. Lembrou-se, a seguir, de vários epi-gação dirige-se precisamente a esse enquadre que não chosódios em que ela se mostrava ajudando com boa vontade ra, que é mudo. Tem muita razão, porque, quando o enqua-seus alunos. Duas semanas depois,

disse que a situação na dre altera-se, o analista está de sobreaviso, ao passo que, fábrica havia melhorado e que podia voltar a pagar meus quando não há alteração, tendemos a nos despreocupar.

honorários completos. Aceitei.

Bleger refere-se, então, aos casos em que o enqua-Creio que minha conduta, nesse caso, foi correta e dre não se modifica em nada; quando o analisando acei-estritamente analítica. Ao decidí-la, levei em conta a in-ta-o por completo, total e tacitamente, sem sequer co-tensidade de seus mecanismos projetivos. O paciente dimentá-lo. É aí, adverte-nos, em que podem fazer as situa-zia, desde a primeira sessão e sem nenhum pudor, que eu ções mais regressivas, em que pode esconder-se a defesa lhe cobrava indevidamente, que me aproveitava dele e mais contumaz.

que minha desonestidade era evidente. Quando ele me Bleger não põe em dúvida que o enquadre tem de pediu a redução de honorários, o fez, todavia, com uma ficar mudo; ao contrário, foi definido porque deve estar atitude de respeito, por muito que tivesse de reativa, e assim, para que se possa realizar a sessão, para que haja esgrimindo razões reais, as dificuldades financeiras de processo; e disse, também, que nada justifica o analista sua empresa e a debilidade de seu orçamento familiar.

que o move para influir sobre o analisando e o processo.

Após consultar minha contratransferência, decidi aceitar Mas Bleger sabe, como todos nós, que o enquadre não sua proposta, plenamente consciente de que o pedido ficará para sempre vazio. Deve haver estabilidade, mas as comprometia meu enquadre, certo de que, se fizesse va-mudanças são inevitáveis: em algum momento, o paciente ler meus direitos (que, por outro lado, não estavam tão chegará tarde, ou o psicanalista ficará resfriado – para di-ameaçados) ou se interpretasse seu desejo de pagar mezer coisas triviais. Enquanto o psicanalista não adoecer, nos, só teria conseguido dar contra o muro de sua proje-pode ser que as fantasias hipocondríacas fiquem fixadas ção recalcitrante. Creio que o feito foi legítimo, já que no enquadre, que dá guarida “real” à idéia de um analista não se propunha a corrigir suas fantasias, mostrando-lhe invulnerável à doença. Compreende-se agora a razão que que eu era “bom”, mas a acomodar meu setting à rigidez Bleger tem ao dizer que há aspectos do enquadre que perde seus mecanismos de defesa. Levei em conta, também, manecem mudos e que se deve ter muito cuidado, porque que eu não podia decidir até que ponto suas apreciações esse silêncio implica um

risco, pode esconder uma cilada, sobre a marcha de sua fábrica eram corretas e, como diz uma armadilha.

a sábia máxima latina, *in dubio pro reo*.

O analisando respondeu à minha (pequena) generosidade com uma generosidade muito maior, com a recor-ENQUADRE E SIMBIOSE

dação encobridora de sua latência que me permitiu, uma vez mais, defrontá-lo com seus mecanismos psicopáticos É notório que Bleger parte da hipótese de que no (engano, burla).

sujeito coexistem aspectos neuróticos e psicóticos. A parte Desejo dizer de passagem, embora não venha ao caso, neurótica da personalidade nota a presença do enquadre que, por razões de tato, não me incluí na interpretação da e registra as vivências que provoca (a sessão foi muito curta professora generosa (“e isso acontece comigo a propósito ou muito longa, foi atendido dois minutos antes ou depois da redução de honorários”). Penso, porém, que a interpre-da hora). É a avaliação do enquadre que todos aceitam, e tação que formulei em termos históricos continha latente-certamente também Bleger. O que ele acrescenta a esse mente uma autêntica ressonância transferencial, que não esquema pertence à parte psicótica da personalidade – que julguei oportuno explicitar nesse momento muito particu-ele gostava de chamar de PPP –, que aproveita a falta de lar. Quando, pouco depois, ele me pediu para voltar a meus mudança no enquadre a fim de projetar a relação in-honorários completos, pude interpretar com todo detalhe discriminada com o terapeuta. Portanto, não há incompa-o conflito transferencial.

tibilidade entre o enquadre que fala e que corresponde aos aspectos neuróticos e o enquadre mudo da psicose: o primeiro é verbalizado, enquanto o outro fica imobilizado A MUDEZ DO ENQUADRE

e é apenas reconhecido quando o enquadre altera-se. Em outras palavras, os aspectos psicóticos da personalidade A idéia de Bleger sobre o mutismo do enquadre me-aproveitam a imobilidade do enquadre para ficarem mu-rece uma discussão detida. Seu trabalho estuda a dialética dos. Para dizê-lo com maior precisão, a muda psicose tem do processo psicanalítico, uma vez que as constantes do forçosamente de se apoiar no enquadre que é, por defini-enquadre passam em dado momento a ser variáveis, e su-

ção, a parte do processo analítico que não fala.

Quando Bleger insiste no fato de que o enquadre pres-função. Evidentemente, às vezes, ao se modificar a funta-se para receber os aspectos psicóticos que ficam ali ção, destaca-se o significado; porém, poderíamos alcançar mudos e depositados, está pensando em sua própria teo-esse significado através do material que o paciente traz ria da psicose e do desenvolvimento. Bleger pensa que no sobre a função do enquadre. Nesse sentido, podemos con-começo há um sincício, conjunto de ego e não-ego, forma-cluir que não existe um enquadre basicamente mudo, que do por um organismo social que é a díade mãe-filho. O

o enquadre é sempre um significante.

ego vai formando-se a partir de um processo de diferencia-Acerca da mudez do enquadre, lembro-me do que ção. O requisito fundamental do desenvolvimento é que o me disse um aluno: às vezes, o enquadre é mudo porque o ego esteja incluído em um não-ego, do qual possa ir dife-analista é surdo. Seria preciso falar, portanto, da surdo-renciando-se. Esse não-ego, que funciona como um conti-mudez do enquadre, para incluir a contratransferência e nente para que o ego se discrimine, é precisamente o que também as teorias do analista com relação à psicose. Quan-se transfere para o enquadre.

do se entende a linguagem não-verbal da psicose, o en-Para essa teoria, então, a parte não-diferenciada da quadre deixa de ficar mudo (Andrés Fractman, comunica-personalidade tem seu correlato mais natural no enqua-

ção pessoal).

dre que, por definição, é o continente no qual se desenvol-Atualmente, sabemos com bastante segurança que a ve o processo psicanalítico. De acordo com as idéias de parte mais arcaica da personalidade, que de fato corres-Bleger, o enquadre presta-se excelentemente para que nele ponde ao período pré-verbal dos primeiros meses da vida se transfira e se repita a situação inicial da simbiose mãe-e tem relação direta com o fenômeno psicótico, expressa-criança. Como se pode ver, nosso autor é muito coerente se preferentemente por canais não-verbais e paraverbais com suas próprias teorias.

de comunicação, como expusemos ao falar da interpreta-Embora aceitemos outras idéias sobre o desenvolvi-

ção.5 Pode-se dizer, com propriedade, que a psicose é ver-mento e a psicose, suas precisões sobre o processo e o en-dadeiramente muda,

uma vez que se estrutura com meca-quadre são de valor permanente.

nismos que estão além da palavra. Quando a psicose co-mença a falar, deixa de sê-lo.

Detenhamo-nos agora, por um momento, na própria noção de ruptura do enquadre. Se quisermos defini-la ob-SIGNIFICADO E FUNÇÃO DO ENQUADRE

jetivamente, a ruptura do enquadre consiste em algo que altera notória e bruscamente as normas do tratamento e A idéia de Bleger sobre o mutismo do enquadre é, a modifica, conseqüentemente, a situação analítica. Às ve-meu ver, uma contribuição original ao estudo do processo zes, a alteração provém do analisando, então, configuran-analítico, que adquire ainda mais relevo ao ser explicado do um acting out; outras vezes, de um erro (ou acting out) em função da psicose. Nos anos que nos separam de sua do analista; outras, por fim, de uma circunstância fortui-prematura morte,³ chegamos a compreender um pouco ta, em geral uma informação não-pertinente que o anali-mais a muda linguagem da psicose e agora podemos for-sando recebe de terceiros. Em todo caso, abala-se o marco mular suas idéias com maior precisão.

no qual se desenvolve o processo, abre-se uma fenda pela Quando Bleger previne-nos sobre o risco de que o qual o analisando pode literalmente meter-se na vida pri-enquadre fique mudo, refere-se a seu significado, mas não vada do analista.

a sua função. Convém discriminar esses dois fatores. O

Junto com essa definição objetiva, ao falar de ruptu-enquadre tem a função de ser mudo para que sobre essa ra do enquadre, devemos levar em conta as fantasias do tela de fundo fale o processo; porém, acreditar que o seja analisando. O paciente pode negar que houve uma ruptu-por inteiro contaria tanto quanto pensar que há algo que, ra do enquadre, assim como pode pensar que houve quan-por sua natureza, não pode ser recoberto de significado.

do não ocorreu. Como sempre, em nossa disciplina, o de-Podemos penetrar o significado do enquadre, sem por isso cisivo será a resposta pessoal do analisando. O enquadre tocar suas funções, ainda mais se o pensarmos como con-

é, pois, um fato objetivo que o analista propõe (no contra-tinente de ansiedades psicóticas. Deve-se ter presente, to) e que o analisando irá recobrando com suas fantasias.

então, que sempre existe uma transferência psicótica que A partir de uma perspectiva instrumental, o enquadre aproveita a estabilidade do enquadre para passar desperdite institui-se porque oferece as melhores condições para a tarefa, para ficar imobilizada e depositada.4

desenvolver a tarefa analítica; e, curiosamente, boa parte Ao diferenciar entre a função e o significado, com essa tarefa consiste em ver o que o paciente pensa dessa premissa de que, para resgatá-lo, não é preciso modificar a situação que estabelecemos, que teorias tem sobre ela. O

enquadre é a lâmina do Rorschach sobre a qual o paciente verá coisas, coisas que o refletem.

3 Bleger morreu em 20 de junho de 1972, em uma idade em que tudo fazia supor que continuaria sua obra vigorosa por muito anos.

4 Isto nos leva a uma discussão profunda e difícil, a relação da 5 Este tema aparece ilustrado em meu trabalho sobre a reconstrução da situação e do processo psicanalíticos com os primórdios do de-

seu desenvolvimento psíquico precoce (1981b), incluído como desenvolvimento, que procurarei abordar mais adiante.

Capítulo 28 deste livro.

298 R. HORACIO ETCHEGOYEN

OUTRO MATERIAL CLÍNICO

quele episódio pude dar-me conta de que eu havia analisado muitas vezes sua atitude de superioridade frente a Lembro-me de um paciente que, baseado no fato de mim por pertencer a uma classe social superior a minha, que eu o atendesse sempre da mesma forma, tinha uma mas nunca que ele acreditasse realmente que essa circunstância aristocrática (e onipotente) de que eu era seu vassalo definia irrecusavelmente os papéis do amo e do leste, que lhe abria a porta, entrava atrás dele, limpava seu vassalo na transferência.

traseiro, etc. Essa fantasia, vinculada ao enquadre, ficou Quanto à mulher que fez a “loucura” de interromper imobilizada durante muito tempo, completamente muda.

a análise porque se havia alterado um equilíbrio sem fundamento. Evidentemente, eu não estava predisposto a analisá-la, por isso, o material parece conter uma nota queixosa de que dou por

descontado que a forma de receber o paciente aos pais da infância que aparecia totalmente encaixada te não deve variar muito e é parte de meu setting. É certo no material neurótico de suas compreensíveis frustrações que a idéia de valete surgia em outros contextos, mas não infantis.

com a força e a convicção quase delirante que assumiu no Em resumo, acredito que, se formos capazes de dia em que tive de mudar ocasionalmente a forma de escutá-la, menos a psicose poderá acomodar-se no silên-recebê-lo.

cio do enquadre para passar despercebida.

Uma paciente que já tem seis anos de análise e tem muitíssimo dinheiro, após três dias de um reajuste de honorários que em nada difere de outros anteriores, inter-ENQUADRE E METAENQUADRE

rompe a análise. Sem dizer nada, parte em viagem para a Europa e manda de lá uma carta dizendo que cometeu Estudamos detidamente as relações do processo com uma loucura e quer retomar o tratamento. A paciente ti-o enquadre e subscrevemos a opinião da maioria dos a-nha um filho em análise e com esse aumento, pela primei-tores de que o enquadre não deve variar com as vicissitu-ra vez em seis anos, havia ultrapassado os honorários que des do processo.

pagava pelo filho. Nesse momento, mobilizou-se uma si-Contudo, o enquadre recebe influências do meio so-tuação psicótica projetada no enquadre: ela sempre tinha cial em que se desenvolve o tratamento. Isto é inevitável e também conveniente. Determinadas situações do ambien-de gastar menos no tratamento que seu filho, porque, se te devem ser recolhidas pelo enquadre, que adquire, as-gastava mais, era como seus pais, que sempre se preocu-sim, seu lugar no meio social em que se encontra. O en-param em juntar dinheiro, sem se interessarem por ela.

quadre deve ser legitimamente modificado a partir dos ele-Isto nunca havia sido explicitado no tratamento, e a paci-mentos da realidade à qual, em última instância, pertence.

ente jamais teve o menor problema para pagar; além disO meio social que circunda o enquadre e opera, em so, o dinheiro pouco importava para ela. A soma em si não alguma medida, sobre ele é chamado por Liberman (1970) tinha nenhum significado; porém, bastou uma diferença de metaenquadre. São contingências que nem sempre o realmente ínfima para que ela passasse a ser, por influên-contrato

analítico contempla estritamente, mas que pesam a favor do aumento, a mãe que se ocupa mais de si mesma que de fora e que o enquadre, cedo ou tarde, deve contemplar.

de seu filho – e deixou o tratamento.6

O exemplo típico é a inflação. Outro exemplo poderia ser Como é de se supor, esse tipo de conflito com respeito aos feriados importantes: nesses dias, não é a respeito à sua relação com os pais egoístas e à sua função materno-selhável trabalhar. Os analistas argentinos que não trabalhavam na exteriorizavam-se em diversos contextos, mas corriam nos feriados nacionais (mas sim em outros menos) viviam sempre aos níveis neuróticos da relação com os importantes) viram-se frente a um pequeno conflito quando pais, de como eles haviam manejado o dinheiro, a sensação se deixou de considerar feriado nacional o dia 12 de maio de que o dinheiro importava-lhes mais do que em outubro, o dia do descobrimento da América, que o presidente como filha e de que era isso que lhe produzia uma dentada Hipólito Yrigoyen exaltou como Dia da Raça. De sensação permanente de desvalorização, etc. Na parte pois lhe retiraram esse caráter, que se voltou a atribuir a psicótica, no entanto, o pagamento operava como situa-lo após o conflito pelas ilhas Malvinas. Seria um exemplo concreto que demonstrava magicamente que ela não típico da “alteração” do enquadre que vem de fora e que era com seu filho como seus pais (segundo pensava) haviam correspondido ao metaenquadre.

sido com ela. Esse aspecto estava totalmente clivado e co-Com o plástico nome de mundos superpostos, Janine locado no montante do que ela pagava por sua análise e Puget e Leonardo Wender (1982) estudam um fenômeno pela do filho.

certamente comum que passa quase sempre despercebido-Esses dois exemplos ilustram suficientemente, creio: quando analista e analisando compartilham uma in-eu, a forma como a parte psicótica fica imobilizada na formação que é, em princípio, extrínseca à situação analí-

enquadre. Creio que se nota, também, que isso ocorre por-tica e, entretanto, incorpora-se ao processo por direito pró-

que a psicose não fala com palavras e, às vezes, não a priori. Nesses casos, uma realidade externa comum em am-escutamos. Quanto a meu analisando, somente depois da-bos surge no campo analítico. “Sua presença no material é fonte de distorções e transformação na escuta

do analista, assim como de perturbação na função analítica” (p. 520).

6 Caso clínico apresentado no Seminário de Técnica de 1975.

O analista vê-se, assim, de imediato, em uma situação em

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 299

que realmente está compartilhando algo com seu anali-analistas existenciais, independentemente das diferenças sando, o que o faz perder a proteção que lhe fornece o que possam distingui-los. Para todos eles, a sessão enquadre e o expõe a fortes conflitos de contratransferên-psicoterapêutica é um lugar de encontro, do ser-no-mundo.

cia, os quais fustigam especialmente seu narcisismo e sua Nas três definições recém-apontadas, vejo um par de escotofilia.

elementos decisivos:

Embora o campo de observação de Puget e Wender tenha limites amplos, que vão da ética à técnica, da 1. a situação analítica é reconhecida por si mes-contratransferência ao enquadre e da teoria ao método, ma, tem autonomia, e

decidi estudá-lo, nesse ponto, como um exemplo privile-2. é a-histórica, atemporal, não preexiste ao mo-giado das formas em que o enquadre psicanalítico depen-mento em que se constitui.

de do âmbito social em que analista e analisando inevitavelmente se encontram.

Há outra forma de definir a relação analítica que, em meu entender, é muito diferente das anteriores, embora às vezes se confundam. Nesse caso, a situação ana-NOVA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

lítica é definida estipulativamente a partir do processo.

Para ser realizado, o processo precisa, por definição, de Ao longo destes capítulos, pudemos ver que há, de um não-processo, que é o enquadre; então, vamos utili-fato, várias alternativas para definir a situação analítica e zar a palavra situação para abranger a ambos. A idéia de estabelecer seus vínculos com o processo analítico.

que deve haver algo fixo para que se desenvolva o pro-Como dissemos antes, a palavra situação da lingua-cesso é lógica, é irretocável, mas

nem por isso redefinire-gem ordinária denota o lugar em que algo se situa, o sítio nos a situação analítica como o conjunto de constantes e onde algo tem lugar. Conforme a perspectiva teórica em variáveis. É certo que, graças a esse arbítrio, são resolvi-que nos coloquemos, esse “sítio” pode ser entendido como das as imprecisões da linguagem ordinária, porém à cus-uma estrutura ou Gestalt, como um campo ou um encon-ta de simplificar os fatos, retirando-se da situação analí-

tro existencial.

tica toda autonomia.

Se a concebermos como estrutura, a situação analíti- Se nos decidimos a manter a vigência conceitual da si-ca apresenta-se para nós como uma unidade formada por tuação analítica, temos de reconhecê-la como atemporal e a-diversos membros, dois, mais precisamente, cada um dos histórica, mas então vamos contrapô-la e complementá-la com quais só adquire sentido em relação com os demais. Com a noção de processo, com o que reingressa a história.

essa perspectiva, diz-se que a transferência não pode ser Para encerrar essa discussão com uma opinião pesso-entendida isolada da contratransferência, ou que as pulsões al, direi que entre situação e processo existe a mesma rela-e os sentimentos do analisando têm a ver com a presença ção que entre o estado atual e a evolução da história clínica do psicanalista. Por isso, Rickman (1950, 1951) sublinha-clássica. Ou também entre a lingüística sincrônica e va que a característica fundamental do método freudiano diacrônica de Ferdinand de Saussure (1916). A perspecti-

é ser uma “two-person psychology”.

va sincrônica estuda a linguagem como um sistema, em O conceito de Gestalt ou estrutura não difere muito um momento e em um estado particular, sem referência do de campo e, de fato, os que definem a situação analíti-ao tempo. O estudo diacrônico do linguagem, ao contrário, ca como um campo apóiam-se em idéias gestálticas e es-ocupa-se de sua evolução no tempo. Essa discriminação truturais. Quando a definimos dessa maneira, queremos foi uma das grandes contribuições de Saussure, porque dizer que a situação analítica é percorrida por linhas de lhe permitiu distinguir dois tipos de fatos: a linguagem força que partem do analisando e do analista, que desse como sistema e a linguagem em sua evolução histórica.

modo ficam situados em um campo de interação.

Aplicando esses conceitos, poderemos dizer que a si-A situação analítica poderia, por fim, ser entendida tuação analítica é sincrônica e o processo analítico é como um encontro existencial entre analista e analisando.

diacrônico. E, para estudá-los, devemos discriminá-los cui-Se não a concebemos assim é porque não pertencemos a dadosamente, sem fugir do emaranhado às vezes inex-essa linha de pensamento, mas assim a definem todos os trincável de suas relações.

300 R. HORACIO ETCHEGOYEN

39

O Processo Analítico

DISCUSSÃO GERAL

ção do tempo, do mesmo modo que o volume de uma massa de gás é função da pressão e da temperatura na lei Nos três capítulos anteriores, estudamos especialmen-de Boyle e Mariotte. Segundo essa acepção muito geral, te a situação analítica e, depois de passar em revista as

“um processo é uma função que correlaciona, para cada diferentes formas de entendê-la, inclinamo-nos por instante de um determinado lapso, um certo estado ou conceituá-la como um lugar, um sítio, um espaço sem tem-configuração característica do indivíduo ou da comunida-po, onde se estabelece a relação singular que envolve o de que se está investigando” (p. 7). Quando dispomos cer-analisando e o analista com papéis bem definidos e objeti-tos acontecimentos da vida do analisando em uma ordem vos formalmente compartilhados quanto ao cumprimento temporal, estamos definindo um processo, pois orienta-de uma determinada tarefa.

mos os acontecimentos em função do tempo. Ao consig-Vimos também que a situação analítica requer um nar a enfermidade atual na história clínica, por exemplo, marco para se estabelecer, que é o enquadre (setting), em seguimos esse método, dado que vamos anotando os sinque jazem as normas que a tornam possível. Essas normas tomas e o momento de sua aparição. Às vezes, esse têm sua razão de ser nas teorias da psicanálise e do psica-ordenamento cronológico dos sintomas basta para fazer nalista e surgem de um acordo entre partes que constitui o um diagnóstico com um pouco menos que de certeza de contrato analítico.

uma determinada doença. Pense-se, por exemplo, na Em seu Esquema da psicanálise, escrito em 1938, pousíndrome epigástrica e na dor na fossa ilíaca direita da co antes de sua morte, Freud chamou esse acordo de apendicite aguda.

Vertrag, que se pode traduzir por pacto, contrato. O ana-Em uma segunda acepção da palavra processo, tudo lista deve aliar-se com o debilitado ego do paciente contra o que vai ocorrendo no tempo adquire unidade, tendo em as exigências instintivas do id e as demandas morais do vista um estado final determinado. O processo marcha para superego, concertando, assim, um pacto, em que o ego um objetivo e termina quando este é atingido. Nesse senti-nos promete a mais completa sinceridade para nos infor-do, poderíamos dizer que o método catártico consistia em mar, e nós lhe oferecemos, em troca, nosso saber para in-um processo que, a partir da hipnose, conduzia à recupe-terpretar os aspectos inconscientes de seu material, junto razão das recordações (a consciência ampliada) e termina-com a mais estrita reserva. “Nesse pacto consiste a situava na ab-reação.

ção analítica” (Freud, 1940a, AE, v. 23, p. 174).

A terceira acepção de “processo” que Klimovsky disA partir da situação analítica assim concebida, de-tingue tem a ver com um encadeamento causal. Ou seja, senvolve-se a tarefa analítica através do tempo, configu-os estados posteriores são de algum modo determinados rando-se o processo psicanalítico, ao qual dirigiremos ago-pelos anteriores, seja de forma contínua ou discreta. Quan-ra nossa atenção.

do tentamos compreender o processo analítico em termos de progressão e regressão, quando o dividimos em etapas que dependem de determinadas configurações que, ao serem resolvidas, conduzem a outras novas e previstas, O CONCEITO DE PROCESSO

estamos, de fato, dando explicações desse tipo. Um bom exemplo disso é a teoria das posições de Klein em sua for-Antes de nos ocuparmos especificamente do proces-mulação genética,¹ que pressupõe uma evolução processo psicanalítico, vamos considerar o conceito de processo, seguindo o artigo que Gregorio Klimovsky (1982) escreveu sobre esse tema.

1 A teoria das posições deve ser entendida a partir de três perspec-Talvez a acepção mais ampla e geral de processo, diz tivas: como uma constelação psicopatológica, como fases do de-Klimovsky, é a que o define em função do tempo, isto é, senvolvimento (explicação

genética) e como uma estrutura, que para cada valor da variável tempo fixa-se um certo estado Bion (1963) expressa com sua equação de dois membros: $P \leftrightarrow D, S$

no sistema em estudo. O que ocorre no sistema em estudo a qual, para Meltzer (1978), configura um princípio econômico.

(que, para nós, é o tratamento psicanalítico) dá-se em fun-

(Cf. The Kleinian development, v.11, cap. 1).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 301

sual da posição esquizoparanóide para a posição de-pontâneo, que há em todos nós uma tendência natural a pressiva.

repetir no presente as velhas pautas de nosso remoto pas-Há, ainda, uma quarta forma de usar a palavra pro-sado infantil, que não é absolutamente necessário pressio-cesso, que é como uma “sucessão de eventos com suas co-nar ou induzir o analisando para que isso ocorra, que nos-nexões causais mais as ações que o terapeuta vai impri-so método, enfim, opera sempre per via di levar e não di mindo em certos momentos para que a seqüência seja essa porre. Passa-se por alto, certamente, que todo processo no e não outra” (p. 8). É compreensível que, se pensarmos qual intervém a mão do homem é artificial. Como define o que cada estado depende do anterior, então procuraremos Diccionario de la lengua, “artifício” significa ao mesmo tem-fazer algo para obter uma mudança na seqüência. Esse po o que é produto da arte e do engenho humano e, em modelo parece ser o que mais se adapta ao processo psica-sentido figurado, o que é falso. Nessa discussão, portanto, nalítico e que nos oferece uma convincente explicação do não nos devemos deixar levar pela conotação emocional que fazemos. Frente à determinada configuração do mados vocábulos.

terial e da relação analítica, podemos prever o que aconte-No entanto, aqueles que defendem a outra alternati-cerá depois (aumentará a angústia e/ou a resistência, por va e afirmam que o processo analítico é um produto artifi-exemplo) e procuraremos intervir com a interpretação para cial de nossa técnica começam por dizer que a relação que que isso não ocorra.

o setting analítico impõe aos dois participantes do trata-Como diz Klimovsky, o processo terapêutico, para mento é demasiadamente rígida e convencional, carece ser como tal, deve provocar mudanças – porque, se não de toda espontaneidade e é reconhecidamente assimétrica.

fosse assim, não seria um processo no sentido da segunda-que diálogo pode ser esse em que um dos participantes da e da terceira aceções – e essas mudanças são as que deita-se, e o outro está sentado, em que um fala, sem que tentamos propiciar com a interpretação. Para operar desse se permita a ele amparar-se em nenhuma das normas da modo no processo psicanalítico, temos de saber, em primeira-conversa habitual, e o outro permanece impenetrável, meu lugar, que situações são possíveis frente à determi-interpretando por toda resposta? Não, afirma-se, o pro-nada configuração no curso da hora analítica; decidir cesso analítico transcorre por caminhos tão pouco freqüen-depois qual nos parece a preferível (o que pressupõe um tados que tem um selo ineludível de artifício. Se não fosse problema axiológico complexo) e, por fim, que curso de assim, se o processo analítico cursasse naturalmente, en-ação teremos de seguir para obtê-la. Por curso de ação, tão o passado teria de se repetir sem mudanças e não ha-entende-se aqui que interpretação parece-nos ser a mais veria verdadeiramente processo.

adequada, ou o que poderíamos fazer em sua substitui-Tal como acabo de expô-las, as duas posições apóiam-se ção se a questionássemos.

em argumentos válidos, mas têm também seus pontos fra-Com base nesse convincente esquema de Klimovsky, cos. Para sair desses posicionamentos extremos, que não agora passaremos em revista as principais teorias que tensão os melhores para discutir, digamos, antes disso, que tam explicar o processo psicanalítico, mas antes me dete-certos autores sustentam que o processo analítico é natu-rei um pouco em um problema talvez um tanto acadê-

ral, porquanto busca pôr em marcha o crescimento mental mico, a natureza do processo analítico, porque estou con-detido pela enfermidade. Há no ser humano uma potencia-vencido de que nossa práxis dependerá sempre, mais cedo lidade inerente a crescer, a se desenvolver – já dizia Bibring ou mais tarde, de como o entendemos.

(1937) –, e toda nossa tarefa, bem humilde, por certo, consiste apenas em levantar os obstáculos para que esse rio heraclitiano que é a vida (ou a mente) continue seu DA NATUREZA DO PROCESSO PSICANALÍTICO

caminho. Não dispomos de nenhuma bomba impulsora ou outro aparelho mais moderno que impulse a água para Quando indagamos qual é a natureza do processo diante; tampouco precisamos disso.

psicanalítico, isto é, qual é sua essência ou sua raiz, chega-Os que não se resignam com essa tarefa tão pouco mas a um ponto em que aparecem duas concepções opostas: estimulante sustentam, ao contrário, que o processo analítico-

tas e, ao que parece, inconciliáveis. Para uma delas, o processo é, por definição, criativo, original, irrepetível. O processo psicanalítico surge espontânea e naturalmente da participação ativa e continuamente, cada interpretação situa uma situação analítica em que analisando e analisista estão situados: impulsiona o processo, leva-o por novos caminhos e “faz ados; para a outra, porém, o processo é um artifício, para caminhar ao andar”. O que o analisista disser ou não disser, não diz um artefato, das rigorosas condições em que se o que o analisista seleciona para interpretar, a forma como desenvolve a análise e às quais o paciente tem de se adaptar e interpretar... tudo dá ao processo analítico o seu selo; disso tar (ou se “submeter”).

decorre que não haja duas análises iguais, nem que ne-Characterizadas assim, ambas as posições apresentam-nhum analisando seja o mesmo para dois analisistas.

se como extremas e intemperantes, sem que haja, ao que Os argumentos poderiam multiplicar-se e, como em parece, nenhum ponto de complemento ou convergência.

todos os temas de controvérsia, cada facção encontraria Quando se sustenta que o processo psicanalítico é como se amparar “no que Freud disse”. A transferência, natural e nega-se a ele todo tipo de artifício, está-se pensando: dizia Freud em “Recordar, repetir e reelaborar”, cria uma situação que a transferência é um processo basicamente es-zona intermediária entre a doença e a vida, em que a

302 R. HORACIO ETCHEGOYEN

transição de uma até a outra torna-se possível. Como afirma de resistência. O processo analítico consiste, para Weinshel, ma Loewald (1968), Freud pensa que essa nova enfermidade em resolver os recalques através do trabalho comum dá, a neurose de transferência não é um artefato, mas de analisando e analisista, no contexto de uma relação de que deriva, antes, da natureza libidinal do ser humano objeto que envolve processos de identificação e transfe-

(Papers on psychoanalysis, p. 310). Assim, pois, a neuro-rência. Já veremos que, nesse contexto, as idéias de re-se de transferência é uma terra de ninguém entre o anti-gressão e aliança terapêutica não

encontram um lugar teo-fício e a realidade.

ricamente válido. Todo o raciocínio apóia-se em um inte-Em geral, todos os analistas admitem que a análise é resante e pouco lido trabalho de Bernfeld, “The fact of um processo de crescimento e também uma experiência observation in psychoanalysis”, publicado em 1941. Vere-criativa. Tudo depende de, então, a qual desses dois asmos isso no próximo item.

pectos preferimos dar o primeiro lugar. Pessoalmente, in-Os analistas kleinianos nunca se ocuparam muito da clino-me pela primeira alternativa e penso que a essência teoria da regressão no setting, apesar de o corpo de dou-do processo consiste em levantar os obstáculos para que o trina dessa escola apresentar-se como basicamente incom-analisando tome seu próprio caminho. A criação do ana-patível com tal explicação.

lista consiste, para mim, em ser capaz de dar a seu anali-A proposta da escola kleiniana para dar conta da di-sando os instrumentos necessários para que ele se oriente nâmica do processo analítico deve ser buscada, em meu sozinho e volte a ser ele mesmo. O analista é criativo mais entender, na angústia de separação. É evidente que uma pelo que revela do que pelo que cria. Esse ponto está rigo-autora que, como Klein, postula sem concessões a relação rosamente estabelecido no recém-citado trabalho de de objeto desde o começo deve apoiar-se, para entender o Loewald, que centra a discussão no novo significado que processo, mais cedo ou mais tarde, em uma dialética do adquire a enfermidade na neurose de transferência. Dar contato e da separação.

um novo significado à neurose de transferência, diz O livro de Meltzer (1967) sobre o processo analítico Loewald, não significa inventar um novo significado, nem é inspirado, justamente, como veremos no devido momen-tampouco meramente revelar ao analisando um significa-to, no ritmo de contato e separação, que se explica convin-do arcaico, mas sim criar um significado pela interação centemente a partir da teoria da identificação projetiva.

entre analista e paciente, interação que tem tensões dinâ-

Entre os autores pós-kleinianos, penso que quem micas novas e engendra motivações novas, autóctones e mais se ocupou do tema foi Winnicott, cujas idéias tran-mais saudáveis (p. 311). Parece-me útil essa proposição sitam por um caminho distinto e original. Para esse au-com três variantes, mas continuo pensando, como disse tor, o setting analítico facilita e permite um processo de em Helsinque

(Etchegoyen, 1981b), que o psicanalista, regressão que é indispensável para desandar um cami-mais que criá-los, resgata os significados perdidos.

nho equivocado, para cicatrizar as feridas do desenvolvimento emocional primitivo.

Em seu trabalho apresentado no Congresso de Lon-RESENHA DAS PRINCIPAIS TEORIAS

dres, André Green (1975) estuda o desenvolvimento do processo analítico e assinala a presença de uma dupla an-De acordo com as precisões de Klimovsky, expostas siedade para explicá-lo, sobretudo nos quadros borderlines, no segundo item, poderíamos definir agora o processo psia saber: a angústia de separação e a angústia de intrusão, canalítico como um devir temporal de acontecimentos que de cuja dialética surge a psychose blanche.

se encadeiam e tendem a um estado final com a interven-

ção do analista. Digamos, para sermos mais precisos, que esses acontecimentos relacionam-se entre si por fenôme-AS OBSERVAÇÕES DE WEINSHEL

nos de regressão e progressão, que o estado ao qual tendem é a cura (seja esta o que for) e que a intervenção do Em um trabalho rigoroso,2 Edward M. Weinshel pro-analista consiste basicamente (ou exclusivamente) no ato põe um modelo interessante do processo analítico a partir de interpretar.

da análise da resistência, que é, sem dúvida, uma constan-Há várias teorias que procuram explicar o desenvol-te do pensamento freudiano, apoiado em idéias de vimento do processo analítico e, entre elas, a que a meu Bernfeld, que tanta influência teve, nos últimos anos de ver goza de maior predicamento é a teoria da regressão sua vida, nos grupos psicanalíticos do oeste dos Estados terapêutica. Ocupei-me detidamente desse tema em um Unidos.3

trabalho anterior, “Regressão e enquadre” (1979a), que será o próximo capítulo deste livro.

Embora a maioria dos psicólogos do ego abrace decididamente a teoria da regressão no setting, há também 2 Weinshel apresentou seu trabalho em 12 de abril de 1983 em nessa corrente de pensamento, os que não a aceitam, como seu país e, poucos dias depois, na Associação Psicanalítica de Arlow, Brenner, Calef e Weinshel, entre os principais.

Weinshel, Buenos Aires, onde compareceu a convite do presidente Polito.

como outros psicanalistas de San Francisco, entende o pro-O texto definitivo foi publicado em *The Psychoanalytic Quarterly*.

cesso analítico a partir da idéia (bem freudiana por certo) 3Bernfeld (1892-1953) chegou a San Francisco em 1937.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 303

Weinshel toma como ponto de partida o que Freud vezes e, nessa dialética entre segredo e confissão, influen-diz em “Sobre o início do tratamento” (1913c): o analista ciada pela interpretação do analista, consiste para Bernfeld pôe em marcha um processo, a solução dos recalcamientos o processo analítico.

existentes, e é capaz de supervisioná-lo, promovê-lo e aliviá-

Esse enfoque de Bernfeld coincide e amplia suas idéias lo de obstáculos, não menos que de interferir nele. Uma sobre a interpretação de seu trabalho de 1932, que já tive-vez iniciado, esse processo segue seu próprio caminho e mos oportunidade de discutir. Nesse trabalho, Bernfeld de-não admite que se imponha a ele uma determinada dire-finia a psicanálise como uma ciência das marcas. Não é ção ou seqüência. E, comparando-o ao processo da gesta-nem a interpretação final nem a interpretação funcional o ção, Freud diz que o processo psicanalítico é determinado método fundamental da psicanálise, mas a reconstrução por acontecimentos complexos do passado e termina com ou interpretação genética, que deve ir em busca das oria separação entre o filho e a mãe (AE, v. 12, p. 132).

gens através das marcas que ainda persistem.⁴ O processo Weinshel tomará como ponto de partida a clara poque se há de reconstruir deixou determinadas marcas, e o sição de Freud quanto ao fato de que o processo analítico psicanalista lança-se em sua busca. Daí que Bernfeld com-consiste em levantar os recalcamientos existentes, o que pare a tarefa do analista à do detetive, que tenta recupe-equivale a dizer que nosso trabalho consiste em resolver rar as marcas do criminoso. Por isso, Ekstein (1966) diz a resistência do analisando. Desse modo, o processo psi-em seu interessante estudo da interpretação: “O detetive, canalítico é algo que se dá entre duas pessoas, analisam-assim como o arqueólogo, trabalha a partir do presente do e analista, que trabalham conjuntamente e no qual rumo ao passado e tenta reconstruir os fatos”.⁵

haverá relações de objeto, identificações e transferências Vale a pena salientar que, para Bernfeld, a verifica-

(1984, p. 67).

ção em psicanálise não tem a ver com que a confissão seja A posição de Freud nunca mudou, destaca Weinshel, real ou correta, isto é, com seu conteúdo, mas com que o quanto a que a base do processo analítico consiste em su-paciente diga o que esteve ocultando. Sem descartar a pos-perar as resistências, e esse processo é o que leva ao insight, sibilidade de uma confissão falsa, Bernfeld considera que através da interpretação. Dessa forma, Weinshel articula o o analista está em uma posição vantajosa para verificar se processo com as resistências e estas com a interpretação e a confissão foi correta, por pouco que pondere adequada-o insight. Nesse marco teórico, compartilhado, sem dúvi-mente os fatos de observação que se oferecem a ele, se-da, pela maioria dos analistas, a transferência é, para nos-gundo o modelo resistência-associação livre. O que real-so autor, o principal veículo para observar e manejar as mente importa é que o paciente tenha confessado seu se-resistências. O trabalho analítico varia em relação inversa gredo. Por isso é que Weinshel pensa que o processo analí-

com a resistência e, por isso, a colaboração do paciente tico tem de ser definido mais pelo trabalho (de superar as flutua continuamente. É com base nisso que Weinshel ques-resistências) do que por seus objetivos.

tiona o conceito de aliança terapêutica (ou de trabalho), Como tive oportunidade de dizer a Weinshel, em que não é algo que se consegue de uma vez por todas. A Buenos Aires, concordo com sua concepção do processo aliança de trabalho apresenta-se como uma estrutura reanalítico como um trabalho que o analisando e o analista lativamente transitória, mais do que constante, e por essa realizam juntos para vencer as resistências, mas não com razão converte-se em um conceito potencialmente confu-o esquema metodológico de Bernfeld.

so e pouco útil, sobretudo se for vista como uma entidade Além de me parecer que a distância entre a conver-psicológica discreta (p. 75).

sação ordinária e o diálogo psicanalítico é demasiadamen-No pouco freqüentado trabalho que Siegfried Bernfeld te longa para que possamos colocá-las em uma mesma clas-publicou no Journal of Psychology, de 1941, antes citado, se, penso também que o modelo segredo-confissão não é o Weinshel encontra os pensamentos que melhor permitem que melhor se adapta à técnica psicanalítica. Creio que a compreender a natureza do processo analítico.

palavra segredo é aplicável ao consciente (ou, em suma, Bernfeld pensa que, se quisermos descobrir em sua ao pré-consciente), mas não ao inconsciente sistêmico, que raiz o método científico da psicanálise, devemos partir é a área estrita de nosso trabalho.

do modelo da conversação ordinária, já que o método cien-Por outra parte, deixando de lado o esquema de tífico em geral não é mais do que as técnicas ordinárias, Bernfeld e indo à própria concepção de Weinshel, a ênfase tornadas mais refinadas e verificáveis (p. 75). A psicaná-

nas resistências nem sempre parece fazer justiça à com-lise é, para Bernfeld, uma conversação especial, em que plexidade do processo analítico, no qual a resistência e o o paciente tem de associar livremente. Em dado momen-recalcado configuram um inextricável par dialético e não to dessa sofisticada conversação, surgirá um obstáculo, devem ser separados taxativamente.

que é o que conceituamos como resistência, e Bernfeld Deve-se levar em consideração, por último, que as chama de ocultar um segredo (the state of hiding a secret), próprias idéias de segredo, confissão e resistência vão ad-que pode ceder e seguir-se de uma confissão (confession), quirindo significados especiais durante o curso do proces-facilitada por uma intervenção (interference, intervention) do outro, que em nossa prática é a interpretação do analista. Depois da confissão de seu segredo, o analisando 4 Ver “O conceito de ‘interpretação’ na psicanálise”, seção 3.

pode continuar sua conversação. Isto se repete muitas 5 “A natureza do processo interpretativo”, (Ekstein, 1966, p. 180).

304 R. HORACIO ETCHEGOYEN

so, e já não poderemos, então, operar com elas limpida-um papel central como codeterminante do processo mente. Teremos de analisar as fantasias que estão recobrin-terapêutico, papel que desempenha de modo diádico-es-do-as, abandonando, por conseguinte, pelo menos nesse pecífico, isto é, em dependência de sua própria personali-momento, a dialética de Bernfeld e seus discípulos.

dade e da do paciente. Essa visão do papel do terapeuta é Vale a pena recordar aqui o que disse Giovacchini incompatível com uma concepção naturalista do processo (1972a) sobre as resistências. Analisar as resistências não psicanalítico” (p. 393).

é o mesmo que vencê-las ou superá-las, já que essa atitude Os modelos

que pressupõem um curso natural do tra-pode criar uma atmosfera restritiva e moralista que não é tamento o concebem, em geral, como uma réplica do de-boua para o processo analítico e menos ainda nos pacientes senvolvimento infantil precoce. Thomä e Kächele não ques-mais graves.

tionam absolutamente que o desenvolvimento psíquico do As idéias de Weinshel, enfim, parecem ser mais apli-homem cumpra-se por meio de determinadas etapas: sim-cáveis para o caso neurótico do que para os mais graves.

biose, conflitos pré-edípicos e edípicos, por exemplo, de modo que, em linhas gerais, podem fornecer um guia frutífero para avaliar a marcha do processo, mas sempre que O MODELO DE PROCESSO DE ULM

não se deixe de considerar que o processo terapêutico é diferente da experiência infantil originária em pontos es-O processo psicanalítico depende de muitos fatores senciais: “As experiências precoces não podem voltar a ser e, dentre eles, cabe destacar precisamente o conceito de vividas autenticamente” (p. 391; grifos no original), já que processo que o analista venha a sustentar. Para Helmut o processo terapêutico trata sempre de uma variedade de Thomä e Horst Kächele (1985), os rigorosos investigado-experiências sobredeterminadas. Ao princípio de continui-res de Ulm, esse é um fator decisivo, porque na definição dade genética de Joan Rivière (1936) e Susan Isaacs de processo já está implícito o modelo com o qual se está (1943), que recolhe uma inegável tradição freudiana, deve-operando. Por sua alta complexidade e suas infinitas vari-se contrapor o também bastante freudiano conceito de áveis, o processo analítico presta-se para que qualquer après coup (Nachträglichkeit), segundo o qual o evento an-modelo possa justificar-se, e isso traz consigo um duplo terior só adquire sua significação posteriormente. Como perigo: teórico, porque vem a confirmar a teoria pressu-assinalam Baranger e colaboradores (1982), esse princí-

posta (que de fato se converte em irrefutável), e prático, pio destaca a diferença entre a psicanálise e a psicologia porque priva o analisando de sua livre espontaneidade.

evolutiva.

Os modelos são necessários, entretanto, para pôr or-Thomä e Kächele sustentam que, nos modelos que se dem na multidão dos dados clínicos e ninguém deixa de baseiam na idéia de que o processo psicanalítico segue um utilizá-los, de modo que a questão “não reside

em que o tipo natural de crescimento, o desenvolvimento do paciente analista deduz a pautas de ação de seu modelo de processo-ocupa o centro do interesse. Se considerarmos que o trase, mas em que as maneje como prescrições estritas” (Teo-tamento psicanalítico é diádico, ou seja, um processo de riação e prática da psicanálise, v. 1, p. 388). Em outras palavras, negociação interacional, então a contribuição do terapeuta, a observação não será estereotipada, mas heurística, passa a ser muito importante.

isto é, aberta sempre para o que está acontecendo e pode. Com base nessas considerações gerais, Thomä e Kächele acontecem. O modelo deve servir para descrever, e não para Kächele expõem o modelo de processo de Ulm, que pro-prescrever.

põe conjugar a atenção livremente flutuante do analista. Assim como há dois modelos de ciência, da natureza com uma estratégia focal, que se dirige aos pontos em que (Naturwissenschaften) e do espírito (Geisteswissenschaften), se deve centrar a atenção. O foco tem de ser entendido há também dois tipos de modelo de processo psicanalítico: como um processo heurístico, cuja utilidade deve ser de-co: científico-natural e científico-social. Os analistas do Demonstrada pelo progresso do tratamento, e nada mais dis-partamento de Psicoterapia da Universidade de Ulm de-tante do espírito dos autores que uma focalização rígida.

fendem uma concepção diádica, bipessoal e científico-so-Embora o foco tenha existência independente da intervidual do processo psicanalítico e sustentam que os modelos são do analista, já que o paciente configurou-o de fato em empregados nas ciências naturais não convêm à nossa dis-sua própria sintomatologia, também é inegável que de-ci-plina, já que o analista, como observador participante, pende da atenção do analista. “Consideramos o foco con-influi decididamente no campo de observação. Apesar de figurado interacionalmente como plataforma giratória cen-Thomä e Kächele reconhecerem que esse critério episte-tral do processo e, por esse motivo, concebemos a terapia mológico é cada vez mais questionado, não têm dúvida de psicanalítica como uma terapia focal continuada, de dura-que existe uma diferença qualitativa entre o físico que são indefinida e de foco variável” (p. 402; grifos no origi-observa partículas e ondas e o psicanalista que aspira a nal). Desse modo, prosseguem os autores, entende-se por dar conta do processo terapêutico em que está incluído.

foco “um ponto nodal temático produzido na interação do Os autores de Ulm combatem a idéia de que o trata-trabalho terapêutico, que

resulta da proposição do paciente mento psicanalítico corresponde a um modelo natural que e da capacidade de compreensão do analista” (p. 406). Ao surge de regularidades imanentes, sempre que o analista terminar sua exposição, Thomä e Kächele dizem de forma não o perturbe. “Em contraposição, atribuímos ao analista clara e bastante enérgica: “À ficção do processo psicanalí-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 305

tico purista, queremos opor a concepção do processo como idêntico ao da antiga, mas disso não se segue necessaria-uma terapia focal continuada, sem limite de duração, e mente que na situação analítica o analista intervenha com com foco qualitativamente variável” (p. 408). É evidente seus próprios conflitos pessoais. Como eles mesmos dizem, que os autores descartam por completo que o analista possa a interação do trabalho terapêutico consiste em que o ana-recobrar a objetividade a partir da análise de sua contra-lisando proponha, e o analista responda com sua capacida-transferência e, desse modo, participar da marcha do pro-de (técnica) de compreender, isto é, de interpretar. Dessa cesso, sem por isso ficar irremediavelmente envolvido.

forma, o compromisso contratransferencial do analista, por As advertências metodológicas dos homens de Ulm maior que seja, pode ser resolvido claramente, restabele-são pertinentes, e também creio que as experiências pre-cendo-se a ineludível assimetria do vínculo analítico, que coces não se reproduzirão textualmente. Se fosse assim, o nos permite operar per via di levar e devolver ao anali-desenlace da experiência atual deveria ser forçosamente sando o que, na realidade, pertence a ele.

306 R. HORACIO ETCHEGOYEN

40

Regressão e Enquadre*

O propósito deste capítulo é estudar como se relacio-da regressão no processo analítico na obra de Freud para nam o enquadre e a regressão no processo psicanalítico.

demonstrar que não aparece explicitamente desenvolvido.

Esse é, em meu entender, um problema de grande densi-Digamos desde já que, no pensamento freudiano, os dade teórica, ao qual nem todos os investigadores dão igual conceitos de fixação e regressão são

a chave explicativa da importância. Quando ele é contemplado a partir da prática-psicopatologia, mas nunca foram transportados para a vida de todos os dias, parece simples e sem complicações: é uma função analítica. Freud aplica o conceito de regressão ex-ínherente ao processo analítico que haja momentos de reclusivamente à enfermidade, e não à terapia. Recordemos, regressão, e o analista defronta-se com eles continuamente.

por exemplo, quando expressa vivamente em “Sobre a vida. Desse modo, aceitamos sem objeção que o processo tem a dinâmica da transferência” (1912b), que é um requisito invariável com a regressão e o consideramos um fato empírico dispensável para o surgimento de uma neurose que a libi-que não propõe uma maior reflexão teórica. Entretanto, do tome um curso regressivo, enquanto o tratamento analógico que se começa a discutir o nexos causal entre regressivo a seguir, a rastreia e procura torná-la consciente para o ser e enquadre, encontramos no centro das grandes li-colocá-la a serviço da realidade.¹

das do pensamento psicanalítico contemporâneo.

Os que mais meditaram sobre esse tema foram, sem dúvida, os psicólogos do ego. Não se poderia nunca criticá-

A REGRESSÃO TERAPÊUTICA

los por não terem fixado sua posição. Apoiados lucidamente em suas próprias idéias, e com uma grande coerên-

É bem sabido que muitos psicólogos do ego afirmam a ligação entre a teoria e a prática, definem o problema e o categoricamente que o processo analítico é de natureza essencialmente fundamental. Outras escolas, porém, não parecem regressivas, que essa regressão é produzida como resposta com ter-lhe dedicado uma atenção suficiente.

ao setting e é a condição necessária para que se constitua A regressão no processo psicanalítico foi o tema oficial de uma neurose de transferência analisável. Com matizes decisivos do VII Congresso Latino-Americano de Psicanálise, ferrentes, essa opinião é encontrada em vários cultores da reunião em Bogotá em 1969. Foram relatores argentinos de psicologia do ego do Novo e do Velho Mundo, assim como Avenburg, Madeleine Baranger, Giuliana Smolensky e em muitos outros investigadores que não pertencem a essa linha, Rolla e Zac. Apesar de os próprios autores re-escola.

conhecerem – de saída as diferenças teóricas que os separam – Para entender a teoria da regressão terapêutica da regressão, concordam em que

há uma regressão “que contribui psicologia do ego, temos de levar em conta principalmente para o processo, que o constitui em parte e é parte intrínseca de dois fatores: primeiro (e principal, a meu ver), o conceito de regressão e a importância dele”. Diferenciam dois tipos de regressão: a regressão secundária de Hartmann (1939); a regressão patológica, característica da enfermidade, a função do enquadramento.

Se relemos com atenção “The autonomy of the ego”, um caráter eminentemente defensivo, e a regressão útil, de David Rapaport (1951), veremos claramente exposto o conceito de regressão do ego que favorece a tarefa de princípio da autonomia secundária, sobretudo na seção IV.

terapêutica.

Os aparelhos de controle que surgem do conflito podem Pouco depois do relato de Bogotá, e inspirado nele, tornar-se independentes de sua fonte de origem, e logo Ricardo Avenburg (1969) estudou minuciosamente o tema sabemos disso porque, em nossa tarefa terapêutica, encontramos defesas que não conseguimos derrubar, ainda que a análise prolongue-se por muito tempo. À parte essa

* N. do A. Reproduzo, com ligeiras modificações, o trabalho que li no Ateneu da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, em 9

de outubro de 1979, e que apareceu no volume 1 de Psicoanálisis 1 “A libido (em todo ou em parte) internou-se pelo caminho da daquele mesmo ano. Algumas citações do original são feitas da regressão e reanima as imagens infantis. Pois bem, até aí continua a vez com mais detalhe e, ressaltando uma omissão da versão o tratamento analítico, que quer tomá-la, torná-la novamente anterior, acrescento uma seção comentando sobre Arlow e acessível à consciência e, por último, colocá-la a serviço da realidade-Brenner (1964), cujas idéias principais compartilho.

idade objetiva” (AE, v.12, p. 100).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 307

consideração prática, Rapaport insiste em que toda atitude desenvolve o tratamento psicanalítico promove o fenômeno de contrafóbica e toda formação reativa trazem consigo a regressão. Essa nova teoria, que obviamente busca tanto um valor de motivação (motivating value) que, seu apoio na clínica, relaciona-se com a anterior e é seu embora tenha surgido do conflito, não se perde em um corolário. Se a neurose de transferência depende da re-análise com sucesso. Em

suma, o que se produziu como gressão, de que maneira se poderia tratar um paciente se resultado do conflito, mais cedo ou mais tarde, pode tornão fosse graças a algum artifício que produzisse um dese-nar-se independente dele, pode tornar-se relativamente quilíbrio em sua autonomia secundária? Digo isso porque autônomo.

penso que essa necessidade da teoria pesa na apreciação Na seção V do mesmo trabalho, Rapaport diferencia, dos fatos clínicos em que se apóiam esses autores.

dentro de uma mesma formação psíquica, o aspecto autô-

O tratamento psicanalítico, enquanto tarefa que o nomo desse valor de motivação do aspecto defensivo. A analista propõe ao paciente, exige, pois, um pesado esfor-conclusão de Rapaport é que, como a autonomia secundá-

ço, que se resolve mediante um mecanismo de defesa es-ria é sempre relativa, o analista deve respeitá-la cuidado-pecífico, a regressão. A atmosfera analítica põe em tensão samente para não provocar um processo regressivo, que toda a estrutura psicológica do analisando, e disso resulta pode até levar à psicose. Portanto, é ineludível que o ana-um processo regressivo. (Já nos ensinou Freud no Capítu-lista trate a defesa envolvida no conflito sem atacar a au-lo XXII de suas Conferências de introdução à psicanálise tonomia do valor de motivação. Assim, por exemplo, uma

[1916-1917], por exemplo, que o conflito atual surge de interpretação direta do sentido agressivo da independênuma privação que põe em marcha um processo regressi-cia reativa desencadeou em um caso borderline um qua-vo.) Esse processo de regressão, afirma-se, é diferente dos dro de excitação catatônica (1951, p. 366).

que o indivíduo pode sofrer em sua vida de relação, e essa Rapaport conclui “que a autonomia, e em particular diferença reside no setting em que tem lugar.

a autonomia secundária, é sempre relativa e que a investida Os psicólogos do ego pensam que o enquadre foi pro-da motivação pulsional pode reverter a autonomia, sobre-jetado por Freud justamente para provocar a regressão do tudo se não fica sob o controle da ajuda terapêutica ou se paciente e para que ela possa ser regulada pelo analista.

é favorecida por uma atividade terapêutica excessiva, pro-Deixando de lado diferenças pessoais que às vezes vocando um estado psicótico

regressivo no qual o pacien-chegam a ser importantes, todos eles pensam que o en-te fica à mercê de seus impulsos instintivos em uma exten-quadre implica privação sensorial, frustração afetiva, limi-são demasiado grande” (ibid.).

tação do mundo objetal e ambiente infantil.

Como procurei mostrar ao falar de aliança terapêuti-Voltemos a citar a doutora Zetzel em seu relato ao II ca (Capítulo 18) e também nas lições sobre interpretação Congresso e na mesma página: “O silêncio do analista, (especialmente o Capítulo 25), as interpretações que como já se sabe, é um fator importante nessa regressão”. E

Rapaport tanto teme não são na realidade interpretações, acrescenta que a atividade do analista, em troca, “tende a mas sim manobras desqualificadoras do analista por igno-minimizar a regressão, devido a seu impacto sensorial”, rância ou por conflitos muito fortes de contratransferência.

porque é possível que “uma intervenção ativa desde o co-Outras vezes, trata-se de uma reação terapêutica negativa meço, qualquer que seja seu conteúdo, seja principalmen-do analisando, que busca deixar o analista em falta.

te significativa como experiência sensorial que limita a re-Elizabeth R. Zetzel (1956a) coloca-se na mesma li-gressão na situação analítica”.

nha de Rapaport quando diz, em seu clássico trabalho A privação sensorial não se refere apenas ao auditi-

“Current concepts of transference”, que a neurose de trans-vo, mas também ao visual, daí que “o silêncio do analista, ferência desenvolve-se depois que as defesas do ego tive-do mesmo modo que sua temporária invisibilidade, conti-rem sido suficientemente debilitadas para que se mobili-nuem sendo para muitos analistas um traço indispensável zem os conflitos instintivos ocultos até então (p. 371). Na do processo analítico” (p. 73).

mesma página, a autora diz que a hipótese dos psicólogos Aqui, novamente vamos encontrar em Rapaport al-do ego é que, no curso do desenvolvimento, a energia ins-guns fundamentos teóricos para essas afirmações. Em “The tintiva ao alcance do ego maduro foi neutralizada e divor-theory of ego autonomy: a generalization” (1957), apoia-ciada de forma relativa ou absoluta do significado das fan-do em fatos experimentais, afirma que a privação sensori-tasias inconscientes, e assim se apresenta o analisando no al (em peças

perfeitamente escuras e à prova de ruído, começo da análise.

assinalemos) desencadeia nos sujeitos fantasias autísticas Em “O processo analítico”, apresentado no II Cone profundos fenômenos regressivos (seção III, p. 727).

gresso Pan-Americano de Psicanálise, reunido em Buenos Aires Além disso, esses autores entendem que a atmosfera de Buenos Aires em 1966, diz a mesma autora: “Segundo nosso ponto de vista, a neurose transferencial depende da regressão à análise, a reserva do analista, a assimetria da relação, etc., e da concomitante modificação das defesas automáticas são fatores que condicionam o processo regressivo, pois inconscientes que abre áreas que eram anteriormente inexploradas ou anulam a relação de objeto.

cessíveis”. (Psicoanálisis en las Américas, 1968, p. 73).

Por fim, muitos, se não todos os autores que estamos O segundo fator a ser levado em consideração, para considerar, pensam, como Ida Macalpine (1950) e se entender a teoria da regressão terapêutica da psicologia-Menninger (1958), que a regressão deve-se a que o eu, o ego, é a afirmação de que o eu no qual se enquadra (valha o neologismo) infantiliza o paciente.

308 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Ida Macalpine sustenta que (quase) todos os elementos excepcionais por sua perspicácia (Ecrits, p. 603), só diferem dos que enquadram conduzem inevitavelmente à regressão.

em que não é a falta de relação de objeto, mas a demanda. Digo quase porque essa autora pergunta-se por que a análise cria a regressão (p. 617). O analista cala-se e, com atmosfera permissiva da análise não impede a regressão. É

isso, frustra o falante, já que o que este lhe pede é, justamente um ponto que, efetivamente, sua teoria não pode explicar. mente, que lhe responda. Sabemos que, com efeito, Lacan e o que no qual insistirá Winnicott (1958), para desenvolver sua escola caracterizam-se por um rigoroso silêncio na situação original enfoque da regressão como um processo curativo, a análise, que a meu ver opera como um artefato. Se que o enquadramento torna possível, oferecendo ao analisando não o entendo mal, é isso mesmo que Lacan afirma quando condições altamente favoráveis para retomar e resolver os problemas que com a oferta (de falar) criou a demanda (ibid.) fracassos de seu desenvolvimento.

Com raciocínios similares aos de Lacan, isto é, as ex-Voltando a Macalpine, quero sublinhar que a regressão que se desperta no analisando pelo silêncio são em que ela pensa é fundamentalmente uma regressão do analisando, Menninger (1958) explica a regressão no temporal, cronológica, porquanto considera que o enqua-processo psicanalítico.

dre infantiliza o paciente. Vale a pena refletir sobre os quin-Semelhante à de Lacan e Menninger é a atitude de ze itens que a autora oferece para apoiar sua tese: a limi-Reik, segundo o qual o silêncio é um fator decisivo para tação do mundo objetal (coincidindo com os outros auto-que se institua a situação analítica, despertando no anali-res citados), a constância do ambiente, o caráter fixo das sando a obsessão de confessar.² O que Reik acrescenta, rotinas analíticas que lembram as estritas rotinas da in-sem dizê-lo, é a função de artefato cumprida pelo analista fância (embora pudessem lembrar também as não menos que ficou mudo.

estritas rotinas da vida adulta), o fato de que o analista Junto com a doutora Zetzel, foram relatores do Pan-não responda, as interpretações de nível infantil que esti-Americano de Buenos Aires cinco autores argentinos, mulam condutas do mesmo tipo, a diminuição da respon-Grinberg, Marie Langer, Liberman e o casal Rodrigué sabilidade pessoal na sessão analítica, o elemento mágico (1966a). Com um enfoque diferente do da grande analis-de toda relação médico-paciente, que é em si mesmo um ta de Boston, esses autores entendem o processo analítico fator fortemente infantil, a associação livre, que solta a na dialética de progresso e regressão (uma idéia que ins-fantasia do controle consciente, a autoridade do analista pira minhas próprias reflexões) e apóiam-se no conceito como pai, a atemporalidade do inconsciente, etc. É neces-de regressão a serviço do ego de Kris (1936, 1938, 1950, sário apenas destacar que alguns desses itens devem-se ao 1956a), mas sustentam, finalmente, que o enquadre infan-analisando e não ao enquadre, de modo que militam, na tiliza o paciente (p. 100), sem dar o passo que vou tentar realidade, contra a tese da autora. Refiro-me ao elemento dentro de instantes.³

mágico da relação médico-paciente, à autoridade paterna Quero antes mencionar o acordo de David Liberman do analista, à atemporalidade do inconsciente.

(1976a) com Ida Macalpine quanto à importância da at-Seduzido e frustrado, o paciente de Macalpine divor-mosfera analítica na produção da regressão transferencial.

cia-se mais e mais do princípio da realidade e deixa-se ar-Liberman declara-se muito próximo de Macalpine em sua rasta pelo princípio do prazer.

maneira de conceber o desenvolvimento da transferência, A posição de Ida Macalpine é extrema e, em meu embora não deixe de sublinhar que essa autora assinala entender, muito contestável; porém, autores mais mode-que o paciente traz para a análise sua disposição a transferados opinam basicamente da mesma forma. Joseph rir (Capítulo V, p. 97-98). O que mais interessa ao enfoque Sandler, destacado discípulo de Anna Freud, no documen-interacional de Liberman não é, por certo, dar conta da tado livro escrito em colaboração com Dare e Holder natureza da regressão transferencial, mas demonstrar que (1973), da à palavra regressão o sentido específico de suros comportamentos do paciente durante a sessão “depen-gimento de experiências passadas, amiúde infantis, que derão dos comportamentos que o analista tiver para com aparecem como uma característica do processo analítico ele” (p. 114). Isto poderia ser explicado, entretanto, pela (p. 25 da edição inglesa; p. 20 da edição castelhana).

relação transferência-contratransferência nos parâmetros Outro líder científico da psicologia do ego, Hans W.

de progressão e regressão, sem o apoio de Macalpine, e da Loewald, parte de princípios diferentes, em seu famoso regressão no setting.

trabalho de 1960, mas vê-se conduzido às mesmas conclu-Por último, gostaria de destacar que em “O processo sões. Loewald afirma que o processo analítico propõe que didático em psicanálise”, trabalho lido no Pré-Congresso o ego reassuma seu desenvolvimento (no qual a doença Didático do México (1978), a doutora Katz assinala luci-interferiu) em relação ao analista como novo objeto. Conclui em seguida, no entanto, que isso é conseguido pela promoção e pela utilização de uma regressão controlada.

2 Ver, por exemplo, “In the beginning is silence” e “A significação Essa regressão é um aspecto importante para se poder en-psicológica do silêncio”.

tender a neurose de transferência (p. 17).

3 Esses autores dizem, além disso, que há outro aspecto da situa-Apesar de seus conhecidos desacordos com a psico-

ção analítica que também induz à regressão, que é o holding, que

reproduz a boa relação do analisando-bebê com o analista que o logia hartmanniana, também Lacan (1958a) aceita plena-sustenta e ampara. E acrescentam: “A regressão útil no progresso mente a teoria da regressão terapêutica. Basicamente de do processo analítico provém, acreditamos, desse segundo aspec-acordo com o estudo de Macalpine, ao qual qualifica de to da situação analítica” (p. 100).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 309

damente que a disposição a transferir própria de qualquer isso já é um produto de sua fantasia. Nos casos extremos, pessoa é observada em todo processo docente, enquanto o como a técnica de Reik, de Lacan ou de Menninger, opera estudante de psicanálise – que obviamente não escapa a um artefato, como disse antes: esses autores calam para essa regra – “tem a vantagem de tentar descobrir as raízes forçar a regressão. Se o analista fica mudo para que o pa-de suas condutas e ansiedades para ir modificando-as e ciente regrida, então o analisando faz muito bem em regredir, para ir obtendo a possibilidade de facilitar sua aprendiza-isto é, em buscar outro meio de comunicação, ao ver que a gem”. Concordo plenamente com esse ponto de vista.

palavra não lhe serve. Só que, então, já não poderemos falar de regressão transferencial, mas, ao contrário, de uma conduta real que responde às propostas do não-interlocutor.⁴

DISCUSSÃO

O analista é o morto, Lacan não se cansa de dizer, comparando o processo analítico com o bridge.

Para começar a discussão da teoria que acabo de ex-No outro caso, quando o analista fala e interpreta a por, eu me dirigirei resolutamente ao ponto decisivo e di-neurose transferencial, está claro que não há mais priva-rei que a regressão no processo psicanalítico tem a ver ção do mundo objetal que a surgida dos desejos edípicos e com a doença, e não com o enquadre. O paciente vem com pré-genitais. Se quiséssemos falar em termos da dissocia-sua regressão, sua enfermidade é a regressão.

ção do ego e da aliança terapêutica de Sterba (1934), O enquadre não a fomenta, a regressão já está dada; Fenichel (1941), Bibring (1954), Zetzel (1956a), Stone o que o enquadre faz é detectá-la e contê-la. Por isso, pen-

(1961), Greenson (1965a) e outros, diríamos que o ego so que o conceito de holding de Winnicott (1958, passim), vivencial sofre a

privação de seu objeto edípico, ao passo ou continente dos autores kleinianos, é válido para explicar o ego observador goza de uma plena relação objetal com a dinâmica do processo analítico.

com o analista que trabalha.

Quero ser preciso: o tratamento psicanalítico não pro-Que dizer da frustração afetiva e do ambiente infan-move a regressão além do coeficiente entre equilíbrio e dese-til (ou infantilizante)? Às vezes, os analistas esquecem que equilíbrio emocional da pessoa que o enfrenta, como poderiam a frustração é algo que só se pode definir em um contexto fazê-lo, no caso, outras experiências vitais significativas e determinadas e é, ao mesmo tempo, uma opinião do sujeito (casamento ou divórcio, exame, nomeação para um to. Os critérios em que nos apoiamos para dizer que o encargo importante, nascimento ou morte na família).

quadre frustra situam-se sempre no contexto infantil, sub-Examinemos mais detidamente os fatores do enqua-metem-se inteiramente ao princípio do prazer do paciente que condicionariam a regressão, começando pela primeira, esquecidos do princípio de realidade; ou, vice-versa, vão sensorial. Toda tarefa que requer esforço e concentram definem a frustração objetivamente, de fora. O que o entrançamento mental procura evitar os estímulos que a perturba-quadre frustra são determinadas fantasias infantis, isto é, bem. São as condições que nos proporcionamos quando regressivas, e de modo algum o desejo real e básico pelo que queremos ler, escutar música ou manter uma conversação qual uma pessoa empreende o tratamento, o de se analisaria. Se nesses casos se produz uma regressão, não a atrai. Lembro-me da associação de uma jovem analisando, buiremos à atmosfera de recolhimento, mas à psicopatologia no começo de minha prática, depois de se encontrar casuística do sujeito. Para compreendê-lo assim, basta pensar no alente com minha mulher. Ficou muito enciumada, de adolescente que se masturba no silêncio de seu quarto de clarou sem cerimônia que ela é que queria ser minha mu-estudos, ou no crente que tem pensamentos profanos no leito e deitar-se comigo, e de imediato falou: “Imagino que sereno ambiente de sua igreja.

você não analisará a sua mulher”. A “frustração” daquela Por outro lado, a privação sensorial é muito difícil de moça, pois, surgia de seus desejos edípicos, não da realidade-quantificar, e devemos perguntar se, ao fazê-lo, não se indaga da situação analítica. (Do mesmo modo, qualquer corre em uma petição de princípios. Lembro-me de um esposa de analista poderia “sentir-se frustrada” por não momento grato que nos foi proporcionado pelo sadio usuário a analisanda de seu

marido.)

morismo de um colega norte-americano, no Congresso Pan-Também se insiste muito em que o divã analítico, o Americano de Nova York, de 1969, quando a doutora Zetzel diálogo assimétrico e a reserva do analista não podem se-e eu relatamos a primeira sessão de análise. Levei um caso não fomentar a regressão. Volta-se a confundir, também (Revista de Psicoanálisis, 1971) que havia iniciado recen-aqui, a realidade objetiva com as fantasias e os desejos temente ao chegar a Buenos Aires; ela, o material de um infantis do paciente. A confusão da realidade objetiva com supervisionado. Discutíamos sobre a privação sensorial e a realidade psíquica, com a vida de fantasia é, talvez, o as interpretações na primeira sessão, quando aquele cole-ponto mais débil de toda a argumentação de Macalpine.

ga assinalou que as intervenções da analista de Boston Se digo a uma pessoa que deve reclinar-se em um divã eram três vezes mais numerosas que as minhas!

para realizar determinada tarefa (analisá-la, auscultá-la Junto com a privação sensorial vai a privação do mun-ou palpá-la, aplicar-lhe uma massagem, etc.), que pense do objetal, que compreende dois casos: quando o analista em uma cena de violação, é coisa dela.

está em silêncio ou quando fala. O analista está sempre presente na sessão, já que, embora esteja calado, está escutando. O analisando pode considerar esse silêncio como priva-4 Racker disse isso com justeza ao criticar o mutismo de Reik não ção, se decidir que a atenção do analista não lhe basta, mas apenas como artefato, mas também como acting out (1960, p. 45).

310 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Vale a pena assinalar que os fatos empíricos confir-Quando descreve a histórica não-analisável no Simpósio mam continuamente essas considerações gerais.

de Copenhague, Zetzel (1968) a caracteriza, entre outras Desejo recordar duas histórias de minha prática. Em coisas, porque apresenta fenômenos de transferência re-uma, tinha 30 anos; a outra é recente. Entre meus primei-gressiva já durante as entrevistas e antes de ocupar o divã.

ros pacientes, tive uma mulher um pouco mais velha que Em outras palavras, a regressão depende do grau da doen-eu, do mesmo nome que uma de minhas filhas pequenas(!), ça, não do setting.

com uma florida histeria daquelas de Charcot. Em cerca Recentemente, Pablo Grinfeld (comunicação pessoal) de três meses de tratamento face a face, duas vezes por comentava-me uma experiência semelhante, embora nes-semana, melhorou notoriamente, e eu estava muito satis-se caso se veja que é justamente a conduta do analista em feito. Interpretava-lhe o sentido de seus sintomas, de pre-seu setting o que contém a regressão. Após melhorar apre-ferência em termos da rivalidade com as irmãs (creio lem-ciavelmente com vários anos de análise, uma analisanda brar), com algumas cautelosas referências a seu complexo dizia-lhe: “Eu lhe agradeço tudo o que faz por mim, sua de Édipo com os pais. A transferência não era vista em técnica e a forma como você me trata; porém, agradeço-parte alguma. Nesse tempo, comprei meu divã. Na sessão lhe mais que me tenha feito deitar no divã, poupando-me seguinte, disse a ela que seria melhor para seu tratamento assim a tortura dos desejos eróticos que me assediaram que se deitasse e falasse como sempre. Deitou-se, ficou em meus dois tratamentos frente a frente”. Essa sincera um breve tempo em silêncio e começou uma crise de gran-paciente, pelo visto, também atribuía suas fantasias eróti-de mal-histérico pela fase dos movimentos passionais: sus-cas ao enquadre de estar sentada, sem pensar que, nesse pirava, fazia gestos eróticos e levantava a saia; subitamen-tratamento, não se repetiu o insolúvel amor de transfe-te, levantou-se como uma flecha e lançou-se em meus brarência dos anteriores, porque o analista o interpretou sis-

ços, querendo beijar-me. Saí como pude daquele mau pe-tematicamente e sem demora desde o começo, até des-daço, consegui que se sentasse em meu imaculado divã e, mascarar os aspectos homossexuais do complexo de Édipo mais composto, perguntei-lhe o que havia acontecido. Dis-que a transferência erótica genital encobria.

se-me que acreditou que eu a convidava para ter relações Afirma-se, reiteradamente, que a associação livre con-sexuais. Já fazia muito tempo que se apaixonara por mim, vida à regressão. Isto depende de como se introduz e somas não se animava a me confessar. Ao estarem os dois bretudo de como se pensa a regra fundamental.

frente a frente, ao olhar esses olhos que eu tenho (sic), No Capítulo II de O ego e os mecanismos de defesa, como não se apaixonaria! Aqui, portanto, foi a posição Anna Freud (1936) diz que, enquanto na hipnose do mé-

frente a frente que desencadeou o amor de transferência.

todo catártico o ego ficava excluído, na associação livre da Com mais

de 30 anos de atraso, poderia agora interpretar-psicanálise exige-se dele que se elimine por si mesmo, sus-lhe que, se eu a tinha deixado apaixonada olhando-a fren-pendendo toda crítica às idéias que lhe ocorrerem, descul-te a frente, por que não pensou que eram realmente certas dando a conexão lógica entre as mesmas. À primeira vista, as minhas palavras, quando lhe disse que se deitasse no parece que esse convite à associação livre fomenta a re-divã para que seu tratamento se desenvolvesse em melho-gressão. Entretanto, como prossegue Anna Freud, “a con-res condições? Mas não, para ela, sentada ou deitada era cessão só é válida para transformar os conteúdos em re-o mesmo; não era o enquadre, e sim o complexo de Édipo apresentações verbais, mas não para atuar através do apa-que alimentava seu desejo.

relho motor, intenção que move tais conteúdos ao emergir Há alguns anos, pediu-me com urgência uma hora à consciência” (p. 28 da tradução castelhana de 1949).⁶

de supervisão um residente que havia começado sua aná-

Esquece-se, com frequência, que a associação livre, como lise didática, mas ainda não era candidato. Tinha um ho-verbalização, implica o exercício do processo secundário.

mossexual em tratamento frente a frente cinco vezes por Por outro lado, tampouco é totalmente exato que, com a semana (!). Era psicoterapia, esclareceu-me, e até seu pró-

associação livre, pede-se ao ego que se auto-elimine: pede-prio analista havia-lhe sugerido que não usasse o divã. Seu se a ele, antes, ao modo da redução eidética de Hüsserl, paciente havia-lhe pedido, no entanto, para continuar o que preste atenção a tudo o que for emergente na cons-tratamento deitado, porque a posição frente a frente desciência e que faça o esforço responsável e voluntário de pertava-lhe fantasias homossexuais que já se tornavam in-comunicá-lo. A regra fundamental não é apenas um con-suportáveis para ele. O jovem colega conformou-se e ago-vite a pôr em liberdade o processo primário, mas também ra vinha muito preocupado, porque seu analista havia-lhe uma exigência, da perspectiva da aliança terapêutica. Ali interpretado essa decisão como um acting out, como um onde o obsessivo duvidará sobre o que deve comunicar e desejo de ser analista antes do tempo. A única coisa que como deve fazê-lo, o depressivo se sentirá frente a um pro-conseguiria, acrescentou o didata, era que o paciente fi-blema de consciência, por pouco que lhe ocorram coisas zesse uma regressão homossexual que lhe seria impossível agressivas, e o psicopata entenderá que lhe demos o cami-

manejar. Assim, pois, vemos como nós analistas às vezes escutamos mais as nossas teorias do que nossos pacientes.⁵

6 “The warrant is valid only for their translation into word representations: it does not entitle them to take control of the motor

apparatus, which is their real purpose in emerging” (Writings, A história era, na realidade, mais convincente, mas só assim v.3, p. 13).

posso torná-la pública.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 311

nho livre para nos insultar. Não apenas o id, mas também pênica consiste em reabrir esse sistema fechado, ao como ego e o superego estão envolvidos na associação livre.

passo da diminuição gradual das defesas inconscientes e Todo analista sabe que o paciente aproxima-se do ideal automáticas do ego. Haveria de demonstrar, primeiro, que inatingível da associação livre quando está próximo do fim esse sistema existe e depois que a chave que o abre é a do tratamento, e não quando o começa. Em outras palavras, regressão. Por que não pensar que é a interpretação a vras, somente o ego sadio pode cumprir – e a duras penas –

melhor chave para penetrar esse tipo de defesa?

a regra fundamental.

Nesse ponto, nossa autora vê-se levada a distinguir a Seguindo de perto as idéias de Kris, Hartmann (1952) regressão que envolve o ego defensivo, e os conteúdos ins-diz que só o ego adulto pode descartar em dado momento tintivos correspondentes, e a regressão que mina as capa-alguma de suas altas funções; e é justamente por não po-cidades básicas do ego (p. 41).

der usar esse mecanismo (entre outras razões) que a crian-Tudo me faz pensar que a doutora Zetzel está refe-

ça não pode associar livremente (Essays, p. 178).

rindo-se aqui às duas partes do ego do trabalho de Nada melhor, talvez, para terminar essa breve dis-Rapaport, já que seu raciocínio apóia-se diretamente no cussão dos fatores do setting invocados para explicar a reconceito de autonomia secundária. Ao longo de seus Essays gressão do que citar um dos mais destacados defensores on ego

psychology (1964), Hartmann sustenta que as áreas dessa teoria, Ralph R. Greenson (1967). Macalpine e o eu-do ego que alcançam a autonomia secundária são mais dois autores, diz Greenson, assinalaram de que maneira estáveis que as defesas do ego, embora não duvide que, certos elementos do enquadre e do procedimento analítico em determinadas circunstâncias, podem dissolver-se, pouco promovem a regressão e a neurose de transferência.

dem regredir, perdendo sua qualidade principal, a de ope-

“Alguns desses mesmos elementos ajudam também na formação com energia ligada, neutralizada. Esse dano regressivo machuca a aliança de trabalho” (p. 208). Assim, por exemplo, a autonomia secundária, frente a situações de tensão, pelo, a frequência das sessões e a duração do tratamento deve ser cuidadosamente separado da regressão instintivo-analítico não apenas estimulam a regressão, mas também vai, correlato indispensável da análise da transferência indicam o alto estatuto de seus objetivos e a importância (Zetzel, 1965, p. 46).

de uma comunicação íntima e detalhada. O divã e o silêncio Uma vez que se chegou a diferenciar a autonomia e o oferecimento oportunidade para a reflexão e para a introspecção secundária da regressão instintiva para explicar (ou justificação, tanto quanto para a produção de fantasias.

ficar) a regressão terapêutica, não é de se estranhar que se Se os mesmos elementos fomentam a neurose de qualifique esta última de regressão a serviço do ego, se-transferência e a aliança terapêutica, não seria mais lógico seguindo Kris (1936, 1950, 1956a).

deixar de invocá-los?

Todavia, o conceito de regressão a serviço do ego nada Dissemos que a base teórica em que se apóia a teoria tem a ver, a meu critério, com a teoria da regressão terada regressão terapêutica é o conceito de autonomia se-pêutica. É, antes de tudo, uma regressão formal que vai do secundária de Hartmann, e a ele nos referiremos a seguir processo secundário ao primário e volta deste para aquele para vermos que fundamentos presta à teoria que estamos lendo, e não a regressão temporal que nos leva do divã psíquico-considerando.

analítico aos primeiros anos da vida. A regressão a serviço Vimos que Rapaport (1951) sustenta que a autonomia do ego pressupõe que os processos mentais pré-conscientes secundária é sempre relativa e adverte que pode ser (que são o alvo da penetrante investigação de Kris) revertida, um ponto sempre sublinhado pelo próprio revitalizam-

se continuamente, voltando por um momento Hartmann. Ele divide o ego em dois setores e recomenda à fonte, isto é, ao processo primário. É uma regressão for-que o analista analise a defesa envolvida no conflito sem mal e tópica, mas não tem, por definição, temporalidade.

atacar a autonomia do valor de motivação, se não quiser A regressão no setting, contudo, foi definida implicitamente promover um processo regressivo.

como temporal e explicitamente como defensiva.

A preocupação teórica principal desse trabalho é, pois, A doutora Zetzel conclui que é necessário diferenciar assinalar duas partes do ego que se oferecem à tarefa clí-

o ego defensivo que deve regredir do ego autônomo que nica e à interpretação, a qual, quando se extravia, pode deve manter sua capacidade para uma relação consistente provocar uma regressão indesejável. Desse modo, ficam com os objetos.⁷ Desse modo, deve-se postular a existên-formuladas duas perguntas: que parte do ego deve em-cia de um conflito intra-sistêmico entre o ego da autono-preender o caminho regressivo na neurose de transferên-mia secundária e o ego defensivo.

cia e com que tipo de regressão.

Ao chegar a esse ponto, porém, pode-se apreciar que São interrogações às quais Elizabeth R. Zetzel res-toda a teoria perde consistência, pois tem de renunciar ao ponde em seu trabalho de 1965, no qual procura refor-conceito de autonomia secundária e recorrer à hipótese mular o significado da regressão na situação analítica em termos das distintas unidades funcionais do ego, do conflito intra-sistêmico, como sugeriu Hartmann em seu “Tech-7 “Such a dual approach implies a developmental differentiation nical implications of Ego Psychology”, em 1951, e postula between the defensive ego which must regress and the auto-um sistema fechado onde se escondem as fantasias, os denomous ego which must retain the capacity for consistent object sejos e as recordações cuja emergência determina uma si-relations” (ibid., p. 50). A estrutura dessa oração expressa a base tuação interna de perigo (1965, p. 40). A regressão tera-preceptiva da teoria.

312 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ad hoc do sistema fechado. Porque esse ego defensivo que Entretanto, a maior parte dos defensores da regres-

“deve” regredir (e pergunto-me o que se há de fazer com são terapêutica não parecem considerar esse problema.

a técnica analítica para que se cumpra essa ordem) não Dão por certo que, à medida que se vai resolvendo a neu-necessita fazê-lo, em absoluto, porque já está em regres-rose de transferência, o paciente aproxima-se da cura e do são: opera com energia livre (e não ligada), utiliza o pro-final da análise. Mas, então, deve-se concluir que a regres-cesso primário, vincula-se a objetos infantis edípicos ou são era devida à doença (que é o que diminuiu) e não ao pré-edípicos, maneja-se com mecanismos de defesa ar-enquadre, que permanece constante.

caicos, etc.8

Às vezes, deixamo-nos levar por uma espécie de ilusão de óptica e dizemos que tal conflito (a dependência da mãe, o temor de castração frente ao pai, a rivalidade com COMENTÁRIO

os irmãos) adquiriu inusitada intensidade pela regressão transferencial. Se observarmos bem, veremos que o con-Assim como os processos vitais estudados em biolo-flito já existia, só que não era reconhecido e estava disse-gia, psicologia e sociologia, a análise sempre se desenvol-minado em múltiplas relações da vida real. A rivalidade ve com avanços e retrocessos que se alternam e contra-fraterna, por exemplo, se dará com os verdadeiros irmãos, põem. Esse curso lhe é próprio, não é criado pelo enqua-com os filhos, com os amigos, com os companheiros de dre. Em termos gerais, podemos considerar que este ope-trabalho, etc. Se essa rivalidade não estivesse ativa, sua ra como conflito atual, enquanto a disposição do paciente análise estaria demais. É a coleta (gathering) da transfe-dará conta dos fenômenos regressivos que vão aparecen-rência, como diz com precisão Meltzer (1967, Cap. 1), o do, conforme a série complementar. No entanto, a ativida-que aumenta, a modo de somatório, a intensidade do fe-de interpretativa do analista, se é acertada, leva em geral nômeno transferencial. Para dizê-lo com outras palavras, o processo para diante em termos de crescimento, inte-

à medida que diminui o acting out, graças a nosso traba-gração ou cura (a não ser que o paciente responda de for-lho interpretativo, cresce a transferência.

ma paradoxal, como na reação terapêutica negativa). Isto Em franca oposição aos que acreditam que o enqua-

é o específico da análise, porque o conflito atual com o *id* tem por finalidade promover a regressão, penso, como enquadre não é mais significativo do que qualquer outro muitos outros autores, que o enquadre detecta e denuncia a vida real. Não faço aqui outra coisa senão aplicar o *id*, ao mesmo tempo que contém a regressão, e sustento, conceito freudiano da primazia do conflito infantil na existência além disso, que assim o foi esboçando Freud na segunda aplicação das neuroses.

década do século XX ao escrever seus definitivos ensaios A diferença radical entre a experiência da análise e sobre técnica. Foi a descoberta da transferência, por exemplo outras da vida cotidiana reside em que a conduta patológica

do, o que fez Freud compreender que deve ser reservado ao paciente recebe um tratamento diferente. O *id* e por isso nos sugere (1912e) que sejamos impenetráveis ao paciente, o analista não. Essa afirmação enfática não para o paciente. Se são feitas confissões recíprocas, diz pressupõe uma concepção especial do processo; creio que Freud, abandonamos o terreno psicanalítico e provocamos ela é aceitável para os que o situam no paciente, no campo do paciente uma curiosidade insaciável. Ao dar-se conta disso, na interação, etc. Podemos diferir – e muito – no grau da curiosidade do paciente (que surge da investigação sobre o tipo de participação do analista; porém, todos consideram infantil), Freud introduz a regra e não é que se modificaram que a relação é assimétrica, um ponto que Liberman reservou para despertar regressivamente a curiosidade assinalou ao longo de toda a sua obra e, em especial, no de o analisando.

primeiro capítulo de Linguística, interação comunicativa e Concordo com Zac quando afirma que “o enquadre do processo psicanalítico (1970). Nenhum analista pôde em foi pensado de tal forma para que o paciente possa realidar a necessidade de ser reservado e de não participar uma aliança terapêutica com o analista (uma vez que por com opiniões, conselhos, admonições e referências aquele tenha internalizado o enquadre)” (1971, p. 600).

para os

Quando, na 76ª sessão da análise de Richard, em Talvez a maior dificuldade da teoria da regressão de 1941, Melanie Klein chega com uma encomenda para sua terapêutica não seja tanto transformar um processo espontâneo

do *id* e o paciente a descobre, ela se dá conta de que o *id* em

artefato, mas poder explicar como começa uma aná-

teu um erro técnico, porque lhe desperta ciúmes, inveja e lise, porém jamais de que modo termina. Ida Macalpine e sentimentos de perseguição, como diz na nota da página Menninger colocam-se esse problema e reconhecem a di-387 (Melanie Klein, 1961). Não é, pois, que o analista não ficuldade. Conseqüente com seus rigorosos pontos de vis-fale de sua família para despertar ciúmes; os ciúmes exista, Macalpine vê-se levada a concluir que muitas das contem e não convém reativá-los artificialmente, falando de quistas da análise ocorrem depois do término. Menninger, filhos ou netos ou, no caso, com encomendas reveladoras.

por sua vez, com elogiável honestidade, diz que este é um Uma “privação sensorial”, nesse ponto, teria poupado ponto que não pôde integrar em sua teoria.

Richard de um inoportuno ataque de ciúmes.

Até onde lhe é possível, o enquadre, longe de fomentar, evita os fenômenos regressivos. Disso decorre que a 8

palavra contenção seja muito adequada por seu duplo sig-Também nos ocupamos desse tema no Capítulo 18, “A aliança nificado.

terapêutica: de Wiesbaden a Genebra”.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 313

Não é somente na experiência de Freud e seus gran-interessantes. Algumas delas estudaremos ao falarmos de des seguidores que o setting vai tornando-se mais rigoro-situação e processo, outras correspondem ao tema que ago-so, a partir do duro ensinamento que a clínica fornece, ra nos ocupa. Esses autores pensam simplesmente que a mas também no desenvolvimento individual de cada ana-situação analítica foi projetada com a intenção de alcan-lista. Dolorosamente, vamos aprendendo a respeitar nos-

çar os objetivos da terapia analítica, isto é, ajudar o pa-so enquadre ao ver que, quando o passamos por alto, te-ciente a obter uma solução de seus conflitos intrapsíquicos mos de enfrentar intensas reações regressivas em nossos através da compreensão, que lhe permitirá manejá-los de pacientes.

forma mais madura. De acordo com esses postulados, es-Como conclusão, o enquadre não foi projetado para tabelece-se uma série de

condições na situação analítica, promover a regressão, mas, ao contrário, para descobri-la graças às quais o funcionamento da mente do analisando, e contê-la. Não é que a neurose de transferência seja uma seus pensamentos e as imagens que surgem em sua cons-resposta ao enquadre, mas o enquadre é a resposta mais ciência são determinadas endogenamente, até o limite em válida e racional de nossa técnica frente aos fenômenos de que seja humanamente possível (1964, p. 32).

transferência.

Esses autores põem em dúvida que a regressão que se observa no tratamento derive do setting (p. 36-37) e lembram que o analisando não é inteiramente passivo, AS IDÉIAS DE ARLOW E BRENNER

imaturo e dependente, como se diz com freqüência, para terminar insistindo em que a situação analítica organiza-se Em seu relato apresentado no Primeiro Congresso de acordo com a teoria psicanalítica do funcionamento Pan-Americano, esses distintos investigadores desenvolve a mente, respondendo aos objetivos da psicanálise como veram o tema “A situação analítica”, expondo idéias muito terapia.

314 R. HORACIO ETCHEGOYEN

41

A Regressão como Processo Curativo

No capítulo anterior, discutimos amplamente um ceitos mais atuais sobre a estrutura do aparelho psíquico tema apaixonante e difícil, a teoria da regressão terapêuti-permitem pensar, sem muita violência, que podem ocorrer (ou transferencial), segundo a qual o setting analítico rer fenômenos regressivos de natureza parcial, que a re-promove um processo regressivo que instaura a neurose gressão não tem de operar necessariamente em bloco. Pode de transferência e torna possível o tratamento psicanalíti-ocorrer, então, um processo regressivo no nível cronológico. Dissemos também que essa teoria não é a única que co que não arraste o formal e pode ser também que uma procura explicar o processo analítico, nem tampouco a regressão formal leve-nos do processo secundário ao pro-

única que propõe uma relação entre o setting (holding) e a cesso primário, sem que nos desloquemos no tempo, como regressão. Para muitos autores, o setting (holding) permi-de fato acontece no chiste. Quando fazemos um chiste ou te (mais do que promove) uma

regressão, que é um pro-quando rimos do chiste que nos contam, utilizamos as for-cesso curativo (e não patológico). Dentre esses autores, o mas expressivas do processo primário, mas nem por isso que mais se destaca é Donald W. Winnicott, de cujas idéias nos situamos em nosso passado. Até me atreveria a afir-nos ocuparemos especialmente.

mar que o chiste obtém seu efeito justamente porque se mantém essa dissociação entre uma regressão formal e o adulto que a percebe e compreende (Freud, 1905c).

SOBRE O CONCEITO DE REGRESSÃO

Portanto, o conceito de regressão tem de ser utilizado de maneira mais rigorosa, deve ser mais restritivo, por-Para entendermos a complexa discussão que se segue às vezes pode configurar-se uma regressão tópica que gue, convém questionar o próprio conceito de regressão, não seja simultaneamente formal ou cronológica; podem-tal como Freud o introduziu na seção B do Capítulo VII de se dar muitas combinações, embora, na prática, o mais A interpretação dos sonhos (1900a), em que distingue três freqüente seja que os três tipos de regressão andem jun-tipos de regressão: a) regressão topográfica, que tem a ver tos. Exemplo excelente dessas dissociações possíveis é a com um percurso de frente para trás na área dos sistemas técnica de Saura em Minha prima Angélica, em que a re-

ψ; b) regressão temporal, que reverte o caminho do tempo gressão cronológica ocorre sem a formal e a tópica. O que e leva-nos ao passado, e c) regressão formal, na qual se mais impressiona o psicólogo na técnica original de Saura, volta dos métodos de expressão mais maduros até os mais creio, é que seu artifício corresponde a uma realidade psi-primitivos (AE, v.5, p. 541-542). As mesmas idéias infor-cológica, porque, quando lembro a criança que fui, diga-mam seu “Complemento metapsicológico à doutrina dos mos aos três anos, faço isso a partir da perspectiva atual e sonhos” (1917d).

não me transponho por completo para aquela situação. Se A classificação de Freud continua vigente, mas é in-o fizesse, teria um transtorno da localização da memória dubitável que, desde então, outros autores propuseram con-que se chama de ecmnésia.

ceitos diferentes ou, pelo menos, matizes que deveríamos levar em conta para discutir nosso tema com clareza. Assim, pois, devemos precisar a que regressão nos referimos A REGRESSÃO A SERVIÇO DO EGO

quando afirmamos que o processo psicanalítico é de natureza regressiva ou quando sustentamos o contrário. Aqui, Quando falarmos de insight, estudaremos com algum e em todas partes, se seguirmos um critério frouxo, o con-detálhe as idéias que levam Kris desde “The psychology of ceito será mais aplicável, porém menos rigoroso.

caricature” (1936) e “Ego development and the comic”

Embora seja certo que, ao introduzir sua classifica-

(1938) até seu sólido estudo de 1950 sobre o processo ção no livro dos sonhos, Freud não se mostrava muito par-mental pré-consciente, no qual apóia seu conceito de insight tidário de separar as três classes de regressão, porque no (1956a). Nesse momento, só queremos assinalar que Kris fundo as três são uma só, penso que, à medida que a in-contrapõe o conceito de regressão patológica ao de regres-vestigação foi esmiuçando as formas, também foi sepa-são útil, à qual chama de regressão a serviço do ego. A rando-as. Freud dizia que o mais velho no tempo é o mais regressão patológica é algo que sobrevém ao ego, o ego primitivo na forma e o que está topograficamente mais fica dominado por ela e tudo o que pode fazer é tentar próximo do pólo perceptual (ibid., p. 542); porém, os con-controlá-la com seus mecanismos de defesa. A regressão a

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 315

serviço do ego, contudo, é simplesmente um processo ativém ao ego nas duras condições do setting analítico, não é vo, o ego serve-se dela ativamente, promove-a, dirige-a e uma regressão útil, no sentido de Kris, embora possa ser utiliza-a. Parece-me evidente – e essa evidência é deixada utilizável para o analista.

de lado pela maioria dos autores – que a regressão de que Entre as tentativas de aplicar as idéias de Kris aos fala Kris é sempre formal, às vezes tópica, e nunca crono-fenômenos regressivos próprios do processo analítico, deslógica: sem variar sua orientação temporal, o ego dirige-taca-se o trabalho apresentado por Grinberg, Marie Langer, se ao id e põe em marcha o processo primário para resta-Liberman e o casal Rodrigué no Congresso Pan-Americano belecer sua força e sua capacidade criativa. Essa regressão de Buenos Aires de 1966 (1968). Para esses autores, o pro-formal é acompanhada, na maioria das vezes, de uma recesso analítico é visto à luz de fenômenos de progressão e gressão tópica, que pode faltar, entretanto, se o recurso ao regressão, o que é exato, embora talvez um pouco amplo, processo primário faz-se à luz da consciência. A regressão já que muitos processos, se não

todos, andam em termos temporal, porém, não pode ocorrer porque contraria por de-de avanços e retrocessos. Nesse marco amplo, os autores finição o que Kris diz. Para que recorrer ao processo primário procuram especificar as características do processo analí-

se não há um ego adulto que o ponha a seu serviço? Se a tico a partir das idéias de regressão útil e regressão patoló-

regressão fosse também cronológica, já não haveria mais que gica. Precisando esses conceitos, chamam de regressão pa-um ego infantil (regressivo) incompetente para utilizá-la.

tológica a que o paciente traz para o tratamento; a regres-As chaves para compreender o que Kris diz encon-são útil, por sua vez, refere-se a esse movimento tático em tram-se em “On preconscious mental process”, que apare-que se vai para trás para voltar a dar um salto para adian-ceu no Psychoanalytic Quarterly de 1950. Kris procede ali te, como dizia Lênin. Dizem esses autores: “Processo ana-a uma série de reflexões muito interessantes para explicar lítico implica progresso, mas entendemos o progresso como como funciona o ego. Para dizer o substancial, a idéia bá-

um desenvolvimento no qual a regressão útil no divã ser-sica de Kris é que o ego, entre outras capacidades ou habive de alavanca primordial” (1968, p. 94). Esses autores lidades, tem também a de regredir instrumentalmente quan-postulam, também, que há uma progressão em prejuízo do lhe convém. Ou seja, para esse autor, haveria dois tipos do ego.

de regressão. Uma, que lhe sobrevém e está mais exata-As idéias de Winnicott aproximam-se um pouco das mente vinculada com suas atividades defensivas, que o de Kris, pois assumem que o processo de regressão é útil, obriga a retroceder no campo de batalha. Junto a essa remas apóiam-se em outros suportes teóricos e surgem de gressão passiva, à qual o ego vê-se arrastado quando não sua prática com pacientes psicóticos. Winnicott é um ana-pode enfrentar uma determinada situação, há outra na lista freudiano, um homem que conhece muito bem Freud qual o ego mantém todas as suas potencialidades, enquanto e que recebe uma influência importante de Melanie Klein, regride parcial e controladamente com vistas a alguma fi-da qual se separa em dado momento, como vimos ao falar nalidade estratégica. Nem sempre que um exército retro-de transferência precoce. Tem afinidades com Anna Freud, cede é porque o outro está dominando-o; às vezes, há uma à qual segue, por exemplo, no conceito de narcisismo pri-manobra tática de retrocesso para atacar de

outra forma, mário, mas não está especialmente interessado na ou para que o outro bando cometa algum erro. No mesmo metapsicologia hartmanniana. Por outro lado, completan-sentido, haveria uma regressão útil, uma regressão a servi-do o que disse no parágrafo anterior, a regressão estudada ço do ego, quando o ego é capaz de promover em si mesmo por Winnicott é, antes de mais nada, cronológica, tem uma um processo regressivo para se enriquecer com as contri-projeção no tempo, e é basicamente a temporalidade do buições do processo primário. É interessante dar-se conta processo analítico o que lhe permite desenvolver-se e es-de que Kris fala concretamente – e assim o diz especifica-tabelecer-se. Essa diferença é para mim fundamental, até mente em seu artigo – de uma regressão formal, na qual o o ponto em que me atreveria a afirmar que a regressão de ego, que comanda o processo secundário, faz uma regres- Kris tem a ver com a situação analítica e a de Winnicott, são para o processo primário, investe no processo primá-

com o processo analítico.

rio para incorporá-lo à sua estrutura e obter maior amplitude, maior energia. Desse modo, as energias móveis específicas do processo primário podem ser utilizadas pelo BREVE RECAPITULAÇÃO

ego, que as transforma na energia ligada do processo se-DAS IDÉIAS DE WINNICOTT

cundário. Esse ponto parece-me particularmente importante, porque, se vamos aceitar uma regressão a serviço Recordemos neste item, muito brevemente, alguns do ego, teremos de conceituá-la como formal, porquanto trabalhos de Winnicott que já estudamos no Capítulo 16

o ego regride ao processo primário, e eventualmente tópi-sobre a transferência precoce.

ca, se se passa dos sistemas Cc ou Prcc ao sistema Icc, mas Winnicott chegou à psicanálise a partir da pediatria não-cronológica. Acrescentemos que para Kris, é a partir e, durante a Segunda Guerra Mundial, dedicou-se a analida função integrativa do ego que se pode realizar esse sar psicóticos, dos quais obteve uma grande experiência.

processo.

A partir dessa prática, Winnicott distingue três tipos de Muitos autores passam insensivelmente da regressão pacientes em seu valioso trabalho “Primitive emotional terapêutica à regressão a serviço do

ego, com o que incor-development”, publicado em 1945. Essa classificação tri-rem, a meu ver, em erro conceitual. A regressão terapêuti-partida se manterá ao longo de toda a sua obra e irá gra-ca, postulada pelos psicólogos do ego, é algo que sobre-dualmente sendo precisada. Os pacientes do primeiro

316 R. HORACIO ETCHEGOYEN

tipo são os neuróticos clássicos que Freud descreveu, com-se trabalho, expõe-se claramente o papel do ambiente (a prendeu e tratou. São capazes de se relacionar com as mãe) e suas perturbações (impingement), que leva à for-pessoas como objetos totais e apresentam fantasias cons-mação do falso self quando falha a área da ilusão.

cientes e inconscientes que enriquecem e dificultam essa relação e que estão sempre ligadas ao complexo de Édipo.

Os pacientes do segundo tipo estão preocupados com A REGRESSÃO SEGUNDO WINNICOTT

seu mundo interno e sua organização interior; são os que Melanie Klein estudou em seus trabalhos sobre o luto,¹

No item anterior, expus algumas idéias de Winnicott nos quais a depressão e a hipocondria ocupam o lugar mais sem pretender abranger todo o pensamento desse autor, saliente. Embora a estrutura desses pacientes seja diferen-mas somente ver de onde parte seu conceito de regressão.

te da dos outros, a técnica continua sendo a mesma para Dado que a psicose é uma falha da criação que leva o Winnicott, não é necessário mudá-la em nada.

indivíduo a configurar um falso self que protege o self ver-Uma coisa bem diferente são os pacientes do terceiro dadeiro, é lógico afirmar que só terá remédio quando o tipo, nos quais as relações de objeto são pré-edípicas, an-desenvolvimento emocional primitivo que foi malogrado teriores à posição depressiva de Melanie Klein (ou etapa e desviado possa ser reassumido por meio de uma experi-do concern de Winnicott), e a técnica clássica já não se ência singular que permita ao indivíduo voltar atrás e co-adapta. São os pacientes em que falha o desenvolvimento meçar de novo. O setting analítico, expressa Winnicott, ofe-emocional primitivo e que apresentam uma estrutura basi-rece ao indivíduo o holding adequado, a sustentação que camente psicótica.

lhe torna possível essa regressão. A regressão do paciente Enquanto o primeiro tipo de pacientes imagina que o no setting analítico significa um retorno à dependência pre-analista trabalha por amor a ele (o paciente), com o que o coce, na qual o paciente e o setting fundem-se em uma ódio fica desviado, o segundo imagina que o trabalho do experiência de narcisismo primário, a partir da qual o ver-analista surge de sua própria depressão (do analista), como dadeiro self pode, por fim, reassumir seu desenvolvimento.

resultado dos elementos destrutivos de seu próprio amor; Pelo visto, então, o que condiciona a regressão para porém, no terceiro caso, as coisas mudam radicalmente, e Winnicott é, antes, o aspecto positivo do holding analítico. É

o que o paciente necessita é de que o analista seja capaz praticamente o oposto do que discutimos anteriormente. É

de ver seu ódio e seu amor (do analista) dirigidos coincidentemente o que o holding analítico tem de permissivo e temente sobre seu objeto, o analisando.² Para esses pacien-gratificante, o que pode promover um processo regressivo tes, prossegue Winnicott, o final da hora e todas as regu-que marcha para a cura pela via da dependência infantil.

lações e regras da análise expressam o ódio do analista, Não é isso, por certo, o que a idéia de regressão transferen- assim como as boas interpretações, seu amor.

cial tinha em conta. A idéia de regressão transferencial leva Vimos, ao expor as idéias de Winnicott sobre a con-em consideração antes o contrário, e isso é dito taxativamente tratransferência, que esse autor atribui a psicose a uma por Macalpine quando reconhece que, na realidade, a atmos-falha ambiental. Apoiado em Jones (1946) e em Clifford M. Scott (1949), Winnicott afirma em “Mind and its relation fera permissiva e os aspectos gratificantes da situação analíti-to the psyche-soma” (1949) que a mente não é, em princí-

ca não deveriam condicionar uma regressão; o que condiciona pio, uma entidade para o indivíduo que se desenvolve sa-a regressão, diz ela, são os aspectos frustradores do setting tistfatoriamente; é, simplesmente, uma modalidade funcio-que originam uma resposta adaptativa.

nal de sua psique-soma (esquema corporal).

Todas essas idéias alcançam sua formulação mais comEm alguns

indivíduos, no entanto, a mente diferen-pleta em um dos trabalhos mais famosos de Winnicott, cia-se como algo à parte, como uma entidade com uma

“Metapsychological and clinical aspects of regression within falsa localização. Esse desenvolvimento desviado sobre-the psycho-analytical set-up”, lido na British Psycho-Analytical vêm como resultado de uma conduta equivocada por par-Society, em março de 1954, e publicado no ano seguinte.

te da mãe, especialmente uma conduta errática que pro-Nos pacientes do tipo 3, nos quais falhou o desenvol-voca excesso de ansiedade na criança. Desenvolve-se, en-vimento emocional primitivo, em que a mãe não soube tão, uma oposição entre a mente e a psique-soma que pro-conter o filho, o trabalho analítico aplicável aos grupos 1 e voca um falso crescimento, um falso self [ou pseudo self].

2 deve ser deixado de lado, às vezes por muito tempo, e o Essas idéias, originais, sugestivas e audazes, voltam analista limitar-se-á a permitir uma intensa regressão do a ser expostas em “Psychosis and child care” (1952).³ Nes-paciente em busca de seu verdadeiro self e a observar os resultados.

É necessário sublinhar que Winnicott entende a idéia 1 Tenha-se presente que este escrito de Winnicott antecede em de regressão dentro de um mecanismo de defesa do ego alta-um ano o de Klein sobre os mecanismos esquizóides.

mente organizado, que envolve a existência de um falso self.⁴

2 “To progress further along these lines, the patient who is asking for help in regard to his primitive, pre-depressive relationship to objects needs his analyst to be able to see the analyst’s undisplaced and coincident love and hate of him” (Through paediatrics to 4 “It will be seen that I am considering the idea of regression psycho-analysis, p. 147).

whithin a highly organized ego-defence mechanism, one which 3 Embora “Mind and its relation to the psyche-soma” tenha sido involves the existence of a false self” (Through paediatrics to publicado em 1954, foi lido em 1949.

psycho-analysis, p. 281).

Essa concepção de Winnicott depreende-se de suas para que dure todo o tempo que for preciso e até a profundidade sobre o desenvolvimento emocional primitivo, que é necessária. Para conseguir que esse processo seja já expusemos, assim como também do postulado de que o realizado, para não interferir nele, deve-se ter habilidade, indivíduo é capaz de defender seu self contra as falhas diz Winnicott, pois isso é muito difícil.

ambientais, congelando a situação com a esperança de que Nesses casos, a técnica não consiste em interpretar, venha uma situação mais favorável. Disso decorre clara-mas sim em acompanhar compreensivamente e sem inter-mente que, para Winnicott, a regressão é parte de um pro-ferir no inexorável processo de regressão que o paciente cessa curativo, um fenômeno normal que pode ser estudado-empregado. O analista não deve interpretar, nem tampouco do na pessoa sã.5

dar apoio; tem de deixar que o processo regressivo conti-Quando o indivíduo congela a situação que está im-nue, cuidando de seu paciente. Nem sempre é claro em pedindo-o de amadurecer para preservar seu verdadeiro que consiste, nesse ponto, a técnica de Winnicott: bastam self em desenvolvimento, organiza-se o falso self. Esse falso silêncio e a companhia, ou se deve chegar a algum tipo so self aparece como um processo “mental”, já separado de contato corporal?

dessa unidade psicossomática que até esse momento se Tampouco é fácil definir até onde chega o conceito havia mantido. O falso self aparece, então, como uma de-de fracasso ambiental. Winnicott aceita um período de fesa muito especial para preservar o verdadeiro self e só narcisismo primário e, quando em 1969 rompe com pode ser modificado a partir de um processo de regressão.

Melanie Klein no Simpósio sobre “inveja e ciúmes” da Soci-Entretanto, prossegue Winnicott, o indivíduo nunca perde idade Britânica, diz que o desenvolvimento emocional por completo a esperança e sempre está disposto a voltar primitivo só pode ser estudado considerando-se a idade para começar de novo o processo de desenvolvimento do mãe-criança como uma unidade inseparável. Colocadas próprio ponto em que o interrompeu. Esse processo de assim as coisas, e se aceitarmos o conceito de narcisismo regressão é um mecanismo de defesa altamente hierarqui-primário sustentado por Winnicott, então sua proposta zado e extremamente complexo, ao qual o indivíduo está metodológica deve ser aceita como um juízo analítico, e sempre disposto a recorrer, assim que as condições não sintético, em termos de Kant. Porém,

resta esclarecer ambientais dêem a ele uma certa esperança de que agora que papel desempenham nessa díade os dois pólos que a as coisas possam desenvolver-se de outra maneira.

compõem. Porque a afirmação metodológica de que não se pode estudar a criança separada da mãe também implica a oposta, que não se deverá estudar o ambiente, isto é, DA TEORIA E DA TÉCNICA

a mãe, separado da criança. Dado que Winnicott nunca WINNICOTTIANAS

deixa de considerar a bagagem genética do recém-nascido, então é inevitável pensar que a criança influencia seu Quando se deu um grave transtorno do desenvolvi-ambiente (mãe), com o que já estamos apoiando a idéia mento que chegou a perturbar o desenvolvimento emoci-freudiana de séries complementares utilizada por Klein, onal primitivo com a formação de um falso self, a única questionando em sua raiz a doutrina de uma falha am-forma de corrigi-lo é dando ao paciente a oportunidade biental na qual a criança nada tem a ver.

de fazer uma regressão, que não terá o sentido da regres-Várias interrogações colocam-se para a teoria da re-são útil, momentânea e formal a serviço do ego, mas uma gressão curativa de Winnicott, duas delas fundamentais, regressão temporal e com toda a profundidade que for que concernem à técnica e à teoria.

necessária para chegar até o ponto em que se havia conge-Em relação à técnica, como faremos para não inter-lado a situação, para começar de novo.

ferir nesse processo de regressão que o paciente empreen-Assim como aos pacientes do grupo 1 convém a téc-de? É difícil dizê-lo, e Winnicott nunca chega a esclarecer nica clássica, em que o setting serve de suporte ao proces-isso concretamente. O que Winnicott quer dizer quando so interpretativo, e assim como os pacientes do grupo 2

afirma que o paciente não precisa de interpretações, mas têm uma integração suficiente para que se possa aplicar a de determinados cuidados, cuidados concretos? Como já eles a técnica clássica, a de Freud, a situação é completa-disse ao comentar (e criticar) o que Winnicott chama de mente diferente para o terceiro grupo. Winnicott postula sentimentos reais na contratransferência, é evidente, para que, quanto maior a gravidade do transtorno, maior e mais mim, que esse autor supõe que há coisas que estão fora da precoce foi a falha no meio, e que essas lesões, esses danos subjetividade do analisando (ou

da criança).

ocorridos no começo da vida só podem ser curados vol-Em relação à teoria, a questão maior é com referêntando-se a propô-los e começando de novo. Aqui, não há cia ao eterno dilema de natureza e cultura. Em sua teoria mais remédio senão reparar o danificado: trata-se de ofe-do desenvolvimento, Winnicott põe a ênfase em uma ação recer ao analisando as condições para que se instale o sa-direta do meio sobre o desenvolvimento do indivíduo e dio processo de regressão, sempre disposto a se iniciar, e não o torna tão responsável quanto Klein.

Para discutir esse ponto, é necessário recordar as idéias de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo. Winnicott fala de três processos – personalização, 5 “The theory is here being put forward of regression as part of realização e integração – que ocorrem em contato direto healing process, in fact, a normal phenomenon that can properly com a mãe. A alguns pacientes faltou isso, e a técnica do be studied in the healthy person” (ibid.).

318 R. HORACIO ETCHEGOYEN

analista tem de consistir, então, em permitir que o pacien-ras. Após ser aprovada em um exame, sem encontrar uma te obtenha do analista o que lhe falta, uma noção do tem-resposta favorável em seu marido, começou o período de po, por exemplo, que não obteve inicialmente de sua mãe.

regressão, que durou três meses. Esse período iniciou com Por realização, Winnicott entende o processo de adap-fantasias de suicídio como as que teve ao começar o trata-tação à realidade, que se dá na área da ilusão, onde con-mento, com um agudo sentimento de falta de auto-estima vergem o que a criança alucina e o que a mãe oferece com e uma forte dependência do analista, que a ajudava em seu seio. Gradualmente, o processo vai enriquecendo-se, seus assuntos reais cada vez que ela o pedia.

de modo que, a cada nova experiência, a criança dispõe A emergência do período de regressão ocorreu de-do que obteve na anterior e pode agora evocar. Portanto, o pois que a paciente teve outra vez fantasias de suicídio, contato com a realidade externa é frustrante, porque retimas agora ela própria considerou-as um ato de agressão a ra a ilusão, mas é também altamente gratificante, porque seu analista.

enriquece e estimula.

Depois desse período, a analisanda sentiu-se mais autêntica e pôde enfrentar seus sentimentos de culpa frente à sua mãe por tê-la deixado em seu país natal, onde mor-UM EXEMPLO DE MASUD KHAN

reu nas câmaras de gás.

A terceira parte do tratamento durou cerca de seis meses e iniciou com um novo conflito com o marido, que tinha com cerca de 40 anos com uma neurose de caráter e pretendia que ela se encarregasse do filho antes do combi-problemas de identidade, em quem a neurose de transferido. A paciente desenvolveu fortes idéias paranóides em relação assumiu a forma de uma regressão anaclítica na relação ao marido e ao analista, em conluio contra ela. O

setting analítico que gerou com demandas específicas so-analista não esperava essa reação e ficou desarmado, em face a pessoa do analista. Na estrutura desse caso, era muito quanto a analisanda continuava vindo às sessões e falava visível que o transtorno caracterológico tinha a função do muito pouco. Havia uma batalha em marcha, e o analista de cuidar o self e, portanto, distorcia o desenvolvimento lista começou a sentir que ela estava compelindo-o a odiá-

do ego e tornava impossível seu enriquecimento, militando-a, e assim o interpretou. Acrescentou depois que, se ela se do contra as experiências emocionais genuínas e a relação sentia ameaçada pelo analista e pelo marido, conspirando de objeto.

contra ela com a idéia de que se encarregasse do filho, era Aos nove meses de tratamento, Mrs. X começou a se porque ela tinha impulsos assassinos em relação a ele. Ela retrair de seu meio social e também do analista. Rechava-se lembrou, então, de algumas peculiaridades de sua as interpretações transferenciais, mas escutava com toda lactância e da inveja que sentiu de seu irmão mais moço e o interesse as interpretações de seus sonhos e de suas fantasmas sentimentos de ódio assassino contra ele. Isto abriu portas. Desenvolveu-se, então, um estado hipomaníaco em caminho para a análise do sadismo oral, com o que o traque a analisanda sentia-se dona de sua vida e de sua análise

tamento aproximou-se de seu fim.

lise, sem que as interpretações da transferência lhe fizessem-O caso, tão bem relatado por Khan, deve ser entendido sem algum efeito. Esse estado a protegia de todo sentido, segundo o vejo, como uma forte regressão frente à mente de dependência frente a seu meio social e à

análi-separação das primeiras férias de verão e em termos de se: era justamente o oposto da regressão analítica (p. 136).

uma forte transferência negativa. Se se tivesse interpreta-Aqui, a meu ver, desliza-se um nítido erro conceitual, que do nessa direção, em vez de se oferecer como uma mãe impregna toda a teoria da regressão curativa, ao pensar boa que devolve os livros e encarrega-se concretamente que a defesa maníaca que reverte a situação de dependên-de sua “filha”, a análise poderia ter transcorrido por cacia a partir de um movimento que volta à onipotência ori-nais mais regulares, sem recorrer à etapa de regressão.

ginal não implica regressão. Do mesmo modo, diga-se en-Creio, também, que a vivência paranóide da analisanda tre parênteses, Zetzel pensa que o excessivo apego do neu-quanto a que o analista quisesse que ela se encarregasse rótico obsessivo à realidade opera contra o necessário pro-do filho, encontra seu núcleo de verdade – como diria Freud cesso de regressão no setting, sem compreender que esse

– nessa técnica que oscila tanto desde a mais profunda enganoso recurso à realidade leva em si mesmo a marca regressão até a adultez mais esplêndida.

da regressão.

Poucos dias antes das primeiras férias, a analisanda roubou dois livros, e o analista prestou-se a devolvê-los, o A FALTA BÁSICA

que a analisanda aceitou muito agradecida.

Na segunda fase, que se inicia depois das férias e dura A partir da técnica ativa (Ferenczi, 1919b, 1920) e 18 meses, sobrevém um período de regressão gradual e dos princípios da relaxação e da neocatarse (Ferenczi, controlada que a analisanda descrevia como estado de não 1930), desenvolve-se a longa e profunda investigação de ser nada e do qual se recuperou.

Michael Balint, que culmina em The basic fault (1968).

Nesse segundo ano de análise, a paciente começou a Como Winnicott, e na realidade como muitos outros entender como se repetiam seus conflitos infantis em seu autores, Balint também divide os analisandos em duas ca-casamento e sua análise. Decidiu-se a estudar, e o analista tegorias: os que atingem o nível edípico genital e os que também aqui lhe deu ajuda concreta, indicando-lhe leitu-não conseguiram isso.

No nível edípico do desenvolvimento, analista e ana-se deve esquecer que, na área da falta básica, não há con-lisando dispõem de uma mesma linguagem: a interpreta-flito e, portanto, não há nada que se possa resolver.

ção do analista é uma interpretação para o analisando, A técnica de Balint, que acabo de resenhar sucinta-independentemente de que a aceite ou a rechace, fique mente, difere em muitos aspectos da de Winnicott, pois satisfeito ou aborrecido.

elude todo manejo da regressão, inclusive da que propu-Quando opera a falta básica, aparece uma brecha en-nha em seus trabalhos dos anos 30.8 Aqui, tudo o que o tre analisando e analista, que Ferenczi (1932) assinalou analista “faz” é tolerar a regressão do analisando, sem prenitidamente como uma confusão de linguagem entre os tender superá-la com interpretações ou manejos que pro-adultos e a criança em sua apresentação ao Congresso de curam restabelecer sua onipotência. Se essa atitude deve Wiesbaden, ocorrida em setembro de 1932.6

ser entendida como um momento de recolhimento e res-No nível edípico há, pois, uma linguagem comum peito pelo analisando e por nossa própria tarefa, então a entre o sujeito e os outros, que tem a ver com uma relação proposta de Balint só vem a acrescentar um grão de filóso-

triangular, tripartite, com duas pessoas e não uma. No com-fica modéstia à nossa técnica de todos os dias – o que não plexo de Édipo propriamente dito, essa triangularidade é pouco!

tem seus referentes no pai e na mãe, mas também é encontrada nas etapas pré-genitais, em que o leite ou os excrementos constituem esse elemento terceiro. Uma ca-O TESTEMUNHO DE MARGARET LITTLE

racterística definidora dessa etapa é que está intimamente ligada ao conflito.

É difícil apreender com certeza as peculiaridades da As características principais do outro nível, o da falta técnica de Winnicott, porque seus escritos apontam mais básica, é que todos os acontecimentos que nela têm lugar para a estratégia que deve conduzir à regressão e à depen-transcorrem entre duas pessoas, não há um terceiro, não dência do que para as táticas encaminhadas a esse fim. No há conflito, e a linguagem adulta é inútil, quando não-começo da década anterior, mais precisamente em 1990, errônea.7

surgiu um livro de Margaret I. Little que é um documento Balint pensa que a análise opera com dois instrumentos-valiosos para solucionar essas incógnitas. Ninguém pode dos básicos e igualmente importantes: a interpretação e a dúvida da veracidade e da coragem de Margaret Little, e relação de objeto; e como se pode deduzir de seu próprio texto todos respeitam suas contribuições à teoria da transferência-argumento, no nível da falta básica, o fator realmente cego e da contratransferência (Little, 1981). Embora um só operante é a relação de objeto. Surge, então, a pergunta testemunho não possa ser definitivo, este é convincente, sobre que tipo de relação de objeto o analista deverá oferecer ainda mais que coincide com as inferências que possam recer ao analisando para reparar a falta básica.

ser extraídas de uma leitura cuidadosa da obra de Winnicott.

Balint pensa que, para alcançar esse tipo de relação Desejo assinalar, porém, que outros discípulos de Winnicott, de objeto requerida pela falta básica, o analista deve res- como Pinceira (1997), limitam muito mais o conceito de ponderar às necessidades do analisando não com interpretação-regressão à dependência e somente o consideram nos movimentos ou palavras, mas sim com algum tipo de conduta mentos críticos da análise de pacientes em que predomina atuada, que antes de mais nada respeite o nível de regresso falso self.

são do analisando a uma área na qual o falar e as palavras Margaret Little analisou-se com Ella Freeman Sharpe carecem de sentido. O analista tem de se oferecer como no período de 1940 até 1947. Durante esses anos, e com o um objeto que possa ser investido pelo amor primário.

alento de sua analista, decidiu fazer carreira na Sociedade Nesse ponto, a maior virtude do analista é estar ali sem Psicanalítica Britânica, onde se qualificou primeiro como interferir. Ele deve renunciar por completo à sua onipotência-membro aderente e, depois, como titular.

tência para alcançar uma posição igualitária com seu analista. No final de 1945, sobreveio um acontecimento perturbando, em que a interpretação, o manejo e a experiência nos na vida de Margaret Little. Seu pai adoeceu grave- emocional corretiva são igualmente extemporâneos. Não mente e pouco depois faleceu. Na semana do funeral, Margaret Little tinha de ler seu trabalho de titular, mas não queria fazê-lo para não perturbar seu luto. Ella Sharpe insistiu que o apresentasse e interpretou-lhe a inveja que Ferenczi morreria pouco depois, em 25 de maio de 1933, aos 33 anos, ela tinha dela como escritora.

Margaret Little mostra-se mui-60 anos.

to crítica a respeito de sua analista naquele episódio e chega 7 “The chief characteristics of the level of the basic fault are: a) a dizer: “Entre minha imediata aflição e minha transfe-all the events that happen in it belong to an exclusively two-rência psicótica, não pude fazer-lhe frente, mas, na reali-person relationship – there is no third person present; b) this dade, senti que interferia maciçamente em minha dor” (Re-two-person relationship is of a particular nature, enterely diffe-lato de minha análise com Winnicott, p. 37-38). Margaret rent from the well-known human relationships of the Oedipal Little toma esse incidente como exemplo dos erros que level; c) the nature of the dynamic force operating at this level is not that of a conflict, and d) adult language is often useless or misleading in describing events at this level, because words have not always an agreed conventional meaning” (Balint, 1968, 8 Ver, por exemplo, “Early development states of the ego. Primary p. 16-17).

object love” (Imago, 1937; International Journal, 1949).

320 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Sharpe cometia. De qualquer modo, leu seu trabalho e Uma experiência significativa foi quando Margaret recebeu elogios. Se Ella Sharpe a estimulou e, mais ainda, Little contou a Winnicott a morte de uma amiguinha; ele se a forçou a apresentá-lo, para minha forma de exercer a começou a lacrimejar, o que permitiu a Margaret chorar análise, contrário como sou à técnica ativa, cometeu um por aquela perda distante como nunca havia feito. Ela erro. Também me pergunto, o que teria pensado Margaret lembrou que a mãe jamais a deixava chorar e que certa Little se, apoiado nas teorias da sustentação e da regres-vez lhe disse: “Alegra-te, querida. Logo estarás morta”.

são à dependência, Winnicott tivesse feito o mesmo.

Winnicott enfureceu-se e exclamou: “Odeio tua mãe!” –, Um ano mais tarde, analista e paciente concordaram dando plena realidade ao dito pela analisanda. Essas res-em pôr fim à análise, e Margaret Little viajou a Amsterdã postas diretas são, para Margaret Little, uma parte essen-para um Congresso. Ali pôde desfrutar da companhia de cial da sustentação que lhe oferecia Winnicott.

amigos e colegas e chegou até a notar, pela primeira vez, O gesto franco e espontâneo de Winnicott ao dizer que um homem

interessava-se por ela. A julgar por esses

“odeio tua mãe” significa, sem dúvida, uma grande sus-resultados, a análise de Sharpe parece ter sido bastante efi-tentação para uma Margaret Little sempre em luta contra caz. Contudo, Margaret Little não se cansa de criticá-la, por-sua mamãe, mas marca também uma ruptura com a só-

que só lhe interpretava o complexo de Édipo e a sexualida-bria neutralidade do método que nos coloca ao abrigo da de infantil, sem tocar em nada em suas angústias precoces.

sedução e da idealização. Essa técnica justifica-se pelo ní-

Quando regressou a Londres, Little deparou-se com vel de regressão do analisando, do qual só se pode resgatá-

a infausta notícia da morte de sua analista. Recebeu, en-lo com esse tipo de intervenção direta, na suposição de tão, ajuda de Silvia M. Payne e Marion Milner, até que que essas experiências estejam além das palavras. Toda-finalmente se decidiu por Donald Winnicott.

via, esse conceito é muito discutível, e até mesmo a pró-

A análise com Winnicott começou em 1949 e sofreu pria doutora Little questiona-o, sem notar, quando diz: muitas alternativas. Debutou com uma resistência de má-

“Como [o analisando] não é uma criança, reage diante xima intensidade. Em uma dessas sessões, presa de um das falhas de um modo adulto, com um corpo adulto, grande desespero, Margaret Little teve o impulso de se motivo pelo qual é perigoso” (ibid., p. 85). Isto implica atirar pela janela, mas descartou-o porque – supôs –

que não há um só caminho, mas sim dois, para resolver as Winnicott certamente a deteria. Pensou, então, em jogar angústias psicóticas: embarcando na relação direta em que todos os livros da biblioteca no chão e terminou por fazer transferência e contratransferência ficam livradas a uma em pedaços um vaso cheio de lilases. Winnicott saiu da ação recíproca que apaga a polaridade sujeito-objeto, ou peça e voltou quando a sessão estava terminando, enquanto estabelecendo uma comunicação com o paciente que con-a paciente tentava pôr em ordem o rebuliço que havia fei-serve a assimetria e preserve a discriminação.

to. Na sessão seguinte, um vaso idêntico ao anterior, e com Na

concepção winnicottiana, a regressão à depen-as mesmas flores, estava de novo em seu lugar. Dias de-dência é o procedimento essencial para alcançar as angús-pois, Winnicott disse-lhe que esse vaso era uma peça vali-tias psicóticas e resolvê-las. O livro de Margaret Little ilus-osa para ele. Depois de terminada a análise, lembraram-se tra tal fato suficientemente: Winnicott, por exemplo, a aten-certa vez do episódio e ambos concordaram que Winnicott dia em sessões diárias e prolongadas de 90 minutos, que havia cometido um erro técnico, porque não estava prepa-culminavam com café e docinhos.

rado para conter aquela crise de destrutividade; por isso, As férias do verão de 1952 foram bastante atormen-abandonou o consultório.

tadas e, quando se aproximaram as do ano seguinte, Passado o incidente do vaso, a analisanda começou a Winnicott propôs a ela que se internasse, temendo que se padecer espasmos de terror que a obrigavam a se aferrar suicidasse. Ela resistiu vivamente no começo, mas final-

às mãos de Winnicott, que assim a sustentava durante toda mente aceitou. Terminado o Congresso Internacional de a hora. Com isso, Little ilustra a atitude continente de Londres, em 1953, Winnicott conduziu-a a um hospital Winnicott. A sustentação (holding) é, com certeza, um con-psiquiátrico, onde esteve por cinco semanas. Ali, Margaret ceito-chave da técnica winnicottiana. Deve-se entendê-lo, Little encontrou o ambiente facilitador que lhe permitiu como destaca Little, em sentido figurado e em sentido lite-uma regressão à dependência, enquanto Winnicott, de fé-

ral. Metaforicamente, “sustentação” é tomar contato com rias, mantinha-se em contato permanente com ela. Essa o analisando em todo nível, assumindo a responsabilida-ilustração merece comentários. Dado o caráter estra-de que seu débil ego não pode encontrar em si mesmo; nhamente pessoal do processo de regressão à dependên-literalmente, implica aceitar que o analisando aferre-se a cia, que implica ir até as fontes da vida, ir para a mãe em suas mãos, sustentar-lhe a cabeça, oferecer-lhe alimentos, busca do verdadeiro self, torna-se difícil, para mim, acei-etc. No caso em questão, e visto que o próprio Winnicott tar que possa ser delegado a terceiros, e ainda mais a um considera um erro técnico ter abandonado o consultório, terceiro impessoal como o hospital. Assim o entende, po-os subseqüentes espasmos de terror de sua paciente tam-rém, Margaret Little.

bém poderiam ter sido contidos com uma interpretação O certo é que, após a saída do hospital, a análise do que estava acontecendo: “Você

sente terror de que ego de Margaret Little prosseguiu sem inconvenientes. Pouco abandonou outra vez o consultório e a deixou livrada a seus cuidados, foi aproximando-se do esquema clássico, impulsos” – ou algo do estilo.

com a análise do complexo de Édipo e da sexualidade

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 321

infantil, agora acessíveis depois de analisadas as angústias. Novamente, deve-se supor aqui, então, que o processo das psicóticas.

so de regressão à dependência não é espontâneo, ao mesmo tempo há outro aspecto técnico da regressão à dependência para ser colocado em marcha; depende da colaboração que me parece, assim como a Grotstein, difícil de en-

ção adulta do paciente, que deve esperar sua vez. Por que tender. Little diz que os pacientes, às vezes, tinham de não solicitar do paciente essa mesma colaboração para fazer fila para iniciar o processo de regressão à dependência-analisar seus núcleos psicóticos? A mesma pergunta é feita: “O momento fixado para uma regressão total não depende por Grotstein na “Introdução” do livro de Little: “O indivíduo dependia apenas de mim, era necessário também considerar compreensível é como [Winnicott] se arranjava para retardar sua disponibilidade em relação a seus outros pacientes.

dar o tratamento daqueles que aguardavam” (Relato de Dizia que os pacientes às vezes tinham de ‘fazer fila’ para minha análise com Winnicott, p. 11).

entrar nessa fase; um tinha de esperar que o outro tivesse. Procurei seguir cuidadosamente o livro de Margaret saído e que já não tivesse necessidade dele nesse sentido.

Little para marcar alguns aspectos nem sempre claros da. Porém, o momento dependia de mim, uma vez que devia técnica de Winnicott e tive, assim, a ocasião de pôr à prova a preparação” (ibid, p. 49).

va suas próprias idéias.

322 R. HORACIO ETCHEGOYEN

RESUMO E INTRODUÇÃO

esses autores e, por conseguinte, o analista deve respeitar e não interferir nesse movimento.

Vimos de uma discussão interessante na qual pro-Para distingui-las da outra, agrupamos essas teorias curamos estabelecer algumas relações entre o processo psi-sob a rubrica da regressão curativa e dissemos também que canalítico e a regressão.

não é, por certo, uma teoria inatacável. Embora nenhuma Começamos expondo a teoria de que a regressão é teoria científica o seja, a idéia de que é necessário retornar função do processo e chamamos de regressão terapêutica às fontes para tomar a partir dali um caminho novo e dife-essa explicação dos psicólogos do ego, segundo a qual o rente propõe problemas no nível da teoria e da práxis, e entorno analítico condiciona um processo regressivo que inclusive não sei se no nível da ética. Discuti tudo isso no é condição necessária para abordar o paciente no trata-capítulo anterior e deixei ali fixada minha posição pessoal, mento psicanalítico. Assinalei que essa tese é no mínimo aceitando também que o tema deve ficar em aberto por-discutível e, para mim, equivocada. Muitos autores pen-que, em meu entender, o problema não está decididamen-sam, como eu, que a regressão é dada pela psicopatologia te resolvido.

do paciente, e não pelo setting analítico, embora nem sem-Com respeito a Winnicott, o autor que mais brilhante-pre se tenham dado ao trabalho de afirmá-lo e de fundamente desenvolveu essa teoria, é evidente que estabelece mentá-lo. A crítica que se pode fazer à teoria da regressão uma diferença entre os pacientes nos quais está afetado o terapêutica dos psicólogos do ego cabe em uma pergunta desenvolvimento emocional primitivo (e nos quais se deve ingênua e simples: se a interpretação é capaz de desmoro-recorrer a algum tipo de manejo) e os pacientes que chega-nar as defesas, por que não é também capaz de modificá-

ram à etapa de concern, equivalente à posição depressiva las? Essa crítica, feita a partir de seus próprios argumentos, de Melanie Klein, ou atingiram a situação triangular, em é difícil de responder para os psicólogos do ego. Rapaport, que é perfeitamente aplicável a técnica clássica.

que eu saiba, nunca a propôs. Se a interpretação pode o Em todos os

seus trabalhos, Winnicott reduz o mane-mais, também deve poder o menos.

jo – seja este o que for – a um grupo reduzido de pacientes.

Depois, tentamos contrapor à regressão terapêutica Em que consiste esse manejo já é mais difícil de decidir.

(ou regressão no setting, como também é chamada) outro Pode-se responder de diferentes maneiras, e não creio estar conceito em que a regressão é concebida como um proces-de todo equivocado se afirmo que o próprio Winnicott vaci-so curativo. É uma concepção diametralmente oposta à la. Há momentos em que, por manejo, ele sugere algo que anterior, porque, se naquela o setting induzia no analisn-seria comum a todos nós; em outros, o manejo assemelha-do um processo regressivo do qual, ao final do tratamento se à com a realização simbólica de Secheyay e dá a sensa-o vai curar, nesta o processo de regressão ocorre graças ao ção de se ter afastado muito da técnica clássica.

setting e é essencialmente curativo, como um movimento espontâneo para a cura. Entre os autores que defendem essa idéia, estudamos especialmente Winnicott, mas tamO CONCEITO DE HOLDING

bém Balint, Bruno Bettelheim e outros pensam que o processo de regressão é altamente curativo. Um trabalho de Neste capítulo, vamos tomar outro tema de discus-Bettelheim chama-se “Regression as progress” (1972) para são, ligado ao anterior, porém radicalmente diferente, es-sublinhar que o que chamamos de regressão é, em última tudando o processo analítico em função daquilo que o sus-instância, um processo progressivo. Vale a pena assinalar tenta e daquilo que o torna possível. Apesar de as teorias aqui que o que diz esse artigo não é idêntico ao que Winnicott serem divergentes em muitos aspectos, a idéia de que a sustenta, nem às propostas de Balint com sua idéia do new análise deve prestar ao paciente determinadas condições beginning primeiro (1957, 1952) e depois (1968) da falta para que possa analisar-se é algo que está em todas elas e básica; de qualquer modo, a idéia de que o processo de que todas aceitam, porque na verdade é inquestionável.

regressão leva em si o germe da cura é comum a todos Agora, o conceito de regressão já não nos interessa: so-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 323

mente nos importa ver que elementos do enquadre pres-da infância;

pelo fato de ferir o narcisismo e a megalomania-tam ao processo o marco natural de contenção para que não daquele que se acreditava independente e por inveja.

possa desenvolver-se.

Considero que todas essas alternativas existem e que, em-O tema que abordaremos está ligado a uma modalidade delas, a inveja do analista, como objeto que está presente da angústia, que é a angústia de separação, tal como ele a acompanha, tem um peso que não se pode deixar de Freud a estudar em Inibição, sintoma e angústia em relação à lado.

ausência do objeto (mãe) e de como essa angústia deixa uma marca profunda no processo analítico. Tal como nós o concebemos, o processo analítico procura ser de algum modo IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

isomórfico à realidade e, então, essa angústia de separação E ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO

não é mais que um tipo especial de modalidade vincular na qual o sujeito precisa que haja alguém a seu lado. Se a análise nos ocuparmos dos autores que, como Meltzer angústia de separação existe e faz-se sentir na situação analí-

e Resnik, interpretam a angústia de separação a partir da teoria, então o analista tem uma dupla tarefa: a de lhe prestar teoria da identificação projetiva e do que subjaz a ela, uma base de sustentação e, ao mesmo tempo, analisá-la.

teoria do espaço mental, do espaço do mundo interno.

Esse é o tema que nos ocupará nos capítulos subseqüentes-Graças a esses trabalhos, podemos interpretar a angústia que, começando pelas contribuições feitas por Meltzer de separação mais precisa e diretamente. Em geral, as análises do tema, seguindo as idéias de Klein sobre a identificação interpretações nessa área nem sempre se fazem no nível cor-projetiva. Em seguida, falaremos de outro Meltzer, o que reto. O analista novato tende a se situar em um plano de parte dos estudos de Esther Bick sobre a pele e as crianças maior integração do que na realidade o paciente tem.

autistas. Depois, em outro lugar, tentaremos ver como a análise diz a ele, por exemplo, que sentiu sua falta no fim de teoria do holding de Winnicott (ou da angústia de separação-semana, e essa interpretação é às vezes

muito otimista, ção em geral) pode adquirir um nível de abstração maior pois implica que o analisando é capaz de discriminar en-nas idéias de continente e conteúdo de Bion. A conclusão tre sujeito e objeto. O mais freqüente, sobretudo no co-do tema que agora iniciamos será, finalmente, que a tare-meço da análise, é que a angústia de separação fique fa do analista consiste, em boa medida, em detectar, ana-negada, reforçando o narcisismo, que é a grande solução lisar e resolver a angústia de separação. Digamos, desde para todos os problemas. Por isso, Meltzer diz nos pri-já, que esse processo ocorre em todos os ciclos da análise: meiros capítulos de The psychoanalytical process que a de sessão em sessão, de semana em semana (onde talvez identificação projetiva maciça é a defesa soberana con-mais o podemos captar e onde Zac fez contribuições rele-tra a angústia de separação.

vantes), nas férias e, é claro, no final do tratamento. E

Nos casos extremos, que Meltzer estudou em seu tra-acrescentemos que as interpretações que tendem a resol-balho de 1966, sobre a masturbação anal e a identificação ver esses conflitos são decisivas para o andamento da aná-

projetiva, pode-se apreciar uma estrutura quase delirante, lise e nem sempre são simples de formular. O analista, às que tem a ver com a pseudomaturidade¹ e configura um vezes, não compreende em toda a sua magnitude esse tipo grave problema psicopatológico. Na pseudomaturidade, de angústia, e o paciente, por sua vez, está totalmente de-recorre-se a identificações projetivas muito enérgicas que cidido a não compreendê-la, uma vez que assumi-la leva-o perturbam a realidade e a autonomia dos objetos internos a uma situação de perigosa dependência do objeto, do para negar a angústia de separação em um tipo de funcio-analista; de modo, então, que a possibilidade de interpre-namento praticamente delirante.

tar com acerto a angústia de separação é sempre reduziA eficácia da identificação projetiva maciça para dar da, limitada. Os pacientes dizem, com freqüência, que as conta da angústia de separação reside, justamente, em que interpretações desse tipo soam-lhes rotineiras e convenci-a parte angustiada do self coloca-se decidida e violenta-onais e, muitas vezes, têm razão, porque justamente se há mente em um objeto (externo ou interno). Desse modo, o algo que não se pode interpretar rotineiramente são as analisando apresenta-se livre de angústia, e nenhuma in-angústias de separação: não é algo convencional, mas cheio terpretação será operante enquanto não conseguirmos re-de vida. Cabe advertir também, entretanto, que é

quando verter o processo de identificação projetiva. Se interpre-se conseguem as melhores interpretações sobre as angústias sem levar isso em conta, o mais certo é que demos tias de separação que os pacientes resistem a elas e opõem a cabeça contra um muro: o muro da identificação não mais veementemente que elas são convencionais.

projetiva com o qual se choca nosso esforço. Na realidade, Esse fenômeno clínico é mais notório para o analista essas interpretações não são apenas ingênuas, mas também experimentado, isto é, para quem aprendeu a interpretar bem imprudentes e equivocadas, porque, se o analisando com acerto e a tempo a angústia de separação. Os que ainda estão no processo de aprendizagem nem sempre o notam e às vezes se desanimam por causa das críticas obs-1 Meltzer chama de pseudomaturidade um conjunto de fatos tinadas e desafiadoras do analisando, como se observa no fenomenológicos que coincidem clinicamente com o falso self de processo de supervisão.

Winnicott e com a as if personality de Helen Deutsch (1942) e ao Esse fenômeno pode ser explicado de várias maneiras qual Karen Horney chamou de a imagem idealizada do self em ras: por temor à dependência e à repetição dos traumas Neurosis and human growth (1950).

324 R. HORACIO ETCHEGOYEN

meteu dentro de mim ou de sua mulher a parte sua capaz A teoria da identificação projetiva empregada por de sentir o vínculo de dependência, que ego lhe diga que Meltzer segue a tradição dos primeiros trabalhos de Melanie sentiu minha falta é totalmente falso: não sentiu minha Klein, quando essa autora sustentava a universalidade do falta porque fez algo justamente para não ter de senti-la.

processo de masturbação e sublinhava que a culpa que a O que nos ensina Meltzer é que só se pode resolver acompanha está sempre ligada aos impulsos agressivos com-esse tipo de dificuldades atendendo-se à alta complexidade dos objetos. Desse modo, ao interpretar a angústia de de de um processo que às vezes adquire um viés delirante, separação, deve-se prestar atenção tanto ao que se projeta em que a confusão sujeito-objeto é muito grande e está a quanto às consequências da projeção. Não é meramente pela serviço de negar a angústia de separação.

necessidade de aliviar a angústia de separação que alguém Em resumo, por mobilizarem mecanismos egóicos se mete no objeto, mas

também por motivos agressivos, primitivos, as angústias de separação podem utilizar a para apagar as diferenças entre sujeito e objeto. A agressão, masturbação anal para executar um ato que corresponde a inveja e os ciúmes sempre participam do processo.

a um modelo de intrusão no objeto que, em última instância-Creio que esse conceito da masturbação como ex-cia, protege o sujeito dessa ameaça. Uma vez que se con-pressão dos ciúmes e sobretudo da inveja é um traço dis-sumou esse tipo de defesa, teremos de nos colocar a “bus-tintivo dos analistas kleinianos. A polêmica sempre viva car” nosso paciente, como diz Resnik (1967), perdido em sobre se devemos interpretar de início a transferência ne-um lugar do infinito espaço em que o encontraremos den-gativa remete, em última instância, a como e quando se tro do objeto em que se meteu; primeiro, teremos de en-instalam as angústias de separação e a seus conteúdos.

contrar o analisando e, então, trazê-lo para a sessão. Só então poderemos fazer uma interpretação no aqui e agora porque, evidentemente, se o paciente não está “aqui”, de ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO,

nada vale fazer uma interpretação hic et nunc.

TEMPO E ESPAÇO

É interessante ressaltar que esses mesmos mecanismos operam também nos casos menos graves, isto é, nas Além dos casos extremos que Meltzer descreve como neuroses, em que devem ser igualmente interpretados.²

pseudomaturidade, pode-se afirmar que, sempre que se interpreta com base nos mecanismos de identificação projetiva, está tocando-se não apenas a pseudomaturida-PAPEL DA MASTURBAÇÃO ANAL

de do paciente, mas também sua onipotência e seu NA ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO

narcisismo. Por conseguinte, é muito possível que o paciente responda colocando-se acima do analista para negar a Que a masturbação é o remédio mais usado para ven-dependência. Deve-se, então, afinar o instrumento analítico a solidão e os ciúmes frente à cena primária é algo que co para detectar nessa resposta os indicadores, às vezes todos aprendemos dos analistas pioneiros; porém, a partir muito sutis, que nos permitam desbaratar essa defesa.

do trabalho que Meltzer apresentou ao Congresso de Ams-Resnik

procura dar resposta a algumas dessas ques-terdã, “The relation of anal masturbation to projective tões com sua ênfase no espaço da situação analítica. Uma identificação”,³ o vínculo entre solidão, angústia de sepa-coisa é que ego fale da Russell Square a meu analista, e razão e masturbação adquire outro significado, mais pro-outra coisa é que lhe fale de lá. Se isso é o que ocorre, as fundo e complexo. Meltzer sustenta ali que a masturbação possibilidades que meu analista tem de se comunicar coanal tem uma relação íntima e inerente com a identifica-migo são tão distantes quanto a formosa praça em frente ção projetiva: no momento crítico da separação, a criança ao Museu Britânico.

que vê sua mãe afastar-se, dando-lhe as costas, identifica A contribuição de Resnik é, por isso, interessante, pois o seio com as nádegas da mãe e estas com as próprias; adverte-nos que, em casos como esse, se quiséssemos começa, então, uma atividade masturbatória em que in-instrumentar melhor a nossa técnica, a primeira coisa que traz seus dedos na ampola retal e, assim, a masturbação teríamos de fazer, de imediato, seria dizer ao paciente algo anal converte-se no modelo da identificação projetiva. Em que pudesse “trazê-lo” da praça para o consultório.

pacientes não extraordinariamente perturbados, não cla-A identificação projetiva implica, por definição, uma ramente psicóticos, a masturbação anal tem um caráter concepção de espaço, mas também se pode dizer que é relativo. É por isso que, se o analista quer integrar esse por meio da identificação projetiva que se vai adquirindo corpo de teoria a suas interpretações sobre a angústia de essa noção. Problema difícil, que Resnik procura resolver separação, deve forçosamente detectá-lo no material dos dizendo que não se deve confundir a identificação proje-sonhos ou da fantasia: a masturbação genital é, em geral, tiva, que já supõe um reconhecimento do espaço, com pro-mais manifesta que a anal, o que não implica que des-longamentos narcisistas ao espaço extracorpóreo, que ele cuidemos dela ao interpretar a angústia de separação.

considera como sendo um processo prévio à identificação projetiva. Ou seja, Resnik distingue dois processos: o da identificação projetiva propriamente dita e um processo 2 Voltaremos a esse tema em um capítulo próximo, ao falar das anterior, que caracteriza como pseudópodos, no sentido confusões geográficas.

de que o pseudópodo não implica conhecer o espaço, por-3 Publicado no International Journal de 1996.

que está dentro do sujeito. Essa teoria de Resnik – enge-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 325

nhosa, porém discutível – parece voltar à concepção clás-self mantém uma relação com esse objeto, enquanto, de sica do narcisismo primário. Embora Melanie Klein não o alguma maneira obscura, reconhece essas partes como pró-

diga taxativamente, sua teoria da relação de objeto é tam-prias. Fica assim definida uma confusão entre sujeito e bém uma teoria do espaço e, nesse sentido, pretender que objeto ou, se se prefere, um tipo de relação de objeto em no começo não há espaço significa que tampouco há obje-que há um forte componente narcisista. Isto é, uma vez to. Veremos, mais adiante, que Bick e Meltzer deparam-se que ego coloquei algo meu no objeto, minha relação com com o mesmo tipo de problemas quando sustentam que ele se refere, em parte, a mim mesmo.

primeiro é necessário criar um espaço para que então pos-Durante muitos anos, diz Meltzer (1975), o concei-sa operar a identificação projetiva. Penso, nesse ponto, que to de identificação projetiva foi, para a escola kleiniana, a teoria da identificação projetiva deve ser aceita tal como sinônimo de identificação narcisista. Desse modo, os dois a formulou Melanie Klein, como uma teoria que traz con-tipos de identificação que Freud descreve em O ego e o id sigo o conceito de relação de objeto que é inseparável do (1923b), a identificação primária e a identificação se-espaço, ou senão abandonada pelas teorias que partem do cundária a um processo de luto, ficam homologados e narcisismo primário.

subsumidos nos de identificação introjetiva e projetiva.

Esse árduo problema também é proposto em um va-Porém, quando Esther Bick escreve em 1968 esse brevíssimo trabalho de León e Rebeca Grinberg (1981), ao estu-simo trabalho de três folhas intitulado “The experience dar as “Modalidades de relações objetais no processo ana-of the skin in early object-relations”, abre-se um novo lítico”, no qual as noções de espaço e tempo ocupam um panorama.

lugar destacado. Merecem uma menção especial as refle-Bick propõe ali, efetivamente, um novo tipo de iden-xões dos Grinberg sobre o vínculo, chamado por Bion de tificação narcisista e, por conseguinte, de relação de obje-

“at-one-ment com o devir O”, um estado de unificação com to, o que

implica uma ruptura com o que até esse momen-O, que re-coloca fortemente, até onde posso entendê-lo, a to se entendia a partir da teoria da identificação projetiva.

hipótese de um narcisismo primário.

A idéia básica do trabalho de Bick é que, além da corporalidade do objeto (ou seja, postulando que o objeto tem profundidade), há outro tipo de identificação narci-A IDENTIFICAÇÃO ADESIVA

sista, muito narcisista, se cabe a expressão, porquanto a superposição de sujeito e objeto é muito grande, na qual a Os trabalhos que discutimos no parágrafo anterior idéia de “meter-se dentro” é substituída pela de pôr-se em baseiam-se fundamentalmente na relação entre as angús-contato. Esse processo – prossegue a autora – é muito ar-tias de separação e a identificação projetiva. Tanto Resnik caico e surge sempre vinculado a um objeto da realidade quanto Meltzer são analistas que conhecem profundamente psíquica equivalente à pele. Inicialmente, o self é vivenciado Melanie Klein, seguem seu ensino e operam continuamente como partes necessitadas de um objeto que as contenha e te com a teoria da identificação projetiva. Já vimos que as unifique, e esse objeto é a pele como objeto da realida-Resnik, entretanto, pensa que há algo antes da identifica-de psíquica. Esse objeto pele deve ser precocemente incor-

ção projetiva (pseudópodos mentais) que discutimos bre-porado porque, se e somente se for cumprida essa incor-vemente. Veremos agora que também Meltzer, em dado poração, podem funcionar os mecanismos projetivos: en-momento de sua investigação, sente o mesmo que o de-quanto não houver um espaço no self, tais mecanismos, senvolvimento não começa com a identificação projetiva.

por definição, não podem funcionar (Bick, 1968, p. 484).

E creio que também os Grinberg inclinam-se a uma idéia Como diz a própria Esther Bick, em seu duradouro semelhante.

trabalho, o aspecto continente da situação analítica reside Durante muitos anos, a idéia de identificação projetiva especialmente no enquadre e, portanto, a firmeza da téc-foi a coluna dorsal de todo o pensamento da escola nica nessa área é crucial (p. 486).

kleiniana e influiu sobre as outras, talvez mais do que pa-Esse trabalho estabelece, então, a importância do rece. Quem mais a utilizou, sem dúvida, entre os psicólo-enquadre psicanalítico e sua firmeza no processo de de-gos do ego, foi Otto Kernberg (1969), que pode ter

diver-senvolvimento que é o tratamento analítico, levando em gências com Klein em muitos aspectos, mas a conhece e conta que a análise é uma relação e que essa relação não é respeita.

contínua, mas sim descontínua. No processo psicanalítico A partir da introdução desse conceito no trabalho so-há, evidentemente, interrupções, muitas interrupções. A bre os mecanismos esquizóides de 1946, a escola kleiniana interrupção pelas férias, as reiteradas interrupções do fi-considerou a identificação projetiva como um protótipo nal de semana e, talvez a pior de todas, a que sobrevém que podia validamente contrapor-se à identificação intro-dia após dia, que significa uma diferença de 50 minutos jetiva. Para alguns autores, essa descoberta marca o auge contra 23 longas horas.

da criação de Klein e justifica considerá-la um gênio, e não A nova teoria da identificação adesiva, que começa simplesmente uma investigadora de primeira linha, como com o trabalho de Bick, desenvolve-se e expande-se de-outros. É conveniente sublinhar que a idéia de identifica- pois no livro de Meltzer e seus colaboradores, John Brenner, ção projetiva propõe também um conceito revolucionário Shirley Hoxter, Doreen Weddell e Isca Wittenberg (1975) de narcisismo, dado que são partes do self as que (junto sobre o autismo, cheio de sugestões, exploração audaz das com impulsos e objetos internos) se colocam no objeto. O

origens. Aonde chegarão e para onde nos levarão essas

326 R. HORACIO ETCHEGOYEN

investigações, que de fato estabelecem a possibilidade de nuidade ou circularidade, ao mover-se de um ponto a ou-uma nova teoria do desenvolvimento, não é algo que se tro na superfície do mundo bidimensional, começa agora tenha de discutir neste livro, porque é mais um problema a ter uma tendência direcional própria, um movimento da psicologia evolutiva do que especificamente da técnica, inexorável de dentro para fora do objeto” (p. 226).

embora tampouco possamos evitá-lo com uma manobra A identificação adesiva vem oferecer uma nova ex-metodológica.

plicação para um fenômeno descrito por muitos autores, Desejo assinalar, nesse ponto, a notável coincidência como Helen Deutsch (as if personality), Winnicott (falso desses trabalhos da escola inglesa com as investigações de self), Bleger (personalidade fática) e Meltzer (pseudomatu-Didier Anzieu (1974) sobre le moi-peau (o eu-pele). Com

ridade). Quando vários autores, com diferentes formas de um suporte teórico distinto, Anzieu destaca a importância pensar, descrevem um mesmo fenômeno é porque estão básica da pele no desenvolvimento precoce e a coloca muito vendo algo que existe, que é universal. O que caracteriza bem em relação ao banho de palavras com que a mãe enesses pacientes é uma nota de inautenticidade que leva a volta o infante. Apesar de a teoria ser a mesma, as consequências que o processo de identificação ocorre realmente condições técnicas variam notavelmente, e ali onde a coisa é de forma superficial. É sedutor pensar que essa superfície deriva a necessidade de um setting-pele firme, o francês aliado corresponde ao processo dinâmico da identificação-inclina-se por uma atitude mais tolerante e complacente.

ção adesiva, mas poderia não ser assim. Já lembramos que Em *Explorations in autism* (1975), quando retoma o próprio Meltzer introduziu o conceito de pseudomatu-problema da identificação adesiva, Meltzer fala de quatro coisas em seu trabalho de 1966 e o faz derivar da identidade de relação de objeto, que constituem também quatro coisas projetivas com os pais internos.

tipos de concepção do espaço, do que ele chama de De qualquer maneira, todas essas teorias apontam dimensionalidade, que tem uma história, um desenvolvimento para um tipo especial de reação, que se caracteriza por mente. Para Meltzer, há um espaço unidimensional que se caracteriza pela inautenticidade. Seu valor clínico é muito grande, por define como e pelo impulso, que chega, toca e se vai. Tem que nos proporciona elementos preciosos para compreender o espaço fundem-se em uma dimensão linear do self e de um tipo de pacientes. Sem essas teorias, é mais fácil do objeto, em um mundo radial como a ameba e seus reagir mal frente a eles, com desprezo ou com raiva, por pseudópodos. Os objetos são atrativos ou repelentes, e o exemplo. Se um analisando identifica-se comigo por um tempo não se distingue da distância, um tempo fechado, detalhe insignificante de minha indumentária, é possível mistura de distância e velocidade. Para Meltzer, o mundo que me sinto mais incomodado do que se o fizer com um do autista é desse tipo, unidirecional e sem mente, uma traço de meu caráter; porém, na realidade, em ambos os casos de eventos não-disponíveis para a memória ou o pensamento está expressando uma forma de identificação e nada mais. 4

mais. Ambos são processos que devem ser compreendidos O espaço bidimensional, o da identificação adesiva, é e não julgados axiologicamente.

um espaço de contatos, de superfícies, talvez o que Freud É necessário

salientar que, frente a um material clí-

tem in mente em O ego e o id quando diz que o ego é uma nico determinado, deveremos sempre discriminar o tipo superfície que contata com outras superfícies. A significada identificação – adesiva, projetiva ou introjetiva. Por ção do objeto depende das qualidades sensuais que po-outro lado, e como sempre, o conteúdo manifesto do ma-dem ser captadas em sua superfície e, com isso, o self tam-terial nunca será o decisivo. O mesmo ato, o mesmo sím-bém é vivenciado como uma superfície sensitiva. O pensa-bolo podem expressar diferentes níveis do processo. Lem-mento não pode desenvolver-se quando falta um espaço bro-me de um paciente de muitos anos atrás que, pouco dentro da mente “no qual pudesse ter lugar a fantasia como depois de iniciar sua análise, começa a usar paletó, como uma ação de ensaio e, por conseguinte, como um pensa-eu. Alguns anos mais tarde, porém, o paletó representava mento experimental” (Explorations in autism, p. 225). Aqui, para ele o seio e, então, o processo tinha outro sentido.

Meltzer coincide notavelmente com o que sustenta Arnaldo Nessas difíceis tarefas de discriminação, o que talvez mais Rascovsky desde que publicou O psiquismo fetal em 1960.

nos ajude é, creio, uma vivência de contratransferência Depois, vem o espaço tridimensional, em que predo-quando sentimos que a identificação é muito inautêntica mina a identificação projetiva e que surge uma vez que o ou muito ingênua.

objeto tenha sido vivenciado como resistente à penetra-Finalmente, há um espaço tetradimensional que in-

ção e que se constitua o conceito de orifícios no objeto e clui a noção de tempo, que está vinculado à identificação no self. O objeto transforma-se, assim, em tridimensional introjetiva, isto é, à idéia de que o tempo passa e não vole continente, e o self adquire também a terceira dimensão ta, como diz o tango. Nesse nível do desenvolvimento, ao identificar-se com ele. O tempo é agora oscilatório, pois opera um novo tipo de identificação que Freud descobriu é concebido através da fantasia de entrar e sair do objeto e descreveu em O ego e o id (a identificação introjetiva de mediante a identificação projetiva. “O tempo, que não se Klein?), que já não é mais narcisista, uma vez que se fun-podia diferenciar da distância na unidimensionalidade da da em uma concepção do espaço e do tempo que reconhe-desmentalização e que havia adquirido certa vaga contice a existência e a autonomia do objeto.

As idéias de Bick e Meltzer são atrativas e diretamente aplicáveis a certas configurações do processo analítico.

4

Nesse sentido, são úteis na prática do consultório, como Compare-se com o que Resnik diz sobre os pseudópodos.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 327

procurei demonstrar em um trabalho que escrevi com tetradimensional? Essas perguntas não têm uma resposta Norberto Bleichmar e Celia Leiberman de Bleichmar há cabal, pois são temas que estão sendo investigados.

alguns anos.⁵ Às vezes, a qualidade do processo identifi-Resnik, por sua vez, com um pensamento que consi-catório parece advertir-nos de que o analisando não busca dero próximo ao de Bion, explica-nos de que modo podem colocar-se dentro do objeto, mas ficar em contato com ele ingressar na mente as coisas como tais, com a condição de mediante uma conduta imitativa, ingênua e mimética. Isto que concebamos a mente como um espaço em que podem era particularmente claro no caso apresentado no Simpósio situar-se coisas. À medida que sinto que “Russell Square sobre Sonhos em 1979. Tratava-se de uma jovem de 22

está em minha mente” ou que “o mar está em minha men-anos afetada por uma dermatose grave e com importantes te” (não que tenho a imagem da praça ou do mar), estou problemas psicológicos. Sua história clínica sugeria forte-negando a distância, o que é também negar a perda e a mente um período de autismo infantil e suas relações de ausência. Porque só posso ter uma imagem do mar quando objeto sempre foram adesivas, superficiais e versáteis. Esse do o mar propriamente dito não está presente, quando tipo de vínculo aparecia na análise de várias maneiras, reconheço sua ausência. Nesse ponto, as idéias de Resnik mas singularmente no relato dos sonhos utilizado como aparentam-se com a teoria do pensamento de Bion (1962a uma superfície de contato com o analista, em que o sonho e b), assim como com os trabalhos de Hanna Segal (1957, contado representava exatamente o que Bick chama de 1978) sobre o simbolismo. Bion dirá que a Russell Square segunda pele, ou seja, um fenômeno que substitui o conta-que está na mente não pode ser processada como elemento verdadeiro por outro postigo, artificial. Essa forma de to alfa, mas simplesmente como elemento beta.

contato provocava reações contratransferenciais de recha-Há, sem dúvida, uma certa diferença entre a noção ço, até que a tarefa interpretativa centrou-se nas tentati-de espaço categorial e quase ontológico dos existencialistas vas da analisanda de se vincular via identificação adesiva, e o espaço que estudam Meltzer, Resnik e, mais recente-com o que mudou notoriamente a até então errática situ-mente, os Grinberg. O espaço ao qual se referem nossos ação analítica

autores deriva de uma teoria das relações objetais que não se pronuncia sobre as categorias de espaço e tempo nas quais pensa Kant, como formas aptas a priori da sensibili-IMPROVISAÇÕES SOBRE AS

dade para ordenar a experiência.

TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

A concepção do espaço que poderia ter a ameba (de Resnik) deve aproximar-se muito da do espaço unidimen-As idéias que estudamos nos dois últimos capítulos sional de Meltzer. Quando a experiência consiste em emi-remetem-nos continuamente das teorias do processo ana-tir um pseudópodo e retraí-lo, a idéia de espaço deve ser lítico às do desenvolvimento, isto é, à psicologia evolutiva linear e a de tempo estará forçosamente subsumida à ou-e, mais precisamente, à psicologia evolutiva do primeiro tra, pois o tempo é aquele em que tardo em emitir meu ano da vida.

pseudópodo e em retraí-lo.

Freud foi capaz de elaborar uma teoria do desenvol-Como conclusão, digamos que, na realidade, os pro-vimento infantil (o complexo de Édipo) a partir da análise cessos do começo do desenvolvimento são muito difíceis de homens e mulheres adultos, através de reconstruções e de elucidar, de apreender. À medida que nos aproxima-com sua teoria da transferência. Suas hipóteses foram demos das origens, os fatos ficam mais subordinados às teo-pois fortemente apoiadas pelos analistas de crianças.

rias com que temos de contemplá-los. Atualmente, a solu-A partir de sua técnica lúdica, Melanie Klein tentou ção é buscada por outros caminhos, a observação de be-reconstruir o desenvolvimento precoce, mostrando que os bês, a etologia. Entre nós, José Antonio Valeros (1981) foi instrumentos analíticos podem dar-nos informação dos o primeiro a difundir os novos estudos de observação do tempos mais remotos da vida humana. Para segui-la ou bebê, enquanto Terencio Gioia aplicou lucidamente as con-refutá-la, apareceram depois outros

autores e outras in-tribuições da etologia à teoria dos instintos (1977, 1983a) vestigações e, de algumas delas, por certo não de todas, e à explicação do desenvolvimento psíquico precoce ocupamo-nos, nestes capítulos e nos correspondentes, à (1983b). ego os considero inteiramente válidos, mas não transferência precoce.

creio que resolverão, por si sós, os problemas e muito me-Expusemos algumas idéias de como se constrói ou se nos os nossos problemas, isto é, os problemas da ciência supõe que podem construir-se as noções de espaço e de psicanalítica. Teremos de aplicá-los em nossa área cuida-tempo na criança. Se nos ativermos a Bick e a Meltzer, dosamente, sem nunca deixar de pensar que os problemas teremos de pensar a noção de espaço como uma represen-da psicanálise devem ser resolvidos dentro da análise, aceitação de características sui generis, como alguma outra coisa tando obviamente com modéstia, mas também com luci-ou objeto em que o resto das representações ficam conti-dez, o que nos vier de fora. O que vejo até agora é que os das. É o que parece depreender-se desses trabalhos a par-psicanalistas utilizam os novos estudos para levar água ao tir da descrição inicial de Bick. Teremos, além disso, de seu moinho. Este é o ponto em que as discussões termi-concluir que há uma evolução do unidimensional ao nam com um “eu penso assim”.

Penso que viemos programados para perceber o es-paço e o tempo e que o tema a investigar é como opera a 5

experiência para que se desenvolva essa noção do espaço

“El sueño como superficie de contacto” (1979).

328 R. HORACIO ETCHEGOYEN

e do tempo que já estava potencialmente no código gené-

filogeneticamente, para começar. O outro seria um pro-tico; contudo, duvido de que o desenvolvimento humano blema de informação genética, em que momento se in-ocorra geneticamente, a partir de um mundo de uma di-corporou ao DNA uma informação tal que permita à pom-mensão até o de quatro.6

ba, ou ao que vai ser uma pomba, porque talvez tenha Em geral, quando queremos dar conta das origens, sido isso antes de ser pomba, e se é pomba quando a caímos facilmente em contradições. Assim, por exemplo, informação genética permite-lhe ovular dessa forma, por-Bick sustenta que, se não há uma pele continente, a iden-que isso também significa que apenas se se ovula pode-se tificação projetiva

funciona sem que nada possa abatê-la, ter pombas.

mas também diz que a identificação projetiva requer a cria-

ção prévia de um espaço no self. Ou seja, ela diz duas coisas diferentes: se não se forma um espaço no self, mal pode A ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO

funcionar a identificação projetiva; se não se forma esse E OS CICLOS ANALÍTICOS

espaço no self, continua sem término a identificação projetiva. Quando se refere a esse trabalho em seu livro, Independentemente de teorias e predileções, todos Meltzer tenta resolver essa contradição, mas não sei se os analistas estão de acordo em afirmar que o ritmo de consegue. Creio que é uma contradição insolúvel, porque, contato e separação próprio do processo analítico influi se apenas a introjeção de um objeto-pele torna possível a grandemente na forma como o analisando se conduz. Essa criação de um espaço interior, onde se aloja essa primeira influência é vista mais facilmente com as férias, depois introjeção?

com o fim de semana e, por último, de sessão em sessão.

A idéia da identificação adesiva é válida; porém, situá-

São as três circunstâncias providas e previstas pelo setting lá em uma teoria do desenvolvimento, é difícil.

em que a alternativa do contato e da separação coloca-se Para Melanie Klein, a identificação projetiva inaugura em jogo.

ra o desenvolvimento. Em meu entender, essa teoria pres-Zac (1968) estudou detidamente a forma como apa-supõe que a criança já vem programada para captar o es-rece a angústia de separação no fim de semana e as flu-paço e relacionar-se com a mãe, vem com uma pré-con-tuações que se observam à medida que transcorrem as ses-cepção da mãe, como dizem Bion e Money-Kyrle. Essa tese sões, assim como suas conseqüências, do mesmo modo tem, a meu ver, um forte apoio etológico.

que a maneira e a oportunidade de interpretar.

Dificuldades iguais ou similares, creio eu, colocam-Leonardo Wender, Jeanette Cvik, Natalio Cvik e se para Lacan e sua pomba. Quando introduz sua famosa Gerardo Stein (1966), por sua vez, estudaram

com agude-teoria da fase do espelho para dar conta do narcisismo, za os efeitos do começo e do final da sessão na transferên-Lacan (1949) apóia-se em uma referência etológica: que a cia e na contratransferência. Para esses autores, a sessão pomba vê sua imagem no espelho e ovula. Então ele diz, e tem um “pré-começo”, que é o lapso transcorrido desde não sem razão, que o eu é imaginário e excêntrico, porque que paciente e analista têm alguma percepção do outro (o minha identidade de pomba ovulante está dada pelo que chamado da campainha, por exemplo) até que se inicia vejo ali fora – que é a mãe para o bebê, evidentemente. A formalmente a sessão, assim como um “pós-final”, que vai fase do espelho, até onde consigo entender, está vinculada desde que o analista dá por encerrada a sessão até que à identificação primária de Freud como algo que é anterior cessa todo contato com o paciente.

a toda carga de objeto. Lacan utiliza esse modelo do espe-Wender e colaboradores sustentam que no “pré-colho no lugar em que ego poderia usar o de identificação meço” o analisando produz e, em alguma medida, expres-adesiva e projetiva. De qualquer modo, a pomba não está sa a fantasia inconsciente com que comparece à sessão, programada para ovular quando vê um indivíduo de sua fantasia que se processará durante a hora, e que o “pós-mesma espécie? Sem sombra de dúvida, a pomba está pro-final” recolherá para elaborar outra fantasia, em que esta-gramada para ovular diante da visão e do reconhecimento rá contida a original e seu desenvolvimento na sessão. O

de seus congêneres. A pomba não ovula quando vê Alain analista, por sua vez, produzirá também algumas fantasias Delon e muito menos Marlon Brando. A conduta ovulatória que são o correlato das outras. Portanto, são momentos de da pomba está incorporada ao seu genoma, à sua infor-tensão e regressão, nos quais o analista deve estar muito mação genética, porém nem todas as espécies ovulam quan-atento a suas fantasias (suas associações contratrans-do vêem seu congêneres. Certamente, há muitas outras for-ferenciais, diria Racker) e a todas as mensagens do anali-mas de desencadear a ovulação. É necessário dizer algo sando, que em geral lhe chegarão por canais não-verbais mais? Não sei se é possível dizer algo mais e não sei se é ou paraverbais.

necessário para o psicanalista. Não sei se precisamos ver Em resumo, os autores aconselham a prestar muita aten-como começam as coisas, porque algumas já vêm fixadas ção a esses momentos e advertem sobre o perigo de tornar mais rígido o setting justamente para evitar a angústia.

Condordo plenamente com os pontos de vista de Wender e colaboradores, e a prática ensinou-me que fixar 6 Ver o recém-citado trabalho com os Bleichmar e o prólogo da a atenção nos movimentos de contato e separação no co-edição castelhana do livro de Meltzer e colaboradores, Exploración meço e no final da hora é extremamente útil, mais operante del autismo.

às vezes do que se fixar nas férias ou no fim de semana.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 329

Isto me foi ensinado por uma paciente cujo material apon-Se sabemos buscá-la e detectá-la, a angústia de sepa-tava para as angústias de separação ao final de cada sema-ração aparece em outras circunstâncias e, portanto, não é na. Contudo, em vários anos de análise, jamais aceitou de patrimônio das condições do enquadre analítico, mas sim mim uma interpretação desse tipo. Como era dessas qua-um ingrediente inescapável de toda relação humana.

se-colegas de que fala Liberman (1976b) em seu trabalho Ferenczi expôs isso belamente em seu trabalho “As neuro-ao Congresso de Londres, e conhecia as grandes teorias, ses do domingo” (1919a), que mereceu depois um estudo sempre me desqualificava por ser kleiniano. Afirmava que de Abraham no mesmo ano (Abraham, 1919c).

ego insistia demais nesse ponto. Apesar de tudo, ego vol-As angústias de separação estão sempre inscritas em tava a interpretar, creio que adequadamente, porque o ma-uma teoria da relação de objeto; todavia, como essa teoria terial indicava-me isso com nitidez, até que um dia inter-muda com os autores, também muda o enfoque com que pretei-lhe a separação no final da sessão. Esperei a crítica cada um as entende.

habitual da paciente, mas ela me disse, sem hesitar, que Para Freud, a angústia de separação é a contraparti-era assim, que estava certo. Então lhe respondi, com toda da da angústia de castração. Em Inibição, sintoma e angús-a ingenuidade, por que aceitava nesse momento que esta-tia, são estudados dois tipos fundamentais de angústia: a va angustiada pelo fato de que tinha de ir embora e, quan-angústia de castração, que provém de um ataque à integri-do ego lhe interpretava que o mesmo acontecia no fim de dade corporal (a perda do pênis), vinculada por definição semana, ela me dizia que não. “Não, não diga bobagens”, a uma relação triádica ou triangular, isto é, edípica; e a respondeu bruscamente. Só então compreendi, por fim,

angústia de separação, que floresce nas etapas pré-genitais que para ela a experiência do fim de semana era tão opres-e liga-se a uma situação em que só intervêm um sujeito e siva que não podia ser elaborada, não podia ser aceita: de um objeto. O objeto é primeiramente a mãe, mas também dia para dia, era viável, mas de sexta para segunda não.

há uma relação diádica com o pai. Quando uma pessoa Eis aqui, diga-se de passagem, um bom exemplo de uma percorreu com bom êxito o longo e espinhoso caminho interpretação clichê do fim de semana.

que a leva a ter uma relação diádica realista com seus ob-Portanto, temos de interpretar as angústias de sepa-jetos primitivos de amor, terá cumprido um dos critérios razão como um aspecto importante do processo dia a dia, de analisabilidade de Zetzel (1968), porque apenas quan-semana a semana, no momento das férias e, logicamente, do tiver dado esse passo poderá propor-se validamente o no final da análise, quando o tema volta a se colocar com manejo das relações triádicas, o complexo de Édipo.

força inusitada. Só que, como dizia Rickman (1950), no A recém-mencionada diferença que Freud estabelece-final da análise a angústia de separação aparece mais liga-ce entre angústia de castração e angústia de separação é da às angústias depressivas, ao passo que, no começo, sur-aceita por todas as escolas, mas a maneira de interpretar a gem angústias catastróficas, confusionais ou paranóides.

angústia de separação varia. Se se aceita a teoria kleiniana, Nem é preciso dizer que, se as alternativas regulares do a angústia de separação será interpretada em termos de contato e da separação põem em tensão todo o sistema, quan-angústias persecutórias e angústias depressivas, supondo-to mais o farão as irregulares. Quando o ritmo analítico é se que, à medida que o processo avança, predominarão as interrompido imprevisamente, as perturbações são sempre angústias depressivas, sem esquecer que essa escola tam-maiores e até mesmo o tratamento corre risco, tanto mais bém fala de angústias catastróficas e confusionais.

quanto mais intempestiva for a ausência ou a alteração.

Winnicott pensa que, quando a angústia de separa-O setting analítico tende, pois, a ressaltar as angústias ção vincula-se à relação diádica, isso exige mais um mane-de separação, serve para detectá-las. Um psicólogo do ego jo da situação do que uma atitude interpretativa. Por seu (como a doutora Zetzel ou Ida Macalpine) dirá que o setting nível

de regressão, esses pacientes não estão capacitados analítico, com seu ritmo constante e suas interrupções para compreender a mensagem verbal; por consequência, gradas, reativa por via regressiva as angústias de separação apenas através de certas modificações do setting do analista. Para outros analistas, porém, o setting é tão-somente poderá aproximar-se deles e responder a suas queixas. Tra-a lupa que nos faz ver um fenômeno que já está dado, que trata-se de problemas vinculados ao desenvolvimento emocional-existe por direito próprio. O que se chama de manejo, para o primitivo, dentro do qual as necessidades essenciais de Alexander, só pode ser entendido a partir daquela alternância de desenvolvimento devem ser satisfeitas. Desse modo, o terapeuta. Alexander pensa que, se modifica o ritmo das sessões, o manejo converte-se na base de nossa conduta terapêutica, vou amortecer as angústias de separação. Os que, e enganamo-nos quando confiamos demais na interpretação como eu, pensam de outra forma, estão convencidos de que, na palavra.

que, com o procedimento de Alexander, a angústia de separação. Partindo de uma posição teórica coincidente, Balint para a angústia aparecerá em algum outro lado e que somente a também pensa que, na área da falta básica, deve-se dar ao interpretando ela pode mudar.

paciente a oportunidade de um *new beginning* em seu desenvolvimento. Como Romanowski e Vollmer (1968), penso que a separação, sobretudo quando se coloca o momento da angústia de separação reativa-se durante a análise pela crucial da separação no final da análise. A técnica de Balint, intolerância à frustração, que aumenta a voracidade, e entretanto, continua confiando na interpretação, que deve porque o analisando entende mal a estabilidade do em-respeitar o nível de regressão do paciente.

quadro como um seio idealizado que reforça a sua onipotência. Margaret Mahler pensa que a angústia de separação torna-o mais sensível à ausência.

surge quando termina a fase simbiótica e começa a luta

330 R. HORACIO ETCHEGOYEN

pela individuação, e aí se torna dramática a dialética de. Em resumo, existem fortes e múltiplas resistências à progressão e regressão. Tudo o que promove esse desenrolar e contra-resistências a analisar as angústias de separação desenvolvimento provoca angústia, as angústias do crescimento, porque estão vinculadas ao medo de tomar consciência, por conseguinte, o paciente precisa ser compreendido, e, de que há um

vínculo e de que esse vínculo pressupõe e deve ser interpretada a angústia, com a qual se inicia o uma dependência de cada um frente ao outro. Tocamos doloroso processo de separação e individuação.

nesse ponto em um problema do analista, de sua contra-Bleger utiliza um esquema semelhante ao mahleriano, transferência. O analista terá de reconhecer que também mas o decisivo, para ele, é interpretar o temor à dissolu-ele está implicado no vínculo terapêutico: a separação da simbiose, enquanto relação com o objeto aglutinado, do paciente implica também para nós uma ansiedade, cuja característica essencial é não possuir discriminação.

porque ficamos sem nosso objeto, embora às vezes a ne-Bleger sustenta que a mobilização desse vínculo provoca guemos, deslocando-a para o tema profissional, quando uma ansiedade de tipo catastrófico e põe em operação as não para o econômico. A verdade é que o não compareci-defesas mais primitivas. Há um grande temor a progredir mento de um só paciente altera, quando não arruína, na direção da independência, à medida que o progresso nosso dia de trabalho. Quando o analista nega seu víncu-representa a perda do objeto simbiótico.

lo de dependência com o analisando, corre o risco de Enfim, as teorias sobre o desenvolvimento precoce colocar projetivamente nele sua própria dependência, o são muitas, e muitas também as formas de integrá-las ao que é uma das causas mais frequentes da interpretação trabalho analítico. Na prática, a maior diferença entre os clichê.

diferentes autores centra-se, a meu entender, no lugar que Uma interpretação justa da angústia de separação põe a agressão ocupa no desenvolvimento precoce e, por con-em destaque o problema talvez mais doloroso do homem, seguinte, até onde se deve chegar na análise da transfe-seu vínculo com os demais, sua dependência e sua orfan-rência negativa. A hipótese da inveja primária implica uma dade. Devemos saber, então, que toda vez que interpreta-forma de interpretar a transferência negativa que, eviden-mos a angústia de separação confrontamos nosso anali-temente, outras linhas de pensamento não apóiam.

sando com a solidão e atacamos sua onipotência.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 331

RESUMO

rio, que o crescimento é, em si mesmo, um conflito, jamais poderão aceitar essa teoria.¹

Vamos situar-nos frente a esse tema não tanto em A idéia de holding, para fazer justiça, pertence a função da obra complexa e tão cheia de sugestões de Bion, Winnicott, mas é encontrada em quase todos os analistas mas antes na linha do que estamos estudando, que é o da escola inglesa e está também muito disseminada em processo psicanalítico. Recordemos que, ao iniciar este es-todo o mundo psicanalítico. Eu diria que todos os analis-tudo, estabelecemos primeiro a relação do processo com o tas que aceitam o papel decisivo da mãe (ou substitutos) enquadre, como o enquadre influi no desenvolvimento do no primeiro ano de vida não podem senão pensar que essa processo, como influi especificamente, porque com certa-função materna vincula-se a algum tipo de sustentação, e za todo enquadre influi no desenvolvimento do processo a isso Winnicott deu o nome acertado de holding. O con-ao qual pertence e, vice-versa, nenhum processo pode ocor-ceito está presente em muitos pensadores, mas foi Winnicott rer a não ser dentro de um enquadre. Nesse momento, que introduziu o nome e, com ele, uma teoria consistente por exemplo, estou tentando dar o enquadre adequado do papel da mãe no desenvolvimento. Winnicott afirma, que situe Bion dentro do capítulo para não nos perder-com veemência, que o desenvolvimento da criança não mos. Se não lembramos que nosso propósito é dar conta pode ser explicado sem incluir a mãe.

das teorias que procuram entender o processo analítico, Deixando, por fim, para trás as complexas relações podemos tomar outro caminho e chegar inclusive a apren-entre o processo, a regressão e o setting (ou holding), utider muito de Bion, mas não do que realmente devemos lizamos posteriormente o conceito de holding para dar con-estudar.

ta de outra forma de entender o processo psicanalítico, Vimos, então, que a relação do processo psicanalíti-em que a função continente da análise e do analista perco com os fenômenos de regressão e progressão inerentes mite que as angústias do indivíduo, que se aproxima da à própria definição de processo pode ser explicada com análise, possam ser primeiro recebidas e, em segundo lu-dois enfoques teóricos: o que sustenta que a regressão de-gar, devolvidas. Este é, então, um enfoque muito diferente pende do enquadre e aquele que, ao contrário, afirma que do anterior, que parte de que a regressão é

um fenômeno a regressão deriva da doença. A primeira teoria entende a psicopatológico que nossa técnica deve enfrentar. Com regressão como um produto artificial do setting, graças a essas premissas, revisamos os autores que têm como alvo qual o tratamento analítico pode ser efetuado, e por isso a a análise da angústia de separação no setting analítico e chamamos de teoria da regressão terapêutica. A teoria opo-agora nos propomos a estudar outra teoria desse grupo, ta admite, em troca, uma regressão psicopatológica, à qual no qual a pele de Bick e Meltzer, o holding de Winnicott e se acomoda da forma mais racional possível, o enquadre o espaço de Resnik são conceituados com um nível maior analítico.

de abstração.

Estudamos depois uma terceira possibilidade, segun-Poderíamos dizer, para esclarecer os fatos, que o con-do a qual há uma regressão curativa que dá ao paciente a ceito de holding não difere substancialmente em todos os oportunidade de começar tudo de novo. A cura consiste autores que estamos considerando, mas é empregado com em que possa desenvolver-se um processo de regressão a partir do qual a tendência natural do indivíduo a crescer sadiamente possa restabelecer-se, transformando-se de 1 Creio recordar, de meus difusos estudos etológicos que certos virtual em real e atual. Essa teoria apóia-se necessaria-pombos continuariam recebendo indefinidamente o alimento de mente na tese ad hoc de que nascemos com uma disposi-seus solícitos pais superprotetores, já que o dispêndio energético ção para o crescimento que se cumprirá inexoravelmente de abrir o bico é muito menor que o de voar, se não fosse por se o meio não interferir nela. Os que acreditam, ao contrá-

alguma oportuna bicada dos pais.

332 R. HORACIO ETCHEGOYEN

diferentes objetivos terapêuticos. Em todos estes capítu-com o seio. Quando tem fome, a criança busca algo que los, destacamos que, por sua estrutura e organização, o alivie seu mal-estar, e o seio acaba sendo o continente em processo analítico coloca o sujeito frente a períodos de que pode verter essa ansiedade e do qual pode receber contato e de ausência que condicionam um tipo especial leite e amor, ao mesmo tempo que significação, de forma de angústia, a angústia de separação, fundamental no petal que essa situação seja modificada. Essa idéia de conti-ríodo precoce da vida. Com vistas a esse pressuposto teó-

nente e conteúdo representados pelo bebê e pelo seio, to-ríco, o setting deve ser projetado para que possa servir de mados como signos de uma explicação, é o ponto de parti-continente às vicissitudes do contato e da separação.

da de toda uma série de desenvolvimentos bionianos su-No capítulo anterior, vimos que os conceitos de iden-mamente importantes, dos quais surge uma teoria do pen-tificação projetiva e adesiva servem para compreender e samento, não menos que uma teoria da relação de objeto.

manejar a angústia de separação quando opera através de Veremos em que consistem essas duas teorias de Bion, para mecanismos primitivos. O melhor recurso frente à angús-depois articulá-las com a prática, porque estamos tentan-tia de separação parece ser a identificação projetiva, por-do estudar teorias que nos permitam captar a angústia de que, se alguém pode meter-se dentro do objeto, não há separação e interpretá-la para além das generalidades, que angústia de separação que se sustente. Entretanto, nas pri-nunca são muito operativas, muito eficazes.

meiras fases do desenvolvimento, quando ainda não se Para explicar como se origina o pensamento, Bion configurou o espaço tridimensional, o único recurso fren-utiliza o conceito de identificação projetiva, tal como o te à angústia de separação consiste em tomar contato me-estabeleceu Melanie Klein. Bion nunca fala de identifica-diante a identificação adesiva. Em ambos os tipos de iden-

ção adesiva e é possível que não tenha chegado a entrar tificação, há uma confusão entre sujeito e objeto, e por em contato com essa idéia. Diferentemente de Bick e isso as duas são narcisistas, embora a adesiva não tenha a Meltzer, ao falar de continente e conteúdo, Bion dá por

“fundura” da projetiva.

suposta a tridimensionalidade, o espaço.

Como se compreenderá, o conceito de pele de Bick é A partir de seu trabalho no Congresso de Edimburgo diferente, mas também coincidente com o de holding.

de 1961, “A theory of thinking”,² e depois de ter estudado, Winnicott não insiste na pele, porém talvez nos braços. De na década anterior, a psicose e o pensamento esquizo-qualquer modo, ambos os conceitos são bastante coinci-frênico, Bion inicia uma nova etapa de seu

relevante tra-dentes, embora correspondam a esquemas referenciais di-balho que o leva ao pensamento e às suas origens.

ferentes. Também nisso converge a investigação de Didier Bion afirma que nascemos com uma pré-concepção Anzieu sobre aquilo que ele chama de eu-pele. Anzieu che-do seio, algo que liga a fome que podemos sentir com aquilo ga, por seu próprio caminho, a uma teoria muito seme-que é capaz de saciá-la. Bion chama isso de uma pré-con-lhante às de Winnicott e Bick.

cepção do seio. O seio de que falamos aqui, de acordo com Melanie Klein, apesar de ser concretamente o seio da mãe, é também um conceito global e abstrato, e a ele se refere TEORIA CONTINENTE/ CONTEÚDO

Bion quando diz que há uma pré-concepção do seio. Quando a mãe real responde a essa pré-concepção que a crian-Seguindo essa linha, vamos aplicar agora a função ça tem, então se constitui a concepção do seio. Em outras continente de Bion (1962b, etc.) ao processo analítico. A palavras, a concepção do seio é alcançada quando a expedíia é afim ao conceito de holding de Winnicott e ao de riência real, a realization, do seio junta-se com a pré-con-pele de Bick, embora também haja algumas diferenças, cepção que a priori a supunha. Por sua vez, essa concep-que não sei se são verdadeiramente substanciais. Formal-

ção evolui depois, como mostra a grade que Bion propõe mente, temos a impressão de que os conceitos bionianos em seus Elements of psycho-analysis (1963).

de continente e conteúdo possuem um nível de abstração Entretanto, há ainda outra alternativa, a que põe em maior que o de holding, que sempre evoca um pouco fral-marcha justamente o processo do pensamento. Estamos das e braços da mãe, ou o de pele, tão concreto. Bion pro-aqui frente a uma das contribuições mais belas de Bion.3

cura ser abstrato e até inclui signos para expressar suas O que acontece – pergunta-se Bion – até que aparece o idéias: os signos de fêmea e macho representam o conti-seio, quando o seio está ausente? Porque sempre haverá nente e o conteúdo, e diz – não sem certa picardia – que um lapso, um intervalo, em que a necessidade existe e não esses signos simbolizam e, ao mesmo tempo, denotam os fica satisfeita. Isto é inevitável e inclusive, se não fosse órgãos sexuais e o coito. É uma idéia que vem da teoria da assim, se impediria o desenvolvimento. Nisso Bion coincide com a genitalidade de Ferenczi (1924),

quando o coito é defini-de com Winnicott, que diz que a mãe tem de ir lentamente do como um tentativa de regressar ao ventre da mãe. O

tirando as ilusões do bebê, frustrando-o para que vá aos macho identifica seu pênis com o bebê que se volta para poucos abandonando a ilusão de que ele comanda o seio, dentro. A partir disso, e por muito que nos desgoste, o de que cria o seio.

coito é estritamente uma operação de alto nível de abstração, em nada concreta.

Na realidade, do que Bion ocupa-se com sua teoria 2 Publicado no International Journal de 1962; constitui o Capítulo de continente e conteúdo é da relação muito primitiva – e lo 9 de Second thoughts (1967).

eu diria também que muito concreta – que a criança tem 3 Ver Learning from experience, especialmente os capítulos 11 e 12.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 333

Bion diz que, em princípio, o bebê sente não que fal-salvadas as disputas escolásticas, o reverie de Bion asse-ta o seio, mas que há um seio mau dentro, um seio mau melha-se muito à área da ilusão winnicottiana, ao menos presente que ele quer expulsar; e, quando vem o seio, o até onde o entendo.

bebê sente que, de fora, facilitaram-lhe a expulsão desse A função reverie, assim considerada, apresenta uma seio mau. (Esse seio mau presente que apenas pode ser forte semelhança com a formação do sonho, com a passa-expulso é o que, na teoria das funções, é chamado de ele-gem do processo primário à formação de imagens oníricas, mento beta.)

que Bion atribui, em sua teoria, à função alfa. Com certe-Frente a essa circunstância, e essa é a chave da reflexão, é algo bastante diferente da experiência emocional do xão bioniana, coloca-se para o indivíduo, para o bebê e bebê, porque esta tem de ser, em todo caso, significada para todos nós também, uma alternativa dramática, que é pela mãe: a mãe tem de lhe dar significação. Deve haver, a de ignorar a frustração, evacuá-la ou negá-la, ou então então, uma forte identificação (introjetiva) que permite à reconhecê-la e tentar modificá-la. Bion chama sobriamen-mãe sentir o bebê dentro dela, sentir o que ele sente. Esse te a tentativa de modificar a frustração de pensamento.

processo sugere fortemente, ao menos para mim, o meca-Essa explicação, em que interagem a pré-concepção nismo da elaboração primária do sonho: o menino entra e a concepção, o inato e a experiência, a fantasia e a reali-na mãe e a mãe transforma o processo primário, pelo qual dade, a frustração e a satisfação, tudo em termos muito a criança entra nela, em processo secundário.

primitivos, vem a nos mostrar que há uma teoria da rela-Como conclusão, creio que, se Bion prefere a palavra ção de objeto na raiz do pensar. Porque, para Bion, não reverie a outras mais usuais, como cuidados maternos, é menos que para Melanie Klein e talvez até mais, a identifi-porque pretende alcançar outro nível, talvez mais abstra-ção projetiva é uma relação de objeto, tanto quanto um to, mais subjetivo, mais psicológico. A expressão cuidados mecanismo de defesa. É, sem dúvida, a conjunção do im-maternos sugere em demasia os aspectos fáticos da cria-pulso e do mecanismo, da angústia com uma relação de ção, carece de ressonância emocional, e o que Bion quer objeto, o que leva Klein a abandonar a teoria do narcisismo sublinhar justamente é esse aspecto da questão, o contato primário e a sustentar que o desenvolvimento centra-se emocional intersubjetivo que dá significado à relação mãe/

na relação objetal: a relação de objeto existe de início e, criança.

mais ainda, não há psicologia sem relação de objeto (1952a). Essa teoria não é, com certeza, aceita por Anna Freud, Margaret Mahler e todos os que mantêm a idéia do SPLITTING FORÇADO E

narcisismo primário.

SPLITTING ESTÁTICO

Bion não apenas estuda a função continente do seio O REVERIE MATERNO

da mãe, que depois aplicamos como modelo ao tratamento analítico, tornando-a isomórfica com a função conti-Bion utiliza magistralmente a teoria da identificação nente do enquadre, como também expõe alguns avatares projetiva para dar conta dos primeiros vínculos. Talvez mais psicopatológicos desse tipo de relação. Um deles é o de que Melanie Klein, entende a identificação projetiva como crianças que, por diversas razões, vinculadas a problemas um tipo arcaico de comunicação. O conceito de reverie ma-endógenos ou exógenos (como a falta de reverie materno terno está vinculado, justamente, às mensagens que o bebê ou a inveja da criança pelo seio que é capaz de

lhe prover dirige para a mãe, colocando dentro dela, via identificação o que necessita), podem chegar a uma situação em que a projeção, partes dele em apuros. Ao acentuar a ver-que o processo da lactância vê-se interferido. Para Bion, o conteúdo comunicativo da identificação projetiva, Bion realça o ato de mamar é sumamente complexo, no mínimo bifronte, seu valor na relação de objeto precoce.

já que pressupõe incorporar o leite para satisfazer uma Para responder a esse método primitivo e arcaico de necessidade física e, ao mesmo tempo, introjetar o seio comunicação que é a identificação projetiva do bebê, Bion em uma experiência emocional de vital importância. Quando supõe na mãe uma resposta especial, que chama de reverie.⁴

do interfere nesse processo algum fator como a inveja, seja Bion propôs essa palavra, sem dúvida, porque evoca em a que a criança sente pelo seio ou a que vem de fora, a nós uma penumbra de associações que vêm designar a partir do pai, dos irmãos ou da própria mãe (porque a radicalmente seu significado. Reverie, em francês, vem de mãe pode sentir inveja do bem-estar do bebê, assim como sonho e significa esse estado em que o espírito deixa-se um analista pode sentir inveja da melhora de seu paciente levar por suas recordações e suas imaginações. Em português), o “mamão” vê-se diante de uma situação praticamente, a palavra que mais se assemelha é devanear. A mãe é insuperável, uma vez que mamar desperta-lhe tanto mal-resposta a seu bebê como que devaneando, como se estiver que não pode fazê-lo. Assim, ficaria condenado a morrer de fome e apela, então, para o que Bion chama de *splitting* forçado: aceita o alimento da mãe, mas nega a experiência emocional. Esse *splitting* forçado surge depois ⁴

nesses adultos vorazes e sempre insatisfeitos, que nunca Penso que a identificação projetiva do bebê e o reverie da mãe têm uma relação consistente com os *fixed action patterns* e os podem entender o valor simbólico (ou espiritual) de *de-innate releasing mechanisms* dos etólogos.

terminadas experiências. São tipos insaciáveis, afeitos so-

334 R. HORACIO ETCHEGOYEN

mente ao material, sem gratidão e sempre insatisfeitos. Se que a paciente tome consciência da forma – legítima, por comprar quadros, não será por suas inclinações estéticas, certo – como usa sua analista e, ao dizê-lo, a analista não pelo gosto de tê-los, mas como

investimento, ou para não apenas compreende o que se passa, mas realmente toma ser menos que o vizinho. Essas pessoas têm sempre graves conta disso. Antes de tornar consciente essa situação, de transtornos do pensamento, porque falharam nas bases, nada vale entrar no conteúdo dos diferentes problemas.

porque não podem entender a experiência emocional que Uma interpretação como essa parece simples, mas, está além da satisfação instintiva e que condiciona os pro-na realidade, é complicada e sutil. Pense-se no pano de cessos de pensamento e de amor (Learning from experience, fundo teórico que a respalda e logo se verá que não é nada Cap. 5).

simplista nem convencional. A analista a fez, apoiada no Nesses casos, ignorando sua voracidade, o indivíduo conceito de continente de Bion e nas teorias da função sente-se atado ao seio ou, melhor dito, atado pelo seio: alfa e do reverie materno.

sente que o seio o força, porque projeta nele sua voracida-A resposta da analisanda foi um sonho dessa manhã de, que volta para ele como um bumerangue e o faz sen-ao despertar: “Sonhei que estava esperando que a empre-tir-se amarrado, embora na verdade o amarre sua avidez.

gada viesse para limpar a casa e começava a entrar em Dias depois de ter pedido a mim para vir duas vezes por desespero, porque ela não aparecia. Sabia que me era ne-dia para terminar logo sua análise, um paciente recrimi-cessária, que, se não está, me desorganiza todo o tempo”.

nava-me que eu nunca lhe daria alta, porque eu era um O sonho confirma que a interpretação foi correta e ope-desses analistas tão perfeccionistas que nunca se confor-rativa, na medida em que alude, sem muita deformação, à mam com os progressos de seu analisando. Digamos de necessidade de que a analista a limpe e a organize, ajude-passagem que, quando começou a se analisar, só lhe inte-a a pensar; confirma que o ponto de urgência era a função ressavam o dinheiro e o coito.

continente da analista que, como tantas vezes nos sonhos, Falaremos do splitting estático quando tratarmos da aparece como empregada. A interpretação formulada, que reversão da perspectiva. Esse fenômeno (Bion, 1963) é a fez recordar o sonho, foi melhor do que qualquer outra uma forma especial de resistência, na qual o paciente dá que, atendendo os conteúdos, deixasse de lado o manejo voltas na situação

analítica e nas premissas da análise.

projetivo da ansiedade.

Apoiado em suas próprias premissas, por certo inconsciente-Pode-se dizer também que a analista pôde pensar no tes, o analisando altera o processo de uma vez por todas, que ocorria e, ao dizê-lo, devolveu à sua analisanda a fundo modo que cada fato que se interpreta a ele fica automática-

ção alfa que havia projetado nela no fim de semana. A ticamente invertido. A esse tipo de mudança substancial, analisanda pôde então pensar e lembrou-se do sonho que que paralisa o processo de introjeção e projeção, Bion cha-confirmava a hipótese da interpretação. Pela rapidez e pelo ma de splitting estático.

ajuste de sua resposta, pode-se supor que essa paciente não é muito grave, porque pôde responder bem, porque bastou uma boa interpretação para que recuperasse sua APLICAÇÕES

capacidade de pensar. No entanto, estou convencido de que, se lhe tivessem interpretado alguns dos conflitos que As idéias de Bion têm valor para interpretar as an-o material trazia, ela não o teria compreendido, pois pregústias de separação, levando em conta certos matizes que cisava, antes de mais nada, que alguém contivesse sua an-podem apresentar-se. Depois de todo o percurso que fize-siedade e a fizesse pensar (Celia Bleichmar, comunicação mos, estamos longe, creio, da interpretação clichê que se pessoal).

limita a afirmar que o paciente sentiu-se mal porque sen-Outro aspecto importante desse material, e em geral tiu falta do analista no fim de semana. Dispomos agora de deste capítulo, é que a idéia de evacuação é diferente da toda uma série de matizes que vão da relação de objeto ao acepção pejorativa que comumente lhe dá a linguagem desejo, da voracidade, da inveja e dos processos de splitting ordinária. Que ela homologue sua analista à empregada à perda, à dependência e à pena, com os quais podemos expressa a transferência positiva, porque, para ela, a em-dizer ao paciente o que realmente lhe acontece, e não sim-pregada era muito importante. Sempre lhe era custoso to-plesmente uma generalidade sentimental.

lerar uma empregada que a ajudasse.

Lembro-me de uma supervisão, o caso de uma pacien-Se são feitas adequadamente, como nesse exemplo, te que vem uma segunda-feira e fala longamente e com as interpretações da angústia de separação

abrem o cami-angústia de toda a série de problemas que foram apresen-nho ao diálogo analítico, reconstroem a relação comensal tando-se a ela desde a sessão de sexta: o que aconteceu entre analisando e analista, restabelecem a aliança de tra-com seu filho, a intempestiva chamada telefônica da so-balho e permitem, então sim, formular uma interpretação gra, a discussão com o marido. A primeira interpretação dos conteúdos do material.

da analista foi que ela precisava contar todas essas situa-Desejo afirmar por último – e sei que muitos analis-

ções de tensão e ansiedade pelas quais tinha passado no fim tas não estarão de acordo – que uma interpretação como de semana e que se haviam tornado difíceis de agüentar, essa, que procura tornar consciente no paciente sua ne-para que a analista as receba, encarregue-se delas e possa ir cessidade de sustentação, é superior ao silêncio compreen-devolvendo-as a ela pouco a pouco, de maneira tal que ela sivo e a toda manobra ou manejo que pretenda cumprir a possa ir pensando nelas. O objetivo dessa interpretação é função de holding ou reforçar a aliança de trabalho. É

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 335

melhor, porque o que o analisando necessita nesse mo-devido momento, o novo enfoque está muito vinculado, mento não se atua, mas sim se interpreta.

também, aos estudos sobre a contratransferência.

O emprego clínico da teoria continente/conteúdo traz Em seu trabalho de Londres, já citado, Green (1975) problemas bastante complicados: até em que momento se coloca esse problema com base em seu esquema dos dois recebe e a partir de quando se começa a devolver? Não é tipos de angústia – de separação e de intrusão – e pensa simples dizê-lo. Somente o material do analisando, a ex-que falar muito ou calar muito é igualmente mau, já que, períência e a contratransferência podem orientar-nos. Em se falamos muito, somos intrusivos e, se calamos demais, geral, é através do material do paciente e da contratrans-incrementamos a angústia de separação. Por isso, Green ferência que se decide quando se pode ou se deve intervir.

pensa que uma técnica como a de Winnicott é a mais con-Evidentemente, a idéia de continente implica, por defini-veniente. Em um extremo está a técnica de Balint, que ção, que nem tudo o que o paciente diz deve ser-lhe devol-procura intervir o menos possível para

permitir e estimulado em forma de interpretação. Nesse sentido, posso dizer o *new beginning* sob a proteção benevolente do analisar que a teoria da função continente, que parte indubitavelmente. No outro pólo, está a técnica kleiniana que, ao contrário-

tavelmente de Melanie Klein, porém adquire mais envergadura, tenta organizar a experiência tanto quanto possível de forma em Winnicott, Bion, Esther Bick ou Meltzer, vem através da interpretação. Entre os dois extremos está de algum modo dar razão aos psicólogos do ego quando Winnicott, que dá ao setting o lugar adequado e recomendavam que Melanie Klein interpretava demais. Creio, efectivamente uma atitude não-intrusiva. “Se me sinto em harmonia plenamente, que, em seus primeiros tempos, Klein devolvia com a técnica de Winnicott e se aspiro a ela sem me sentir rápido demais as projeções do paciente. Agora sabemos capaz de manejá-la é porque, a despeito do risco de focar-se deve interpretar, e inclusive interpretar como que mentar a dependência, parece-me a única que dá um lugar Klein, mas que também se deve dosar. Conservamos de forma correta à noção de ausência” (Green, 1975, p. 17).

Klein, então, a ideia de que se deve resolver os problemas Pelo que acabo de dizer, creio que as reflexões de com a interpretação e somente com a interpretação; pois Green levam o problema a um lugar diferente daquele no *résumé*, a teoria de um analista continente implica uma maior qual eu quis situá-lo. O silêncio e a palavra, estou convencido na tarefa interpretativa. Como vimos no texto, devem também ser interpretados.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

QUINTA PARTE

Das etapas da análise

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

44

A Etapa Inicial

Na quarta parte deste livro, estudamos com certo mecanismos que são próprios dessa fase, embora se note detalhe a natureza do processo analítico. Começamos por descrever também alguns indicadores de que não se chegou ver-discriminar situação de processo e depois revisamos as principais características ao final.

cipais teorias que procuram explicá-lo, com o que tivemos As três etapas que Freud delimita são as classicamente consideradas pontos de vista múltiplos e às vezes divergentes admitidas como as típicas do tratamento psicanalítico, gentes, quando não contrapostos.

as mesmas que Glover estuda em seu conhecido livro de Agora nos cabe uma tarefa menos complexa e de técnica, publicado em 1955.

menor nível teórico, mas nem por isso menos interessantes-A primeira etapa, a abertura da análise, inicia-se com te, que é a tipificação das etapas da análise. À medida que a primeira sessão e tem em geral uma extensão limitada, as formas percorrendo, o leitor constatará sua importância ao menos para os casos típicos, que oscila entre dois e três casos práticos, não menos que o respaldo que o árduo estudo meses, segundo a grande maioria dos autores. Características anteriores forneceram para entendê-las.

za-se pelos ajustes que surgem entre os dois participantes, enquanto situam suas expectativas e tentam compreender as do outro.

AS TRÊS ETAPAS CLÁSSICAS

A segunda etapa ou etapa intermediária é, como se disse, a menos típica, a mais longa e criativa. Começa quando Para iniciar este capítulo, devemos propor um problema o analisando compreendeu e aceitou as regras do jogo: problema prévio, o de se existem realmente etapas no tratamento-associação livre, interpretação, ambiente permissivo, mas método analítico, porque poderia não existir. Na realidade, não diretivo, etc. Prolonga-se por um tempo variável até a maioria dos autores pensa que existem e não sei se há que a doença originária (ou sua réplica, a neurose de transferência o ponha em dúvida; porém, de qualquer modo, a transferência) tenha desaparecido ou se tenha modificado discussão é pertinente, por mais que possa ser breve. Quando substancialmente. Essa etapa distingue-se pelas contínuas do se diz que há etapas, o que se quer dizer é que, nas flutuações do processo, com suas marés de regressão e evolução do processo psicanalítico, há momentos característicos, sempre regidas pelo nível da resistência.

característicos, definidos, diferentes de outros, momentos com Então, começa a terceira etapa, o término da análise, uma dinâmica especial que os distingue.

que, para os autores clássicos, não se prolongava por muito Freud (1913c) comparou o tratamento psicanalítico tempo. Se na primeira etapa apareciam como inevitáveis ao nobre jogo do xadrez para

assinalar o que acabo de coloridos a esperança e a desconfiança, agora se farão pre-expor. Dizia que há três etapas no jogo do xadrez e três sentes, sem exceção, uma certa pena pela despedida, a ale-também na análise. Delas, por suas características intrín-gria por ter chegado à meta e a incerteza sobre o porvir.

secas, apenas a primeira e a última podem ser ensinadas; Vemos, pois, em conclusão, que os três trechos do a do meio, ao contrário, presta-se a muitas variantes. Para tratamento psicanalítico existem por direito próprio e cada dizê-lo em termos enxadrísticos, é praticamente impossível-

um deles ostenta traços distintivos. A duração total do tra-vel estudá-la de modo sistemático. Quando Freud diz que tamento prolongou-se muito, muitíssimo, desde que Freud podem ser sistematizados o começo e o final do processo dizia em “Sobre o início do tratamento” que sempre são analítico, quer dizer que essas etapas (e, por exclusão, tam-necessários períodos prolongados, de um semestre até um bém a outra, a do meio) têm mecanismos específicos. Isto ano pelo menos;1 no entanto, as características descritas é certo, até o ponto ao qual se pode chegar a determinar continuam sendo as mesmas. Enfim, a divisão do trata-no protocolo de uma sessão psicanalítica a que etapa per-mento em etapas não é puramente fenomenológica ou tence, o que às vezes um analista com experiência pode morfológica, no sentido de que toda tarefa tem um princí-

fazer com bastante exatidão.

Outra circunstância que trata da especificidade dessas etapas são os casos em que o avanço da análise não foi 1 “Para dizê-lo de maneira mais direta: a psicanálise requer sem-suficientemente satisfatório para que se pense em um tépre lapsos muito prolongados, meio ano ou um inteiro; sendo mino, se isto de fato for proposto, desencadeiam-se certos mais longos do que o paciente esperava.” (AE., v.12, p. 131).

340 R. HORACIO ETCHEGOYEN

pio, um meio e um fim; justifica-se, ao contrário, porque é genas, com o que se destacam cada vez mais a relação possível atribuir a cada uma delas características que lhe com o seio e a situação triangular edípica.

são próprias e essenciais.

Quando isso vai sendo obtido, começam, por fim, a predominar os processos introjetivos sobre os projetivos e o analisando aproxima-se

da posição depressiva. Aqui, A DIVISÃO DE MELTZER

Meltzer segue de perto Klein quando dizia, em 1950, que o término da análise vincula-se ao ressurgimento das an-A divisão tripartite que nos vem de Freud, de Glover gústias depressivas, que ela ligava especificamente à pere dos outros autores clássicos é tão natural e previsível da do seio.

para nós, que se torna difícil pensar em mudá-la. Acaso Também na terceira etapa, ou encerramento da aná-

qualquer processo não tem um começo, um meio e um fim, Meltzer distingue dois momentos. O primeiro deles se fim? Entretanto, ao estudar o processo psicanalítico em início quando, graças ao predomínio dos mecanismos seu livro de 1967, Meltzer animou-se a propor uma divisão-introjetivos, o analista é visto como um objeto de amor são mais complexa e pormenorizada que consta de cinco que se pode perder. A onipotência cedeu notoriamente e o etapas, dividindo a segunda e a terceira da antiga em duas.

analisando reconhece o valor de seu vínculo com o analis-Para formular essa proposta, Meltzer baseia-se em dois instâncias e depende dele. Como dizia Klein, no trabalho recém-instrumentos fundamentais da doutrina kleiniana, os conceitos-citados, as angústias depressivas ocupam agora o centro do trabalho de identificação projetiva e introjetiva, que no caso é o cenário e, como o predomínio das angústias depressivas mesmo que dizer posição esquizoparanóide e posição no aparelho psíquico é sempre precário e instável, Meltzer depressiva. Obviamente, quem não aceita esses conceitos chama essa etapa da análise, a quarta, de limiar da posição levará em conta essa divisão. Os outros, porém, aque-

ção depressiva.

les que subscrevem a realidade desses mecanismos, pen-Quando o analisando consegue internalizar-se suficientemente que a proposta de Meltzer permite uma discriminação temente nessa área, começa a se impor a ele a proximida-

ção que outras teorias não alcançam.

de de uma separação inevitável e não-desejada; com isso, Ainda que eu escreva para todos os analistas, e não entra no último período da análise que, seguindo o modo- apenas para os de minha escola, seguirei Meltzer nesse trabalho kleiniano do desenvolvimento, Meltzer chama de o ponto, confiando em que o leitor poderá apreciar as vantagens do desmame.

tagens dessa classificação, embora não a compartilhe, nem As duas últimas etapas de Meltzer estão, pois, sob o vácuo aplicá-la em sua prática.

signo do processo de luto, com o qual a análise termina A primeira

etapa da análise, que Meltzer chama de para muitos autores e não apenas para os kleinianos, de coleta da transferência, corresponde à abertura da divi-modo que se pode admiti-las sem seguir estritamente o são tripartite. As descrições de Meltzer coincidem aqui esquema referencial desse autor. Digamos, para concluir, com as de Glover, até o ponto que atribui para os casos que essas duas etapas nem sempre se distinguem claratípicos o mesmo tempo de duração, dois a três meses apro-mente, embora seja inegável que há um momento em que ximadamente.2

o analisando depara-se com a possibilidade de terminar a A etapa intermediária fica dividida em duas, segun-experiência analítica e outro em que o desprendimento do a forma e a intensidade com que atue a identificação realmente se consuma.

projetiva. No princípio da análise, na etapa das confusões geográficas, a identificação projetiva opera maciçamente contra a angústia de separação, provocando uma confu-A ABERTURA

são de identidade na qual não se sabe quem é quem, quem é o analista e quem é o analisando.3

Como acabamos de ver, há uma grande coincidência Quando, com o decorrer do tempo e ao compasso do entre os autores de diversas escolas sobre as característi-progresso do tratamento, modera-se suficientemente a ancas gerais e a duração da etapa inicial da análise; contudo, gústia de separação, são superados os problemas de iden-veremos em seguida que a forma como é conceituada e a tidade, mas aparecem outros que, seguindo Erickson técnica com que é enfrentada variam muito.

(1950), Meltzer chama de a etapa das confusões de zonas e Em geral, atribui-se a essa etapa uma duração que de modos. Agora, o analista e o paciente estão diferenciando vai além de dois ou três meses para um paciente típidos, cada um em seu lugar. Já não há uma confusão de co, isto é, para o caso neurótico. Nos pacientes muito per-identidade, mas uma confusão de funcionamento. Essa eta-turbados (psicóticos e borderlines, perversos, adictos e psi-pa, que para Meltzer é a mais longa do tratamento, consis-copatas), esse período pode apresentar problemas especiais te em que se vão esclarecendo as confusões nas zonas eró-

e ter, obviamente, uma duração muito maior. Recordo, por exemplo, o caso de uma mulher com uma vida sexual promíscua e forte homossexualidade latente que, nas entre-2

vistas iniciais, expressou grandes dúvidas entre analisar-

É por isso que, ao falar de prazos no tratamento, sempre o faço se comigo ou com uma colega com a qual também havia em cifras médias e com uma margem ampla de variação.

3 Recorde-se o que foi dito sobre o uso da identificação projetiva feito uma entrevista. Decidiu-se, no final, por mim, mas para vencer a angústia de separação nos capítulos anteriores.

durante todo um longo ano de análise (longo ao menos

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 341

para minha contratransferência!) estive continuamente meta do tratamento continua sendo ligá-lo a isto e à pes-pensando em mudar de analista porque uma mulher a soa do médico. Para isso, não é preciso mais do que lhe compreenderia melhor do que eu. Mais de uma vez condar tempo” (ibid.).

siderei que a análise tinha-se posto em marcha, quando Creio que não é atrevido supor que a diferença que ela voltava a introduzir o problema prévio da escolha de Freud estabelece entre rapport e resistência de transferên-analista. Apesar de que é certo que eu poderia analisar cia coincide a grosso modo com a transferência flutuante e essas fantasias e ela aceitar minhas interpretações, reco-a neurose de transferência de Glover, mas voltaremos a nhecendo implicitamente que estava de fato se analisam-esse assunto em seguida, quando examinarmos o relato do comigo, sua reserva pendia como uma espada de de Maxwell Gitelson no simpósio sobre Os fatores curati-Dâmocles sobre a relação.

vos em psicanálise, durante o Congresso de Edimburgo de Os autores que acreditam que a análise está relacio-1961.

nada com um processo regressivo podem pôr uma linha Glover descreveu alguns elementos que permitem divisória muito nítida entre a primeira e a segunda etapas, detectar a passagem da transferência flutuante à neurose dizendo simplesmente que é o momento em que os fenô-

de transferência, isto é, da primeira para a segunda etapa.

menos transferenciais do começo cristalizam-se na neuro-A atmosfera analítica dos primeiros tempos começa a mu-se de transferência, momento no qual se estabelece para-dar sutilmente, e o analista

descobre que, em vez de ir lealmente a aliança terapêutica. Esses autores distinguem cronologicamente para trás na história do paciente, em-conceitualmente, de forma muito decidida, as transferências contra-se agora pressionado para adiante pelo crescente das no plural da neurose de transferência.

interesse do paciente pelo dia de hoje.⁶ Aprecia-se, então, A diferença entre as reações transferenciais do co-que a libido do paciente está sendo dirigida cada vez mais meço e a neurose de transferência, que depois se instala, para o analista e para a situação analítica e, através de um remonta às “Lectures on technique in psycho-analysis”, que sem-número de indícios sutis, parece cada vez mais claro Edward Glover proferiu no Instituto de Londres no começo que o analisando está reagindo frente à situação analítica.

ço de 1927.⁴ No Capítulo V dessas conferências, intitulado Ao dirigir-se para a sua sessão, o paciente pode ter agora

“The transference neurosis”, Glover fala das reações trans-um ataque de ansiedade, e as naturais pausas durante a reações espontâneas, diferentes e prévias à neurose de associação livre vão alongando-se, até que a sessão inteira transferência, a qual se inicia quando os conflitos do paciente transforma-se em uma grande e tensa pausa. Nesse ponto convergem para a situação analítica.⁵

junto de indicadores, há um ao qual Glover dá uma prioridade. Glover chamará depois esses fenômenos, em seu li-meiríssima importância: quando o analisando expressa, por via, de transferência flutuante, uma expressão bastante firme, que acredita que chegou o momento de que seja algo-plástica e adequada, pois capta a grande mobilidade do ra o analista que fale.

incipiente fenômeno transferencial. Glover utiliza um As observações de Glover são interessantes, porque modelo muito bonito ao comparar o começo da análise à mostram a evolução típica de uma análise. Freud havia bússola, no sentido de que se põe a bússola sobre a mesa e feito comentários semelhantes em “Sobre a dinâmica da agulha oscila muitíssimo, mas cada vez menos, até que, transferência” (1912b), quando dizia que, se cessarem as finalmente, dirige-se para o norte, que no caso é o analis-associações, é porque o analisando está sob o domínio de ta. Portanto, a transferência flutuante vai desaguar na neu-uma associação que se refere à pessoa do médico; porém, rose de transferência.

no ensaio de 1913, Freud diz que a resistência pode esta-Com essas

caracterizações, Glover não se afasta, por belecer-se desde o primeiro momento e, então, o melhor é certo, daquilo que Freud diz no já referido ensaio de 1913.

atacá-la decididamente, o que não coincide de todo com Como todos lembram, Freud aconselha taxativamente: sua opinião de que se deve primeiro obter o rapport do

“Pois bem, enquanto as comunicações e as associações do paciente e depois interpretar.⁷

paciente afluírem sem detenção, não se deve tocar no tema A nomenclatura com que Meltzer designa essa etapa transferência. É preciso aguardar, para isto, o mais espí-pa, “coleta da transferência”, coincide com tudo o que foi nhoso de todos os procedimentos, até que a transferência dito até agora, na medida em que os fenômenos transfe-tenha-se tornado resistência” (AE, v. 12, p. 140; grifos no renciais estão no começo dispersos e o analista deve ir original).

juntando-os; porém, essa tarefa é mais ativa para os ana-Em seguida, Freud pergunta-se quando o analista terá listas kleinianos do que para Freud ou Glover. Meltzer não de começar sua tarefa interpretativa, e sua resposta é cla-subestima, entretanto, os aspectos convencionais da situa-ra: “Não antes que se tenha estabelecido no paciente uma ção analítica e o contato com o que ele chama de parte transferência operativa, um rapport em regra. A primeira 6 “Instead of going backwards chronologically in the patient’s history 4 Publicadas no International Journal, são a base do livro de técnica.

we find ourselves pressed forward by the patient’s increasing concern 5 “... when the ground of the patient’s conflict has been shifted, from with the present day.” (Glover, 1955, p. 111; texto grifado no external situations or internal maladaptations of a symptomatic original).

sort, to the analytic situation itself” (1928, p. 7; texto grifado no 7 Recorde-se o que foi dito no Capítulo 31 sobre o que Klein pensa original).

a esse respeito.

342 R. HORACIO ETCHEGOYEN

adulta da personalidade do paciente, criança ou adulto.

paciente, o analista responde com um fenômeno de con-Meltzer é partidário de unir, no começo da análise, a inter-tratransferência que

constitui sua resposta diatrófica den-pretação com os necessários esclarecimentos sobre o setting tro da situação diádica. Aqui, como é fácil compreender, a e o procedimento analítico. A ansiedade não deve só ser contratransferência não é entendida como um fenômeno modificada pela interpretação, como também modulada perturbador, mas, ao contrário, completamente adequado com o setting.

às necessidades do paciente, similar à resposta dos pais Digamos, para terminar este item, que, durante essa aos requerimentos da criança.⁸ A criança incorpora a atitu-primeira etapa, a relação analítica é muito fluida e pesam de diatrófica dos pais no final da relação analítica mediante fortemente sobre ela as normas convencionais. Quando um processo de identificação secundária, que se situa no essas normas são abandonadas, pode-se afirmar que a pri-primeiro semestre do segundo ano de vida e inicia, para meira etapa foi ultrapassada. Então, um paciente pode Spitz, o caminho da socialização, que a levará a ser, no de-dizer-me que não gosta de um enfeite da sala de espera ou vido momento, também pai.⁹ Essa função, adequadamente uma mulher pode dizer que lhe veio a menstruação, com a sublimada, é uma condição necessária do trabalho analíti-compreensão de que entenderei esses ditos como associa-co, um ponto no qual Spitz coincide com a idéia de contra-

ções livres e não outra coisa.

transferência normal de Money-Kyrle (1956).

Nem sempre se pode passar rapidamente de uma si-Sempre seguindo Spitz, nosso autor pensa que a ati-tuação convencional das relações sociais correntes à bas-tude diatrófica do analista tem sua contrapartida na rela-tante singular situação analítica, sendo necessária uma ção anaclítica da criança com sua mãe na fase de identifi-certa tolerância e muito tato frente a um paciente que está cação secundária. Nessas condições, o paciente sente a ne-no começo da análise e que não se dá conta, por desco-cessidade de um suporte do ego (ego-support) e o analista nhecimento ou por seus problemas psicopatológicos, das tem, como a mãe, a função de um ego auxiliar para o pa-regras do jogo. Sem cair na demagogia do apoio, sempre ciente. A isso se pode chamar com propriedade de rapport, se pode ser cortês, sem por isso deixar de ser analista. Às o sentimento esperançoso de uma resposta diatrófica do vezes, um paciente novato formula uma pergunta frontal analista. O rapport que Freud reclamava como condição e ingênua que nunca poderá ser respondida sem grave necessária da análise deriva desse primeiro contato entre prejuízo da reserva analítica; mas, de qualquer maneira, analisando e analista que

estabelece a equação anaclítico-algo poderá ser respondido a ele, sem deixá-lo pendura-diatrófica. O rapport, afirma Gitelson, é o primeiro repredo, inconformado e sem que, obviamente, lhe responda-sentante da transferência flutuante (p. 199).

mos o que nos pergunta.

Em um momento porterior, e graças ao rapport, a transferência flutuante converte-se em neurose de transferência e o rapport fica como aliança terapêutica. Defi-A RELAÇÃO DIÁDICA

nindo rigorosamente seus termos, Gitelson dirá que a neurose de transferência é anaclítica e a aliança de trabalho é É difícil fazer justiça ao rico trabalho que Gitelson diatrófica.

apresentou em Edimburgo, não apenas pela variedade de Se a equação anaclítico-diatrófica não acontece es-conceitos que maneja, mas também porque são múltiplos pontaneamente, Gitelson não crê que ela possa ser re-os objetivos do autor. Gitelson propõe-se, por um lado, a construída; para ele, esta é a condição necessária para que fixar sua posição quanto aos fatores curativos da psicaná-

a análise possa começar. Se não há esse embasamento, lise, questionando severamente algumas atitudes que, em não poderá ser cumprida essa etapa, não se chegará nun-defesa da humanização do procedimento, abandonam sua ca a esse momento em que se delineiam a aliança terapêu-técnica; porém, além disso, investiga a origem da neurose tica e a neurose de transferência. Nesse ponto, Gitelson de transferência e da aliança terapêutica, situando-as no coincide com seus colegas da ego-psychology e não com os marco de uma teoria do desenvolvimento.

que pensam que a situação originária pode ser reconstruída Gitelson aplica o modelo da relação diádica mãe/

(Winnicott, Balint) ou interpretada (Klein). Para Gitelson, criança à configuração que se observa no começo da aná-

a relação diádica não é interpretável: se o paciente é ca-lise. Entre o analista como mãe e o paciente como bebê, paz de estabelecê-la (isto é, se é analisável) e se sabemos estrutura-se uma relação diádica que é a condição necessária para que se estabeleçam a aliança terapêutica e a neurose de transferência. Essa última é para Gitelson, como 8 Spitz deriva seu adjetivo do verbo grego que significa manter em geral para todos os psicólogos do ego, uma relação ou suportar.

triangular, a situação edípica clássica. O que posteriormente 9

se constituirá como aliança de trabalho, na primeira etapa Spitz segue aqui sua conhecida teoria do desenvolvimento das relações de objeto da criança em três etapas: anobjetal, que vai da análise não é mais que a relação diádica entre um ana-desde o nascimento ao sorriso do terceiro mês; do objeto precur-lisando que vem com suas necessidades mais primitivas e sor, que chega até a angústia do oitavo mês, e a etapa objetal um analista que responde adequadamente. A essa atitude propriamente dita, que se estende até os dois anos e meio, na do analista que responde às necessidades do analisando qual a criança alcança o nível do pensamento simbólico com o Gitelson chama de função diatrófica, de acordo com Spitz.

não semântico. (Ver *La première année de la vie de l'enfant* e “Trans-Este (1956b) dizia que, frente às necessidades iniciais do ference: the analytical setting and its prototype”.)

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 343

não interferir nela, desenvolve-se espontaneamente. Nes-chegar à interpretação, porque esta não surge de um pro-se ponto, Gitelson segue estritamente Freud quando dizia cesso intelectual, surge, por exemplo, da probidade que que, se no começo do tratamento o analista não perturba eu seja capaz de ter frente ao que o analisando está dizen-a marcha do processo, logo o paciente atribui a ele uma do-me ou fazendo. Se o analista não é proba, se não é figura benevolente de seu passado, e ali se inicia a neuro-honesto ou justo, nunca fará a interpretação correta. Não se de transferência.

é isso, creio, o que aqui se discute, mas a idéia de humanizar Gitelson opera em todo o seu ensaio com a idéia de a relação analítica para que seja, por si mesma, um fator que o ser humano vem dotado de um impulso para o de-curativo. O que Gitelson diz, que é também o que este senvolvimento. Essa idéia provém, sem dúvida, de Freud, livro sustenta, é que esses elementos não são fatores cura-mas quem a desenvolveu teoricamente foi Edward Bibring tivos, mas sim requisitos.

em sua contribuição ao Simpósio sobre a teoria dos resulta-Ataca-se a passividade do analista, o silêncio do anados terapêuticos da psicanálise de Marienbad (1936).

lista, a restrição que ele mesmo impõe-se de só interpretar Bibring fala em sua exposição de como operam os e estimula-se para que ele

participe mais. Esse ponto de fatores curativos a partir do id, do ego e do superego e, vista foi elevado à categoria de uma teoria da práxis pela quando fala do id, diz que há um impulso para o desenvolvimento da psicoterapia existencial: o que vale, realmente, é o envolvimento que considera fundamental.

contro existencial. Esses encontros existenciais, às vezes, são encontros e, às vezes, são desencontros fabulosos, como o de Médard Boss, quando faz passar o seu livro de SOBRE A PERSONALIDADE DO ANALISTA

seu paciente, apertando-lhe o pescoço, como que o estrangulando. Gitelson reage a tudo isso com muita energia. Foi dito que um propósito central do relato de Gitelson é, o que não faz mais que ratificar o que todos os que o defendem o método psicanalítico frente ao das psicoterapeutas afirmam: sua própria natureza bondosa, sua paciência, analíticas ou não, e também frente aos analistas que impecável probidade intelectual. Gitelson não quer cair no andamento do processo depender da personalidade em uma situação de apoio, de encontro existencial ou de ajuda do analista e defendem a humanização do tratamento humanização simplista, sem ir tampouco ao outro extremo. O fundo dessa discussão é o lugar que daremos em movimento, o do analista rígido e distante que acredita estar com nossas teorias à humanidade do analista. Que opera como pródigo as regras da arte quando o que faz realmente é um fator necessário é, para mim, inegável e creio que não desenvolver sua neurose obsessiva, quando não seu saquê pode colocá-lo em dúvida. O que se discute é se a dissimulação ou sua esquizofrenia. Com a teoria de uma relação humanizada do analista pode ser também um fator suficiente para a análise, Gitelson propõe-se a esclarecer esse ente nos resultados de nosso método. Se um analista carece de campo, sem cair em uma humanização barata. Sabemos de objetividade ou de bondade, de piedade, inclusive, que incorremos nisso, às vezes, na prática cotidiana do pelos defeitos do homem (não digo compreensão, nem se consultório e que há também, na psicanálise clássica, quem quer respeito, mas piedade), não pode ser analista. Todos estimulem isso. Talvez o esforço maior do trabalho de esses fatores, a probidade, a honestidade, ninguém tem Gitelson seja não fazer intervir a sugestão na primeira etapa de que são fundamentais. Se não existem essas partes do tratamento e, por isso, critica as idéias de Radó condições, é logicamente impossível que o analista possa (1925) no Congresso de Salzburgo.

344 R. HORACIO ETCHEGOYEN

O CONCEITO DE NEUROSE

co, isto é, o fenômeno transferencial existe, apresenta-se, mas não podemos resolvê-lo. No mesmo ano desse ensaio, DE TRANSFERÊNCIA

porém, em sua “Introdução do narcisismo”, Freud estabeleceu uma diferença nítida entre neurose de transferência Como acabamos de ver no capítulo anterior, a forma e neurose narcisista, afirmando que somente na primeira clássica de entender a etapa intermediária da análise é há uma capacidade objetal de relação, ou seja, uma trans-seguindo o conceito de neurose de transferência, que Freud ferência de libido que torna possível o tratamento psica-introduziu em “Recordar, repetir e reelaborar” (1914g).

nalítico. Essa classificação pertence, de fato, à psicopato-Freud sustenta nesse ensaio que, no começo da análise, logia e não à técnica, mas o que se discute, então, na rea-estabelece-se um fenômeno muito particular: a neurose lidade, é se essas duas classes são idênticas, se são super-que havia trazido o paciente ao consultório estabiliza-se, poníveis. Para alguns autores são e para outros não. Quando não tem tendência a progredir, a produzir novos sintomas, falamos das indicações ou das contra-indicações do trata-inclusive tende a diminuir ou mesmo a desaparecer, en-mento psicanalítico, desenvolvemos essa controvérsia, as-quanto começam a surgir outros sintomas, isomórficos com sinalando que, se aplicamos o conceito psicopatológico de os da neurose originária, que revelam uma conexão com a neurose de transferência à clínica, à práxis, estamos fixan-análise e/ou com o analista, e aos quais Freud chamou, do também uma determinada posição frente aos alcances adequadamente sem dúvida, de neurose de transferência.

do método. Recordemos que naquela oportunidade, e Como eu disse reiteradamente, a neurose de transfe-mesmo ao falar das formas de transferência no Capítulo rência deve ser entendida como um conceito técnico, pois 12, inclinei-me por distinguir ambos os conceitos e defini postula que as condições do tratamento analítico, do proa neurose de transferência como um fenômeno que se dá cesso analítico, fazem com que os sintomas, antes agrupa-na prática, como um conceito técnico que abrange a dos em uma determinada entidade clínica, transformem-reconversão do processo patológico em função da pessoa se em outros, nova versão que sempre tem referência, di-do analista e de seu setting, sem abrir juízo sobre a possi-reta ou indireta, com o

tratamento e, é claro, com o ana-bilidade de analisá-lo. Weinshel (1971) também estabele- lista. E é essa nova produção da enfermidade a verdadei- ce a diferença entre a neurose de transferência como con- ramente atacável pelo método psicanalítico.

ceito técnico e como conceito psicopatológico, embora o Entretanto, no trabalho de Freud não está dito, de desenvolvimento de seu pensamento leve-o, em meu en-modo algum, que os únicos sintomas que podem sofrer tender, a superpor a neurose de transferência à transfe-esse processo de reconversão são os neuróticos. Ao con-rência em geral.

trário, o que Freud disse muitas vezes é que todos os sintomas que o paciente apresenta são suscetíveis dessa muta-

ção, dessa alquimia que os transforma em transferência.

VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA

No trabalho que estamos comentando, por exemplo, Freud cita o caso de uma mulher madura que sofria de estados crepusculares nos quais abandonava sua casa e seu mari-Discutir em que consiste a neurose de transferência, do e que o “abandonou”, também, depois de uma semana qual é sua natureza e quais são seus limites é o conteúdo de tratamento em que a transferência cresceu de forma manifesto de uma controvérsia acadêmica. As idéias la-inquietantemente rápida, sem lhe dar tempo para impedir tentes que a determinam, no entanto, estão relacionadas uma repetição tão catastrófica (AE, v. 12, p. 155). Aqui, com formas diferentes de entender a análise e sua práxis, evidentemente, o quadro não é neurótico, mas sim psicó-

quando começa e até onde se estende a transferência, como tico (estado crepuscular) e a transferência apresenta-se, opera a interpretação, que função cumpre o setting.

de qualquer modo, assumindo um caráter de resistência O trabalho de Gitelson formula esses problemas ri-incoercível.

gorosamente, uma vez que delimita e circunscreve a neu-Quando a transferência torna-se essencialmente ne-rose de transferência a uma situação triangular e especifi-gativa, como nos paranóicos, dirá que, em outra oportuni-camente edípica, que pode ser alcançada e modificada pela dade, cessa toda possibilidade de um tratamento analíti-interpretção. A relação diádica do começo da vida entre

a criança e a mãe sempre se reproduz no começo da aná-

colossal e remetê-la aos conflitos com a mãe viva (e doente, mas jamais será parte da neurose de transferência, te) e com o pai morto em sua veemente versão transfe-isto é, interpretável e modificável. Spitz (1956) introduz o conceito de atitude diatrófica para especificar uma capacidade técnica, pergunto-me agora o que ele teria determinado conduta espontânea e inconsciente do anato se esse paciente, em vez de começar a análise comunitária (creio que justamente por isso a chama de contraponto por telefone a morte da mãe, tivesse vindo à pré-transferência), que corresponde à posição anaclítica do pai-meia sessão contando um sonho mais ou menos assim: ciente, mas nem ele nem Gitelson pensam que esses fenô-

“À noite, sonhei que minha mãe havia morrido. Eu falava menos podem ser analisados. Pensam o mesmo que com você por telefone para lhe dizer que entraria em contato com Elizabeth E. Zetzel quando diz que apenas o complexo de Édipo depois do enterro, mas, na realidade, só voltaria a vê-

Édipo pode tê-lo e afirma que é condição necessária para o um ano e meio depois”. O paciente de Blum e o que eu sei que o futuro paciente traga já resolvidos seus conflitos imaginários não são o mesmo caso, já sei, porque não é o dos diádicos com a mãe e o pai.

mesmo a pseudologia e o acting out a contar um sonho.

Com certeza, nem sempre é fácil decidir na relação Contado, o sonho que proponho faria Blitzstein e seus dis-ímmediata e complexa do consultório se uma relação é cúpulos dizerem que a análise não seria viável: já vimos no diádico ou triádico; além disso, se seguissemos essas re-devido momento que, quando o analista aparece em pes-gras tão puras, cairíamos em contradição apenas em dizer soa no primeiro sonho do analisando, é porque este não é a um paciente que homologa a interpretação com o leite analisável ou aquele cometeu um erro imperdoável. Como da mãe. Pacientes como a que se escapou de Freud em um Blum não cometeu no caso nenhum erro, o paciente do estado crepuscular e até a própria Dora parecem mostrar sonho seria inalisável, porém não o foi em uma versão às claras que a atitude cautelosa dos analistas clássicos, da ainda mais grave da que imagino. Fiel a suas teorias, Harold grande maioria dos analistas franceses e europeus, de teria permanecido em silêncio frente àquele sonho, esmuitos psicólogos do ego e dos analistas da Clínica de rando que se estabelecesse o rapport e que se instaurasse Hampstead não deixa de

ter seus senões.

a neurose de transferência por via regressiva? Creio (tal-Disso parece dar-se conta um teórico tão competente vez porque seja kleiniano) que o silêncio nessas circuns-cumstâncias como Loewald em seu trabalho sobre o conceito de neurotências teria sido um erro, quando não um acting out conse de transferência.¹ Apresenta ali o caso de uma jovem de 19 anos cuja neurose de transferência teve um desenvolvi-tar sem dilação a transferência.

mento rápido e intenso que o obrigou a interpretar precocemente a transferência, deixando para melhor ocasião a análise das resistências. A maior resistência nesse caso, A NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA

diz Loewald, era a própria transferência.

E A CONTRATRANSFERÊNCIA

A neurose de transferência que vai instalando-se lentamente, enquanto o descansado analista cumpre o man-Nas duas seções anteriores (e também ao falar, na data de Freud de ir limpando as resistências sem tocar de terceira parte, das formas de transferência), discuti o con-como algum no espinhoso tema da transferência, é um ceito de neurose de transferência e propus, de fato, sua ideal de nossa prática (e de nossa neurose de transferên-ampliação, porquanto a nova versão da enfermidade que cia com Freud) que só nos é permitido quando estamos se dá no tratamento não compreende apenas os sintomas frente a um caso de neurose não muito grave. Nos outros, neuróticos, mas também outros que não o são.

que são agora os mais freqüentes, os fenômenos transfe-Vamos agora considerar outra ampliação, a que renciais não tardam em se apresentar e o mesmo ocorre Racker propôs em seu trabalho intitulado “A neurose de com adolescentes, púberes e crianças.

contratransferência”, apresentado à Associação Psicanalí-

Um caso singularmente explicativo é o exposto por tica Argentina em setembro de 1948.³

Harold P. Blum em seu relato pré-publicado para o Con-No processo psicanalítico, a função do analista é, ao gresso de Madrid de 1983.2 Trata-se de um homem jovem mesmo tempo, de intérprete e de objeto (Estudos, p. 127).

que, antes da primeira sessão, ligou para comunicar que A contratransferência influi nessas duas funções, facilitando sua mãe havia morrido e que entraria em contato com ela ou dificultando o andamento do tratamento. A contra-Blum depois do enterro. Um ano e meio depois voltou a transferência pode indicar com precisão ao analista intêr-vê-lo, confessou-lhe que havia mentido, que sua mãe con-prete o que deve interpretar, quando e como fazê-lo, as-tinuava viva e que agora sim queria começar a se analisar.

sim como pode interferir em sua compreensão do materi-Blum aceitou e pôde analisar cabalmente aquela mentira al com racionalizações e pontos cegos. Também a função de objeto dependerá em cada momento, para bem ou para mal, da contratransferência.

1 “The transference neurosis: comments on the concept and the Não se pode pretender, diz Racker, que o analista phenomenon” foi lido em Boston em 1968 e publicado no Journal mantenha-se imune à contratransferência, porque isso se-of the American de 1971. Encontra-se no Capítulo 17 de Papers on psycho-analysis.

2 “The psychoanalytic process and analytic inference: a clinical study of a lie and a loss”.

3 Estudos sobre técnica psicanalítica, V.

346 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ria como dizer que o analista não tem inconsciente; po-

ções e (por que não dizê-lo) contrariedades, que nunca vêm, é possível que, se o analista observa e analisa sua poderemos calcular. Tudo o mais que podemos dizer é que contratransferência, possa utilizá-la para levar adiante o durará anos, nunca meses, e que sua evolução dependerá andamento do tratamento.

de como participem os dois protagonistas. Se na primeira Do mesmo modo que a personalidade total do anali-etapa a habilidade do analista só é posta à prova pelos sando vibra em sua relação com o analista, também vibra o pacientes mais irregulares, na etapa intermediária vai sê-

analista em sua relação com o analisando, sem por isso deslo em todo momento. Dela dependerá, tanto quanto do conhecer as diferenças quantitativas e qualitativas (p. 128).

grau de enfermidade e da colaboração do paciente, o des-Racker

sustenta que o analista continua tendo conflito do tratamento.

tos, por mais que tenha sido analisado e bem analisado, que sua própria profissão proporciona-os continuamente, e “assim como o conjunto de imagens, sentimentos e im-AS CONFUSÕES GEOGRÁFICAS

pulsos do analisando em relação ao analista, por serem determinados pelo passado, é chamado de transferência e Diferentemente de Freud, de Glover e da totalidade sua expressão patológica é chamada de neurose de transfe-dos autores que se ocuparam da etapa intermediária como rência, assim também o conjunto de imagens, sentimentos unitária, Meltzer distingue aqui duas etapas. Talvez não e impulsos do analista em relação ao analisando, por se-seja necessário dizer que, ao estabelecê-las, Meltzer não rem determinados por seu passado, é chamado de contra-propõe uma divisão taxativa, mas um aparato teórico que, transferência e sua expressão patológica poderia ser decom uma visão mais retrospectiva, permita-nos discrimi-nominada neurose de contratransferência (p. 129).

nar momentos diferentes quando estudamos o processo já Em seu Estudo V, Racker mostra como se reprodu-fora dele. Não há limites claros, como tampouco existem, zem na contratransferência o complexo de Édipo positivo é desnecessário dizer, entre as três etapas clássicas.

e negativo do analista, assim como seus conflitos pré-

Como dissemos, as duas etapas de Meltzer giram em edípicos orais e anais.

torno da identificação projetiva. Na segunda etapa, que Seguindo, então, as idéias de Racker, chamaremos a agora nos concerne, o paciente recorre à identificação etapa intermediária da análise de neurose de transferência e projetiva maciça. Disso decorre que Meltzer a designe como contratransferência, considerando que a participação do ana-a etapa das confusões geográficas, já que a “geografia” da lista é inevitável. O processo analítico envolve tanto o ana-fantasia inconsciente está radicalmente perturbada. Para lista quanto o analisando, embora se possa discutir o grau e dizê-lo em termos de identidade, a diferença entre sujeito a qualidade dessa participação, que obviamente não é idên-e objeto não foi alcançada ou se perde, porquanto a idêntica nos dois casos. Justamente, a condição necessária para tificação projetiva maciça implica uma confusão substan-que se estabeleça o processo psicanalítico é que a interação

cial entre sujeito e objeto. Essa confusão é justamente o entre essas duas pessoas – analista e analisando – seja de trunfo do paciente para resolver os problemas que se colo-uma forma determinada e não se dê como na vida corren-cam para ele na relação analítica: para não reconhecer a te. Já dissemos no devido momento, que a etapa do come-diferença em relação ao analista é que o paciente recorre ço da análise consiste em que, frente à atitude convencio-a esse processo tão intenso de identificação projetiva. Como nal que traz o paciente a seus pressupostos e expectativas vimos ao estudar as teorias do processo, a perspectiva de de que o analista reagirá como habitualmente o fazem Meltzer (assim como a de Zac) apóia-se na angústia de todos os seus congêneres, o analista adote uma atitude separação. Essa teoria liga-se com a idéia de relações de que o distingue, porque não responde da maneira espera-objeto precoces, porque implica que, desde o primeiro da. Pudemos dizer também que, no momento em que o momento em que se estabelece a relação analítica, há uma paciente compreende essa diferença, passa a uma nova relação de objeto.

relação, a relação propriamente analítica, na qual já não Portanto, Meltzer é dos que entendem o processo espera respostas como as que está acostumado a receber, psicanalítico em termos das angústias de separação; para mas uma resposta muito especial, surgida de duas raízes ele, a reiterada experiência de contato e separação fundamentais, a regra de abstinência e a interpretação.

estabelecida pelo ritmo das sessões analíticas influi predo-No momento em que a relação muda e deixa de ser con-minantemente sobre o processo, simultaneamente, é cla-vencional para ser regida por esse novo código, começa a ro, com as expectativas que o paciente traz. Daí a impor-segunda etapa da análise.

tância da regularidade das sessões, seu ritmo e seu núme-Enquanto o desenvolvimento da primeira etapa va-ro: a estabilidade da situação analítica é a base para que ria com o enfoque de cada escola, e inclusive de cada ana-realmente se possa estabelecer o processo. Essa idéia é lista, na que agora estamos considerando as divergências especificamente kleiniana, pois apóia-se em uma teoria das não são tão grandes. Se sobre a duração da primeira etapa relações precoces de objeto, embora nenhum analista dei-há uma surpreendente coincidência entre todos os auto-xe de considerar importante o contato e a separação. Seja res, a que agora estamos discutindo, por sua própria natu-qual for seu suporte teórico, sempre terá de interpretá-lo, reza, não tem prazos determinados. Nessa etapa, desen-de integrá-lo a suas teorias, porque esses elementos im-volve-se o processo de transferência e contratransferência põem-se na clínica

com frequência. Já vimos a importância de todos os seus infinitos matices, sutilezas, contradição de interpretar com acerto as angústias de separação e

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 347

a dificuldade de fazê-lo sem cair em interpretações mecâ-

te, da habilidade que o analista tenha para detectar o mecânico e, na maioria das vezes, chatas, que os pacientes canismo de identificação projetiva maciça e interpretá-

rechaçam com razão. Disse também, em outra oportunidade, o que sempre aumenta com a experiência clínica, bem dada, que o paciente resiste fortemente a essas interpretações do grau e da frequência com que o analisando em-

ções, porque teme o vínculo que estamos tentando pregar. O prazo pode então variar, mas eu me atreveria dificilmente estabelecer e o faz na maioria das vezes a dizer que o paciente habitual de nossa consulta pode desqualificando-nos. O paciente não é um juiz muito conseguir isso em um par de anos ou um pouco mais. Por confiável, mas é o único que temos; suas críticas podem outro lado, é fácil compreender que em psicóticos, perversos certas, mas também tendenciosas: quanto mais o passos, drogaditos ou psicopatas esse prazo alonga-se notoriamente buscar atacar o vínculo analítico, mais severas se-mente e, às vezes, jamais pode ser cumprido.

rão suas críticas a nossas (boas) interpretações sobre o Recordeo o sonho que teve, no final de seu primeiro fim de semana.

ano de análise, uma paciente homossexual, cujo caso publiquei em 1970. Sonhava que ia visitar a maior organiza-

ção homossexual do mundo, que estava debaixo de uma O SEIO TOALETE

cidade. Ao descer, sentia necessidade de ir ao banheiro, pedia permissão para fazê-lo e indicavam-lhe onde ficava.

Na etapa das confusões geográficas, o analista deve Entrava no banheiro e via que havia ali uma escadinha; funcionar e deve mostrar que funciona como um continente descia e via outro banheiro e outra escada; assim, desceu de suas ansiedades do analisando. A tarefa analítica funda-cinco vezes, até que despertou. Parece-me que nesse somental dessa etapa é que o analista contenha a ansiedade não pode-

se apreciar como funciona para a paciente o do paciente e, ao mesmo tempo, interprete-a. À medida setting analítico: as cinco sessões a protegem de uma volta que esse processo é cumprido, se o paciente deposita, ou maciça à homossexualidade, como depois de fato acontel-melhor, evacua sua ansiedade (o termo tem aqui sentido ceu. Nesse sonho, surge claramente a idéia de que as cinco literal) e o analista é capaz de suportá-la, estabelece-se sessões analíticas representam realmente o seio toalete.

um tipo de relação na qual o paciente sente o analista como Durante a etapa das confusões geográficas, a tarefa um objeto cuja função consiste em contê-lo. A esse objeto, interpretativa pode ser definida, de acordo com Meltzer, cuja função é a de receber o que o paciente evacua ou como indo do mecanismo à ansiedade. Nisso se apóia, projeta, Meltzer chamou de seio toalete, porque obviamente muitas vezes, a diferença entre uma interpretação ade-está ligado à etapa oral do desenvolvimento. Desse modo, quada e outra que não é. Por isso, dizíamos no capítulo a identificação projetiva maciça do paciente tem seu cor-anterior que, quando o analisando projetou maciçamente relato em uma atitude do analista que reproduz o tipo dentro de um objeto sua parte angustiada, a única coisa arcaico da relação que se deu entre o bebê e a mãe como que podemos fazer é buscar, como um detetive, onde está continente de sua ansiedade. Esse objeto é parcial, porque escondida a criança com angústia para colocá-la outra vez não representa a totalidade do seio, mas apenas sua fun-em seu lugar, dentro do paciente. Quando o analista faz ção continente, daí seu nome, toilet-breast.

isso, então o paciente começa a sentir angústia; a inter-

À medida que se repete esse processo, o analisando pretação foi do mecanismo à ansiedade. Nessa etapa, en-desenvolve uma crescente confiança no seio toalete e vai tão, à medida que o analista interpreta adequadamente, consumando-se sua introjeção. Pode-se dizer que, teorica-vai aumentando o nível de ansiedade do analisando.

mente, desde o momento em que esse seio toalete tenha O substancial, nessa etapa, é interpretar o mecanis-sido cabalmente introjetado, o paciente tem dentro de si mo, a interpretação projetiva maciça, para restabelecer a um objeto em que pode despejar suas ansiedades e, nesse relação de objeto e ansiedade, porque o que o mecanismo momento, termina a segunda etapa do processo analítico.

fez foi justamente anular a relação de objeto para evitar a Para Meltzer, é um momento-chave, porque se trans-angústia.

pôs o limite que vai da saúde mental à loucura, do juízo à psicose. Salta aos olhos a semelhança desse conceito com a linha divisória que Abraham (1924) traçava entre a priA PELE

meira e a segunda etapas anais para separar psicose e neurose. Por coincidência, esses dois autores, Abraham e Quando Meltzer escreveu The psycho-analytical Meltzer, assinalam um ponto clinicamente significativo: em process em 1967, estava apenas em seu início a investiga-momentos históricos distintos e com diferentes suportes ção de Esther Bick sobre a pele como objeto da realidade teóricos, descobrem que, quando o indivíduo pode conter psíquica, à qual nos referimos em um capítulo anterior.

suas ansiedades e não tem necessidade de projetá-las, trans-Pois bem, o conceito de seio toalete foi pensado em terpôs o limite entre a psicose e a neurose, entre a saúde mos do funcionamento da identificação projetiva e não é mental e a enfermidade em termos psiquiátricos.

aplicável, em meu entender, à identificação adesiva da qual Se o analista não é muito inábil e o paciente não é falarão Bick e Meltzer em seus novos estudos. Para dar muito doente, Meltzer diz que esse processo pode ser al-conta dos novos fenômenos, talvez Meltzer tivesse de re-cançado em um ano de trabalho, prazo que a mim, pessoal-correr a um novo conceito ou ampliar o anterior. Entendo mente, parece um tanto curto. Tudo depende, naturalmen-que o conceito de holding, de Winnicott, é o que melhor se

348 R. HORACIO ETCHEGOYEN

adapta às duas modalidades de identificação narcisista de Klein, como sustentam Rascovsky (psiquismo fetal) e Meltzer, já que a palavra holding (sustentação) é adequada Bleger (posição glischrocária).4

tanto à pele quanto aos braços, o seio ou o corpo da mãe.

O que descrevemos há pouco é claramente um processo de tipo espacial. O seio toalete é um espaço no qual AS CONFUSÕES DE ZONAS E DE MODOS

“tem lugar” a identificação projetiva. Enquanto isso não existir, não pode haver verdadeiramente processos de iden-O desenvolvimento da análise em sua etapa interme-tificação projetiva.

diária, a mais prolongada e talvez a mais complexa, du-A partir do já comentado trabalho de Esther Bick rante a qual se desenvolve a

neurose de transferência e (1968), a pele aparecia como um objeto fundador do psí-

contratransferência, não é suscetível de sistematização, mas quico. Antes que possa haver uma relação continente/con-sim de alguns comentários de como se pode entender todo teúdo (dentro e fora), deve haver uma relação bipessoal esse longo trajeto. Vimos primeiro as precisões de Racker de contato. O característico da identificação projetiva é sobre a neurose de transferência e agora estamos examinando sua espacialidade, já que ela pressupõe a existência de um nando as contribuições de Meltzer. À medida que se vai objeto com três dimensões. A relação que Bick estudou em construindo o seio toalete no mundo interno, surge outra crianças psicóticas e autistas, observando bebês, e o que configuração, que Meltzer chama de a etapa das confusões paralelamente investigaram Meltzer e seu grupo de estudo zonas e de modos. A identificação projetiva diminuiu, de dos com crianças autistas é um tipo de relação que não modo perceptível, e já não vai regular substancialmente a parece estar vinculado a um processo tridimensional, mas dinâmica do processo psicanalítico. Embora nos avatares meramente de contato. É uma identificação narcisista, do contato e na separação sempre se vá recorrer à identi-porquanto apaga a diferença entre sujeito e objeto, ape-ficação projetiva maciça, no resto do processo a tarefa esnas contata, não faz mais que tocar a superfície do outro.

tará centrada muito mais no ajuste ou no reordenamento O processo de identificação é superficial, não tem consis-das confusões zonais, e não nos problemas de identidade.

tência, sem dar a essas palavras o sentido pejorativo que Se na primeira etapa ia-se do mecanismo à ansieda-comumente lhes é atribuído. Essas pessoas são indivíduos de, na segunda, ao contrário, passa-se da ansiedade ao que dependem muito da opinião dos demais e nas quais o mecanismo. Na primeira etapa, trata-se de consolidar a processo de identificação é mimético, imitativo, não tem função continente do analista, permitindo que o paciente densidade. São pessoas que se preocupam muito com o introjete-o como seio toalete. A interpretação leva do me-status, o papel social; importa-lhes mais ter um título do canismo à ansiedade, justamente porque a identificação que exercer sua profissão.

projetiva maciça, por apagar as diferenças entre sujeito e Também David Rosenfeld (1975) pensa que a pele objeto, põe aquele que a utiliza ao abrigo de senti-la. À

desempenha um papel importante na constituição do es-medida que corrigimos a confusão geográfica – e volta-quema corporal e nas primeiras relações de objeto. Por mos a dar a César o que é de César e a Deus o que é de um lado, a pele proporciona as experiências de suavidade Deus –, o paciente começa a sentir ansiedade, porque so-e calor que brotam da mais precoce relação com a mãe; mente a partir da diferenciação entre sujeito e objeto pode-por outro, a pele cumpre uma função de sustentação e de se começar a sentir todas as vicissitudes do vínculo que organização das partes dispersas do self, que guarda rela-antes, de fato, não havia.

ção com o pênis dentro do seio.

Na etapa seguinte, a situação é diferente, para não Na clínica, o fenômeno da identificação adesiva é dizer diametralmente oposta. O indivíduo apresenta-se percebido como uma modalidade especial de lidar com a angustiado e, ao elucidar suas confusões zonais, nós lhe angústia de separação. São analisandos que buscam es-mostramos o mecanismo que explica sua ansiedade. Nes-tar em contato, interessa-lhes escutar a voz do analista sa etapa, o vínculo está ali, existe, e podemos operar com ou que os escutem, sem que o conteúdo do discurso seja esse vínculo e suas vicissitudes, fazendo o sujeito ver que importante para eles. Tendem a desmoronar e nos so-a consequência de suas confusões zonais é invariavelmen-nhos surge, às vezes muito claramente, a busca desespe-te a ansiedade. O paciente chega, por exemplo, à sessão rada da companhia e do contato. Como as crianças angustiado e começa a falar de forma contínua e excessi-autistas de Kanner (1943), esses analisandos parecem va. A interpretação assinala que confunde sua língua com não nos escutar: as palavras entram por um ouvido e sua uretra para urinar no analista. A interpretação dá ao saem pelo outro, como se dentro da cabeça não houves-paciente as razões de sua angústia e tem naturalmente de se um espaço para contê-las.

aliviá-la.

Segundo essas investigações, então, haveria de se Por trás de todas essas confusões, há sempre, para pensar que a terceira dimensão é patrimônio de uma eta-Meltzer, uma premissa básica: negar a diferença entre o pa posterior do desenvolvimento, que se inicia em um ní-

adulto e a criança; e para corrigi-la dirigem-se, em última vel bidimensional, como sustenta há muitos anos Arnaldo instância, todas as interpretações nessa etapa. A interpre-Rascovsky, a partir de seu

livro sobre O psiquismo fetal (1960). Isto implica, então, que a identificação adesiva seja prévia à identificação projetiva e que haja (ou deva) Para mais detalhes, ver minha “Introdução à versão castelhana”

haver) uma etapa prévia à esquizoparanóide de Melanie do livro Exploración del autismo.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 349

tação sempre se refere a essa diferença entre o funciona-Outro aspecto que Meltzer salienta nessa etapa é a mento adulto e o funcionamento infantil, tema que, de tentativa de tomar posse do objeto. Trata-se de uma for-outra perspectiva, Janine Chasseguet-Smirgel (1975) es-ma primitiva de amor, de forte colorido egoísta e ciúmen-tudou profundamente.

to, cujo corolário lógico é crer que se dispõe das excelências Esse aspecto da interpretação é, por um lado, inelu-com as quais se poderá conquistar o objeto. Aqui, novadível e, por outro, sempre doloroso. É ineludível porque, mente, a idéia de confusões de zonas e de modos mostra-se não o levamos em conta, essas interpretações poderiam se de maneira evidente.

ser decodificadas pelo paciente como se sancionassem uma Por último, a configuração mais freqüente e mais di-igualdade onde deve haver uma assimetria. É nesse mo-fícil de manejar nessa etapa e à qual parece que conver-mento da análise, talvez, que o conceito de assimetria na gem todas as defesas, é uma tentativa persistente de esta-neurose de transferência adquire sua vigência mais ple-belecer, pela sedução, um vínculo de idealização mútua. À

na, e nossa tarefa consiste em que o paciente aceite-a, medida que se consegue isso, o paciente pode manter a por mais dolorosa que seja para ele. Há muitas maneiras idéia de que é igual ao analista, de que tudo os une e nada de se interpretar as diferenças entre funcionamento adulto os separa. Oblitera-se, assim, o acesso à posição depres-e infantil, assim como também de investigar a idealização, siva, porque, à medida que essa situação consolida-se, o que é justamente o mecanismo básico pelo qual a sexua-analisando não chegará nunca à verdadeira dependência lidade infantil equipara-se à adulta. Não basta dizer a e à perda de objeto, os dois traços que definem a posição um paciente, nessa etapa, que ele (ou ela) quer dar-me depressiva. O analista deverá mostrar, aqui, toda a sua ca-um bebê com sua parte feminina infantil, mas também pacidade para

desbaratar a tentativa persistente, monóto-que somente idealizando a matéria fecal pode acreditar na e multiforme do analisando em prol desse tipo de ideia-que seu bebê é igual ao que fazem os pais. Esse último lização. É realmente difícil sobrepor-se a esse embate con-aspecto da interpretação é ineludível, independentemente tino do paciente à procura de um vínculo idealizado que, do tato com que seja formulada. Uma interpretação que se for estabelecido, levará a análise ao impasse, muitas se limite a assinalar a produção de bebês fecais, sem mo-vezes disfarçado de “final feliz”.

dificar a idealização que a confusão de excrementos e Na terceira etapa de Meltzer (que é a segunda parte bebê pressupõe, não faria mais que reforçar a idealização da etapa intermediária da análise), a identificação pro-da sexualidade infantil. Certamente se poderá dizer que, jetiva continua funcionando frente às emergências de se-em geral, o mero fato de interpretar nessa direção já im-paração, como podem ser o começo e o final da hora, da plica assinalar as diferenças, mas nem sempre é assim: semana ou as férias e, é claro, o finalizar da análise; no quando os mecanismos maníacos são mais marcados, a restante, já não opera de forma maciça e fica vinculada tentativa de apagar a diferença entre o grande e a crian-ao ordenamento das zonas efetoras erógenas e aos mo-

ça é mais forte, e então com mais firmeza teremos de dos da sexualidade. Aparece, então, mediada pela inveja integrar esse aspecto na interpretação.

e pelos ciúmes, a necessidade de apagar as diferenças Por tudo o que foi dito, compreende-se que uma con-entre o adulto e a criança, quando a criança confunde, figuração que se dá durante essa etapa da análise é o que por exemplo, sua língua com o bico do seio ou sua pro-Meltzer chama de genitalização difusa, com os concomi-dução anal com a capacidade gerativa dos pais. Agora tantos problemas de excitação. Com isso, quero destacar interpretamos a partir da ansiedade ao mecanismo, ten-que uma das confusões zonais mais características é que tando mostrar que a ansiedade é o corolário ineludível diferentes órgãos do corpo possam funcionar como genitais.

do mecanismo empregado; tentamos fazer o analisando A criança utiliza seus órgãos como executores de sua sexua-ver que sente ansiedade porque está utilizando um me-lidade, confundidos com seus genitais, porque, na realida-canismo de defesa que ataca, desvirtua e perturba o funde, a qualidade especial do orgasmo, aquisição típica da cionamento do objeto.

vida sexual adulta, não foi alcançada por ela. Por conseguinte, para terminar, que Meltzer atribui a essa guineta, só depois de apagar essa diferença pode-se considerar etapa uma duração de três a quatro anos no adulto e dois rar a atividade sensual da criança equiparável à do adulto.

ou três na criança.

350 R. HORACIO ETCHEGOYEN

46

Teorias do Término

PANORAMA GERAL

discutiremos no devido momento, mas digamos desde já que John Rickman define-os muito acertadamente em seu São tantos e tão variados os problemas que nos pro-pequeno e lúcido trabalho de 1950. Além disso, existem põe o término da análise, que se torna necessário enfrentá-

outros indicadores que aparecem por motivo do término, los com uma certa sistematização. Iremos expô-los, ten-ou seja, pelo fato de que o término seja proposto; são contando agrupá-los a partir de três pontos de vista: teórico, seqüência do processo de término: a decisão de terminar clínico e técnico. Essas áreas superpõem-se, é claro, fre-o tratamento é sempre acompanhada, com efeito, de an-qüentemente e não podem ser delimitadas de maneira gústias depressivas e/ou temores fóbicos ou paranóides absoluta; porém, para os fins desta exposição, é pertinen-de ficar sem o analista, mesmo no caso de que o processo te estabelecê-las. Vamos acrescentar a isso, ainda, a pós-não tivesse chegado à etapa do término. De modo que, do análise como uma etapa de importância singular, cujo es-ponto de vista clínico, distinguiremos os indicadores que tudo, recentemente empreendido, merece ser ampliado.

nos advertem de que o processo chegou ao final e os que O problema teórico consiste em ver a que vamos cha-resultam dessa fase do processo.

mar de final de análise, o que equivale a dizer quais se-Devemos considerar, por último, os aspectos técnicos rão nossos critérios de cura, a que pressupostos nós nos do término, como e quando operar o término. Aqui, tere-remeteremos frente ao problema sempre difícil de resol-mos de estudar o momento em que o paciente percebe ver sobre

a saúde mental de um indivíduo, que diferen-que sua análise entrou na etapa final e nós concordamos ças estabeleceremos entre saúde e doença. Freud ocupa-com tal apreciação. Em geral, essa alternativa configura se disso lucidamente em seu artigo “Análise terminável e dois momentos diferentes, porque uma coisa é a presun-interminável” (1937c), que lembraremos mais de uma ção e outra que o analista a compartilhe. A opinião do vez neste capítulo. Interessa destacar que os critérios de analista importa, porque é introduzida como um elemento serão diferentes, segundo os suportes teóricos com to real, como algo que se acrescenta ao contrato originá-

que trataremos de abordá-los. A psicologia hartmanniana rio. Apenas quando prestamos nosso acordo desencadeia-da adaptação, por exemplo, leva a pensar que o término se o novo momento dialético que poderemos chamar, com da análise implica reforçar a área livre de conflito e um propriedade, de etapa do término. Essa etapa do proces-funcionamento egóico suficientemente adaptativo, en-so, apressemo-nos em ressaltar, demorará um tempo variá-

quanto a escola kleiniana insistirá na elaboração das an-vel, mas nunca breve, em meu entender sempre superior a gústias depressivas. Lacan dirá, subestimando acidamente dois anos, durante o qual sobrevirão momentos de avanço a psicologia da adaptação, que um bom final sanciona a e integração e outros de “inexplicável” retrocesso. É o que sujeição do sujeito à ordem simbólica, e Winnicott sus-Meltzer chama de limiar da posição depressiva, que cul-tentará que o analisando terá adquirido seu verdadeiro mina com o processo do desmame, em que surge no anali-self e, aceitando suficientemente a desilusão, saberá ago-sando uma urgente necessidade de terminar, de chegar ao ra o quanto deve à mãe.

fim. Essa nova fase culmina quando se combina uma data Além desse enfoque teórico, há uma clínica do térmi-de término, que nunca poderá ser nem muito próxima nem no da análise que está relacionada fundamentalmente com muito distante, que deverá ser medida em meses, não em o tema dos indicadores. Para que se possa falar de um tér-semanas ou anos, porque, se fosse em semanas, haveria mino da análise, obviamente temos de encontrar clinica-de concluir que demoramos muito em anunciá-la e, se fos-mente os sinais que nos permitam afirmar, com uma razoá-

se de anos, estaríamos adiantando-nos a um futuro muito vel segurança, que o analisando está por entrar ou já en-distante, em que a idéia de desprendimento não poderia trou na etapa de término. Novamente, esses indicadores ser aceita.

clínicos dependem muitíssimo dos pressupostos teóricos. Como um paradoxo a mais de nossa profissão impos-antes mencionados; contudo, deixando isso de lado, todos são, e quem sabe a mais insuportável, o tratamento psicanalítico. Os analistas entendem que esses indicadores existem e que o analítico não termina senão depois, quando o analisando, nos permite detectar o estado do processo analítico em sozinho e livre, assim o decide, no período que se chama um dado momento. Há, de fato, vários indicadores, que de pós-análise.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 351

É TERMINÁVEL A ANÁLISE?

Freud refere-se a ele continuamente, não só porque no ocaso de sua vida deve ter-se recordado muito de Sandor, mas Entre os inúmeros problemas teóricos que o término também pelos grandes méritos do relato do húngaro.

da análise pode suscitar, dois são para mim os mais impor-Em sua exposição, Ferenczi insiste em que a análise tantes: se existe verdadeiramente um término da análise e pode chegar a um término sempre que o analista tiver quais são os fatores curativos.

coragem e paciência para deixar que o processo desen-Sempre se discutiu, antes e depois do famoso artigo volta-se sem um limite de tempo preconcebido e saiba de 1937, se a análise pode e deve terminar. Tudo faz supor ocupar-se, ao mesmo tempo, dos sintomas e do caráter.

que a polêmica continuará para sempre.

Tampouco creio que se deva contrastar o ácido pessimis-Os principais argumentos de Freud em “Análise mo de Freud com o otimismo radiante de Ferenczi. Pen-terminável e interminável” continuam ainda de pé. Além so que esses dois grandes trabalhos são equilibrados, dos aspectos formais com que de fato termina uma análi-embora possam discordar em mais de um ponto. Freud, se, quando analista e analisando cessam as entrevistas, há por exemplo, mostrava-se cético quanto a poder reativar também algumas razões teóricas para afirmar que a análi-os conflitos potenciais do analisando, porque não via mais se deve ter um término. A análise, diz Freud, foi iniciada que duas alternativas igualmente impraticáveis: discor-com certos objetivos e deve terminar quando eles tiverem rer sobre eles ou provocá-los artificialmente na transfe-sido alcançados.

rência; todavia, Ferenczi pensa que eles podem ser al-Freud pensa, também, que uma boa análise deve pôr cançados, porque opera com uma teoria do caráter que o sujeito ao abrigo de uma recaída, dando-lhe as ferra-não está na mente de Freud naquele momento.

mentas suficientes para resolver, dentro de certos limites, Ferenczi afirma categoricamente, em seu artigo, que seus conflitos. Quando a vida ultrapassá-los, com seu rigor a análise pode e deve terminar e acrescenta que um térmi-e com suas injustiças, não se deverá imputar isso pura e no correto não pode ser brusco, mas gradual e espontâ-

simplesmente à análise. Que um processo termine não quer neo. “O término correto de uma análise produz-se quando dizer que não possa ser novamente iniciado. Freud não nem o médico nem o paciente põem-lhe fim, senão que, diz, no entanto, o que deveremos fazer se esses objetivos por assim dizer, extingue-se por esgotamento (p. 75).¹

E

não forem alcançados. Poucas vezes se propõe esse tema, acrescenta em seguida: “Um paciente realmente curado talvez porque, então, teríamos de resolver um problema vai liberando-se da análise de uma maneira lenta, porém não menos espinhoso: quando vamos dizer que uma aná-

segura; deve continuar comparecendo por todo o tempo lise fracassou? Essa pergunta é difícil de responder, justa-que o desejar”. Ferenczi descreve essa etapa final como mente porque os limites da análise nunca são claros, as-um verdadeiro luto: o analisando vai dando-se conta de sim como não são, por certo, nítidos e fixos seus objetivos.

que continua comparecendo à análise pela gratificação que Freud diz também que os analistas deveriam reana-isso proporciona a seus desejos infantis, embora já não lhe lisar-se a cada cinco anos, o que poderia fazer pensar que renda em termos da realidade. Nesse momento, com pena, duvida ao menos do término da análise didática. Não se deixa de comparecer, buscando ao seu redor, fontes mais deve esquecer, entretanto, que essa sábia advertência é fei-reais de gratificação (p. 75). Ferenczi conclui com estas ta tendo em vista o trabalho altamente insalubre que o anasábias palavras: “A renúncia à análise constitui, assim, a lista cumpre, de modo que aqui vigora o princípio anterior conclusão final da situação infantil de frustração que está sobre as circunstâncias da vida futura do ex-analisando.

na base da formação de sintomas” (p. 75).

Talvez seja este o momento de dizer que as opiniões de Talvez hoje tenhamos propostas diferentes sobre a Freud sobre a eficácia e os limites do tratamento analítico, formação dos sintomas, mas a idéia ferencziana, de que o em 1937, são equilibradas

término da análise significa dar por terminados os mode-e não diferem demasiado das que

deu em toda a sua vida, desde os Estudos sobre a histeria até los infantis de gratificação para se dirigir – com pena, po-o Congresso de Nurenberg, passando pelos artigos de 1905, rém decididamente – a satisfações mais realistas, mantém um ponto que Wallerstein (1965) também destaca.

hoje, para mim, a vigência mais plena.

Não se deve esquecer, por outro lado, que “Análise Em manifesto desacordo com seu mestre (e com seu terminável e interminável” aborda tratamentos de dura-analista!), Ferenczi sustenta que a análise didática não deve ção muito breve, diferentes das análises atuais, sobretudo ser para informar o futuro analista sobre os mecanismos para as chamadas análises didáticas, que Freud concebia de seu inconsciente, mas sim para dotá-lo dos melhores quase como um rito de iniciação. Ele chega a dizer que, instrumentos para sua futura tarefa e que não é concebí-

quando o paciente teve consciência de que existe o in-vel que a análise didática dure menos que a terapêutica.

consciente e assumiu o estranho fenômeno do retorno do Nesse ponto, o tempo veio dar razão a Ferenczi – porque recalcado, já conseguiu o que se pode aspirar de uma aná-

nem sempre Freud tem razão!2

lise didática. Atualmente, não pensamos assim, é claro; pensamos que a análise didática deve ser encarada como qualquer outra e ser profunda e prolongada.

1 “O problema do término da análise”, Problemas e métodos da O artigo de Freud, conhecido e reconhecido por todos psicanálise.

os analistas, deveria ser lido junto com o que Ferenczi apre-2 Para uma discussão mais pormenorizada, ver o trabalho de sentou no Congresso de Innsbruck em setembro de 1927.

352 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A convicção de que a análise deve terminar, compar-mesmo. Há aqui, pois, uma incompatibilidade que não é tilhada por Ferenczi e Freud, assim como por muitos ana- apenas tática, mas também lógica: para ser independente, listas depois deles, assenta-se em fatos clínicos bem com-não se pode depender do outro até a eternidade.

provados, embora haja também outros que apontem o Esses raciocínios são óbvios, mas nem sempre são contrário.

levados em conta no momento em que se propõe o térmi-O insolúvel problema deveria ser levado, talvez, para no da análise e tampouco quando se deve tomar a difícil outro terreno, começando por nos perguntar o que enten-decisão de um final forçado pelas exigências às vezes demos por término da análise e quais são os objetivos que impreteríveis da vida. Refiro-me a circunstâncias como uma levamos em conta quando pensamos no término. Porém, nomeação, uma bolsa de estudos ou o casamento, quando isso já nos leva ao outro tema da teoria do término, o dos obrigam o analisando a optar entre continuar o tratamen-fatores curativos.

to ou tomar outro caminho. Aqui, a avaliação do analista Como processo, a psicanálise deve ter por definição nos termos recém-apresentados pode ser decisiva. Não é a um término, porque, quando a iniciamos, fixamos por con-mesma coisa que o analista aceite que o analisando vá trato um objetivo e jamais dizemos que iniciamos agora embora, mas diga, como Pilatos, que o tratamento ficou uma tarefa daqui até a eternidade. Se essa discussão tor-interrompido ou que o dê por terminado, deixando claro nou-se interminável é, entre outros motivos, porque não que o término teria sido outro se tivessem sido outras as se separa o processo analítico empreendido por analisancircunstâncias.

do e analista da auto-análise que, como ferramenta pessoal, se aplicará por toda a vida. Termina-se o estudo na universidade ou no instituto de psicanálise; a aprendizagem conOS FATORES CURATIVOS

tinua depois para sempre.

O outro problema vinculado à teoria do término da análise, não menos importante que o anterior, é o dos fa-OBJETIVOS DO TRATAMENTO

tores curativos. Logicamente, se pensarmos que a análise é uma tarefa que termina quando for cumprida, então surA grande maioria dos analistas pensa atualmente que ge imediatamente o que vamos entender pelo cumprimento a análise como procedimento que busca alcançar determi- dessa tarefa, e isso nos leva aos fatores curativos.

nados objetivos deve diferenciar-se da análise como um É evidente que não se pode falar dos fatores curati-programa de desenvolvimento pessoal que dura toda a vida vos sem considerar a teoria da doença e da cura com a e é, de fato, interminável. São duas coisas distintas, emboqual operamos. No entanto, também é certo que, quando ra na prática tendam a confluir, já que os objetivos iniciais se analisam as diferenças escolásticas, verifica-se que são podem variar e é legítimo que assim seja, à medida que o talvez mais de forma que de fundo, o que, pelo contrário, analisando vai compreendendo melhor em que consistem vem mostrar que a psicanálise é bastante confiável como verdadeiramente suas dificuldades e qual é a ajuda que a doutrina científica.

análise pode realmente oferecer. Essa amplitude das me-Vemo-nos, assim, confrontados com uma série de protas deveria ficar sempre circunscrita pelos objetivos iniciais blemas que concernem aos fenômenos de integração e ao do processo, e o analista faria bem em recordá-los quando desenvolvimento da pessoa, os quais pesarão fortemente o analisando, levado pelo entusiasmo intelectual do des-no que decidiremos com respeito ao término.

cobrimento e também, não o esqueçamos, por seus Como disse há pouco, apesar de a consideração dos conflitos de transferência, queira deixá-los de lado.

fatores curativos variar de acordo com as escolas, não se A diferença recém-estabelecida continuará vigente, deve deixar levar demasiadamente por esse tipo de dis-mesmo quando pensemos que a psicanálise não deve limi-cussões, que às vezes não têm tanto valor como parece.

tar-se ao modelo médico de cura ou de tratamento. Pode-Na realidade, se forem examinados com serenidade e sem mos sustentar que a psicanálise propõe-se ao crescimento paixão, os diversos critérios de cura propostos não são tão mental, a uma mudança do caráter ou à expansão da per-diferentes. Variam os suportes teóricos e a práxis para sonalidade, sem por isso alterar os objetivos do processo, alcançá-los; contudo, se forem comparados, imediatamente que deverá cessar quando o analisando tiver se aproxima-nos damos conta das

coincidências.

do suficientemente dessas metas, obtendo os instrumentos-Tomemos, por exemplo, os critérios de cura de Hartmann, os necessários para prosseguir por si mesmo.

ou seja, o reforço da área livre de conflitos e, por conseguinte, uma análise que se postulasse como interminável, guinte, uma melhor adaptação à realidade, e o compare apoiando-se no fato certo de que o crescimento mental, assim como o que Klein propõe, quando afirma que se devem integrar, a saúde mental, ou o que for, nunca se consegue elaborar as angústias paranoicas e depressivas. Postas as coisas por completo e que, em sua legítima busca, sem as coisas, a diferença é notória e irreduzível. Klein disse-se pode ir além, cairia em uma contradição radical, se sempre, entretanto, de acordo com o Freud de “Luto e porque nenhum desses objetivos é compatível com uma melancolia”, que um dos elementos fundamentais da posição-relação interminável com quem ajuda a consegui-los. Não é a depressão é o contato com o objeto, isto é, com a possibilidade de haver crescimento mental, nem integração, nem saúde-

realidade. O luto, dizia Freud, consiste em que a realidade de mental que só se alcancem a partir do outro e não de si mostra-nos dolorosamente que o objeto já não está ali; e o

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 353

luto, para Klein, consiste em poder aceitar a realidade psí-

ço de 1949, em que participaram Michael Balint, Marion Quincke e externa tal como são. Embora Hartmann não fale Milner e Willy Hoffer, enquanto Melanie Klein falou sobre o luto, sua adaptação à realidade vem-lhe de Freud.

o tema no Congresso de Zurique, em agosto, e Annie Reich Hartmann e Klein, então, têm de concordar que um analista e Edith Buxbaum faziam o mesmo nos Estados Unidos.

sando deveria terminar sua análise com um melhor contato-Em 6 de abril, John Rickman, H. Bridger, Klein e Sylvia também com a realidade do que o que tinha antes de começar.

Payne apresentaram, respectivamente, comunicações breves-Tomemos outro critério, como o de Lacan, por exemplo, sobre o tema. Quero comentar agora a de Rickman, pelo acesso à ordem simbólica. Lacan sempre se irrita que encerra em suas duas páginas toda uma teoria dos

com Hartmann e tem suas razões, mas não sei se tem ra-critérios de término e dos indicadores.

ção. Considerado simples, o critério de adaptação de Para dar por terminada uma análise, Rickman busca Hartmann soa sociológico e é, para Lacan, repugnante.

o ponto de irreversibilidade, em que o processo de integra-Pessoalmente, tenho muitos desacordos com Hartmann, ção da personalidade e a adaptação atingiram um nível porém não o considero um autor superficial, nem um sim-que será mantido depois de terminado o tratamento – dei-ples representante do American way of life. Se não se julga xando a salvo, obviamente, circunstâncias de enorme ten-passionalmente o que Lacan diz, percebe-se que se deve são. Com base nisso, Rickman propõe uma lista de seis abandonar a ordem do imaginário, que é a ordem das re-itens:

lações duais e narcisistas, para elaborar um tipo de pensamento conceitual ou abstrato, que ele chama, com toda 1) a capacidade de se mover com liberdade do pre-razão, de simbólico. Esse pensamento é o que permite o sente para o passado e vice-versa, isto é, ter re-acesso à ordem do real. Claro que o real para Lacan deve movido a amnésia infantil, o que inclui a elabo-ser diferente do real para Hartmann, mas também é ine-ração do complexo de Édipo;

gável que empregam a mesma palavra.

2) a capacidade para a satisfação genital heterosSão apenas exemplos para mostrar que, sem desco-sexual;

nhecer a diversidade das teorias, devemos sempre verifi-3) a capacidade para tolerar a frustração libidinal car em que discordamos e até que ponto discordamos. Um e a privação, sem defesas regressivas nem an-seguidor tão lúcido de Lacan, como é Jacques-Alain Miller, gústia;

pensa que as idéias de Lacan sobre o acesso à ordem sim-4) a capacidade para trabalhar e também suportar bólica são parecidas com as de Klein sobre a posição não fazê-lo;

depressiva. Porque a função do psicanalista, diz Miller, 5) a capacidade para tolerar os impulsos agressi-consiste em desaparecer, em não permitir que a situação vos em si mesmo e nos demais, sem perder o imaginária domine o quadro: o psicanalista deve estar sem-amor objetal e sem sentir culpa;

pre no lugar do grande Outro. Para Miller, tudo isso está 6) a capacidade para o luto.

relacionado e penso que é verdade, com a posição depressiva de Melanie Klein e a perda de objeto.

Esses critérios devem ser valorizados em conjunto, Em resumo, apesar de o tema dos fatores curativos segundo se apresentem combinados e se contrapesem re-levar-nos inexoravelmente aos problemas teóricos mais ciprocamente, e sempre no caso pessoal, para decidir se complicados de nossa disciplina e ao ponto em que as es-alcançaram o ponto de irreversibilidade.

colas podem ficar mais confrontadas, também é certo que, Ao considerar todos esses fatores, em termos da rela-na prática do consultório, há um acordo bastante amplo, ção de transferência, Rickman afirma categoricamente: “A que não deixa de ser surpreendente, quanto à avaliação interrupção do fim de semana, por ser um fato que se redos progressos do analisando.

pete ao longo de toda a análise e que contrasta com a interrupção mais longa das férias, pode ser usada pelo analista quando avalie o desenvolvimento do paciente ao PONTO DE IRREVERSIBILIDADE

estabelecer o modelo de integração que se mencionou anteriormente”.³

Os dois grandes artigos de Ferenczi e de Freud, que Por isso, Rickman diz que a forma como o analisam-comentamos abriram uma longa discussão teórica sobre o do imagina seu analista durante o fim de semana pode ser término da análise, a qual ainda dura. Ferenczi dizia que, um indicador extremamente sensível e seguro de que se se o analista tem paciência e destreza, pode levar a análise alcançou esse ponto de irreversibilidade: não é o mesmo a bom porto, e Freud asseverava, com seu habitual rigor supô-lo atado como um escravo a seu consultório, estu-intelectual, no final do parágrafo VII de “Análise terminável e interminável”: “A análise deve criar as condições psicoló-

gicas mais favoráveis para as funções do ego; com isso, ficaria encaminhada sua tarefa” (AE, v.23, p. 251).

3 “The week-end break, because it is an event repeated throughout Entre os muitos congressos e reuniões em que se dis-the analysis, which is also punctuated by the longer holiday breaks, cutiu o tema do término da análise, quero recordar os que can be used by the analyst when making the integrative pattern ocorreram em 1949. Na

British Society, houve um Simpósio before referred to in order to assess the development of the patient”

sobre o término do tratamento psicanalítico, em 2 de mar-

(International Journal, v.31, p. 201).

354 R. HORACIO ETCHEGOYEN

dando todo o fim de semana, que imaginá-lo no teatro ou podem ser plenamente satisfeitos no âmbito estrito da si-gozando de sua vida familiar.

tuação analítica, mas devem ser bem compreendidos e tam-Também Willy Hoffer (1950), no simpósio já mencio-bém satisfeitos em um grau considerável.⁴ Se se consegue nado, estabelece três critérios psicológicos para o térmi-isso, então o analisando fará o new beginning, desde o amor no: o grau de consciência dos conflitos inconscientes, a objetal primário até o amor genital maduro, em que pode-modificação da estrutura mental, removendo as resistên-rá atender às suas próprias demandas não menos que às cias, e a transmutação do acting out e da transferência de seu objeto de amor.

(processo primário) em recordação (processo secundário).

Quando esse processo é cumprido com bom êxito, o O critério do término, diz Hoffer, pode ser definido analisando sente que está cursando uma espécie de como a capacidade de auto-análise, que provém de uma renascimento (re-birth) para uma nova vida, com uma sen-identificação com o analista em sua função, isto é, com sação muito grande de liberdade. Sente que está despe-sua habilidade para interpretar, para analisar as resistêndindo-se para sempre de algo muito querido e precioso, cias e para transformar o acting out em recordações dos com toda a pena e o luto consequentes. Essa dor alivia-se, conflitos e dos traumas infantis por meio da transferência no entanto, graças ao sentimento de segurança que emer-vivenciada agudamente e interpretada (1950, p. 195).

ge das novas possibilidades de uma vida feliz.

Em seu relato ao 48ème Congrès des Psychanalystes As idéias de Balint podem ser rastreadas até o XII de la Langue Française des Pays Romans, ocorrido em Ge-Congresso Internacional (Wiesbaden, 1932), em que leu nebra em maio de 1988, Jean-Michel Quinodoz desenvolveu “Charakteranalyse und Neubeginn”, publicado no veu amplamente o tema da angústia de separação no tra-Internationale Zeitschrift de

1934. Dois anos depois, no Con-tamento psicanalítico. Considera que a angústia de sepa-grosso de Lucerna, Balint leu “The final goal of psycho-ração compreende dois tipos de fenômenos clínicos, de analytic treatment”, publicado no International Journal de acordo com o grau de distância que exista entre sujeito e 1936.

objeto. Quando a relação com o objeto é narcisista (a de-Balint considera que o new beginning é um fenômeno pendência infantil de Fairbairn, 1941), a separação está que aparece regularmente no final da análise e constitui relacionada com diferenciar-se; quando isso tiver sido al-um mecanismo essencial no processo do tratamento.

cançado (dependência madura), o sujeito pode então sen-Uma das características das pulsões que se mobili-tir verdadeiramente a separação.

zam no new beginning, e que fixam justamente a posição O resultado final de elaborar com sucesso a angústia teórica de Balint, é que sempre, e sem exceção, dirigem-se de separação provoca no analisando um sentimento espe-para o objeto, isto é, o analista, e não são, portanto, pulsões cial, que Quinodoz chama de portance, que quer dizer por-auto-eróticas ou narcisistas. O new beginning é, então, uma tar a si mesmo e também suportar a angústia de ver o ob-nova tentativa de estabelecer uma relação de objeto, de se jeto afastar-se, sem recorrer aos mecanismos de defesa animar a encontrar o objeto de amor que não se teve na primitivos (splitting, identificação projetiva). A portance infância. O paciente cura-se, diz Balint, quando pode ad-surge, muitas vezes claramente, em sonhos de vôo ou de quibir a possibilidade de tentar o começo de amar nova-viagens no final da análise e é um indicador valioso de que mente (Balint, 1936, p. 216).

o analisando alcançou um ponto de desenvolvimento im-No ano seguinte, Balint publicou, no volume 23 de portante, similar, em meu entender, ao ponto de irrever-Imago, uma nova contribuição sobre o tema, que apare-sibilidade de Rickman. Em seu valioso livro de 1991, ceu muitos anos depois no International Journal de 1949.

Quinodoz estuda a fundo a angústia de separação, a partir Nesse trabalho, Balint expõe com mais detalhe o resulta-de Freud, seguindo o percurso das principais escolas psi-do de suas investigações sobre a etapa final do tratamento canalíticas, não apenas com relação ao término da análi-psicanalítico. Ele observa que, quando a análise avançou se, mas também a seu desenvolvimento.

de forma significativa, o paciente espera e freqüentemente demanda

certo tipo de gratificações por parte do analista e também de seu meio. Se, frente a essas demandas, o O NEW BEGINNING

analista cumpre estritamente as regras da análise, o analisando responderá com frustração, raiva e sadismo, que o No mesmo simpósio falou Balint (1950), para quem precipitarão no mundo das ansiedades paranóides e de-o término de uma psicanálise é um new beginning: o anali-pressivas de Melanie Klein. Ao contrário, se para evitar sando abandona gradualmente sua atitude de suspeita em essa catástrofe, satisfazem-se esses modestos desejos, sal-relação ao mundo exterior e em especial ao analista e, ta-se da frigideira para as brasas e instaura-se um estado paralelamente, emerge um tipo de relação de objeto mui-praticamente maníaco, que beira a adição ou a perversão.

to particular, que se pode chamar de amor objetal primá-

Não é difícil prever que, enquanto se suspende ou se de-rio (arcaico, passivo). Seu traço característico é a expectativa incondicional de ser amado, sem ter a obrigação de dar nada em troca, de obter a gratificação desejada sem 4 “Naturally these wishes can be never fully met in the framework levar em conta os interesses do objeto. Essa gratificação of the analytic situation, but – according to my experience – they demanda-se com veemência e nunca vê além do nível do must be fully understood and also met to a considerable degree”

prazer preliminar. Esses desejos, prossegue Balint, nunca (Balint, 1950, p. 196).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 355

mora esse ansiado tipo de satisfação, sobrevém irrefreável Balint verifica que alguns pacientes podem resolver a reação antes descrita.

seus conflitos sobre os desejos do new beginning simples-Os desejos que o analisando quer, na realidade, samente os analisando, porém outros regridem a uma fase tiszfazer – continua Balint – são de fato inocentes e até infantil em que estão completamente indefesos (Hilflo-mesmo ingênuos: receber alguma palavra especial do ana-sigkeit), em que não parecem capazes de compreender as lista, chamá-lo por seu prenome ou receber esse mesmo considerações intelectuais que a interpretação pode trans-tratamento, vê-lo fora da situação analítica, que o analista mitir-lhes. Nesses casos, Balint e seu paciente “concordam empreste-lhe ou presenteie-lhe algo, por insignificante que que alguns desses desejos primitivos que pertencem a esse seja. Muitas vezes, esses desejos não vão além de querer estado particular

deverão ser satisfeitos sempre que forem tocar o analista ou ser tocado ou acariciado por ele.

compatíveis com a situação analítica”.⁵

Esses desejos têm duas qualidades especiais: referem-Nesses trabalhos de Balint, já está contida sua teoria se a objetos (e disso decorre o rechaço da hipótese do da falta básica, que discutimos ao falar da regressão como narcisismo primário) e nunca vão além do nível do prazer processo curativo no Capítulo 41, profundamente influen-preliminar. Disto se segue conseqüentemente que, se a sa-ciada, por certo, pela teoria da neocatarse, exposta por tificação chega no momento oportuno e com adequada in-Ferenczi nos últimos anos de sua vida.⁶ Em 1968, a idéia tensidade, a resposta também é adequada e quieta. “Esses de uma regressão necessária é formulada decididamente, sentimentos de prazer podem ser descritos com proprie-mas Balint parece menos disposto a satisfazê-la do que dade como um sentimento de bem-estar quieto e tranqüilo”

nos escritos que estamos considerando. Apesar de que (International Journal, 1949, p. 269).

nosso autor seja muito sóbrio nas formas como satisfaz o Para Balint, tudo isso tem uma história, são reações à amor objetal primário, não se pode passar por cima de frustração e permitem uma conduta psicanalítica mais ajus-que esse afastamento drástico da técnica pode ter um va-tada e equânime, que permita um new beginning e não lor simbólico de grande magnitude e complexidade para o uma nova frustração do amor objetal primário, que have-analisando, que seja suficiente para pôr em funcionamen-ria de conduzir novamente à má solução da infância, o to um processo de dissociação e idealização de paralela recurso ao narcisismo e a eclosão dos impulsos sádicos. “O

intensidade. Essa objeção é – eu sei – muito kleiniana, mas narcisismo observável na clínica é, portanto, sempre uma nem por isso se deve ignorá-la. A técnica de Balint operará proteção contra o objeto mau ou pelo menos rechaçante”

sempre no nível concreto de uma experiência emocional (ibid.).

corretiva, já que se admite por definição que o analisando Quando o International Journal comemorou, em não compreende, nesse ponto, o valor simbólico da pala-1952, os 70 anos de Melanie Klein, Michael Balint contri-vra. Desse modo, sanciona-se uma inevitável dissociação buiu com um trabalho, “New beginning and the paranoid entre os

traumas do passado e a bênção do presente, enand the depressive syndromes”, no qual fixa sua posição tre os objetos que antes não compreenderam e o analista frente à escola kleiniana e expõe, com clareza, suas idéias que foi capaz de fazê-lo. Ninguém pode garantir-nos que, sobre o new beginning.

em outras relações humanas, o ex-analisando não volte a Diferentemente de Klein e seus alunos, Balint sus-propor seu new beginning, certo de que haverá de ser no-tenta que o desenvolvimento psicológico começa com uma vamente satisfeito, como o fez seu analista. Nesse sentido, etapa de amor objetal primário, na qual não intervêm a a experiência de Balint não me parece a melhor para en-agressão e a angústia persecutória, que é seu correlato.

frentar os dissabores da vida.

Balint pensa que o sadismo e a angústia persecutória não Por outro lado, se Balint pode entrar em acordo com são inerentes ao desenvolvimento, mas consequências seu analisando sobre a gratificação que será satisfeita (ver (indesejadas) de falhas na criação, e pensa também que a nota 5) e, por conseguinte, reconhece-lhe uma capaci-aquelas falhas iniciais são reproduzidas no tratamento em dade para a abstração e o pensamento simbólico, por que busca de um new beginning, de um novo ponto de partida não a utiliza para lhe fazer prosseguir a análise segundo que as repare.

a arte?

5 “... my patient and I agreed that some of the primitive wishes belonging to such a state should be satisfied in so far as they were compatible with the analytic situation” (1952, p. 215).

6 “O princípio da relaxação e a neocatarse” (1929); “A análise infantil na análise de adultos” (1931); “A confusão de linguagens entre os adultos e a criança” (1932).

356 R. HORACIO ETCHEGOYEN

47

Clínica do Término

No capítulo anterior, estudamos rapidamente os provenha do analisando e que o analista não tenha sido ca-blemas teóricos que nos propõe o término da análise, per-paz de resolvê-la, no entanto ela também pode nascer no guntando-nos primeiro se a análise é

realmente terminável analista. Às vezes, um analista decide não continuar uma e repassando depois os objetivos do tratamento. Nesta ca-análise, porque lhe parece que o paciente não vai curar-se pítulo, discutiremos os aspectos clínicos do final da análi-e está perdendo tempo ou porque não pode tolerar a car-se, deixando para o seguinte a técnica do término.

ga emocional que esse paciente significa-lhe. Se esses motivos são conscientes, então o melhor seria dizê-los para o analisando, reconhecendo nossas limitações e deixando-o TIPOS DE TÉRMINO

livre para tentar uma nova análise, outro tratamento ou o que for. Dizer a verdade pode ser muito doloroso para si Nem todas as análises terminam da mesma forma, mesmo e para o outro; contudo, é ruim mentir e é ruim de modo que se poderia falar, como em medicina interna, também não nos darmos conta de nossos desejos e colocá-

das formas clínicas do término da análise.

los em prática. Digamos ainda, para sermos mais precisos, Freud dizia em “Análise terminável e interminável”, que se o analista decide não continuar uma análise não sem certa ironia, que uma análise termina quando o or motivos racionais, seja porque pensa que o analisando paciente não vem mais, o que de imediato é difícil de se não pode tratar-se, seja porque dá prioridade a outras cir-questionar, embora pudéssemos dizer, ao contrário, e Freud cunstâncias da vida de seu paciente, não cabe falar de certamente não o ignorava, que uma análise não termina resistência.

quando um paciente não vem mais, senão muito tempo Das causas de interrupção que estamos consideran-depois ou talvez antes.

Entretanto, se termina antes, está do, a mais freqüente é a que vem do analisando e chamamal, de modo que deve terminar sempre muito depois de se resistência incoercível. Na realidade, todas as resistências haver terminado, ou seja, na pós-análise. A boutade são analisáveis até o momento em que não o são mais e, freudiana de que a análise termina quando o analista não então, se diz que são incoercíveis. Provêm do analisando, vê mais seu cliente só é certa, então, do ponto de vista mas isso não quer dizer que não influam sobre o analista.

descritivo, porém não do dinâmico, porque uma análise, Nenhuma resistência incoercível deixa de influir no ana-que verdadeiramente termina, prolonga-se por um tempo lista, seja porque contribuiu para provocá-la, seja porque apreciável depois da última sessão.

não soube manejá-la.

Mas voltemos, após essa digressão, aos tipos de término. O outro caso em que a análise termina irregularmente. Novamente nos deparamos aqui com um paradoxo: te é o impasse, quando o tratamento não termina realmente há só um término, o que se obtém por acordo entre o te, mas se prolonga de maneira indefinida. Falaremos analisando o analista. Para os outros casos, quando a análise só no Capítulo 60, mas digamos desde já que no impasse a decisão é unilateral ou vem imposta por circunstâncias, existe responsabilidade por ambas as partes e, em geral, alheias à vontade das partes, não se fala em geral de término das duas o admitem. Dada sua natureza insidiosa, o impasse mínimo, mas de interrupção da análise ou, se se quiser, de dura sempre muito tempo e pode passar muito tempo em término irregular.

vertido, até que o paciente ou o analista, e às vezes de Pode haver casos, em menor número, em que fatores comuns acordo, compreendem que essa situação já não é externa, impeçam o analisando de continuar vindo ou um mais possível e interrompe-se desse modo o tratamento.

analista de continuar responsável pelo processo analítico Ouve-se dizer por aí que o impasse do final da análise-

já começado. Em nosso país, isso ocorreu mais de uma vez não existe e o que ocorre é que não há mais nada mais, infelizmente, nos anos da ditadura de Videla; porém, para analisar. Talvez Ferenczi pensasse algo assim quando ressalvadas circunstâncias tão excepcionais, os fatores externos dizia que a análise deve terminar por extinção. Acreditamos não são os mais importantes ou, ao menos, coadjuvante que essa idéia é equivocada, uma vez que sempre há juízo com eles os que vêm de dentro.

conflitos para analisar. Na realidade, para reiterar algo Quando a interrupção provém de fatores internos, que já disse ao falar da teoria do término, a análise como falamos de resistência. O mais comum é que a resistência processo de desenvolvimento não termina, o que termina-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 357

na é a relação com o analista, justamente no momento o paciente tratou-se. Por sintomas, podemos entender aqui em que o analisando acredita (e o analista apóia-o) que também os traços caracteropáticos. Talvez não seja esse o que pode continuar sozinho seu caminho, cumpridos

já os melhor critério, porque há outros mais finos, mas todavia objetivos que inicialmente se propuseram; entre estes, é um critério ineludível. Se ele falta, não faz sentido pen-deve-se incluir a idéia de que a tarefa continuará sob a sar nos outros: antes de se propor que uma análise pode responsabilizar o próprio analisando. Ninguém “se for-terminar, deve-se provar que os sintomas pelos quais se ma como analisando” e acredita que já não precisa mais começou e outros que possam ter surgido durante seu de-pensar em seu inconsciente.

envolvimento modificaram-se suficientemente. Não digo que foram extirpados pela raiz, porque em alguma emergência angustiante pode reaparecer o sintoma. Na realiOS INDICADORES

dade, o que a análise pretende é que os sintomas que antes significavam um sofrimento e uma dificuldade certa, Um aspecto importante da clínica do término é justa-uma presença constante, já não pesem como antes. Uma mente como é diagnosticado, como se avalia o andamento coisa é ter cerimoniais obsessivos com cláusula de morte e do processo analítico para se supor que o término está pró-

outra é olhar duas ou três vezes se o selo está em seu lu-ximo. Esse é o tema bastante interessante dos indicadores.

gar. A intensidade e a frequência dos sintomas, assim como Como é de se supor, para detectar e avaliar os indica-a atitude que se adota frente a eles, será, então, o que nos dores, são influentes as teorias do analista, sobretudo se guiará nesse ponto.

são indicadores de alto nível de abstração. Entretanto, tra-A modificação dos sintomas, como acaba de ser ex-tarei o tema prescindindo das teorias, ao menos das gran-pressa, é um critério importante, mas certamente não é o des teorias. Os indicadores de alto nível não são os mais único. Há outros critérios, por exemplo, a normalização úteis do ponto de vista clínico, e, por isso, não me interes-da vida sexual. Os autores clássicos, a partir de Freud, e sam neste momento da exposição.

mais que ninguém Wilhelm Reich, insistiram sempre que Freud dizia, por exemplo, que o objetivo terapêutico uma análise deve terminar quando tiver sido alcançada a da psicanálise é tornar consciente o inconsciente e tam-primazia genital, critério também sustentado pelos autobém apagar as lacunas mnêmicas do primeiro florescimento res modernos. Na realidade, esse critério continua sendo da sexualidade infantil, do complexo de Édipo. Ele disse válido, sempre que não se transforme a primazia genital ainda que “onde estava o id tem de

estar o ego”, no senti-em uma espécie de mito ou de ideal inatingível. Que um do de uma evolução do processo primário para o processo indivíduo deve ter, no final de sua análise, uma vida sexu-secundário. Esses objetivos são, a princípio, compartilha-al regular, satisfatória e não muito conflituosa constitui dos por todos os analistas. Todos também subscreveriam o um objetivo válido e acessível. Não se trata, por certo, de que Ferenczi defendia em 1927 quanto ao fato de que o que o sujeito “faça seus deveres” e tenha a boa vida sexual analisando deve modificar seu caráter e abandonar a que, direta ou indiretamente, prescreve-lhe seu analista, fantasia e a mentira por um acatamento da realidade.

mas sim que a exerça prazerosamente em liberdade, que Hartmann pensa que o decisivo é que o analisando tenha as fantasias e os sonhos, que a acompanham, mostrem a consolidado a área de sua autonomia primária e tenha libido expressando-se afirmativamente, atendendo sempre expandido a autonomia secundária – sempre relativa, mas também ao prazer do outro, a relação de objeto. Não há nem por isso menos importante – para um bom funciona-nada mais autônomo e criativo do que a vida sexual adul-mento do sujeito. Lacan propicia a passagem da ordem do ta do homem comum. A vida sexual do adulto é introjetiva imaginário para a ordem simbólica. Melanie Klein, enfim, (reflexiva) e polimorfa, diz Meltzer (1973), continuando exigia que uma análise deve terminar quando tiverem sido e aperfeiçoando os trabalhos clássicos de Reich sobre a elaboradas as angústias do primeiro ano de vida, as an-impotência orgástica.

gústias paranóides e depressivas.

As relações familiares também devem ter sido modifi-Os objetivos do tratamento que acabo de recordar, cadas, sendo esse outro indicador importante. Como o an-assim como outros que também foram propostos, enca-terior, vale mais se surgir do material do que se for dito de deiam-se obviamente com as teorias de alto nível de abs-maneira demasiado direta. Se uma pessoa fala muito bem tração sustentadas pelos diferentes autores, mas não de-de sua vida sexual, ou diz que anda às mil maravilhas com vem ser confundidos com os indicadores. Com base nas seus familiares, teremos o direito de duvidar. Os indicado-teorias, por certo, definem-se e fixam-se os indicadores, res são válidos quando não são proclamados. Será mais porém não devemos confundir aquelas com estes. Nenhum importante que diga de passagem que teve um bom en-paciente vai dizer-nos, creio, que quer terminar sua análi-contro com seu cônjuge e conte, na mesma sessão, um se porque já elaborou suficientemente suas angústias sonho que o confirme, ou que diga que sua parceira está

depressivas

melhor agora, ou que seu filho adolescente, sempre tão ou porque ampliou notoriamente a área da autonomia secundária. Portanto, o que interessa são os rebelde, começa a se dar melhor com seus irmãos. Um indicadores clínicos concretos que aparecem esponta-sintoma patognomônico de que a ejaculação precoce está neamente.

cedendo seria quando, em um belo dia, o analisando co-Um deles – o mais óbvio e vulgar mas nada desprezível-

mente que sua mulher está agora mais interessada na vida vel – é que se tenham modificado os sintomas pelos quais sexual e parece-lhe que não está tão frígida. Esses dados

358 R. HORACIO ETCHEGOYEN

serão sempre importantes, sobretudo porque não são di-A diminuição da angústia e da culpa são, é claro, intos para impressionar.

dicadores importantes, embora não se trata de que falem Também quanto às relações sociais, interessam mais por completo, mas que se possa enfrentá-las e manejá-las.

os dados indiretos do que os ditos do sujeito. Em princí-

Certa vez, um paciente disse a Mrs. Bick que não sabia por pio, deve-se considerar que, se uma pessoa tem um nível que sentia tanta angústia ao dirigir seu carro, e ela lhe não-manejável de conflito com seu ambiente, é porque não

“interpretou” que era porque não sabia dirigir. A contra-está bem. Se estivesse bem, já encontraria a forma de re-gosto, o analisando tomou umas aulas e passou sua an-solver essas dificuldades ou, simplesmente, buscaria um gústia. Não é ruim sentir angústia se ela nos adverte de ambiente menos conflituoso.

um perigo real (bater com o carro) ou mesmo subjetivo; o Às vezes, como produto da análise ou porque assim é ruim é negar a angústia, projetá-la ou atuá-la. O mesmo a vida, perdemos alguns amigos (com pena, deveria ser, se serve para os sentimentos de culpa se eles nos servirão estamos bem analisados), pois damo-nos conta de que a para advertir nossos erros e melhorar nossa consideração relação não é como antes. Do mesmo modo, e também pelos demais.

sem nos propormos a isso, ganharemos outros, mais em Em seu

trabalho de Innsbruck, Ferenczi dá muita harmonia, talvez, com nossas mudanças interiores e nossa importância à verdade e à mentira. De fato, começa seu relato com o caso de um homem que o enganou sobre sua festa e difícil de manejar com o ambiente, há de se pensar, realidade econômica e afirma que “um neurótico não pode em princípio, que a análise não está terminada. No entanto, considerar-se curado, enquanto não tiver renunciado ao todo, a circunstância oposta não é nada certa, já que a falta de prazer da fantasia inconsciente, isto é, à mendacidade em conflito pode expressar simplesmente submissão ou ma-consciente” (Problemas e métodos da psicanálise, p. 70).

soquismo. Temos aqui, diga-se de passagem, um indicativo. Depois Bion (1970), que tantas vezes parece seguir a rota válida que pode ser explicado por diferentes teorias.

de Ferenczi, embora nunca o note, tomará o mesmo procedimento. Um psicólogo do ego dirá que se ampliou a área livre de culpa em *Attention and interpretation*, Capítulo 11.

conflito e a adaptação do indivíduo é melhor; eu preferi. Quando falamos do ponto de irreversibilidade, não falaria de diminuir o montante da identificação projetiva do capítulo anterior, vimos que Rickman toma como tinha. As teorias mudam, o indicador permanece.

um indicador importante o fim de semana, pois mede a. Os indicadores que registram as relações familiares forma como o analisando enfrenta a angústia de separação sempre sensíveis e muito ilustrativos. Às vezes, alguém não. Recordemos que Rickman atende não apenas ao com-se divorcia graças à análise ou não se divorcia, mas muda de portamento do analisando no transe da separação, mas de mulher com a qual sempre esteve, porque agora a vê de também às fantasias que tem sobre o outro, o analista.

uma perspectiva diferente e seus defeitos são mais toleráveis.

As idéias de Rickman foram retomadas posteriormente de quem antes. “Aquele que defeitos tenha dissimule os tem por outros autores, sobretudo em Londres e Buenos Aires”, dizia sabiamente Martín Fierro. Não se deve esquecer, para destacar a importância da angústia de separação de vista, além disso, que nossas mudanças sempre in-

terno no andamento e no destino do processo psicanalítico.

fluem nos outros, fazendo-os progredir ou evidenciando. Vimos no devido momento, por exemplo, que Meltzer suas dificuldades. Quando

uma mulher com fantasias pro-edifica em boa medida toda a sua teoria do processo nas míscuas cura-se da agorafobia, pode ser que o marido sin-estratégias que o analisando utiliza para elaborar ou eludir ta-se mais atraído sexualmente por ela ou, ao contrário, a angústia de separação. Na mesma época, Grinberg (1968) fique ciumento cada vez que ela saia de casa. Que aumen-estuda a importância da angústia de separação na gênese te a paranóia do marido não tem de ser necessariamente do acting out, do mesmo modo que Zac (1968). A separa-ruim; também lhe poderia servir para tomar consciência ção do fim de semana – diz Zac – deixa o analisando sem da enfermidade e começar a se tratar. As possibilidades o continente de sua ansiedade, o que é tão importante são realmente infinitas. Tratei, há muitos anos, com o como sentir que o analista inocula-lhe a angústia e a lou-método de Sackel, o irmão de um colega amigo com uma cura, ao que ele responde com o acting out para restabele-forma de esquizofrenia simples que havia passado despercer o precário equilíbrio anterior.

cebida por muitos anos. Permanecia a maior parte de seu A maioria, se não todos os analistas, são solidários tempo na cama, cuidado solicitamente por sua mãe. A incom o que Freud disse naquele trabalho, breve e bonito, sulina e minha presença modificaram rapidamente aquela intitulado “A responsabilidade moral pelo conteúdo dos triste devastação afetiva, começaram a brilhar seus olhos, sonhos” (em 1925i): como os sonhos são parte de nós mes-deixou a cama e começou a pensar em retomar seus estu-mos, sempre somos responsáveis por eles. Para alguns audos ou, ao menos, incorporar-se ao negócio do pai. A mãe tores, como Meltzer (1967), não só as idéias latentes do disse-me, então, que convinha suspender por alguns dias sonho são indícios importantes, mas também o conteúdo o tratamento, porque seu filho estava um pouco resfriado.

manifesto, já que ele pode expressar plasticamente aquilo Eu segui adiante com ímpeto, pensando que a esquizofre-que Meltzer gosta de chamar a geografia da fantasia in-nia é muito mais grave que um catarro da estação. A mãe consciente.

caiu então de cama, o paciente começou a delirar e meu Se, como nos pede Freud em seu curto ensaio, pode-amigo pediu-me que interrompesse o tratamento. Assim mos aceitar que os desejos censuráveis que aparecem em aprendi, com dor, quão fortes são os laços familiares.

nossos sonhos pertencem-nos, é porque somos capazes de

observar sem distorções nossa realidade psíquica e estare-ferentes contextos, pode-se pensar, com certeza, que nos mos, então, mais próximos do término da análise. O que encontramos no bom caminho.

Meltzer diz vai na mesma direção, embora seja diferente, Desejo destacar uma vez mais que os indicadores va-já que toma o conteúdo manifesto. Se o sonhador aparece lem se e somente se forem recolhidos do material espon-representado por diferentes personagens, todos os quais tânea e indiretamente, jamais se forem introduzidos subsão, para ele, afins a si mesmo, quer dizer que obteve uma liminarmente no analisando como uma ideologia do ana-integração de diferentes facetas da personalidade, a pon-lista. Lembro-me de quando comecei minha análise didá-

to de se considerar que a análise já está muito avançada.

tica em Buenos Aires, ao terminar a década de 1940, e a Eu sonho, por exemplo, que vou com uma criança pela Análise do caráter era muito valorizada. A idéia de prima-mão e digo que é meu neto ou que tem uma característica zia genital operava para nós, candidatos, como uma exi-infantil minha, algo que tive quando criança, algo que singência superegóica, que realmente pouco ou nada estava to diretamente que me representa, pode-se supor que essa relacionada com o exercício da sexualidade. Assim, um minha parte infantil está incorporada a meu self; se eu indicador preciso e precioso como esse se desnaturalizava dissesse, porém, que é uma criança desconhecida ou que por completo.

se escapa de minha mão, haveria de pensar que não está incorporada.

Como vimos ao falar dos estilos no Capítulo 34, O PROCESSO PÓS-ANALÍTICO

Liberman elaborou toda uma teoria dos indicadores lingüísticos. Postula um ego idealmente plástico como uma Muitos autores preocuparam-se com o processo pós-conquista básica do tratamento psicanalítico, um ego que analítico, mas nenhum talvez com tanto rigor quanto pôde incorporar as qualidades ou funções que lhe falta-Fernando E. Guiard (1979), a quem seguiremos em nossa vam e morigerar as que tinha em excesso. Há estilos com-exposição.

plementares e, à medida que possamos utilizá-los em conNão basta incluir a auto-análise na pós-análise: de-traponto, mais próximos estaremos da saúde, isto é, do vemos “interessar-nos pelo destino posterior de nossos término da análise.

analisandos e procurar compartilhar com nossos colegas, Liberman expôs algumas dessas idéias em sua comu-quando for possível, os dados obtidos”, propõe Guiard nicação ao primeiro simpósio da Associação de Buenos Aires, (1979, p. 173).

“Análise terminável e interminável” quarenta anos depois, rePara obter dados da pós-análise, contamos com três alizado em 1978. Assim como Melanie Klein observou que, possibilidades: as espontâneas, quando o ex-analisando es-quando uma criança progride na análise, aparecem novas creve-nos ou visita-nos; as acidentais, quando nos inteira-maneiras de brincar, do mesmo modo podem-se apreciar as mos de algo sobre o ex-analisando por casualidade, e as mudanças do adulto através de seu comportamento lingüís-programadas, que o analista propõe com finalidades de tico. “Observamos isso cada vez que nossos pacientes au-follow up.

mentam sua capacidade e seu desempenho lingüístico (ver Há alguns anos, nota-se uma tendência crescente a N. Chomsky, 1965) nos momentos de insight, que surgem dar uma importância real ao período pós-analítico. Leo como epifenômeno de todo um processo de elaboração que Rangell (1966) sustenta que se deve considerá-lo como ocorre dentro e fora da sessão”.¹

uma etapa do processo psicanalítico, ou seja, incluí-lo como Um indicador que pode ser particularmente sensível parte do tratamento. Guiard acredita que se deve dar a ele e que, em princípio, se oferece de forma espontânea é o plena autonomia, como um acontecimento novo e distin-componente musical da linguagem, do qual se ocupou pe-to, ao qual propõe chamar de processo pós-analítico, o que netrantemente Fernando E. Guiard (1977). As referências à primeira vista me parece uma ruptura grande demais.

à entonação e ao ritmo podem assinalar mudanças signifi-Guiard pensa que se trata de um processo de luto, de cujo cativas, que falam de uma linha melódica profunda na in-desenlace dependerá o futuro da análise realizada, e afir-teração comunicativa. Por meio desse tipo de indicadores, ma que “não é apenas uma continuação do processo ana-pode-se apreciar, como nos ensina Guiard, uma gama de lítico, mas sim um novo processo em andamento pela au-sentimentos que não somente servem de indicadores do sência perceptual do analista” (p. 195).

término, mas que também apontam para as possibilidades Seguindo os delineamentos gerais da teoria da re-sublimatórias do sujeito e para sua adequada captação dos gressão terapêutica, Rangell sustenta que a

pós-análise é a sentimentos do analista.

cura da neurose de transferência e a compara com o pósSem prejuízo de que possa haver outros que omiti ou operatório cirúrgico, em que o operado tem de se recupe-esqueci, quero ressaltar que os indicadores aqui expostos rar da doença originária não menos que da própria enfermão úteis e confiáveis se soubermos valorizá-los adequa-midade cirúrgica. Guiard compartilha esse critério quan-damente. Um, sem dúvida, não basta; todavia, quando surdo diz que o processo pós-analítico é como uma conval-es-gem vários, quando aparecem espontaneamente e em di-cença da neurose de transferência, essa zona intermediá-

ria entre a doença e a vida, como dizia Freud (1914g), e, ao mesmo tempo, de uma nova doença, ocasionada pela 1

separação que se deve enfrentar em solidão. Quem não

“O que subsiste e o que não de ‘Análise terminável e interminável’?” (1978a).

admite, como eu, a teoria da regressão no setting tampouco

360 R. HORACIO ETCHEGOYEN

verá a pós-análise como doença iatrogênica, mas como a Uma ex-paciente, muito séria e responsável, que se ajus-etapa natural e dolorosa na qual culmina a análise. A idéia tou estritamente ao programa das entrevistas que havia-de convalescença de Guiard, diga-se de passagem, não mos combinado, nunca me pagou. Em um caso, porém, apóia sua proposta de considerar a pós-análise como um consultou-me angustiada porque seria avó. Deu-se conta, processo novo e diferente.

ela mesma, de que o acontecimento tinha-lhe reativado o A evolução do processo pós-analítico ocorre, para conflito com a mãe, pagou-me e foi embora tranqüila, não Guiard, em três etapas: a etapa inicial, em que se sente sem dizer que lhe havia cobrado muito barato. (Durante falta do analista e anseia-se por seu retorno; a etapa de seu tratamento, sempre dizia o contrário.) elaboração, em que o ex-analisando luta por sua autono-Voltou, então, à última entrevista que havíamos pro-mia e aceita a solidão, e a etapa do desenlace, em que se gramado e despediu-se com muito afeto e sincera grati-alcança a autonomia e a imago do analista torna-se mais dão. Pouco depois a vi em uma loja e foi grande a alegria abstrata (p. 197).

que senti. Creio que com ela aconteceu o mesmo. Abando-De acordo com essa perspectiva, Guiard recomenda nada, em parte, a reserva analítica, pedi-lhe que me chaser cauteloso e saber esperar durante o lapso em que trans-masse para nos vermos de novo. Prometeu fazê-lo, mas corre o processo pós-analítico, e só interrompê-lo com uma não o fez, e não sei se devo atribuir isso à sua condição de nova análise se se estiver seguro de que não se desenvol-ex-analisanda ou simplesmente de portenha.

verá convenientemente.

Alguns analistas aceitam que um ex-analisando, sobretudo se é colega, consulte-os ocasionalmente para ser ajudado a resolver algum problema de sua auto-análise. Um O FOLLOW UP

pedido desse tipo pode ser satisfeito circunstancialmente, mas nunca de maneira sistemática, porque seria uma for-Se pretendemos estudar o processo pós-analítico e ma encoberta de continuar ou reiniciar a análise.

também avaliar os resultados de uma análise, então temos A experiência do término deve ser concreta e pouco de nos decidir por estabelecer com o analisando, antes de ambígua, deixando ao analisando a liberdade de voltar, se lhe dar alta, algum tipo de contato futuro. Em geral, o o deseja, independentemente das entrevistas programa-método mais lógico é o de entrevistas periódicas.

das de seguimento. Freud dizia que o vínculo afetivo de Pessoalmente, sou partidário de estabelecer da me-intimidade deixado pela análise é muito valioso e é lógico lhor forma possível um acordo para fazer o seguimento que um ex-analisando queira falar com aquele que foi seu (follow up), mas isso não é simples. De início, depende analista frente a uma determinada emergência.

completamente do paciente, já que lhe exigir que compa-Toda alta analítica está à prova, o que não quer di-reça seria não dar por terminada a análise, manter o vínzer que seja dada levemente, mas que o analista pode cular. Além disso, como não podemos utilizar os instruter-se equivocado ou o paciente ter problemas que o fa-mentos analíticos de observação, as entrevistas de segui-

çam ir para trás. Não podemos comparar a alta analítica mento não são muito convincentes, muito confiáveis.

com a que dá o cirurgião depois de uma apendicectomia, Proponho a meus pacientes que venham aos três e aos certo de que seu paciente

não voltará a ter apendicite, seis meses e, depois, uma ou duas vezes por ano e por um ainda que tenha um divertículo de Meckel! Como nunca tempo variável. Alguns cumprem o programa proposto, se sabe se o ex-paciente precisará de análise novamente, outros não. Não se deve perder de vista que se é importante é lógico manter uma certa reserva; porém, essas precau-durante a análise, porque há um processo de concentração ções variarão com os anos e com o que cada ex-analisanda transferência (ou de neurose de transferência) que, por do prefira. Teremos sempre o direito de preservar nossa um lado, resolve-se e o que resta irremediavelmente se per-intimidade, mas não de impor nossa idéia de distância de. O analista fica, por fim, como uma pessoa que ocupa aos outros.

seu lugar, um lugar importante na recordação, mas já não Não sou partidário, em princípio, de trocar a relação na vida do paciente. O destino de um bom analista é a nos-analítica por uma relação amistosa, o que, em meu enten-talgia, a ausência e, a longo prazo, o esquecimento.

der, tem inconvenientes. Compreendo que pode haver uma Nas entrevistas pós-analíticas, sejam espontâneas ou tendência natural para que assim seja e que, algumas ve-combinadas, adoto uma atitude afetuosa e convencional, zes, no decorrer do tempo, possa desenvolver-se de forma sentado frente a frente com o ex-analisando, e só ocasio-espontânea uma amizade, mas não penso que todos os nalmente interpreto. Concordo com Rangell que, se a in-meus pacientes tenham de terminar sendo meus amigos.

terpretação for necessária e esperada, o ex-analisando a Poderia ser que essa amizade fosse um remanescente da receberá bem.

transferência e, embora não o fosse, deixa o paciente Deixo por conta do ex-analisando a direção da entre-desguarnecido, pois já não tem mais analista, se quisesse vista e aceito que me pague ou não, segundo seu desejo.

voltar a se analisar.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 361

48

Técnica do Término da Análise

INTRODUÇÃO

vamente, temos de advertir que não se devem superpor aqui os modelos com as teorias às quais eles nos remetem, Dissemos nos capítulos anteriores que cada etapa da já que podemos aceitar um modelo determinado e, no análise tem sua dinâmica particular, a qual se traduz em entanto, não subscrever a teoria que o propôs.

indicadores clínicos que nos permitem abordá-la. DisseO modelo do nascimento foi estudado por Balint mos também que os indicadores do término aparecem gra-

(1950) e Abadi (1960), entre outros. Esses autores pendual e espontaneamente, até adquirirem bastante clareza, sam que o término da análise é isomórfico com a experiên-e estudamos os fundamentais: a morfologia dos sonhos, o cia do nascimento. No Capítulo 46, vimos que Balint com-tipo de comunicação e as modalidades estilísticas, o compara o término da análise com a passagem do amor objetal portamento com o parceiro, com a família e com a socie-primário ao amor genital maduro que representa um new dade, o manejo da angústia (de separação) e da culpa e, é beginning: o analisando sente que nasce para uma nova claro, o alívio dos sintomas. O amor e o trabalho, sempre vida, na qual se misturam sentimentos de pena pela perda se disse, são as duas grandes áreas nas quais se pode me-com a esperança e a felicidade.

dir o grau de saúde mental dos mortais.

Abadi (1960) também utiliza o modelo do nascimento Cabe-nos agora abordar o terceiro enfoque com o para dar conta do término da análise, segundo sua pró-

qual se deve estudar o processo de término, o aspecto téc-pria teoria do desenvolvimento. A situação básica do ser nico, ou seja, o modus operandi com que se põe um ponto humano gira em torno do nascimento: a vida do homem final em uma análise.

transcorre desde o cativeiro intra-uterino até a liberdade No curso do processo analítico, veremos sem nos pro-que está fora. A dinâmica dessa situação depende da proi-por a isso, porque vai impondo-se espontaneamente a nosso bição da mãe, que impede de nascer, em conflito com o espírito, que o analisando foi mudando, e ele mesmo tam-desejo de liberdade da criança e a culpa que a acompanha bém, à sua maneira, o observará. Notaremos que seus sin-pelo crime cometido ao nascer contra a proibição mater-tomas já não existem mais ou diminuíram muito, que renal. Esse conflito cristaliza-se no trauma do nascimento. A cuperou sua capacidade genital, que

trabalha melhor e tarefa principal do analista é, pois, acompanhar seu anali-pode também gozar do ócio, etc. Isso é acompanhado pela sando em seu processo natural de liberação. Essa perspec-emergência dos indicadores estudados e, uma vez que estiva “converte a psicanálise, enquanto concepção do hoses indicadores apresentam-se, surge o problema de como mem, em uma ideologia da liberdade” (1960, p. 167).

será o processo de término.

Melanie Klein, por sua vez, crê firmemente que a ex-Há muitas formas de culminar um processo analíti-periência de terminar uma análise com êxito é a réplica co, o que depende das teorias e do estilo do analista, as-exata do desmame: finalizar a análise é literalmente des-sim como das predileções do paciente e até mesmo do mamar-se do analista-seio, é repetir aquela experiência meio social e das circunstâncias da vida.

fundadora e fundamental. Na escola kleiniana, ninguém discute esse ponto de vista, já que se aceita que a posição depressiva infantil organiza-se basicamente em torno da experiência da perda do seio. Seguindo essa linha de penOS MODELOS DE TÉRMINO

samento, Meltzer chama de desmame a última etapa do processo psicanalítico.

Dissemos que há indicadores clínicos do término da Convém destacar, ainda, que Klein considera que essa análise suscetíveis de serem explicados por determinadas primeira experiência de luto pelo seio será reativada de-teorias e tratamos de assinalar que eles existem por direi-pois, diante das outras crises do crescimento, como o treito próprio e não devem superpor-se às hipóteses que lhes namento esfínteriano, a perda dos objetos edípicos e to-podem ser aplicadas. Digamos agora que o término confi-das as situações posteriores de luto no curso da vida. Para gura-se em modelos e que, embora esses modelos variem Klein, todo luto é um luto por todos os lutos.

infinitamente, como os casos da prática aos quais se li-Arminda Aberastury dizia, com razão, que um luto gam, convergem por fim em dois fundamentais que pare-profundo, que se prolonga até a adolescência, é o da per-cem abranger os demais: o nascimento e o desmame. No-

362 R. HORACIO ETCHEGOYEN

da da bissexualidade, do sonhado hermafroditismo psi-

Rank parte de um fato de observação freqüente –

quico que nos é difícil de abandonar para terminar sendo que já assinais – de que todos os pacientes simbolizam o secamente homens ou mulheres.

final da análise com o nascimento. Essa fantasia logo che- Os autores que, como Rangell, não crêem que as ex-gou a ser para Rank não só um símbolo, mas também, e experiências do primeiro ano da vida sejam recuperáveis po-estritamente, uma repetição do nascimento no curso da derão aceitar que o término da análise adote o nascimen-análise. Rank deduz disso que o nascimento configura a to ou o desmame como modelo, mas nunca como a repe-angústia primordial do ser humano, organizando-se a partir tição cabal daqueles episódios longínquos e inacessíveis.

daí todas as demais, um ponto de vista que Freud adota Portanto, os modelos do término não devem ser con-em Inibição, sintoma e angústia.

fundidos com as teorias de alto nível de abstração que Apesar de existirem dúvidas sobre a influência des-procuram explicar através deles a dinâmica profunda da sas idéias de Rank sobre a segunda teoria da angústia de última etapa da análise. Posso ter o modelo de que termi-Freud, como diz Strachey em sua nota introdutória ao linar minha análise é como receber o diploma de bacharel vro de 1926, o mais provável, a meu ver, é que a teoria de ou médico, ou como aprender a nadar ou a dançar, porém Rank sobre o trauma do nascimento tenha influído no isso não quer dizer que aquela promoção ou essa aprendi-Freud de 1926. Rank, por certo, derivou dela uma expli-zagem tenha sido o ponto de partida de minha vida men-cação da neurose e da cultura em que o trauma do nasci-tal, meu caráter, minha neurose.

mento veio a ocupar o lugar do complexo de Édipo.

A divisão que acabo de propor tem, a meu ver, suficiente valor metodológico, mas não se deve pensá-la como primeira e distinta. Às vezes, o modelo e a teoria conflu-O TÉRMINO DA ANÁLISE E O LUTO

em e é impossível deslindá-los. Em um trabalho conciso e importante, Janine Chasseguet-Smirgel (1967) demons-Muitos autores consideram que o fim da análise pro-trou convincentemente que os sonhos de exame têm a ver move um processo de luto, sem por isso pensá-lo como com os processos de maturação, e não é por acaso que se

isomórfico ao da criança pelo seio no momento do desma-chama de “matura” o exame de bacharelado nos países me, como postula Klein.

germânicos. Nesse caso, formar-me como bacharel pode Nesse contexto, Annie Reich (1950) destaca, por ser não apenas um modelo do processo de terminar a aná-

exemplo, que o término da análise traz consigo uma du-lise, pois remete a uma experiência de vida concreta e pla perda, transferencial e real. Aquela é inevitável, já que singular.

mesmo na análise mais bem-sucedida sempre ficam restos Sylvia Payne, por sua vez, em seu breve trabalho de de transferência, e nunca termina por extinção, como que-1950, sustenta que o término da análise é às vezes homo-ria Ferenczi. Junto com essa perda pelos objetos transferi-logado ao medo de crescer ou ser grande, de deixar a esdos da infância, o analisando perde também o próprio ana-cola ou a universidade, de renascer, desmamar-se ou cum-lista, o analista em pessoa. Uma relação que se prolongou prir um processo de luto, isto é, momentos críticos do de-por muito tempo e que chegou a alcançar um alto grau de senvolvimento que obrigam a reorganizar o ego e os inte-intimidade e confiança não pode ser deixada sem pena.

resses libidinais do sujeito.

Levando-se em conta a magnitude dessa dupla perda, Em um trabalho breve e duradouro, “A dentição, a Annie Reich aconselha a fixar a data de término antecipa-marcha e a linguagem em relação com a posição depres-damente e por vários meses.

siva” (1958), Arminda Aberastury¹ articulou a teoria da Já vimos que Klein (1950) estabeleceu uma relação posição depressiva infantil com a linguagem, a erupção direta entre a posição depressiva infantil, decisiva para dentária e a deambulação, que afasta a criança do seio e a ela na estrutura da mente, e o término da análise. Uma coloca ao abrigo de seu sadismo oral. Quando analisei um análise que transcorreu satisfatoriamente deve desembo-homem que custou a caminhar por causa de uma luxação car em uma situação de luto pelo analista, que reativa e congênita do quadril, impôs-se com força o aprender a revisa todos os lutos da vida, a partir do primeiro e princi-caminhar como modelo de término da análise.

pal, o luto pelo seio. Os critérios do término da análise Quem primeiro tomou o nascimento como modelo sempre remetem, então, a uma suficiente elaboração das do término da análise foi, sem dúvida, Otto

Rank (1924), angústias paranóides e depressivas do primeiro ano de vida.

que construiu depois, com base nisso, uma psicologia pro-Também Abraham (1924) havia postulado como ponto funda afastada já da psicanálise ortodoxa, na qual todos ineludível da depressão no adulto a existência de uma os esforços terapêuticos irão centrar-se no trauma do nas-depressão primária ou protodepressão, ligada ao desenlamente. Das Trauma der Geburt foi publicado em Viena, ce do complexo de Édipo. As idéias de Klein situam-se nessa em 1924, e é evidente que contou, em princípio, com o mesma linha de pensamento, mas sua proposta é muito interesse científico de Freud, que certamente não acom-mais audaz e rigorosa, pois situa essa protodepressão muito panhou Rank em suas postulações ultiores.

antes (a partir do segundo trimestre do primeiro ano de vida) e a erige em um momento inevitável do desenvolvimento normal.

1 O trabalho foi publicado originalmente na Revista de Psicoanálisis Dado que as angústias depressivas são por definição quando Arminda estava casada com Pichon Riviére, mas eu o lábeis e mutáveis, em sua classificação das etapas do pro-incluo na bibliografia como Aberastury.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 363

cesso analítico, Meltzer chama a que estamos estudando também pensam que, nesse momento, reativa-se o temor de o limiar da posição depressiva. Ninguém chega de fato à fóbico de ficar sozinho, abandonado, sem proteção. Garma posição depressiva, que mais que uma conquista é uma (1974) dá aos temores fóbicos do final de análise um sig-aspiração, que não é um lugar ou uma coisa, mas sim uma nificado bastante original.

complexa constelação de fantasia e realidade organizada Para Garma, o luto do término é sempre contingente em torno da relação de objeto, fortemente inspirada pela e encobre, na maioria das vezes, uma estratégia defensiva urgência da reparação.

sutil, e o que verdadeiramente conta é a necessidade, por À medida que vão sendo resolvidas as confusões de parte do analisando, de se liberar de objetos maus, perse-zonas e de modos da terceira etapa, o seio nutridor apare-guidores, que lhe impedem de avançar em sua melhora.

ce como o objeto princeps da realidade psíquica, e sua con-Configura-

se, assim, uma situação fóbica, na qual o anali-fluência com o até então dissociado seio toalete depara a sando não quer levar adiante sua melhora por temor aos criança com a mais forte angústia depressiva, ao compreen-objetos internos daninhos. Fique claro que a fobia que der que sua agressão dirigia-se, em última instância, ao Garma descreve não é a fobia que podemos detectar como objeto que lhe dá a vida. O correlato desse momento fun-expressão de um sentimento muito natural de medo de dador do desenvolvimento é que o analisando reconhece, ficar sem o analista e ter de se deparar com um mundo por fim, a autonomia e a função do analista. Quando se potencialmente hostil. Essa fobia é a comum, mescla de consegue isso, diz Meltzer, inicia-se a quarta etapa do pro-angústias não apenas persecutórias, mas também depres-cesso analítico e, a partir desse momento, a idéia do térsivas, a que todos admitem. O que Garma diz é outra coisa.

mino pende, como a espada de Dâmocles, sobre o analiSe um tratamento psicanalítico chega a um final exi-sando.

toso, surge no analisando o desejo – bem lógico, por cer-Chama a atenção, prossegue Meltzer, e não deixa de to – de acrescentar sua melhora para poder comportar-pesar sobre a contratransferência do analista despreveni-se de forma capaz e adulta quando chegar o momento de do, que o reconhecimento do analisando é primeiro ao se separar de seu analista. A esse desejo positivo, entre-método do que ao próprio analista. Dirá que precisa da tanto, opõem-se os objetos internos perseguidores, pro-análise, mas colocará em dúvida que seu analista seja o jetados então no analista, que só permitem uma melhora mais indicado para proporcioná-la a ele. Também Money-limitada. Essa configuração cristaliza-se nas três resistên-Kyrle (1968) descreve a mesma configuração, como vere-cias básicas que Garma descreve: a fobia à melhora, a in-mos, ao dizer que a classe de analista bom pode não se tensificação do processo de luto e o rebaixamento da ca-aplicar ao analista que se tem.

pacidade do analista.

Essa é uma etapa de luta na qual o impulso à Uma vez compreendida a dinâmica que nos propõe integração choca-se continuamente com a retirada regres-Garma, fica claro que a fobia do término expressa o medo siva para o cômodo terreno das confusões de zonas e de de melhorar e evita o ataque dos objetos internos perse-modos. O psicanalista tem de se esforçar realmente muito guidores: o analisando foge da melhora para não ter de para acompanhar seu analisando no difícil trânsito da ma-enfrentá-los. Assim, para Garma, a fobia

sanciona a sub-turação que implica reconhecer e ao mesmo tempo perder missão aos perseguidores internos e também, é claro, ao o seio, simultaneamente com a dor e os ciúmes frente à analista que por projeção os representa.

cena primária pré-genital e genital, que terminará por desA melhor estratégia para consolidar as defesas fóbicas tacar o coito como ato supremo de criação e prazer, reco-recém-descritas é a de intensificar as reações de luto dian-nhecendo, por fim, a função criativa e reparadora do pê-

te da futura separação; o que o analista deve fazer, então, nis do pai e de seus testículos.

é desmascarar essa estratégia aplacadora, em vez de acei-Como já dissemos, o limiar da posição depressiva é tar os falsos sentimentos de luto. Como a maioria dos au-alcançado para Meltzer, no melhor dos casos, em dois ou tores, Garma crê que existem sentimentos de perda e de três anos de análise com as crianças e em quatro ou cinco pena no final da análise; porém, quando se desvenda o com os adultos, prazos que, pessoalmente, tardo mais em falso luto defensivo, o final da análise é acompanhado es-alcançar com meus analisandos.

sencialmente de uma vivência de afirmação e satisfação.

Quanto à duração dessa mesma etapa, os prazos va-A terceira defesa a que recorre o analisando para evitar riam muito, segundo o caso particular: as agônicas fluo conflito com seus objetos persecutórios no momento do tuações entre integração e regressão prolongam-se por um término é a denigração do analista. Ao rebaixar o analista, o tempo variável, mas eu me atreveria a dizer que, desde paciente obtém duas grandes vantagens defensivas: se o ana-que surge a idéia de que a análise está em seu processo de lista é incompetente, então mal poderá ajudá-lo a incrementar término até que se propõe o próprio término, passam-se sua melhora e, ao mesmo tempo, fica projetada no analista a sempre mais de dois anos.

tendência a denegrir a si mesmo, a se considerar incapaz de todo progresso. Essas tentativas de rebaixamento não têm

“como finalidade liberar-se de seus próprios rebaixamentos A FOBIA À MELHORA

mediante sua projeção (identificação projetiva) em seu analista, mas tentam conseguir que o analista seja, de algum Assim como quase todos os autores concebem o tér-modo, inferior, como o analisando

inconscientemente pensa mino da análise como um processo de luto, quase todos que ele mesmo é” (1974, p. 686-687).

364 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Concordo com Garma em que o luto pelos objetos perdido. Para mim, isso não é mais que uma negação. Os persecutórios que não deixam crescer é um falso luto e o objetos primários são intercambiáveis, e quem sente pena melhor que se pode fazer com eles é expulsá-los para libe-por ter perdido seu prepúcio também a terá pelo não merar-se; contudo, diferentemente de Garma, creio que o as-nos perdido seio.

sunto não termina ali, senão que é ali, justamente, que O grande paradoxo, a grande tragédia do término da começa o verdadeiro final. Recorde-se que Meltzer desta-análise é que deve terminar no momento em que se con-cava no começo do limiar da posição depressiva uma curi-verteu em proveitosa e criativa; porém, uma conquista osa dissociação que dá uma explicação teórica distinta às fundamental da maturação é justamente que nos respon-boas observações clínicas de Garma: o paciente reconhece sabilizemos pela passagem do tempo e, com isso, pela ur-as virtudes da análise, mas descrê de seu analista. Se o gência de acabar a tarefa que temos nas mãos, solicitados analista remete a denigração aos objetos persecutórios que por outras do futuro.

impedem o paciente de incrementar sua melhora, isto é, Na etapa de desprendimento, analista e paciente es-crescer, deixa intacta a dissociação e projeta as dificulda-tão premidos pela idéia de tempo. O tempo está sendo des nos objetos da infância. O perigoso corolário dessa vencido, passa inexorável, não se pode voltar atrás e, jus-dissociação é que o analista que deixa crescer fique idea-tamente, toda experiência adquire seu sentido no momento lizado.

em que se vislumbra que deve terminar. Nisso tem razão a A maior objeção que se pode fazer à teoria de Garma filosofia existencial quando nos faz compreender que o é que, se são tão malévolos os perseguidores internos, a ser só está no final da existência. Se não terminasse, ne-ponto de que o luto por perdê-los seja apenas uma defesa, nhuma experiência teria sentido, como nos mostra bela-então se concluiria que o mundo interno não mudou sufi-mente Borges em “O imortal”.

cientemente. A teoria de Garma, em conclusão, pode re-O reconhecimento de que o tempo passa marca a ne-forçar os mecanismos paranóicos e maníacos, o que certa cessidade de terminar

o processo analítico. Isso surge não vez Racker (1954) chamou de mania reivindicatória.

apenas da vivência depressiva dos filhos por nascer, dos que necessitam mais que eu, como tantas vezes dizem os pacientes, nem do desejo reparatório de devolver o tempo O DESPRENDIMENTO

livre ao analista, mas também de uma preocupação pela tarefa, que se deve assumir como pessoa independente e Há, sem dúvida, um momento no curso do término capaz de terminar o que empreende. Não em busca de da análise em que se impõe a analisando e analista a idéia triunfo, mas a partir de um sentimento de perda e de nos-de que foram cumpridos suficientemente os objetivos com talgia inevitáveis. Se não dou esse passo, nunca chegarei a que se iniciou o tratamento e que chegou o momento de ser verdadeiramente, e essa é uma responsabilidade fun-dizer adeus.

damental, não só em relação a terceiros, mas a mim mes-Do ponto de vista da técnica, podem seguir-se vários mo. Essa convicção surge da angústia depressiva e sempre cursos de ação, conforme as predileções do analisando, o é acompanhada por um sentimento profundo de nostalgia estilo do analista e as circunstâncias reais. Pode-se fixar e de perda.

uma data concreta ou pode-se operar em dois passos, afirmando primeiro que a análise não se prolongará mais que uma data e fixando depois o dia preciso em que se realiza-SOBRE AS FORMAS DO TÉRMINO

rá a última sessão.

Como já dissemos, Meltzer chama a essa etapa de o Todos os autores pensam que de nenhuma maneira desmame, mas preferi chamá-la de desprendimento para deve ser o analista que proponha o término. A única coisa não me amarrar a um modelo particular, por significativo que o analista pode fazer validamente é interpretar que o que pareça. Pessoalmente, não tenho nenhuma dúvida de paciente pensa em terminar, que o deseja ou o teme, quan-que a posição depressiva é um momento fundador do de-do nota que esses desejos existem e o paciente reprime-senvolvimento e gira em torno do luto pela perda do seio; os; porém, não deveria, em princípio, dar opiniões. Nesse no entanto, também creio que a riqueza dos fatos clínicos caso, como em todos os outros, o analista deveria tentar obriga-nos a considerar cada caso como particular e úniver o que pensa o paciente e reservar para si o que ele co, dispostos sempre a descobrir o irrepetível.

mesmo pensa. Aqui intervém, contudo, uma circunstância Arlow e Brenner (1964), para refutar a idéia de que excepcional, um passo inevitável que compromete a opio processo analítico reproduz as fases precoces do desen-niño do analista. Muitas vezes, no curso de uma análise, volvimento, citam o caso de um homem para quem o tér-podemos ter interpretado uma fantasia de término, por mino da análise representava a perda do prepúcio antes exemplo, quando o paciente faz uma fuga à saúde; poque a do seio. Nesse caso, como em todos os outros, apli-rém, agora é diferente, porque, uma vez que o paciente car um esquema teórico ao material do paciente nos teria tenha aceitado que pensa que está no período de término, feito perder o específico de seu sentimento de perda. En-ele perguntará nossa opinião e então, naturalmente, tere-tretanto, não creio de modo algum que uma experiência mos de dá-la. À primeira vista, parece que aqui nos desvi-como essa deva contrapor-se à outra, afirmando-se que amos de nossa técnica, mas na realidade não é assim. Nossa para esse homem era o prepúcio e não o seio o objeto técnica diz que, em todas as situações nas quais estamos

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 365

comprometidos pelo contrato analítico, devemos dar uma que se alcance o final verdadeiro.² A análise do tema do opinião, por exemplo, quando falamos de horários, de término, do que isso significa para o paciente e de quais são honorários, de férias, do uso do divã ou da associação li-suas reações levará um tempo variável. Nessa etapa, fazem-vre. Aqui também teremos de nos pronunciar, conscientes se sentir, diz Rangell, os problemas de contratransferência de que, ao fazê-lo, mudam as condições da análise e inique podem levar o analista a encurtar ou a alongar esse cia-se formal e estritamente o final.

período, que mereceram a atenção de Guiard (1974, 1976).

Creio que o analista deve ir dando sua opinião à me-

É durante o período de término que se torna mais ne-dida que se faz necessário e sem se antecipar ao que cessária a avaliação permanente da marcha do processo, virá. Agora, estamos referindo-nos ao momento especial como diz Polito (1979), quando aconselha a tomar distân-em que o analista confirma que a análise está no periócia em dado momento e comparar o que está acontecendo do de término, sem adiantar quando e como vai termi-agora com situações pretéritas, ao modo de cortes transver-nar. A decisão de terminar é tomada por ambas as par-sais. O momento privilegiado para esse tipo de

avaliações tes, mas nada se disse sobre o próprio término. Essa é, sem dúvida, a etapa final da análise, depois de estabelecida última etapa do processo sempre dura bastante tempo, a data do término, porque é então que aparecem plastica-o que depende do momento em que o analista tenha mente imagens que mostram as mudanças ocorridas.

dado seu acordo e, é claro, de muitas outras variáveis.

Há alguns analistas, como Edith Buxbaum (1950), Comumente, essa etapa de desprendimento dura meses, que respeitam os padrões infantis do paciente, seu estilo e não anos nem semanas.

ou sua história, quanto à forma como a análise deve terEm geral, os acordos que o analista presta corres-minar. Assim, por exemplo, se o paciente teve uma mãe pondem a idéias conscientes ou inconscientes do anali-superprotetora e quer terminar, será preciso conceder-lhe sando, e assim vão sendo combinados prazos cada vez mais isso para corrigir aquela má experiência infantil. Eu não definidos, que serão, em princípio, irrevogáveis. Ou seja, concordo com essa atitude técnica, que acusa, a meu juízo, o analista dará três passos decisivos, dizendo primeiro que um forte sabor de técnica ativa.

está de acordo que a análise deve terminar, depois que Finalmente, deve-se levar em conta que, se o despren-poderia ser nesse ano ou no ano que vem e, mais adiante, dimento não for efetuado a tempo, sobrevém uma se tudo continuar bem, chegará o momento em que se

“hipermaturação”. O problema surge quando chega o mo-estabelecerá uma data de término. Como dizia Annie Reich mento da separação definitiva, quando o paciente tem a idéia (1950), creio que essa data deve ser estabelecida com dois de que conseguiu coisas que pretendia obter, que não conse-ou três meses de antecedência, que é um prazo sensato: guiou outras e tampouco as conseguirá, porque estão dentro mais, parece-me que não seria muito realista e estaríamos de suas limitações, mas não se atreve a ir embora. Pode-se configurar aqui um impasse específico diante da possibilida-na época em que se está elaborando ainda o desprendi-de de continuar em análise, desatendendo outras possibili-mento; menos, não me parece conveniente, porque, se a dades vitais. Chega um momento em que tudo isso entra em análise foi bem até esse momento, a angústia que neces-um balanço, do haver e do débito do término. À medida que, sariamente surgirá é muito grande e deve-se dar tempo nesse momento, o temor aos riscos de continuar sozinho ou para elaborá-la. Uma vez fixado, esse prazo deve ser o desejo de evitar a inevitável vivência de perda começam a irreversível, pois, do contrário,

caírmos em uma armadilha-predominar sobre os motivos racionais do término, produz-lha, e o próximo prazo que estabelecêssemos também po-se uma hipermaturação e, então, o paciente começa a vir deria ser modificado. Freud tinha razão, nesse ponto, quan-não porque realmente necessite da análise, mas pelos outros do dizia em “Análise terminável e interminável” que o leão motivos. Aí, justamente, tem de sobrevir uma decisão valo-dá um só salto. Se nos equivocarmos nesse assunto, o con-rosa. Talvez por isso Ferenczi dizia que a análise deve termi-trato analítico fica viciado de nulidade. Prolongar a data nar por exaustão. Na realidade, pareceria que não há um de término, uma vez combinada, conta tanto como cometérmino por exaustão no sentido de que a relação vá esgo-

çar tudo de novo. Sempre será preferível manter a data e tando-se; porém, há sim um término por exaustão no senti-deixar aberta a possibilidade de uma nova análise, com o do de que o processo mórbido vai esgotando-se, ao passo mesmo analista ou com outro, o que talvez seria melhor que o processo de contato humano vai sendo cada vez maior.

para esse caso. Um erro nesse ponto, queiramos ou não, Não se deve esquecer, entretanto, que toda relação de trava-recoloca de fato toda a situação. Pode haver, obviamente, lho tende a se perpetuar em termos de relação humana, o algumas exceções quando, frente a um acontecimento trau-que é muito legítimo. Todavia, quando essa finalidade deslo-mático da realidade – a morte de um ente querido, por ca e desvirtua a inicial, estamos na realidade frente a uma exemplo –, se possa propor a postergação da data por um situação perversa. Então, começam a se criar privações que, tempo breve. Embora seja certo que uma análise termina-

é claro, seriam mais importantes que a de continuar a rela-da deva capacitar uma pessoa para enfrentar a desdita, ção.

também é sensato não esticar em demasia a corda da saú-

de mental. Enfim, em um caso como esse, o analista pode 2 “Just as there are typical individual reactions to the beginning oferecer a prorrogação, e o analisando decidir.

phase and to work during the middle segments of analysis (the patient’s own rate, rhythm and style) so the endwork also reveals Concordo com Leo Rangell (1966) que a última etapa crucial aspects of the patient’s psychic functioning and is to be da análise revela aspectos especiais do analisando, os quais worked through to

completion before the actual ending” (Psy-devem ser analisados e elaborados cuidadosamente antes choanalysis in the Americas, p. 151).

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

SEXTA PARTE

Das vicissitudes do processo analítico

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

49

O Insight e suas Notas Definidoras*

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A VERSÃO FREUDIANA DE INSIGHT

Se o processo psicanalítico propõe-se à obtenção do

“Insight” não é, por certo, um termo freudiano; pro-insight, então o insight constitui por definição a coluna vêm na realidade do inglês, tanto como palavra quanto vertebral do processo psicanalítico.

como conceito, já que foram os analistas dessa língua, na Essa idéia não é por si mesma polêmica, porque é Europa e na América, que o cunharam. Penso, entretanto, aceita praticamente por todos os analistas; o que se dis-que os autores que resolveram utilizar essa palavra não o cute, porém, é se há outros fatores que coadjuvam com fizeram com a idéia de estar introduzindo um novo cono insight para determinar a marcha do processo. Há aqui, ceito; consideraram, antes, que haviam dado com um vo-sem dúvida, um problema de fundo, que não é o mo-cábulo elegante e preciso para expressar algo que pertencimento de estudar, mas é necessário advertir que, às ve-ce por inteiro a Freud. A análise propõe-se a dar ao analizes, as divergências dependem do alcance que se dê às sando um melhor conhecimento de si mesmo, e o que se palavras.

quer significar com insight é esse momento privilegiado Nacht (1958, 1962, 1971) pode questionar a atitude da tomada de consciência. Deixemos claro, porém, que a de neutralidade da técnica clássica e contrapô-la ao que palavra Einsicht, equivalente ao inglês insight, aparece ra-chama de presença do analista, mas não chega a questionar vezes na obra de Freud e, é evidente, não com o signi-nar a função

do insight, como se pode ver em sua exposição teórica que se dá a ela atualmente.

ção ao Congresso de Edimburgo de 1961. De qualquer modo, ao longo de toda a sua obstinada investigação, Freud mudou, e diferentemente de Nacht, a maioria dos autores afirma que em seu método o fundamental é o conhecimento que o insight é obtido fundamentalmente por meio da recordação. Em uma época serão as recordações, em outra os da interpretação psicanalítica, embora também aqui haja instintos, mas a meta é sempre o conhecimento, a busca discussões, porquanto para alguns o insight pode ser a verdade.

cançado também com outros métodos. Um homem tão Na primeira tópica, o conhecimento consiste em tor-rigorous quanto Bibring (1954), por exemplo, diz que o inconsciente o consciente. Essa célebre máxima teve, insight é obtido não só através da interpretação, mas também em princípio, o significado típico de uma passagem do bém do esclarecimento, apesar de que este seja, novamente sistema Icc ao Prcc, mas a isso logo se acrescentou o ponto de, um problema de definição e, como afirma Wallerstein de vista dinâmico, à medida que é a partir do vencimento (1979), seja mais fácil dizê-lo do que discriminá-lo na das resistências que algo se torna consciente. Desse modo, prática.

a idéia enriquece-se e recobre-se de um conteúdo metapsi-Em resumo, todos os autores pensam que o insight é cológico, sem que mude sua essência.

o motor principal das mudanças progressivas que a análise-O terceiro ponto de vista da metapsicologia, o eco-se promove, isto é, do tratamento, porém há os que levam a um fim, impõe que se faça a tomada de consciência atenda em consideração outros elementos e/ou questionam as condições de montante de excitação que surge no processo. A condições em que o insight opera, como Guiter e Mayer importância do fator quantitativo em relação à eficácia da (1998).

interpretação foi estudada por Reich (1933) e por Fenichel Ninguém duvida, no entanto, que haja outros fatos-

(1941), embora já esteja presente, de fato, no método res que podem remover os sintomas e mesmo promover catártico, quando Breuer e Freud (1895d) assinalam que mudanças na personalidade, mas pertencem às terapias somente quando a recordação patogênica alcança sufi-sugestivas ou supressivas, que atuam por via direta,

não ente carga afetiva ela é eficaz para modificar os sintomas como a psicanálise.

neuróticos.

O conceito econômico é, pois, simultâneo (ou pré-

vio) ao topográfico; o conceito dinâmico, porém, não pode ser estabelecido antes que se formule a teoria do recalque.

*Este capítulo e os dois que seguem foram publicados com o Em resumo, a regra de tornar consciente o inconscientetítulo “Insight” no volume 2 de Trabajo del Psicoanálisis (1983).

te vai recobrando-se dos diversos significados que Freud

370 R. HORACIO ETCHEGOYEN

desenvolve em sua primeira tópica, os quais, quando sur-insight dos impulsos e sentimentos inconscientes.⁴ Nesse ge o conceito de insight, aplicam-se a ela com naturalida-trecho e em outros do mesmo trabalho, parece que o vo-de e sem violência. Assim, o vocábulo insight amolda-se cábulos “insight” é empregado com o mesmo rigor que atu-perfeitamente à metodologia dos trabalhos de 1915, e almente.

Freud poderia muito bem ter dito: o método psicanalítico Sempre é difícil decidir em que momento uma pala-tem por finalidade tornar consciente o inconsciente, e a vra da linguagem comum recobre-se de um significado essa tomada de consciência chamaremos de insight.

teórico; todavia, no caso de “insight”, temos dois pontos Anos depois, quando introduz o ponto de vista estru-de referência importantes. No XIV Congresso Internacio-tural, Freud emprega outro modelo e então diz que a base nal, realizado em Marienbad em agosto de 1936, ocorreu do tratamento psicanalítico é que os processos ideativos o Symposium on the theory of the therapeutic results of passem de um sistema não-organizado para outro de alta psycho-analysis, do qual participaram seis dos grandes ana-organização, do id para o ego: onde estava o id o ego deve listas dessa época, Edward Glover, Fenichel, Strachey, estar, e essa passagem de sistema pressupõe, com certeza, Bergler, Nunberg e Bibring.⁵ Ali foram coletadas várias hi-uma mudança do processo primário para o processo se-póteses quanto à natureza da ação terapêutica da psica-cundário. Em seus Écrits (1966), Lacan dá ao texto freu-nálise, mas a palavra “insight” não aparece em nenhum diano Wo Es war soll Ich werden uma tradução e um alcan-

lugar. Strachey, que a menciona em seu trabalho de 1934, ce diferentes: “Onde isso era devo advir”, para expressar quando diz que a segunda etapa da interpretação mutativa uma idéia central de sua teoria, isto é, a radical excentrici-

é malograda se o paciente não tem insight e não pode dis-dade do ser em relação a si mesmo com que se depara o criminar entre o que está acontecendo com o analista e o homem (l'excentricité radicale de soi à lui-même à quoi l'

que vem do passado, não a emprega em Marienbad, sem homme est affronté. Écrits, p. 524).¹ Essas reflexões são, dúvida porque não lhe parece necessária.⁶

sem dúvida, importantes, mas não creio que modifiquem Vinte e cinco anos depois, em 1961, volta-se ao tema o argumento que estou desenvolvendo.

no XXII Congresso Internacional, realizado em Edimbur-Por todas essas razões, então, penso que o vocábulo go. O simpósio foi chamado, dessa vez, de The curative

“insight” vem recobrir com exatidão um conceito de Freud, factors in psycho-analysis, e dele participaram Maxwell embora ele não o tenha empregado da forma como fazemos.

Gitelson, Sacha Nacht e Hanna Segal, junto a quatro debatedores (Kuiper, Garma, Pearl King e Paula Heimann).⁷

Todo o interesse dos expositores centrou-se no insight, e
TRANSFORMAÇÕES DA PALAVRA INSIGHT

ninguém o questionou como fator predominante (e talvez único) para explicar os fatores curativos. Assim, o lapso O vocábulo “insight” foi impondo-se até transformar-entre os dois simpósios representaria o tempo histórico se de uma palavra da linguagem corrente em uma expres-no qual a palavra “insight” transforma-se em um vocábulo são técnica. Ninguém duvida atualmente, quando a em-estritamente técnico.

prega, que está utilizando um termo teórico. Se a rastreamos nos escritos psicanalíticos, vamos vê-la aparecer desde os anos de 1920, mas não com seu sentido atual.

AS ACEPÇÕES DO SUBSTANTIVO INSIGHT

Em seu trabalho sobre o tique, Ferenczi (1921) cita um paciente catatônico muito inteligente que possuía um A palavra inglesa “insight” é composta do prefixo “in”

notável insight.² Entretanto, quando apresentou esse mes-que quer dizer interno, para dentro e “sight” que é vista, mo caso em um trabalho anterior,³ não empregou Einsicht, visão. Literalmente, “insight” quer dizer visão interna, vi-mas Selbstbeobachtung, auto-observação.

são para dentro das coisas e além da superfície, discer-Um uso particularmente moderno dessa palavra pode nimento. O dicionário diz que é o poder de ver com a mente ser encontrado no clássico trabalho de Hermine von Hug-dentro das coisas, a apreciação súbita da solução de um Hellmuth sobre a técnica da análise de crianças, lido no VI problema.⁸ Portanto, “insight” significa conhecimento novo Congresso Internacional (La Haya, 1920), cuja tradução e penetrante.

apareceu no International Journal de 1921. Diz essa autora que a finalidade da análise é promover o mais pleno ⁴ “Whereas in the analysis of the adult, we aim at bringing about full insight into unconscious impulses and feelings, in the case of 1 “L’ instance de la lettre dans l’ inconscient”. Maci (comunicação a child, this kind of avowal expressed, without words, in a pessoal) traduz assim a expressão freudiana: “meu ser é ressituar-symbolic act, is quite sufficient” (1921, p. 296).

5

me com respeito a esse Outro”.

International Journal of Psycho-Analysis, v. 18, partes 2 e 3.

2

6

“A very intelligent catatonic patient who possessed insight to a Já foi dito no Capítulo 33, e será reiterado mais adiante, entre-remarkable degree” (International Journal, p. 5).

tanto, que o trabalho de Strachey sobre a interpretação mutativa 3 “Einige klinische Beobachtungen bei der Paranoia und Para-

é, talvez, o que melhor precisa o conceito de insight.

phrenie” (1914). Tanto nas First contributions (p. 295) quanto International Journal of Psycho-Analysis, v. 43, partes 4 e 5.

em Sexo e psicanálise (p. 207) utilizam-se self-observation e auto-A. S. Hornby, E. V. Gatenby e H. Wakefield, The advanced learner’s observação.

dictionary of current English (1963).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 371

Tal fato leva-nos a discutir que extensão devemos dar de minha diferença com ele através de minha contratrans-em psicanálise à palavra “insight”, já que ela pode ser toferência: a esse momento sim o chamo de insight.

mada com maior ou menor amplitude. Em sentido lato, Insight é, pois, o processo através do qual alcança-significa conhecimento novo, conhecimento que, como diz mos uma visão nova e diferente de nós mesmos. Quando Rapaport (1942, p. 100), vai além das aparências. Insight se emprega a palavra “insight” em psicanálise, deve-se sempre implica acesso a um conhecimento que até esse honrar o prefixo “in”, porque o insight é um conhecimen-momento não era tal. Contudo, essa definição (ampla) po-to de nós mesmos, não um conhecimento qualquer.

de referir-se tanto a fatos externos quanto internos. Se eu, como o macaco de Köhler, dou-me conta, atando cabos, que se enfio um pau dentro de outro invento um novo O INSIGHT E A TEORIA DA FORMA

instrumento, pode-se dizer que tive insight, porque criei algo, porque fui capaz de ir além do dado, do manifesto.

Embora me incline a pensar, como Sandler e colabo-O insight seria esse momento de novidade, de criação.

radores (1973), que “insight” é uma palavra da linguagem Quando a palavra “insight” aplica-se, desse modo, comum que foi tornando-se cada vez mais técnica, devo para definir o instante em que acedemos a um conheci-dizer que outros pensam que chega à psicanálise pela via mento novo, ela pertence ainda, em meu entender, à linda psicologia da aprendizagem e da psicologia da forma.

guagem comum. Assim a emprega Rapaport no trabalho Como se sabe, a teoria da forma (Gestalttheorie) sur-recém-citado e assim a vemos aparecer em muitos escritos ge como uma reação diante da psicologia dos elementos, psicanalíticos. Em 1931, no prólogo da terceira edição in-colocando sua atenção na estrutura, nos conjuntos. O as-glesa da Traumdeutung, ao referir-se a suas descobertas sociacionismo não permite apreender a organização in-sobre os sonhos, Freud diz que um insight como o seu só terna e a finalidade do fato psicológico. A Gestalt (forma) se tem uma vez na vida.⁹ Ele se refere, indubitavelmente, é algo mais do que a soma das partes; o todo tem mais ao ato de criação que supõe compreender a diferença que dignidade que os elementos que o compõem, a estrutura é há entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do o dado primeiro.

sonho, se assim quisermos descrever aquela descoberta A teoria da forma – que deu, sem dúvida, uma expli-genial. Também Melanie Klein (1955a), em seu trabalho cação satisfatória do fenômeno da percepção – também se sobre a técnica do jogo, diz que a análise de Rita e de aplicou a outros temas da psicologia, embora nem sempre Trude, e mais ainda a análise de outras crianças dessa épo-com a mesma sorte. Foi dito, por exemplo, que também a ca, que duraram mais tempo, deram a ela insight sobre o memória ou o pensamento podem ser compreendidos papel da oralidade no desenvolvimento (Writings, v. 3, p.

como Gestalten, sem recorrer às explicações de análise e 134-135).

síntese que a teoria do ensaio e erro pressupõe.

É evidente para mim que, nessas citações, Rapaport, Ao estudar a psicologia do chimpanzé, Köhler (1917) Freud e Klein aludem ao momento em que se adquire um pôde observar alguns fatos singulares. Quando se propõe conhecimento científico, um conhecimento que pertence a ele um problema como o de se apoderar de uma banana ao mundo e não ao sujeito.

com um pau que não é suficiente para bater na fruta, o Entretanto, creio que a palavra “insight” só chega a animal fica desconcertado, como se estivesse pensando e, adquirir o valor de um termo teórico da psicanálise quan-de repente, em um ato de intuição, que Köhler chama con-do empregada em sentido restrito. Está no espírito freu-cretamente de insight, dá-se conta de que, metendo um diano (e é a base de nosso trabalho clínico) que, quando pau dentro de outro, alonga suficientemente seu instru-aplicamos a palavra “insight” ao novo conhecimento que o mento para alcançar a fruta e assim o faz.

Köhler quer paciente adquire na análise, referimo-nos a um conhecimento, com isso, que o pensamento não é obtido através de um método pessoal. Tornar consciente o inconsciente significa do ensaio e erro e que é melhor explicá-lo a partir de uma que eu torno (em mim mesmo) consciente o inconsciente; Gestalt.

é um processo intransferível, não se refere ao exterior.

A palavra “insight” empregada por Köhler foi depois. Portanto, nem todo novo conhecimento é insight, mas apenas transposta da psicologia da forma para a teoria da aprendizagem o que cumpre o postulado freudiano de tornar a aprendizagem (não se aprende por ensaio e erro, mas pela consciência o inconsciente. Nesse sentido, não devemos captar totalidades) e daí chegou, finalmente, à psicologia que, quando o analista dá-se conta do que ocorre canaliza-se.¹⁰

com o analisando, ele tem insight. Falando estritamente, o Thomas French escreveu em 1939 um artigo, “Insight que adquire nesse momento é um conhecimento que é distorção nos sonhos”, no qual utiliza a palavra “insight”

corresponde ao analisando. O analista só pode ter insight de modo semelhante ao de Köhler. French pensa que a de sua contratransferência. Na compreensão que tenho diferença entre o chimpanzé de Köhler e o paciente no de meu paciente, sempre há um trânsito por minha vida. Não é tão grande quanto parece. Embora a teoria do interior, em que tomo consciência de minha similitude ou desejo seja distinta, porque o chimpanzé sabe que deseja.⁹ “Um insight como este nos ocorre somente uma vez na vida”

¹⁰ Uma exposição lúcida desse desenvolvimento pode ser encontrada

(AE, v. 4, p. 27).

trada na monografia de Sara Zac de Filc (1979).

372 R. HORACIO ETCHEGOYEN

a banana e o paciente não sabe o que deseja, uma vez que tica é um campo de par. Contudo, admite-se que a o paciente obtém insight sobre seu desejo inconsciente, estruturação desse campo depende do analisando e trata-se então de colocar para ele um problema parecido com o de agir em consequência (preservando a liberdade do primata, o de resolver o conflito entre seu desejo infantil analisando)” (1969, p. 140). Esse propósito é absoluto e o restante de sua personalidade que o rechaça ou o mente louvável, dizem com ironia nossos autores, para

aceita apenas em determinadas condições. Esse processo acrescentar de imediato: “Feitas essas restrições, não po-de integração é similar à atividade que o chimpanzé de demos conceber a fantasia básica da sessão – ou o ponto Köhler tem de cumprir. A idéia de insight, enquanto ca-de urgência – a não ser como uma fantasia de par (como pacidade gestáltica de juntar cabos, pode ser usada, con-em psicoterapia analítica de grupo, fala-se de ‘fantasia de clui French, tanto em psicanálise quanto na psicologia grupo’, e com muita razão). A fantasia básica de uma ses-da aprendizagem.

são não é o mero entendimento da fantasia do analisando Embora French se interesse pela conduta adaptativa pelo analista, mas algo que se constrói em uma relação de do ego frente ao conflito que lhe propõe seu desejo, não par” (p. 140-141). Atenuando essas afirmações, os auto-me parece conveniente entender o insight como um prores dizem que é indubitável que os dois membros do par blema de conduta. É melhor pensar que há insight quando têm um papel distinto e que o analista não deve impor sua o paciente torna-se consciente de seu desejo. Como proce-própria fantasia, “mas temos de reconhecer que, para uma de depois, se entra em conflito com esse desejo, isso não é

‘boa’ sessão, devem coincidir a fantasia básica do anali-o problema do insight, mas, em todo caso, da elaboração.

sando e a do analista na estruturação da sessão analítica”

É pouco provável que, quando o macaco come sua bana-
(p. 141).

na, satisfaça ao mesmo tempo um desejo inconsciente de Com base nisso, os Baranger concluem que o insight fellatio!

é um fenômeno do campo bipessoal, é obra de duas pessoas (p. 173).
Disso decorre que o diferenciem taxativamente do insight como
qualidade pessoal, como momento O INSIGHT COMO FENÔMENO DE
CAMPO

de autodescoberta. A palavra é a mesma, mas os fenômenos são
radicalmente distintos (p. 173).¹¹

Para Madeleine e Willy Baranger (1961-1962, 1964), o insight é um
fenômeno de campo. A situação analítica define-se como um campo
bipessoal em torno de três conO INSIGHT E O PROCESSO MENTAL

figurações básicas: a estrutura determinada pelo contrato analítico, a estrutura do material manifesto e a fantasia. A investigação recém-exposta tem, entre outros, o inconsciente. O ponto de urgência da interpretação, no duplo mérito de haver destacado a importância do par para o qual se entrecruzam essas três configurações, não depende do analítico no desenvolvimento do insight, mostrando, por parte apenas do paciente, mas também do analista: “O ponto de sua vez, que o analista participa desse processo. Ponto de urgência é uma fantasia inconsciente, mas uma fantasia com a qual concordamos com os Baranger em que, para dar insight, não há de par. Apesar do ‘passivo’ do analista, está envolvido ao paciente, devemos promover insight em nós mesmos, na fantasia do paciente. Seu inconsciente responde a ela e sem por isso segui-los em sua idéia de que o insight é um contributo para sua emergência e para sua estruturação”

fenômeno de campo, uma luz que se acende em um lu-

(1969, p. 166, grifos no original).

gar a partir do qual se iluminam simultaneamente os dois. A dinâmica da situação analítica fica assim definida em termos do par analítico. Em meu entender, o fenômeno como uma situação de par, que “depende tanto do analisando de campo que os Baranger descrevem assenta-se na base, com sua personalidade, sua modalidade técnica, suas sessões para que sobrevenha o insight, porém não é o próprio instrumento, seu marco de referência, quanto do analisando-insight.

sendo, de seus conflitos e resistências, de toda a sua personalidade o insight deve ser considerado conceitualmente personalidade” (p. 167).

intransferível: só posso ter insight de mim mesmo. No processo analítico, há uma situação especial, mas que não se trata de um analisando, se bem que “deve-se diferenciar a mudança o que acabo de dizer: em geral, a interpretação como natureza dos processos de identificação projetiva e introjetiva do insight constrói-se não apenas com base em uma identificação no analista e no analisando. É essa diferença que dá nosso conhecimento (da teoria psicanalítica, do paciente-contato do caráter assimétrico do campo)” (p. 169).

te), mas também a partir de um momento de insight. Apesar de os Baranger afirmarem que a situação analítica é uma transferência.

lítica é assimétrica, toda a sua reflexão organiza-se com base na fantasia de par, que sem ser tão restritiva como eu, dado que pensa que base na fantasia de par, que

não posso entender mais que o analista deve ter insight das defesas do paciente, de como simétrica. Em “A situação analítica como campo de seus conflitos e de seu caráter, creio que Blum (1979) nômico” (1961-1962) se lê: “O que estrutura o campo bipessoal da situação analítica é essencialmente uma fantasia inconsciente. Porém, seria equivocado entendê-la como fantasia inconsciente do analisando tão-somente. É

muito comum reconhecer que o campo da situação analí-

11 Problemas del campo psicoanalítico, Capítulos VII e VIII.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 373

aproxima-se do que aqui se sustenta quando afirma que te suas associações e seus sonhos. Então, realmente se con-

“O insight analítico é necessário para a condução da aná-

figura uma fantasia de campo, mas nosso método não se lise clínica e a resolução da contratransferência” (Psico-baseia nesse tipo de cuidados. Como diz Grande (1978), o análisis, p. 1108-1109).12

campo é o que o paciente encaixa em nós e, teoricamente, O insight deve ser considerado, então, como o ato o melhor analista será, nesse ponto, o que possuir a estru-fundamentalmente pessoal de ver a si mesmo (Paula tura de ótima maleabilidade, na qual o campo seja escul-Heimann, 1962, p. 231). O insight é uma reflexão no du-pido, se possível, cem por cento pelo paciente. Que nunca plo sentido de meditar e de dobrar algo para dentro: o se alcance esse ideal não altera nossos pressupostos teóri-insight pertence à psicologia processual, não à persona-cos, nem deve modificar nossa técnica.

lística (Guntrip, 1961). Como dizem os Baranger, a rela-

ção com o objeto tem importância – e muita – na obtenção do insight; contudo, além do que possa surgir no campo, o O INSIGHT DO ANALISTA: UM EXEMPLO CLÍNICO

insight é sempre reflexão. Para que o fenômeno de campo (personalístico) converta-se em insight, falta ainda que a Lembro-me de uma paciente que, durante um tempo identificação introjetiva provoque um momento de refle-bastante longo, contava-me sonhos muito interessantes, xão no sentido mais estrito da palavra.

que eu interpretava com verdadeiro prazer e “acerto”, sem O que

acabo de dizer deve ser considerado como uma que o processo fosse adiante. Então, sonhei que tinha uma característica definidora do insight. Não é uma precisão relação anal com ela. Isso me provocou uma dolorosa sur-acadêmica; tem a ver com a forma como esse conceito presa e uma forte depressão, mas levou-me a compreender encadeia-se com a idéia de tornar consciente o inconsciente o que estava ocorrendo comigo. Poucos dias depois, a te, que obviamente se refere a si mesmo. E, mais impor-paciente sonhou que se deitava no divã de bruços e movia tante ainda, define uma forma de práxis, aquela que ten-seu traseiro de maneira excitante. Contou o sonho sem de a que o paciente responsabilize-se por seus problemas.

maior angústia e com um tom quase divertido; parecia-Essa diferença conceitual, por outro lado, está lhe raro e gostaria de saber como eu o interpretaria. Com avalizada pelos fatos: a experiência mostra que se pode essas associações, e a partir do insight que havia tido so-esclarecer uma situação de campo sem que surja o insight bre minha contratransferência, interpretei-lhe que o so-e que, muitas vezes, a compreensão não é simultânea no nho que ela estava contando-me era concretamente seu analista e no paciente. Concordo, nesse ponto, com traseiro: a ela interessava excitar-me com o relato de seu Liberman (1971) quando diz que o insight pode ocorrer sonho mais do que indagar o que significava.

no analista fora da sessão.13

Nesse caso, como em muitos outros, o momento de De acordo com os Baranger, a fantasia do campo é insight na contratransferência precedeu a possibilidade de por partida dupla, participam paciente e analista. Para interpretar. Reconheço que é um caso extremo, mas por defender essa posição, esgrime-se às vezes o argumento isso mesmo ilustrativo. Não resta dúvida de que, nessa da terapia de grupo, em que a fantasia (ou o sonho) que ocasião, dei mais passos do que os habituais no conflito aparece em um dos membros é realmente grupal; porém, contratransferencial, e assim surgiu o sonho. Se tivesse há uma diferença, pois no grupo participam todos os mem-captado antes meu conflito e o tivesse utilizado para com-bros com contribuições concretas. A análise, entretanto, é prender minha paciente, teria podido dizer-lhe muito uma situação radicalmente assimétrica. Justamente por antes o sentido que tinha para ela contar-me seus “belos”

isso podemos alcançar os desejos ou as fantasias do paci-sonhos. Talvez isso fosse suficiente e evitasse ter de so-ente e operar per via di levar: o que nós damos é o marco nhá-lo e sofrer o choque emocional que significou para adequado para que o analisando expresse-se, nunca ele-mim. Nem preciso dizer que a analisanda resistiu em primentos de nós mesmos. A idéia de uma fantasia comparti-cípio à minha interpretação, mas depois, em outro con-lhada, de uma fantasia de campo, é sem dúvida aplicável texto, confirmou-o, assinalando que tinha a idéia de que à teoria da psicologia complexa, porque os psicólogos sua voz era para mim muito agradável. Somente nesse junguianos crêem que o analista deve comunicar ao pacien-momento ela teve insight da situação.

Esse exemplo serve para diferenciar duas ordens de fenômenos, a compreensão e o insight. Para conseguir que 12

o paciente alcance o insight, o analista tem de partir de

“The analyst’s insight, often enriched and advanced by creative um processo de insight em si mesmo, que sempre conta patients, should be distinguished from the patient’s insight. The analyst must have insight into the patient’s defenses, conflicts, tanto como resolver um conflito de contratransferência.

and character. The analyst’s insight in neither symmetrical nor Em resumo, entendemos por insight um tipo espe-synchronous with that of the patient, and both precedes and cial de conhecimento, novo, claro e distinto, que ilumina permits proper interpretation and reconstruction. Analytic insight de imediato a consciência e sempre se refere à própria is necessary for the conduct of clinical analysis and resolution of pessoa que o experimenta. É um termo teórico da psica-countertransference” (Psychoanalytic explorations of technique, 1979, p. 44).

nálise que pertence à psicologia processual, não à perso-13 Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico, nalística, uma vez que ressalta o processo mental de torv. 1, esp. Cap. II, “Investigación durante las sesiones con el pacien-nar consciente o inconsciente, que sempre foi para Freud te y las sesiones como objeto de investigación”.

a chave operativa de seu método.

O INSIGHT COMO CONHECIMENTO

mento. Se meu paciente de Mendoza se tivesse dito: “En-tão, quer dizer que minha amizade com Fulano tem um Acabamos de definir o insight como um tipo especial componente erótico, quer dizer que tenho algum tipo de de conhecimento que reúne entre suas características a de sentimento homossexual em relação a ele, como prova o ser novo e intransferível. Digamos agora que, como todo fato de que, quando me tocou a perna na caminhonete, conhecimento, o insight implica uma relação entre dois senti um estremecimento”, aquele homem teria tido um termos ou membros que pode ser de natureza diversa. Às momento de insight, em vez da vivência delirante primária-

vezes, trata-se da apreensão de um tipo especial de vínculo que pôs em marcha seu irreversível delírio de ciúmes.

lo, isto é, como estão relacionados dois termos em uma Como a vivência delirante primária, o insight é uma explicação causal, a forma como se relaciona, por exem-nova conexão de significado que modifica a idéia que o plo, a ingestão de álcool com a embriaguez. Também pode sujeito tinha de si mesmo e da realidade. É difícil estabelecer-se de uma relação instrumental entre meios e fins, cer em que consiste a diferença entre os dois fenômenos, como a conduta apetitiva de uma ave e o achado de ali-mas digamos, provisoriamente, que a vivência delirante mentos. Outras vezes, por fim, a relação é entre o símbolo primária constrói uma teoria e o insight a destrói; porém, e o simbolizado, entre significante e significado. Em cada isso é apenas uma aproximação, à qual teremos de voltar um desses casos, o sujeito capta de imediato uma relação mais adiante.

que até então não lhe havia sido inteligível e que muda o Para encerrar este item, quero lembrar que, em vári-significado de sua experiência.

as oportunidades, Freud estabeleceu uma relação entre Sempre me pareceu que, nesse sentido, o insight ocu-suas teorias e o delírio; basta lembrar o escrito ao final de pa um lugar polar com a experiência delirante primária.

seu trabalho sobre Schreber (1911c): “Fica para o futuro Jaspers (1913) definiu a experiência delirante primária decidir se a teoria

contém mais delírio do que eu gostaria, como uma nova conexão de significado que se impõe de ou o delírio, mais verdade do que outros acham hoje acre-pronto ao paciente e que é ininteligível, impossível de ditável” (AE, v. 12, p. 72).

empatia para o observador. Podemos, é claro, aceitar a definição fenomenológica de Jaspers, embora como psicanalistas tenhamos empatia com os elementos inconsO INSIGHT DINÂMICO

cientes que levam a essa nova relação de significado. Isso me foi ensinado por um paciente que vi há muitos anos, A partir dessas idéias gerais, veremos agora como se em Mendoza, com um delírio paranóico. Ele havia ido ca-classifica o insight, porque a partir disso surgirão esclareci-

çar em San Rafael, ao sul da província, com um amigo, os mentos importantes. A classificação mais típica, a que se dois em uma caminhonete. De repente, o amigo acionou a encontra em toda parte, é a que divide o insight em intelec-alavanca de mudanças e tocou-lhe a perna; “e nesse mo-tual e emocional. Zilboorg (1950), por exemplo, a adota e, mento”, disse o doente, “senti uma rara excitação e dei- além disso, sublinha energicamente que o verdadeiro insight me conta de que meu amigo era o amante de minha mu-

é o emocional, o que, como veremos, pode ser questionado.

lher”. Do ponto de vista fenomenológico, essa nova cone-Na segunda metade do século XX, por diversos moti-xão de significado pode deixar sem empatia o grande vos que agora não é o momento de ponderar, o estudo do Jaspers, mas não o mais modesto dos discípulos de Freud.

insight adquiriu um grande destaque. Esse processo, como Compreendi, nesse momento, os mecanismos projetivos já dissemos, culmina no Congresso de Edimburgo e conti-de meu paciente e senti-me realmente tocado por aquela nua, desde então, sem declinar. Há, naqueles anos, toda demonstração como de laboratório.

uma série de estudos importantes. A partir de Zilboorg, O que quero dizer é que o insight é um fenômeno da temos primeiro o trabalho de Reid e Finesinger (1952), mesma categoria que a vivência delirante primária, só que depois o de Richfield (1954) e, com o intervalo de outros se situa no outro extremo da escala. No insight, a nova dois anos, o de Kris (1956a).

conexão de significado serve justamente para apreender Reid e Finesinger, que se juntaram em Maryland para uma realidade à qual

não se podia ter acesso até esse momento para realizar uma investigação interessante, criticaram a clas-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 375

sificação de insight intelectual e emocional com argumentos-INSIGHT DESCRITIVO E OSTENSIVO

tos que convém recordar. A classificação falha pela base porque, de fato, o próprio conceito de insight implica pro-Quando Richfield retoma o tema dois anos depois, faz cesso cognitivo, processo intelectual. De modo que toda uma crítica valiosa ao trabalho recém-comentado. Há uma insight é essencialmente intelectual e não pode haver petição de princípio na classificação de Reid e Finesinger, insight que não o seja. Há uma diferença, entretanto, e já que vamos chamar de insight dinâmico o que promove esses autores a encontram na relação do insight com a uma mudança e, se não a obtém, diremos retroativamente emoção: certas vezes, a emoção não é substancial, não vai que esse insight foi somente neutro ou emocional. Isso cria além do componente afetivo de todo processo intelectual; um círculo vicioso. Concordo com essa crítica de Richfield outras vezes, porém, o insight está vinculado estreitamente e acrescentaria que a idéia de que o insight seja efetivo não se à emoção e em duas formas que poderiam ser chama-pertence propriamente a nosso tema, mas antes aos dos fatores das de entrada ou de saída, como conteúdo ou consequê-

curativos, que não é o mesmo. Neste capítulo, não me ência. A primeira dessas possibilidades é pouco significativa-proponho, em princípio, a elucidar por que o insight é tiva, o insight refere-se a uma emoção, seu conteúdo é uma operativo (ou curativo), e sim a deslindar suas classes, o emoção, um dos termos dessa relação que se capta no que talvez depois permitirá formular mais firmemente uma momento de insight é uma emoção. Se, em dado momento-teoria da cura.

to, o paciente toma para si que sente ódio pelo pai, em seu A classificação de Reid e Finesinger também pode insight a emoção aparece como conteúdo. Essa classe é ser objetada de outra forma: dos dois tipos de insight emo-pouco significativa, porque com o mesmo critério se pode-cional mencionados, o segundo, o que mobiliza uma emo-ria dizer que um insight é infantil quando se refere a algo ção, sempre é dinâmico, porque somente quando se leque aconteceu na infância. É um erro semelhante ao de vanta o recalçamento surge a emoção até então reprimi-classificar os delírios por seu conteúdo, e não por sua es-da. De modo que realmente não há três tipos de

insight, trutura. Outra coisa, no entanto, é que o insight obtido como pretendem os autores de Maryland, mas apenas dois.

veicule determinadas emoções, coloque-as em marcha, li-Em outras palavras, o insight que eles chamam de emocio-bere-as. O insight, nesse caso, consiste em que o sujeito nal é sempre ou neutro ou dinâmico.

dê-se conta de um fato psicológico que lhe provoca uma Para evitar o risco de cair em um raciocínio circular, resposta emocional.

mas seguindo de perto as precisões de Reid e Finesinger, Após ter esclarecido dessa maneira a dupla relação Richfield propõe uma nova classificação do insight, que é, entre o insight e o afeto, Reid e Finesinger propõem cha-acredito, a melhor.

mar ambos de insight emocional, contrapondo-os ao insight Richfield parte da teoria das definições de Bertrand intelectual, que denominam de neutro para evitar o pleo-Russell, afirmando que elas são de dois tipos, de palavra a nasmo de chamar de intelectual um processo que, por de-palavra e de palavra a coisa. Às vezes, definimos algo com finição, sempre o é.

palavras, com outras palavras, e essas são as definições Preocupados como estão com o papel do insight em verbais. Porém, se só tivéssemos definições de palavra a psicoterapia, Reid e Finesinger dizem que nenhum desses palavra, estaríamos navegando em um mar de abstrações.

dois tipos de insight, neutro ou emocional, dá conta do Também precisamos de definições em que haja correlação problema principal: porque, em algumas circunstâncias, o entre a palavra e a coisa. Estas são chamadas de ostensi-insight é operante, e em outras não. Propõem, então, um vas, porque são feitas mostrando, assinalando com o dedo.

terceiro tipo, que chamam de insight dinâmico e que tem a O cego não pode alcançar uma definição ostensiva da cor ver com a teoria do recalçamento: no momento em que se e terá nesse ponto sempre uma deficiência radical. Não levanta um recalçamento, o insight é dinâmico, o único importa que ele saiba melhor do que eu quais são as uni-realmente eficaz.

dades Ämstrong do espectro de cada cor, nem que saiba Podemos resumir, agora, em um simples quadro como Picasso empregou o azul, ou Van Gogh, o amarelo; sinóptico a investigação da Universidade de

Maryland: ele poderá saber muito de tudo isso, mas se lhe pergunto

“o que é o amarelo?” nunca poderá dizer-me, diante de um quadro de Van Gogh, isto é amarelo, porque obviamente carece da possibilidade de uma definição ostensiva.¹

neutro

a emoção como conteúdo

Há dois tipos de definições e, por conseguinte, de Insight

emocional

conhecimento. Com as definições verbais, obtemos um

{ {a emoção como resultado

conhecimento por descrição, sempre indireto; as definições dinâmico

ostensivas, em troca, dão-nos um conhecimento direto, por familiaridade.

Aplicando esses conceitos ao insight, diremos que, Como indica seu nome, o insight dinâmico constitui-quando se descrevem e compreendem com palavras os se quando um conhecimento penetra a barreira do recalque, no sentido mais estritamente freudiano, e faz com que o ego se dê conta de um desejo até então incons-¹ Para uma discussão profunda desse tema, ver o Capítulo 1, ciente (1952, p. 731).

“Meaning and definition”, de John Hospers (1953).

376 R. HORACIO ETCHEGOYEN

fenômenos psicológicos inconscientes, há insight descrito-recalcado.² Através do processo de elaboração, essas re-vo, ou verbal, que vai de palavra a palavra. Mas há tam-presentações de espera (Erwartungsvorstellungen), como bém um insight ostensivo, no qual a pessoa que o assume Freud certa vez as chamou, levam a convicção ao pacien-sente-se, de imediato, em contato direto com uma deter-te. Embora já não recorramos a esse expediente técnico minada situação psicológica. Isso é tão certo que, muitas um tanto artificioso, de qualquer modo, quando fazemos vezes, quando interpretamos pensando que estamos transa primeira interpretação de um tema importante, não es-mitindo realmente um conhecimento ostensivo,

dizemos peramos que o analisando responda com um momento de ao paciente: Vê, aí está, isso é o que eu estava lhe dizendo, insight emocional, isto é, com pleno afeto. Até ficaria mal ou algo assim. E, muitas vezes, fazemos o gesto com o se pensássemos assim: a psicanálise seria muito fácil e abor-dedo, sentados em nossa poltrona.

recida. Desde nossa primeira interpretação até que o paci-Esses dois tipos de definição (e de conhecimento) ente reconheça dentro de si o impulso, passa-se um longo que vêm de Russel e que são aceitos por todos os filósofos tempo. Como disse a Fenichel um analisando que pôde analíticos de nosso tempo são absolutamente necessários.

tomar contato com seus desejos edípicos: eu sabia que a Quando se aplicam ao insight, sancionam uma diferença psicanálise estava certa, mas nunca pensei que estivesse muito clara, porém não mais uma supremacia, porque es-tão certa.

ses dois tipos de conhecimento não se excluem: deve-se Quando encerra seu belo ensaio de 1914, Freud diz conhecer as coisas palavra a palavra e também ostensiva-que a elaboração é a herdeira da abreação do método mente.

catártico. Na realidade é assim, já que, no marco teórico do método catártico, a elaboração não é concebível. A terapia catártica pressupõe que uma determinada recorda-O CONCEITO DE ELABORAÇÃO

ção fortemente carregada de afeto tenha ficado excluída do trânsito normal da consciência. Essa recordação é algo Os dois tipos de insight de Richfield, descritivo e os-assim como uma hérnia psíquica e, no momento em que a tensivo, logo nos servirão para propor uma explicação que alcançamos, em que a esmiuçamos, sobrevém uma desarticula o insight e a elaboração; por ora, nossa intenção é carga de afeto e passa a ser manejada como todas as ou-mais direta, verificar o que se entende por elaboração.

tras recordações que não ficaram segregadas do trânsito Como todos sabem, Freud introduziu o conceito de da consciência, sofrendo ali a inexorável usura do tempo.

elaboração (Durcharbeiten) em um ensaio de 1914, Quando, a partir da teoria da resistência, abandona-se o intitulado justamente “Recordar, repetir e reelaborar”. A método catártico, o conceito de abreação já não é mais partir de um exemplo, Freud diz ali, nos parágrafos fi-operável.

nais de seu artigo, que muitas vezes o consultam analis-Alguns autores

pensam que entre ab-reação e elabo-tas que se lamentam “de ter exposto ao paciente a sua razão há somente diferenças de grau e que os momentos resistência, embora nada tivesse mudado ou, pior, a rede elaboração, enquanto somatória, vêm representar a sistência tivesse adquirido mais força e toda a situação descarga total do afeto do método catártico. Não creio, tivesse se tornado ainda menos transparente” (AE, v. 12, em absoluto, que seja assim e não o creio justamente porp. 156-157). Freud responde que se deve dar ao paciente que o conceito mudou. É que entre o método catártico e a tempo para elaborar sua resistência, continuando o tra-psicanálise há uma diferença essencial, uma mudança de tamento de acordo com as regras da arte, até que chegue paradigma, como diria Kuhn (1962).3

o momento em que essa pulsão, que lhe havia sido assinalada e que ele intelectualmente aceitou, imponha-se em sua consciência. Portanto, conforme sua definição **RELAÇÕES ENTRE INSIGHT E ELABORAÇÃO**

originária, a elaboração consiste em mobilizar as resistências para que um conhecimento intelectual recubra-A idéia de que a finalidade da psicanálise é dar ao se do afeto que lhe pertence. O analista didático pode paciente um conhecimento especial de si mesmo tem sido dizer a seu candidato que tem rivalidade com seus com-permanente desde o começo do método, e, antes ainda, panheiros de seminário, como irmãos, e ele responder desde a catarse. A palavra insight condensa esse projeto que sim, que na realidade é assim; contudo, daí ao mo-de conhecimento, e agora nos cabe estudar a metapsi-mento em que realmente sente a pulsão hostil e pode remetê-la ao conflito infantil com o recém-nascido, há um longo trajeto, o caminho cheio de obstáculos da ela-2 “Produzir convencimento nunca é o propósito dessas discus-boração.

sões. Elas são apenas destinadas a introduzir na consciência os O leitor recordará, sem dúvida, de quando Freud diz complexos recalcados, a avivar a luta em torno deles no terreno ao “Homem dos Ratos”, na sexta sessão da análise, que da atividade anímica inconsciente e a facilitar a emergência de seus desejos de que o pai morra provêm de sua infância, material novo a partir do inconsciente. O convencimento só so-etc. Na nota 18, no rodapé da página 144 (AE, v. 10), Freud brevém depois que o paciente tiver reelaborado o material readquirido e, enquanto estiver oscilante, cabe considerar que o diz que suas afirmações não têm por objeto convencer o material não foi esgotado”.

paciente, mas sim transladar para sua consciência os com-3

Discutimos esse ponto com mais detalhe no Capítulo 33 ao plexos inconscientes a fim de que surja novo material falar de interpretação mutativa e ab-reação.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 377

colgia do processo que culmina nesse momento singular momento crítico em que surge o insight, tomamos o cami-do insight, o que nos conduzirá diretamente ao magno nho contrário, procurando dar significado a nossos afetos, problema da elaboração.

pondo nossas emoções em palavras. Esta é uma instância A relação do insight com a elaboração fica de fato da elaboração em que os fatos são vertidos em palavras, estabelecida no momento em que Freud (1914g) introduz em que penso minhas emoções; dou-me conta de seu o segundo desses conceitos. Naquele trabalho, Freud des-alcance e de suas conseqüências. Por algum motivo, disse crevia a elaboração como o intervalo que vai desde quan-o poeta que “as melhores emoções são os grandes pendo o paciente toma conhecimento de algo que lhe diz os samentos”.

analista até quando, vencendo suas resistências, aceita-o O momento do insight ostensivo é, sem dúvida, fun-com convicção. Creio que nessa descrição estão implícitos damental; porém, para que perdure, deve traduzir-se cui-os conceitos de insight descritivo (o que o analista diz) e dadosamente em palavras. Eu me atreveria a dizer que, se ostensivo (o que resulta do trabalho sobre as resistências), esse processo não é cumprido, o insight ostensivo, por embora Freud, obviamente, não o diga nesses termos. O

muito emocional e autêntico que seja, fica como um pro-que, em 1914, Freud chama de elaboração não é outra cesso ab-reactivo que não leva à integração.

coisa senão essa ladeira que o analisando deve percorrer O momento do insight ostensivo tem a ver com o desde o insight descritivo até o insight ostensivo.

processo primário, com a vivência. A partir daí, essa É nesse ponto, justamente, que se pode articular a vivência começa a se recobrir de palavras. A vivência é, investigação de Strachey (1934). Se o consideramos des-por certo, fundamental; se não está presente, tudo o mais sa perspectiva, o segundo passo da interpretação mutativa não é válido. Todavia, por si só ela não basta; é necessário configura um momento de insight ostensivo, em que o integrá-la ao ego e ao

processo secundário, recobri-la de analisando toma contato diretamente, não através de pa-palavras e ver quais conseqüências seguem-se dela.

lavras, com a pulsão e com seu destinatário original. Por Com isso, espero ter esclarecido um pouco a relação isso, eu dizia que a interpretação mutativa contém a me-do insight com a elaboração, ao mostrá-los como dois fe-lhor teoria explicativa de como se obtém o insight por meio nômens indissolivelmente ligados e, o que é mais im-da interpretação e também o melhor exemplo do que se portante, procurando precisar o vínculo entre ambos, que chama de insight ostensivo. Desse ponto de vista, pode-se é complexo, que é duplo, de ida e volta. Há, portanto, um afirmar que, por definição, somente a interpretação processo contínuo de elaboração, com pequenas ou gran-transferencial pode promover um conhecimento direto, des crises que podem ser chamadas de insight. O nome é ostensivo.

arbitrário, pois onde termina a elaboração e onde começa Repito, então, que o processo de elaboração descrito o insight é uma questão de gosto, de definição. A elabora-por Freud no trabalho de 1914 conduz do insight intelec-

ção é um processo diacrônico, um processo que tem uma tual, verbal ou descritivo, ao insight ostensivo, que agora duração no tempo, uma magnitude que percorre a abscissa.

sim podemos dizer que é também sempre emocional. PorO insight, ao contrário, é um ponto que corta verticalmen-que, quando me responsabilizo por minha pulsão, por meu te, como a ordenada, é sincrônico.

desejo, sinto o afeto conseguinte, e isso no duplo sentido Se o analista espera e espera, até dar com a interpre-de Reid e Finesinger: revivo a emoção e assumo, ao mes-tação precisa e acertada, o que obtém é uma crise, como mo tempo, os sentimentos que essa tomada de consciên-quando Freud diz a Elisabeth von R. que ela queria que cia ineludivelmente desperta, sentimentos que, além da sua irmã morresse para se casar com seu cunhado. Ocorre emoção como conteúdo, surgem do insight como promo-aí um momento de insight típico e crítico (AE, v. 2, p. 171).

tor de um estado de consciência.4

Com a técnica atual, procuramos evitar que essas crises sejam muito pronunciadas, por meio de uma tarefa mais assídua, que protege o

cessiva (e a nós de sua inveja excessiva) e que torna o processo mais suave. Entretanto, e apesar de que a mar-O movimento que leva do insight descritivo ao osten-cha da análise possa tornar-se menos áspera, sempre ha-sivo, que Freud descreveu em 1914 ao introduzir o converá essas duas situações, sincrônica e diacrônica, que de-ceito de elaboração, constitui apenas a primeira parte de finem respectivamente o insight e a elaboração.

um ciclo. A elaboração tem, em meu entender, uma se-Em resumo, apoiado em que existem dois tipos de gunda fase, que vamos estudar agora e na qual se assenta insight, pude estabelecer uma relação de dupla via entre o sua diferença radical em relação à ab-reação.

insight e a elaboração que permite ver ambos os conceitos No que descrevemos há pouco como a primeira fase com mais clareza, sem evitar as complexidades de sua ar-do processo de elaboração, vai-se do insight descritivo ao ticulação sutil.

ostensivo: através do lento trabalho sobre as resistências, Agora, podemos fundamentar mais convincentemen-procuramos remeter as palavras aos fatos. A partir do te o que dissemos quanto à diferença essencial entre a abreação e a elaboração. Diferentemente do método catártico, a psicanálise não depende da descarga de um quantum 4

de excitação, mas da mudança dinâmica e estrutural que Na teoria kleiniana, como veremos adiante, esses sentimentos vai das palavras aos fatos, ou seja, do insight descritivo ao ligam-se à posição depressiva infantil.

378 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ostensivo e, o que é mais importante nesse ponto, do insight mente depois que Além do princípio de prazer (1920g) in-ostensivo ao descritivo. Esse último passo é, para mim, troduziu a hipótese de um instinto de morte. Quando cul-decisivo para compreender onde falha a teoria catártica e mina a teoria estrutural em Inibição, sintoma e angústia também as teorias neocatárticas que se desenvolveram a (1926d), Freud diagrama uma nova versão da resistência partir de Ferenczi (1919b, etc.). As técnicas ab-reativas com cinco tipos, um dos quais é a resistência do id.

falham porque, uma vez que se procede à descarga de afe-O conceito de elaboração que surge em 1914 como o to, fica no sujeito uma tendência a reiterá-la, sem ter assi-necessário par dialético da

compulsão à repetição vem cum-milado o processo que a provocou. E digo que esse processo em 1926 a finalidade de se opor ao instinto de morte.

so está vinculado a um novo momento de elaboração, que Em um breve trabalho que escrevi em 1982, em co-vai (ou volta) do insight ostensivo ao insight descritivo.

laboração com Ricardo J. Barutta, Luis H. Bonfanti, Alfredo Assim se resolve a divergência que surge quando se J. A. Gazzano, Fernán de Santa Coloma, Guillermo H.

trata de situar o insight em relação à elaboração. Alguns Seiguer e Rosa Sloin de Berenstein, intitulado “Sobre dois autores dizem que o insight é o primeiro e põe em marcha níveis no processo de elaboração”, assinalamos os riscos a elaboração; outros afirmam que primeiro deve desen-de não apontar claramente as diferenças entre esses dois volver-se o processo de elaboração, em cujo término criss-conceitos de elaboração.

taliza-se o insight.

A concepção de Freud de 1914 apóia-se em que as Caracterizamos a posição do Freud de 1914 (creio leis do princípio do prazer provocam uma compulsão a que com bons argumentos) como sustentando o primeiro repetir que configura o campo da transferência. O conceito de vista. A maioria dos autores que estudaram o to de neurose de transferência liga-se, desde seu nasci-tema, como Klein (1950), Lewin (1950), Kris (1956a e b) mento, à compulsão à repetição, cuja contrapartida é a e Phyllis Greenacre (1956), alinha-se nessa posição. Greenson elaboração. A elaboração é o instrumento terapêutico que, (1965b), porém, abraça decididamente a segunda, que

“a partir de se aprofundar nas resistências (aqui do ego), parece ser a do próprio Freud depois de 1920.

termina por tornar conscientes e por resolver os impulsos Para Greenson, a análise tem dois momentos, antes e que as geram” (ibid., p. 2).

depois do insight, e apenas a este último cabe chamar de Quando Freud retoma o conceito de elaboração doze elaboração. Vejamos como se expressou o analista de Los anos depois, após a mudança teórica produzida no interva-Angeles: “Não consideramos como elaboração o trabalho lo, “a compulsão à repetição foi erigida em princípio analítico antes que o paciente tenha insight, só depois. A

meta explicativo e, por sua conexão com a pulsão de morte, trans-da elaboração é tornar o insight efetivo, isto é, promover mu-formou-se de consequência em causa do conflito” (ibid., p.

danças significativas e duradouras no paciente. Ao fazer do 3). O conceito de elaboração liga-se à luta contra as resis-insight o pivô, podemos distinguir entre as resistências que tências do id. A elaboração muda no compasso do conceito impedem o insight e as que impedem o insight de promover de repetição e fica, agora, além do princípio do prazer.

mudanças. O trabalho analítico sobre o primeiro tipo de re-Como é mostrado no trabalho que estou comentan-sistências é o trabalho analítico propriamente dito, não tem do, a consequência mais significativa dessa mudança teó-

uma designação especial” (tradução pessoal).5

rica é que Freud tem de separar recalcamto de resistênComo creio ter mostrado, esse problema não está bem cia e atribuir ao ego uma atitude teleológica quanto a reformulado, já que não leva em consideração que há dois nunciar a suas resistências: “Fazemos a experiência de que tipos de insight, e não um, assim como também há duas o ego continua encontrando dificuldades para desfazer os fases no ciclo elaborativo.

recalques, mesmo depois que se formou o desígnio de renunciar a suas resistências, e chamamos de ‘reelaboração’

(Durcharbeiten) a fase de empenho trabalhoso que se se-DOIS
CONCEITOS DE ELABORAÇÃO

gue a esse louvável desígnio” (AE, v. 20, p. 149). Seguindo essa dicotomia, Meltzer dirá no Capítulo VIII de The psycho-Até agora, operamos com o conceito de elaboração analytical process (1967) que a função de decidir o aban-que Freud introduziu em 1914 e que tem a ver com a re-dono das resistências corresponde ao insight e ao compro-sistência em termos da teoria dos dois princípios. Como misso de responsabilidade que reside na parte adulta da todos sabemos, entretanto, esse conceito mudou radical-personalidade, ao passo que acabar com os recalcamtos corresponde à mudança operada nos níveis infantis da personalidade.

5 “We do not regard the analytic work as working through before Voltando a Freud, é evidente que o desígnio de re-the patient has insight, only after. It is the goal of working through nunciar às

resistências pertence ao ego, e caberia afirmar to make insight effective, i.e., to make significant and lasting changes que ao ego consciente, enquanto o processo de elabora-in the patient. By making insight the pivotal issue we can distinguish ção tem a ver com o id. O fato de que a decisão de abando-between those resistances which prevent insight and those resistances nar as resistências remete-nos ao ego consciente parece which prevent insight form leading the change. The analytic work depreender-se da forma como Freud expressa-se: “Torna-on the first set of resistances is the analytic work proper; it has no mos consciente a resistência toda vez que, como é tão fre-special designation” (Greenson, 1965b, p. 282). Desse modo, quiente que ocorra, ela própria é inconsciente em função Greenson aproxima-se do conceito de elaboração de Freud, formu-de seu nexu com o recalcado; se se tornou consciente, ou lado em 1926.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 379

depois que o fez, nós lhe contrapomos argumentos lógicos às vezes o assaltam quando menos espera, quando não e prometemos ao ego vantagens e prêmios se abandonar a está trabalhando, se os elaborar convenientemente, eles resistência” (ibid., p. 149). Esse texto sugere fortemente lhe serão da maior utilidade. De imediato o ajudarão a se que se deve recorrer a manobras psicoterapêuticas para dar conta de seus conflitos de contratransferência e, as-ganhar a colaboração do ego, enquanto o conflito e sua sim, terá uma via de insuspeitada validade para compre-elaboração ficam localizados no id.

ender seu analisando; por outro lado, podem ser um sóli-A conclusão que surge desse estudo é que, se retro-do ponto de partida para questionar as teorias psicanalíti-cedemos o processo de elaboração à área do id, temos de cas com que se está manejando e até mesmo para criar modificar o ego com argumentos racionais, que não são novos conceitos. Porque, para McDougall, as duas formas outra coisa senão psicoterapia e, mais precisamente, psi-de elaboração que ela aceita correspondem também a duas coterapia existencial.

formas de pensar o trabalho analítico, clínico e teórico, que deverão ser deslindadas cuidadosamente. Desse modo, o analista pode transitar de maneira criativa por dois ca-VERARBEITUNG (WORKING OUT)

minhos que se abrem para ele espontaneamente: um o E DURCHARBEITEN (WORKING THROUGH)

leva ao trabalho clínico com seus analisandos; o outro, a compreender melhor suas teorias, a revisá-las e, no caso Outros autores (Laplanche

e Pontalis, Joyce McDougall) mais feliz, à criação de outras novas.

preferem separar a elaboração psíquica da perlaboração, levando em conta que Freud utiliza o conceito de trabalho (Arbeit) em diversos contextos para se referir a funções da O INSIGHT E A POSIÇÃO DEPRESSIVA INFANTIL

mente que parece adequado discriminar.

No Vocabulaire (Laplanche e Pontalis, 1968), a ela-Quase todos os autores concordam em comparar a elaboração psíquica (psychische Verarbeitung) é entendida elaboração com o processo de luto. Essa idéia é nítida em como a aplicação da idéia de trabalho ao funcionamento Fenichel (1941), mas pode ser encontrada, talvez, em traspíquico. É uma noção geral que afunda suas raízes no balhos anteriores e a abraçam depois outros, como Bertrand paradigma freudiano de um aparelho psíquico que trans-D. Lewin, Ernest Kris, Phyllis Greenacre e Ralph R. Greenson.

forma a energia pulsional, controlando-a, derivando-a ou Todos eles pensam que a elaboração é cumprida, como o ligando-a. Nas neuroses atuais, que Freud (1985b) intro-luto, por meio de um processo, de um trabalho. Isso tam-duziu nos primórdios de sua obra e às quais voltou no bém é aceito por Klein, que vai mais longe, sustentando caso Schreber (1911c) e na “Introdução do narcisismo”

que o próprio insight pressupõe um momento de luto.

(1914c), há uma falta de elaboração psíquica que Os trabalhos de Klein sobre a posição depressiva incondiciona a estase da energia sexual e que se manifesta fantil (1935, 1940) descrevem um momento para ela fun-diretamente em sintomas carentes de todo conteúdo psidador do desenvolvimento: a criança reconhece um obje-cológico. A perlaboração, ou per-elaboração ou reelabora-to total no qual convergem o bom e o mau, até então se-

ção (Durcharbeiten), tem um alcance mais restrito que a parados pelos mecanismos esquizóides. Esse processo de elaboração psíquica, pois aplica-se exclusivamente aos prosíntese do objeto tem seu correlato na integração do ego, cessos de elaboração próprios do tratamento psicanalítique suporta vivos sentimentos de dor ao se dar conta de co. Como já vimos, segundo o momento da investigação que seus impulsos agressivos dirigiam-se, na realidade, a freudiana, a Durcharbeiten refere-se ao trabalho sobre as seu objeto de amor. Com uma grande angústia (depressiva) resistências que operam em sujeição

ao princípio do pra-pelo destino do objeto amado, o ego toma, assim, contato zer (1914) ou para superar a resistência do id, que está com seu ódio e seus impulsos agressivos. Nesse marco teó-

sempre além das resistências do ego e de seu próprio fun-rico, o insight fica definido como a capacidade de aceitar a cionamento (1926). Se em “Recordar, repetir e reelaborar”

realidade psíquica, com seus impulsos de amor e de ódio o ego opera resistindo ao impulso libidinal que se repete dirigidos para um mesmo objeto.

em busca do antigo prazer, em Inibição, sintoma e angús-Como Freud (1917e) e Abraham (1924), Klein (1950) tia o ego mobiliza o princípio do prazer para se opor à pensa que o luto é consecutivo à perda do objeto; porém, cega repetição da muda pulsão de morte que surge do id.

essa perda não é somente a consequência do comporta-Também Joyce McDougall (1985) mostra-se partimento do objeto externo, mas também da ambivalência dária de separar Verarbeitung (working out, elaboração psi-

do sujeito frente ao objeto interno que representa os obje-quica) e Durcharbeiten (working through, perlaboração) e tos primários (Writings, v. 3, p. 44). O reconhecimento de aplica ambos os conceitos não apenas ao analisando, mas que o objeto bom interno foi (ou pode ser) atacado e também ao analista, que deve estar sempre atento a seus destruído põe em marcha o processo de luto, com seu cor-próprios conflitos durante e depois da sessão. “The analyst’s tejo de angústias depressivas e sentimentos de culpa, que work does not end when the session with the analysand is por sua vez despertam a tendência à reparação, a qual over”* (Theatres of the mind, p. 22), e os pensamentos que leva em suas entranhas a esperança.

Para Klein, o insight resulta da introjeção do objeto e da integração do ego que caracterizam a posição depres-

*N. de R.T. Em inglês, como no original.

siva. Como diz em seu trabalho sobre o término da análise

380 R. HORACIO ETCHEGOYEN

recém-citado, a dor depressiva é a condição necessária do criminação experiencial deve consistir em uma forma al-insight da realidade

psíquica que, por sua vez, contribui ternamente entre o prazeroso e o desprazeroso.⁶ Da interação para uma melhor compreensão do mundo externo (ibid.).

inevitável dos impulsos da criança e das limitações da re-

À medida que o insight muda a atitude do indivíduo frenetidade, e ao compasso das pautas constitucionais de te ao objeto, aumenta seu amor e responsabilidade.

maturação do ego, depois vai organizando-se o mundo Meneghini (1976) adverte que muitas das idéias de Klein das representações, para começarem a se estabelecer os sobre a relação entre insight, elaboração e luto podem ser limites entre o ego e o não-ego. Desse modo, a criança rastreadas até seu primeiro trabalho, “The development obtém uma primeira classificação de suas experiências, of a child” (1921), no qual, seguindo Ferenczi, descreve a altamente subjetiva, por certo, em que as vivências luta entre o sentimento de onipotência e o princípio de prazerosas são atribuídas ao ego, e ao não-ego as outras.

realidade.

Talvez, nesse momento, estejamos diante de uma forma Em seu já clássico trabalho ao Congresso de Edimburgo primitiva de auto-observação, embora a criança ain-burgo, Hanna Segal (1962) destaca firmemente o papel da careça desse olho interno que torna possível a auto-do insight no processo psicanalítico. Também para ela, o observação. Esse tipo de funcionamento abrange toda a insight enquadra-se na situação de luto que sobrevém quan-etapa pré-verbal, enquanto a aquisição gradual da língua-do são corrigidos os mecanismos de identificação projetiva gem acelera notavelmente o desenvolvimento cognitivo.

e de dissociação que operam na posição esquizoparanóide.

É nesse momento que a criança adquire um grau suficien-O insight, que para Segal consiste em adquirir co-te de estrutura em seu aparelho mental para que seja ca-nhecimentos sobre o próprio inconsciente, opera terapeu-paz de exercitar uma capacidade rudimentar de auto-ob-ticamente por dois motivos:

servação, o que a torna acessível à experiência do tratamento psicanalítico, mesmo que ainda esteja longe de uma 1. porque produz o processo de integração das conquista plena da constância objetual, que requer o reco-partes clivadas do ego;

nhecimento de que o objeto tem suas próprias necessida-2. porque transforma a onipotência em conhe-des e desejos. Seguindo Rees (1978), Hansi Kennedy afir-cimento.

ma: “Até os seis ou sete anos, a criança é egocêntrica do ponto de vista cognitivo e sua compreensão dos demais Para essa autora, o insight não é apenas conhecimento limita-se a experiências subjetivas” (Psicanálise, v. 4, p. 49).

das partes do self (que se haviam perdido por identifica-Se levamos em conta que o insight depende da função ção projetiva), mas também incorporação das experiências integradora do ego, como sustenta Kris (1956a), então passadas, o que reforça o sentimento de identidade e o devemos concluir que a criança da primeira infância e do poder do ego.

período de latência está muito longe ainda de utilizar a Ao recuperar através do insight as partes perdidas de experiência do insight tal como faz o adulto. Durante a seu self e as experiências esquecidas e/ ou distorcidas, o primeira infância, a capacidade de auto-observação da indivíduo pode reestruturar e fortalecer seu ego, confiar criança é escassa e provém da internalização das deman-nos objetos bons que podem ajudá-lo e diminuir sua oni-das parentais, de sua aprovação. Essa capacidade de auto-potência e onisciência.

observação vai afirmando-se gradualmente, embora sempre acompanhe a tendência da criança a “externalizar”

seus conflitos. Além disso, é raro encontrar em um criança O INSIGHT E AS LINHAS DE DESENVOLVIMENTO

de menos de cinco anos um verdadeiro insight sobre a maneira como o passado afeta a experiência atual.

Seguindo o conceito de linhas do desenvolvimento de No período de latência, a criança tem de fato capa-Anna Freud (1963), alguns de seus discípulos, como cidade para o insight, porquanto o superego já está for-Clifford Yorke, Hansi Kennedy e Stanley Wiseberg, estu-mado e os conflitos internalizaram-se. Nesse momento daram o insight em função do crescimento da mente do desenvolvimento, o recalçamento e outros mecanis-infantil.

mos de defesa operam para conter os derivados instinti-Os analistas da Hampstead Clinic estabelecem uma vos inaceitáveis. Nesse período, a auto-observação e a diferença clara entre o insight propriamente dito, a auto-reflexão estão asseguradas; contudo, de qualquer modo,

observação (self-observation) e as fases ainda mais primitivas da criança luta contra o insight e tende a se afastar de seu mundo interno que a maturação do aparelho mental registra. A auto-observação, externalizando seus conflitos. A criança observando, de início, é um requisito para o insight, mas atribui seus problemas a causas externas e busca solução sempre conduz a ele. A auto-observação pode ficar confinada também no mundo exterior, e não por meio do serviço da gratificação do id, assim como da severa crítica compreensão.

do superego e mesmo dos mecanismos de defesa, sancionando uma dissociação patológica no ego.

Para essa escola de pensamento, compreende-se que o bebê, submetido aos vaivéns mais imediatos do processo. Como vimos no item anterior, Klein data o desenvolvimento do ego primário, não pode ter insight. De acordo com o reinar-infante muito antes e não se mostra muito disposta a reconhecer do princípio do prazer, a forma mais primitiva de etapas na aquisição do insight.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 381

O adolescente, ao contrário, é por definição muito mais perceptível ou mnêmicas) eventos antes indistintos-introspectivo e reflexivo, mas a intensidade de seus desejos; ao compará-los, o analisando tem acesso a um tesouro sexuais e agressivos o aterrorizam, de modo que luta te experiencial de suas teorias implícitas.

energicamente contra o reconhecimento de seus conflitos. A realidade psíquica atua como matriz dedutiva interna e sua reaparição no presente.

consciente de teorias relacionais, operando como categoria. Apenas no adulto a auto-observação consagra-se relações pragmático-emocionais, que estruturam a maneira como uma função autônoma, com o que se obtém um grau como o analisando percebe seu vínculo com os outros e ótimo de auto-observação objetiva e, com isso, um desejo como se comporta em relação a eles. Em contraposição, o de conhecer a si mesmo.⁷

pensamento inferencial consciente que mapeia a linguagem. Em resumo, as crianças da primeira infância têm uma mente organizada em torno de indivíduos e suas qualidades limitadas de auto-observação que leva a percepções. Ao aceder, em instâncias individuais concretas, a ver os próprios desejos e sentimentos e a reconhecer diferenças. Um conhecimento por familiaridade das classes resultantes, que são

justamente a marca de um insight objetos de seus modos pragmáticos e semânticos inconsciente. Durante a latência, a criança dispõe dos instrumentos de coligar os fatos, o analisando obtém seu teste da tos para o insight, mas a capacidade de colaborar com o realidade experiencial de seus marcos ou teorias inconsciente-analista flutuará intensamente, e as resistências à introspecções. Esses marcos são o resultado de generalizações e ao insight serão muito fortes. Na adolescência, por indutivas precoces e regem a forma como cada pessoa or-fim, há uma atitude introspectiva natural, além de uma ganiza suas relações. Desse modo, fica aberta a possibilidade-capacidade para compreender os motivos inconscientes de de refutá-las.

da conduta, com o que já se dão plenamente as condições A interpretação inspira-se nessa tarefa global: traz para o verdadeiro insight, embora continue neles a predisconhecimento (conjectural) por descrição, um mapeamento-posição a ver sempre o imediato e o presente em detrimento provisório em forma de conjecturas interpretativas que, mento do interesse pelo passado e da influência que ele se forem adequadas, ajudarão o analisando a obter novos pode exercer sobre o presente, que parece ser predicado pontos de observação em uma descrição múltipla de sua apenas do espírito adulto.

realidade psíquica e, em consequência, chegar a uma refutação ou a uma reformulação ostensiva consciente de seus modos, até então inconscientes, de conceituar os acontecimentos. O INSIGHT COMO RESOLUÇÃO

tecimentos relacionais. Um grau substancial de neutrali-OSTENSIVO-CONTRA-INDUTIVA

dade pragmática (e semântica) do analista é o pano de DE UM PARADOXO PRAGMÁTICO

fundo que permite ao analisando deslindar e articular o que terá observado dentro e fora da sessão.

De acordo com Ahumada (1991, 1994, 1997a, 1997b), No tratamento de um adolescente pós-autista cuja o insight psicanalítico genuíno implica o acesso a uma característica principal era a pseudo-estupidez, levado a terminado paradoxo pragmático, que se resolve de forma tratamento por seus pais por seu terror ao avô, Ahumada ostensiva a partir de exemplos individuais. Ahumada se-

(1997a) ilustra em detalhe a maneira como, depois de já que Richfield (1954) quanto ao fato de que apenas um terem ocorrido notórios

progressos clínicos, consegue evi-conhecimento por familiaridade torna possível o insight denciar em sessão, a partir de um material de fim de se-

(ostensivo) que leva à mudança psíquica estrutural; apóia-mana em que era patente a sexualidade, a equiparação se também em Bateson (1973) no que se refere à primazia em um mesmo marco ou classe inconsciente (marcado pelo da pragmática sobre a semântica. A bilógica de Ignacio terror e condicionando suas ações e suas vivências) de três Matte Blanco (1975, 1988) e algumas idéias do autor des-indivíduos, certamente muito dessemelhantes no plano te livro influem, sem dúvida, na investigação de Ahumada.

consciente: a Prefeitura Marítima no papel de polícia se-A ostentação de eventos que podem ser indicados dizendo xual, seu avô (com quem já tinha, nessa época, um víncu-

“isso” se dará tanto em telas perceptuais como em telas lo muito afetuoso) e seu analista. A observação múltipla mnêmicas.

de uma mesma forma inconsciente, exteriorizada através A generalização indutiva estende a uma classe o ob-de três indivíduos dessemelhantes, possibilita ao analisam-servado em instâncias individuais, enquanto a contrado deslindá-la e obter o salto do mero conhecimento por indução é a falsificação observacional de certa classe (na descrição ao conhecimento por familiaridade. Nessa conclínica: conceito, emoção, impulso) em casos individuais: juntura, reconhece vividamente, no nível ostensivo, o que da distinção ostensiva do particular leva a revisar uma telhe havia sido interpretado antes tantas vezes, que situava oria em uso até ali desconhecida. O analista traz descrições o analista no papel de polícia sexual, isto é, seu perene das experiências do analisando partindo de novos pontos temor de que o analista rivalize e ataque suas vivências de vista e permite-lhe, assim, resgatar ostensivamente (em amorosas.

7 Reproduzo os conceitos vertidos por Clifford Yorke no Seminário de Técnica Psicanalítica da Associação de Buenos Aires em 1982.

382 R. HORACIO ETCHEGOYEN

51

Metapsicologia do Insight

INSIGHT E PROCESSO MENTAL

ciente não a torna óbvia, chegando por si mesmo às conclusões.¹

PRÉ-CONSCIENTE

Essas sessões saem tão bem – prossegue Kris – que parecem ter sido preparadas de antemão. Não se pode Seguindo as grandes linhas da psicologia do ego, Kris pensar, por certo, que essa elaborada configuração prove-

(1956a) explica algumas das vicissitudes do insight a par-nha da tendência do recalcado a alcançar o nível da cons-tir do conceito de carga livre e fixada, ou seja, das diferenciência, mas sim das funções integradoras do ego, da mente ças conceituais entre processo primário e secundário. Bri-pré-consciente. Todo o trabalho das sessões anteriores foi lha nesse trabalho a mais pura psicologia hartmanniana, organizando-se no pré-consciente e subitamente surge.

além das contribuições do próprio Kris sobre o pensamen-Portanto, Kris chama de elaboração o processo que reor-to mental pré-consciente, que partem de seus estudos so-ganiza, no nível do sistema Prcc, as cargas do Icc. O insight bre a caricatura (1936) e o cômico (1938) e que culmi-em que a sessão satisfatória culmina é o produto do traba-nam em 1950 com seu trabalho “On preconscious mental lho analítico que liberou as energias de contra-investimento process”.

ligadas ao material recalcado, colocando-as à disposição Para sermos mais exatos, Kris utiliza para explicar o da energia ligada do processo secundário.

insight não apenas a dialética de processo primário e se-Junto à sessão satisfatória, Kris também vai descre-cundário, mas também o modelo do aparelho psíquico prover a sessão satisfatória enganosa. Esta se apresenta como posto por Freud em 1923. Do ponto de vista estrutural, parecida com a autêntica, mas podemos diferenciá-la, por-Kris pensa o insight como um fenômeno bifronte, que se que o insight surge rápido demais, sem esse trabalho pré-

assenta ao mesmo tempo no ego e no id: há uma forma vio, árduo e difícil que vimos há pouco. As associações (oral) incorporativa e uma forma anal do insight (presen-brotam com facilidade e o insight chega como que por um te, tesouro), que são claramente modelos instintivos, ou passe de mágica, como um dom dos deuses (ou do analis-seja, do id.

ta). É que esse insight não resulta de um processo de ela-O mais distintivo da contribuição de Kris é, sem dú-

boração: as funções integradoras do ego operam apenas a vida, sua explicação do processo de elaboração. A elabo-serviço de seduzir o analista, de ganhar seu amor. É fácil razão consiste em que as cargas livres do processo primá-

pressagiar que esse insight espúrio não durará além da rio modificam-se e reordenam-se de forma tal que, orga-fase positiva da relação transferencial. Por outro lado, pode-nizadas como processo mental pré-consciente, ficam de-se acrescentar que, se um analisando busca agradar ao positadas no sistema Prcc, até que, em dado momento, analista, é porque existe o temor de que surjam coisas que surgem subitamente como insight.

não se quer mostrar. Agradar é, então, aplacar.2

O raciocínio de Kris tem seu ponto de partida no que ele chama de hora analítica satisfatória (da qual, creio eu, todos os analistas contam alguma em seu haver!).

São sessões que, na realidade, não começam favoravelmente, nem andam nos trilhos; transcorrem, antes, em 1 Essa descrição de Kris lembra-me do que Freud diz em suas uma atmosfera pesada e tensa; a transferência tem pre-

“Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos so-dominantemente um sinal hostil, o ambiente é de pessi-nhos” (1923c): há primeiro um período em que o material vai mesmo, quando não de derrota. De repente, porém, e com expandindo-se, até que de repente começa a se concentrar e arma-se como um quebra-cabeças que mostra claramente as idéias la-freqüência ao final, tudo parece acomodar-se e as coisas tentes do sonho.

encaixam-se como peças de um quebra-cabeças. Basta, 2 Do meu ponto de vista, o desejo de agradar ao analista tem um então, uma breve interpretação do analista para que tudo só lugar legítimo e nada mais que um no insight genuíno: quan-fique perfeitamente claro; às vezes, essa interpretação do aparece como consequência da obtenção do insight, surgindo cabe em uma simples pergunta, quando o próprio pa-do impulso à reparação.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 383

Em um segundo caso de sessão satisfatória engano-Uma grande parte do trabalho analítico realiza-se na sa, o insight está a serviço de um desejo de se tornar inde-obscuridade, diz sentenciosamente Kris. O caminho ilu-pendente do analista, de competir com o recurso da auto-

mina-se aqui e ali por algum clarão de insight, após o qual análise. Se alguém tem insight apenas com a finalidade de surgem novas zonas de angústia, assomam outros conflitos contra seu analista, então pouco há de lhe valer a com-tos no material e o processo continua. Desse modo, as pressões obtidas. Esse insight nunca será eficaz, pois o que mudanças de longo alcance promovidas pela análise provavelmente importa é demonstrar ao outro que se dem ser obtidas sem que o paciente chegue a ter plena consciência de que ele, que interpreta melhor que ele. A verdadeira consciência do caminho percorrido.

de intrínseca que pode haver no que esse analisando diz-Quando o insight é verdadeiro e genuíno, ele é reconstruído, em última instância, não lhe chega nem lhe concerne, nascido por seus frutos: decresce a tendência ao acting porque não está interessado na verdade do que acontece e amplia-se o funcionamento da área livre de conflito, com ele, mas em demonstrar que sabe mais que seu analista graças ao aumento da autonomia secundária. O insight lista. Nesse ponto, o contexto de descobrimento opera mobiliza novos repertórios de conduta, com uma tendência como uma hipótese suicida no contexto de justificação. É

cia a produzir respostas adaptadas de tipo variado. A análise complexa, assim, a epistemologia da psicanálise.

abilidade para oferecer essas respostas constitui, segundo Há, ainda, um terceiro tipo de hora satisfatória em-Kris, um critério válido para os fins de avaliar o andamento ganoso, quando as funções integradoras do ego parecem to do trabalho analítico e, eventualmente, seu término.

proliferar e a vida inteira do paciente é vista de uma perspectiva insight insere-se em um processo circular: sem a perspectiva simplista e unilateral. Tudo deriva de um modelo de mudanças dinâmicas e estruturais já descritas, o insight determinado, de um cataclisma precoce da infância. Quando nunca poderia acontecer; porém, reciprocamente, uma vez do essa tendência opera, logo se nota uma certa distorção instalada, o insight promove mudanças na estrutura da análise e nos dados e nas fáceis transformações daquilo que deve acontecer.³

ria ser uma conquista trabalhosa da compreensão. Para Há alguns pontos em que a investigação de Kris guarda conta desse fenômeno, que diga-se de passagem com uma certa semelhança com a de Klein, como, por exemplo, entende-se sem dificuldades com a ideia bioniana de vínculo, no que se refere aos modelos arcaicos, os protótipos do menos K, Kris apela para uma diferença entre função do id no insight. Na fantasia de tipo oral que Kris destaca, sintética do

ego e função integradora. A função sintética o conhecimento equiparase no id a um alimento que pode tem a ver com o processo primário, ao passo que a função ser incorporado e metabolizado. Desse modo, o protótipo integradora é própria do processo secundário. Essa hipó-

oral do insight aproxima-se bastante da relação da criança tese ad hoc, mais fácil de expor do que de provar, vem a com o seio, tal como a descreve Klein. Outra zona de con-mostrar, ao contrário, uma dificuldade da metapsicologia tato entre as duas teorias pode ser encontrada no tema da hartmanniana.

integração. Kris concebe as mudanças estruturais que o Em resumo, há três tipos de sessão satisfatória enga-insight promove como uma mudança na função integra-nosa e outros tantos tipos de falso insight: um que tem a ver dora do ego. As explicações da escola kleiniana também com a transferência positiva e tenta agradar ao analista; atribuem a maior importância à integração do ego, mas outro, com a transferência negativa de ir contra ele; o ter-nessa teoria a integração depende da obtenção da posição ceiro é uma forma de aplicar o método psicanalítico meca-depressiva.

nicamente quando, a partir de um só fato (que pode ser Em resumo, embora ninguém duvide que o insight real), pretende-se dar conta de todos os problemas. Nos tenha a ver com o processo secundário e com os engramas três casos, o desejo de compreender não é autêntico, fica verbais, o valor da investigação de Kris reside em que pro-subordinado aos afetos que dominam a transferência. O vín-põe para essa afirmação uma explicação coerente com seu culo é L, H ou menos K, mas não K – diria Bion (1962b).

próprio marco teórico. Assim, a relação entre o insight e a Os três tipos de falso insight de Kris têm valor e deve-verbalização fica inscrita em uma determinada teoria so-se levá-los em conta na clínica, discriminando em cada bre a organização do pensamento mental pré-consciente.

caso o quanto há de autêntico e o quanto de espúrio. No À medida que, ao ser levantado o recalque, passa-se do insight mais autêntico, haverá sempre um desejo de agra-processo primário ao secundário, as cargas liberadas de dar ao analista e, do mesmo modo, até no mais invejoso suas fixações podem ser utilizadas a serviço da função impulso à auto-análise haverá sempre um matiz de legíti-integrativa.

ma independência. Os atos mentais nunca são simples, já Seguindo os passos de Kris, que foi seu mestre, nos fez notar Wälder (1936), e em

todos os casos deve-Edward Joseph (1984) publicou um trabalho bastante mos considerar um aspecto e o outro. Logo, a diferença entre o insight genuíno e o espúrio nem sempre é fácil de estabelecer. Para tornar as coisas ainda mais complicadas, 3 Também Blum (1979) sublinha como característica a interação às vezes o verdadeiro insight pode ser usado como defesa circular entre o desenvolvimento do insight e o trabalho analíti-ou gratificação.

co que condiciona mudanças estruturais que facilitam o insight.

384 R. HORACIO ETCHEGOYEN

completo sobre o insight, ao qual concebe como o resulta-Em seu relato ao Congresso, Grinberg e colaborado-do de um processo sumamente complexo em que interres definem o processo analítico com os mesmos instru-vém não apenas o paciente, que no curso da análise vai mentos conceituais com que definiram antes a elabora-reorganizando seus processos mentais pré-conscientes, mas ção: “Processo analítico implica progresso, mas entende-também o analista, que participa transmitindo sua com-mos o progresso como um desenvolvimento em que a repreensão com suas interpretações, com sua ressonância gressão útil no divã serve de alavanca primordial” (1966a, empática e com os informes que lhe chegam de sua p. 94).

contratransferência.

Como o trabalho de luto ao qual é comparada, a ela-Para Joseph, o elemento emocional é indispensável boração requer tempo, deve ser lenta e penosa. Nossos na obtenção do insight, que é, entretanto, um fenômeno autores apóiam-se nisso para concordar com Melanie Klein, cognitivo e uma busca sem compromissos da verdade.

que situou o insight no centro da posição depressiva, isto Nesse sentido, o insight sempre envolve a qualidade da é, quando surge a dor pelo objeto danificado, à qual se consciência e a palavra.

acrescenta a dor pelas partes danificadas do self (Grinberg, 1964).

DIALÉTICA REGRESSÃO/PROGRESSÃO

INSIGHT E CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Grinberg, Langer, Liberman e os Rodrigué (1966b) escreveram um breve ensaio para a Revista Uruguaya, no Com os instrumentos conceituais que fomos desen-qual se explica o processo de elaboração “como a resul-volvendo, podemos tentar agora estabelecer uma

relação tante dinâmica de um movimento dialético entre regres-entre o insight e o conhecimento científico. Enquanto in-são e progressão” (p. 255). Quando esses autores expuse-vestigação do inconsciente, o método psicanalítico é uma ram naquele mesmo ano seus pontos de vista sobre o pro-parte do método científico. Quando o analista trabalha, se cesso analítico, no II Congresso Pan-Americano de Psica-o faz cabalmente, não faz outra coisa senão aplicar o mé-

nálise, voltaram a essas idéias, completando-as e preci-todo científico: nisso consiste a busca do insight.

sando-as (Psicoanálisis en las Américas, 1968, p. 93-106).

A investigação científica consiste em aplicar e por à Esses trabalhos são interessantes porque, conjugando um prova as teorias. A essência do método científico, diz grande número de teorias psicanalíticas, conseguem esta-Popper (1953), reside em que as teorias vão sendo con-belecer uma relação clara entre insight e elaboração.

trastadas e refutadas. Não pode haver uma teoria Uma tese central desses autores é que entre insight e irrefutável, porque, ao sê-lo, deixaria de ser científica.

elaboração não há uma divisão taxativa. O insight é um Podemos conceber o processo analítico nos mesmos momento específico do processo de elaboração; insight e termos e afirmar que, basicamente, consiste em que ana-elaboração são inseparáveis.

lista e paciente investiguem as teorias que o paciente tem A elaboração, como já dissemos, fica definida para de si mesmo e vão contrastando-as. Quando essas teorias esses autores como a resultante dinâmica de um movisão terminantemente refutadas, o analisando em geral as mento de progressão e regressão. O aspecto progressivo troca por outras, mais adaptadas à realidade. Se o anali-dessa dialética surge da superação das defesas reiterativas sando tem tantas resistências a abandonar suas teorias é e estereotipadas, do abandono paulatino da compulsão a porque as novas quase sempre o favorecem um pouco me-repetir modelos arcaicos de descarga instintiva.

nos, com detrimento de sua onipotência. Por “teorias”, en-No entanto, o elemento regressivo da elaboração não tendo aqui todas as explicações que alguém tem de si messe atribui, como se poderia pensar, às defesas reiterativas mo, de sua família e da sociedade; as explicações com que recém-descritas, a esses modelos de descarga instintiva cada um de nós dá conta de sua conduta ou de seus trans-

impostos pela compulsão à repetição, mas ao próprio pro-tornos e também, é claro, as teorias que temos sobre nos-cesso curativo. O conceito de regressão utilizado pelos sa história pessoal, como procurei mostrar no Capítulo 28.

nossos autores é o que Winnicott postulou em 1955 como Como ocorre na investigação científica, o processo um sistema complexo de defesas, uma capacidade latente analítico põe à prova continuamente as teorias que o ana-

à espera das condições favoráveis que permitam uma vol-lisando tem de si mesmo e leva-o a confrontá-las com seu ta ao passado para reiniciar um novo processo de desen-conteúdo de realidade. Segundo seja a prova dos fatos, a volvimento. O processo psicanalítico é um estado de mo-teoria que o paciente tem de si mesmo é confirmada (e ratória, diz Erikson (1962), que torna possível a regressão isso é sempre momentâneo, porque nenhuma teoria é depara começar de novo.

finitiva) ou é refutada.

Em sua tentativa de síntese, nossos autores conju-Quando os fatos confirmam a teoria do paciente, não gam as idéias de Winnicott com as de Kris (1936, 1938, há insight; porém, no momento em que a teoria é refuta-1950) sobre a regressão a serviço do ego. Contudo, essa da, o insight aparece e surge um novo conhecimento. O

aproximação não parece totalmente convincente, porque insight, não esqueçamos, é sempre uma descoberta, uma Winnicott fala de uma regressão temporal e a regressão nova conexão de significado. Por isso, disse antes que o útil de Kris é, antes de tudo, formal, de processo primário insight destrói uma teoria e a vivência delirante primária a secundário.

a constrói.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 385

Este é um momento de inevitável orfandade – e por teoria científica venha a refutar outra não quer dizer que vários motivos. Perder uma teoria é ficar sem armas para a primeira não tenha tido valor.

enfrentar os fatos e, obviamente, é uma diminuição da Quando colocamos o insight emocional acima do in-onipotência. Já dissemos, também, que a nova teoria é telectual, estamos, na realidade, traçando uma linha divi-sempre menos favorável ao sujeito do que a antiga –

que sória que não é a melhor. De certo modo, estamos afir-estava ali para isso. Desse modo, e a partir de outros ele-mando que o que já se sabe não tem valor; que só vale o mentos, descrevemos o momento de integração da posi-que se souber a partir deste momento. Isso não é justo ção depressiva no qual floresce o insight.

nem certo. Esporeados pela prática, vamos em busca de Tal como se acaba de definir, o insight como tomada um insight que está adiante, mas esquecemos que o insight de consciência implica o abandono de determinadas hipó-

que o sujeito tem agora foi um processo dinâmico em seu teses explicativas que até esse momento nos haviam sido momento. Em lugar de contrapô-los, é melhor pensar que úteis, ou ao menos confortadoras e satisfatórias, e isso é o insight ostensivo (afetivo, dinâmico) e o insight descritti-acompanhado, necessariamente, de um luto, pequeno ou vo (intelectual, verbal) fazem parte de um mesmo proces-grande, por uma concepção da vida, com seu efeito lógico so, e é somente o momento no qual se inserem o que os de dor. Desse ponto de vista, poderíamos dizer que o insight diferencia. A partir desse núcleo de idéias, Pablo Grinfeld desencadeia um luto no vínculo K (Bion) não menos que (1984), em um documentado trabalho, pôde resgatar o nos vínculos L e H (Melanie Klein). Rabih acrescenta a valor dos aspectos intelectuais da interpretação psicana-isso (comunicação pessoal), com razão, a perda do analis-lítica.

ta como objeto da transferência, que é o corolário da interpretação mutativa.

Do ponto de vista que estamos considerando, o luto INSIGHT ESPONTÂNEO

que o insight precipita vincula-se à perda de uma teoria. A partir desse momento, começa-se a interrogar sobre o sig-Considerações como as recém-formuladas são, creio, nificado que agora têm as coisas e a construir-se uma nova o que fazem Segal (1962) afirmar que o insight é um pro-teoria. À medida que esse processo vai sendo cumprido, cesso especificamente analítico. Muitos autores, como os passa-se (ou melhor, volta-se) do insight ostensivo para o Baranger (1964), por exemplo, são da mesma opinião.

descritivo, os novos fatos integram-se à personalidade e Valorizar o insight espontâneo como de menor qualidade começa-se a contrastar a nova teoria. Richfield diz algo que o analítico não é, para mim, mais que uma posição similar quando afirma que essa é uma etapa

necessária da ideológica. Diria inclusive mais: o insight que se adquire elaboração, se é que não queremos viver continuamente trabalhosamente antes de começar a análise é talvez o mais de emoção em emoção.

decisivo, porque sem ele se teria tido uma vida tão defor-Para as idéias que estou desenvolvendo, não é im-mada, a ponto de nunca pensar em se aproximar de um portante que no mesmo momento em que se abandona analista.

uma teoria crie-se outra. Pode haver uma certa distância O que ninguém duvida é que o setting analítico ofe-entre a perda de uma teoria e a construção da outra. O

rece as melhores condições para que se produza o insight.

que verdadeiramente me interessa destacar é que, a partir Ele nos dá a possibilidade de ver nosso passado no presen-desse momento de insight ostensivo, cria-se um instrumen-te e revê-lo; ele nos faz compreender como aquilo que to conceitual que é a nova teoria.

apenas teoricamente tínhamos em conta está operando nesse preciso momento e como, através da interpretação, o analisando pode introjetar esse processo em um ato de ALGUMAS PRECISÕES

real transcendência. Tudo isso, evidentemente, é ofereci-SOBRE O INSIGHT E O AFETO

do pela análise de forma muito maior do que qualquer outro tipo de relação humana, o que não é nenhuma gra-O momento de insight ostensivo é, por definição, ça, porque a análise foi feita justamente para isso: o setting agora se compreende, um momento afetivo, não só pelos analítico foi projetado para que se dêem as melhores consentimentos de depressão que mencionei antes, mas tam-dições de adquirir insight através dessa experiência singu-bém pelo que pode vir depois: a gratidão, a esperança, a lar em que o paciente repete e o analista interpreta. Desse alegria, o desejo de reparar, a preocupação... Quando o modo, a experiência originária pode voltar a ser examina-insight converte-se na nova teoria, já está desprovido de da com mais objetividade, e as teorias do analisando são afeto. Creio que esse ponto não foi compreendido pelos postas à prova e eventualmente se modificam. Tudo isso, autores que valorizam mais o insight emocional que o in-entretanto, pode ocorrer também fora do âmbito analíti-telectual. Na realidade, ambos têm seu tempo e sua eficá-

co. Será mais aleatório e menos preciso, mas não impossí-

cia. O que agora é intelectual não o foi, sem dúvida, no vel. Como disse Guiard no primeiro Simpósio da Associação-momento em que foi adquirido. Não se deve, pois, ção de Buenos Aires (1978), há homens sábios que, sem desqualificar o insight intelectual; devemos pensar, ao con-haver-se analisado, têm um conhecimento da vida e de si próprio, que não há um insight mais valioso que outro. Como mesmos que nós, analistas, gostaríamos de ter.

ocorre com as teorias científicas, cada momento de insight Quando Bion (1962b) sustenta a idéia de que em todo aproxima-nos mais da verdade; porém, o fato de que uma indivíduo existe uma função psicanalítica da personali-

386 R. HORACIO ETCHEGOYEN

de, acaso não está dizendo, em termos muito precisos, o menino de 15 meses sentisse ciúmes de sua irmãzinha re-mesmo que acabo de dizer? A psicanálise não faz mais recém-nascida, dizia-me agora que eu não queria conven-que desenvolver uma função que já existia. O que o anacer-me de que aquela experiência a marcou para sempre, lista faz ao interpretar é o mesmo que fez a mãe ou o pai já que não teve a sorte de ter uma mãe que a compreen-

(com reverie) quando compreenderam a criança. A análise desse.

lise propõe a melhor forma para alcançar o insight, não a Essa pessoa não é do ambiente analítico, mas vive na única. Creio que Hansi Kennedy (1978) deve ser da mesma cidade, tem inquietudes e sabe o que acontece. Quando me opinou, na medida em que pensa que os pais podem me nomearam para um cargo, ela de algum modo se interinfluir na capacidade das crianças para a auto-observa-rou e deu por certo que eu a deixaria de lado ou, então, ção e o insight, conforme as ensinem a manejar seus im-interromperia seu tratamento. Felizmente, pude continu-pulsos e sentimentos (Psychoanalytic explorations of ar atendendo-a como sempre; ela, então, começou a sen-technique, p. 26).

tir inveja de minha capacidade de atender a minhas novas Portanto, creio que não há diferenças fundamentais ocupações e a ela. Pôde-se agora remeter o conflito trans-entre o insight analítico e o espontâneo. Inclusive a idéia ferencial ao passado: disse-lhe que, quando criança, devia de diferença fundamental causa-me “um frio na espinha”, ter sentido por sua mamãe algo parecido com o que sentia parece-me

bastante suspeita. Se a aceitássemos de verda-agora comigo. Havia dito, mais de uma vez, que a mãe era de, teríamos de concluir que a análise torna-nos diferen-muito eficiente, mas nunca pensou que essa eficiência putes e superiores aos demais mortais, o que, obviamente, desse tê-la incomodado. Se na realidade ela tinha tanto não é certo. Tenho visto, por experiência, que esse tipo de ódio de sua mãe, concluí, não era apenas porque nunca idéia circula nos grupos psicanalíticos recém-formados e podia perdoá-la que lhe tivesse dado essa irmãzinha pre-perturba-os em seu desenvolvimento. Chega-se até a acre-maturamente, mas também porque não tinha podido to-ditar que um analista só pode falar com analistas, ou ao lerar sua habilidade para lidar com as duas pequenas.

menos com analisados, o que transforma o grupo em uma Como é de se imaginar, essa teoria também foi totalmente maçônica. O certo é que não temos qualidades diferentes rechaçada pela analisando; porém, finalmente, teve de das pessoas não-analisadas, apesar de termos tido a opor-chegar a reconhecer que, de fato, incomodava-lhe minha tunidade de passar por uma experiência que nos dá uma capacidade de atendê-la bem, apesar de minhas outras vantagem, porém nada mais. Depois de uma boa experiên-ocupações. Assim, foi chegando gradualmente à conclu-cia analítica, somos sempre melhores que nós mesmos, são de que ela havia tido uma mãe boa, no final das con-mas não necessariamente que os demais.

tas, apesar de todos os seus erros e das circunstâncias adversas da vida. Quando pôde aceitá-lo assim, já estava no final de sua análise.4

UMA VINHETA CLÍNICA

Essa breve história clínica serve também para ilustrar que a diferença entre insight intelectual e emocional Uma paciente que analisei durante muitos anos ti-sustenta-se em um erro da perspectiva no tempo. Temos a nha uma má relação com sua única irmã, que havia nasci-tendência a ver o processo para diante, e não poderia ser do quando ela tinha 15 meses. Veio à análise com uma de outra forma, mas isso pode enganar-nos. Quando me

“teoria” de sua relação com essa irmã: sustentava que se proponho a fazer a paciente ver que a mãe de sua infância davam mal porque a irmã era egoísta. Ao final de um cernão foi tão má como ela pensa (e proponho-me a tanto ao to tempo de análise, apoiado no que via na transferência, ver que isso surge da transferência), então, como analista, propus a ela uma nova teoria, a de que sua hostilidade penso que o mais importante é que ela veja essa situação.

com essa irmã, independentemente do egoísmo que pu-Quatro anos antes, entretanto, parecia-me que o realmen-desse ter, era porque havia nascido de maneira inoportu-te importante era que ela se desse conta de que o nasci-na. Essa interpretação, isto é, minha teoria, em princípio mento de sua irmã perturbou-a verdadeiramente, enquanto foi totalmente rechaçada. Ela não era ciumenta, nem lem-ela dizia que não, que o que eu dizia era ridículo. É que, brava-se de ciúmes em sua infância.

quando estou em determinado momento do processo ana-Entretanto, à medida que foi sentindo ciúmes de meus lítico, a única coisa que vale para mim é o ponto ao qual outros analisandos, de meus familiares e de meus amigos, me dirijo. Isso ocorre, todavia, porque faço uma divisão mesmo sem conhecê-los, minha teoria foi finalmente acei-arbitrária. Se ela não tivesse tido insight sobre seus ciú-

ta. Então, uma nova teoria veio a substituir a antiga. Seus mes infantis em relação ao nascimento de sua irmã, este problemas ficaram explicados porque a mãe abandonou-a de agora teria sido impossível.

por essa irmã e obrigou-a a crescer prematuramente, já Dessa perspectiva, fica mais claro por que não com-que não tinha condições de atender as duas meninas. A partilho das afirmações de Reid e Finesinger sobre o papel nova teoria chegou, por momentos, a parasitar a análise, do insight em psicoterapia. Não é certo que haja insights como no terceiro tipo de falso insight de Kris. Esta era a que são curativos e outros não, todos o foram no devido verdade, toda a verdade, a única verdade. Aquela que três momento. Tomemos o caso que trazem Reid e Finesinger, anos antes havia rido do que eu lhe dizia, afirmando de bom humor (e, às vezes, de mau humor) que só um analista ortodoxo e fanático como eu poderia pensar que uma 4 Mais detalhes em Etchegoyen (1981c).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 387

o do hipotético paciente que tem dispepsia depois de bri-se alguém assume uma culpa que não lhe cabe, é porque gar com sua mulher à mesa. Eles dizem que, quando o de alguma forma convém a suas resistências assumi-la.5

paciente pensa que as brigas com a mulher à mesa causam-lhe dor de estômago, tem somente um insight intelectual, mas o que realmente vale é o insight dinâmico de O INSIGHT E OS OBJETOS INTERNOS

sua passividade oral, de sua inveja ou avidez, de seu complexo de

Édipo. Penso que os dois momentos de insight Ao estudar o insight como fenômeno de campo, dissão igualmente valiosos. Quando esse paciente chega à se que, para mim, o insight é intransferível e que convém consulta, seu insight do efeito das brigas à mesa sobre sua considerá-lo dentro da psicologia processual, e não da dispepsia já é intelectual; porém, no momento em que o personalística. Agora nos cabe reabrir essa discussão, mas teve pela primeira vez, certamente não o foi. Eu me atre-a partir da teoria dos objetos internos e, mais precisamen-veria a afirmar que, sem aquele insight primeiro, prova-te, das qualidades dos objetos do self.

velmente teria desenvolvido uma paranóia e teria vindo à Quando estudamos a parte que corresponde no consulta dizendo que a mulher queria envenená-lo. Ape-insight ao processo mental pré-consciente, vimos que, atra-nas a pressão de nossa tarefa, somente a necessidade de vés da interpretação, as cargas livres do processo primário resolver o problema diante de nós nos faz pensar que o liberam-se de suas fixações e reorganizam-se no sistema insight emocional está na frente e que atrás só fica o inte-Prcc. Segue-se a isso, então, que a verbalização é inerente lectual. É parte do avanço inexorável da elaboração que, ao insight, porque, enquanto não houver uma representa-quando alcança seu clímax ostensivo, o insight passe de-

ção verbal, não há processo secundário e não se cumpre o pois a ser intelectual, porque ninguém fica o dia inteiro princípio de que o insight surge quando o que estava no arrancando os cabelos, como aquelas históricas de Freud sistema inconsciente passa ao pré-consciente. O insight im-que sofriam de reminiscências.

plica verbalização, o que equivale a dizer que o insight Às vezes, confunde-se o insight intelectual com a está intimamente vinculado ao processo de simbolização, intelectualização, que não é a mesma coisa. Uma vez que porque é uma forma de simbolizar ou de conceituar a meu analista interpretou minha angústia de castração e experiência o que realizamos no momento do insight.

eu o aceitei, posso levantar esse conhecimento como uma Quando não se dá esse processo, não se dá tampouco o bandeira para não ver, por exemplo, minhas tendências insight. Por isso, Klein (1932) é bastante categórica ao di-homossexuais e meu complexo de Édipo negativo. Que zer que a análise de uma criança tem de terminar com a uma teoria possa ser utilizada na coluna 2 da grade de verbalização dos conflitos e que, enquanto isso não for Bion (ou como um vínculo menos K) não lhe tira o valor alcançado, não terminou a análise. Liberman (1981) tam-que originariamente teve. O analisando tem o

direito de bém ressalta a importância do que ele chama de insight utilizar mal suas teorias; como analistas, por nossa vez, verbalizado.

temos a obrigação de perceber (e denunciar) quando uma Em resumo, palavra, processo secundário e simboli-teoria que foi válida transforma-se em um obstáculo para zação são os ingredientes indispensáveis do ato de insight.

o conhecimento. Seguindo a teoria do conhecimento de O insight sanciona o acesso à ordem simbólica, se quiser-Bion, Grinberg (1976c) assinalou que até mesmo o com-mos dizê-lo em termos de Lacan (1966).

plexo de Édipo pode servir como defesa frente ao próprio Tal fato implica dotar os objetos internos de um novo complexo de Édipo.

equipamento, como diz Meltzer (1967). Por equipamenTal como o descrevemos, o momento do insight os-to, Meltzer entende uma determinada qualidade do obje-tensivo não pode senão ser acompanhado de uma situa-to interno. Equipamento e qualidades do objeto são aqui, ção de luto, de perda, de orfandade: o objeto não está ali, parece-me, sinônimos, mas a palavra equipamento é plás-a teoria falhou, caiu minha onipotência, sou mais culpado tica. Enquanto o self infantil identifica projetivamente suas do que acreditava. Contudo, no mesmo momento em que tendências hostis nos pais internos e procura danificá-los, assumi esse luto, dou-me conta de que a análise pode ofe-controlá-los e impedir sua união criativa, seus ataques (mas-recer-me um conhecimento que eu não tinha e uma vida turbatórios) estão ligados a fantasias onipotentes; contu-melhor; então, brota a esperança.

do, à medida que os ataques vão minguando e obviamen-A dor depressiva é, pois, uma condição necessária do te decrescem, porque se vai adquirindo mais consciência insight, ponto sobre o qual Gregorio Garfinkel (1979) in-do dano ao objeto e mais desejos de repará-lo, os objetos sistiu. O insight não pode ser sem dor. No entanto, passa-internos obtêm uma maior liberdade de ação; então, po-do esse momento de dor, surgirá um sentimento de paz dem realizar realmente as tarefas que o sujeito necessita e interior, em que germinarão a alegria e a esperança, que que antes eram realizadas pelos objetos da realidade exte-paga com juros a dor que existiu.

rior. Isso é acompanhado de um processo de identificação Esse trânsito pela dor é inevitável, mesmo no caso em que se chegue a recuperar um momento da verdade histórica que alivie de alguma

culpa que se carregue injustamente. Se o processo foi feito de maneira autêntica, e 5 Isso se aplica exatamente ao conceito de culpa emprestada, que não em termos de reivindicação maníaca, serão vistos para Freud introduz no Capítulo V de O ego e o id quando estuda a o caso outros determinantes através do altruísmo. Porque, reação terapêutica negativa.

388 R. HORACIO ETCHEGOYEN

introjetiva, a partir do qual o sujeito sente que recebe desA idéia de que mediante o processo de introjeção o ses objetos suas boas qualidades.6 Desse ponto de vista, o sujeito incorpora as qualidades do objeto que carrega o insight consiste em um processo de assimilação dos obje-insight volta a propor um problema básico da teoria da tos internos. Para compreender o insight, é importante cura, isto é, quanto provém do insight e quanto da relação sublinhar o processo introjetivo. Quando o analista interanalítica. Essa disjunção surge claramente no já citado tra-preta, dá ao paciente novos elementos de juízo para corri-balho de Wallerstein (1979), que separa com rigor a área gir uma determinada concepção que ele tinha de si mes-especificamente analítica do insight de outras formas de mo, permite-lhe refutar uma teoria anterior; porém, ao cura, como a reeducação emocional de Alexander.

mesmo tempo, o paciente introjeta essa ação de ser inter-Wallerstein acredita, como Loewald (1960), que o trata-pretado e assim vai incorporando dentro de si um analista mento analítico dá ao paciente a possibilidade de redescom certas qualidades, um analista que é capaz de lem-cobrir as pautas de seu passado em sua nova relação com brar, de conter, etc. Por conseguinte, o insight significa não o analista. Também para a teoria kleiniana dos objetos apenas mudar a concepção que tínhamos dos fatos, mas internos o processo introjetivo pressupõe um momento de também incorporar o objeto que tornou possível a mu-luto em que o objeto é introjetado em função de uma nova dança, e é a partir da introjeção desse objeto que funcio-relação com ele. Portanto, esse processo nada tem de su-naremos com autonomia cada vez maior. Equipamentos e gestivo ou pedagógico.

qualidades do objeto são praticamente o mesmo.

6 Nesse ponto, creio notar uma certa consonância teórica entre os pais internos da teoria kleiniana e o Grande Outro de Lacan.

Acting Out (I)

PANORAMA GERAL

com o decorrer do tempo, do que o de acting out. Alguns atribuem essas discrepâncias a que a noção de acting out Após estudar longamente o processo analítico e suas foi ampliando-se indevidamente, outros a que não foi cla-etapas, agora nos ocuparemos das vicissitudes que oferece a ra desde o início, mas ninguém põe em dúvida que em marcha do tratamento, os fatores que o fazem progredir ou o poucos temas há maior desacordo. Pareceria que o único entorpecem. Nos três capítulos anteriores, estudamos o insight acordo possível nesse ponto é que não haja duas opiniões e a elaboração, considerando-os como os propulsores do tra-coincidentes.

tamento psicanalítico, e cabe-nos agora estudar a patologia Ao iniciar seu estudo, Sandler e colaboradores (1973) do processo, isto é, o que pode detê-lo ou fazê-lo fracassar.

dizem que, de todos os conceitos clínicos considerados no Se a proposta essencial da análise é obter insight, livro, “o de acting out é o que sofreu a maior ampliação e então podemos dizer, por definição, que chamaremos de mudanças de significado desde que foi introduzido por patologia do processo a tudo o que estiver obstaculizando-o.

Freud” (p. 81).¹ Também Fenichel, em seu clássico artigo Para mim, existem três áreas nas quais o processo encon-de 1945, começa por uma definição provisória, que ele tra obstáculos: o acting out, a reação terapêutica negativa mesmo tacha de insuficiente, e acrescenta que é melhor se e a reversão da perspectiva. Os dois primeiros, mais co-uma definição rigorosa é o resultado de uma investiga-nhecidos, foram estudados inicialmente por Freud; o ou-

ção, e não seu ponto de partida; seu artigo, porém, não tro é uma contribuição que devemos a Bion, embora pos-chega a cumprir esse programa. No simpósio da Thom samos encontrar uma referência concreta em Klein, como Clinic (1962), Peter Blos queixava-se de que o conceito de veremos oportunamente.

acting out estava sobrecarregado de referências e signifi-Nesses três mecanismos ou, como prefiro chamá-los, cações, anelando a clareza que tinha 30 anos antes, quan-estratégias, resume-se, a meu ver, toda a patologia do pro-do era considerado uma defesa legítima e

analizável. Por cesso. O comum às três é que impedem que o insight cris-sua vez, Anna Freud (1968), no Congresso de Copenha-talíze-se; o que as distingue é que operam cada uma à sua gue, assinalou também a expansão do conceito, e seu re-maneira, de modo especial. O acting out perturba a tarefa lato esforça-se em lhe dar maior precisão. No mesmo Con-analítica, que é também a tarefa de obter insight; a reação gresso, Grinberg (1968) começou sua exposição destacan-terapêutica negativa, como seu nome indica, não impede a do a penumbra de associações que rodeia o conceito de tarefa, mas perturba as conquistas do insight, que se per-acting out, denunciando a conotação pejorativa com que de ou não se consolida. Na reversão da perspectiva, por às vezes ele é recoberto.

fim, o insight não é atingido, porque o paciente não se Apesar de que todos os analistas possam ter idéias propõe a isso e, na realidade, busca outra coisa. Em resu-distintas sobre o acting out, poucos, muito poucos, reti-mo, o acting out opera sobre a tarefa, a reação terapêutica ram-lhe importância. A opinião geral é que o acting out é negativa sobre as conquistas e a reversão da perspectiva uma idéia que pesa na práxis psicanalítica e na teoria. Como sobre o contrato. Ao menos, essa é a forma como vejo as diz Greenacre (1950), o acting out é um fenômeno clínico coisas e procurei sistematizá-las.

freqüente, tem um peso às vezes decisivo no andamento Penso, também, que cada vez que um desses proces-do processo analítico e é difícil de detectar e manejar.²

sos mantém-se e torna-se impossível resolvê-lo, chega-se ao beco sem saída do impasse. Nesse sentido, o impasse não é um fenômeno da mesma classe dos três assinalados, é diferente (Etchegoyen, 1976).

1 “Of all the clinical concepts considered in this book, acting out as probably suffered the greatest extension and change of meaning since it was first introduced by Freud” (1973, p. 94).

ACTING OUT, UM CONCEITO IMPRECISO

2 “Not very much has been written about the problems of acting out in the course of analysis, although they are most difficult to De todos os conceitos com os quais Freud construiu deal with, frequently interfere with analysis, and sometimes esca-a psicanálise, nenhum talvez tenha sido mais discutido, pe detection unless and until they become flagrant” (1950, p. 455).

Algo que o distingue dos outros psicoterapeutas é blema de fundo: se o acting out é nada mais que ou algo que o analista opera com o conceito de acting out, ou seja, mais que um ato neurótico.

entende algumas condutas do analisando que aparentemente não têm a ver com o tratamento como pertencentes a ele. Nenhum outro terapeuta procede assim. Disso ATO NEURÓTICO E ACTING OUT

decorre que nos dê uma sensação de identidade analítica detectar o acting out, discriminando-o de situações que A diferença entre ato neurótico e acting out preocu-não o são. Porque, como é óbvio, nem tudo o que faz um pa Fenichel, com razão, em seu ensaio de 1945, ao qual paciente é acting out.

todos voltam para calibrar seu instrumental teórico.

Nos três capítulos que dedicaremos a esse tema, ten-Fenichel sublinha a ação como nota definidora (já contida tarefa contribuir para esclarecer o conceito de acting no nome), e essa ação não é meramente um simples movi-out, tarefa nada simples, mas por certo muito interessan-mento ou uma expressão mímica, mas sim uma ação com-te. Não pretendemos resolver esse magno problema; po-plexa, uma conduta. Os sintomas (e Fenichel está pensan-rém, gostaríamos de mostrar por que é difícil delimitá-lo, do aqui, manifestamente, nos atos compulsivos) também salientando como se pode entendê-lo segundo a perspec-podem envolver ações, porém são, em geral, de extensão tiva a partir da qual ele seja contemplado. Em outras pala-limitada e sempre egodistônicos. Se são de grande com-vras, é necessário perguntar-nos a que chamaremos de plexidade e racionalizados até o ponto de serem egossin-acting out, procurando, ao mesmo tempo, fundamentar tônicos, então cabe chamá-los pura e simplesmente de nossas opiniões. Creio, em princípio, que boa parte das acting out.

dissensões surgem porque nem todos dizem o mesmo quan-Como vemos, o que para Fenichel diferencia o acting do se fala de acting out.

out do sintoma compulsivo (ou, em geral, das parapraxias), além do fator puramente quantitativo de sua complexidade, é somente a sintonia com o ego. Talvez por isso, as INTRODUÇÃO DO TERMO

autoras antes citadas pensam que as ações sintomáticas e casuais, que são sintônicas, aproximam-se mais do acting No acting out, tudo é discutível, até mesmo no mo-out que os atos falhos propriamente

ditos, nos quais a mento em que surge na obra de Freud! Muitos autores distonia salta à vista como algo torpe.

consideram que se pode rastreá-lo até a Psicopatologia da Certamente, não se consegue desse modo distinguir vida cotidiana (1901b); outros, em troca, o fazem nascer o acting out do ato neurótico, da conduta neurótica. Se no “Epílogo” do “Fragmento de análise de um caso de his-nos conformássemos com o que diz Fenichel, o acting out teria” (“Dora”) (1905e).

deixaria de pertencer ao corpo teórico da psicanálise, o Phyllis Greenacre (1950) e Eveleen N. Rexford que é, sem dúvida, uma legítima aspiração dos que pen-

(1962), entre outros, para compreender o acting out, par-sam que esse conceito está indissolivelmente ligado a pretem das condutas motoras erradas (parapraxias, atos fa-ceitos morais e ideológicos que o tornam inconciliável com lhos) que Freud estudou na Psicopatologia, em que desa psicanálise como disciplina e como técnica. Outros pen-creve atos ou ações equivocadas como produto de um con-sam, entretanto, e eu me incluo entre eles, que o conceito flito psíquico, que resulta em uma luta de tendências. Es-de acting out deve ser conservado como uma peça fundases atos têm um sentido psicológico que, graças ao méto-mental da psicanálise, sem retroceder diante das dificul-do psicanalítico, pode ser descoberto. São, sobretudo, os dades que impõe situá-lo teoricamente, nem do perigo (cer-que estuda no Capítulo IX e chama de atos sintomáticos e to) de usá-lo mal na prática.

casuais os que depois haveriam de se chamar acting out.

Certos autores que definem o acting out fenomenolo-Como se pode recordar, nessa classe de atos falhos não se gicamente, seja de forma manifesta ou críptica, não se suspeita de nenhuma finalidade, motivo pelo qual se decidem a deixar de utilizá-lo em sua linguagem científi-diferenciam dos que a têm, mas são malogrados por algu-ca. Essa inconseqüência não pode, por certo, ser imputa-ma ineficácia na execução. Nessas ações casuais, Freud da a Gioia quando afirma com toda a clareza: “Sua carac-descobre sempre um propósito inconsciente que as conterística definidora, que o diferencia especificamente do verte em sintomáticas.

restante das manifestações transferenciais e/ou É conveniente precisar que, para descrever esse tipo resistenciasais, é puramente fenomênica” (1974, p. 977).

de condutas, Freud utiliza na Psicopatologia a palavra *O* que me interessa assinalar aqui é que a postura *handeln*, atuar, ao passo que no *Epílogo* prefere *agieren*, teórica de todos os autores que definem o *acting out* que também quer dizer atuar. É evidente que apenas se fenomenologicamente (e que, obviamente, é legítima) pensarmos que Freud mudou de vocábulo sem uma inten-deveria levar necessariamente a proclamar que o conceito *ção* teórica precisa poderemos sustentar que o conceito de *acting out* não tem autonomia e não pertence estrita-*acting out* já esteja presente em 1901. Se preferirmos pen-mente à teoria psicanalítica. Contudo, isso é muito difícil *sar*, no entanto, que Freud utilizou outra palavra para *di*-de fazer, porque a linguagem ordinária é, nesse ponto, *ferenciar* os dois conceitos, *parapraxia* e *acting out*, con-muito determinante. Em meus 40 longos anos de analista, cluiremos que o *handeln* de 1901 é diferente do *agieren* de jamais ouvi um colega que não empregasse a palavra *acting* 1905. Essa discussão aparentemente fútil já contém o *pro-out* para caracterizar a conduta neurótica de um paciente

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 391

que interrompe o tratamento de um dia para o outro e vai tava a serviço do processo. Não é válido chamá-lo de *acting* embora sem pagar! Creio, sem ironia, que a linguagem *out*, nem sequer *acting out* parcial, como faria Rosenfeld ordinária dos analistas sanciona aqui a realidade de uma (1964a). Entretanto, se a analisanda tivesse omitido co-discriminação teórica.

municar-me seu esquecimento, e eu o tivesse resgatado, *O* que quero dizer com isso é que o *acting out* é uma apesar disso, do material, eu me inclinaria a pensar, em conduta neurótica, mas nem toda conduta neurótica é um princípio, que podia tratar-se de um *acting out* e, nesse *acting out*. Em outras palavras, o *acting out* deve ser *defi*-caso, certamente uma interpretação sobre o fim de *sema*-nido metapsicologicamente, ou seja, como um conceito na teria sido inoperante.

teórico da psicanálise, e não apenas como um fenômeno da psicologia da consciência. Se reduzimos o *acting out* unicamente à aparência fenomenal da resistência e/ou da *O AGIEREN FREUDIANO*

transferência, restringimos grandemente a possibilidade de apreender o ato psicológico em sua magna comple-Freud emprega o verbo *agieren* pela primeira vez para *xidade*.

caracterizar a conduta neurótica do analisando no “*Epílo-go*” do caso

“Dora”, em que diz textualmente: “Desse modo, atuou (agieren) um fragmento essencial de suas recorda-UM SIMPLES EXEMPLO CLÍNICO

ções e fantasias, em lugar de reproduzi-lo no tratamento”

(AE, v.7, p. 104).³ Nessa primeira definição, Freud contra-uma mulher chega preocupada à sua sessão em uma põe claramente o acting out (agieren) às recordações e às sexta-feira, dia 1º, porque, ao sair de casa um pouco pre-fantasias que são reproduzidas no tratamento. Adiantan-cipitadamente para não chegar tarde e fazer-me esperar, do-me à ampla discussão que nos imporá o tema, direi esqueceu sobre a mesa o dinheiro do pagamento. Descul-que essa definição ajusta-se perfeitamente ao que, para pa-se sinceramente e lamenta que não poderá pagar até a mim, deve ser considerado acting out.

segunda. Assinalei, em princípio, que o prazo combinado Como hipótese de trabalho, consideraremos, então, não vencia nessa sexta, nem sequer na segunda próxima.

que somente as condutas neuróticas que têm o sentido es-Ela sabia que era assim, mas, de qualquer modo, não gos-pecífico de não se reproduzirem no tratamento, como diz tava de me fazer esperar. Repeti-lhe, então, a consabida Freud no “Epílogo”, devem ser consideradas acting out. Se interpretação do fim de semana, que sempre rechaçava, essa diferença (ou alguma outra) não se sustentar, desapa-dizendo-lhe que, com seu esquecimento, invertia a situa-rece, de fato, toda justificativa para continuar falando de ção e, dessa vez, era eu que ficava esperando durante o acting out, que passa a ser sinônimo de ato neurótico.

fim de semana. Disse que era assim, efetivamente, notou Creio não me equivocar quando afirmo que Freud que seu incômodo pelo esquecimento havia desaparecido distingue no caso “Dora” a transferência do acting out. Uma como por encanto e acrescentou que, pela primeira vez, coisa é a transferência de Dora, que Freud não interpre-compreendia “isso do fim de semana”.

tou a tempo (pois não tinha lido, como nós, o “Epílogo”!), O exemplo é trivial e todos os analistas terão experiên-e outra é a solução que Dora encontra via acting out.

cias como essa. A paciente esqueceu o dinheiro e isso cons-Pessoalmente, entendo o acting out de Dora tal como titui, sem dúvida, um ato falho, ou seja, um ato neurótico acredito que Freud o

entende quando diz que ela atuou que expressa um conflito inconsciente. Ela preferiu explicá-

um fragmento de suas fantasias e recordações em vez de lo por sua pressa de chegar a tempo e não me fazer espe-reproduzi-lo no tratamento. Detaco “em vez de”, porque rar. No entanto, sua racionalização continha a base do con-nisso reside para mim a característica principal do acting flito: fazer-me esperar. E a próxima associação foi com o out. A transferência é uma forma de lembrar; o acting out fim de semana. Ao esquecer o dinheiro, procurou não to-

é uma forma de não lembrar.

mar consciência da angústia do fim de semana, colocando-a em mim. Quando interpretei, estava quase certo de que, dessa vez, a interpretação a alcançaria, porque ela ACTING OUT, RECORDAÇÃO E REPETIÇÃO

falou de esquecimento, de irritação, de incômodo, de fim de semana, de espera.

A diferença taxativa que acabo de propor torna-se Com todos esses elementos, era difícil pensar em um inegavelmente menos clara se seguimos de perto como se acting out. Havia, além disso, outros elementos de juízo desenvolve a investigação freudiana sobre a transferência convincentes. A analisanda recordou e comunicou seu es-e o acting out.

quecimento, embora formalmente não precisasse desculpar-se, pois tinha tempo de sobra para pagar. Minha contra-3

transferência, por outro lado, informava-me que podia

“Thus she acted out an essential part of her recollections and phantasies instead of reproducing it in the treatment” (SE, v. 7, confiar nas associações da paciente e que não havia gran-p. 119). A tradução de López Ballesteros, menos fidedigna mas des obstáculos no processo de comunicação.

muito surpreendente, diz assim: “A paciente viveu, assim, de novo Em resumo, confundir esse ato falho com um acting um fragmento essencial de suas recordações e fantasias, em vez out seria um grande erro e uma injustiça. O esquecimento de reproduzi-lo verbalmente no tratamento” (Obras completas, tinha fundamentalmente uma atitude comunicativa e es-v. 15, p. 109).

Freud desenvolve esses conceitos em seu ensaio “Re-Uma mulher de muito boa posição econômica diz que cordar, repetir e reelaborar” (1914g), no qual introduz a vai para a Europa por dois meses e não pagará esses hono-idéia de repetição para dar conta do fenômeno transferen-rários, porque o marido nega-se terminantemente a fazê-

cial. Embora o modelo dos clichês, de 1912, e o de novas lo. Ela não está de acordo com seu esposo nesse ponto, edições e reimpressões, de 1905, já o tivessem afastado mas não pode fazer nada a respeito. Pela estrutura total da teoria associacionista do falso enlace, de 1895, agora da situação, que de imediato se apresenta como fato con-introduz o conceito de compulsão à repetição, que desem-sumado do qual a analisanda não se sente nada responsá-

penhará um papel importante em suas novas teorias.

vel, seria presumível supor um acting out. Durante o mês A relação entre recordação e repetição torna-se mui-seguinte, o analista interpretou em diversos contextos que to mais sutil e complexa. Com a nova técnica (da análise o marido era uma parte dela mesma (identificação das resistências), “... o analisando não recorda, em geral, projetiva), sem que, ao que parece, nada tivesse mudado.

nada do esquecido e recalcado, mas sim o atua. Não o A analisanda rechaçava completamente esse tipo de inter-reproduz como recordação, mas como ação; repete-o, sem pretações e as outras que lhe eram formuladas, enquanto saber, é claro, que o faz” (AE, v. 12, p. 151-152). Durante o analista mantinha com firmeza sua linha interpretativa todo o curso da análise, o paciente continua sob essa e não deixava de interpretar cada vez que se apresentava compulsão à repetição e o analista compreende, ao fim, a ocasião. A analisanda queixava-se da rigidez do analis-que essa é sua maneira de recordar (p. 152). Nessa nítida ta, apesar de que na realidade nunca lhe havia colocado afirmação freudiana apóiam-se validamente os que sus-problema algum e havia-se limitado a lhe anunciar que tentam que, enquanto forma especial do recordação, o seu marido não lhe pagaria. Se o analista não considerava acting out não é mais que uma resistência como qualquer a situação, teria de interromper o tratamento, ameaçava outra e que, como tal, deve ser avaliada e analisada.

(Estela Rosenfeld, comunicação pessoal).

Entretanto, há elementos, também válidos, para pen-Próximo já do dia da partida, chegou a uma daque-sar que a relação entre repetição, transferência e acting las sessões difíceis, muito comovida, e contou o que lhe out não chega a se definir satisfatoriamente no ensaio de havia acontecido em sua aula de ginástica. Pagava ali men-1914, nem tampouco nos escritos posteriores de Freud.

salmente, de forma regular. Quando anunciou à secretá-

Como acabamos de ver, em certos momentos Freud ria que estaria ausente, e ela lhe disse que tinha de pagar homologa acting out e transferência; outras vezes parece igual, ficou como louca. Gritou e disse violentamente que discriminá-los, como quando sugere que, graças à liganão pagaria de maneira alguma pelos dois meses em que ção transferencial, pode-se conseguir que o analisando estaria ausente. Dessa vez, foi fácil para o analista fazê-la não execute atos repetitivos, utilizando como material ver até que ponto o relato confirmava as interpretações suas intenções de fazê-lo in statu nascendi. Indubitavel-sobre o pagamento de seus honorários.

mente, a relação entre o acting out e a transferência não Quando o (muito competente) analista dessa paci-

é clara para Freud: às vezes, ele superpõe os dois concei-ente consultou-me, sentia-se preocupado. Considerava que tos, e às vezes não.4

a situação era realmente difícil e dava-se conta de que Para compreender as vacilações de Freud, é necessá-

estava suportando uma carga especial em sua contra-rio destacar, em primeiro lugar, que a mudança da técnica transferência. Pensava que, se não cedesse de alguma for-

(no sentido de analisar as resistências) não questiona de ma, a analisanda poderia cumprir sua ameaça de não con-momento o objetivo do tratamento, que continua sendo tinuar a análise e sabia também, por outro lado, que sim-recuperar as recordações. Em segundo lugar, o recém-for-plesmente satisfazê-la seria abandonar claramente o mé-

mulado princípio de compulsão à repetição pode ser apli-todo. Note-se que a contratransferência advertia o analis-cado igualmente ao acting out e à transferência, sem que ta sobre o perigo que corriam o tratamento da paciente e isso implique necessariamente que esses dois processos sua própria técnica. A analisanda, porém, preocupava-se

tenham de ser idênticos. Acting out e transferência são, manifestamente apenas com o dinheiro.

sem dúvida, o mesmo geneticamente, porque ambos deri-Nesse exemplo, vê-se que a estrutura do acting out é vana da compulsão à repetição, mas poderiam ser distintas sempre complexa. A análise da situação, antes e depois do ato em sua estrutura e significado. Embora nasça da repetição incidente na academia de ginástica, mostrou que a condução, como a transferência, é possível que o acting out da neurótica da analisanda apresentava muitos determinantes-seja algo especial, tenha uma estrutura particular.

tes. O analista pôde ir descobrindo os variados motivos que a paciente tinha, sem perder de vista que, ao anunciar-lhe com muito tempo o que ia fazer, a analisanda es-OUTRO EXEMPLO CLÍNICO

tava prestando-lhe a cooperação que podia. O analista manteve-se firme, isto é, sem atuar, até que suas interpretações-Vejamos agora um exemplo de algo que, para mim, coisas surtiram efeito e, finalmente, a analisanda recuperou configura claramente um acting out e que é radicalmente a possibilidade de colaborar. Digamos, para sermos precisamente oposto ao ato falho recém-comentado.

tos, que o que qualificamos de acting out nesse material clínico é a decisão posta no marido de não pagar as horas perdidas pela viagem. O incidente na academia de ginástica-4 Ver Guillermo Lancelle (1974).

tica, em troca, é uma ação neurótica, mas não um acting

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 393

out, pois coadjuva com o processo de elaboração, em vez Sou uma máquina, um robô ao qual só importa cumprir de entorpecê-lo.

não se sabe que postulados absurdos. Preferia mil vezes Enquanto a situação estava totalmente projetada no seu analista anterior que, embora incompetente, era pelo marido, e a paciente a apresentava como fato consumado, menos humano. E acrescento algo que me impressionou o problema era difícil de resolver. Nesse caso, como em fortemente: “Quando me levantei do divã, pensei fugaz-muitos outros, a identificação projetiva é o instrumento mental que você pretenderia me tocar e me beijar, e então que o acting out emprega, como dizem Grinberg (1968) e sim que eu o deixava plantado ali mesmo e não voltava Zac (1968, 1970), mas nem a identificação projetiva nem mais”.

as suas conseqüências são ainda o acting out. Para ir adian- Uma pessoa pode levantar-se do divã para ir buscar tando a tese principal destes capítulos, quero dizer que o cigarros simplesmente porque tem vontade de fumar e isso acting out da paciente não consiste em projetar seu desejo pode ser uma ação racional (deixando de lado os motivos de não pagar no marido; o acting out começa precisamen- neuróticos ou psicóticos do hábito de fumar). Se a impul-te quando a paciente descarta a possibilidade de analisar siona, porém, um desejo de aliviar sua angústia ou distra-essa situação (que, uma vez projetada, já não lhe perten-ir sua atenção, podemos dizer que se trata de um ato neu-ce) e exige, ao contrário, que o analista acomode-se a essa rótico. Entretanto, se a fantasia inconsciente é tirar lite-

“realidade” e não pretenda analisá-la com sua lamentável ralmente o analista de seu lugar, como nesse caso, então e rigidez.

somente então cabe qualificar essa ação de acting out. Diga-O que surgiu claramente na volta da viagem foi que se de passagem que a paciente continuou queixando-se de ela queria que o analista se equivocasse, para assim deixar minha frieza, exigindo-me provas diretas de afeto, até que, o tratamento, acusando-o pelo erro cometido. Como apa-farta de mim, deixou o tratamento alguns meses depois.

receu nessa época em um convincente material onírico, o Note-se que o acting out de minha analisanda é, se-erro que ela esperava era tanto que o analista lhe cobrasse gundo meu critério, a intenção de fazer-me equivocar, o (rigidez) quanto que não o fizesse, porque assim demons- ataque à minha tarefa, que, além disso, ela entende muito traria o que ela já sabia, que era capaz de qualquer coisa bem. O que ela não quer é que eu seja um analista compe-para retê-la. Essa última intenção da analisanda pode des-tente e, quando conseguir isso, deixará com toda razão de pertar um certo ceticismo, porque, em geral, preferimos vir. Preferia mil vezes a inconsistência e os deslizos de seu pensar que os analisandos não compreendem cabalmente analista anterior à minha técnica insuportável e de-as regras do jogo, isto é, nossa técnica, antes de reconhe-sumanizada.

cer que podem julgar-nos com exatidão e implacável justi-O que empresta ao acting out sua qualidade específica ça. Entretanto, se o analista de nosso exemplo tivesse ce-

é, em meu entender, a intenção (obviamente inconsciente) dido e, aceitando como um fato da realidade a opinião do de atacar a tarefa, de torná-la impossível. Creio que, nesses marido, tivesse consentido

em não cobrar as sessões do casos, podem ser registradas todas as características que passeio e a viajante não tivesse voltado, nenhum analista distinguem o acting out da conduta neurótica. É caracterís-deixaria de pensar que a paciente havia feito bem e que a tico do acting out que ponha o analista em uma situação culpa da interrupção era do analista. Por redução ao ab-comprometedora, o que sempre cria fortes conflitos de surdo, creio que fica assim provado que a analisanda ti-contratransferência. Como já vimos em nosso primeiro caso, nha, inconscientemente, o desejo de fazer o analista equi-essa situação era virtualmente insolúvel, porque, se o ana-vocar-se. Ao mesmo tempo – oh, paradoxo! –, todos pen-lista se afastasse do contrato, deixava de ser analista e, se sariam também que o que ela fez foi um acting out. A connão o fizesse, também, já que então a analisanda iria embo-tradição resolve-se, no entanto, se consideramos que a ra porque sua rigidez havia-lhe impedido de compreender decisão de não vir mais teria sido lógica e racional levan-que ela não podia torcer a vontade de seu obstinado marido-se em conta o erro do analista, mas que tal erro havia do. Portanto, um traço definidor do acting out é que põe o sido motivado por um acting out da mulher.

analista diante de fatos que o obrigam a atuar.

Lembro-me, agora, de um episódio de alguns anos Desse modo, voltamos à primeira caracterização atrás que pode ilustrar o que digo. Era o começo da análi-freudiana: que Dora atuou uma porção de suas recorda-se de uma mulher de idade mediana, mais melancólica do ções e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento.

que bela, que no meio de uma sessão levantou-se do divã Por isso, digo que o acting out é fundamentalmente um para ir buscar seus cigarros. Com a proverbial mentalida-ataque à tarefa, algo que se faz no lugar da tarefa analítica de psicanalítica, eu a vi percorrer os quatro ou cinco pas-

– ou da tarefa, simplesmente. É uma ação que se opõe sos do divã até a escrivanhinha onde estava sua carteira e àquela que supostamente se espera. Zac (1968) considera voltar a se deitar. Episódios como esse são mais que frequente é característico do acting out o ataque ao setting. Conqüentes na prática de todos os analistas e, em geral, esgo-cordo com essa opinião, apesar de acreditar que o setting tam-se em alguma interpretação convencional. O inespe-fique atacado por garantir o trabalho analítico.

rado, naquele caso, foi a muito vívida fantasia que eu tive: Em outras palavras, para definir o acting out em ter-ficava de pé, ia a seu

encontro e a abraçava e a beijava mos metapsicológicos, é necessário referi-lo ao processo sem titubear. De volta ao divã, a paciente falou uma vez analítico e ao setting. Como o de perversão, o diagnóstico mais de um de seus temas preferidos: eu lhe era insupor-de acting out não pode ser feito fenomenologicamente, tável por minha frieza, minha severidade e minha técnica.

mas em termos metapsicológicos.

394 R. HORACIO ETCHEGOYEN

ACTING OUT E TRANSFERÊNCIA

munica, o acting out não. Que o analista seja, de qualquer modo, capaz de descobrir o sentido de um acting out não Talvez a relação entre o acting out e a transferência implica que essa tenha sido a intenção do analisando. A seja o ponto para o qual convergem todas as controvérsias.

transferência vai na direção do objeto, enquanto o acting Os dois conceitos aparecem sempre juntos nos trabalhos out afasta-se do objeto.

de Freud, desde o “Epílogo” (1905) até o Esquema da psi-Em resumo, podemos estabelecer agora algumas con-canálise (1940a). Às vezes, Freud parece que os contra-clusões:

põe, em outras que os homologa e em outras, talvez, que os confunde.

1. tanto a transferência quanto o acting out deri-Um primeiro passo para evitar equívocos será, en-vam da compulsão à repetição;

tão, comparar ambos os termos, acting out e transferên-2. a transferência é um conceito mais abrangente cia. Transferência é mais amplo, mais abrangente. Tudo o e, portanto, todo acting out é uma transferênque o analisando pensa, diz ou faz movido pela compulsão cia, mas não o contrário;

à repetição é transferência e, em princípio, não se pode 3. o acting out corresponde a intenções especiais, duvidar que o acting out fique dentro dessa definição. Con-que tornam aconselhável mantê-lo como um tudo, o que se repete no acting out é justamente uma in-tipo especial de conduta repetitiva.

tenção de ignorar o objeto, de se afastar dele, e essa será uma de suas notas definidoras. A transferência repete para No próximo capítulo,

tentaremos ver até que ponto recordar, o acting out para não fazê-lo; a transferência co-essas precisões chegam a se justificar.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 395

53

Acting Out (II)

No capítulo anterior, tratamos de expor como *sur-sucede* já fora da análise, o denominamos de ‘atuação na *giu* o conceito de acting out nos escritos de Freud, to-transferência’” (1936, p. 38).¹

mando como ponto de referência os atos de termo errô-

O acting out pode oferecer ao analista um valioso *neo* (1901b), o “Epílogo” de “Dora” (1905e) e “Recor-conhecimento do paciente, mas não é muito útil para a dar, repetir e reelaborar” (1914g). Vimos também que a marcha do tratamento e é difícil de manejar. Por isso, o antinomia recordação/repetição parece alimentar ao mes-analista deve procurar restringir o acting out o máximo mo tempo os conceitos de acting out e transferência, que possível, seja por meio das interpretações analíticas, seja às vezes se superpõem e outras se separam no pensa-recorrendo às não muito analíticas proibições.²

mento freudiano. Repassamos ainda o ensaio de 1945, Anna Freud separa o acting out como forma especial no qual Fenichel esforça-se em deslindar os conceitos de da transferência por duas razões: se sai do marco do *tratr*transferência, acting out e ato neurótico, sem chegar a tamento e é difícil de manejar, até o ponto em que, às *consegui*-lo totalmente. Propus, por último, algumas pre-vezes, é necessário contrabalançá-lo com proibições. Ape-cisões discutíveis e provisórias para nos orientar em nos-sar de Anna Freud dar importância ao fato de que o acting sa discussão.

out transcorre fora do âmbito analítico, seu critério não é meramente espacial ou geográfico, já que liga essa condi-

ção a um máximo de resistência e um mínimo de insight.

AS PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES

Embora talvez esteja levando água para meu moinho, eu DE ANNA FREUD

me atreveria a afirmar que Anna Freud assinala como uma

característica do acting out sua intenção de não trazer in-Alguns anos antes do ensaio de Fenichel, Anna Freud formação.

abordou o tema do acting out e da transferência em O

ego e os mecanismos de defesa (1936), mais precisamente no Capítulo 2, “A aplicação da técnica analítica ao estudo AS ÚLTIMAS OPINIÕES DE FREUD

das instâncias psíquicas”. Aqui, como em todo o seu livro, Anna Freud aplica lucidamente a doutrina estrutural-creio que as reflexões de Anna podem ter influenciado, procurando ordenar os conceitos com vistas à teoria no pensamento de seu pai, quando ele voltou ao tema nos e à clínica.

últimos anos de sua vida. Vale a pena estudar detidamente-Destaquei, no devido momento, a contribuição de-te o que Freud diz no Esquema da psicanálise (1940a), não cisiva de Anna Freud ao tema da transferência ao distinguir entre transferência de impulsos e transferência de defesas, enquanto expressões contrapostas do id e do ego.

Cabe-me agora mencionar que, junto com essas duas 1 “Now an intensification of the transference may occur, during categorias, a autora distingue um terceiro tipo, a atua-which for the time being the patient ceases to observe the strict ção na transferência (acting in the transference). Essa é rules of analytic treatment and begins to act out in the behavior uma terceira forma de transferência, que Anna Freud of is daily life both the instinctual impulses and the defensive reactions which are embodied in his transferred affects. This is prefere distinguir das outras duas. Há momentos em que what is known as acting in the transference – a process in which, se intensifica a transferência, e o paciente subtrai-se às strictly speaking, the bounds of analysis have already been over-severas normas da técnica analítica e começa a atuar na stepped” (Writings, v. 2, p. 23).

conduta de sua vida diária tanto os impulsos instintivos 2 “It is natural that he should try to restrict it as far as possible by quanto as reações defensivas contra os sentimentos trans-means of the analytic interpretation which he gives and the ferenciais. “A esse processo, que falando estritamente nonanalytic prohibitions which he imposes” (ibid., p. 24).

396 R. HORACIO ETCHEGOYEN

apenas porque estão ali, sem dúvida, suas últimas refe-cussões

inoperantes. À medida que acentuarmos certas parências escritas sobre o tema, mas também porque esse rãgrafo do texto e deixarmos outros de lado, nossa opi-ensaio, que Freud escreveu em 1938 e não chegou a ternião pessoal ficará apoiada pela autoridade de Freud. O

minar, é considerado uma exposição muito válida e quase mesmo vale para o ensaio de 1914 ou para o epílogo de testamental do criador da psicanálise.³

1905.

A segunda parte da obra ocupa-se da prática psica-Inclino-me a pensar que a transferência e o acting nalítica e no Capítulo VI, “A técnica da psicanálise”, fala out são dois termos teóricos indispensáveis, que Freud for-da situação analítica, da transferência e do acting out. Es-mulou sem chegar a resolver todos os seus enigmas. O

tes dois últimos conceitos são expostos simultaneamente importante é que nós – conscientes de nossos limites –

e, dessa vez, Freud não salva, por certo, as obscuridades tentemos seguir adiante, sem pretender que nosso Freud que já assinalamos em escritos anteriores.

imaginário venha a resolver os problemas em uma espécie Freud diz textualmente: “É muito indesejável para de après coup.

nós que o paciente, fora da transferência, atue em vez de recordar; a conduta ideal para nossos fins seria que, fora do tratamento, ele se comportasse da maneira mais nor-ACTING OUT, COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

mal possível e exteriorizasse suas reações anormais somente dentro da transferência” (AE, v. 23, p. 177-178).

Um lustro depois do escrito de Fenichel, surge a bri-Nesse texto, creio notar a influência de Anna Freud lhante contribuição de Phyllis Greenacre no Psychoanalytic quando o criador delimita uma atuação que tem lugar den-Quarterly. Seguindo a definição de Fenichel, conceitua o tro da transferência e outra que transcorre fora, à qual acting out como uma forma especial de recordação em que qualifica de inconveniente.

as memórias do passado reatualizam-se de maneira mais O parágrafo é obscuro e pode ser lido de diversas ou menos organizada e amiúde apenas encobertas (1950, formas; porém, não há dúvida de que Freud

incorre em p. 456). Sem consciência alguma de que sua conduta está certa inconsistência quando diz que é inconveniente que motivada por recordações, o sujeito a julga plausível e o analisando atue fora da transferência, em vez de se limi-apropriada, enquanto se sobressai, para os demais, seu tar a recordar. Deveria ter dito em lugar de se limitar a desajuste.

fazê-lo dentro da transferência: fora do tratamento, não Fenichel havia separado o acting out da transferên-se pede ao analisando que recorde, mas que não atue.

cia, porque em um predomina a ação e na outra os senti-Uma página antes, Freud havia dito: “Outra vanta-mentos, e havia sustentado que o acting out repousa em gem da transferência é que nela o paciente põe em cena três condições: disposição aloplástica, talvez de natureza diante de nós, com uma boa nitidez, um fragmento im-constitucional, fixação oral com elevadas necessidades portante de sua biografia, sobre a qual é provável que, em narcisistas e intolerância à tensão e aos traumas precoces outro caso, tivesse-nos dado notícia insuficiente. Por as-

(1945b, p. 300-301). Os traumas precoces condicionam sim dizer, atua (agieren) diante de nós, em lugar de nos uma conduta repetitiva, em que o acting out opera como informar” (AE, v. 23, p. 176).4

um mecanismo ab-reativo similar ao das neuroses trau-Vê-se aqui claramente que Freud pensa agora que a máticas.

repetição transferencial, que nesse contexto chama de Greenacre segue os passos de Fenichel e acrescenta a agieren, é superior à recordação (isto é, ao que o paciente essas três condições outras duas, a saber: uma tendência à refere), dado que põe em cena diante de nós um pedaço dramatização através de uma grande sensibilidade visual de seu passado com plástica nitidez. O agieren, que é “muito e de uma acentuada crença inconsciente nos atos mági-inconveniente fora da transferência” na citação das págicos. São pessoas que acreditam que basta dramatizar algo nas 177-178, não o era na página anterior, em que até para que se converta em verdade. Se me faço passar por deixa de ser uma resistência e resulta superior à recorda-multimilionário, eu o sou. Nos indivíduos que têm ten-

ção, que sempre é insuficiente. Pode passar despercebido dência ao acting out, o senso de realidade mostra-se parti-que, nesse ponto, inverteu-se a máxima de 1914: a resis-ricularmente insuficiente.

tência consiste em que o analisando refira (recorde) em Greenacre situa no segundo ano de vida o momento vez de atuar na transferência.

em que se pode organizar a tendência ao acting out, uma Detive-me nessas duas citações complexas e apontei vez que nesse momento confluem três circunstâncias pro-suas inconseqüências, porque passá-las por alto leva a dis-fundamente significativas: aprendizagem da fala, deambulação e treinamento esfinteriano.

Quando se juntam as perturbações dos primeiros 3 Discute-se se Freud iniciou o manuscrito antes de sair de Viena, meses de vida que aumentam as pulsões orais, diminuem mas sabe-se com certeza que, em sua maior parte, foi escrito a tolerância à frustração e aumentam o narcisismo, com pouco depois de sua chegada a Londres.

os conflitos do segundo ano, estão dadas as condições para 4 “Another advantage of transference, too, is that in it the patient que apareça a tendência ao acting out. O desenvolvimento produces before us with plastic clarity an important part of his da linguagem fica inibido e, paralelamente, aumenta a ten-life-story, of which otherwise have probably given us only an dência aloplástica à descarga. “A capacidade para verbalizar insufficient account. He acts it before us, as it were, instead of reporting it to us” (SE, v. 23, p. 175-176).

e para pensar em termos verbais parece representar um

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 397

avanço enorme, não apenas na economia da comunica-ACTING OUT PARCIAL E EXCESSIVO

ção, mas também no correto enfoque das emoções que se associam com o conteúdo do pensamento” (Greenacre, Com sua erudição habitual, mas com menos preci-1950, p. 461-462). Essas circunstâncias, conclui a autora, são do que outras vezes, Rosenfeld (1964a) aborda o tema são de importância capital para entender os problemas do do acting out apoiado em Freud e Klein.

acting out, em que existe sempre uma desproporção entre Lendo Freud de uma determinada maneira, como a verbalização e a atividade motora. Vale a pena destacar todos fazem, Rosenfeld não duvida nem por um momento que essa linha de investigação coincide com a de Liberman, que repetição, transferência e acting out são o mesmo.

ao estudar a personalidade de ação e o estilo épico, como Resolvido

drasticamente esse problema, coloca-se para vimos no Capítulo 34.

Rosenfeld um outro, ao modo de retorno do recalçado, que o leva a classificar o acting out em parcial e excessivo.

O acting out parcial não apenas é inevitável, mas de fato O ACTING OUT E OS OBJETOS PRIMÁRIOS

uma parte essencial de uma análise efetiva, e só quando aumenta e torna-se excessivo põe em perigo o paciente e a O acting out não é um tema que tenha preocupado análise (Psychotic states, p. 200). Para manter sua classifi-especialmente Melanie Klein, embora depois seus discípu-cação, Rosenfeld dirá que, quando Freud declara-se parti-los o tenham estudado, em especial Rosenfeld.

dário de reduzir o acting out, está falando do acting out Quando analisou Félix por seu tique nos primeiros excessivo, já que “um pouco de acting out é uma parte anos da década de 1920, antes de ter criado a técnica do importante e necessária de toda análise” (ibid., p. 201; jogo, Klein impõe-lhe certas proibições para assegurar a Revista de Psicanálise, p. 425).

continuidade da análise, já que as escolhas de objeto do Rosenfeld acredita que, fazendo uma diferença quan-menino tinham o propósito de fugir das fantasias e dos titativa entre um acting out pequeno e um acting out gran-desejos que nesse momento se dirigiam à analista na trans-de, livra-se das dificuldades, mas na realidade não é asferência.5 Nesse ponto, Klein expõe implicitamente sua con-sim. O ponto frágil de sua argumentação é que unifica em cepção do acting out, à qual voltará em 1952, também um só conceito dois processos diametralmente opostos: o fugazmente, quando escreve “The origins of transference”.

acting out parcial, que expressa a colaboração do pacien-Quando afirma que a transferência afunda suas raízes nas te, e o acting out excessivo, que põe em perigo a análise.

etapas mais precoces do desenvolvimento e nas camadas Para se referir ao acting out excessivo, Rosenfeld emprega mais profundas do inconsciente, Melanie Klein sustenta a palavra disastrous, bastante expressiva.6 As palavras “par-que o paciente tende a manejar os conflitos que se reativam cial” e “excessivo” implicam diferenças quantitativas, po-na transferência com os mesmos métodos que usou em rém os conceitos de Rosenfeld são qualitativos e, mais ain-seu passado. Uma das teses desse conciso e vigoroso artida,

diametralmente opostos.

go é que a transferência não deve ser entendida apenas Vejo outro inconveniente na classificação de Rosenfeld nos termos das referências diretas ao analista no material.

e não creio que seja de pouca monta: quando vamos clas-Por aprofundar suas raízes nas etapas mais precoces do sificar um acting out como parcial ou excessivo. Vamos desenvolvimento e brotar das camadas profundas do in-dizer por acaso que, se o paciente chega dois minutos mais consciente, a transferência é mais ubíqua do que se costu-tarde, o acting é parcial e, se chega vinte minutos mais ma acreditar e pode ser extraída daquilo que o analisando tarde, é excessivo? Penso que o que devemos compreen-diz, dos acontecimentos de sua vida diária e de todas as der é a estrutura dessa situação, e não o aspecto fenomeno-suas relações. Essas relações, afirma Klein, têm a ver com lógico do atraso: vinte minutos e dois minutos podem ter a transferência, e é aqui que faz uma referência concreta o mesmo valor metapsicológico, embora talvez no primei-ao acting out: “Porque o analisante tende a manejar os ro caso o resultado para a sessão seja disastrous e no outro conflitos e as ansiedades reatualizados frente ao analista não. Pela própria índole de sua classificação, Rosenfeld com os mesmos métodos que usou no passado. Ou seja, está mais exposto do que acredita a juízos subjetivos e afasta-se do analista, como tentou afastar-se de seus obje-ideológicos.

tos primários; procura dissociar a relação com ele, toman-Apoiado no que Klein disse em 1952, Rosenfeld con-do-o seja como uma figura boa, seja como má: desvia al-sidera que o paciente repete com o analista a maneira guns sentimentos e atitudes vivenciadas com o analista como se afastou de seu objeto primário e acrescenta que sobre outras pessoas de sua vida corrente, e isso é parte o acting out será parcial ou excessivo segundo o grau de do ‘acting out’” (Writings, v. 3, p. 55-56).

hostilidade com que a criança inicialmente se afastou do Essas referências são sucintas demais para se saber o seio da mãe.

que Klein pensa do acting out; porém, pode-se afirmar que Aqui, Rosenfeld faz uma contribuição interessante o vê como uma forma especial de transferência que leva o ao assinalar que do grau de hostilidade com que a criança analisando a se afastar do analista, assim como se afastou afaste-se do seio dependerá o destino de suas futuras relatos objetos primários.

ções; creio, porém, que volta a se equivocar ao pensar que 5 Ver “The psychogenesis of tics”, 1925 (Writings, v. 1, p. 115).

6 Na versão espanhola, lê-se “um nefasto acting out”.

398 R. HORACIO ETCHEGOYEN

todo afastamento é um acting out. Na teoria kleiniana, Outras vezes, porém, os conteúdos psíquicos recal-afastar-se do seio marca um momento culminante do de-cados só podem ser obtidos revivendo-os (in the form of envolvimento infantil – a passagem do seio ao pênis – e, being re-lived) na transferência. “O resultado será uma re-enquanto processo necessário da maturação, configura um petição do passado na conduta, repetição, entretanto, so-ato normal (e racional), nunca um ato neurótico ou um bre a qual as regras analíticas terão vigência” (1968, p.

acting out. O que Klein disse, em 1952, é que o afastamen-166). Nesse caso, o acting out limita-se à vivência (reexpe-to do analista reproduz o afastamento do objeto primário, riencing) dos impulsos e afetos e ao restabelecimento das e esse tipo especial de transferência é parte do acting out.

demandas e atitudes infantis, mas detém-se justamente Quando se alcança a posição depressiva, o sujeito não se antes que apareça a ação muscular, deixando intacta a

“afasta” do objeto, mas sim o perde e pena por ele. Klein aliança de trabalho. “Dentro dessas limitações, o acting refere-se a um afastamento agressivo, prematuro e pato-out na transferência foi reconhecido, desde os primeiros lógico, que pressupõe abandonar o objeto por ódio, com tempos, como um agregado indispensável da recordação”

onipotência e desprezo. Creio, pois, que somente quando (ibid.). Como no caso anterior, o objetivo do analista é o processo normal do luto pelo seio não é cumprido o afas-também aqui captar as revivescências (revivals) à medi-tamento deve ser conceituado como acting out.

da que emergem, agora como conduta, para interpretá-

las incorporando o material que vem do id para os confins do ego.

OS RELATOS DO CONGRESSO DE COPENHAGUE

Há uma terceira possibilidade que implica o fracasso dos esforços do

analista, quando o poder do passado es-No XXV Congresso Internacional, ocorrido em Co-quecido ou, antes, da força dos impulsos recalcados ultra-penhague em julho de 1967, realizou-se um simpósio so-passa os limites impostos à ação muscular. Na transferên-bre Acting out and its role in the psychoanalytic process (O

cia, tal fato pode significar a ruptura da aliança de trata-papel do acting out no processo psicanalítico), do qual fo-mento e o ponto final da análise. O outro inconveniente ram relatores Anna Freud e León Grinberg e do qual par-desse tipo de acting out é que não se limita à situação ticiparam outros analistas de primeira linha. Na comuni-analítica e invade a vida ordinária do paciente, o que pode cação de Anna Freud, a inquietude principal está colocaser muito perigoso.

da na delimitação do conceito, enquanto o escrito de Em resumo, ao situar o conceito de acting out no Grinberg traz um rico material clínico como ponto de par-marco das teorias clássicas do começo da Primeira Guerra tida de uma discussão teórica em que a angústia de sepa-Mundial, Anna Freud distingue três tipos ou graus, que razão será entendida como um fator decisivo, à luz da te-têm a ver com a intensidade da resistência e a estabilida-oria da identificação projetiva.

de da aliança de tratamento, procurando dar coerência ao Em sua tentativa de esclarecimento, Anna Freud parte pensamento de Freud daqueles anos. Embora não homo-de um fato histórico certo, os termos teóricos da psicanáli-logue a transferência ao acting out, como Rosenfeld ou se variam com a extensão das próprias teorias, o que nem Gioia, nossa autora tem de estabelecer duas (ou três) ca-sempre notamos ao utilizá-los. Recorde-se, diz Anna Freud, tegorias distintas de acting out, dentre as quais a primeira o destino contrário que tiveram o conceito de transferên-ajuda o tratamento e a segunda o prejudica.

cia, que foi expandindo-se até chegar a significar tudo o Após suas pormenorizadas reflexões sobre as origens que se passa entre analista e analisando, e o de complexo, do termo, Anna Freud afirma que o conceito de acting out que inicialmente abrangia uma amplíssima gama de acon-teve de ir expandindo-se ao compasso das novas teorias.

tecimentos para ficar restrito, com o passar do tempo, so-

À medida que se afiança o princípio técnico de que a aná-mente ao Édipo e à castração.

lise da transferência é o campo fundamental da terapia. Em “Recordar, repetir e reelaborar”, o acting out fica analítica, vai-se abandonando insensivelmente a dialética definido em contraposição à recordação como uma urgência de recordação versus repetição, porque prevalece a consciência opressiva de repetir o passado esquecido, não apenas o fato de que repetir na transferência é a forma mais idô-

revivendo (re-living) as experiências emocionais transferida de recordar. Do mesmo modo, a crescente importância ao analista, mas também em todo o âmbito da situação que adquiriu, na análise contemporânea, a relação da criança atual. Entendia-se que o acting out substituíra a capacidade da criança com a mãe na fase pré-edípica do desenvolvimento ou o desejo de recordar em função da resistência, de reforçar a importância da conduta motora, pois esse modo que, quanto maior for esta, mais extensamente os fatos não foram verbais e só podem ser comunicados com acting out substituirá a recordação (AE, v. 12, p. 153).

atos (re-enactment).

Anna Freud considera que essa definição é clara se Outro fator que contribuiu para ampliar o conceito foi entendida no marco das teorias da época, em que a de acting out é que as novas teorias dos instintos prestam recuperação das recordações ainda ocupa um lugar importante do que antes à agressão, a qual, por de portante junto ao conflito dinâmico da luta de tendências.

finição, canaliza-se especialmente pelo sistema muscular, Às vezes, o passado esquecido ou os derivados da pulsão isto é, pela ação. Também o desenvolvimento da psicopatologia pode ser obtidos interpretando-os, de maneira que ingressa do ego e a atenção crescente em seu funcionamento gressassem na consciência, alcançando o nível do processo levaram a observar mais detidamente a conduta e o caráter secundário.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 399

ter de nossos analisandos, assim como a análise de crianças opera o mecanismo da contra-identificação projetiva, crianças, adolescentes e psicóticos, em que os conflitos são caracterizados pelo próprio Grinberg (1956, 1957, etc.).

analisados freqüentemente por via da ação.

Grinberg recorda o que foi dito por Phyllis Greenacre em seu trabalho

ao Simpósio de Boston de 1962, intitulado

“Problems of acting out in the transference relationship”, AS
CONTRIBUIÇÕES DE GRINBERG

que havia chegado a conclusões semelhantes a partir de um esquema referencial por certo bem diferente: “... o As contribuições de Grinberg, sem dúvida as mais analisadas é posto à prova em um esforço esgotante para novas do simpósio, procuram explicar o acting out e dar comprovar até onde chega, realmente, o limite de sua to-conta de seus mecanismos específicos.

lerância. Esse desempenho adquire a forma de um ‘chi-Grinberg começa por assinalar que, além das conotações’, provocador, mas de uma classe especial, na qual há conotações pejorativas do termo, que tendem a homologá-lo com uma implacável demanda de reciprocidade e de descarga a má conduta do analisando, o certo é que há autores que através de ou com o outro, o analista. Compreendemos destacam o caráter maligno do acting out, ao passo que aqui uma significação especial do termo identificação outros sublinham sua natureza comunicativa e adaptativa.

projetiva. Às vezes, existe claramente uma fantasia de cas-Elle se ocupará especialmente do acting out maciço, que tigo por trás dessa provocação” (A developmental approach provoca fortes reações contratransferenciais.

to problems of acting out, 1978, p. 223, tradução pessoal).

A angústia de separação na origem do acting out foi A partir de Fenichel, muitos autores ressaltaram a destacada por vários autores dessa época, como Bion participação do analista no acting out, desde Bird (1957) (1962b), Greenacre (1962) e Zac (1968).⁷ Grinberg se-até Rosenfeld (1964a), e Grinberg conclui que “os modos que decididamente essa linha e afirma que uma das raízes de funcionamento da identificação projetiva e da contra-essenciais do acting out parte de experiências de separação-identificação projetiva configuram mecanismos essenciais de identificação e de perda, que determinaram em dado momento na dinâmica do tipo particular de relação objetal que se tem primitivos não-elaborados. Quando esse tipo de constabelece nos fenômenos de acting out” (Revista de Psicanálise, p. 693). Para sublinhar a peculiaridade desse fenô-

analista como objeto (contenente) no qual verte a dor da mente, Zac

(1968, 1970) diz plasticamente que o acting out é a separação e a perda; contudo, quando o analista não está out, inocula o receptor.

presente, transforma-se em um elemento beta que tem de Ao resumir a dinâmica do acting out maciço, Grinberg ser evacuado em outro objeto, com o que se configura o assinala a intolerância à dor psíquica frente à experiência acting out.⁸ Às vezes, o objeto continente está representando a perda, que busca uma descarga através da identificação pelo próprio corpo e, então, surgem sintomas psicossomáticos

projetiva em um objeto que pode responder, por sua somáticos ou hipocondria como equivalentes do acting out.

vez, com uma atuação. São pacientes narcisistas, que man-Quando o que funciona como continente é um sonho, te-têm vínculos idealizados nos quais se alternam a admiração e a inveja. Em seus mecanismos evacuativos, muito comum, a avidez e a inveja. Em seus mecanismos defensivos, diferentes dos sonhos elaborativos (Grinberg et al., 1967).

combinam atitudes maníacas e depressivas com uma Como se desprende do que foi dito, Grinberg considera a dissociação entre o aspecto onipotente do self e o self mais débil que a identificação projetiva é o mecanismo básico adaptado à realidade, que também podem ser qualificados como acting out, pois permite evacuar no objeto as partes do ego de parte psicótica e neurótica, respectivamente, de self que não podem ser contidas e toleradas. Se o analista acordo com Bion (1957). Esse tipo particular de relação é capaz de tolerar dentro de si as projeções do analisando de objeto é extremamente lábil e entra em crise diante dela e se a devolve adequadamente, o processo analítico se-primeira experiência de perda e frustração, que leva a evacuar seu curso, com o conseqüente desenvolvimento do ego no objeto a porção do self que carrega os sentimentos insight e da elaboração. Em outras circunstâncias, entre outros (parte neurótica). Embora o acting out proporcione tanto, o desenlace é diferente e, então, o acting out “man-one informação, quando a mensagem da parte neurótica tem-se e agrava-se por um déficit especial no interjogo fica anulada pelo ataque da parte psicótica, o acting out transferência-contratransferência” (Grinberg, 1968, p.

configura um tipo especialmente tenaz de resistência.

691).⁹ Vários motivos podem explicar essa falha do analista-O acting out, conclui Grinberg, é construído como lista, desde sua falta de reverie e sua cumplicidade com o sonho, pois nele certos elementos da realidade trans-inconsciente até uma severidade que o leva a proibir, em

formam-se regressivamente em processo primário. Nesse vez de compreender e interpretar; porém, em todos os sentido, o acting out é como um sonho dramatizado e atuado durante a vigília, um sonho que não pode ser sonhado.

7 Os elementos beta de Bion servem apenas para a evacuação através da identificação projetiva e da produção de acting out.

8 Zac chega a iguais conclusões no trabalho recém-citado, cujo material clínico é extremamente ilustrativo.

9 O trabalho de Grinberg foi publicado na Revista de Psicoanálisis e no International Journal de 1968.

400 R. HORACIO ETCHEGOYEN

54

Acting Out (III)

Nos dois capítulos anteriores, tentei expor o concei-gado à transferência e às vezes configura uma tentativa to de acting out a partir de uma perspectiva histórica que de desconhecê-la radicalmente.¹

nos levou desde o “Epílogo” de “Fragmento de análise de O Vocabulaire lembra que Freud afirma no Esquema um caso de histeria” e “Recordar, repetir e reelaborar” até (1940a) que é indesejável que o analisando atue fora da o Simpósio de Copenhague. Incluí nessa resenha uma sé-

transferência e, por isso, diga-se de passagem, recomen-rie de contribuições de primeira grandeza, mas não fui dava que não deveriam ser tomadas decisões importan-capaz de integrar outros que não são menos importantes.

tes durante o tratamento.

No presente capítulo começarei por citar as opiniões A seguir, diz o Vocabulaire: “Uma das tarefas da psi-de Laplanche e Pontalis, que considero uma contribuição canálise seria a de tentar embasar a distinção entre trans-significativa para se aproximar desse conceito complexo, ferência e acting out em critérios diferentes dos puramen-depois tentarei propor uma síntese do que se pensa atu-te técnicos ou meramente espaciais (o que ocorre no con-almente sobre o acting out – ou, ao menos, do que penso sultório do analista ou fora do mesmo);

isso suporia, so-que se pensa.

bretudo, uma nova reflexão sobre os conceitos de ação, de atualização e sobre o que define os diferentes modos de comunicação.

O CONCEITO DE ACTING OUT

Só depois de ter esclarecido de forma teórica as rela-

ções entre o acting out e a transferência analítica, poder-NO
VOCABULAIRE

se-ia investigar se as estruturas descobertas são extrapo-láveis fora de toda referência ao tratamento, isto é, se perEm seu Vocabulaire de la psychanalyse, Laplanche e guntar se os atos impulsivos da vida cotidiana não poderi-Pontalis (1968) consagram duas entradas ao acting out, am ser explicados em conexão com relações de tipo procurando assinalar os grandes problemas teóricos que transferencial” (ibid., p. 8).

esse conceito propõe e as ambigüidades que se notam em Reproduzi as idéias do Vocabulaire porque propõem, todos os autores que o trataram, sem excluir Freud por creio, todo um programa para ressituar conceitualmente certo. Com o objetivo de delimitar o conceito, Laplanche e o acting out, reconhecendo que é uma tarefa extremamente Pontalis propõem esta definição: “Termo utilizado em psi-difícil, em que se juntam as complexidades da teoria e as canálise para designar ações que apresentam quase sem-sutilezas da práxis com não poucos preconceitos.

pre um caráter impulsivo relativamente isolável no curso de suas atividades, em contraste relativo com os sistemas de motivação habituais do indivíduo, e adotam amiúde uma forma auto ou heteroagressiva. No surgimento do acting out, o psicanalista vê o sinal da emergência do recalado. Quando aparece no curso de uma análise (seja durante a sessão ou fora dela), o acting out deve ser com-1 English e English, em seu Dicionário, consideram que transfe-preendido na conexão com a transferência e, com frequên-rência e acting out são a mesma coisa. Em seu Glossary, Moore e cia, como uma tentativa de desconhecê-la radicalmente”

Fine (1968) definem o acting out como a tendência de certas pessoas a reproduzir suas recordações esquecidas, atitudes e (Diccionario de psicoanálisis, p. 6).

conflitos por meio da ação e não das palavras, sem ter consciên-De

acordo com essa definição, o acting out pode existir do que lhes acontece. Distinguem o acting out na transferência independentemente do tratamento psicanalítico e, quando o destinatário é o analista, do acting out fora da transferência, quando o fenômeno dirige-se para outras pessoas, sessão. Além disso, durante a análise o acting out está sempre ligado à situação analítica.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 401

ACTING OUT E AÇÃO

são os objetivos que persegue. Portanto, não se deve confundir o acting out com o desenrolar teatral, que sempre não são nada simples as relações entre acting out e tem intenção comunicativa.

ação. Hartmann (1947) tinha razão quando afirmava, no Também Leopold Bellak (1965) baseia a definição de “On rational and irrational action”, que não do acting out no motor, na ação, quando diz que o acting out é uma afirmação somática de um conteúdo não-verbal psicanalítico sistemático da ação. Hartmann assinalou em (somatic statement of non-verbal content), embora me pareça que toda ação nasce do ego, mesmo as que rejeita que esse autor apague por completo a diferença em resposta a demandas instintivas e afetivas, e tem sempre um ato neurótico, sintoma motor e acting out.

pre um objetivo. De modo que a substituição da resposta motora por ações organizadas é uma parte essencial do desenvolvimento do ego, da substituição do princípio do AS INTENÇÕES DO ACTING OUT

prazer pelo princípio da realidade. Embora toda ação tenha seu ponto de partida no ego, pode-se definir uma ação Para delimitar o conceito, parti de uma premissa sim-como racional quando leva em conta os objetivos e as reações: todo acting out é um ato neurótico (irracional), mas a idade em que devem ser alcançados, medindo ao mesmo tempo todo ato neurótico é acting out. Pode-se afirmar, por tempo as consequências, seja no nível consciente ou pré-

consciente, bem como valorizando equilibradamente os dois; então, para que continuar falando de acting out? Se meios disponíveis. A ação racional pertence ao reino do aceitamos, porém, que os dois conceitos são diferentes, processo secundário e o maior grau em que uma conduta surge logicamente a seguinte pergunta: o que transforma

possa ser qualificada de racional é quando não apenas é o ato neurótico em acting out?

sintônica com a realidade objetivamente, mas também sub-Para responder a essa pergunta, que é também definitivamente (p. 50).

nir o acting out, insisto na frase “em vez de”, que Freud Depois do Congresso de Copenhague, Daniel Lagache emprega no “Epílogo” e também depois, em 1914, quan-

(1968) ocupou-se das complexas relações entre acting out do diz que o paciente atua em vez de recordar. É certo e a ação, enfatizando que não se pode caracterizar o acting que, pouco depois, Freud diz que esse acting out é a forma out como uma ação tendente a descarregar impulsos, porque o paciente tem de recordar e, com isso, acting out e que toda ação implica descarga de impulsos. O acting out transferência superpõem-se. Tentando resolver esse dilema refere-se a ações concretas e particulares, que correspondem, já disse que a transferência e o acting out originam-se de um determinado modelo latente, porque “o acting em um mesmo fenômeno, a repetição, mas se diferenciam out não é um modelo psicológico, mas metapsicológico”

pela intenção: 2 a transferência repete para recordar, o acting (p. 784).

out em vez de. Se não se aceita essa diferença, o acting out Para Lagache, o modelo metapsicológico do acting fica no ar, passa a ser um conceito fenomenológico, um out é a parada, ou seja, uma representação de fantasias ou tipo especial de transferência que se faz através da ação, recordações inconscientes por meio de atos que deixam mas que não tem especificidade e fica fora da metapsico-transparecer o que ocultam. Com o vocábulo parada, logia. Deixarei para mais adiante as dificuldades que mi-Lagache denota as intenções de mostrar e representar, cuja proposta apresenta.

como na parada militar ou na representação teatral, e por-Ao definir o acting out como algo que se faz em vez de seria mesmo dizer que emprega a palavra como quando de, não me refiro, é claro, exclusivamente à recordação, aludimos, em linguagem popular, a alguém que mostra o porque, como diz Anna Freud (1968), mudamos nesse que não tem. Em contraposição à parada do acting out, ponto desde 1914 e damos mais importância do que antes Lagache propõe a ação verdadeira que realiza as intenções ao conflito transferencial (sem desconhecer a história e as objetivas e racionais que marcam a relação entre o agente recordações), mas também ao insight e à

elaboração. En-e sua ação.

tendo “em vez de” como aquilo que se opõe à tarefa da As precisões de Lagache são válidas, pois situam o análise, seja esta de recuperar recordações, ganhar insight acting out como conceito metapsicológico, mas não me ou (como creio) as duas coisas.

parece feliz referi-lo a uma fantasia inconsciente de para-Como vimos no devido momento, muitos autores re-da. A parada é aplicável à histeria, e não ao acting out.

conhecem como uma das características definidoras do Para mim, o que os diferencia é que a intenção comunicativa da histeria não pertence ao acting out. Se seguimos Lagache, a histeria e o acting out superpõem-se. Creio que a especificidade metapsicológica do acting out deve ser 2 “Intenção” quer dizer desejo inconsciente ou fantasia incons-buscada nas intenções com que se realiza essa ação, quais ciente.

402 R. HORACIO ETCHEGOYEN

acting out o ataque à tarefa ou ao enquadre, porém pou-de não nos comunicar nada.³ Quando dizíamos há pouco cos o destacaram com mais precisão que Leo Rangell que o acting out opõe-se à tarefa da análise, seja esta o (1968b) no Simpósio de Copenhague. O ponto de partida insight e a elaboração e/ou a recuperação das recordações de Rangell é que se impõe distinguir o acting out das ações esquecidas, deveríamos ter acrescentado que ele também neuróticas, conceito por certo mais abrangente, e propõe se opõe à tarefa de se comunicar.

defini-lo como “as ações que o paciente empreende para Por isso, tendo a separar conceitualmente o acting resistir ao avanço do processo terapêutico” (p. 195).

out da histeria, porque não se deve confundir a atuação Rangell crê (e obviamente, também eu) que essa defini-no sentido de desenrolar teatral (ou parada) com o acting ção é consistente com a primeira formulação de Freud, out, que são coisas diferentes. O histérico tem tendência a feita em 1905, quando diz que Dora atuou suas recorda-dramatizar, o que implica comunicação; tanto é assim que, ções e fantasias em vez de reproduzi-las no tratamento.

quando um histérico atua, dizemos que quer chamar a Após discriminar o acting out de outras condutas neuróti-atenção, que “faz gênero”. A teatralidade histérica não é cas, da forma que acabamos de fazer, Rangell define o autêntica, porque tem apenas a pretensão de

nos impres-acting out nestes termos: “O acting out é, pois, um tipo soniar, mas não carece de intenção comunicativa. O acting específico de ação neurótica dirigido a interromper o pro-out, em troca, não persegue nenhum fim de comunicação, cesso de obter um efetivo insight que, portanto, aparece mas de descarga e de inoculação.

especialmente no curso da psicanálise, mas também em qualquer outra parte” (p. 197).

Rangell acredita que, sempre que existe uma possi-UM CASO CLÍNICO ENGRAÇADO

bilidade de insight fora da situação analítica, pode sobrevir uma resposta análoga ao acting out na análise; creio, Há muitos anos, quando tinha muito pouca expe-porém, que o processo é mais amplo e freqüente: sempre riência, embora fosse às vezes capaz de interpretar um que fazemos algo em vez da tarefa que temos nas mãos, sonho simples, chegou a sua sessão, em uma segunda-fei-estamos incorrendo em acting out. Sandler e colaboradora, um homem jovem que tinha dificuldades sexuais. Vires (1973) também se mostram dispostos a estender o con-nha com a idéia de que deveria contar-me que havia se ceito de acting a situações distintas do tratamento analíti-masturbado, o que por certo não era agradável para ele.

co, sempre que se notem as mudanças de significado que Decidiu, finalmente, deixar de lado o tema embaraçoso e tal extensão possa acarretar. Outros autores, no entanto, contou um sonho. Eu lhe disse que o sonho tinha a ver entre eles Moore e Fine, pensam que o termo perde preci-com a masturbação e, como o conteúdo manifesto e algu-são fora do contexto da situação analítica.

mas de suas concisas associações referiam-se ao fim de Se aceitamos que o acting out é um ato neurótico semana, sugeri a ele que talvez tivesse se sentido só nos que se faz “em vez de” uma determinada tarefa, então últimos dias e havia se masturbado. Diagnostiquei-lhe, qualquer conduta que se faz em lugar do que corresponde então, através do sonho, que havia se masturbado e quan-será um acting out. Se a mesma conduta cumpre com o do o tinha feito. Ele respondeu, com humor, que, se tives-proposto, então já não é um acting out. Assim como a perse sabido como ia interpretar seu sonho, não teria tido versão só pode ser diagnosticada metapsicologicamente, tantas dúvidas ao chegar, porque vinha com a idéia de me o mesmo ocorre com o acting out: só será acting out o que, dizer que havia se masturbado, mas não se animou.

além da conduta neurótica que sempre implica, tenha a Em que sentido pode-se dizer que contar esse sonho intenção de opor-se à tarefa proposta (recordar, ganhar é um acting out? Digo que é um acting out porque ele (e insight, comunicar ou o que for).

não eu) sentia que devia contar-me que havia se mastur-Desse modo, o conceito de acting out mantém-se, sem bado e contou o sonho em lugar de. Dizer que ele me con-subsumi-lo no de conduta neurótica ou de transferência, tou o sonho simplesmente para colaborar comigo seria situado em outra posição, pertencendo a outra classe. É

ingênuo: ele não pensou, em princípio, que eu o descobri-uma forma especial de transferência, uma classe especial ria. Por isso, creio que a idéia de repetir em vez de recordar de estratégia do ego. Também a reação terapêutica negati-

(ou de comunicar) é o que define o acting out.

va é uma parte da transferência; contudo, sem desconhecer O exemplo parece-me válido, e por várias razões, isso, é estudada em outro nível e com outra metodologia.

sobretudo porque mostra que, se ligamos conceitualmente o acting out a um ataque à tarefa, podemos diagnosticá-lo com precisão e com precisão interpretá-lo. Porque é sim-ACTING OUT E COMUNICAÇÃO

ples e engraçado, esse exemplo protege-nos de desvios ideológicos, de admonições superegóicas e, também, de Sabemos, como analistas, que toda conduta expressemos demasiadamente rotineiros e convencionais em sa-nos, e tudo o que disser ou fizer pode-me ser validamente interpretado. Como sempre podemos, interpretar algo a nossos analisandos (e às vezes acertamos!), costu-3 Elsa Garzoli diz, com razão, que o acting out informa-nos, mas mamos esquecer que às vezes o paciente tem a intenção não nos comunica.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 403

nossa tarefa. Por muito que saibamos que o sonho é o ca-pelo fato de que a masturbação realiza-se em vez do coito, minho mais direto ao inconsciente (e, entre parênteses, o cabe qualificá-la de acting out, com o que pretendo mos-exemplo o confirma uma vez mais), aqui ocorre que contá-

trar que o conceito pode ser empregado também fora da lo é claramente um acting out, se levamos em conta as análise sem perder sua precisão.

intenções do analisando. São as intenções que contam para Em conclusão, nosso exemplo pretende mostrar que nós, e não os resultados, porque não somos behavioristas.

se pode manter o conceito de acting out sem cair nos desAlém disso, o exemplo mostra que não é a magnitudos ideológicos ou moralistas que tanto temem (e com de, mas sim o sentido que define o acting out. Por muito razão) os que o combatem. Contudo, uma teoria não pode pequeno, insignificante e intranscendente que seja, esse é ser desqualificada porque se expõe a desvios ideológicos, um acting out, porque assim o planejou o paciente, apesar já que estes são inerentes a nossos preconceitos, e não à de o tiro ter saído pela culatra e, ao contar o sonho, perprópria teoria.

mitiu ao analista falar não apenas da masturbação como também do acting out.

Interpretar o acting out, nesse caso, é dizer simples-ACTING OUT, LINGUAGEM E PENSAMENTO

mente que ele conta o sonho para não falar da masturbação. Essa interpretação não foi dada pelo analista, mas Quando Greenacre (1950) afirma que no acting out pelo próprio paciente, sem que isso mude em nada a argu-há uma perturbação que compreende ao mesmo tempo a mentação. A interpretação do acting out é, em geral, pré-

ação e a palavra, dá um passo decisivo para compreender via às outras, pois busca denunciar uma falta de colabora-esse fenômeno. No acting out, diz Greenacre, há um trans-

ção do analisando e restabelecer, por meios analíticos, a torno na relação do ato com a linguagem e o pensamento aliança de trabalho. Como analistas, devemos ser muito verbal. A ação suplanta a linguagem, e a descarga ocupa o tolerantes, mas nunca ingênuos. Uma vez desobstruída essa lugar da comunicação e do pensamento (p. 458). A lin-situação básica, abre-se o caminho para outras interpreta- guagem serve mais à descarga do que à comunicação, e ções, já que a situação analítica sempre é complexa e regida sua função degrada-se, colocando-se a serviço de tendên-pelo princípio da múltipla função de Wälder (1936).

cias exibicionistas (p. 461). Aqui se poderia acrescentar Quando o analisando reconheceu que havia contado que não é só por razões exibicionistas que a função comu-o sonho para não falar da masturbação, pude interpretar-nicativa da linguagem transforma-se

em ação, mas tam-lhe não apenas a necessidade de ocultar a masturbação bém por outros motivos, tais como atacar ou inocular o em termos da transferência paterna (ou materna, já não objeto.

lembro), mas também o desejo de me enganar, que surgia Outro tanto pode-se dizer quanto à relação entre o ligado a seu convencimento de que com um sonho sempre acting out e o pensamento. O acting out pode ser explica-me deixava contente e não corria nenhum perigo. Só en-do como uma forma especial da patologia do pensamentão pude dizer-lhe que também existia nele um desejo de to. Seguirei, nesse ponto, a teoria de Bion (1962a e b) falar da masturbação e, por isso, contou o sonho. Uma sobre a natureza e a origem do pensamento, à qual já me tarefa interpretativa correta e completa nunca poderia li-referi anteriormente.

mitar-se a interpretar o acting out sem ver também esse Bion sustenta que o bebê nasce com uma preconcepção outro aspecto. Entretanto, seria um grave erro dizer-lhe, do seio e, quando se encontra com o próprio seio (realiza-por exemplo, que o sonho era “no fundo” um desejo de tion), constrói-se uma concepção do seio. O que determi-colaborar. Essa interpretação é claramente incorreta e, para nará o primeiro pensamento para Bion é a ausência do mim, significa o mesmo que apresentar-se como um pai seio.⁴ Frente a essa emergência decisiva, o bebê tem duas idealizado, que permite e estimula a masturbação. Em alternativas: tolerar ou evitar a frustração (ausência). Se outras palavras, interpretar o acting out é basicamente aten-o bebê evita a frustração, transforma o seio ausente em der a um fragmento da transferência negativa. Não se deve um seio mau presente e expulsa-o como um elemento beta.

perder de vista que, se o jovem executivo de meu exemplo No entanto, quando é capaz de refrear a ação e tolera a tivesse pensado que eu descobriria a masturbação através frustração, reconhecendo o seio como ausente, constrói do sonho, poderia não ter falado nem da masturbação nem seu primeiro pensamento.

do sonho. Digamos, por último, que não se animar a falar O ato pelo qual, em vez de pensar o seio bom como da masturbação não era somente a expressão de seu te-ausente, expulsa-o como seio mau presente na forma de mor à castração frente ao analista como pai na situação elemento beta é, para mim, o protótipo do acting out. Desse edípica direta, mas também um conflito mais profundo com a jovem esposa que ansiava ficar grávida. O sonho mostrava claramente que ele não queria assumir seu pa-⁴ Observe-se a coincidência de Bion nesse ponto com Lacan, para pel de pai com sua mulher, para privá-la

da maternidade, quem também a ausência do objeto põe em marcha a cadeia de e que esse conflito também se reproduzia na transferênciadeslocamentos metonímicos que vão estruturar a ordem simbó-

cia, porquanto não me contava que havia se masturbado lica. Ver, por exemplo, Lacan: “L’instance de la lettre dans l’incons-para me esterilizar como analista. Nesse caso concreto, e cient ou la raison depuis Freud” (1957).

404 R. HORACIO ETCHEGOYEN

modo, e graças às idéias de Bion, pude propor uma exACTING OUT E O BRINCAR

plicação do acting out conforme o que fui expondo nestes capítulos. O acting out fica, assim, ligado a uma for-Serge Lebovici participou do Congresso de Copenha-ma de se manejar com a realidade que recorre à ação, gue com uma exposição concisa e convincente, na qual se em vez de pensar. Essa idéia também está de acordo com declara partidário de distinguir o acting out como uma o Freud dos dois princípios (1911b) que faz nascer o forma especial da compulsão a repetir, lembrando-nos o pensamento da retenção da carga, de uma ação diferida.

que Freud (1940a) diz no Esquema e tomando como pon-No acting out, sobrevém o processo inverso, um movi-to de partida de suas reflexões o sugestivo campo da aná-

mento regressivo que vai do pensamento ao ato (e não lise infantil. do ato ao pensamento).

Quando o jogo da criança expressa o acting out, diz O acting out surge de uma tentativa regressiva de con-Lebovici, ele deve ser entendido como um fenômeno verter o pensamento em ato, em não-pensamento. O acting resistencial, em essência diferente do jogo como método out representa, pois, uma forma especial de ação que não infantil de elaborar as fantasias. A diferença entre ambos, deixa desenvolver o pensamento, idéia que tem a ver com a o jogo em sentido estrito e o acting out, pode ser difícil, e aprendizagem da experiência, o crescimento mental e o mais difícil ainda quando o analista participa sutilmente conhecimento objetivo de Popper (1972), isto é, em que com um problema de contratransferência. Às vezes, uma medida se pode utilizar a ação para testar a realidade e não interpretação em que se diz à criança “tens medo”, e ela para lhe impor nossas (onipotentes) “teorias”.

pode entender mal e ouvir “não te animas”, conduz ao Desse modo, também se esclarece para mim o que acting out, como ocorre mais de uma vez, no entender do Melanie Klein dizia em 1952: quando o bebê afasta-se autor, com as interpretações da técnica kleiniana. Dado do objeto primário, é parte do acting out. Entendo agora que esse tipo de mal-entendido tem a ver com a imaturi-essa afirmação no sentido de que, ao afastar-se, o bebê dade do aparelho psíquico da criança, Lebovici inclina-se não cumpre sua tarefa, porque a tarefa de mamar é, com por uma variação técnica em que o analista assuma a fun- certeza, a tarefa por excelência, a prototarefa do cresci-

ção superegóica de introduzir certas restrições, já que o mento, não apenas no homem, mas em todos os mamífe-analista de crianças deve considerar que é um adulto fren-ros. Que a criança afaste-se do seio não será, por si só, te a uma criança ainda impotente, à qual tem de conduzir um acting out, porque pode haver muitas razões para isso; às possibilidades construtivas da elaboração secundária só poderemos qualificar de acting out a conduta da cri-

(1968, p. 203).

ança que se afasta do seio para não mamar. Por isso, a Deixando de lado o problema de fundo que Lebovici genitalização precoce configura um acting out do desen-propõe, e que vem sendo discutido desde o Simpósio so-volvimento, ao passo que nunca o será a passagem nor-bre análise infantil de 1927, conforme é mostrado no Camal do seio ao pênis. Concordo nisso com Rosenfeld pítulo 31, a conveniência de distinguir o jogo propriamente (1964a), quando sublinha a importância da hostilidade dito do acting out é, com certeza, uma precisão metodoló-

no afastamento do objeto nos casos que ele chama de gica que apóio. acting out excessivo.

Lebovici inclina-se a pensar que o acting out tende Para terminar, gostaria de me deixar levar por uma somente a repetir, enquanto o jogo possui um componen-especulação. Melanie Klein aplicou sua teoria da inveja te simbólico e elaborativo. A partir do processo de splitting primária, já o veremos nos próximos capítulos, à reação descrito por Klein, a criança projeta em seu jogo suas ex-terapêutica negativa; Bion a fez desempenhar um grande periências dolorosas e, por conseguinte, suas más relações papel na reversão da perspectiva. Ninguém tratou ainda de objeto. Desse modo, o acting out relaciona-se com a de entender o acting out desse ângulo, mas estou conven-

projeção e só pode ser corrigido mediante o trabalho inter-cido de que, quando o fizermos, compreenderemos me-pretativo do analista, que oferece a oportunidade de pôr lhor as relações do acting out com os estados confusionais, em marcha o processo de elaboração. Graças a esse pro-que Rosenfeld destacou em 1964, com a transferência necessário, o acting out sujeita-se ao contra-investimento e vai gativa e com as dificuldades inegáveis que propõe ao de-transformando-se em processo secundário.

envolvimento do processo analítico.

Como conclusão, para Lebovici, no campo da metapsi-Quando, no Capítulo 6 de Envy and gratitude (1957), cologia, o acting out é uma ponte entre a ação e a fantasia Melanie Klein expõe as defesas contra a inveja, lembra o da elaboração do impulso.

que foi dito um lústro antes sobre o afastamento do objeto O acting out é, antes de mais nada, uma forma de primário e vincula mais nitidamente a inveja com o acting out defesa contra o impulso e, em segundo lugar, uma defesa out, dizendo: “... em meu entender, na medida em que o insuficientemente elaborada, pois não conduz à produção acting out é utilizado para evitar a integração, converte-se de fantasias; porém, na medida em que implica uma orga-em uma defesa contra a ansiedade que se desperta quan-nização rudimentar do ego, possibilita a interpretação do se aceitam as partes invejosas do self” (Cap. 6).

(ibid., p. 204-205).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 405

As precisões de Lebovici são realmente úteis para dis-que vai contra o processo. (A este último é que proponho criminar dois níveis distintos da atividade lúdica da crian-chamar estritamente de acting out.)

ça, que podem caracterizar-se clínica e metapsicologi-No começo foi o ato, dizia Freud em Totem e tabu camente, sem incorrer em absoluto em desvios ideológi-

(1912-1913) e, parafraseando-o, Gaddini diz que no co-cos. São duas áreas que existem e que se deve diferenciar, meço foi o acting out. Tanto no desenvolvimento precoce não apenas em nossa teoria, mas também na prática.

quanto no processo psicanalítico, o acting out pode estar a serviço do desenvolvimento, regulando as tensões, ou funcionar como uma defesa contra o desenvolvimento e con-ACTING OUT E DESENVOLVIMENTO PRECOCE

tra o processo psicanalítico, eliminando as tensões em vez de regulá-las, mantendo um estado de não-integração que Na seção anterior, sugeri que o acting out afunda suas vai contra o processo de integração, impedindo, por fim, o raízes nas primeiras fases do desenvolvimento e relacio-reconhecimento objetivo de si mesmo. O acting out defen-nei-o com a tarefa por excelência de todos os mamíferos: sivo tende “a evitar o reconhecimento da própria autono-mamar no seio. Talvez a prerrogativa (e o pesar, dizia mia e da própria dependência real. O acting out deixa fora Rubén Darío) do Homo sapiens seja mamar e pensar o seio.

a realidade, pois é mágico e onipotente” (1981, p. 1132).

Afastar-se do seio para não sentir a dor da ausência e pensá-

Gaddini pensa que o acting out está mais a serviço do que o protótipo do acting out. Propõe, assim, discriminar, das necessidades do que dos desejos e remete-o à experiência desde o começo, a ação do acting out como dois processos essenciais básicos da separação entre a criança e sua mãe. “Tal polares e antitéticos, como as duas formas com que a experiência tem menos a ver com o momento em que a criança se enfrenta à realidade e a ausência.

a mãe deixa de amamentar o bebê do que com o momento Desse modo, o conceito de acting out fica restrito a um opressivo em que a criança deve tomar consciência de sua atitude mental, a de não cumprir a tarefa empreendida existência separada e com a capacidade para enfrentar essa, ao passo que a ação neurótica fica antes caracterizada mudança” (p. 1132). É nesse momento que sobrevêm as pela versatilidade que a leva de um objetivo a outro, obvias angústias mais fortes, porque a criança tenta restabelecer o contato com prejuízo do funcionamento mental e das remagicamente a situação perdida, e surge a ansiedade de relações de objeto.

ante de uma possível perda do self. Quando o self organizado em vista essas idéias, compreende-se também a maneira patológica, o eu pode sofrer uma coerção que os meios pré-verbais de comunicação não devem ser de tal magnitude que o deixa submetido às necessidades consideradas acting out. Ao falar das construções precoces do onipotentes do self. Com base nesse esquema do decurso no Capítulo 28, expus um material clínico que procura o envolvimento psíquico precoce, Gaddini pode discriminar e mostrar como se reproduzem na transferência os acontecimentos entre o acting out que se põe a serviço do processo e elementos significativos do primeiro ano da vida e o compo-analítico e o que nele interfere, que define nestes termos: relações com as formas que o conflito infantil assume. Disse,

“O acting out, estabilizado como defesa, utiliza-se para pôr então, que o conflito precoce veicula-se por meio da ação todo o aparelho executivo, incluindo a consciência, a ser o contraponto como psicose de transferência à neurose de vigência da autarquia mágica e onipotente do self, em vez de transferência do conflito infantil.

servir à autonomia” (ibid., p. 1134).

O maior inconveniente que vejo em minha proposta Gaddini sustenta que há uma fase crucial na análise, é que obriga a discriminações às vezes muito sutis, mais quando o analisando toma consciência de que

o analista é ainda se levarmos em conta que, dado que um ato psíquico-alguém distinto e separado, o que marca a queda da onipotência é sempre multideterminado, o caso concreto confronta-potência, com grande ansiedade pela perda do self. Nesse trabalho, no consultório, com uma avaliação bastante atual, prossegue Gaddini, o acting out pode aumentar dada, frente ao que faz o paciente, para distinguir o quanto perigosamente, e cresce com ele a possibilidade de que o ato há de ser neurótico, o quanto de acting out e o quanto, analisando decida interromper o tratamento.

por fim, de comunicação não-verbal. Posso dizer, em suma que seja necessário discutir a teoria do desencontro, que delimitações tão difíceis como essa envolvimento de Gaddini, desejo assinalar as coincidências sentam-se permanentemente em nossa prática.

dos dois tipos de acting out deste com o que procuro chamar Também Eugênio Gaddini, em seu relato sobre o atuar como ação e acting out nas primeiras etapas da acting out para o Congresso de Helsinque de 1981, busca vida.

a explicação do acting out nas etapas mais precoces do desenvolvimento, sem subestimar, por certo, a influência das experiências posteriores. Gaddini usa o termo acting A FAVOR DO ACTING OUT

out com amplitude e não julga necessário discriminar ação e acting out, embora distinga rigorosamente o acting out Ao longo de toda a minha exposição, tivemos oportunidade de ver as mais variadas linhas de pensamento

406 R. HORACIO ETCHEGOYEN

sobre o acting out. Depois de absolver posições nas duas partes uma séria doença psicossomática e que, então, torna-

últimas seções, posso agora dizer que muitíssimos autores se necessário tolerá-lo, dando-lhe tempo para que vá de-assinalaram, e com boas razões, os aspectos positivos do crescendo gradualmente, sem que isso implique com o acting out.

cência ou cumplicidade.

Para Ekstein e Friedman (1957), o acting out é uma Limentani conclui que o acting out é um fenômeno forma de recordação experimental. Esses autores consideram complexo, do qual pode haver mais de uma

explicação; ram que o acting out é um precursor do pensamento, uma porém, diferentemente da proposta deste livro, não se informa primitiva de resolver problemas, e o brincar con-clina a estabelecer categorias metapsicológicas dentro destém os germes do acting out e do pensamento. O brincar, se fenômeno complexo.

entretanto, requer um certo grau de maturação egóica e Também Zac (1968, 1970) pensa que o acting out ope-só é possível, então, quando se obteve uma suficiente ra como uma válvula de segurança que põe ao abrigo do integração do ego. Antes que se possa estruturar o brin-desastre, embora esse autor nunca deixe de considerar que car, existem precursores, que os autores chamam de play a função primordial do acting out é atacar o enquadre.

action e play acting.

No começo da vida, a adaptação consiste na descarga impulsiva imediata. Essas ações impulsivas do começo ACTING OUT E ACTING IN

da vida vão transformando-se em play action (ação-brinquedo), que é uma ação diferida quanto à realidade, de A palavra alemã agieren foi traduzida para o inglês modo que combina a quase gratificação do brinquedo com por acting out, que teve boa repercussão e foi adotada pe-uma primeira tentativa de resolver o conflito. À medida los analistas de línguas românicas.

que prossegue seu crescimento, a criança vai substituindo O verbo to act tem várias acepções em inglês como o brinquedo-ação pela fantasia e por formas mais eleva-executar uma ação, funcionar adequadamente, represen-das de pensamento, enquanto se aproxima do reino do tar um papel no teatro e simular.⁶ O advérbio out, por processo secundário.

sua vez, significa fora e é utilizado para indicar a idéia de Desse modo, os autores propõem uma graduação in-distância (he lives out in the country), abertura ou libera-teressante nas fases do desenvolvimento mental, que co-

ção (the secret is out, isto é, descoberto), extinção ou es-meça na ação imediata, continua com a ação brinquedo, gotamento (the fire has burnt out: o fogo ardeu até se passa pela fantasia, pela atuação de brincar (play acting) e extinguir), até o final, completamente (he'll be here before chega à demora na ação e na direção adaptativa.

the week is out), erro (I'm out in my calculations: equivo-Com base

nesse esquema, Ekstein e Friedman consi-quei-me em meus cálculos), clareza (speak out: fale cla-deram que o acting out tem dois componentes: ro), etc.

Essas múltiplas significações do verbo composto to 1. recordação experimental, dirigida ao passado e act out contribuíram, sem dúvida, para que sejam freqüen-inapropriada à realidade

tes os equívocos quando se utiliza essa expressão em psi-2. pensamento elementar e teste de realidade, dicanálise, embora me incline a pensar que a dificuldade é rígido ao futuro.

mais profunda e tem a ver com a ambigüidade do próprio conceito, como também sustentam Laplanche e Pontalis e No caso clínico que serve de base a esse trabalho, os depois Dale Boesky (1981) em seu documentado estudo autores partiram do princípio de que o acting out, a açãopara o Congresso de Helsinque.

brinquedo e a atuação de brincar eram, mais que substitu-Um equívoco típico nesse sentido é quando se contos da recordação, representações experimentais da recor-trapõe o conceito de acting out ao de acting in, querendo dação, uma maneira primitiva do ego de produzir a re-conotar, dessa maneira, o que ocorre dentro ou fora da construção (do passado) a serviço da adaptação (1957, p.

sessão. Nesse giro, é notório o peso do advérbio out, já 627-628).

que se quer discriminar entre o fenômeno que se produz No Congresso de Amsterdã de 1965, Limentani apre-dentro (in) ou fora (out) da sessão. A diferença tem so-sentou um trabalho conciso e coerente, em que propõe mente um valor fenomenológico, ou melhor, espacial. Não reavaliar o acting out em relação com o processo de elabo-são levadas em conta, de modo algum, especificações di-ração.⁵ Limentani destaca o desejo do analisando de se nâmicas, metapsicológicas. Não parece ser muito diferen-comunicar com o analista de uma maneira que não seja te que um candidato peça emprestado um livro a seu ana-verbal. Sem desconhecer os aspectos negativos do acting lista didático ao sair do consultório, ou quando o encon-out, Limentani pensa que o acting out que aparece duran-tra na Sociedade. Em suma, seria possível argumentar que, te o processo de elaboração pode ter uma função de ajuda no primeiro caso, o analista está em melhores condições para a marcha do processo analítico. Por outro lado, para interpretar a conduta do candidato, mas isso é muito Limentani considera que, às vezes, o acting out pode evi-⁵ “A re-evaluation of acting out in relation to working-through”, ⁶ Essas são as acepções de The

advanced learner's dictionary of International Journal, 1966.

current English, de A. S. Hornby, E. V. Gatenby e H. Wakefield.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 407

relativo: o mais provável é que, em ambos os casos, o ana-Apesar das imprecisões que o envolvem, apesar de lista interprete na sessão que se segue ao pedido.⁷

ser contraditório e de estar sobrecarregado de preconceitos- Esse equívoco, entretanto, não pode ser imputado a todos e de conotações ideológicas, o término *acting out* com-Meyer A. Zelig, que em 1957 introduziu o término *acting out* presente na linguagem ordinária de todos os analisandos para destacar certas atitudes posturais do analisando, e o conceito é discutido com frequência, em reuniões durante a sessão, que situa a meio caminho entre o *acting out* científicas de todo nível. Essa vigência real e duradoura e os sintomas de conversão. O que o analisando faz com apóia a idéia de que o *acting out* é um conceito básico da sua vida e com suas atitudes posturais na sessão é algo teoria psicanalítica que deve ser mantido, para o que é intermediário entre o *acting out* e a recordação (ou a verbalização- necessário redefini-lo em termos metapsicológicos, não verbalização), uma vez que é uma forma de não verbalizar ou simplesmente de conduta.

lembrar, porém mais próxima da simbolização, do pensamento- O nome e o conceito de *acting out* estão indissolúvelmente ligados à ação, mesmo no caso particular em que (*acting out*) e o processo secundário (pensamento), o *acting out* possa consistir em não fazer concretamente in seria um momento de trânsito, um passo evolutivo.

algo. Portanto, tem de ser incluído na categoria – mais ampla- A proposta de Zelig só foi aceita por alguns autores; portanto – dos atos neuróticos. Toda ação que, por obra e graça contudo, em geral, ela não é aceita, talvez pelos equívocos do conflito, desvia-se dos fins propostos e dos objetivos conlingüísticos que mencionei no começo e certamente também é um ato neurótico. O *acting out*, obviamente, portanto porque a caracterização metapsicológica que propõe típica dessas características, porém há outras que o restringem – não é muito convincente. De fato, a necessidade de presença e o discriminam: todo *acting out* é um ato neurótico, portanto atenção às condutas do paciente e analisá-las vem-nos mas nem todo ato neurótico é um *acting out*.

dos autores clássicos e ocupou um lugar central na técnica Enquanto

ato neurótico, o acting out depende do conde Reich.

flito, mas esse conflito assume traços específicos, porquã-Uma posição diferente da de Zeligs é a de Rosen (1963, to consiste basicamente em que o pensamento e a recorda-1965), para quem o acting in caracteriza o fenômeno ção, a comunicação e o verbo fiquem substituídos pela ação.

psicótico, no qual as ações externas surgem como resposta Nesse ponto surge a maior controvérsia, já que a subs-a desejos e sonhos do sujeito, sem contato com a realidade.

tuição da palavra pelo ato pode ser um meio de se ex-Para Rosen, a preposição “in” significa, então, o que vem de pressar ou totalmente o contrário. Se aplicamos, para es-dentro e desconhece a realidade. Segundo essa proposta, o sas duas finalidades, o termo acting out, como parece ser a acting out deve ser reservado para o fenômeno neurótico.

inclinação preferencial da maioria dos autores, então for-Rosen chega a dizer que o acting in coordena-se com o acting çosamente temos de discriminar dois tipos de acting out: out da mesma forma que o processo primário com o proceso que favorece a comunicação, reconhece a relação de ob-so secundário, ou o inconsciente com a consciência (1965, jeto e está a serviço da integração e o desenvolvimento, e p. 20). Desse modo, o fenômeno neurótico do acting out o que se opõe a esses fins, buscando perpetuar a onipo-superpõe-se à ação racional e consciente.

tência, a onisciência e o narcisismo.

Rosen compara a psicose com um pesadelo e entende Se incluímos ambas as alternativas no conceito de por acting in um tipo peculiar de conduta em que o sujeito acting out, parece que fazemos mais justiça à inegável com-está preocupado com os acontecimentos de seu ambiente plexidade dos fenômenos, ao mesmo tempo em que pro-interno, que é um mundo oniróide, sem receber influência tegemos das valorações ideológicas que podem levar-nos alguma dos acontecimentos do ambiente externo. A isso a qualificar a conduta do analisando como boa ou má. No Rosen chama de acting in. Acting in é atuar como em um entanto, essa qualificação só é ideológica se a sancionar-sonho, com referência a um meio ambiente interno, isolamos a partir do egocentrismo de nosso furor curandis, de do por completo da realidade. Rosen afirma que esse meio nossas necessidades narcisistas de ter conosco um ana-ambiente interno é a

mãe, e isso o conduz a seu modo espe-lisando “bom”. Se reconhecemos, em troca, duas modali-cial de tratar o psicótico, a direct analysis, em que o médico dades objetivas em nossos pacientes e em nossa práxis, assume o papel de uma mãe adotiva (foster mother).

frente às quais devemos aplicar retamente nossos instrumentos de trabalho imparciais, então a classificação de bom e mau é científica, refere-se aos fatos e confronta-nos **UMA PROPOSTA DE SÍNTESE**

com nossa tarefa cotidiana. Quando o hematologista diz que a contagem de glóbulos “está mal”, ele não se refere Depois de ter percorrido o árduo caminho das con-ao mau comportamento do paciente ou de seus eritrócitos, trovérsias sobre o acting out, gostaria de propor uma sínmas simplesmente ao fato objetivo de que o número de tese final desse tema apaixonante.

hemácias afasta-se da norma.

Por muitas discussões que haja sobre o desenvolvimento precoce, todos estão de acordo que nessa etapa não existe uma linguagem verbal articulada, e tampouco a 7 Entende-se que este exemplo é esquemático e pressupõe que encontraremos quando se reproduz na transferência. Se é o pedido seja efetivamente um acting out (o que só poderia ser assim, pretender que o analisando comunique-nos algo afirmado com base no material inconsciente) e que as outras por definição inefável seria ao mesmo tempo néscio e cru-variáveis sejam idênticas.

408 R. HORACIO ETCHEGOYEN

el. Para operar como analistas, então, teremos de compre-em vez de buscar o crescimento ou o desenvolvimento.

ender esse tipo de mensagem e devolvê-lo de alguma for-Segundo os autores, essa modalidade operativa poderá ser ma ao analisando, sabendo que ele está comunicando-se explicada pela má relação com o seio, na qual a inveja da única e, portanto, da melhor maneira possível.

primária desempenha um papel importante, por dificul-Algo radicalmente diferente é o outro tipo de acting dades no processo de individuação ou com outros esque-out, ou acting out propriamente dito, em que a ação apa-mas doutrinários; todavia, sempre ficará de pé que se tra-rece em vez da comunicação, o pensamento e/ou a recorta de um movimento regressivo que reconduz do pensação.

Aqui, há uma intenção (no sentido de fantasia in-mento ao ato.

consciente) que vai contra o combinado e o acordado. Desse Por último, o acting out deve ser considerado como ponto de vista, o acting out fica definido como uma ação uma forma especial de transferência, uma vez que con-feita “em vez de” a tarefa que se tem de realizar. Essa tare-funde o passado com o presente e opera no nível do profa, no caso da análise, será alcançar o insight, mas tam-cesso primário; contudo, diferentemente de outras moda-bém se pode afirmar que o acting out opõe-se à recorda-lidades do mesmo fenômeno, esta busca desconhecer a ção, ao pensamento, à comunicação, ou que ataca o en-relação, levá-la por outros caminhos e para outro destino.

quadre ou a aliança terapêutica, conforme as nossas preO fato certo de que o acting out não seja outra coisa senão dileções teóricas. Nesse sentido, o acting out é um recurso um aspecto da transferência não nos deve levar a esque-regressivo que se instrumenta para interferir na tarefa. O

cer sua especificidade, assim como ninguém tem dúvida movimento regressivo que vai do pensamento ao ato, do de que a reação terapêutica negativa seja uma modalida-verbo ao não-pensamento é onipotente e onisciente, serve de do vínculo transferencial, mas todos consideram que ao narcisismo e não à relação de objeto, quer voltar atrás, vale a pena respeitar sua autonomia.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 409

55

Reação Terapêutica Negativa (I)

REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA

tidas a angústia do nascimento e a angústia da separação da mãe protetora.

E SENTIMENTO DE CULPA

O progresso no estudo do superego e, por outro lado, a maior atenção que se foi dando à RTN são fatos que A reação terapêutica negativa (RTN) é um conceito levam a pensar que sentimento de culpa e RTN não são mais claro e menos controvertido que o de acting out. O

superponíveis, tal como Freud os define em um primeiro acting out é,

como vimos, um conceito difícil de apreender no momento. Agora sabemos, efetivamente, que a RTN pode ser, de delimitar; o de RTN, ao contrário, graças à forma assumir formas diversas e reconhecer causas múltiplas.

magistral como Freud o expôs em 1923, é claro, permite. Entretanto, alguns autores, como Sandler e colaboradores, apontam um ponto de partida firme para a discussão.

res preferem reservar a denominação de RTN ao fenômeno. No quinto capítulo de *O ego e o id*, “As servidões do eu clínico descrito inicialmente em *O ego e o id*, isto é, à ego”, Freud diz que certos pacientes não toleram o reaparecimento dos sintomas que provêm da culpa gerada por gesso do tratamento ou as palavras de estímulo que, em uma atmosfera de alento, otimismo e aprovação (1973, p.

dado momento, o analista pode acreditar que cabe oferecer (1923 da versão inglesa; p. 80 da versão castelhana).

cer-lhes e reação de uma maneira contrária ao esperado.

Essa reação surge não apenas quando se diz a eles algo positivo a respeito da marcha do tratamento, mas também no caso do MASOQUISMO DO EGO

bem quando se realizou algum avanço na análise. No momento em que fica resolvido um problema ou vencida uma resistência, a resposta do analisando, em vez de ser uma A RTN ingressa no corpo de teorias psicanalíticas em vivência de progresso e de alívio, é totalmente o contrário-

1923, mas a idéia pode ser rastreada em outros escritos de Freud. São pessoas, diz Freud, que não podem tolerar nem antes dessa data e também será vista depois nos escritos de Freud um tipo de elogio ou de apreço e respondem de maneira de Freud e de outros psicanalistas.

ra inversa a todo progresso do tratamento.

Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud introduz o conceito que estamos estudando. Um ano depois, Freud precisou alguns de seus pontos para explicar a ação do superego e diz que esse tipo de reação está indissolivelmente ligado ao sentimento de culpa. Destaca que falar de um sentimento inconsciente de culpa oferece certas dificuldades, já que os pacientes, que operam a partir de uma ação superegógica. O que não admitem facilmente que possam abrigar, em seu interior, a essa resposta contraditória no paciente, que pior, uma culpa que não percebem e, por outro lado,

falando quando teria (para dizê-lo em termos superegóticos) todo do com propriedade, não existem sentimentos no sistema o direito a melhorar, é pois o superego, que não lhe confere. Por essas razões, Freud inclina-se a mudar a nomeação desse direito. Assim, a idéia de que a reação terapêutica clatral anterior e fala não de sentimento de culpa, mas de negativa está vinculada ao sentimento de culpa é básica necessidade de castigo.

no pensamento de Freud.

Esses dois conceitos, prossegue Freud, não são total-

É graças à recém-nascida teoria estrutural que Freud mente superponíveis, porque o sentimento de culpa tem a pode explicar a estranha atitude dessas pessoas que se ver com a severidade ou o sadismo do superego, enquanto comportam no tratamento de maneira bastante peculiar, to a necessidade de castigo alude ao masoquismo do ego, de modo que pioram quando estão dadas as condições de apesar de ser óbvio que essas duas características, em algum progresso. Algo se opõe nelas ao avanço, algo as leva a alguma medida, estão sempre juntas.

ver a cura como se fosse um perigo, e essa atitude não De qualquer maneira, quando Freud insiste em que muda depois de se ter analisado a rebeldia na transferência a RTN está vinculada ao masoquismo do ego, abre outra via, o narcisismo e o benefício secundário da doença. Freud perspectiva, porque então se pode discriminar entre o sentimento, então, que a explicação encontra-se em um fator sentimento de culpa e a necessidade de castigo. Como Freud moral, em um sentimento de culpa que se satisfaz na dor já havia observado em 1916, em “Alguns tipos de caráter encaixado e que – enquanto herdeiro da relação com o pai

– elucidados pelo trabalho psicanalítico”, a necessidade de provém da angústia de castração, embora nele fiquem com-castigo é justamente uma forma de se defender do senti-

410 R. HORACIO ETCHEGOYEN

mento de culpa: é para não ter o sentimento de culpa, do tratamento é a cura de sua neurose e salienta que o para não assumi-lo, que alguém prefere castigar-se. Disso narcisismo (e o amor próprio como um aspecto do narcisismo) decorre que uma consciência de culpa exacerbada (masoquismo), a rivalidade competitiva e a inveja são forças levar o sujeito ao delito. “Por paradoxal que possa soar, impulsoras

importantes no desenvolvimento desse tipo de devo sustentar que aí a consciência de culpa preexistia à reações, que tornam muito difícil a análise.

falta, que não procedia desta, mas que, ao contrário, a Simultaneamente com outros autores dessa época, falta provinha da consciência de culpa” (AE, v.14, p. 338).

como Ferenczi, Jones, Glover e Alexander, Abraham abre E acrescenta, em seguida, que o trabalho analítico mostra com esse ensaio a teoria do caráter que Wilhelm Reich muitas vezes que esse sentimento de culpa brota do com-desenvolverá depois e introduz, ao mesmo tempo, a se-plexo de Édipo. Frente a esse crime duplo e terrível de mente para os estudos da RTN que Freud, posteriormen- matar o pai e possuir a mãe, conclui Freud, o delito real-te, haverá de continuar.

mente cometido sempre será de muito pouca monta.

No artigo de 1916, Freud não apenas dá esse giro copernicano da culpa ao delito, como também estabelece INSTINTO DE MORTE E RTN

uma conexão entre fracasso e sentimento de culpa, ilus-trando sua tese com Macbeth, de Shakespeare, e com a Do quinto capítulo de O ego e o id até “O problema Rebeca Gamvik, do drama de Ibsen. A relação entre o tri-econômico do masoquismo”, não há uma mudança teóriunfo e a culpa está também implícita no trabalho de 1923

ca decisiva, mas sim precisões dentro da recém-forjada e em tudo o que veremos a seguir, porque a RTN leva sem-teoria estrutural: a RTN deve-se tanto ao sadismo do pre a marca do triunfo e da derrota.

superego como ao masoquismo do ego; se aquele tem a ver principalmente com o sentimento (inconsciente) de culpa, este se refere ao masoquismo moral que, no fim das AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS

contas, é a versão egóica da culpa. Em seus escritos posteriores, Freud voltou ao tema em várias oportunidades.

Freud descreveu a RTN em 1923, mas a descobriu Em O mal-estar na cultura (1930a), Freud entende a antes, e é fácil notar, por outro lado, que os psicanalistas civilização com a perspectiva da luta entre eros e tãatos.

da segunda década do século XX percebiam com nitidez. A agressão, diz no final do Capítulo VI, é uma disposição em alguns de seus pacientes essa conduta singular que instintiva original no ser humano e constitui o maior im-somente na década seguinte haveria de ser tipificada.

pedimento no desenvolvimento da civilização. A civiliza-Em “Recordar, repetir e reelaborar” (1914g), por ção é um processo que está a serviço de eros, cuja tendên-exemplo, Freud refere-se às inevitáveis pioras durante o cia é unir e combinar os homens entre si em famílias, po-tratamento e adverte que a resistência do paciente pode vos e nações; porém, o instinto agressivo, próprio da na-utilizá-las para seus propósitos. Nesses comentários há, tureza humana, opõe-se ao programa civilizador, colocan-sem dúvida, uma referência ao conceito, porém não é cla-do o homem contra todos os homens, e todos os homens ra, como quando aparece no Capítulo VI, “A neurose ob-contra ele.

sessiva”, do “Homem dos Lobos”.¹ Ali, Freud assinala que, No capítulo seguinte, Freud expõe o método a seu aos 10 anos, e graças à influência de seu preceptor ale-ver mais importante para inibir a agressividade humana mão, o paciente abandonou a prática da crueldade com inata, que é introjetá-la, internalizá-la, mandá-la de volta pequenos animais, não sem antes reforçar por um tempo para onde se originou, isto é, para o ego. Uma parte do essa tendência. E Freud acrescenta: “Também no trata-ego a toma para si e, convertida em superego, coloca-se mento analítico comportava-se de igual modo, desenvol-frente ao resto e ameaça-o com a mesma hostilidade que vendo uma ‘reação negativa’ passageira; após cada solu-antes esse ego dirigiu contra os demais. A tensão entre o ção terminante, tentava, por um breve lapso, negar seu severo superego e o ego que a ele se submete chama-se de efeito mediante uma piora do sintoma solucionado” (AE, sentimento de culpa, que se exterioriza como necessidade v.17, p. 65).

de castigo.

Em 1919, Abraham abordou o mesmo tipo de pro-O Capítulo XXXII das Novas conferências de introdu-blemas em um artigo admirável, intitulado “Uma forma ção (1933a), que trata da angústia, confirma a definição particular de resistência neurótica contra o método psica-de 1923 e diz que as pessoas em que o sentimento de nalítico”. Sua reflexão endereça-se à dificuldade especial culpa é extremamente forte exibem no tratamento analíti-de alguns pacientes que não podem assumir seu caráter co a RTN frente a cada progresso do tratamento.

de tais e que permanentemente questionam e desconhe-Quando, no final de sua longa investigação, Freud cem a função do analista. Abraham diz, graficamente, que escreve “Análise terminável e interminável” (1937c), vol-essas pessoas não podem compreender que a finalidade ta a assinalar a importância do sentimento de culpa e da necessidade de castigo entre os fatores que dificultam o bom êxito da análise e podem torná-la interminável. Men-1

ciona ali novamente o masoquismo, a RTN e o sentimento O historial foi publicado em 1918; porém, como se sabe, Freud redigiu-o em 1914.

de culpa para concluir que já não é possível continuar afir-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 411

mando que os fenômenos psíquicos encontram-se exclusi-em jogo, como o próprio Abraham disse em outros traba-vamente dominados pela tendência ao prazer. “Esses fe-lhos da mesma época.

nômenos apontam de maneira inequívoca para a presen-Horney define, pois, duas características fundamentais: ça na vida anímica de um poder que, por suas metas, chamamos de pulsão de agressão ou destruição e que deriva-1. que se deve estudar a RTN com referência ao demos da pulsão de morte originária, própria da matéria ani-senvolvimento da tarefa analítica e, em especial, mada” (AE, v. 23, p. 244).

a como o paciente responde à interpretação; Vemos, portanto, que Freud mantém ao longo de sua 2. que o conceito deve ficar circunscrito às piores obra suas idéias do começo, mas inclina-se cada vez mais injustificadas e inesperadas.

a entender a RTN como uma expressão do instinto de morte.

Talvez a palavra mais precisa para descrever o fenô-
meno seja paradoxal.

Nem sempre é fácil, por certo, decidir se a resposta OS DOIS
TRABALHOS DE 1936

do paciente é lógica ou paradoxal. Nunca as coisas na clí-

nica são esquemáticas, mas, de qualquer modo, o que Em 1936,
aparecem os trabalhos de Karen Horney e concerne substancialmente

ao espírito da RTN é que trans-de Joan Rivière sobre a RTN, os quais contêm contribui-forma o bom em mau. Deve-se deslindar, então, frente a ções significativas.

uma piora determinada, o que há de lógico nesse retroEm “The problem of the negative therapeutic reac-cesso e o que há de paradoxal. É lógico que, quando o tion”, Horney assinala, em primeiro lugar, que não se deve analista revela-lhe algo desagradável, o analisando aumen-confundir a RTN com qualquer retrocesso no tratamento te sua resistência e sua hostilidade. No entanto, essa reapsicanalítico. Essa é, a meu ver, uma precisão importan-

ção não está fora do esperado nem para o analista nem te. Quando a esquecemos, o conceito dilui-se e esquece-para o analisando e, além disso, o avanço persiste, não se a clara postulação freudiana. Por definição, o trata-fica anulado, embora a resistência possa ter aumentado mento psicanalítico avança e retrocede, situa-se sempre transitoriamente. O paciente pode rechaçar a interpreta-na dialética de progressão e regressão: mal se poderia ção ou considerá-la errônea ou agressiva, sem que, por dizer, então, que todo retrocesso é uma RTN se dizemos isso, anule necessariamente o que lhe foi interpretado. Na que o processo analítico necessita da progressão e da re-RTN, em troca, a interpretação é reconhecidamente eficaz gressão. Portanto, não podemos fundamentar o conceito em um primeiro momento, mas depois opera em sentido de RTN no fato de que o analisando piora. A característi-contrário. A diferença é notória, o que não impede que, ca que Karen Horney salienta, seguindo Freud (e que de-frente ao material clínico, possa ser difícil estabelecê-la.

pois será retomada por Melanie Klein), é que se trata de Às vezes, as duas formas de reação coincidem, superpõem-uma piora paradoxal, que sobrevém no momento em que se; então, será preciso pesar a porcentagem de uma e de deveria haver um progresso ou, mais ainda, como ela outra. Se o analisando sente-se ferido porque lhe interprópria sublinha, no momento em que sobreveio um propretaram a homossexualidade, sua tendência ao roubo ou gresso.

seus desejos incestuosos, sua reação negativa é com-Outra contribuição de Horney é que centra seu estu-preensível, e a tarefa do analista não será tão difícil; con-do na resposta do paciente à interpretação. Isto tem a ver sistirá, de certo modo, em lhe dar tempo para que vá ela-com a forma com que pessoalmente caracterizo a RTN, borando sua resistência, como dizia Freud em 1914. No algo que depende dos sucessos. A RTN só é possível quan-outro caso, a atividade interpretativa deve ser mais definido a tarefa foi cumprida,

quando há uma conquista. É

da e precisa, porque estamos diante de um problema mai-importante destacar que essa conquista é reconhecida, em or. Em outras palavras, a RTN não tem a ver com o con-geral, por ambas as partes; porém, o decisivo é que o paci-teúdo da interpretação, mas com seu efeito. Essa diferen-ente a reconhece como tal de algum modo, dizendo expli-

ça é, para mim, decisiva.

citamente que a interpretação é correta, ou de forma im-plícita, porque tem uma sensação de alívio ou porque registra uma mudança positiva. É justamente a partir desse OS IMPULSOS AGRESSIVOS NA

momento de alívio e progresso que começa uma crítica REAÇÃO
TERAPÊUTICA NEGATIVA

demolidora por parte do paciente, que leva às vezes quase instantaneamente a uma situação paradoxal: o que um Vimos que a reflexão freudiana foi aproximando-se momento antes havia aliviado torna-se agora uma porca-gradualmente de uma concepção mais pulsional da RTN, ria; e deve-se dizer com esses termos não muito acadêmi-sem por certo se desdizer de sua primeira explicação escos porque, na realidade, como afirmou Abraham (1919a), trutural (sentimento de culpa). Horney toma o mesmo ca-o sadismo anal está muito ligado a esse tipo de crítica minho quando estuda, em seu ensaio, as raízes pulsionais demolidora. O instrumento que transforma o sucesso em da RTN.

desastre é principalmente o sadismo anal, embora certa-Horney pensa que a RTN germina em um certo tipo mente ninguém discuta que o sadismo oral também esteja de pessoa, não em todas, e são aquelas em que predomi-

412 R. HORACIO ETCHEGOYEN

nam o narcisismo e os traços sadomasoquistas, o que con-negação da realidade psíquica (e, por conseguinte, da ex-diciona uma resposta distorcida frente à interpretação, que terna), o desprezo e o controle do objeto. O conceito que as leva a competir com o analista. São pacientes que têm reúne todos esses instrumentos da defesa maníaca é a oni-muita rivalidade e rivalizam com o analista, um traço potência com seu corolário inevitável, a negação da de-caracterológico já estudado por Abraham em seu ensaio pendência.

de 1919, que o remetia à inveja e ao sadismo anal.

Com esses instrumentos conceituais, Rivière pode Junto à intensa rivalidade, e dependendo em gran-dizer, com razão, que todas as características que Abraham de medida dela, esses pacientes são muito sensíveis a expôs podem ser remetidas à defesa maníaca: o controle tudo o que possa lesar sua auto-estima e aumentar seu onipotente do analista e da análise, a negativa a associar sentimento de culpa. Por isso, tendem a sentir a inter-livemente, o rechaço das interpretações, sua atitude de pretação como algo que os diminui ou os acusa. Cumpre-desafio contumaz e obstinado, sua pretensão de superar o se neles a regra geral segundo a qual a falta de auto-analista e até de analisá-lo. Além disso, a defesa maníaca estima e o sentimento de culpa potencializam-se mutua-explica cabalmente o egoísmo, a falta de gratidão e a mes-mente. Daí a sentir-se rechaçado e mal-compreendido não quinhez dessas personalidades.

há mais que um passo.

Rivière pensa que a defesa maníaca e o controle oniO corolário dessa estrutura caracterológica comple-potente do objeto procuram evitar a catástrofe depressiva xa é que o progresso e o triunfo implicam um risco grande e que, independentemente de sua atitude de desafio e demais. O paciente teme despertar a rivalidade dos de-hostilidade, esses pacientes buscam não curar a si mes-mais se progride e sente-se desprezado se fracassa.

mos, mas a seus objetos internos, lesados por seu egoís-mo, sua voracidade e sua inveja. Ao oferecer curá-los, a análise converte-se em uma sedução, convida-os para uma REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA

traição, a deixar-se levar uma vez mais pelo egoísmo e E POSIÇÃO DEPRESSIVA

despreocupar-se dos objetos de seu mundo interno. Para Rivière, a incongruência da RTN fica explicada pela conO outro grande trabalho de 1936 é o de Joan Rivière, tradição paradoxal entre o egoísmo manifesto e o altruí-

“A contribution to the analysis of the negative therapeutic mo inconsciente (1936a, p. 316).

reaction”, que se apóia resolutamente na teoria da posi-Em resumo, podemos sintetizar as contribuições de ção depressiva, formulada por Melanie Klein no Congres-Joan Rivière dizendo que a RTN opera como uma forma so de Lucerna de 1934.2 Rivière pensa que as

propostas de controle para evitar a catástrofe da posição depressiva, teóricas de Klein ajudam a compreender esses pacientes e e devemos entender esse controle como o instrumento permitem-nos ser mais otimistas ao abordá-los, uma vez básico da defesa maníaca para manter um determinado que nos seja possível compreender em que consiste essa statu quo, cuja ruptura precipitaria a temida irrupção dos ominosa severidade do superego.

sentimentos depressivos.

O propósito de Rivière é falar dos casos especialmente refratários à análise e que são, para ela, as neuroses de caráter graves; nesse ponto, inspira-se no já muitas vezes O PAPEL DA INVEJA

mencionado ensaio de 1919. Trata-se, então, de pacientes narcisistas, extremamente suscetíveis, que se sentem feri-Depois dos dois trabalhos de 1936, o tema da RTN

dos com facilidade e que, com uma máscara de colabora-passou a ser reconhecido e considerado pelos analistas.

ção amistosa eivada de racionalizações, opõem-se e desa-Ele aparece freqüentemente nos trabalhos de teoria e de fiam constantemente o analista e seu método.

técnica, se bem que não surgiram estudos especiais de gran-Desse modo, todo o trabalho de Joan Rivière se ocu-de envergadura por muitos anos, até os de Klein em Envy pará das resistências narcisistas de Abraham ou da resis-and gratitude (1957).

tência do superego de Freud, ou seja, do sentimento de No Capítulo 2 de seu livro, Klein diz que a inveja e as culpa, a partir da teoria dos objetos internos e da posição defesas contra ela desempenham um papel importante na depressiva. A RTN perde, assim, algo de sua especificidade RTN (Writings, v. 3, p. 185). Remetendo-se estritamente à clínica; contudo, de uma forma ou de outra, o que diz primeira definição de Freud, e do mesmo modo que Karen Rivière lhe é aplicável.

Horney, Klein assinala claramente que a RTN deve ser es-O ponto de partida da investigação de Joan Rivière é tudada em função da resposta do paciente à interpreta-que, nos pacientes que apelam para a RTN, a posição ção. O distintivo da RTN é, primeiramente, um momento depressiva é particularmente intensa, o que os leva a de-de alívio, após o qual começa, imediatamente ou pouco envolver ao máximo a defesa maníaca com seu cortejo de depois, uma atitude que

anulará o sucesso obtido. Uma paciente que sempre me criticava por um erro que certa vez cometi, quando acertava uma boa interpretação (o que às vezes ocorria!) e sentia alívio, imediatamente dizia: 2 Rivièrè leu seu trabalho em 1o de outubro de 1935 na Sociedade

“Enfim você disse algo como gente! É a primeira vez que Britânica e publicou-o no ano seguinte no International Journal.

abriu a boca para algo importante. Porque você fica cala-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 413

do toda a vida, e essa interpretação há anos que deveria objeto narcisista, a ação erosiva da inveja e o sentimento ter-me dado, que eu a estava esperando. E somente agora de culpa que tudo isso provoca. Se podemos conjugar em você veio a se dar conta”. Era chamativo e até mesmo pa-uma interpretação esses três fatores (e outros, como os tético vê-la repetir com frequência, estereotipadamente, que estudaremos adiante), pode-se começar a abrir uma quase com as mesmas palavras, o mesmo comentário, e brecha nessa situação difícil, que se move sempre com era penoso ver como assim se desvanecia, em poucos mi-muita lentidão.

nutos, o insight recém-conquistado. Por outro lado, a reiteração de sua crítica não lhe servia em nada de advertência e formulava-a sempre como se fosse a primeira vez.

REAÇÃO TERAPÊUTICA

Comentários como esse frente à interpretação que NEGATIVA E LETARGIA

aliviou são, para Klein, típicos da RTN. Nossos pacientes criticam-nos por variadas razões e, nem é preciso dizer, às Contemporâneos aos trabalhos de Klein sobre a in-vezes justificadamente; todavia, quando sentem necessi-veja são os de Fídiás R. Cesio, em Buenos Aires, sobre a dade de desvalorizar o trabalho analítico que, segundo RTN. Em 1956, Cesio apresentou um caso de RTN no qual sua própria vivência, ajudou-os, é porque a inveja está pre-chamava a atenção o frio que a analisanda sentia nas ses-sente (ibid., p. 184).

sões, que às vezes era continuado por letargia e sono, pa-Desse modo, Klein circunscreve com precisão o cam-ralisando-se literalmente os esforços terapêuticos do ana-po de ação da inveja na RTN, discriminando o ataque in-lista. Essa paciente morreu, depois, de um ataque de veioso da crítica construtiva do analisando. Essa diferença

eclâmpsia em que seu filho foi salvo, cumprindo-se quase é fundamental e nem sempre é fácil estabelecê-la. Na reatua desejo expresso muitas vezes por ela, que queria dar vida, quando uma pessoa responde a uma interpretação sua vida pelo filho. Na história clínica dessa paciente, ha-

ção, aceitando-a plenamente e queixando-se de que só via sido decisivo o suicídio do pai, quando ela tinha 5 anos, agora o analista deu-se conta, este tende, em princípio, a e Cesio entendeu a letargia como a identificação com o luto da razão, a pensar que realmente deveria ter-se dado cadáver que continha em seu inconsciente. Na mesma época antes, o que sempre está, além disso, absolutamente, Cesio (1957) havia estudado a letargia na transferência certo. Um analista cabal tem de estar sempre disposto a ela e sua projeção no analista, que se vê invadido pela aceitação em seu foro íntimo as críticas de seu paciente. Os modos e pela sonolência.

pacientes raras vezes nos criticam e sempre têm muitas Quando volta ao tema em 1960 (primeira e segunda dificuldades para fazê-lo. Por isso, toda crítica do paciente partes), Cesio formula sua tese principal: a existência de deve ser atendida e, sem misturar masoquismo nisso, aliena objetos letárgicos no inconsciente dos pacientes que aprendida. Entretanto, isso cria uma situação muito especial, sentam a RTN. Esse objeto letárgico equivale, para Cesio, porque justamente a crítica da RTN não é a que se chama ao núcleo psicótico e também ao ego pré-natal do sujeito.

de construtiva, esconde por definição um ataque invejoso.

Para esse autor, a letargia é um estado de morte aparente Nem sempre é fácil, para nós, resgatar-nos dessa crítica dentro de um mundo interno destruído e venenoso.

sem sufocar a sua rebeldia ou a crítica justa do paciente, O ego desses pacientes esforça-se em manter a letargia não é, tampouco, impossível. Esse é um tema de técnica de seus objetos e opera da mesma forma sobre o analista e de ética analítica muito delicado, do qual Melanie lista. Controlado permanentemente, como dizia Joan Klein fala um pouco em Envy and gratitude.

Rivière (1936a), o analista termina por sentir-se como A investigação de Klein sobre a RTN prossegue, como morto e letárgico. Explica-se também, dessa maneira, que ela própria diz, os descobrimentos de Freud desenvolvi-esses pacientes aderem-se literalmente ao analista, que dos depois por Joan Rivière e, embora seja certo que, ao agora

representa para eles seus objetos primários.

colocar no centro de sua reflexão a inveja, pareça inclinar-Já que o objeto letárgico contém os impulsos mais se (como o Freud de 1937) por uma explicação meramen-destrutivos do sujeito e representa seu núcleo psicótico, te pulsional, salta à vista que a relação de objeto ocupa compreende-se que, cada vez que a análise mobiliza essa um lugar decisivo em sua explicação, como é de regra em estrutura, os componentes destrutivos incidam sobre o ego sua obra. Isto é importante porque, na realidade, se leva-e o coloquem em grave perigo (1960, p. 14). Cesio consi-mos em consideração somente a inveja, a inveja como dera, como o Freud dos últimos anos, que o instinto de impulso, e procuramos interpretar simplesmente nesses morte desempenha um papel de primeira magnitude nes-termos, a RTN tende a se aprofundar, em vez de ceder.

ses pacientes: uma parte do instinto de morte está contida Joan Rivière adverte-nos com razão que a insistência na no objeto letárgico e outra no ego que torna letárgicos os transferência negativa conduz, com toda certeza, ao pon-objetos (e o analista), tema que desenvolve mais detida-to morto da RTN (1936a, p. 311). O que se deve interpretar na segunda parte desse trabalho, assinalando a co-tar, na realidade, é a conjunção sutil de uma relação de nexão entre o instinto de morte e a anialidade.

414 R. HORACIO ETCHEGOYEN

56

Reação Terapêutica Negativa (II)

PERSPECTIVA HISTÓRICA

Rivière,¹ ao mesmo tempo que complementa o Freud de 1937, quando enlaça a teoria da inveja primária com o No capítulo anterior, começamos a estudar a reação instinto de morte.²

terapêutica negativa, seguindo o caminho que vai desde O ego e o id até as contribuições de Melanie Klein. Incluí-

mos, igualmente, as primeiras referências de Freud em ALGUMAS PRECISÕES METODOLÓGICAS

“Da história de uma neurose infantil” e detivemo-nos no ensaio de Abraham, ao qual atribuímos uma influência Antes de seguir adiante com os estudos que vêm de-relevante.

pois de Klein, vale a pena nos determos um pouco para De acordo com o enfoque integrador de um recente lembrar que estamos estudando as vicissitudes do proces-trabalho de Limentani (1981), é interessante assinalar que so analítico, depois de nos haver ocupado do próprio pro-nessa história da RTN nota-se um fenômeno singular, que cesso. Dissemos que há fatores que impulsionam o proces-nem sempre se dá no desenvolvimento do conhecimento so, como o insight e a elaboração, e outros que o obstacu-psicanalítico: os conhecimentos foram somando-se, não lizam: o acting out, já estudado; a reação terapêutica ne-se contrapondo. A primeira explicação de Freud, de que a gativa, da qual estamos ocupando-nos, e a reversão da reação terapêutica negativa tem a ver com um sentimento perspectiva, que será nosso próximo tema.

de culpa que surge de um superego muito severo, contiDo ponto de vista metodológico, é importante classi-nua vigente como em 1923. A isso se acrescenta o que ficar essas três modalidades defensivas como conceitos téc-Freud diz um ano depois, já imbuído pela idéia do instinticos e não psicopatológicos, porque, se não estabelecermos to de morte, a respeito do masoquismo primário. A nova essa discriminação, podemos cair em erro ou confusão.

idéia não se opõe, por certo, à anterior, mas sim a Um trabalho excelente como o de Joan Rivière, por exem-complementa, já que, em geral, quando se tem um supere-plo, incorre nesse erro por momentos, quando superpõe o go que se maneja com severidade excessiva, tem-se tam-estudo da RTN com as caracteropatias severas, que não é bém um ego masoquista que se submete a ele e busca o mesmo: estas correspondem à psicopatologia, aquela à apaziguá-lo. O fracasso sempre finca suas raízes no ma-técnica. Não há dúvida de que há uma conexão entre soquismo moral.

ambas, porque a RTN ocorre, predominantemente, em Se seguirmos adiante e considerarmos os dois arti-pacientes com graves perturbações caracterológicas, mas gos de 1936, veremos que ampliam sem recusar o que ela pode ser encontrada também em outras formas noso-Freud já havia visto. O próprio Freud mencionava em 1923

gráficas. Quando Hanna Segal (1956) estuda a depressão concretamente a rebeldia, o narcisismo e o benefício se-no esquizofrênico, mostra convincentemente que a intole-cundário da doença; porém, conseqüente com sua linha rância à dor depressiva pode pôr em marcha uma reação de investigação nesse contexto, afirmava que o sentimen-terapêutica negativa, vinculada à vivência de

progresso to de culpa é o fator mais importante. Horney volta a ressaltar que a paciente havia tido. A paciente retrocede (RTN) e, por a forte rivalidade desses pacientes e seu medo de que, com isso, projeta sua dor na analista e a faz sentir um se progredirem, desencadeiem a inveja dos outros, enquando grande desalento: “Está louca de novo”, etc. Esse caso ilustra o Rivièr enlaça o sentimento de culpa com o altruísmo tra que, embora a reação terapêutica negativa predomine inconsciente e uma grande labilidade frente à posição nas neuroses graves de caráter, também é encontrada em depressiva, descrita por Klein, que aumenta excessivamente outras doenças.

as defesas maníacas.

Assim como Freud utilizou a RTN para fundamentar a idéia do superego e a teoria estrutural, Klein a empregará depois para ilustrar a ação da inveja. Tampouco 1 Ver a página 360.

esse trabalho opõe-se aos anteriores, mas soma-se aos 2 Ver Etchegoyen e Rabi, “As teorias psicanalíticas da inveja”

fatores descobertos por Freud e depois desenvolvidos por (1981).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 415

O acting out, a RTN e a reversão da perspectiva não deveríamos deixar-nos enganar por sua aparente figurar uma classe de fenômenos que formam um con-racionalidade.

junto complexo de respostas, às quais convém o nome de Outro indicador importante para mim é a confusão.

estratégias do ego (Etchegoyen, 1976), porque são muito Melanie Klein ressaltou em seu livro de 1957 que a inveja mais complicadas do que as táticas ou técnicas defensi-produz confusão, porque não permite discriminar entre o bom e o mau; são operações que têm uma finalidade ulterior, não objeto bom e o mau, uma contribuição de grande envergadura imediata.

gadura. Refiro-me à confusão como indicador. Aqui, no-Enquanto o acting out impede o desenvolvimento da tarefa se deverá tomar as precauções recém-menciona-tarefa, para evitar a experiência dolorosa do insight e a das. Se faço uma interpretação que me parece ter acerta-reversão da perspectiva, questiona o contrato analítico; do em cheio, e o paciente diz que não a entendeu, a primeira RTN a tarefa realiza-se, e o insight consuma-se, mas minha coisa que penso é que não terei sido claro, porque sobrevém depois uma resposta que leva

esses avanços para não sou tão vaidoso a ponto de pensar que sempre me trás. Mais adiante, voltaremos a comparar a RTN com o expresso bem. Mas também, nesse sentido, procuro não acting out, porém assinalemos agora que no acting out o pecar por ingênuo, porque o mais comum nesses casos é analisando afasta-se do objeto (seio, analista), buscando que, quando se volta a dar a interpretação, procurando algo que o substitua, e na RTN se reconhece, em princípio, torná-la mais clara, o paciente não a aceite por outros que o objeto está ali. Esse reconhecimento implica uma motivos.

conquista, implica que algo foi recebido, e então se ataca Outro fator é a convicção. Não digo que, se um pa-o que se recebeu. No momento em que alguém reconhece ciente não tem convicção do que lhe interpretamos, está que recebeu algo e começa uma manobra para reverter expressando sua reação terapêutica negativa, porque isso essa situação, constitui-se a RTN. Disso decorre que a rea-novamente me colocaria no epicentro da onipotência. Digo ção terapêutica negativa associe-se à culpa. No acting out, que, muitas vezes, esse tipo de pacientes dizem que sim, em troca, mal se pode sentir culpa, diz-se que operou a que a interpretação é certa, mas não ficam totalmente con-partir da frustração, da ausência do objeto. Por isso, o psi-vencidos. Quando o paciente diz que a interpretação não copata, que tende a se defender com o acting out, não o convence, isso já implica algum conflito, porque o que o reconhece em absoluto sua culpa.

analista diz não é para convencê-lo, e sim para informá-

lo. Se o paciente diz que a interpretação não o convence, há algo que chama a atenção, porque poderia dizer que ELEMENTOS
DIAGNÓSTICOS

não está de acordo, que a interpretação parece-lhe equivocada ou que sofre de uma falha lógica. A idéia de que o No diagnóstico da RTN, são importantes os indica-analista quer convencê-lo implica, na maioria das vezes, dores, tanto mais que, por sua própria natureza, a RTN

um forte conflito: o paciente está atribuindo ao analista pode passar despercebida. Às vezes, é necessário estar uma intenção que não convém à nossa técnica.

muito atento para detectar em que momento o analisando reconhece a ajuda recebida e começa a desvirtuá-la.

Melanie Klein sublinha que as críticas a uma interpreta-FUNÇÃO DOS

OBJETOS INTERNOS

ção que produziu alívio devem fazer-nos presumir a reação terapêutica negativa, mesmo no caso de que essas cri-

Creio que atualmente compreendemos melhor não ticas tenham vislumbres de realidade. Como diz o ditado, só a luta das tendências de vida e morte na RTN, mas a cavalo dado não se olham os dentes. Se o analista conse-também a função dos objetos do self.

guiu aliviar a angústia do paciente, ou resolver seu confli-Nesse sentido, é valiosa a investigação de Rosenfeld to, dizer-lhe por que não o fez antes, por que demorou, ou (1971, 1975a e b), que parte de uma dissociação do self criticar a forma como se expressou, por mais que essas em onipotente-narcisista e dependente-infantil. Com base reflexões sejam justas, o mais provável é que expressem a nesse esquema, parecido com o de Fairbairn (1944), do reação terapêutica negativa, um ataque invejoso ou o que ego libidinal e do sabotador interno (ego antilibidinal) e for. Isto não quer dizer que se interprete, pura e simples-que também remete às idéias de Meltzer (1968) sobre o mente, ao paciente seu ataque invejoso. O grande perigo tirano, surge uma dramática divisão entre o self infantil e de utilizar com muita generosidade o conceito de RTN é o self narcisista.

reforçar nossa onipotência. De qualquer modo, Melanie Posteriormente, ao estudar o acting out no Congres-Klein insiste muito nesse fato fenomenológico, a vivência so de Helsinque, Gaddini (1981) propõe uma divisão si-de alívio, o sentimento de que a interpretação aliviou, que milar do aparelho psíquico entre o self onipotente e o ego.

esclareceu algo para o sujeito. O mesmo pode ser aplicado Se de imediato se torna visível o progresso, o ego “tende a ao juízo do paciente sobre o andamento da análise. O que mostrar a seus poderosos inimigos internos que o que sur-vem depois, quanto a críticas à interpretação, deve ser to-giu não é certo”, com o que se constitui uma típica RTN

mado como um indício de reação terapêutica negativa.

(Gaddini, 1981, p. 1136).

Ainda que por razões éticas ou por motivos estratégicos Para Rosenfeld, no self infantil está colocada a capa-possamos atender essas objeções ou críticas sem evitá-las, cidade de amor e, o que é o mesmo, a dependência, pois,

à medida que reconhecemos a existência de um objeto lista excluído; a tarefa deste vê-se extremamente difícil-amoroso, estamos imediatamente em uma situação de de-tada.

pendência frente a ele, seja qual for a relação que exista entre esse objeto e nós. Na outra parte, no self narcisista, estão acantonadas a inveja e a destrutividade.

DEFESAS MANÍACAS E ATAQUES MANÍACOS

Essa estrutura dual do sujeito cristaliza-se no processo analítico, em uma luta permanente entre as reiteradas Quando retoma a investigação de Rivièrre, em seu tra-tentativas do analista de tomar contato com a parte infan-balho de 1975, Rosenfeld estabelece uma precisão impor-til que é capaz de dependência (e, portanto, de colabora-tante quanto ao valor das defesas maníacas na RTN. A ção) e os ataques concretos que o self narcisista dirige con-mania não é somente um método de defesa, como a contra o analista e contra o self infantil.

cebe Rivièrre, que o paciente mobiliza energicamente para Em seu trabalho para o Congresso de Viena de 1971, evitar a catástrofe depressiva, a culpa e a desolação. É tam-Rosenfeld segue a linha que, a partir de Abraham (1919) bém um método endereçado a atacar o objeto. Por isso, e Reich (1933), conecta narcisismo, agressão e resistên-Rosenfeld fala, assim como Betty Joseph (1971, 1975) e cia, assim como as idéias de Klein (1946) sobre a disso-outros autores pós-kleinianos, de defesas e ataques maníacição originária do objeto e do self e o papel da inveja cos. Nesse sentido, o sentimento de culpa fica explicado primitiva que, como se sabe, essa autora leva até o comenão apenas pelos pretéritos ataques aos objetos edípicos e ço da vida, à relação do bebê com o seio da mãe. Essa pré-edípicos da infância distante, mas também pelos que inveja do objeto bom que dá, e porque dá, surge na trans-agora se consumam contra o analista, uma vez que os referência por meio das manifestações mais díspares e mui-presenta na transferência, e até mesmo contra o analista to tipicamente – como já vimos – como RTN. Além de ou-real que está ajudando o sujeito. Digamos, ainda, que esse tros motivos mais sutis, complexos e indiretos, é evidente sentimento de culpa assenta-se substancialmente no self que a teoria da inveja primária oferece uma explicação infantil libidinal e provém de duas fontes, do ataque pre-consistente frente a essa resposta paradoxal de uma pes-dominantemente invejoso do self destrutivo, onipotente e soa que

reconhece ter recebido um benefício e, no entanto narcisista, e também do self infantil que, por temor ou por to, responde negativamente.

ciúmes, deixa-se seduzir por ele e acompanha-o. Em ou-O self narcisista apresenta-se para Rosenfeld através das palavras, o sentimento de culpa e a necessidade de se organizar, como um bando delinquente e poderoso castigo são melhor compreendidos da perspectiva dessa que, com ameaças e propaganda, mantém escravizado o dupla estrutura do self.

self infantil. Cada vez que este quer expressar-se ou preNão é, pois, a inveja (ou a agressão em geral) nem o tende liberar-se, volta a aparecer a patota ou a máfia que sentimento de culpa o que explica alternativa ou excluden-o submete e o esmaga. Assim se configura a dramática da temente a RTN, mas a ação conjunta de ambos, enquanto RTN, assim fica fustigada e anulada a relação de depen-o sentimento de culpa surge dos ataques ao objeto por dência e amor do self infantil com o analista. Desse modo, inveja, ciúmes, rivalidade ou o que seja. Os ciúmes, a incomo diz Meltzer nas primeiras páginas de *The psycho-veja* e a rivalidade germinam, por sua vez, na estrutura analytical process (1967), o tratamento consiste verdadei-narcisista e na falta de auto-estima, que se potencializam ramente em uma operação difícil e arriscada de salvamen-reciprocamente.

to. Por isso, Rosenfeld diz que “é essencial ajudar o pa-Em resumo, narcisismo, inveja e sentimento de cul-ciente a encontrar e resgatar a parte dependente e sadia pa formam um conjunto em que cada fator ocorre em fundo self da armadilha em que está dentro da estrutura ção dos outros. Joan Rivière insiste, com razão, em que o psicótica e narcisista, já que nessa parte se encontra o vín-paciente teme cair em uma situação de dependência, mas culo essencial da relação positiva de objeto com o analista não nota que a culpa está vinculada justamente ao rechaço e o mundo” (1971, p. 175).

dessa dependência, com um permanente ataque invejoso Desse modo, a explicação personalística de Rosenfeld ao objeto. Isto é surpreendente, se levamos em conta que não apenas integra validamente as diversas investigações quatro anos antes, em “Jealousy as a mechanism of já estudadas sobre a RTN, mas também nos permite ser defense”, Rivière havia desmascarado com admirável pre-mais equânimes em sua interpretação: podemos ver a incisão a inveja que pode estar por trás dos ciúmes.

veja, o masoquismo e o narcisismo, bem como o amor, os ciúmes e a culpa, chegar até o altruísmo inconsciente e, por fim, alcançar o amor,

esse amor “profundamente en-SELF NARCISISTA E SUPEREGO

terrado”, que com tanta paixão e paciência Joan Rivière buscava.

Rosenfeld revisa as explicações freudianas de 1923 e Um dos artifícios de que se vale o self narcisista para 1924, procurando desligar do superego os ataques do self que o self infantil ponha-se a seu lado é justamente fazê-

narcisista contra o self infantil e o objeto, o que me parece lo sentir ciúmes, porque os ciúmes são, por definição, um tanto artificial e discutível. Na realidade, é muito difí-

atributo do self infantil; a inveja, porém, pertence antes cil deslindar se a boa interpretação é atacada porque inju-de tudo ao self narcisista. Quando o self narcisista e o self ria o narcisismo do ego ou porque o superego diz ao ego infantil unem-se em uma dupla perversa, que deixa o ana-que não a merece, que não merece o bem que lhe é dado.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 417

Isto tem relação com a alternativa proposta por Freudvolvimento precoce, a qual proporemos a seguir, ao falar sobre o ego masoquista e o superego sádico e com o que dos trabalhos de Limentani e de Ursula Grunert.

Bion chama, nos últimos capítulos de Learning from experience (1962b), de super-superego, uma instância que não quer conhecer a verdade e nega o conhecimento e a OS PERIGOS DE ESTAR SÃO

ciência com base em uma moral que não se baseia em nada. O super-superego de Bion está muito próximo, em A linha de pensamento que até agora seguimos parte meu entender, do self narcisista: quando o self narcisista do princípio de que o progresso, a saúde e o alívio são um assume, de maneira falaz, um caráter moral para atacar o bem que o analisando rechaça. Cabe perguntar-se, entre-ego, estaríamos nessa condição. Em outras palavras, quan-tanto, se esses “bens” não podem ser algo mau para quem do dizemos que o self narcisista ataca o self infantil, temos os recebe. Isto é proposto, entre outros autores, por a impressão de que estamos longe de um funcionamento Limentani (1981), que já havia assinalado o lado bom do superegóico, de uma instância moral, mas é que esse ata-acting out. O escrito de Limentani é colocado sob a tutela que sempre, ou quase sempre, reveste-se de um caráter de uma bela frase de T. S. Eliot em The family reunion: ético, moral (a ética delirante), com o que já estamos den-

“Restoration of health is only the incubation of another tro da função superegóica. A divergência, pois, depende malady”.* E nós, céticos argentinos, não dizemos que às de que queiramos sublinhar um fator ou o outro.

vezes o remédio é pior que a doença?

Limentani, então, propõe-se a investigar os aspectos da RTN que servem para revelar os temores profundos CRÍTICAS, IDEALIZAÇÃO

que a saúde pode significar para certos pacientes. Sem E CONTRATRANSFERÊNCIA

deixar de lado que a RTN indica que algo anda mal na situação analítica, é inegável também que se trata de uma Já dissemos que a análise adequada das críticas do síndrome complexa, de múltiplas causas, entre as quais paciente abre uma via de abordagem à inveja latente. Di-cabe mencionar o sentimento de culpa, a necessidade de gamos, agora, que essa via é bastante difícil, porque nos castigo, o narcisismo, a depressão, a rivalidade e a inveja, faz correr dois perigos, em vez de um: não reconhecer o o instinto de morte, a tendência regressiva à fusão simbió-

que há de certo nas críticas que nos são formuladas e, ao tica com uma mãe absorvente, etc.

contrário, para aceitá-las e tolerá-las, terminar por apazi-Limentani apresenta dois casos clínicos em que re-guar o paciente. Ambos os erros conduzem ao mesmo, a gistra a lista inteira dos fatores anteriormente citados, que se estabeleça um vínculo idealizado, em que a trans-embora pense que, finalmente, a fantasia dominante na ferência negativa fica uma vez mais dissociada. Nem sem-transferência tenha sido de fusão com a mãe, com um sen-pre se resolve a situação reconhecendo a parte de verdade timento de se sentir separado bruscamente do analista

“objetiva” que há na crítica do paciente, e ponho as aspas (1981, p. 387).

para recordar que nossa tarefa não é estabelecer a objeti-Baseado em sua experiência clínica, Limentani con-vidade dos fatos, mas procurar descobrir as fantasias do sidera que o paciente defende-se com a RTN de um perigo analisando para que ele mesmo decida sobre os fatos.

ou de uma ameaça e que, se nos ataca, é porque nesse É necessário levar sempre em conta – e bem em con-ataque está sua melhor defesa.

Totalmente de acordo com ta – que a teoria da inveja pode realmente ser utilizada Pontalis (1979), Limentani pensa que a RTN é uma forma pelo analista para fomentar no analisando a idealização, especial de acting out em que se repete uma experiência para negar suas próprias limitações e suas falhas. Uma traumática muito precoce, como a separação da mãe ou o boa técnica deve reconhecer as razões do paciente, não desmame. Como conclusão, Limentani sustenta que, nos apenas pelas inescusáveis exigências da ética, mas justa-casos mais graves, a RTN “é uma forma especial de acting mente para que a inveja apareça como deve aparecer, isto out da transferência na situação analítica, ao mesmo tem-

é, frente aos acertos do analista. Se o analista não reco-po que uma defesa pertinaz contra voltar a experimentar nhece suas falhas, pode interpretar como inveja o que é, a dor e o sofrimento psíquicos associados com um trauma na verdade, seu próprio erro. Vale a pena destacar aqui, infantil” (p. 389).

como verdade acaciana, que, se o analista não trabalha com suficiente acerto, a inveja não aparece e não tem por que aparecer!

SIMBIOSE E REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA

Por todas essas razões, compreende-se que a análise da inveja nunca é fácil, e menos a RTN, da qual já disseNa Terceira Conferência da Federação Européia, de mos que participam inúmeros fatores que se potencializam 1979, realizou-se uma reunião, denominada New perspec-e que se influenciam reciprocamente. Ao mesmo tempo, tives on the negative therapeutic reaction, em que falaram estou convencido de que a inveja é um fator necessário sobre o tema Ursula Grunert, Jean e Florence Bégoïn e para que se constitua a RTN e, por isso, nunca poderá ser Janice de Saussure.

deixada totalmente de lado em nossa estratégia interpretativa. Abre-se aqui uma polêmica apaixonante, que tem a ver tanto com a técnica quanto com as teorias do desen-

*N. de R.T. Em inglês, como no original.

418 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Ursula Grunert (1981) parte da teoria do desenvol-As idéias de Limentani, Gaddini e Ursula Grunert que vimento de Margaret Mahler, em termos de separação-acabo de expor partem das teorias do desenvolvimento de individuação. Se foram salvas suficientemente bem as di-Winnicott e Margaret Mahler, nas quais se considera que a

versas subfases do processo de separação durante os pri-ruptura da relação primitiva mãe-criança é um momento meiros anos da infância, não haverá uma verdadeira RTN

decisivo do desenvolvimento. Vale a pena sublinhar, por-durante a análise; porém, se o processo de separação não que sanciona um reconhecimento histórico, que José Bleger foi cumprido até chegar a um certo grau de constância havia chegado anteriormente às mesmas conclusões, quan-objetal, pode sobrevir esse temido inconveniente.

do publicou “La simbiosis” em 1961.³ Nesse trabalho, Bleger Para Grunert, a RTN representa uma tomada de dis-caracteriza a simbiose como o vínculo com aquilo que ele tância do paciente, o não transferencial que corresponde chama de objeto aglutinado, em um momento do desenvol-

às distintas fases do processo de separação, na medida em vimento anterior à posição esquizoparanóide de Klein, a que se reativa na transferência e pode expressar o desejo etapa glishrocárica. Essa ligação tão primitiva pode origi-de autonomia, assim como um desejo oculto de fusão nar, entre outros fenômenos, a reação terapêutica negativa (1981, p. 5). Devemos ver a RTN como a separação pato-que seria, então, uma tentativa (desesperada) de restabele-lógica da relação diádica, que encontra na transferência o cer o estado não-discriminado entre ego e não-ego.

lugar mais apropriado para produzir sua nova edição e só Por outro lado, os estudos de Cesio dos anos 1950

ali pode ser resolvida.

também apontam na mesma direção, pois entendem a re-O exemplo clínico de Ursula Grunert com sua paciação terapêutica negativa como uma forma de evitar a ente A não é, para mim, muito convincente, já que, como angústia catastrófica e a psicose, vinculadas ao psiquismo a própria paciente, penso que a analista não faz talvez o fetal.

mais adequado. A analista cita uma interpretação na qual, recolhendo as associações da paciente, diz a ela: “Você sente como se estivesse traindo sua mãe se quiser ser in-REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA

dependente”. Na sessão seguinte, a paciente traz um so-E TRANSFERÊNCIA NEGATIVA

nho: “Quero ir embora e estou fazendo minhas malas.

Minha mãe prepara uma torta intragável. Fico furiosa e Às vezes, tem-se a tendência a superpor a transfe-eu mesma a faço”. Através de suas associações, a paciente rência negativa e a reação terapêutica negativa, o que é tomou consciência de até que ponto sua mãe a havia man-um erro, erro que pode servir, justamente, para situá-las tido dependente e malcriada. Como mostra o sonho, a mãe em uma classe distinta de fenômenos; a transferência nequer retê-la com a torta indigerível e somente ela ficando gativa tem a ver com técnicas ou táticas defensivas do ego, furiosa pode tomar o caminho da independência. Na ses-a RTN com estratégias egóicas. A transferência negativa, são seguinte (a da RTN), a analisanda vem muito depri-por si só, não tem a ver com a reação terapêutica negati-mida, diz que ninguém pode ajudá-la, e muito menos a va; pode até ser uma forma de colaborar com a análise, e analista, já que com ela terminou trocando uma depen-o é muitas vezes. A questão surge se e somente se o analidência antiga por uma nova.

sando sente alívio com uma interpretação da transferên-Não creio, realmente, que uma simbiose perturbada cia negativa e, por isso, a ataca: “Sua interpretação é cor-que marca profundamente uma criança possa ser resolvi-reta e agora não sinto angústia, mas eu me pergunto por da com interpretações que responsabilizam a mãe, dei-que você sempre me interpreta os sentimentos negativos, xam de lado a situação transferencial e trocam uma de-eu me sinto assim humilhado, parece que você nunca pode pendência por outra, como diz a analisanda. Penso tam-ver algo bom em mim”. Essa reação, como é óbvio, também que o sonho refere-se à transferência e que a anali-bém pode ocorrer quando se interpreta a transferência po-sanda critica (como eu) as interpretações extratransfe-sitiva. Um analisando sempre protestava iradamente, por-renciais da doutora Grunert.

que eu só lhe interpretava a transferência negativa, o que De qualquer maneira, como bem diz a autora, a ele explicava pelo fato de que eu era um kleiniano mal-analisanda pôde aceitar que a própria analista podia ser nascido (com outras palavras); todavia, certa vez que lhe um objeto do qual ela podia depender, com o que se de-interpretei, creio que corretamente, seus bons sentimen-sencadeou uma intensa e prolongada transferência nega-tos em relação a mim, respondeu-me vivamente: “Epa! Você tiva, que pôde ir sendo elaborada adequadamente, graças está me chamando de... homossexual!”. (Por certo que não à transferência positiva latente.

empregou essa palavra.)

A autora conclui que as múltiplas experiências de Não há dúvida de

que, por trás da reação terapêutica separação que a análise implica permitem reativar o per-negativa, sempre há uma transferência negativa; também turbado processo de separação da infância e pôr em mar-

é certo que sempre há muito mais do que isso. Não é sim-cha o processo de elaboração. Desse modo, a RTN deveria plesmente a inveja ou o instinto de morte o que está em ser considerada não apenas como um obstáculo, mas tam-jogo, mas também o sentimento de culpa e a necessidade bém como uma oportunidade de experimentar emocio-nalmente as falhas do desenvolvimento na transferência e chegar a solucioná-las por meio da elucidação com o bem 3 Este ensaio foi depois incorporado ao Capítulo 11 de Simbiose disposto analista (p. 19).

e ambigüidade, publicado pela Paidós em 1967.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 419

de castigo, a necessidade de controlar o objeto e de repará-

Anna Freud (1952) demonstrou convincentemente lo, o desejo de manter, contra vento e maré, a união e de que o negativismo pode ser uma defesa extrema, quando se liberar para ser independente e mil coisas mais que te-o sujeito sente que corre o perigo de ficar emocionalmen-mos de interpretar; a reação terapêutica negativa não é te submetido ou escravizado.4

alimentada exclusivamente por sentimentos negativos. Eu Olinick pensa que os pacientes que tendem a reagir diria que, se a única coisa que sinto é inveja, não terei com a RTN são aqueles que unem a seu forte negativismo uma reação terapêutica negativa, mas antes uma transfe-uma estrutura na qual se juntam o masoquismo e a de-rência negativa. Tem de haver também capacidade de depressão. A depressão e a raiva, em geral, são projetadas pendência, libido, sentimentos de culpa, altruísmo e ou-nos outros, que reagem então com depressão. Daí que a tros elementos para que se constitua a reação terapêutica reação contratransferencial com esses pacientes seja de negativa. Com razão, dizia Joan Rivière, que, se são intertédio e sonolência.

pretados para esses pacientes somente os sentimentos ne-Concordo com as observações de Olinick, porém não gativos, fomenta-se, em lugar de diminuir, esse tipo de creio que sejam específicas da RTN, mas, antes, da neuro-reação. E isso é lógico, porque essa atitude tende a repro-se grave de caráter, e que foi descrita por Abraham (1919)

duzir no processo analítico a perigosa configuração intencionalmente considerada o alvo de Joan Rivière (1936). Esse quadro na de um superego sádico (o analista) e um ego-paciente clínico pode, com certeza, levar a um vínculo transferencial-masquista.

contratransferencial sadomasquista, que coincide com a A transferência negativa em si nada tem de mau quando descrição de Kernberg (1965) sobre a chamada fixação do aparece na análise. Na medida em que é parte do con-contratransferencial crônica.

flito, deve ser expressa para que o analista tenha a possibilidade de interpretá-la, como todos os outros desejos e sentimentos que vão aparecendo na sessão. Se ataco meu REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA

analista e tenho simultaneamente a idéia de que estou E ACTING OUT

dando-lhe material, na realidade o que espero é que ele compreenda os motivos de minha agressão e interprete-os Ao longo deste capítulo e do anterior, sustentei que a para mim. Como disse antes, ao falar da classificação da RTN é um utensílio extremamente útil para a práxis psica-transferência, os adjetivos “positiva” e “negativa” aplicam-nalítica, já que destaca uma determinada atitude do ana-se a ela para separar os afetos e as pulsões, não com critério

lisando e marca o caminho para nosso esforço. Disse também normativo, e muito menos ideológico!

bém que, à diferença do acting out, o conceito de RTN foi Tampouco a reação terapêutica “negativa” denota, claramente definido por Freud desde o princípio e, com em absoluto, uma tomada de posição axiológica, por mui-proveito, as investigações são remetidas a ele.

to que a sempre fustigada contratransferência do analista Entretanto, outros trabalhos posteriores tendem a conotar como má a reação do analisando. O analisando superpor a RTN com o acting out. Como vimos, Limentani reage como pode e cabe a nós interpretar o que se passou (1981) diz que as formas mais crônicas de RTN são uma da maneira mais equânime possível. Parece-me que o zelo tipo especial de acting out na transferência. Mais categoricamente de alguns autores em assinalar que a reação terapêutica co ainda é Pontalis (1979) em sua tentativa de desmonte-negativa não é tão negativa tende a evitar esse equívoco, lar a RTN.

ênfatizando o erro de qualificar ideologicamente o que Pontalis enfatiza o substantivo reação e assinala que, acontece. O termo

descreve, por certo, uma resposta do por definição, esse termo corresponde a uma ação ante-analisando, não a classifica como boa ou má.

rior. Isto conduz Pontalis diretamente ao terreno da ação, do agir, em que a ação de uma mãe negativa não pode senão condicionar uma resposta igual na criança. Daí o O NEGATIVISMO E A REAÇÃO

título de seu trabalho: “Não, duas vezes não. Tentativa de definição e de desmantelamento da ‘reação terapêutica TERAPÊUTICA NEGATIVA

negativa””. No final de seu trabalho, Pontalis diz: “Somente isto: existem mães – e analistas – nos quais se precisa A partir de uma perspectiva semelhante à anterior, crer, e eles também precisam acreditar-se, como realmen-Olinick (1964) entende a RTN como um caso especial de te irresistíveis. Como, então, não resistir com todas as for-negativismo, que expressa um não rebelde do analisando, ças a uma análise que, desde que se fica comprometido às vezes por via da ação ou do acting out. Esse negativismo nela, dá apenas a ilusão do reencontro do objeto, de sua deve ser explicado a partir do trabalho de Freud sobre a posse intemporal, para instituir a separação” (Revista de negação (1925h) e também do não semântico de Spitz Psicanálise, p. 620).

(1957). Como se sabe, o “não” que aparece pelos 15 me-Ao posicionar a situação analítica nas coordenadas ses é, para Spitz, um dos indicadores do desenvolvimento, de ação e reação, Pontalis desliza da RTN ao acting out ao lado do sorriso do terceiro mês e da angústia do oitavo.

O “não” semântico da criança é uma identificação com o objeto que a frustra e, ao mesmo tempo, uma primeira 4 O termo original de Anna Freud era *Hörigkeit*, traduzido para o comunicação simbólica.

inglês como emotional surrender.

420 R. HORACIO ETCHEGOYEN

por isso diz que a situação analítica é tensa e não há como a RTN é mais grave que o acting out, mas é porque a rede-o analista entediarse com esses pacientes, embora sofra.

finem como algo insuperável. Creio que não é assim, que Pontalis está descrevendo, com efeito, a situação analítica a RTN pode ser grande ou pequena, fácil de modificar ou típica do acting out, e então me pergunto se a caracteriza-irreversível, do mesmo modo que o acting

out. Aqui talvez ção que ele faz da RTN como uma forma de agieren não se tivesse que pensar, como Freud, que Deus sempre está a leva o propósito de confundir os dois conceitos, em total favor dos batalhões mais fortes.

acordo com o último parágrafo de seu trabalho, em que diz que, para dismantelar a RTN, nada melhor que fracassar ao defini-la.

O PENSAMENTO PARADOXAL

Talvez seja o momento de esclarecer que, ao delimitar os conceitos de acting out e RTN, não quero sugerir Quando definem a RTN, em seu Vocabulaire, Laplanche que na clínica apareçam sempre isolados. Às vezes, em e Pontalis (1968) destacam sua natureza paradoxal. Esse um mesmo paciente, podem ocorrer simultaneamente pensamento também se encontra em outros autores e eu ambos os fenômenos e, em outras, a meu ver mais co-mesmo, quando falei do impasse e da RTN, em 1976, muns, pode-se observar que o acting out está a serviço da assinalei que esses pacientes funcionam sutilmente no RTN. Às vezes, o paciente apaga com o cotovelo o que terreno dos paradoxos lógicos. Esses mesmos pensamen-escreve com a mão, como diz o ditado: atua com a finali-tos inspiram Didier Anzieu em seu trabalho “A transfe-dade de negar o progresso recém-conquistado. Assim, por rência paradoxal” (1975). Anzieu parte dos estudos da exemplo, os dois casos ilustrativos que Limentani apre-escola de Palo Alto sobre a comunicação paradoxal e as senta em seu trabalho são, para mim, exemplos cabais em transações desqualificadoras. Quando esse tipo distorcido que o acting out na transferência é utilizado conjuntu-de comunicação entre pais e filhos é reproduzido na aná-

ralmente para estabelecer ou manter a RTN.

lise, configura-se uma transferência paradoxal e, logo que Entretanto, penso que em geral, na clínica, os pa-o analista caia na armadilha, também uma contratrans-cientes que adotam uma dessas linhas não recorrem em ferência paradoxal, que conduz a análise pelos funestos maior grau à outra. O paciente que se maneja com a rea-caminhos da RTN. Pois bem, como dizem os comunicó-

ção terapêutica negativa continuará sempre nessa linha, logos de Palo Alto, só se pode sair de uma comunicação desde o primeiro até o último dia de sua análise, e o mes-paradoxal “metacomunicando” sobre a própria situação, mo ocorre para o acting. O paciente que utiliza o acting de modo que a principal tarefa interpretativa, nesses ca-out para controlar a angústia diante do desconhecido no sos, gira

em torno de como se distorcem as mensagens começo da análise o utilizará cinco ou dez anos depois na situação analítica.

para evitar a angústia pela finalização da análise. O que Em sua tentativa de compreender o pensamento pa-muda é o grau e a plasticidade. Penso que, em geral, as radoxal, em termos das teorias psicanalíticas e não somente estratégias do ego, assim como as estruturas caracterocomunicacionais, Anzieu sustenta que os fatores que mais lógicas, mantêm sua estabilidade, embora a análise as tor-estão em jogo são o narcisismo e a pulsão de morte, que se ne mais fluidas e versáteis. Se me analiso por minha neu-vincula também aos estudos da escola kleiniana sobre a rose obsessiva, a análise não me transformará em uma inveja.

pessoa de ação, mas tornará possível que incorpore al-Talvez nesse ponto seja oportuno assinalar um fenô-

guns repertórios novos e que, em um dado momento, dei-meno idêntico, embora de sinal contrário à RTN, que im-xando de lado o raciocínio, responda com atos, se assim plica, porém, o mesmo paradoxo. Refiro-me ao auspício impõem as circunstâncias.

que esse tipo de analisandos pode dar aos erros do analis-Como a maioria dos autores, creio pessoalmente que ta. Esse curioso fenômeno – bastante freqüente, mas mui-o analisando que atua carrega mais a contratransferência to pouco estudado – poderia ser chamado de reação iatro-do que o paciente com reação terapêutica negativa. A resgênica positiva. Nesses casos, o erro do analista promove o posta contratransferencial ao paciente atuador é muito viva acordo, quando não o aplauso e até mesmo a melhora do e dolorosa. Em troca, como destaca Cesio, quando a RTN

analisando. Liberman também se ocupa desse fenômeno, domina o quadro, o analista tende a se desvincular de seu salientando que o paciente pode decodificar as interpreta-paciente e reage com cansaço, tédio e letargia. Não são ções em termos de retroalimentação negativa ou positiva: estes, certamente, os pacientes que nos deixam em sobres-um paciente colabora quando dá ao analista um feedback salto, apesar do que diga Pontalis.

que lhe permita reforçar seus acertos e corrigir seus erros Não se deve pensar que as reações contratransfe-

(retroalimentação negativa). Na reação terapêutica nega-renciais mais fortes são as mais perturbadoras porque, na tiva sucede o contrário,

isto é, o paciente retroalimenta realidade, o analista incorre em um conflito de contratrans-positivamente os acertos e negativamente os desacertos.

ferência tanto se se irrita ou se assusta quanto se se en-Já mencionei a paciente que sempre me felicitava por algo tedia. O conflito de contratransferência é medido mais por que eu havia dito no começo de seu tratamento e que era sua intensidade do que por suas características.

um claro erro de minha parte. Esse tipo de resposta deve O mesmo vale para o analisando. O prognóstico deser levado em conta, porque tais comentários podem ser pende da intensidade dos conflitos e de como o analisam-

às vezes muito perigosos: “Gosto de que me faça esperar, do responde à interpretação. Muitos autores afirmam que porque me parece que é mais humano”. Desse modo se

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 421

retroalimenta positivamente o erro e cada vez se torna Apesar de que alguns desses pontos de vista possam maior. Se penso que o paciente está de acordo com que o ser inconciliáveis no nível das teorias que os sustentam, faça esperar, terei mais tendência a me atrasar.

creio que todos aparecem na clínica e todos devem ser, no devido momento, interpretados. Com um só, ou com um par deles, não responderemos à bela complexidade da clí-

COMENTÁRIO FINAL

nica analítica. O que aqui nos separa em escolas é que, quando chega o momento de converter em conceitos nos-Se nos mantemos fiéis à clara definição de 1923, a sa experiência clínica, dizemos que “no fundo o fator deci-reação terapêutica negativa apresenta-se para nós como sivo é...”; contudo, na realidade, quando enfrentamos a uma das eventualidades do tratamento analítico, que se RTN, temos de interpretá-la de muitas maneiras e com caracteriza por uma resposta paradoxal em que o anali-diferentes perspectivas.

sando piora quando teria de melhorar (e depois de ter Enfim, tudo parece indicar que os conflitos precoces melhorado).

desempenham um papel importante na reação terapêuti-Inicialmente, Freud atribuiu a RTN ao sentimento de ca negativa (e o mesmo se

pode dizer para o acting out e a culpa (superego severo, sádico), depois ao masoquismo reversão da perspectiva), mas seria um erro enfrentá-la moral (ego masoquista) e, por fim, ao instinto de morte, com um esquema preconcebido do desenvolvimento, à sem que essas explicações sejam excludentes. Tampouco espera de que o material clínico o confirme. Como analiso são as que depois deram Karen Horney (rivalidade, te-tas, a única coisa que podemos fazer é recolher esse mate-mor à inveja), Joan Rivière (temor a uma catástrofe rial clínico tal como aparece na transferência, dispostos depressiva, altruísmo inconsciente) e Melanie Klein (inve-com igual modéstia a que apóie ou refute nossas idéias.

ja). As últimas explicações propostas giram de preferência em torno dos conflitos da integração (Gaddini, Limentani) e da simbiose mãe-criança (Ursula Grunert).

422 R. HORACIO ETCHEGOYEN

57

A Reversão da Perspectiva (I)

RECAPITULAÇÃO BREVÍSSIMA

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Estamos estudando as vicissitudes do processo analí-

A reversão da perspectiva nos dará a oportunidade tico e alinhamos os fatores que o influenciam em bons e de estudar um aspecto singular do processo analítico e maus com um critério um tanto maniqueísta, que pode será também um pretexto para nos aproximarmos das idéi-servir-nos, entretanto, se os tomamos como uma orienta-as originais de Bion. Por reversão da perspectiva, vamos ção que não nos isenta de reconhecer a inatingível com-entender os processos de pensamento vinculados a uma plexidade do fato clínico. Assim, pusemos em uma coluna tentativa drástica de tirar dos trilhos a situação analítica, honrosa e única o insight acompanhado da elaboração e, de colocá-la de cabeça para baixo.

na outra, o acting out, a reação terapêutica negativa e o Bion introduz esse conceito em Elements of psycho-que agora estudaremos, a reversão da perspectiva. Esses analysis (1963), quando está estudando a área psicótica três fenômenos estão juntos, porque pertencem a uma mes-da personalidade, não o processo analítico. Ao considerar ma classe, já que procuram impedir o desenvolvimento do a reversão da

perspectiva de um ponto de vista técnico, eu insight ou, o que é o mesmo, evitar a dor mental que o a apresento, de fato, em outro contexto que não o que insight inevitavelmente provoca. Como já vimos no devi-Bion inicialmente propôs, mas não violento em nada seu do momento, na medida em que nos obriga a mudar o pensamento, pois ele pensava que essas idéias tinham a que pensávamos de nós mesmos, o insight é sempre acom-ver com a práxis do consultório.

panhado de dor.

Bion descobre, então, a reversão da perspectiva ao O estudo do acting out, da reação terapêutica negati-estudar a área psicótica da personalidade, ao lado do atava e da reversão da perspectiva permite-nos compreender que ao vínculo, das transformações em alucinoses e de e grosso modo situar o comportamento dos pacientes du-outros fenômenos.¹

rante o processo analítico. Há aqueles que desenvolvem Bion descreveu o ataque ao vínculo em seu trabalho sua análise (e sua vida) utilizando como instrumento prin-homônimo de 1959 e em um do ano anterior, “On arro-cipal de adaptação ou, melhor dito, de desadaptação, o gance”. A parte psicótica da personalidade realiza ata-acting out; outros recorrem à reação terapêutica negativa ques destrutivos contra tudo aquilo que, em seu sentir, e outros, por fim, à reversão da perspectiva.

tenha a função de unir um objeto com outro e que, em Creio que esse agrupamento é válido e é útil se sou-princípio, são as emoções. Bion considera que os protóti-bermos reconhecer suas limitações e creio também que pos de todo vínculo são o seio e o pênis que sofrem o esses quadros escalonam-se, no sentido de que o acting violento sadismo da criança nos primeiros meses de sua out pode ser instrumentado como uma forma de instaurar vida, como postulou Melanie Klein desde seus primeiros a reação terapêutica negativa, e esta pode conduzir, por trabalhos.

sua vez, à reversão da perspectiva. Parece que esse cami-Quando na clínica se encontra um trio formado por nho só pode ser transitado nessa direção, e não ao contrá-

arrogância, estupidez e curiosidade, é porque o ataque ao rio: é um caminho crescente. Quando Abraham (1919a) vínculo operou devastadoramente e é, portanto, índice de diz que seus pacientes narcisistas têm uma grande dificul-uma catástrofe psicótica em que

foram gravemente danidade para reconhecer o papel do analista e discutem con-ficados os objetos primários. A tríade de Bion é difícil de tnuamente suas interpretações, etc., estamos em uma fran-manejar clinicamente porque, por um lado, está a curiosi-ja imprecisa e não sabemos realmente se o que a genialidade de Abraham está detectando será o que depois vai ser chamado de reação terapêutica negativa ou de rever-1 Para um estudo mais rigoroso, ver o Capítulo 11, “Psicose”, do são da perspectiva.

livro de Grinberg, Sor e Bianchedi (1972).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 423

dade peremptória e intrusiva e, por outro, a insultante guinte, a idéia de parte psicótica não implica, de maneira arrogância que se realimenta na estupidez projetada no alguma, um diagnóstico psiquiátrico.

objeto. Isso leva o paciente a uma contínua e desapiedada Há vários elementos que servem para definir a per-desvalorização dos demais, e entre eles, obviamente, o sonalidade psicótica, e um dos que melhor a caracterizam analista e suas interpretações. Tudo isso implica uma so-

é o ódio à realidade interna e externa e, conseqüentemen-brecarga na contratransferência difícil de suportar.

te, a todos os instrumentos que possam pôr o indivíduo A transformação em alucinação está sempre vinculada em contato com ela. Porque o ódio à realidade leva neces-a um desastre original, no qual os conteúdos emocionais sariamente a atacar o aparelho mental como instrumento do bebê não encontraram o reverie materno suficiente para para captá-la. Searles (1963) diz, entretanto, e com boas serem convertidos em elementos alfa. A alucinação é sem-razões, que o ódio à realidade do psicótico pode expressar pre, em última instância, a expulsão de elementos beta do também um ódio muito justificado a suas primeiras rela-aparelho psíquico. A transformação em alucinação surge ções de objeto que foram muito negativas (mãe psicótica, basicamente da intolerância frente à ausência do objeto por exemplo).

ou, o que dá no mesmo, da frustração e da dor.² Deve-se Outra forma de definir a PPP, apenas na aparência levar em conta que, para Bion, a alucinação não é apenas diferente da anterior, é dizendo que a parte psicótica tem um sintoma clínico da psicose, mas uma particularidade uma grande intolerância à frustração. Se a intolerância à de seu

funcionamento, que consiste em evacuar pedaços frustração é alta, compreende-se imediatamente que existivados da personalidade, revertendo a função dos órta o que dissemos antes, um ódio à realidade, porque a gãos sensoriais que passam de receptores a efetores.

realidade é para todos, e mais ainda para essas pessoas, O outro funcionamento da área psicótica é a reverem última instância, frustração: a PPP sempre mede a re-são da perspectiva que estamos estudando e é justamente alidade pelo que deixa de dar, pelo limite que impõe.

o oposto à perspectiva reversível do insight. Nesse tipo de No entanto, definir a personalidade psicótica pelo funcionamento mental, o desejo de conhecer (vínculo K) ódio à realidade ou pela intolerância à frustração podem transforma-se em um desejo de desconhecer (vínculo -K).

ser dois enfoques diferentes, porque o primeiro pretende Do mesmo modo, o funcionamento alternante e comple-impor uma diferença qualitativa que não está no segundo.

mentar entre a posição esquizoparanóide e a depressiva Quando digo que a personalidade psicótica caracteriza-se ($Ps \leftrightarrow D$) e a relação continente-conteúdo (

), que

por odiar a realidade, dou por certo que isso não acontece para Bion são os pilares sobre os quais se constrói o apa-com a personalidade neurótica. A segunda forma de relho para pensar os pensamentos, apresentam sinal ne-conceituar a diferença é puramente quantitativa, porque gativo.

dizemos que a personalidade psicótica é a que tem grande intolerância à frustração, que o grau de intolerância é maior. A diferença de grau não deve ignorar, porém, que pode A PARTE PSICÓTICA DA PERSONALIDADE

haver uma diferença de fundo: é provável que uma característica da PPP seja justamente conceituar a realidade Como acabamos de ver, Bion descobre e estuda a re-como frustração, já que a realidade não é só frustração. Às versão da perspectiva a partir do duplo vértice de sua teo-vezes, esse erro infiltra-se em nossas teorias científicas.

ria do pensamento e de seu conceito sobre a parte psicótica Outra

forma de definir a personalidade psicótica é da personalidade (PPP), e não do ponto de vista da técnica em termos de impulsos. Na personalidade psicótica, prece, como faremos.

domina o instinto de morte, fórmula que seria grata a Para Bion, assim como para Bleger (1967), embora Melanie Klein e talvez ao Freud de “Análise terminável e com outros pressupostos teóricos, a PPP é fundamental-interminável”. Poderíamos também dizer que a personalidade é um modo de funcionamento mental, que se contrapõe à personalidade psicótica vale-se basicamente da inveja para desenhá-la à outra, a chamada parte neurótica da personalidade.

reverter suas relações de objeto, em contraposição à parte Falar de personalidade psicótica (ou de parte psicótica da neurótica que utiliza a libido. Aqui convém estabelecer personalidade) não implica um diagnóstico psiquiátrico, novamente que a diferença é quantitativa porque, se to-o que depende de que parte predomine ou conduza a permássemos ao pé da letra o que acabo de dizer, a diferença sonalidade, a psicótica ou a neurótica. Da mescla de ambas, seria radical e intransponível. É melhor, então, dizer que de sua soma algébrica e também da interação entre uma e há um predomínio do instinto de vida ou do instinto de outra depende o funcionamento do indivíduo. Por consequência, da libido ou da inveja, do amor ou do ódio. Na PPP, predominam nitidamente os impulsos destrutivos, e a um ponto tal que o amor converte-se em sadismo. Essa idéia 2 Sigo nessa explicação o Capítulo V, “Transformação em alucinação de Bion faz lembrar Fairbairn (1941), quando diz que o nose” Introdução às idéias de Bion, já citado, e, é claro, o livro de problema do esquizóide é como amar sem destruir com Bion, Transformation (1965).

seu amor (ao passo que o do depressivo é como amar sem

424 R. HORACIO ETCHEGOYEN

destruir com seu ódio). Um traço que se sobressai na PPP, possa modificá-lo; o continente necessita de algo que o no qual Bion insiste, é que a identificação projetiva é pato-preencha completamente. A criança projeta em sua mãe lógica e de grande destrutividade: é assim que se ataca o seus temores, e a mãe tolera-os dentro de si, assimila-os e pensamento e que se formam os objetos bizarros (ou, se-devolve à criança através de sua voz, de seu leite, de seu ria melhor dizer, extravagantes).

calor, um conteúdo menos angustiante, menos doloroso, Os traços assinalados explicam muito bem uma ou-mais tolerável.

tra característica da PPP, o medo de um aniquilamento Na parte psicótica da personalidade, a relação conti-iminente, que deixa seu selo na natureza do vínculo objetal.

nente-conteúdo não se dá em termos positivos, mas de despojo e desnudamento. O que o indivíduo sente, nessas condições, é que o conteúdo mete-se no continente para RELAÇÕES ENTRE A PARTE

destruí-lo e, vice-versa, o continente recebe o conteúdo NEURÓTICA E A PARTE PSICÓTICA

para tirar-lhe coisas, para despojá-lo.

Esses conceitos têm muita realidade clínica. O anali-As observações de Bion quanto ao tipo de relação de sando pode sentir que a interpretação é um conteúdo des-objeto que estrutura a PPP formam uma página brilhante trutivo, que irrompe em sua mente para lesá-lo e desin-na história da psicanálise. Já dissemos algo sobre esse tema tegrá-lo e, vice-versa, pode receber a interpretação para a propósito da transferência, e o leitor recordará, sem dú-

despojá-la de seu significado, transformando-a em algo mau.

vida, de “Development of schizophrenic thought” (1956), Outro aspecto importante da personalidade psicótica em que Bion descreve os traços fundamentais da persona-refere-se à estrutura do superego. Na personalidade lidade esquizofrênica, que anuncia seu trabalho do ano psicótica, há um super-superego que hasteia a bandeira da seguinte “Differentiation of the psychotic from the non-moral simplesmente para exteriorizar sua inveja, sua des-psychotic personalities”. As relações de objeto da parte trutividade, sua maldade. Para esse super-superego, a nor-psicótica são ao mesmo tempo prematuras e precipitadas, ma moral não é mais que uma afirmação de superioridade frágeis e tenazes.

que nasce da onipotência e, sem nenhuma base racional, A investigação de Bion pôde esclarecer, pois, duas contrapõe-se à ciência.

formas de funcionamento mental que mostram a enorme Há relação entre essas idéias de Bion e as que complexidade da estrutura psíquica e que se estendem Rosenfeld propôs no Congresso de Viena de 1971, ao ca-como um contínuo, desde o pólo neurótico até o pólo racterizar um self infantil e um self narcisista. O self narci-psicótico. Com Bion, culmina o esforço sustentado por sista, impulsionado pela voracidade e pela inveja, é muito Freud de integrar e delimitar psicose e neurose,

que de-parecido com a PPP; o self infantil, capaz de amor e depois reaparece na teoria das posições de Klein, sem cair pendência, corresponde à parte neurótica. A diferença nos excessos da psiquiatria alemã do começo do século entre essas duas concepções é mais de método que de con-XX. Em sua tentativa de diferenciar radicalmente neurose teúdo. Os conceitos de Rosenfeld enfatizam a relação de e psicose, Jaspers (1913), por exemplo, as separa abismal-objeto, enquanto Bion insiste no funcionamento mental.

mente com seus conceitos de processo e desenvolvimento Essa concepção é processual; aquela é personalística, no em termos de empatia.³ Assim, as idéias de Bion represen-sentido de Guntrip (1961).

tam uma contribuição substancial para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico.

Bion afirma que a brecha entre a personalidade neu-O PENSAMENTO E A

rótica e a psicótica não é grande inicialmente; porém, à REVERSÃO DA PERSPECTIVA

medida que o indivíduo vai desenvolvendo-se, e por diversas circunstâncias (que provêm dele mesmo e do ambi-Como já dissemos, a reversão da perspectiva é um ente), essa brecha pode ir aumentando.

dos modos pelos quais a PPP funciona, e agora tentarei Acabamos de dizer que, ao estudar o funcionamento destacar seus traços principais. Começemos por dizer que da personalidade, Bion destaca a relação entre continente a reversão da perspectiva é uma forma especial de pensa-e conteúdo e utiliza, para defini-los, símbolos que não só mento que procura evitar, a qualquer preço, a dor mental.

aludem a funções, mas que de certa forma os representam O pensamento é doloroso desde sua origem mais remota, concretamente. Para Bion, há uma forma positiva de rela-porque, como vimos, o primeiro pensamento surge quan-

ção continente-conteúdo e uma forma negativa de relação do se aceita a dor da ausência, quando se reconhece que o continente-conteúdo: +

e –

.

seio não está presente, em vez de expulsá-lo como um A relação

é imprescindível para o crescimento

seio-mau-presente-necessidade-de-um-seio, ou seja, como mental. O conteúdo tem de encontrar algo que o receba e um elemento beta.

Para negar a dor psíquica, a reversão da perspectiva apóia-se em uma modificação permanente da estrutura 3 O desenvolvimento pode ser compreendido empaticamente e mental, que Bion chama de *splitting* estático e que é uma consiste em uma resposta a um conflito; o processo não é situável espécie de alucinação permanente. Em vez de recorrer a ou compreensível, de modo que não podemos chegar a ele com esse mecanismo de defesa (ou a outro) diante de cada o instrumento fenomenológico da empatia.

situação de ansiedade, o *splitting* se dá aqui de uma vez

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 425

por todas: situar-se em uma perspectiva determinada e belece, sem por certo explicitá-lo. Assim se explica que a não se mover dela é justamente o que faz com que toda reversão da perspectiva apareça de início, o que Sheila experiência seja decodificada a partir de uma posição já Navarro de López (1980) também sustenta.

tomada, uma posição que poderíamos definir como tendenciosa; então, o *splitting* praticamente é sempre o mesmo. Bion chama isso de *splitting* estático, que coincide no-UM CASO CLÍNICO

toriamente com a observação dos semiólogos da psiquiatria clássica quando davam como sintoma típico da esqui-Um médico homeopata veio analisar-se por diversos zofrenia a rigidez do pensamento. Em termos da teoria sintomas neuróticos e por suas crises de ansiedade que o das transformações que Bion expôs em seu livro de 1965, levavam a estados de despersonalização que beiravam a estas cairiam dentro das transformações em alucinoses.

loucura. Começou o tratamento de boa-fé e aceitando to-Uma vez estabelecido o *splitting* estático, toda a indas as minhas diretivas. Entretanto, com uma sutileza que formação que provier do exterior, dos outros, não fará estava além de meu alcance, introduziu seu “contrato pa-mais que confirmar o que o sujeito pensava. Se pudésse-ralelo”. Levei anos para descobrir quais eram as suas premos captá-los em seu funcionamento, esses pacientes nos missas e denunciá-las.

surpreenderiam por sua habilidade em dar a volta nas Nas entrevistas iniciais, esse inteligente colega disse-coisas para acomodá-las ao que eles pensam, ao que lhes me que padecia de asma brônquica; acrescentou que era convém, levando sempre água para seu moinho. Desse homeopata e que tinha uma longa casuística de pacientes modo, a interação permanece estática e é como se o su-asmáticos, todos curados. Na realidade, se com ele o tra-jeito estivesse sempre alucinando uma situação que não tamento homeopático havia fracassado, era porque a dro-existe.

ga que estava indicada desencadeava-lhe crises de ansie-A disposição mental que subjaz ao splitting estático dade muito grandes. Por isso, tinha decidido analisar-se: repousa inteiramente nas premissas do pensar. O sujeito sua ansiedade era intolerável e temia ficar louco. O que atém-se fixamente a suas premissas, que obviamente não ele manifestamente buscava, e eu acreditava que ele bus-expõe e nem sequer conhece, porque são inconscientes.

cava, era que a análise resolvesse sua ansiedade e suas Está continuamente reinterpretando as interpretações do crises de despersonalização, modificando, ao mesmo tem-analista para que coincidam com suas próprias premissas, po, os fatores psicológicos de sua asma brônquica. Suas o que é também uma forma de dizer que as premissas do premissas, no entanto, eram diferentes: queria que eu toanalista têm de ser silenciosamente rechaçadas. Silencio-masse conta da ansiedade que acompanhava o tratamen-samente, porque entre analisando e analista há um acor-to homeopático. A análise tinha de lhe permitir realizar o do manifesto e um desacordo latente, do qual em geral o tratamento homeopático sem ficar exposto a um quadro analista só se dá conta quando nota que o processo está psicótico. Desse modo, a análise passava a ser um instru-completamente estancado.

mento do tratamento homeopático, e eu deveria aceitar Explica-se, então, que nos momentos críticos em que essa situação. Por certo, não foi assim que ele me propôs.

não pode manter o splitting estático o paciente recorra, Tudo o que ele fez, de início, foi simplesmente perguntar para restabelecer o equilíbrio, às alucinações, que na mai-se eu julgava pertinente que ele fizesse, além disso, um oria das vezes são, diz Bion, fugazes e evanescentes, ou a tratamento homeopático, ao qual em princípio não me pensamentos delirantes, que também serão volúveis e ina-opus, porque, como norma geral, não penso que haja uma preensíveis.

incompatibilidade radical entre a análise e tratamentos Para explicar em que consiste o acordo manifesto e o de outro tipo. Se o outro tratamento coloca-se a serviço desacordo latente, Bion recorre à experiência clássica da da resistência, deverá ser analisado. Apesar de que eu não psicologia da forma dos dois perfis e do vaso de flores.

via uma incompatibilidade decisiva, ele mesmo a criava, São perspectivas contrapostas e as duas são legítimas en-porque na realidade vinha demonstrar que a homeopatia quanto não definimos a que chamaremos de conteúdo e era melhor que a psicanálise. O que ele na verdade me forma nas linhas que estamos percebendo.

pedia era que eu, “com minha psicanálise”, moderasse o Analista e analisando vêm os mesmos fatos, mas com desenvolvimento da ansiedade que seu infalível tratamento premissas diferentes. No nível dos fatos, há acordo; no homeopático produziria, para assim curar-se.

nível das premissas nunca explicitadas o desacordo é total Nesse caso, é claro que existe um contrato paralelo, e permanente. É isso que singulariza a reversão da pers-distinto e, além disso, incompatível com o analítico. A aná-

pectiva, o que a diferencia do acting out e da RTN, em que lise poderá incluir um tratamento médico ou cirúrgico co-o desacordo é visível e as premissas não estão substancial-adjuvante, complementar ou independente, mas não po-mente questionadas.

derá ficar subordinada a ele, pois o tratamento analítico Pois bem, as premissas que o analista propõe e as requer autonomia. Se eu aceitasse as premissas do paciente, que o analisando aceita formalmente são as que se estabe-perderia a liberdade de analisar o tratamento homeopáti-lecem no contrato psicanalítico; por isso digo que a rever-co como resistência quando fosse o caso. Vê-se também são da perspectiva questiona o contrato. O analisando que aqui, nesse ponto, em que consiste o splitting estático: reverte a perspectiva denuncia, de uma vez por todas, o enquanto o paciente responde a suas próprias premissas, contrato analítico e atém-se a outro, que ele mesmo esta-o conceito de resistência fica ocioso. Em outras palavras,

426 R. HORACIO ETCHEGOYEN

o que o paciente pedia-me era que eu o analisasse para derava o melhor homeopata argentino, questionava-lhe que ele pudesse curar-se a si mesmo. A similitude com o silenciosamente cada coisa que fazia ou indicava.

exemplo de Bion do paciente brilhante salta à vista (Ele-Como diz Bion, o mais característico desse caso era o *ments of psycho-analysis*, p. 49). Como o ajudante de ci-acordo manifesto e o desacordo latente. Uma vez que seurgia, o que eu tinha de fazer era alcançar-lhe as pinças e havia formulado esse contrato implícito, ao qual eu tinha sustentar os separadores, enquanto ele operava.

de aderir, tudo o mais podia ser visto dessa perspectiva.

Essa situação foi para mim insuperável. Todo o que Por exemplo, toda interpretação que eu fizesse para corri-pude fazer foi dizer a ele, após vários anos de análise, que gir sua asma do ponto de vista psicológico era uma prova optasse por um tratamento ou pelo outro, e ele optou fi-de rivalidade de minha parte, era dizer-lhe simplesmente nalmente pelo tratamento homeopático. Direi de passa-que “minha” interpretação era melhor que sua pulsatila.

gem que essa opção, que eu pretendia dar-lhe para que E, por certo, quando utilizei a palavra “pulsatila” para in-ele pudesse decidir livremente, foi para ele um desafio. E

terpretar a masturbação, para ele foi o mesmo que dizer a aceitou o desafio!

Ehrlich que o salvarsan cura porque seu nome contém a Este foi um caso ilustrativo e dramático, porque o palavra “salvar”, e não pelo arsênico. Se eu lhe interpreta-paciente colaborava, tinha insight e era um homem real-va assim era, simplesmente, porque queria desqualificar a mente merecedor de ajuda e de respeito. Ele mesmo che-pulsatila, comparando-a com a masturbação, obviamente gou a reconhecer que estava em um dilema, porque, se porque eu não acreditava na homeopatia.

curava a asma com a psicanálise, então teria de operar Na realidade, se examinamos o questionamento de uma mudança completa de sua perspectiva profissional.

meu paciente de um ponto de vista estritamente psiquiá-

Ou seja, o conflito começou quando ele pensou que a aná-

trico, devemos concluir que tinha, de fato, um delírio. Que lise podia modificar sua asma.

outro sentido pode ter que ele se dê ao trabalho de vir A asma desse homem tinha um claro componente demonstrar-me que o tratamento

homeopático é melhor estacional, que o levava a crises iterativas, quando não que o analítico? Eu nunca lhe havia dito o contrário. Por ao mal asmático, no início da primavera. Isso não ocor-isso é que Bion diz que a reversão da perspectiva implica reu no terceiro ano de análise e, então, começou a tomar um delírio e que, vice-versa, o paciente utiliza o delírio escondido a pulsatila, o medicamento homeopático que para manter a reversão da perspectiva.

ele se havia autoprescrito. Desse modo, poderia atribuir Pude compreender cabalmente essas afirmações de a melhora também ao seu tratamento e não apenas ao Bion com meu paciente. Às vezes, ele me entendia mal, meu. Nesse episódio, ficou patente para mim, embora mas custei a me dar conta de que esses desencontros eram não para ele, que era guiado pela rivalidade profissional pequenos momentos delirantes e alucinatórios. Por exem-e não pelo desejo de se curar. Seus raciocínios iam desde plo, em uma oportunidade, pude estabelecer que ele ti-a ingenuidade até o delírio. Dizia, por exemplo, que se nha ouvido que eu lhe dizia: “Dessa vez, sim, eu lhe pus a havia administrado a pulsatila para que a homeopatia tampa”, depois de formular uma interpretação. Outras participasse da cura de sua asma e considerava-me ego-vezes, o fenômeno pseudoperceptivo não era tão aberto e ísta, porque eu pretendia que toda a glória fosse levada limitava-se a afirmar que, quando eu interpretava, havia para a psicanálise. O que eu faço – chegou a dizer, e seu um tom zombeteiro em minha voz, quando não um suave tom era patético – se for a análise, e não a pulsatila, o risinho depreciativo. Eram tão frequentes as ilusões e alu-que me cura a asma? O que eu faço com meus pacientes?

cinações da memória, que às vezes me provocavam gran-Estaria enganando-os. Ou seja, tinha de ajustar sua prá-

de incerteza.

tica médica ao sonho diurno de que ele, com a homeo-Os fenômenos perceptivos e mnêmicos, assim como patia, curava a asma. Queria a todo custo manter a onias interpretações delirantes, apareciam em momentos em potência desse sonho diurno.

que a tarefa interpretativa ameaçava comover toda a es-Em outro momento, após uma remissão de sua asma trutura do paciente; era então que recorria às alucina-durante vários meses, em que ele estava convencido (e eu ções ou às idéias delirantes para manter a reversão da também!) da eficácia da análise para sua doença, quis tor-perspectiva.

nar-se analista. Obviamente me mantive neutro frente a Bion diz que esses pacientes utilizam a realidade para essa idéia, que nem propicie, nem proibi. Quando lhe indar expressão a um sonho diurno, em meu caso o de curar terpretei, entre outras coisas, que queria mudar de profis-a si mesmo e demonstrar-me que podia fazê-lo. Creio que são para se sentir dono do tratamento “bom”, sentiu que a expressão sonho diurno é ajustada: o paciente não deli-eu obstruía sua vocação e abandonou seu projeto. A partir ra em princípio, mas quer manter seus sonhos diurnos a desse momento, tornou-se muito refratário, começou a qualquer preço e, com isso, acaba por delirar. O que, a dormir nas sessões e um tempo depois decidiu deixar a partir da semiologia, começa por ser idéia supervalorizada análise e recorrer uma vez mais ao tratamento homeopá-

termina em idéia delirante.

tico. Direi, entre parênteses, para mostrar até que ponto Nos pacientes com reversão da perspectiva é que se operam também esses mecanismos fora da análise, que vê mais claramente que a relação entre os três fenômenos tinha igual atitude com o tratamento homeopático. Que-que estamos estudando não é de mão dupla, quando se ria tratar a si mesmo e, quando recorreu ao que ele consi-nota como lhe ficam subordinados os outros dois. Com

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 427

respeito à RTN, isso é muito evidente nos momentos em Anulou de imediato essas interpretações com uma atua-que os sucessos tornam-se mais insuportáveis para o ana-

ção que o transformou de marido modelo em um donjuán lisando. Lembre-se da forte resposta de meu colega, o de imponente promiscuidade. Chegou a dormir com pa-homeopata, quando viu chegar a primavera pela primeira cientes, amigas e até mesmo com sua concunhada. Essa vez sem asma. Ali operou também o acting out de começar conduta foi interpretada, no devido momento, por seu coma tomar a pulsatila sem comunicar-me.

petente analista anterior como uma tentativa de reafir-O uso do acting out como instrumento para manter a mar, via acting out, sua masculinidade e superar a angús-reversão da perspectiva é dos mais freqüentes. Às vezes tia de castração. Sem dúvida, essas interpretações eram não o notamos, infelizmente, e só interpretamos o acting corretas; todavia, pelo material recolhido na análise co-out e não o que o alimenta. No homeopata, pude notar migo, dava a impressão de

que o acting out cumpria tam-muitas vezes essa situação. Esse paciente havia tido uma bém a função de manter a perspectiva de como ele via as análises anteriores, na qual lhe interpretaram, e estou certo coisas e que ninguém podia ensinar-lhe nada.

de que adequadamente, suas tendências homossexuais.

428 R. HORACIO ETCHEGOYEN

58

A Reversão da Perspectiva (II)

REINTRODUÇÃO DO TEMA

reversão é um importante mecanismo da vida mental. A criança pequena, quando se sente frustrada, privada, A reversão da perspectiva é o caso extremo da rigidez invejosa ou ciumenta, expressa seu ódio e seus sentimentos do pensamento que configura o *splitting* estático. Tratos de inveja com uma reversão onipotente da situação, ta-se de uma atitude que promove, por si só e definitiva-de modo que ela será o adulto e os pais os descuidados.

mente, uma situação dissociativa; sem necessidade de No material de Richard, nessa sessão, a reversão é usada torná-la operante em cada momento, modifica as premissas de uma forma diferente. Richard coloca-se ele próprio no lugar do pai; porém, com o objetivo de evitar destruir o de toda uma série de fenômenos de distorção que podem, para o pai, transformá-lo em uma criança e, ainda mais, em uma criança estudada no nível da comunicação ou do pensamento da criança gratificada, satisfeita. Essa forma de reversão está toda. O que destacam Bion e também Money-Kyrle (segundo mais influenciada por sentimentos amorosos".¹ Nessa nota, do veremos no próximo capítulo) é a vontade de mal en-pode-se dizer que está contida em germe toda a teoria da *tender*, o desconhecimento como uma atitude do espírito reversão da perspectiva que Bion desenvolverá nos Capí-

e não simplesmente como um fracasso da comunicação. É

tulos 11, 12 e 13 de *Elements of psycho-analysis* (1963).

isso, justamente, o que situa a reversão da perspectiva na Vale a pena assinalar, também, que Klein distingue mesma classe de fenômenos que o acting out e a reação a duas situações polares em seu mecanismo de reversão, se-terapêutica negativa, porque os três tentam impedir

essa gundo predominem os sentimentos amorosos ou os forma especial de pensamento que é o insight: o acting destrutivos (ciúmes, inveja). No primeiro caso, evidente-out, através de uma regressão do pensamento à ação, a mente, a reversão tem a ver com os processos naturais de reação terapêutica negativa, malogrando o insight alcan-identificação que promovem o crescimento mental e que, çado, e a reversão da perspectiva, com uma atitude que é em termos da psicologia social, configuram o chamado o negativo do insight (vínculo -K). A meu ver, não é por jogo de papéis. Em meu entender, somente no segundo caso, acaso que Bion tome como exemplo o paciente que vem quando predominam os impulsos destrutivos, pode-se fa-deslumbrar o analista com seu insight.

lar propriamente de reversão da perspectiva.

Outro elemento que unifica as três estratégias que Portanto, essas duas situações não devem ser con-estamos estudando é que, quando persistem, conduzem fundidas, pois o jogo de papéis tem um claro sentido posi-ao impasse.

tivo, porquanto possui uma intenção de elaborar o confli-Recordemos por último que, em geral, são os esta-to e reparar os objetos, que por definição não existe na dos borderlines os que empregam a reversão da perspecti-reversão da perspectiva. O decisivo é, a meu ver, o tipo va, e não a psicose franca, na qual o delírio está à vista.

das fantasias subjacentes: no jogo de papéis, não se apaga totalmente a diferença entre sujeito e objeto, a sensação de que estou colocando-me no lugar do outro; o mecanismo é mais plástico, ao passo que na reversão da perspecti-O CONCEITO DE “REVERSÃO” DE KLEIN

va o mecanismo é rígido, e a índole, delirante.

Um antecedente importante aos trabalhos de Bion sobre a reversão da perspectiva pode ser encontrado em Klein (1961) na análise do caso Richard, após a viagem OUTROS CASOS CLÍNICOS

da analista a Londres. É uma semana que começa em uma terça-feira e cujo material, diga-se de passagem, é o que Trata-se de uma paciente que chega inexoravelmente utilizou para escrever “The Oedipus complex in the light tarde, sempre um pouco mais de 15 minutos depois: seja of early anxieties” em 1945.

qual for o horário, sua sessão começa 16 ou 17 minutos Na sessão nº 42, da quinta-feira, a propósito de um depois do combinado. As interpretações convencionais –

desenho, Klein interpreta que Richard colocou o pai no lugar do bebê, transformando-o em um bebê gratificado, e então faz esse comentário que é a nota 2 da sessão. “A 1 Narrative of a child analysis, p. 201, nota 2.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 429

rivalidade, rebeldia, resistência, controle, etc. – não modi-com o ego, suscetíveis de ser explicadas racionalmente, ficaram em nada essa situação. Certa vez, a paciente con-podem estar encobrendo um conflito dessa natureza, com tou qual era seu jogo infantil preferido e, a partir disso, um fundo de delírio.

pôde-se iniciar outra linha de interpretação, inspirada na Recentemente outra colega, a doutora Myriam reversão da perspectiva. Havia um caminho de lajes entre Schmer, comentou-me um caso dos mais interessantes. Era sua casa e uma piscina próxima, em que as pessoas transi-um homem jovem, que passou por um longo período de tavam para ir se banhar. Segundo as pedras que essas pes-impasse. Quando começou a se mobilizar, apareceu clara-soas pisavam, ela estabelecia que papel teriam como per-mente o transtorno do pensamento, e o paciente lembrou-sonagens de sua fantasia. Ninguém sabia nunca, é claro, se de maneira dramática que havia sido um canhoto conos papéis atribuídos, mas todos os dias, ao levantar-se pela trariado. O material mostrava claramente que essa manhã, ela estabelecia as regras de seu jogo, que podiam experiência infantil tinha muito a ver com a reversão da ser distintas, embora sempre consistissem em que ela sou-perspectiva. Eu não diria simplesmente que a reversão da besse que, segundo pisasse a pedra da esquerda ou a da perspectiva ocorre em canhotos contrariados, mas sim que direita, essa pessoa passaria a representar o personagem é provável que, na vida desses pacientes, tenha havido tal ou qual. O modelo desse extravagante jogo serviu para experiências que tentaram forçar sua natureza. Recordou entender que, ao chegar tarde, fazia o analista pisar a pe-também que, quando começou a escrever, fazia-o de for-dra que o convertia em um personagem de sua fantasia.

ma que ninguém entendia, até que um neurologista, que Fazia algo parecido para começar a sessão: o analista tilhe diagnosticou uma dislexia, colocou um espelho diante nha de dizer algo, perguntar, interpretar ou se mover para de sua escrita e demonstrou que ele escrevia simetrica-que ela começasse a falar.

mente: com o espelho, a escrita tornou-se de imediato to-Quando lhe foi interpretado nessa direção, a anali-talmente legível.

sanda associou algo que serviu para compreender o que Penso que seria muito interessante investigar se exis-se passava com ela: “À noite, terminei uma novela. Que te, como creio, uma relação entre a reversão da perspecti-pena deixar esses personagens! Bom, não importa, em se-va e as respostas S do Rorscharch, nas quais se toma o guida começo outra e já estou com outros personagens”.

fundo por figura. Sabe-se que essas respostas de espaço De modo que, para ela, a análise também era uma novela branco medem o oposicionismo e considera-se necessário em que instaurava personagens, criava os atores. Enquanter um número de respostas S, já que implicam autono-to a premissa é que o analista é um personagem represen-mia, que não se está submetido ao meio. A resposta S extando seu papel, o papel que ela lhe atribuiu, tudo o que pressa o oposicionismo em todos os seus graus e níveis, se possa interpretar-lhe já está incluído no argumento de normais e patológicos. Não está, por certo, entre as con-sua novela (splitting estático). Com seu silêncio inicial, ela signas do teste que alguém deva ver o impresso como fi-espera que seu personagem, o analista, comece a atuar gura e o branco como fundo, como não está tampouco seu papel, seja falando ou movendo-se. A novela na qual entre as consignas da psicanálise que o futuro paciente ela transforma a análise – e sua vida inteira – é uma forma pronuncie-se a favor da análise e contra qualquer outro de manter um tempo circular em que tudo pode ser pre-tipo de tratamento. A dificuldade surge, voltando a meu visto: posto que tudo se repete, tudo é igual. Certa vez, a paciente, não em que ele pensasse que a homeopatia é analisanda lembrou-se de uns versos de Horácio sobre o melhor que a psicanálise, mas que vinha analisar-se para saber sacrílego, que é o de pretender saber a hora da mor-demonstrar isso. A comparação entre os dois tratamentos te, da própria morte.

é lógica, e meu paciente tinha o direito de fazê-la. Mas ele Esse exemplo mostra, convincentemente, que inter-fazia algo mais, porque rechaçava silenciosamente a pre-pretar no nível dos mecanismos de defesa não basta. Por-missa de que tinha vindo analisar-se comigo, não para que que, enquanto for interpretado o atraso ou o silêncio em eu o ajudasse a realizar um tratamento homeopático. É

termos de medo, frustração, vingança, inveja, complexo nesse ponto que ele desconhece minhas premissas. Se ele, de Édipo, angústia de castração, controle onipotente ou porém, dissesse que o tratamento analítico não serve e seja o que for, não se chegou ao plano em que reside o que vai interrompê-lo, que vai buscar algo melhor, estaria conflito. A tarefa interpretativa deve propor-se a uma dentro da premissa de que está analisando-se e não quer mudança mais

substancial, que chegue às premissas ocul-fazê-lo.

tas do analisando. O exemplo presente tem um interesse Não há dúvida de que, à medida que nos habituar-adicional, mostra que as premissas ocultas podem confi-mos a descobrir esses casos, que por sua índole passam na gurar um tipo de material que nos leve a interpretações maioria das vezes despercebidos, veremos aumentar sua simples, corretas e convencionais, como as da chegada tar-freqüência. No Congresso de Londres, Liberman (1976b) de. Apenas se estivermos muito avisados poderemos pen-falou de um tipo especial de paciente, os quase colegas, sar que o fato de chegar tarde às sessões possa implicar que colocam dificuldades especiais. São pessoas que fa-algo tão complexo como o que o analista descobriu nesse zem um uso emblemático da psicanálise, que se analisam caso. A reversão da perspectiva é detectada, em geral, por uma questão de prestígio, que buscam na análise le-quando o analista nota que “tudo vai bem”, mas o anali-vantar a auto-estima através de provisões narcisistas. Pensando continua igual. Devemos ficar muito atentos, por-so que alguns desses pacientes, não todos, podem ser inque atitudes aparentemente simples e até mesmo sintônicas cluídos na categoria que estamos estudando.

430 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Vale a pena salientar, finalmente, que a análise di-trófico (1988), um livro estimulante e profundo, Darío Sor dática, que tem realmente duas finalidades, presta-se e María Rosa Senet de Gazzano consideram que “o insight, muito, por sua ambigüidade essencial, a essa classe de tal como é entendido nos processos psicanalíticos, confi-fenômenos.

gura uma mudança catastrófica” (1988, p. 86), porquan-Por tudo o que foi dito, é possível sustentar que a to desorganiza o sistema que o precedia e pressupõe atra-reversão da perspectiva pode aparecer mais freqüente-vessar uma brecha ou cesura, com todos os riscos que isso mente do que parece. Não se deve considerar, entretan-implica.

to, que todo paciente que distorce a análise, ou traz se-Agora que contrapusemos a reversão da perspectiva gundas intenções, deva ser incluído nessa categoria. O

à perspectiva reversível, digamos também que, embora psicopata, por exemplo, tem segundas intenções, mas não sejam fenômenos opostos, pertencem à mesma classe.

abandona as “primeiras”, isto é, que vem para se analisar, Acrescentemos, para não eludir a complexidade dos fatos embora

certamente não saberá por muito tempo o que é clínicos, que o paciente da reversão da perspectiva vem analisar-se para ele. Contudo, muitos casos de perversão para a análise não apenas para executar esse fenômeno, seriam mais bem compreendidos se os contemplássemos mas também para que o curemos, isto é, para que lhe tire-a partir dessa vertente. Refiro-me não ao homossexual que mos a cruz que carrega sobre os ombros. O desenlace de quer e não quer curar-se, mas ao que vem demonstrar-me penderá, como sempre, de quanto pese nele um desejo e o que é homossexual com o claro desígnio inconsciente de outro, assim como de nossa habilidade para compreendê-

que eu, como analista, ao final terei de reconhecê-lo e, lo e não cair na armadilha.

por conseguinte, terei de aceitar que meu desejo de tratá-

O desejo de curar-se, que para o paciente será não lo era um erro e um preconceito por definição.

dar mais a volta nas coisas, pode variar em grau, mas sempre existirá a possibilidade de entrar em contato com essa parte que quer sair do inferno. Creio que é isso o que Bion A REVERSÃO DA PERSPECTIVA E O INSIGHT

destaca quando diz que a tática do analista reside em desestabilizar a defesa, transformando a situação estática Quando estudamos o insight, nós o comparamos (e novamente em dinâmica. A fantasia patológica de cura de por certo o contrastamos) com a experiência delirante pri-Nunberg (1926) expressa, por um lado, a reversão da pers-mária de Jaspers, porque em ambos surge uma nova co-pectiva e, por outro, o desejo de curar.

nexão de significado. Digamos agora que, para Bion, o insight está conceitualmente vinculado à reversão da perspectiva, é seu oposto. O insight pode ser definido, justa-NARCISISMO E REVERSÃO DA PERSPECTIVA

mente, como a capacidade de assumir o ponto de vista do outro, de captar com uma perspectiva reversível, equiva-Acabamos de nos dizer, consoladoramente, que sem-lente à visão binocular. A reversão da perspectiva é bem o pre poderemos encontrar no paciente um setor (self incontrário, um mecanismo psicótico que me impede de fantil, parte neurótica, ego colaborador, racional ou o que mudar e reverter meu ponto de vista para aceitar o dos for) que não reverterá a

perspectiva e poderá ser, então, outros.² Com a noção de perspectiva reversível, que se a alavanca na qual aplicar nosso esforço. Desejo ocupar-contrapõe à reversão da perspectiva, Bion define de uma me agora da parte que reverte a perspectiva e que, em maneira convincente o papel da interpretação e do insight.

princípio, podemos afirmar que persegue finalidades na realidade, quando interpretamos, o que fazemos é dar sentido.

ao paciente outra perspectiva dos fatos que ele está desA reversão da perspectiva consiste, por definição, em crevendo e julgando. Oferecemos a ele a possibilidade de que o sujeito vem analisar-se não para conhecer a si mes-rever e eventualmente de reverter a perspectiva que ti-mo, curar-se, crescer ou resolver seus problemas, mas com nha. Essa capacidade de ver de outro ângulo é justamente uma idéia diferente, que pode até ser a de demonstrar ao o que caracteriza o insight. Em resumo, a reversão da pers-analista que não precisa de análise. Quer impor suas pre-pectiva é um processo antagônico, mas ao mesmo tempo missas e desconhecer as do outro em um desdobramento vinculado à perspectiva reversível, à capacidade de insight.

descomunal de narcisismo. Entretanto, há um calcanhar-Pode-se dizer, ainda, que as duas experiências pola-de-Aquiles nesse inexpugnável sistema, porque necessita res do insight e da reversão da perspectiva correspondem do outro para demonstrar (e demonstrar-lhe) que o que aos vínculos K e menos K e devem ser entendidas como afirma está certo.

exemplos de uma mudança catastrófica. Esse conceito, A premissa básica para que a análise seja possível é que emerge no pensamento de Bion quando escreve que o analista seja o analista e o paciente seja o paciente.

Transformações em 1965, foi ocupando um lugar cada Creio que, em última instância, essa é a premissa que está vez mais central em seu pensamento. Em Cambio catas-sempre questionada. No fundo, é a polaridade sujeito-objeto a que cai, vítima da fascinação do narcisismo. A dificuldade de aceitar a existência do outro equivale a não 2

aceitar outra realidade que não a de nossos sonhos.

Sabe-se que Bion prefere falar de vértice e não de ponto de vista. A reversão da perspectiva inclui o objeto somente para não ficar

demasiadamente prisioneiro do olho, do sentido visual.

para que confirme o que o sujeito pensa, para que subs-

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 431

tancie a realidade de seus sonhos. No exemplo de Bion, o coito dos pais, então já não haverá mais coito dos pais. O

analisando conta, como se fosse um sonho, uma experiên-

ódio à realidade é de tal magnitude, que leva a atacar o cia para ele real a fim de que o analista, ao analisá-la como aparelho mental capaz de percebê-la. Por isso, Bion diz um sonho, confirme que foi isso e nada mais. Assim, o que, evidentemente, fixar as premissas satisfaz o narcisismo objeto (o analista) só existe para confirmar o que o sujeito de quem as propõe.

pensou, ou para negar o que para ele é real.

Bion diz que, na reversão da perspectiva, o conflito Como afirma a doutora Navarro de López no trava-coloca-se entre Édipo e Tirésias, não entre Édipo e Laio. O

lho de 1980, a notável confusão sujeito-objeto da rever-conflito entre Laio e Édipo gira em torno do vínculo L e o são da perspectiva depende de um uso excessivo da iden-vínculo H, mas o conflito entre Tirésias e Édipo pertence tificação projetiva a serviço de uma intensa e agressiva ao vínculo K. Entre Édipo e Laio, o problema é quem é o escotofilia. Não encara a interpretação com seus próprio-dono de Jocasta; entre Édipo e Tirésias, quem possui o os olhos, mas com os do analista dentro do qual se meteu.

conhecimento.

Creio que, nesse ponto, a investigação de Bion leva-Digamos comparativamente, e apenas de passagem, nos a um dos problemas mais estimulantes da investiga-porque isso merece uma reflexão mais detida, que o ção psicanalítica de nossos dias: o narcisismo. Mesmo nessa narcisismo para Lacan fica questionado pela castração. A relação estranhamente narcisista em que o sujeito vem tópica do imaginário sustenta-se no não-reconhecimento procurar-me para demonstrar que não precisa de mim, eu da castração, que provoca uma estrutura especular na qual existo para ele, mesmo que seja apenas para que o ajude a a criança acredita que é o pênis da mãe, e a mãe acredita manter seu narcisismo! Se fosse assim, haveríamos de pen-que o

pequeno é seu próprio pênis. Não há uma diferença sar que viemos programados para a relação de objeto e entre sujeito e objeto, e tem de vir um terceiro, o pai, que não é certo que nossa meta seja o desejo de conservar o corta essa relação especular e dá lugar a que surja, pela narcisismo.

primeira vez, o reconhecimento das diferenças, que é tamBion de fato sustenta que nascemos com uma capa-bém a inserção do homem na cultura.

cidade para compreender em que consiste a vida sexual Todos os autores perguntam-se, em última instâncias pais, isto é, com uma preconceção do mito de Édipo.

cia, como fazemos para reconhecer o outro, para aceitar O neurótico tenta não assumir esse conhecimento, mas a assimetria que cria ou reconhece a polaridade sujeito/

não pretende não tê-lo, destruí-lo. A psicose busca uma objeto.

solução mais radical: se for atacada a preconceção do

432 R. HORACIO ETCHEGOYEN

59

Teoria do Mal-Entendido

BION E MONEY-KYRLE

interferência. Essa é uma forma extrema de evitar a dor provocada justamente pela incapacidade de compreender A reversão da perspectiva combina-se com os trava-ou pela percepção da loucura. Se alguém se empenha tan-lhos de Roger Money-Kyrle (1968, 1971, etc.) sobre a cons-to em compreender as coisas de outra perspectiva, é por-trução do conceito, o mal-entendido e o objeto espúrio.

que tem uma incapacidade radical para vê-las como são Esses estudos são de grande envergadura, mas nós os abor-para os demais. Não se poderia observar melhor essa ati-damos somente do ponto de vista técnico, isto é, em suas tude obstinada do que naquele paciente que, depois de aplicações práticas.

uma excelente interpretação que lhe fez sua doutora, dis-Fazendo um resumo do que foi visto nos dois últi-se a ela: “Essa interpretação me atingiu, me fez dar um mos capítulos, o fenômeno da reversão da

perspectiva giro de 360º”.

dá conta de certos casos em que entre analista e anali-Por ser um mecanismo tão necessário quanto extre-sando há um acordo manifesto que oculta uma discre-mo para evitar a dor e para obter de alguma forma um pância verdadeiramente radical. O analisando não ques-equilíbrio, a reversão da perspectiva é defendida com unhas tiona e, ao contrário, aceita o que o analista diz, põe-se e dentes. Daí surgem as alucinações evanescentes, os delí-

de acordo com ele e inclusive discorda, como qualquer rios fugazes, o acting out, etc. Às vezes, como recurso ex-um pode fazer, ao mesmo tempo que vê tudo a partir de tremo, aparece uma resistência incoercível e o paciente outras premissas. O que realmente está em jogo, então, deixa o tratamento.

são os pressupostos da relação e da tarefa. Configura-se Todos esses fenômenos são bastante freqüentes e, na um contrato paralelo e, enquanto não tivermos acesso a realidade, aparecem para manter a reversão da perspecti-esse contrato oculto, nunca poderemos captar o motivo va, não menos que para expressá-la. São, em última ins-pelo qual os fatos revertem-se.

tância, sintomas, elementos constitutivos da própria situ-Seguindo as fileiras da grade, há um deslizamento e, ação, porque a reversão da perspectiva é, ao fim e ao cabo, quando o analista funciona com um nível de pensamento um grande mal-entendido do qual os outros, os pequenos muito concreto, o paciente opera com um alto nível de mal-entendidos, não são nada mais que sintomas. Quan-abstração e vice-versa. Assim, por exemplo, quando o anado compreendemos isso, damo-nos conta de que o estudo lista fala do mito de Édipo (fileira C), o paciente decodifica da reversão da perspectiva leva-nos insensivelmente, como em termos da teoria do complexo de Édipo (fileiras F ou não poderia deixar de ser, ao terreno dos transtornos do G), o que equivale a dizer, em bom português, que está pensamento, a chave da investigação bioniana.

intelectualizando. Ao contrário, quando o analista procu-De nosso ponto de vista, que é a técnica psicanalíti-ra abstrair a partir da experiência, o analisando desce na ca, o transtorno do pensamento interessa quando se cons-escala de abstração e, por conseguinte, nega à interpreta-titui como problema da práxis, e o tema surge tanto da ção seu valor simbólico: interpreta-se a angústia de cas-obra de Bion quanto da de Money-Kyrle.

tração, e ele sente a interpretação como um concreto ata-O parentesco intelectual entre esses dois investiga-que a seu pênis, como a própria castração. Assim, nunca dores salta à vista, mais talvez que as diferenças. A pri-podem entender-se, o analista e o paciente jamais se en-meira destas é que, enquanto Bion estuda especialmente contram. Bleger (1967) explicava esse fenômeno dizendo os casos mais graves, em que está em jogo a psicose ou, ao que o analisando gira, ou seja, escuta com a PNP quando menos, em que a parte psicótica da personalidade desem-falamos à PPP, e vice-versa. Desse modo, anula nossas in-penha o maior papel, Money-Kyrle interessa-se pelos ca-terpretações e desorienta-nos.

sos leves. Bion ocupa-se da psicose e Money-Kyrle da neu-A reversão da perspectiva opera por meio do splitting rose, embora isso não seja absoluto.

estático, modificando as premissas. O paciente impede que Uma diferença que me parece um pouco mais con-suas concepções sejam fertilizadas pelos fatos da reali-sistente é que Bion estuda, antes de mais nada, o pensa-dade, as realizations, para que surja a concepção e depois mento, e Money-Kyrle o conhecimento, sem desconhecer, o conceito, de maneira que o crescimento mental sofre por certo, o quanto há de comum em ambas as áreas.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 433

Creio, por último, que Money-Kyrle apóia-se, mais A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO

do que Bion, em considerações evolucionistas e biológicas (etológicas).

Há duas áreas em que se desenvolve a indagação de Money-Kyrle: a construção do conceito e a localização es-paço-temporal da experiência. Na realidade, não são substancialmente diferentes, porque localizar as experiên-O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

cias pressupõe a construção dos conceitos de espaço e tem-DE MONEY-KYRLE

po; contudo, evidentemente, Money-Kyrle propõe dar mais autonomia a essas duas categorias, nas quais os fatores Embora Money-Kyrle, que é probo e modesto, subli-experienciais influem para ele mais decididamente. Vere-nhe sua dívida intelectual com Bion, não se deve perder mos, entretanto, que a má orientação para o objeto, para de vista que seus primeiros trabalhos aparecem no final a base, como ele

a chama, pode estar vinculada a um conda década de 1920 e que, desde então, ocupa-se desses ceito equivocado da base, ou seja, que as duas coisas não temas.

são facilmente separáveis. A investigação de Money-Kyrle Money-Kyrle diz que, como psicanalista, passou pe-pode condensar-se, nesse ponto, em duas palavras, mal-las três grandes etapas que marcam a evolução da própria entendido e desorientação: mal-entendido (misconception) psicanálise como ciência. Houve um primeiro momento tem a ver com a construção do conceito; desorientação em que a doença mental era concebida como inibições da (disorientation) refere-se às categorias de espaço e tempo.

vida sexual; depois, essa visão mudou por outra mais es-Uma das teses fortes de Money-Kyrle – e certamente origi-trutural, no sentido de um conflito entre impulso e defenal – é que, quando o interjogo entre a informação genéti-sa, que também é um conflito entre o ego e o superego, ca e aquilo que o meio traz não é adequado, isso não fica conflito de índole ética. Em um terceiro momento, por como um oco no conhecimento, mas prolifera como um fim, nos últimos anos, valoriza-se especialmente o trans-mau conhecimento: ao que se chama de mal-entendido.

torno do pensamento, o erro conceitual que alimenta e é o Para Money-Kyrle, o conceito constrói-se no ponto fundamento da doença mental.

de encontro entre o inato e a experiência. Nisso ele segue Esses três enfoques, obviamente, não são contrapos-a idéia de Bion de uma preconcepção que se junta a um tos; ao contrário, complementam-se: por um lado, as ini-fato da experiência (realization) para formar a concepção.

bições sexuais que tanto ocuparam Freud nas primeiras O outro apoio de Money-Kyrle é o renomado filósofo etapas de sua investigação vinculam-se ao conflito estru-Moritz Schlick, empirista lógico e chefe do famoso Círculo tural que ele mesmo descreveu e depois Melanie Klein ex-de Viena. Para Schlick, o conhecimento não se adquire plorou e, por sua vez, esse conflito de estruturas também tomando consciência da experiência sensório-emocional, pode ser compreendido como erros ao conceituar deter-mas reconhecendo o que essa experiência é (Collected papers, minados objetos, impulsos ou experiências.

p. 418). Money-Kyrle considera que esse reconhecimento Outra forma

de definir o que Money-Kyrle estuda é equivale a situar algo como membro de uma classe. Nas-que se ocupa não do instinto como pulsão, como carga, cemos, então, com uma capacidade de reconhecer certos mas como conhecimento. Na realidade, o impulso implica objetos como membros de uma classe.

ambos, a pulsão e o conhecimento. Freud já dizia isso nos Sem reabrir o debate milenar entre nominalismo e Três ensaios (1905d), quando definia o instinto não me-realismo, isto é, se há realmente universais ou se há sonos por sua carga do que por sua fonte e seu objeto. A mente palavras que nomeiam conjuntos de qualidades pulsão deve ser acompanhada de algum tipo de represen-que recortamos da realidade, digamos simplesmente que tação do objeto em que seja aplicada. Apesar de que pulsão sustentar que existem classes não pressupõe, por certo, e objeto possam ser separados metodologicamente, o ins-um realismo ontológico, mas que temos uma determina-tinto, em seu conjunto, é uma estrutura unitária. Às ve-da capacidade para destacar, dentro do contínuo da ex-zes, nós nos esquecemos disso, mas na realidade é assim.

periência, certas qualidades que estão juntas e que chaE Money-Kyrle vem lembrar-nos disso.

manos de classes. Podemos supor que há classes sem apoiar O aspecto cognitivo do instinto é estudado mais pe-as idéias de Platão ou os universais de Aristóteles, mas, los etologistas do que pelos psicanalistas. Money-Kyrle sabe antes, postulando uma aproximação gradual à realida-disso e termina seu artigo de 1971 dizendo que um dos de, estabelecendo classes cada vez mais racionais, modi-propósitos de sua publicação é ajudar a que seja fechada a ficando-as à medida que vamos compreendendo a natu-brecha entre a etologia e a psicanálise.

reza dos processos. Para dar um exemplo, a classe das Pode-se dizer, como conclusão, que Money-Kyrle, em malformações congênitas dividiu-se na classe das cerebro-uma investigação que se estendeu durante toda a sua lon-patias genéticas e na classe das embriopatias ou embrio-ga vida, une a psicanálise por seus dois extremos com a nites viróticas quando se descobriu o efeito da rubéola biologia e a filosofia, traça um grande arco que vai de Platão materna. Ou seja, vamos aproximando-nos de classes mais e Aristóteles a Lorenz e Tinbergen, passando por Schlick e racionais, mais realistas. Isso sem deixar de levar em cono positivismo lógico.

sideração, creio eu, que a idéia de classe manejada por

Money-Kyrle apóia-se em um conhecimento muito conDe acordo com o princípio do prazer, não são cons-creto que vem com o genoma.

truídos conceitos, mas pares de conceitos, porque cada De qualquer modo, Money-Kyrle diz que nascemos conceito que alguém forma, por implicar experiências com a possibilidade de reconhecer, de destacar da experi-prazerosas ou desagradáveis, fica automaticamente liga-

ência algumas classes ou, o que dá no mesmo, de situar do ao bom e o mau.

em certas classes os fatos da experiência. Por isso, a crian-
Se a inveja opera fortemente, será sempre formado o ça pode atribuir a classe seio ao seio materno ou à mama-conceito mau, porém o bom pode ser que não; então, em deira e discriminar o que não pertence a essa classe. “Um sua substituição, aparece um mal-entendido (misconception).

conceito é a imagem mnêmica de uma classe funcionando O conhecimento é doloroso, porque está sempre li-como nome” (ibid., p. 419).

gado à ausência, à falta. Se não me faltasse o seio em de-Tudo faz supor que no recém-nascido a primeira terminado momento, se o seio estivesse sempre em minha preconcepção inata é a do seio (ou o bico do seio), ou boca, não teria mal-entendidos com respeito a ele; é o melhor, talvez, a de um seio (ou bico do seio) bom ou vazio da ausência o que se enche de mal-entendidos. Em-mau, visto que as emoções de amor e de ódio colorem a bora a ausência seja indispensável, pois, se a criança tives-preconcepção desde o começo. A partir da primeira expe-se sempre o seio na boca, nunca poderia entender que o riência com um objeto que pode ser classificado como seio, seio e a boca são diferentes.

a classe diminui notavelmente, e a concepção fica ligada a um determinado seio (ou mamadeira), dado de certa forma, etc.

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO

Paralelamente ao conceito de seio (ou bico de seio), vai-se construindo o de algo que o contém, a boca. Desse Diferentemente da sofisticada grade de Bion, que vai momento em diante, vão sendo construídos os outros con-dos elementos beta ao método dedutivo-científico e ao cál-ceitos por divisão e combinação – por dissociação e inte-culo algebrico, Money-Kyrle postula somente três momen-gração, para

dizê-lo em termos mais psicanalíticos.

tos, que são: identificação concreta, representação ideo-Viemos programados e preparados para reconhecer gráfica e representação verbal.

e classificar “as coisas da vida”; porém, esse desenvolviA primeira etapa, a representação concreta, não é es-mento nunca é fácil, porque também opera em nós uma tritamente representacional, já que a representação não força poderosa a desconhecer, a esquecer, a nos enganar.

se distingue do objeto representado. Até onde posso en-Possuímos os instrumentos adequados para conhecer tender, essa idéia corresponderia aproximadamente ao que a realidade, para classificar os fatos da experiência, e o cor-Freud (1915e) chama de representação de coisa no in-re, no entanto, que precisamos aprender de novo o que já consciente. Money-Kyrle cita o caso de um paciente que sabíamos através de um esforço árduo e persistente. É que, teve uma série de episódios ictéricos leves por constrição assim como nascemos com um amor inerente pela verdade das vias biliares que, pela evolução do material, pareciam (instinto epistemofílico, vínculo K), também trazemos corresponder à primeira fase de sua classificação, que de-conosco a tendência a distorcê-la por pouco que nos con-pois se expressaram claramente como ideogramas oníricos.

trarie. Desse modo, e esta é outra tese forte de Money-Kyrle, Money-Kyrle parece pensar que esses episódios eram a ex-quando não construímos o conceito exato, não é somente pressão fisiológica do que Hanna Segal (1957) chamou porque o meio privou-nos das experiências (realizations) de equação simbólica (Collected papers, p. 422), mas incli-adequadas, mas também porque temos uma forte tendên-no-me a pensar que tanto a representação de coisa quanto cia a distorcer. O espírito humano tem uma disposição mui-a equação simbólica coincidem melhor com a segunda eta-to forte a não conhecer, a desconhecer. Aqui, Money-Kyrle pa, que agora vamos consignar.

concorda com o benévolo ceticismo que percorre toda a Depois vem a representação ideográfica, na qual já obra de Freud e que se torna teoria em “Formulações sobre existe uma primeira distância entre a coisa e o símbolo, os dois princípios do suceder psíquico” (1911b).

tal como se observa nos sonhos.

O conflito básico do ser humano talvez seja, para a fase final do desenvolvimento cognitivo corresponde Money-Kyrle, o que se estabelece entre um poderoso im-

à representação verbal do pensamento consciente.

pulso a conhecer e o não menos forte a não conhecer, a distorcer os fatos da vida.¹ Money-Kyrle explica essa tendência a distorcer com dois instrumentos teóricos: o prin-

cípio do prazer e a inveja.

Expusemos como se origina e como se constrói o conceito e agora nos cabe falar brevemente de como Money-Kyrle entende que se alcançam as categorias de espaço e 1 No final da primeira parte de seu trabalho inaugural, "The tempo.

development of a child" (1921), Melanie Klein descreve a luta Money-Kyrle considera que nascemos com uma dis-entre o princípio do prazer e o princípio de realidade em termos posição para nos orientar frente à realidade e em "Cognitive de um impulso a conhecer versus o sentimento de onipotência da criança, que recolhe do estudo de Ferenczi (1913) sobre o de-development", o trabalho que estamos comentando, o desenvolvimento do senso da realidade (Writings, v. 1, p. 16).

pa-se da orientação espacial que nos dirige para uma base.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 435

É interessante assinalar, porque isso define nitidamente que a busca é equivocada, que se busca um homem quando sua posição, que Money-Kyrle chama de base não algo da do se precisa de um analista, um pênis em vez de um seio, pessoa, mas concretamente o objeto. Psicologicamente, a um pai em vez de um marido. No começo de seu amor de base é o ponto de cruzamento das coordenadas cartesianas transferência, uma mulher casada, de idade mediana, afirmando ao qual o sujeito sempre recorre para se orientar. A base muda terminantemente que tudo o que precisava para cada qual derivam todas as demais é o primeiro objeto que rar-se era ficar apaixonada. O mesmo se poderia dizer do se recorta na confusão sensorial do recém-nascido, isto é, acting out daquele homem que, no primeiro fim de semana do seio, ou talvez, especificamente, o bico do seio.

na de sua análise, dormiu com sua empregada e presente-O desenvolvimento do sistema a partir da base é, teve-a com o

equivalente justo do que pagava pela sessão.

como se compreende, do seio à mãe, depois aos dois pais. Pode-se dizer o mesmo sobre o mal-entendido. No (complexo de Édipo), aos irmãos e à família, à sociedade.

fim das contas, nosso trabalho baseia-se, em boa parte, A orientação para a boa base pode perder-se de vá-

em retificar o que o paciente entende mal daquilo que lhe rias maneiras. Às vezes, a criança mete-se dentro da base dizemos. Temos tendência a passar por alto que o pacien-com uma identificação projetiva total, seja por sentir inve-te nem sempre nos compreende, que às vezes sua compre-ja, seja para buscar proteção frente a um perigo, tema este ensão está truncada no nível das idéias, dos conceitos. Para que o livro de Ahumada (1999) desenvolve com rigor.

tomar um exemplo muito claro da prática de todos os dias, Nesses casos, a confusão de identidade é muito grande, e as clássicas interpretações do fim de semana, criticadas às o processo pode ser bastante sintônico se as circunstân-vezes com razão como interpretações clichê, sempre o se-cias da vida assim o permitem. Em um trabalho anterior, rão se partimos equivocadamente da idéia de que o paci-Money-Kyrle (1965) atribuiu a esse mecanismo a megalomane sabe o que é esperar ou tem o conceito do que é a mania e sustentou que o homem começou a usar roupas ausência do objeto. Se algum desses conceitos falta e é para consumir a identificação projetiva com seu animal substituído por outro equivocado, então essas interpreta-totêmico, isto é, com os pais. Em um trabalho de 1983, ções são irremediavelmente inoperantes, por mais certas Jorge Ahumada estuda a importância de detectar no ma-que sejam, simplesmente porque o paciente não pode, de terial do analisando se o analista é reconhecido como base, maneira alguma, compreendê-las. Uma paciente muito o que passa mais de uma vez despercebido, já que o anali-inteligente, que sempre criticava a mesmice de minhas insando não pode expressá-lo e o analista dá por certo que terpretações do fim de semana, mudou drasticamente ele existe para o outro. Muitas vezes, a falta da base, ou quando comecei a dizer que, para ela, a palavra ausência seja, de um seio capaz de introjetar os estados dolorosos, não tinha significação, que não sabia o que queria dizer aparece no material como a idéia de que o analista é frio ausência; e verdadeiramente era assim, de modo que tudo ou insensível. Seguindo o que diz Money-Kyrle em seu o que eu lhe havia interpretado antes tinha sido inútil ou, último trabalho (que escreveu em 1977), Ahumada subli-na melhor das hipóteses, apenas uma vaga preparação

para nãa a necessidade de distinguir a identificação projetiva que chegasse a compreender que lhe faltava um conceito, destrutiva da identificação projetiva desesperada, que é o conceito de ausência: enquanto não tivesse esse concei-uma tentativa de conexão (ou de reconexão) com a base.

to, eu mal podia interpretar que tinha estado ausente du-Outra eventualidade em que se perde a boa base é rante o fim de semana.

quando ela é confundida ou trocada pela má. A base equi-Se o analista percebe onde está o mal-entendido e a vocada representa, simplesmente, a que não convém ao que conceito substitui, põe em marcha um processo que, sujeito nessas circunstâncias.

se terminar de forma feliz, restitui ao paciente o conceito Como uma terceira possibilidade, Money-Kyrle estu-que falta. Tenho visto em minha prática que, quando pos-da a orientação a uma base confusa e toma como so interpretar desse modo, alcanço um nível de precisão e paradigma o trabalho de Meltzer (1966), quando a crian-eficácia singular, não desprovido de elegância. Em um caso ça confunde o seio da mãe com seu traseiro que se afasta recalcitrante de ejaculação precoce, por exemplo, obtive e depois com seu próprio traseiro, onde se mete com um um progresso certo quando comecei a interpretar a meu ato masturbatório.

analisando que ele não tinha um conceito claro do que Vale a pena destacar que as idéias de mal-entendidos significa esperar. É óbvio que, se não se ataca esse ponto e desorientação têm aplicação imediata e vigente na prá-

concreto, dificilmente se poderá corrigir o transtorno.

tica. Às vezes, nenhuma interpretação pode ser mais preO ponto de partida mais seguro para aplicar essas cisa que a de assinalar ao paciente sua desorientação, o idéias adequadamente à prática é levá-las a sério e levar fato de que ele busca aquilo que não é verdadeiramente o também a sério o analisando quando diz que não nos com-que lhe convém; e, enquanto não interpretarmos essa busca preende. No exemplo da inteligente mulher que desquali-equivocada como o erro básico do analisando, a desorien-ficava minhas interpretações do fim de semana, a situa-tação provavelmente persistirá e o analisando continuará ção começou a mudar quando assumi o fato de que ela equivocando-se, e nós também vamos errar o caminho, dizia seguidamente que não me compreendia. Até esse mo-seguindo-o com interpretações que só alcançarão o con-mento, eu

voltava a lhe explicar e, quando ela insistia em tingente, o adjetivo.

que não me compreendia, interpretava-lhe que me desqua-Muitas interpretações sobre o amor de transferên-lificava (o que também era certo) ou se burlava (o que cia, por exemplo, são melhor formuladas se for apontado também era certo).

436 R. HORACIO ETCHEGOYEN

OS CONHECIMENTOS BÁSICOS

LUTO E MEMÓRIA

“The aim of psycho-analysis” (1971), um dos últi-Voltando aos três atos de reconhecimento já estudamos trabalhos de Money-Kyrle, versava sobre quais podos, pode-se dizer que o ponto de partida de um desen-dem ser os conhecimentos que nos vêm com o genoma e volvimento sadio é poder reconhecer o seio como objeto propunha três: o reconhecimento do seio como objeto bom, já que, a partir disso, vão sendo dadas todas as ou-supremamente bom, o reconhecimento do coito dos pais tras relações. Isso é difícil, porque não podemos gozar do como insuperável ato de criação e o reconhecimento do seio indefinidamente.

tempo inevitável e, finalmente, da morte (Collected papers, Money-Kyrle pensa que sempre se chega a formar o p. 443).

conceito de seio bom e que, para tanto, há de bastar que A proposta de Money-Kyrle é altamente especulativa, os cuidados maternos, por insuficientes que sejam, consi-e ele não ignora isso. Poderia ser que o desenvolvimento gam fazer com que a criança mantenha-se viva. Quanto futuro das investigações levasse-nos a aceitar que são ou-piores forem os cuidados maternos, é claro, menos firme-tros os conhecimentos inatos; todavia, de qualquer mamente se poderá estabelecer o conceito de seio bom e mais neira, os mencionados encontram apoio suficiente em toda exposto estará a desmoronar durante a ausência. Quando a investigação psicanalítica.

o desenvolvimento é cumprido mais ou menos normal-Por outro lado, a tese de que viemos ao mundo com mente, a memória do seio bom subsiste às vicissitudes do certos conhecimentos elementares parece estar atualmen-contato e da separação, é reconhecido quando volta e, te muito apoiada pela investigação etológica e, ao fim e ao quando vai embora definitivamente, precipita o processo cabo, não faz mais que pôr os hominídeos em linha com de luto que Melanie Klein (1935, 1940) chamou de posi-todas as espécies do reino animal. O animal é

capaz de ção depressiva, durante a qual o seio bom perdido é inter-reconhecer certos estímulos como sinal que põe em mar-nalizado.

cha pautas fixas de comportamento (fixed action patterns).

Money-Kyrle inclina-se a pensar que a internalização Como se pode ver no livro de Lorenz, Evolução e do objeto perdido no processo de luto equivale a estabele-modificação da conduta (1971), e em múltiplas contribui- cer um conceito (talvez no nível de representação ideo-

ções da etologia atual, o estímulo sinal que põe em mar-gráfica), mas do que não duvida é que a possibilidade de cha uma conduta pode ser demasiadamente contingente, enfrentar o luto e a capacidade de recordar são insepa-mas bem determinado. Lorenz cita a conduta de atenção ráveis, porque sem memória não pode haver luto e sem da perua a seus filhotes como muito específico (e, para luto não pode haver memória (ibid., p. 444).

mim, dramático). A perua responde inicialmente ao piar de seus filhinhos com condutas maternas de cuidado.

Qualquer objeto que esteja no ninho sem emitir esses si-O OBJETO ESPÚRIO

nais é desalojado pela diligente mãe a bicadas. Se se puser no ninho um objeto artificial, dotado de um mecanismo Quando a memória e a perda tornam-se intoleráveis, que lhe faça emitir o sinal do filhote, será reconhecido o objeto bom já não é reconhecido como tal e é trocado como filho. Se lesionarmos seu coclear, a perua expulsará por outro, ao qual se atribuem equivocadamente as virtude seu ninho os filhotes logo que saem da casca. Alguns des do original. O protótipo desse modelo patológico de dias depois, porém, essas rígidas condutas instintivas mo-desenvolvimento remete-nos, uma vez mais, aos sentimen-dificam-se pela aprendizagem, e a mãe continuará cuidan-tos confusos e exaltados da criança que Meltzer descreveu do de seus pintinhos, embora não emitam o sinal.

em 1966 e aos quais nos referimos há pouco ao falar da Voltando aos três conhecimentos inatos de Money-base. No momento em que a criança troca o seio por seu Kyrle, vimos que se apóiam no corpo teórico geral da psi-traseiro, podemos afirmar que se produziu o mal-entendi-canálise, mas vale a pena também destacar que tomam do fundamental. Como disse uma vez um aluno muito in-partido em algumas de nossas grandes controvérsias. Em teligente, o desvio inicial

é quando o bebê conceitua o primeiro lugar, que a relação de objeto é inicial e não pode seio como o... traseiro!*

haver uma etapa de narcisismo primário. Fica também afir-Desde as falhas na conduta do objeto até a inveja mado que há primeiro uma relação diádica com o seio e endógena, muitos são os fatores que podem explicar por depois uma relação triangular edípica. Para Money-Kyrle, que um indivíduo busca um substituto espúrio para subs-não é somente a pulsão sexual que é genética, mas tam-tituir um verdadeiro objeto; todavia, sem começar a dis-bém o objeto do instinto e a relação dos objetos entre si (cena primária). Money-Kyrle não desconhece – nem tem por que desconhecer – o enorme peso do complexo de

* N. de R.T. O autor joga com o duplo sentido da palavra “traste”

Édipo no acesso do homem à cultura, mas postula-o como que significa tanto traseiro como lixo, porcaria, bugigangas, coi-um conhecimento inato que a cultura não faz outra coisa sas supérfluas ou descartáveis. Em português, talvez pudéssemos senão reforçar, inibir ou desviar.

empregar aqui a expressão: “uma...merda”.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 437

cutir sua história, a idéia serve na prática, porque permite Disse que um bebê só pode lembrar o bico do seio quando interpretar com precisão e com menos carga na contratra-o tem na boca.

nsferência, na medida em que se compreende que o paciente busca um objeto espúrio porque esqueceu o autêntico, porque não pôde esperá-lo e não é capaz de reconhecê-

NATUREZA E CULTURA

lo. Esse raciocínio é aplicável ao acting out do fim de semana e também muito ao amor de transferência no qual o A idéia central de Money-Kyrle é, parece-me, que o objeto espúrio, para a paciente mulher, é o pênis. Lembro-conhecimento tem um desenvolvimento, no sentido de que me de um paciente masculino que me dizia, em tom desa-há fatores endógenos e exógenos, genéticos e adquiridos, fiador, que o que ele necessitava para se curar era uma que o determinam, que o impulsionam. O conhecimento mulher, uma fêmea. A análise não lhe servia para nada. O

não se dá de saída e para sempre, mas é um processo; e a que tinha de fazer era ajudá-lo a conseguir uma fêmea, função mais importante do psiquismo é, talvez, aproxi-essa mulher ideal, receita infalível para todos os seus pro-mar-se das fontes genéticas do conhecimento. Parece tam-blemas. Buscava um objeto espúrio, acreditava que a va-bém que, infelizmente, uma função fundamental do gina de uma mulher resolveria todos os seus problemas; psiquismo é distorcer esse conhecimento primeiro e fun-porém, na realidade, o que precisava era de um analista e damental, o que talvez seja uma forma queixosa de dizer não de uma mulher para resolver seus problemas. Nesse simplesmente que o homem é um animal capaz de criar paciente, diga-se de passagem, a vagina idealizada estava símbolos.

confundida com o reto, enquanto a função psicanalítica Desse modo, os trabalhos de Money-Kyrle propõem tão desprezada representava o seio, a partir de um splitting com uma nova perspectiva, que é estritamente psicanalíti-horizontal do corpo da mãe (ou, se se prefere, de um desca, o velho problema de natureza e cultura, pois afirmam locamento de cima para baixo). Nesse breve exemplo, com-que há entre ambas uma interação, como dizem, por ou-preende-se que, operando com a idéia de objeto espúrio, tro lado, as novas correntes sociobiológicas. Assim foi ex-pode-se interpretar com precisão, e diria até mesmo com posto, há alguns anos, no famoso livro de Lionel Tiger e serenidade, mais ao abrigo da tensão contratransferencial Robin Fox (1971) e, posteriormente, nos estudos de que inevitavelmente sentimos quando o paciente literal-Edward O. Wilson (1978). Em *The imperial animal*, insis-mente nos dá as costas e vai buscar outras soluções, às te-se muito no valor das estruturas hierárquicas no com-vezes perigosas e sempre desatinadas.

portamento dos primatas em geral e sobretudo dos homi-Assim como Bion diz que se deve ver o paciente como núdeos. A tese geral desse livro é que não existe oposição se fosse a primeira vez, com o que quer dizer que não se radical entre natureza e cultura, porque somos por natu-deve ficar atado aos preconceitos que já se tem sobre o reza animais culturais. Nesse sentido, surge uma forte re-paciente, Money-Kyrle afirma que o paciente também nos futação à idéia de Freud quando em 1930 – e, na realida-vê em cada sessão pela primeira vez, porque nem sempre de, ao longo de toda a sua obra – antepõe o instinto à nos reconhece quando chega, e que não nos damos conta cultura.2

disso, porque é óbvio e porque é muito doloroso. Se ope-Com seus delicados instrumentos psicanalíticos, rarmos levando em conta esse esquema e se ao mesmo Money-Kyrle procura averiguar o que é o genético, o que tempo formos sensíveis ao que os pacientes dizem, vere-

é o adquirido e qual é a relação entre ambos.

mos aparecer esse tipo de problemas com frequência e Money-Kyrle parte do fato de que nascemos com de-muito concretamente. Lembro-me, por exemplo, de uma terminadas concepções, no sentido de Bion (e também paciente que costumava dizer-me nas segundas-feiras: “Eu no sentido etológico de conhecimento genético), e que não sei quem é você”. Eu interpretava essas associações essas concepções devem unir-se, conjugar-se com de-como hostilidade pelo fim de semana, mas o problema era terminada experiência, o que Bion chama de realization.3

mais grave e, na realidade, ela me havia esquecido, havia Ou seja, dada uma determinada concepção que tenho, perdido totalmente o contato. Ao interpretar que ela esta-quando encontro um exemplo no meio, eu “realizo” que va com raiva pelo fim de semana, eu deixava sem tocar o isso é o que estava buscando. É nesse ponto que intervém essencial, isto é, que a interrupção da sexta-feira a levava Schlick ao afirmar que conhecer é sempre reconhecer o a expulsar o objeto totalmente e daí que me desconheces-objeto como membro de uma classe.

se. Eu interpretava que me desconhecia para expressar O conceito de classe é bastante interessante, e Money-sua raiva, tomando como um desprezo de nível quase so-Kyrle remete-o a Platão e Aristóteles. Platão dizia que há cial o que era algo mais profundo e dramático. Ela

realmente não se lembrava e, quando a situação foi interpretada corretamente, a analisanda respondeu com uma as-2 Como se sabe, Anna Freud sustenta resolutamente essa linha sociação que para ela tinha um valor alegórico, mas para de pensamento em O ego e os mecanismos de defesa (1936).

mim mostrava um aspecto essencial de seu conflito, ape-3 O verbo inglês to realize significa compreender ou ser conscien-sar do aspecto de intelectualização com que se recobria.

te de algo; daí vem realization.

438 R. HORACIO ETCHEGOYEN

Idéias das quais as coisas da realidade são meros arreme-sar de seu nome, as classes “naturais” modificam-se contidos. Todas as coisas e os seres do mundo, tudo o que nos-nuamente porque, à medida que podemos compreender sos sentidos percebem são apenas aparências. Vivemos mais o que é substancial a uma classe, melhor podemos prisioneiros em uma caverna e vemos apenas sombras que defini-la ou caracterizá-la. Não ocorreria a ninguém colo-tomamos por realidade. A realidade não pode ser forma-car em uma mesma classe leões e camelos pelo fato de da senão pelas Idéias, perfeitas, eternas, incorruptíveis. O

que são da mesma cor, já que há outras características, conhecimento verdadeiro está cimentado na realidade das como a de herbívoro ou carnívoro, que nos parecem mais idéias, daí o nome de realismo para essa posição filosófi-significativas. Contudo, para classificar as mariposas, a cor ca, à qual se contrapõe o nominalismo de William de pode ser importante, porque pode decidir a sobrevivência Occam, entre outros. É a partir das Idéias que reconhece-de uma espécie se facilitar sua adaptação. Money-Kyrle mos os fatos da realidade, que lhes são sempre inferiores.

opera com esse conceito de classe quando afirma que o Se despojamos essa doutrina de todo o anlage ideológico homem nasce com um conhecimento inato de algumas de um Platão que vive e cresce na época da decadência de classes de objetos.

Atenas, apenas terminada a guerra do Peloponeso, com a Money-Kyrle estuda a formação do conceito, e uma rendição de sua cidade em 404 a.C.,4 o que Platão quer de suas teses fundamentais é que pode falhar por diversas dizer é que temos algum tipo de conhecimento prévio à razões que dependem do próprio indivíduo ou do meio.

experiência que nos permite colocar-nos frente a ela. Algo Se as realizations não são muito eficazes (fator exógeno) parecido dirá depois Kant, quando se opõe aos idealistas ou se a intolerância à dor é muito alta (fator endógeno), ingleses e diz a Locke que o cérebro não é uma tabula aparece uma vontade concreta de desconhecer e, por essa rasa, porque, quando se nasce, já existem a prioris. Schlick, razão, os conceitos que deveriam formar-se transformam-por sua vez, faz referência a uma capacidade para poder se em mal-entendidos.

situar as coisas em classes.

Essa parte da teoria do mal-entendido está muito vin-O conceito de classe é complexo, mas basta dizer que culada à teoria da memória e do reconhecimento. Reco-se pode admitir que nas coisas da natureza há algumas nhecimento tem aqui o duplo sentido de gratidão, de es-características que andam juntas, e é isso que nos permite tar reconhecido, e de recordação, já que, se não me lem-fazer classificações. As classificações vão mudando à me-bro de algo, mal posso reconhecê-lo. O reconhecimento dida que temos mais conhecimentos, porque o conheci-está ligado à posição depressiva, porque condiciona a de-mento aproxima-nos das assim chamadas classes naturais.

pressão, assim como a depressão condiciona a memória.

Tomemos a classificação de Lineu, por exemplo. Homem Como posso ter depressão senão recordando o que tinha e anterior a todo compromisso evolucionista, ele pode fa-não tenho mais? E, vice-versa, como pode haver recorda-zer, no entanto, uma classificação que se sustentou – em-

ção se não for a partir de um luto pelo que não está pre-bora depois tenha sofrido, logicamente, modificações –

sente? Portanto, os três conceitos – recordação, luto e tem-porque era um observador genial, rigoroso e lúcido. Ape-po – são fundamentais e indispensáveis nessa doutrina.

4 Ver Sarton, Historia de la ciencia, v. 2, Cap. 16.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 439

É fácil definir em termos gerais o impasse psicanalítico-O erro técnico incide sobre o processo também em co, mas é árduo descobri-lo e complexo resolvê-lo. Neste uma determinada direção: surge do analista e assim o con-capítulo, tentarei delimitar o conceito, situá-lo no campo sideram ambos os participantes ou, em todo caso, e tam-que lhe pertence (a técnica) e assinalar suas fontes princi-bém à primeira vista, um terceiro chamado a opinar, o pais (psicopatologia).

supervisor.1

Sobre a definição não cabem muitas dúvidas. A pala-Ao separá-lo da resistência incoercível (do paciente) vra francesa é, por si mesma, clara e universal. Quer dizer e do erro técnico-teórico (do analista), o impasse fica mais beco sem saída e é empregada quando algo que se desen-definido e concreto, sem por isso ignorar as formas de volvia normalmente se trava de repente e se detém. Pode-trânsito, nem pretender que essa discriminação conceitual mos vê-la freqüentemente nos jornais para caracterizar seja facilmente aplicada ao caso clínico. Ocorre às vezes, alguma negociação que chegou a um ponto morto. Não é por exemplo, que uma aparente resistência incoercível seja outro, em meu entender, o sentido que se dá a ela em na realidade uma resposta a algo que o analista fez e, vice-psicanálise. Entretanto, o uso corrente do termo exige que versa, o erro técnico pode partir do paciente, como, por a detenção ocorra quando as condições gerais da situação exemplo, no fenômeno da contra-identificação projetiva analítica conservam-se, e é muito pertinente, então, a pre-descrito por Grinberg (1956, 1963). É possível também, cisão de Mostardeiro e colaboradores (1974) ao observar como se vê na prática, que o analisando que deixou o tra-que só se pode falar de impasse em psicanálise quando se tamento por resistência ou erro técnico desemboque em cumprem as condições formais do tratamento: se o setting um impasse em uma segunda tentativa. Em suma, os três está notoriamente alterado, não cabe fazê-lo. No impasse, processos superpõem-se e relacionam-se, sem que, por isso, o trabalho analítico realiza-se, o paciente associa, o ana-devam ser confundidos. Pela precisão, impasse deve ser lista interpreta, o enquadre mantém-se em suas constan-reservado para casos em que o fracasso não é visível e o tes fundamentais, mas o processo não avança, nem retro-tratamento perpetue-se.

cede. Isso não pressupõe, por certo, que não haja falhas Giovacchini e Bryce Boyer (1975) definem o impasse no enquadre e no trabalho do analista. Existem sempre, como uma situação em que o terapeuta, que se sente incô-

como em toda análise, porém não são o aspecto decisivo.

modo e frustrado, tende a introduzir um parâmetro, isto é, O compromisso do analista é tão completo (e complexo) um procedimento não-analítico, ou então a interromper a no impasse, que há a tendência a classificá-lo como impasse terapia (p. 144). Essa definição não me parece totalmente pelo paciente e pelo analista. Há muitas razões, contudo, satisfatória por diversas razões. Pode haver o impasse sem para não aceitar esse critério, e a primeira é que no verda-que o analista veja-se levado a atuar. O acting out do analis-deiro impasse ambas as causas aparecem sempre super-ta, no caso de se produzir, seria uma consequência do postas e indefinidas: o impasse não é resistência incoer-impasse, mas não uma de suas notas definidoras. Por outro cível, nem tampouco erro técnico.

lado, o parâmetro de Eissler (1953) tem a ver com uma Vale a pena deter-se um momento, para discutir esses termos. A resistência incoercível irrompe no processo a partir do analisando e sempre bruscamente. Em geral, apre-

*

senta-se de início e, se o faz depois, será fácil determinar o N. do A. Reproduzo neste capítulo, com algumas modificações, o trabalho que com o título “El ‘impasse’ psicoanalítico y las momento e as circunstâncias de sua aparição, súbita e estrategias del yo” publiquei na Revista de Psicoanálisis de 1976.

intempestiva. É algo que salta à vista e pertence ao paciO leitor terá de me desculpar pelas repetições, mas talvez elas o ente. O mesmo assim o considera e, por sua vez, o analista ajudem a recapitular a sexta parte.

não se sente pessoalmente envolvido, além de sua inevitá-

1 O erro técnico inclui as limitações teóricas do analista, mas não vel responsabilidade profissional. Mais cedo ou mais tarda psicanálise, já que então todo obstáculo poderia ser remetido de, se essa situação incômoda não se resolve, o paciente à nossa ignorância, o que seria louvável do ponto de vista ético e interrompe o tratamento por sua conta ou com nosso con-legítimo epistemologicamente, mas carente de significado na sentimento.

prática.

atitude técnica que, independentemente do acordo que lhe to ao impasse, e certamente é assim. Todavia, o problema dispenseemos, não implica necessariamente atuação.

é pouco mencionado e estudado.³

Esses autores consideram que o impasse é o correlato É que, quando nos colocamos a considerá-las seria-transferencial de uma crise do desenvolvimento precoce mente, devemos enfrentar as interrogações últimas sobre e, como tal, é intrínseca à psicopatologia do paciente, com o valor de nosso método e a eficácia de nossa técnica. O

o que se confunde a causa (psicopatológica) com a conse-impasse de um só tratamento leva o analista autêntico in-qüência técnica, o impasse. De qualquer maneira, a obser-variavelmente a um questionamento de sua profissão e de vação clínica de Giovacchini e Bryce Boyer é acertada, uma sua disciplina. Não ocorre o mesmo com o fracasso ou vez que as crises do desenvolvimento precoce têm seu “ine-com a interrupção do tratamento, que só evocam, em ge-vitável” correlato na transferência, como já vimos no Caral, falhas mais pessoais, mais imediatas e reconhecíveis.

pítulo 28, mas não me parece inevitável que a repetição Essa é outra razão – quase higiênica – para delimitar o transferencial leve ao impasse.

termo e não confundi-lo com os outros casos, sempre mais Laertes Moura Ferrão (1974) questiona o próprio justificáveis e menos perturbadores para nossa consciên-conceito de impasse e sustenta que ele está impregnado cia.⁴

de uma concepção errônea da psicanálise. Por suas oriOs analistas que questionam Freud na década de gens e por sua índole, a psicanálise assemelha-se (e con-1930 e criam a neopsicanálise fazem isso porque o beco funde-se) com um tratamento médico e até mesmo com sem saída de sua práxis leva-os a buscar outras teorias.

um tratamento moral e religioso. A idéia de cura médica Basta reler New ways in psychoanalysis, de Karen Horney ou moral influi sobre nossa concepção do processo psica-

(1939), para ver que é assim. Também a ontoanálise, que nalítico e repercute na onipotência do paciente e do ana-Binswanger inicia pouco depois, proclamará sobre a mes-lista. Seguindo Bion em Volviendo a pensar (1967), nosso ma base que devem ser revisados os pressupostos teóricos autor sustenta que a psicanálise não é um

procedimento de Freud e seus continuadores, na medida em que operativo, mas um método de conhecimento para facilitar ram contra a captação imediata do paciente como exis-o crescimento do indivíduo. Sem discutir o fundo do as-tente. São bem conhecidas as contradições e falhas dos sunto, e ainda da perspectiva do autor, o impasse existiria culturalistas e da Daseinanalyse, mas isso não impede que do mesmo modo, enquanto obstáculo a esse crescimento a reiterada comprovação de que um tratamento não pro-do indivíduo.

gride e estanca-se leve por novos caminhos.

Maldonado, que estudou o impasse consistentemen-O mesmo tipo de dificuldades havia contribuído para te (1975, 1979, 1983), inclina-se a pensar que o impasse que Freud, dez anos antes, modificasse radicalmente suas

“não é um mero resultado secundário, de resistência do teorias. O conceito de repetição, que se impõe a ele em paciente; é, pelo contrário, um objetivo para o qual se di-1914 e leva-o seis anos depois a postular um instinto de rige o paciente e corresponde a uma fantasia inconsciente morte, sem dúvida reside na dificuldade clínica de fazer que tende a obter a paralisação do objeto em sua autono-certos pacientes progredirem. A análise do “Homem dos mia e em seu vínculo com ele” (1983, p. 206). Maldonado Lobos” havia chegado a seu impasse em 1913, e já sabe-afirma, com toda razão, que no inconsciente do analisamos a forma drástica (não isenta, por certo, de uma forte do existe uma representação do processo analítico, que dá tonalidade contratransferencial) com que Freud a resol-conta de seu dever. Daí que possa detectar-se muitas vezes veu (ou acreditou resolvê-la).

no material a fantasia de um processo que se deteve.

Quando lemos a partir dessa perspectiva, o Freud dos Em conclusão, creio não me afastar do emprego ge-anos de 1920, que enuncia a teoria estrutural com a se-neralizado desse termo se dou uma definição elucidativa2

do impasse, mediante as seguintes notas essenciais: o impasse psicanalítico é um conceito técnico, comporta uma detenção insidiosa do processo, tende a se perpetuar, o 3 No livro clássico de Edward Glover (1955), entretanto, podem setting conserva-se em suas constantes fundamentais, sua ser encontradas muitas e valiosas referências ao tema sob as de-existência não salta aos olhos como resistência incoercível signações de analytic stagnation e stalemate

analysis (pássim).

ou erro técnico, tem suas raízes na psicopatologia do pa-4 Se quiséssemos utilizar os conceitos do epistemólogo Thomas Kuhn, envolve a contratransferência do analista.

S. Kuhn (1962) sobre a estrutura das revoluções científicas, po-Até o mais leigo pode pensar que um procedimento diríamos dizer que os fracassos terapêuticos são geralmente vis-longo e penoso como o tratamento psicanalítico, que por tos como dificuldade interna da teoria, que não põem em perigo definição se entende como um esforço sustentado para o paradigma psicanalítico, enquanto o impasse constitui uma vencer uma resistência, deve estar particularmente expos-verdadeira anomalia e equivale a um âmagio de crise. As dificuldades internas, diz Kuhn, não alteram a ciência normal, cuja tarefa fundamental é a resolução de enigmas; porém, as anoma-2 Rudolf Carnap (1950), no Capítulo 1 de seu Logical foundation lias conduzem à crise, que obriga a reconstrução da disciplina of probability, distingue três tipos de definições: analítica, que com base em um novo paradigma. Como se verá a seguir, o fenô-

recolhe os usos comuns de um termo (como as pessoas empre-meno do impasse teve reiteradamente esse efeito. Merece ser gam a palavra); estipulativa, que sugere um uso específico, e destacado que, embora em outro contexto, Giovacchini e Bryce elucidativa, que propõe um uso normalizado, com base em como Boyer vinculam lucidamente o impasse a uma crise existencial se emprega o termo na linguagem corrente.

do analista, a um ataque a seus valores (1975, p. 161).

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 441

gunda tópica, podemos seguir sem vacilações o fio que vai É significativo que a idéia de impasse apareça impli-desde a repetição até o instinto de morte e o (cruel) citamente em Freud quando introduz, em 1914, o concei-superego do quinto capítulo do O ego e o id (1923b). Ali, to de elaboração. Diz ali, concretamente, que o analista Freud descreve magistralmente a reação terapêutica ne-principiante, ao não levar em conta esse processo (a ela-gativa, cuja relação com o impasse é tão evidente que às boração), pode acreditar que o tratamento falha e estan-vezes até são considerados sinônimos.

ca-se (AE, v. 12, p. 157), ao não observar uma mudança É também um franco reconhecimento de que a análi-imediata de uma determinada

configuração resistencial, se praticada no final da década de 1920 levava freqüente-depois de tê-la interpretado adequadamente. É que o mente a um estancamento, o que impulsiona as investiga-impasse é, precisamente, a meu ver, o negativo da elabora-

ções de Wilhelm Reich, que culminam em 1933 com seu ção: quando se detém a elaboração, surge o impasse.

duradouro Análise do caráter, para o qual voltam os olhos Mostardeiro e colaboradores, coincidentemente, dizem alguns investigadores atuais que se preocupam com esse (1974, p. 18) que o conceito de impasse deve ser aplicado problema (e com o narcisismo), como Rosenfeld (1971).

a como se desenvolve o processo analítico, e não ao trata-No Capítulo III, “Sobre a técnica da interpretação e a aná-

mento ou à remoção dos sintomas.6

lise da resistência”, quando descreve a situação caótica, Se o que acabo de expor está certo, nota-se de imedi-Reich dá-nos uma visão clara e plástica do impasse na mais ato um grave obstáculo para se chegar a uma compreen-ruídosa de suas formas. Seu método de ataque à couraça são satisfatória do impasse. Ao considerar que o tratamento caracteromuscular, por meio da análise vigorosa e siste-psicanalítico apóia-se na elaboração, vemos até que ponto mática da resistência transferencial, era basicamente um o impasse está intimamente ligado a ela. Em que momen-esforço para evitar o impasse.5 Que o narcisismo seja um to decidiremos que o incessante retorno dos mesmos pro-fator necessário do impasse, disso ninguém duvida; problemas já não pode ser considerado elaboração, mas rém, em meu entender, o que realmente importa é desen-impasse? Essa decisão pertence inteiramente ao analista, tranhar através de quais estratégias defensivas e ofensivas e nunca sabemos se ele a toma objetivamente ou sob a vale-se o ego (e, em especial, o ego narcisista no sentido influência do compromisso contratransferencial, que sem-de Rosenfeld [1971]) para levar ao impasse. Daí que nes-pre existe nesses casos. Freud decidiria hoje que o “Ho-se trabalho não se considere a relação do impasse com o mem dos Lobos” está em um impasse? A experiência que narcisismo (reiteradamente assinalada na bibliografia), que temos agora o teria tornado, sem dúvida, mais cauteloso e existe sempre, mas é muito geral e pouco específica. O

perseverante, porque três (ou quatro) anos de análise não tema mereceu a atenção dos integrantes da mesa-redon-bastam para

resolver uma neurose tão grave quanto aque-da sobre “Narcissistic resistance” da American Psychoanalytic Association que levou o paciente a uma crise psicótica, em 1926, e a Iyck Association (1968), especialmente Edith Jacobson e sua reanálise com Ruth Mack Brunswick, desde outubro Paul Sloane (Segel, 1969).

de 1926 até fevereiro de 1927, análise que ainda haveria Entretanto, Maldonado (1983) propôs uma relação de retomar anos depois (Mack Brunswick, 1928a).⁷

mais específica entre impasse e narcisismo ao sustentar Resumindo: as deficiências metodológicas (e/ou técnica o impasse corresponde a uma fantasia concreta do nicas) da psicanálise, a relação complexa (ou confusa) paciente que, protegido em seu narcisismo, não dá literal-do impasse com o processo de elaboração e o compromisso nada ao analista. A comunicação requer sempre, mesmo contratransferencial, três fatores sempre presentes como conditio sine qua non, que o outro exista, fato que o faz, fazem-nos duvidar quando formulamos o diagnóstico-narcisismo desconhece radicalmente. Disso decorre, para o caso de impasse.

Maldonado, que o material típico do impasse não comunique nada, não tenha valor simbólico, não seja significativo. O correlato dessa situação psicopatológica é que o 6 Convém esclarecer aqui, seguindo uma observação de Benito material do paciente, durante o impasse, caracterize-se pela López, que utilizo o conceito de elaboração com a aceitação que acentuada diminuição ou pela ausência de representações tem em “Recordar, repetir e reelaborar”, ou seja, como o processo que configuram imagens visuais.

que modifica a resistência em geral, e não a resistência do id, que Não é somente porque o estudo do impasse leva-nos em Inibição, sintoma e angústia (1926d) liga-se aos estereótipos imediatamente aos questionamentos básicos de nossa ci-biológicos e ao instinto de morte. Sigo assim, pois, a sugestão de ência que o tema oferece tantas dificuldades. Por sua pró-

Sandler e colaboradores (1973) quando propõem conservar o próprio índole, o impasse assemelha-se muito e até confunde-se com a elaboração como um conceito essencialmente clínico e de-se com a marcha natural da análise.

descritivo, sem ligá-lo a uma explicação dinâmica especial. O

significado amplo do termo foi sustentado por Fenichel no Simpósio

de Marienbad de 1936 (e posteriormente em 1941 e 5 Reich sustentou que a situação caótica era sempre consequên-1945a), em contraposição aos pontos de vista de Bibring (modificação de um erro técnico: a desatenção das defesas caracterológicas ficções do id) e sobretudo de Nunberg (1937). Quando discute (o ponto de vista econômico). Apesar dessa afirmação extrema, o conceito de elaboração, no Capítulo VIII de seu livro, Meltzer que Fenichel (1941) rebateu com razão, afirmando que há situ-

(1967) opera ao mesmo tempo com as duas concepções, procu-ações caóticas espontâneas (ou seja, imputáveis ao próprio paci-rando integrá-las. (Para mais detalhes, ver o Capítulo 50).

ente), o conceito de defesa narcisista de Reich abriu caminhos 7 Antes, em 1919-1920, o paciente havia tido uma segunda aná-

para a investigação.

lise com Freud, de quatro meses de duração.

442 R. HORACIO ETCHEGOYEN

A partir dos estudos de Racker (1960), fica claro que paciente de Maldonado (1983) que se via como um a neurose de contratransferência (e, em especial, o que hamster fazendo mover, a grande velocidade, a roda de ele chama de posições contratransferenciais) é um fator sua jaula, sempre no mesmo ponto.

de primeira importância no estabelecimento do impasse.

Em todos esses casos, porém, a interpretação adeAs mesmas consequências podem ser derivadas dos traba-quada do que está, ou melhor, do que não está acontecen-lhos de Paula Heimann (1950, 1960) e da copiosa biblio-do pode mudar o quadro, e então o impasse é resolvido grafia atual sobre contratransferência. Posteriormente, como outra dificuldade qualquer e já deixa de sê-lo. Que Betty Joseph, em seu valioso trabalho sobre o fetichismo as coisas não sejam, em geral, tão fáceis de solucionar – e (1971), e Rosenfeld, em suas conferências na Associação daí que falemos de impasse justamente quando não são Psicanalítica Argentina (1975), insistiram na interação sutil superadas de imediato – não nos livra da insegurança do entre paciente e analista no impasse, sobretudo através diagnóstico. O fator temporal, a evidência de que as fases da erotização do vínculo transferencial, ponto sobre o qual repetem-se idênticas a si mesmas, sem que se possa confi-voltarei mais adiante.

ar mais em que o tempo as muda (elaboração), é o que, a O problema do diagnóstico torna-se ainda mais com-meio ver, melhor denuncia o impasse. Tenho visto reitera-plexo, porque não podemos confiar em absoluto nas opi-damente que, no curso de um determinado ciclo temporal niões do paciente. Mais de uma vez, aquele que sofre o (a sessão, a semana, inclusive o ano), propõe-se um pro-impasse não menciona isso e o negará decididamente se o blema que se resolve convincentemente por via interpre-sugerirmos. Um analisando muito inteligente, por exem-tativa para ressurgir intacto no final do período, e isso plo, em um rebelde período de impasse, no final de uma permite um diagnóstico bastante seguro, às vezes até longa e proveitosa análise, acolhia minhas interpretações presumível, de impasse.

dizendo que dessa vez sim eu havia conseguido chegar ao Em seu excelente trabalho “Uma técnica de interrup-fundo da questão, que o tinha desarmado por completo, ção do impasse analítico” (1977), Meltzer exige que o que tinha acertado finalmente em cheio. Agora sim abria-impasse leve um ano antes que sua técnica seja aplicável.

se a possibilidade de analisar essa ou aquela coisa!, e as-

É um prazo sem dúvida muito prudente, mas, de qualquer sim indefinidamente. Levantava a bandeira do progresso modo, arbitrário. E esse autor acrescenta que se passará para negar o estancamento. Tampouco é certa a opinião outro ano até que o paciente aceite sua proposta, sem que do analisando no caso oposto, já que é comum que negue nunca chegue a concordar que foi adequada a técnica de um progresso real, dizendo que está sempre igual, que interrupção.

está estancado (ou pior).

Todos os caminhos levam a Roma, e todas as eventua-Em outras palavras, antes de se colocar a possibilida-lidades de nossa técnica podem conduzir ao beco sem sa-de de um impasse, o analista deve vê-lo aparecer não ape-

ída do impasse; porém, três merecem ser destacadas: o nas em sua mente (contratransferência) e na do paciente acting out (Freud, 1905e, 1914g), a reação terapêutica (transferência), mas também no material.

negativa (Freud, 1923b, 1924c, 1937c) e a reversão da No entanto, o diagnóstico não é impossível e é até perspectiva (Bion, 1963). Muito diferentes em sua fenome-mesmo claro, se prestamos atenção ao material do pa-nologia clínica e em sua psicodinâmica, os três são

mem-ciente, ao andamento geral do processo e, inclusive, aos atos de uma mesma classe, como é notório se os tomamos julgamentos do analisando sobre o que está acontecendo como conceitos técnicos e não psicopatológicos. Essa diferença. O sonho do paciente de Meltzer (1973), repousando criminalmente importa, porque o vínculo entre o técnico e o tranqüilamente na cama de um hotel de veraneio quando psicopatológico não é unívoco – embora às vezes se conceda o prazo para partir já se esgotou (p. 74), constitui, funda, por exemplo, a psicopatia com o acting out, e a por exemplo, um indício convincente de que o processo caracteropatia grave com a reação terapêutica negativa.

estancou-se (ou, pelo menos, o paciente pensa assim).

Essa diferença permite-nos notar que, apesar de os Meltzer aponta como outro indicador clínico importante três processos mencionados configurarem modalidades de um tipo de negação como o da panela de Freud: “Não fensivas, e por isso se inscreverem no amplo capítulo dos posso evitá-lo, não é culpa minha e, no fim das contas, os mecanismos de defesa, cabe atribuir-lhes uma categoria que tem de mau?”. Willy e Madeleine Baranger (1961-distinta, uma entidade diferente e mais alta. Os mecanismos-1962, 1964, p. 171) afirmam acertadamente que os balizamentos de defesa são técnicas do ego, ao passo que o acting out, arte por eles descrito (e que explica muitos casos de a reação terapêutica negativa e a reversão da perspectiva, impasse) é quase sempre acompanhado da queixa de esporear sua índole complexa, em que se imbricam diversas tar dando voltas à manivela ou ao carrossel.⁸ São fre-modalidades ofensivas e defensivas, configuram antes tati-quentes, por certo, sonhos ou alusões a carros atolados, cas ou estratégias do ego. Mais globais, são formas específicas-veículos que não andam, relógios decompostos, etc. Nin-cas e altamente complicadas com que o paciente maneja-se guém pode descrever melhor o impasse do que aquele no tratamento, estratégias para atacar e impedir o desenvolvimento do tratamento, e não simplesmente para se proteger. Quando conseguem isso, produzem o impasse.

8 Ver, por exemplo, o convincente exemplo de Maldonado sobre O que mais distingue as três estratégias que estamos o carrossel (1975, p. 124).

considerando, o que as diferencia uma de outra, é seu lugar

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 443

de influência no processo psicanalítico, embora também lo justamente

desse desejo de não se curar para me ver possam ser estabelecidas diferenças, segundo o tipo de con-fracassar e acrescentava triunfalmente que, se o conse-flito transferencial que lhes dá origem e as respostas guisse, então minha interpretação se teria demonstrado contratransferenciais que provocam ou, então, segundo o equivocada. O paradoxo conduz aqui, diretamente, a um tipo de transtorno do pensamento que as sustenta e a for-beco sem saída.

ma de adaptação em que se inscrevem ou, enfim, o quadro A adaptação do acting out é tipicamente aloplástica, clínico em que se encontram mais freqüentemente.

no sentido de Ferenczi (1913), enquanto na reação tera-O acting out atua fundamentalmente sobre a tarefa.

pêutica negativa (e, obviamente, também na reversão da Se partimos dos conceitos de Freud em 1914, podemos di-perspectiva) o processo adaptativo ocorre no pensamen-zer que a transferência é uma forma especial de recordar, to e na estrutura de caráter. É autoplástico, com ruma-enquanto o acting out surge para não recordar, e isso per-

ção ideativa no primeiro caso; com rigidez e um tipo es-mite defini-lo como antitarefa. Só que, atualmente, substi-pecial de dissociação, no segundo, o splitting estático des-tuímos a palavra “recordar” por comunicar (Greenacre, crito por Bion (1963). Tal fato também explica por que o 1950; Liberman, 1971: o paciente com estilo épico, p. 537) acting out é típico, embora não exclusivo da psicopatia, ou pensar (Bion, 1962a e b; Money-Kyrle, 1968). Igualmen-ao passo que a reação terapêutica negativa germina nas te, pode-se dizer que o acting out ataca o enquadre analíti-caracteropatias graves, que Abraham estudou com admi-co, como prefere Zac (1968, 1970), já que o setting é instirável lucidez em 1919. Nesse trabalho, apóia-se a inves-tuído justamente para realizar a tarefa.

tigação de Joan Rivière quando afirma que é nas carac-Sua influência sobre a tarefa e um tipo especial de teropatias graves que operam com mais energia as defe-transtorno do pensamento são as coordenadas que permi-sas (maníacas) contra a posição depressiva, que é parti-tem caracterizar uma conduta como acting out. Como vi-cularmente intensa nos pacientes que exibem a reação mos no Capítulo 54, esses dois fatores estão intrinsecamen-terapêutica negativa.

te relacionados. A falta do seio, segundo Bion, põe em mar-Assim como o acting out provoca constantemente alar-cha o processo de pensamento, porquanto determina que a me e surpresa no analista, a

reação terapêutica negativa frustração (a carência, a ausência) seja tolerada e modifica-infiltra um sentimento peculiar de enfado, decepção e fa-da ou, então, negada. Para que o seio faltante transforme-talismo, definido por Cesio (1960) como letargia. Apesar se em pensamento, o bebê tem de realizar uma tarefa dolo-de que o acting out crônico possa conduzir a um beco sem rosa, pensar em vez de sentir que há um seio mau que deve saída, onde ocorrem muitas coisas sem que aconteça verter evacuado. Essa situação básica, essa prototarefa, é a que dadeiramente nada, é mais freqüente que leve a uma brusca está em jogo em todo acting out. Disso decorre que o acting e surpreendente interrupção, ao passo que, por sua índole out esteja sempre vinculado às angústias de separação perseverante e adesiva, os pacientes com reação terapêu-

(Grinberg, Zac) e a conflitos de dependência, o que reper-tica negativa estão mais propensos ao impasse (uma das cute como situação de constante alarme ou aflição na causas pelas quais eles são confundidos).

contratransferência. São os pacientes em que pensamos A reversão da perspectiva descrita por Bion (1963) depois da sessão, diz Liberman (1971).

consiste em um acordo manifesto e em um desacordo la-Na reação terapêutica negativa, em troca, o ponto de tente e radical, segundo o qual o paciente vê tudo o que ação da estratégia egóica não atinge a tarefa, mas suas acontece no processo analítico a partir de outra perspecti-conquistas. A reação terapêutica negativa, como indica seu va, com outras premissas. Analisa-se não para compreen-nome, só sobrevém quando se realizou algo positivo, e é der seus problemas, mas para demonstrar, a si mesmo e justamente contra esse sucesso da análise que se dirige a ao analista, alguma outra coisa, por exemplo, que tem mais defesa do ego. Como assinala Freud em seu trabalho inau-inteligência, mais insight, mais capacidade de amar.

gural de 1923, e mais tarde Melanie Klein em Envy and Essa atitude influi fundamentalmente, em meu enten-gratitude (1957), a reação terapêutica negativa sobrevém der, no contrato. O paciente faz uma espécie de contrato após um momento de alívio e de progresso, de um mo-paralelo e oculto, ao qual se ajustarão todas as suas vivências mento de insight, em que o paciente compreende e valori-durante a análise e a partir do qual se acomodarão e “rein-za o trabalho do analista. Desenvolve-se, então, uma res-terpretarão” todas as interpretações do analista.

posta contraditória e paradoxal, que já havia sido destaca-Nos casos extremos, diz Bion, a reversão da perspec-da pelos valiosos trabalhos de Karen Horney e de Joan tiva ocorre em psicóticos latentes e borderlines, mas tam-Rivière, ambos de 1936, e que Melanie Klein vinculou, bém é possível descobri-la em pacientes menos graves, nos vinte anos mais tarde, com a inveja pelos objetos primá-

quais, então, adota uma modalidade menos extrema, e a rios. A atitude paradoxal é sempre notória nesses pacien-rigidez do pensamento (própria dessas pessoas) não é tão tes. Um deles lembrava sempre, com admiração, a famosa absoluta.⁹

anedota de Groucho Marx, que renunciou a um clube di-Após essa breve exposição das principais caracterís-zendo que ele não pertenceria a um clube que era capaz ticas do acting out, da reação terapêutica negativa e da de aceitá-lo como sócio. Quando eu lhe interpretava que ele não queria curar-se para me ver fracassar como analista, respondia-me (com toda razão) que eu tinha de curá-

9 Expus o caso detalhadamente no Capítulo 57.

444 R. HORACIO ETCHEGOYEN

reversão da perspectiva como causas do impasse, pode-responsabilidades. A pressão para chegar a um happy end mos oferecer algumas conclusões provisórias.¹⁰

de mútua idealização com o analista, através de formas su-Considero que a situação de impasse pode acontecer tis de acting out dentro (erotização) ou fora da transferên-em qualquer momento da análise, e assim opinam certa-cia (progressos), é sempre muito forte, e nenhum analista mente W. e M. Baranger (1961-1962, 1964), cujos estudos está imune a esse chamado sutil e persistente.

sobre o baluarte são uma contribuição original ao tema.¹¹ É

O acting out maciço e incontrolável das primeiras eta-improvável, porém, que o impasse apareça de início, a não pas da análise conduz, por regra geral, à interrupção e não ser nos casos mais enérgicos da reversão da perspectiva, ao impasse. É apenas quando se mobiliza insidiosamente quando o analisando traz em seu inconsciente um rígido contra as angústias depressivas e torna-se menos violento, contrato paralelo que há de aplicar sem concessões. Sendo porém mais pertinaz e astuto, que o acting out conduz ao assim, passará necessariamente um certo tempo até que impasse. Muitas análises dão-se por terminadas com um possa ser descoberto. Como já

dissemos, no início da análise-acting out desse tipo. Às vezes, o acting out é tão sintônico se costuma observar-se a resistência incoercível, e não o com o ego e tão aceitável socialmente, que convence o analisante. Às vezes, a clínica é complexa, como no caso de lista. Participa aqui sempre um conflito de contratransferência-Rosenfeld (1975a): a análise inicia com uma resistência, como sugere Zaccaria (comunicação pessoal), porque o incoercível (em cuja produção colaboraram, de acordo com o analista também quer ver seu paciente bem e poupar-se ele o autor, certos erros técnicos) e, depois de um curso bastante próprio do doloroso esforço da finalização do tratamento.

te difícil e acidentado, chega a uma situação de impasse. Assim, o impasse desemboca finalmente em casamento ou que o analista finalmente resolve com maestria.

divórcio, mudança de trabalho, constituição ou ruptura de Meltzer (1967) sustenta, em troca, que o impasse soa uma sociedade comercial, etc. Se o analisando é um candidato-brevê no limiar da posição depressiva, quando o paciente dá, o acting out consiste em que passe a ser membro da equipe de assumir sua dor moral, sua culpa e sua maldade.

associação com o beneplácito do analista.12

Seguindo a linha do menor esforço, prefere usar indefinição-O impasse por reação terapêutica negativa pode insistentemente o analista como seio toalete, enquanto mantém talar-se no meio da análise, quando são resolvidas as condições dissociadas o seio nutritivo em um objeto externo, graças às fusões geográficas ou zonais (Meltzer, 1967), mas é mais acting out ou, menos frequentemente, a meu ver, reforçam-provável que o faça quando se intensificam as angústias da reação terapêutica negativa com o sistema fechado de depressivas. Nesse momento, as defesas maníacas são mais defesas maníacas que Joan Rivière descreveu em seu me-energias e reativa-se a inveja precoce pelo seio nutriz. No morável trabalho. Deve-se levar em conta que, a essa altura, entanto, concordo com Rosenfeld (1975a) que a reação da análise, já livre de sintomas e inibições e com uma boa terapêutica negativa tem a ver não apenas com as defesas de adaptação social e sexual, o paciente está muito propenso a maníacas, como dizia Joan Rivière, mas também com os se sentir curado e, do ponto de vista psiquiátrico, o está.

ataques (ou “ofensas”) maníacos e pode, então, provocar. Todavia, continua sendo muito egocêntrico, preocupa-se o impasse quando ainda predominam as angústias para-mais com seu bem-estar pessoal

do que com seus objetos, e nódides. O mesmo se pode deduzir dos estudos dos seus sentimentos de gratidão pelo analista (no que é e no Baranger, já que o baluarte é muitas vezes uma atividade que representa) continuam sendo epidérmicos e convenci-perversa, zelosamente preservada pelo analisando e, como onais, enquanto sua culpa é mais proclamada do que senti-tal, bastante ligada a angústias persecutórias. É freqüente da. Esse é um momento crucial, que o coloca frente a uma verificar nesses casos que a análise transforma-se no feti-verdadeira opção, e não é de se estranhar que recorra a che do perverso ou na droga do adicto.

uma trapaça existencial para eludir o peso integral de suas Não há dúvida, porém, de que o impasse da reversão da perspectiva, por sua índole e suas características, é d'embrée, embora possa passar muito tempo sem que ele seja detectado. Vale a pena lembrar aqui as palavras preci-10 Não escapará ao leitor que o autor não pretende, de modo sas do próprio Bion (1963), quando diz que o acordo é algum, que o acting out, a reação terapêutica negativa e a rever-manifesto, enquanto o desacordo é latente, oculto e ignosão da perspectiva sejam características definidoras do impasse.

Essas características foram indicadas no começo. Nossa tese deve rado, apesar de ser radical.

ser interpretada como sustentando que os três fenômenos aludidos são notas concomitantes, necessariamente relacionadas, como agentes causais, com o impasse, que seria o efeito de alguma DISCUSSÃO E COMENTÁRIO

dessas causas, ou eventualmente de outras. (Sobre a distinção entre notas essenciais e concomitantes, ver Hospers, 1963.) Um tratamento psicanalítico pode falhar por muitas 11 Penso que o baluarte pode ser sempre reduzido a algum dos três causas, e o impasse não é mais que uma delas, mas singu-fenômenos mencionados, especialmente o acting out via erotização lar o bastante para que mereça atenção preferencial. Solado vínculo transferencial. Idêntica conclusão cabe para a má-fé (M. Baranger, 1959), que Maldonado destaca em seu trabalho de 1975. Segundo Maldonado, a má-fé opera como acting out verbal 12 Confunde-se, desse, modo, um requisito regulamentar (térmi-em seu paciente. Inclino-me a pensar, no entanto, que nesse caso no da análise didática) com o término substantivo de uma análi-clínico ilustrativo o acting out é instrumentado para manter (de se. Infelizmente, há muitos casos destes e ninguém pode estar

“má-fé”) uma reversão da perspectiva.

seguro de evitá-los.

FUNDAMENTOS DA TÉCNICA PSICANALÍTICA 445

pado e silencioso, é inata à sua natureza a dificuldade de As estratégias do ego podem assumir formas dife-detectá-lo e resolvê-lo, estudá-lo e meditar sobre ele. É, rentes; contudo, no estado atual da investigação psica-talvez, o pior risco de nosso acidentado trabalho e a amenalítica, elas podem ser circunscritas a três fundamen-aça mais certa a nosso instrumento de trabalho. Um só tais: o acting out, a reação terapêutica negativa e a rever-desses casos basta para comover nossa ideologia científi-são da perspectiva. As três podem funcionar conjunta ou ca, porque o impasse não é simplesmente uma dificuldade alternativamente e, em meu entender, as três traçam ar-interna da teoria, e sim uma verdadeira anomalia que ques-cos de diferente diâmetro. Ou seja, o acting out pode tiona o paradigma psicanalítico e ameaça com a crise. E

operar a serviço da reação terapêutica negativa, e esta não se apresenta, em geral, ao analista novato, mas àqueser uma modalidade da reversão da perspectiva, mas não le que já tem uma experiência suficiente a ponto de trans-o contrário, o que se depreende da área em que operam.

por os obstáculos mais visíveis.

O acting out atua sobre a tarefa psicanalítica, a reação Este capítulo propõe situar o impasse no contexto do terapêutica negativa sobre suas conquistas, a reversão da processo psicanalítico, procura defini-lo, assinala suas par-perspectiva questiona silenciosamente o contrato, o acor-ticularidades e busca suas causas. Minhas reflexões surgido básico entre analista e paciente.

ram, em princípio, de uma dupla experiência, o ensino da Apesar de os três processos mencionados configuratécnica e a tarefa do consultório: ambos convergem em um rem modalidades defensivas e, portanto, inscreverem-se fato essencial, em que o processo psicanalítico aparece como no amplo capítulo dos mecanismos de defesa, por sua ín-um esforço permanente para o insight (e a elaboração), com dole complexa, em que se imbricam diversas manobras obstáculos definidos e específicos, que só podem ser siste-defensivas e ofensivas, pode-se atribuir a eles uma catego-matizados e compreendidos como estratégias do ego.

ria distinta, uma entidade diferente e mais alta. Mais glo-Quanto à sua

situação conceitual, o impasse pertence mais, são formas específicas e altamente complicadas com ao campo da técnica, não ao da psicopatologia. Ponto de que o paciente maneja-se no tratamento, estratégias para convergência das circunstâncias mais díspares, apresenta-atacar e impedir o desenvolvimento do tratamento e não se sempre como um fenômeno complexo e multideter-simples técnicas para se proteger. Creio, também, que são minado, que deve ser distinguido, de imediato, da resistên-patrimônio da parte psicótica da personalidade, como me cia incoercível e do erro técnico, sempre mais simples em sugeriu há muito tempo Darío Sor.

sua estrutura e ruidosos em sua apresentação. Sem desco-As estratégias do ego guardam uma relação evidente nhecer que entre os três há formas de trânsito em que se com certos quadros nosológicos – o acting out com a superpõem os traços distintivos, e mesmo considerando que psicopatia, a reação terapêutica negativa com as caracter-há modalidades evolutivas que os aproximam inegavelmen-patias graves, a reversão da perspectiva com a personali-te, o impasse afirma seu perfil justamente porque nunca o dade borderline –, mas neste trabalho foram estudadas com mostra, porque nunca salta aos olhos. Tampouco destaca independência da psicopatologia, já que a relação não é um culpado, pois atinge ao mesmo tempo analista e paci-unívoca.

ente. Ambos assim o percebem, o sentem e até o reconhe-Ao estudar o impasse quanto ao momento em que se cem. Como a contratransferência está sempre profunda e apresenta e segundo as estratégias mencionadas, a expe-sutilmente envolvida, não se pode distinguir um impasse riência clínica leva-me a pensar que ele pode aparecer em do analista e um impasse do paciente: ele pertence aos dois.

qualquer momento do processo analítico, embora seja posO narcisismo, as crises precoces do desenvolvimento, sível estabelecer algumas precisões.

as situações traumáticas e as graves privações dos primei-O impasse talvez mais freqüente e difícil de resol-ros anos são fatores predisponentes; porém, nenhuma situ-ver é o que Meltzer descreve no limiar da posição depres-ação psicopatológica é, por si só, suficiente para que o siva, quando o paciente tem de assumir sua dor moral, impasse apareça. Quando ele se constitui, já não estamos sua culpa e sua maldade. Seguindo a linha do menor es-no campo da psicopatologia, e sim no da práxis, da técnica.

forço, prefere usar indefinidamente o analista como seio. Por sua índole, o impasse parece-se e confunde-se toaleta, enquanto mantém dissociado o seio nutriz em com o andamento natural da análise, e disso decorre que um objeto externo, graças ao acting out ou à reação tera-o considere como o reverso da elaboração e que sublinhe pênitência negativa. Nesse momento, é freqüente que so-essa idéia como o epicentro de minhas reflexões. Quando brevenha uma erotização do vínculo transferencial-se detém a elaboração, surge o impasse. O diagnóstico tor-contratransferencial. O acting out maciço e incontrolável na-se, assim, difícil, porque é imprecisa a linha divisória das primeiras etapas da análise conduz à interrupção e (entre elaboração e impasse) e porque é traçada, em prin-não ao impasse.

cípio, por um analista que está capturado no próprio pro-Creio não me afastar do emprego generalizado do cesso. Para chegar a um diagnóstico, o analista deve aten-termo se o definir elucidativamente, mediante as segunder ao mesmo tempo as indicações que provêm da transtes notas essenciais: o impasse é um conceito técnico, com-ferência e da contratransferência, mas só poderá funda-porta uma detenção insidiosa do processo psicanalítico, mentá-lo quando o vir aparecer objetiva e reiteradamente tende a se perpetuar, o enquadre conserva-se em suas cons-no material do analisando, o que implica que o diagnósti-tantes fundamentais, sua existência não salta aos olhos, co será feito, com mais freqüência, observando o material tem suas raízes na psicopatologia do paciente e envolve a das sessões do que nas próprias sessões.

contratransferência do analista.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

Epílogo

Disse na introdução que é muito difícil escrever um resumo mais do que a norma seus fundamentos, sua racio-livro de técnica psicanalítica, mas coloquei nessa empresa nalidade. A complexidade da situação analítica é tal, que todo o meu empenho para não tornar difícil a tarefa do poucas vezes podem ser dadas regras fixas. Na práxis analítor. Pretendi também ser ameno; contudo, infelizmen-lítica, a única receita válida, frente a uma situação dada, é te, o tom coloquial que tinham os primeiros rascunhos, pesquisar e contrastar todos os elementos de juízo dispo-transcritos dos seminários que proferi ao longo dos anos, níveis e escolher depois o caminho que nos pareça mais foi-se perdendo imperceptivelmente, à medida que ia au-conveniente, sabendo que cada momento é irrepitível e mentando

pesadamente a precisão do dado bibliográfico incomparável. Não pode haver, por certo, uma práxis que e a citação concreta do autor que estava sendo discutido.

não se sustente na teoria, e nenhum psicanalista duvida Isso teve de ser ainda mais estrito quando minha opinião que haja um caminho de ida e volta entre teoria e prática, divergia; lembro-me sempre do que dizia um de meus gran-que uma realimenta, enriquece e depura a outra. Contudes professores do Colégio Nacional, José Gabriel: podendo, tenho a viva impressão, embora talvez me engane, de se elogiar algo que não se leu; porém, quando se quer que, se partirmos da prática, poderemos abordar melhor criticar, deve-se ler atentamente. O que mais me incomoda os problemas teóricos do que quando estudamos e com-da em minhas poucas leituras e muitas releituras dos tex-paramos as teorias entre si. Daí que o livro chegue à teoria tos psicanalíticos é quando vejo que se faz um autor dizer sempre por essa rota e sem se propor a isso.

o que nunca disse para depois refutá-lo. Com Freud, ao Há algo que fui aprendendo no decorrer dos anos, tal-contrário, busca-se onde disse algo que parece confirmar-vez mais ao reler do que ao ler: o quão difícil é reconhecer nos. Também me incomoda, mas não tanto, a obscurida-os limites das teorias que se defende e sustenta, ver onde de, já que a considero uma desatenção para com o leitor, reside seu calcanhar-de-Aquiles, que nunca falta. Todos te-se bem que não deixo de pensar que, às vezes, a clareza mos uma forte tendência a negar as falhas de nossa teoria não é alcançada e, de qualquer modo, o criador pode se e, ao mesmo tempo, uma espécie de avidez em não deixar ver levado a escrever o que lhe sai e como lhe sai. Como de lado o que nos agrada das alheias; esse é, talvez, o leito não estou entre os criadores, foi-me fácil evitar sempre, ou de rochas do ecletismo. Nenhum autor, inclusive Freud, quase sempre, essa inclinação, até o ponto em que, quando chega a ficar livre dessa falha, e a única coisa que podemos não entendo algo ou não consigo dar-lhe forma correta ao fazer é percebê-la e tê-la bem consciente para que não nos redigi-lo, prefiro não incluí-lo. Gosto mais de Lope de Vega domine. Caio agora na conta de que, com o que digo, estou do que de Góngora. Não quero dizer com isso – como é aproximando-me muito de Kuhn, só que acrescento à bas-

óbvio – que todos devam ser claros; digo simplesmente tante evidente pressão da comunidade científica sobre cada qual é meu estilo e a que superego amolda-se.

pessoa, que tão bem destacou o grande epistemólogo de Não me

agradam nem a polêmica nem o ecletismo: Berkeley, as disposições psicológicas. É absolutamente ne-aquela porque a paixão, em geral, a faz perder o rumo; cessário pagar o preço de incerteza e de incompletude que este porque, ao supor que pode escolher sempre o bom, as teorias que defendemos levam em suas entranhas, por-incorre em um silencioso pecado de onisciência. Procuro que, do contrário, saímos da ciência e começamos a operar manter uma atitude de respeito pelos demais e creio que com teorias infalíveis.

às vezes o consigo, “mas canto opinando/ que é meu modo Concomitantemente à anterior, ocorre uma dificul-de cantar” – como Martín Fierro. Ao expor as teorias, pro-dade que considero específica da investigação em nossa curo fazê-lo fielmente, isto é, de boa-fé e, quando as dis-disciplina: às vezes se confundem as necessidades do mo-cuto, sempre o faço a partir de suas próprias pautas, em vimento psicanalítico com as descarnadas exigências da vez de compará-las com outras, o que só é legítimo em verdade. Não serei simplista a ponto de dizer que a ciênuma segunda reflexão.

cia psicanalítica não deve ter uma política, porque tudo e Chamou-me a atenção ao ensinar, e também ao es-todos a têm, mas é muito conveniente que saibamos dis-crever, que se estudarmos a técnica com seriedade e pro-criminar essas duas áreas. Se as confundimos, ficamos de fundidade, mais cedo ou mais tarde chegaremos inevita-imediato expostos ao obscurantismo e ao dogma. Além velmente à teoria, e daí o título desta obra, em que inte-disso, se realmente pensássemos que nossas teorias são as

448 R. HORACIO ETCHEGOYEN

melhores, já que por algum motivo as abraçamos, não te-são multideterminados. Há outro fator a mais, e muito ríamos por que pretender impô-las. Bastaria discuti-las e, importante: a tendência a retirar as discussões de seu conna melhor das hipóteses, defendê-las, pensando que a longo texto. Não direi que se não seguimos um caminho históri-prazo permanecerão mais que as outras. E, se assim não co já estamos em falta, nem que esse trânsito seja inevitá-

fosse, chegue de onde chegar, seja sempre bem-vinda a vel, mas sim que algumas dissensões podem ser supera-verdade.

das se vemos os problemas com uma perspectiva históri-Um dos propósitos metodológicos desta obra foi se-ca. E quando assim o fazemos, além disso, damo-nos con-parar a técnica da psicopatologia. Ambas se superpõem, ta de que a originalidade, às vezes, é apenas

esquecimen-de fato, na clínica; no entanto, quando o fazem também to do já escrito. “Quem poderei plagiar para ser original?”, na mente do estudioso, como ocorre amiúde, surgem con-dizia Arturo Marasso em suas inesquecíveis aulas de infusões esterilizantes. O fenômeno clínico é, com certeza, tradução à literatura. É por isso que o livro estuda muitos unitário (e complexo!), mas as áreas em que é estudado temas, a partir de seu desenvolvimento cronológico, para devem ser claramente deslindadas.

inserir-los em seu devido contexto; em outros, porém, essa Estou persuadido, por outro lado, e tentei assinalá-

abordagem não é praticável.

lo reiteradamente, de que muitas discussões provêm de Creio que a proposta talvez mais persistente desta motivos não-essenciais, para não dizer espúrios, dentre os obra foi, em conclusão, separar de forma taxativa a psica-quais já mencionei as necessidades do movimento psicanálise de toda tentativa escondida ou patente de psicote-nalítico e a defesa apaixonada de determinadas teorias ou rapia, através de um modelo que respeite a vida interna autores, a pouca precisão com que empregamos as pala-do analisando e prescindindo rigorosamente da sugestão e vras e o freqüente esquecimento de que os atos psíquicos da ação direta, por melhor que nos possa parecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 449

Referências Bibliográficas

Abadi, Mauricio (1960) “Complejo de Edipo. Replanteo de su Ahumada, Jorge Luis (1983) “Sobre la vivencia inconciente del ana-estructura originaria. Protoanhelo y protoculpa del nacimiento im-lista como ‘base’”, Psicoanálisis, vol. 6, 1984, pp. 585-605

pedido”, Revista de Psicoanálisis, vol. 17, pp. 165-89.

(1989) Comunicação pessoal.

Abadi, Mauricio et al. (veja-se Schust, Jaime P.).

(1991) “Logical types and ostensive insight”, International Journal Aberastury, Arminda (1950) “Fobia a los globos en una niña de 11

of Psycho-Analysis, vol. 72, pp. 683-91; também em Libro Anual de Psicoanálisis, 1991, Lima: Imago, 1992.

meses”, Revista de Psicoanálisis, vol. 7, pp. 541-54.

(1958) “La dentición, la marcha y el lenguaje en relación con la
(1992) “De l’ange déchu et du sujet: une critique des bases de la
posición depresiva”, Revista de Psicoanálisis, vol. 15, pp. 41-8.

pensée de Jacques Lacan et de sa technique”, Revue Française de
Psychanalyse, vol. 56, pp. 425-42. (“Del ángel caído y del sujeto:
Abraham, Karl (1907) “La experimentación de traumas sexuales como
crítica de los fundamentos y la técnica de Jacques Lacan”, Zona una
forma de actividad sexual”, em Psicoanálisis clínico, cap. 1.

erógena, nº 39, 1997, pp. 1-14.)

(1908a) “Las diferencias psicosexuales entre la histeria y la demencia
precoz”, em Psicoanálisis clínico, Buenos Aires: Paidós, (1994) “What
is a clinical fact? Clinical psychoanalysis as induced-1959, cap. 2, pp.
48-59. (Selected papers, Londres: Hogarth Press, tive method”,
International Journal of Psycho-Analysis, vol. 75, 1973, cap. 2.)

pp. 949-62; también em Livro Anual de Psicanálise, 1994, São Pablo:
Escuta, 1995.

(1908b) “Las relaciones psicológicas entre la sexualidad y el (1997a)
“Counter-induction in psychoanalytic practice: epistemic
alcoholismo”, em Karl Abraham, Psicoanálisis clínico, Buenos and
technical aspects”, em Jorge Luis Ahumada, Jorge Olagaray, Aires:
Paidós, 1959, cap. 3, pp. 60-7. (“The psychological relations Arlene
Kramer Richards e Arnold D. Richards, eds., The perverse between
sexuality and alcoholism”, em Karl Abraham, Selected transference
and other matters. Essays in honor of E. Horacio papers, Londres:
Hogarth Press, 1973, cap. 3, pp. 80-9.) Etchegoyen, Nova Jersey:
Aronson, pp. 181-202.

(1910) “Observaciones sobre el psicoanálisis de un caso de (1997b)
“Disclosures and refutations. Clinical psychoanalysis as fetichismo del
pie y del corsé”, em Psicoanálisis clínico, Buenos a logic of inquiry”,
International Journal of Psycho-Analysis, vol.

Aires: Paidós, 1959, cap. 5, pp. 95-103. (Selected papers, Lon-98, pp.
1105-18.

dres: Hogarth Press, 1973, cap. 5.)

(1999) Descubrimientos y refutaciones. La lógica de la indagación
(1919a) “Una forma particular de resistencia neurótica contra

psicoanalítica, Madri: Biblioteca Nueva.

el método psicoanalítico”, em Psicoanálisis clínico, Buenos Aires: Alexander, Franz (1923) “The castration complex in the formation of Paidós, 1959, cap. 15, pp. 231-7. (Selected papers, Londres: character”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 4, pp. 11-42.

Hogarth Press, 1973, cap. 15.)

(1925) “A metapsychological description of the process of cure”, (1919b) “La aplicabilidad del tratamiento psicoanalítico a los International Journal of Psycho-Analysis, vol. 6, pp. 13-34.

pacientes de edad avanzada”, em Psicoanálisis clínico, Buenos Aires: Paidós, 1959, cap. 16, pp. 238-42. (Selected papers, Lon-

(1927) “The neurotic character”, International Journal of Psycho-dres: Hogarth Press, 1973, cap. 16.)

Analysis, vol. 11, 1930, pp. 292-311.

(1919c) “Some remarks on Ferenczi’s paper on Sunday neurosis”, Alexander, Franz e French, Thomas (1946) Psychoanalytic Therapy, em Clinical papers and essays on psycho-analysis, Nova York: Nova York: Ronald Press.

Brunner/Mazel, 1955, cap. 12, pp. 55-6.

Alvarez, Bernardo (1974) “Acerca de la interpretación como una proposición científica”, Revista de Psicoanálisis, vol. 31, pp. 794-807.

(1920) “La valoración narcisista de los procesos excretorios em los sueños y en la neurosis”, em Psicoanálisis clínico, Buenos Aires: Alvarez de Toledo, Luisa G. de (1954) “El análisis del asociar, del Paidós, 1959, cap. 17, pp. 243-6. (Selected papers, Londres: interpretar y de las palabras”, Revista de Psicoanálisis, vol. 11, pp. 267-Hogarth Press, 1973, cap. 17.)

313; resumo em Revista de Psicoanálisis, vol. 13, 1956, pp. 503-6.

(1924) “Un breve estudio de la evolución de la libido, considera- Alvarez Lince, Bernardo (1974) “Acerca de la interpretación como da a la luz de los trastornos mentales”, em Psicoanálisis clínico, una proposición científica”, Revista de Psicoanálisis, vol. 31, pp. 794-Buenos Aires: Paidós, 1959, cap. 26, pp. 319-81. (Selected papers, 807.

Londres: Hogarth Press, 1973, cap. 26.)

(1984) “La interpretación psicoanalítica como una hipótesis (1925) “La formación del carácter en el nivel genital del desarrollo puesta a prueba de refutación”, Revista de la Sociedad Colombiana de la libido”, em Psicoanálisis clínico, Buenos Aires: Paidós, 1959, na de Psicoanálisis, vol. 9, pp. 211-26.

cap. 25, pp. 311-8. (Selected papers, Londres: Hogarth Press, 1973, (1996) La interpretación psicoanalítica. Método y creación, Santa cap. 25).

Fe de Bogotá: Grijalbo.

Abt, Laurence Edwin e Weissman, Stuart L., eds. (1965) Acting out.

Annes, Sérgio Paulo et al. (1974) Estudos psicanalíticos, Porto Alegre: Theoretical and clinical aspects; Nova York: Grune & Stratton.

gre: ed. dos autores.

Adler, Alfred (1912) El carácter neurótico, Buenos Aires: Paidós, 1954.

Anzieu, Annie (1969) “La interpretación: su escucha y su comprensión por el paciente”, Revista de Psicoanálisis, vol. 29, 1972, pp. 283-97.

(1918) Práctica y teoría de la psicología del individuo, Buenos (Bulletin de l'Association Psychanalytique de France, vol. 5.) Aires: Paidós, 1958.

450 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzieu, Annie e Anzieu, Didier (1977) “La interpretación en primera (1969) Problemas del campo psicoanalítico, Buenos Aires: persona”, em León Grinberg, ed., Prácticas psicoanalíticas compara-Kargiemann.

das en las neurosis, Buenos Aires: Paidós, pp. 17-26.

Baranger, Willy (1976) “El ‘Edipo temprano’ y el ‘complejo de Edipo’”, Anzieu, Didier (1959) L'auto-analyse de Freud et la découverte de la Revista de Psicoanálisis, vol. 33, pp. 303-14.

psychanalyse, Paris: Presses Universitaires de France, vols. 1-2.

Baranger, Madeleine et al. (1982) “Proceso y no proceso en el trabajo (Buenos Aires: Siglo Veintiuno, vols. 1-2.) analítico”, Revista de Psicoanálisis, vol. 39, pp. 527-49. (International (1969) “Dificultades

de un estudio psicoanalítico sobre la Journal of Psycho-Analysis, vol. 64, 1983, pp. 1-15.) interpretación”, Revista de Psicoanálisis, vol. 29, 1972, pp. 253-Barugel, Nora (1984) “El papel de la identificación con el objeto 82. (Bulletin de l’Association Psychanalytique de France, vol. 5.) atacado en el desarrollo del yo”, VI Simpósio da Associação Psicana-

(1970) “Elementos de una teoría de la interpretación”, Imago, lítica Argentina de Buenos Aires, 1984, Actas, pp. 120-33.

vol. 8, 1979, pp. 100-67.

Bateson, Gregory (1973) Steps to an ecology of mind, Herts: Paladin.

(1974) “Le moi-peau”, Nouvelle Revue de Psychanalyse, vol. 9.

Baudouin, Charles (1950) “La réactivation du passé”, Revue Française (1975) “La transferencia paradójica. De la comunicación de Psychanalyse, vol. 14, pp. 2-18.

paradójica a la reacción terapéutica negativa”, Psicoanálisis, vol.

Bellak, Leopold (1965) “The concept of acting out: theoretical 3, 1981, pp. 1-40. (Nouvelle Revue de Psychanalyse, vol. 12.) considerations”, em Laurence Edwin Abt e Stuart L. Weissman, eds., Arlow, Jacob A. e Brenner, Charles (1964) “The psychoanalytic Acting out. Theoretical and clinical aspects, Nova York: Grune & situation”, discussão por Arminda Aberastury, Fidiás R. Cesio, David Stratton, cap. 1, pp. 3-19.

Lieberman, Jorge M. Mom e Arnaldo Rascovsky, em Robert L. Litman, Berenstein, Isidoro (1972) “Comentario al trabajo de David Lieberman ed., Psychoanalysis in the Americas, Nova York: International

‘Evaluación de las entrevistas...’”, Revista de Psicoanálisis, vol. 29, Universities Press, pp. 23-55.

pp. 484-8.

Avenburg, Ricardo (1969) “La regresión en el proceso analítico en (1976) El complejo de Edipo. Estructura y significación, Buenos la obra de Freud”, Revista de Psicoanálisis, vol. 26, pp. 669-77.

Aires: Paidós.

(1974) “La interpretación”, comentado por Mauricio Abadi, Herbert (1984) “La estructura de los gemelos. Una formación psíquica tem-

Rosenfeld e Joel Zac, Revista de Psicoanálisis, vol. 31, pp. 541-66.

prana”, Psicoanálisis, vol. 6, pp. 243-59.

(1983) “Desarrollo acerca de sus ideas sobre psicoanálisis”.

Bergeret, Jean, ed. (1980) *La cure psychanalytique sur le divan*, Paris: Tchou.

Avenburg, Ricardo et al. (1969) “La regresión en el proceso psicoanalítico”, VII Congresso Latino-americano de Psicanálise, Bo-

(1986) “Les états-limites et leurs aménagements”, em Jean gotá, Actas.

Bergeret, Jean Achainre, A. Bécache et al. (1972) *Psychologie pathologique*, Paris: Masson, 4ª ed., 1986, pp. 192-210.

Avenburg, Ricardo e Guiter, Marcos (1976) “El concepto de verdad en psicoanálisis”, Revista de Psicoanálisis, vol. 33, pp. 403-19. (Internacional Journal of Psycho-Analysis, vol. 57, pp. 11-8.) em Gregorio Bermann, ed., *Las psicoterapias y el psicoterapeuta*, Buenos Aires: Paidós, 1964.

Bernfeld, Siegfried (1932) “El concepto de ‘interpretación’ en psicoanálisis”, Alice e Balint, Michael (1939) “On transference and counter-transference”, em *El psicoanálisis y la educación antiautoritaria*, Barcelona: Barral editores, 1973.

223-30.

(1941) “The fact of observation in psychoanalysis”, Journal of Psychology, vol. 12, pp. 289-305.

Balint, Michael (1932) “Charakteranalyse und Neubeginn”, Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, vol. 20, 1934 (citado por Balint, Bettelheim, Bruno (1972) “Regression as progress”, em Peter L.

1936).

Giovacchini ed., *Tactics and techniques in psychoanalytic therapy*, Nova (1936) “The final goal of psycho-analytic treatment”, York: Aronson, cap. 9, pp. 189-99.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 17, pp. 206-16.

Bianchedi, Elizabeth T. de e Sor, Darío (1967) “Revertir la perspecti-

(1937) “Early developmental states of the ego. Primary object va”,
Revista de Psicoanálisis, vol. 24, pp. 143-50.

love”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 30, 1949, pp.

Bibring, Edward (1937) “Symposium on the theory of the therapeutic
265-73. (Ed. orig. Imago, 1937.)

results of psycho-analysis”, International Journal of Psycho-Analysis,
(1950) “On the termination of analysis”, International Journal of vol.
18, pp. 170-89.

Psychoanalysis, vol. 31, pp. 196-9.

(1954) “Psychoanalysis and the dynamic psychotherapies”, Jour-

(1952) “New beginning and the paranoid and the depressive nal of the
American Psychoanalytic Association, vol. 2, pp. 745-70.

syndromes”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 33, pp.

Bick, Esther (1968) “The experience of the skin in early object-214-24.

relations”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 49, pp. 484-

(1954) “Analytic training and training analysis”, International 6.
(Revista de Psicoanálisis, vol. 27, 1970, pp. 111-7.) Journal of Psycho-
Analysis, vol. 35, pp. 157-68.

Bion, Wilfred R. (1950) “The imaginary twin”, em Second thoughts.

(1968) The basic fault. Therapeutic aspects of regression, Nova
Selected papers on psycho-analysis, Londres: William Heinemann,
York: Brunner/Mazel, 1979.

1967, pp. 3-22.

Baranger, Madeleine (1959) “Mala fe, identidad y omnipotencia”,
(1954) “Notes on the theory of schizophrenia”, International em Willy
Baranger e Madeleine Baranger, Problemas del campo..., Journal of
Psycho-Analysis, vol. 35, pp. 113-8; também em Second cap. 6, pp.
109-27.

thoughts..., cap. 3.

Baranger, Madeleine e Baranger, Willy (1961-62) “La situación ana-

(1956) “Development of schizophrenic thought”, *International lítica como campo dinámico*, *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, vol.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 37, pp. 344-6; también em *Second 4*, pp. 3-54; también em *Problemas del campo...*, cap. 7.

thoughts..., cap. 4.

Baranger, Willy e Baranger, Madeleine (1964) “El ‘insight’ en la situación (1957) “Differentiation of the psychotic from the non-psychotic analítica”, *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, vol. 6, pp. 19-38; también personalities”, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 38, em *Problemas del campo...*, cap. 8. (Robert E. Litman, ed., *Psychoanalysis* pp. 266-75; también em *Second thoughts...*, cap. 5.

in the Americas, Nova York: International Universities Press, 1966, par-

(1958) “On arrogance”, *International Journal of Psycho-Analysis*, te 11, cap. 5.)

vol. 39, pp. 144-6; también em *Second thoughts...*, cap. 7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 451

(1959) “Attacks on linking”, *International Journal of Psycho-Analysis*, Boesky, Dale (1981) “Acting out: una reconsideración del concepto”, vol. 40, pp. 308-15; también em *Second thoughts...*, cap. 8.

Revista de Psicoanálisis, vol. 38, pp. 1103-30. (*International Journal* (1961) *Experiences in groups and other papers*, Londres: Tavistock of *Psycho-Analysis*, vol. 63, 1982.)

Publications.

Brenman, Eric (1980) “The value of reconstruction in adult psycho-

(1962a) “A theory of thinking”, *International Journal of Psychoanalysis*, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 61, pp. 53-Analysis, vol. 43, pp. 306-10; también em *Second thoughts...*, cap. 9.

60. (*Psicoanálisis*, vol. 2.)

(1962b) Learning from experience, Londres: W. Heinemann.

Brenner, Charles (1976) Psychoanalytic techniques and psychic conflict, (Buenos Aires: Paidós, 1966.)

Nova York: International Universities Press.

(1982) The mind in conflict, Nova York: International Universities

(1963) Elements of psycho-analysis, Nova York: Basic Books.

(Buenos Aires: Paidós, 1966.)

Press. (La mente en conflicto, Madri: Tecnipublicaciones, 1989.)

Breuer, Josef e Freud, Sigmund (1895) Estudios sobre la histeria, em

(1965) Transformations: Change from learning to growth, Nova

Sigmund Freud, AE, vol. 2.

York: Basic Books. (Buenos Aires: Centro Editor, 1972.) Bryce Boyer,

L. (1969) "La técnica psicoanalítica en el tratamiento (1967a) "Notes on memory and desire", Psychoanalytic Forum, de ciertos trastornos caracterológicos y esquizofrénicos", Revista de vol. 2, nº 3. (Revista de Psicoanálisis, vol. 26, 1969, pp. 679-92.) Psicoanálisis, vol. 26, pp. 765-839.

(1967b) Second thoughts. Selected papers on psycho-analysis, Lon-

Buxbaum, Edith (1950) "Technique of terminating analysis", Internadres: W. Heinemann.

tional Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 184-90.

(1970) Attention and interpretation, Nova York: Basic Books.

Bychowski, Gustav (1956) "Homosexuality and psychosis", em

(Buenos Aires: Paidós, 1974.)

Sandor Lorand e Michael Balint, eds., Perversions: psychodynamics

Bird, Brian (1957) "A specific peculiarity of acting out", Journal of and therapy, Nova York: Random House, pp. 97-130.

the American Psychoanalytic Association, vol. 5, pp. 630-47.

Bleger, José (1961) "La simbiosis", Revista de Psicoanálisis, vol. 18, pp.

Carlioni, Glaucio (1984) "Tatto, contatto e tattica", Rivista di Psicoanalisi, 361-9.

vol. 30, pp. 191-205.

(1967a) "Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico", Revista de Psico-Carnap, Rudolf (1950) Logical foundation of probability, Londres: análisis, vol. 24, pp. 241-58; también en Simbiosis y ambigüedad, Routledge and Kegan Paul.

cap. 6.

Carpinacci, Jorge A. (1975) "Algunas consideraciones sobre la (1967b) Simbiosis y ambigüedad. Estudio psicoanalítico, Buenos

'construcción' en psicoanálisis", comentado por I. Berenstein, E. T. de Aires: Paidós.

Bianchedi e B. Winograd, Revista de Psicoanálisis, vol. 32, pp. 227-69.

(1971) "La entrevista psicológica: su empleo en el diagnóstico y Cesio, Fidas R. (1956) "Un caso de 'reacción terapéutica negativa', la investigación", en Temas de psicología. Entrevistas y grupos, Revista de Psicoanálisis, vol. 13, pp. 522-6.

Buenos Aires: Nueva Visión.

(1957) "El lenguaje no-verbal. Su interpretación", Revista de Bleichmar, Celia Leiberman de (1989) "El problema naturaleza/cultu-Psicoanálisis, vol. 14, pp. 110-20.

ra en psicoanálisis", en El psicoanálisis después de Freud, Buenos (1960) "El letargo. Una contribución al estudio de la reacción Aires: Paidós, 1997.

terapéutica negativa", Revista de Psicoanálisis, vol. 17, pp. 10-24

Bleichmar, Norberto M. (1981) El amor de transferencia. Sobre el e 289-98.

análisis del complejo de Edipo al comienzo y al final del tratamiento".

(1976) "La transferencia en el sueño y en el tratamiento psicoana-Bleichmar, Norberto M. e Bleichmar, Celia Leiberman de (1989) El lítico", Revista de Psicoanálisis, vol. 24, pp. 809-15.

psicoanálisis después de Freud, Buenos Aires: Paidós, 1997.

Clavreul, Jean (1963) "Notas sobre la cuestión de la realidad en las Bleuler, Eugen (1911) Demencia precoz. El grupo de las

esquizofrenias, perversiones”, conferencia na Sociedade Francesa de Psicanálise, 7

Buenos Aires: Paidós, 1960.

de maio, cátedra de Psicopatologia do professor Jorge Fukelman, Blitzsten, N. Lionel (s. a.) (Citado por Gitelson, 1952, e Rappaport, Universidad Nacional de Buenos Aires, ficha 508.

1956.)

(1966) “La pareja perversa”, em Piera Aulagnier-Spairani et al., Blos, Peter (1962) “The concept of acting out in relation to the El deseo y la perversión, Buenos Aires: Sudamericana, 1968.

adolescent process”, em Eveleen N. Rexford, ed., A developmental Coderch, Joan (1945) La interpretación en psicoanálisis. Fundamental approach to problems of acting out, Nova York: International theory of the technique, Barcelona: Herder.

Universities Press, 1978, pp. 153-82.

Chasseguet-Smirgel, Janine (1967) “Note clinique sur les rêves d’ex-Blum, Harold P. (1977) “The prototype of preoedipal reconstruction”, men”, Revue Française de Psychanalyse, nº 1; também em Pour une Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 25, pp. 757-85.

psychanalyse de l’art et de la créativité cap. 6, Paris: Payot, 1971.

(1979) “The curative and creative aspects of insight”, Journal of (1975) L’ideal du Moi. Essai psychanalytique sur la “maladie d’idealité”, the American Psychoanalytic Association, vol. 27, p. 41 (suple-Paris: Tchou. (El ideal del yo. Ensayo psicoanalítico sobre la mento); também em Harold P. Blum, ed., Psychoanalytic

“enfermedad de idealidad”, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991.) explorations..., pp. 41-69. (Psicoanálisis, vol. 2, 1980.) (1980) “The value of reconstruction in adult psychoanalysis”, Darwin, Charles (1859) Origin of species, Londres: John Murray.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 61, pp. 39-52.

Dayan, Maurice (1982) “La señora K interpreta”, Trabajo de Psicoanálisis, (1994) Reconstruction in psychoanalysis. Childhood revisited and vol. 1, pp. 267-303.

recreated, Madison, Connecticut: International Universities Press.

Del Valle, Elsa (1979) La obra de Melanie Klein, Buenos Aires: Blum, Harold P., ed. (1980) Psychoanalytic explorations of technique.

Kargieman, vol. 1.

Discourse on the theory of therapy, Nova York: International Universities Press, Helene Deutsch (1926) "Okkulte Vorgänge während der Psychoanalyse", ties Press.

Imago, vol. 12. (Citado por Racker, 1953.) (1982) "El proceso analítico y la inferencia analítica: un estudio (1942) "Algunas formas de trastorno emocional y su relación clínica de una mentira y una pérdida", Revista de Psicoanálisis, con la esquizofrenia", Revista de Psicoanálisis, vol. 25, pp. 413-vol. 39, pp. 551-78. (International Journal of Psycho-Analysis, 31. (Neurosis and character types. Clinical psychoanalytic studies, vol. 64, 1983.)

Nova York: International Universities Press, 1965, cap. 20.)

452 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dubcovsky, Santiago (s. a.) "La inflación. Algunas consecuencias de (1981b) "Validez de la interpretación transferencial en el 'aquí y las crisis económicas sobre la práctica psicoanalítica", Revista Argentina para la reconstrucción del desarrollo psíquico temprano", tina de Psicología, pp. 25-51.

Revista de Psicoanálisis, vol. 38, pp. 1145-65. (International Dupetit, Susana (1982) La adicción y las drogas, Buenos Aires: Ed.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 63, 1982.) Futuro.

(1981c) "Instances and alternatives of the interpretative work", International Review of Psycho-Analysis, vol. 8, pp. 401-21.

(1988) "La mirada del tigre: acerca de la transferencia en pacientes adictos". Relato diante do Primeiro Congresso Argentino (1982a) "A cincuenta años de la interpretación mutativa", Revis-de Psicanálise, Buenos Aires: Graffit S.R.L., pp. 57-75.

ta Chilena de Psicoanálisis, vol. 4, pp. 23-31. (International Journal of Psycho-Analysis, vol. 64, 1983.)

(1983) "Insight", Trabajos del Psicoanálisis, vol. 2, pp. 253-87.

Eagle, M. N. (1984) Recent developments in psycho-analysis. A critical evaluation, Nova York: McGraw-Hill Book Co. (Desarrollos (1985) "Los estilos interpretativos", Psicoanálisis, vol. 7.

contemporáneos recientes en psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós, 1988.) (1988) "Reflexiones sobre la transferencia", 1º. Congreso Argentino de Psicanálise, Actas, Buenos Aires: Graffit, S. R. L. pp. 77-101.

Eissler, Kurt R. (1953) "The effect of the structure of the ego on psychoanalytic technique", Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 1, pp. 104-43.

Aires: Polemos.

(1958) "Remarks on some variations in psychoanalytical technique", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 39, pp. 222-9.

"Sobre dos niveles en el proceso de elaboración", Psicoanálisis, 8, pp. 483-91. (Journal of the Melanie Klein Society, 3, 1985, pp. 31-9.) Ekstein, Rudolf (1966a) La psicosis infantil, México: Pax México, 1969.

Etchegoyen, R. H. e Catri, José (1978) "Freud, Ferenczi y el análisis (1966b) "La naturaleza del proceso interpretativo", em La psicosis..., didáctico", I Simpósio da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Actas.

cap. 6, pp. 167-95.

Etchegoyen, R. H. et al. (1979) "El sueño como superficie de Ekstein, Rudolf e Friedman, Seymone W. (1957) "The function of contact", II Simpósio da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, acting out, play action and play acting in the psychotherapeutic Actas, pp. 40-8.

process", Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 5, (1982a) "Sobre dos niveles en el proceso de elaboración", Psi-pp. 581-629.

coanálisis.

Ellenberger, Henri F. (1970) The discovery of the unconscious. The (1982b) "De los comienzos del complejo de Edipo", XIV Con-history and evolution of dynamic psychiatry, Nova York: Basic Books.

gresso Psicanalítico da América Latina, Actas, vol. 2, “Comunica-English, H. B. e English, A. C. (1958) A comprehensive dictionary of ções livres”, pp. 137-41.

psychological and psychoanalytic terms, Nova York: Longmans Green.

(1982c) “El complejo de Edipo y los precursores del superyó”, Erickson, Erik (1950) Childhood and society, Nova York: Norton.

XIV Congresso Psicanalítico da América Latina, Actas, vol. 2, (Infancia y sociedad, Buenos Aires: Paidós, 1959.)

“Comunicaciones livres”, pp. 143-8.

(1962) “Reality and actuality: an address”, Journal of the American (1985) “De la interpretación de la envidia”, Revista de Psicoanálisis, Psychoanalytic Association, vol. 10, pp. 415-74.

vol. 42, pp. 1019-41. (“On envy and how to interpret it”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 68, 1987, pp. 49-61.) Etchegoyen, Laura (2000) “La empatía en la práctica clínica”, em Jorge Luis Ahumada, Jorge Olagaray, Arlene Kramer Richards e Etchegoyen, R. Horacio, López, Benito M. e Rabih Moisés (1985) Arnold David Richards, eds., Las tareas del psicoanálisis, Buenos Aires:

“De la interpretación de la envidia”, Revista de Psicoanálisis, vol. 42, Polemos, cap. 7.

pp. 1019-41; “On envy and how to interpret it”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 68, 1987, pp. 49-61.

Etchegoyen, R. Horacio (1960) “Comentarios sobre el análisis de un psicópata” (inédito).

Etchegoyen, R. Horacio e Rabih, M. (1981) “Las teorías psicoanalíticas de la envidia”, Psicoanálisis, vol. 3, pp. 359-84.

(1969) “La primera sesión de análisis”, comentado por Lygia Alcántara de Amaral, James Naiman e Leo Rangell, Revista de Psicoanálisis, vol. 28, 1971, pp. 501-35.

Fairbairn, W. Ronald D. (1941) “A revised psychopathology of the psychosis and psychoneurosis”, International Journal of Psycho-Analysis, (1970) “Homosexualidad femenina: aspectos dinámicos de la revol. 22, pp. 250-79. (Revista de Psicoanálisis, vol. 4, 1947, pp. 751-81.) cuperación”, Revista Uruguaya de Psicoanálisis, vol. 12, pp.

(1944) "Endopsychic structure considered in terms of object-

(1973) "A note on ideology and psychoanalytic technique",
relationships", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 25,
International Journal of Psycho-Analysis, vol. 54, pp. 485-6.

pp. 70-93.

(1976) "El 'impasse' psicoanalítico y las estrategias del yo", *Re-*

(1958) "On the nature and aims of psycho-analytical treatment", *vista*
de *Psicoanálisis*, vol. 33, pp. 613-36.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 39, pp. 374-85.

(1977) "Perversión de transferencia. Aspectos teóricos y técnicos",
Federn, Paul (1943) "Psychoanalysis of psychosis", em *Ego Psychology*
em León Grinberg, ed., *Prácticas psicoanalíticas comparadas en las*
and the Psychosis, Londres: Imago, 1953, cap. 6, pp. 117-65; publi-
psychosis, Buenos Aires: Paidós, cap. 2, pp. 58-83.

cado inicialmente em *Psychiatric Quarterly*.

(1978a) "Some thoughts on transference perversion", *International*
(1947) "Principios psicoterapéuticos en la esquizofrenia latente",
Journal of Psycho-Analysis, vol. 59, pp. 45-53; también em Jean em
La psicología del yo y las psicosis, Buenos Aires: Amorrortu edito-
Bergeret, ed., *La cure psychanalytique sur le divan*, Paris: Tchou, pp.

res, cap. 7, pp. 189-206. (*American Journal of Psychotherapy*, vol. 1,
177-91.

pp. 129-44; "Principles of psychotherapy in latent schizophrenia",
(1978b) "Las formas de transferencia", *Psicoanálisis*, vol. 2, pp.

em *Ego Psychology and the psychosis*, Londres: Imago, 1953.)
1065-89.

Fenichel, Otto (1935) "Concerning the theory of psychoanalytic tech-

(1979a) "Regresión y encuadre", *Psicoanálisis*, vol. 1, pp. 479-503.

nique", em *Collected papers*, Nova York: David Lewis, Inc., 1953, first
(1979b) "Introducción a la versión castellana" a Donald Meltzer series,
cap. 30, pp. 332-48; también em Louis Paul, ed., *Psychoana-et al.*,

Exploración del autismo, Buenos Aires: Paidós, pp. 11-6.

lytic clinical interpretation. (Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, vol. 21, pp. 78-95.)

(1981a) “Notas para una historia de la escuela inglesa de psicoaná-

lisis”, Revista de la Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para

(1937) “Symposium on the theory of the therapeutic results of Graduados, vol. 6, pp. 13-30.

psychoanalysis”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 18, pp. 133-8.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 453

(1941) Problems of psychoanalytic technique, Nova York: Psycho-

(1966) Problemas y métodos del psicoanálisis, Buenos Aires: analytic Quarterly Inc. (México: Paz, 1964.) Paidós.

(1945a) The psycho-analytic theory of neurosis, Londres: Regan Paul.

(1967) Teoría y técnica del psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós.

(1945b) “Neurotic acting out”, em Collected papers, Nova York:

(1981) Psicoanálisis. Obras completas, Madri: Espasa Calpe, vols.

David Lewis, Inc., second series, cap. 22, pp. 296-304.

1-3.

Ferenczi, Sandor (1909) “Transferencia e introyección”, em Psico-

Ferenczi, Sandor e Rank, Otto (1923) The development of

psicoanálisis. Obras completas, Madri: Espasa Calpe, vol. 1, cap. 2,

pp. 99-analysis, Nova York: Nervous and Mental Disease Monograph

Series, 134; também em Sexo y psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós, 1959, 1925.

cap. 2. (First contributions to psycho-analysis, Nova York: Brunner/

Filc, Sara Zac de (1979) “Insight”, monografia apresentada na Asso-
Mazel, 1980, cap. 2.)

ciação Psicanalítica de Buenos Aires.

(1911) “Papel de la homosexualidad en la patogenia de la (1983) “El

rol continente de los elementos sonoros de la interpre-paranoia”, em Sándor Ferenczi, Psicoanálisis..., vol. 1, cap. 13, tación”.

pp. 189-206. (“On the part played by homosexuality in the pathogenesis of paranoia”, em Sandor Ferenczi, First contri-Fliess, Robert, ed. (1948) The Psycho-analytic reader, Nova York: butions..., cap. 5, pp. 154-84.)

International Universities Press. (Escritos psicoanalíticos fundamentales, Barcelona: Paidós, 1981.)

(1913) “El desarrollo del sentido de realidad y sus estadios”, em Psicoanálisis..., vol. 2, pp. 63-79; también em Sexo y psicoanálisis..., Fornari, Franco (1981) Il codice vivente, Turim: Boringhieri. (Citado cap. 8. (First contributions..., cap. 8.) por Speciale Bagliacca, 1982.)

(1914) “Algunas observaciones clínicas de enfermos paranoicos y Forsyth, David (1922) The technique of psychoanalysis, Londres: Paul, parafrénicos”, em Psicoanálisis..., vol. 2, pp. 139-47; también em Trench, Trubner. (Citado por Menninger, 1958.) Sexo y psicoanálisis..., cap. 11. (First contributions..., cap. 11; pu-Frankl, Viktor E.(s. a.) Homo patients. Intento de una patodicea, blicado originalmente como “Einige klinische Beobachtungen bei Buenos Aires: Platin, 1955.

der Paranoia und Paraphrenie”, Internationale Zeitschrift für French, Thomas M. (1939) “Insight and distortion in dreams”, Psychoanalyse, vol. 2, pp. 12-7.)

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 20, pp. 287-98

(1916) First eontributions to psycho-analysis, Nova York: Brunner/

Freud, Anna (1927) Psicoanálisis del niño, Buenos Aires: Paidós, 1977, Mazel, 1980.

3ª ed. (Four lectures on child analysis, em Writings, Nova York: Inter-

(1919a) “Neurosis del domingo”, Psicoanálisis..., vol. 2, pp. 409-13; national Universities Press, vol. 1, pp. 3-69); Einführung in die Technik también em Teoría y técnica del psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós, der Kinderanalyse, Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.) cap. 13. (Further contributions to the theory and technique of (1936) The ego and the mechanisms of defense, em Writings..., psychoanalysis, cap. 13.)

vol. 2, 1966. (Buenos Aires: Paidós, 1949.) (1919b) "Dificultades técnicas de un análisis de histeria", Psico-

(1952) (1949-51) "Studies in passivity", em Writings..., vol. 4, análisis..., vol. 3, pp. 21-8; también em Teoría y técnica..., cap. 15.

cap. 10, pp. 245-59; resumen em International Journal of Psycho-

(Further contributions..., cap. 15.)

Analysis, vol. 33, 1952, p. 265.

(1920) "Prolongaciones de la 'técnica activa' en psicoanálisis", (1954) "The widening scope of indication for psychoanalysis. Discussion", Psicoanálisis..., vol. 3, pp. 137-55; también em Teoría y técnica..., Journal of the American Psycho-Analytical Association, vol.

cap. 16. (Further contributions..., cap. 16.) 2, pp. 607-20; también em Writings..., vol. 4. (Estudios..., cap. 2.) (1921) "Reflexiones psicoanalíticas sobre los tics", Psicoanálisis..., (1963) "The concept of developmental lines", em Psychoanalytical vol. 3, pp. 101-32; también em Teoría y técnica..., cap. 12. (Further Study of the Child, vol. 18, pp. 245-65.

contributions..., cap. 12; International Journal of Psycho-Analysis, (1965) "The therapeutic possibilities", em Normality and vol. 2.)

pathology in childhood: assessments of development, em Writings..., (1924) Thalassa. Ensayo sobre la teoría de la genitalidad, Psicoaná-

vol. 6, cap. 6, pp. 213-35. (Normalidad y patología..., cap. 6.) lisis..., vol. 3, pp. 303-83. (Nova York: The Psychoanalytic Quarterly (1966) "The ideal psychoanalytic institute: a utopia", em Inc., 1938.)

Writings..., vol. 7, pp. 73-93. (Estudios..., cap. 10.) (1926) Further contributions to the theory and technique of psycho-

(1968) "Acting out", International Journal of Psycho-Analysis, vol. analysis, Nova York: Brunner/Mazel, 1980.

49, pp. 165-70; también em Writings..., vol. 7, cap. 7. (Estudios..., (1927) "El problema de la terminación del análisis", em Proble-cap. 7.)

mas y métodos del psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós, 1966, cap.

(1965, etc.) Writings, Nova York: International Universities Press, 7, pp. 68-76. (Final contributions to the problems and methods of vols. 1-7.

psychoanalysis, Nova York: Brunner/Mazel, 1980, cap. 7.) (1971) Normalidad y patología en la niñez. Evaluación del (1928) “Elasticidad de la técnica psicoanalítica”, Psicoanálisis, desarrollo, Buenos Aires: Paidós.

Madri: Espasa Calpe, 1984, vol. 4, pp. 59-72. (Problemas y métodos..., Final contributions...)

(1978) Estudios psicoanalíticos, Buenos Aires: Paidós.

(1929) “El principio de relajación y la neocatarsis”, em Problemas y Freud, Sigmund (1890a) “Tratamiento psíquico (tratamiento del métodos..., cap. 10, pp. 95-110. (Final contributions..., vol. 11, 1930.) alma)”, em Obras completas, Buenos Aires: Amorrortu editores (AE), 1978-85, vol. 1, pp. 111-32. (SE, vol. 7.) (1931) “El análisis infantil en el análisis de adultos”, em Problemas y métodos..., cap. 11, pp. 111-26. (Final contributions..., cap.

(1893) “Sobre la psicoterapia de la histeria”, em AE, vol. 2, pp. 11, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 12.) 261-309.

(1932) “La confusión de lenguajes entre los adultos y el niño. El (1894a) “Las neuropsicosis de defensa. (Ensayo de una teoría psico-lenguaje de la ternura y la pasión”, em Problemas y métodos..., lógica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones cap. 13, pp. 139-49. (Final contributions..., cap. 13; International obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias), em AE, vol. 3, pp.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 30, 1949.) 41-61. (SE, vol. 3.)

(1955) Final contributions to the problems and methods of (1895) “Proyecto de psicología” (veja-se 1950a).

psychoanalysis, Nova York: Brunner/Mazel, 1980.

(1895d) Estudios sobre la histeria, em colaboração com Josef (1959) Sexo y psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós.

Breuer (veja-se Breuer e Freud, 1895).

454 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1898a) “La sexualidad en la etiología de las neurosis”, em AE,
(1917c) “Sobre las trasposiciones de la pulsión, en particular del vol.
3, pp. 251-76. (SE, vol. 3.)

erotismo anal”, em AE, vol. 17, pp. 113-23. (SE, vol. 17.) (1899a)
“Sobre los recuerdos encubridores”, em AE, vol. 3, pp.

(1917d) “Complemento metapsicológico a la doctrina de los 291-315.
(SE, vol. 3.)

sueños”, em AE, vol. 14, pp. 215-33. (SE, vol. 14.) (1900a) La
interpretación de los sueños, vols. 1-2, em AE, vols. 4-

(1917e) “Duelo y melancolía”, em AE, vol. 14, pp. 235-55. (SE, vol.
14.) 5. (SE, vols. 4-5-)

(1918b) “De la historia de una neurosis infantil”, em AE, vol. 17,
(1901a) Sobre el sueño, em AE, vol. 5, pp. 613-68. (SE, vol. 5.) pp.
1-111. (SE, vol. 17.)

(1901b) Psicopatología de la vida cotidiana, em AE, vol. 6. (SE, vol.
6.) (1919a) “Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica”, em AE,
(1904a) “El método psicoanalítico de Freud”, em AE, vol. 7, pp.

vol. 17, pp. 151-63. (SE, vol. 17.)

233-42. (SE, vol. 7.)

(1919e) “‘Pegan a un niño’ (Contribución al conocimiento de la
(1905a) “Sobre psicoterapia”, em AE, vol. 7, pp. 243-57, (SE, vol. 7.)
génesis de las perversiones sexuales)”, em AE, vol. 17, pp. 173-200.
(SE, vol. 17.)

(1905c) El chiste y su relación con lo inconciente, em AE, vol. 8.
(SE, vol. 8.)

(1920a) “Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad
femenina”, em AE, vol. 18, pp. 137-64. (SE, vol. 18.) (1905d) Tres
ensayos de teoría sexual, em AE, vol. 7, pp. 109-222. (SE, vol. 7.)

(1920g) Más allá del principio de placer, em AE, vol. 18, pp. 1-62.
(SE, vol. 18.)

(1905e) “Fragmento de análisis de un caso de histeria”, AE, vol.

7, pp. 1-107. (SE, vol. 7.)

(1921c) Psicología de las masas y análisis del yo, em AE, vol. 18, pp. 63-136. (SE, vol. 18.)

(1909a) “Apreciaciones generales sobre el ataque histérico”, em AE, vol. 9. (SE, vol. 9.)

(1922b) “Sobre algunos mecanismos neuróticos en los celos, la paranoia y la homosexualidad”, em AE, vol. 18, pp. 213-26. (SE, (1909b) “Análisis de la fobia de un niño de cinco años” (el vol. 18.)

pequeño Hans), em AE, vol. 10, pp. 1-118. (SE, vol. 10.) (1923a) “Dos artículos de enciclopedia: ‘Psicoanálisis’ y ‘Teoría (1909d) “A propósito de un caso de neurosis obsesiva” (El Hombre de la libido”, em AE, vol. 18, pp. 227-54. (SE, vol. 18.) de las Ratas), em AE, vol. 10, pp. 119-94. (SE, vol. 10.) (1923b) El yo y el ello, em AE, vol. 19, pp. 1-66. (SE, vol. 19.) (1910a) Cinco conferencias sobre psicoanálisis, em AE, vol. 11, pp. 3-51. (SE, vol. 11.)

(1923c) “Observaciones sobre la teoría y la práctica de la interpretación de los sueños”, em AE, vol. 19, pp. 107-22. (SE, (1910c) Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci, em AE, vol.

vol. 19.)

11, pp. 53-127. (SE, vol. 11.)

(1923e) “La organización genital infantil (Una interpolación en la (1910d) “Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica”, teoría de la sexualidad”, em AE, vol. 19, pp. 141-9. (SE, vol. 19.) em AE, vol. 11, pp. 129-42. (SE, vol. 11.) (1924b) “Neurosis y psicosis”, em AE, vol. 19, pp. 151-9. (SE, vol. 19.) (1910k) “Sobre el psicoanálisis ‘silvestre’”, em AE, vol. 11, pp.

217-27. (SE, vol. 11.)

(1924c) “El problema económico del masoquismo”, em AE, vol.

19, pp. 161-76. (SE, vol. 19.)

(1911b) “Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico”, em AE, vol. 12, pp. 217-27. (SE, vol. 12.) (1924d) “El sepultamiento del complejo de Edipo”, em AE, vol.

19, pp. 177-87. (SE, vol. 19.)

(1911c) “Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente”, (1924e) “La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis”, em AE, vol. 12, pp. 1-76. (SE, vol. 12.) AE, vol. 19, pp. 189-97. (SE, vol. 19.)

(1911e) “El uso de la interpretación de los sueños en el (1925d) Presentación autobiográfica, em AE, vol. 20, pp. 1-70.

psicoanálisis”, em AE, vol. 12, pp. 83-92. (SE, vol. 12.) (SE, vol. 20.)

(1912b) “Sobre la dinámica de la transferencia”, em AE, vol. 12, (1925h) “La negación”, em AE, vol. 19, pp. 249-57. (SE, vol. 19.) pp. 93-105. (SE, vol. 12.)

(1925i) “La responsabilidad moral por el contenido de los (1912e) “Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico”, sueños”, em “Algunas notas adicionales a la interpretación de los em AE, vol. 12, pp. 107-19. (SE, vol. 12.) sueños en su conjunto”, em AE, vol. 19, pp. 133-6. (SE, vol. 19.) (1912-13) Tótem y tabú, em AE, vol. 13, pp. 1-162. (SE, vol. 13.) (1925j) “Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos”, em AE, vol. 19, pp. 259-76. (SE, vol. 19.) (1913c) “Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I)”, em AE, vol. 12, pp. 121-44. (SE, vol. 12.) (1926d) Inhibición, síntoma y angustia, em AE, vol. 20, pp. 71-164. (SE, vol. 20.)

(1914c) “Introducción del narcisismo”, em AE, vol. 14, pp. 65-98. (SE, vol. 14.)

(1926e) ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial, em AE, vol. 20, pp. 165-242. (SE, vol. 20.) (1914g) “Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II)”, em AE, vol. 12, pp. 145-57. (SE, vol. 12.) (1927d) “El humor”, em AE, vol. 21, pp. 153-62. (SE, vol. 21.) (1915a) “Puntualizaciones sobre el amor de transferencia (Nuevos (1927e) “Fetichismo”, em AE, vol. 21, pp. 141-52. (SE, vol. 21.) consejos sobre la técnica del psicoanálisis, III)”, em AE, vol. 12, (1930a) El malestar en la cultura, em AE, vol. 21, pp. 57-140.

pp. 159-74. (SE, vol. 12.)

(SE, vol. 21.)

(1915c) “Pulsiones y destinos de pulsión”, em AB, vol. 14, pp.

(1931b) “Sobre la sexualidad femenina”, em AE, vol. 21, pp.

105-34. (SE, vol. 14.)

223-44. (SE, vol. 21.)

(1915d) “La represión”, em AE, vol. 14, pp. 135-52. (SE, vol. 14.)

(1933a) Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis, em

(1915e) “Lo inconciente”, em AE, vol. 14, pp. 153-213. (SE, vol. 14.)

AE, vol. 22, pp. 1-168. (SE, vol. 22.)

(1916d) “Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo (1933a)

“La feminidad”, em Nuevas conferencias..., conferencia analítico”, em

AE, vol. 14, pp. 313-39. (SE, vol. 14.) 33, pp. 104-25. (SE, vol. 22.)

(1937c) “Análisis terminable e interminable”, em AE, vol. 23, pp.

(1916-17) Conferencias de introducción al psicoanálisis, em AE,

211-54. (SE, vol. 23.)

vols. 15-16. (SE, vols. 15-16.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 455

(1937d) “Construcciones en el análisis”, em AE, vol. 23, pp. 255-Gill,

Merton M. e Hoffman, I. Z. (1982) Analysis of transference, vol.

70. (SE, vol. 23.)

2: Studies of seven audio-recorded psychoanalytic sessions, Nova

York: (1939a) Moisés y la religión monoteísta, em AE, vol. 23, pp. 1-

International Universities Press.

132. (SE, vol. 23.)

Gillespie, William H. (1956) “The general theory of sexual

perversion”, (1940a) Esquema del psicoanálisis, em AE, vol. 23, pp.

133-209.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 37, pp. 398-403.

(SE, vol. 23.)

(1964) “The psycho-analytic theory of sexual deviation with (1940e)

“La escisión del yo en el proceso defensivo”, em AE, vol.

special reference to fetishism”, em Ismond Rosen, ed., The 23, pp.

271-8. (SE, vol. 23.)

pathology and treatment of sexual deviation, Londres: Oxford University Press.

(1950a [1887-1902]) “Fragmentos de la correspondencia con Fliess” (1892-99), em AE, vol. 1, pp. 211-322 (SE, vol. 1, pp.

Gioia, Terencio (1974) “El concepto de acting out”, Revista de Psico-173-280), e “Proyecto de psicología” (1895), em AE, vol. 1, pp.

análisis, vol. 31, pp. 969-84.

323-446 (SE, vol. 1 pp. 281-397).

(1977) “Ensayo crítico acerca de la hipótesis psicoanalítica del (1955a [1907-08]) “Apuntes originales sobre el caso de neurosis instinto de muerte”, Revista de Psicoanálisis, vol. 34, pp. 269-56.

obsesiva”, em AE, vol. 10, pp. 195-249. (SE, vol. 10.) (1979) Comunicação pessoal.

Fromm-Reichmann, Frieda (1939) “Transference problems in schizo-

(1983a) “Consideraciones acerca de la hipótesis del instinto de phrenics”, Psychoanalytic Quarterly, vol. 8, nº 4. (Revista de Psicoaná-

muerte, desde un punto de vista epistemológico”, Psicoanálisis, vol.

lisis, vol. 5, 1947-48, pp. 468-79.)

5, pp. 19-27.

(1950) Principles of intensive psychotherapy, Chicago: University

(1983b) “El miedo y la angustia”, Psicoanálisis, vol. 5, pp. 417-48.

of Chicago Press.

Giovacchini, Peter L. (1972a) “Interpretation and definition of the

Frosch, John (1988a) “Psychotic character versus borderline”, parte analytic setting”, em Tactics and techniques..., vol. 1, cap. 14, pp.

1, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 69, pp. 347-57.

291-304.

(1988b) “Psychotic character versus borderline”, parte 2, Interna-

(1972b) “The symbiotic phase”, em Tactics and techniques..., vol.

tional Journal of Psycho-Analysis, vol. 69, pp. 445-56.

1, cap. 7, pp. 137-69.

(1972c) Tactis and techniques in psychoanalytic therapy, Nova York: Gaddini, Eugenio (1981) "Acting out in the psychoanalytic session", Aronson, vols. 1-2.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 63, 1982, pp. 57-64.

Giovacchini, Peter L. e Boyer, L. Bryce (1975) "El 'impasse' psicoana-

(Revista de Psicoanálisis, vol. 38, pp. 1131-42.) lítico como un hecho terapéutico inevitable", Revista de Psicoanálisis, Gálvez, Manuel et al. (1979) "Sueños con el analista", II Simpósio vol. 32, pp. 143-76.

da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Actas.

Gitelson, Maxwell (1952) "The emotional position of the analyst in Garbarino, Héctor (1972) ""Comentario" ao trabalho de David the psychoanalytic situation, International Journal of Psycho-Analysis, Liberman, "Evaluación de las entrevistas diagnósticas previas a la vol. 33, pp. 1-10.

iniciación de los tratamientos analíticos. Criterios diagnósticos y es-

(1962) "The curative factors in psycho-analysis. The first phase quemias referenciales", Revista de Psicoanálisis, vol. 29, pp. 488-90.

of psychoanalysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol.

Garfinkel, Gregorio (1979) "Interpretación onírica e insight. Tole-43, pp. 194-206,

rancia al aprendizaje de la distorsión perceptual", II Simpósio da Glover, Edward (1926) "The neurotic character", International Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Actas.

Journal of Psycho-Analysis vol. 7, pp. 11-30.

Garma, Angel (s. a.) Comunicação pessoal.

(1927) "Lectures on technique in psycho-analysis", International (1950) "On the pathogenesis of peptic ulcer", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 8, pp. 311-38 e 486-520.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 53-72.

(1928) "Lectures on technique in psycho-analysis", International
(1954) Génesis psicossomática y tratamiento de las úlceras gástri-
Journal of Psycho-Analysis vol. 9, pp. 7-46 e 181-218.

cas y duodenales, Buenos Aires: Nova.

(1931) "The therapeutic effect on inexact interpretation: a (1974)
"Tres aspectos básicos de las resistencias transferenciales contribution
to the theory of suggestion", International Journal en las etapas finales
del tratamiento psicoanalítico", Revista de of Psycho-Analysis, vol. 12,
pp. 397-411.

Psicoanálisis, vol. 31, pp. 681-708.

(1933) "The relation of perversion formation to the development
Garzoli, Elsa Bebe (s. a.) Comunicação pessoal.

of reality sense", International Journal of Psycho-Analysis, vol.

(1981) "Sobre la adicción de transferencia", Psicoanálisis, vol. 3, 24,
pp. 486-503.

pp. 193-229.

(1955) The technique of psychoanalysis Nova York: International
Gear, María C. e Liendo, Ernesto C. (1972) "Estrategia psicoanalítica:
Universities Press.

fichaje clínico y programación terapéutica", Revista de Psicoanálisis,
Glover, Edward e Fenichel, Otto et al. (1937) "Symposium on the vol.
29, pp. 531-88.

theory of the therapeutic results of psychoanalysis", International
(1974) Semiología psicoanalítica, Buenos Aires: Nueva Visión.

Journal of Psychoanalysis, vol. 18, pp. 125-89.

Gear, María C. et al. (1981) Working through narcissism. Treating its
Goodman, Louis e Gilman, Alfred (1945) Bases farmacológicas de la
somasochoísta structure, Nova York: Aronson.

terapéutica, México: Unión Tipográfica Editorial Hispano-America-
Gill, Merton M. (1954) "Psychoanalysis and exploratory
psychotherapy", na, vols. 1-2.

Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 2, pp.

Grande, Domingo S. (1978) Comunicação pessoal.

(Merton Gill e David Rapaport, Aportaciones a la teoría..., cap. 8.)
Green, André (1975) "The analyst, simbolization and absence in the
(1962) Aportaciones a la teoría y técnica psicoanalítica, México:
analytic setting (on changes in analytic practice and analytic
experience)", Pax-México.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 56, pp. 1-22. (Revista de
(1979) "El análisis de la transferencia", Psicoanálisis, vol. 3, 1981,
Psicoanálisis, vol. 32, 1975, pp. 65-114.) pp. 137-67.

Greenacre, Phyllis (1950) "General problems of acting out", (1982)
Analysis of transference, vol. 1: Theory and technique, Nova
Psychoanalytic Quarterly, vol. 19, pp. 455-67; também em Trauma
York: International Universities Press.

growth..., cap. 11.

456 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1952) Trauma growth and personality, Nova York: International
(1977c) "Afectos dolorosos en los pacientes fronterizos. Su abordaje
Universities Press.

técnico", em León Grinberg, ed., Prácticas psicoanalíticas..., cap. 4,
(1954) "The role of transference. Practical considerations in relation
pp. 109-33.

to psychoanalytic therapy", Journal of the American Psychoanalytic
Grinberg, León e Grinberg, Rebeca (1981) "Modalidades de relacio-
Association, vol. 2, pp. 671-84.

nes objetales en el proceso analítico", Psicoanálisis, vol. 3, pp. 431-70.

(1956) "Re-evaluation of the process of working through", Grinberg,
León; Langer, Marie e Rodrigué, Emilio, eds. (1982) International
Journal of Psycho-Analysis, vol. 37, pp. 439-44.

Psicoanálisis en las Américas, Buenos Aires: Paidós.

(1962) "Problems of acting out in the transference relationship",
Grinberg, León et al. (1966a) "El proceso analítico", em L. Grinberg,
em Eveleen N. Rexford, ed., A developmental approach to M. Langer

e E. Rodríguez, eds., *Psicoanálisis en las...*, pp. 93-106.

problem of acting out, Nova York: International Universities Press, (1966b) "Elaboración en el proceso analítico", *Revista Uruguaya* 1978, 2ª ed., pp. 215-34.

de *Psicoanálisis*, vol. 8, pp. 255-63.

(1975) "On reconstruction", *Journal of American Psychoanalytical*
(1967) "Función del soñar y clasificación clínica de los sueños en el Association, vol. 23, pp. 693-771.

proceso analítico", comentado por Emilio Rodríguez, Arnaldo Greenson, Ralph R. (1960) "Empathy and its vicissitudes", *Internatio-Rascovsky e Joel Zac*, *Revista de Psicoanálisis*, vol. 24, pp. 749-89; *nal Journal of Psycho-Analysis*, vol. 41, pp. 418-24.

también en *Psicoanálisis: aspectos...*, 1ª ed., cap. 11; 2ª ed., cap. 12.

(1965a) "The working alliance and- the transference neurosis", (1972) *Introducción a las ideas de Bion*, Buenos Aires: Nueva Visión.

Psycho-Analytic Quarterly, vol. 34, pp. 155-81.

(1973) "Utilización de los mitos como modelos para la comprensión
(1965b) "The problem of working through", em Max Schur, ed., del concepto interpretación —> construcción", em *Psicoanálisis: Drives, affects, behavior. Essays in memory of Marie Bonaparte*, Nova aspectos..., 1ª ed., cap. 15, pp. 273-8; 2ª ed., cap. 15.

York: International Universities Press, vol. 2, pp. 277-314.

Grinberg de Ekboir Julia (1976) "Doctor Sigmund Freud, psico-

(1967) *The technique and practice of psycho-analysis*, Londres: analista. Su actualidad y vigencia", *Revista de Psicoanálisis*, vol. 33, Hogarth Press, vol. I.

pp. 719-34.

Greenson, Ralph R. e Wexler, Milton (1969) "The non-transference
Grinfeld, Pablo (1984) "Sobre los aspectos intelectuales de la relationship in the psycho-analytic situation", *International Journal interpretación psicoanalítica*" *Psicoanálisis*, vol. 6, pp. 143-75.

of *Psycho-Analysis*, vol. 50, pp. 27-39.

(s. a.) Comunicação pessoal.

(1970) "Discussion of 'The non-transference relationship in the Grinstein, A. (1968) On Sigmund Freud's dreams, Detroit: Wayne State psychoanalytic situation'", International Journal of Psycho-University Press.

Analysis, vol. 51, pp. 143-50.

Grotstein, James S. (1990) "Introducción", em Margaret I. Little Grinberg, León (1956) "Sobre algunos problemas de técnica psi-

(1985) Relato de mi análisis con Winnicott, Buenos Aires: Lugar Edicoanalítica determinados por la identificación y contraidentificación torial, 1995.

proyectivas", Revista de Psicoanálisis, vol. 13, pp. 507-11.

Grubrich-Simitis, Ilse (1986) "Six letters of Sigmund Freud and (1957) "Perturbaciones en la interpretación por la contraiden-Sandor Ferenczi on the interrelationship of psychoanalytic theory tificación proyectiva", Revista de Psicoanálisis, vol. 14, pp. 23-30.

and technique", International Review of Psycho-Analysis, vol. 13, pp.

(1958) "Aspectos mágicos en la transferencia y en la contratrans-259-77.

ferencia. Sus implicaciones técnicas. Identificación y 'contraidenti-Grunberger, Béla (1956) "Essai sur la situation analytique et le pro-ficación' proyectivas", Revista de Psicoanálisis, vol. 15, pp. 341-68.

cessus de guérison. (La dynamique)", Revue Française de Psychanalyse, (1959) "Aspectos mágicos en las ansiedades paranoides y vol. 21, 1957, pp. 373-458; también em Le narcissisme..., cap. 1; depresivas", Revista de Psicoanálisis, vol. 16, pp. 15-26.

como "Régression narcissique et situation analytique", em La cure (1963) "Psicopatología de la identificación y contraidentificación psychanalytique sur le divan, cap. 2.

proyectivas y de la contratransferencia", Revista de Psicoanálisis, (1971) Le narcissisme. Essai de psychanalyse, Paris: Payot. (Nova vol. 20, pp. 113-23.

York: International Universities Press, 1979; Buenos Aires: Trieb, (1964) Culpa y depresión. Estudio psicoanalítico, Buenos Aires: 1980.)

Paidós, 2ª ed., 1971.

Grunert, Ursula (1981) "The negativa therapeutic reaction as a (1968) "On acting out and its role in the psychoanalytic process", reactivation of a disturbed process of separation in the transference", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 49, pp. 171-8. (Re-em Psycho-Analysis in Europe, European Psycho-Analytical Federation, vista de Psicoanálisis, vol. 25, pp. 681-713.) Bull. 16, Barcelona: Talleres Gráficos L y E.

(1974) "Pasado, presente y futuro de una trayectoria psicoanalítica", Guariglia, Osvaldo (1989) Comunicação pessoal.

Revista de Psicoanálisis, vol. 31, pp. 177-99; também em Psicoanálisis: Guiard, Fernando (1974) "El analista frente a su tarea y a sí mismo.

aspectos..., 1ª ed., cap. 16; 2ª ed, introdução.

Reflexiones ante la evaluación retrospectiva de un tratamiento", Re- (1976a) Teoría de la identificación, Buenos Aires: Paidós.

vista de Psicoanálisis, vol. 31, pp. 627-80.

(1976b) Psicoanálisis: aspectos teóricos y clínicos, Buenos Aires:

(1976) "Una dificultad del final del análisis relacionada con la Alex Editor, 1ª ed.; Barcelona: Paidós, 1981, 2ª ed.

erotización del vínculo transferencia-contratransferencia", Revista de Psicoanálisis, vol. 33, pp. 337-45.

(1976c) "El Edipo como resistencia contra el Edipo en la práctica psicoanalítica", Revista de Psicoanálisis, vol. 33, pp. 549-62; tam-

(1977) "Sobre el componente musical del lenguaje en etapas avan- bém em Psicoanálisis: aspectos..., 1ª ed., cap. 17; 2ª ed., cap. 4.

zadas y finales del análisis. Consideraciones técnico-clínicas y metapsicológicas", comentado por Iojebed Barpal de Katz, Susana (1977) Prácticas psicoanalíticas comparadas en las neurosis, Dupetit, David Liberman e Gilda Sabsay de Foks, Revista de Buenos Aires: Paidós.

Psicoanálisis, vol. 34, pp. 25-76.

(1982) "Los afectos en la contratransferencia Más allá de la (1978) Comunicação pessoal.

contraidentificación proyectiva”, introdução ao painel Los afectos en la contratransferencia, XIV Congresso Latino-americano de Psi-

(1979) “Aportes al conocimiento del proceso post-analítico”, canálise, FEPAL, Garamond, Actas, pp. 205-9.

Psicoanálisis, vol. 1, pp. 171-204.

Grinberg, León, ed. (1977b) Prácticas psicoanalíticas comparadas en Guiter, Marcos e Mayer, Hugo (1998) Potencialidad y límites terapéulas psicosis, Buenos Aires: Paidós.

ticos del psicoanálisis, Buenos Aires: Corregidor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 457

Guntrip, Harry (1961) Personality structure and human interaction, Klein et al., Developments in psychoanalysis, Londres: Hogarth Press, Londres: Hogarth Press.

1952, cap. 3.

Guttman, Samuel (1968) “Indications and contraindications for psychoanalytic treatment”, International Journal of Psycho-Analysis, vol.

Jacobson, Edith (1954a) “Transference problems in the psycho-analytic 49, pp. 254-5.

treatment of severely depressive patients”, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 2, pp. 595-606.

Hartmann, Heinz (1939) Ego psychology and the problem of adap-

(1954b) “The self and the object world”, Psychoanalytic Study of tation, Nova York: International Universities Press, 1958, trad. David the Child, vol. 9, pp. 75-127.

Rapaport. (México: Pax-México, 1962.)

(1964) The self and the object world, Nova York: International (1947) “On rational and irrational action”, em Essays On..., cap.

Universities Press.

3, pp. 37-68.

Jaspers, Karl (1913) *Psicopatología general*, vols. 1-2, Buenos Aires: (1950) "Comments on the psychoanalytic theory of the ego", em Editorial Beta, 1950.

Essays on ego psychology, cap. 7.

Jelliffe, Smith Ely (1914) *The technique of psychoanalysis*, Nova York (1951) "Technical implications of ego psychology", Psychoanalytic e Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Company.

Quarterly, vol. 20, pp. 31-43; também em *Essays on...*, cap. 8.

(Técnica del psicoanálisis, Madri: Biblioteca Nueva, 1929.) (1952) "The mutual influences in the development of ego and Jellinek, E. M. (1953) "Las fases de la alcoholomanía", em *La etiología id*", Psychoanalytic Study of the Child, vol. 7; também em *Essays y tratamiento del alcoholismo*, Buenos Aires: Ministerio de Asistencia on..., cap. 9.

Social y Salud Pública, 1957, pp. 89-108.

(1964) *Essays on ego psychology*, Nova York: International Univer- Jinkis, Jorge (1974) "La derivación de un término como construcción sities Press. (México: Fondo de Cultura Económica, 1969.) de un concepto. El significante", *Imago*, nº 2, pp. 76-88.

Hartmann, Heinz e Löwenstein, Rudolph M. (1962) "Notes on the Jones, Ernest (1908) "Rationalisation in everyday life", em *Papers on...*, *superego*", Psychoanalytic Study of the Child, vol. 17.

2ª ed., cap. 2, pp. 8-15.

Hautmann, Giovanni (1983) "Dal disegno degli imperi al gemello (1918) *Papers un psycho-analysis*, 2ª ed., Londres: Baillière, immaginario", *Rivista di Psicoanalisi*, vol. 29, pp. 166-95.

Tindall & Cox; 5ª ed., Karnac Books Limited, 1948.

Heimann, Paula (1950) "On countertransference", International (1933) "The phallic phase", International Journal of Psycho-Analysis, Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 81-4. (*Revista Uruguaya de vol. 14, pp. 1-33; também em Papers on...*, 5ª ed., cap. 26.

Psicoanálisis, vol. 4, 1961-62, pp. 129-36.) (1946) "A valedictory address", International Journal of Psycho-

(1956) "Dynamics of transference interpretations", *International Analysis*, vol. 27, pp. 7-12.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 37, pp. 303-10.

(1955-57) *Vida y obra de Sigmund Freud*, vols. 1-3, Buenos Aires:

(1960) "Countertransference", *British Journal of Medical Nova*, 1959, 1960, 1962.

Psychology, vol. 33, pp. 9-15. (*Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, vol. 4, 1961-62, pp. 137-49.)

Joseph, Betty (1971) "A clinical contribution to the analysis of a perversion", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 52, pp. 441-9.

(1962) "The curative factors in psycho-analysis", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 43, pp. 218-20.

(1975) "The patient who is difficult to reach", em Peter L.

Giovacchini, ed., *Tactics and techniques in psychoanalytic therapy*, (1969) "Post-scriptum", *Bulletin de l'Association Psychanalytique Nova York: Aronson*, 1975, vol. 2, cap. 6, pp. 205-16. (León de France, vol. 5.

Grinberg, ed., *Prácticas psicoanalíticas comparadas en las neurosis*, (1970) "Remarks of the moderator", *International Journal of Buenos Aires: Paidós*, 1977, cap. 7.)

Psycho-Analysis, vol. 51, pp. 145-7.

Joseph, Edward (1984) "Insight", em Arnold D. Richards e Martis S.

Hempel, Carl G. (1965) *Aspects of scientific explanation and other Willick, eds., Psychoanalysis: the science of mental conflict*, Hillsdale, essays in the philosophy of the science, Nova York: Free Press. (Buenos Nova York: Analytic Press, 1986, pp. 263-82.

Aires: Paidós, 1979.)

Jung, Carl Gustav (1907) *Über die Psychologie der Dementia Praecox*, Hernández, Max (1989) *Comunicação pessoal*.

Halle. (Citado por Abraham, 1908.)

Herrmann, Fabio (1991) *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*,

São Paulo: Editora Brasiliense. (Buenos Aires: Nueva Visión, 1996.)
Kaiser, Hellmuth (1934) "Problems of technique", em Martin S.

Hoffer, Willy (1950) "Three psychological criteria for the termination of Bergmann e Frank R. Hartman, eds., The evolution of psychoanalytic treatment", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 194-5.

technique, Nova York: Basic Books, 1976, cap. 27. (Internationale Hornby, A. S. et al. (1963) The advanced learner's dictionary of current Zeitschrift für Psychoanalyse, vol. 20, pp. 490-522.) English, Londres: Oxford University Press.

Kanner, Leo (1934) "Autistic disturbances of affective contact", The Horney, Karen (1936) "The problem of the negative therapeutic Nervous Child, vol. 2, pp. 217-50.

reaction", Psychoanalytical Quarterly, vol. 5, pp. 29-44.

(1953) Child psychiatry, Baltimore: Springfield.

(1939) New ways in psychoanalysis, Nova York: W. W. Norton & Kanzer, Mark (1968) "Ego alteration and acting out", comentado Co. (México: Fondo de Cultura Económica, 2ª ed., 1957.) por Samuel Ritvo, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 49, (1950) Neurosis and human growth. The struggle toward self-pp. 431-7.

realization, Nova York: Norton (Buenos Aires: Psique, 1955.) Katan, Maurits (1959) "Comments on 'ego distortion'", International Hospers, John (1953) An introduction to philosophical analysis, USA.: Journal of Psycho-Analysis, vol. 40, pp. 297-303.

Prentice-Hall, 2ª ed., 1967.

Katz, Iojebed Barpal de (1978) "El proceso didáctico en psicoanálisis"

Hug-Hellmuth, Hermine von (1921) "On the technique of child-Pré-Congresso Didático do México, fevereiro de 1978, Actas.

analysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 2, pp. 287-305.

Kennedy, Hansi (1978) "The role of insight in child analysis: a developmental view-point", em Harold P. Blum, ed., Psychoanalytic Isaacs, Susan (1939) "Criteria for interpretation", International Journal explorations of technique, Nova York: International

Universities Press, of Psycho-Analysis, vol. 20, pp. 148-60.

pp. 9-28. (Psicoanálisis, vol. 4, 1982, pp. 45-64.) (1943) "The nature and function of phantasy", International Journal Kernberg, Otto (1965) "Notes un countertransference", Journal of of Psycho-Analysis, vol. 29, 1948, pp. 73-97; também em Melanie the American Psychoanalytic Association, vol. 13, pp. 38-56.

458 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1966) "Structural derivatives of object relationships", International (1927) "Symposium on child-analysis", em Love, guilt and repara- Journal of Psycho-Analysis, vol. 47, pp. 236-53.

tion and other works, cap. 7, pp. 139-69; também em International (1967) "Borderline personality organization", Journal of the Journal of Psycho-Analysis, vol. 8. (Obras completas..., vol. 2, p.

American Psychoanalytic Association, vol. 15, pp. 641-85.

137.)

(1968) The treatment of patient with borderline personality orga-

(1928) "Early stages of the Oedipus conflict", em Love, guilt and nization", International Journal of Psycho-Analysis vol. 49, pp.

reparation and other works, cap. 9, pp. 186-98; também em 600-19.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 9. (Obras completas..., vol. 2, p. 179.)

(1969) "A contribution to the ego-psychological critique of the Kleinian school", International Journal of Psycho-Analysis, vol.

(1929) "Personification in the play of children", em Love, guilt 50, pp. 317-33; também em Peter L. Giovacchini, ed., Tactics and and reparation and other works, cap. 10, pp. 199-209; também technique in psychoanalytic therapy, Nova York: Aronson, vol. 1, em International Journal of Psycho-Analysis, vol. 10. (Obras com-cap. 4.)

pletas..., vol. 2, p. 191.)

(1975) Borderline conditions and pathological narcissism, Nova (1930) "The importance of symbol-formation in the development York: Aronson. (Buenos Aires: Paidós, 1979.) of the ego", em Love, guilt and reparation and other works, cap.

(1976a) Object relations theory and clinical psychoanalysis, Nova 12, pp. 219-32. (Obras completas..., vol. 2, p. 209.) York: Aronson (Buenos Aires: Paidós.)

(1932) The psycho-analysis of children, Londres: Hogarth Press,
(1976b) "Technical considerations in the treatment of borderline 1975.

personality organization" Journal of the American Psychoanalytic
(1935) "A contribution to the psychogenesis of manic-depressive Association, vol. 24, pp. 795-829. (Revista Chilena de Psicoanálisis, states", em Love, guilt and reparation and other works, cap. 17, vol. 2, 1980, pp. 27-50.)

pp. 262-89; também em International Journal of Psycho-Analysis,
(1980) Internal world and external reality, Nova York: Aronson.

vol. 16. (Obras completas..., vol. 2, p. 253.) (1982) "El diagnóstico de los estados fronterizos en la (1940) "Mourning and its relation to manic-depressive states", adolescencia", Psicoanálisis, vol. 4, pp. 65-93. (Publicado inicial-em Love, guilt and reparation and other works, cap. 20, pp. 344-mente em Adolescent Psychiatry, vol. 6.) 69; também em International Journal of Psycho-Analysis, vol. 21.

(Obras completas..., vol. 2, p. 279.)

(1984) Severe personality disorders: psychotherapeutic strategies, New Haven e Londres: Yale University Press. (Trastornos graves
(1945) "The Oedipus complex in the light of early anxieties", de la personalidad. Estrategias psicoterapéuticas, México: El Ma-em Love, guilt and reparation and other works, cap. 21, pp. 370-nual Moderno, 1987.)

419; também em International Journal of Psycho-Analysis, vol.

Khan, M. Masud R. (1960) "Regression and integration in the analytic 26. (Obras completas..., vol. 2, p. 303.) setting", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 41, pp. 130-

(1946) "Notes on some schizoid mechanisms", em Envy and 46; também em The privacy of the self, Londres: Hogarth Press, 1974, gratitude and other works, cap. I, pp. 1-24; também em cap. 11.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 27. (Obras comple-King, Pearl S. (1980) "The life cycle as indicated by the nature of the tas..., vol. 3, cap. 9.)

transference in the psychoanalysis of the middle-aged and elderly”, (1948) “On the theory of anxiety and guilt”, em *Envy and gratitude* International Journal of Psycho-Analysis, vol. 61, pp. 153-60.

and other works, cap. 2, pp. 25-42.

(Psicoanálisis, vol. 4, 1982.)

(1950) “On the criteria for the termination of a psychoanalysis”

Klauber, John (1972) “On the relationship of transference and interem Envy and gratitude and other works, cap. 3, pp. 43-7; también pretation in psychoanalytic therapy”, International Journal of Psycho-International Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 78-80, com Analysis, vol. 53, pp. 385-91; también em *Difficulties...*, cap. 2.

um resumo na p. 204. (Obras completas..., vol. 6, p. 273; Revista (1981) *Difficulties in the analytic encounter*, Nova York: Aronson.

Uruguay de Psicoanálisis, vol. 4, 1961-62.) Klein, George S. (1966) “¿Dos teorías o una? Perspectivas para el (1952a) “The origins of transference”, em *Envy and gratitude cambio en la teoría psicoanalítica*”, Revista de Psicoanálisis, vol. 25, and other works, cap. 4, pp. 48-56; también International Journal 1970, pp. 553-94.

of Psycho-Analysis, vol. 33. (Obras completas..., vol. 6, p. 261; Revista Uruguay de Psicoanálisis, vol. 4, 1961-62.) (1976) *Psychoanalytic theory: an exploration of essentials*, Nova York: International Universities Press. (Citado por Robert S.

(1952b) “Some theoretical conclusions regarding the emotional Wallerstein, 1988.)

life of the infant”, em *Envy and gratitude and other works*, cap. 6, Klein, Melanie (1921) “The development of a child”, em *Love, guilt* pp. 61-93. (Obras completas..., vol. 3, cap. 6.) and reparation and other works, Londres: Hogarth Press, 1975, cap.

(1955a) “The psycho-analytic play technique: its history and 1, pp. 1-53; también em International Journal of Psycho-Analysis, significance”, em *Envy and gratitude and other works*, cap. 8, pp.

vol. 4. (Obras completas..., vol. 2, p. 19.) 122-40. (Obras completas..., vol. 4, cap. 1.) (1923a) “The role of the school in the libidinal development of (1955b) “On identification”, em *Envy and gratitude and other the child*”, em *Love, guilt and reparation...*, cap. 3, pp.

59-76; works, cap. 9, pp. 141-75. (Obras completas..., vol. 4, cap. 13.) também em International Journal of Psycho-Analysis, vol. 5. (Obras (1957) Envy and gratitude. A study of unconscious sources, em completas..., vol. 2, p. 65.)

Envy and gratitude and other works, cap. 10, pp. 176-235. (Obras (1923b) "Early analysis", em Love, guilt and reparation and other completas..., vol. 6.)

works, cap. 4, pp. 77-105; também em International Journal of (1958) "On the development of mental functioning", em Envy Psycho-Analysis, vol. 7. (Obras completas..., vol. 2, p. 81; Imago, and gratitude and other works, cap. 11, pp. 236-46.

vol. 9.)

(1959) "Our adult world and its roots in infancy", em Envy and (1925) "A contribution to the psychogenesis of tics", em Love, guilt gratitude and other works, cap. 12, pp. 247-63. (Obras comple-and reparation and other works, cap. 5, pp. 106-27. (Obras com-tas..., vol. 6, p. 219.)

pletas..., vol. 2, p. 107.)

(1961) Narrative of a child analysis, Londres: Hogarth Press.

(1926) "The psychological principles of early analysis", em Love, guilt and reparation and other works, cap. 6, pp. 128-38; tam-

(1975) The writings, sob a direção de Roger Money-Kyrle, em bém em International Journal of Psycho-Analysis, vol. 7. (Obras colaboração com Betty Joseph, Edna O'Shaughnessy e Hanna completas..., vol. 2, p. 127.)

Segal, Londres: Hogarth Press, vols. 1-4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 459

Klein, Melanie et al. (1952) Developments in psycho-analysis Lon-

(1956a) "On some vicissitudes of insight in psychoanalysis", dres: Hogarth Press.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 37, pp. 445-55. (Re-Klein, Melanie et al. (1980, etc.) Obras completas, Buenos Aires: vista Uruguaya de Psicoanálisis, vol. 4, pp. 287-309.) Paidós, vols. 1-6.

(1956b) "The recovery of childhood memories in psychoanalysis", Klimovsky Gregorio (s. a.) Comunicação pessoal.

Psychoanalytic Study of the Child, vol. 11, pp. 54-88.

(s. a.) "La estructura lógica de las teorías psicoanalíticas".

Kuhn, Thomas S. (1962) The structure of scientific revolutions, Chicago: University of Chicago Press (2ª ed., 1970). (México: Fondo de (1982) "Concepto de proceso", Revista del Hospital Italiano de Cultura Económica, 1971.)

Buenos Aires, suplemento psicopatológico, pp. 7-10.

Kuiper, P. C. (1968) "Indications and contraindications for psychoana-

(1984) "Significación, lenguaje y metalenguaje" Psicoanálisis vol.

lytic treatment", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 49, pp.

6, pp. 45-55.

261-4.

(1989) "La epistemología de Sigmund Freud", apresentado ao XXXVI Congresso Internacional de Psicanálise, Roma.

(1989) Comunicação pessoal.

Lacan, Jacques (1949) "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience (1994) Las desventuras del conocimiento científico. Una introducción psychanalytique", em Écrits, pp. 93-100. (Lectura estructuralista de a la epistemología, Buenos Aires: AZ.

Freud, Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1971, p. 11.) Knight, Robert P. (1952) "Una evaluación de las técnicas psicoterapéu-

(1951) "Intervention sur le transfert", em Écrits, pp. 215-26.

tics", em Robert P. Knight et al., Psiquiatría psicoanalítica, Buenos Aires: (Lectura estructuralista de Freud, Buenos Aires: Siglo Veintiuno, Hormé, 1960, pp. 91-106. (Publicado inicialmente no Bulletin of the 1971, p. 37.)

Menninger Clinic, vol. 16.)

(1953a) "Some reflections on the ego", *International Journal of*
(1953a) "Estados fronterizos", em Robert P. Knight et al., *Psiquiatría*
Psychoanalysis, vol. 34, pp. 11-7.

psicoanalítica, Buenos Aires: Hormé, 1960, pp. 133-48. (Publicado
inicialmente no *Bulletin of the Menninger Clinic*, vol. 17.) (1953b)
"Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", em
Écrits, pp. 237-322. (Lectura estructuralista de (1953b) "Tratamiento
y psicoterapia del paciente esquizofrénico Freud, Buenos Aires: Siglo
Veintiuno, 1971, p. 59.) fronterizo", em Robert P. Knight et al.,
Psiquiatría psicoanalítica, Buenos Aires: Hormé, 1960, pp. 149-64.
(Publicado inicialmen-

(1953-54) *Les écrits techniques de Freud, Le Séminaire*, livre 1, te no
Bulletin of the Menninger Clinic, vol. 17, pp. 139-50.) texto
estabelecido por Jacques-Alain Miller, Paris: Seuil, 1975.

(Barcelona: Paidós, 1981.)

Knight, Robert E. e Friedman, Cyrus R., eds. (1954) *Psycho-analytic*
psychiatry and psychology, Nova York: International Universities
Press.

(1954-55) *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la*
(Buenos Aires: Paidós, 1960.)

psychanalyse. Le Séminaire, livre 2; texto estabelecido por Jacques-
Alain Miller, Paris: Seuil, 1978. (Barcelona: Paidós, 1983.) Koehler, W.
(1917) *L' intelligence des signes supérieurs*, Paris: Alcan, 1927.

(1955) "Le séminaire sur 'La lettre volée'", em *Écrits*, pp. 11-61.

Kohut, Heinz (1959) "Introspection, empathy, and psychoanalysis.

("El seminario sobre "La carta robada"", em *Escritos II*, México: An
examination of the relationship between mode of observation Siglo
Veintiuno, 1975.)

and theory", *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol.
7, pp. 459-83.

(1956) *La relación objetal y las estructuras freudianas* (inédito).

(1966) "Transferencia y contratransferencia en el análisis de perso-

(1956-57) *La relation d'object. Le Séminaire*, livre 4, texto estabe-

nalidades narcisísticas”, em León Grinberg et al., eds., *Psicoanálisis* lecido por Jacques-Alain Miller, Paris: Seuil, 1994. (Barcelona: en las Américas, Buenos Aires: Paidós, 1968, pp. 174-85.

Paidós, 1994.)

(1971) *The analysis of the self. A systematic approach to the psycho-*

(1957) “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison analytic treatment of narcissistic personality disorders, Nova York: depuis Freud”, em *Écrits*, pp. 493-528. (Lectura estructuralista de International Universities Press. (Análisis del self. El tratamiento Freud, Buenos Aires: Siglo Veintiuno 1971, p. 179.) psicoanalítico de los trastornos narcisistas de la personalidad, (1957-58) Las formaciones del inconsciente, Seminarios sobre tex-Buenos Aires: Amorrortu editores, 1977.) tos freudianos, Buenos Aires: Nueva Visión, 1970. (Publicado ini-

(1977) *The restoration of the self*, Nova York: International cialmente em el *Bulletin de Psychologie*, vol. 12.) Universities Press. (La restauración del sí-mismo, Buenos Aires: (1958a) “La direction de la cure et les principes de son pouvoir”, Paidós, 1980.)

em *Écrits*, pp. 585-645. (Lectura estructuralista de Freud, Buenos

(1982) “Introspection, empathy, and the semi-circle of mental Aires: Siglo Veintiuno, 1971, pág 217.)

health”, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 63, pp. 395-

(1958b) “La signification du phallus”. “Die Bedeutung des 407.

Phallus”, em *Écrits*, pp. 685-95. (Lectura estructuralista de Freud,

(1984) *How does analysis cure?*, Chicago: University of Chicago pp. 279-89.)

Press. (¿Cómo cura el análisis?, Buenos Aires: Paidós, 1986.)

(1962-63) *L’angoisse. Le Séminaire*, livre X (inédito).

Kohut, Heinz e Wolf, Ernest S. (1978) “The disorders of the self and (1964) Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Le their treatment: an outline”, *International Journal of Psycho-Analysis*, Séminaire, livre 11, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, vol. 59, pp. 413-25. (“Los trastornos del self y su tratamiento”, Paris: Seuil, 1973. (Espanha: Barral editores, 1977.) *Psicoanálisis*, vol. 1, pp. 331-60.)

(1966) *Écrits*, Paris: Seuil. (México: Siglo Veintiuno, 1971 e 1975.)
Kris, Ernest (1936) "The psychology of caricature", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 17, pp. 285-303. (Psicoanálisis y arte,
Lagache, Daniel (1951) "Le problème du transfert", XIV Conferência
cap. 6.)

de Psicanalistas da Língua Francesa, *Revue Française de Psychanalyse*.

(Buenos Aires: Nueva Visión, 1975, trad. Madeleine Baranger.) (1938)
"Ego development and the comic", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 19, pp. 77-90. (Psicoanálisis y arte, cap. 8.)
(1953) "Some aspects of transference", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 34, pp. 1-10. (Obras, Buenos Aires: Paidós,
(1950) "On preconscious mental process", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 4, p. 59.)

vol. 19, pp. 540-60. (Psicoanálisis y arte, cap. 14.) (1955) *Eléments de psychologie médicale*. (Citado por Zac, 1968.) (1951) "Ego psychology and interpretation in psychoanalytic therapy", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 20, pp. 15-30.

(1964) "Symposium on fantasy. Fantasy, reality, and truth", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 45, pp. 180-9.

(1955) *Psicoanálisis y arte*, Buenos Aires: Paidós.

460 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1968) "Acting out et action. Difficultés terminologiques", *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 32, pp. 1055-66. (Revista de tion for psychoanalysis", *International Journal of Psycho-Analysis*, Psicoanálisis, vol. 25, pp. 777-90.)

vol. 53, pp. 351-61.

Lancelle, Guillermo (1974) "Acting out y transferencia", *Revista de*
(1981) "On some positive aspects of the negative therapeutic
Psicoanálisis, vol. 31, pp. 985-1004.

reaction", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 62, pp.

Laplanche, Jean (1982) "El psicoanalista y su cubeta", *Trabajo del*
379-90.

Psicoanálisis, vol. 1, pp. 125-44.

Lindon, John A. (1966) "Sobre la regresión: un grupo de discusión", Forum, vol. 2, nº 4, 1967; también Revista de Psicoanálisis, vol. 25, Laplanche, Jean y Pontalis, Jean Baptiste (1968) Vocabulaire de la 1968, pp. 519-39.

psychanalyse, Paris: Presses Universitaires de France. (Diccionario de psicoanálisis, Barcelona: Labor, 1971.)

Litman, Robert E., ed. (1966) Psychoanalysis in the Americas. Original contributions from the First Pan-American Congress for Lebovici, Serge (1968) "Contribution to the Symposium on acting Psychoanalysis, Nova York: International Universities Press.

out", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 49, pp. 202-5.

Little, Margaret (1951) "Counter-transference and the patient's response Leiberman de Bleichmar, Celia e Bleichmar, Norberto M. et al. (2001) to it", International Journal of Psycho-Analysis vol. 32, pp. 32-40.

Las perspectivas del psicoanálisis, México: Paidós.

(1958) "On delusional transference (Transference psychosis)", Lerner, Hugo e Nemirovsky, Carlos (1989) "La empatía en el International Journal of Psycho-Analysis, vol. 39, pp. 134-8.

psicoanalizar", Psicoanálisis, vol. 11, pp. 129-43.

(1966) "Transference in borderline states", International Journal Lévi-Strauss, Claude (1958) Anthropologie structurale, Paris: Plon.

of Psychoanalysis, vol. 47, pp. 476-85.

Antropología estructural. (Buenos Aires: EUDEBA, 2ª ed., 1969.)

(1981) Transference neurosis and transference psychosis, Nova Levy, Steven T. (1985) "Empathy and psychoanalytic technique", Journal York: Aronson.

of the American Psychoanalytic Association, vol. 33, pp. 353-78.

(1990) Psychotic anxieties and containment: a personal record of an Lewin, Bertrand D. (1950) The psychoanalysis of elation, Nova York: analysis with Winnicott, Nova Jersey: Jason Aronson. (Relato de mi Norton. (Buenos Aires: Nova, 1953.)

análisis con Winnicott. Angustia psicótica y contención, Buenos Aires:

Lieberman, David (1956) Identificación proyectiva y conflicto matrilíngüístico, Lugar Editorial, 1995.)

monial”, Revista de Psicoanálisis, vol. 13, pp. 1-20.

Loewald, Hans W. (1960) “On the therapeutic action of psycho-

(1957) “Interpretación correlativa entre relato y repetición: su análisis”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 41, pp. 16-24; aplicación en una paciente con personalidad esquizoide”, Revista 33; también en Papers on..., cap. 14.

de Psicoanálisis, vol. 14, pp. 55-62.

(1968) “The transference neurosis: comments on the concept and (1958) “Autismo transferencial. Narcisismo, el mito de Eco y Narciso”, Journal of the American Psychoanalytic Association, Revista de Psicoanálisis, vol. 15, pp. 369-85.

vol. 19, pp. 54-66, 1971; también en Papers..., cap. 17.

(1962) La comunicación en terapéutica psicoanalítica, Buenos (1970) “Psychoanalytic theory and the psychoanalytic process”, Aires: EUDEBA, 2ª ed., 1966.

em Papers on..., cap. 16, pp. 277-301.

(1970-72) Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoana-

(1980) Papers on psychoanalysis, New Haven: Yale University Press.

lítico, vols. 1-3, Buenos Aires: Galerna.

López, Benito (s. a.) Comunicação pessoal.

(1972) “Evaluación de las entrevistas diagnósticas previas a la (1972) “Descubrimiento de la fantasía e invención de la inter-iniciación de los tratamientos analíticos. Criterios diagnósticos y pretación en el abordaje técnico de los trastornos de carácter”, esquemas referenciales”, comentado por Isidoro Berenstein, Revista de Psicoanálisis, vol. 29, pp. 189-215.

Héctor Garbarino. Adalberto L. A. Perrotta e Raúl J. Usandivaras, (1987) “Síndrome fronterizo: cuerpo, encuadre y discurso”, Psico-Revista de Psicoanálisis, vol. 29, pp. 461-509.

análisis, vol. 9, pp. 75-98.

(1974) "Complementariedad estilística entre el material del pa-López, Benito M. e Navarro de López, Sheila (1981) "Voyeurismo y ciente y la interpretación", Revista de Psicoanálisis, vol, 31, pp.

tarea interpretativa", Psicoanálisis, vol. 3, pp. 623-47.

201-24.

López, Benito M. e Rabih, Moisés (1966) "Entrevista inicial y (1976a) Lenguaje y técnica psicoanalítica, Buenos Aires: Kargieman.

contraidentificación proyectiva", apresentado ao simpósio sobre El (1976b) "Changes in the theory and practice of psychoanalysis", proceso analítico. Transferencia y contratransferencia, de la Associa- International Journal of Psycho-Analysis, vol. 57, pp. 101-7.

ção Psicanalítica Argentina, Actas.

Lorand, Sandor (1946) Técnica del tratamiento psicoanalítico, Buenos (1978a) "¿Qué es lo que subsiste y lo que no de "Análisis ter-Aires: El Ateneo, 1948.

minable e interminable"?". Primeiro Simpósio da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Actas.

Lorenz, Konrad (1971) Evolución y modificación de la conducta, Mé- xico: Siglo Veintiuno.

(1978b) "El diálogo psicoanalítico y la complementariedad estilística entre analizando y analista", Revista Uruguaya de Psicoaná-

Lorenzer, Alfred (1970) Sprachzerstörung und Rekonstruktion. Vorar- lisis, vol. 58, pp. 37-48. (International Journal of Psychoanalytic beiten zu einer Metatheorie der Psychoanalyse, Francfurt: Suhrkamp Psychotherapy, vol. 8.)

Verlag. (El lenguaje destruido y la reconstrucción psicoanalítica. Trabajos preliminares para una metateoría del psicoanálisis, Buenos Aires: (1981) "La verbalización del insight en la sesión analítica", XXXII Amorrortu editores, 1977.)

Congresso Psicanalítico Internacional.

Löwenstein, Rudolph M. (1951) "The problem of interpretation", Liberman, David et al. (1960) "El contrato analítico", Revista de Psico- Psychoanalytic Quarterly, vol. 20, pp. 1-14.

análisis, vol. 18, n° extraordinario, pp. 85-98.

(1954) "Some remarks on defences, autonomous ego and psycho-

(1969) "Modos de reparación y desenlaces de procesos terapéuticos analytic technique", International Journal of Psycho-Analysis, vol.

psicoanalíticos", Revista de Psicoanálisis, vol. 26, pp. 123-39.

35, pp. 188-93.

(1982) Del cuerpo al símbolo. Sobreadaptación y enfermedad (1957) "Some thoughts on interpretation in the theory and psicossomática, Buenos Aires: Kargieman.

practice of psychoanalysis", Psychoanalytic Study of the Child , Limentani, Adam (1966) "A re-evaluation of action out in relation to vol. 12, pp. 127-50; también em Louis Paul, ed., Psychoanalytic working-through", comentado por Ralph R. Greenson, International clinical interpretation, Londres: Collier-Macmillan, 1963.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 47, pp. 274-85. (Revista de Psico-

(1958) "Remarks on some variations in psycho-analytic technique", análisis, vol. 26, 1969.)

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 39, pp. 202-10.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 461

Macalpine, Ida (1950) "The development of the transference", Psycho-Meltzer, Donald (1966) "The relation of anal masturbation to projective analytic Quarterly, vol. 19, pp. 501-39. (Trabajo del Psicoanálisis, vol.

identification", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 47, pp. 1, pp. 329-50, 1982.)

335-42. (Revista de Psicoanálisis, vol. 24, 1967, pp. 791-8.) Maci, Guillermo A. (s. a.) Comunicação pessoal.

(1987) The psycho-analytical process, Londres: Heinemann.

(1979) La otra escena de lo real. Topología del significante y espacios (Buenos Aires: Paidós, 1968.)

del sujeto, Buenos Aires: Nueva Visión.

(1968) "Tyranny", Scientific Bulletin of the British Psychoanalytic Society, (1983) La repetición significativa. Objeto y marca, Buenos Aires: nº 24; también em Sexual states..., cap. 20. (Revista de Psicoanálisis, Candil.

vol. 25, pp. 817-27.)

Mack Brunswick, Ruth (1928a) "A suplement to Freud's "History of an (1973) Sexual states of mind, Pertshire: Clunie Press.

infantile neurosis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 9, pp.

(1975) "Adhesive identification", Contemporary Psycho-Analysis, 439-76; también em Robert Fliess, ed., The psychoanalytic reader, Nova vol. 2, pp. 289-310.

York: International Universities Press, 1948. (Revista de Psicoanálisis, (1977) "Una técnica de interrupción de la impasse analítica", em vol. 5, 1947-48, pp. 714-61.)

León Grinberg, ed., Prácticas psicoanalíticas comparadas en las (1928b) "Análisis de un caso de paranoia. Delirio de celos", Revis-neurosis, Buenos Aires: Paidós, 1977, cap. 8, pp. 165-76.

ta de Psicoanálisis, vol. 1, 1943-44, pp. 599-651. (Internationale (1978) The kleinian development, Pertshire: Clunie Press, vols. 1-3.

Zeitschrift für Psychoanalyse, vol. 14, p. 458; Journal of the Nervous and Mental Diseases, vol. 70, 1929, pp. 1-22.) (1981) "The Kleinian expansion of Freud's metapsychology", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 62, pp. 177-85.

(1940) "The preoedipal phase of the libido development", Psychoanalytic Quarterly, vol. 9, pp. 293-319; también em Robert Fliess, (1983) Dream life. A re-examination of the psychoanalytical theory ed., The psychoanalytic reader, Nova York: International Universities and technique, Pertshire: Clunie Press. (Vida onírica. Una revisión Press, p. 231. (Revista de Psicoanálisis, vol. 1, 1943-44, pp. 403-de la teoría y de la técnica psicoanalítica, Madri: Tecnipublicaciones, 26.)

1987.)

Mahler, Margaret S. (1952) "On child psychosis and schizophrenia: Meltzer, Donald et al. (1975) Explorations in autism, Pertshire: Clunie autistic and symbiotic infantile psychoses", em Selected..., vol. 1, cap. Press. (Buenos Aires: Paidós, 1979.)

7, pp. 131-53.

Meneghini, Luis C. (1976) "Algunas considerações sobre elaboração, (1958) "Autism and symbiosis, two extreme disturbances of "working through" e luto".

identity", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 39, pp.

Menninger, Karl (1958) Theory of psychoanalytic technique, Nova York: 77-83; também em Selected..., vol. 1, cap. 9.

Basic Books. (México: Pax-México, 1960.) (1967) "On human symbiosis and the vicissitudes on individuation", Miller, Jacques-Alain (1966) "La suture (éléments de la logique du em Selected..., vol. 2, cap. 6, pp. 77-97.

signifiant)", Cahiers pour l'Analyse, nº 1, pp. 39-51.

(1972a) "On the first three subphases of the separation-individuation (1979) Cinco conferencias caraqueñas sobre Lacan, Caracas: process", em Selected..., vol. 2, cap. 8, pp. 119-30.

Ateneo de Caracas.

(1972b) "Rapprochement subphase of the separation-individuation Mirsky, I. Arthur et al. (1950) "Pepsinogen (uropepsin) excretion as process", em Selected..., vol. 2, cap. 9, pp. 131-48.

an index of the influence of various life situation on gastric secretion", (1979) Selected papers, Nova York: Aronson, vols. 1-2.

Proceeding A. Research Nervous & Mental Diseases, vol. 29, p. 638.

Mahler, Margaret S. et al. (1975) The psychological birth of the human (1952) "Blood plasma pepsinogen, I & II", Journal of Laboratory infant, Nova York: Basic Books. (Buenos Aires: Marymar, 1977.) and Clinical Medicine, vol. 40, nos 1-2.

Maldavsky, David (1985) "El trabajo de construcción en el análisis.

Mom, Jorge (1956) "Algunas consideraciones sobre el concepto de Problemas teóricos y clínicos", *Actualidad Psicológica*, ano 11, nº 109, distancia en las fobias", *Revista de Psicoanálisis*, vol. 13, pp. 430-5.

pp. 18-24.

Money-Kyrle, Roger E. (1956) "Normal counter-transference and (1986) Estructuras narcisistas: constitución y transformaciones, some of its deviations", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.

Buenos Aires: Amorrortu editores.

37, pp. 360-6; também em *Collected...*, cap. 21.

(1988) "Clínica psicoanalítica: las modalidades trasgresoras", (1965) "Megalomanía", em *Collected...*, cap. 26, pp. 376-88.

Gaceta Psicológica, nº 16, pp. 27-9.

(1968) "Cognitive development", *International Journal of Psycho-*

Maldonado, Jorge Luis (1975) "'Impasse' y 'mala fe' en el 'análisis de Analysis, vol. 49, pp. 691-8; também em *Collected...*, cap. 31.

un paciente", em *Revista de Psicoanálisis*, vol. 32, pp. 115-41.

(*Revista de Psicoanálisis*, vol. 27, 1970.) (1979) "Impasse y pseudoproceso psicoanalítico", *Psicoanálisis*, (1971) "The aim of psycho-analysis", *International Journal of* vol. 1, pp. 569-602.

Psycho-Analysis, vol. 52, pp. 103-7; também em *Collected...*, cap.

(1983) "Compromiso del analista en el impasse psicoanalítico", 33. (*Revista de Psicoanálisis*, vol. 30, 1973.) *Revista de Psicoanálisis*, vol. 40, pp. 205-18.

(1977) "On being a psycho-analyst", em *Collected...*, cap. 35, pp.

Mandler, G. e Kaplan, W. K. (1956) "Subjective evaluation and 457-65.

reinforcing effect of a verbal stimulus", *Science*, vol. 124, p. 582.

(1978) *Collected papers*, Pertshire: Clunie Press.

(Citado por I. Stevenson)

Moore, Burness E. (1968) "Contribution to Symposium on acting

Masotta, Oscar (1969) "Psicoanálisis y estructuralismo", em Oscar out", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 49, pp. 182-4.

Masotta, Introducción a la lectura de Jacques Lacan, Buenos Aires: Moore, Burness E. e Fine, Bernard D. (1968) A glossary of psychoanalytic Proteo, 1970, pp. 13-144.

terms and concepts, Nova York: The American Psychoanalytic (1977) "Prólogo" a Jacques Lacan, Los cuatro principios fundamen- Association, 2ª cd.

tales del psicoanálisis, Barcelona: Barral editores, 1977.

Moreno, Julio (1999) Comunicação pessoal.

Matte Blanco, Ignacio (1975) The unconscious as in fine set.s, Londres: Duckworth.

Morris, Charles W. (1938) "Foundations of the theory of signs", em Otto Neurath, ed., International Encyclopedia of unified science, Chi-

(1988) Thinking, feeling and being, Londres: Routledge.

cago: The University of Chicago Press.

McDougall, Joyce (1985) Theatres of the mind. Illusion and truth on the Mostardeiro, A. L. B., Pechansky, Isaac et al. (1974) "O impasse psychoanalytic stages, Nova York: Basic Books. (Madri: Tecnipublica-psicanalítico", Revista Latino Americana de Psicoanálisis, vol. 1, nº 1.

ciones, 1987.)

462 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Moura Ferrão, Laertes (1974) "O impasse analítico", Revista Latino (1969) "Reflexiones técnicas sobre el proceso analítico en los Americana de Psicoanálisis, vol. 1, nº 1.

psicóticos fronterizos", Revista de Psicoanálisis, vol. 26, pp. 571-630.

Paz, Carlos A., Pelento, María L. e Olmos de Paz, Teresa (1976, 1977) Nacht, Sacha (1962) "The curative factors in psychoanalysis", Internatio-Estructuras y estados fronterizos en niños, adolescentes y adultos, Buenos nal Journal of Psycho-Analysis, vol. 43, pp. 206-11.

Aires: Nueva Visión, vols. 1-2.

(1971) *Guérir avec Freud*, Paris: Payot. (Madri: Fundamentos, (1980) *Analizabilidad y momentos vitales*, Valencia: Naullibres.

1972.)

Perrotta, Adalberto L. A. (1974) “Las intervenciones no interpretativas”, Nacht, Sacha e Lebovici, Serge (1958) “Indicaciones y contraindicaciones *Revista de Psicoanálisis*, vol. 31.

del psicoanálisis en el adulto”, em *El psicoanálisis, hoy*, pp. 44-79.

Petot, Jean-Michel (1979) *Melanie Klein. Premières découvertes et* Nacht, Sacha et al. (1958) *La psychanalyse d’aujourd’hui*, Paris: Presses premier système, Paris: Dunod. (Buenos Aires: Paidós, 1982.) *Universitaires de France*. (Barcelona: L. Miracle, 1959.) Pichon Riviére, Enrique J. (s. a.) *Comunicação pessoal*.

Nagel, Ernest (1961) *The structure of science*, Londres: Routledge & (1946) “Contribución a la teoría psicoanalítica de la esquizofrenia”, Regan Paul. (Buenos Aires: Paidós, 1968.) *Revista de Psicoanálisis*, vol. 4, pp. 1-22.

Nasio, Juan David (1984) “Lo inconsciente, la transferencia y la (1951) “Algunas observaciones sobre la transferencia en los pacientes interpretación del psicoanalista: una visión lacaniana”, em Juan David psicóticos”, *Revista de Psicoanálisis*, vol. 18, 1961, pp. 131-8.

Nasio, ed., *En los límites de la transferencia*, Buenos Aires: Nueva Pichon Riviére, Enrique J. et al. (1960) “Técnica de los grupos *Visión*, 1987.

operativos”, *Acta Neuropsiquiátrica Argentina*, vol. 6, pp. 32-8.

Navarro de López, Sheila (1980) “Tres formas de resistencias iniciales: Poland, Warren S. (1975) “Tact as a psychoanalytic function”, pseudoidentidad, reversión de la perspectiva y relación adictiva”, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 56, pp. 155-62.

Psicoanálisis, vol. 2, pp. 1137-65.

Polito, Roberto C. (1979) “Evaluación del proceso analítico”, *Psicoaná-*

Nunberg, Herman (1920) “On the catatonic attack”, em *The practice lisis*, vol. 1, pp. 205-20.

and theory of psychoanalysis Nova York: Nervous and Mental Diseases Co., 1948. (Citado por H. Rosenfeld, 1952b.) Pontalis, Jean Baptiste (1979) "Non, deux fois non. Tentative de définition et de demantèlement de la 'réaction thérapeutique (1926) "The will to recovery", International Journal of Psychoanalysis", Nouvelle Revue de Psychanalyse, vol. 24, 1981. (Revista de Analysis, vol. 7, pp. 64-78.

Psicoanálisis, vol. 39, 1982, pp. 597-620.) (1932) Principles of psychoanalysis. Their application to the neu-Popper, Karl R. (1953) "La ciencia: conjeturas y refutaciones", con-roses, com prólogo de Sigmund Freud, Nova York: International ferência pronunciada em Cambridge, em El desarrollo del conocimiento Universities Press, 1955. (Principios del psicoanálisis. Su aplicación científico, Buenos Aires: Paidós, 1967, cap. 1, pp. 43-79.

a las neurosis, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1987.) (1958) The logic of scientific discovery, Londres: Hutchinson & (1937) "Symposium on the theory of the therapeutic results of Co. (Buenos Aires: Tecnos, 1962.)

psychoanalysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 18, pp. 161-9.

(1962) El desarrollo del conocimiento científico. Conjeturas y refutaciones, Buenos Aires: Paidós, 1967.

(1951) "Transference and reality", International Journal of PsychoAnalysis, vol. 32, pp.1-9.

(1972) Objective knowledge, Oxford: The Clarendon Press Oxford.

(Conocimiento objetivo. Un enfoque evolucionista, Madri: Tecnos, 1974.)

Olagaray, Jorge (1980) "Encuadre, espacio interno y fase final de Puget, Janine e Wender, Leonardo (1982) "Analista y paciente en análisis". Apresentado na Sociedade Psicanalítica de Mendoza.

mundos superpuestos", comentado por María Isabel Siquier e Reggy Olinick, Stanley L. (1954) "Some considerations of the use of Serebriany, Psicoanálisis, vol. 4, pp. 503-36.

questioning as a psychoanalytic technique", Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 2, pp. 57-66.

Quinodoz, Jean-Michel (1988) La solitude apprivoisée. L'angoisse de

(1964) "The negative therapeutic reaction", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 45, pp. 540-8.

1991. (La soledad domesticada, Buenos Aires: Amorrortu editores, Orr, Douglas W. (1954) "Transference and countertransference: a historical survey", *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol. 2, pp. 621-69.

Rabih, Moisés (s. a.) Comunicação pessoal.

(1981) "La pseudoalianza terapéutica. Algunas de sus manifestaciones", *Psicoanálisis*, vol. 3, pp. 169-91.

pacientes esquizoides", *Psicoanálisis*, vol. 1, pp. 407-34.

Racker, Heinrich (1948) "A contribution to the problem of counter-

(1987) "La patología narcisista: una revisión a la luz de los aportes de Donald Winnicott acerca del self verdadero y falso", pp. 313-24. ("Aportación al problema de la contratransferencia", *Revista de Neuropsiquiatría Internacional*, vol. 10, pp. 5-17.

vista de *Psicoanálisis*, vol. 12, pp. 481-99; "La neurosis de contra-

(1989) "Nacimiento y desarrollo del self a partir de la obra de Winnicott", *Estudios sobre...*, cap. 5.) Winnicott", *Psicoanálisis*, vol. 11.

(1952) "Consideraciones sobre la teoría de la transferencia", em (1997) *Clínica psicoanalítica a partir de la obra de Winnicott*, *Estudios sobre...*, cap. 3, pp. 79-89. ("Notes on the theory of trans-Buenos Aires: Lumen.

ference", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 23, 1954, nº 1.) Paul, Louis, ed. (1963) *Psychoanalytic clinical interpretation*, Lon-

(1953) "Los significados y usos de la contratransferencia", em *Estudios sobre...*, cap. 6, pp. 153-201. (Publicado inicialmente em Payne, Sylvia (1950) "Short communication on criteria for terminating

Psychoanalytic Quarterly, vol. 26, 1957.) analysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, p. 205.

(1954) "Técnica analítica y la manía inconsciente del analista", Paz, Carlos Alberto (1964) "Actualización: el paciente fronterizo en em Estudios sobre..., cap. 8, pp. 211-6. (Publicado inicialmente la psicopatología actual y su importancia en psicoanálisis", Revista como "On the confusion between health and mania", em Samiksa, de Psicoanálisis, vol. 21, pp. 239-58.

vol. 8.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 463

(1956) "Contrarresistencia e interpretación", Journal of the Ameri-

(1983) Análisis del carácter, Buenos Aires: Paidós, 1957.

can Psychoanalytic Association, vol. 6, 1958, pp. 215-21; também Reichenbach, Hans (1938) Experience and prediction, Chicago: Chi- em Psychoanalytic clinical interpretation, Londres: Collier-cago University Press.

Macmillan, p. 220. (Estudios sobre..., cap. 9.) Reid, John R. e Finesinger, Jacob E. (1952) "The role of insight in (1958a) "Introducción a la técnica psicoanalítica", em Estudios psychotherapy", American Journal of Psychiatry, vol. 108, pp. 726-34.

sobre..., cap. 1, pp. 15-31.

Reider, Norman (1957) "Transference psychosis", Journal of the Hillside (1958b) "Sobre técnica clásica y técnicas actuales del Hospital, vol. 6, pp. 131-49. (Citado por Wallerstein, 1967.) psicoanálisis", em Estudios sobre..., cap. 2, pp. 33-78.

Reik, Theodor (s. a.) "La significación psicológica del silencio", em (1958c) "Análisis de la transferencia a través de la relación del Cómo se llega a ser psicólogo, Buenos Aires: Hormé, 1945, pp. 73-88.

analizado con la interpretación", em Estudios sobre..., cap. 4, pp.

(1924) "Some remarks on the study of resistances", International 91-126.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 5, pp. 141-54.

(1960) Estudios sobre técnica psicoanalítica, Buenos Aires: Paidós.

(1933) "New ways in psychoanalytic technique", International Radó, Sandor (1925) "The economic principle in psycho-analytic Journal of Psycho-Analysis, vol. 14, pp. 321-34.

technique", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 6, pp. 35-44.

(1937) Surprise and the psycho-analysist, Nova York: Dutton & Co.

(1926) "The psychic effects of intoxicants: an attempt to evolve
(1949a) The inner experience of a psychoanalyst, Londres: Allen a psycho-analytical theory of morbid cravings", International

& Unwin Ltd.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 7, pp. 396-413.

(1949b) "In the beginning is silence", em The inner experience of Rangell, Leo (1954) "Similarities and differences between psychoa psychoanalyst, cap. 12, pp. 121-6.

analysis and dynamic psychotherapy", Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 2, pp. 734-44.

Resnik, Salomón (1967) "La experiencia del espacio en el 'setting' analítico", Revista Uruguay de Psicoanálisis, vol. 9, pp. 293-308.

(1966) "An overview of the ending of an analysis", em Robert E.

Litman, ed., Psychoanalysis in the Americas, Nova York: Inter-

(1969) "Teoría y técnica psicoanalítica de la psicosis", em León national Universities Press, cap. 7, pp. 141-73.

Grinberg, ed., Prácticas psicoanalíticas comparadas en las psicosis, Buenos Aires: Paidós, cap. 7, pp. 167-200.

(1968a) "El proceso psicoanalítico", em León Grinberg, Marie Langer e Emilio Rodrigué, eds., Psicoanálisis en las Américas, Rexford, Eveleen N. (1962) A developmental approach to problems Buenos Aires: Paidós, 1968, pp. 23-36.

of acting out, Nova York: International Universities Press, 2ª ed., 1978.

(1968b) "A point of view on acting out", International Journal of

Rickman, John (1950) "On the criteria for the termination of an
Psychoanalysis, vol. 49, pp. 195-201.

analysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 2001;
também em Selected contributions..., 1957, cap. 16.

(1983) Comunicação pessoal.

(1951) "Number and the human sciences", em Selected contr-Rank,
Otto (1924) El trauma del nacimiento, Buenos Aires: Paidós, 1961.

ibutions..., cap. 22, pp. 218-23.

Rapaport, David (1942) "The history of the awakening of insight",
(1957) Selected contributions to psycho-analysis, Londres: Hogarth em
Collected..., pp. 100-12.

Press.

(1951) "The autonomy of the ego", em Collected..., cap. 31, pp.

Richfield, Jerome (1954) "An analysis of the concept of insight",
357-67. (Robert P. Knight e Cyrus R. Friedman, eds., Teoría
Psychoanalytic Quarterly, vol. 23, pp. 398-408; também em Louis
psicoanalítica, Buenos Aires: Paidós, 1961, p. 45.) Paul, ed.,
Psychoanalytic clinical interpretation Londres: Collier-

(1957) "The theory of ego autonomy: a generalization", em Collec-
Macmillan 1963, p. 93.

ted..., cap. 57, pp. 722-74.

Riesenberg Ruth (1970) "El espejo. Una fantasía sexual perversa en
(1959) The structure of psychoanalytic theory; a systematizing una
mujer, vista como defensa contra un derrumbe psicótico", Revis-
attempt, Nova York: Psychological Issues, nº 6, 1960.

ta de Psicoanálisis, vol. 27, pp. 793-826.

(1967) Collected papers, Merton M. Gill, ed., Nova York: Basic Books.

Riesenberg Malcolm, Ruth (1986) "Interpretation: the past in the
present", International Review of Psycho-Analysis, 13, pp. 433-43.

Rapela, Diego José (1982) "Relación transferencia-contratransferencia,
Revista Chilena de Psicoanálisis, vol. 4, pp. 41-5.

Ríos, Carlos (1984) "Orígenes y alcances de la teoría significativa", *Psicoanálisis*, vol. 6, pp. 111-30.

Rappaport, Ernest A. (1956) "El primer sueño de una transferencia erotizada", *Revista de Psicoanálisis*, vol. 13, pp. 517-21. (International (1989) *Comunicação pessoal*.

Journal of Psycho-Analysis, vol. 40, 1959, pp. 240-5.) Riviére, Joan (1932) "Jealousy as a mechanism of defence", *Internat-Rascovsky*, Arnaldo (1960) *El psiquismo fetal*, Buenos Aires: Paidós.

tional Journal of Psycho-Analysis, vol. 13, pp. 414-24.

Rees, K. (1978) "The child understanding of his past", *Psychoanalytic* (1936a) "A contribution to the analysis of the negative therapeutic Study of the Child, vol. 33, pp. 237-59. (Citado por Kennedy, 1978.) reaction", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 17, pp.

304-20. (*Revista de Psicoanálisis*, vol. 7, 1949, pp. 121-42.) Reich, Annie (1950) "On the termination of analysis", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 31, pp. 179-83

(1936b) "On the genesis of psychical conflict in earliest infancy", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 17, pp. 395-422; (1951) "On counter-transference", *International Journal of Psycho-também em Melanie Klein et al., Developments in psycho-analysis, Analysis*, vol. 32, pp. 25-31.

Londres: Hogarth Press, cap. 2.

(1966) "Empathy and countertransference", em *Psychoanalytic* Rodrigué, Geneviève T. de (1966) "Sobre la formulación de la Contributions, Nova York: I. U. P., 1973. (Citado por Levy, 1985.) interpretación", em Emilio Rodrigué e Geneviève T. de Rodrigué, El Reich, Wilhelm (1927) "Sobre la técnica de la interpretación y el análisis contexto del proceso analítico, Buenos Aires: Paidós, cap. 5, pp. 108-19.

de las resistencias", em *Análisis...*, cap. 3, pp. 36-49. (Publicado inicialmente no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. 13.) *análisis*, vol. 29, pp. 603-43.

(1928) "Sobre la técnica del análisis del carácter", em *Análisis...*, Romanowski, Romualdo e Vollmer, Germano (1968) "A regressão no cap. 4, pp. 50-105; também em Robert Fliess, ed., *The psycho-analytic*

processo analítico. Regressão e angústia de separação”, em Sergio reader, Nova York: International Universities Press, 1948, p. 106.

Paulo Annes et al., Estudos psicanalíticos, Porto Alegre: ed. dos auto-

(Publicado inicialmente no Internationale Zeitschrift für res, 1974, pp. 67-74.

Psychoanalyse, vol. 14.)

464 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Rosen, J. N. (1963) “‘Acting-out’ and ‘acting-in’”, American Journal
Sachs, Hans (1923) “Zur Genese der Perversionen”, Internationale of
Psychotherapy, vol. 17, pp. 390-403.

Zeitschrift für Psychoanalyse, vol. 9, p. 172. (Imago, vol. 5, 1977, pp.

(1965) “The concept of ‘acting in’”, em Laurence Edwin Abt e 14-22.)

Stuart L. Weissman, eds., Acting out. Theoretical and clinical (1925)
“Metapsychological points of view in technique and theory”, aspects,
Nova York: Grune & Stratton, cap. 2, pp. 20-9.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 6, pp. 5-12.

Rosen, Victor H. (1967) “Disorders of communication in psycho-
Sandler, Joseph e Sandler, Anne-Marie (1983) “The ‘second censor-
analysis’”, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol.
15, ship’, the ‘three box model’ and some technical implications”, pp.
467-90.

International Journal of Psychoanalysis vol. 64, pp. 413-25.

Rosenfeld, David (1972) “El paciente drogadicto: guía clínica y (1984)
“The past unconscious, the present unconscious, and inter-evolución
psicopatológica en el tratamiento psicoanalítico”, Revista pretation of
the transference” Psychoanalytic Inquiry, vol. 4, pp.

de Psicoanálisis, vol. 29, pp. 99-135.

367-99.

(1975) “Trastornos en la piel y el esquema corporal. Identificación
(1987) “The past unconscious, the present unconscious and the
proyectiva y el cuento infantil ‘Piel de Asno’”, Revista de Psico-
vicissitudes of guilt”, International Journal of Psycho-Analysis, vol.

análisis, vol. 32, pp. 309-48.

68, pp. 331-41. ("El pasado inconsciente, el presente inconsciente (1980) "The handling of resistances in adult patients", Interna-y las vicisitudes de la culpa", em Libro Anual de Psicoanálisis, Lon-tional Journal of Psycho-Analysis, vol. 61, pp. 71-83.

dres-Lima: Ediciones Psicoanalíticas Imago, 1987, pp. 77-86.) (1982) "La noción del esquema corporal psicótico en pacientes (1988) Comunicação pessoal.

neuróticos y psicóticos", Psicoanálisis, vol. 4, pp. 383-404.

Sandler, Joseph et al. (1973) The patient and the analyst. The clinical (1992) The psychotic aspects of the personality, Londres: Karnac Books.

framework of psychoanalysis, Londres: Allen & Unwin. (Buenos Aires: Paidós, 1973.)

(1999) Transfert psychotique. Dictionnaire de la psychanalyse, Paris: Calman-Lévy, 2000. Compilador: Alain de Mijolla.

(1980) The technique of child psychoanalysis. Discussions with Anna Freud, Londres: Hogarth Press.

Rosenfeld, Herbert A. (1952a) "Notes on the psycho-analysis of the superego conflict in an acute schizophrenic patient", International Journal Sarton, George (1952) Historia de la ciencia. La ciencia antigua du-of Psycho-Analysis, vol. 33, pp. 111-31: também em Psychotic..., cap. 4.

rante la edad de oro griega, Buenos Aires: EUDEBA, 1965.

(1952b) "Transference-phenomena and transference-analysis in Saussure, Ferdinand de (1916) Curso de lingüística general, publica-an acute catatonic schizophrenic patient", International Journal do por Charles Bally e Albert Sechehayé, com a colaboração de Albert of Psycho-Analysis, vol. 33, pp. 452-64; também em Psychotic..., Riedlinger, Buenos Aires: Losada, 6ª ed., 1967.

cap. 5.

Scott, W. e Clifford M. (1949) "The body scheme in psychotherapy", (1960) "On drug addiction", International Journal of Psycho-British Journal of Medical Psychology, vol. 22.

Analysis, vol. 41, pp. 467-75. (Psychotic States, cap. 7.)
Schenquerman, Norberto (1978) "Análisis interminable por iatrogenia (1964a) "An investigation into the need of neurotic and psychotic en el uso de la interpretación y su efecto placebo", Primeiro Simpósio patients to act out during analysis", em Psychotic..., cap. 12, pp.

da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Actas.

200-16. (Revista de Psicoanálisis, vol. 23, 1966.) Schmer, Myriam (s. a.) Comunicação pessoal.

(1964b) "On the psychopathology of narcissism: a clinical
Schmideberg, Melitta (1935) "Reassurance as a means of analytic tech-approach", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 45, pp.
nique", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 16, pp. 307-24.
332-7; também em Psychotic..., cap. 10.

Schur, Max (1972) Freud: living and dying, Londres: Hogarth Press.

(1965) Psychotic states, Nova York: International Universities Press.

Schust, Jaime P. (1970) "Mesa redonda sobre "Construcciones en el (1971) "A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life análisis", de Sigmund Freud", com a participação de M. Abadi, A.

and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of Aberastury, R. Avenburg, G. Roger de García Reinoso, D. Liberman e narcissism", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 52, pp.

L. Wender, Revista de Psicoanálisis, vol. 27, pp. 723-61.

169-78.

Searle, John R. (1969) Speech acts. An essay in the philosophy of language, (1972) "A critical appreciation of James Strachey's paper on the Cambridge: Cambridge University Press. (Madri: Cátedra, 1980.) nature of the therapeutic action of psychoanalysis", International Searles, Harold F. (1961) "Phases of patient-therapist interaction in Journal of Psycho-Analysis, vol. 53, pp. 455-61.

the psychotherapy of chronic schizophrenia", British Journal of Medi-

(1975a) "Negative therapeutic reaction", em Peter L. Giovacchini, cal Psychology, vol. 3, p. 169; também em Collected papers on schizophre-ed., Tactics and techniques in psycho-analytic therapy,

Nova York: nia and related subjects, Nova York: International Universities Press, Aronson, vol. 2, cap. 7, pp. 217-28.

1965, pp. 521-59. (Escritos sobre esquizofrenia, Barcelona: Gedisa, 1980, (1975b) “Notas sobre algunos factores terapéuticos en psicoanálisis”, cap. 5.)

conferência na Associação Psicanalítica Argentina.

(1963) “Transference psychosis in the psychotherapy of chronic (1978) “Notes on the psychopathology and psychoanalytic treatment of some borderline patients”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 44, pp. 249-81; também em Collected papers on schizophrenia and Analysis, vol. 59, pp. 215-21.

related subjects, Nova York: International Universities Press, 1965, pp. 654-716. (Escritos sobre esquizofrenia, Barcelona: Gedisa, (1987) Impasse and interpretation, Londres e Nova York: Tavistock 1980, cap. 7.)

Publications.

Segal, Hanna (1950) “Some aspects of the analysis of a schizophrenia”, Rosolato, Guy (1966) “Estudio de las perversiones sexuales a partir International Journal of Psycho-Analysis, vol. 31, pp. 268-78.

del fetichismo”, em Piera Aulagnier-Spairani et al., El deseo y la perversión, Buenos Aires: Sudamericana, 1968.

(1954) “A note on schizoid mechanisms underlying phobia formation”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 35, pp. 238-41; também em The work of..., cap. 11.

Ruesch, J. (1957) Disturbed communication, Nova York: W. W. Norton.

(1956) “Depression in the schizophrenic”, International Journal of Psychoanalysis, vol. 37, pp. 339-43; também em The work of..., Rycroft, Charles (1956) “The nature and function of the analyst’s cap. 9.

communication to the patient”, International Journal of Psycho-

(1957) “Notes on symbol-formation”, International Journal of PsychoAnalysis, vol. 37, pp. 469-72.

Analysis, vol. 38, pp. 391-7; também em The work of..., cap. 4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 465

(1958a) “Fear of death. Notes on the analysis of an old man”, ed., Prácticas psicoanalíticas comparadas en las neurosis, Buenos International Journal of Psycho-Analysis, vol. 39, pp. 178-81; tam-Aires: Paidós, 1977, cap. 13.)

bém em The work of..., cap. 15. (Revista de Psicoanálisis, vol. 18, Stern, Adolph (1938) “Psychoanalytic investigation of and therapy 1961, pp. 21-40.)

in the borderline group of neurosis”, Psychoanalytic Quarterly, vol. 7, (1958b) Comunicação pessoal.

pp. 467-89.

(1962) “The curative factors in psycho-analysis”, International Stevenson, Ian (1959) “The psychiatric interview”, em Sylvio Arieti, Journal of Psycho-Analysis, vol. 43, pp. 212-17; também em The ed., American handbook of psychiatry, Nova York: Basic Books, vol. 1, work of..., cap. 5. (Revista Uruguaya de Psicoanálisis, vol. 7, pp.

pp. 197-214.

255-68.)

Stone, Leo (1954) “The widening scope of indications for psycho-

(1964a) “Symposium on fantasy. Fantasy and other mental analysis”, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 2, process”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 45, pp.

pp. 567-94.

191-4; também em The work of..., cap. 3.

(1961) The psychoanalytic situation, Nova York: International (1964b) Introduction to the work of Melanie Klein, Londres: W.

Universities Press.

Heinemann; Londres: Hogarth Press, 1975, 2ª ed.

Strachey, James (1934) "The nature of the therapeutic action of (1978) "On symbolism", International Journal of Psycho-Analysis, psycho-analysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 15, vol. 59, pp. 315-9.

pp. 127-59; também em International Journal of Psycho-Analysis, (1979) Klein, Glasgow: William Collins Sons & Co.

1969. (Revista de Psicoanálisis, 1947-48, vol. 5.) (1981) The work of Melanie Klein. A Kleinian approach to clinical (1937) "Symposium on the theory of the therapeutic results of practice, Nova York: Aronson.

psychoanalysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 18, pp. 139-45.

Segel, Nathan P. (1969) "Narcissistic resistance". Panel reports, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 17, pp. 941-54.

(1941) "Opening remarks at a practical seminar", British PsychoAnalytical Society, Bulletin, julho de 1989.

Sharpe, Ella Freeman (1927) "Symposium of child-analysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 8, pp. 380-4.

(1953) "Nota de rodapé" de The interpretation of dreams, SE, vol. 5, p. 562.

(1930-31) "The technique of psychoanalysis", International Journal of Psycho-Analysis, vol. 11, pp. 251-77 e 361-86; vol. 12, (1955) "Nota introdutória" a Studies on hysteria, SE, vol. 2.

pp. 24-60; também em Collected papers on psycho-analysis, Lon-

(1958) "Nota introdutória" a Sigmund Freud, "The dynamics of dres: Hogarth Press, 1950, pp. 9-106.

transference", SE, vol. 12.

Silvestre, Michel (1985) "La transferencia", em Mañana el psicoanálisis (1959) "Nota introdutória" a Sigmund Freud, Inhibitions, symptoms y otros textos, Buenos Aires: Manantial, 1988, pp. 35-67.

and anxiety, SE, vol. 20, pp. 77-86.

Simmel, Ernst (1948) "Alcoholism and addiction", *The Psychoanalytic* (1960) "Editor's preface", em *Jokes and their relation to the Quarterly*, vol. 17, pp. 6-31.

unconscious (S. Freud, 1905c); *SE*, vol. 8, pp. 3-8. (*AE*, vol. 8, pp.

Sor, Darío (s. a.) Comunicação pessoal.

3-7.)

Sor, Dado e Gazzano, María Rosa Senet de (1988) *Cambio catastró-*

(1966a) "Editor's introduction" a Sigmund Freud, "Papers on psicoanálisis del darse cuenta, Buenos Aires: Kargieman.

hypnotism and suggestion (1888-1892)", *SE*, vol. 1, pp. 63-9.

(*AE*, vol. 1, pp. 69-75.)

Speziale-Bagliacca, Roberto (1982) *Sulle spalle di Freud. Psicoanalisi e ideologia fallica*, Roma: Astrolabio-Ubaldini. (*A hombros de Freud*.

(1966b) Nota 1 da p. 373 do *Project for a scientific psychology*, *SE*, *Psicoanálisis de la ideología fálica*, Madri: Tecnipublicaciones, 1988.) vol. 1.

Spitz, René A. (1956a) "Transference: the analytical setting and its Suárez, Juan Carlos (1977) "El amor de transferencia".

prototype", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 37, pp. 380-5.

Sullivan, Harry Stack (1944-45) *La entrevista psiquiátrica*, Buenos (1956b) "Countertransference: comments on its varying role in Aires: Psique, 1959.

the analytic situation", *Journal of the American Psychoanalytic* Sulloway, Frank J. (1979) *Freud, biologist of the mind. Beyond the Association*, vol. 4, pp. 256-65.

psychoanalytic legend. Londres: Burnett Books.

(1957) *No and yes. On the genesis of human communication*, Nova Szasz, Thomas S. (1963) "The concept of transference", *International York: International Universities Press. (No y sí: sobre la génesis de Journal of Psycho-Analysis*, vol. 44, pp. 432-43.

la comunicación humana, Buenos Aires: Paidós, 2001.) (1958) *La première année de la vie de l'enfant* (Genèse des premières Thomä, Helmut e Kächele, Horst (1985) *Lehrbuch der psychoana-relations objectales*), Paris: Presses Universitaires de France. (Ma-lytischen Therapie, Band 1, Grundlagen, Bertin, Heidelberg: Springer dri: Aguilar, 1961.)

Verlag. (Teoría y práctica del psicoanálisis, 1, Fundamentos, Barcelona: Herder.)

Stagnaro, Juan Carlos e Wintrebert, Dominique, eds. (2001) *Encuentro de Buenos Aires. El efecto mutativo de la interpretación psicoanalítica*, Tiger, Lionel e Fox, Robin (1971) *The imperial animal*, Nova York: Buenos Aires: Polemos.

Dell, 1974.

Steiner, Riccardo (1989) "Some introductory notes concerning the Urtubey, Luisa (1971-72) "El fetichismo como 'solución' al Edipo

'opening remarks' for James Strachey", *British Psycho-Analytical temprano*", *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, vol. 13, pp. 385-432.

Society, Bulletin, julho.

Sterba, Richard (1929) "The dynamics of the dissolution of the transference resistance", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 9, 1940, pp.

Valeros, José Antonio (1981) "¿Hay una 'microscopía' en psicología 363-79. (Publicado originalmente no *Internationale Zeitschrift für humana*?", IV Simpósio da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, Psychoanalyse.)

Actas, pp. 126-38.

(1934) "The fate of the ego in analytic therapy", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 15, pp. 117-26. (Revista de Psico-Wälder, Robert (1936) "The principle of multiple function. Observations análisis, vol. 26.)

on over-determination", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 5, pp. 45-62.

(1975) "The formative activity of the analyst", em Peter L.

(1937) "The problem of the genesis of psychical conflict in earliest Giovacchini, ed., *Tactics and techniques in psychoanalytic therapy*,

infancy”, International Journal of Psycho-Analysis, vol. 18, pp.

Nova York: Aronson, vol. 2, cap. 8, pp. 229-38. (León Grinberg, 406-73.

466 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Wallerstein, Robert S. (1965) “The goals of psychoanalysis. A survey (1960a) “Ego distortion and the true and false self”, em The of analytic viewpoints”, Journal of the American Psychoanalytic maturational...

Association, vol. 13, pp. 748-70.

(1960b) “Countertransference”, British Journal of Medical (1967) “Reconstruction and mastery in the transference psy-Psychology, vol. 33, pp. 17-21; também em The maturational..., chosis”, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol.

2ª parte, cap. 6.

15, pp. 551-83.

(1965) The maturational processes and the facilitating (1979) “Some thoughts about insight and psychoanalysis”, apre-environment, Londres: Hogarth Press. (Barcelona: Laia, 1975.) sentado na Hampstead Clinic de Londres, novembro de 1979.

(1977) The Piggie. An account of the psychoanalytic treatment of (1985) “How does self psychology differ in practice?”, a little girl, Nova York: International Universities Press.

International Journal of Psycho-Analysis, vol. 66, pp. 391-404.

Wisdom, J. O. (1967) “Testing an interpretation within a session”, (1986) Forty-two lives in treatment. A study of psychoanalysis and International Journal of Psycho-Analysis, vol. 48, pp. 44-52. (Revista psychotherapy, Nova York e Londres: The Guilford Press.

de Psicoanálisis, vol. 26, 1969.)

(1988) “One psychoanalysis or many?”, International Journal of Wolmann, Benjamin B. (1967) Psychoanalytic techniques, Nova York: Psychoanalysis, vol. 69, pp. 5-21.

Basic Books. (Técnicas psicoanalíticas, Buenos Aires: Troquel, 1972.) Weinshel, Edward M. (1966) “Estados regresivos severos durante el

análisis”, Journal of the American Psychoanalytic Association, vol 15, Yampey, Nasim (1985) “Sobre la comprensión psicoanalítica”, Revis-1967. (Revista de Psicoanálisis, vol. 25, 1968.) ta de Psicoanálisis, vol. 42, pp. 347-59.

(1971) “The transference neurosis: a survey of the literature”, Yorke, Clifford (1965) “Some metapsychological aspects of inter-Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 19, pp.

pretation”, British Journal of Medical Psychology, vol. 38, pp. 27-42. 67-88.

Yorke, Clifford et al. (1982) “Some clinical and theoretical aspects of (1984) “Some observations of the psychoanalytic process”, Psychoa-two developmental lines”.

nalytic Quarterly, vol. 53, 1984, pp. 63-92.

Wender, Leonardo et al. (1966) “Comienzo y final de sesión. Dinámica Zac, Joel (1968) “Relación semana/fin de semana. Encuadre y acting-de ciertos aspectos transferenciales y contratransferenciales”, II Con-out”, Revista de Psicoanálisis, vol. 25, pp. 27-91.

gresso Interno e X Simpósio da Associação Psicanalítica Argentina, (1970) “Consideraciones sobre el acting out y aspectos técnicos Actas.

de su tratamiento”, Revista de Psicoanálisis, vol. 27, pp. 307-64.

Widlöcher, Daniel (1970) Freud y el problema del cambio, Paris: Presses (1971) “Un enfoque metodológico del establecimiento del Universitaires de France. citado por Didier Anzieu, 1970.

encuadre”, Revista de Psicoanálisis, vol. 28, pp. 593-610.

Wilson, Edward D. (1978) On human nature, Londres: Harvard (1973) Psicopatía, Buenos Aires: Kargieman.

University Press.

(s. a.) Comunicação pessoal.

Winnicott, Donald W. (1945) “Primitive emotional development”, Zelig, Meyer A. (1957) “Acting in. A contribution to the meaning of International Journal of Psycho-Analysis, vol. 26, pp. 137-43; também some postural attitudes observed during analysis”, Journal of the em Through paediatrics..., cap. 12. (Revista de Psicoanálisis, vol. 5.)

American Psychoanalytic Association, vol. 5, pp. 685-706.

(1947) "Hate in the countertransference", International Journal Zetzel, Elizabeth R. (1956a) "Current concepts of transference", of Psychoanalysis, vol. 30, 1949, pp. 69-74; também em Through International Journal of Psycho-Analysis, vol. 37, pp. 369-76.

paediatrics..., cap. 23.

(1956b) "An approach to the relation between concept and (1949) "Mind and its relation to the psycho-soma", British Journal content in psychoanalytic theory", Psycho-Analytic Study of the of Medical Psychology, vol. 27, 1954; também em Through Child, vol. 11.

paediatrics..., cap. 19, pp. 243-54.

(1964) "The analytic situation", em Robert E. Litman, ed., Psycho-

(1950) "Agression in relation to emotional development", Through analysis in the Americas, Nova York: International Universities paediatrics..., pp. 204-18.

Press, pp. 86-106.

(1952) "Psychosis and child care", British Journal of Medical Psy-

(1965) "The theory of therapy in relation to a developmental chology, vol. 26, 1953: também em Through paediatrics..., cap. 17, modal of the psychic apparatus", International Journal of Psycho-pp. 219-28.

Analysis, vol. 46, pp. 39-52. (Revista Uruguaya de Psicoanálisis, (1953) "Transitional objects and transitional phenomena", Interna-vol. 7, pp. 325-53.)

tional Journal of Psycho-Analysis, vol. 34, pp. 89-97; também em (1966) "El proceso analítico", em León Grinberg et al., eds., Through paediatrics..., cap. 18.

Psicoanálisis en las Américas, Buenos Aires: Paidós, 1968, pp. 69-80.

(1955) "Metapsychological and clinical aspects of regression (1968) "The so-called good hysteric", International Journal of within the psycho-analytical set-up", International Journal of Psy-Psycho-Analysis, vol. 49, pp. 250-60.

cho-Analysis, vol. 36, pp. 16-26; também em Through paedia-Zetzel, Elizabeth E. e Meissner, William W. (1974) Basic concepts of trics...,

cap. 22. (Revista de Psicoanálisis, vol. 26, 1969.) psychoanalytic psychiatry, Nova York: Basic Books. (Buenos Aires: (1956) “On transference”, International Journal of Psycho-Paidós, 1980.)

Analysis, vol. 37, pp. 386-8; também como “Clinical varieties of Zilboorg, Gregory (1950) “The emotional problem and the therapeutic transference”, em Through paediatrics..., cap. 23.

role of insight”, Psychoanalytic Quarterly, vol. 21, 1952, pp. 1-24.

(1958) Through paediatrics to psycho-analysis, Londres: Hogarth Zilboorg, Gregory e Henry, George W. (1941) A history of medical Press, 1977.

psychology, Nova York: Norton. (Buenos Aires: Hachette, 1945.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 467

Índice

Aliança terapêutica, 141

empatia, 161

controvérsia, 152

enquadre, 160

de Sterba a Zetzel, 143

instrumento, 158

de Wiesbaden a Genebra, 141

primeira metade do século XX, 157

depois de Genebra, 144

processo psicanalítico, 173

discussão, 152

comunicação, 175

dissociação do ego, 141

direta, 173

polêmica, 152

Gitelson e as posições do analista, 174

regressão, 142, 144, 145

reações a aspectos parciais do paciente, 174

resistência de transferência, 142

reações ao paciente, 174

Analisabilidade, 32

idéias de Winnicott, 176, 178

a boa histórica, 32

indireta, 173

acessibilidade, 34

segundo Lacan, 175

conceito, 34

redescoberta, 156

conceito, 32

relação de objeto, 167

comentários e críticas, 34

caso clínico, 169

obsessivo analisável, 33

contra-identificação projetiva, 167, 172

par analítico, 33

desenvolvimento da investigação de Grinberg, 167

e predileções, 35

neurose, 171

normal, 169

Construções, 204

delírio, 210

Enquadre analítico, 294

desenvolvimento precoce, 211

caso clínico, 295

indicadores, 206

definição, 299

avaliação, 206

função, 297

interpretação, 204

metaenquadre, 298

histórica, 209

mudez, 296

realidade histórica, 207

processo, 295

realidade material, 207

significação, 297

sonho “Non vixit”, 217

simbiose, 296

psiquismo precoce, 217

teses de Bleger, 294

Contra-indicações terapêuticas, 25

Entrevista psicanalítica, 39

diagnóstico, 25

campo. 40

especiais, 28

características definidoras, 40

fatores pessoais, 29

caso clínico, 47

Informe de Nacht e Lebovic, 27

conceito, 39

opinião de Freud, 25

desenvolvimento, 44

particularidades, 25

devolução, 48

Simpósio de Arden House de 1954, 27

encaminhamento, 48

Simpósio de Copenhague de 1967, 28

enquadre, 41

Contrato psicanalítico, 49

estrutura, 39

autoritário, 51

evolução, 45

conselhos de Freud, 50

interpretação, 42

considerações gerais, 49

objetivos, 39

democrático, 51

par analítico, 46

formulação, 51

indicadores prospectivos, 46

limites, 54

problemas de contratransferência, 45

tratamento de prova, 55

problemas de transferência, 45

usos culturais, 53

técnica, 42

Contratransferência, 156

Estilos interpretativos, 260

complementar, 161

antecedentes, 260

conceito, 156, 160

complementares, 267

concordante, 161

do paciente, 263

descoberta, 156

épico, 265

468 ÍNDICE

estético, 266

surpresa, 227

lírico, 264

técnica psicanalítica, 227

narrativo, 265

em crise, 227

reflexivo, 263

escritos freudianos, 195

suspense, 266

estilos, 260

ego idealmente plástico, 262

explicar segundo Jaspers, 196

modelos da reparação, 262

idéias de Racker, 199

teoria da comunicação, 260

informação, 191

Etapas da análise, 339

insight, 192

clínica do término, 356

instrumentos para informar, 189

follow up, 360

metapsicologia, 220

indicadores, 357

caráter e a teoria da libido, 226

processo pós-analítico, 359

contribuição de Fenichel, 224

tipos, 356

dinâmica, 220

inicial, 339

falhas da técnica reichiana, 223

abertura, 340

ponto de vista econômico, 220

divisão de Meltzer, 340

pressupostos teóricos de Reich, 223

etapas clássicas, 339

resistência caracterológica, 222

personalidade do analista, 343

tópica, 220

relação diádica, 342

transferência negativa latente, 221

intermediária, 344

transferência positiva para vencer a resistência, 224

conceito de neurose de transferência, 344

mutativa, 249, 252

confusões de zonas e de modos, 348

antecedentes do trabalho de Strachey, 249

confusões geográficas, 346

aplicações do esquema de Strachey, 254

neurose da transferência, 345

e ab-reação, 255

contratransferência, 345

e apoio, 254

pele, 347

e material profundo, 255

seio toalete, 347

superficial ou profunda, 254

variações sobre o mesmo tema, 344

características definidoras, 253

teorias do término, 350

círculo vicioso neurótico, 251

fatores curativos, 352

“Encontro de Buenos Aires”, 259

new beginning, 354

interpretação extratransferencial, 253

objetivo do tratamento, 352

Strachey em Marienbad, 256

ponto de irreversibilidade, 353

Strachey no momento atual, 256, 259

questionamento, 351

superego auxiliar, 251

término da análise, 361

superego parasita de Radó, 250

desprendimento, 364

parâmetros técnicos, 201

fobia à melhora, 363

psicanálise, 195

formas, 364

Psicanálise de crianças, 238

luto, 362

psicanalítica, 268

modelos, 361

aspectos gnoseológico, 269

técnica, 361

aspectos epistemológicos, 269

aspectos semânticos e instrumentais, 276

Impasse, 439

dificuldades específicas, 274

Indicações terapêuticas, 25

interpretação-explicação, 272

análise de crianças, 31

interpretação-leitura, 269

diagnóstico, 25

significado, 192

indicações de Freud, 26

sugestão, 194

especiais, 28

teoria, 233

fatores pessoais, 29

escola inglesa, 233

Informe de Nacht e Lebovic, 27

tipos, 241

opinião de Freud, 25

atual, 242

particularidades, 25

completa, 245

Simpósio de Arden House de 1954, 27

emenda de Paula Heimann, 247

Interpretação, 189, 190

estratégias, 242

classificação de Bernfeld, 196

extratransferencial, 244

compreender segundo Jaspers, 196

histórica, 242

conceito, 189

registro da fantasia inconsciente, 246

contribuição de Anzieu, 197

revisão de Merton Gill, 248

definição operacional, 193

táticas, 242

ego, 227

transferencial, 243

conflito inter-sistêmico, 229

conflito intra-sistêmico, 229

confluência das duas tópicas freudianas, 231

Metapsicologia, 220

contribuições de Löwenstein, 231

interpretação, 220

idéias de Anna Freud, 228

intuição, 227

Processo analítico, 289

resposta de Wilhelm Reich, 227

acting out, 389, 395, 400

revisão de 1951, 229

acting in, 406

ÍNDICE 469

ação, 401

elementos diagnósticos, 415

a favor, 405

idealização, 417

agieren freudiano, 391

impulsos agressivos, 411

ato neurótico, 390

instinto de morte e RTN, 410

brincar, 404

inveja, 412

comunicação, 396, 402

letargia, 413

conceito, 389

masoquismo do ego, 409

no vocabulaire, 400

metodologia, 414

Congresso de Copenhague, 398

negativismo, 419

contribuições de Anna Freud, 395

objetos internos, 413

contribuições de Grinberg, 399

função, 413

desenvolvimento precoce, 405

pensamento paradoxal, 420

intenções, 401

perigos, 417

introdução do termo, 390

perspectiva histórica, 414

linguagem, 396, 403

posição depressiva, 412

objetos primários, 397

primeiras referências, 410

opiniões de Freud, 395

self narcisista, 516

panorama geral, 389

sentimento de culpa, 409

pensamento, 403

simbiose, 417

proposta de síntese, 407

superego, 416

recordação, 391

transferência negativa, 418

repetição, 391

reversão da perspectiva, 422, 424, 428

transferência, 394

conceito de “reversão” de Klein, 429

atitude analítica, 292

insight, 430

conceito, 300

narcisismo, 430

contrate, 290

pensamento, 424

enquadre, 290

personalidade, 423

normas, 291

parte psicótica, 423

insight, 369

primeiras aproximações, 422

acepções do substantivo, 370

relação. 424

do analista, 373

parte neurótica, 424

elaboração, 374

parte psicótica, 424

como conhecimento, 374

situação, 289

conceito, 376, 378

três constantes de Zac, 290

descritivo, 375

Processo psicanalítico, 322

dinâmico, 374

angústia de separação, 322

Durcherbeiten (working through), 379

ciclos analíticos, 328

fase, 377

identificação projetiva, 323

linhas de desenvolvimento, 380

masturbação anal, 324

ostensivo, 375

tempo e espaço, 324

posição depressiva infantil, 379

conceito de holding, 322

relação, 376

identificação adesiva, 325

resolução ostensivo-contra-indutiva, 381

teoria do desenvolvimento, 327

Verarbeitung (working out), 379

improvisações, 327

fenômeno de campo, 372

Psicanálise, 195

metapsicologia, 382

interpretação, 195

afeto, 385

Psicoterapia, 183

conhecimento científico, 384

e psicanálise, 183

dialética regressão/progressão, 384

instrumentos, 183, 184,

espontâneo, 385

influir paciente, 184

objetos internos, 387

obter informação, 186

processo mental pré-consciente, 382

materiais, 183, 184

notas definidoras, 369

processo mental, 372

Reação terapêutica negativa, 409, 414

teoria da forma, 371

Regressão, 306

transformações da palavra, 370

conceito, 314

versão freudiana, 369

ego, 314

modelo, 304

enquadre, 306

processo de ULM, 304

exemplo de Masud Khan, 318

natureza, 301

falta básica, 318

processo psicanalítico, 301

idéias de Arlow e Brenner, 313

observações de Weinshel, 302

idéias de Winnicott, 315, 316

principais teorias, 302

técnica, 317

reação terapêutica negativa, 409, 414, 417

teoria, 317

acting out, 419

processo curativo, 314

ataques maníacos, 416

terapêutica, 306

contratransferência, 417

testemunho de Margareth Little, 319

críticas, 417

Relação analítica não-transferencial, 147

defesas maníacas, 416

aliança, 147

470 ÍNDICE

da criança, 150

Transferência, 59

divisão tripartite, 148

aliança terapêutica, 147

idéias de Greenson, 147

características definidoras, 61

Greenson e Wexler, 148

conceito, 59

pseudo-aliança, 151

contexto da descoberta, 59

reforço, 149

contratransferência, 80

transferência, 147

contribuições, 62

Abraham, 62

Situação analítica, 283, 289

Ferenczi, 62

aliança terapêutica, 286

dialética, 78

atitude analítica, 292

espelhismo, 82

campo, 283

historicidades, 83

conceito, 285

inversão omitida, 81

dinâmico, 284

manejo lacaniano, 83

contrato, 290

ordem simbólica, 82

definição, 283

processo analítico, 79

enquadre, 290

segundo Lacan, 78

normas, 291

dinâmica, 64

narcisismo primário, 287

do desejo, 60

processo, 289

em “Dora”, 61

três constantes de Zac, 290

espontaneidade, 137

Sujeito suposto saber, 85

falso enlace, 59

teoria, 85

formas, 95

amor, 99

erotizada, 100

Técnica psicanalítica, 19, 23

narcisismo, 96

conceito de psicoterapia, 19

de Kohut, 101

ética, 23

especular, 104

método catártico, 20

gemelar, 105

teorias, 21

idealizadora, 103

nova técnica de Freud, 21

neurose, 95

psicanálise, 21

contratransferência, 98

primórdios da psicanálise, 20

parte sadia do ego, 96

teoria, 23

função, 67

Teoria continente/conteúdo, 331, 332

história, 59

aplicações, 334

natureza, 64

enquadre, 331

origem, 64

reverie materno, 333

perversão, 117, 118

splitting estático, 333

adicção, 122

splitting forçado, 333

ego, 117

Teoria da interpretação, 233

material clínico, 119

antecedentes, 233

positiva, o enigma da, 66

Congresso de Salzburgo, 235

precoce, 125

Controvérsia, 237

angústia, 129

“Dora”, 234

depressiva, 129

escola inglesa, 233

paranóide, 129

experiência com Rita, 235

classificação psicopatológica, 133

Fritz, 234

desenvolvimento emocional primitivo, 131, 132, 135

Hans, 234

Édipo precoce, 125

interpretação, 238

complexo, 127

Psicanálise de crianças, 238

fantasia inconsciente, 129

interpretação keliniana, 240

fase pré-edípica, 125

algumas características, 240

desenvolvimento, 126

período de latência

relação com a mãe, 126

primeiros trabalhos, 234

integração, 134

Simpósio sobre análise infantil, 236

mãe suficientemente boa, 134

Teoria do mal-entendido, 432

narcisismo, 128

Bion, 432

primário segundo Winnicott, 132

conhecimentos básicos, 436

neurose infantil, 125

construção do conceito, 433

objetos, 129

cultura, 437

origens, 127

desenvolvimento do conceito, 734

pulsões, 129

luto, 436

relação de objeto, 128

memória, 436

psicose, 107

Money-Kyrle, 432

abordagem técnica, 107

desenvolvimento intelectual, 433

caso clínico de Kernberg, 113

natureza, 437

contribuições de David Rosenfeld, 110

objeto espúrio, 436

paciente borderline, 111

sistema espaço-temporal, 434

referências históricas, 107

ÍNDICE 471

simbiose, 109

princípio explicativo, 70

teorias, 107

realidade, 72

kleiniana, 108

recordação, 70

repetição, 68, 69

resistência, 64, 66

contribuição de Lagache, 72

aliança terapêutica, 142

efeito Zeigarnik, 72

sem repetição, 74

experiência, 74

sujeito suposto saber, 85

hábito, 72

efeito constituído, 87

impulsos e defesa, 71

efeito constituinte, 87

Anna Freud, 71

ordem simbólica, 86

Document Outline

- Capa
- Iniciais
 - Ficha Catalográfica
 - Folha de Rosto
 - Créditos
 - Dedicatória
 - Apresentação e Agradecimentos
 - Prólogo à Segunda Edição
 - Sumário
- Primeira Parte - Introdução aos Problemas da Técnica
 - Capítulo 1 - A Técnica Psicanalítica
 - Capítulo 2 - Indicações e Contra-Indicações Segundo o Diagnóstico e Outras Particularidades
 - Capítulo 3 - Analisabilidade
 - Capítulo 4 - A Entrevista Psicanalítica: Estrutura e Objetivos
 - Capítulo 5 - A Entrevista Psicanalítica: Desenvolvimento
 - Capítulo 6 - O Contrato Psicanalítico
- Segunda Parte - Da Transferência e da Contratransferência
 - Capítulo 7 - História e Conceito da Transferência
 - Capítulo 8 - Dinâmica da Transferência
 - Capítulo 9 - Transferência e Repetição
 - Capítulo 10 - A Dialética da Transferência Segundo Lacan
 - Capítulo 11 - A Teoria do Sujeito Suposto Saber
 - Capítulo 12 - As Formas de Transferência
 - Capítulo 13 - Psicose de Transferência
 - Capítulo 14 - Perversão de Transferência
 - Capítulo 15 - Transferência Precoce: Fase Pré-edípica ou Édipo Precoce
 - Capítulo 16 - Transferência Precoce: Desenvolvimento Emocional Primitivo
 - Capítulo 17 - Sobre a Espontaneidade do Fenômeno Transferencial
 - Capítulo 18 - A Aliança Terapêutica: de Wiesbaden a Genebra
 - Capítulo 19 - A Relação Analítica Não-Transferencial
 - Capítulo 20 - Aliança Terapêutica: Discussão, Controvérsia e Polêmica
 - Capítulo 21 - Constratransferência: Descoberta e Redescoberta

- Capítulo 22 - Contratrtransferência e Relação de Objeto
- Capítulo 23 - Contratrtransferência e Processo Psicanalítico
- Terceira Parte - Da Interpretação e Outros Instrumentos
 - Capítulo 24 - Materiais e Instrumentos da Psicoterapia
 - Capítulo 25 - O Conceito de Interpretação
 - Capítulo 26 - A Interpretação em Psicanálise
 - Capítulo 27 - Construções
 - Capítulo 28 - Construções do Desenvolvimento Precoce
 - Capítulo 29 - Metapsicologia da Interpretação
 - Capítulo 30 - A Interpretação e o Ego
 - Capítulo 31 - A Teoria da Interpretação na Escola Inglesa
 - Capítulo 32 - Tipos de Interpretação
 - Capítulo 33 - A Interpretação Mutativa
 - Capítulo 34 - Os Estilos Interpretativos
 - Capítulo 35 - Aspectos Epistemológicos da Interpretação Psicanalítica
- Quarta Parte - Da Natureza do Processo Analítico
 - Capítulo 36 - A Situação Analítica
 - Capítulo 37 - Situação e Processo Analíticos
 - Capítulo 38 - O Enquadre Analítico
 - Capítulo 39 - O Processo Analítico
 - Capítulo 40 - Regressão e Enquadre
 - Capítulo 41 - A Regressão como Processo Curativo
 - Capítulo 42 - Angústia de Separação e Processo Psicanalítico
 - Capítulo 43 - O Enquadre e a Teoria Contingente/Conteúdo
- Quinta Parte - Das etapas da análise
 - Capítulo 44 - A Etapa Inicial
 - Capítulo 45 - A Etapa Intermediária da Análise
 - Capítulo 46 - Teorias do Término
 - Capítulo 47 - Clínica do Término
 - Capítulo 48 - Técnica do Término da Análise
- Sexta Parte - Das Vicissitudes do Processo Analítico
 - Capítulo 49 - O Insight e suas Notas Definidoras
 - Capítulo 50 - Insight e Elaboração
 - Capítulo 51 - Metapsicologia do Insight
 - Capítulo 52 - Acting Out (I)
 - Capítulo 53 - Acting Out (II)
 - Capítulo 54 - Acting Out (III)
 - Capítulo 55 - Reação Terapêutica Negativa (I)
 - Capítulo 56 - Reação Terapêutica Negativa (II)
 - Capítulo 57 - A Reversão da Perspectiva (I)
 - Capítulo 58 - A Reversão da Perspectiva (II)
 - Capítulo 59 - Teoria do Mal-Entendido

○ Capítulo 60 - Impasse

- Epílogo
- Referências Bibliográficas
- Índice